

M

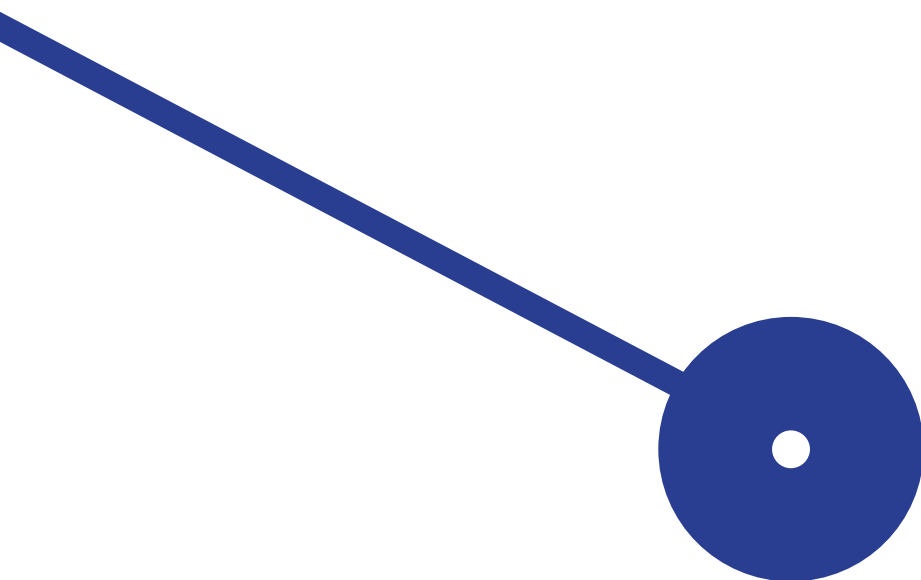
MESTRADO

Património, Artes e Turismo Cultural

Título

“O Cerco de Malta 1940-1942:
Imaterialização da Memória”

07/2024



Politécnico do Porto
Escola Superior de Educação

Joan Carla Camilleri da Costa

“O Cerco de Malta 1940–1942: Imaterialização da Memória”

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural

Orientação: Prof. (º) Doutor Sérgio Alexandre Soldá da Silva Veludo Coelho

Porto, 23 de julho de 2024

Politécnico do Porto
Escola Superior de Educação

Joan Camilleri

“O Cerco de Malta 1940–1942: Imaterialização da Memória”

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural

Orientação: Prof. (º) Doutor Sérgio Alexandre Soldá da Silva Veludo Coelho

Porto, 23 de julho de 2024

“Malta is a little Island with a great history. The record of the Maltese people throughout that long history is a record of constancy and fortitude. It is with those qualities, matchlessly displayed, that they are now confronting the dark power of the Axis. But is not given to them, any more than it is to other peoples, to maintain resolute defense without suffering or escape loss in an achieving victory” (Galea, Malta Diary of War 1940-1945, 2019)

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado foi um caminho árduo, com alguns desafios, altos e baixos, mas ao mesmo tempo gratificante. A preparação desta dissertação foi feita graças à ajuda de várias pessoas que tornaram esta redação de presente texto possível.

Primeiramente, tenho de agradecer profundamente à professora Doutora Maria de Fátima Lambert e ao professor Doutor Sérgio Veludo pela orientação, pelo apoio em todos os percalços que foram surgindo ao longo deste percurso, pela paciência e sobretudo pelas opiniões e a total colaboração no solucionar de problemas e dúvidas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho. Também queria agradecer ao Dr. Farrugia, ao Dr. Melvin Caruana e a toda a equipa do Arquivo Nacional de Malta pelo apoio incondicional, compreensão, e pelas semanas de estágio curricular na recolha da informação para a dissertação. Sem eles este trabalho não teria sido possível. Também tenho de agradecer à Dra. Cláudia Garradas com a colaboração da Dra. Valeria Venis, que desde o início deste projeto se demonstram prontas para ajudar a orientar o tema a desenvolver e os contactos para prosseguir com o meu estágio no Arquivo de Malta, sem esta ajuda nada desde tema teria sido desenvolvido.

Em segundo lugar, devo agradecer à minha família, nomeadamente à minha mãe, irmã, aos meus avós e aos meus primos pelo apoio inabalável, incentivo, amizade e sobretudo paciência durante este percurso. O seu suporte no desenvolvimento da presente dissertação e o apoio tolerado em todas as complicações que surgiram ao longo deste percurso foram indispensáveis e agradeço-lhes imenso.

Por fim, e talvez o mais importante, quero agradecer ao meu ano de faculdade que me acompanha desde o início, pelo apoio incondicional, companheirismo, força e compreensão em certos momentos deste percurso académico. Ao meu namorado, Bruno Fernandes pela compreensão, pelo apoio incondicional neste percurso, por ser o principal pilar nesta trajetória. Também tenho de agradecer aos meus pequenos, à Ana Rita Resende, à Rita Assunção, ao Sérgio Simões, ao Rúben Lopes, à Liane Fernandes, à Beatriz Resende. Também à Joana Carvalho, Bárbara Costa (Patty), Márcia Silva e ao Pedro Pessoa pela tolerância, simpatia e apoio para a realização deste trabalho. Sem o apoio destas pessoas acima mencionadas certamente hoje não estaria aqui.

RESUMO ANALÍTICO

Desde tempos antigos que a Humanidade tem uma necessidade e consciência de que o acontecimento tem de ser registado pois, é através desses progressos documentais que vamos tendo conhecimento de como a sociedade se comporta. A História de um arquivo não deixa de ser um tema em desenvolvimento e fundamental para a construção de uma sociedade que se encontra em constante progresso, mas que não pode nem deve descurar as suas memórias materiais e imateriais, sob pena de perder a sua própria identidade.

O Arquivo Nacional de Malta teve início na década de 1970, um dos grandes impulsionadores na área arquivística foi Sir Hilary Jenkinson. Este arquivo e tal como referido acima é em boa parte a memória da história destas ilhas durante a Segunda Guerra Mundial naquilo que designam como Segundo Cerco de Malta (1940-1942), em que a resistência dos malteses e dos ingleses que compunham a sua guarnição bloquearam com sucesso, apesar das enormes perdas e danos que sofreram, o esforço de guerra ítalo-germânico no Norte de África (basta ter em conta que a RAF baseada em Luqa atacou constantemente os comboios navais de abastecimento que saíam da Itália em direção ao Norte de África, comprometendo assim, o abastecimento logístico das tropas italianas e, sobretudo do Afrika Korps de Rommel a um ponto que este terá afirmado que já não tinha gasolina para os seus carros de combate (vd. Glossário).

Os arquivos malteses estão divididos em dois setores em arquivos governamentais, semipúblicos, privados e eclesiásticos, segundo o relatório de Jenkinson, sendo que, o seu principal objetivo era salvaguardar a informação num só local, pois esta encontrava-se dispersa. É importante frisar de que estes arquivos se encontram fragmentados pela ilha, mas os repositórios encontram-se hospedados na Biblioteca Real de Malta ou na Biblioteca da Universidade. Um marco histórico importante foi o Cerco de Malta que ocorreu no século XX (1940-1942) e, que foi um acontecimento importante e revolucionário pois, a luta constante e tentativa de controle sobre este arquipélago era determinante para que as forças dos Aliados vencessem a 2ª Guerra Mundial.

Palavra-chave: Arquivo; Cerco de Malta; 2ª Guerra Mundial; Estado Novo;

ABSTRACT

Since ancient times, Humanity has had a need and awareness that events must be recorded, as it is through these documentary advances that we gain knowledge of how society behaves. The History of an archive is still a developing and fundamental theme for the construction of a society that is in constant progress, but that cannot and should not neglect its material and immaterial memories, under penalty of losing its own identity. The National Archives of Malta began in the 1970s, one of the great drivers in the archival field was Sir Hilary Jenkinson. This archive, as mentioned above, is largely the memory of the history of these islands during the Second World War in what they call the Second Siege of Malta (1940-1942), in which the resistance of the Maltese and the English who made up their garrison blocked successfully, despite the enormous losses and damage they suffered, the Italian-German war effort in North Africa (just keep in mind that the RAF based in Luqa constantly attacked naval supply convoys leaving Italy towards the north of Africa, thus compromising the logistical supply of Italian troops and, above all, of Rommel's Áfrika Korps to a point where he stated that he no longer had gasoline for his combat vehicles (see Glossary). Maltese archives are divided into two sectors into government, semi-public, private and ecclesiastical archives, according to Jenkinson's report, and their main objective was to safeguard information in one place, as it was dispersed. It is important to emphasize that these archives are fragmented across the island, but the repositories are hosted in the Royal Library of Malta or the University Library. An important historical milestone was the Siege of Malta that occurred in the 20th century (1940-1942) and was an important and revolutionary event as the constant struggle and attempt to control this archipelago was decisive for the Allied forces to win the 2nd World War.

Keyword: Archive; Siege of Malta; 2nd World War; New-State.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A

A Co. – A Company – Companhia A: Por vezes, as forças militares inglesas ou da Commonwealth dividiam os escalões de um batalhão por companhias com letras.

Africa Korps – Força militar alemã, que se formou a 19 de fevereiro de 1941, no decorrer da 2ª Guerra Mundial para reforçar a defesa italiana nas suas colónias africanas. Esta força militar era comandada pelo Marchal Erwin Rommel.

Armd Bde. – Armoured Brigade.

Armd Div. –Armoured Division.

A Sqn. – Esquadrão A.

Axis – Eixo.

C

Cav. – Cavalaria.

C Battery – Bateria C – era denominada por código abecedário em vez de alfa numérico.

CDE –Civil Defense.

C.O. – Commanding Officer – Oficial num Comando.

C/W – Cross With – Cruzamento.

E

E.U.A – Estados Unidos da América.

F

Fd Coy RAE – Front Company Royal Army Engineers – Companhia da vanguarda dos Engenheiros Reais Britânicos.

G

GHQ – General Headquarters

I

ICA – Internacional Consil of Archive

N

NAM –National Archive of Malta.

NAS – Navy Air Station.

1 NF – Australian division – attached from 4th Ind. Div. – Divisão Australiana, adstrita à 4 divisão Indiana.

R

RAF – Royal Air Force

Regia Aeronáutica – Foi a Força Aérea Real Italiana, encontrava-se na vanguarda da guerra aérea, foi usada pela primeira vez em 1911, para realizar um reconhecimento aéreo da zona da Líbia.

RAA – Royal Australian Artillery.

RMA – Royal Maltese Artillery.

RMAC – Royal Maltese Armed Constabulary.

Rd. – Road – Rua.

RTR – Royal Tank Regiment.

RHA – Royal Horse Artillery.

RNAF – Royal Navy Air Force.

S

SPN – Secretariado da Propaganda Nacional.

St. – Saint – Santo.

Str. – Street – Estrada.

U

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

V

Victory Kitchens – Era uma associação do governo, que durante a segunda guerra mundial ajudou as pessoas mais necessitadas a conseguir obter bens essenciais em troca de cupões que eram dados pelo governo inglês.

W

WAAF – Women's Auxiliary Air Force – Era um corpo auxiliar feminino de apoio à Royal Air Force.

X

XIII Corps – Décimo terceiro corpo de exército.

GLOSSÁRIO

A

A.A – Artilharia antiaérea

A Co. – A Company – Companhia A: Por vezes, as forças militares inglesas ou da Commonwealth dividiam os escalões de um batalhão por companhias com letras.

B

Bristol Blenheim – É uma aeronave bombardeiro ligeiro, foi utilizado na segunda guerra mundial sobretudo pelos ingleses e por Portugal a partir de 1945. Esta aeronave tem dois motores de 840 hp, em questão armamento possui uma metralhadora de 7,7 mm, que se encontra na asa e uma metralhadora manual de 7,07 mm que se encontra no dorso. Esta aeronave ainda possui uma capacidade de carga de 1000 lb (454 kg) de bombas.

Baterias antiaéreas –

Bofors 40mm – É uma peça antiaérea, de origem sueca, com um sistema de fogo automático, para tiro contra aeronaves. Podia ser usada para tiro terrestre e era montada em reparos móveis e em navios. Foi amplamente usada pelas forças britânicas durante a segunda guerra mundial.

C

Cerco – Consiste num método de estratégia militar, onde as unidades militares cercam o inimigo que não permite que receba provisões ou seja invadido. O Cerco de Malta foi um teatro de campanha militar que ocorreu no Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial, foi uma luta constante pelo controle do arquipélago pelas forças do Eixo. Na época Malta, era colónia britânica, provocou um embate pelas forças do Eixo contra a Força Aérea e Marinha Real Britânica.

D

Diggers – sapadores de trincheiras, abrigos e túneis.

Dorniers – [definição google](#)

D.M.O – District Medical Officer

E

E-boats – Era uma embarcação de patrulha rápido.

F

Fairy Swordfish – era uma aeronave do tipo torpedeiro biplano, era considerado uma aeronave de ataque marítimo, tinha uma plataforma antissubmarino.

Fiat CR-42 – Biplano monolugar; armamento: duas metralhadoras de 12,7 mm; velocidade máxima: 261 mph (420 km/h).

Fiat BR-20 Cicogna – foi um dos bombardeiros bimotores mais pesados da Régia Aeronáutica; a sua carga de Bombas era de 3300 lb (1,497 kg); velocidade máxima: 267 mph (429,69 km/h)

FAA – Fleet Air Arm

G

Gloster Sea Gladiator - Caça britânico utilizado em várias guerras, tendo sido a sua última aparição na Segunda Guerra Mundial. Aeronave biplano, utilizado pela RAF e RCAF com uma trilha de pouso fixo clássico. O seu acionamento era fornecido por apenas um motor radial Bristol Mercúrio VIII A ou AS com 830 HP. Nesta mesma aeronave, existia a aplicação de quatro metralhadoras de 7,7 mm.

O Gloster Sea Gladiator MK II. foi uma evolução do Gloster Gladiator, porém foi adaptado para realizar operações através de porta-aviões britânicos.

No primeiro lote do modelo 38 MK II, a atualização compreendeu-se em melhorias na parte traseira da fuselagem, sendo o foco o reforço da mesma. A adaptação baseou-se na utilização de um gancho especial que permitiu o pouso no convés de um porta-aviões e a implantação de um rádio de maior extensão.

Durante o decorrer das entregas deste primeiro lote, a Marinha Real realizou pedidos para a segunda série de aeronaves Gloster Sea Gladiator, incluindo estas sessenta máquinas. Acrescendo às mudanças mencionadas anteriormente, este difere da versão base do Gladiator, tendo a adição de ganchos de catapulta, entre outros. Foram fabricados exatos noventa e oito modelos, apesar de terem sido utilizados, principalmente, em treinamentos.

Nos inícios da Segunda Guerra Mundial, apenas existiam quinze exemplares deste modelo na linha do grupo aéreo HMS Glorioso e HMS Corajoso.

No entanto, após 1939, várias destes instrumentos de aviação foram utilizados na campanha norueguesa (1940) e no Mediterrâneo em 1940-1941, houve um regresso ao serviço. Generalizando, após 1942, as aeronaves Sea Gladiator não foram utilizadas em combate.

H

Hawker Hurricane – esta aeronave foi um caça monoplano britânico, que durante a segunda guerra mundial foi responsável por mais de 60% das vitórias aéreas. O primeiro modelo Hurricane, a sua velocidade máxima chegava às 330 milhas (530 km) por hora, embora na prática poderia chegar as 305 milhas (490 km) por hora, era uma aeronave um pouco mais lenta que o Spitfire.

H.E – High Explosive Bomb.

Heinkel 111 – O Heinkel 111 era o bombardeiro de nível padrão da Luftwaffe; carga da bomba: 5510 lb (2499,29 kg); velocidade máxima: 258 mph (415,21 km/h).

HMS Illustrious – foi um porta-aviões da Marinha Real Britânica, teve um serviço notável durante a Segunda Guerra Mundial. Participou sobretudo, em várias missões importantes, incluindo a Batalha de Taranto, onde lançou um ataque aéreo bem-sucedido contra a frota italiana. O seu comprimento era de 226 metros, a sua velocidade máxima era de 30 nós, este porta-aviões incluía canhões antiaéreos e posteriormente mísseis. Este porta-aviões é lembrado sobretudo pela sua importância e contribuição significativa durante as operações navais britânicas como também, o impacto na estratégia naval e na aviação.

I

Ind. Div. – Indian Division

J

Junkers 88 – O JU-88 era a aeronave mais versátil do arsenal da Luftwaffe, servindo como bombardeiro nivelado e bombardeiro de mergulho. Carga da bomba 5510 lb (2499,29 kg); velocidade máxima 292 mph (469,92 km/h).

Junkers87 – JU87 Stuka: o famoso e lendário bombardeiro de mergulho Stuka, com asas de gaivota (o terror da Europa) foi a principal arma da Luftwaffe contra as bases da RAF. Carga de bombas: uma de 1102 lb (499,85 kg), quatro bombas de 110 lb (4,54 kg), a sua velocidade máxima é de 217 mph (349,22 km/h).

M

Macchi 200 – O Macchi C200 foi uma das melhores aeronaves italianas da guerra; armamento: duas metralhadoras 12,7mm; velocidade máxima 312 mph (502,11 km/h).

Matildas – era um tank, foi usado pela Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial na campanha Norte África. O primeiro modelo Matilda I, era um modelo de algumas limitações em relação ao armamento e proteção. O modelo Matilda II, foi o mais famoso, tinha uma espessa blindagem, que oferecia uma boa proteção contra as armas dos antitanques, a sua blindagem variava de 20 a 70 mm de espessura. Era equipado com um canhão QF 2 pounder (40 mm), também tinha uma metralhadora coaxial besa de 7,92 mm, a sua velocidade era de 24 km por hora em terreno plano. Os modelos usados na campanha de Norte de África eram camuflados consoante a zona de combate, exemplo disso, em Malta pintaram as Matildas com as cores dos muros para camuflar a sua existência, para facilitar o ataque surpresa.

Messerschmitt 109 – O ME-109 era conhecido pelos pilotos da Luftwaffe como o caça/bombardeiro 'Emil'; armamento – duas metralhadoras de 7,9 mm e dois canhões de 20 mm; velocidade máxima 357 mph (574,53 km/h).

Messerschmitt 110 – Caça bombardeiro; manobrabilidade; armamento: dois canhões de 20 mm, quatro metralhadoras de 7,9 mm, um canhão de 7,9 mm de montagem livre; máx. velocidade 349 mph (562km/h).

P

2-pdrs. – Peça de artilharia ligeira, com calibre de duas libras (na métrica inglesa) e de 40 mm na métrica continental. Muito usada em versões anticarro, versões antiaéreas, versões para os blindados e também para uso naval.

S

Savoia Marchetti 79 – Bombardeiros trimotores padrão de longo alcance da Regia Aeronáutica; carga da bomba: 2205 libras (1000 kg); velocidade máxima: 260 km/h.

Savoia Marchetti 79 – Bombardeiros padrão de longo alcance da Regia Aeronáutica; carga da bomba: 2205 libras (1000 kg); velocidade máxima: 260 km/h.

Supermarine Spitfire MKII/ MKVb– foi um caça britânico utilizado na Segunda Guerra Mundial. É uma aeronave monomotor de hélice, a sua velocidade chegaria aproximadamente aos 590 km por hora, em questão de armamento, possuía duas metralhadoras e dois canhões de 20 mm. O modelo MKVb tem uma velocidade máxima de 603 km por hora, o seu armamento consistia um misto de canhões hispano-suíza de 20 mm e quatro metralhadoras de 7,7 mm, alguns destes modelos foram adaptados para transportar bombas.

ÍNDICE

1.	CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA.....	29
1.1	O CERCO DE MALTA NA MEMÓRIA DOS DOCUMENTOS.....	29
1.2	CONTEXTO HISTÓRICO DO ARQUIVO.....	31
1.3	O ARQUIVO NOS DIAS DE HOJE.....	33
1.4	A RELEVÂNCIA DO DOCUMENTO NO ARQUIVO.....	35
1.5	PROGRAMA MEMÓRIA DO MUNDO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU).....	37
1.6	PROJETO TESOUROS DIGITAIS EUROPEUS.....	40
2.	MALTA COMO REPOSITÓRIO VIVO DA HISTÓRIA.....	43
2.1	O RETORNO DOS CRISTÃOS.....	45
2.2	HOSPITAL SANTO SPIRITO.....	51
2.2.1	FARMÁCIA.....	58
2.2.2	CAPELA.....	59
2.2.3	CASA MORTUÁRIA.....	60
2.2.4	ARQUIVO NACIONAL DE MALTA (NAM).....	60
3.	O SEGUNDO CERCO DE MALTA (1940-1942).....	63
3.1	MALTA NO DECORRER DO SEGUNDO CERCO.....	65
3.1.1	ITÁLIA ATACA MALTA.....	66
3.1.2	CAMPANHA DA ÁFRICA ORIENTAL.....	81
3.1.3	A BATALHA DE BARDIA.....	82
3.1.4	BATALHA DE TOBRUK.....	87
3.1.5	A BATALHA DE BEDA FOMM.....	90
4.	PORTUGAL – COLABORAÇÃO OU NEUTRALIDADE?.....	94
4.1	CENSURA EM PORTUGAL.....	101
4.2	PROPAGANDA E CENSURA NO ESTADO NOVO.....	106
4.3	O PONTO DE VIRAGEM – O QUE PODERIA TER ACONTECIDO NOS AÇORES?.....	112

Apêndice Documental

- Fig.1 Infografia da exibição do Projeto Tesouros Digitais. – pp.41
Fig. 2 Ordens Militares Medievais. – pp. 46
Fig. 3 Cerco de Malta. – pp. 47
Fig. 4 O mediterrâneo em 1565 – pp.50
Fig 5: Entrada do Arquivo (nrº1,2) – pp.130
Fig.6 Hall de entrada (nrº1,2) – pp. 130
Fig.7: Farmácia (nrº3 e 4) – Alguns potes medicinais usados durante o século XII até século XIX. Pp. 131
Fig.8: Farmácia (nrº3 e 4) – Alguns potes medicinais usados durante o século XII até século XIX. Pp.131
Fig.9– Farmácia: Tabua de Corte e Medição – pp.132
Fig. 10 – Farmácia: Medicamentos, Fonte de água (nrº 3 e 4) pp.132
Fig. 11 Interior da Igreja (nrº 12d) – pp.133
Fig. 12 Interior da Igreja (nrº 12d) – Banco que dava acesso aos doentes para assistirem a missa. – pp.133
Fig.13 Interior da Igreja (nrº 12d) – pp. 134
Fig.14 Entrada da Igreja lado Exterior (Pátio exterior) – pp.134
Fig. 15 Entrada da Sala de Conservação. – pp.135
Fig. 16 Interior da Sala de Conservação – pp.135
Fig. 17 Mesa de trabalho da Sala de Conservação – pp.136
Fig. 18 Mesa de trabalho da Sala de Conservação (Tiram fotos de documentos antes do restauro e depois do restauro) – pp 137
Fig. 19 Mesa de trabalho da Sala de Conservação – pp.138
Fig. 20 Corredor de acesso à Igreja, Sala de Conservação e ao Jardim Exterior – onde podemos encontrar a Casa Mortuária, Cozinha e Sala de Arquivos – pp.139
Fig.21 Pátio exterior; Mortuária (nrº18f); Cozinha (nºe); Sala de arquivos (nºe) – pp.139
Fig. 22 Escada de acesso superior (Sala de Leitura) – pp.140
Fig. 23 Corredor de Acesso à Administração e Salas de Arquivo (nrº 37ª) – pp. 140
Fig. 24 Sala de Leitura (nrº 23b; 24b). – pp. 141
Fig. 25 Sala de Leitura (nrº 23b; 24b). – pp.141
Fig.26 Sala de Arquivo (vista panorâmica); (nrº 25b;26ª;27ª) – pp. 142
Fig. 27 Sala de Arquivo (nrº 28ª; 29ª) – pp.142
Fig. 28 Sala de Arquivo superior. – pp.143
Fig. 29 Entrada de Abrigo de Guerra – dentro do arquivo – pp. 144
Fig. 30 Abrigos de Guerra em Rabat – Igreja Santa Agatha – pp.145
Fig. 31 Abrigos de Guerra em Rabat – Praça de Autocarros – pp.145
Fig.32Abrigos de Guerra Mosta – pp.146

Gráficos

- Gráfico 1 – estimativa via documentação - mortes – pp. 465
Gráfico 2 – estimativa via documentação – feridos – pp. 465
Gráfico 3 – estimativa via documentação – ataques aéreos – pp. 466
Gráfico 4 – estimativa via documentação – bombas – pp. 466

Quadro 1. Dados estatísticos da venda de Volfrâmio – pp.90

Lista dos abrigos de guerra – pp. 147 à 176

Attard ---- pp.147

Balzan ----- pp.148

Birkirkara --- pp. 149 à 150

Birzebbugia – pp. 151

Cospicua – pp.151 à 152
Senglea (Cottonera) – pp. 152
Dingli – pp. 152 à 153
Floriana – pp. 153 à 154
Għargħur – pp. 155
Gudja – pp. 155 à 156
Ħamrun – pp. 156 à 157
Kalkara – pp.157
Kirkop – pp. 158
Lija – pp. 158 à 159
Luqa – pp. 159
Marsaskala – pp. 160
Marsaxlokk – pp. 160
Mdina – pp. 160 à 161
Mġarr – pp. 161
Millieħa – pp. 161 à 162
Mosta – pp. 163 à 164
Mqabba – pp. 164
Naxxar – pp. 164 à 165
Qormi – pp. 165 à 166
Rabat – pp.166 à 168
Ħal – Safi – pp. 168
Valletta – pp. 168 à 171
Vittoriosa (Cottonera) – pp. 171 à 172
Żabbar – pp. 172 à 173
Żejtun – pp. 173 à 174
Żurrieq – pp. 174 à 176

Mapas

Mapa 1 – Mapa de Malta – pp. 44
Mapa 2: Primeiro ataque à Ilha de Malta – pp.67
Mapa 3 – Mapa das fortes – pp.116

Plantas dos abrigos de guerra pp. 177 até 461

Attard – pp.177 à 185
Fig. 33 Planta do Abrigo nº4 (22ª) “Msida Road – Alley nº1” – pp.177
Fig. 34 Planta do Abrigo nº6 (21) “Msida Road” – pp.178
Fig.35 Planta do Abrigo nº7 “Saint Anthony’s Street” – pp.179
Fig.36 Planta do Abrigo nº8 “Valletta Road” – pp.179
Fig. 37 Planta do Abrigo nº9 “Birkikara Road” – pp.180
Fig. 38 Planta do Abrigo nº10 (30) “Valletta Road” – pp. 180
Fig. 39 Planta do Abrigo nº11 “Mill Street – St. Anthony’s Street.” – 181
Fig. 40 Planta do Abrigo nº12 (32) “Notable Road – Valletta Road.” – pp. 181
Fig. 41 Planta do Abrigo nº14 “Mill Street – Alley nº8” – pp.182
Fig. 42 Planta do Abrigo nº17 “Alley nº1” – pp. 182
Fig. 43 Planta do Abrigo nº18 (45) “High Street – Valletta Road.” – pp.183
Fig. 44 Planta do Abrigo nº19 (44) “Church Square” – pp. 183
Fig. 45 Planta do Abrigo nº20 – pp.184
Fig. 46 Planta do Abrigo nº21 (48) “Mental Diseases Hospital Ave to Valletta” pp – 184
Fig. 47 Planta do Abrigo nº23 (40) “Alley nº3 – Qormi Road – Church Street” – pp. 185

Birbikara – pp. 186 à 232

Fig.48 Planta do Abrigo nº37 “Braret Street – Mnaijjar Street” – pp 186
Fig.49 Planta do Abrigo nº 47 “St. Julian’s Street – Chogla Lane” – pp.187

- Fig. 50 Planta do Abrigo nº58 "Victory Street." – pp. 187
- Fig. 51 Planta do Abrigo nº 13 "Għar -il – Gobon Street – Alley nº2." – pp. 188
- Fig. 52 Planta do Abrigo nº54 (1) "Sacred Heart Street. – Weiter Street" – pp. 189
- Fig.53 Planta do Abrigo nº16 (25) "High Street – Dyers Street." – pp. 190
- Fig. 54 Planta do Abrigo nº3 "Valley Road – Lane to Railway Line." – pp. 191
- Fig. 55 Planta do Abrigo nº8 "Valley Road – St. Theresa Street." – pp. 192
- Fig. 56 Planta do Abrigo nº 12 "Naxxar Road" – pp. 193
- Fig. 57 Planta do Abrigo nº 17 "Anglu Mallia Street" – pp. 194
- Fig. 58 Planta do Abrigo nº 19 "Bishop Labini Street" – pp. 195
- Fig. 59 Planta do Abrigo nº 28 "Anglu Mallia Junction – Anglu Mallia Street" – pp. 196
- Fig. 60 Planta do Abrigo nº 31 "Braret Street" – pp. 197
- Fig. 61 Planta do Abrigo nº33 "John's Borg Street – Anglu Mallia Junction" – pp. 198
- Fig. 62 Planta do Abrigo nº 38 "Don Perin Street – High Street." – pp. 199
- Fig. 63 Planta do Abrigo nº 39 "St. Frances Square – St. Hellen's Street – Cancellia Lane" – pp. 200
- Fig. 64 Planta do Abrigo nº41 "St. Contantine Str. – Bwierar Street" – pp.201
- Fig. 65 Planta do Abrigo nº 45 "Alley nº1" – pp. 202
- Fig. 66 Planta do Abrigo nº46 "Rigu Street" – pp.203
- Fig. 67 Planta do Abrigo nº49 "Hassajjeo Road" – pp.204
- Fig. 68 Planta do Abrigo nº 50 "Ganu Street – Hassajjeo Street – Alley nº2." – pp.205
- Fig. 69 Planta do Abrigo nº51 "Hassajjeo Street." – pp.206
- Fig. 70 Planta do Abrigo nº 57 "Saint Anthony Street – High Street Balzan." – pp. 207
- Fig. 71 Planta do Abrigo nº63 "Lakkija Street – Hassajjed Street – Bassajjd Str. – Decelis Lane." – pp. 208
- Fig. 72 Planta do Abrigo nº 81 (14) "St. Julian's Street – Alley nº2." – pp. 209
- Fig. 73 Planta do Abrigo nº82 (45) "Saint Julian's Street – Church Lane." – pp.210
- Fig. 74 Planta do Abrigo nº 90 (42) "Saint Roque Street" – pp. 211
- Fig. 75 Planta do Abrigo nº 98 (40) "Butcher Lane – Saint Roque Str. – Herba Street" – pp. 212
- Fig. 76 Planta do Abrigo nº 100 (36) "Butcher Lane" – pp. 213
- Fig. 77 Planta do Abrigo nº 116 "St. Roque Street – Msida Street – Msida Lane" – pp.214
- Fig. 78 Planta do Abrigo nº121 (28) "Msida Road" – pp. 215
- Fig. 79 Planta do Abrigo nº 122 "Msida Road" – pp.216
- Fig. 80 Planta do Abrigo nº 134 (20) "Weiter Street" – pp. 217
- Fig. 81 Planta do Abrigo nº 138 (29) "High Street – Mouli Lane." – pp. 218
- Fig. 82 Planta do Abrigo nº140 (30) "St. Helen Street – Ancla Street – Saint Roque Street – Matttella Lane." – pp. 219
- Fig. 83 Planta do Abrigo nº169 (14) "Fleur-de-Lis Road – Sacred Heart Street." – pp. 220
- Fig. 84 Planta do Abrigo nº 178 (62) "Psaila Street – Don Philip Borg Street." – pp.221
- Fig. 85 Planta do Abrigo nº 179 (24) "Psaila Street" – pp. 222
- Fig. 86 Planta do Abrigo nº 180 (55) "Mannarino Road – DON Philip Borg Street." – pp. 223
- Fig. 87 Planta do Abrigo nº 189 (10) "Qrejzu Street – Old Church Street – Valley Road." – pp. 224
- Fig. 88 Planta do Abrigo nº 196 (75) "Fleur-de-Lis Junction" – pp. 225
- Fig. 89 Planta do Abrigo nº 202 (71) "Fleur-de-Lis Street – Vicent Bubeja Street" – pp. 226
- Fig. 90 Planta do Abrigo nº 210 (68) "Saint Paul Street – Our lady Of Pompei Street." – pp.227
- Fig. 91 Planta do Abrigo nº 213 (66) "St. Laurence Str. – Fleur – de – Lis Road" – pp. 228
- Fig.92 Planta do Abrigo nº 221 (13) "St. Rd Street – Mannarino Road – Fleur-de-Lis-Road-Collegiate Street." – pp. 229
- Fig.93 Planta do Abrigo nº 225 (1) "Old Railway Street – Old Church Street." – pp. 230
- Fig. 94 Planta do Abrigo nº321 (5) "Valley Road – Naxxar Road" – Pp. 231
- Fig.95 Planta do Abrigo nº232 (4) "Carmel Street – Valley Road" – pp.232

Cospicua – pp.233 à 236

- Fig.96 Abrigos de Cospicua – "Along terminus Bus Road" – pp.233
- Fig.97 Abrigos de Cospicua "Blesses Virgin Street" – pp. 234
- Fig.98 Abrigos de Cospicua "Our Lady of Grace Street" – pp.235
- Fig.99 Abrigos de Cospicua "Under Cospicua Tunnel" – pp. 236

Dingli – pp.237 à 249

Fig. 100 Planta do Abrigo nº 1 “High Street – Saint Rocco Street – Roum Strada.” – pp.237

Fig. 101 Planta do Abrigo nº 4 “Ivy Street – High Street.” – pp. 238

Fig.102 Planta do Abrigo nº 5 “Saint Mary Street – High Street.” – pp. 239

Fig.103 Planta do Abrigo nº6 “Saint Dominicana Street – Saint Mary Street.” – pp. 240

Fig.104 Planta do Abrigo nº7 “High Street.” – pp. 241

Fig.105 Planta do Abrigo nº 8 e 22 (3) “Rouniain Street.” – pp. 242

Fig.106 Continuação da Planta do Abrigo nº 8 e 22 (3) “Rouniain Street.” (Continuação) – pp.243

Fig. 107 Planta do Abrigo nº 11 “Buskett Road” – pp. 244

Fig. 108 Planta do Abrigo nº 13 “Immaculate Concetion Street” – pp. 245

Fig. 109 Planta do Abrigo nº15 (14) “Saint Paul Street – High Street – Parish Church Street.” – pp.246

Fig.110 Planta do Abrigo nº16 (12) “Saint Paul Street – Parish Church Street.” – pp.247

Fig.111 Planta do Abrigo nº 17 (9) “Ghar Bitija Street – Rdem Street” – pp.248

Fig.112 Planta do Abrigo nº 19 (2) “High Street – Parish Church Street.” – pp.249

Għagħur – pp.250 à 258

Fig.113 Planta do Abrigo nº3 “Saint Bartholomew’s Street.” – pp.250

Fig.114 Planta do Abrigo nº8 “High Street – Strait Street.” –pp.251

Fig.115 Planta do Abrigo nº10 e 12 “High Street – New Street” – pp.252

Fig.116 Planta do Abrigo nº 10 e 12 (continuação) “New Street – High Street.” – pp.253

Fig. 117 Planta do Abrigo nº 19 (11) “Church Square – Rosary Lane – Strait Street.” – pp.254

Fig.118 Planta dos Abrigos nº22, 25 e 35 (9) “Britannia Street” – pp.255

Fig.119 Planta dos Abrigos nº 27 e 31 “Saint George Alley” – pp.256

Fig.120 Planta dos Abrigos nº 27 e 31 (continuação) “Saint George Alley – Charlotte Alley” – pp.257

Fig.121 Planta do Abrigo nº36 (5) “Saint Bartholomew Street” –pp. 258

Gudja – pp. 259 à 274

Fig.122 Planta do Abrigo nº1 “High Street” – pp.259

Fig. 123 Planta do Abrigo nº2 “High Street” – pp.260

Fig.124 Planta do Abrigo nº3 “Annunciation Street – High Street – Alley nº8.” – pp.261

Fig. 125 Planta do Abrigo nº6 “Parish Church – High Street – St. Mary’s Street.” – pp.262

Fig.126 Planta do Abrigo nº9 “Gerome Cassar Street – High Street – Alley nº6.” – pp.263

Fig.127 Planta do Abrigo nº11 “High Street.” – pp.264

Fig.128 Planta do Abrigo nº13 “St. Mark’s Street – High Street.” – pp.265

Fig.129 Planta do Abrigo nº14 “High Street – Birżebbuġa Road.” – pp.266

Fig.130 Planta do Abrigo nº15 “St. Mark’s Street. – Alley nº1” – pp.267

Fig.131 Planta do Abrigo nº17 “Gerome Cassar Street – St. Mark’s Street – Birżebbuġa Street.” – pp.268

Fig.132 Planta do Abrigo nº20 “St. Catherine Street – Saint George’s Street.” – pp.269

Fig.133 Planta do Abrigo nº21 “Saint Catherine Street.” – pp.270

Fig.134 Planta do Abrigo nº24 “Annunciation Street – Church.” –pp.271

Fig.135 Planta do Abrigo nº28 “Annunciation Street – Saint Mary Street – Alley nº1” – pp.272

Fig.136 Planta do Abrigo nº29 “Alley – St.Mary’s Street – Alley nº1” – pp.273

Fig.137 Planta do Abrigo nº31 “Saint Mary’s Str.” – pp.274

Kalkara – pp.275 à 279

Fig.138 Index dos Abrigos de Guerra de Kalkara – pp.275

Fig.139 Abrigo em Kalkara “St. Baptist Street” – pp. 276

Fig.140 Abrigo em Kalkara “St. Joseph’s Street – pp. 277

Fig.141 Abrigos de Kalkara “Rinella Street” – pp. 278

Fig.142 Abrigos de Kalkara “The Strand” – pp. 279

Marsaskala – pp. 280 à 283

Fig.143 Index dos Abrigos de Marsaskala – Plan Nº40 – pp. 280

Fig.144 Abrigos em Marsaskala “Church Street” – pp.281

Fig.145 Abrigos de Marsaskala "New Street" – pp. 282
Fig.146 Abrigos de Marsaskala "Santa Theresa Street" – pp. 283

Kirkop – pp. 284 à 294

Fig.147 Planta do Abrigo nº1 "Alley – Saint Rokko's Street." – pp. 284
Fig.148 Planta do Abrigo nº2 "High Street – Saint Nicholas Street." – pp. 285
Fig.149 Planta do Abrigo nº4 "High Street – Nejder Alley." – pp. 286
Fig.150 Planta do Abrigo nº5 "Saint Rokko Street" – pp. 287
Fig.151 Planta do Abrigo nº7 "Church Alley – High Street." – pp. 288
Fig.152 Planta do Abrigo nº9 "St. Rokko Street." – pp. 289
Fig.153 Planta do Abrigo nº10 "Kirkop Square – St. Andrew's Alley." – pp. 290
Fig.154 Planta do Abrigo nº15 "St Joseph Street – St. Benedict Street." – pp.291
Fig.155 Planta do Abrigo nº 17 "Saint Benedict's Street." – pp. 292
Fig.156 Planta do Abrigo nº18 "Saint Benedict's Street." – pp. 293
Fig.157 Planta do Abrigo nº19 (7) "Saint Benedict's Street." – pp. 294

Luqa – pp. 295 à 310

Fig.158 Planta do Abrigo nº1 "Valetta Road" – pp. 295
Fig.159 Planta do Abrigo nº3 "Saint Paul's Street – Alley nº1" – pp. 296
Fig.160 Planta do Abrigo nº3 (?) "Alley nº4" – pp. 297
Fig.161 Planta do Abrigo nº4 "Dokkiena Street" – pp. 298
Fig.162 Planta do Abrigo nº5 "Carmel Street – Gate Street – Alley nº1" – pp. 299
Fig.163 Planta do Abrigo nº7 "Carmel Street – Alley nº6 –Alley nº5" – pp. 300
Fig.164 Planta do Abrigo nº8 "Saint Andrew's Street" – pp.301
Fig.165 Planta do Abrigo nº11 "St. Andrew's Square" – pp. 302
Fig.166 Planta do Abrigo nº12 "Britannia Street – Saint Andrew's Street – Alley nº5" – pp. 303
Fig.167 Planta do Abrigo nº13 "Saint Mary's Street – New Street" – pp. 304
Fig.168 Planta do Abrigo nº14 "Father Paul Street – Saint George's Street" – pp. 305
Fig.169 Planta do Abrigo nº15 "New Street" – pp. 306
Fig.170 Planta do Abrigo nº16 "St. Joseph Street – St. George's Street – St. Mary Str – Parish Church Street" – pp.307
Fig.171 Planta do Abrigo nº17 "Saint Joseph Street – New Street – Alley nº1" – pp. 308
Fig.172 Planta do Abrigo nº18 (19) "Saint Joseph Street" – pp.309
Fig.173 Planta do Abrigo nº43 "New Street – Hal –Saffieni Street – Saint James Street." – pp. 310

Marsa – pp. 311 à 314

Fig.174 Planta do Abrigo nº7 "Trek Simpson" – pp. 311
Fig.175 Planta no Abrigo nº10 "Triek Skola" – pp. 312
Fig.176 Planta do Abrigo nº16 "Main Road – Marja Church." – pp. 313
Fig.177 Planta do Abrigo nº34 (11) "Triek Marua – Triek Balbi – Triek San Paul – Marsa Road." – pp.314

Mdina – pp. 315 à 320

Fig.178 Planta do Abrigo nº1 e 2 "Saint Publius Square." – pp.315
Fig.179 Planta do Abrigo nº3 "Saint Paul's Square – Ville Gaignon Str." – pp. 316
Fig.180 Planta do Abrigo nº16 "Saint Anne Ditch – S. Anne Gate – Porta Del Greci." – pp.317
Fig.181 Planta do Abrigo nº19 (4) "Bishop Square – St. Paul's Street." – pp. 318
Fig.182 Planta do Abrigo nº20 (5) "Saint Peter Street – Villegaignon Street – Saviour Street – Carmel Street." – pp. 319
Fig.183 Planta do Abrigo nº20 (5) "Saint Peter Street – Villegaignon Street – Saviour Street – Carmel Street" (Continuação) – pp. 320

Mġarr (Żebbiegh) – pp. 321 à 338

Fig.184 Planta do Abrigo nº1A "Road "Tal Hamri" – pp.321
Fig.185 Planta do Abrigo nº1B "Burswick Villa" – pp. 322
Fig.186 Planta do Abrigo nº2A "Old Mġarr Road – Ghain Tufieha Rd. – Tal Hamri Rd." – pp.323
Fig.187 Planta do Abrigo nº2B "Father Edgar Street (Parish Priest House) – Lane" – pp.324

Fig.188 Planta do Abrigo nº3ª "Zebbieh Road – Saint Martin Road." – pp. 325
 Fig.189 Planta do Abrigo nº3B. "St Mary's Str. – Fisher Str." – pp.326
 Fig.190 Planta do Abrigo nº4A "Blinija Road" – pp. 327
 Fig.191 Planta do Abrigo nº4B "High Street – Curat Chetcuti Str." –pp.328
 Fig.192 Planta do Abrigo nº5A "Old Mgarr Road." – pp. 329
 Fig.193 Planta do Abrigo nº5B "Father Edgar Street – Barbara Street – Sait Paul's Street." – pp. 330
 Fig.194 Planta do Abrigo nº 6A "Mgarr Road" – pp. 331
 Fig.195 Planta do Abrigo nº6B "Saint Paul's Street" – pp. 332
 Fig.196 Planta do Abrigo nº7 "High Street – Vitale Street." – pp. 333
 Fig.197 Planta do Abrigo nº8 "Jubilee Square – Palm Street." – pp. 334
 Fig.198 Planta do Abrigo nº9 "Saint Paul's Street – Palm Street." – pp. 335
 Fig.199 Planta do Abrigo nº10 "Ghain Tuffieha Road." – pp. 336
 Fig.200 Planta do Abrigo nº11 "Ghain Tuffieha Ro. – Gneina Ro. – Mgarr Ro. – Tas- Saint Rd." – pp. 337
 Fig.201 Planta do Abrigo nº12 "Road "Ta Teuma" [Near Zammitello Palace]" – pp. 338

Naxxar . pp. 339 à 361

Fig.202 Planta do Abrigo nº2 "St. George's Street" – pp. 339
 Fig.203 Planta do Abrigo nº5 "High Street – Alley nº1 – Te Lija – B'kara" – pp.340
 Fig.204 Planta do Abrigo nº7 (1) "Notabile Road – High Street." – pp.341
 Fig.205 Planta do Abrigo nº10 (3) "Cross Street – Zenqa Street – Alley nº1." – pp. 342
 Fig.206 Planta do Abrigo nº13 (4) "Cross Street – Alley nº2" – pp. 343
 Fig.207 Planta do Abrigo nº15 (6) "Alley nº2) – pp. 344
 Fig.208 Planta do Abrigo nº16 (3) "High Street" – pp. 345
 Fig.209 Planta do Abrigo nº17 (9) "High Street – Alley nº3" – pp. 346
 Fig.210 Planta do Abrigo nº18 (10) "Victory Square – Alley nº4 – Alley nº5" – pp. 347
 Fig.211 Planta do Abrigo nº22 (12) "Buzjet Street" – pp. 348
 Fig.212 Planta do Abrigo nº23 (13) "Castro Street – Alley nº1 – Alley nº2" – pp. 349
 Fig.213 Planta do Abrigo nº27 (14) "Saint Paul's Street" – pp. 350
 Fig.214 Planta do Abrigo nº31 (16) "Alley nº1 – Saint Lucia Street – Victory Square – Alley nº2." – pp. 351
 Fig.215 Planta do Abrigo nº34 (14) "High Street – Alley nº2" – pp. 352
 Fig.216 Planta do Abrigo nº36 "Zenqa Street – Alley" – pp. 353
 Fig.217 Planta do Abrigo nº38 (18) "Prison Street – St. Lucia Street." – pp. 354
 Fig.218 Planta do Abrigo nº41 (20) "Alley nº7 – Saint Lucia Street" – pp. 355
 Fig.219 Planta do Abrigo nº 45 (21) "Alley nº11 – Saint Lucia Street – Alley nº10 – Alley nº8 – Alley nº9" – pp. 356
 Fig.220 Planta do Abrigo nº46 (23) "Coronation Str. – Alley nº13 – Saint Lucia Street" – pp. 357
 Fig.221 Planta do Abrigo nº48 (25) "Saint Mary's Street – Coronation Street" – pp.358
 Fig.222 Planta do Abrigo nº53(24) "Darnino Square" – pp. 359
 Fig.223 Planta do Abrigo nº54 (25) "Saint Mary's Street – St. John's Street" – pp. 360
 Fig.224 Planta do Abrigo nº56 (15) "Saint Paul's Street" – pp. 361

Qrendi – pp. 362 à 378

Fig.225 Planta do Abrigo nº1 "Sant Catherine Street – Tower Street – Alley." – pp. 362
 Fig.226 Planta do Abrigo nº2 "Saviour Street – High Street – Zurriq Ro." – pp. 363
 Fig.227 Planta do Abrigo nº3 "Alley – Zurriq Road" – pp. 364
 Fig.228 Planta do Abrigo nº4 "High Street." – pp. 365
 Fig.229 Planta do Abrigo nº5 "High Street – Market Street." – 366
 Fig.230 Planta do Abrigo nº6 "Tal – Hniena Street – High Street – Strait Street" – pp. 367
 Fig.231 Planta do Abrigo nº7 "Church Str. – High Street." – pp. 368
 Fig.232 Planta do Abrigo nº8 "High Street – Alley nº1." – pp. 369
 Fig.233 Planta do Abrigo nº9 "Saint Mathew Square – High Street." – pp.370
 Fig.234 Planta do Abrigo nº10 "Alley nº1 – St. Anne's Street – Wied Hallum." – pp. 371
 Fig.235 Planta do Abrigo nº11 "Guarena Street – Alley nº1 – Alley nº2 – Alley nº3." – pp. 372
 Fig.236 Planta do Abrigo nº12 "Hagiar Kim Road – Lane To Field's." – pp. 373
 Fig.237 Planta do Abrigo nº13 "Curate Mizzi Street – Parish Church Street." – pp.374

Fig.238 Planta do Abrigo nº14 "Saint Mary Square –Strait Street – Parish Church – Market Street – Alley nº2." – pp. 375

Fig.239 Planta do Abrigo nº15 "Saint Nicholas Street – Alley." – pp. 376

Fig.240 Planta do Abrigo nº16 "Tower Street – Alley nº1." – pp. 377

Fig.241 Planta do Abrigo nº17 "Tower Street." – pp. 378

Hal – Safi – pp. 379 à 3

Fig.242 Planta do Abrigo nº1 "Saint Paul's Street – Lane to Fields" – pp. 379

Fig.243 Planta do Abrigo nº2 "Saint Mary Street – St. Paul's Street – Alley nº2." – pp. 380

Fig.244 Planta do Abrigo nº3 "Saint Mary Street – Saint Paul's Street* – Saint Francis Str." – pp.381

Fig.245 Planta do Abrigo nº4 "Saint Paul's Street* – Alley nº2 – St. Joseph Street." – pp. 382

Fig.246 Planta do Abrigo nº5 "Saint Paul's Street." – pp. 383

Fig.247 Planta do Abrigo nº6 "Saint Paul's Street – Saint John Street." – pp. 384

Fig.248 Planta do Abrigo nº8 e 9 "St. ThomasStreet – Hlanium Street." – pp. 385

Fig.249 Planta do Abrigo nº10 "Saint Joseph Street – Saint Joseph Square – Hlantum Street* – St. Michael Alley – Saint George's Street." – pp. 386

Fig.250 Planta do Abrigo nº11 (7) "Saint Mary Street – Alley nº1." – pp.387

Senglea – pp. 388 à 391

Fig. 251 Abrigos de Guerra Senglea "St. Angelo Street" – pp- 388

Fig. 252 Abrigos de Guerra Senglea "North East Street" – pp. 389

Fig. 253 Abrigos de Guerra Senglea "St. Peter & St. Paul Street" – pp. 390

Fig. 254 Abrigos de Guerra Cottonera "Victory Street" – pp. 391

Vittoriosa – pp. 392

Fig.255 Abrigos de Guerra Vittoriosa "Capuchin Gate" – pp.392

Żabbar – pp. 393 à 417

Fig.256 Index dos Abrigos de Żabbar – Plan. No.36 – pp. 393

Fig.257 Abrigos de Guerra de Żabbar "Church Street" – pp.394

Fig.258 Abrigo de Guerra de Żabbar "Biccieni Street" – pp. 395

Fig.259 Abrigo de Guerra de Żabbar "Road Tal Bidni – pp. 396

Fig.260 Abrigo de Guerra de Żabbar "Capuchin Road" – pp. 397

Fig.261 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Concezione" – pp. 398

Fig.262 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Dietro La Chiesa" – pp.399

Fig.263 Abrigo de Guerra de Żabbar "Santa Dominicana Street" – pp. 400

Fig.264 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. Francis Alley" – pp. 401

Fig.265 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Delle Grazie" – pp. 402

Fig.266 Abrigo de Guerra de Żabbar "Hompeh Street" – pp. 403

Fig.267 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. James Square" – pp. 404

Fig.268 Abrigo de Guerra de Żabar "Road Tal Latmija" – pp..405

Fig.269 Abrigo de Guerra de Żabbar "Lija Street" – pp. 406

Fig.270 Abrigo de Guerra de Żabbar "Road to Fort San Leonardo" – pp. 407

Fig.271 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. Mary's Street" – pp. 408

Fig.272 Abrigo de Guerra de Żabbar "St.Mary's Street" – pp. 409

Fig.273 Abrigo de Guerra de Żabbar "Prince of Wales Square" – pp. 410

Fig.274 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Reale" – pp. 411

Fig.275 Abrigo de Guerra de Żabbar "Sanctuary Street" – pp. 412

Fig.276 Abrigo de Guerra de Żabbar "Sanctuary Street" – pp. 413

Fig.277 Abrigo de Guerra de Żabbar "Spadaro Street" – pp. 414

Fig.278 Abrigo de Guerra de Żabbar "Santa Theresa Street" – pp. 415

Fig.279 Abrigo de Guerra de Żabbar "Wied-IL-Ghajj Street" –pp.416

Fig.280 Abrigo de Guerra de Żabbar "Xghajra Street" – pp. 417

Žurrieq – pp. 418 à 460

Fig.281 Planta do Abrigo nº1 “Church Square – Carmel Street – St. Michael Street.” – pp. 418

Fig.282 Planta do Abrigo nº3 “St. Patrick’s Lane – Carmel Street – Alley nº1.” –pp. 419

Fig.283 Planta do Abrigo nº4 “Govt. Scholl Passage” – pp.420

Fig.284 Planta do abrigo nº5 e 6 “Carmel Street – Pietdsa Street” – Alley nº2” – pp.421

Fig.285 Planta do Abrigo nº7 “Carmel Street – Alexander Lane” – pp. 422

Fig.286 Planta do Abrigo nº10 “St. Bartholomew’s Street – St. Paul’s Street – Carmel Street – St. Andrew’s Street.” – pp. 423

Fig.287 Planta do Abrigo nº14 “St. Davi’s Lane – St. Bartholomew’s Street.” – pp. 424

Fig.288 Planta do Abrigo nº18 “St. Bartholomew’s Steet” – pp. 425

Fig.289 Planta do Abrigo nº19 “Alley nº1 – St. Bartholomew’s Street.” – pp. 426

Fig.290 Planta do Abrigo nº20 “Saint Bartholomew’s Str. – Hussar Lane” – pp.427

Fig.291 Planta do Abrigo nº22 “Sanit Catherine’s Stree – St. Bartholomew’s Str. – Britannia Street – Alley nº1 – St. Bartholomew’s Str.” – pp. 428

Fig.292 Planta do Abrigo nº24 “Valletta Road” – pp. 429

Fig.293 Planta do Abrigo nº25 “Mrabba Road” – pp. 430

Fig. 294 Planta do Abrigo nº 30 “St. Peter’s Street – Rose Street – Lazzarus Square.” – pp. 431

Fig.295 Planta do Abrigo nº33 “Rose Street – Fredrick Street” – pp. 432

Fig.296 Planta do Abrigo nº35 “Britannia Street” – pp. 433

Fig.297 Planta do Abrigo nº36 “Britannia Street * – St. Nicholas Street.” – pp.434

Fig.298 Planta do Abrigo nº54 (36) “Fredrick Str. – St. Leopold’s Street – High Street – Alley nº1 –Rose Street – Frederick Street.” – pp.435

Fig.299 Planta do Abrigo nº 40 “Alley – Britannia Street – Street” – pp. 436

Fig.300 Planta do Abrigo nº43 “Flower Street – Saint Luke’s Street.” – pp. 437

Fig.301 Planta do Abrigo nº45 “St. Luke’s Street – High Street – Sapper’s Street.” – pp. 438

Fig.302 Planta do Abrigo nº46 “High Street – St. James Street.” – pp. 439

Fig.303 Planta do Abrigo nº55 “St. John Street – Saint John’s Street* – High Street.” – pp. 440

Fig.304 Planta do Abrigo nº56 “Churchill Square” – pp. 441

Fig.305 Planta do Abrigo nº57 “Prodigal Lane* – St. Michael Street” –pp. 442

Fig.306 Planta do Abrigo nº58 “Saint Martin’s Street –Saint Michael’s Str” – pp. 443

Fig.307 Planta do Abrigo nº59 “Saint Martin’s Street” – pp.444

Fig.308 Planta do Abrigo nº63 “Carmel Street” – pp. 445

Fig.309 Planta do Abrigo nº66 “High Street” – pp. 446

Fig.310 Planta do Abrigo nº67 “Bur IL Longasa Street– Tower Street” – pp. 447

Fig.311 Planta do Abrigo nº68 “High Street – St. Luke’s Street – Alley nº1” – pp. 448

Fig.312 Planta do Abrigo nº72 “Ruary Junction – Mill Street* – Crescent Street.” – pp. 449

Fig.313 Planta do Abrigo nº73 “St. Mary’s Square* – Bubakra Street – St. Leo’s Street – St. Leonard’s Lane.” – pp. 450

Fig.314 Planta do Abrigo nº77 “St. Leo’s Street – To S. Marija Ta Baccari” – pp. 451

Fig.315 Planta do Abrigonº81 “St. Mark’s Street – Immaculate Conception Street.” – pp. 452

Fig.316 Planta do Abrigo nº85 “Quarry Street” – pp. 453

Fig.317 Planta do Abrigo nº86 “St. George’s Street – St. Luke’s Street.” – pp. 444

Fig.318 Planta do Abrigo nº16 “St. Bartholomew’s Street – St. Leonard’s Lane” (Close to St. Bartholomew’s Chapel) – pp. 455

Fig.319 Planta do Abrigo “Road Tal-Hlanium– Hal -Far – Road” – pp. 456

Fig.320 Planta do Abrigo nº45 “Saint Martin’s Str. – To Safi – To Bubaqra” – pp. 457

Fig.321 Planta do Abrigo “Saint Martin’s Street – To Safi” – pp. 458

Fig.322 Planta do Abrigo “Alley nº1 – St. Bartholomew’s Str. – St. Catherine Street – Churchill Square” – pp. 459

Fig.323 Planta do Abrigo “High Street – Queen’s Street” – pp. 460

Fig. 324 Planta de um Abrigo Particular – pp.461

Fig. 325 Planta de Cospicua (Bormla) – pp.462

Fig. 326 Planta de Senglea – pp. 463

Fig. 327 Planta de Vittoriosa – pp. 464

Fig. 328 Entrada para o Centro de Operações. – pp. 467

Fig. 329 Camaratas onde os soldados ficavam a descansar. – pp. 467

Fig. 330 Túneis de acesso para a Sala de Operações (São os novos túneis que tiveram de fazer durante a 2ª Guerra Mundial). – pp. 468

Fig. 331 Centro/Sala de operações usado na 2ª Guerra Mundial. – pp. 469
 Fig. 332 Centro/Sala de operações usado na 2ª Guerra Mundial. – pp. 470
 Fig. 333 Sala de Operações: Esta Sala fazia parte do Sistema de Controle das Aeronaves. –pp.471

Fig. 334 Sala de Operações. – pp. 472
 Fig. 335 Sala de Operações de Armas Antiaéreas Sala No. 12 – pp. 473
 Fig. 336 Sala de Operações. – pp. 474
 Fig. 337 Quadro de Luz Central – pp. 475
 Fig. 338 Visão dos Comandantes da situação aérea. – pp. 476
 Fig. 339 Painel Informativo. – pp. 477
 Fig. 340 Camarotes de descanso para os Oficiais – pp.478
 Fig. 341 Camarote individual para um Comandante – pp. 479
 Fig. 342 Pequena Sala. – pp. 480
 Fig. 343 “Itália declarou Guerra à França e Grã-Bretanha” – pp. 488
 Fig. 344 “A Itália declarou Guerra à França e à Grã-Bretanha” –pp. 489
 Fig.345 Notícia do Diário de Notícias “Malta sofreu novos ataques aéreos”. – pp. 490
 Fig.346 Notícia do Diário de Notícias “Toulon e Bizerta bases navais francesas do mediterrâneo Foram Bombardeadas num ataque a Tobruk”. – pp. 491
 Fig.347 Notícia do Diário de Notícias “A Ilha de Malta continua a ser atacada pela aviação italiana”. – pp. 492
 Fig.348 Notícia do Diário de Notícias “A Ilha de Malta continua a ser atacada pela aviação italiana” (Continuação da Notícia) – pp. 493
 Fig. 349 Notícia do Comércio do Porto, 16 de agosto de 1940 – “Entre Portugal e Espanha ha perfeita identidade de propósitos” – afirma, em artigo de fundo, o mais categorizado jornal inglês” – pp. 494
 Fig. 350 “A guerra em África A’ volta de Bardia a luta prossegue, com extraordinária violência” – pp. 495
 Fig. 351 “A guerra no ar e no mar A R.A.F. atacou violentamente as bases alemães em que se prepara para a invasão” – pp. 496
 Fig. 352 Notícia do Diário de Notícias – “Malta foi alvo de novos ataques da aviação alemã”. – pp. 497
 Fig. 353 Notícia do Diário de Notícias “A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do Porto de Tobruk”. – pp. 498
 Fig. 354 A Ilha de Malta foi atacada pela 500ª vez pela aviação alemã e italiana”. – pp. 499
 Fig.355 Notícia do Times of Malta “First Sea Attack on Malta Brilliant Victory for Defenders” – pp. 500
 Fig. 356 Notícia Times of Malta Germany at Soviet Russia’s Throat Finns and Rumanians Also Attack”. – pp. 501
 Fig. 357 Notícia do Diário de Notícias “Para os Açores seguiram ontem Novos Contingentes de Tropas”. – pp. 502
 Fig. 358 Notícia do Diário de Notícias “Paraquedistas italianos ocuparam as ilhas Gregas de Cefalónia e Zante” –pp. 503
 Fig. 359 Notícia do Diário de Notícias “A Aviação Italiana Atacou Malta” – pp. 504
 Fig.360 Notícia do Diário de Notícias “Malta novamente bombardeada pela Aviação Italiana” –pp.505
 Fig.361 Notícia do Comércio do Porto “No ceu de Malta travou-se violenta batalha aérea” – pp. 506
 Fig. 362 Notícia do Comércio do porto “A luta em Africa e no Mediterraneo Malta vai representar papel importante nas operações futuras – afirmou o Governador da Ilha” – pp. 507
 Fig. 363 Notícia do Comércio do Porto “A luta no Mediterraneo” – pp. 508
 Fig. 364 Notícia do Comércio do Porto “O embarque das tropas no «Carvalho Araujo» A guarnição militar dos Açores vai ser reforçada com mais um contingente de tropas que ontem partiu de Lisboa para aquele arquipélago, no paquete «Carvalho Araújo». – pp. 509
 Fig.365 Rotas Aéreas – pp. 510
 Fig. 366 Rotas aéreas sobre Malta – o primeiro ataque aéreo. – pp. 511
 Fig.367 “Allies control the mediterranean: no menace.” – “Os Aliados Controlam o Mediterrâneo” – pp. 512
 Fig.368 – Notícia Time of Malta “Churchill Prime Minister National Government Being Formed ‘All Parties’ Government in France – “O Primeiro-Ministro Churchill o Governo Nacional encontra-se a formar ‘Todos os partidos’ do Governo de França. – pp. 513
 Fig.369 Notícia Times of Malta “Hitler’s desperate Bid” – A tentativa desesperada de Hitler no Canal – pp. 514
 Fig.370 Notícia Times of Malta “Germany at Soviet Russia’s Throat Finns and Rumanians Also Attack Invasion Along Whole Frontier” – “Alemanha está na garganta da Rússia Soviética, os finlandeses e romenos também atacam ao longo da fronteira” – pp.515
 Fig. 371 Notícia Times of Malta “Mussolini’s Cowardly Act U.S.A All but War With Italy “We know the Italian’s of old” – Doomed to meet their second Caporetto” –pp.516

Fig. 372 "Italy's attack on Malta Several Raids – Tomato Crop Demolished" – "Itália ataca Malta severos ataques – colheita de tomate destruída" – pp. 517

Fig. 373 Notícia sobre um "air raid" sobre a ilha de Malta – pp. 518

Fig. 374 Notícia sobre "air raid" sobre a ilha de Malta – pp.519 à 520

Fig. 375 Visão aérea sobre Malta – pp. 521

Fig. 376 Visão aérea sobre Malta – tem no total 31 navios, estes se encontram com um toldo por cima para haver sombra no convés. – pp. 522

Fig. 377 Visão aérea sobre Malta. Os navios estão em posição para caso seja necessário entrarem em ação a sua saída seja fácil de se fazer. – pp. 523

Fig. 378 Aeronaves em formação (nrº750 asa direita; nrº743 chefe; nrº 746 asa esquerda) – pp. 524

Fig. 379 Aeronaves em formação de treino (nrº734 asa direita; nrº730 chefe; nrº 735 asa esquerda). –pp. 525

Fig. 380 Aeronaves em formação de treino (nrº734 asa direita; nrº730 chefe; nrº 735 asa esquerda). – pp. 526

Fig. 381 Aeronave nrº730 em ação de defesa sobre a ilha de Malta. – pp. 527

Fig. 382 Aeronave a sobrevoar ou pousar no mar. – pp. 528

Fig. 383 Aeronaves em formação defensiva com visão aérea sobre a ilha de Malta e as três ilhas (Senglea, Victoriousa e Cospicua). – pp. 529

Fig.384 Destroços de uma aeronave aliada. – pp. 530

Fig.385 Aeronave Bristol Beaufighter – pp. 531

Fig. 386 Tripulação da Royal Navy. – pp. 532

Fig. 387 Camião a ser carregado/descarregado de um navio – pp. 533

Fig.388 Comandantes militares de Malta fotografados na cerimónia de apresentação da George Cross em 13 de setembro de 1942. – pp. 534

Fig.389 Peça antiaérea a fazer fogo. – pp. 535

Fig.390 Retrato de Stan Fraser – pp. 536

Fig. 391 Navios estacionados ao longo da baía de Malta. – pp. 537

Fig. 392 Navios estacionados ao longo da baía de Malta. – pp. 538

Fig. 393 Rendição do inimigo (italiano) para as forças aliadas. – pp. 539

Fig. 394 Winston Churchill em Valetta pós bombardeamento. – pp. 540

Fig. 395 Aeronave Gloster Sea Gladiator. – pp. 541

Fig.396 Aeronave inimiga – alemã – Stuka. – pp. 542

Fig.397 Entrada de Valetta, tinha sido há poucas horas bombardeada, destruição total do antigo teatro, lado direito da foto é onde se situa atualmente o parlamento e o teatro Manoel. – pp. 543

Fig. 398 Outra zona bombardeada em Valetta. – pp. 544

Fig. 399 Soldados próximos de destroços pós uma bomba cair. – pp.545

Fig. 400 Cerimónia George Cross. – pp. 546

Fig.401 Notícia sobre a condecoração a Malta . – pp. 547

Fig. 402 *Gloster Sea Gladiator nº5519 "R"*. Pp. 548

Fig. 403 *Hawker Hurricane Mark IIA, Z2961 'K', of the Malta Night Fighter Unit being refuelled and re-armed at Ta Kali, Malta.* – pp. 549

Fig.404 *Supermarine Spitfire Mark VC, ER934 'F-A', in flight over Egypt at the time of its transfer from Malta to the Middle East Command, where it joined No. 73 Operational Training Unit at Abu Sueir.* – pp.550

Fig. 405 *Aircraft of the Royal Air Force, 1939-1945: Hawker Hurricane.* Pp.551

Fig. 406 *The fuselage of Gloster Sea Gladiator Mark I, N5520 "Faith", in Palace Square, Valletta, Malta, on the occasion of its presentation to the people of Malta by Air Officer Commanding Air Headquarters Malta, Air Marshal Sir Keith Park.* – pp.552

Fig. 407 *Matilda tanks, painted in distinctive Malta camouflage, give a gunnery demonstraion during a training exercise, 13 April 1942.* – pp. 553

Fig. 408 *A Matilda tank being used to tow a Beaufort torpedo bomber which made a belly-landing at Luqa airfield after being damaged during an attack on the Italian Fleet, 16 July 1942.* –pp 554

Fig.409 *A Matilda tank during an exercise in the Maltese countryside, 24 May 1942. Note the distinctive camouflage, and its inspiration – a stone wall – behind.* –pp. 555

Fig. 410 *High oblique aerial view of Ta Kali airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the south-east.* – pp. 556

Fig. 411 *High oblique aerial view of Hal Far airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the north-west.* – pp. 557

Fig. 412 *Vertical aerial photograph taken during a bombing attack by Italian Air Force <Regia Aeronautica> on Hal Far airfield, Malta. Bombs are seen exploding on the installations in the northern corner of the airfield and over its eastern perimeter.* – pp. 558

- Fig. 413 *High oblique aerial view of Luqa airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the south-east.* – pp. 559
- Fig. 414 *Vertical aerial reconnaissance view of Castelvetrano airfield, Sicily.* – pp. 560
- Fig.415 *Vertical photographic-reconnaissance aerial photograph taken through cloud, showing ships of an Italian convoy assembled in the harbour at Palermo, Sicily.* – pp. 561
- Fig.416 *Fighter control room at Lascaris, viewed from behind the controllers dais, which was known as No.8 Sector Operations Room. This was in use from June 1941 to April 1943 and was the nerve centre of the RAF's defence of Malta.* – pp. 562
- Fig.417 *The Prime Minister Winston Churchill sits at his desk in the Map Room at the Cabinet War Rooms in London during the Second World War. Beside him (right), Captain Pym of the RNVR takes a telephone call.* – pp. 563
- Fig.418 *The plotting table in the filter room adjoining the fighter control room at Lascaris, Malta. RAF personnel only were employed in the filter room, of whom the chief officer was Squadron Leader Cohn.* – pp. 564
- Fig. 419 *Civilians Marjorie Hedley, Anne Button, and Doreen Dilley at their posts under the dais in the fighter control room, Lascaris, Malta. The telephonists were linked to Royal Observer Corps posts on the island.* – pp. 565
- Fig.420 *A 40mm Bofors anti-aircraft gun and its crew keep watch as a destroyer enters Grand Harbour, 8 January 1942.* – pp. 566
- Fig. 421 *View of a 40mm Bofors anti-aircraft gun position overlooking Grand Harbour, Malta, 10 June 1942.* – pp. 567
- Fig. 422 *Maintaining a 40mm Bofors gun on board one of the ships (MV MELBOURNE STAR) of a Malta convoy.* – pp. 568
- Fig.423 *A battery of 3.7 inch anti-aircraft guns firing at night.* – pp.569
- Fig. 424 *RAF armourers, assisted by soldiers, fit tail fins to 500-lb GP bombs on trolleys at Luqa, Malta, before they are towed to Vickers Wellingtons for a raid on Axis forces in North Africa.* – pp. 570
- Fig.425 - *13 August: Arrival of the first ships at Malta: The MELBOURNE STAR enters Grand Harbour, Valletta.* – pp. 571
- Fig.426 - *14 August: Arrival of the BRISBANE STAR at Malta: The BRISBANE STAR enters Grand Harbour, Valletta.* – Pp. 572
- Fig. 427 *The Paddle Tug ANCIENT bringing British troops ashore from the BRECONSHIRE (which had arrived at Grand Harbour, Valletta, Malta with supplies and troops for the Island).* – pp. 573
- Fig. 428 - *13 August: Arrival of the first ships at Malta: A Maltese priest watches the MELBOURNE STAR come to her moorings.* – pp. 574
- Fig. 429 - *August 1942 Operation Ceres: The unloading of supplies at Malta from the BRISBANE STAR: A heavy AA gun being lowered onto the quayside by a crane.* – pp. 575
- Fig. 430 *Operation Ceres: The unloading of supplies at Malta: Lorries wait on the quayside to take supplies to depots ashore.* – pp.576
- Fig. 431 *Soldiers stationed in Malta use picks and shovels to assist in clearing bomb damage on Kingsway in Valletta, 11 May 1942.* – pp. 577
- Fig.432 *Maltese women washing clothes in the ruins of their homes in Floriana, Malta, 4 June 1942.* – pp. 578
- Fig. 433 *A heavily bomb-damaged street in Valletta, Malta. This street is Kingsway, the principle street in Valletta. Service personnel and civilians are present clearing up the debris.* – pp. 579
- Fig.434 *Notícia do Diário de Notícias sobre Bibliotecários e Arquivistas em Congresso* – pp. 580

Planta nº1: *Planta do Hospital Santo Spirito, atual Arquivo Nacional de Malta.* – pp. 486

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Mapa dos Fortes	pp.129
Apêndice 2 – Fotos do Arquivo Nacional de Malta (NAM)	pp.130 à 143
Apêndice 3 – Fotos dos Abrigos de Guerra	pp. 144 à 146
Apêndice 4 – Lista dos Abrigos de Guerra	pp. 147 à 176
Apêndice 5 – Plantas dos Abrigos de Guerra	pp. 177 à 461
Apêndice 6 – Desenho gráfico das três cidades (Senglea, Cospicua e Vittoriosa).....	pp.462 à 464
Apêndice 7 – Estimativa via documentação: Gráficos dos bombardeios durante o período de 1940 a 1942	pp. 465 à 466
Apêndice 8 – Centro de Operações durante a 2ª Guerra Mundial – Malta	pp. 467 à 480

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Infografia da Exposição “European Digital Treasures”	pp.482
Anexo 2 – Processo de digitalização do número de documentos que o Arquivo Nacional de Malta produziu	pp.483 à 484
Anexo 3 – Planta do Hospital Santo Spirito atual Arquivo Nacional de Malta	pp. 485 à 486
Anexo 4 – Notícias sobre a Guerra 1940 – 1942	pp. 487 à 508
Anexo 5 – Rotas aéreas e navais sobre Malta	pp. 509 à 510
Anexo 6 – Controlo do Mediterrâneo pelas forças Aliadas e Inimigas	pp. 512 à 514
Anexo 7 – Notícia Times of Malta (TOM) Hitler e Rússia	pp.515
Anexo 8 – Notícia Times of Malta (TOM) Itália declara Guerra a Malta	pp.516
Anexo 9 – National War Museum – Introduction, Calender of Main Events	pp. 517 à 519
Anexo 10 – Coleção de Fotografias de Ernest Rice	pp. 520 à 529
Anexo 11 – Coleção de Fotografias de Stan Fraser	pp.530 à 544
Anexo 12 – George Cross	pp. 545
Anexo 13 – Notícia sobre a entrega da George Cross	pp. 546
Anexo 14 – Aviões, defesas aéreas, aeródromos, Matildas, navios	pp. 547 à 578
Anexo 15 – Bibliotecários e Arquivistas em Congresso	pp. 579
Anexo 16 – Entrevistas	pp. 580 à 659

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu num âmbito da busca da memória dos meus antepassados e ao mesmo tempo descobrir um pouco sobre as minhas raízes, como também Maltesa que sou.

É um trabalho de componente de História, mas direcionada para uma análise patrimonial assente nas memórias documentais do Segundo Cerco de Malta de 1940 a 1942. Pela importância que na Segunda Guerra Mundial Malta teve no desenrolar do conflito e de como foi decisivo o seu papel para a vitória dos Aliados, foi um fator de peso para esta proposta de trabalho prontamente aceite pelo orientador. Também damos uma visão introdutória de como este Cerco de Malta foi visto em Portugal no mesmo período.

Dentro da área do estudo do património, a metodologia que iremos utilizar será fortemente baseada na análise de documentos de arquivo, ressaltando que são dos Arquivos Nacionais de Malta (National Archives of Malta – NAM), que resultaram em três deslocações aos mesmos. Depois também foram recolhidos testemunhos diretos de pessoas ainda vivas que presenciaram os acontecimentos *in loco*. A metodologia também inclui a sistematização dos dados arquivísticos e documentais na sua maior parte inéditos, para construir um retrato das vivências do quotidiano dos Malteses durante esse difícil período.

Em suma, este trabalho é um levantamento de memórias materiais e imateriais que foram tratadas de forma investigativa, com o objetivo de responder a várias questões que se irão levantar durante o trabalho, questões essas que consideramos pertinentes para melhor entender outras faces das memórias de Cerco de Malta de 1940 a 1942.

Como foi levantada e organizada a defesa aérea durante a guerra? Os Malteses estavam preparados para o longo cerco que ia ocorrer? Como é que a população conseguia viver nesse período? Existiu mercado negro para obtenção dos bens-essenciais? Como o governo inglês geria o sistema de saúde e socorro às vítimas de guerra em Malta durante este período? Como é que os abrigos de guerra foram contruídos e espalhados pelas ilhas? Foram abrigos eficazes?

Por fim, e não menos importante a questão que nos surgiu ao longo deste trabalho, que ainda não desenvolvemos em profundidade. Até que ponto “o sistema defensivo de Malta se assemelha no montado no Arquipélago dos Açores pelo Governo Português, a partir de 1940 para a eventualidade da entrada de Portugal na Guerra?”. Felizmente que os Açores nunca tiveram de colocar o seu sistema defensivo à prova!

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

O estágio curricular nos Arquivos Nacionais de Malta teve a duração de três semanas, tendo a oportunidade de trabalhar em diferentes áreas dentro de um arquivo, conhecer a história do hospital, como se tornou o arquivo atual e como funciona. O arquivo tem vários departamentos, explicados mais detalhadamente no capítulo 2, no ponto 2.2.4, assim como a evolução da sua história até ao seu estado atual. O intuito deste estágio foi conhecer a importância da ilha de Malta durante a Segunda Guerra Mundial, perceber como os acontecimentos foram tratados pela imprensa da época e saber como esta informação chegaria a Portugal. Durante esta breve experiência, podemos entender como os documentos são digitalizados, como são armazenados, como devem ser tratados e a funcionalidade do próprio arquivo.

1.1 O CERCO DE MALTA NA MEMÓRIA DOS DOCUMENTOS

O 1º capítulo é uma abordagem às técnicas arquivísticas, não no sentido analítico, mas no sentido da experiência, no *National Archive of Malta (NAM)*. Este texto configura-se numa experiência anterior a nível curricular do Mestrado PATC (Património, Artes e Turismo Cultural), que nos deu ferramentas para analisar documentação primária. Documentação essa bastante complexa, porque se tratava da maior parte de documentos de origem militar. Esses documentos obrigaram a uma análise cuidada a nível de interpretação e análise dos conteúdos. Damos como exemplo a análise de vários relatórios da *Malta Police Reports*, que devido ao seu estado de degradação levaram vários dias a extrair a informação necessária.

Sem este “treino” de interpretação dos documentos primários teria sido mais difícil o acesso à informação.

O projeto *Memorja* é um arquivo oral, sonoro e visual do Arquivo Nacional de Malta.

Este projeto foi concebido para se tornar o principal depósito público de Malta.

Esta entidade recolhe, regista, transcreve e preserva a memória do passado, transmitindo o conhecimento, as histórias, tradições e costumes da população maltesa que, até então eram pouco conhecidas pelas gerações mais novas. Disponibiliza documentos para fins de pesquisa, interpretação e educação. Este projeto teve início, com trabalho de campo, no ano de 2017, através de reuniões presenciais e entrevistas, levando à criação de uma rede na comunidade.

“These new relationships with individuals from different backgrounds allowed members of the public to share their stories with the project through oral and video interviews and the donation of personal photographs, letters, film reels and artifacts. Given the opportunity to have their experiences documented for future research, these 'partners' are today addressing a lacuna often not found in official documentation and are thus providing more balanced and rounded perspectives on numerous themes and subjects.” (Annual Report 2021, 2021, p. 95)

Existe todo um cuidado de preservação da memória da população, para que futuras gerações consigam compreender os seus antepassados através das suas vivências.

A Humanidade, desde sempre, tem uma necessidade constante de divulgar conhecimento, registar, escrever, preservar memórias, conceitos e ideias sobre vários assuntos e problemáticas. A perceção que temos sobre o Património e Arquivística é pertinente no contexto da dissertação, pois, como referido, foi na base destas premissas que me foi possível levantar um acervo documental tanto em Malta como em Portugal que respondessem em parte às questões e matérias que fazem parte deste projeto. Tal se reflete quando analisamos uma extensão de documentos existentes nas instituições como o NAM: o conceito que retemos sobre o Património Arquivístico tem vindo a sedimentar-se e a expandir-se contemporaneamente, incluindo já a documentação em base digital. Esta última torna-se cada vez mais pertinente devido à produção documental cada vez mais extensa, um desafio endémico devido à falta de espaço, que obriga a digitalização de documentação do passado e à produção digital direta da documentação presente. Para além da importância do digital no Património Arquivístico a nível do armazenamento da informação, há que ter em conta que muitos Arquivos disponibilizam esta informação online. A reflexão neste capítulo não é meramente uma demonstração técnica daquilo que se pretende na dissertação, mas sim a democratização do acesso de qualquer cidadão às suas memórias e passado plasmadas na documentação arquivísticas. É um labor constante para os investigadores e profissionais que persistem em guardar os documentos a longo prazo.

A conservação dos documentos é essencial porque retém informações importantes para se entender a real dimensão de determinados acontecimentos, tal como o Cerco de Malta. Todos os documentos elaborados a longo prazo são testemunhos relevantes para a Humanidade e para o seu estudo constante. Normalmente, estes arquivos são conservados pelos seus criadores ou sucessores, mas também podem ser transferidos para instituições.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO ARQUIVO

Nos dias de hoje, as contendas apresentadas aos arquivos e instituições (públicas ou privadas) são cada vez mais exigentes, devido à vasta informação que o Homem vai produzindo e publicando. Devido a esse desenvolvimento teórico, técnico e tecnológico, é mais fácil os estudantes e investigadores acederem à documentação nos arquivos e bibliotecas.

Atualmente, o Arquivo é definido, segundo o Conselho Internacional de Arquivos (ICA) como um conjunto de documentos, não tendo relevância a sua data, forma, o seu suporte material, se são recebidos ou produzidos por qualquer pessoa, ou qualquer organismo público ou privado, dependendo da atividade que esteja inserido. Gradativamente, tem havido uma evolução sobre a importância dos Arquivos e de como o seu papel na construção da memória e formação de identidade são essenciais para a evolução da sociedade.

Existem Arquivos desde a época das primeiras Civilizações Antigas (Egipto, Suméria, Babilónia), mas com um olhar mais científico e rigoroso a partir da Revolução Francesa, embora se tenha mantido uma certa atenção especial com os documentos de valor histórico, uma vez que “a Revolução Francesa representa um novo marco na evolução da Arquivística e na história dos Arquivos, surgindo uma reação de sentido oposto à concepção do Antigo Regime”. (Ribeiro C. F., 1998, p. 27). Portanto, podemos compreender que, com a Revolução Francesa e a nacionalização dos bens das antigas classes dominantes, tal implicou uma ordem natural do registo das propriedades e uma gestão dos bens confiscados durante este período. Assim sendo, assistimos a um novo movimento das incorporações em grande escala dos “arquivos privados nos depósitos do Estado, os quais passaram a ter a designação de “Archives Nationales” (1789, Decreto de 18 Brumário) e a ter funções de conservação e manutenção dos documentos oficiais em que passava a assentar o novo regime.” (Ribeiro C. F., 1998, p. 28). Estas medidas implementadas deixaram uma grande marca ideológica. Mormente, a revolução veio trazer novos aspetos inovadores, sobretudo a libertação do acesso aos Arquivos e ao “estabelecimento de um órgão nacional e independente para a superintendência dos mesmos.” (Ribeiro C. F., 1998, p. 28). Estes aspetos marcaram uma nova compreensão sobre a importância de preservar a História e a memória que perdura até aos dias de hoje. Porém, a expansão das ideias liberais e revolucionárias francesas vieram trazer uma influência nos regimes liberais dos diversos países como resultado idêntico, no que diz respeito à nacionalização dos bens do clero e parte da nobreza e, também à preocupação

da preservação da memória dos acontecimentos históricos nos Arquivos. No decorrer da segunda metade do século XIX, este período caracterizou-se pelo:

“romantismo e pelo historicismo e, a que se associa todo um movimento de renovação da historiografia e, em consonância, uma forte valorização das fontes históricas e da pesquisa nos arquivos, estes últimos passam a constituir autênticos laboratórios do conhecimento histórico.” (Ribeiro C. F., 1998, p. 30)

Contudo, a elaboração de inventários, fontes, relatórios e documentos mais relevantes do ponto de vista da pesquisa histórica, além da abertura ao público dos arquivos, são a prova de um relacionamento entre o arquivo e a História, numa clara condição de proximidade desde o início.

“A acção de Alexandre Herculano quando, em 1853-1854, visita os cartórios eclesiásticos do Reino, em busca dos documentos que viriam a integrar os Portugaliæ Monumenta Historica, bem como a Lei de 2 de Outubro de 1862, que determinou a incorporação no Arquivo da Torre do Tombo de todos os documentos dos cartórios das igrejas e corporações religiosas, anteriores a 1600, são exemplos ilustrativos da dependência que os Arquivos têm sofrido relativamente a interesses culturais externos a si próprios.” (Ribeiro C. F., 1998, p. 30)

Esta iniciativa, embora tenha dado maior enfoque ao valor dos Arquivos, provocou um resultado negativo do ponto de vista arquivístico. A conceção histórica do Arquivo consiste na técnica de preservação dos documentos históricos, esta perspectiva vai sofrer algumas alterações a partir do século XIX e vai perdurar até à atualidade deixando, assim, a sua marca e presença sendo designados como Arquivos históricos.

Em Portugal, no final do século XVIII, o reconhecimento dos Arquivos e a sua valorização histórico-cultural, nasce a 8 de dezembro de 1720 na Academia Real da História Portuguesa, sendo marcado com as obras desenvolvidas pela Academia de Ciências na qual, se destaca as obras de João Pedro Ribeiro e do Frei Joaquim de Santo Agostinho. Também é na segunda metade do século XVIII que se destaca o desenvolvimento da “História e do Positivismo e, por consequência, o de algumas áreas instrumentais para a própria Ciência Histórica, que passaram a ser encaradas como as suas “ciências auxiliares”” (Ribeiro F. , 2002, p. 19).

Há que destacar igualmente o papel desempenhado por Alexandre Herculano na reorganização do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da secção de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, durante o século XIX.

O modelo francês consolidou-se ao longo do século XX, mas devido às 2^o e 3^o vagas de industrialização e da complicação administrativa e da evolução tecnológica ganhou novos contornos.

No início do século XX, na década 30, houve vários aspetos que necessitavam de centrar a sua atenção para os Arquivos. Por outro lado, com a expansão dos modelos herdados da Revolução Francesa, esta começou por estabelecer várias medidas legislativas, bem como, a criação de um “organismo central de coordenação arquivística, em variados países”. (Ribeiro C. F., 1998, p. 31)

Após a Segunda Guerra Mundial, surge uma explosão documental e foi a partir deste momento que o Arquivo ganhou um grande impacto e tendo os documentos vindo a ser protegidos aos quais advêm de uma ou várias instituições ou pessoas desde o preciso momento que são produzidos. Atualmente, existe a problemática dos Arquivos, pois devemos de considerar as diferentes idades e valores dos documentos originais até à sua conservação. Dependendo destes fatores, os procedimentos e ações nos documentos podem ser diversificados.

1.3 O ARQUIVO NOS DIAS DE HOJE

Segundo a lei portuguesa, um Arquivo é um conjunto de documentos produzidos por pessoas, instituições, no desempenho da sua atividade, sejam em suporte em papel, digital ou outro. Em certos casos, os Arquivos são um conjunto de documentos artificialmente reunidos num só local. No entanto, nem todos os Arquivos são considerados Património Nacional, pois é o “Estado que determina quais merecem tal atributo. Só integram o Património nacional arquivística aqueles que o Estado considera de «interesse cultural relevante».” (Carvalho, 2019, p. 11). De certo modo, a informação que é guardada num Arquivo tem de ter uma importância para a sociedade e que contribua para o seu desenvolvimento, porém, nem sempre é claro quais são os critérios que leve a patrimonialização dos bens culturais, como por exemplo, o “Arquivo de Siza Vieira, consagrado arquiteto português.” (Carvalho, 2019, p. 12)

A divisão tipológica dos Arquivos¹ é vasta. No entanto, abordarei quatro tipos que creio ser de extrema relevância.

O Arquivo administrativo (jurídico ou fiscal), estes Arquivos correspondem sobretudo ao período em que o documento tem idade recente e de valor primário, ou seja, meramente administrativo, jurídico ou fiscal que sejam usados simplesmente por organismos que os produzam.

Os Arquivos intermédios coincidem com um documento primário que tenha perdido grande parte do seu valor primário, mas que ainda não constam nas fontes para investigação histórica.

¹ Ver anexo 15 – remete à notícia referente à esta divisão

Arquivos históricos, que tradicionalmente se conservam os documentos de título perpétuo, ou seja, documentos que sejam considerados Património.

Por fim, os Arquivos ministeriais são Arquivos que cumprem funções específicas de conservação e tratamento técnico como o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e os Arquivos Distritais, que constituem os verdadeiros serviços.

Dentro destas tipologias podemos referir que o NAM também acumula duas tipologias, sendo os Arquivos histórico e eclesiástico. Neste âmbito a legislação de referência para Portugal é o decreto-lei 16/93 de 23 de janeiro que estabelece as bases da política arquivística nacional e, no caso de Malta, o National Archive Act, de 2005. (ver melhor a legislação de malta)

Em suma, estes Arquivos correspondem a diferentes etapas da vida de um documento, desta forma, as funções de um arquivista são muito distintas.

No Arquivo existem três aspetos fundamentais, ou seja, desde a sua organização e conservação adequada ao controlo dos documentos existentes no mesmo. Para que o Arquivo seja o mais fidedigno possível consoante a sua atividade e funcionamento da entidade que o produziu. O tratamento técnico dos documentos, consiste no que toca ao acesso das informações contidas no documento.

No caso dos Arquivos administrativos, um arquivista é basicamente um gestor documental.

A sua organização é fundamental para fornecer rapidamente os elementos cruciais para elaboração de decisões. No entanto, o Arquivo intermédio, designam o tempo de vida de um documento.

É nesta fase que determinam quais são os documentos de cariz histórico e quais os que devem ser conservados definitivamente. Caso não possuam certos requisitos, correm o risco de serem eliminados. Previamente, é feita uma triagem e, por essa razão, define-se a eliminação de documentos desprovidos, se porventura, não tenham qualquer tipo de valor patrimonial.

Os documentos que forem designados de valor histórico, automaticamente são conservados e preservados para uma possível inserção num Arquivo histórico.

Por esse motivo, o Arquivo definitivo ou histórico, preocupa-se com a conservação e preservação do Património documental.

Estas atividades técnicas são importantes para a preservação do documento, para que os utilizadores tenham acesso à informação, uma vez que os Arquivos históricos são de livre acesso

ao público. Constituem, assim, fontes de informação e desempenho de funções culturais, como por exemplo, as bibliotecas, museus ou outras instituições.

Atualmente, é comum dizer que vivemos numa era de constante troca de informação. Ser detentor de informação é importante, pois é sinónimo de poder relativamente à pessoa que a detém. A partir desse momento, podemos trocar ideias e informações, o que proporcionará um maior conhecimento, e que as organizações concedam aos serviços que são apreciados.

O mundo dos Arquivos passa a ter um maior destaque e importância do que tradicionalmente lhe tem sido dado. Todavia, os Arquivos deixam de ser apenas considerados como um fundo ou instituição que se designa como centro de detenção de informação, e um local onde preserva o Património documental.

Apesar de que estes são um testemunho do passado que nos são deixados pelos nossos antepassados que tinham a preocupação de preservar a memória, o seu suporte pode ser variado. Desde papel, digital, gravações (sonoras ou físicas), entre outros.

1.4 A RELEVÂNCIA DO DOCUMENTO NO ARQUIVO

Atualmente, a humanidade sente a necessidade de expressar as suas opiniões, ideias e pensamentos sobre um ou vários assuntos e também uma forte necessidade de preservar e conservar a história dos nossos antepassados. Desde outrora, que a humanidade preserva a sua história a partir da organização de documentos, como resultado do seu quotidiano, desde a religião e política até à sociedade. Segundo a autora Helena de Jesus podemos encontrar em placas de argila, papiro, pergaminho, papel e em diversos suportes usados até à atualidade. A cada nova descoberta desses mesmos suportes é uma surpresa, assim como o modo de vivência dos nossos antepassados. E também devido aos avanços da tecnologia e da “informação e comunicação impulsionaram a renovação dos meios de troca de informações” (Flores, 2017, vol.7, nº1, p. 2), devido a esta evolução tecnológica surgiram os documentos digitais.

O que podemos compreender por um trabalho/documento científico num Arquivo?

Existem várias opiniões, no entanto, na minha opinião pessoal um trabalho científico consiste numa elaboração de um texto sobre um assunto relevante e útil para a sociedade que pode ajudar a desenvolver possíveis estudos no futuro. “A obtenção de informação passa na digitalização de documentos em papel para salvaguardar o documento original do excessivo manuseamento, quer para permitir o acesso a qualquer utilizador interessado.” (Jesus, 2011, p. 8) Contudo, a

informação que surge num documento funciona como o seu suporte, fazendo assim entender como um testemunho, bem como, conhecimento e transmissão da informação num período e espaço. A sua principal função é transmitir a informação e que esta seja duradoura.

Podemos compreender que o conhecimento é um resultado de um ato de conhecer, desenvolver um produto da compreensão humana quando existe um objeto em estudo, um conceito, uma imagem sobre esse assunto, pois não deixa de ser um processo de construção do conhecimento, e do pensamento humano sobre essa realidade. Quando temos de elaborar um trabalho, devemos de ter alguns cuidados, desde a pesquisa da sua bibliografia e levantamento de fontes a pesquisas em campo. Toda essa informação recolhida é importante, uma vez que o autor terá de seleccionar e desenvolver o seu texto consoante a base dos seus conhecimentos. Como referido anteriormente, através do meu estágio curricular consegui compreender o envolvimento da Ilha de Malta durante a Segunda Guerra Mundial e como a informação da mesma chegaria a Portugal durante o período do Estado Novo. Ao elaborarmos os trabalhos/documentos científicos, estes não deixam de ser uma imagem, uma forma de pensar sobre um assunto que seja importante para o estudo de uma sociedade, esta que se encontra em observação constante. Essa elaboração pode vir a ser útil na informação de outro trabalho e, na minha opinião, não deixa de ser um “loop” de divulgação de ideias e formas de pensar sobre um assunto realmente importante para aquele investigador ou para vários.

Também é necessário entender que os Arquivos são documentos ou registos produzidos e reunidos na obtenção de uma finalidade, “bem como os valores oficiais e culturais que levam à preservação dos mesmos.” (Porto, 2013, p. 14). Além disso, o Arquivo é um conjunto de documentos independentemente da sua origem, data ou formato. Também podemos compreender como um local onde são preservados esses documentos “com o objectivo de garantir a sua conservação, bem como o acesso e facilidade de consulta.” (Porto, 2013, p. 14). No entanto, muitos autores têm-se dedicado à conceitualização do Arquivo.

“Arquivo é o complexo de documentos produzidos ou recebidos segundo uma correlação original e espontânea de conteúdo e de competência de uma administração, durante a atividade desenvolvida para atingir os próprios fins práticos ou para a execução da própria função.” (CASTRO et al, 1988: 30).

Na minha perspetiva, um Arquivo constrói-se, ou seja, acontece independentemente do tema ou da informação que vai surgindo. Pode ser simplesmente uma folha com dados históricos.

No que diz respeito ao Património documental, devemos considerar que é importante, dado que interliga-se ao conceito de documento duplo sentido e de recurso. Sendo assim, o documento tem o seu significado cultural, ou seja, um documento não deixa de ser uma unidade de informação. Todos os documentos elaborados são fontes importantes. As suas informações são datadas consoante o seu registo ao longo da história. Todo este material é baseado conforme a sua atividade histórica, científica, política e social. São trabalhos de testemunho original e relevantes para a sociedade que se encontra em constante estudo.

1.5 PROGRAMA MEMÓRIA DO MUNDO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)

Existem algumas entidades internacionais dedicadas à proteção do Património Imaterial e da História tais como como o Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Segundo a UNESCO, “o Património documental mundial pertence a Todos. Deveria ser inteiramente preservado e protegido, e constantemente acessível a todos, sem qualquer obstáculo.”².

Este programa foi criado em 1992 e tem como principal objetivo de auxiliar na melhor preservação do Património documental a nível mundial através de “práticas adequadas; como também promover o acesso universal ao Património documental; assim como, incentivar a compreensão internacional da existência e influência que o património documental tem” (Mundo, 2002). Este programa, atua com outras entidades com a finalidade de se ajudarem mutuamente, prevendo assim, uma melhor seleção dos bens que deverão ser considerados Património. Assim, avançam para o seu registo e ao mesmo tempo estabelecem os critérios de avaliação dos mesmos.

Os critérios são definidos como: a) tempo; b) lugar; c) pessoas; d) assunto e tema; e) forma e estilo. Para além destes critérios devemos considerar “quando do Registo, os seguintes elementos: a autenticidade do documento ou da coleção, a unicidade e autenticidade da(s) obra(s), a raridade, a integridade, o grau de ameaça ao bem ou à coleção de bens e a possibilidade de implantação de um plano de gestão pela instituição solicitante”. (Rodrigues, jan./abr. 2016).

²Site pesquisado: 10/09/2022
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

Na perspetiva do Arquivo, a sociedade tem vindo a evoluir como também a sua organização, ou seja, houve um desenvolvimento na consciência humana, no que diz respeito à relação do valor dos documentos. Isto também implica o registo das diversas atividades, surgindo através dos Arquivos o objetivo de proteger os tesouros culturais da época. É a partir destes documentos que podemos “identificar a presença do património cultural nos documentos” (Flores, 2017, vol.7, nº1). Alguns documentos têm de passar por um processo, em que são avaliados e *a posteriori* são considerados um documento de importância duradouro.

“... o documento de valor permanente é um bem cultural móvel, componente do património cultural nacional. Como tal, ele tem direitos assegurados à sua integridade física e, tal como outras modalidades de bens culturais, recebe o amparo legal quanto ao seu domicílio, guarda e proteção dentro do meio administrativo, jurídico e social que lhe deu origem, função e sentido” (Belloto, 2014, p. 92).

A UNESCO tem vindo a sensibilizar a população para a preservação dos documentos e as suas fontes. Levou à necessidade de haver uma conservação do Património documental digital através da “Carta da Unesco sobre a conservação do Património digital e da Declaração de Vancouver UNESCO/UBC cujas medidas devem ser adotadas pela UNESCO, os seus Estados membros, as associações profissionais e a indústria.”³

Em 1993, foi criado um “Comité Consultivo Internacional”⁴. Esta instituição visa produzir uma ação à qual, “preconizou que a UNESCO desempenhasse um papel de coordenador”⁵, sensibilizar os governos, fundações e organizações internacionais, formando assim, parcerias para viabilizar na realização de trabalhos referentes à área em estudo.

Porém, este programa tem como princípio de que determinadas coleções, documentos ou os fundos do Património façam parte do Património da Humanidade como “os sítios que se revestem de um interesse universal excepcional são inscritos na Lista do Património Mundial da UNESCO”⁶. Deste modo, as coleções, fundos e documentos são considerados possuidores de um valor transcendente que ultrapassa épocas, culturas e fronteiras, sendo assim, deverá ser conservado para as futuras gerações.

³Site pesquisado 10/09/2022

[https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-](https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao)

⁴Site pesquisado 10/09/2022

[https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-](https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao)

⁵Site pesquisado 10/09/2022

[https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-](https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao)

⁶Site pesquisado 10/09/2022

[https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-](https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao)

Este programa integra uma diversidade de conhecimentos e disciplinas resumindo assim os pontos de vista dos profissionais bibliotecários, arquivistas e dos profissionais museólogos.

Geralmente, os funcionamentos deste programa consistem numa realização de um quadro de diferentes dispositivos, particularmente nas Convenções da Unesco, recomendações e programas. É a partir daqui que as coleções são divulgadas para conhecimento mundial e da sua importância.

Com o registo da “Memória do Mundo”⁷ pertencente a este programa, foi fundado a partir do “estabelecimento das Orientações do Programa (1995)”⁸. Temos também alguns documentos de extrema importância para a Humanidade tais como, o documento original da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789-1791), a 9ª Sinfonia de Beethoven, a Coleção fotográfica do Imperador D. Pedro II do Brasil, o Arquivo de Astrid Lindgren e a Carta de Pêro Vaz de Caminha, primeiro bem português inscrito aquando da reunião do Comité Consultivo Internacional (IAC) em 2005⁹.

Estes documentos que nos chegam aos dias de hoje, são importantes para a existência da nossa Humanidade devido à sua história, desenvolvimento da cultura, da sociedade. Atuam como um registo da existência do seu acontecimento que por si só já é algo relevante e marcante para uma sociedade que se encontra em constante estudo.

Concluindo, assim, podemos compreender que o Arquivo e Património documental é algo existente e permanente, que representa os conceitos, formas, e valores abstratos de uma sociedade. Vai construindo e desenvolvendo o modo de pensar da Humanidade. Paulatinamente, temo-nos preocupado em conservar e preservar a memória da humanidade. Como é o caso da minha tese que abordando as memórias do Cerco de Malta 1940-1942, em plena Segunda Guerra Mundial, pretende através da documentação de arquivo construir um contexto que por sua vez nos levantou a problemática de como foi vista em Portugal nesta mesma época.

⁷Site pesquisado 12/09/2022
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

⁸Site pesquisado 12/09/2022
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

⁹Site pesquisado 12/09/2022
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

1.6 PROJETO TESOUROS DIGITAIS EUROPEUS

No decorrer das últimas décadas, houve uma necessidade de criar uma instituição onde os seus acervos arquivísticos fossem reconhecidos com o seu valor histórico-cultural, várias instituições incluindo os Arquivos de Malta e Portugal se encontram incluídos nesse projeto “European Digital Treasures Project” (Annual Report 2021, 2021, p. 113)., o projeto teve três exposições que decorreram entre 2021 e 2022:

“Three exhibitions will roam through Spain, Portugal, Norway, Austria, Malta, and Hungary during 2021 and 2022. Each roaming exhibition will focus on a specific topic – each telling a story of shared European history: “The Construction of Europe: History, memory, and myth of Europeanness over 1000 years. Exhibition 1 – led by Hungary with the support of Malta – will show 50 different digital documents, Exiles, migratory flows and solidarity. Exhibition 2 – led by Norway with the support of ICARUS – will show different digital documents; European Discoveries: From the New World to New Technologies. Exhibition 3 – led by Portugal with the support of Spain – will show 45 different digital documents”¹⁰

¹⁰ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>



Fig.1 Infografia da exibição do Projeto Tesouros Digitais.¹¹

Fonte: <https://www.digitaltreasures.eu>

Podemos considerar que os arquivos europeus são de certa forma os recursos fundamentais para o desenvolvimento da cultura e da história europeia. Este projeto, aborda as provocações digitais de uma sociedade, relacionando assim com a gestão e transmissão do consórcio histórico e documental europeu.

Este projeto visa uma aproximação do património comum, mas especialmente com uma visão sobre o património digital, com uma maior visibilidade, divulgação e da sua utilização. A primeira exibição é liderada pela Hungria e Malta abrange “14 valuable records in connection with the

¹¹ Ver Anexo 1

influence of antiquities on science and education”¹², a diversidade da Europa em questão da cultura, religião, ética e diversidade nacional pois, são 12 registos digitais “European culture has always been based on the customs, philosophies, beliefs, and experiences of multiple communities”¹³. Também a herança intelectual do Iluminismo que vai ser demonstrado no final da exposição, onde é baseado na crença da liberdade e racionalidade, com o suporte de 10 discos.

A segunda exibição é liderada pela Noruega com o apoio da ICARUS onde mostrará um total de 47 documentos sobre a migração relacionada com o trabalho, “people travelling across the continent in order to exercise their trade, or to find more general employment”¹⁴ guerra “case where people have been displaced or have fled into exile to escape the effects of total war”¹⁵, e por fim, a revolta política, turbulência e perseguição “tales of intolerance, persecution, exploitation and rebellion of European history”¹⁶.

Por fim, a terceira exposição é liderada por Portugal e Espanha onde apresentará um total de 45 diferentes documentos digitais, sobre a medicina “present an overall view of the many different facets that medical knowledge and medical activities took along the ages in Europe”¹⁷; energia/indústria “covers a variety of machines and industrial procedures, with very different technological apparatus or processes from the 15th to the 20th century, with the help of 15 documents”¹⁸; e transporte/navegação “18 documents visualize machines, gadgets, inventions, maps, and a variety of other items that attest to the interest and the constant involvement of Europeans with voyages”¹⁹.

Este projeto, é cofinanciado pelo programa Europa Criativa da Comissão Europeia. Este consórcio é dirigido pelos seguintes parceiros: “Spanish State Archives (project lead); National Archives of Hungary; National Archives of Malta; National Archives of Norway; National Archives of Portugal; ICARUS – International Centre for Archives Research; Munster Technological University (Ireland)” (Annual Report 2021, 2021, p. 114).

Este projeto tem o intuito de buscar e desvendar o passado para construir capacidades como:

¹² Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹³ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁴ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁵ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁶ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁷ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁸ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

¹⁹ Site pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

“developing new business models for European archives in the 21st century to enhance the profitability and economic sustainability of digitised cultural heritage; amplifying the visibility of archives to the public by underlining the importance of protecting European heritage; reaching out to new audiences (Generation Z and Silver Generation) by encouraging the use of digital products that unlock the hidden treasures of joint heritage kept in archives; supporting transnational mobility of managers, historians, experts, graphical and industrial designers as well as archivists to activate cross-sectoral opportunities;” (Annual Report 2021, 2021, p. 129)

Este projeto teve o intuito de desenvolver-se como uma atividade de *Crowdsourcing*²⁰. Normalmente este género de projeto necessita de um número elevado de pessoas voluntárias ou não, dentro de vários parceiros encontramos a colaboração da “Universitat Politecnica de Valencia (Spain)” (Annual Report 2021, 2021, p. 130). De modo, a que este grupo-alvo seja envolvido em diferentes tarefas que ao longo do tempo contribuíram para uma criação de novos conteúdos digitais. O NAM foi um destes parceiros que participou e disponibilizou documentos para serem digitalizados como também, deveria haver “documents was to be transcribed by persons from this cohort” (Annual Report 2021, 2021, p. 130). Por sua vez, a contribuição fez com que houvesse uma melhoria no reconhecimento do manuscrito utilizado para a sua “automated transcription and Probabilistic Indexing powered by Artificial Intelligence (AI)” (Annual Report 2021, 2021, p. 130).

O principal foco das tarefas foi a seleção de índices de embarques digitalizados, que foram disponibilizados “from the national Archives holdings. These included five volumes (Items 1, 10, 20, 30 and 40)” (Annual Report 2021, 2021, p. 131). Os participantes foram solicitados a transcrever os dados dos viajantes, desde os nomes, a data de embarque e o local do embarque, através de um sistema “by using a handwritten text recognition system accessed via internet” (Annual Report 2021, 2021, p. 131). Através desta utilização indexada, o sistema consegue reconhecer o texto escrito com as imagens digitalizadas²¹.

2. MALTA COMO REPOSITÓRIO VIVO DA HISTÓRIA

A posição estratégica de Malta entre a Europa, o Norte de África e o Médio Oriente despertou o interesse de muitos povos por este arquipélago, que desempenhou um papel importante na

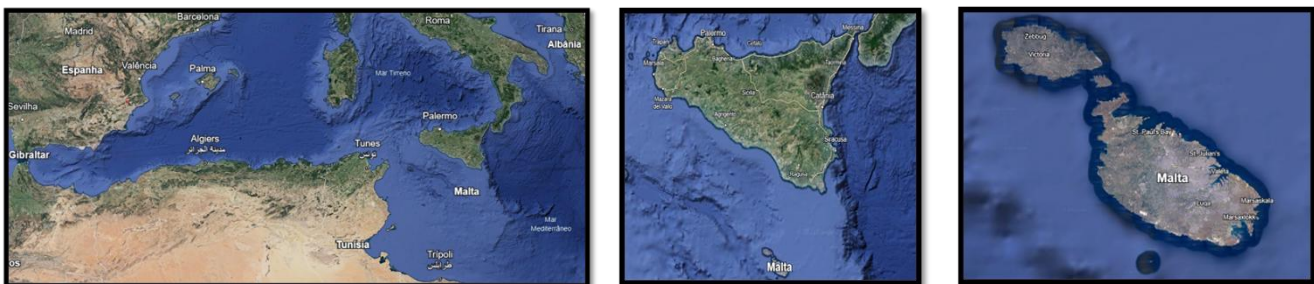
²⁰ Crowdsourcing: é a prática de obter informações ou de contribuir para um projeto, onde é necessário um grande número de pessoas (voluntariado ou pago), geralmente ocorre por via internet.

²¹ Ver anexo 2

história de muitos países, “This position is further enhanced by the two excelente harbours found on the east coast, Marsamxett and Grand Harbour; the latter amongst the finest natural harbours on the globe. Whoever possesses these harbours can decide who passes from one end of the Mediterranean to the other” (Stephenson, 2004, p. 7). Embora, Malta seja um dos menores países do continente europeu, o seu papel na história foi fundamental. Desde os primeiros assentamentos pré-históricos em 5000 a.C.

“Malta consists of a miniscule central Mediterranean archipelago whose geographical isolation made possible the development of peculiar characteristics which started from prehistoric times. The same cultural influences from neighboring southern European and North African states continued to be integrated into the socio-cultural fabric of Malta. This may be particularly said of Italy of the pre-unification days, and more specifically of nearby Sicily”. (Cassar, 2000)

Até à adesão à União Europeia em 2004, Malta esteve sujeita a várias ocupações que moldaram a sua arquitetura, língua e cultura.



Mapa 1 – Mapa de Malta

Fonte: Google Earth (três takes da ilha 1. malta – mediterrâneo; 2. malta-italia; 3. Ilha de Malta)

Desde 800 a.C., Malta pertenceu aos fenícios, que usavam as ilhas como ponto de abastecimento nas suas rotas comerciais pelo Mediterrâneo. A República Romana ocupou Malta durante a Segunda Guerra Púnica, com Cartago. Durante a época romana, a ilha prosperou, o tamanho da cidade-estado triplicou e melhorias significativas foram feitas. Após a dissolução do Império Romano do Ocidente, os bizantinos ocuparam Malta por quase quatro séculos até se tornar um alvo para os árabes no final do século IX. A população converteu-se ao Islão para evitar represálias e adotou alguns dos seus costumes que ainda são visíveis atualmente. A língua maltesa vem do árabe e mantém muito da sua fonética.

2.1 O RETORNO DOS CRISTÃOS

A Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários, oficialmente “Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta” (Flavigny, 2006, p. 22), é uma organização de origem beneditina, mas que rapidamente se tornaria numa ordem militar cristã.

A Ordem de São João, foi fundada oficialmente em 1113, em Jerusalém, com intuito de prestar serviço aos peregrinos que iam em direção à Terra Santa como tinha outro propósito “soon acquired a military role, and shared fully in the crusading activities of the time” (Cassar, 2000, p. 83). Em 1120, a ordem nomeia um novo grão-mestre, Raymond du Puy, substituindo este a regra agostiniana pela regra de São Bento.

A partir de 1136, o Papa Inocêncio II, adicionou a função militar com o intuito de defender o Santo Sepulcro. A 7 de abril de 1145, é concedida a “bula Militia Dei” (Peña, 2009, p. 89), atribuindo assim o poder de ter as suas próprias igrejas e cemitérios, aumentando assim a autonomia em relação à Santa Sé.

Em 1291, depois de terem sido empurrados para fora do seu último reduto de Acre (Kraak dos Cavaleiros), permaneceram em Chipre nos duzentos anos seguintes (1309-1522), e depois passaram à ilha de Rodes. A ordem de Malta estabeleceu-se nesta ilha em meados de 1530 e perdurou até 1798. Com as invasões napoleónicas foram expulsas e fixaram-se em Roma, onde continuam atualmente.

Em meados de 1312, com a extinção da Ordem dos Templários, Malta ficou com boa parte das propriedades pertencentes à ordem extinta.

Ao longo da sua permanência na ilha, organizaram-na da seguinte forma: “Being composed of knights from different countries of Europe, its internal organization reflected this diversity in the development of langues (division by language), centered each upon an individual auberge (inn)” (Cassar, 2000, p. 83).



Fig. 2 Ordens Militares Medievais.

Fonte: <http://ordemdoscavaleirostemplarios.blogspot.com/2008/03/cavaleiros-templarios.html>²²

Este sistema assegurava a integração dos novos cavaleiros e assim poderiam viver em comunidade. Com a captura de Rodes tal obrigou a que a Ordem andasse a vaguear por alguns anos à procura de uma base temporária no Mediterrâneo para que pudessem reconquistar Rodes. O Imperador Carlos V, dos Habsburgos, já havia oferecido "the islands of Malta, Gozo and the Spanish fortress of Tripoli in North Africa to the Order" (Cassar, 2000, p. 83), mas o Grande Mestre L'Isle esperou por algo melhor, mas foi apenas em 1529 que se decidiu aceitar a Ilha de Malta. Os Cavaleiros da Irmandade de Malta, como já referido, estabeleceram-se na ilha em meados de 1530, após serem expulsos de Jerusalém pelo Império Otomano. E como refere Stephenson, o Imperador Carlos V, entregou as ilhas de Malta: "(...) them with the island of Malta, together with Tripolis, and the islands of Gozzo and Comino, under the condition that they should wage an incessant war against the pirates and infidels" (Stephenson, 2004, p. 8)

²² Pesquisado 2022 de novembro de 4: <http://ordemdoscavaleirostemplarios.blogspot.com/2008/03/cavaleiros-templarios.html>



Fig.3 Cerco de Malta.

Fonte: <https://www.independent.com.mt/articles/2018-09-05/local-news/Against-all-odds-Remembering-the-Great-Siege-of-1565-6736195697>²³

Nos inícios de 1565, o Grão-Mestre recebeu informações dos seus espiões que se encontravam em Constantinopla sobre uma possível invasão à ilha. Jean de la Valleta cometeu um grave erro na previsão, ao começar com algum atraso as medidas de defesa mais elementares, como: recrutar soldados, acumular bens essenciais, como evacuar os cidadãos para locais mais seguros, utilização da estratégia de terra queimada, complicando assim o abastecimento do inimigo.

A imponente armada Otomana chegou a Malta em força, a 18 de maio de 1565, mas não desembarcou de imediato. Segundo as palavras de Iacomo Bosio, estas citadas por Carmel Cassar, dizem-nos o seguinte: "A little before sunrise, the Turkish armada could be distinctly viewed some fifteen or twenty miles from Malta beyond Marsaxlokk; it was in full sail, in such a manner that with its white and cotton canvas it was covering half the horizon towards the south". (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 101). A frota otomana era composta por cerca de 190 embarcações, segundo Francesco Balbi di Correggio, para o cerco a frota otomana carregava

²³ Pesquisado 2022 de novembro de 4: <https://www.independent.com.mt/articles/2018-09-05/local-news/Against-all-odds-Remembering-the-Great-Siege-of-1565-6736195697>

o seguinte “28, 000 fighting men, including an élite force of 6,300 Janissaries (one-third of entire Janissary army) and 6,000 volunteers” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 101).

Ao mesmo tempo, a ilha encontrava-se num alvoroço. Havia um som de batida de armas, a serem polidas, a prepararem os cavalos, os camponeses carregando os seus bens domésticos (animais, cereais), levar os seus filhos para um local seguro, algumas colheitas que já se encontravam cortadas e estavam a ser transportadas para as fortalezas para conseguirem aguentar o que aí vinha: O Cerco.

Inicialmente, a frota otomana fez uma paragem em Marsaxlokk, passado pouco tempo dirigiu-se para Mgarr e atracaram os seus navios, os camponeses ficaram horrorizados com o seu destino.

“The countryfolk soon jumped to the conclusion that its first objective was Mdine. The result was a concerted move by the peasants to seek refuge in Birgu and Senglea which seemed to offer better security. The inhabitants of Mdina and those who sought shelter there aghast at the terrible fate that seemed to stare them in the face.” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 102)

Os camponeses, decidiram refugiar-se em Senglea e Birgu, que na ideia deles lhes daria mais segurança. Fora enviado um emissário até à capital com o intuito de saber o destino da população que se encontrava em Mdina e caso esta cidade fosse abandonada poder-se-ia providenciar abrigo para o povo de Mdina. Mas, na opinião do Grão-Mestre a cidade deveria ser guarnecida por “contingent of professional soldiers who were to be supplied with arms and ammunition” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 102).

A angústia da população por ter de abandonar a cidade é evidenciada num poema de Luca d’Armenia em resposta desde o aparecimento da frota otomana até à resposta de La Valette:

“O unhappy Malta in the past fifteen centuries Christ's holy faith was always your light. Always constant in faith, grateful and loyal to all kings and to your rulers. Grand Master La Valette, like the great Caesar, Jove permitting has kept you safe from the great fleet of the Orient. Now fury or anger or a heavenly sentence is against you, powerful of his fleet, he prepares a return in blood and fire. Alas we flee our native land, we leave the city by herself dispersing each one according to one's fate. Sad city, farewell, farewell for a second and third time, we are left to our tears and grief, no other city will be like you, farewell” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 102)

Segundo La Valette, a evacuação não seria necessária pois, encorajou a que o povo maltês cumprisse o seu dever como vassalo. O Grão-Mestre prometeu-lhe enviar soldados para defender Mdina sendo enviados os seguintes regimentos:

"(...) militia regiments of Zejtun, Birkirkara, Qormi and Birmiftuh (Gudja) – around 2,370 men – apart from the cavalry under the knight Giovanni Vagnon.

At the start of the siege, La Valette retained under his direct command some 6,100 combatants of which 3,000 were Maltese, 500 knights, 500 originally enrolled as Galley soldiers, 200 Greek and Sicilian familiars of the Order, 200 Italian and 400 Spanish infantry soldiers." (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 102).

La Valette correria um grande risco ao enviar tantos homens para defender Mdina, uma vez que a cidade iria ficar desprotegida, caso os otomanos tivessem outros planos de ataque. No dia 19 de maio, o Cerco deu-se início e as forças otomanas desembarcaram em Marsaxlokk dando assim início ao ataque onde várias vidas foram colhidas. La Valette ponderou em dar retirada dos seus homens para os enclaves fortificados enquanto o exército Otomano se instalava na parte plana e baixa de Marsa. Porém, o fator tempo foi algo crucial para os turcos. Estes estiveram quase quatro meses à disposição para vencer os Cavaleiros de Malta, pretendendo desse modo, invadir Gozo ou Mdina. Não era uma boa ideia dado que, eram locais que se encontravam bem defendidos devido à sua experiência em 1551, "experience had taught them that they must sieze St. Angelo and Birgu if they were to take Malta since the Order would make a last ditch stand in fort St. Angelo if the worse were to come to the worse" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 103).

A preparação e reestruturação das defesas da cidade²⁴, "St Elmo is the Key to Malta, pronounced Jean Parisot de la Vallete" (Stephenson, 2004, p. 7), como os fortes de St. Michael em Senglea e o Fort St. Angelo em Birgu, como as muralhas a sul da ilha. Quem conseguisse ocupar estas posições poderia exercer o controlo sobre o Gran Harbour. Estrategicamente, estas construções têm como objetivo fundamental "protection of the vitally important harbour area, with perhaps two exceptions: the city of Mdina and the island of Gozo" (Stephenson, 2004, p. 7).

A verdadeira batalha só aconteceu a 21 de maio, após o corpo principal dos turcos terem desembarcado finalmente a sul do grande porto de Marsaxlokk, e assim, deu-se início ao confronto destas duas nações.

No conselho otomano havia alguma discórdia qual seria o melhor forte a ser atacado primeiramente.

"After the Turks had reconnoitered Birgu and St. Michael they met in concil to decide which fort should be bombarded first. Mustaphà who was supported by the greater part of the council, was of the opinion that Mdina, Birgu and St. Michael should be bombarded simultaneously. Mustaphà

²⁴ Ver Apêndice 1 – Mapa dos fortes

told Piali it was his opinion that he should go to Mdina with ten thousand men and ten guns to bombard it whilst he himself would bombard Birgu and St. Michael. Had Mustaphà's plan been followed the island would have been lost. But Piali irritated by the superior following commanded by Mustaphà did not support the plan." (Cassar C., A Concise History of Malta, 2000, p. 104)

No ponto de vista de Piali e do conselho, a melhor opção seria atacar St. Elmo e, desse ponto estratégico dar entrada na ilha. Desse modo, a frota poderia entrar por Marsamxett. Mas, o plano não ocorreu como esperado. Pensavam que iriam vencer o forte de St. Elmo em menos de 15 dias, mas o bombardeio ao mesmo ocorreu até meados de 23 de junho. Assim, o Grão-Mestre conseguiu reforçar os outros fortes, uma vez que, ele sabia "whatever happened, the Ottomans could not take the island before the fall of both Birgu and Sanglea" (Cassar C., A Concise History of Malta, 2000, p. 104). Com isto, conseguiu enviar as mulheres, idosos e crianças para Birgu de modo a ficarem somente os oitocentos homens a defender o forte contra os ataques dos otomanos.



Fig. 4 O mediterrâneo em 1565 Fonte: (Stephenson, The Fortifications of Malta 1530 - 1945, 2004 , p. 7)

A batalha entre os turcos e o povo maltês fora intensa e a vitória sobre os turcos, no ano de 1565 foi descrita como um acontecimento marcante: "a new phase of the Spanish recovery, a recovery which was not achieved by accident and which was pursued diligently throughout the year 1565" (Cassar, 2000, p. 86). Através da afirmação de Cassar, podemos compreender que o Cerco provocou uma transformação radical na vida dos habitantes da ilha. Para muitos, foi o fechar de uma era, uma rutura com o passado que se manifestou de todas as formas. Pouco depois do

Cerco, houve um aumento da migração para a Sicília, “coupled with the continual evacuation of the countryside by a peasantry attracted to city life, led to extensive rural depopulation”. (Cassar, 2000, p. 86), com esta mudança drástica houve uma destruição generalizada de casas, campos e gado fazendo com que houvesse uma mudança na disposição geográfica das povoações, situadas fora das fortalezas da ilha.

No decorrer dos 250 anos que a Ordem esteve presente na ilha, esta realizou uma restauração abrangente em todos aspetos da ilha. Contudo, uma das maiores conquistas da Ordem foi resistir ao Grande Cerco de Malta (18 de maio a 11 de setembro de 1565) e combater as tropas Otomanas que tentaram invadir a ilha com o dobro das forças existentes nela. Após a vitória dos Cavaleiros de Malta, o mestre Jean Parisot de la Vallette fundou a capital de Malta à qual, temos conhecimento nos dias de hoje, como La Vallette.

2.2 HOSPITAL SANTO SPIRITO

Um hospital²⁵ foi erguido em Rabat, parte da cidade de Mdina, dedicado ao Espírito Santo, na língua maltesa “Santu Spirtu”, (Vella, *The Hospital of Holy Spirit at Rabat, Malta, and its Latin Inscriptions: A Review*, 2007) sendo hoje usado como Arquivo Nacional de Malta.

Os primeiros registos sobre este hospital às portas da cidade de Mdina remontam até meados da Idade Média. Segundo Paul Cassar, Mdina tornou-se um porto de abrigo para as populações maltesas durante os raides de piratas que assolavam constantemente a ilha. Desse modo, com o aumento da população na cidade, tornou-se necessário a criação do hospital que estamos a abordar, sendo que este serviu como variados propósitos em diversas épocas. Mdina, ao longo dos séculos, tornou-se assim num local de grande importância, e citando de novo Cassar: “In the Middle Ages Mdina, as the only city on the Island, was the seat of the civil and military administration and of the ecclesiastical authorities.” (Cassar P., *Medical History of Malta*, 1965, p. 23).

Cassar escreve sobre uma tradição que não é comprovada nem existem evidências, sobre a fundação do Hospital Santo Spirito e São Francisco de Assis, este que também passou por Malta:

“Its origin is intimately connected with the adjacent foundation of the Franciscan Convent of the Minor Conventuals. According to a very old tradition this convent with its church was founded in 1220 by St. Francis of Assisi himself, who is believed to have come to

²⁵ Anexo 3 – planta do hospital

Malta to visit the grotto where St. Paul is alleged to have lived during his stay in the Island in A.D 60, and which is not far from the convent in question.” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 23)

Não se encontram registos para confirmar esta ideia e tradição, assim como também não se encontram registos de evidências da presença de São Francisco em Malta, sendo as datas precisas de fundação do convento e do hospital ainda desconhecidas. Assim, a origem do hospital crê-se estar ligada intimamente à fundação adjacente do “Franciscan Convent of the Minor Conventuals”, sendo que Vella diz-nos que deve ter sido construído por volta do século XIII. (Vella, The Hospital of Holy Spirit at Rabat, Malta, and its Latin Inscriptions: A Review, 2007).

Os primeiros registos do Hospital remontam a 1372, através de uma carta real emitida em “4th December 1370 by King Frederick III of Sicily” (Fiorini, Santo Spirito Hospital at Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 3). Através deste documento resulta o “batismo” do Hospital, inicialmente nomeado “St. Francis” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 24). A origem deste nome “ta’ Santo Spirtu”²⁶ suspeita-se ter vindo da igreja e do convento que se encontravam perto do hospital, que também “enjoyed the royal patronage of Kings of Sicily to whose domains Malta belonged at that time” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 24). Através das fontes, admite-se que o hospital poderá ter existido antes de 1372. Segundo a informação apresentada no documento, “The words ‘ad presens vacat’ in the first document indicate that the hospital was already in exist before 1372”. (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 4).

Desde o começo que a fundação do hospital se encontra envolta de mistérios, existindo apenas alguns registos fragmentados que, ao longo dos anos, sobreviveram até aos dias de hoje. Até meados de 1506, o hospital ainda se nomeava *St. Francis*, não havendo evidências quando esta nomeação terá sofrido alterações.

Foi o primeiro hospital em Malta, e em 1372 funcionava sob a reitoria de um “Franciscan Niccolò Papalla” (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 3), que, na altura, terá sido nomeado pelo rei de Sicília, Rei Frederico IV. Aliás, a conexão dos franciscanos a este hospital em Malta deve-se, precisamente, à reitoria de Niccolò Papalla. Segundo Fiorini, não há nenhuma menção na carta régia de 1372 de um convento franciscano, mas apenas a existência de uma igreja de St. Francis. Também nos catálogos exaustivos dos historiadores franciscanos,

²⁶ Tradução Maltês – Português: “Do Espírito Santo”

não existe alusão a que mais conventos franciscanos existissem em Malta. Fiorini dá-nos uma hipótese de que o hospital não seria administrado por frades franciscanos regulares, mas sim, por leigos terciários franciscanos sob as orientações de um membro da ordem regular. No entanto, Vella contraria esta versão e fala-nos de um convento franciscano na história de Malta de l'Abbate Pirri, em 1647.

O termo "in minibus curie nostre" (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, pp. 3-4) usado neste documento implica a jurisdição Real sobre a instituição:

"The term "in manibus curie nostrae", used in this document, implies royal jurisdiction over the institution; in fact, from time immemorial the collation had been "de Jurepatronatu Regio" (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, pp. 3-4).

A maior dúvida que persiste até à atualidade, é a data de construção deste convento e hospital, uma vez que as fontes primárias nos remontam unicamente para o ano de 1372. Outra dúvida apresentada e ponderada é a forma como estas terras terão sido atribuídas, sendo a ideia mais partilhada e conhecida por via de uma doação régia:

"May have constituted the earliest, possibility royal, endowments made jointly to church and to hospital at a time when roles within a renascent Cristian Church were not sufficiently differentiated." (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 5)

Em relação ao rendimento do convento, acredita-se que viria do arrendamento de terras, não havendo, aparentemente, grande influência da ordem franciscana em Malta, sendo então ponderada a hipótese de estes serem realizados por terciários (senhorios), "Its income depended on estates in Malta and Gozo" (Vella, The Hospital of Holy Spirit at Rabat, Malta, and its Latin Inscriptions: A Review, 2007, p. 78)

A administração do hospital passou para outra entidade devido a um "document of 1433 which shows beyond doubt that the administration of the hospital was in that year entrusted to the Jurats of the University of Mdina" (Cassar P., Medical History of Malta, 1965, p. 24).

Em 1397, o Rei Martim I da Sicília garantiu uma forma de governação local conhecida por "universitas" ou Conselho Popular.

"Though not a legislative body this municipality had, among other privileges, the power of levying taxes, appointing officials and providing corn for the inhabitants.⁵ By the

beginning of the fifteenth century we find that this municipality was also charged with the promotion of hygiene and the safeguarding of the public health" (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 12).

Assim, este órgão, "universitas", assumiu também a gestão da saúde pública em Malta. Devido à existência de queixas de abusos na gestão das propriedades do hospital, os franciscanos saíram de cena da reitoria do mesmo. O Reino de Aragão, que em 1433 tinha no seu domínio Malta, soube desta conjuntura, levando o monarca a emitir um documento a 31 de outubro para a administração do hospital:

"which he instructed the Jurats of the University to elect two procurators to receive and administer the income of the hospital and to see that the revenue was spent for the benefit of the patients under the supervision of the University and the Bishop of Malta." (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 24)

No que toca à origem do nome do Hospital, Santo Spirito, advém dos nomes comuns que os hospitais medievais europeus recebiam, tendo-o surgido por causa da Ordem Religiosa de Santo Spirito. A Ordem dos Hospitalários do Espírito Santo e da Irmandade do Espírito Santo foi fundada em meados de 1149 por Guilherme V de Montpellier com o intuito de acolher crianças pobres, doentes e abandonadas. A ordem oficializou-se em finais do século XII pelo Papa Inocêncio III através da Bula Papal no dia 23 de abril de 1198. Porém, foi o seu neto que deu uma nova vida a esta organização, levando-a a especializar-se em instalações e manutenção de hospitais com destino à maternidade, doentes e órfãos. A constituição das confrarias e ordens religiosas tinham o intuito de aliviar a dor dos doentes, que no século XII teve um papel importante no desenvolvimento demográfico desta época. Esta ordem, que se espalhou rapidamente em França, foi submetida à "Regra de Agostinho".

A mudança do nome ocorre, pela primeira vez, em meados de 1467. "The town-council session of 6th May 1467 is important for one other reason: the new hospital name of Santo Spirito in encountered there for the first time." (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 11).

Como já referido, este hospital tinha o intuito de ajudar idosos, órfãos e doentes "It received patients of both sexes and also invalid people besides sick pilgrims and foundlings" (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 26), apesar da quantidade reduzida das camas que o hospital dispunha, que por vezes, não conseguiam albergar tantas pessoas.

Segundo o autor Fiorini, em 1547, o hospital teve de empregar 19 amas –de – leite devido ao número crescente de recém-nascidos deixados na *Routa* do hospital.²⁷

Os sacramentos eram dados pelos Frades de Santo Agostinho, abrigados pelo hospital durante seis anos, onde durante esse período eram os responsáveis pelas Eucaristias:

“Very probably the association of the hospital with the Augustinian Friars started in 1551 when they were given shelter in the hospital for six years following the demolition of their own church and convent at Rabat because these buildings were obstructing the defense of the fortifications of Mdina” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 25)

Surge um novo registo da visita do Bispo Martino Royas a 1575 que não acrescentou nada à administração do hospital, porque no mesmo ano o Delegado Apostólico Mons. Pietro Duzina, realizou uma visita ao Hospital, na qual deixou um quadro detalhado e informativo sobre a situação deste local:

“The bedding consisted of a mattress filled with linen and covered with a woolen quilt. A surgeon was hired for the hospital, while the apothecary Mdina tended to the hospital’s needs” (Fiorini, Santo Spirito Hospital at Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 65)

Os cuidados prestados no hospital estavam diretamente relacionados com as casas religiosas, sendo que, não havia edifícios públicos na ilha antes da chegada “before the arrival of the Order and that, in consequence, the churches were sometimes called upon to fulfil other functions besides the purely religious ones” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 25).

A receção dos necessitados na Igreja de Santo Spirito no tempo de Duzina, dependendo da necessidade de cada pessoa, a estadia destes poderia ser temporária ou não, dependendo se eram questões de saúde, de abrigo, de fome, emprego, etc.: “procurators that the church had always been used as a hospital” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 26). Como referido anteriormente, também ajudavam nas questões de integração social, oferecendo emprego maioritariamente a judeus durante a gestão da Università “It is certain that in the fifteenth century the Università employed a two-pharmacist in the same way and under the same conditions that it employed the two-doctor.” (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 65) (...) “Unlike the town-doctors who were mostly Jews, the apothecaries were all

²⁷ Local onde eram deixados os recém-nascidos para os cuidados da Ordem.

Sicilians, or at least had professional ties with the larger island.” (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 65)

No entanto, segundo a bibliografia, perto da igreja fora construída uma grande casa com um jardim, mas “no mention is made that it was, used for the accommodation of patients” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 26).

Através das fontes podemos compreender que o hospital não tinha uma boa gestão pois, segundo o relatório do Dr. Cassar’s, a Igreja era usada como hospital:

“Dr. Cassar’s account, based on Duzina’s 1575 report, where is stated “that the reception of patients in the church of Santo Spirito in Duzina’s time was not a temporary arrangement (as) proved by the assertion of the procurators that “the church had always been used as a hospital” (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 19).

Após a visita de Duzina a esta instituição, surgiram algumas alterações, sugerindo certas medidas na receção e cuidados a ter para com os doentes, órfãos e idosos, tais como as condições da roupa de cama:

“Their bedding consisted of a mattress filled with flax and of a woollen coverlet. Apart from having to put up with this bare minimum of bedding, the patient did not even enjoy the luxury of a bed all to himself for two patients were placed in each bed in accordance with the custom of the times.” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 26)

É evidente que através da descrição de Duzina, podemos compreender que as condições do hospital não tinham avançado quase nada, e que ainda havia muito trabalho a ser feito. Portanto, Duzina tentou modificar a organização do hospital da melhor forma e impôs algumas mudanças, tais como:

“First of all he directed that the hospital should be provided with a dormitory with a wooden pavement and an altar at one end. Perhaps when he contemplated the creation of a dormitory he was thinking of utilizing part of the large house already mentioned. Evidently Duzina disapproved of the church being used as a hospital but in his order to have an altar erected in the new dormitory one can still discern the church-hospital idea—a combination that persisted for many years afterwards.²⁵ The dormitory was to contain eight beds, four on each side, and each bed was to have a palliasse, a mattress, two blankets in winter and four bed-sheets. This was a great improvement in bedding equipment but it is not known whether each bed had to accommodate two patients or not” (Cassar P. , Medical History of Malta, 1965, p. 26)

Em meados de 1580, terá tido o seu primeiro boticário residente com a sua farmácia, todavia, a principal função deste hospital consistia em cuidar dos órfãos. Possuía a *Ruota*, onde era permitido a deposição anónima dos bebés sendo que, esta foi instalada em meados de 1615:

“In the sixteenth century and later, Santo Spirito provided an excellent humanitarian service inestimable value to the community by taking under care infants, who for a variety of reasons, could not be cared for properly in their own family” citado em (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 35) pelo autor P. Cassar, op. cit. 26, 27 (livro CASSAR, P., Medical History of Malta, (London, 1964). Or “The reasons why these infants were abandoned must have been very diverse; prominent among them must have been social pressure brought to bear on unmarried mothers, but no less were poverty and illness veritable wedges that prised child away from its mother.” (Fiorini, Santo Spirito Hospital At Rabat, Malta the early years to 1575, 1989, p. 38).

Segundo o autor, esta *Ruota* é uma das mais antigas e existentes na ilha. Em 1667, existem registos de que o hospital terá sofrido alterações para acomodar cerca de dezanove camas para homens e onze camas para mulheres.

Esta *Ruota* ainda se pode ver em frente ao arquivo, ficando próximo da porta principal. As crianças que não eram desejadas eram lá colocadas e depois rodadas para o interior do hospital “the contrivance was known as the 'Ruota (Latin for 'wheel') and the earliest evidence of its existence occurs in the manuscript account of the apostolic visit of Mgr. B. Cagliares who saw it on the 28th November 1615” (Cassar P., Medical History of Malta, 1965, p. 27)

No entanto, durante a gestão de Duzzina foram impostas algumas medidas que consistiam:

“Duzzina laid down the following detailed rules regarding the reception, training and disposal of the foundlings:

1. The hospital is to continue to receive foundlings.
2. A note is to be made of the date of their reception.
3. The name of the wet nurse to whom they are entrusted is to be registered.
4. The time during which they are maintained at the expense of the hospital is to be recorded.
5. As soon as they are old enough, they are to be taught a craft.
6. Records are to be kept showing with whom the foundlings have been apprenticed, their work attendances and the nature of the trade in which they are being trained” (Cassar P., Medical History of Malta, 1965, p. 27)

Como indicado anteriormente, esta instituição auxiliava na integração social. Quando estas crianças atingiam uma certa idade eram registadas e orientadas de forma a esta integração ser bem-sucedida. Duzzina instruiu aos procuradores para desempenharem as suas funções administrativas com o zelo religioso, para estes não se desviarem do seu caminho, eram instruídos a enviar um relatório anual sobre a administração do hospital.

Em meados de 1599, os pacientes já não se encontravam alojados na igreja, demonstrando alguma evolução, o número de camas também sofreu um aumento e a presença de enfermeiras “Bishop Gargallo’s record of his visit to the hospital in 1599 is the first document that mentions the presence of female nurses” (Cassar P., Medical History of Malta, 1965, p. 27). Assim,

gradualmente, conseguiram conquistar algum reconhecimento, “the institution possessed four plates of pewter and two bowls, two small vessels for the administration of syrups and a cauldron” (Cassar, 1965, p. 28).

Em 1667, o hospital sofreu uma inspeção e nesse ano haveria “nineteen beds for men and eleven beds for women in a newly erected ward” (Cassar, 1965, p. 28)

Em meados de 1708, segundo as fontes, houve uma tentativa de separação entre pacientes, sendo designadas enfermeiras para casos específicos “one ward was set apart for fever cases while in the other ward were admitted patients suffering from wounds and ulcers—all of whom” (Cassar, 1965, p. 28). Porém, este ano foi especial, pois nos documentos aparece uma menção de uma farmácia.

2.2.1 FARMÁCIA

O próprio hospital tinha a sua farmácia que, para aquela época, era algo fora do comum.

“It is certain, however, that the pharmacy had been in existence before that year for one comes across references to an earlier hospital apothecary, Filiberto Gatt, who was Alfort’s immediate predecessor. In subsequent episcopal visits the pharmacy came in for a good deal of attention and the apothecary was required to satisfy the visiting bishop that the pharmacy was well stocked and provided with medicaments” (Cassar, 1965, p. 28).

A farmácia fora restaurada por Michael Bonnici. Dentro do pequeno museu podemos observar todos os utensílios que foram usados ao longo dos séculos, colecionados pela família do dito senhor e que podemos ver expostos na sala 3 e 4 da planta do hospital. Nesta farmácia, podemos observar os utensílios que eram usados para as medidas, os pesos, as taças, urinóis, etc. Nos séculos XIV – XVIII, maioritariamente, os médicos eram judeus e os farmacêuticos eram sicilianos “Unlike the two-doctors who were mostly Jews, the apothecaries were all Sicilians, or at least had professional ties with the larger Island” (Fiorini, 1989, p. 65).

No entanto, segundo Fiorini, o primeiro farmacêutico maltês encontrava-se sob o comando dos Cavaleiros de Malta – Geronimo Callus.

A 9 de março de 1717, o Dr. Filippo Gauci e a sua esposa deixaram uma vasta propriedade para hospital e deixaram explícito que os rendimentos que provinham dessa propriedade seria exclusivamente para ajudar os doentes nos seus tratamentos:

“The Gauds further insisted that the sick were to be accorded all the medicaments that their condition required whether their illness was of a medical or a surgical nature. Hospital

treatment was to be continued until the patient became convalescent or until it was clear that the malady had reached an incurable stage" (Cassar, 1965, p. 30)

As receitas do hospital aumentaram consideravelmente durante o século XVIII, graças às doações de vários benfeitores. Com este aumento foi possível ampliar o edifício "The hospital had undergone structural alterations in 1613 while in 1688 the chapel was rebuilt under the auspices of Grandmaster Gregorio Caraffa on the designs of Lorenzo Gafa" (Cassar, 1965, p. 30), sendo que o hospital já tinha sofrido alterações nos anos anteriores. O ano em que se verificaram mais modificações foi em 1729, após o Grão-Mestre Manoel Vilhena "when the hospital was enlarged with a view to enabling it to receive a greater number of patients" (Cassar, 1965, p. 31).

Em 1778 o hospital sofreu novas alterações seja na sua estrutura, como também a nível administrativo. Relativamente à estrutura sofreu um aumento na sua capacidade para quarenta camas, "arrangements were made for nursing mothers who entered hospital to have their babies looked after by a wet nurse at the expense of the hospital during the mother's illness" (Cassar, 1965, p. 31).

No decorrer do século XIX, o Hospital Espírito Santo continuou a ser o mais reconhecido e procurado, sendo o de Valletta o segundo.

2.2.2 CAPELA

A Capela foi consagrada em 1496, arquitetonicamente identificada como estilo barroco e posteriormente ajustada às regras do Concílio de Trento. A mesma encontra-se no centro de três enfermarias para que os pacientes tivessem mais facilidade de acesso. Podemos observar o púlpito de onde o Sacerdote poderia subir para dar o sermão (um degrau mais alto onde possa transmitir um senso de autoridade) e o altar foi redecorado consoante as normas redigidas.

Houve uma introdução de arte sacra e as imagens foram dispostas de forma a transmitir a sua mensagem de forma coerente, e referir a introdução dos confessionários onde as pessoas se podiam confessar ao sacerdote; na parte superior da capela tem um balcão onde os pacientes podiam assistir à missa, no entanto, estas alterações que a Capela sofreu eram os novos regulamentos impostos pelo Concílio de Trento. Este Concílio destacou a importância de reafirmar a doutrina da Contrarreforma após a cisão ocorrida devido à Reforma Protestante.

Em meados de 1544, este monumento histórico, através do relatório de Duzzina, foi usada para albergar pacientes desde o início, “the church had always been used as a hospital” (Fiorini, 1989, p. 19).

2.2.3 CASA MORTUÁRIA

Os pacientes, quando faleciam, eram colocados no necrotério e de lá prosseguiam para o funeral. “When these poor people finally passed away, the hospital also provided a decent burial.” (Fiorini, 1989, p. 33).

A despesa do funeral ficava ao encargo do hospital caso o falecido não tivesse como pagar: “Expenses were involved in excavating a tomb at the hospital itself, in providing a shroud (tila) for candle and incense for the service, and for the actual interment” (Fiorini, 1989, p. 33).

Como é de conhecimento geral, na época em questão, a abundância monetária era reduzida ou quase nula, sendo que a melhor forma de gerir os custos dos outros necessitados seria reutilizar as roupas dos pacientes que vinham a óbito, “All the dead person’s clothes and bedding were washed and used again by newcomers”. (Fiorini, 1989, p. 33).

Por fim, em 1967 o hospital foi encerrado, remodelado e restaurado para albergar o Arquivo Nacional de Malta.

Atualmente, ainda é possível observar alguns túmulos que foram abertos dentro do hospital.

2.2.4 ARQUIVO NACIONAL DE MALTA (NAM)

Para este arquivo²⁸ se tornar no que é conhecido atualmente, foi necessário esforço e trabalho de várias pessoas dedicadas a manter viva a história dos seus antepassados e preservar essa informação acessível para todos.

Em 1971, surgiu o impulso para criar o Arquivo Nacional de Malta (NAM), através de um Comité com intuito de preservar os registos públicos. Inicialmente o NAM fez parte do Ministério da Justiça e Assuntos Parlamentares.²⁹ Após alguns meses e através da inauguração na Casa Leoa, o arquivo foi transferido para o Palácio em Valletta, sendo o responsável pela preservação destes arquivos históricos o arquiteto Michael Ellul.

²⁸ Ver apêndice 2

²⁹ Site pesquisado a 9 de novembro de 2021: <https://nationalarchives.gov.mt/en/Pages/History.aspx>

Em janeiro de 1986, também através do Comité, para melhorar o funcionamento deste local, foi criado um cargo denominado Secretário Administrativo. Após Análise, a gestão do Palácio denotou a necessidade de elaborar novos estudos e rever a qualidade dos estudos registados anteriormente para preservar e melhorar os registos públicos. Esta mudança serviu também para melhorar o acesso da população a estes arquivos sem que estejam danificados, permitindo que as gerações vindouras os possam utilizar para as suas futuras pesquisas.

A partir desta nova gestão, foi tomada a decisão de que era necessário criar um Arquivo Nacional mais adequado, sendo a sua sede localizada em Rabat. As suas instalações escolhidas foram o Hospital Santo Spirito, sendo este um dos mais antigos da Europa. No entanto, este edifício já se encontrava abandonado desde 1967, criando uma necessidade de restauração na sua estrutura, sendo este um desafio extenso e considerado historicamente grandioso.

Nas proximidades de Mdina, existe um segundo repositório pois o registo do NAM chega a ter cerca de 20 km de arquivos, livros, ficheiros tudo no mesmo local.

Nos finais de setembro de 1987, os registos dos tribunais de justiça foram transferidos para o Palácio em Valletta e Mdina.

A inauguração deste edifício ocorreu a 28 de outubro de 1988, iniciando-se nessa data o seu propósito de pesquisa para o público. No entanto, a data de finalização da transferência destes registos e arquivos foi registada a 28 de julho 1989.

A 28 de Maio de 1994, o Presidente de Malta, Dr. Ugo Mifsud Bonnici, presidiu a abertura oficial dos Arquivos Nacionais de Malta, na qual quem se encontrava no comando dos arquivos era o Sr. Joe Caruana.

Naquela época, surgiram algumas iniciativas que foram tomadas, como a publicação dos primeiros catálogos do arquivo em CD-ROM, a inauguração de um centro de exposições, a criação de uma nova unidade de catalogação, e uma nova rede de computadores, foram algumas medidas que o arquivo tomou iniciativa para ajudar a sua integração na sociedade.

Em 2002, uma conferência de arquivos regionais fora patrocinada pela UNESCO e após uma década de funcionamento, o Arquivo Nacional sofreu uma reestruturação e o seu quadro foi atualizado de forma a melhorar o seu funcionamento e desempenho.

A 1 de setembro de 2005 foi aprovada uma lei, criando assim uma vaga para um Diretor Executivo, atual Dr. Charles Farrugia e atual diretor do Arquivo.

Com esta lei, o NAM tornou-se uma nova entidade com a sua própria pessoa jurídica, ao longo de dezoito anos, as três secções de NAM encontram-se em instalações reformuladas em Rabat (Mdina) que é, até à data, a sua localização, cujo diretor da Secção de Documentação Legal é Dr. Noel D'Anastas. Em Gozo, o diretor é Dr. John Cremona.

Gradualmente, os serviços têm vindo a melhorar, estando presente um maior foco em gerir os ficheiros e de como os preservar e, progressivamente, estes têm vindo a ser digitalizados permitindo assim o seu acesso.

Atualmente, o arquivo está a sofrer algumas alterações, como a introdução de um elevador, que vai facilitar a mobilidade aos funcionários como aos investigadores e pessoas que visitem o local. No Arquivo Nacional de Malta em Rabat, os seus departamentos encontram-se divididos da seguinte forma:

- Sala de leitura/Serviço Público que o responsável é Dr. Melvin Caruana;

- A secção "Memoja" é o atual projeto do arquivo que vem tentando através das memórias das pessoas preservar o seu conteúdo para futuras gerações, o seu responsável é Dr. James Bodacchino;

- Unidade de Gestão de Registos o responsável é o Dr. Ivan Ellul;

- Administração o responsável é o Dr. Simon Dimech;

- Finanças é o Dr. Etienne Ferrito.

Contudo, o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, com muito esforço e dedicação, tem vindo a demonstrar os seus frutos, permitindo às gerações vindouras a compreensão do passado e o que este lhes pode transmitir.

3. O SEGUNDO CERCO DE MALTA (1940-1942)

O século XX foi sem dúvida o período em que se travaram os maiores conflitos que a humanidade tem conhecimento. As duas guerras mundiais foram, também, argumento para a expansão de territórios ou redesenhar de um Continente e podemos reconhecer este período como um marco de perda de materiais, humanas e de bens culturais a uma dimensão incomparável. Estes períodos, ocorridos durante o século XX, sempre tiveram um destaque por parte dos historiadores contemporâneos, desencadeando, conseqüentemente, diversificados estudos.

A II Guerra Mundial foi travada entre 1939-1945, na qual as maiores potências ocidentais se defrontaram: Aliados (Grã-Bretanha, França, União Soviética e Estados Unidos – a partir de 1941, após o Japão ter, entretanto, atacado Pearl Harbour); por outro lado, no Eixo, podemos incluir a Alemanha, Itália e o Japão. O confronto entre estas potências nem sempre foi “homogênea” (Quétel, 2010, p. 68): desde o princípio, que o Eixo pretendia uma guerra rápida e a hegemonia no campo de batalha. Em meados de 1941-1942, os Aliados obtiveram uma conquista avassaladora pois, após o desentendimento de Hitler com Mussolini, o Eixo começou a sofrer constantes derrotas, cada vez mais acentuadas, apesar da resistência significativa por parte dos Países do Eixo, fazendo com que a guerra fosse prolongada até 1945.

Através de vários estudos foi compreendido que a causa deste conflito advém da “ascensão do partido nazi na Alemanha” (Tavares, 2018, p. 12). Após a I Guerra Mundial se dar por terminada, os países que saíram a perder, principalmente a Alemanha, sentiram-se injustiçados pelas condições do Tratado de Versalhes³⁰ e, devido a essas imposições, foi o suficiente para que o partido de Adolf Hitler e o povo alemão ressurgisse das cinzas e voltasse a ser, outrora, a nação poderosa que fora no passado, devido ao “apoio em massa às ideias de Adolf Hitler, que, para o povo alemão, vinha para restaurar a grandeza germânica.” (Tavares, 2018, p. 12). Os ideais de superioridade para com a nação e a raça ariana foram alguns fundamentos que estiveram na base do imperialismo que levou ao início da expansão territorial e ao ataque de outros países inclusive a Polónia, “a invasão deste último país originou a declaração de guerra por parte da Grã-Bretanha e da França” (Tavares, 2018, pp. 12-13).

³⁰ O Tratado de Versalhes consistiu em que a Alemanha deveria aceitar todas as responsabilidades por ter causado a guerra e que sobre os artigos 231-247 deveria se responsabilizar pelas reparações. Fonte (25/11/2021: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_\(1919\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_(1919)))

Em 1941, a guerra também se alastrou para outros territórios europeus e para as suas posses em África e no Médio-Oriente. No mesmo ano, a Ásia sofreu uma “guerra relâmpago conduzida pelo Japão que ocupou em poucos meses todo o sudeste asiático” (Tavares, 2018, p. 13), e também a tentativa alemã de invadir a URSS e o ataque por parte do Japão a Pearl Harbour – base militar dos Estados Unidos no Havai, que naquele período era um país neutro –, um ataque militar surpresa por parte do Serviço Aéreo Imperial Japonês. No mesmo ano, deu-se a entrada oficial dos Estados Unidos da América na II Guerra Mundial. Este conflito militar foi, então, a principal razão para a entrada dos Estados Unidos nesta guerra.

Até à data, os Aliados tinham vindo a sofrer ataques constantes do inimigo – “os Aliados sofriam ataques, como por exemplo, os bombardeamentos suportados por Londres e não conseguiam um avanço significativo nos campos de batalha (fase da Blitzkrieg, caracterizada pela supremacia do Eixo)” (Tavares, 2018, p. 13)– e podemos compreender que, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, acabou por ajudar a desenvolver outros acontecimentos, para que a guerra tomasse um rumo diferente, assim sendo, a guerra ganhou uma outra hegemonia.

A partir de 1942, a II Guerra Mundial ganhou um novo rumo no qual “os países dos Aliados ganharam paulatina e progressiva hegemonia na guerra, resultando, a partir de 1944, numa Alemanha completamente cercada pelas forças aliadas, com a entrada de tropas britânicas e americanas em território italiano” (Tavares, 2018, p. 13). Assim sendo, com a rápida progressão dos Aliados perante as forças do Eixo, em 1945 a guerra dá-se como terminada. Também neste ano as forças do Japão renderam-se, após as duas bombas atómicas terem deflagrado no seu solo a 6 e 9 de agosto (Hiroshima e Nagasaki).

Este período caracterizou-se principalmente por uma perda massiva de vidas, não só no campo de batalha, como também aos inúmeros ataques a civis, também no seguimento do Holocausto, um extermínio de vidas, culturas e etnias, também foi caracterizado como sendo um período intensamente destrutivo culturalmente e humanitariamente. A vitória era incerta, “as condições económicas e sociais que um conflito armado acarreta, bem como razões de ordem político-diplomática ditam a neutralidade de algumas nações” (Tavares, 2018, p. 13). Temos o exemplo de Portugal, Suécia, Suíça, Irlanda e Espanha, que foram alguns dos países que se mantiveram neutros durante este conflito mundial.

3.1 MALTA NO DECORRER DO SEGUNDO CERCO

Quando vamos desenvolver esta emblemática história que decorreu durante a 2ª Guerra Mundial, não podemos esquecer as aeronaves e os seus pilotos que foram, também, importantes para a defesa da ilha de Malta e a importância das defesas ofensivas dos Aliados contra o Eixo, como também a grande ambição do Eixo perante o norte da África e do Médio Oriente.

A tempestade já se debatia por toda a Europa, e a Segunda Guerra Mundial já se tinha espalhado por todo o continente europeu. Em maio de 1940, Malta não se tornou exceção à regra, o povo maltês teve conhecimento deste ato através dos media que Inglaterra se tinha aliado à França contra a Alemanha³¹. Através das notícias já se encontravam cientes dos horrores da guerra que se tinha espalhado como uma tempestade rápida por toda a Europa. A força militar de Hitler não era indiferente, conquistou vários países em tão pouco tempo. “During that historic month, there was an interchange of diplomatic letters between the Hon. Winston Churchill and Signor Mussolini” (Boffa, 1992, p. 11), através desta afirmação podemos observar que Inglaterra tentou de várias formas, impedir a entrada da Itália no conflito, mas os seus esforços foram em vão. E, com a sua entrada, em conjunto com as forças alemãs espalharam o terror, o medo, caos e destruição por toda a Europa.

Para a Inglaterra, a guerra teve início no ano de 1939, quando a Alemanha declarou guerra sobre a mesma em “3 September 1939” (Stephenson, 2004, p. 50), com o desenvolvimento da guerra na África do Norte, a força naval de Malta foi transferida para o leste do Egipto privando assim a ilha da sua proteção naval. Esta força naval foi transferida para Alexandria, Egipto, através do “Anglo-Egyptian treaty of 1936, England gained use of the naval base. Alexandria was about 1,300 km east of Malta, and about 1,600 km further west was the fortress of Gibraltar” (Stephenson, *The Fortifications of Malta 1530–1945*, 2004, p. 50). Podemos compreender que a Ilha de Malta encontra-se no centro do Mediterrâneo, no meio destes locais geoestratégicos a nível militar, pois era uma rota comercial britânica para o Egipto através do Canal do Suez que tinha como destino a Índia e o Extremo Oriente, “(...) an unsinkable fortress strategically situated in the central Mediterranean, a vital link with the two nearest bases a thousand miles away at Gibraltar and Alexandria” (Cassar C., 2000, p. 215).

³¹ Ver anexo 4 – ver figura nº 343 e 344; ver anexo 8 – figura nº 372 (vertente de notícia inglesa/maltesa)

Com esta aquisição, a Inglaterra consegue ter um maior controlo marítimo ao adquirir esta base militar “it also helped to reinforce British control of the Suez Canal and thus made it impossible for the Italians to reinforce and supply their troops in East Africa”. (Stephenson, 2004, p. 50).

A posição estratégica militar da ilha de Malta, no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), em relação à Itália podemos comparar com a sua posição durante o século XVI, aquando ocorreu a mesma situação, ou seja, a interrupção de comunicação com o resto do mundo. Com estes desenvolvimentos, o povo maltês teve a preocupação para com a defesa do seu território, os britânicos decidiram aumentar a sua defesa antiaérea e de caças em Malta.

Pouco antes da guerra debater-se sobre a Europa, algumas bases militares foram sendo construídas na ilha de Malta:

“At the time of the outbreak of war in 1939 there were three airfields existing or under construction on the island: Hal Far (Fleet Air Arm), Luqa (Bomber Command) and Ta Qali (Fighter Command), in addition there was a seaplane base at Kalafrana. Construction was begun in 1940 of a satellite airfield close to Luqa, Qrendi-San Niklaw, and Safi, a narrow, rock-hewn landing strip, was started in 1941” (Stephenson, 2004, p. 56).

3.1.1 ITÁLIA ATACA MALTA

“On May 13th, 1940, while the German armies advanced towards Northern France and the British and French divisions retreated” (Boffa, 1992, p. 12).

Devido à situação apresentada, a 10 de Junho de 1940, oficialmente Mussolini declarou guerra a Inglaterra e a França. A partir da derrota dos Aliados, houve um favorecimento do poder aéreo e naval italiano.

“The entry of Italy into the war was a heavy blow to the British and the French. The latter were trying without success to stand the full course of the German onslaught. Now with Italy’s entry into the arena, the German forces well equipped and numerically superior were reinforced by the Italian Navy, the fifth in the list regarding world strength, a large army and according to General Valle, the then Under-secretary of the Regia Aeronautica, a force of about 1,400 aircraft” (Boffa, 1992, pp. 16–17).

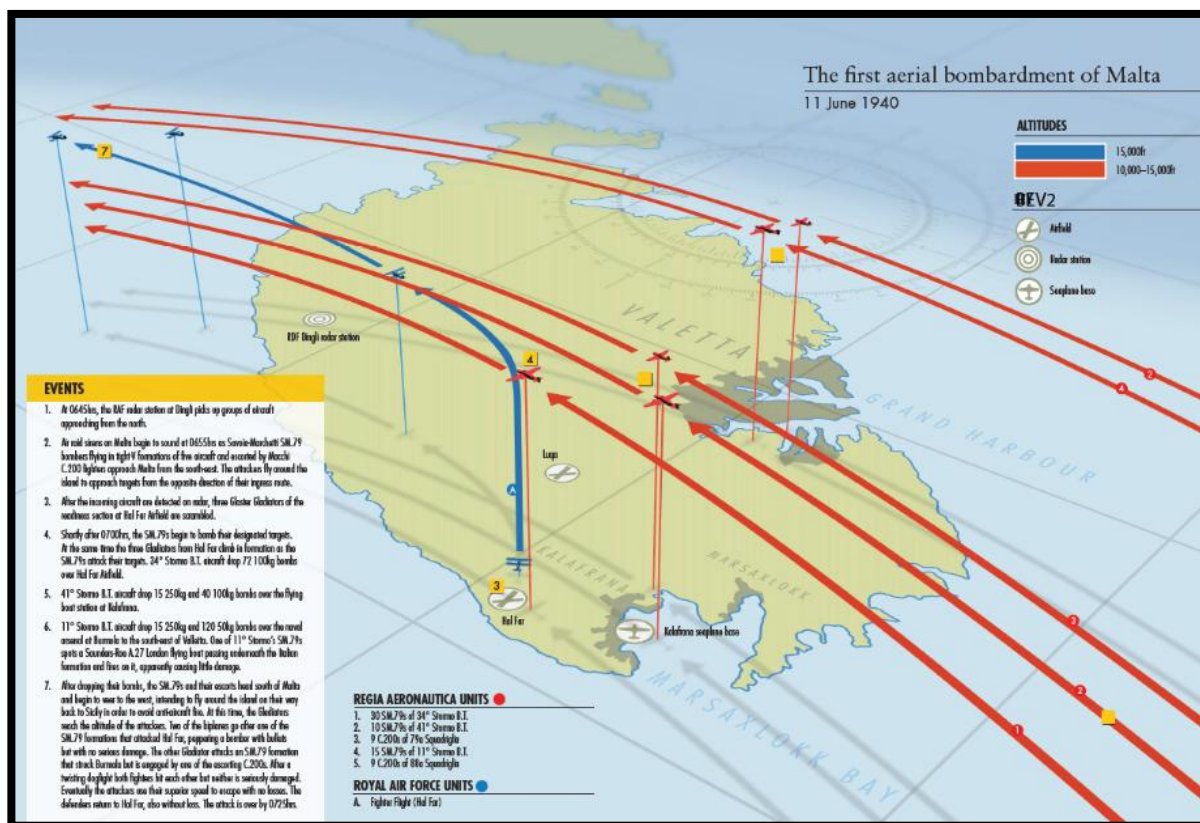
Desta forma, após Mussolini ter declarado guerra “Mussolini ddikjara l-gwerra”³² (Boffa, 1992, p. 16), o povo maltês teve conhecimento que a guerra era iminente a qualquer momento. Mussolini declarou guerra a duas potências, convocando assim, uma ofensiva por todo o Mediterrâneo, “Within a few hours of his declaration of war against Britain and France, Italian planes were

³² Tradução maltês – português “Mussolini declarou guerra”

dropping their first bombs on Malta.” (Cassar C., A Concise History of Malta, 2000, p. 216) passou de ilha insignificante dentro dos pontos estratégicos definidos a nível militar, para um ponto fulcral na reviravolta da Guerra. Esta ilha foi atacada em poucas horas, com as primeiras bombas vindas de Itália, onde foram lançadas sobre a mesma.

“In the early morning of 11 June, 55 Savoia-Marchetti SM.79s and 18 Macchi C.200 escorts undertook the first bombing raids against Malta, hitting Hal Far airfield, the seaplane base at Kalafrana, and the dockyards around Valletta. The bombers conducted their attacks at 15,000ft, dropping a total of 30 250kg and 112 100kg bombs” (Noppen, 2018, p. 30).

O som do primeiro “air raid” soou pelas 7h00 da manhã, na qual aproximadamente dez aviões italianos se aproximaram “about 4,000m and were engaged by the airborne and ground defences; antiquated Gladiator fighters, anti-aircraft guns from positions near the Grand Harbour and dockyard defence batteries.” (Stephenson, 2004, p. 50), os meios de defesa dos malteses eram os antiquados, poucos ou quase nenhuns e, em sua posse só havia, alguns *Gloster Sea Gladiators*, algumas baterias antiaéreos que se encontravam perto do grande porto.



Mapa 2: Primeiro ataque à Ilha de Malta

Fonte: (Noppen, 2018, p. 32).

O material militar que estava em posse da ilha era inadequado para a defender. “The number of anti-aircraft guns available in June was very inadequate – about 34 heavy and 8 light. There were also 24 searchlights, one radar station and a considerable number of machine guns” (Boffa, 1992, p. 87), através da afirmação do autor podemos entender o quanto a ilha de Malta se encontrava pouco ou nada preparada para defesa própria de qualquer ataque iminente vindo de qualquer círculo da fronteira, mas mesmo assim, quando surgiu o primeiro ataque conseguiram-se defender, através do Major General Sir William Dobbie, Governador e Comandante-chefe de Malta já havia antecipado e ordenado algumas precauções essenciais para defesa da ilha.

“These included earthwork defences for the airfields, and an attempt to persuade the Maltese to disperse during air raids and take refuge in caves and rock shelters. The Gladiator fighters were uncrated and assembled, one of them crashed but the other three constituted the island's only fighter protection. Conscription was introduced for able-bodied Maltese men, and two regiments – one infantry and one artillery – were formed” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 216)

No primeiro dia de hostilidades, em 11 de junho de 1940, como referido houve oito ataques aéreos, foram atacados os aeródromos e o Grand Harbour, dois navios britânicos responderam com fogo antiaéreo e conseguiram abater três aeronaves inimigas. A primeira semana foi bastante atribulada para o povo maltês, “The first raids killed twenty-three civilians and seven soldiers. During the first week thirty alerts were recorded” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 217). Os malteses logo se ajustaram a este padrão de bombardeios, mas a defesa de Malta e o poder de ataque aéreo permaneceu até finais de 1940 inadequados. Esta situação tornou-se difícil de manter os movimentos do comércio italiano pois, os navios estavam sob observação.

“It is hardly surprising that out of the 690,000 tons of shipping that the Italians sent to Libya between June and December 1940, only just above two per cent was sunk while 47,000 troops were landed without loss. On the other hand, the Italian bombers did not prove as effective as anticipated.” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 217).

Aliás, os ataques italianos não se mostraram tão eficazes como o previsto. Malta conseguiu resistir aos ataques aéreos, indubitavelmente, esteve em melhor forma de defesa quando os seus reforços chegaram.

Itália não perdeu tempo em atacar a ilha, como também em danificar as suas comunicações com Inglaterra, “was to cut two of the five cables (belonging to Cable and Wireless) between Gibraltar and Malta” (Boffa, 1992, p. 17), a linha de comunicação principal (Londres) fora perdida no seguimento de três anos, mas a comunicação com Alexandria ainda se mantinha funcional.

Em 1940, um ataque italiano à ilha teve uma pequena chance razoável de ganhar controlo sobre Malta, uma ação que deu aos italianos e, mais tarde aos alemães a supremacia naval e aérea no Mediterrâneo central. O Mediterrâneo teria sido dividido em dois, separando assim as bases britânicas em Gibraltar e Alexandria. A relutância dos italianos em operar diretamente contra Malta no decorrer do ano 1940, foi reforçada pela Batalha de Taranto, onde grande parte da frota de superfície italiana foi posta fora de ação pelos torpedeiros da Royal Navy Fleet Air Arm. Após esta situação militar, os italianos adotaram uma abordagem diferente. Isolaram a ilha, com ataques aéreos consecutivos a Malta.

Na perspetiva dos britânicos, Malta não era um território nas prioridades de defesa, pois os bens essenciais para estes, eram direcionados para o Médio Oriente.

“There were a few minor naval units in Grand Harbour, and these added to the defensive fire. This raid was to be the first of eight that day and between 11 June and the end of 1940 there were to be over 100 air raids of varying strengths by the Regia Aeronautica, supplemented thereafter by the Luftwaffe. This was done with a view to neutralising Malta as a base from which offensive operations against communications with North Africa could be mounted; a matter that became pressing following British military successes against Italian forces there and the dispatch of the German Afrika Korps to support them. British and Commonwealth forces under Wavell had begun an offensive into Italian territory on 9 December 1940 and Tobruk and Dema were captured in January” (Stephenson, *The Fortifications of Malta 1530-1945*, 2004, p. 50).

O método escolhido para atacar Malta foi o ataque aéreo. A Regia Aeronáutica iniciou o bombardeamento à ilha a partir das bases aéreas na Sicília “Malta's struggle for survival had began. From then on, and for the next three years, Britain's key link in the Mediterranean was to face the combined wrath of the Italian and German air forces” (Cassar C. , *A Concise History of Malta*, 2000, p. 216).

Após uma abertura na frente no Norte de África em junho de 1940, acabou por aumentar ainda mais o valor estratégico militar de Malta.

Sendo assim, o Eixo decidiu bombardear e submeter a ilha de Malta à fome, pois os seus pontos de ataque eram focados nos seus portos, vilas, cidades e os navios dos Aliados que se encontravam no território da mesma:

“Near the dockyard, employees were still arriving in buses to go into work. In the Grand Harbour, ferries and dghajsas³³ were ferrying workers and shoppers from the Three Cities to Valletta³⁴. Few took shelter during the first minutes of the first alarm. It was only when the first bombs were dropped that the hard facts of war began to be realized.” (Boffa, 1992, p. 17)

Malta tinha algumas unidades navais de pequeno porte na zona do grande porto que ajudaram na defesa inicial. Este seria o primeiro ataque de oito a ocorrer nesse dia fatídico para o povo maltês. “This raid was to be the first of eight that day and between 11 June and the end of 1940 there were to be over 100 air raids of varying strengths by the Regia Aeronautica, supplemented thereafter by the Luftwaffe” (Stephenson, *The Fortifications of Malta 1530–1945*, 2004, p. 50).

Os italianos escolheram uma hora exata, de modo que ninguém se encontrasse em casa. Nesse mesmo dia, ocorreram mais de 8 ataques. Esta formação aproximou-se, principalmente, dos pontos mais importantes para o povo maltês, Valetta (Capital), ao Aeródromo e *Grand Harbour*. Estes ataques não durariam mais que trinta minutos. Foi um momento de terror para os habitantes da ilha, uma vez que não se conseguiram defender, pelo facto do seu aeródromo, em Luqa, ainda se encontrava incompleto. Não tardou até que houvesse um segundo ataque, ocorrido “At 7:25 p.m. Twenty-five Italian aircraft participated in the attack, operating in formation of five. These formations approached the island from various directions and several bombs were dropped, some of them were dropped three at a time” (Galea, *Malta Diary of a War 1940–1945*, 2019, p. 6).

Ocorreram ataques consecutivos, “For the next two weeks, Regia Aeronautica SM.79s conducted several small nuisance raids against Malta, attacking in small groups usually of five to ten bombers, or attacking singly at regular intervals from the same high altitudes” (Noppen, 2018, p. 30). Tinham como objetivo atacar a defesa naval e militar da cidade, como também atacar as cidades de maior foco populacional. Estes ataques constantes, consequentemente tiveram várias baixas humanas, gado, e uma grande parte de edifícios históricos. No seguinte dia do bombardeamento, os italianos enviaram um único avião para avaliar os estragos que a ilha tinha sofrido. Contudo, no mesmo momento que sobrevoava a ilha, fora abatido.

Com a rendição da França às forças do Eixo, a 25 de junho do mesmo ano, “With France out of the war, General di Squadra Area Gennaro Tedeschini Lalli, commander of 2^a Squadra Area, was ordered to devote the full weight of his bomber units to sterilization of Malta’s military

³³ Tradução maltês – português: barco

³⁴ As três cidades – Senglea, Vittoriosa, Cospicua

infrastructure and impose a state of aerial denial upon RAF on the island” (Noppen, 2018, p. 31). As atenções dos alemães e dos italianos voltaram-se somente para Malta que, para os ingleses, naquele momento, passaria a ser a sua prioridade de defesa. A posição estratégica que se encontrava era de grande importância, pelo facto de se encontrar no centro do mediterrâneo e ter acesso marítimo e aéreo a outros pontos como o Egipto, onde simultaneamente, decorria uma campanha militar.

O cerco sobre Malta começou a ficar cada vez mais complexo. As forças italianas desde junho a dezembro de 1940, escolheram o método aéreo para os seus ataques sobre a ilha. A *Regia Aeronáutica* deu início aos bombardeios a partir das suas bases em Sicília³⁵, “To begin this objective Lalli unleashed 25 SM.79s against Hal Far and Valletta on 26 June and conducted another smaller raid on 28 June” (Noppen, 2018, p. 31). Os aviões “faith, hope and charity” (Boffa, 1992, p. 18), foram os únicos que subiram aos céus e defenderam a linha da frente contra os italianos. Embora um destes aviões fora abatido, os restantes tinham conseguido abater várias aeronaves italianas. Muitos destes pilotos eram inexperientes em operações de caça e, mesmo com todos estes desafios defenderam heroicamente a ilha. Não existiam somente 3 *Gloster Sea Gladiators*, mas sim 12. Os restantes encontravam-se armazenados.

A 19 de junho de 1940 foram transferidos alguns “*Fairy Swordfish* torpedo bombers flew to the *Fleet Air Arm (FAA)* base at Hal Far, 767 (training) *NAS*, having escaped Southern France following the French capitulation. Gradually the island began to fortify itself against the attacks, the authorities in London sent the *Hurricane* and *Swordfish* aircraft” (Latimer, 2009, p. 7), fazendo assim, o primeiro núcleo defensivo e ofensivo da ilha de Malta.

Pouco antes do final do mês fatídico de junho, conseguiram atacar a Sicília e afundar alguns contra torpedos italianos. Deste modo, conseguiram danificar os tanques de armazenamento de petróleo no porto de Augusta.

Após consecutivos bombardeamentos, havia uma grande necessidade de manter as linhas de Gibraltar, de modo que os mantimentos chegassem às linhas de defesa.

Nos inícios do mês de julho de 1940 o armamento presente na ilha era o seguinte:

³⁵ Ver anexo 5

“Allied defeats in Western Europe during the spring of 1940, however, compelled RAF Fighter Command in England to keep as many anti-aircraft guns in the British Isles as it could, but Malta’s air defence had improved somewhat by June 1940. In terms of heavy anti-aircraft guns there were 16 QF 3in 20cwt guns (22,000ft ceiling), eight QF 3.7in guns (30,000ft ceiling), and ten QF 4.5in Mk II guns (41,000ft ceiling). Light anti-aircraft armament consisted of eight 40mm Bofors guns, several QF 2-pdr pom-poms taken from naval vessels, and a number of machine guns. In addition, there were 24 searchlights. The anti-aircraft guns were concentrated around Valletta, the dockyard, and Marsaxlokk Bay; with only so many guns available at the time it seemed prudent to position them around the area’s most likely to be targeted by the Regia Aeronautica” (Noppen, 2018, pp. 23–24)

Devido ao aeródromo de Luqa ainda não estar pronto, não havia nenhum esquadrão da RAF ou da FAA situado na ilha. Portanto, tiveram que colocar ao longo da ilha baterias antiaéreas para a defesa da ilha dos constantes ataques italianos:

“Perhaps the most remarkable and valuable component of Malta’s air defence was the Air Ministry Experimental Station (AMES) 241, the first mobile radar system located outside of Great Britain. It was set up in January 1939 on the Dingli Cliffs, the highest point on the island, and could detect incoming aircraft up to 50 miles away” (Noppen, 2018, p. 24)

A 3 de julho de 1940, as comunicações começaram a ser cada vez mais escassas, o que dificultava cada vez mais os acessos, “since Mussolini’s declaration of war, publications have become scarcer” (Galea, *Malta Diary of a War 1940–1945*, 2019, p. 14), vários lotes de aviões foram transportados para ilha através de porta-aviões, “In early 1940, the aircraft carrier HMS *Glorious* took up station in the Mediterranean and put ashore 18 crated Gloster Sea Gladiator biplane fighters at RAF Kalafrana seaplane base as a reserve for 802 Naval Air Squadron which was embarked aboard her” (Noppen, 2018, p. 25)

Em meados de abril de 1940, o HMS *Glorious* teve de ser transferido para a Noruega para cobrir os desembarques dos britânicos, 12 desses *Sea Gladiators* ficaram para trás em Kalafrana, e a pedido do Vice-Almirante Andrew Cunningham foram transferidos e utilizados para formarem uma unidade de defesa aérea. A maioria das peças das aeronaves eram trazidas em caixas, e muitas destas peças seriam para substituir.

“On 19 April, four of the crated Sea Gladiators³⁶ were assembled, along with another two in early May; the remaining six were to be cannibalized for spare parts. These six aircraft formed the Hal Far Fighter Flight. The only pilots available on the island were a handful of volunteers, raised from Fairey Swordfish floatplane pilots from No. 3 Anti-Aircraft Co-operation Unit stationed at Kalafrana and several staff officers assigned to Hal Far and Luqa” (Noppen, 2018, p. 25)

³⁶ The Sea Gladiator was the aircraft carrier variant of the Gloster Gladiator biplane fighter. The Gladiator was a refinement of the company’s earlier Gauntlet fighter, equipped with a more powerful engine and possessing a maximum speed of 253mph, pp.25 “Malta 1940–42 the axis’ air battle – definição técnica do Sea Gladiator.

Embora, os *Hawker Hurricane* não estivessem presentes na ilha de Malta quando a Itália declarou guerra, estas aeronaves eram os principais caças da RAF desde o verão de 1940 até 1942. Estas foram os primeiros caças monoplane da RAF e o seu primeiro voo foi em novembro de 1935, entrando em serviço em dezembro de 1937.

“The Hurricane was generally outclassed by the slightly newer Spitfire as well as the Bf 109, but it was the RAF’s most numerous fighters by the summer of 1940. While RAF Fighter Command in Great Britain was reluctant to part with any modern fighters in the wake of the Allied disaster in France, the Italian entry into the war compelled the release of a handful of Hurricanes to the Mediterranean theatre. It was believed that the Hurricane Mk I could hold its own against the more lightly armed fighters of the Regia Aeronautica” (Noppen, 2018, p. 25)

Os ingleses demonstraram consciência de que a ilha de Malta iria assumir num futuro próximo um papel importante na estratégia militar, principalmente para a *Royal Navy*, e obviamente, o seu fator geográfico também era um ponto importante a ter em conta, uma vez que iria ser uma base importante, para mais tarde atacar as linhas de suprimento dos exércitos do Eixo, que se encontravam a combater no Norte de África.

Contudo, estas operações obtiveram sucesso. O Tenente William Weir Campbell que pertencia ao esquadrão nº230, conseguiu afundar um submarino italiano no Mediterrâneo central.

Desde o princípio dos tempos, que a ilha de Malta teve um valor militar muito importante no que diz respeito às operações ofensivas militares.

Malta conseguiu resistir aos bombardeamentos e, tornou-se numa base a partir das linhas de abastecimento do Eixo para África, de modo que fossem interditas pela força dos Aliados através dos submarinos e forças aéreas.

A ilha entrou na primeira fase e numa longa luta pela sua sobrevivência a partir de janeiro de 1941, “This struggle was to severely tax the courage and endurance of Malta's defenders and civilian population. Extensive convoy operations, known as 'Excess,' managed to bring some relief to the hard-pressed island” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 217)

No começo de 1941, a Alemanha bombardeou a ilha ininterruptamente como meio de a submeter. Quase conseguiu, se não fossem os assuntos urgentes na Rússia³⁷.

A 8 de janeiro de 1941, chegaram de Alexandria mais de quinhentos soldados em dois cruzadores, enquanto, “on two cruisers while two Operation 'Excess' ships entered the Grand Harbour with

³⁷ Ver anexo 4 – figura nº356; ver anexo 6 – figura nº 370 (vertente notícia inglesa/maltesa); ver anexo 7 – figura nº 371 (vertente notícia inglesa/maltesa).

ammunition, seed potatoes, a cargo of twelve Hurricane fighters and eight hundred soldiers” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 217).

A 10 de Janeiro de 1941, chegou a Malta um alvo importante para a Luftwaffe, o *HMS Illustrious* que fora severamente danificado pelos alemães, “dive-bombers operating from Sicily, limped into the Grand Harbour for repairs” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 217). A 15 de janeiro de 1941, a Luftwaffe decidiu que o porta-aviões deveria ser destruído e enviou:

“Reconnaissance planes to explore the Grand Harbour. The following day some eighty Stuka dive-bombers flew over the Grand Harbour in successive waves, aiming their bombs at the *Illustrious* and the dockyard. In this attack the dockyard, together with several public buildings and churches were severely damaged” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, pp. 217 – 218)

Na área de Cottonera (Cospicua)³⁸, quase cem homens, mulheres e crianças perderam as suas vidas durante a primeira investida do ataque alemão. As armas de defesa antiaéreas do porta-aviões ainda conseguiram derrubar dez bombardeiros de mergulho.

Os alemães retornam a 18 de junho com outra direção, os seus ataques estão direcionados para os aeródromos de Hal Far e Luqa. Seis aeronaves foram completamente destruídas e muitas outras foram danificadas. No dia seguinte, os Stukas fizeram uma nova investida ao *HMS Illustrious* que ainda se encontrava na baía. “Repairs on the carrier were pursued in earnest in order to get her clear of the island in the shortest possible time. The *Illustrious* managed to sail to Alexandria on the night of 23 January” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 218). Os próximos dias foram mais complicados, pois as forças de Malta se encontravam em baixo e, apesar disso, conseguiram defender a ilha. Os ataques aéreos poderiam variar entre quarenta e oitenta aeronaves a qualquer momento. A defesa aérea e naval de Malta era crucial, “Admiral Cunningham became convinced that unless a minimum fighter protection could be provided the passage through the Mediterranean by ships of Operation 'Excess' had to be suspended” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 218).

Neste momento, era importante que as defesas aéreas de Malta fossem reforçadas se os britânicos quisessem manter a sua colónia, “since it became obvious that the Germans were more determined, very accurate and definitely more dangerous than the Italians” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 218). Com a captura da Cirenaica e o avanço para El Agheila a 8 de fevereiro de 1941, resultou de certa forma a uma ligeira redução da força da Luftwaffe na Sicília,

³⁸ Maltês: Bormla ou Burmula deriva de Bir Mula que significa o poço do senhor

uma vez que, estas tinham ido reforçar as do Norte de África. No entanto, não impediu que no final do mês Malta fosse atacada novamente, sofrendo ataques diários.

“By March a one-hundred-plane attack on Hal Far caused extensive damage to the planes and airport buildings of that airfield. In the meantime, food stocks and other essentials fell lower by the hour and real hardship began to creep in on the islanders. No further supplies reached Malta until late March when a small convoy arrived from Alexandria.” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 218)

Nos primeiros dez meses de hostilidades, Malta encontrava-se na vanguarda da luta no Mediterrâneo, conseguiu defender-se com grande determinação contra forças muito superiores às suas.

“There is little doubt that in the opening months, when the garrison and the ground and air defences were quite inadequate, a more resolute and enterprising opponent would have successfully invaded and taken the island. But the Italians had let this unique opportunity slip by thus enabling Malta to survive” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 219).

Depois da queda de Creta em junho de 1941, Malta estava a mil milhas da sua ajuda mais próxima. Neste período, as linhas de abastecimento ainda se encontravam em funcionamento. A comida ainda não era escassa e, como os italianos ainda se encontravam sob o controlo da Sicília, os ataques aéreos eram poucos e imprecisos, “Italian bombers never learned the German dive-bombing technique” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 219). Porém, em julho de 1941, o italiano Decima Flottiglia, faz um ataque ousado ao Grand Harbour com o intuito de afundar um comboio que tinha acabado de chegar à ilha. Alguns meses atrás, os italianos foram ousados:

“Had successfully launched explosive motorboats against British shipping in Crete and put a British cruiser out of action. These small boats carrying an explosive charge were so small that there was space only for the engine and the pilot who sat on an ejector seat which he could dislodge to shoot himself away before the moment of contact with the target” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 219)

Onze barcos participaram desse ataque, mas o que os atacantes não sabiam é que ao deixarem Augusta na Sicília, já tinham sido detetados pelo radar de Malta³⁹. Imediatamente a defesa costeira fora avisada desta investida por parte dos italianos. O seu objetivo era bombardear Malta durante a operação e ocultar o som do ataque marítimo. “However, the air raid did not take place and the noise of the engines could be heard by the batteries of the Malta Grand Harbour.” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 219). Mesmo assim, conseguiram passar por uma passagem estreita, mas a mesma havia sido bloqueada por “steel netting but the Italians proposed to breach it by using a small torpedo” (Boffa, 1992, p. 219), embora esta tentativa tenha feito com que alguns barcos tivessem explodido, a rede não foi desalojada, mas um barco conseguiu destruir uma parte

³⁹ Ver Apêndice 8

da ponte de ferro sobre o quebra-mar trazendo assim parte dele para baixo. Estas investidas que os italianos tentaram de modo sagaz, logo perceberam que esta operação teria de ser abandonada e fugiram para a Sicília. No entanto, neste pequeno período os holofotes dos Aliados foram capturando o inimigo,

“Were picking up the remaining vessels and the boats were blown up by the shore batteries. As dawn approached a Hurricane squadron went in search of any remaining boats but all of them were either sunk or badly damaged” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 220)

De certa forma, esta intervenção foi corajosa por parte dos italianos. Todavia, foi uma intervenção onde morreram homens corajosos desnecessariamente. Estas investidas por parte dos seus vizinhos italianos, deixaram os malteses irritados e enojados por trazerem a guerra para casa, no entanto, o pior ainda estava para vir. As autoridades vinham ignorando os avisos e conselhos para construir abrigos de guerra no calcário, que era uma pedra de fácil manuseamento. Apesar da existência de alguns construídos em hospitais, igrejas, ou abrigos pessoais, mesmo assim não eram suficientes. Por isso, em setembro de 1941, os aviões alemães recém-chegados à Sicília, “from the Russian front – the advent of Field-Marshal Kesserling as Commanding Officer of the Luftwaffe in Italy” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 220), não perderam o seu tempo e começaram a investir com ataques aéreos em Malta.

Os seus ataques coincidiam em comboios de suprimentos que eram enviados da Itália para o Norte de África, mas o seu poder começou a crescer e os ataques a Malta começaram a tornar-se mais agressivos e imprevisíveis. Em finais de fevereiro de 1942, estima-se que o Marechal de Campo Kesselring – Comandante da Luftwaffe na Itália – estima-se que havia conseguido comandar uma força aérea formidável de quase mil aviões. Apesar das últimas semanas de 1941, para a Grã-Bretanha terem sido complicadas, foram um período negro, em que as forças inglesas se encontravam de ânimo baixo pelas investidas sem fim por parte do Eixo.

“The fleet was at its lowest strength, the Axis dominated the air, and Malta was hard pressed to survive, let alone act as a base for offensive operations. Field-Marshal Kesselring, commanding the assault on Malta, had assured Hitler that the Luftwaffe, with the aid of the Italian Air Force, would ‘wipe Malta off the map’. Supply convoys had therefore to be forced through. Repeated attempts failed since the ships which managed to get through were destroyed in the harbour when only partly unloaded. Such a state of affairs went on for quite a long time until, in an act of desperation, it was finally decided to run convoys simultaneously from both ends of the Mediterranean.” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 220)

Não obstante, dos dezassete navios de abastecimento, com uma escolta de oitenta e dois navios de guerra que navegaram nas operações "'Harpoon' and 'Vigorous' only two merchant ships managed to reach their destination safely" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 221). No meio do seu azar, Malta acabou por ter alguma sorte. O verdadeiro bombardeio teve início em março de 1942, a defesa antiaérea da ilha era forte, mas não o suficiente, dado que o Egito não conseguia fornecer nenhuma aeronave de combate. A sua defesa aérea teve de vir de Londres em porta-aviões, uma vez que a sua situação havia-se complicado, porque possuía uma grande extensão de mar aberto separando Gibraltar e Malta fazendo com que fossem atacados com muita facilidade.

Depois deste período complicado, no final do mês de março, a Luftwaffe atacou com toda a sua força a ilha de Malta. Afortunadamente, os navios que se encontravam nos estaleiros foram evacuados atempadamente. Todavia, dois *destroyers* não puderam ser evacuados e acabaram por ser destruídos. Em abril de 1942, "more than 6,700 tons of bombs were dropped on or around the island. During that month of destruction Valletta and the docks were hit in practically every mid" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 221), como podemos observar no gráfico⁴⁰ que se encontra no apêndice 7, os ataques aéreos à ilha foram mais intensos neste mês desde o início da guerra. O seu intuito seria aniquilar e/ou submeter o povo maltês ao seu poder e, desse modo conseguiriam obter finalmente, o ponto estratégico que tanto desejavam e talvez a guerra tivesse tido outro impacto do que atualmente temos conhecimento.

Este mês de abril foi indubitavelmente, um mês de destruição total. Nos ataques aéreos, as bombas eram atiradas sem qualquer pretexto sobre os vários edifícios, casas, abrigos de guerra aos quais ficaram totalmente destruídos. Milhares de pessoas foram retiradas dos escombros sem sinais de vida, outras tantas hospitalizadas. Os malteses forneciam mão-de-obra para manter as docas e os aeródromos limpos. Faziam reparações para que o exército pudesse operar sem qualquer obstáculo, mas devido às investidas das forças do Eixo, "civilian workers were forced into the shelters for longer periods, the time spent clearing and repairing became negligible and it became impossible to find workers to work at the docks" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 221). Com algum esforço, alguns *Hurricanes* e *Spitfires* foram mantidos a sobrevoar a ilha e, durante o mês de abril com todas as dificuldades conseguiram derrubar cerca de trinta e sete aviões das forças do Eixo.

⁴⁰ Ver Apêndice 7

O desprezo inicial que os malteses tinham pelos seus vizinhos aumentou exponencialmente e transformou-se num ódio descontrolável, pois foi travada uma “anti-Italian propaganda campaign waged in the local press and on the radio” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222) , o sonho britânico foi alcançado, ou seja, alienou completamente os malteses dos seus vizinhos italianos, e o medo que os alemães estivessem a espalhar pela ilha. A única esperança de Malta era orar aos céus pela rápida ajuda dos britânicos para não serem dizimados pelas forças do Eixo. Neste momento, a estratégia do Eixo era capturar Malta antes que de qualquer avanço militar fosse feito no Norte de África. Contudo, definitivamente o Cerco de Malta estava prestes a começar a qualquer instante. A força investida pelos britânicos na campanha do Norte de África começou a dar frutos. O reagrupamento e o reforço do exército na Cirenaica Oriental estava a suscitar algumas dúvidas, se as forças do exército do Marechal Rommel “as to his ability to hold out much longer against the growing concentration of British force” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222). Rommel, queria evitar uma ofensiva britânica a todo o custo, tentando convencer Mussolini e Hitler, “to a limited offensive designed primarily to capture 'Ibbruk” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222).

Assim sendo, o ataque a Malta foi adiado para 20 de julho. Enquanto isso, os malteses abrigaram-se em grutas e penhascos para se protegerem dos ataques aéreos. Por vezes, algumas famílias construíram os seus próprios abrigos de guerra, onde cavernas naturais tornaram-se abrigos:

“The distinctive methods of building construction in Malta seem likely to have an important bearing on the effect of air raids, as compared with conditions in England. In this part some notes are giving of the likely effect of high explosive and incendiary bombs” (Malta. Civil Air Raid Precautions. Report by MR. G.D. KIRWAN, M.C, Air Raid Precautions Department, Home Office, and Major A.T. SUMMER, M.C., B.Sc., A.I.C., Chemical Defense Research Department, War Office. 14th October 1935, part. III – Effect of Methods of Building Construction in Malta, pp.5) – WWM of Malta – Secret 10. Shelters

Grande parte dessa população viveu nesses abrigos⁴¹, muitos desses abrigos eram minúsculos, com pouca ventilação, as camas eram duplas ou triplas e as rações eram escassas e não podiam levar muitos pertences pois estavam sob os escombros das suas casas. Muitos habitantes preferiram ficar dentro destes abrigos e, raramente, vinham ao exterior. A ventilação “was inadequate these shelters were stifling hot, and the air inside them was heavy and rank” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222).

⁴¹Ver Apêndice 3

A primeira semana de agosto, foi tão complicada, que os cálculos que os oficiais fizeram, demonstrava que os alimentos iriam esgotar nas próximas semanas, "If help did not reach Malta by the end of that time the Maltese would have no alternative but to surrender" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222). A última vez que havia sido feito uma tentativa de abastecer a ilha fora em junho, neste momento, a sua única esperança era uma "transfusion of supplies by sea" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 222).

Quando a *Operação Pedestal*, foi realizada, conseguiram enviar um comboio através de Gibraltar. Apesar das vastas perdas, o comboio conseguiu passar e Malta foi capaz de resistir até que, "to hold out until the Allied offensive in Africa forced the Axis to abandon their hopes of neutralizing Malta. The ships of 'Pedestal' entered the Mediterranean through the straits of Gibraltar during the night of 10 11 August" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223). Esta operação, não foi assim tão fácil como esperado, porque havia quinze submarinos das forças do Eixo que estavam à sua espera no estreito, junto com *motor torpedo boats*, conjuntamente com navios de guerra da marinha italiana. E, para ajudar havia um total de oitocentas aeronaves do Eixo prontas, a qualquer momento, atacar o comboio. A 15 de agosto de 1942, Malta voltou a ter esperanças pois, havia chegado o *HMS Ohio* com uma carga vital, o petróleo. O facto destes três navios terem chegado ao seu destino, foi de grande importância onde houve uma grande tentativa de reaver Malta e para que esta tivesse um sucesso qualificado. "The Maltese attributed the safe arrival of the four vessels to the Assumption and began to refer to this convoy as the 'Santa Marija Convoy' (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223).

Embora, de alguma forma, com as condições difíceis que Malta ultrapassou, conseguiu resistir até ao início de dezembro de 1942. "Maltese rations at the toughest period of the siege were less than those allotted by the German authorities to the people of occupied Greece" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223). Neste período, as rações eram limitadas, em média por dia "rations had gone down to 1,690 calories a day for men and 1,500 for women and children" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223), demonstra a precariedade em que as pessoas viviam.

A partir de outubro de 1942, Malta ficou esperançosa, uma vez que as vitórias aliadas no Norte de África começaram a dar frutos. No entanto, ainda não havia sinal de alívio para Malta. Mais um comboio, "known as 'Stoneage', consisting of four merchant ships sailed from Port Said to Malta on 17 November" (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223), beneficiou com o avanço do 8º Exército que se encontrava ao longo da costa da Líbia. A cidade de Tobruk, caiu a 13 de

novembro de 1942. Os navios à medida que iam descarregando as suas cargas, de certa forma, “it became apparent that the Axis threat to Malta was fast diminishing and enemy action against the Harbour was minimal” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223) . Neste momento, o equilíbrio havia-se deslocado para o Mediterrâneo ocidental. A preocupação das forças do Eixo era a Argélia e a Tunísia, e Malta deixara de ser o alvo principal, “This was confirmed on 5 December, when another convoy – the 'Portcullis' arrived in Malta from Alexandria” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 223). Até ao momento, Malta encontrava-se completamente cercada pelas forças inimigas, quando a atenção sobre a mesma deixou de ter importância estratégica militar. Isso, acabou por dar algum alento ao povo maltês.

Este navio traria um total de 56,000 toneladas de mantimentos, algo que naquele momento a ilha estava a necessitar, assim como o petróleo. Este navio chegou intacto ao Grand Harbour, as reservas de suprimentos abasteceram Malta até março ou maio de 1943.

Nos inícios de 1943, podemos considerar que Malta estaria fora do palco das hostilidades. Daí em diante, Malta deveria fornecer Alexandria, e assim os Aliados poderiam concentrar-se contra o Eixo na Tunísia para poderem colocar um término na guerra no Norte de África. Uma vez que, a Sicília caiu em mãos aliadas, o valor estratégico de Malta declinou. As potências já não podiam mais contestar a passagem do Mediterrâneo Central, pois “which was now firmly in the hands of the allies. By June 1943 Malta was thus out of war” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 224)

Malta encontrava-se fora da guerra, mas nunca deixou de ser um apoio para as forças Aliadas.

O pequeno período em que Malta batalhou, sofreu alguns dos bombardeios mais pesados da guerra. As baixas civis chegaram estimativamente a 1.409, se excluirmos aqueles que morreram durante o serviço militar. Os danos que Malta sofreu foram particularmente extensos, principalmente o Grand Harbour, casas, estaleiros, ruas, edifícios históricos perfazendo um total de mais de 35 mil casas destruídas, e as cidades de grandes áreas tais como Vittoriosa, Senglea e Cospicua estiveram encerradas durante os ataques aéreos. Os danos que Malta sofreu foram de uma escala enorme, que o governo decidiu doar “30 million to finance reconstruction” (Cassar C. , A Concise History of Malta, 2000, p. 225). Este fundo ajudou Malta a desenvolver-se e a aumentar a sua riqueza. Todavia, ainda era dependente dos gastos militares dos ingleses. Esta guerra, veio trazer ao de cima mais humanidade e solidariedade entre as pessoas. O seu papel durante a guerra, a sua força e determinação não passou ao lado dos olhos atentos dos britânicos. Assim, a

15 de abril de 1942, o rei George VI concedeu a Malta *George Cross*⁴², um marco histórico importante para o povo maltês.

A posição da ilha foi valorizada internacionalmente. O momento era propício para considerar a Constitucionalização de Malta. Em 1944, foi formada uma Assembleia Nacional e foi preparado um projeto de Constituição que foi entregue a 17 de julho de 1946, a Sir Harold MacMichael, representante do Secretário de Estado para as colônias britânicas a propor maneiras de implementar a promessa feita em 1943.

3.1.2 CAMPANHA DA ÁFRICA ORIENTAL

Esta campanha⁴³ durou de janeiro ou junho de 1940 a novembro de 1941, e foi uma luta constante entre o exército britânico contra os italianos. Foram campanhas militares travadas principalmente nos desertos da Líbia e Egito, bem como em Marrocos e Argélia (Operação Tocha), por fim, na Tunísia.

Em 1940, a Itália controlava Abissínia, sendo que esta fora conquistada em meados de 1936, e o duque de Aosta invadiu a Somália britânica à qual mantiveram uma defesa impenetrável. A zona da África Oriental italiana que fazia fronteira com o Quênia, controlada pelos britânicos como também o Sudão e o Egito, com esta investida ameaçaram o Canal de Suez. Entre junho e dezembro de 1940, os italianos enviaram cerca de 690 toneladas de navios para a Líbia, na qual, "only just above two per cent was sunk while 47,000 troops were landed without loss" (Cassar C., *A Concise History of Malta*, 2000, p. 217).

Nos inícios de 1941, as forças britânicas lançaram uma contraofensiva a partir do Sudão e avançaram para a Eritreia a 19 de janeiro. Os confrontos eram num território montanhoso.

"Platt agora foi para a cidade de Keren, a 80 km (50 milhas) de distância e a porta de entrada para o planalto central da Eritreia. A rota passava pelo desfiladeiro de Dongolaas, uma área selvagem e escarpada onde o progresso só era possível depois que as forças inimigas foram desalojadas das alturas de comando. Unidades da RAF baseadas na Eritreia forneceram apoio aéreo".⁴⁴

No entanto, esta zona foi atacada pelo flanco sul, na zona do Quênia, lideradas por Cunningham. Conseguiu reunir tropas suficientes para três divisões, uma tropa sul-africana, duas tropas

⁴² Ver Anexo 13

⁴⁴ Site consultado a 1 de fevereiro de 2022:
https://www.bbc.co.uk.translate.goog/history/ww2peopleswar/timeline/factfiles/nonflash/a1057547.shtml?sectionId=3&articleId=1057547&x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt-PT&x_tr_pto=sc

nigerianas e ganenses. Estas tropas encontravam-se sob o comando britânico, e estavam divididas, liderando um grupo na zona norte, enquanto o outro grupo avançou para noroeste na Abissínia. Reuniu-se com o outro grupo que tinha sido enviado para o norte do Quénia para defender a fronteira. A 6 de abril, as forças de Cunningham entraram na capital de Abissínia e a cidade rendeu-se a 16 de maio. Não obstante, ainda tentaram resistir, existindo ainda algumas forças italianas que perduraram até 27 de novembro.

Esta campanha militar teve início em junho durante a Operação Compasso, onde o 10º exército foi destruído e o Afrika Korps, que era comandado pelo Marechal Erwin Rommel. Foi enviado para África no decorrer da Operação Sonnenblume como apoio às tropas italianas na defesa das suas colónias, e também para prevenir a derrota definitiva do Eixo.

Decorreram uma série de batalhas pelo controlo da Líbia e partes do Egipto, o seu apogeu ocorreu na Segunda Batalha de El Alamein, quando as forças britânicas começaram a ganhar força no terreno e empurraram as forças do Eixo para a Tunísia. No fim de 1942, com o desembarque das forças dos Aliados (operação Tocha) encontrava-se no comando o General Dwight Eisenhower. Esta força cercou por completo o Eixo no norte da Tunísia e forçou assim a sua rendição. Com isto, acabou por aliviar a União Soviética que lutava infindavelmente contra as forças do Eixo na frente oriental.

3.1.3 A BATALHA DE BARDIA

A primeira unidade australiana em ação, foi o 6º Regimento de Cavalaria, que teve a coragem e audácia de lutar contra as guarnições de Fort Maddalena e Garn el Grein entre 11 e 12 de dezembro.

“The main body of 16th Australian Brigade began moving up from Alexandria on 12 december followed soon afterwards by 17 Aus Bde and Divisional Headquarters, while 19 Aus Bde was held ready to move by sea direct to Bardia should the Italian evacuate, which they did not” (Latimer, 2009, p. 41)

No entanto, os italianos tinham outros planos. Estes fortificaram Bardia e Tobruk, planos que foram capturados mais tarde mostraram que haveria uma vala contínua de antitanques que se estenderia por 29 km ao redor da pequena cidade. Atrás haveria uma linha dupla de postes subterrâneos numerados consecutivamente de sul a norte e que estariam ligados com arame farpado. Os postes que se encontravam na linha da frente estavam aproximadamente a “800 yards (728m) apart, protected by their own anti-tank trench, which was later found to be

concealed under thin boards” (Latimer, 2009, p. 41). Foram montados uma ou duas armas antitanque e, possivelmente quatro metralhadoras que disparavam dos poços que se encontravam ligados aos abrigos subterrâneos. Embora o abrigo fornecesse uma excelente cobertura, os poços de armas tinham pouca proteção contra ataques aéreos e as trincheiras careciam também de alguma proteção.

O'Connor, estimou que estivessem cerca de 20,000 homens dentro daquele perímetro. As fotos aéreas revelaram alguns longos muros de pedra e uma série de armas, cuja intenção de O'Connor era limpar Bardia com duas das brigadas australianas, mantendo assim a terceira a postos para avançar a qualquer momento para Trobruk. Assim, quando a “16 Aus Bde, with 2/1st Field Regiment, Royal Australian Artillery in support” (Latimer, 2009, p. 44), esta brigada chegou com o intuito de assumir as posições já anteriormente ocupadas pelo grupo de apoio a leste da cidade, estabelecendo-se assim uma extensão de Alexandria e Bardia, “Mackay also took command of 16 Br Bde which held the line to the south while 7 Armd Div provided a screen to the north and west” (Latimer, 2009, p. 44). Estas frentes encontravam-se ocupadas por forças aliadas, sem deixar qualquer escapatória para as forças do Eixo. Os australianos começaram imediatamente a patrulhar o local, para obter desse modo, informações detalhadas sobre as defesas inimigas. Em várias ocasiões, durante estas patrulhas os australianos ficaram sob fogo inimigo, embora mal direcionado, ao qual não causou nenhuma vítima. No dia de Natal, ocorreram as primeiras 20 vítimas, causadas por bombardeios e bombas térmicas. As condições eram extremas, o vasto terreno era plano e pedreguento, “The wind distributed a layer of fine yellow dust on anything not tightly wrapped up and turned faces yellow-grey” (Latimer, 2009, p. 45), ficariam assim com uma camulagem. A comida e a água eram escassas e no dia de Natal, os britânicos receberam mais gasolina e munições. Os australianos receberam alguns bens essenciais, mas os britânicos também receberam um aviso que a escassez de água e comida poderia continuar. A 27 de dezembro, a 17 Aus Bde chegou para aliviar a 16 Br Bde, 2/6º Batalhão que estava a assumir a extrema-direita da linha. Na noite de 29 para 30 de dezembro, avançaram para as posições com vista para Wadi Muatered que dava acesso ao penhasco que se encontrava de frente para o mar. O'Connor estava ansioso para utilizar as *Matildas*⁴⁵ que tinha na sua posse, um pouco antes do Natal instruiu Mackay a desenvolver um plano, O'Connor “promised the full use of the corps artillery (WDF became XIII Corps officially from 1 January 1941) amounting to 118 field and 42

⁴⁵ Ver anexo 14

medium guns" (Latimer, 2009, p. 46), assim conseguiram traçá-lo e concentrar a sua atenção nos postos 45 e 47, locais de difíceis acessos devido à sua localização no terreno. Esta operação militar foi marcada um pouco antes do amanhecer do dia 3 de janeiro. Sofreram um bombardeio contínuo que teve a duração de 25 minutos. Com o apoio de engenheiros, a infantaria rompeu o arame farpado e conseguiu capturar quatro postos italianos e "throwing down the anti-tank ditch to enable 7 RTR to advance when it was light enough. The follow-up battalions would then push through, fanning out to the south to roll up the defences" (Latimer, 2009, p. 46).

Inicialmente, houve alguma confusão nas ordens processadas, porque para uma formação inexperiente poderia ser catastrófico. O 17 Aus Bde, não sabia bem o seu papel exato, mas a formação foi contínua e detalhada, incluindo assim, "11, 500 leather jerkins against the cold, wire cutters and protective gloves, which arrived only as the troops were moving towards their assembly areas" (Latimer, 2009, p. 46). Os ataques a Bardia foram consistentes desde 31 de dezembro, a RAF atingiu a fortaleza e durante o dia 2 de dezembro de 1941, a Royal Navy juntou-se, uma vez que, tinha em sua posse Terror, Aphis e Ladybird, bombardeando as posições italianas. Os australianos estão prestes a travar a sua primeira batalha da Segunda Guerra Mundial. Os principais pelotões estão prestes a avançar, mas encontram-se acompanhados por engenheiros "carrying bangalore torpedoes - 12 foot (4m) pipes packed with ammonal - as Italian artillery fire began to land, mainly behind them" (Latimer, 2009, p. 47), o intervalo é de 55 metros e os engenheiros tentam derrubar uma vala antitanque para que a infantaria pudesse avançar. Os postos 49 e 47 foram rapidamente vencidos. O Posto 46 também teve o mesmo fim. Passados pouco mais de 30 minutos, o Posto 48 também caiu e a segunda companhia tomou os Postos 45 e 44.

"After a few hundred yards, they came upon a low stone wall, from which heavy but ineffective fire was coming, and took the position with grenades and bayonet, yielding some 400 prisoners" (Latimer, 2009, p. 47). Foi uma campanha militar de rápida ação, e sem o apoio da XIII Corps, não teria sido possível.

Pelas 6h30 da manhã, foram efetuadas seis travessias de tanques, contudo, foram detetadas minas entre essas travessias e desativadas. Conseguiram passar as 23 Matildas da 7 RTR e estas estavam acompanhadas pelo batalhão nº2. Pouco depois das 7h00 da manhã, conseguiram passar alguns postos e os italianos defenderam o local do melhor modo, mas a força das Matildas era imbatível "which would fire, supported by the diggers, until return fire slackened, at which point

the infantry would advance (sometimes carefully and sometimes in a rush) to throw grenades into the pits and shelters" (Latimer, 2009, p. 48).

Quando o batalhão 2/3 Bn acompanhou A Sqn, 6 Cav, passaram por um triz e a poeira era tão densa nesse dia, que tiveram de usar a bússola para conseguirem seguir o seu caminho. Pelas 9h20 da manhã, as tropas encontravam-se em todos os postos para atacarem a qualquer momento os italianos.

"Italian machine-guns were found sighted at 875 or 1,094 yards (800m or 1.000m) range, unadjusted in their alarm as the Aussies, looming large in their greatcoats, took the positions with bayonet and hob-nailed boot." (Latimer, 2009, p. 48)

Podemos compreender que com poucos recursos, as forças australianas atacaram Bardia sem qualquer medo ou receio e continuaram a sua estratégia. O 2/3 Bn foi atacado por meia dúzia de tanques inimigos, libertando assim um grupo de 500 prisioneiros, que logo retornaram ao cativeiro devido a uma rajada de metralhadoras vinda do inimigo. Os tanques continuaram em direção a sul, onde havia duas tripulações de Matildas nas proximidades. A moralidade dos defensores foi abalada devido, "further shattered by a visit from there battleships, Barham, Valiant and Warspite, accompanied by four destroyers firing a 45-minutes 15in.(380mm) programme at selected targets in the town" (Latimer, 2009, p. 49). Não tinham preocupações, simplesmente atiravam aos alvos que estavam programados, e esta era a primeira fase de batalha.

A segunda fase teve início quando o batalhão 2/5 Bn, percorreu 24km em apenas nove horas, e avançavam para assumir a liderança do flanco direito em direção a Swith Line, mas antes tiveram de abastecer e rearmar. Enquanto avançavam, sofreram um fogo pesado:

"supported by machine-guns, and soon the lead company was pinned down. While the battalion mortars, and Vickers machine-guns of 1 NF returned the fire, another company worked along the Wadi Scemmas, eventually collecting another 3,000 prisoners. (Latimer, 2009, p. 49)

Após tomarem posse do Posto 24, duas Matildas chegaram e ajudaram a conquistar o Posto 22, mas nesta zona ocorreu algo inesperado, "As the prisoners were being rounded up, one shot the company commander dead" (Latimer, 2009, p. 49), acabou por ser morto e o segundo comando da companhia teve que evitar que os seus companheiros fizessem daquilo um motim e atacassem os prisioneiros com baionetas. Este incidente foi testemunhado pelos italianos a menos de 500 metros de distância, que pouco depois das 15h00 se renderam às forças australianas. Mais tarde, um outro comandante descreveu o estado do seu veículo "Anything breakable, radio aerials, water

cans, lights etc., had vanished and evidence of no less than 46 direct hits which says a lot for the Matilda". (Latimer, 2009, p. 52).

O plano teria sido complicado e poderia ter fracassado, mas graças à determinação dos *Diggers*, à medida que lutaram pela noite adentro, conseguiram avançar cerca de 300 metros, "It was to prove a long day in the face of the most determined Italian resistance, centred on Post 11". (Latimer, 2009, p. 52). Os australianos, conseguiram entrar, mas foram imediatamente expulsos e os italianos foram ferozes nos seus contra-ataques. No entanto, as forças australianas conseguiram ocupar cerca de 550 metros e capturaram o Posto 7 juntamente com o Posto 9, mas houve cerca de 38 baixas ou desaparecidos e 26 feridos.

Entre o meio-dia e o anoitecer, cerca de 10 mil prisioneiros ficaram numa frente com mais de 9km, como um meio de demonstração de que as forças francesas falharam no seu ataque. O "Sergeant Harry Kirkham 'found our allies reluctant to attack. I looked behind at the FF infantry and there was not a man in sight'" (Latimer, 2009, p. 53), um oficial da RTR capturado, relatou que tinha conseguido que os italianos se rendessem "When told to bring them in he said 'but there are 1,500 at least'. Unable to deal with any more prisoners, the CO sent him back to hold them until the following morning" (Latimer, 2009, p. 53). Mais a sul, os 17 Aus Bde encontravam-se exaustos e tiveram alguma dificuldade em conseguir progredir face ao fogo pesado da artilharia, sem o apoio dos carros blindados, o que tornou ainda mais complicado o seu avanço. A 5 de janeiro, avançaram com o ataque definitivo, tendo o apoio de seis Matildas e 2/4 Bn, apenas houve três mortes e, por volta das 13h da tarde estava tudo terminado. Nos milhares prisioneiros recolhidos pela 19 Aus Bde, encontravam-se dois comandantes de divisão. Os australianos ficaram surpresos com a quantidade de luxos," enamel baths, silk clothing and cosmetics, letterhead and etched glass" (Latimer, 2009, p. 53). Com o aparecimento dos tanques, fez com que a bandeira branca fosse erguida pelas forças do Eixo.

"...poured 350 Italians including 26 officers who were armed with two field and six anti-tanks gun, 12 medium and 27 light machine-guns. Their resolution was one of few such instances shown by the defenders.

To their relief, the engineers found no damage to any well or pumps and estimated an output of 400 tons per day which was handed over to 5 NZ Field Park Company. Approximately 38,300 prisoners were in the bag, together with 26 coast defense guns, 7 medium guns, 216 field guns, 26 heavy anti-aircraft guns, 41 infantry guns (65 mm caliber), 146 anti-tank guns, 12 service cable medium tanks and 115 of the useless L3s; and most important of all, 708 motor vehicle. Paraphrasing his Prime Minister, Anthony Eden declared 'never has so much been surrenders by so many to so few'. Australian losses totaled 130 dead and 326 wounded out a Commonwealth total of 500." (Latimer, 2009, pp. 53-54).

A Batalha de Bardia foi um confronto militar de pequena escala, que ocorreu entre 3 e 5 de janeiro de 1941, e foi travada durante a chamada "Operação Compasso". Podemos considerar que foi a primeira campanha exercida no Deserto Ocidental enquanto decorria a Segunda Guerra Mundial. Foi um grupo do exército australiano que tomou parte ativa, atacando a cidade de Bardia que era dos italianos. Foi um conflito confuso, era um turbilhão de poeira e fumo e a ação rápida das forças aliadas foi importante. Todavia, os italianos lutaram audazmente até ao fim.

3.1.4 BATALHA DE TOBRUK

Este confronto extenso entre as forças do Eixo e Aliados, sendo que, a maioria eram australianos, encontravam-se no porto de Tobruk – Líbia e teve início em meados de abril de 1941, quando Rommel começou a sua investida pelos territórios dos Aliados. Este confronto estendeu-se por vários meses até à sua derrota definitiva.

O general Wavell parou em "El Agheila to reinforce his troops to advance to the west side of the battle. By this time, his force had become XIII Corps under the command of Lieutenant General Richard O'Connor and comprised the 6th Australian Division and the 7th Armored Division" (Ford, 2009, p. 7).

As forças britânicas que se encontravam na Líbia eram comandadas pelo General Richard O'Connor. Cercaram e aniquilaram as últimas unidades do Marechal Rodolfo Graziani, conseqüentemente, a campanha militar atinge um ponto, onde os britânicos tinham começado esta luta há três meses na fronteira do Egípto. Com esta vitória fantástica, já nada impedia a ocupação de Trípoli e a expulsão definitiva dos italianos da África do Norte.

Após o retorno do general Richard O'Connor ao Egípto, este foi guarnecido por uma pequena força sob o comando do tenente-general Philip Neame, caso o tenente fosse ameaçado de alguma forma. Tinha ordens para atacar a zona de Benghazi, apesar de não serem esperados grandes ataques por parte dos italianos. Porém, os seus planos foram frustrados a 12 de fevereiro. Churchill tinha enviado um telegrama urgente para o General Wavell, onde informava a suspensão dos avanços britânicos por todo o Oriente Médio e decidiu transferir as suas forças para a Grécia para impedir o avanço das tropas nazis através do seu território. Este desastre chegou depressa a Berlim, e Hitler sem qualquer demora decidiu enviar um corpo expedicionário para África. "At this point, Axis forces invaded Greece and Prime Minister Churchill instructed Wavell to send part of his force to help fight the enemy forces." (Ford, 2009, p. 7)

Após esta decisão de Churchill, Hitler envia tropas de auxílio para o seu general, Rommel, para Norte de África para ajudar na defesa, também como “attempt to restore some prestige to the Axis cause” (Ford, 2009, p. 7). Chegou à cidade de Trípoli a 12 de fevereiro as tropas que foram enviadas por Hitler eram “only part of the 5th Leicht Division and elements of the 15th Panzer Division – but they were enough to spur the Italians to launch an attack against the British on 24 March 1941” (Ford, 2009, p. 7)

Com a retirada dos britânicos, seria inevitável a decisão do general Wavell, chegando à conclusão que o porto de Tobruk deveria ser mantido, uma vez que era uma potencial fortaleza, completamente cercada por um planalto e com mar do outro lado, dando assim uma vantagem aos Aliados “After the capture of Tobruk, all operations in Libya were to be subordinated to helping Greece, which required immediate and active obedience.” (Latimer, 2009, p. 54). Os receios de Wavell confirmaram-se pois, após o Natal a atenção do primeiro-ministro encontrava-se no sudoeste da Europa e de uma possibilidade de abrir uma frente. Apesar do sucesso de O’Connor, continuava a ser a sua prioridade.

No decorrer da batalha de Bardia, os esquadrões de *Blenheim* bombardearam os aeródromos de Gazala, Derna e Tmimi com os ‘*Hurricanes*’ que se encontravam a patrulhar a zona oeste, sendo que os ‘*Gladiators*’ No.3 Sqn RAFF forneceram proteção ao exército de Lysander. No mesmo dia (5 de janeiro), a 7 Armand Bde ocupou o aeródromo em El Adem que fica a 13km a sul de Tobruk. Porém, com estas constantes mudanças de operações, os esquadrões britânicos sofreram com algumas dificuldades. Tinham enviado tropas preciosas para a Grécia “and their reserves were practically exhausted” (Latimer, 2009, p. 55). Através das trocas de mensagens entre o Comité de Defesa do Gabinete de Londres, que a invasão alemã à Grécia iria ser iminente. Portanto, instruíram Wavell e Longmore a ir até Atenas para falarem com o primeiro-ministro grego acerca das medidas a serem tomadas. Sendo assim, Wavell instruiu O’Connor para considerar a invasão de Benghazi uma vez que Tobruk já tinha sido tomada. No entanto, os britânicos encontravam-se com falta de tudo e garantir o porto de Tobruk, era a melhor opção que Bardia porque permitia “that most requirements would be brought by sea” (Latimer, 2009, p. 55).

Portanto, Wavell através das ordens recebidas do quartel-general de Wilson, nenhum avanço em direção a Benghazi deveria ser considerado e, além disso, a equipa de Wilson encontrava-se a ajudar nas linhas de comunicação do XIII Corps. Wavell ordenou que deveriam trabalhar diretamente com o GHQ, deixando assim Wilson completamente de fora. “On 6 January, 19 Aus

Bde with two artillery regiments and 1 NF rose to the position of 4 Armd Bde and at noon on 7 January they deployed opposite the east face of Tobruk's defenses, coming under the sharp artillery fire." (Latimer, 2009, p. 56). Segundo um oficial que se encontrava na Brigada de Fuzileiros, descreveu esta cena como uma das Mil e Uma Noites "the city erected a rocky peninsula, with a touch of Arab design, with a sheltered harbor that could receive large ships" (Latimer, 2009, p. 56).

A 18 de janeiro, uma patrulha marcou cuidadosamente uma linha estelar. Nas duas anteriores ocorreram bombardeamentos em Wellington e Blenheim onde foram lançadas um total de 20 toneladas, enquanto o terror se instalava, as armas abriram fogo "at 5:40 am and shortly thereafter the 2/3 Bn advanced and led by engineers from 2 71st Fd Coy RAE" (Latimer, 2009, p. 61) contudo, houve um pelotão que sofreu 20 baixas. Uma das lições retiradas da batalha de Bardia, foi a necessidade de haver mais rapidez nas suas ações. O seu fardamento era um simples colete de couro sobre as suas túnicas, os ataques continuaram e os postos foram sendo tomados um por um.

Esta cidade foi guarnecida pela 9ª divisão australiana e foi atacada pelos alemães e italianos entre 13 e 15 de abril. Rommel seguiu um modelo em que enviava os seus tanques primeiros, para abrir uma brecha de modo que a infantaria pudesse avançar. "With Rommel's armored cars leading the charge, Axis forces pushed British XIII Corps back towards the Egyptian border, and on 14 April they cleared all of Cyrenaica except for a garrison situated from two Australian brigades hiding in the port of Tobruk." (Ford, 2009, p. 7)

Com este avanço, deixou Rommel com longas linhas de suprimentos na retaguarda e com pouca força, combustível e munições para seguir com as tropas para o leste no Egito. O seu avanço parou em "Halfaya Pass".

Em contrapartida, as forças de Wavell estavam a ficar cada vez mais fortes com formações que chegavam ao Egito e as suas linhas de comunicação eram curtas. Wavel contra-atacou a 15 de maio e tentou recuperar a cidade. Inicialmente foi bem-sucedido, mas passado uns dias, Rommel tomava de novo a cidade. Assim, Rommel tinha força suficiente para resistir ao exército britânico, mas "little extra power to force entry into Egypt. Reinforcement looked different, as seven days later Hitler launched his attack on Russia and the Africa Korps dropped on the German priority list." (Ford, 2009, p. 8)

No entanto, estes tanques pouco ou nada eram resistentes, foram atacados ferozmente, os aliados haviam deixar passar os tanques para que estes fossem atacados quando estivessem na cidade sem qualquer tipo de apoio militar do eixo, esta estratégia militar foi um sucesso e Rommel saiu derrotado.

As duas ofensivas britânicas não conseguiram quebrar o cerco, e em agosto, o governo australiano insistiram que o seu exército deveria de se retirar, os australianos foram substituídos temporariamente por tropas britânicas e polonesas. A 18 de novembro foi lançado a Operação Crusader pelo general Claude Auchinleck e conseguiu que o cerco fosse levantado nesse mês.

No entanto, Rommel tentou atacar novamente o porto no ano a seguir após o seu sucesso em Gazala, e a cidade de Tobruk foi tomada pelos alemães e a guarnição dos 35 mil homens que lá estavam tornaram-se prisioneiros de guerra.

Tudo começou a ficar mais claro para as tropas britânicas quando das forças aéreas começaram a ser limitadas e o seu impacto já não era como no início da guerra. A invasão italiana ao Egito não correu como esperado e não conseguiram atingir os seus objetivos. A Operação Compass destruiu várias divisões do exército italiano, por outro lado o desvio dos italianos durante a Campanha do Norte de África acabou por dar algum alívio para Malta. Foram enviadas as pressas aviões como apoio aéreo para lidar com o desastre das forças italianas em terra durante a campanha na Líbia e Egito. Malta acabou por ficar mais aliviada e assim as forças britânicas puderam se concentrar na defesa da mesma. Em novembro de 1940 após meses de ataques aéreos italianos no decorrer da Batalha de Taranto, estes foram de tal ordem mal coordenados as FAA e a Marinha Real atacaram com sucesso as aeronaves. Os torpedeiros *Fairy Swordfish*, conseguiram desativar várias unidades pesadas italianas no decorrer da batalha. Com o sucedido os italianos se retiraram para Nápoles e assim deu algum controle naval aos britânicos no mar mediterrâneo.

3.1.5 A BATALHA DE BEDA FOMM

Esta batalha, embora curta – de janeiro a fevereiro de 1941, foi dura, pois, O'Connor se encontrava num grande dilema, poderia armar uma grande armadilha para os italianos. Iria ser uma marcha dura de 242km, através de um deserto desconhecido, os seus homens e veículos encontravam-se desgastados das campanhas anteriores. "The going was reported to be very bad indeed, and upon reaching their objective they would face a battle against a greatly superior and desperate

enemy” (Latimer, 2009, p. 73). As forças inimigas eram superiores, o seu dilema era se haveria combustível, comida e água suficiente para prosseguir com esta campanha militar, não teriam mais que dois dias de abastecimento e poderia não haver mais quando chegassem ao seu destino. Partiram no dia 4 de fevereiro de 1941, os carros blindados iam à frente, seguidos pelo 4 Arm Bde, o que eles temiam acabou por se concretizar, os primeiros 80km, foram particularmente em piso cheio de pedras e areia macia, com que fez diminuir o seu ritmo e aumentou o consumo do combustível, algo que não estava nos seus planos pois, não tinham muito em reserva. Através de uma interceção de rádio “that Solluch was a target, but all that could be done was a rush a hasty garrison to the fort there and at Sceleidima, and scatter some 'thermos bombs' along the route further slowing the pace” (Latimer, 2009, p. 73). Desde a sua partida até agora as coisas só tinham vindo a piorar, uma vez fora daquele piso, uma lacuna se abriu e o 11 H, desapareceu numa nuvem de poeira. Os camiões de combustível tiveram alguma dificuldade em acompanhar, aumentando assim o consumo de combustível, para piorar mais a situação, os recipientes de combustível e água quebraram, fazendo que os preciosos fluidos fossem parar a areia.

À medida que avançavam, notícias dramáticas foram relatadas de um único Hurricane de reconhecimento, avistaram “it had spotted a large Italian column moving south from Benhghazi” (Latimer, 2009, p. 74). Embora, fosse um movimento de grande escala, as forças aliadas deveriam tomar uma decisão rápida para o sucesso da sua missão. Forma tomadas duas decisões cruciais, posteriormente, transmitidas por O'Connor.

Primeiramente, em vez de as forças se deslocarem para oeste deveriam deslocar-se para sudoeste via Antelat, “to the area of Beda Fomm and Sidi Saleh, to set up a blocking position in view of the certainty that the enemy was now trying to evacuate Cyrenaica completely” (Latimer, 2009, p. 74). Que mais tarde, nos pensamentos de O'Connor “was mainly responsible for cutting-off the entire force” (Latimer, 2009, p. 74), foi uma decisão de momento, mas, que talvez não tivesse sido feito daquela forma, as forças aliadas teriam tido um desfecho diferente.

Em segundo lugar, decidiram que os tanques deveriam ter mais tempo para se abastecerem e manutenção dos mesmos, mas que a velocidade era crucial para conseguirem chegar o mais rápido possível ao seu destino.

A sua frota era composta pelos seguintes elementos:

“It comprised the armoured cars of C Sqn, 11 H, and A Sqn., 1st King's Dragoon Guards; 2nd Bn, Rifle Brigade; C Battery, 4 RHA with 25-pdr. Field guns (and 160 rounds per gun) and nine 37mm Bofors anti-tank guns mounted portee on the backs of lorries from 106 (Lancashire Hussars) RHA which also operated captured 20mm Breda anti-aircraft guns.” (Latimer, 2009, pp. 74-75).

Para que esta frota avançasse apresentava algumas dificuldades de logística, pois maior parte destes veículos se encontrava longe de uma divisão para que fiquem na ordem exata não iria ser uma tarefa fácil.

“4 RHA's vehicles carrying reserve ammunition had to dump it and reload with fuel and separate radio communications had to dump it and reload with fuel and separate radio communications had to be arranged to enable the divisional command net to function” (Latimer, 2009, p. 75).

A sua partida foi um pouco antes do amanhecer, do dia 5 de fevereiro, foi uma viagem memorável de toda a campanha militar. Através de nuvens de poeira, ainda se conseguia ver a poucos quilómetros as restantes aeronaves italianas. A luta pelo deserto inexplorado e a orientação de 2,000 homens juntamente os veículos não foi uma tarefa fácil, mas, por volta do meio-dia conseguiram chegar à estrada perto de Sidi Saleh, a sul de Beda Fomm, a estrada encontrava-se completamente vazia.

A 7 divisão do exército australiano se encontrava um pouco atrás, “Combe quickly established a roadblock” (Latimer, 2009, p. 75), esta ação ocorreu no país que faz fronteira com cerca de 24 km de estrada que se situa entre Beda Fomm e o mar. este percurso de estrada era firme, arenoso mas, sobretudo era plano, poderia ter algumas elevações que se estendiam de norte a sul. Pelo lado oeste, as tropas conseguiam observar uma colina “The Pimple” (Latimer, 2009, p. 75), apenas a 11 km a norte do bloqueio da estrada pois, esta proporcionava uma ampla visão mais tarde foi palco de uma batalha feroz. Na zona oeste, estendia-se apenas duas costeiras e havia uma grande extensão de terra plana. Após abastecerem os tanques, ao longo da estrada cavaram com o apoio de duas companhias e posicionaram ao longo do terreno oito canhões no “rising ground to the east” (Latimer, 2009, p. 76). Enquanto, que o último canhão foi desmontado e implantado em desfiladeiros nas colinas de areia, enquanto isso, a quarta companhia de fuzileiros junto dos canhões assumiu a posição atrás, recuando assim, para o flanco direito.

“The position of 106 RHA's anti-aircraft guns is unknown, but two were certainly positioned in cover either side of the road. It was hardly an ideal position to present a delaying action, much less to block a much larger force. The infantry barely had time to dig in and lay a few mines before the first Italians arrived at about 1430hrs” (Latimer, 2009, p. 76).

A luta destas duas frentes seria inevitável, por mais tenebrosos que fossem os porta-aviões e os tanques italianos de captura do regimento da cavalaria e da divisória australiana, estes concentraram sobretudo a sua força na retaguarda. No entanto, as suas tropas se encontravam em combate a norte, “With most of their fighting troops still to the north, those clogging the road

against Combefore largely comprised administrative units” (Latimer, 2009, p. 76). As tropas do batalhão 10º Regimento Bersaglieri foram completamente apanhadas de surpresa, este iniciou uma série de ataques descoordenados, não tinha qualquer tipo de apoio da infantaria, artilharia de Combefore, o seu modo de defesa fora usar carros blindados que percorriam a estrada de cima para baixo atirar para qualquer alvo que se apresentasse naquela confusão.

4. PORTUGAL – COLABORAÇÃO OU NEUTRALIDADE?

A queda da monarquia portuguesa deu lugar à implantação da república, resultado de uma revolução organizada que saiu vitoriosa a 5 de outubro de 1910.

Esta primeira república sofreu várias mudanças ao longo dos anos, desde a separação da igreja e do governo, a mudança da bandeira, das moedas, o surgimento da Constituição de 1911, entre outras.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), Portugal encontrava-se em guerra não declarada com a Alemanha, cenário que, a qualquer momento, iria ser inevitável. A entrada de Portugal na guerra acabou por revelar vulnerabilidades económicas que, com o desenrolar do conflito, acentuou principalmente nas divergências políticas e sociais, sem contar com a soma de vidas humanas perdidas que ocorreram neste curto período.

Não tardava até que o povo se revoltasse novamente com o seu governo. A 28 de maio de 1926, a tentativa de república acaba com o golpe de estado organizado por militares, civis e antiliberais, que instauraram uma Ditadura Militar. Segundo Fernando Rosas, “dir-se-ia que a I República caía sem luta nem resistência” (Fernando Rosas, 1998, p. 141)

Mas a nova ditadura revelava-se inevitável, porque “a República, enquanto sistema político-institucional liberal, e os republicanos liberais de todas as tendências bater-se-iam denodadamente, dentro da ditadura ou contra ela”, (Fernando Rosas, 1998, p. 141). A partir desta afirmação, podemos compreender que esta instabilidade é fruto deste novo movimento não ter qualquer projeto económico, social, político e militar definido.

A situação económica de Portugal não estava consolidada, sendo que “tudo estava em aberto, tanto em termos político-institucionais como plano de estratégias económicas-financeiras de responder à crise que desde o início dos anos 20 castigava o País” (Fernando Rosas, 1998, p. 141)

Face a este panorama, o General Gomes da Costa decide convidar António de Oliveira Salazar, na altura professor, que assume a “pasta das finanças” (Fernando Rosas, 1998, p. 164). A sua doutrina para equilibrar as contas portuguesas foi estabilizar o valor do escudo português e o equilíbrio das finanças públicas. Consequentemente, Salazar foi anunciado como um prodígio financeiro. Lentamente, Salazar foi ganhando a confiança do povo português e do seu governo e, progressivamente, também o domínio na estrutura política e militar. Em 1932 foi nomeado como

Presidente do Conselho de Ministros. É com esta nomeação que Salazar consegue ter um maior “controlo do aparelho de Estado” (Fernando Rosas, 1998, p. 169).

Aos poucos, o seu regime foi construindo os seus pilares. Assim, o salazarismo ergue-se como um compromisso “entre diversas correntes políticas da direita” (Fernando Rosas, 1998, p. 169), com uma base comum da “rejeição do liberalismo herdado da I República e da apologia de um Estado político, económico e socialmente forte e interventor” (Fernando Rosas, 1998, p. 169). No período em questão. O Salazarismo assume-se como o único com capacidade de dar um ponto de viragem dos anos 20 para os anos 30, e capaz de dar uma resposta à crise económica que Portugal, de uma forma “que fosse consensual para os grupos dominantes” (Fernando Rosas, 1998, p. 169)

O Estado Novo Português foi um dos regimes mais duradouros no decorrer do século XX na Europa, sendo que contou com quase meio século de duração. Este regime teve início logo após Salazar estabelecer financeiramente Portugal. Este novo regime apresentava, obviamente, alguns princípios ideológicos, com o intuito de manter a ordem no país. No entanto, os princípios que o Estado Novo se regia seriam principalmente a repressão, que controlava a oposição através da Censura.

Durante o governo de Salazar, enfrentaram-se vários desafios, devido às “implicações para Portugal do contexto internacional criado pela Guerra Civil de Espanha e pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945)” (Monteiro, 2019, p. 221). A Guerra Civil de Espanha veio funcionar como um “fator de intensificação da polarização política” (Monteiro, 2019, p. 221), tendo, de certa forma, funcionado como uma válvula de escape pois, a população portuguesa estava mais disposta em ir para a guerra do que propriamente “recorrer à violência na política” (Monteiro, 2019, p. 221). Para muitos portugueses, esta guerra era como se fosse a sua própria guerra civil. Este conflito trouxe, no entanto, o “reforço dos mecanismos de vigilância e repressão política” (Monteiro, 2019, p. 221), que já se começava a sentir no regime salazarista.

Salazar veio a revelar-se uma pessoa bastante hábil, que sabia jogar com o psicológico e o cansaço dos portugueses em “relação à insegurança e destruição causadas por uma violência política recorrente que se arrastava desde antes de 1910” (Monteiro, 2019, p. 221). Estes anos foram fundamentais para a consolidação do regime e a sua transformação.

A neutralidade de Portugal perante a II Guerra Mundial conflito mundial, entre vários aspetos,

“implicava principalmente numa completa abstenção de apoio militar aos países beligerantes” (Tavares, 2018, p. 14)

No decorrer da II Guerra Mundial, Portugal encontrava-se numa ditadura civil, devido ao golpe militar que ocorrera a 28 de maio de 1926, e que pôs fim à I República. A neutralidade fazia sentido para Salazar devido aos “termos de política interna e externa” (Monteiro, 2019, p. 224), que, no ponto de vista do autor, eram uma maneira de manter unida a coligação de forças políticas que apoiavam. Em 1933, com a consolidação da constituição, sobreviveu ao pós-guerra e veio a colapsar somente em 1974.

O anúncio da Guerra fora precedido, com uma semana antes, na cidade de Moscovo, na Rússia, com a assinatura de “um pacto de não-agressão germano-russo, que iria possibilitar à União Soviética ocupar a parte oriental da Polónia e os Estados Bálticos, e à Alemanha a parte ocidental daquele país”. (Madureira, 2021, p. 17). Segundo o Tratado de Versalhes assinado a 28 de junho de 1919, após a I Guerra Mundial, esta ação acabou por violar um dos artigos presentes deste tratado, que dizia que “as nações-membros dessa mesma comunidade se obrigavam a respeitar e a manter, contra toda a agressão externa, a integridade territorial e a independência política de qualquer das nações associadas.” (Madureira, 2021, p. 17). Com a assinatura deste pacto, e a anexação dos territórios referidos, ambos os países estão em violação direta do tratado e, conseqüentemente, a declarar guerra em aberto para toda a Europa.

Possivelmente uma das causas de Portugal se manter neutro na II Guerra Mundial terá sido motivada pela participação no primeiro conflito. “A entrada de Portugal no conflito que se seguiu não era desejável nem vista favoravelmente pelo governo, oposição e pela própria população” (Tavares, 2018, p. 14). No decorrer deste período Salazar foi o principal instigador da neutralidade, sendo que “Portugal optou por uma beligerância camuflada e por uma neutralidade também ambígua” (Fraga, 2009, p. 8). Assim, o chefe do regime não só manteve Portugal fora da destruição da guerra, como também iria proporcionar a Portugal um “periférico e neutral, efeitos económicos, sociais e políticos profundos e duradouros” (Fernando Rosas, 1998, p. 267)

A população portuguesa, ao tomar conhecimento da guerra, “tomou posição ao lado de uma ou outra parte. Havia os que manifestavam a favor dos aliados anglófilos, outros dos alemães, por razões a que o dinheiro não era estranho”. (Madureira, 2021, p. 18). A população encontrava-se dividida.

Através de algumas fontes é possível constatar que Portugal teve um papel mais ativo no conflito, pelo que temos de considerar até onde ia a sua “neutralidade e em que medida esta se fundiu com uma colaboração encoberta” (Tavares, 2018, p. 15)

Inicialmente, é preciso ter em conta a posição em que Portugal se deparava perante o mundo e a Europa. A posição do país “na entrada do mar mediterrâneo e no atlântico tornava o pequeno território num local de referência estratégica na Europa e no Ocidente.” (Tavares, 2018, p. 15). Também não nos podemos esquecer da sua aliança com Inglaterra que, por si só, é uma mais-valia para com os Aliados, no caso de um conflito armado, como também de ameaça para o Eixo. A 22 de maio de 1939, Salazar decidiu não se envolver diretamente no conflito “numa sessão extraordinária da Assembleia Nacional”, (Madureira, 2021, p. 22), onde o Presidente da República se deslocou ao estrangeiro para deixar bem claro que:

“o mais indicado para o país era não se envolver nele, com base nas seguintes razões:

1º – Nada pretendemos dos outros e não há contra nós reivindicações com qualquer fundamento a apresentar.

2º – Mercê do Tratado de Amizade celebrado entre Portugal e a Espanha fora criada uma «verdadeira zona de paz na Península».

3º – O país tomava «tanto a peito cumprir fielmente os deveres da aliança como não deixar por honra e interesse de ambas as partes, corrompê-la ou aviltá-la.» (Madureira, 2021, p. 22).

Podemos entender que a preocupação de Portugal em se manter neutro era importante, “tanto para os beligerantes e também para o governo português”. (Tavares, 2018, p. 15). Não nos podemos esquecer que Espanha tinha passado recentemente por uma guerra civil (1936–1939), sendo que os Aliados necessitavam de uma posição neutra por parte deste país, já que “eram da opinião de que ambos os países ibéricos teriam papel semelhante no conflito e se um deles participasse ativamente, o outro rapidamente o seguiria” (Tavares, 2018, p. 16). A imprensa britânica “chamava insistentemente a atenção de Lisboa para o perigo espanhol” (Madureira, 2021, p. 23). Havia razões para crer que a Espanha pretendia anexar Portugal pelo seu vasto império colonial, já que este possuía matérias-primas e outros bens essenciais que este carecia por causa da guerra civil. No entanto, através desta declaração de neutralidade por parte do Estado Português, foi possível garantir uma certa paz na Península Ibérica.

Também era necessária esta paz na Península Ibérica para garantir a segurança de Gibraltar e o acesso disponível ao mar mediterrâneo. Não obstante, esta neutralidade tinha como objetivo salvaguardar o regime salazarista até ao fim do conflito, pois tinham consentimento da “Grã-

Bretanha – como alternativa era preferível ao descalabro dos últimos anos da 1ª República”, sendo que o país estava “ideologicamente a meio caminho entre a prática da doutrina social da Igreja e as doutrinas fascizantes importadas de Itália e assumia, no silêncio dos gabinetes, uma posição que não era clara simpatia pela aliança luso-britânica.” (Fraga, 2009, p. 7)

O Tratado Ibérico entre Salazar e Franco foi fundamental para haver uma estabilidade política – social e de certa forma, uma neutralidade peninsular face ao conflito em que a Europa se encontrava, neutralidade essa que foi respeitada pela Alemanha.

A 2 de setembro “o Chefe do Governo informava o povo que «felizmente, os deveres da nossa aliança com a Inglaterra, que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave, não nos obriguem a abandonar nesta emergência a situação de neutralidade»” (Madureira, 2021, p. 23). Esta nota fora pública na imprensa diária, e a destas palavras começaram a chegar “telegramas e cartas de saudação ao Palácio de São Bento e à residência de Salazar.” (Madureira, 2021, p. 23). Estas cartas demonstravam a preocupação da população de Portugal perante o conflito, mas também temos de reconhecer que a neutralidade era algo que iria ser, pelo que se assumia que esta “seria inevitavelmente quebrada para se adaptar às necessidades e desejos dos Estados que controlavam à direção do conflito.” (Tavares, 2018, p. 15).

De certa forma, Portugal garantiu a sua posição neutra, dado que se recusou a se envolver na guerra, mas em contrapartida foi colaborante porque “acabou por apoiar, mesmo que impercetível e involuntariamente a Grã-Bretanha e, em consequência, os Aliados”. (Tavares, 2018, p. 15).

Com o fluir da II Guerra Mundial, há muito que a marinha americana pensara colocar as suas bases militares nos Açores, para assim terem o poder de controlar o oceano Atlântico sem problemas. “As autoridades portuguesas sabiam que, no decorrer da Primeira Grande Guerra, a marinha americana pensara instalar bases de operações nos Açores” (Madureira, 2021, p. 23), situação essa que se veio a verificar no segundo conflito.

Contudo, esta neutralidade trouxe consequências sociais e económicas pois, antes do conflito, Portugal tinha uma relação económica com algumas das potências envolvidas. Um deles era, obviamente, a Grã-Bretanha e o outro era a Alemanha e era visível sobretudo “em termos de importações.” (Tavares, 2018, p. 17)

No entanto, Portugal já viera a sofrer um bloqueio por parte da Inglaterra, para que os países do Eixo não tivessem acesso a matérias-primas como “petróleo, os seus derivados, carvão, ferro,

açó, algodão e lã” (Tavares, 2018, p. 17). No entanto, a nossa aliança com a Inglaterra já advém de tempos antigos, sendo que com a Alemanha só mantivemos uma relação económica.

O volfrâmio é uma questão “abundantemente abordada pela historiografia portuguesa” (Tavares, 2018, p. 17), e no contexto de guerra era essencial para o fabrico de material militar, em especial para armamento.

Portugal era o principal fornecedor desta matéria-prima à Alemanha e à Inglaterra e, com o agudizar da guerra, tornou-se um marco essencial para a economia portuguesa. Até meados de 1941, a Alemanha pouco ou nada exportava deste minério, pois tinha como principais fornecedores “América do Sul e da Ásia, sendo o transporte da matéria-prima a partir destes locais mais fácil do que aquele trazido da Península Ibérica” (Tavares, 2018, p. 17). Nos inícios de 1941 Alemanha deixa de ter acesso dos seus principais fornecedores, como consequência de os EUA terem entrado na guerra e da invasão da URSS, o que concentra “os seus esforços nas possessões portuguesas e espanholas” (Tavares, 2018, p. 18), facilitando a sua exportação. Assim sendo, o mercado português viu a sua passagem para a Alemanha bloqueada pelos Aliados, tanto por via marítima como terrestre. Então, em julho de 1940, com a invasão de França, o Eixo passou a “poder transportar os bens adquiridos e fornecidos a Portugal através da Espanha e de França, voltando, com maior intensidade, a investir em empresas concessionárias” (Nunes, 1999, p. 220). A sua exploração foi suspensa pelos Aliados em meados de 1944, mas a sua exploração nunca parou totalmente e “a pressão feita pelos Aliados e a ameaça de uma destituição de Oliveira Salazar e do seu governo levaram a que as autoridades portuguesas cessassem de comercializar o material” (Tavares, 2018, p. 18).

A corrida constante ao volfrâmio trouxe um grande lucro para Portugal, mas como também um aumento de emprego e uma melhoria dos salários e das infraestruturas. Por outro lado, gerou um aumento de exploração ilegal das minas, “resultando num número elevando de mortos, feridos e mutilados devido a acidentes de trabalho” (Tavares, 2018, p. 18), como também as transações feitas no mercado negro. Assim, podemos entender que Portugal lucrou sensivelmente devido ao conflito, mesmo sofrendo no início da guerra com o bloqueio económico, tendo lucrado “80 milhões de libras, no final do conflito, por parte da Grã-Bretanha, devido ao crédito concedido para compra de bens essenciais em Portugal” (Tavares, 2018, p. 18).

A ligação económica com os países aliados, inclusive com os Estados Unidos da América, veio desenvolver benefícios para Portugal, nomeadamente na área dos bens alimentares, como por exemplo, nas conservas, nas matérias-primas, mas também com o volfrâmio.

Devido à exploração de volfrâmio, que foi vista e aclamada pela população portuguesa, pois acreditavam com esta exploração viria trazer várias riquezas para o país, “autênticas máfias também se organizaram à volta do negócio (...), como abundantemente as reportagens feitas pela imprensa demonstraram”. (Madureira, 2021, p. 43). Mas não pensaram na exploração marginal, que poderia trazer algumas consequências para os trabalhadores. No ano de 1939 para qualquer tipo de exploração era necessário ter uma licença prévia.

Com a intenção de enriquecer rápido, a população que vivia perto de uma mina rapidamente ficaram em êxtase com os valores que o volfrâmio alcançava. Assim, muitos mineiros tentavam a sua sorte em extrair o minério sem terem em conta o risco em que se encontravam. Face a estes incidentes, foi necessário criar uma entidade protetora. Assim sendo, o Governo criou a “Comissão Reguladora do Comércio de Metais” (Madureira, 2021, p. 44), com intuito de controlar a extração dos metais, assim como controlar a atividade e, ao mesmo tempo, haver uma estratégia empresarial adequada principalmente para os trabalhadores que sofriam constantemente acidentes de trabalho nas minas e onde também muitos perdiam a vida.

Com estas medidas, intensificaram-se os negócios de contrabando de volfrâmio. “A engrenagem acabou por apanhar pessoas de elevado estrato social, até sensíveis senhoras, ditas de família, que usaram os seus carros para transportarem minério obtido ilegalmente”. (Madureira, 2021, pp. 44-45).

O valor do volfrâmio podia chegar a valores descoláveis como “mil dólares por tonelada em 1941, para chegar aos seis mil no ano seguinte” (Madureira, 2021, p. 45). Mesmo com o aumento das importações dos bens portugueses com interesse estratégico, na qual o volfrâmio começava a ter uma grande importância a partir de 1939-1940 e nos inícios de 1941 a balança comercial entre Alemanha e Portugal era benéfica.

Porém, com a entrada da América em guerra e com a invasão da URSS (1941), foi necessário tomar uma decisão relativamente à situação internacional e à posição em que Portugal se encontrava perante estes países.

O governo português, desde finais de 1941 a meados de 1942, teve como intuito, adotar medidas administrativas e políticas para “recuperar a capacidade de controlar o universo do volfrâmio”

(Nunes, 1999, p. 222). Também teve a preocupação de proibir a exploração ilegal deste minério durante os ciclos de agricultura.

Portugal	Volfrâmio ⁴⁶
1940	4500t
1941	4607t
1942	4120t*
1943	5563t
1944	3214t
Total:	22004t

Quadro 1. Dados estatísticos da venda de Volfrâmio, Fonte: João Paulo Nunes, vol. II, 1999, p. 223

*Quebra decorrente dos controles e do tabelamento de preços induzidos pelo Governo.

Tendo em conta a dimensão do interesse por este minério e da sua exportação podemos deduzir que, através desta extração avultada de volfrâmio, a economia do país estaria estável, como se pode observar pelos “preços atingidos e as modalidades de actuação dos dois regimes – com evoluções desfasadas em ambos os lados da fronteira luso-espanhola” (Nunes, 1999, p. 223).

Podemos entender que esta exploração era uma maneira rápida de ganhar dinheiro, mas não havia grande controle no contrabando que existia neste período. Desde 1940 que a Alemanha, e em 1943, com os Aliados, houve uma tentativa de controlar a estrutura deste mecanismo de intervenção que cobria a Península Ibérica. Com “financiamento e pagamentos internacionais (envolvendo ouro), essas “actividades ilegais e clandestinas” deverão ter alcançado montantes muito significativos” (Nunes, 1999, p. 223).

4.1 CENSURA EM PORTUGAL

Podemos entender que o jornalismo, num sentido amplo do termo, tem como objetivo a produção e difusão de ideias, notícias e outras informações através de diferentes meios.

A imprensa é um meio de informação determinante. Ao examinar unicamente os dados sobre a imprensa diária, podemos verificar que, mais uma vez, era nas grandes cidades –Lisboa e Porto que se encontrava o maior número dos jornais.

⁴⁶ Resultados segundo o artigo NUNES, João Paulo Avelãs – *Portugal, Espanha, o volfrâmio e os beligerantes durante e após a Segunda Guerra Mundial*, t. 33, vol.II, 1999, pp. 223

Não podemos, também, abordar o assunto da Censura sem antes referir que, em 1940 o Estado Novo criou o “Secretariado de Propaganda Nacional – SPN” (Rolim, 2012, p. 3), num gabinete onde funcionavam ainda os serviços de Propaganda e Informação.

Esta organização surge como o “corolário indispensável da política de informação/formação salazarista” (Barros, 1993, p. 28). O SPN visa sobretudo a ordem e tem como objetivo político afirmar, por todas as formas, “os juízos públicos que corrobore, reforcem, consolidem” (Barros, 1993, p. 28), com o novo sistema político e social. Também procurou, como qualquer propaganda, não de mudar o juízo, mas, sim de fortalecer a opinião, enquanto tentava exercer influência nas mentalidades.

O papel do jornalismo em Portugal teve como objetivo “criar uma corrente de opinião favorável à causa nacional” (Tengarrinha, 2006, p. 25). A visão sobre o estado da imprensa regional era, também ela, favorável. No entanto, nas províncias, os órgãos do Estado Novo “não alcançavam audiências significativa, ao mesmo tempo que a Imprensa situada na linha republicanismo liberal, apesar das duras perseguições, mantinha, embora mais prudentemente, presença e influência persistentes” (Tengarrinha, 2006, p. 195). O mesmo se passava com a imprensa de Lisboa e do Porto.

“Em Dezembro de 1941, o relatório do funcionário superior do S.P.N Tavares d’Almeida admitia que a colaboração com a Imprensa não era satisfatória queixando-se de que os jornais procuravam evitar a publicação das informações oficiais e mesmo da relutância com que a imprensa portuguesa e especialmente os grandes diários obedeciam aos pedidos de publicações feitos” (Tengarrinha, 2006, p. 195)

Segundo o autor, José Tengarrinha, com as objeções e limitações nos primeiros anos da década de 40, e com as circunstâncias da II Guerra Mundial, sendo uma possibilidade uma derrota das forças do Eixo, houve “uma modificação na atitude do governo para com a Imprensa” (Tengarrinha, 2006, p. 195). Era necessário surgirem novas ideias e tentar incutir um “funcionamento do S.P.N e à instituição do S.N.I com o reforço da direção de Salazar sobre os serviços de censura e o seu controlo pessoal mais apertado sobre a Imprensa em geral” (Tengarrinha, 2006, p. 195).

Os jornais serviam, neste contexto, “como método nas ciências históricas”, sendo que “a periodização dos fenómenos históricos jornalísticos poderá ser útil” (Sousa & Lima, 2020, p. 173), pois o jornalismo consegue reconhecer e produzir a história em cada período. O jornalismo

produziu conteúdos circunstanciais económicos, sociais, políticos e culturais, independentemente da sua relevância para os acontecimentos particulares ou ações individuais.

A propaganda intensiva por parte do Estado Novo, principalmente através da rádio e cinema, foi uma forma de manipular as massas e mobilizá-las para a guerra colonial e teve um grande impacto social na altura. “A massificação da mídia também motivou a profissionalização da publicidade, das relações-públicas e da assessoria de imprensa, criando novos campos de atuação para jornalistas”. (Aguiar, 2021, p. 11)

Já no caso português, a imprensa usada era principalmente a rádio e esta foi o “primeiro meio de comunicação de massas eletrónico a entrar no interior dos lares e a alterar as rotinas e os hábitos dos indivíduos e das famílias” (Garcia, Alves, & Leonard, 2017, p. 49), sendo que no decorrer das primeiras décadas do século XX a leitura do jornal não era um hábito.

Com a eclosão da II Guerra Mundial, e face à propaganda intensa que se desenvolvia no estrangeiro, foi necessário haver uma maior “vigência sobre as publicações saídas de Portugal”. No entanto, foi importante para o regime que as “também vindas do estrangeiro passassem a merecer maior atenção” (Tengarrinha, 2006, p. 62)

Qualquer governo tem necessidade de propaganda, sendo esta menos nociva quando não é expressa da mesma forma que no regime português, com a sua institucionalização formalizada. Seja em papel ou na prática, a opinião pública tinha de ter em conta a doutrina salazarista. Esta máquina de propaganda funcionaria sobretudo para a “formação da consciência pública, para a criação de determinado ambiente, dada a ausência de espírito crítico ou a dificuldade de averiguação individual” (Barros, 1993, p. 28).

Começou a haver um maior controlo da informação que circulava tanto em Portugal a que vinha do estrangeiro. Seja nacional ou internacionalmente, Salazar teve de tomar algumas medidas, o que deu lugar à “política de controlo e supressão de informação, que se tornaria mais severa após a criação do Gabinete de Coordenação dos Serviços de Propaganda e Informação em 1940” (Garcia, Alves, & Leonard, 2017, p. 64). Tinham como intuito a supervisão de toda a propaganda que era feita pelo regime ou que fosse contra o mesmo.

A Censura seria então a proibição de qualquer tipo de divulgação de informação sem esta ser primeiramente ser supervisionada pelo departamento. Assim sendo, a informação que chegava a população, por vezes, era limitada. Foi no Estado Novo que a Censura alcançou o expoente máximo, sendo o seu símbolo característico o Lápis Azul. A censura realizava-se através de

cortes azuis nos conteúdos que os censores achavam incorreto ou imoral para a população ter conhecimento. A censura ocorria, portanto, a vários níveis, sendo que “a nível interno havia uma Censura prévia e posteriori, suspendendo, cortando, mutilando ou proibindo todos os textos, imagens e sons que, de um modo imediato e transparente, pusessem a descoberto a realidade das coisas e das situações, e, portanto, anulassem a aparência da realidade que o regime apresentava como verdadeira”. (Rolim, 2012, p. 2). As notícias, cartas e restantes comunicações, muitas vezes, eram cortada por completo e, em vários casos, não chegava sequer ao seu destino, se os censores o achassem o mais correto.

Para além de jornais, revistas e cartas, a Censura foi direcionada para a televisão, cinema, teatro e para o rádio. Em Portugal, tanto os jornalistas, publicitários e escritores foram sempre considerados os principais alvos da Censura: “era uma máquina poderosa, terrível, na sua eficácia de compreensão, de condicionamento, de deturpação e silenciamento da informação e do pensamento livre” (Rolim, 2012, p. 3). A censura manipulava as mentalidades, ofuscava a realidade a ponto de impor a todos “uma imagem oficial do país e dos portugueses bem diferente da verdadeira” (Rolim, 2012, p. 3)

Na imprensa, a Censura ia verificando as publicações de vários jornais, folhetos, cartazes, relatórios, sendo ainda importante referir que havia jornais privados que se encontravam ligados ao regime como era o caso do “Diário de Notícias, O Século” (Rolim, 2012, p. 5). Estes jornais sofreram com a Censura pois Salazar os via como um alimento espiritual para a população, daí terem de ser fiscalizados para não dar aso a liberdades de pensamento aos portugueses.

Esta Censura pode ser vista como violenta, mas era uma violência muito preventiva, tendo em conta que era “a forma mais constante, mais omnipresente, mas mais «silenciosa» ou «invisível» da violência” (Rosas, 2018, p. 196), na qual era utilizada a dissuasão e intimidação, sendo que estavam em constante vigilância dos comportamentos das pessoas e dos que eram considerados contra o regime salazarista.

Com a Revolução do 28 de maio de 1926, a imprensa sofre um maior “período de vigência da censura prévia à Imprensa no Portugal de sistema parlamentar” (Tengarrinha, 2006, p. 55). No mesmo ano, surge a primeira lei de Imprensa da Ditadura Militar, que constata, no seu primeiro artigo, que “a todos é lícito manifestar livremente o seu pensamento por meio da Imprensa, independentemente de caução ou censura e sem necessidade de autorização ou habilitação prévia” (Tengarrinha, 2006, p. 56). Este decreto foi aplicado nas colónias portuguesas através do

“decreto de 3 de setembro de 1926” (Tengarrinha, 2006, p. 56), com o intuito de impedir que se estabelecesse uma “Imprensa que, não estando à altura da sua elevada missão, possa vir a constituir um perigo social” (Tengarrinha, 2006, p. 5). No entanto, é aplicada uma maior vigilância na imprensa.

Com a institucionalização do Estado Novo, nos inícios da década de 1930, que “tem como um dos pilares fundamentais a censura prévia, como meio indispensável a uma obra de reconstrução e saneamento moral” (Tengarrinha, 2006, p. 57), assistiu-se a um considerável agravamento da repressão sobre a Imprensa. Deixara de haver qualquer tipo de liberdade para expressar as suas ideias sem qualquer tipo de represália.

A década de 1930 ficou, então, marcada pela expansão do ideário fascizante e, deste modo, sentiu-se uma instabilidade por toda a Europa, tendo surgido problemáticas, para os quais “a censura não estava preparada” (Tengarrinha, 2006, p. 61). A Censura encontrava-se, portanto, um pouco indecisa, provocando assim uma maior “perturbação nas relações entre os serviços de censura e os jornais, que protestam frequentemente com muita dureza” (Tengarrinha, 2006, p. 61), as medidas que foram tomadas pelo novo regime. A doutrina de Estado firma-se nos escritos de Salazar e permanece num princípio, que é “a falência do sistema liberal” (Barros, 1993, p. 12), sendo necessário uma revisão de todos os costumes políticos que por ele consagrados. No seu pensamento, a representação de um novo regime político deveria se guiar por “uma nova noção de Estado, de participação política e cívica” (Barros, 1993, p. 12):

“Nós temos visto que a adulação das massas pela criação do “povo soberano” não deu ao povo, como agregado nacional, nem influência na marcha dos negócios públicos, nem aquilo de que o povo mais precisa – soberano ou não – que é ser bem governado” (Barros, 1993, p. 12)

A sociedade portuguesa não deixava que o poder político fosse encarado como uma área acessível a todos, mas sim como algo limitado a alguns. Após a sua institucionalização (1933), a imprensa começa a ganhar a sua atenção, pois nas vésperas do conflito mundial, esta já se encontra totalmente controlada e capaz de “servir os interesses do regime. Para que tal acontecesse, uma ampla conjugação de medidas de controlo e repressão tinham sido postas em prática implacavelmente” (Barros, 1993, p. 22). O grande objetivo seria evitar as disparidades dos critérios na intervenção dos “diversos serviços encarregados da propaganda e do controlo da informação, sob a supervisão direta de Salazar” (Tengarrinha, 2006, p. 61). A própria autonomia

do jornal e a sua essência acabaria por se perder com estas medidas e supervisão apertada que o Estado estava a impor aos jornalistas.

Não podemos esquecer que, com estas medidas impostas, houve uma limpeza nas publicações inapropriadas para o Estado, o que fez com que muitos profissionais do jornalismo abandonassem a sua atividade, voluntária ou involuntariamente. O exercício jornalístico, nos finais dos anos 30, sofria um “controlo estatal que obrigava nacionais e estrangeiros, à inscrição no Sindicato Nacional dos Jornalistas, organismo responsável pela emissão de uma carteira profissional⁴⁷” (Barros, 1993, p. 25).

Neste período, as características da imprensa deixam-nos entender que muitos dos colaboradores dos jornais, “não se enquadravam neste organismo, sendo a sua intervenção esporádica, na imprensa, bem mais condicionada pelo crescente peso do lápis azul e da censura interna do jornal” (Barros, 1993, p. 25).

4.2 PROPAGANDA E CENSURA NO ESTADO NOVO

O universo dos média, enquanto aparelho de censura e propaganda que vigora na ditadura salazarista, tem vindo a atrair cada vez mais atenção para o seu estudo por parte de historiadores. Recentemente, a produção cultural do Estado Novo, tem vindo a exprimir uma prospeção “para reconhecer a relevância dos meios de comunicação e das dinâmicas informativas enquanto esfera fundamental para a análise histórica, sociológica e política do Estado Novo” (Garcia, 2017, p. 9)

Contudo, a abordagem dos média tem vindo a ser assentada e discutida em larga escala, “num enquadramento epistemológico que redundava numa efetiva secundarização do seu papel” (Garcia, Alves, & Leonard, 2017, p. 10). Quer isto dizer que também temos de ter em conta o período histórico e as considerações do processo político do período Salazarista.

Os média tendem repetidamente a ser circunscritos de duas formas básicas, o que diminui o alcance do seu papel na “interpretação da história do Estado Novo” (Garcia, Alves, & Leonard, 2017, p. 11). De certa forma, os média são uma adoção de métodos de leitura da história com outros olhos, como nos diz Garcia: “os média são com frequência tomados como uma derivação ou

⁴⁷ O Decreto-Lei nº 19 493 de 20 de Março de 1931 cria o bilhete de identidade dos jornalistas da pequena imprensa e da imprensa regional; A Portaria nº 7:624 de 8 de Julho de 1933 institui o Sindicato da Imprensa Portuguesa; O Decreto-Lei nº 26:474 de 30 de Março de 1936 concede a este Sindicato a exclusividade de representação desta classe profissional, criando a carteira profissional dos jornalistas a conceder a todos os diretores, subdiretores, chefes de redação, redatores e repórteres nos jornais diários com atividade permanente e remunerada há mais de um ano, bem como aos diretores e correspondentes de informação estrangeiros.

consequência das condições políticas determinadas, neste caso, pelo Estado Novo” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 11). Por outro lado, os média seriam também um sistema de relações complementares do poder político que acabaria por difundir a informação e acabaria por omitir a herança cultural. Os média não deixavam de ser processos de comunicação simples, que funcionavam no meio social e no mundo político, sendo esta comunicação “muito mais do que meros elos operantes do sistema político” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 14).

O modo como a política era exposta torná-la-ia numa política sedutora, mas, ao mesmo tempo uma vil “esteira do catolicismo, que considerava tradicionalmente que seduzir era enganar” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 16). Salazar não tinha uma voz forte para conseguir arrebatado o seu público e sentia uma enorme desconfiança face aos média, havendo uma “obsessão em fiscalizar o que vinculavam, dentro e fora do país, tornando-se mais compreensíveis sob um ponto de vista que admite a autonomia dos meios de comunicação enquanto sistemas tecnológicos e o poder de um dos seus produtos informativos, o jornalismo, na configuração social e no condicionamento do exercício da política” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, pp. 16-17).

Segundo o autor, Salazar sentia uma enorme desconfiança dos media e de como estes transmitiam a notícia, o que levava a que seu controlo fosse para além da escrita, leitura, e da imagem. Foi assim que a Censura também chegou à rádio e televisão. Entende-se como uma política conservadora “antiliberal e antidemocrática” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 18), durante o período do Estado Novo. Este regime exaltava sobretudo o nacionalismo e a construção de uma imagem de neutralidade de Portugal perante os olhos de outros países, na qual Salazar exaltava os valores tradicionalistas “petrificadas na tríade «Deus, Pátria, Família»” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 18), enquanto exaltava a importância do Império Colonial Português.

É importante adotar uma perspectiva em que os meios de comunicação eram dirigidos a um grande público, enquanto “atores políticos” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 18), e não como uma “força meramente passiva ou instrumentalizada pelo regime” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 18). Por outro lado, há que ter em conta a participação e a importância dos jornalistas, que faziam parte de uma forma diferenciada, na produção de informação, sendo que esta era sempre sujeita a limitações por parte do regime.

Não podemos ignorar a importância dos média na História, pois estes são vistos como “constituintes e entidades comprometidas com o processo político, social e cultural, que aqui se

propõe fazer: tomar os media como bússola na interpretação de uma história possível do Estado Novo” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 19).

Ao longo das pesquisas que foram sendo feitas, a imprensa foi submetida a limitações entre 1939-1945, período coincidente também com o “desencadear da Guerra Civil de Espanha e da II Guerra Mundial” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 69). As medidas que foram impostas durante este período pelos “aparelhos de censura e propaganda para garantir a orientação política de neutralidade quanto à política externa” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 70), visavam sobretudo transparecer a neutralidade de Portugal, abordada anteriormente, e que este não estaria envolvido na guerra de alguma forma.

Nos primórdios do século XX, ocorreram dois momentos de “restrição à liberdade de imprensa” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 72): o primeiro momento ocorre durante a “monarquia com a legislação antiliberal de João Franco” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 72) e o segundo momento ocorreu durante a I Guerra Mundial que se prolongou até fevereiro de 1919. Também houve outros momentos de censura, como na Ditadura Militar onde foi inaugurado um novo ciclo de relacionamento entre a imprensa e o poder político “com o anúncio da censura prévia em 22 de junho de 1926” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 72).

Mas é em finais de 1928 que o aparelho da censura vai sofrer a sua primeira reestruturação “com a criação da Direção – Geral dos Serviços de Censura à Imprensa” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 72). O desencadear da II Guerra Mundial na Europa acabou por arrastar consigo algumas “transformações no aparelho da censura e propaganda” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 89), em meados de 1940 com a criação do “Gabinete de Coordenação dos Serviços de Propaganda e Informação” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 89), através do «Decreto-lei nº 30:320 de 19 de março de 1940», que na qual, Salazar ensaiou a coordenação da ação do SPN.

No que diz respeito à relação da censura com a imprensa, esta tinha uma maior atenção aos anúncios que eram feitos na frente de batalha, já que a “maior parte dos cortes efetuados reporta-se a episódios nas frentes de batalha” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 91). No caso português, havia um todo cuidado de como a notícia iria ser lançada “a nível de composição, paginação, titulação e distribuição do noticiário pelo jornal” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 91), com o intuito de demonstrar os princípios e rigorosidade da neutralidade portuguesa. Havia um todo um estratagema de como a notícia ia ser lançada, tudo para não gerar um pânico na população portuguesa de como a guerra estava a desenrolar:

“a quantidade de cortes sobre o noticiário de guerra indica a necessidade de se exercer com maior rigor a censura sobre a questão internacional. Especialmente nos diários, em que ocupa excessiva parte do papel, concorrendo para o alarme e para a desmoralização da opinião, criando um estado permanente de inquietação em que se enfraquecem as energias nacionais que não são animadas pelos factos da vida portuguesa, se deve insistir, não permitindo: 1ª paginação alarmante e títulos a mais de três colunas; 2ª publicação de noticiário, que, sem prejuízo da informação do público, seja a) de origem irresponsável; b) inverosímil; c) vago ou infundamentado” – «Boletim Diário nº134/135 de 20 de maio de 1940 (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 91)

Portugal visava sobretudo manter a sua neutralidade com intuito de não haver qualquer tipo de “prejuízo do compromisso da aliança” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 92). Sendo que as páginas dos noticiários e as notícias estavam limitadas, relativamente à situação do exterior, colocavam-se notícias referentes aos assuntos nacionais, para limitar na primeira página notícias de guerra a um máximo de seis aberturas ou telegramas por forma a privilegiar assuntos nacionais”. (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 92). As notícias escolhidas eram a exaltar o quão Portugal era preponderante perante a situação que encontrava a Europa.⁴⁸

No entanto, estas diretrizes tinham o intuito de evidenciar à população de que a guerra era um fenómeno distante, sendo que se encontrava “em curso o maior evento propagandístico do Estado Novo” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 94), como por exemplo, seria a Exposição Histórica do Mundo Português. Assim sendo, a propaganda dos países beligerantes acaba por ser limitada ao máximo e caso se excedesse, os agentes portugueses teriam de denunciar às “autoridades e à Polícia de Vigilância e Defesa do Estado” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 94). A publicação da propaganda estrangeira sobre a situação da guerra acaba por criar uma política de distanciamento dos países que se encontravam em guerra aberta, o que “entrava em direta concorrência com o esforço do SPN” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 94). Havia todo o cuidado de ocultar as notícias que achavam que não fossem necessárias que a população soubesse, para não demonstrarem uma imagem negativa do regime salazarista, perante a propaganda externa. Apesar dos esforços que foram desenvolvidos ao longo e pelo regime para manter ou transparecer uma posição de neutralidade ou colaborante durante a II Guerra Mundial, através das fontes podemos compreender de que “a opinião pública portuguesa era largamente favorável aos Aliados” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 96) e sobretudo a “imprensa de província mostrava

⁴⁸ «circular nº211 de 6 de maio de 1942», distribuída aos jornais diários, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo do Gabinete do Ministério do Interior, mç 525, cx83

igualmente posições anglófilas censuradas sobretudo em 1941-1942” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 96).

Ao longo desta pesquisa podemos observar que houve censura aquando da derrota da Alemanha as palavras não foram as mais amáveis. Por outro lado, o país “congratula-se com a vitória sobre a Alemanha, à luz da aliança com a Inglaterra” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 97).

No decorrer do desígnio salazarista foi necessário criar uma base alargada para suportar a “rede de imprensa” (Garcia, Alves, & Leornard, 2017, p. 99), durante o seu regime, que veio a demonstrar-se um fracasso.

A censura preventiva tinha como objetivo estar mais presente nas massas e nos media, mas, ao mesmo tempo era uma censura silenciosa e invisível. Esta prática era apontada como uma “dissuasão à intimidação, privilegiando a contenção e a vigilância permanente dos comportamentos” (Rosas, 2018, p. 196) e tinham como objetivos manter a ordem e permitir que o regime fosse “sucessivamente reorganizado, concentrado, rearmado e modernizado” (Rosas, 2018, p. 197). Esta função era inteiramente para a PSP e a GNR, que zelariam pela segurança da população e a ordem pública. Por vezes, para isso acontecer, era necessário partir para a violência, pois havia alguma desordem. No entanto, “não eram a violência na rua nem os espancamentos nas esquadras o que tornava singular” (Rosas, 2018, p. 198) – expressão usada por outro autor! – no sentido em que a herança que a política não enraizava violência, mas sim manter a ordem no regime salazarista.

Ao olharmos para o regime salazarista, podemos entender que a população não tinha qualquer tipo de liberdade, direitos e que havia, sobretudo, uma “ausência de qualquer forma (judicial ou outra)” (Rosas, 2018, p. 198)

No que diz respeito à violência punitiva, esta só agia após o “círculo de prevenção” (Rosas, 2018, p. 202), quando a pessoa passava os limites. A violência punitiva só avançava quando havia algo considerado muito grave por parte do regime, que comprometesse, por sua vez, a segurança do Estado:

“passavam o tal risco delimitador do primeiro círculo de segurança, militando ou apoiando organizações clandestinas de luta contra o regime, conspirando ou participando em actividades revolucionarias, ou simplesmente aderindo a uma greve” (Rosas, 2018, p. 202).

Este domínio de repressão punitiva atuava como um “sistema de justiça política do regime” (Rosas, 2018, p. 203), cujo seu centro de apoio era a polícia política. Dentro desse centro temos

fielmente alguns órgãos para manter a ordem no regime como, por exemplo, a PSP e a GNR, que “desempenhavam também um papel central no domínio especificamente repressivo da defesa do regime” (Rosas, 2018, p. 207), juntando a responsabilidade de manter a ordem nas prisões e na rua, como também pela “rede de prisões políticas e campos de concentração” (Rosas, 2018, p. 203).

Por vezes, estas ações não foram as suficientes e foi necessário tomar outras medidas, levadas a cabo sobretudo pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), como recorrer à tortura para adquirir certas informações aos indivíduos que iam contra o regime salazarista:

“A tortura do sono, a «estátua», os espancamentos com vários tipos de instrumentos de agressão, o isolamento prolongado, a chantagem e a humilhação dos presos, a prisão arbitrária sem culpa formada nem condenação judicial, foram os métodos constantemente usados pela polícia política a que o regime procurará dar uma fachada de legalidade, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial” (Rosas, 2018, p. 203).

Também tinham um papel fundamental para que não houvesse qualquer tipo de manifestações públicas contra o regime ou as práticas que o mesmo adotava:

“quem ousasse manifestar-se publicamente contra o regime ou as práticas, fosse de forma abertamente política (comemoração 1º de Maio), fosse, sobretudo no mundo rural, para reclamar «apoliticamente» contra a florestação dos baldios, a demarcação dos colonatos, a construção de barragens, as políticas do leite ou do vinho, fosse pelas reivindicações estudantis” (Rosas, 2018, p. 208).

Neste tipo de acontecimentos por vezes, a PIDE era obrigada a intervir e a reprimir as pessoas que estavam contra o regime e, muitas vezes, senão todas, estas pessoas eram presas e julgadas, e torturadas sem qualquer tipo de julgamento público.

Ao contrário do que muita gente pensava, a censura não era pacata. Em Portugal podia-se ler várias coisas, mas não se podia ler de tudo: “a Censura sempre se movia por critérios políticos ou ideológicos” (Madureira, 2021, p. 38) e podia haver algum sentimentalismo patriárquico que levasse a que certas informações fossem cortadas. Um bom exemplo sobre este acontecimento foi nos inícios de 1941:

“quando informada de que algumas regiões espanholas fora vedada a circulação a certa imprensa portuguesa, ordenou que, até nova ordem, a partir daquela data, não fosse distribuído os jornais espanhóis, com exceção do Faro de Vigo, Pueblo Galego e El Alcazar, nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Coimbra, Lisboa Setúbal e Faro. A apreensão ficava entregue nas centrais e distribuições postais, ao pessoal dos CTT e, nos postos de fronteira, aos agentes da PVDE” (Madureira, 2021, p. 38).

Através desta afirmação do autor, é perceptível que, desde muito cedo, a censura atuava nos jornais e que estes eram entregues às entidades competentes para que a informação da situação da guerra não vazasse. De certo modo, foi através da “Guerra Civil Espanhola que se marcou o início de uma nova era na relação das rádios portuguesas com os ouvintes” (Madureira, 2021).

O poder de Salazar encontrava-se em todo o lado e foi uma luta constante para manter o controle das rádios e imprensa, por causa das notícias que a população viria a aceder sobre o desenvolvimento da II Guerra Mundial. Salazar pretendia manipular as pessoas de tal ordem que só permitia as suas próprias verdades, mas nem sempre tal aconteceu:

“qualidades de tenacidade e obstinação, mas também de cálculo, prudência e astúcia, bem como um sábio talento para moldar e promover a sua imagem pública, seduzindo e manipulando a imprensa e apresentando-se ao público como antipolítico, forte do seu saber, desapegado do mando e preocupado apenas em servir com desvelo o bem comum. Habilidade, conseguiu manter suficientes áreas de ambiguidade e de consenso para reunir em torno da sua figura e da sua doutrina de «regeneração nacional»” (Pereira, A Diplomacia de Salazar (1939 - 1949), 2012, p. 20)

4.3 O PONTO DE VIRAGEM – O QUE PODERIA TER ACONTECIDO NOS AÇORES?

No decorrer dos anos 1941⁴⁹ – 1942, o panorama da II Guerra Mundial foi reajustado por eventos que modificaram o curso do conflito, como a entrada do Estado Unidos da América no conflito, que constituiu uma reviravolta do curso da guerra. Com as opções tomadas por Hitler como invasão da União Soviética em 1941, muito irá mudar nos teatros de guerra. A partir daí, o Eixo começou a sofrer constantes derrotas, cada vez mais significativas, o que não impediu que Hitler e Hirohito prolongassem a guerra até 1945. Ainda em 1941, a guerra no Ocidente alastrou-se sobre a União Soviética como referido, à Jugoslávia, aos Balcãs, e levou a uma rede de resistência irregular cada vez maior nos países ocupados tais como a França, a Holanda, a Dinamarca e Noruega.

Até à data, os Aliados tinham vindo a sofrer ataques constantes do Eixo “como, por exemplo, os bombardeamentos suportados por Londres e não conseguiam um avanço significativo nos campos de batalha (fase da Blitzrieg, caracterizada pela supremacia do Eixo)” (Tavares, 2018, p. 13), daí que a entrada dos Estados Unidos na guerra tenha acabado por alterar a balança

⁴⁹ Ver Anexo 4 – figura nº 357 e figura nº 364

estratégica do conflito. Bastará olhar para as implicações a nível do poderio industrial, tecnológico e de recursos humanos que os EUA “injetaram” no esforço da guerra Aliado. Para além dos aspetos militares, a entrada dos EUA também teve um impacto psicológico profundo. A confiança dos Aliados foi renovada e os EUA foram reconhecidos como uma influência que alterou a dinâmica diplomática, fazendo as forças do Eixo sentirem-se retraídos nos seus avanços. A participação da superpotência acabou por ser um ponto de inflexão que acabou por transcender as fronteiras geográficas.

A partir de 1942, a II Guerra Mundial ganhou um novo rumo, no qual “os países dos Aliados ganharam paulatina e progressiva hegemonia na guerra, resultando, a partir de 1944, numa Alemanha completamente cercada pelas forças aliadas, com a entrada de tropas britânicas e americanas em território italiano” (Tavares, 2018, p. 13). Assim sendo, com a rápida progressão dos Aliados perante as forças do Eixo, em 1945 a guerra dá-se como terminada, primeiro na Alemanha e em seguida no Japão. Há que ter em conta que o Japão se rendeu após as duas bombas atómicas terem deflagrado no seu solo a 6 e 9 de agosto de 1945 (Hiroshima e Nagasaki). Este período caracterizou-se principalmente por uma perda massiva de vidas, não só no campo de batalha, como também nos inúmeros ataques a civis. No seguimento do Holocausto, verificou-se ainda um extermínio de vidas, culturas e etnias. A vitória dos Aliados era incerta até 1942, e para além dos beligerantes, “as condições económicas e sociais que um conflito armado acarreta, bem como razões de ordem político-diplomática ditam a neutralidade de algumas nações” (Tavares, 2018, p. 13). Temos o exemplo de Portugal, Suécia, Suíça, Irlanda e Espanha, que foram alguns dos países que se mantiveram neutros durante este conflito mundial. Algumas destas neutralidades foram relativas, como se constatou com Portugal, que se manteve simultaneamente longe e perto do conflito. Isto quer dizer que Salazar mantinha uma neutralidade dúbia entre Aliados e o Eixo, evidente através do famoso tráfico de volfrâmio. Ao mesmo tempo, poucos sabem que Portugal, durante os cinco anos de guerra, mobilizou cerca de 120 mil homens, entre os vários ramos das forças armadas e a Legião Portuguesa, e só para os Açores enviou 27 mil homens do Continente. Já por aqui se entende a importância que o Arquipélago dos Açores tinha para o Governo Português, como ponto de defesa da soberania em caso de invasão hispano-alemã (Operação Felix). Além das tropas o Governo Português destaca para os Açores o melhor que tinha de equipamentos militares, como artilharia e aviação, de início material obsoleto, mas depois de 1942 e com aproximação aos Aliados, progressivamente modernizado. A

importância dos Açores era tal que os EUA equacionaram invadir o arquipélago, mesmo com as reservas do Governo Britânico.

Durante o período da II Guerra Mundial, Salazar veio a revelar-se bastante hábil e que sabia jogar com o psicológico e o cansaço dos portugueses em “relação à insegurança e destruição causadas por uma violência política recorrente que se arrastava desde antes de 1910” (Monteiro, 2019, p. 221). Estes anos foram fundamentais, com a consolidação do regime e a sua transformação perante a ameaça de Salazar e o seu poder.

Os Açores, durante a II Guerra Mundial, foram vistos como um teatro de refúgio para os órgãos da soberania. Caso houvesse um ataque na Península Ibérica e a sua força militar, o seu último recurso seria os Açores para defender o limite que EUA colocou na sua fronteira marítima, após a decisão de Franco de adiar “sine die a entrada na guerra e resistir às pressões alemãs” (Pereira, A Diplomacia de Salazar (1932-1949)., 2012, p. 258)

Porém, a sua neutralidade perante este conflito mundial, entre vários aspetos diversificados, implicava principalmente uma completa “abstenção de apoio militar aos países beligerantes” (Tavares, 2018, p. 14), tendo sido também importante “se debater com sérios problemas relacionados com a conjuntura internacional”. (Andrade, s/n, p. 320)

Através de algumas fontes podemos compreender que Portugal teve um papel mais ativo no conflito, pelo que temos de considerar até que ponto a sua “neutralidade e em que medida esta se fundiu com uma colaboração encoberta” (Tavares, 2018, p. 15).

Portugal durante este período sempre se manteve neutro. No entanto, a sua condição não deixava de chamar atenção para as outras potências, como os EUA, “com maior nitidez no segredo das chancelarias: a de uma ocupação unilateral dos Açores pela Grã-Bretanha ou pelos Estados Unidos” (Pereira, A Diplomacia de Salazar (1932-1949)., 2012, p. 258)

O interesse dos Aliados pelo arquipélago nunca desaparecera, sendo que “no inverno de 1943, a abordagem à questão dos Açores foi objeto de longas discussões nas atas de esfera anglo-americanas” (Pereira, A Diplomacia de Salazar (1939 - 1949), 2012, p. 259). Várias ideias saíram desta discussão como “(...) a vontade de vários ramos das Forças Armadas americanas (...) uma ocupação das ilhas, com ou sem autorização de Portugal” (Pereira, A Diplomacia de Salazar (1932-1949)., 2012, p. 360). No ponto de vista militar, os Açores eram fundamentais essencialmente por duas razões: a “luta antissubmarina (...) entreposto logístico para o transporte

de tropas e material da América do Norte para os teatros de guerra do outro lado do Atlântico” (Pereira, *A Diplomacia de Salazar (1932-1949)*., 2012, p. 360).

Podemos entender que a preocupação de Portugal em se manter neutro era importante. No entanto, a mesma “seria inevitavelmente quebrada para se adaptar às necessidades e desejos dos Estados que controlavam à direção do conflito.” (Tavares, 2018, p. 15)

No fluir da I Guerra Mundial, há muito que a marinha americana pensara colocar as suas bases militares nos Açores e assim tinham o poder de controlar o oceano Atlântico sem problemas. “As autoridades portuguesas sabiam que, no decorrer da Primeira Grande Guerra, a marinha americana pensara instalar bases de operações nos Açores.” (Madureira, 2021, p. 23), situação essa que se veio a verificar na II Guerra Mundial.

O momento da verdade chegara e a esperança de que os Açores poderiam ser a base para a Inglaterra, para “utilização de facilidades nos Açores, oferecendo em troca assistência a Portugal em caso de ataque aéreo alemão ao continente e, mais importante, (...) as forças inglesas retirariam dos Açores e seria mantida a soberania portuguesa sobre todas as colónias” (Pereira, *A Diplomacia de Salazar (1932-1949)*., 2012, pp. 364-365) foi cumprida. Neste ponto de vista, entende-se que Salazar negociou para que os Açores fossem uma ponte de salvaguarda para caso sofresse um ataque eminente das forças do Eixo.

Caso a história levasse a outra direção, como é que os Aliados iriam conseguir suprimir as forças do Eixo sem o apoio dos Açores?

CONCLUSÃO

Desde tempos imemoriais, a ilha de Malta tem sido considerada um ponto estratégico crucial, tanto militar quanto geograficamente, devido à sua localização central no Mar Mediterrâneo. A sua posição única permitiu movimentos e operações que outras ilhas na mesma região não podiam oferecer. Como resultado, Malta e Gozo foram alvo de inúmeras disputas entre vários povos ao longo da história, o que contribuiu significativamente para a formação da sua identidade, cultura, costumes e tradições. Este legado complexo e multifacetado levou a várias conclusões parcelares, que se reuniram na conclusão geral desta tese.

No século XX, o Cerco de Malta (1940-1942) destacou-se como um dos teatros de operações militares mais importantes nas frentes do Mediterrâneo e do Norte de África durante a Segunda Guerra Mundial. As ilhas testemunharam intensos confrontos entre as forças aéreas, navais e terrestres dos Aliados e as do Eixo (Alemanha e Itália). Desde o início da guerra, a Itália e a Alemanha ambicionavam conquistar territórios no Norte de África, o que lhes permitiria expandir e controlar o Mar Mediterrâneo. Malta e Gozo, quase no centro geográfico dessas ambições, eram possessões valiosas do Império Britânico.

A 10 de junho de 1940, a Itália declarou guerra à França e ao Reino Unido, colocando imediatamente Malta na mira dos italianos devido ao seu valor geoestratégico. Malta, como colônia do Império Britânico, tornou-se alvo imediato, e a sua importância estratégica significou que a sua resistência era crucial para os esforços aliados na região.

A batalha pelo controle de Malta foi feroz e prolongada. As forças do Eixo lançaram uma campanha implacável de bombardeamentos e bloqueios navais para tentar forçar a rendição da ilha. No entanto, a resistência determinada das forças britânicas, juntamente com o apoio da população maltesa, impediu a captura da ilha. A resiliência de Malta tornou-se um símbolo de oposição contra a agressão do Eixo e desempenhou um papel vital na proteção das rotas de abastecimento aliadas no Mediterrâneo.

Durante o Estado Novo em Portugal, a imprensa tratou as notícias sobre Malta com cuidado, mantendo um discurso neutro, apesar da neutralidade colaborativa de Portugal. A partir de 1942, Portugal começou a apoiar discretamente as forças do Império Britânico, reconhecendo a importância estratégica de Malta para o esforço de guerra aliado.

Além de Malta, as ilhas dos Açores também desempenharam um papel geográfico crucial na Segunda Guerra Mundial. Esta situação levanta questões hipotéticas, como: "Caso a história

tomasse outro rumo, como os Aliados conseguiriam suprimir as forças do Eixo sem o apoio dos Açores?” ou “Se as forças do Eixo tivessem conseguido dominar Malta, como isso teria alterado o curso da guerra no Mediterrâneo?”

A perda de Malta para as forças do Eixo teria tido consequências desastrosas para os Aliados. Controlar Malta teria permitido ao Eixo interromper efetivamente as linhas de abastecimento aliadas no Mediterrâneo, facilitando suas operações no Norte de África e possivelmente alterando o equilíbrio de poder na região. A resistência de Malta, portanto, não foi apenas um ponto crucial de oposição, mas também um fator determinante na eventual vitória aliada no Mediterrâneo.

Ao longo deste trabalho, foram analisadas várias fontes documentais com o objetivo de identificar as mais relevantes para as problemáticas levantadas. Este processo diário de leitura e análise foi fundamental para assegurar a pertinência das fontes escolhidas.

Apesar da riqueza patrimonial dos documentos ainda não estudados, este trabalho é inédito e oferece uma contribuição significativa para o campo. Não se trata apenas de uma tese académica para obtenção do grau de mestre, mas também de um dever de Memória a ser mantido, tanto como portuguesa quanto como maltesa.

A defesa e resistência de Malta durante a Segunda Guerra Mundial representam um capítulo essencial na história da guerra, demonstrando como uma pequena ilha pode desempenhar um papel desproporcionalmente grande em conflitos globais. A memória desta resistência deve ser preservada e estudada continuamente para compreender plenamente a sua influência na história mundial.

O Cerco de Malta e o seu valor como Património Cultural constitui-se, na época contemporânea, na narrativa física e imaterial plasmada na memória da batalha pelo controle de Malta, de tal maneira que foi feroz e prolongada.

O Cerco de Malta não é apenas um capítulo significativo da história militar, ele também possui um profundo valor como património cultural. Este período de intensa adversidade e resistência moldou a identidade coletiva do povo maltês e deixou um legado duradouro que é celebrado e preservado até hoje. O património cultural de Malta relacionado ao cerco abrange tanto elementos tangíveis quanto intangíveis. Entre os patrimónios tangíveis, destacam-se os numerosos bunkers, fortificações e abrigos antiaéreos que ainda existem na ilha. Estes locais não são apenas relíquias da guerra; eles servem como museus e centros educacionais, oferecendo ao público uma

visão detalhada das condições e desafios enfrentados durante o cerco. A preservação desses locais é crucial para a memória histórica e oferece uma conexão física direta com o passado.

Os elementos intangíveis incluem as histórias orais, tradições e memórias coletivas da população maltesa. As narrativas dos sobreviventes, as lendas locais e os relatos das gerações que viveram sob o cerco são fundamentais para a compreensão completa deste período. Estas histórias não só mantêm viva a memória dos sacrifícios e da coragem demonstrada, mas também reforçam a identidade cultural e o sentimento de unidade nacional. A identidade de Malta, hoje um país independente, mas dos maiores repositórios da História da Europa Mediterrânica, torna-a um marco essencial para a compreensão de a nossa Cultura Ocidental se fez com o cruzamento de várias civilizações, mas também que os Malteses foram os heróis daqueles três anos de resistência contra a Alemanha Nazi e a Itália Fascista. Esta História deve ser parte da nossa Herança como Educação e Memória de nós, cidadãos Europeus e vivendo em Liberdade, essa que custou tão caro entre 1939 e 1945. A educação desempenha um papel vital na preservação e valorização do património cultural de Malta relacionado ao cerco. Programas educativos nas escolas maltesas frequentemente incorporam visitas a museus e sítios históricos, assim como encontros com historiadores e veteranos, para garantir que as novas gerações compreendam a importância desse período. A narrativa do Cerco de Malta é também uma ferramenta poderosa para promover a paz e a resiliência, destacando as consequências da guerra e a importância da cooperação internacional.

O valor do património cultural de Malta relacionado ao cerco também é reconhecido internacionalmente. Várias organizações, incluindo a UNESCO, têm apoiado a preservação dos sítios históricos e a promoção do turismo cultural em Malta. Este reconhecimento não só ajuda a proteger e manter esses locais, mas também atrai visitantes de todo o mundo, interessados em aprender sobre este capítulo crucial da história global.

O Cerco de Malta é um componente fundamental da identidade nacional maltesa. A resiliência demonstrada durante o cerco tornou-se um ponto de orgulho nacional e um símbolo de independência e força. Este período histórico reforçou a coesão social e a identidade cultural de Malta, ajudando a forjar uma nação unida em torno de valores comuns de coragem, sacrifício e perseverança.

Ao longo deste trabalho, foram analisadas várias fontes com o objetivo de identificar as mais relevantes para as problemáticas levantadas. Este processo diário de leitura e análise foi fundamental para assegurar a pertinência das fontes escolhidas.

A defesa e resistência de Malta durante a Segunda Guerra Mundial representam um capítulo essencial na história da guerra, demonstrando como uma pequena ilha pode desempenhar um papel desproporcionalmente grande em conflitos globais. A memória desta resistência deve ser preservada e estudada continuamente para compreender plenamente a sua influência na história mundial.

A conclusão geral sublinha a importância estratégica de Malta ao longo da história, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, e reafirma a necessidade contínua de estudar e preservar a rica herança documental destas ilhas.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, P. (2021). *Brevíssima história do jornalismo mundial*. Brasil.

Andrade, L. (s/n). *A Neutralidade e os Pequenos Estados. O Caso de Portugal (1939-1945)*.
Açores: Departamneto de História, FCS, Universidade dos Açores.

Annual Report 2021. (2021). Malta: National Archives of Malta.

Barros, J. T. (1993). *O Fenômeno de Opinião em Portugal durante*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Belloto, H. L. (2014). *Constituição, dispersão e reitegração de fundos*. Em H. L. Belloto (Ed.), *Arquivo e reflexões*. Belo Horizonte: UFMG.

Boffa, D. C. (1992). *The Second Great Siege Malta 1940-1943*. Malta: Progress Press Co. Ltd.

Carvalho, R. A. (2019). *Arquive-se uma viagem pelos arquivos nacionais*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Cassar, C. (2000). *A Concise History of Malta*. Malta: Mireva Publications.

Cassar, P. (1965). *Medical History of Malta*. Malta: The Wellcome Historical Library, General Editor: F.NL. Poynter, Ph.D, New Series, Volume VI.

Fernando Rosas, d. d. (1998). *História de Portugal; Sétimo Volume, O Estado Novo (1926-1974)*. Porto: Editora Estampa.

Fiorini, S. (1989). *Santo Spirito Hospital at Rabat, Malta the early years to 1575*. Malta: Department of information, Malta.

Flavigny, B. G. (2006). *Histoire de l'Ordre de Malte*. Paris: Perrin.

- Flores, H. M. (2017, vol.7, nº1). *Preservação do patrimônio documental arquivista em ambiente digital*. Universidade Nacional de La Plata: Departamento de Bibliotecología.
- Ford, K. (2009). *Battles of World War II Gazala 1942 Rommel's greatest victory*. Barcelona, Espanha: Osprey Publishing Limited.
- Fraga, L. A. (2009). *A Beligerância Portuguesa no Século: XX Constantes e Motivações*. Coimbra: Instituto de História das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Galea, M. (2019). *Malta Diary of War 1940-1945*. Malta: BDL Publishing, Printed by Gutenberg Press, Hal Tarxien.
- Garcia, J. L., Alves, T., & Leornard, Y. (2017). *Salazar, o Estado Novo e os media: introdução a uma nova agenda de investigação*. Lisboa: Edições 70.
- Jesus, H. S. (2011). *Os Arquivos e Descrições Arquivística: Evolução e Normalização*. Covilhã: Universidade da Beira Interior Artes e Letras.
- Latimer, J. (2009). *Battles of World War II Libya 1940 The allies' first victory*. Malta: 2009.
- Madureira, A. (2021). *Salazar e a II Guerra Mundial O difícil equilíbrio do Estado Novo entre os Aliados e os nazis*. Lisboa: Clube do Autor.
- Monteiro, A. C. (2019). *História Política Contemporânea Portugal 1808-2000*. Lisboa: Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
- Mundo, P. M. (2002). *Diretrizes para a salvaguarda do património documental*.
- Noppen, R. k. (2018). *Air Campaign Malta 1940-42 The Axis' air battle for Mediterranean supremacy*. United Kingdom: Osprey Publishing Ltd.
- Nunes, J. P. (1999). *Portugal, Espanha, o Volfrâmio e os Beligerantes durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- NWM – *Introduction, Calender of Main Events, Diary of the Italian was on the Malta Front, Cuttings from the 'Times of Malta' . (1940 – 1943)*. Malta.
- Peña, R. P. (2009). *La Soberana Orden de Malta a través de diez siglos de historia y su relación con la acción humanitaria*. Málaga: Tese de doutoramento, Universidade de Málaga.
- Pereira, B. F. (2012). *A Diplomacia de Salazar (1939 – 1949)*. Alfragide, Portugal: D. Quixote.
- Porto, D. M. (2013). *História e evolução do Arquivo A exemplaridade da Torre do Tombo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior artes e Letras.
- Quétel, C. (2010). *História da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições Texto Grafia.
- Raskin, R. (2009). *Five explanations as to who named Malta's Gloster Gladiators Faith, Hope and Charity in 1940–1941*. Malta: Journal of Maltese History: vol.4 no.2.
- Ribeiro, C. F. (1998). *O Acesso à Informação nos Arquivos, part.I: o acesso à informação no quadro de desenvolvimento dos arquivos em portugal*. Porto: Oficina Gráfica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ribeiro, F. (2002). *Arquivos – memória – história: algumas notas de reflexão*. Porto: Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População Economia e Sociedade.
- Rodrigues, M. C. (jan./abr. 2016). *Património Documental Nacional: Conceitos e definições*. Campinas, SP: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
- Rogers, A. (2022). *Battle of Malta June 1940 – November 1942*. Malta: Osprey Publishing Ltd.
- Rolim, V. G. (2012). *A Censura do Estado Novo e do Mundo Actual*. Escola Superior de Comunicação Social.
- Rosas, F. (2018). *Salazar e o Poder a Arte de Saber Durar*. Lisboa: Edições tinta-da-china, Lda.

Sousa, J. P., & Lima, H. (2020). *História do jornalismo em Portugal: proposta de periodização*. São Paulo: Revista Brasileira de História da Mídia, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 171-190, jul./dez. 2020.

Stephenson, C. (2004). *The Fortifications of Malta 1530 - 1945*. Oxford, Inglaterra: Osprey Publishing.

Stephenson, C. (2004). *The Fortifications of Malta 1530-1945*. Malta: Osprey Publishing.

Tavares, A. C. (2018). *Representações da II Guerra Mundial na revista Mundo Gráfico (1940-1946)*. Porto: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tengarrinha, J. (2006). *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Vella, H. C. (3 de Março de 2007). *The Hospital of Holy Spirit at Rabat, Malta, and its Latin Inscriptions: A Review*. Malta: Literatura.

Webgrafia

Pesquisado a 10 de setembro de 2022:

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/construir-sociedades-do-conhecimento/preservacao-da-informacao>

Pesquisado a 4 de janeiro de 2023: <https://www.digitaltreasures.eu>

Pesquisado a 4 de novembro de 2022:

<http://ordemdoscavaleirostemplarios.blogspot.com/2008/03/cavaleiros-templarios.html>

Pesquisado 4 de novembro de 2022: <https://www.independent.com.mt/articles/2018-09-05/local-news/Against-all-odds-Remembering-the-Great-Siege-of-1565-6736195697>

Pesquisado a 9 de novembro de 2021:

<https://nationalarchives.gov.mt/en/Pages/History.aspx>

Pesquisado a 25 de novembro de 2021:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_\(1919\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Versalhes_(1919))

PERÍODICOS

A organização destas Fontes vai de acordo com as séries documentais constitui este acervo de imprensa.

Comércio do Porto

1940

"Itália declarou Guerra à França e Grã-Bretanha" – Comércio do Porto: 11 de junho de 1940/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

"Entre Portugal e a Espanha ha perfeita identidade de propósitos" – afirma, em artigo de fundo, o mais categorizado jornal inglês" – O comércio do Porto, Ano LXXXVI, nº224 (16 de agosto de 1940)

<https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248101/>

"A Guerra em África A' volta de Bardia a luta prossegue, com extraordinária violência" – O comércio do Porto, Ano LXXXVI, nº348 (20 de dezembro de 1940)

<https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248227/>

1941

"A guerra no ar e no mar A R.A.F. atacou violentamente as bases alemães em que se prepara para a invasão"

Fonte: <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248286/> Referência: O Comércio do Porto, Ano LXXXVI, nº 46 (17 de fevereiro de 1941)

1942

"No ceu de Malta travou-se violenta batalha aérea"

Fonte: Comércio do Porto: 27 de março de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

"A luta em Africa e no Mediterraneo

Malta vai representar papel importante nas operações futuras – afirmou o Governador da Ilha"

Comércio do Porto: 1 de abril de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

"A luta no Mediterraneo"

Comércio do Porto: 14 de abril de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

"O embarque das tropas no «Carvalho Araujo» A guarnição militar dos Açores vai ser reforçada com mais um contingente de tropas que ontem partiu de Lisboa para aquele arquipélago, no paquete «Carvalho Araújo»

Fonte: Comércio do Porto: 26 de abril de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

Diário de Notícias

1940

P-D-144: "A Itália declarou Guerra à França e à Grã-Bretanha": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 10 de junho de 1940.

P-D-144: "Malta sofreu novos ataques aéreos": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 13 de junho de 1940.

P-D-144: "A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do Porto de Tobruk": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 13 de abril de 1941

P-D-144: "Toulon e Bizerta bases navais francesas do mediterrâneo foram bombardeadas num ataque a Tobruk": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 14 de junho de 1940.

P-D-144: "A Ilha de Malta continua a ser atacada pela aviação italiana": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 12 de julho de 1940.

1941

P-D-144: "A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do Porto de Tobruk": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 13 de abril de 1941

P-D-144: "Para os Açores seguiram ontem Novos Contingentes de Tropas": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 1 de maio de 1941

P-D-144: "Paraquedistas italianos ocuparam as ilhas Gregas de Cefalónia e Zante" Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 3 de maio de 1941

P-D-144: "A Aviação Italiana Atacou Malta": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 5 de junho de 1941

P-D-144: "Malta novamente bombardeada pela Aviação Italiana": Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 18 de junho de 1941

Times of Malta

1940

TOM_ "Allies control the mediterranean: no menace." _No.1.459_ Tuesday, april 23, 1940

TOM_ "Churchill Prime Minister National Government Being Formed 'All Parties' Government in France" _No. 1,475_ Saturday, may 11, 1940

TOM_ "Hitler's desperate Bid" _Tuesday may, 1940

TOM_ "Italy's attack on Malta Several Raids – Tomato Crop Demolished" _No.1,504, Friday, June, 14, 1940

1941

TOM_ "Mussolini's Cowardly Act U.S.A All but War With Italy "We know the Italian's of old" – Doomed to meet their second Caporetto" _No. 1,501_ Tuesday, June 11, 1941

TOM_ "Germany at Soviet Russia's Throat Finns and Rumanians Also Attack Invasion Along Whole Frontier" _No.1,821_ Monday, June 23, 1941

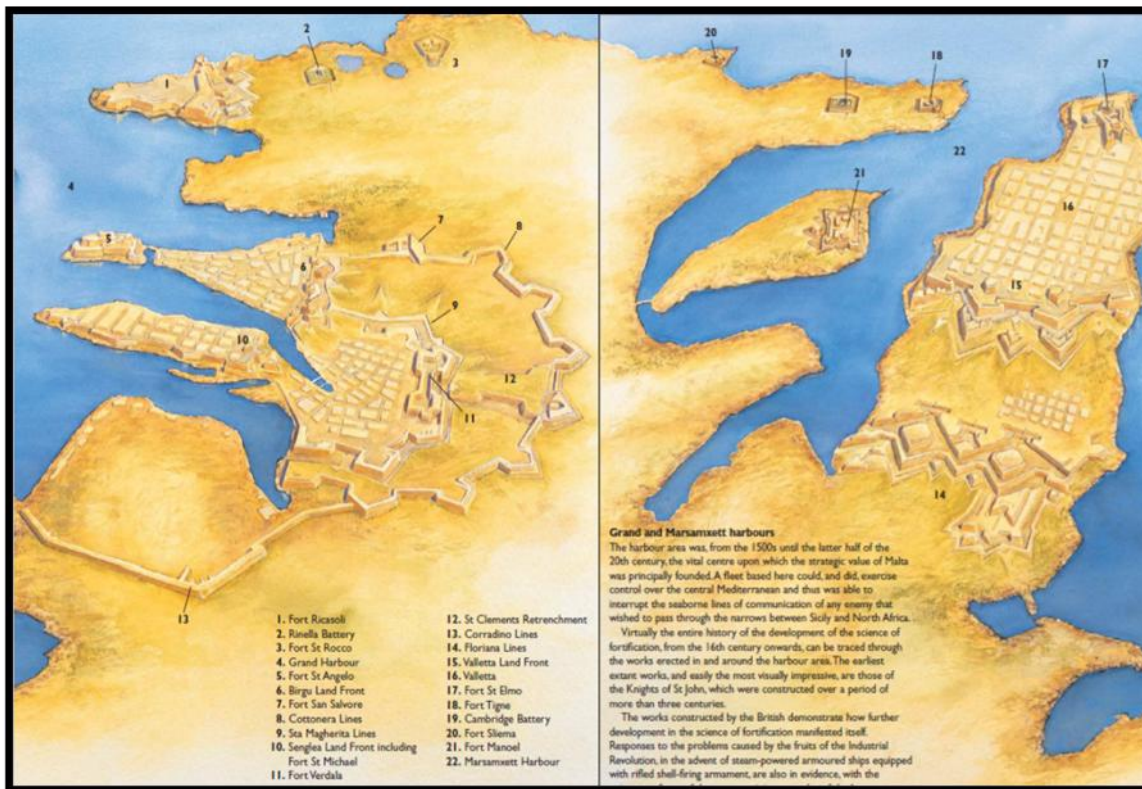
TOM_ "First Sea Attack on Malta Brilliant Victory for Defenders" _No.1,851, Monday, July 28, 1941.

APÊNDICES

ÍNDICE DOS APÊNDICES

Apêndice 1 – Mapa dos Fortes	pp.129
Apêndice 2 – Fotos do Arquivo Nacional de Malta (NAM)	pp.130 à 143
Apêndice 3 – Fotos dos Abrigos de Guerra	pp. 144 à 146
Apêndice 4 – Lista dos Abrigos de Guerra	pp. 147 à 176
Apêndice 5 – Plantas dos Abrigos de Guerra	pp. 177 à 461
Apêndice 6 – Desenho gráfico das três cidades (Senglea, Cospicua e Vittoriosa).....	pp.462 à 464
Apêndice 7 – Estimativa via documentação: Gráficos dos bombardeios durante o período de 1940 a 1942	pp. 465 à 466
Apêndice 8 – Centro de Operações durante a 2ª Guerra Mundial – Malta	pp. 467 à 480

Apêndice 1 – Mapa dos fortes



Mapa 3 – Mapa das fortes (1 – Forte Ricasoli; 3 – Forte St. Rocco; 5 – Forte St. Angelo; 7 – Forte San Salvatore; 10 – Forte St. Michael; 11 – Forte Verdala; 17 – Forte St. Elmo; 18 – Forte Tighe; 20 – Forte Sliema; 21 – Forte Manoel;).

Foto: Joan Camilleri e Barbara Costa

Apêndice 2 – Fotos do Arquivo Nacional de Malta
R/Chão



Fig 5: Entrada do Arquivo (nrº1,2)
Foto: Joan Camilleri

Fig.6 Hall de entrada (nrº1,2)
Foto: Joan Camilleri

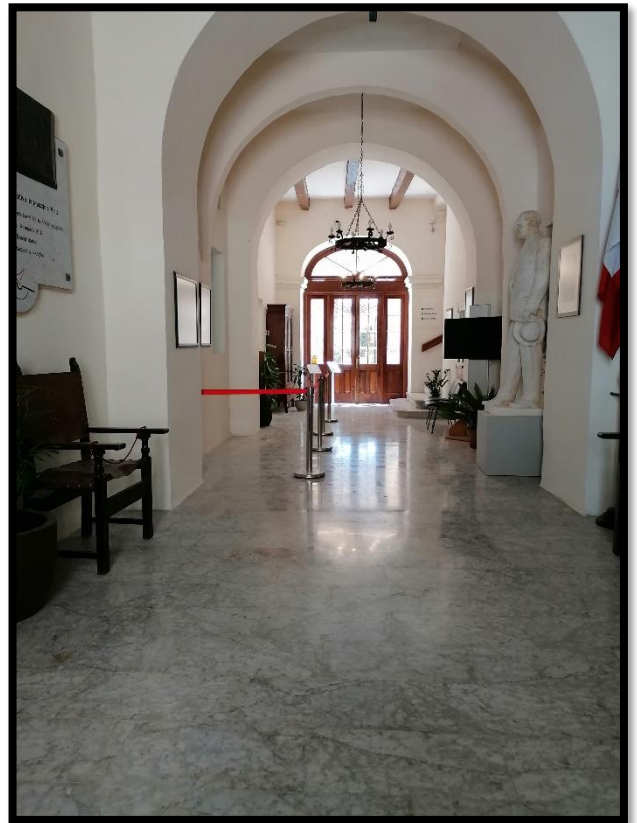




Fig.7: Farmácia (nrº3 e 4) – Alguns potes medicinais usados durante o século XII até século XIX.
Foto: Joan Camilleri



Fig.8: Farmácia (nrº3 e 4) – Alguns potes medicinais usados durante o século XII até século XIX.
Foto: Joan Camilleri

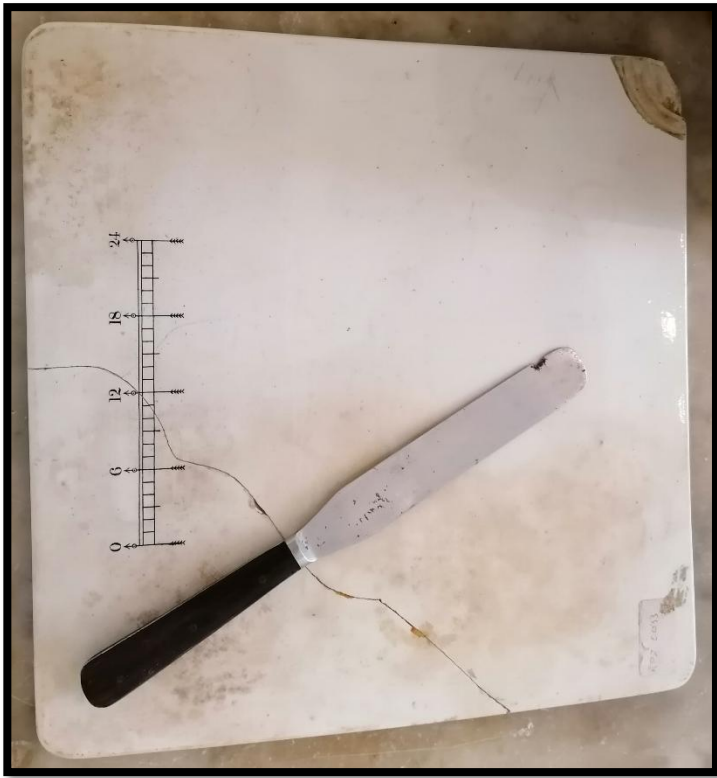


Fig.9– Farmácia: Tabua de Corte e Medição
Foto: Joan Camilleri

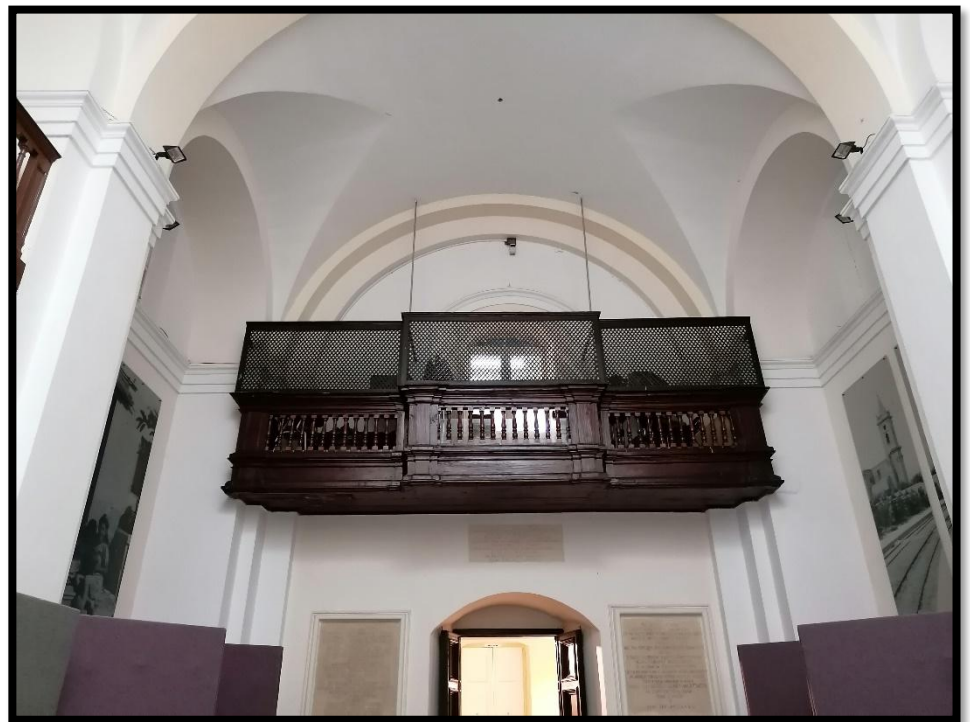


Fig.10 – Farmácia: Medicamentos, Fonte de água (nrº 3 e 4)
Foto: Joan Camilleri



Fig.11 Interior da Igreja (nrº 12d)
Foto: Joan Camilleri

Fig.12 Interior da Igreja (nrº 12d) –
Banco que dava acesso aos doentes
para assistirem a missa.
Foto: Joan Camilleri



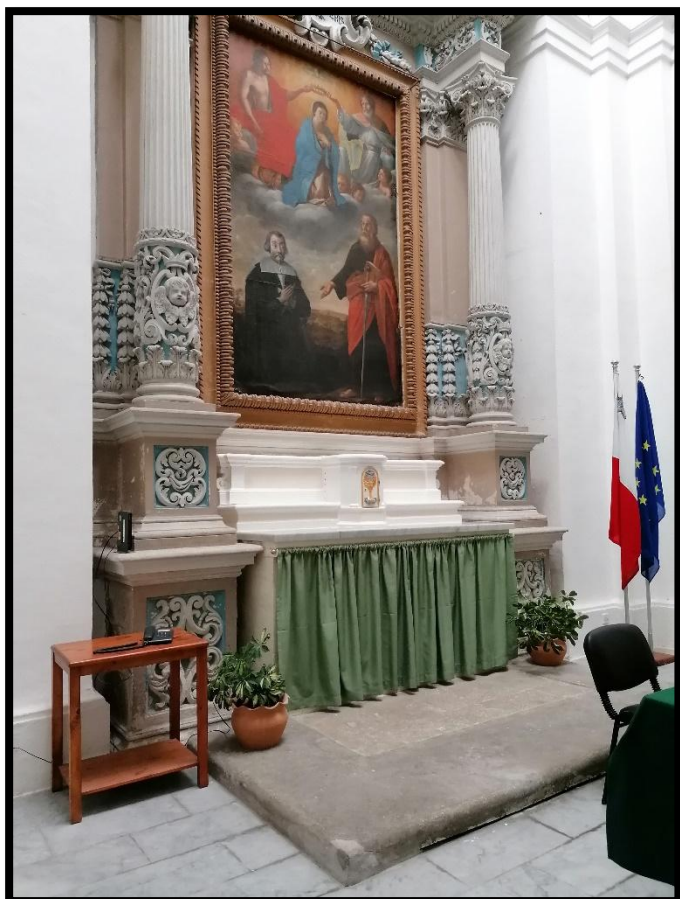


Fig.13 Interior da Igreja (nrº 12d)
Foto: Joan Camilleri

Fig.14 Entrada da Igreja lado Exterior (Pátio exterior)
Foto: Joan Camilleri



Fig. 15 Entrada da Sala de Conservação.
Foto: Joan Camilleri



Fig. 16 Interior da Sala de Conservação
Foto: Joan Camilleri



Fig. 17 Mesa de trabalho da Sala de Conservação
Foto: Joan Camilleri



Fig. 18 Mesa de trabalho da Sala de Conservação (Tiram fotos de documentos antes do restauro e depois do restauro)
Foto: Joan Camilleri



Fig. 19 Mesa de trabalho da Sala de Conservação
Foto: Joan Camilleri

Fig. 20 Corredor de acesso à Igreja, Sala de Conservação e ao Jardim Exterior – onde podemos encontrar a Casa Mortuária, Cozinha e Sala de Arquivos
Foto: Joan Camilleri

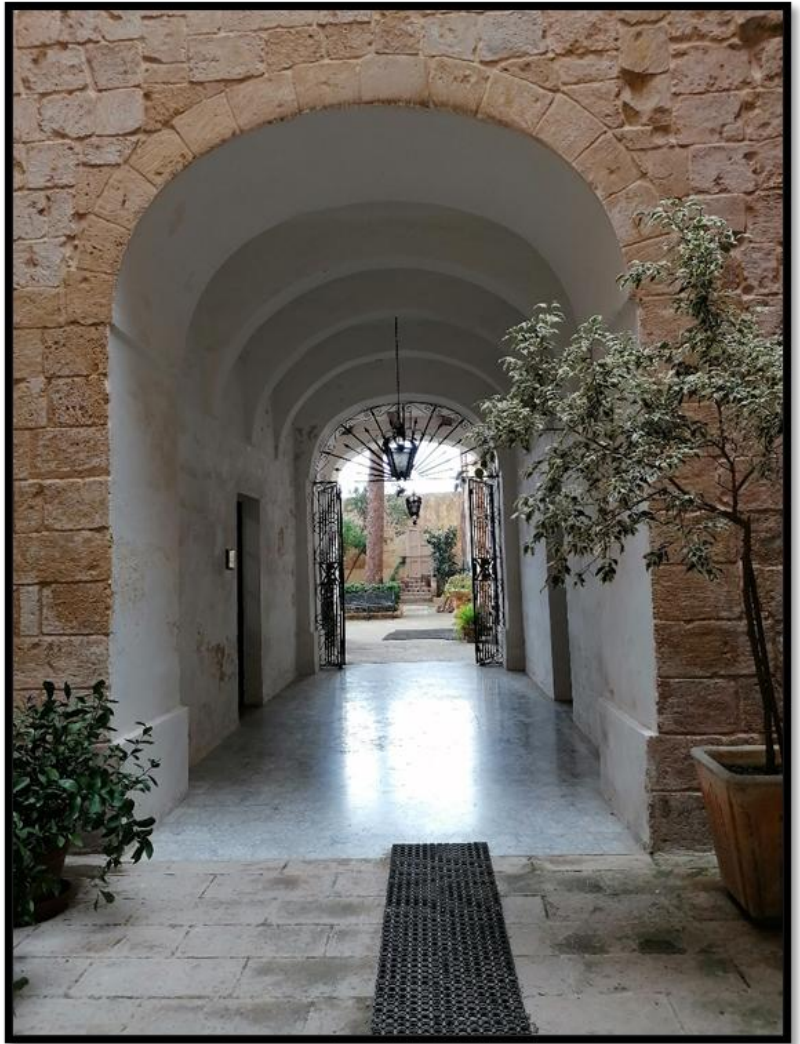


Fig.21 Pátio exterior; Mortuária (nrº18f); Cozinha (nºe); Sala de arquivos (nºe)
Foto: Joan Camilleri

1º Andar

Fig. 22 Escada de acesso superior (Sala de Leitura)
Foto: Joan Camilleri

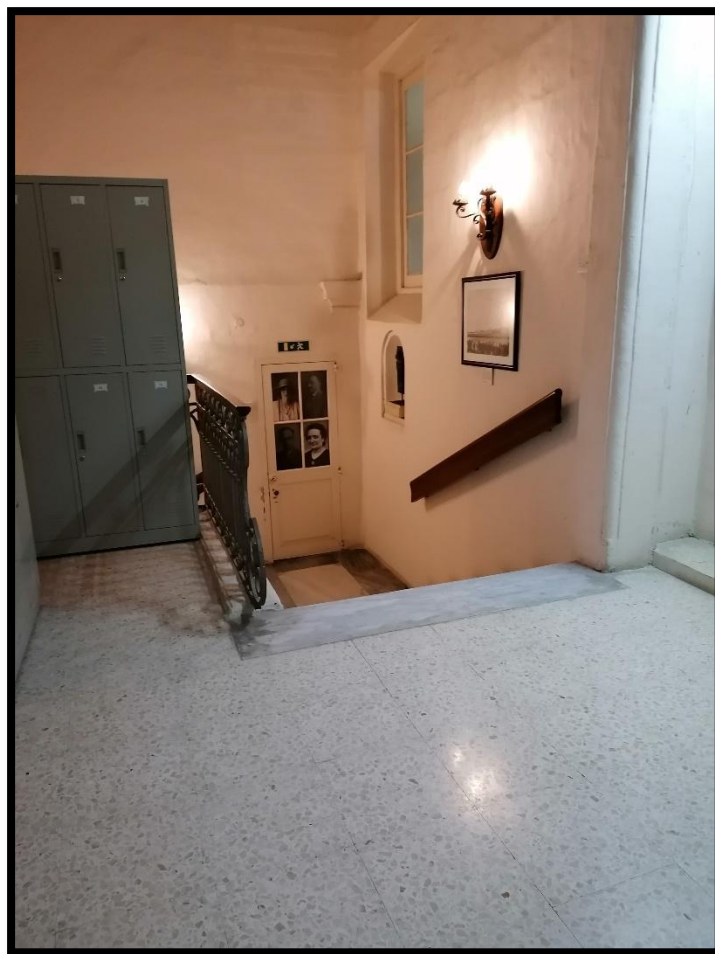


Fig. 23 Corredor de Acesso à
Administração e Salas de
Arquivo (nrº 37ª)
Foto: Joan Camilleri
(Curiosidade – através
deste corredor
conseguimos ver a Capital
(La Valletta)).

Fig. 24 Sala de Leitura (nrº 23b; 24b).
Foto: Joan Camilleri

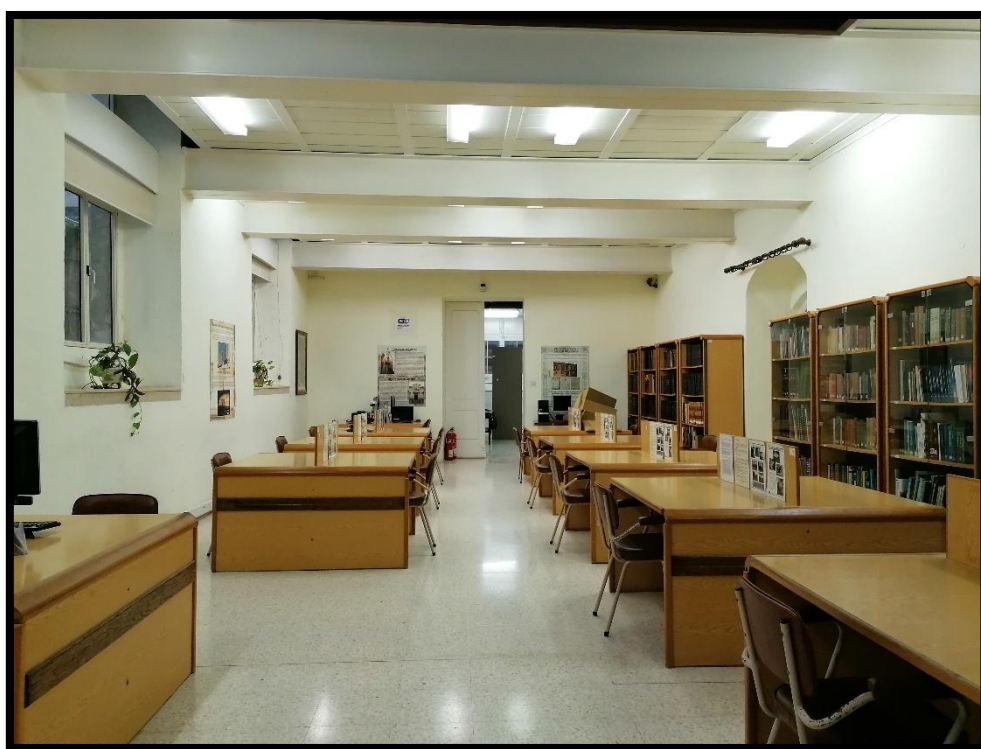
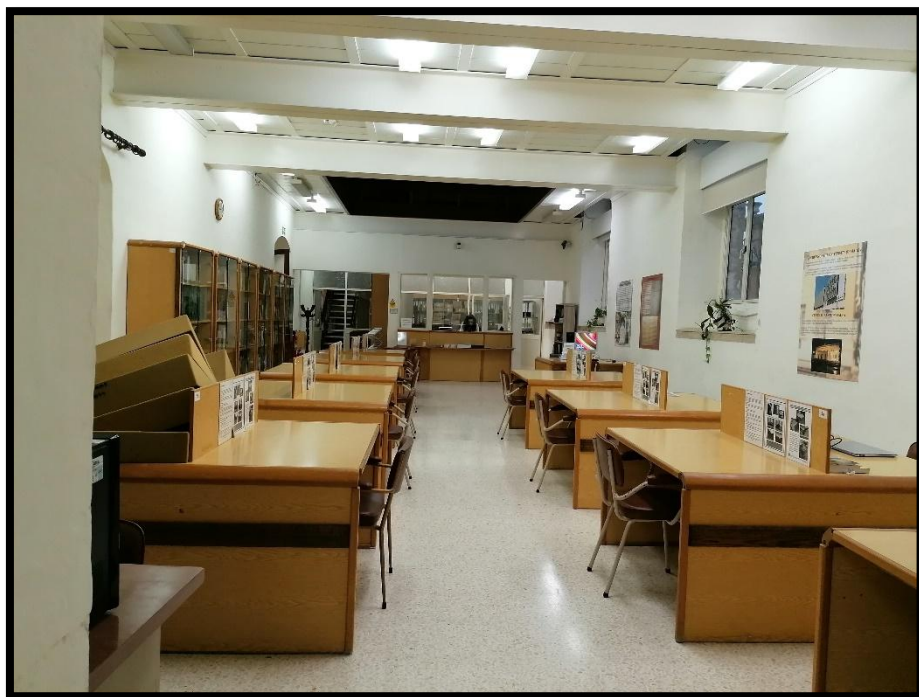


Fig. 25 Sala de Leitura
(nrº 23b; 24b).
Foto: Joan Camilleri
Curiosidade – é através
desta sala que temos
acesso ao Alpendre.
para assistir a Missa.

Fig.26 Sala de Arquivo (vista panorâmica); (nrº 25b;26ª,27ª)
Foto: Joan Camilleri

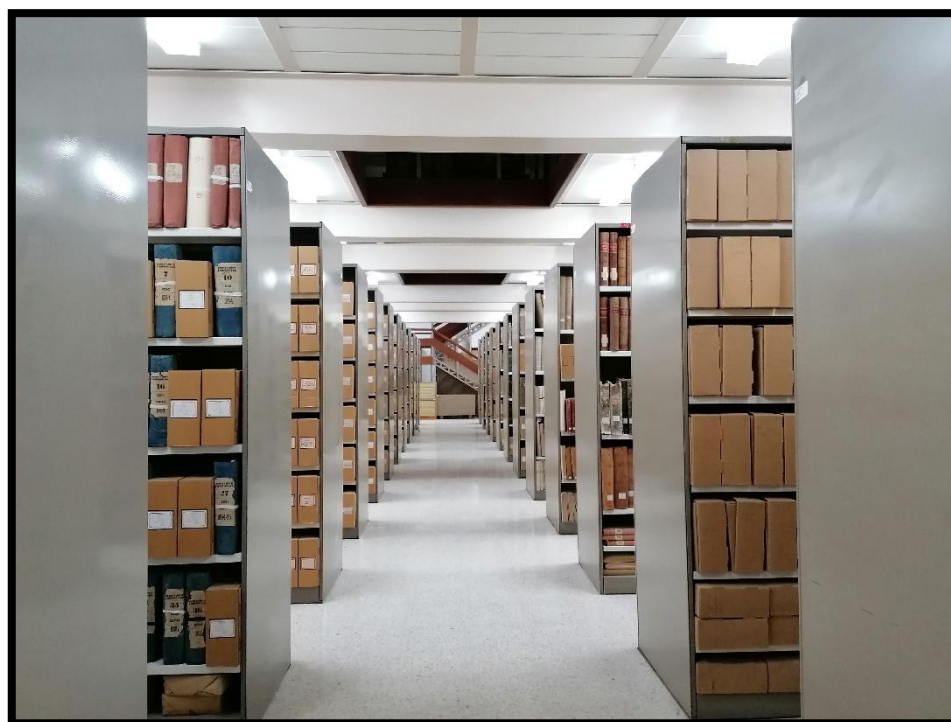


Fig. 27 Sala de Arquivo (nrº 28ª; 29ª)
Foto: Joan Camilleri



Fig. 28 Sala de Arquivo superior.
Foto: Joan Camilleri

Apêndice 3 – Fotos de Abrigos de Guerra
Rabat – Arquivo Nacional de Malta

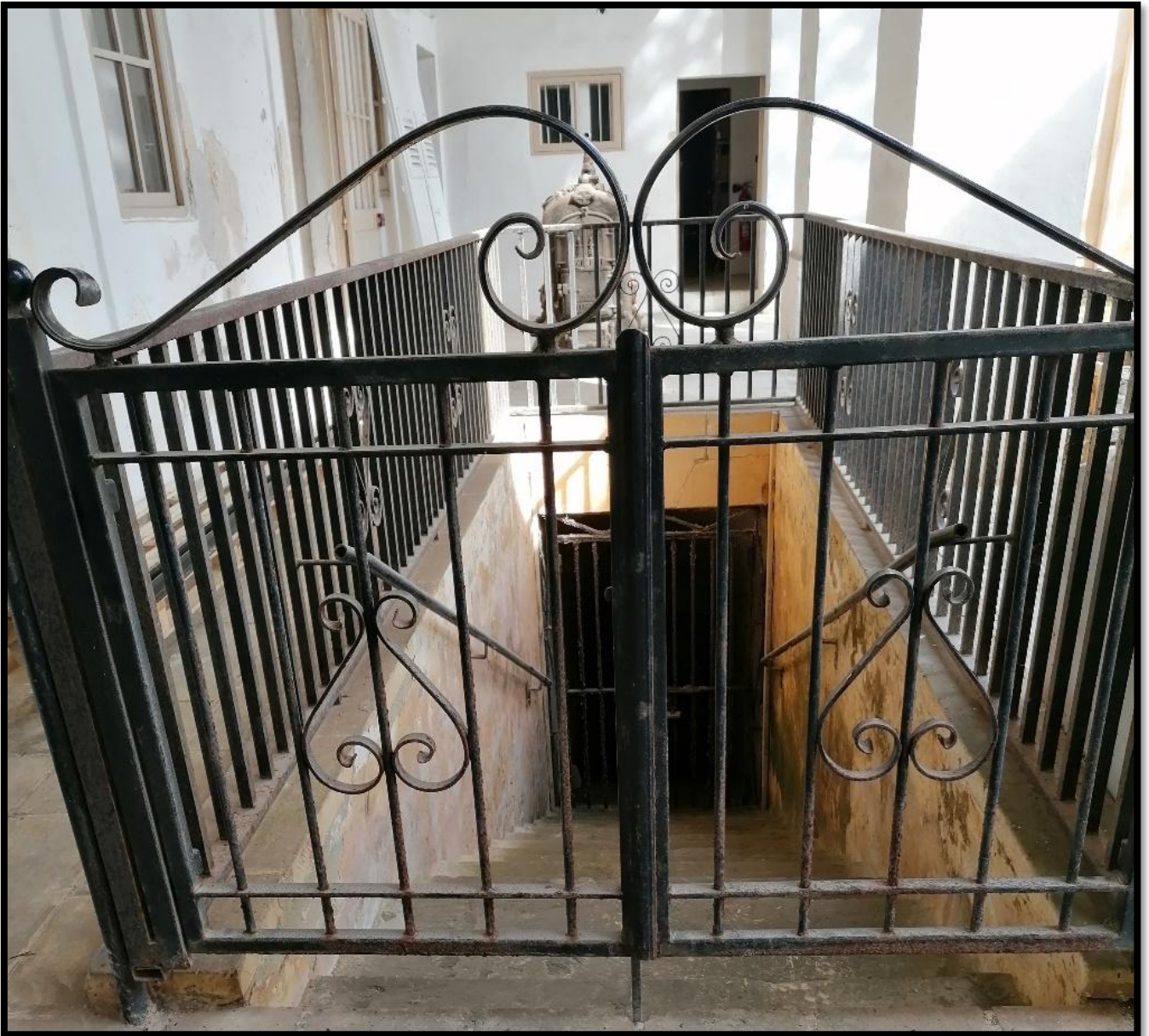


Fig. 29 Entrada de Abrigo de Guerra – dentro do arquivo (Curiosidade: a entrada tinha as medidas exatas para que fosse possível passar uma maca com algum paciente. Como também dá acesso a outros dois abrigos por via de túneis antigos).

Foto: Joan Camilleri

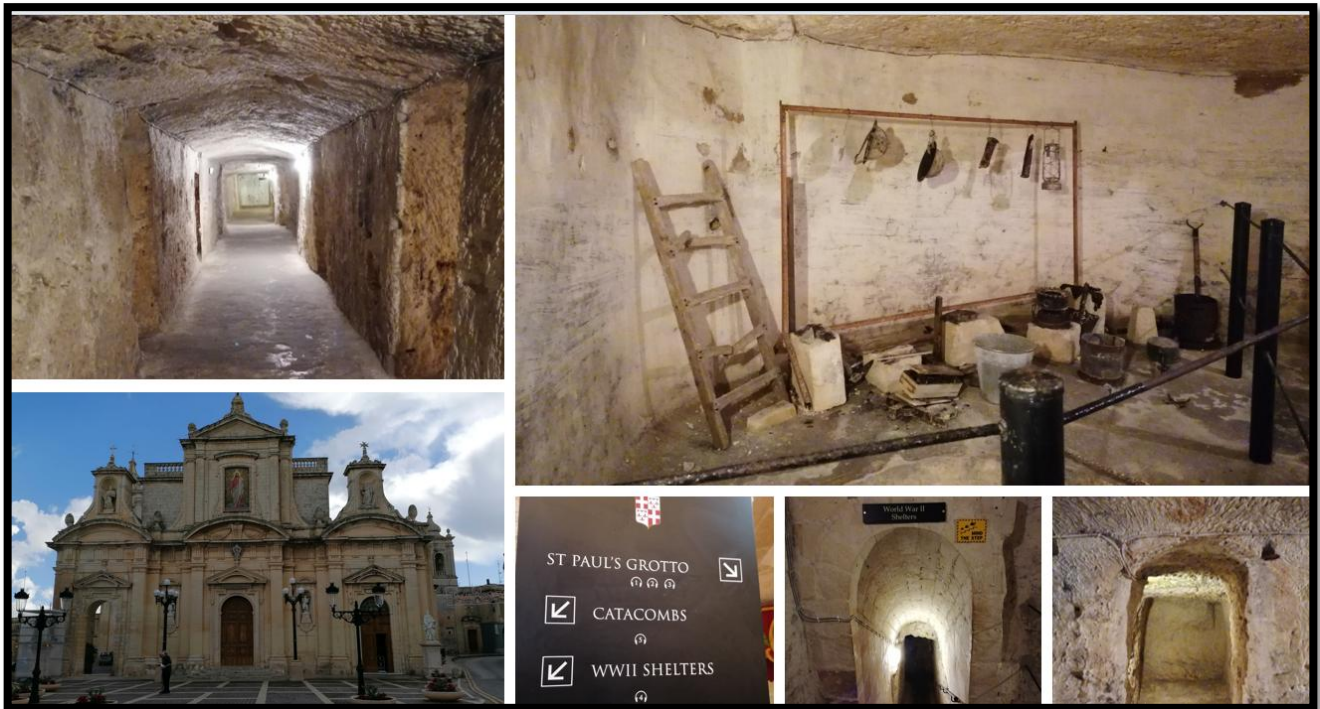


Fig. 30 Abrigos de Guerra em Rabat – Igreja Santa Agatha (Através do acesso subterrâneo do Arquivo, por debaixo desta igreja existem catacumbas e túneis que serviram de abrigo durante 1940–42). Foto: Joan Camilleri



Fig. 31 Abrigos de Guerra em Rabat – Praça de Autocarros (Rabat Saqqaija Bus Station). Por debaixo desta praça temos acesso aos abrigos de guerra. Foto: Joan Camilleri

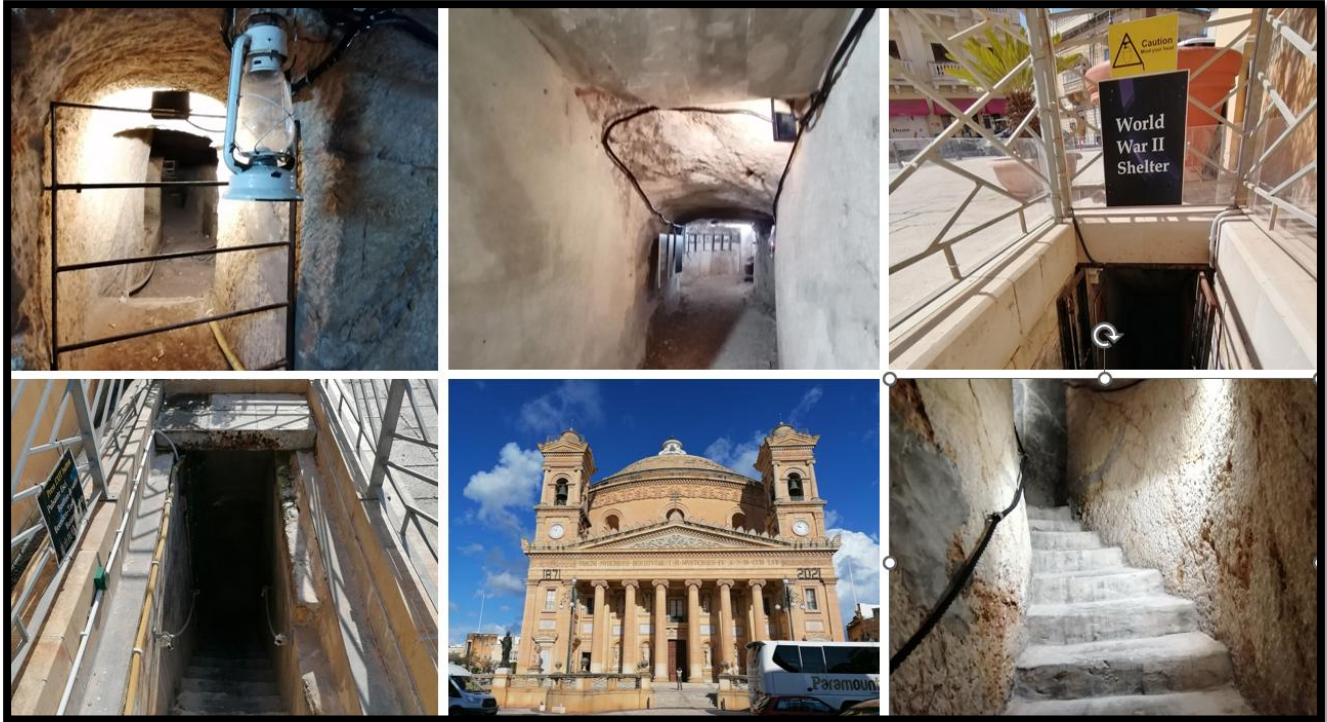


Fig.32 Abrigos de Guerra Mosta – Por debaixo desta Igreja emblemática encontramos mais um Abrigo de Guerra.
Foto: Joan Camilleri

Apêndice 4– Lista dos Abrigos de Guerra

Cidade: Attard

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
3	St. Anthony's Street	2	0	0	
6	St. Dominic Street	1	0	0	
8		2	0	0	
10	Notabile Road c/w Alley No.3	2	0	0	
9		2	0	0	
11	Strada Real	3	0	0	
13		2	0	0	
17	St. Dominic Street	3	0	0	
19	Piazza Chiesa	3	0	0	
22	Ta' Qormi Road	2	0	0	

Total de entradas e saídas: 22

Total de Abrigos: 10

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: abrigo nº 19 ao 22 com aproximadamente de 170 feet (51,82 metros); o abrigo nº 6 ao 17 com aproximadamente 270 feet (82,30 metros); abrigo nº 17 ao 18 com aproximadamente 140 feet (42,67 metros); abrigo nº 11 ao 18 com aproximadamente 140 feet (42,67 metros).

Cidade: Balzan

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
<u>1</u>	Strada Reale	5	0	0	
<u>2</u>	Strada Reale	2	0	0	
<u>3</u>	Alley 3 c/w Strada Reale	2	0	0	
<u>4</u>	Strada Reale	0	0	0	
<u>5</u>	Church Street	3	0	0	
<u>6</u>	Strada Reale c/w St. Valentine Street	1	0	0	
<u>7</u>	Alley No.1	2	0	0	
<u>8</u>	Church Street	0	0	0	
<u>9</u>	Church Street	0	0	0	
<u>11</u>	Sister Street c/w Idmejda Str.	1	0	0	
<u>12</u>	Balzan Valley	2 – 1f	0	0	
<u>13</u>	Balzan Valley	2	0	0	
<u>14</u>	Strada Reale	0	0	0	
<u>15</u>	Strada Reale	2	0	0	
<u>16</u>	Valley Road	1	0	0	
<u>17</u>	To B'kara	0	0	0	
<u>18</u>	St. Francis Street	1	0	0	1 already clean
<u>19</u>	Providence Street	2	0	0	
<u>20</u>	Idmejda Street	0	0	0	
<u>21</u>	Long Street (St. Antonio Gardens)	0	0	0	

Total de Abrigos: 20

Total de entradas e saídas: 27

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: o abrigo nº 3 ao 4 aproximadamente 100 feet (30,48 metros); o abrigo nº4 ao 5 aproximadamente 100 feet (30,48 metros); o abrigo nº 10 ao 11 aproximadamente 100 feet (30,48 metros)

Cidade: Birkirkara

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Old Railway Road (Main Road to Balzan)	2	0	0	
2	Mriehel Street (St. Aloys. College)	3	0	0	
3	Valley Road Lane	2	0	0	
5	Valley Road	1	0	0	
7	Carmel Street	1	0	0	
8	St. Theresa Street c/w Valley Rd.	2	0	0	
9	Old Church Street	2 – 1F	0	0	
11	St. Vicent Street	2	0	0	Covered with concrete
12	Naxxar Road	3	0	0	
13	Collegiate Street c/W Fleur de Lys	1	0	0	1 entrance not opened on account of shop window at Fleur de Lys
14	Valley Rd. c/w Sacred Heart Str.	1	0	0	
15	College Street	2	0	0	
16	Naxxar Road	2	0	0	
17	Bishop Labin Street	2	0	0	
20	Wieter Street	1	0	0	
21	Buieraq Street	2	0	0	
22	Msida Road	1	0	0	
23	Msida Street	1	0	0	
24	St. Roque's Street	2	0	0	
25	Dyers Street	2	0	0	
26	Msida Lane	2	0	0	1 covered with pavement
27	St. Roque's Street	2	0	0	
29	Main Street	2	0	0	
30	Angelo Street	3	0	0	
31	Brared Street	2	0	0	
35	Main Street	3	0	0	
37	Mnajjar Street	1	0	0	
38	Dun Perin Lane	3	0	0	
39	St. Francis Square	2	0	0	
40	St. Rocco Street	2	0	0	
41	Bwiearr Street c/w Constantine Street	2	0	0	
42	Gher-il-Gabon Street c/w St. Julian Street	3	0	0	
43		1	0	0	
44	Hens Lane	2	0	0	
47	St. Julian Street	3	0	0	
45		2	0	0	

53	Paris Street	2	0	0	
55	Dun Filippo Borg Street	2	0	0	
62	Psaila Street	3	0	0	
63	Main Street	2	0	0	
66	Fleur de Lys Road c/w St. Laurence Street	2	0	0	
67	Our Lady of Pompei Street	2	0	0	1 covered with concrete (pavement 13 ½ - 3 ½)
68	St. Paul Street	2	0	0	
70	Fleur de Lys Road	3	0	0	
71	Fleur de Lys Road c/w Vincenzo Bugeja Street	2	0	0	
	Fleur de Lys Police Depot.	10	0	0	
	St. Venera Street	2	0	0	
	St. Venera Convent	2	0	0	
	St. Venera Street	2	0	0	
	St. Venera Street	2	0	0	
	St. Venera Street	2	0	0	
	St. George Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 52

Total de saídas e entradas: 137

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: abrigo nº4 ao 5 aproximadamente 40 feet (12,20 metros); abrigo nº 9 ao 10 aproximadamente 100 feet (30,48 metros); abrigo nº 29 ao 39 aproximadamente 140 feet (42,67 metros); abrigo nº22 ao 23 aproximadamente 150 feet (45,72 metros); abrigo nº 66 ao 67 aproximadamente 50 feet (15,24 metros);

Cidade: Birżebbuġia

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Paull's Street* / Gzira Road**	1	0	0	Não existe saída
2	Addolorata Street	2	0	0	0
3	Addolorata Street	3	0	0	0
4	St. Catherine Street	2	0	0	0
5	Birżebbuġia Street	2	0	0	0
6	Zurrieq Road	3	0	0	0
7	St. Joseph Street	2	0	0	0
8	St. Angelo Street	3	0	0	0
9	Zurrieq Road	2	0	0	Limpo
10	Zirrieq Road	2	0	0	0
11	St. Francis Xavier Street	2	0	0	0
12	St. Philip Street	2	0	0	0
13	St. Patrick's Street	2	0	0	0

Total de abrigos: 13

Total de entradas e saídas: 28

Observações: O seguinte abrigo tem ligação a outros abrigos por tuneis: O abrigo nº 2 tem ligação para o abrigo nº3 com a distância de 140 feet (42, 67 metros).

Cidade: Cospicua (Cottonera)

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Theresa Church	2	0	0	0
2	Cospicua Street/Silver jubilee road	10	0	0	0
3	Our Lady Of Grace Street	6	0	0	4 covered with buildings
4	Near Parking Place with Edward Street	2	0	0	1 covered with buildings
5	Ghajin Dwieli Road	7	0	0	0
6	St. Paul's Bastion	3	0	0	0

7	St. Helen's Street with Zejtun Gate	3	0	0	0
8	Ghajn Diwili Road	2	0	0	0
9	Ghajn Diwili	1	0	0	0
10	From Parking Place to St. Helen's Gate	88	0	0	0
11	Jubilee Road	34	0	0	0
12	Rock Gate Garden	5	0	0	0

Total de Abrigos:12

Total de saídas e entradas: 163

Cidade: Senglea (Cottonera)

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Victoria Street	3	0	0	0
2	Lawrence Street	0	0	0	0
3	St. Peter & Paul Street	4	0	0	0
4	Two Gates Street/ Haven Street	2	0	0	0
5	St. Philip Street	4	0	0	0
4	Bastion Street and under Bastion	4	0	0	0
6	Our Lady of Sorrows Street	6	0	0	0

Total de Abrigos: 7

Total de entradas e saídas: 23

Cidade: Dingli

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Rocco Street c/w Strada Rdum	2	0	0	
2	Alley No.1	2	0	0	
3	Strada Fontana	3	0	0	
4	Strada Siesma	1	0	0	
5	St. Mary's Street c/w Strada Ledia	2	0	0	
6	St. Dominic Street c/w St. Mary's Street	2	0	0	

7	Stada Ledia (Govt. School)	3	0	0	
8	Strada Fontana	2	0	0	
9	Ghar Bittija Street	2	0	0	
10	Immaculate Conception Street	2	0	0	
11	Buskett Road	2	0	0	
12	Strada Dietro La Chiese	2	0	0	
13	Immaculate Conception Street	2	0	0	
14	St. Paul's Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 14

Total de saídas e entradas: 27

Cidade: Floriana

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Duke M. York Avenue	1	0	0	0
1A	Duke M York Avenue	1	0	0	0
2	New Street	4	0	0	0
4	Toh M Quinces Melita Road	1	0	0	0
5	Toh M Quinces Melita Road	1	0	0	0
7	Pietro Floriani Street	2	0	0	0
8	To Hamrun and Birkirkara	2	0	0	0
9	New to Spencer Monument ?	3	0	0	0
11	Capuchin Street	4	0	0	0
14	Capuchin Street	3	0	0	0
25	St. Francis Street	3	0	0	0
29	St. Ann Street	3	0	0	0
35	St. Publius Street	7	0	0	0
46	Outside Argotti	2	0	0	0
48	Behind Phonicia Hoted	2	0	0	0
49	Parade Ground	1	0	0	0
49 b	Near Air Force Memorial	1	0	0	0
51	Floriana Bastion, down boy scouts headquarters	7	0	0	0
52	The Mall and Police Station	2	0	0	0

53	Argotti Gardens/Seminary	4	0	0	0
59	Crucifix Hill	4	0	0	0
60	Ta'wills	2	0	0	0
62	Capuchin Church Convent	3	0	0	0
65	Pietro Floriani Street	1	0	0	0
66	Central Hospital	3	0	0	0
67	Magazine Bastion	2	0	0	0
69	Granaries Square	2	0	0	0
70	Market Street	2	0	0	0
71	Ta'wills	2	0	0	0
76	Down R.A.F Ditch	5	0	0	0
76	Floriana School	2	0	0	0
75	St. Francis Bastion	3	0	0	0
77	Crown Works Ditch	11	0	0	0
78	Water Works	4	0	0	0
79	R.E.'S Yard	3	0	0	0
80	St. Francis Bastion	5	0	0	0
81	St. Mary's Bastion	9	0	0	0
82	Floriana Main Road near Portes des Bombes	11	0	0	0
83	St. Philip Bastion	17	0	0	0
84	St. Mason Road	2	0	0	0
85	St. Philip Bastion	2	0	0	0
86	St. James Bastion	30	0	0	0
87	Pinto Road	2	0	0	0
Não tem número	Frankuni limits Main Square	12	0	0	0

Total de abrigos: 44

Total de entradas e saídas: 193

Cidade Gharghur

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	School	2	0	0	
2	Alley No.1	2	0	0	
3	St. John's Street	2	0	0	
4	St. John's Street	2	0	0	
5	St. Bartholomew Street	2	0	0	
6	St. George Alley	2	0	0	
7	Charlotte Alley	2	0	0	
8	Strada Reale	2	0	0	
9	Strada Ferdinando c/w Britannia Street	6	0	0	
10	Strada Real	3	0	0	
11	Church Square	2	0	0	
12	Strada Reale c/w New Steet	2	0	0	

Total de Abrigos: 12

Total de Entradas e Saídas: 29

Observações: Foi restaurado um chão; 2 Sq. C muro reconstruído; 1 abrigo cheio de material;

Os seguintes abrigos tem ligação a outros abrigos por túneis: o abrigo nr. 9 ao abrigo nrº 11 com aproximadamente 120 feet (36,57 metros); o abrigo nrº 1 ao abrigo nrº 3 com aproximadamente 140 feet (42,67 metros);

Cidade Gudja

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Main Street	3	0	0	
2	Strada Reale	2	0	0	
3	Main Street	3	0	0	
4	St. Mary Street with Alley No.1	2	0	0	
5	St. Mary Street	3	0	0	
6	Strada Reale	3	0	0	
7	Annunciation Street	2	0	0	1 covered with concrete
8	St. Catherine Street	1	0	0	
10	St. Geoge Street	2	0	0	
11	St. Mark Road	2	0	0	
12	St. Mary Street	2	0	0	
14	Road tas-Sigra	3	0	0	
15	St. Mary Street with Alley no.2	2	0	0	Includes 1 against the garden's wall
16	St. Mary Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 14

Total de Entradas e Saídas: 32

Cidade: Hamrun

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
2	St. Francis Street	3+2f	0	0	
6	Lyceum	1 + ½ F	0	0	
7	Technical Scholl	2	0	0	
11	Lord Lloyd Street	4	0	0	
13	St. Joseph Street	2	0	0	
19	Parish Priest Muscat	2	0	0	
21	Victoria Avenue	1	0	0	
22	Brighella Street; Fra Diego	2	0	0	
25	Marsa Road	1	0	0	
26	St. Joseph High Street	2	0	0	
29	Victory Street	1	0	0	
31	Duke of Edinburgh Street; Atocia Street	4	0	0	
33	Qormi Road opposite Assumption Street	2	0	0	
34	Qormi Road – Carmel Street – Immaculate Conceptions Street	3	0	0	
35	Magri Square	0	0	0	
36	St. Thomas Street	3	0	0	
37	St. Paul Street	2	0	0	
38	St. Francis Street	2	0	0	
39	Barbara Street	3	0	0	
40	Victory Street	3	0	0	
41	St. Mary Street – St. Gaetan Street	2	0	0	
42	St. John Street – St. Mary Street	3	0	0	
43	St. Augustine Street; Brighella Street	3	0	0	
44	Gafa Street	2	0	0	

45	Victoria Avenue corner Villambrosa Street	4			
46	Vincenzo Bugeja Street	1	0	0	
52	Canon Bonnici Street	2	0	0	
53	Abela Street – Vincenzo Bugeja Street	2			
54	Annunciation Street; Victoria Avenue	2	0	0	
55	Victoria Avenue; Abarth Street	2	0	0	
56	Brighella Street	2	0	0	
57	Abela Street c/w Victoria Avenue	0	0	0	
58	Victoria Avenue	3	0	0	
59	Brighella Street	3	0	0	
60	Brighella Street	1	0	0	
61	Farsons Street	2	0	0	
63	Farsons Street; St. Gaetano Street	2	0	0	
65	Canon Street	3	0	0	
66	Canon Street	2	0	0	
	Msida Road	2	0	0	

Total de Abrigos: 39

Total de Entradas e Saídas: 88

Os seguintes abrigos tem ligação a outros abrigos por túneis: o abrigo nº3 ao abrigo nº 4 aproximadamente 300 feet (91,44 metros); abrigo nº3 ao abrigo nº37 aproximadamente 270 feet (82,30 metros); abrigo nº 6 ao abrigo nº12 aproximadamente 80 feet (24,88 metros); abrigo nº12 ao abrigo nº14 aproximadamente 160 feet (48,76 metros); abrigo nº27 ao abrigo nº28 aproximadamente 140 feet (42,67 metros); abrigo nº 28 ao abrigo nº29 aproximadamente 80 feet (24,88 metros); abrigo nº 28 ao abrigo nº25 aproximadamente 120 feet (36,57 metros); abrigo nº32 ao abrigo nº 34 aproximadamente 50 feet (15,24 metros); abrigo nº 46 ao abrigo nº47 aproximadamente 170 feet (51,81 metros); abrigo nº 47 ao abrigo nº48 aproximadamente 60 feet (18,28 metros);

Cidade Kalkara

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
3	Strada Rinella	2	0	0	2 includes 1 at No. 119

Total de Abrigos: 1

Total de Entradas e Saídas: 2

Cidade Kirkop

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Road Tal Ramlia (Valletta Road)	2	0	0	
2	St. Nichola Street	2	0	0	
3	Alley No. 2 c/w St. Leonard Street	2	0	0	
4	High Street c/w Nejder Alley	4	0	0	
5	St. Rocco Street	2	0	0	
6	St. Leonard Street	2	0	0	
7	St. Leonard Street c/w Alley No.1	2	0	0	
8	St. Benedict Street c/w St. Joseph Street	4	0	0	
9	St. Rocco Street	0	0	0	
10	Kirkop Square	0	0	0	

Total de Abrigos: 10

Total de Entradas e Saídas: 20

Cidade Lija

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Strada Reale	2	0	0	
2	Strada Reale	0	0	0	
3	Mill Street	0	0	0	
4	St. Andrew's Street	0	0	0	
5	St. Andrew's Street	2	0	0	
6	Strada Reale	0	0	0	
7	Strait Street	0	0	0	
8	Starit Street	0	0	0	
9	Preziosi Street	3	0	0	
10	Alley No.2	2	0	0	
11	Bakery Street	2	0	0	
12	Alley No.1	2	0	0	
13	Annibale Preca Street	0	0	0	
14	Alley No.2 (Strada Reale)	2	0	0	
15	Alley No. 3	2	0	0	
16	Aenea's Street	3	0	0	
17	Immaculate Conception Street	3	0	0	
18	Stada Reale	0	0	0	

19	Annibale Preca Street	0	0	0	
20	St. Andrew's Street	2 ½	0	0	
21	Immaculate Conception Street	3	0	0	
22	St. Andrew's Street	2	0	0	
23	Merino Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 23

Total de Entradas e Saídas: 32

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: o abrigo nº6 ao abrigo nº15 aproximadamente 110 feet (33,53 metros); abrigo nº 8 ao abrigo nº 23 aproximadamente 115 feet (35, 05 metros); abrigo nº 4 aorº abrigo nº5 aproximadamente 100 feet (30,48 metros); abrigo nº13 ao abrigo nº 20 aproximadamente 100 feet (30,48 metros);

Cidade Luqa

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
2	St. Paul's Street	3 ½	0	0	
5	Gate Street	2	0	0	
6	Carmel Street c/w Gate Street	2	0	0	
7	Carmel Street	2	0	0	
8	St. Andrew's Street	2	0	0	
9	Alley to Wied il-Knejjes	2	0	0	
11	St. Andrew's Square	5	0	0	
13	St. Andrew's Street	1	0	0	
14	Don Paolo Street c/w St. George's Street	3	0	0	
15	New Street	1	0	0	One entranced spoiled by drains
16	(St. George Street; St. Joseph Street	2	0	0	
17	St. Joseph Street, New Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 12

Total de Entradas e Saídas: 27

Cidade Marsaskala

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Theresa Street	2	0	0	Not cleaned
3	Lane Tal-Harruba	2	0	0	Not cleaned
5	Lane Tal-Kappara	2	0	0	

Total de Abrigos: 3

Total de Entradas e Saídas: 6

Cidade Marsaxlokk

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Marsaxlokk Street	2	0	0	
2	Zejtun Street	2	0	0	
3	Wilqa Street	2	0	0	
4	St. Francis Street	2	0	0	
5	St. Saviour Street	3	0	0	
6	Calverizza Street with B'Bugia Road	4	0	0	1 not cleaned

Total de Abrigos: 6

Total de Entradas e Saídas: 15

Cidade Mdina

Nº do Abrigo	Localização ⁵⁰	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Saint Publius Square	2	0	0	
2	Saint Publius Square	2	0	0	
3	Saint Paul's Square/Ville Goignon Str.	5	0	0	
4		1	0	0	
5	Bishop Square	1	0	0	
6	Saint Anne Ditch/Porta Del Greci	3	0	0	

Total de Abrigos: 6

⁵⁰ Esta localização é feita através da triangulação de documentos que permitem, à partida, fornecer um posicionamento no local, com alguma precisão.

Total de Entradas e Saídas: 14

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: o abrigo nº 3 ao 4 aproximadamente 140 feet (42,67 metros); abrigo nº 3 ao 5 aproximadamente 180 feet (54,86 metros); abrigo nº 2 ao 6 aproximadamente 260 feet (79,24 metros);

Cidade Mgarr

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
2	Father Edgar Street	2	0	0	
3	Sister Street adjacent Cane	5	0	0	
5	Father Edgar Street	3	0	0	
6	St. Paul Street	1	0	0	

Total de Abrigos: 6

Total de Entradas e Saídas: 11

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: abrigo nº3 ao abrigo nº8 aproximadamente 200 feet (60,96 metros); abrigo nº 6 ao abrigo nº 7 aproximadamente 140 feet (42,67 metros); abrigo nº 8 ao abrigo nº9 aproximadamente 210 feet (64 metros); abrigo nº9 ao abrigo nº5 aproximadamente 120 feet (36,57 metros);

Cidade: Millieħa

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Old church/Parish street	2	0	0	0
2	Parish Street	5	0	0	0
3	Francis Zahra Street	2	0	0	0
4	Francis Zahra Street	2	0	0	0
5	10th Street	2	0	0	0
6	New Street (nova rua - 1956**)/ Gniengraw street (antiga rua - 1944*)	2	0	0	0
7	9th Street	2	0	0	0
8	Snajin Street	2	0	0	0
9	Snajin Street	2	0	0	0
10	Francis Zahra Street	2	0	0	0
11	8th Street	4	0	0	É um dos maiores abrigos

					existentes de Millieha
12	Strada Reale c/w New Street** High Street c/w Tas Qalif*	4	0	0	0
13	Cross Street	2	0	0	0
14	7 th Street	2	0	0	0
15	New Mill Street c/w 7 th Street	2	0	0	Limpo
16	Strada Real** / High Street of 6 th Street*	3	0	0	0
17	Sixth Street	3	0	0	Limpo
18	6 th Street	2	0	0	0
19	New Mill's Street **/ Valley Street*	2	0	0	0
20	Strada Real** / High Street*	2	0	0	0
21	Parish Priest Street	2	0	0	Limpo
22	New Mill Street	2	0	0	Limpo
23	Cross Street	2	0	0	0
24	New Mill Street	4	0	0	Limpo
25	Second Street	2	0	0	0
26	1 st Street	3	0	0	0
27	High Street*/ Strada Real**	2	0	0	0
28	St. Mary Street (Field)	3	0	0	0
29	St. Mary Street c/w Old Mill Street	2	0	0	0
30	St. Mary Street	2	0	0	0
31	Old Mill Street	2	0	0	0
32	New Mill Street	2	0	0	0
33	Victory Street	2	0	0	0
34	New Street** 2 nd Tas Qalif Saquare*	2	0	0	0

Totais de abrigos: 34

Totais de entradas e saídas: 81

*a rua neste livro Public Defense está registado – 1944 : este pode ter sido feito um pouco depois de 1944/45 – não tem data no próprio livro é uma suposição do Dr. Melvin Caruana.

** este livro é um apanhado de todos os abrigos existentes durante a 2 GM e a algumas ruas ganharam uma nova designação – 1956.

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: O abrigo nrº2 até ao abrigo nrº11 tem uma distância de 250 feet (76,2 metros); O abrigo nrº11 até ao nrº16 tem uma distância de 250 feet (76,2 metros); O abrigo nrº 9 até ao nrº10 tem uma distância de 80 feet (24,38 metros); O abrigo nrº 29 ao abrigo nrº30 tem uma distância de 70 feet (21,34 metros);

Cidade: Mosta

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Constitution Street	2	0	0	0
3	Bridge Street	2	0	0	0
	Government School	4	0	0	0
4	Bridge Street	2	0	0	0
5	Strada Bicereni	2	0	0	0
6	Strada Reale	2	0	0	0
7	St. Magaret Street	3	0	0	0
8	Strada Reale	4	0	0	0
9	Strada Reale	2	0	0	0
10	St. Anthony Street	3	0	0	0
11	Strada Reale	2	0	0	0
12	St. Anthony Street	2	0	0	0
13	Quarries Street	2	0	0	0
15	Strada Reale	2	0	0	0
17	Callus Street	5	0	0	0
18	Cafa Street	3	0	0	0
19	Eucharistic Congress Street	3	0	0	0
21	Gafa Street	2	0	0	0
22	Gafa Street	2	0	0	0
23	Callus Street	2	0	0	0
24	Curate Calleja Street	2	0	0	0
25	Short Str. c/w Brittainia Street	3	0	0	0
26	Tower Street	2	0	0	0
27	St. Silvester Street	2	0	0	0
28	St. Leonard Street	1	0	0	0
29	Giognet Street	2	0	0	0
30	Curate Bezzina Street	1	0	0	0
31	Brittainia Street	3	0	0	0
32	Brittainia Street	2	0	0	0
33	Strada Reale	3	0	0	0
34	Strada Reale	2	0	0	0
36	Hope Street	2	0	0	0

Total de Abrigos: 32

Total de Entradas e Saídas: 74

*Curiosidade: Através dos relatórios da polícia soubesse que as duas bombas que caíram em Mosta e Floriana só a de Floriana é que explodiu aquando tentaram desativar, já a de Mosta foi a única que não explodiu.

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: O abrigo nº 17 até ao 18 tem uma distância de 160 feet (48,77 metros); O abrigo nº 18 até 21 tem uma distância de 240 feet (73,15 metros);

Relatório da Polícia sobre o bombardeamento na Igreja, ocorreu a 9 de Abril de 1942 às 17h30:

“Durante o ataque aéreo às 17h30, bombas inimigas caíram em Mosta, e vários prédios em diferentes ruas forma demolidos – Gamri Cauchi de 56 anos de idade, nº 55 Brigde Street Mosta – foi morto na sua residência. Foram feridas 7 pessoas e levadas para o Hospital, receberam tratamento e depois foram para casa. As seguintes bombas caíram e não explodiram: uma bomba caiu na Mosta Dome, a outra no pátio da Igreja, duas na Strada Reale, outra na Tower Street, e as mesmas foram removidas pelos oficiais de detonação de bombas, ao mesmo tempo. Mas, as bombas que explodiram ainda não foram removidos, um atrás do Mosta Dome; oposto 405 Strada Reale em um pomar”.
Referência: POL 9. - 159 pp. 133-135

Cidade MĠABBA

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Valletta Road	2	0	0	Includes 1 at No. 46; not cleaned
2	Alley No.5	2	0	0	
3	Parish Street	4	0	0	
5	Our Lady of Sorrows Street	2	0	0	Not cleaned
6	Valletta Road	2	0	0	Not cleaned
7	Church Square	2	0	0	
10	Valletta Road	2	0	0	Includes 1 at No.67
11	St. Basilio Street	3	0	0	Includes 1 at No. 70
12	St. Basilio Street with Alley No.1	2	0	0	Not cleaned
13	St. Basilio Street	3	0	0	Includes one in cellar at No.92
15	St. Catherine Street	4	0	0	
16	St. Catherine Street	1	0	0	
17	Diamond Public Square near Catacombs with St. Catherine Street	2	0	0	

Total de Abrigos: 13

Total de Entradas e Saídas: 31

Cidade: Naxxar

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
2	St. George's Street	3	0	0	
5	Strada Reale	2	0	0	
8	St. George's Street	3	0	0	

10	Piazza Vittoria c/w Alley No.5	3	0	0	
12	Çuqa Briffa Street	2	0	0	
15	St. Paul's Street	2	0	0	Could not be cleaned
16	Strada S. Lucia c/w Alley No.2	2	0	0	
17	Alley No.2	3	0	0	
20	Alley No. 7	2	0	0	
23	Coronation Street	2	0	0	
24	Darmino Square	2	0	0	

Total de Abrigos: 11

Total de Entradas e Saídas: 26

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: abrigo nº10 ao abrigo nº16 aproximadamente 200 feet (60,96 metros); abrigo nº9 ao abrigo nº10 aproximadamente 120 feet (36,57 metros); abrigo nº 8 ao abrigo nº9 aproximadamente 60 feet (18,28 metros);

Cidade: Qormi

Nº do Abrigo	Localização ⁵¹	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1		2	0	0	
2		4	0	0	
3		3	0	0	
4		4	0	0	
5		2	0	0	
6		2	0	0	
7		5	0	0	
8		3	0	0	
9		2	0	0	
10		2	0	0	
11		2	0	0	
12		3	0	0	
13		2	0	0	
14		2	0	0	
15		1	0	0	
16		4	0	0	
17		4	0	0	
18		2	0	0	
19		2	0	0	
20		2	0	0	
21		2	0	0	
22		2	0	0	
23		3	0	0	
24		2	0	0	
25		3	0	0	
26		4	0	0	
27		2	0	0	

⁵¹ No caso de Qormi a documentação levantada já não permitiu efetuar o confronto de dados para a localização dos abrigos ao contrário de Mdina.

28		2	0	0	
29		2	0	0	
30		2	0	0	
31		2	0	0	
32		2	0	0	
33		2	0	0	
34		2	0	0	
35		2	0	0	
36		2	0	0	
37		1	0	0	
38		2	0	0	
39		2	0	0	
40		2	0	0	
41		2	0	0	
42		2	0	0	
43		2	0	0	
44		2	0	0	
45		3	0	0	
46		3	0	0	
47		2	0	0	
48		3	0	0	
49		2	0	0	
50		2	0	0	
51		2	0	0	
52		2	0	0	
53		2	0	0	
54		2	0	0	
55		2	0	0	
56		2	0	0	
57		2	0	0	
58		2	0	0	
59		2	0	0	
60		2	0	0	
61		2	0	0	

Total de Abrigos: 61

Total de entradas e saídas: 141

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: o abrigo nº34 ao abrigo nº35 aproximadamente 50 feet (15,24 metros); abrigo nº44 ao abrigo nº45 aproximadamente 60 feet (18,28 metros); abrigo nº 44 ao abrigo nº49 aproximadamente 150 feet (45,72 metros); abrigo nº 46 ao abrigo nº47 aproximadamente 120 feet (36,57 metros); abrigo nº 25 ao abrigo nº26 aproximadamente 60 feet (18,28 metros); abrigo nº 25 ao abrigo nº 27 aproximadamente 120 feet (36,57 metros); abrigo nº 14 ao abrigo nº 15 aproximadamente 100 feet (30,48 metros); abrigo nº 15 ao abrigo nº16 aproximadamente 50 feet (15,24 metros); abrigo nº 4 ao abrigo nº5 aproximadamente 50 feet (15,24 metros);

Cidade: Rabat

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Cumprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Hall Bajjada Street	2	0	0	0
2	St. Anistarcus Street	1	0	0	0

3	St. Domenic Square	4	0	0	0
4	St. Anistarcus Street	2	0	0	0
5	St. Agatha Street	3	0	0	0
6	St. Agatha Convent	1	0	0	0
7	Emmanuel Vitale Street	2	0	0	0
8	Victoria Street	2	0	0	0
9	Road tal-qasam	1	0	0	0
10	Old Doni Street	4	0	0	0
11	St. Cataldo Street	4	0	0	0
12	Collete Street	2	0	0	0
13	St. Paul's Street	3	0	0	0
14	St. Paul's Street	2	0	0	0
15	St. Augustine Street	1	0	0	0
16	St. Joseph Convent	2	0	0	0
17	Strada Real	2	0	0	0
18	St. Batholomew Street	2	0	0	0
19	Zondadari Street	2	0	0	0
20	Waggon Street	3	0	0	0
21	Museum Road	2	0	0	0
22	"Near" Notabile Gate	0	0	0	0
23	The Saqqajja	3	0	0	0
24	Saqqajja Hill	0	0	0	0
25	Hospital Street c/w Alley no.1	3	0	0	0
26	Nicola Sawra Street (Swara Hospital Church)	0	0	0	0
27	Tal Forok Square	2	0	0	0
28	Buskett Road	7	0	0	0
29	College Street	2	0	0	0
30	College Street	1	0	0	0
31	St. Catherine Street	2	0	0	0

Total de Abrigo: 30

Total de Entradas e Saídas: 54

Observações: Os seguintes abrigos tem ligações a outros abrigos por túneis: o abrigo nº1 ao abrigo nº2 com uma distância de 350 feet (106,68 metros); o abrigo nº11 ao abrigo nº12 aproximadamente 120 feet (36,58 metros); o

abrigo nº 12 ao abrigo nº 29 aproximadamente 180 feet (54,86 metros); o abrigo nº 14 ao abrigo nº 15 aproximadamente 230 feet (70,1 metros); o abrigo nº 18 ao abrigo nº19 aproximadamente 50 feet (15,24 metros); o abrigo nº19 ao abrigo nº 20 aproximadamente 150 feet (45, 72 metros);

Cidade: Hal – Safi

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Paul's Street	2	0	0	0
2	St. Paul's Street	5	0	0	0
3	St. Paul's Street	2	0	0	0
4	St. Paul's Street	2	0	0	0
5	St. Paul's Street	2	0	0	0
6	St. John's Street c/w St. Paul's Street	2	0	0	0
7	St. Mary's Street	2	0	0	0
8	Halanton Street	2	0	0	0
9	St. Thomas Street	2	0	0	0
10	St. George's Street	2	0	0	0

Total de entradas e saídas: 23

Total de Abrigos: 10

Cidade: Valletta

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	St. Elmo Place -	0	0	0	0
2	Old police depart -	0	0	0	0
3	East Street acres St. Christopher Street	4	0	0	0
4	St. Ursola Street – St. Christopher Street	2	0	0	0
5	St. Paul's Street – St. Christopher Street	2	0	0	0
6	Merchant's Street (Lyceum)	1	0	0	0
7	St. Domenic and Kingsway	0	0	0	0

8	St. Nicholas Street Between Merchants Street and Kingsway	7	0	0	0
9	Old Hospital Street to Fountain Street	5	0	0	0
10	Kingsway – St. Christopher Street	4	0	0	0
11	Old Bakery Street Crossing St. Christopher Street	2	0	0	0
12	St. Lucia –St. Ursola Street	0	0	0	0
13	Beneath Baviera School	0	0	0	0
14	Queen Adelaide's Square – Adelaide's Square – Auberge D'Aragon	3	0	0	0
15	Old Main Street between Old Theatre and Archebishop Street	0	0	0	0
16	Old Theatre Street –West Street (tal Karmnx)	3	0	0	0
17	St. Lucia Street – West Street – Old Theatre Lane up St. Patrick Street	7	0	0	0
18	St. Paul's Church – St. Paul's Street. Merchants Street – St. Lucia Street	9	0	0	0
19	St. John's Street – Old Bakery Street (St. Augustine)	4	0	0	0
20	Old Theatre street between St. Ursola Street and East Street	3	0	0	0
21	Berriera Wharf (ta Wills)	21	0	0	0
22	Battery Street – Marine Curtain	2	0	0	0
23	1 covered Battery Street –St. Anthony Street w. Buildings	1 & 1	0	0	1 se encontra coberto por edifícios
24	Opposite Custom House	4	0	0	0
25	St. Paul's Street – Britannia Street	5	0	0	0

26	St. Adrews Bastion	2	0	0	0
27	St. James Cavalier (Naafi Shelter)	4	0	0	0
28	Mine Sewda	2	0	0	0
29	Auberge de Provence (Union Club)	3	0	0	0
30	Yellow Garage (Ordinance Street)	2	0	0	0
31	Irish Street – Nicholas Street	2	0	0	0
32	Liesse Hill	2	0	0	0
33	Mix Mangiare Steps	1	0	0	0
34	Zachary Street – G.P.O* (Britannia Street) – Elect. Call Office	B/fl07 4	0	0	0
35	Railway Tunnel (Ordinance Street)	6	0	0	0

*G.P. O -General Post Office

36	Auberge de France (between south street and Britannia Street)	4	0	0	0
37	Kingsway – north street	5	0	0	0
38	Hastings (south street c/w Sapper's Street) Hamilton Garage S. Street	2	0	0	0
39	Archbishop Street –Steps	1	0	0	0
40	New Luna Park Ditch and near terminus of Qrendi Buses	8) 20)	0	0	0
41	Valletta Main Ditch	78	0	0	0
42	The Palace ate the Treasury	3	0	0	0
43	M'Xett Street	4	0	0	0
44	St. James Cavalier	2	0	0	0
45	Kigsway – St. Lucia Street (Courts)	5	0	0	0

46	M'Xett Pumping Station	2	0	0	0
47	Jews Sally Port	25	0	0	0
48	Near M'Xett Ferry	50	0	0	0
49	Valleta Ditch	50	0	0	0
50	Phoenicia Laundry	11) 32)*	0	0	0
51	Saluting Battery (near Lascaris)	3	0	0	0
52	Liessle Church under tunnel	5	0	0	0
53	School of arts (Kingsway)	1	0	0	0
54	Kigsway (Tal Forn)	2	0	0	0
55	St. Dominic Church	3	0	0	0
56	Archbishop Street c/w Merchant Street	3	0	0	0
57	Bull Street	1	0	0	0
58	St. Charles Street	2	0	0	0
59	Old Police Depot	5	0	0	0

*Tem a mesma localização

Total de entradas e saídas: 551

Total de Abrigos: 59

Cidade: Vittoriosa (Cottonera)

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Vittoriosa Gate	0	0	0	0
2	St. John Tower Street	0	0	0	0
3	Coronation Garden	0	0	0	0
4	Fosse Street	2	0	0	0
5	Coronation Garden to Kalkara Slipway	65	0	0	0
6	St. Lawrence Demi Bastion	2	0	0	0
7	Under Fish Market with Fosse Street	2	0	0	0

8	Under Fish Market with Fosse Street	2	0	0	0
9	Under Fish Market with Fosse Street	2	0	0	0
10	Under Fish Market with Fosse Street	26	0	0	0

Total de abrigos: 10

Total de entradas e saídas: 101

Cidade: Żabbar

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
2	St. Mary Street with Marsaskala Road	2	0	0	
4	St. Mary Street with St. Joseph Street	2	0	0	
5	Redeemer Street with Bajada Street	3	0	0	
7	Sanctuary Street with Strada Reale	3	0	0	
8	Conception Street with Strada Reale	2	0	0	Not cleaned
10	Cospicua Road with Melita Street	2	0	0	Not cleaned
11	Biccieni Street with Alley No.1	2	0	0	Not cleaned
12	Biccieni Street	2	0	0	1 in a house at No. 60 and other No.1
13	St. Francis Alley with St. Vincent Alley	2	0	0	Not Cleaned
17	Sanctuary Street with Xghajra Street	3	0	0	
18	Santa Domenica Street	2	0	0	
19	Santa Domenica Street	2	0	0	Not cleaned
21	Government School Dingli Street	2	0	0	Not cleaned
22	Wied Alley with Santa Domenica	2	0	0	Only 1 cleaned
23	Capuchin Street	2	0	0	Not cleaned
24	Barone Street	2	0	0	
26	St. Dominic Street	3	0	0	

27	Convent Street	2	0	0	Not cleaned
29	Road Tal-Bidni	0	0	0	Could not be located
30	Road Tal-Latmija	2	0	0	Not cleaned
35	Lija Street with Felice Street	3	0	0	Only 1 cleaned
37	Conception Street	2	0	0	
38	Road to Fort San Leonardo	2	0	0	Not cleaned
39	Road to Fort San Leonardo	2	0	0	Not cleaned

Total de Abrigos: 24

Total de entradas e saídas: 51

Cidade: Żejtun

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Mater Boni Consigli Street	2	0	0	
2	Mater Boni Consigli Street	2	0	0	
3	Britannia Square with St. Augustine Street	4	0	0	Includes 1 at house No.15
4	St. Gregory Street with Wied-il-Ghajj Road	2	0	0	Not cleaned
5	Bugharbier Street	0	0	0	Could not be located
6	Plus XI Street	2	0	0	1 paid for
7	Beland Street; St. Monica Street	4	0	0	With pavements
8	St. Joseph Street c/w Britannia Street	3	0	0	Includes 1 in no.35 Britannia Str.
9	Kantur Street	2	0	0	With pavements
10	Beland Street with St. Porphyry Street	2	0	0	With pavements
11	Luqa Briffa Street	2	0	0	Not cleaned
15	St. Lucy Street	2	0	0	
16	Marsaxlokk Road	2	0	0	
17	Marsaxlokk Road	2	0	0	
18	St. Alphonse Street	2	0	0	
19	Alexander Lane	2	0	0	
20	Our Lady of Mercy Street	2	0	0	
21	Our Lady of Mercy Street (near Chapel at No.149)	1	0	0	
22	Our Lady of Mercy Street	2	0	0	
23	Vendone Lane with Alley No.1	4	0	0	Includes 1 in cellar at Vendone Lane
25	Mater Boni Consigli Street	3	0	0	Includes 1 at No.II
26	St. Emidius Street	2	0	0	
27	Herba Street	2	0	0	

29	St. Angelo Street	3	0	0	1 at No. 29
31	St. Angelo Street	3	0	0	Includes 1 in cellar.
32	School Street	2	0	0	
33	St. Angelo Street	2	0	0	Not cleaned
34	St. Clements Street	2	0	0	
36	Square Fossi	2	0	0	
38	Sciortino Street	2	0	0	1 in well
39	Strada Tantas with Michael Cassar Street	2	0	0	
40	Strada Tantas with Alley No.1	2	0	0	
41	St. Agatha Street with Alley No.2	2	0	0	Only 1 opened cleaned from inside
42	Strada Tempio	2	0	0	
43	St. Anthony Street	3	0	0	1 ate No.11
44	Sacred Heart Street	2	0	0	
46	Bandolier Street	2	0	0	
47	Bandolier Street	2	0	0	1 at No.6, not cleaned
48	Strada San Salvatore	2	0	0	
50	Wied il-Ghajn	2	0	0	Includes 1 at Nazzareno Sister Con.
51	Delimara Xorb-il-Ghagin Road	2	0	0	Not cleaned
52	To Road Tal-Marnisi	2	0	0	Not Cleaned
54	Ta-Latnija	2	0	0	Not cleaned
55	St. Gregory's Street with St. Monica Street	2	0	0	With pavements
56	Luqa Briffa Street	2	0	0	
57	St. Dominic Street with Marsaxlokk Road	4	0	0	Includes 1 in garden
58	St. Dominic Street	2	0	0	Includes 1 at No.24
59	Lawrence Gafa Street with St. John Street	2	0	0	Includes 1 at No.2 St. John Street, not cleaned
60	Melchiore Gafa Street	2	0	0	1 paid for
61	Tarxien Road	2	0	0	
63	Main Square with Main Street	3	0	0	Includes 1 in cellar
64	St. Monita Street	2	0	0	With pavements

Total de Abrigos: 51

Total de entradas e saídas: 115

Cidade: Żurrieg

Nº do Abrigo	Localização	Entradas e Saídas	Comprimento	Nº de pessoas que podem ser acomodadas	Observações
1	Valleta Road	2	0	0	0
2	St. Catherine's Street	2	0	0	Covered with buildings

3	Britannia Street	2	0	0	0
4	Hussar Street	2	0	0	1 entrance on church
5	Carmel Street and Pietosa Street	4	0	0	0
6	St. Bartholomew's Street	2	0	0	2 phases
7	St. Bartholomew's Street	2	0	0	0
8	St. David's Lane	2	0	0	0
9	Carmel Street	2	0	0	Includes an entrance at 73 Carmel Street and another at Bartholomeo Street
10	Carmel Street	3	0	0	0
11	Alley no.1 c/w St. Bartholomew's Street	1	0	0	0
12	St. Patrick's Lane with 2 nd Lane	2	0	0	0
13	Carmel Street c/w St. Michael's Street	2	0	0	4 phases
14	St. Martin's Street	2	0	0	Covered with buildings
15	St. Martin's Street	2	0	0	0
16	St. Leo's Street	2	0	0	0
17	St. Mary's Square	2	0	0	0
18	Tower Road Street	1	0	0	0
19	St. Michael's Street	2	0	0	0
20	St. Michael's Street	3	0	0	Includes a Shelter in a cellar
21	St. Michael's Street c/w 1 st Lane	1	0	0	0
22	Churchill Square	2	0	0	0
23	Strada Real	2	0	0	Clean; the second entrance was too small.
24	Strada Real	4	0	0	Includes a shelter in a cellar and another in a house
25	Strada Real c/w Sapper Street	1	0	0	0
26	Strada Real c/w Alley no.1	3	0	0	0
27	St. Luke Street	2	0	0	Clean
28	Bur il-langasa Street	2	0	0	Clean

29	Immaculate Conception Street	1	0	0	0
30	St. Mark's Street with Immaculate Conception Street	2	0	0	0
31	Mill Street	2	0	0	0
32	Quarry Street	0	0	0	0
33	St. George's Street	2	0	0	0
35	St. John's Street	2	0	0	0
36	Strada Real c/w St. Leopold's Street	2	0	0	0
37	Rose Street	0	0	0	0
38	Lazzaru's Square	0	0	0	0
39	Britannia Street	2	0	0	Clean
40	Sapper Road	2	0	0	Clean
41	Queen's Street	2	0	0	Clean: received a new floor.
42	Queen's Street	2	0	0	Clean
43	St. Peter Street c/w Road Tal – Mithna	2	0	0	Clean
44	Britannia Street	0	0	0	0
45	Road Tal-Hamillieri	0	0	0	0
46	St. Martin's Street	2	0	0	0
47	St. Catherine's Street (Govt. School)	0	0	0	0
48	St. Catherine's Street (Police Station)	1	0	0	0
49	High Street (not shown on sketch plan)	0	0	0	0
50	Carmel Street (not shown on sketch plan)	0	0	0	0
51	Hal-Far Road (not shown on sketch plan))	0	0	0	0
52	Prodical Lane	2	0	0	0

Total de abrigos: 53

Total de entradas e saídas: 85

Apêndice 5 -Plantas dos Abrigos de Guerra

Attard

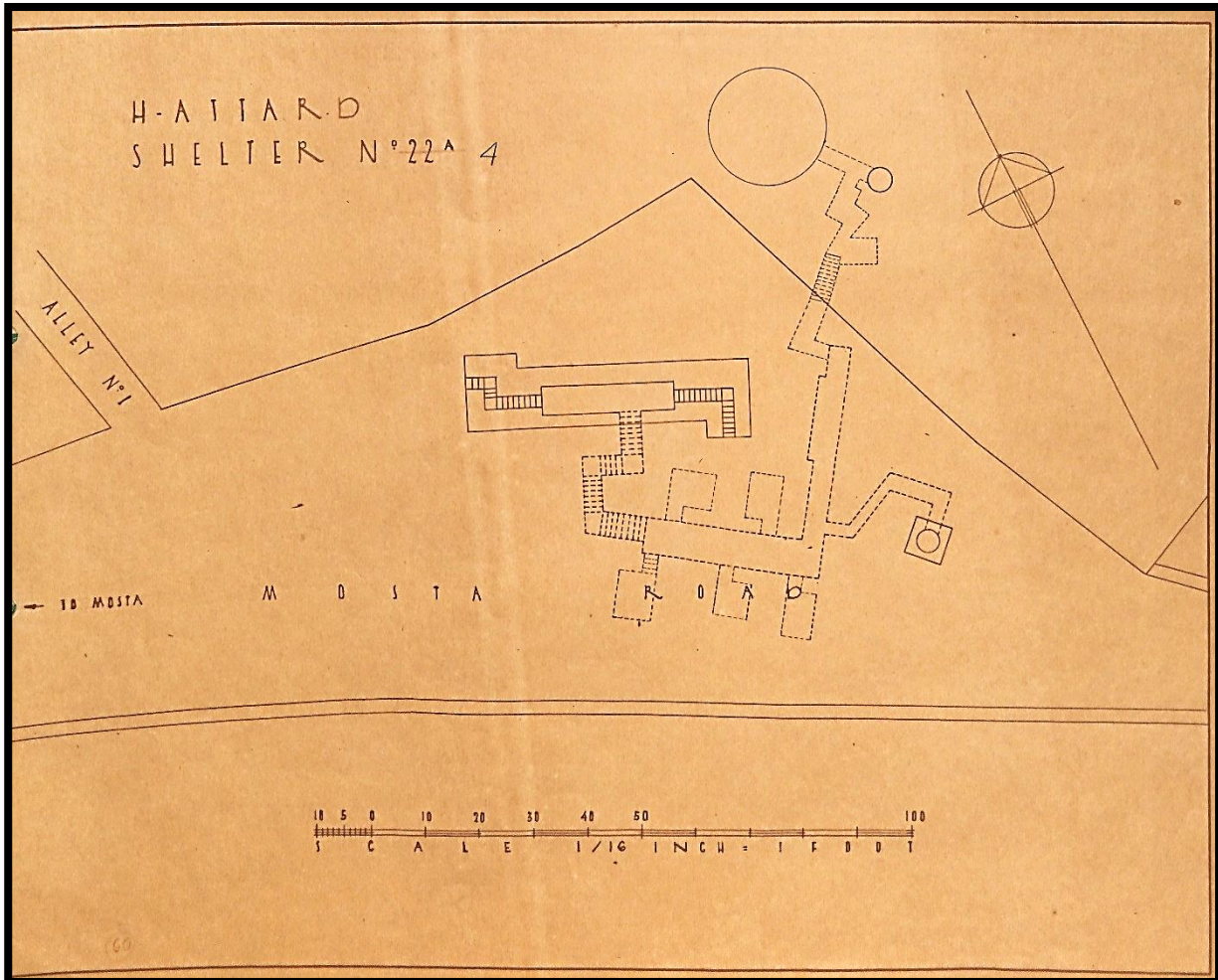


Fig. 33 Planta do Abrigo nº4 (22ª) "Msida Road -Alley nº1"

Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº1_Attard" Fig.33 à 47

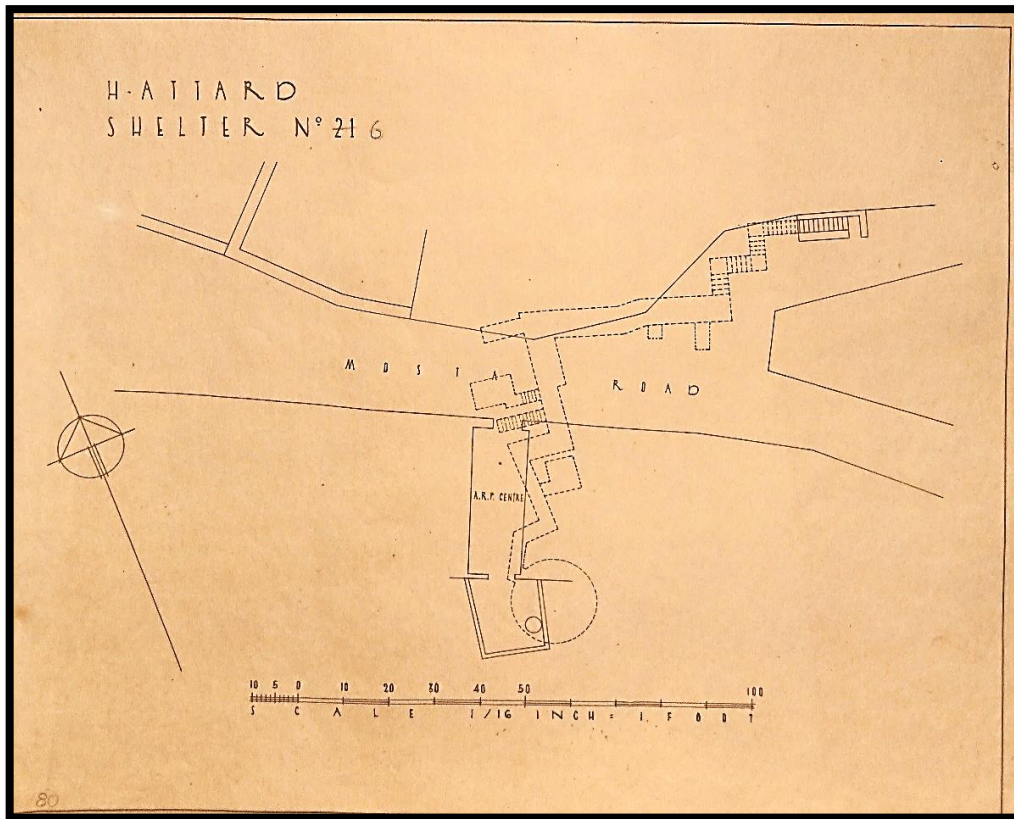


Fig. 34 Planta do Abrigo nº6 (21) "Msida Road"

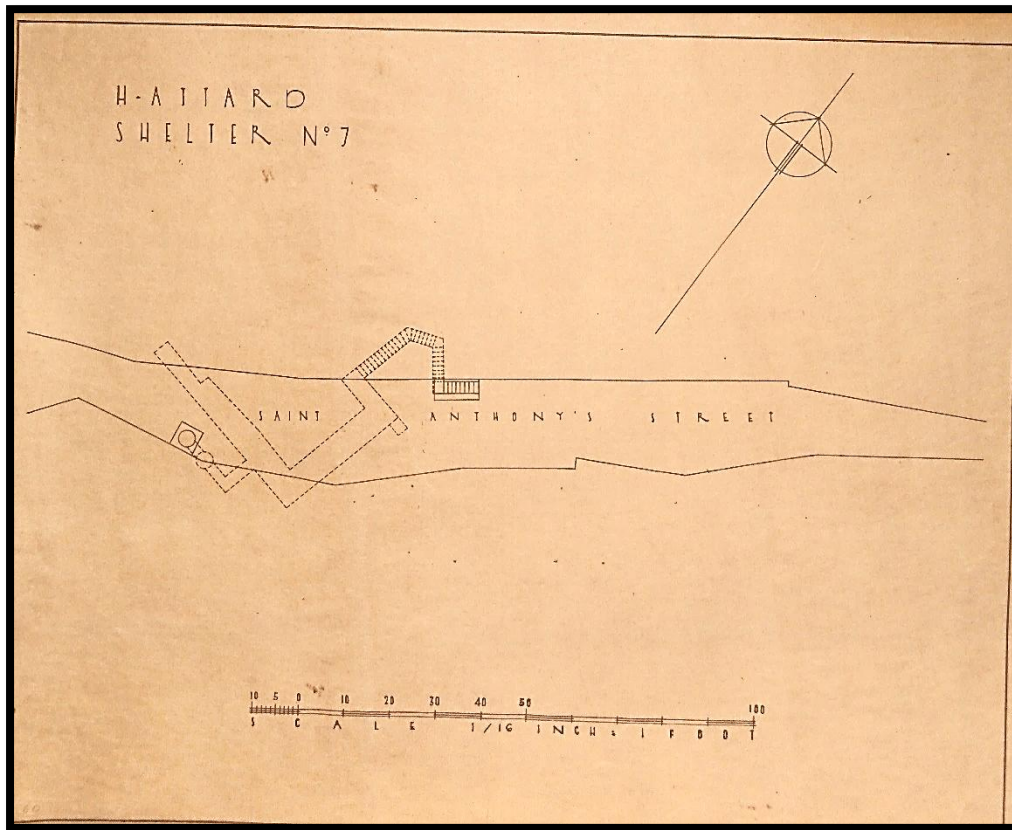


Fig.35 Planta do Abrigo nº7 "Saint Anthony's Street"
*Corresponde ao nº3 da Lista do Abrigo de Attard

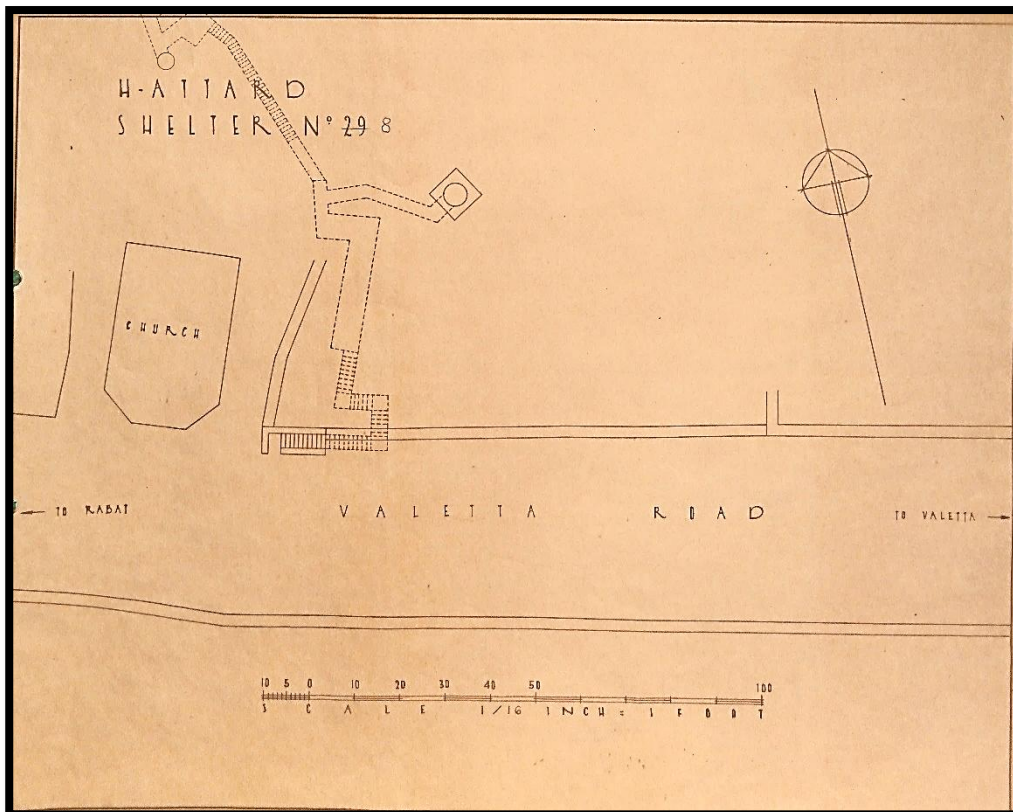


Fig.36
Planta do
Abrigo
nº8
"Valletta
Road"

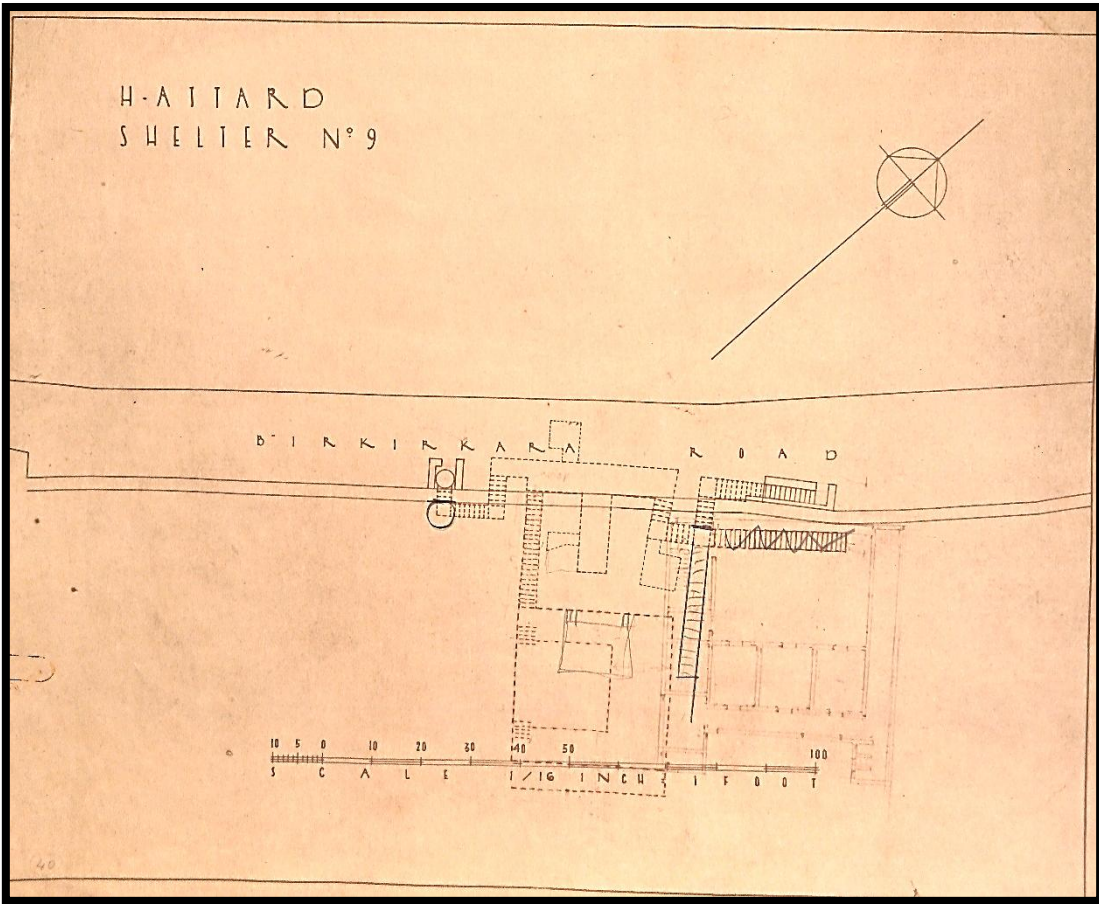


Fig. 37 Planta do Abrigo nº9 "Birkikara Road"

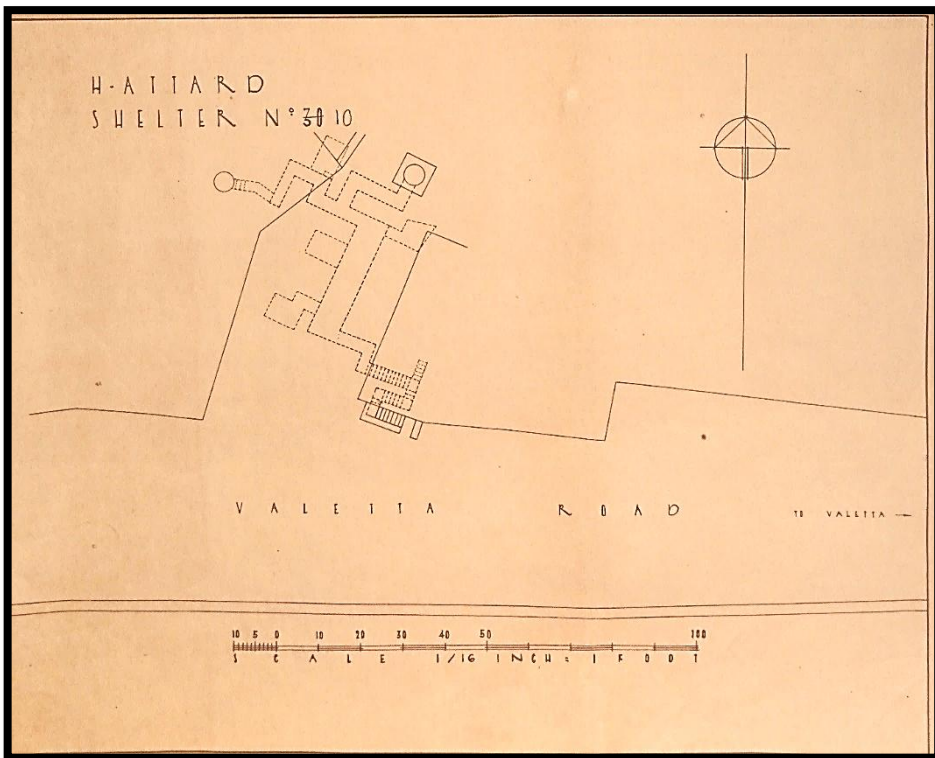


Fig. 38 Planta do Abrigo nº10 (30) "Valletta Road"

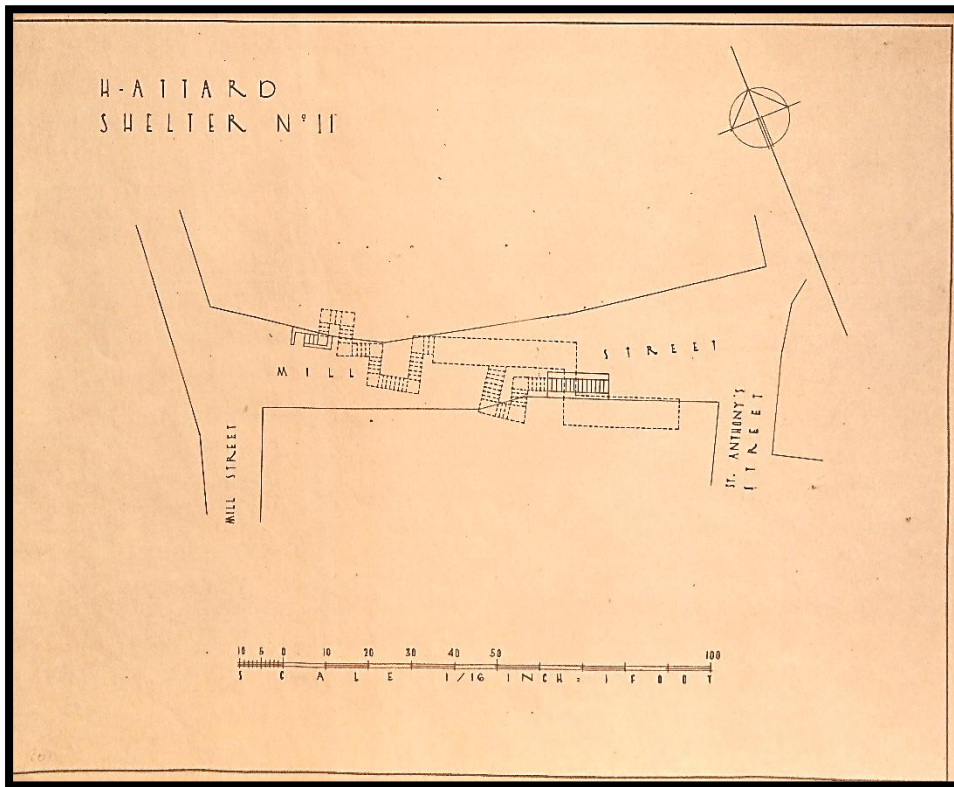


Fig. 39 Planta do Abrigo nº11 "Mill Street – St. Anthony's Street."

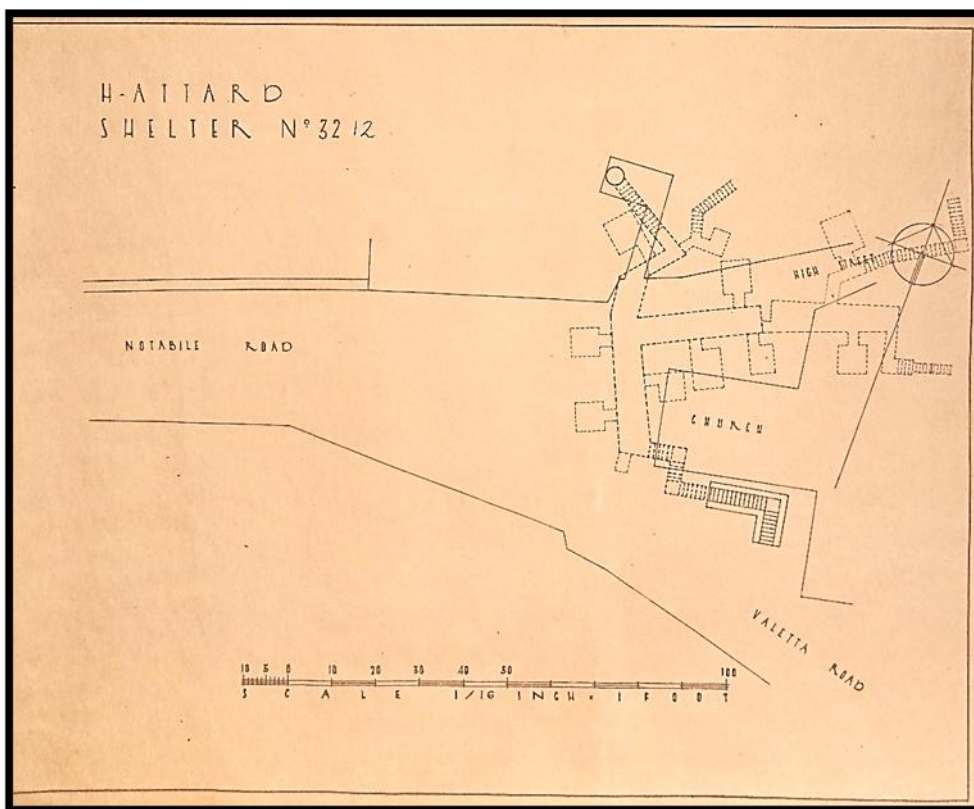


Fig. 40 Planta do Abrigo nº12 (32) "Notable Road – Valletta Road."

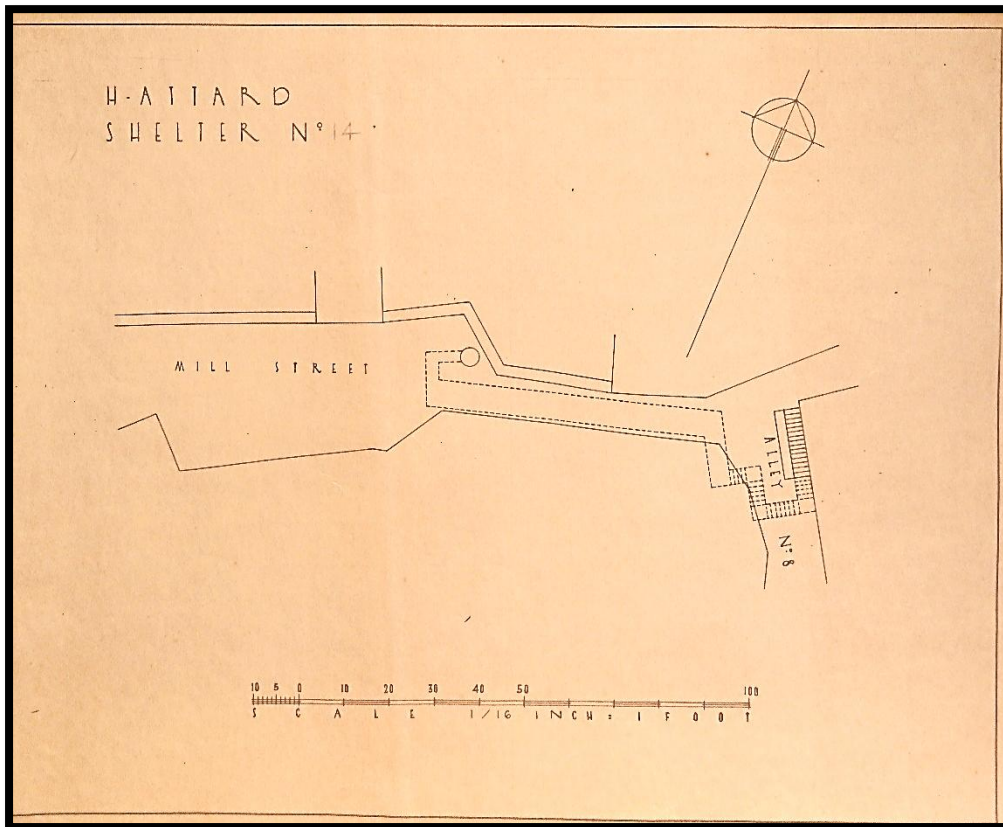


Fig. 41 Planta do Abrigo nº14 "Mill Street – Alley nº8"

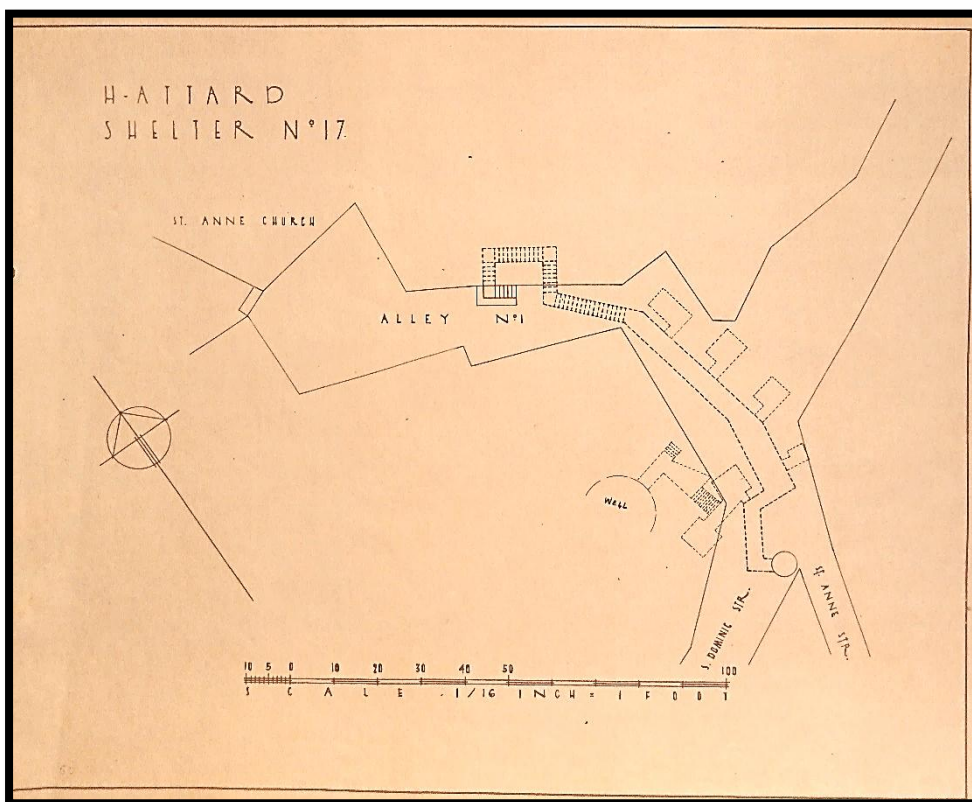


Fig. 42 Planta do Abrigo nº17 "Alley nº1"

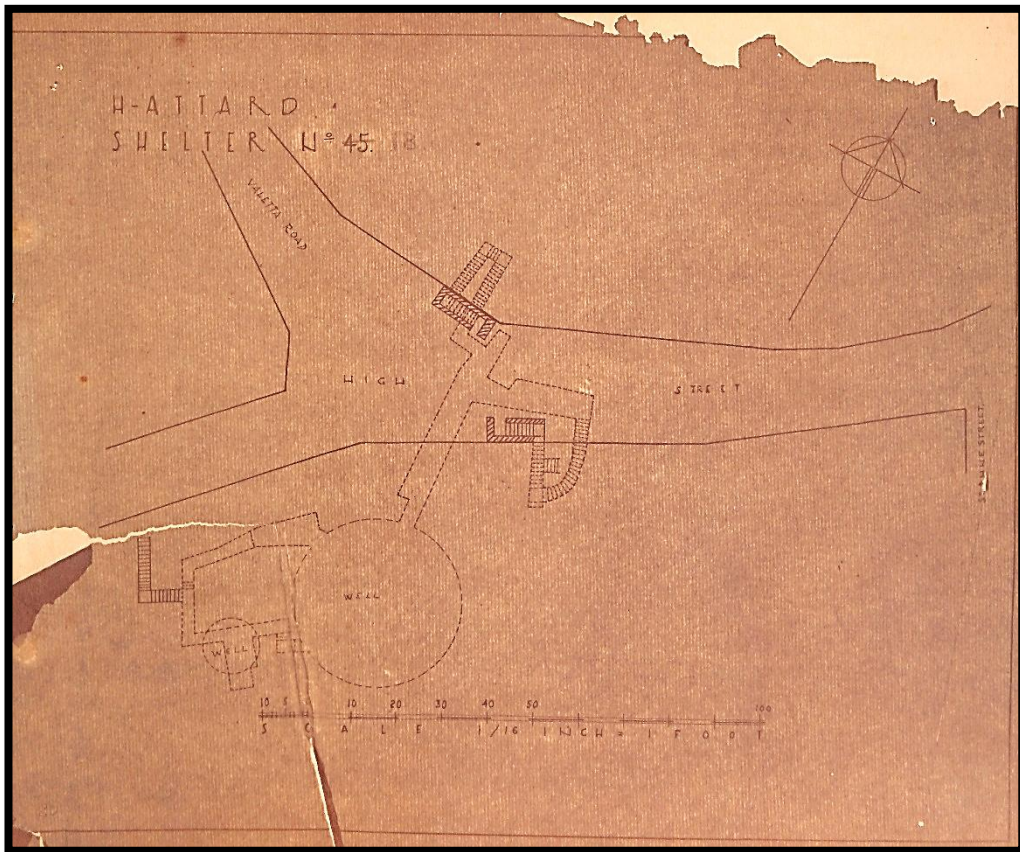


Fig. 43 Planta do Abrigo nº18 (45) "High Street – Valletta Road."

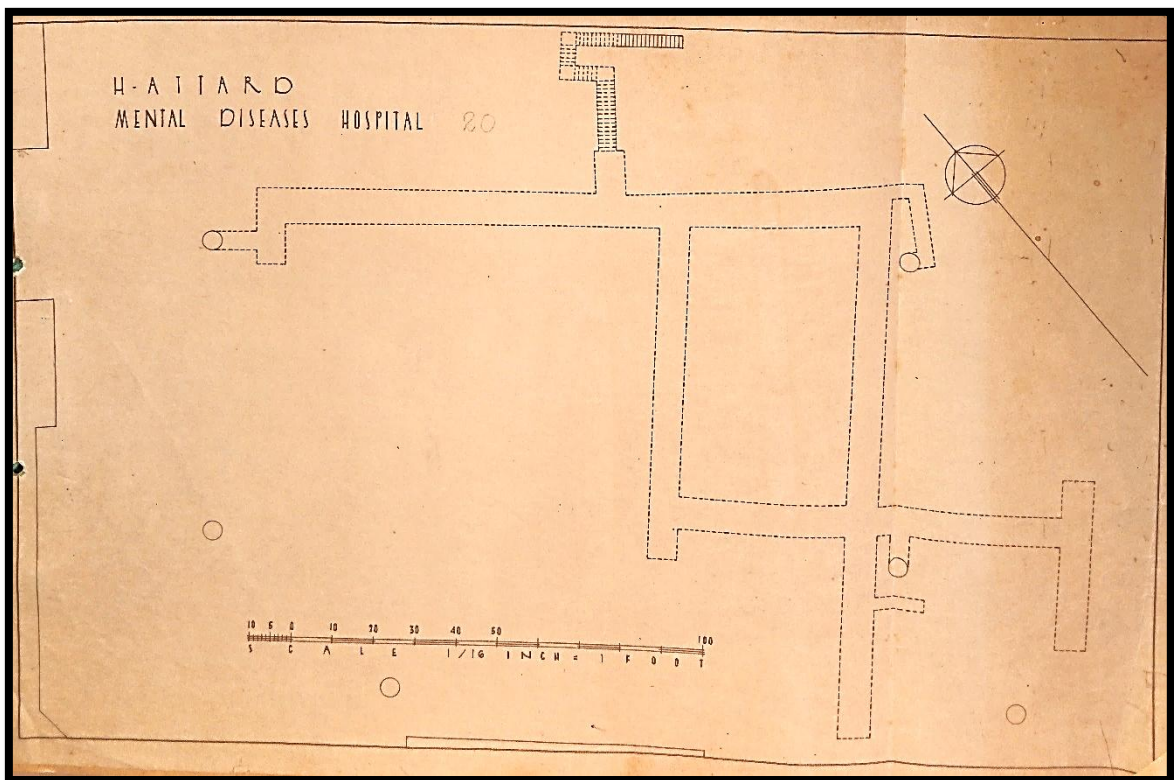


Fig. 44 Planta do Abrigo nº19 (44) "Church Square"

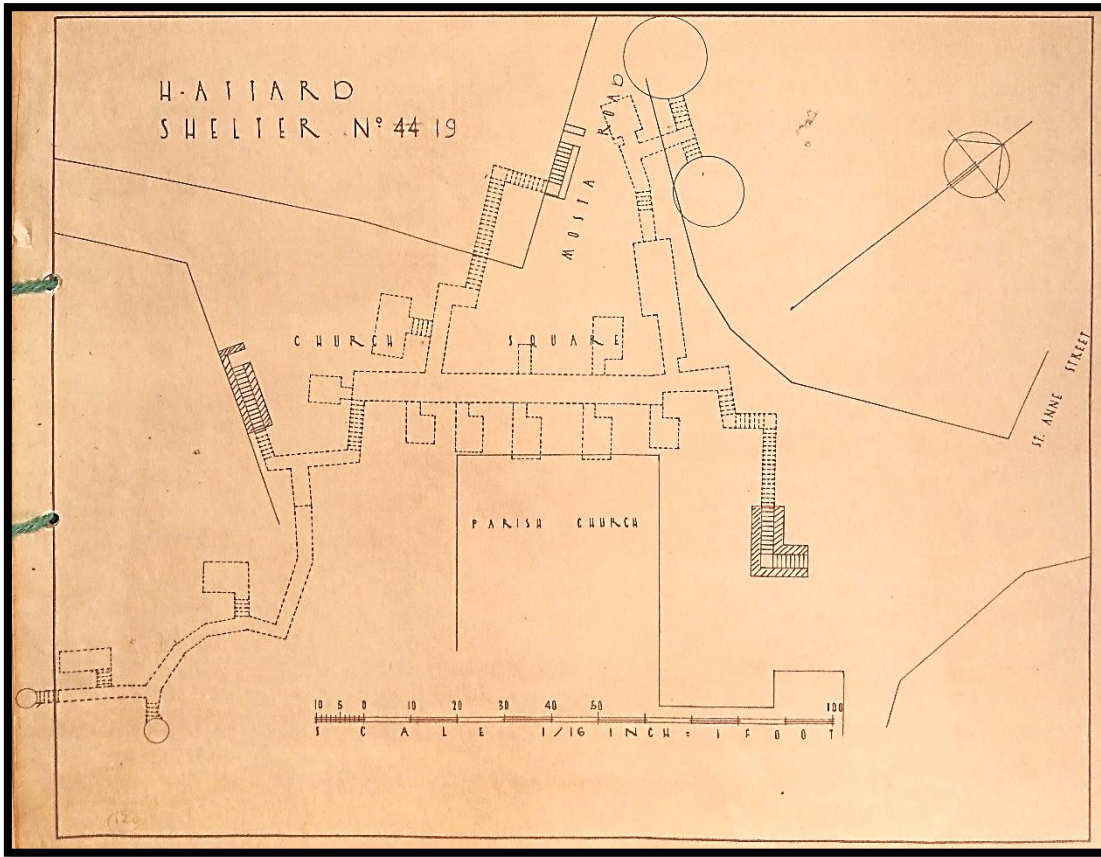


Fig. 45 Planta do Abrigo nº20

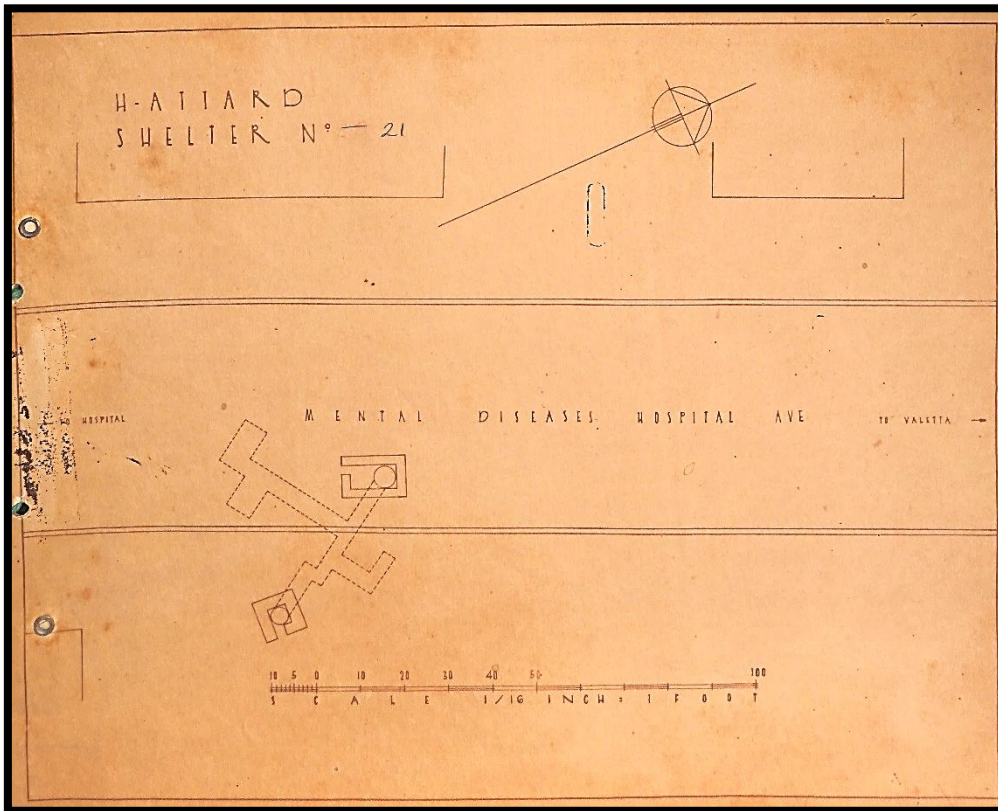


Fig. 46
Planta do
Abrigo
nº21(48)
"Mental
Diseases
Hospital
Ave to
Valletta"

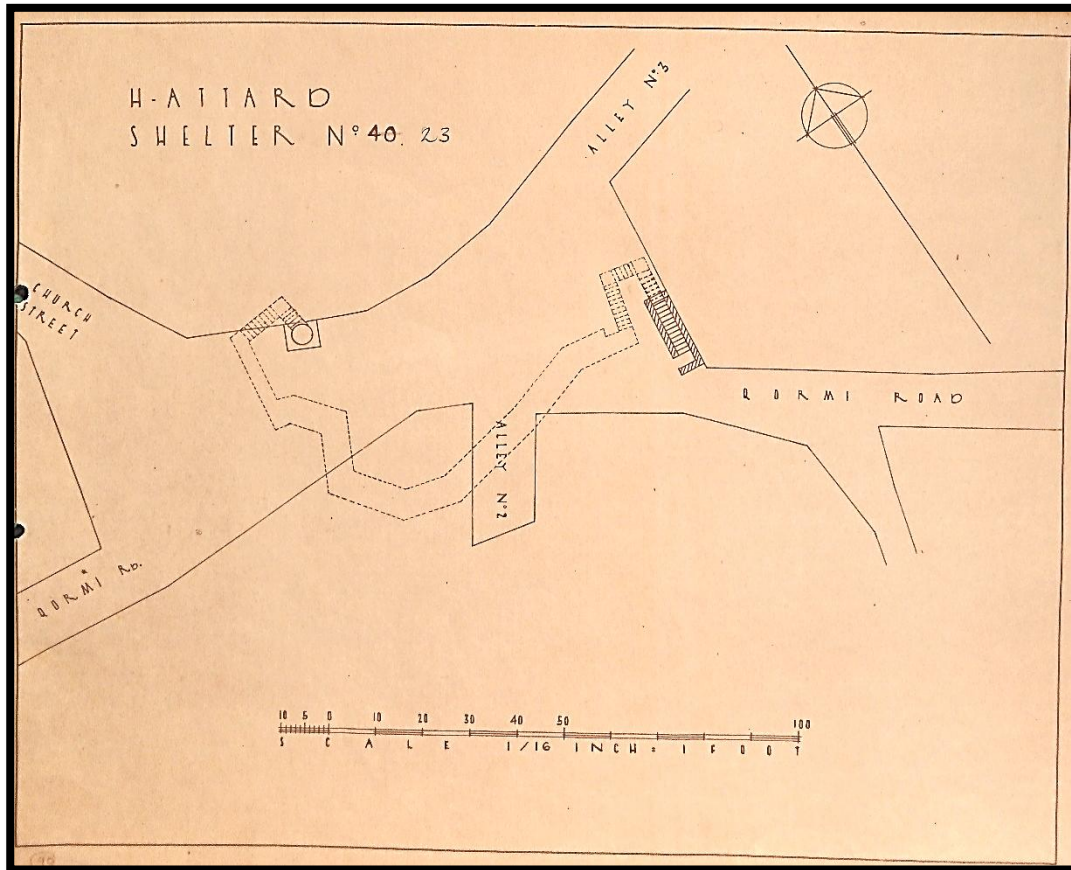


Fig. 47 Planta do Abrigo nº23 (40) "Alley nº3 – Qormi Road – Church Street"
 *Corresponde ao nº22 da Lista do Abrigo de Attard.

Birbikara

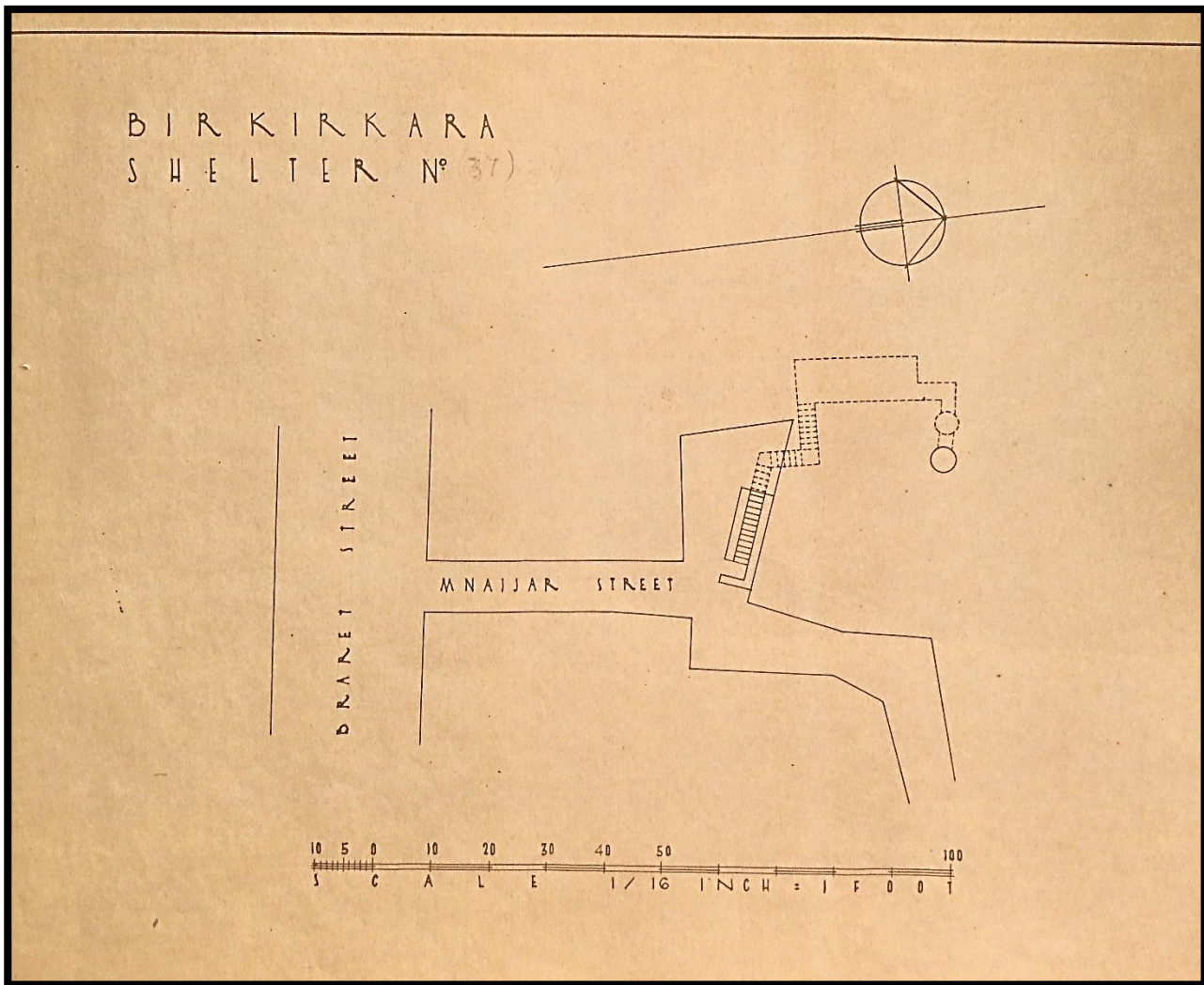


Fig.48 Planta do Abrigo nº37 "Braret Street – Mnaijar Street" *
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings nº2_Birbikara" Fig.48 à 95
*Corresponde ao nº37 da Lista do Abrigo Birbikara

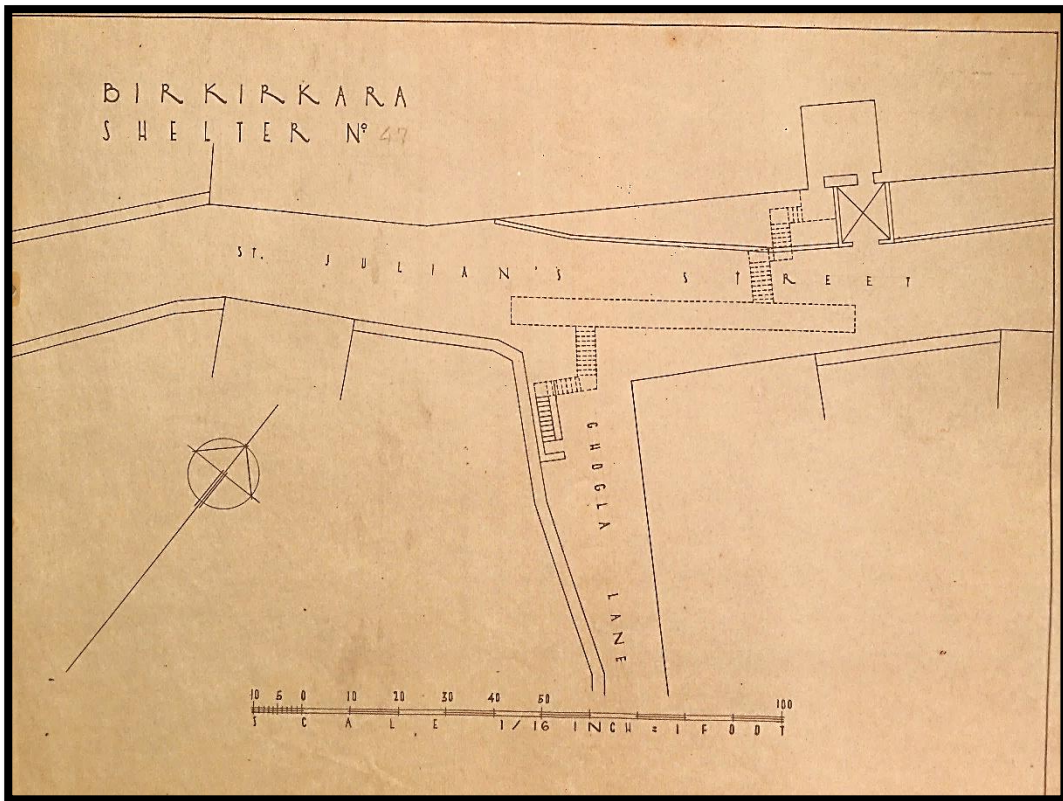


Fig.49 Planta do Abrigo nº 47 "St. Julian's Street - Chogla Lane"
*Corresponde ao nº47 da Lista de Abrigos de Birkirkara

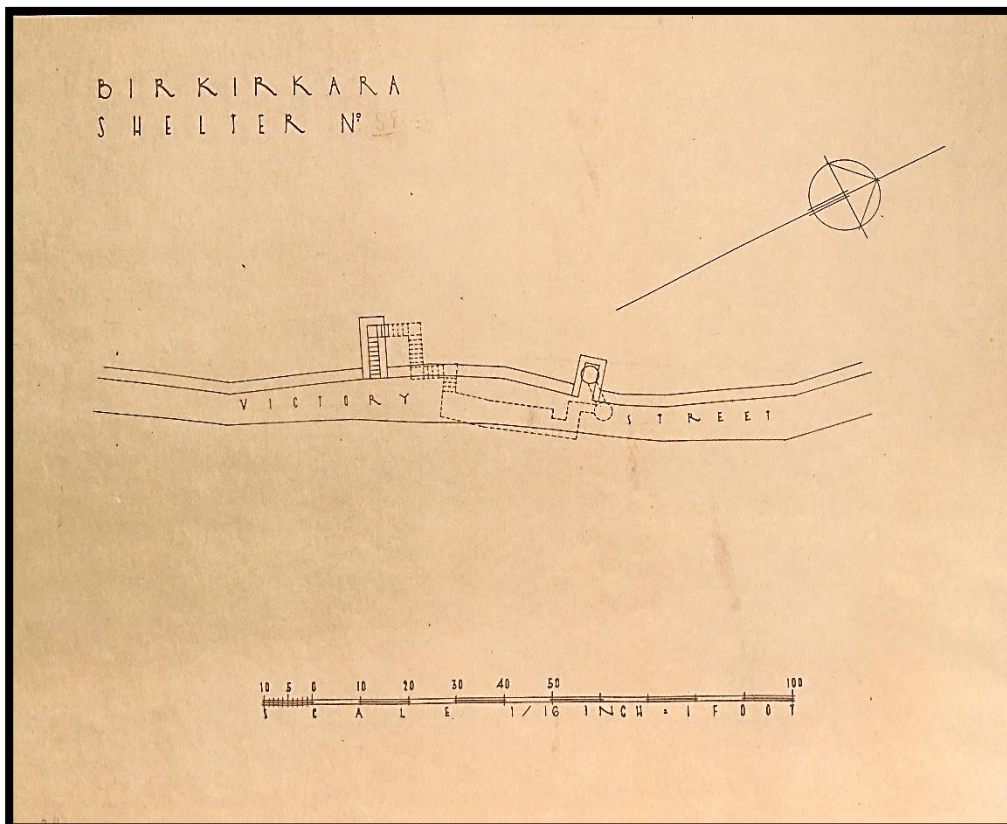


Fig. 50 Planta do Abrigo nº58 "Victory Street."

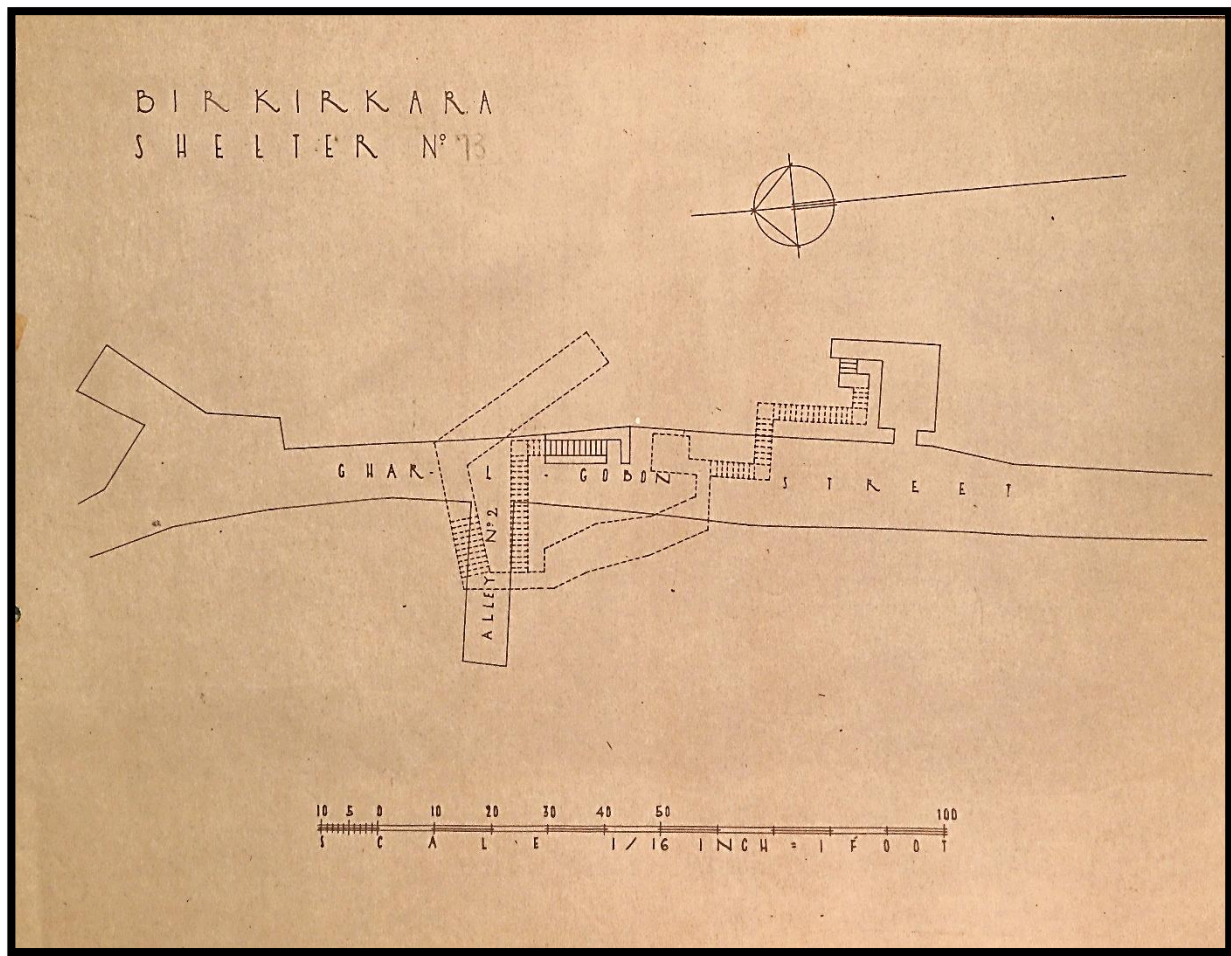


Fig. 51 Planta do Abrigo nº 13 "Għar -il – Gobon Street – Alley nº2."

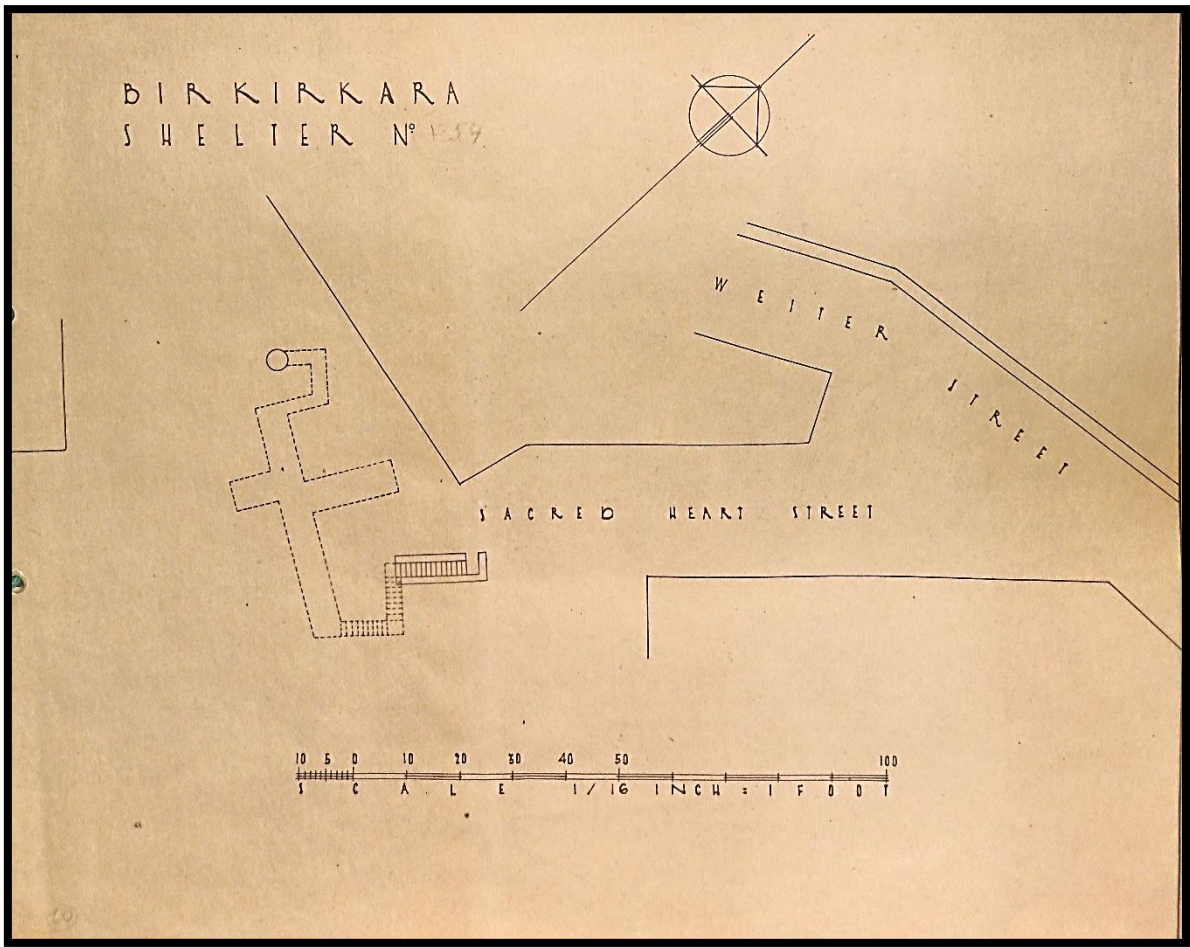


Fig. 52 Planta do Abrigo nº54 (1) "Sacred Heart Street. – Weiter Street"

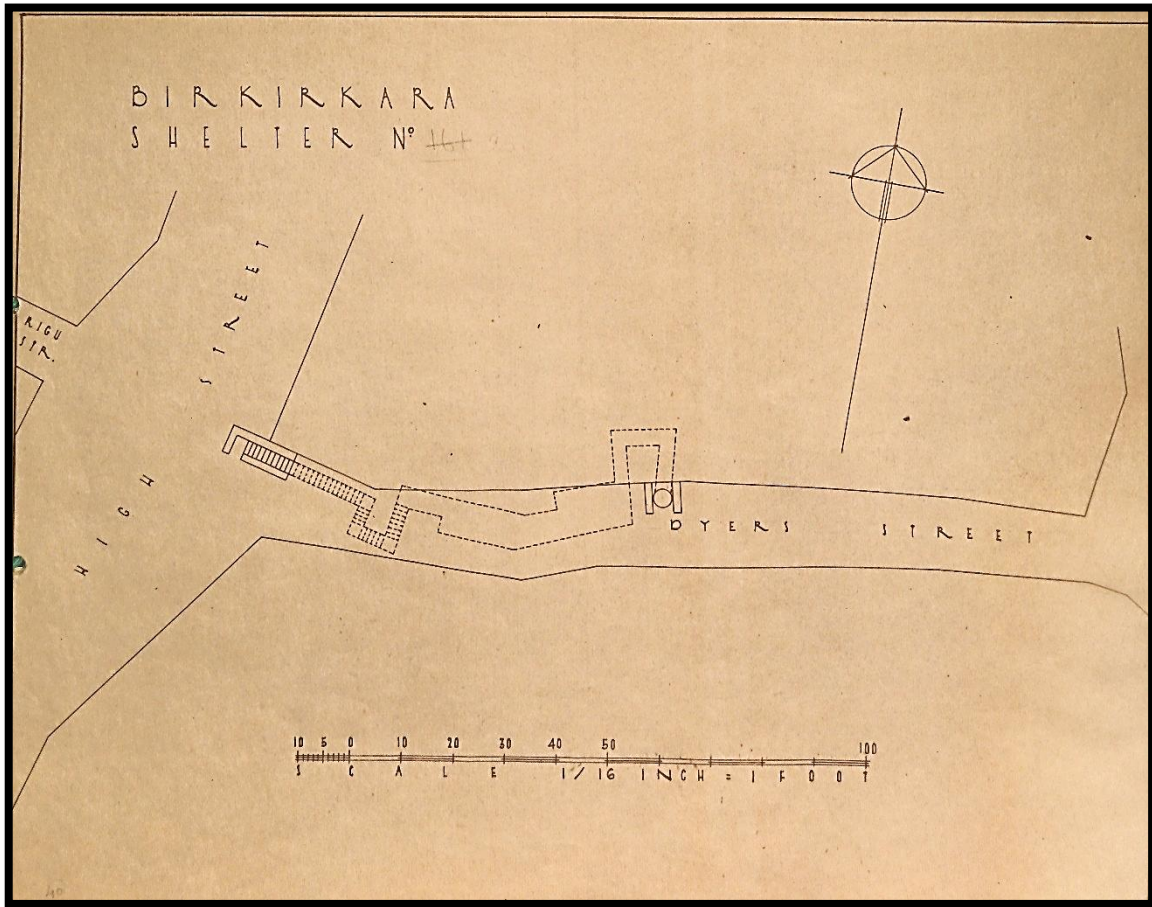


Fig.53 Planta do Abrigo nº16 (25) "High Street – Dyers Street."
*Corresponde ao nº25 da Lista de Abrigo de Birkirkara

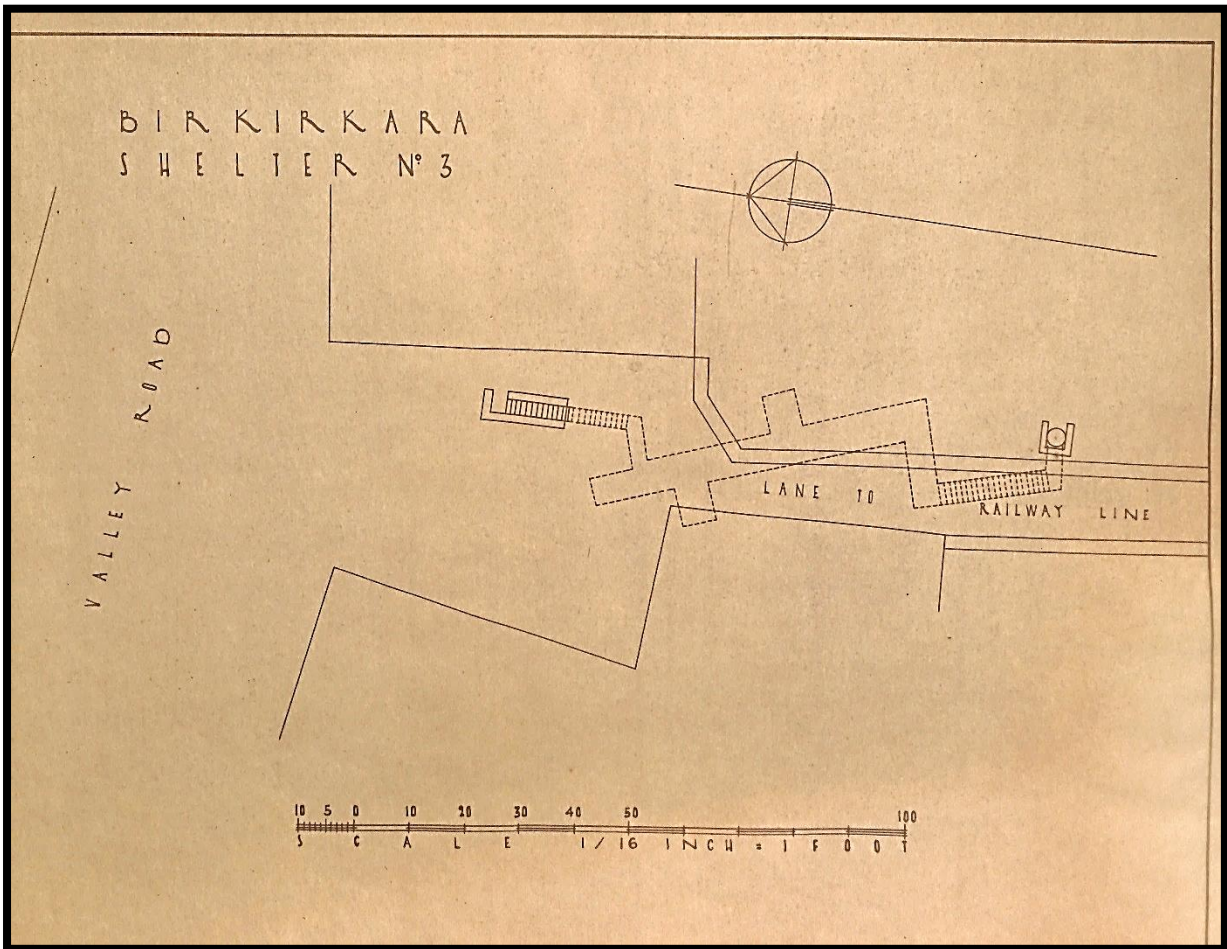


Fig. 54 Planta do Abrigo nº3 "Valley Road – Lane to Railway Line."

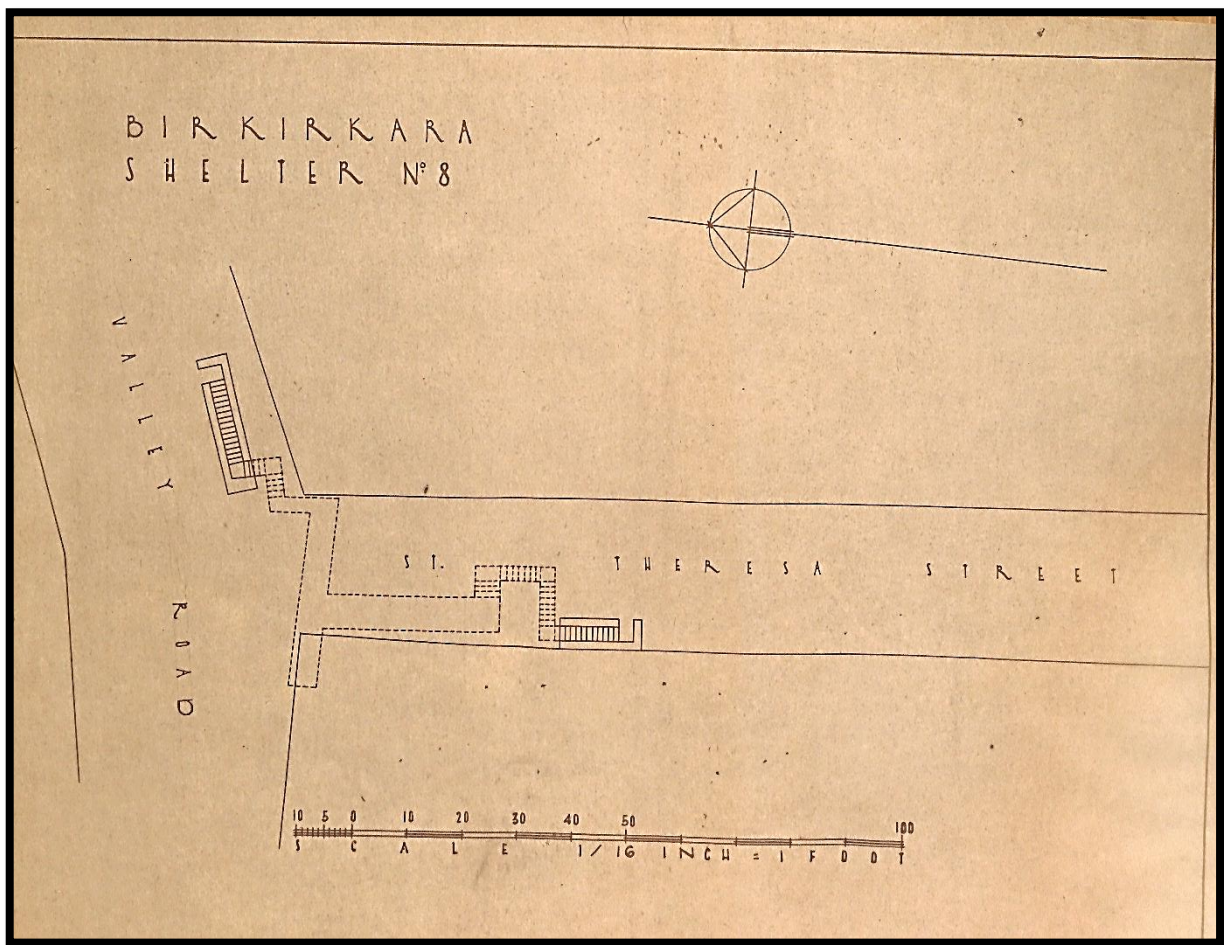


Fig. 55 Planta do Abrigo nº8 "Valley Road – St. Theresa Street."
*Corresponde ao nº8 da Lista de Abrigo de Birkirkara

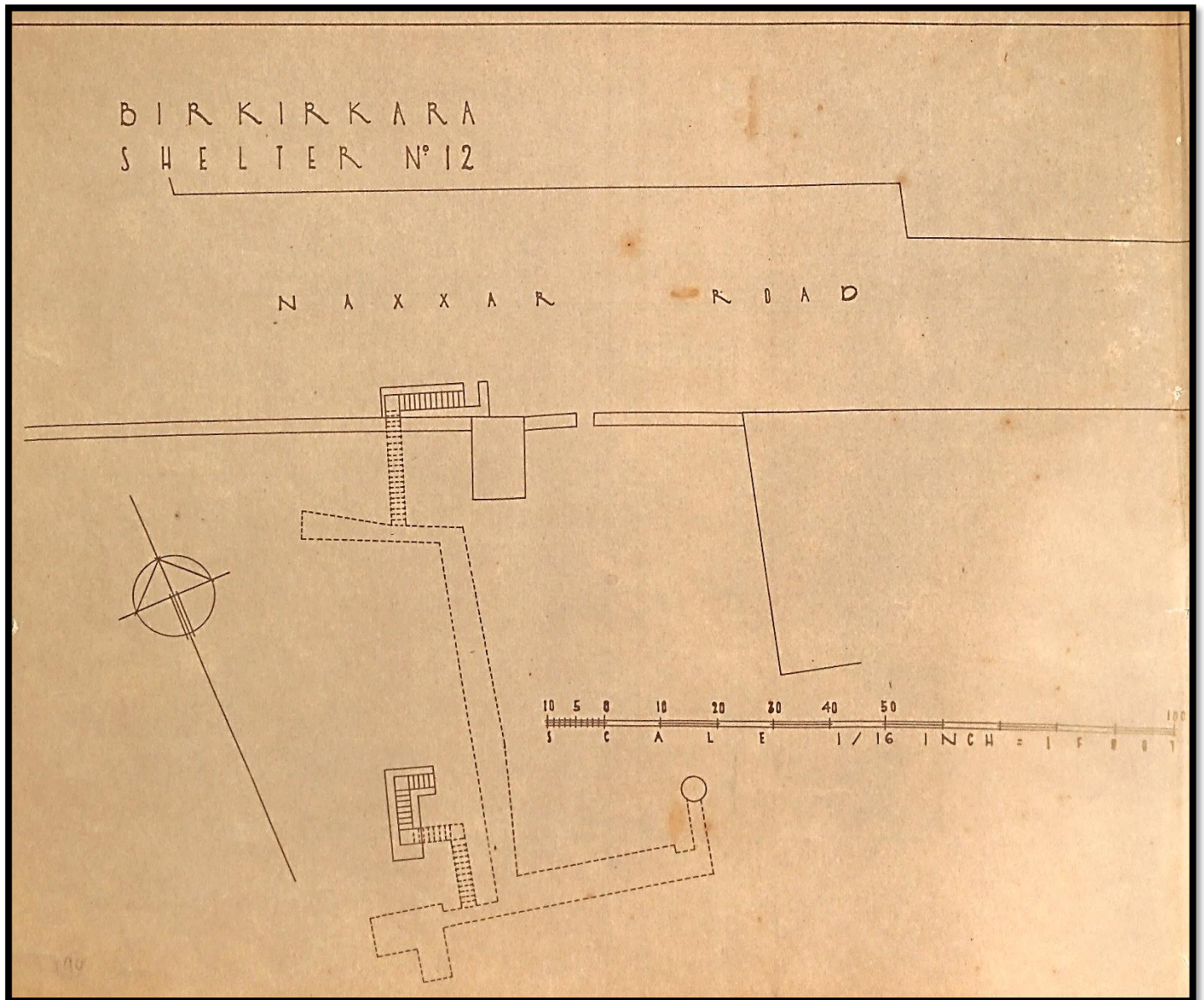


Fig. 56 Planta do Abrigo nº 12 "Naxxar Road"
*Corresponde ao nº12 da Lista de Abrigo de Birkirkara

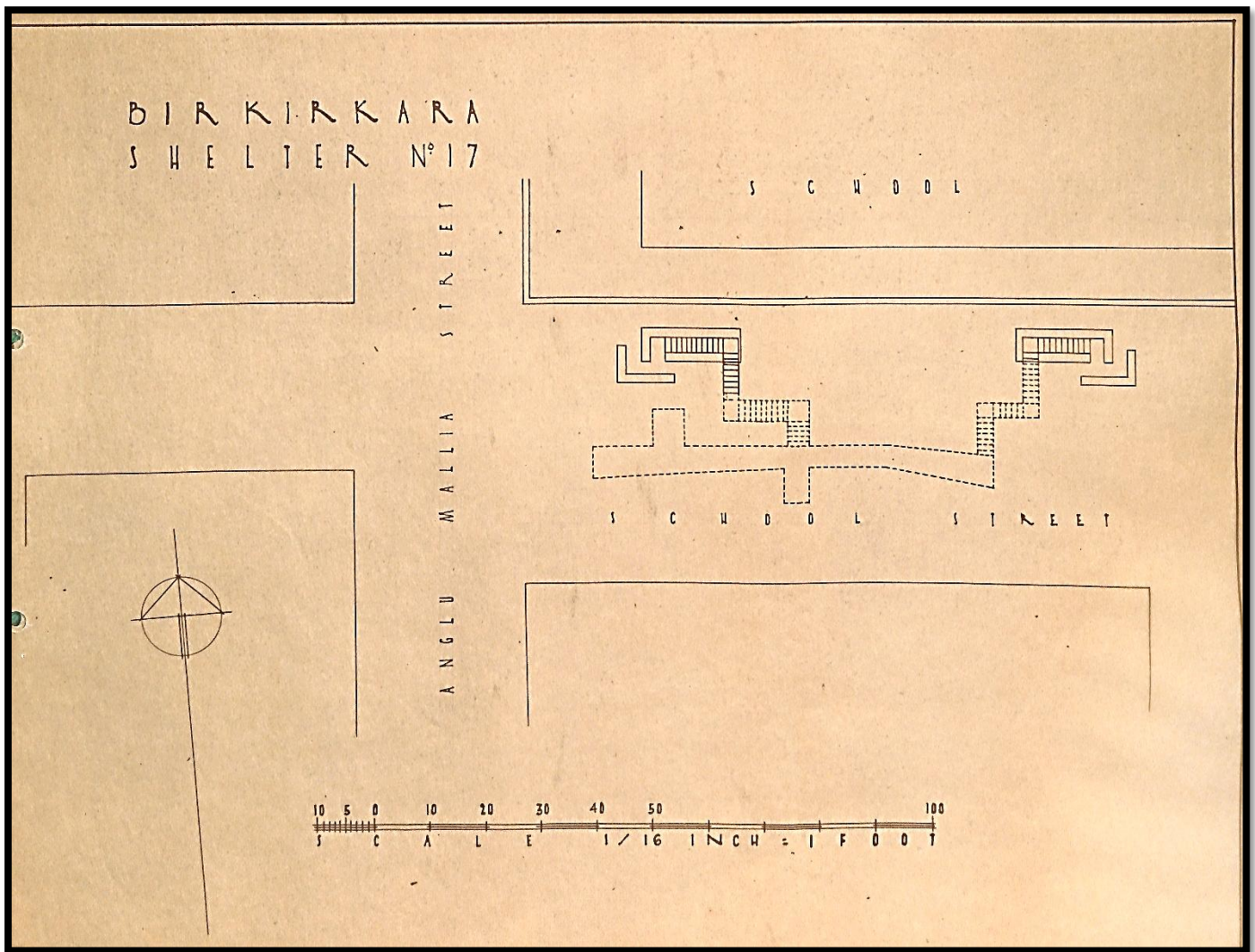


Fig. 57 Planta do Abrigo nº 17 "Anglu Mallia Street"

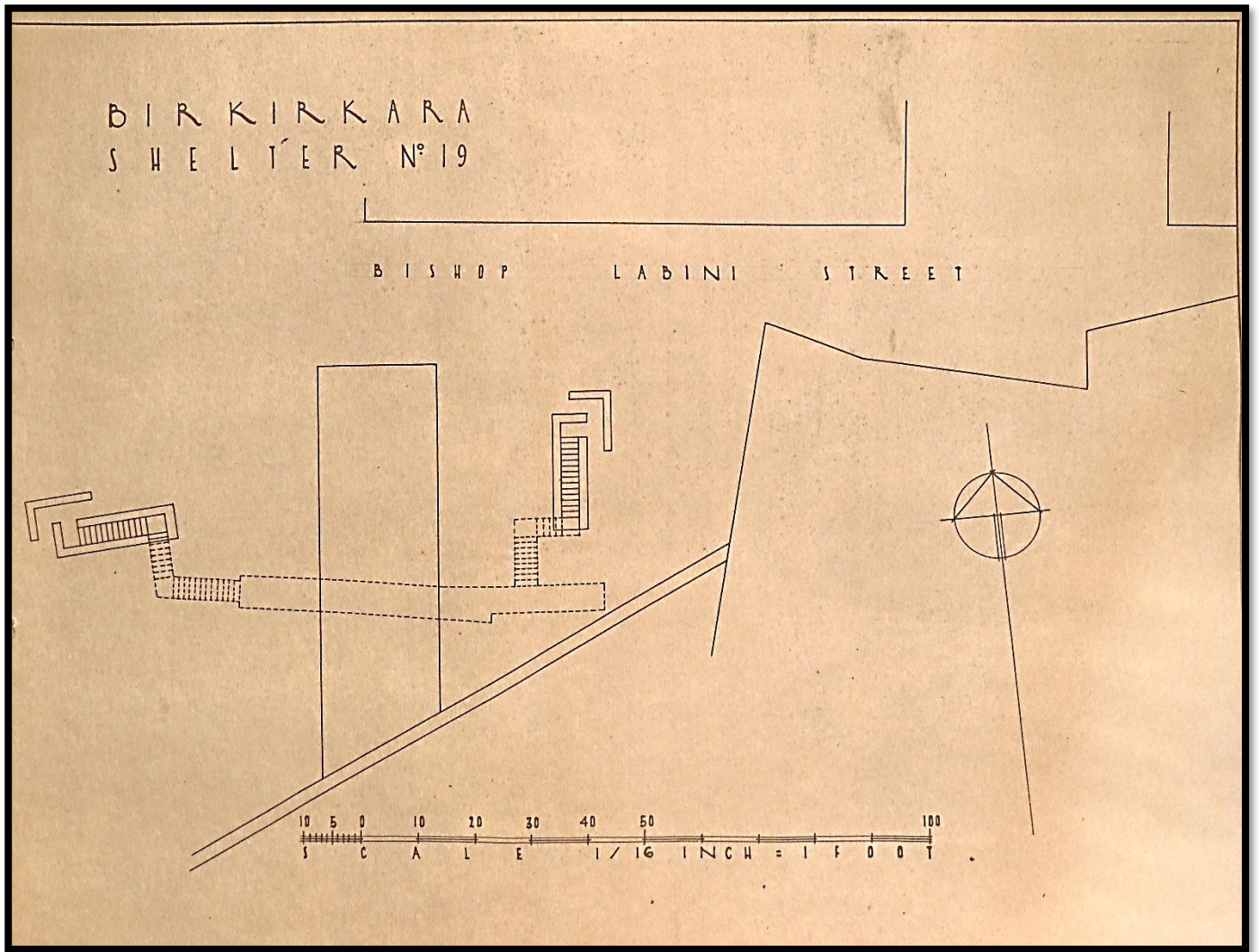


Fig. 58 Planta do Abrigo nº 19 "Bishop Labini Street"
 *Correponde ao nº17 da Lista de Abrigo de Birkirkara

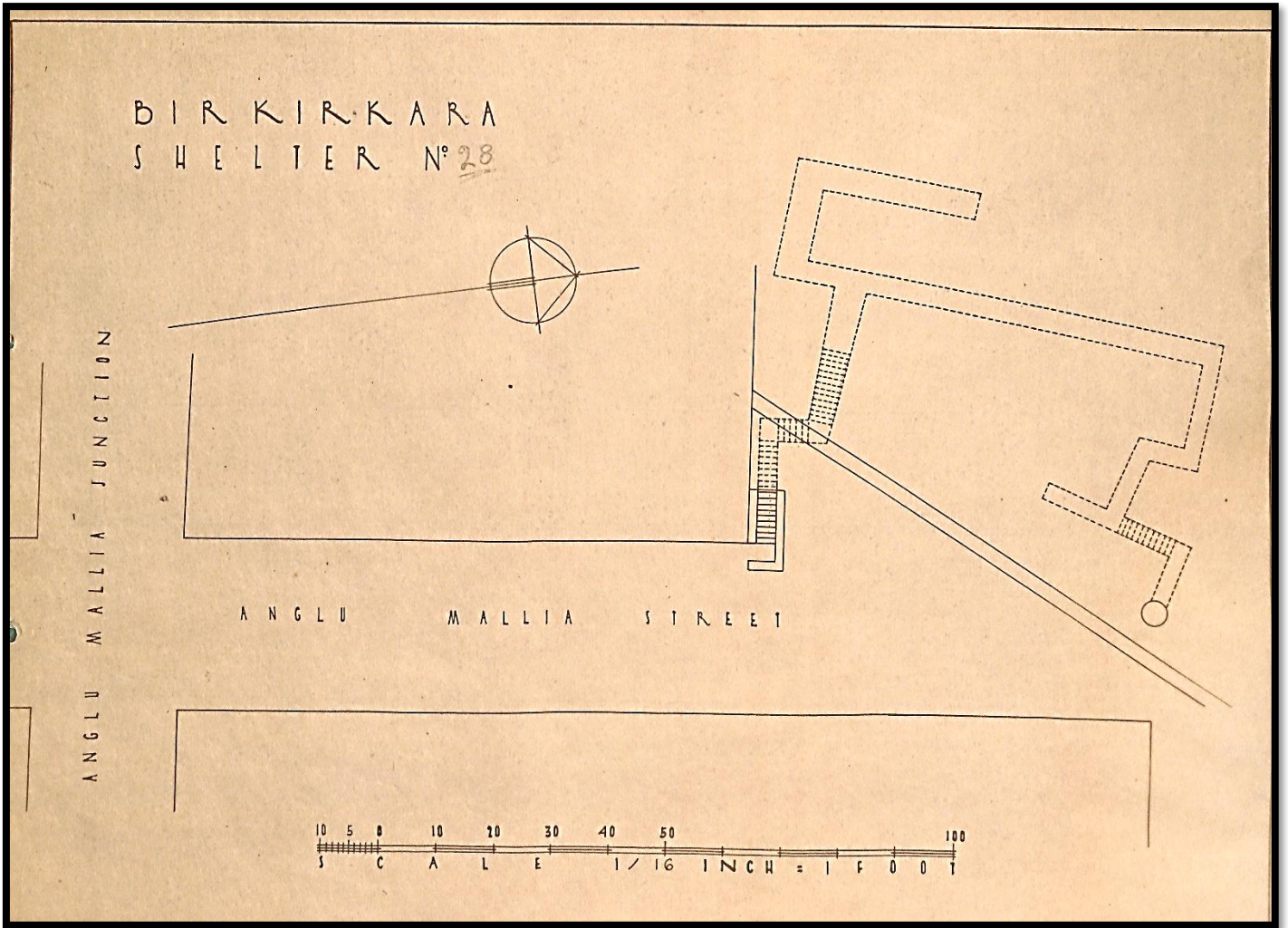


Fig. 59 Planta do Abrigo nº 28 "Anglu Mallia Junction – Anglu Mallia Street"

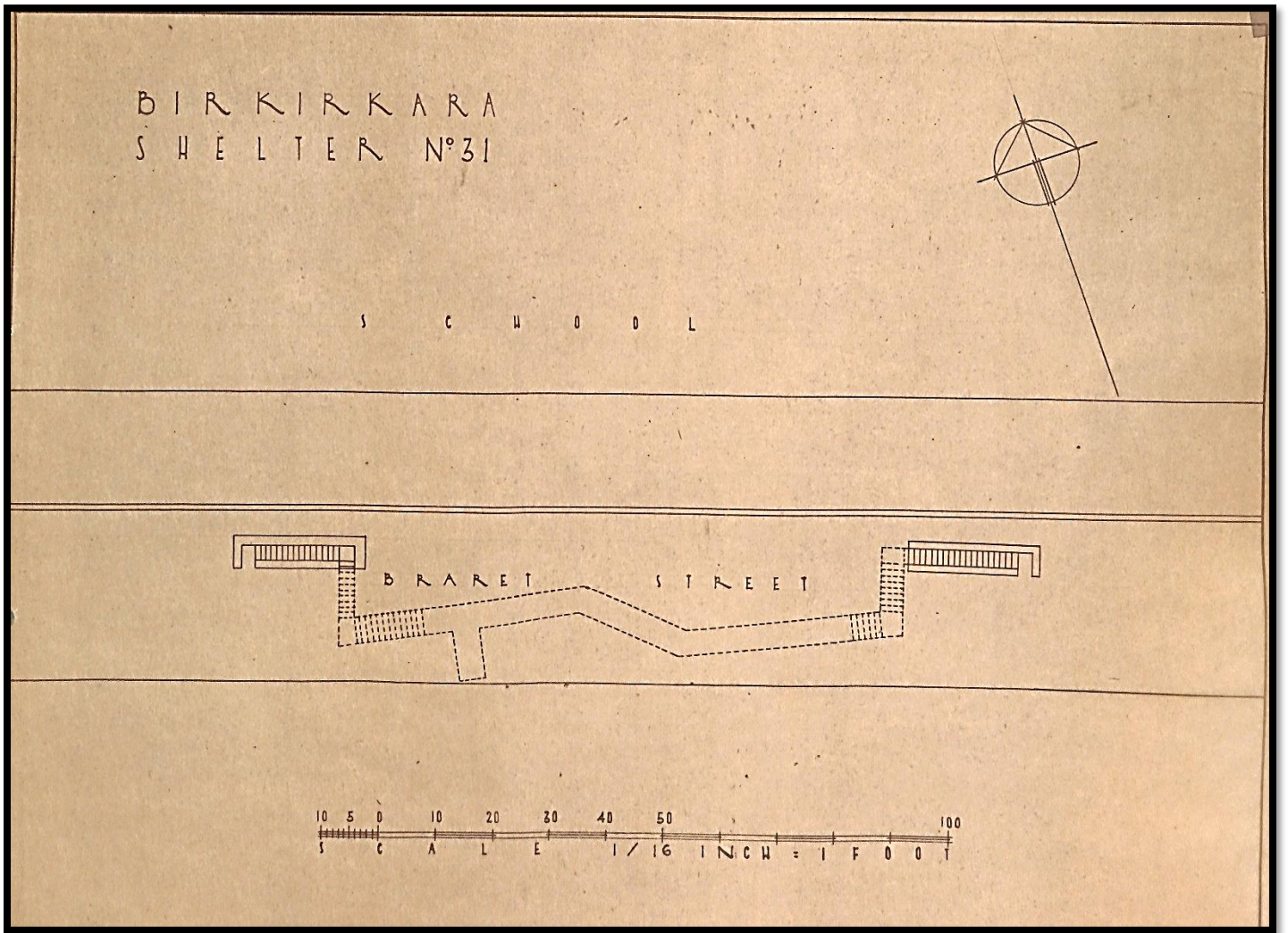


Fig.60 Planta do Abrigo nº 31 "Braret Street"

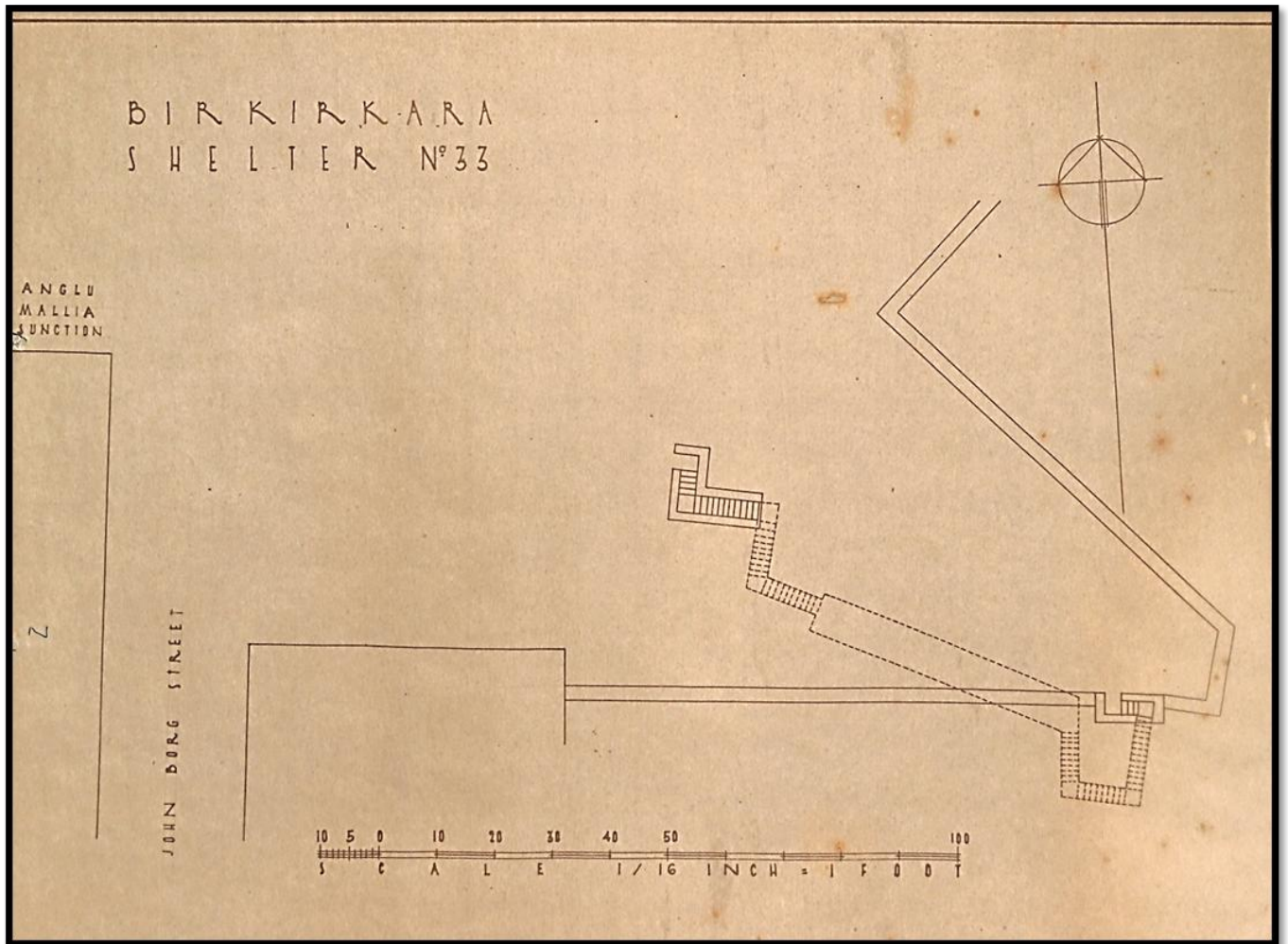


Fig. 61 Planta do Abrigo nº33 "John's Borg Street – Anglu Mallia Junction"

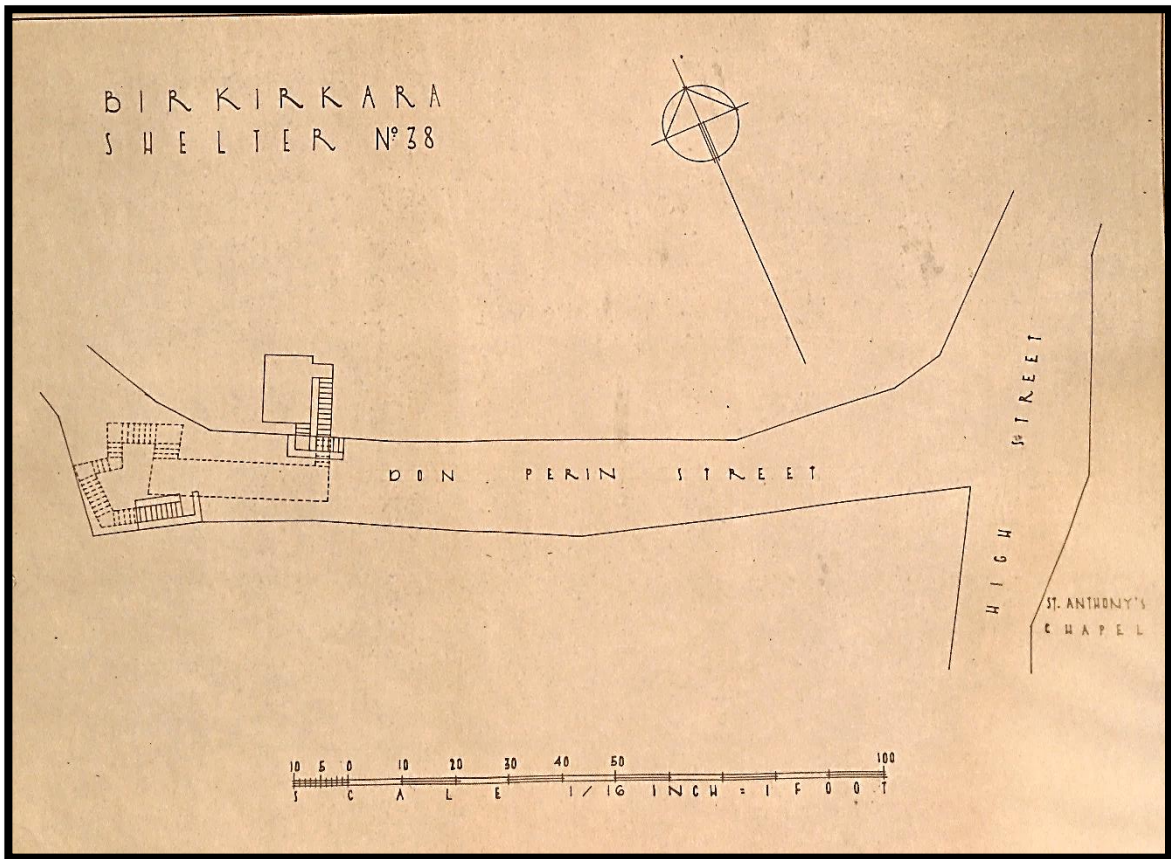


Fig. 62 Planta do Abrigo nº 38 "Don Perin Street – High Street."

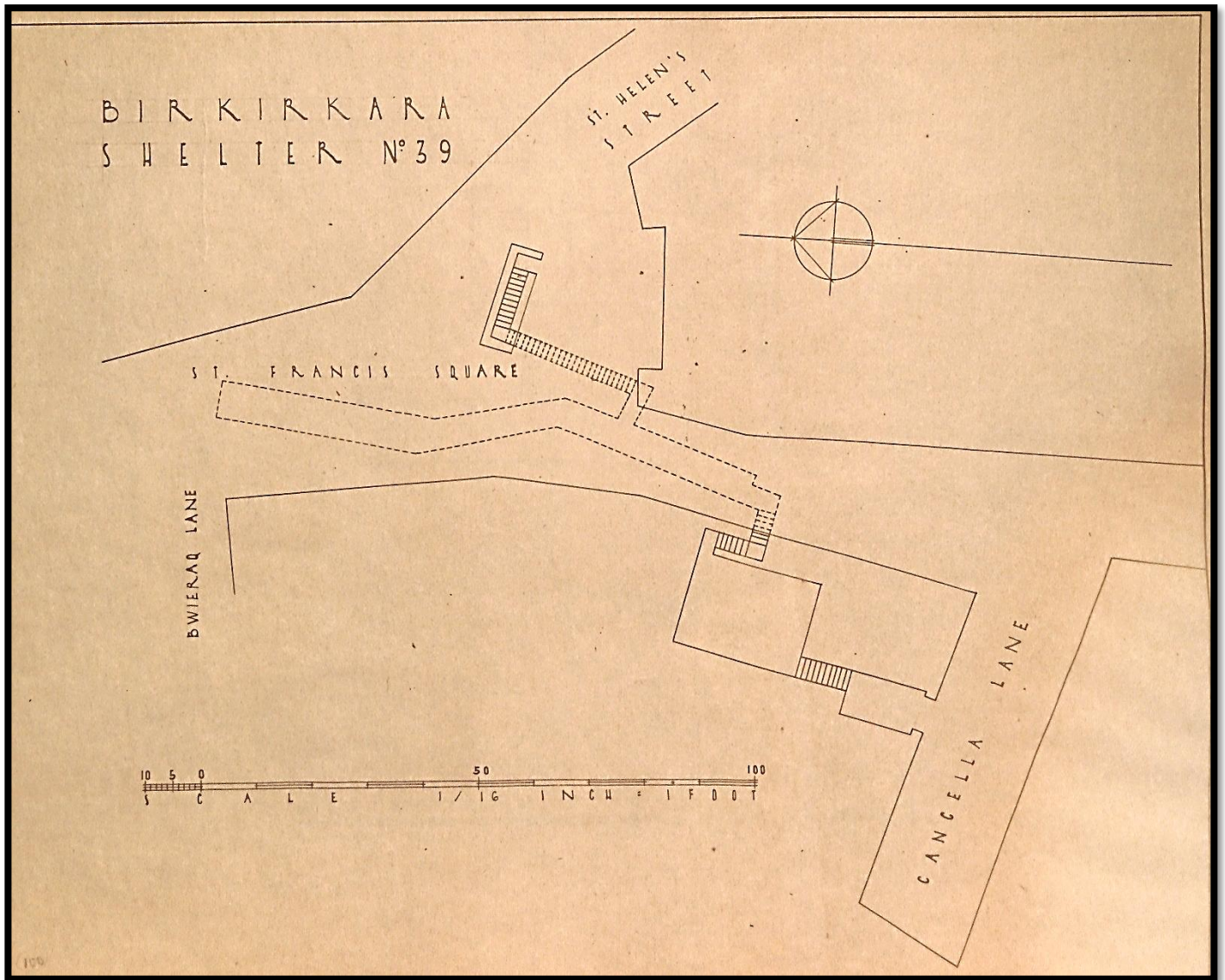


Fig. 63 Planta do Abrigo nº 39 "St. Frances Square – St. Hellen's Street – Cancellia Lane"
*Corresponde ao nº39 da Lista do Abrigo Birkirkara

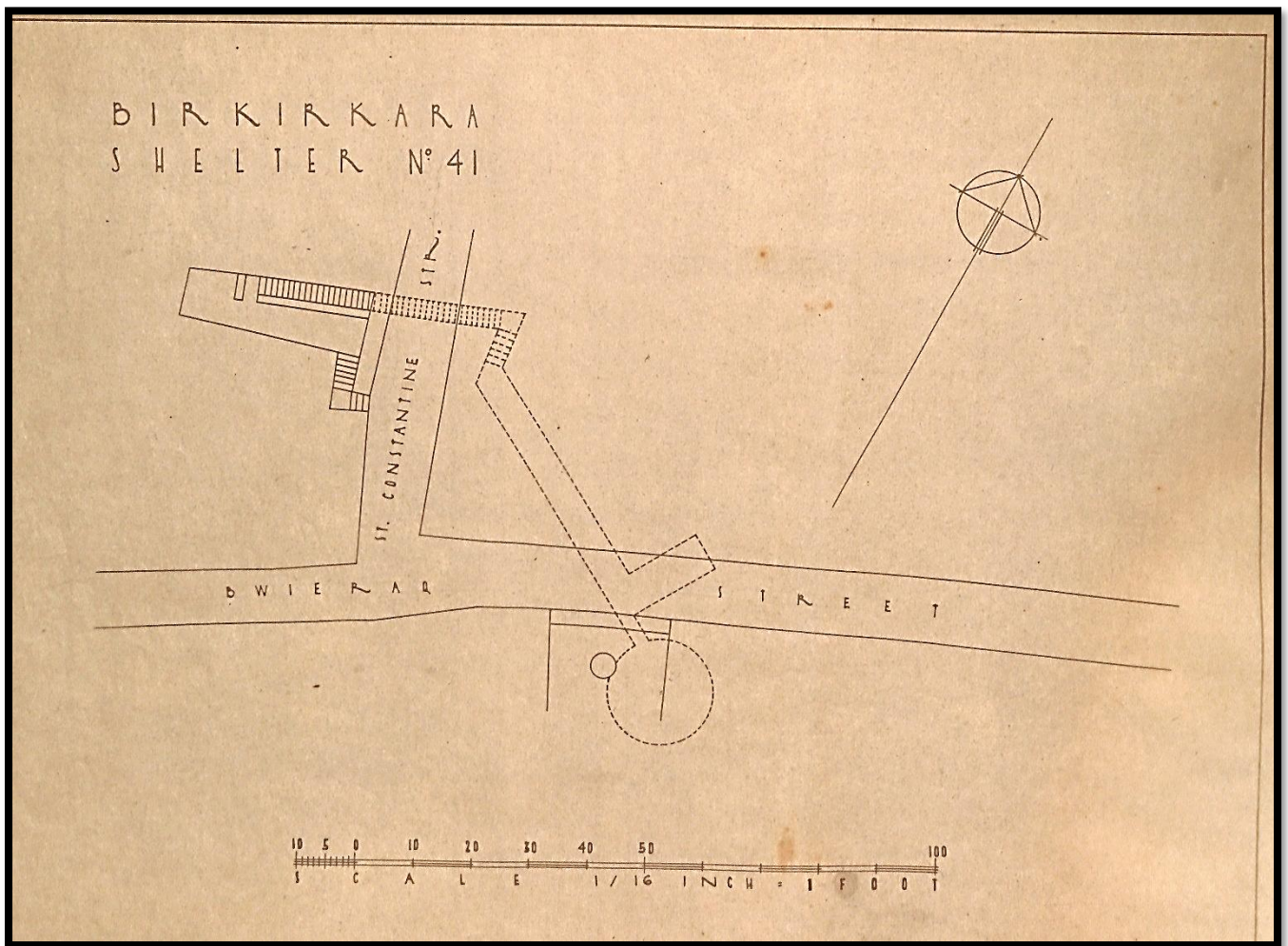


Fig. 64 Planta do Abrigo nº41 "St. Contantine Str. – Bwierar Street"

*Corresponde ao nº41 da Lista de Birkirkara

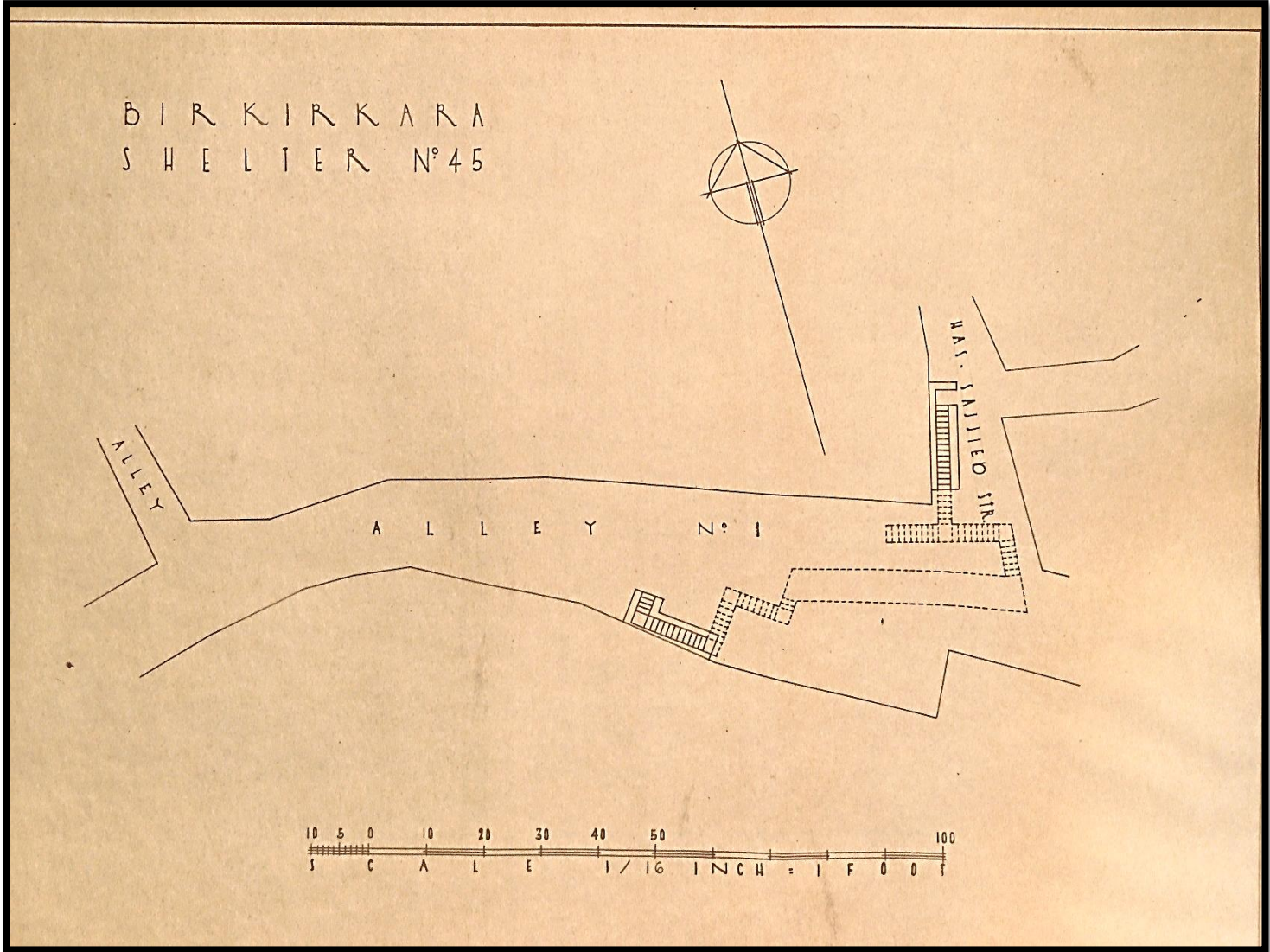


Fig. 65 Planta do Abrigo nº 45 "Alley nº1"

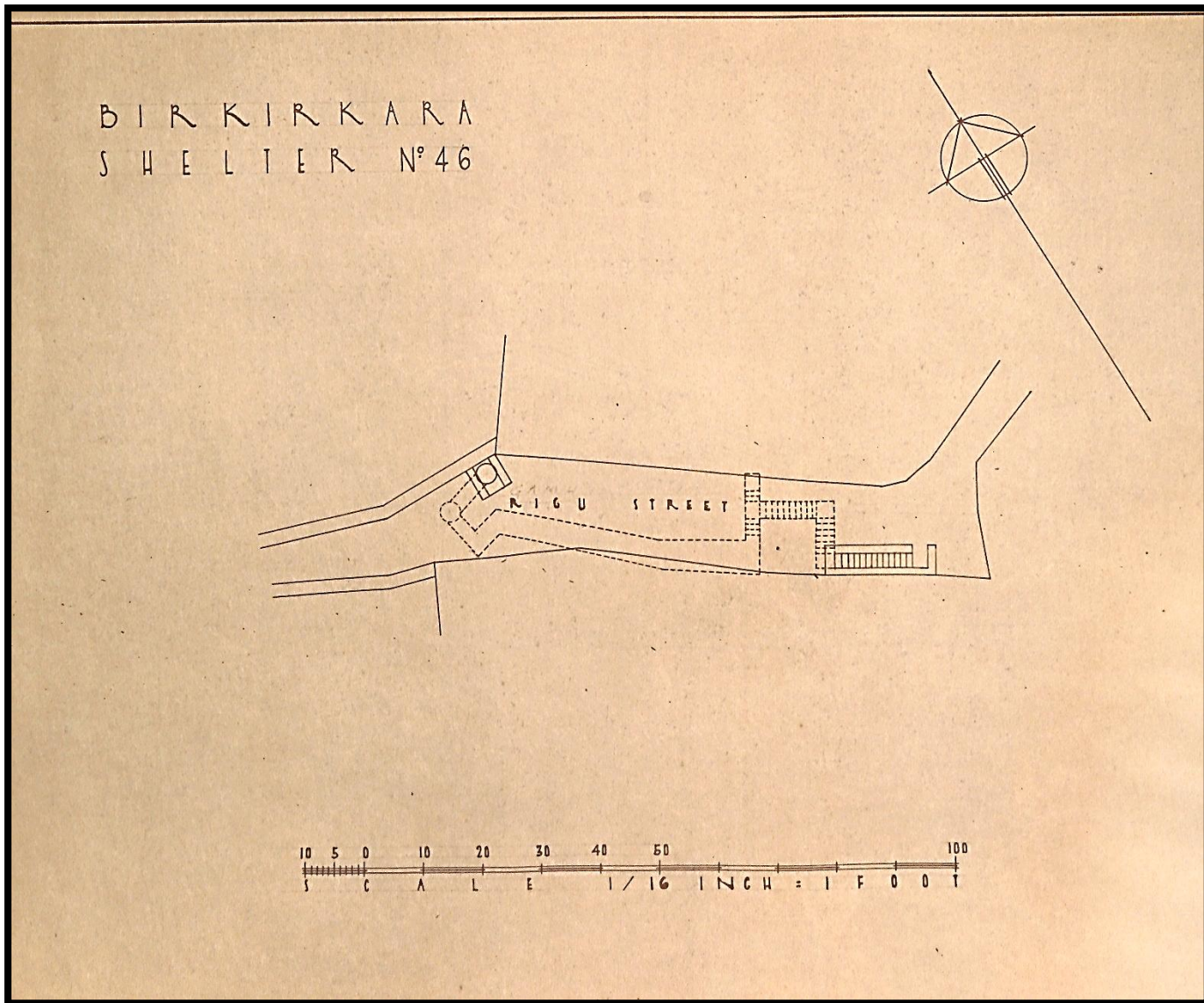


Fig. 66 Planta do Abrigo nº46 "Rigu Street"

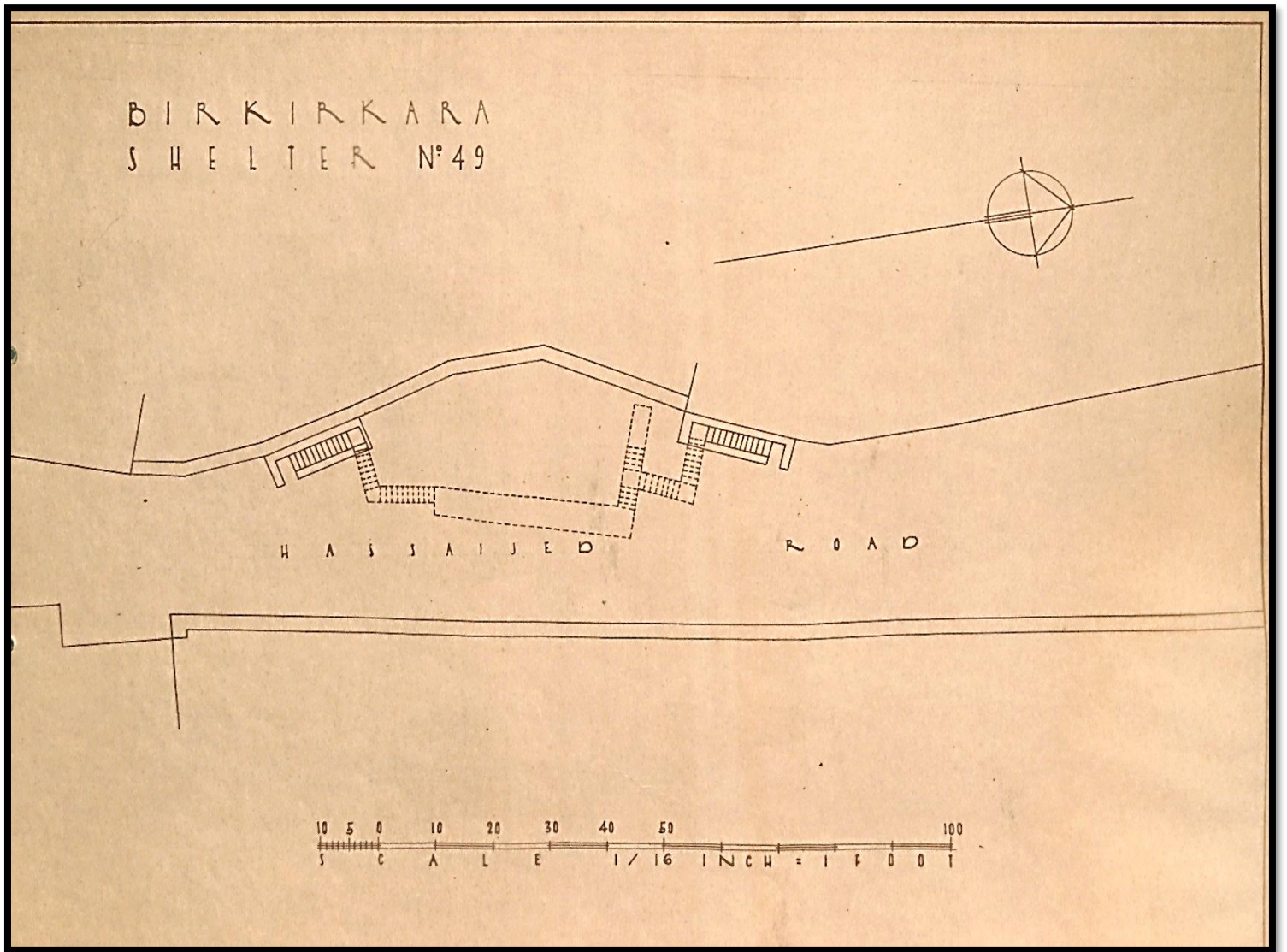


Fig. 67 Planta do Abrigo nº49 "Hassajjeo Road"

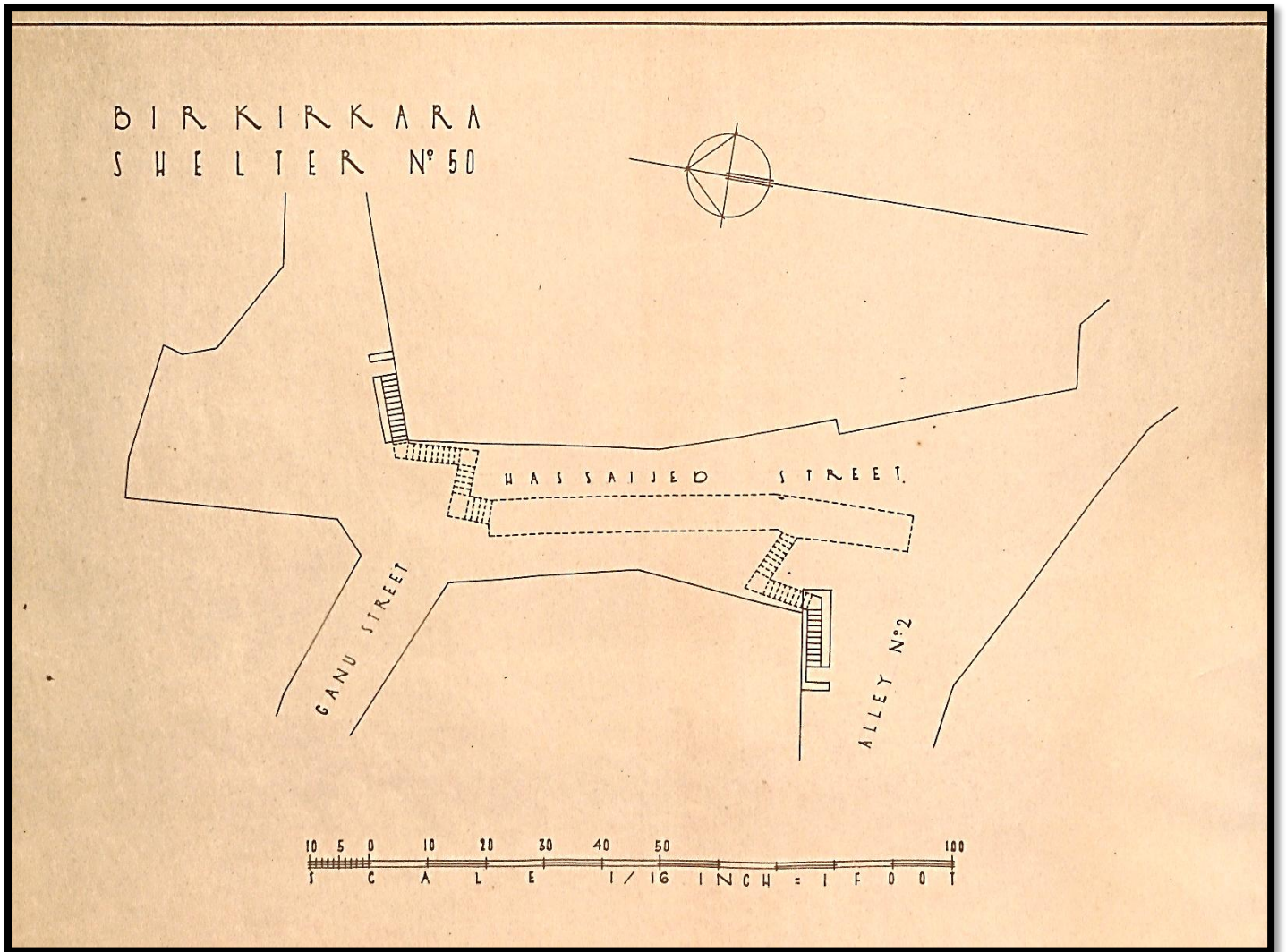


Fig. 68 Planta do Abrigo nº 50 "Ganu Street – Hassajjeo Street – Alley nº2."

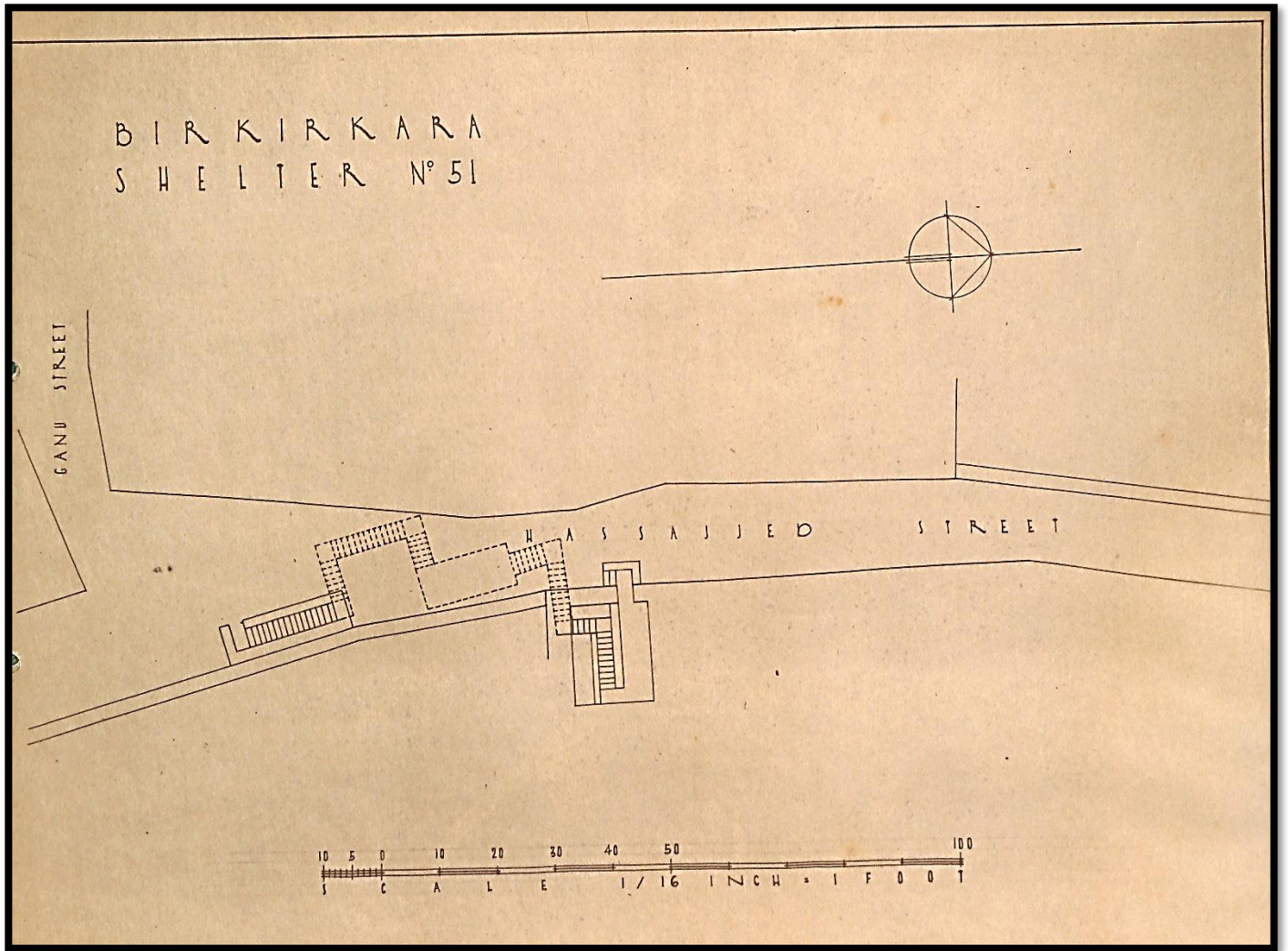


Fig. 69 Planta do Abrigo nº51 "Hassajjeo Street."

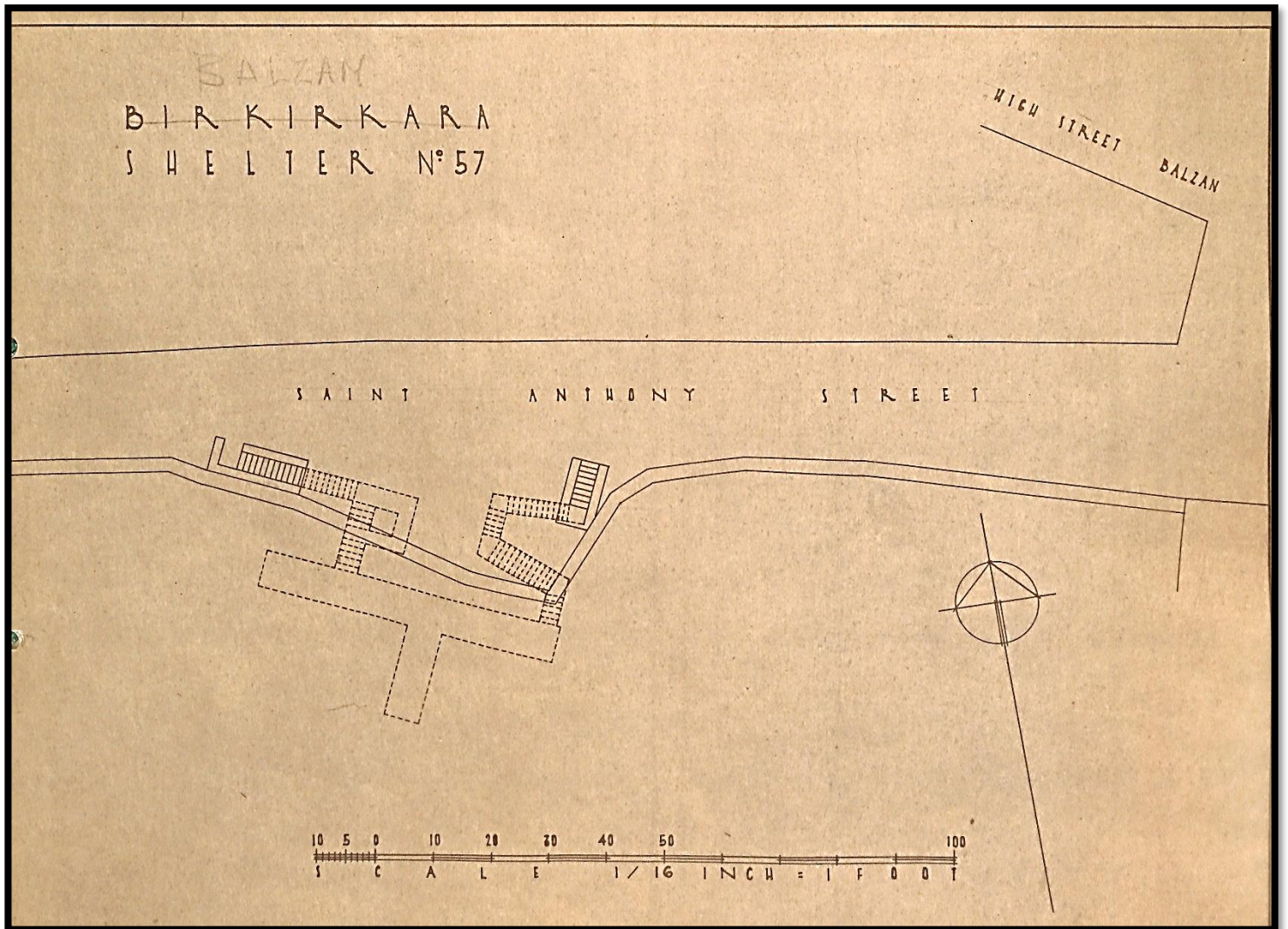


Fig. 70 Planta do Abrigo nº 57 "Saint Anthony Street – High Street Balzan."

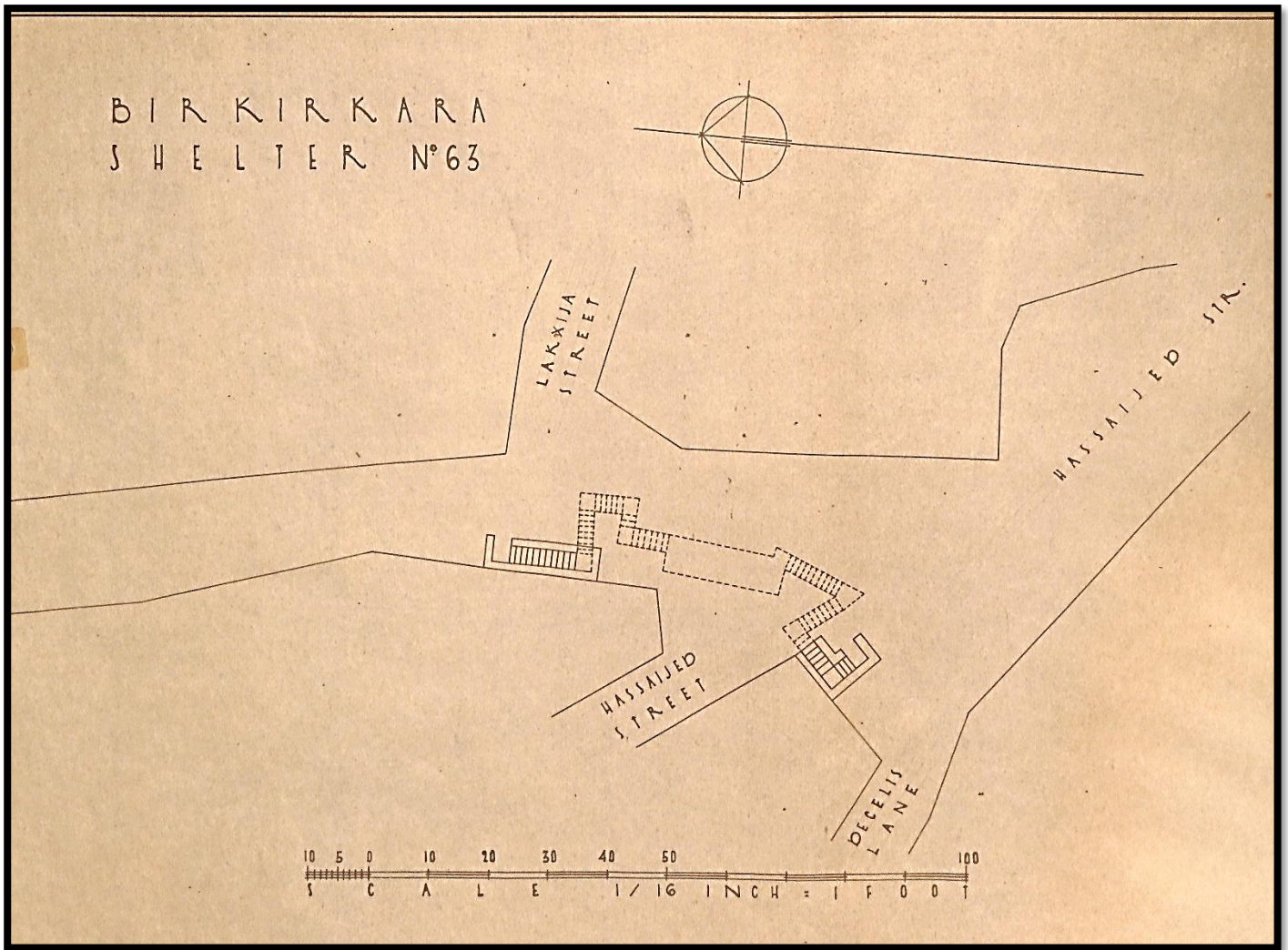


Fig. 71 Planta do Abrigo nº63 "Lakkija Street – Hassajjed Street – Bassajjed Str. – Decelis Lane."

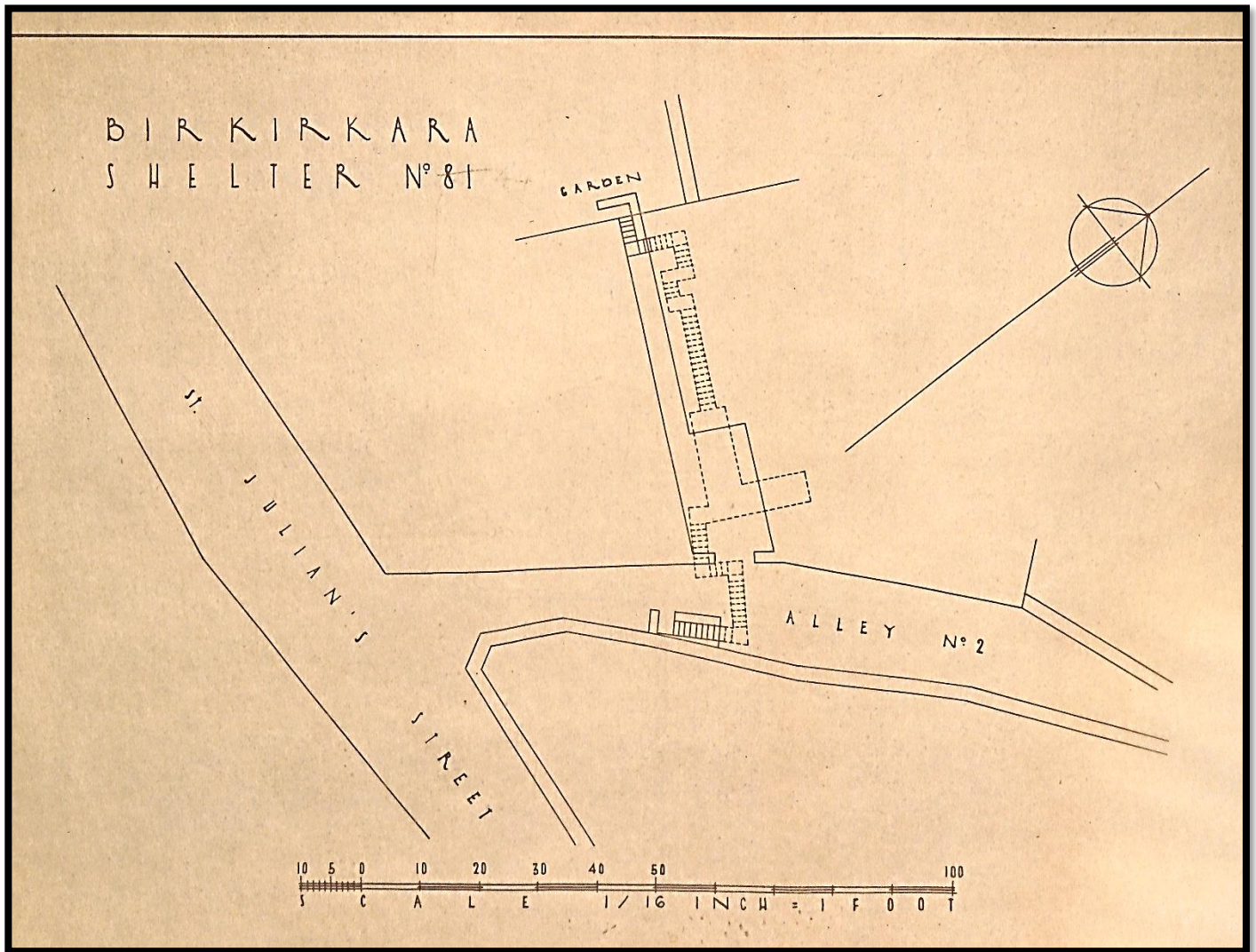


Fig. 72 Planta do Abrigo nº 81 (14) "St. Julian's Street – Alley nº2."

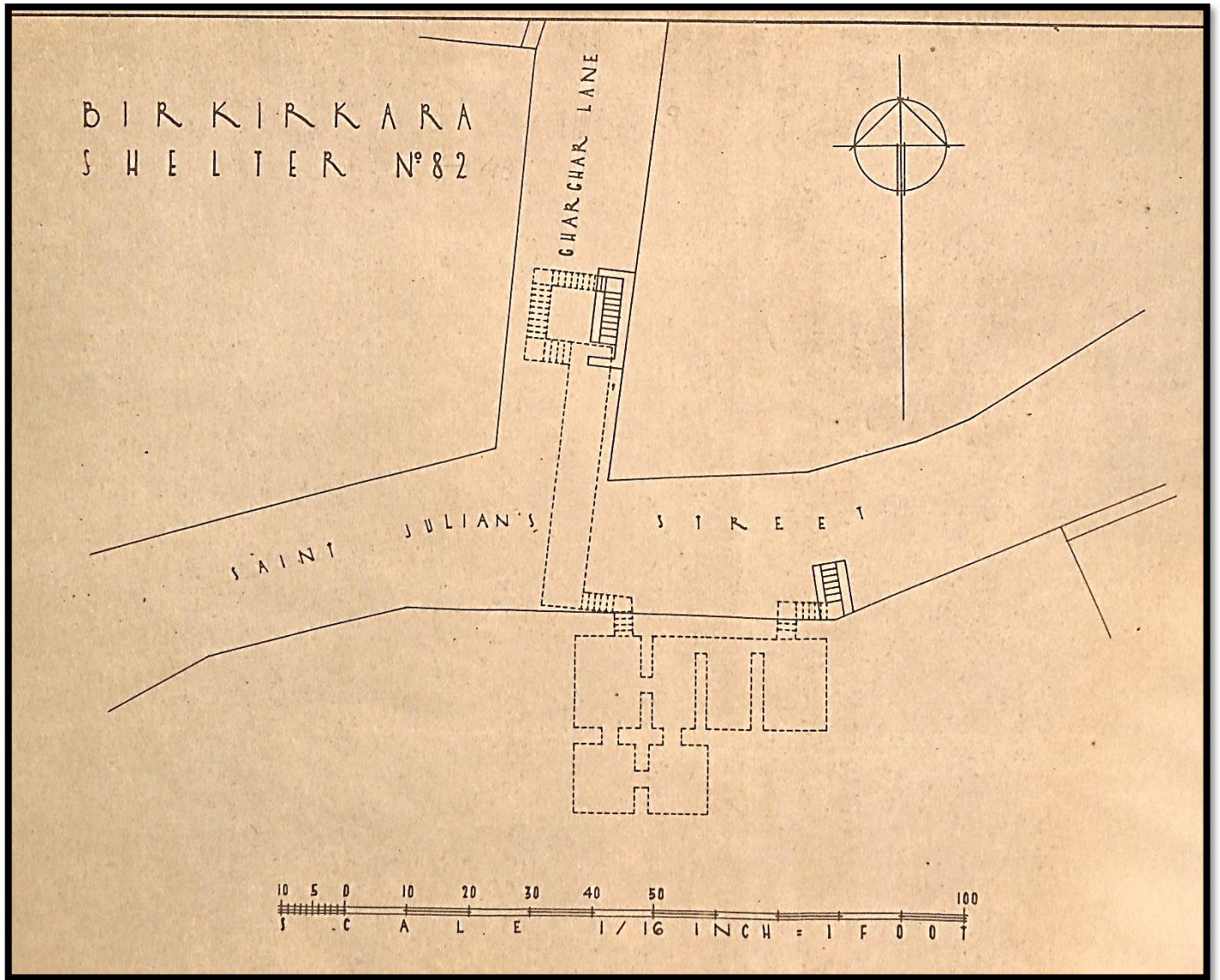


Fig. 73 Planta do Abrigo nº82 (45) "Saint Julian's Street – Church Lane."
 *Corresponde ao nº47 da Lista de Birkirkara

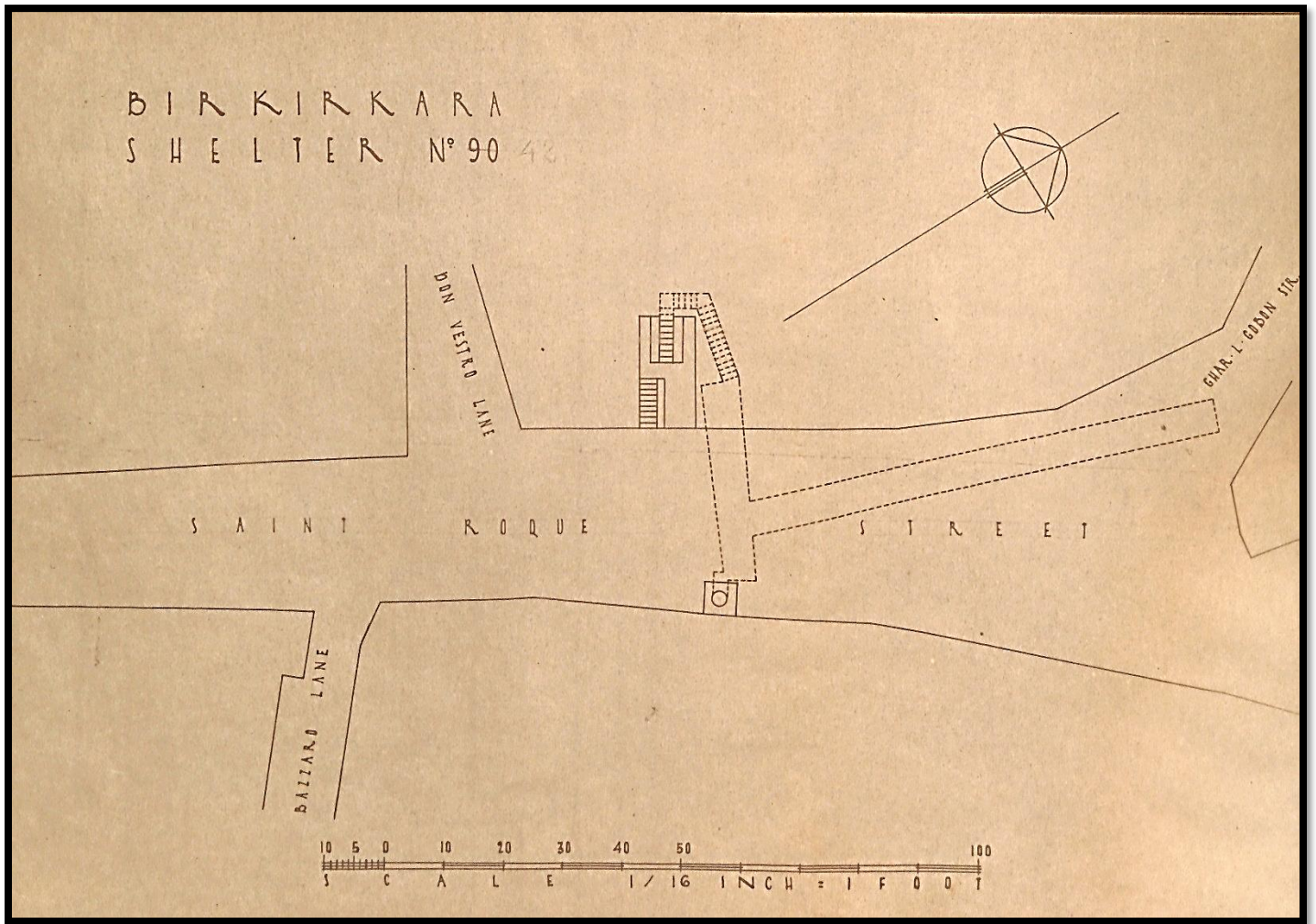


Fig. 74 Planta do Abrigo nº 90 (42) "Saint Roque Street"
*Corresponde ao nº24 da Lista de Birkirkara

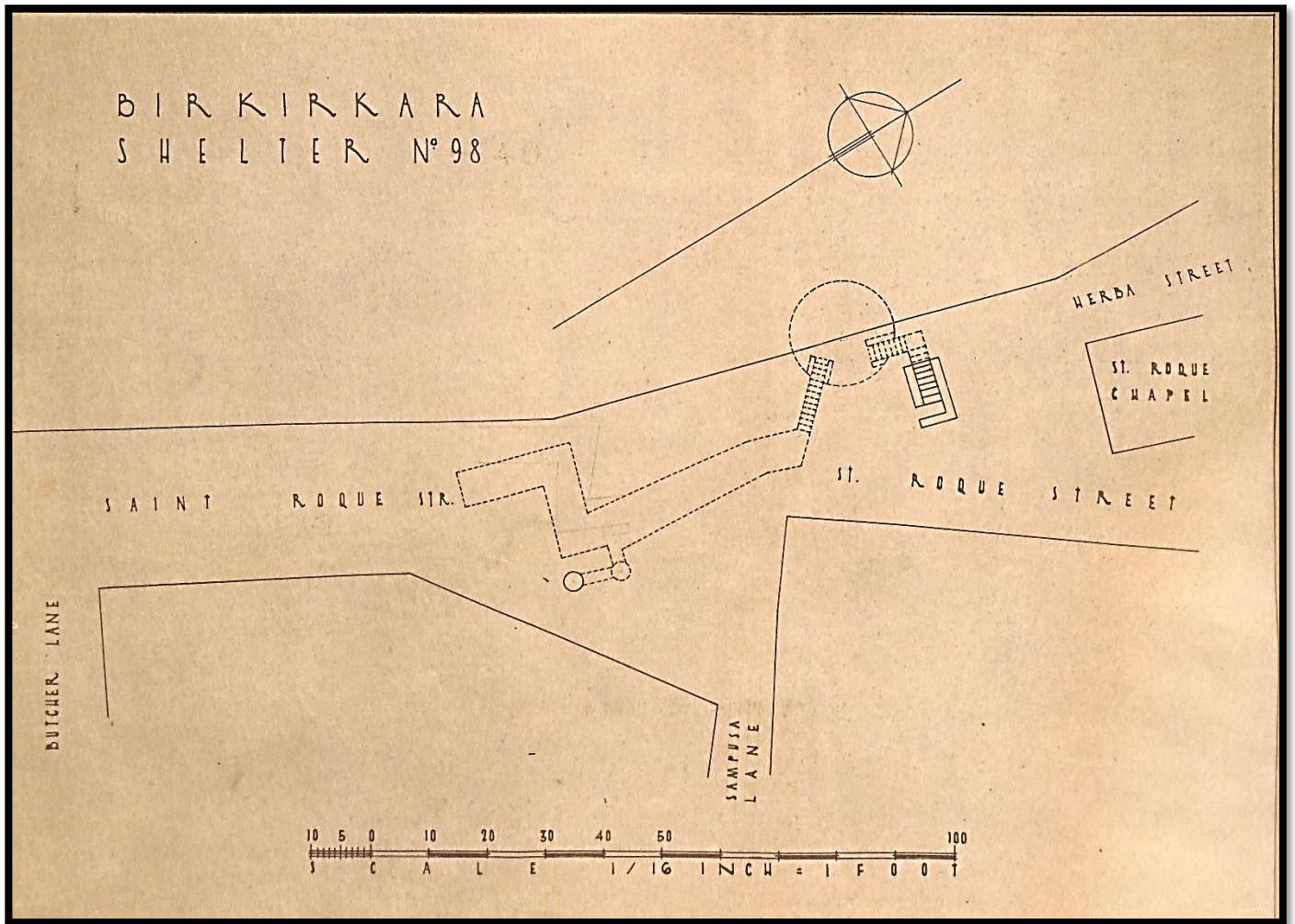


Fig. 75 Planta do Abrigo nº 98 (40) "Butcher Lane – Saint Roque Str. – Herba Street"
*Corresponde ao nº27 da Lista de Birkirkara

BIRKIRKARA
SHELTER N° 100-36

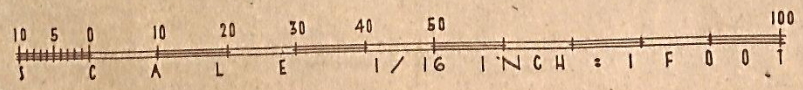
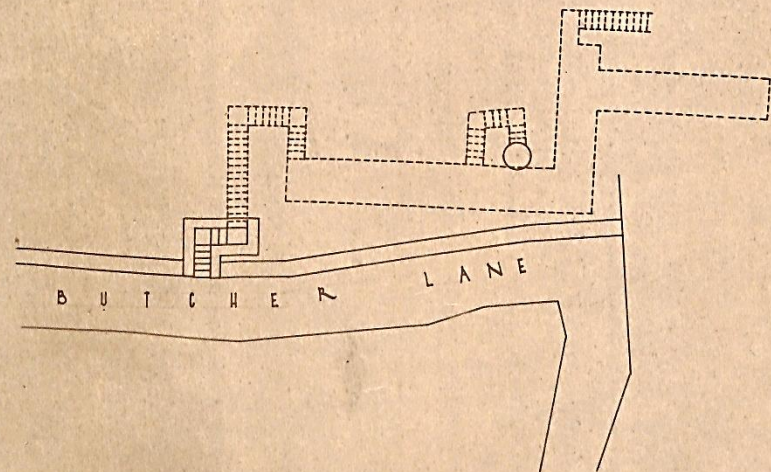
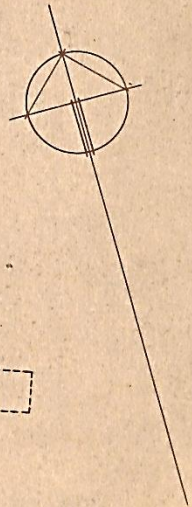


Fig. 76 Planta do Abrigo nº 100 (36) "Butcher Lane"

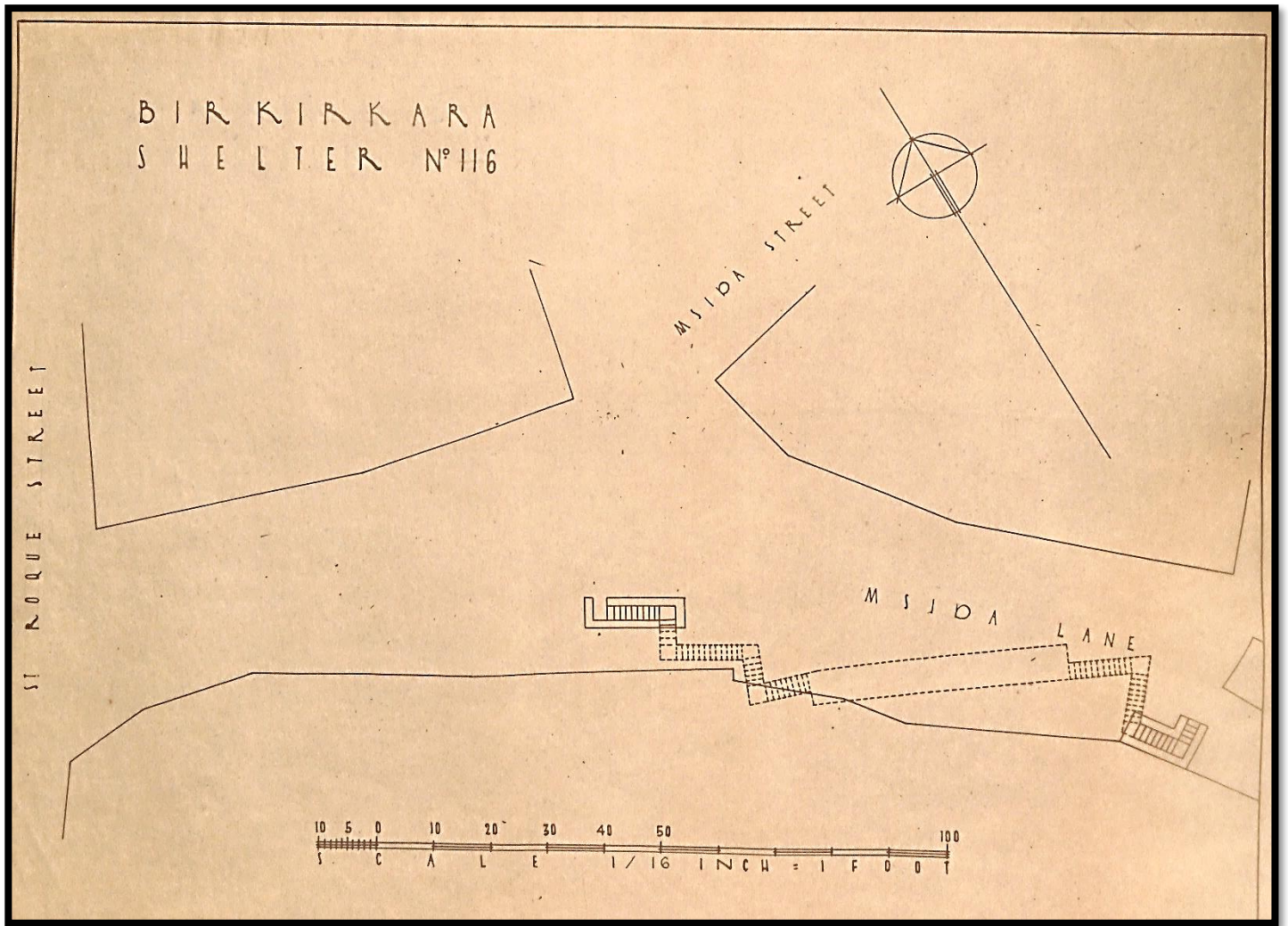


Fig. 77 Planta do Abrigo nº 116 "St. Roque Street – Msida Street – Msida Lane"
 *Corresponde ao nº26 da Lista de Birkirkara

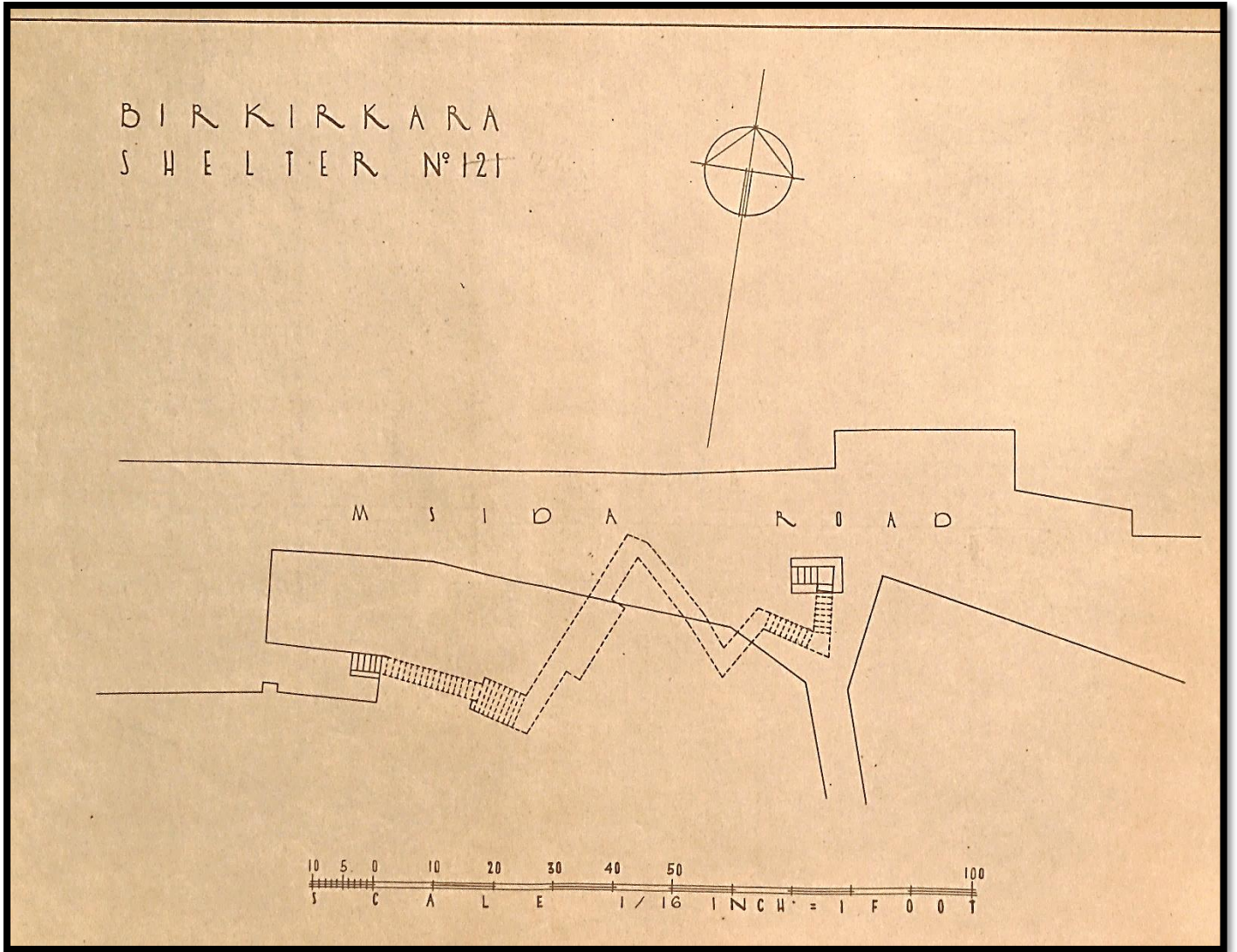


Fig. 78 Planta do Abrigo nº121 (28) "Msida Road"

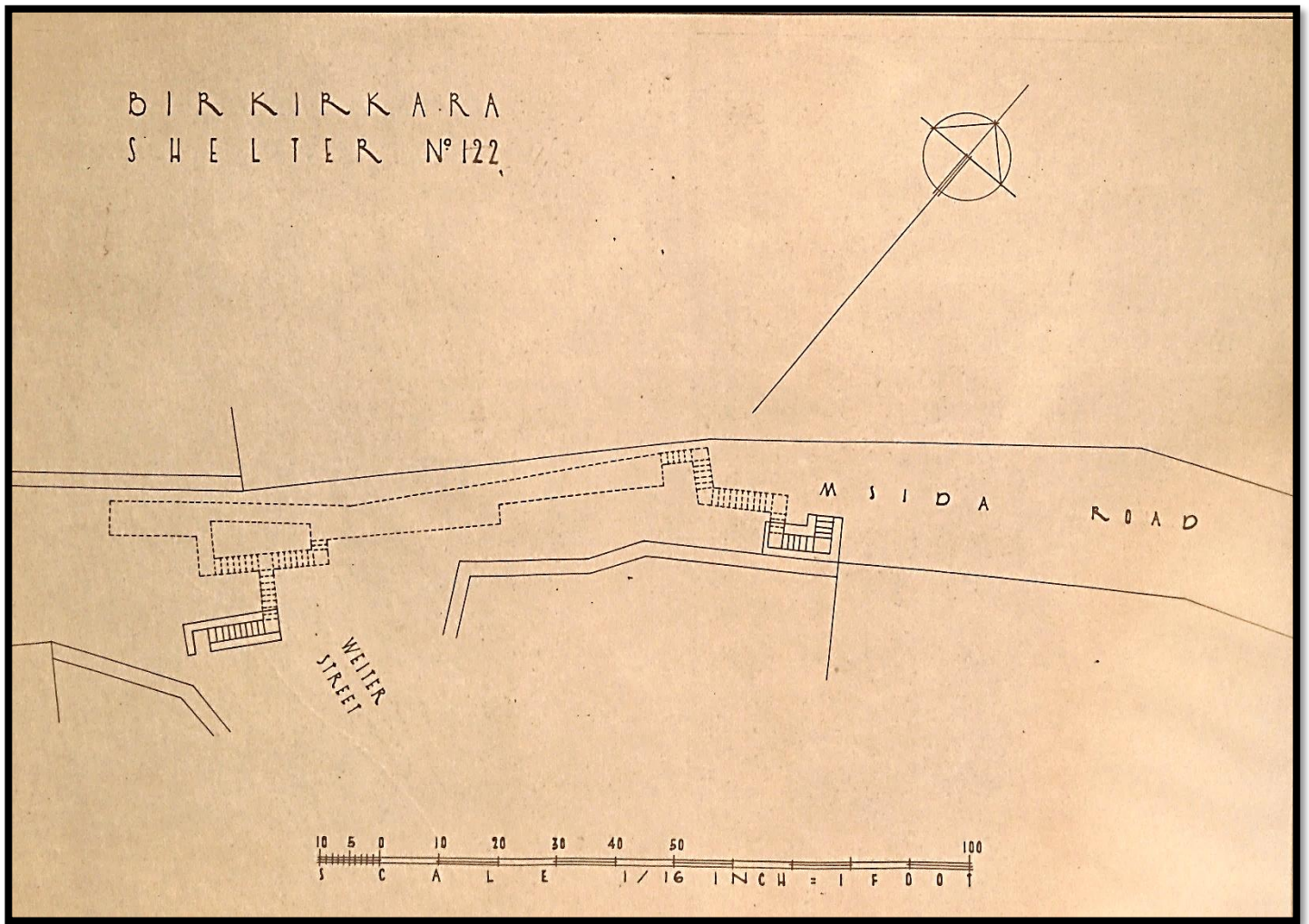


Fig. 79 Planta do Abrigo nº 122 "Msida Road"

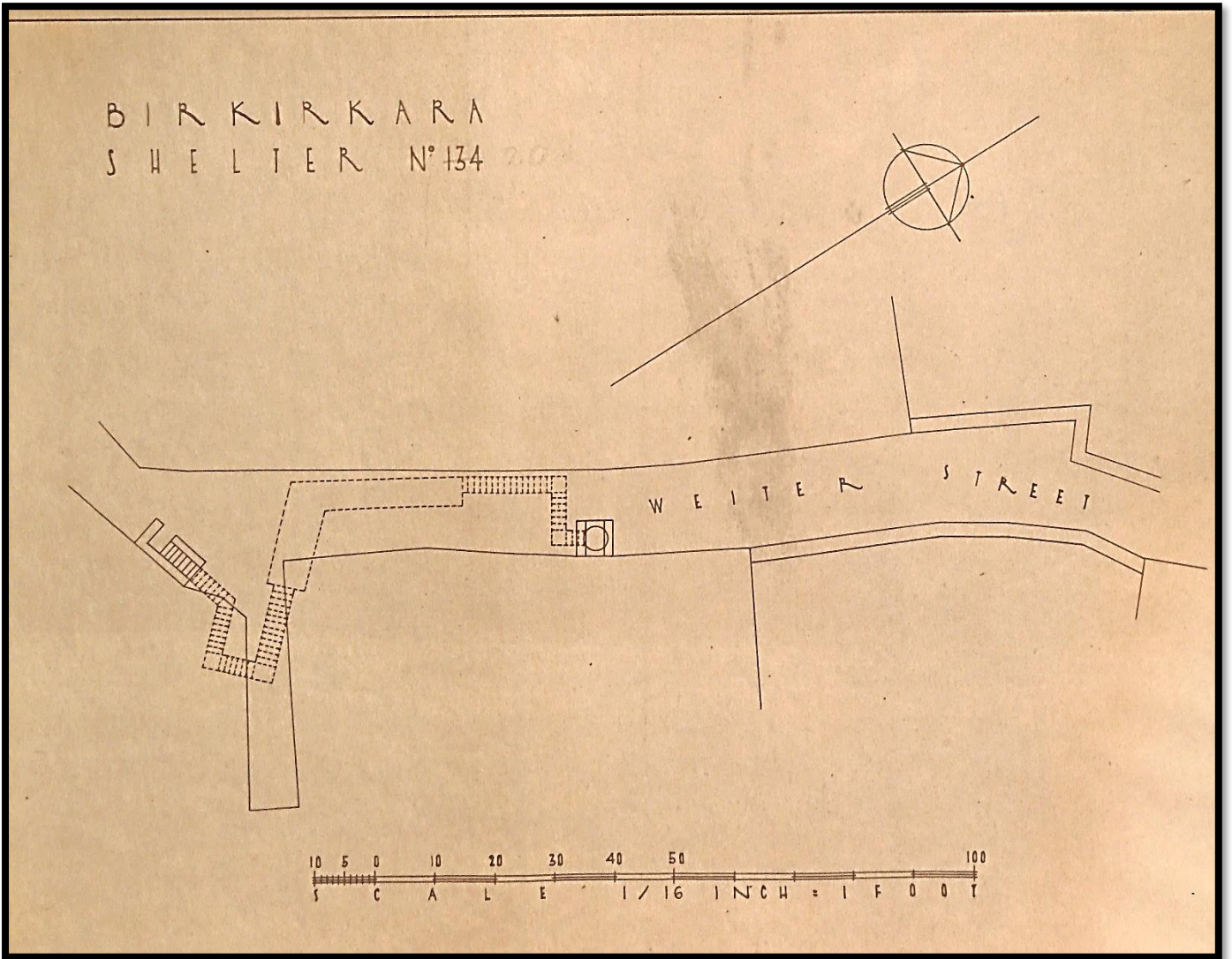


Fig. 80 Planta do Abrigo nº 134 (20) "Weiter Street"
*Corresponde ao nº20 da Lista de Birkirkara

BIRKIRKARA
SHELTER N° 138

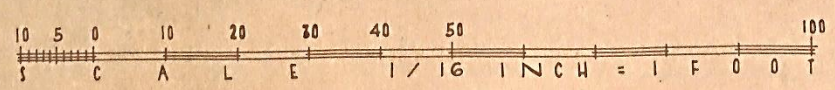
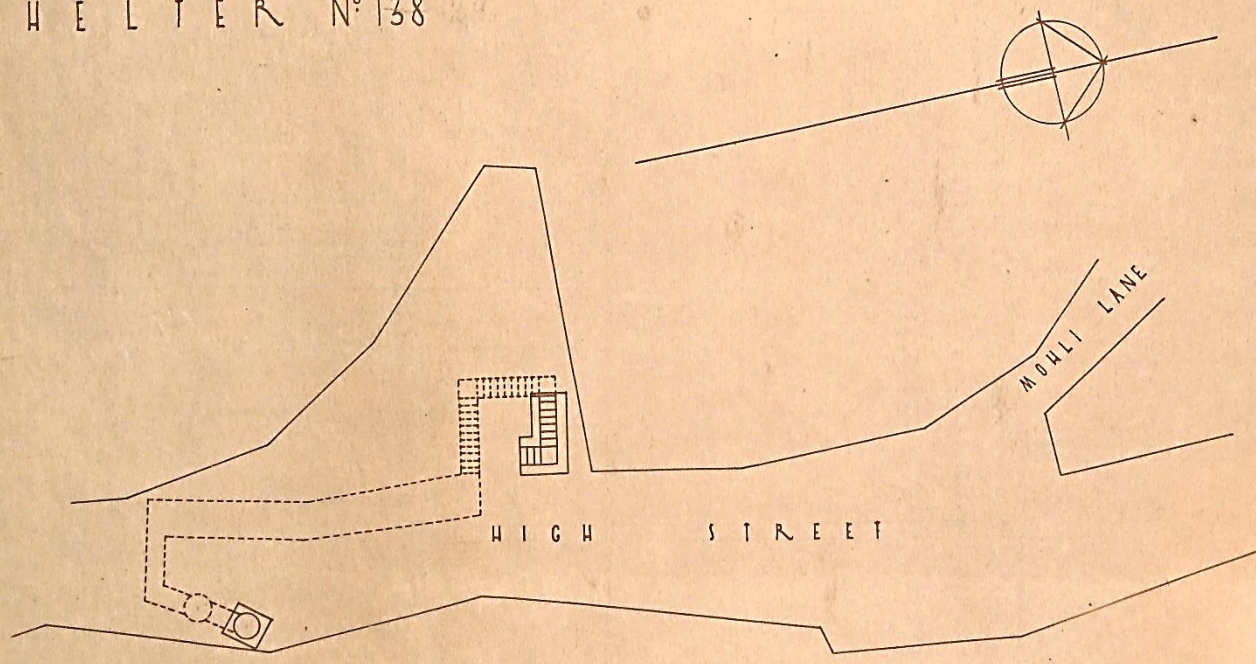


Fig. 81 Planta do Abrigo nº 138 (29) "High Street – Mouli Lane."

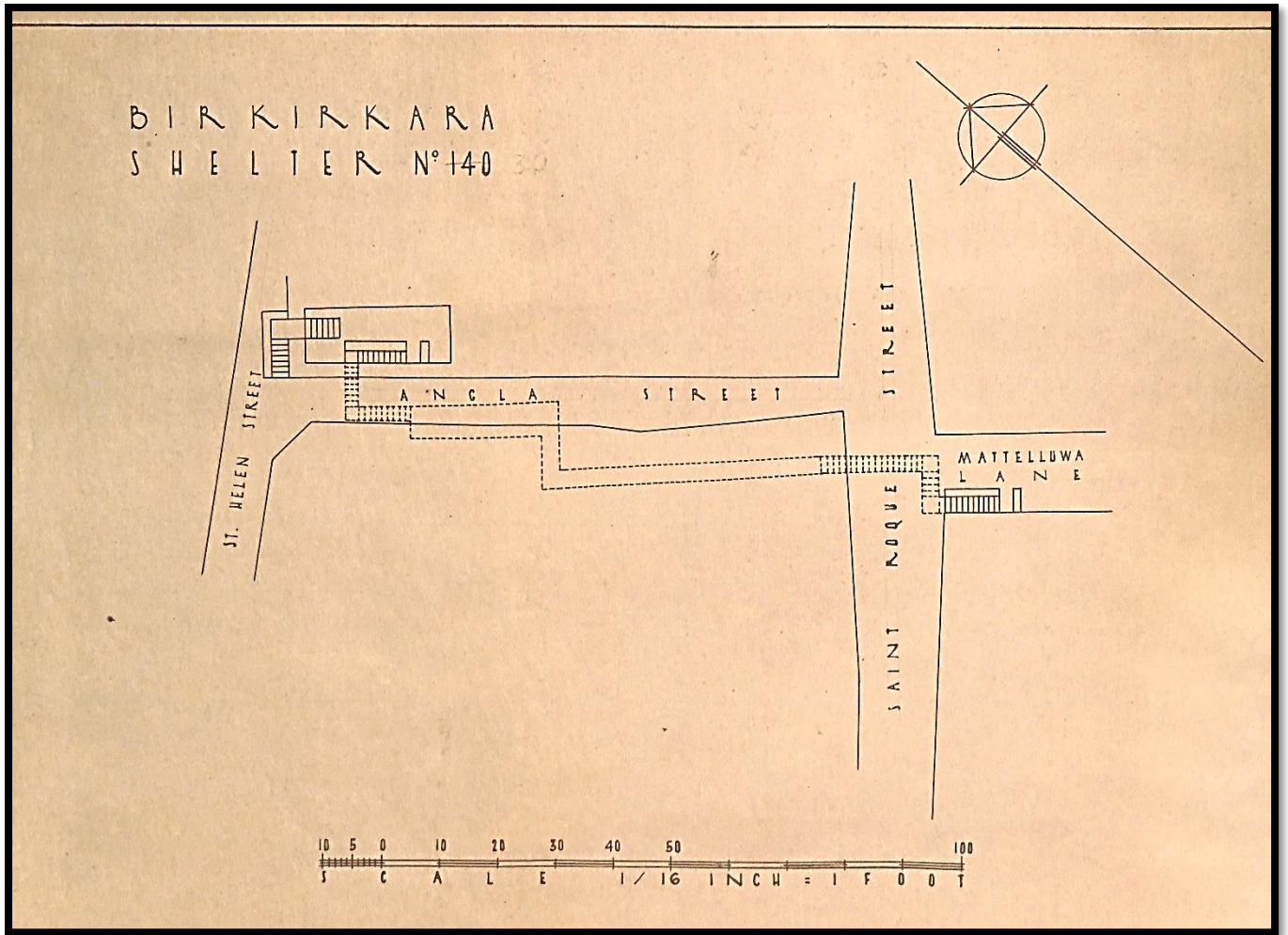


Fig. 82 Planta do Abrigo nº140 (30) "St. Helen Street – Ancla Street – Saint Roque Street – Mattelluwa Lane."

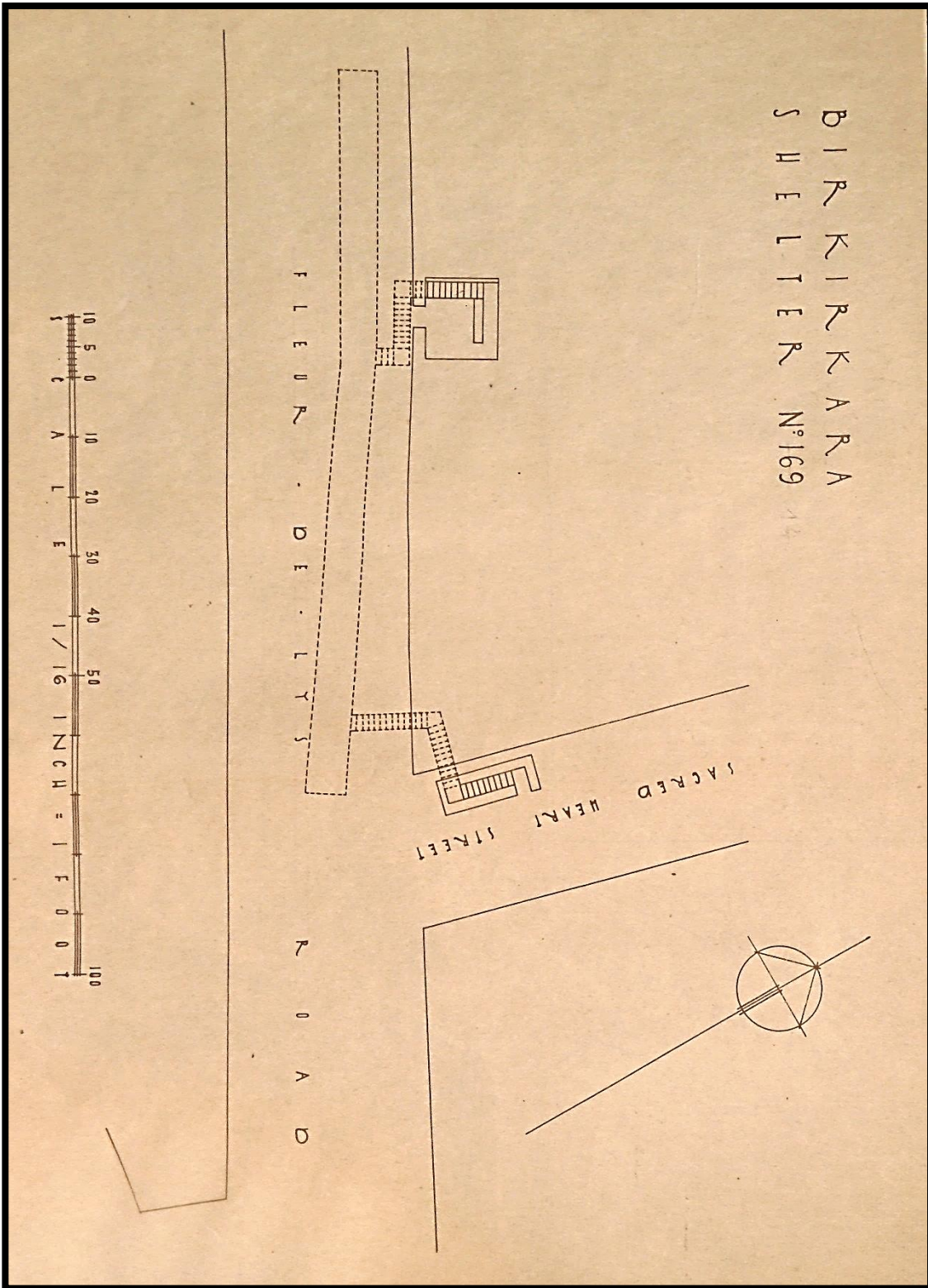


Fig. 83 Planta do Abrigo nº169 (14) "Fleur-de-Lis Road – Sacred Heart Street."

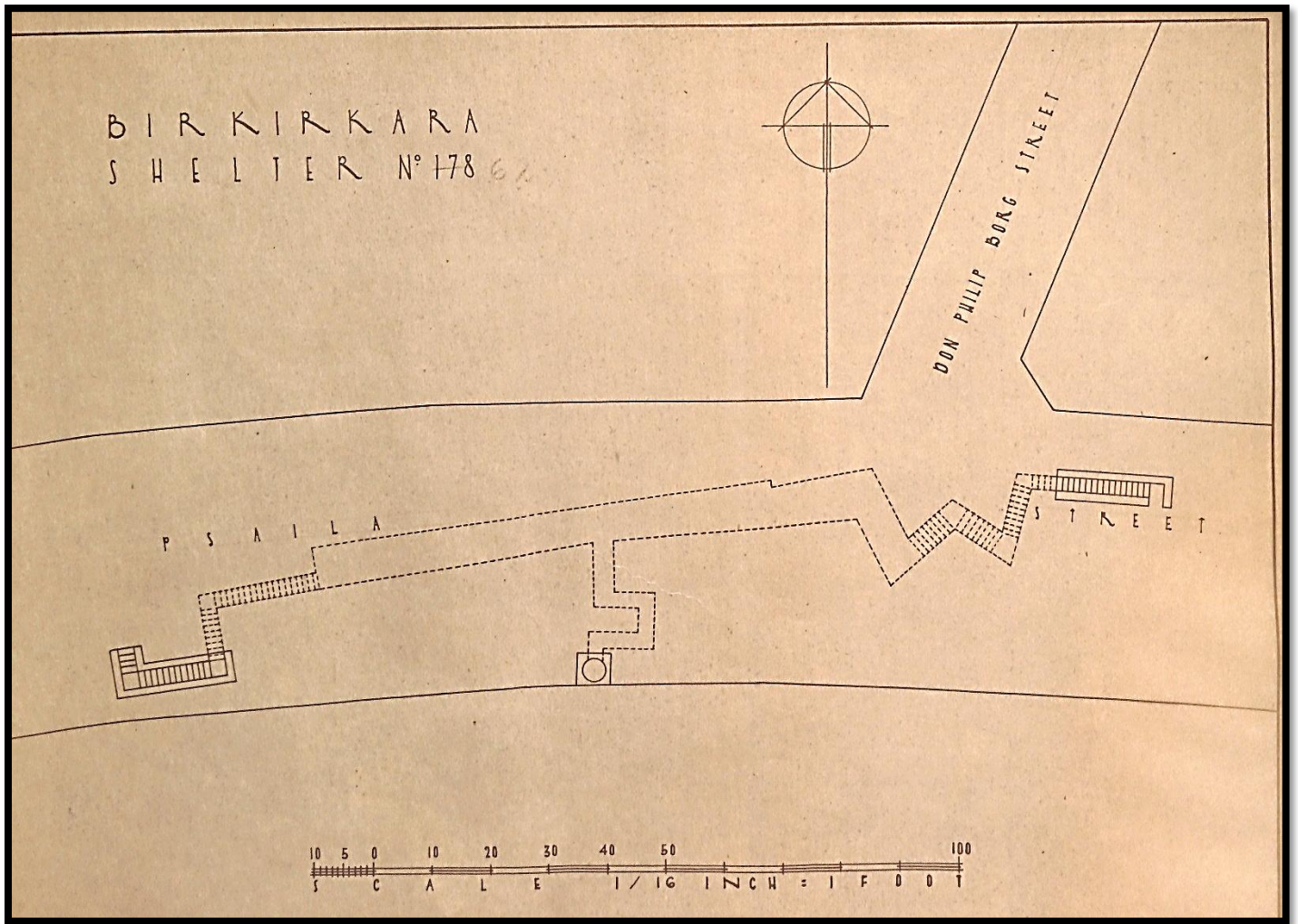


Fig. 84 Planta do Abrigo nº 178 (62) "Psaila Street – Don Philip Borg Street."
*Corresponde ao nº62 da Lista de Birkirkara

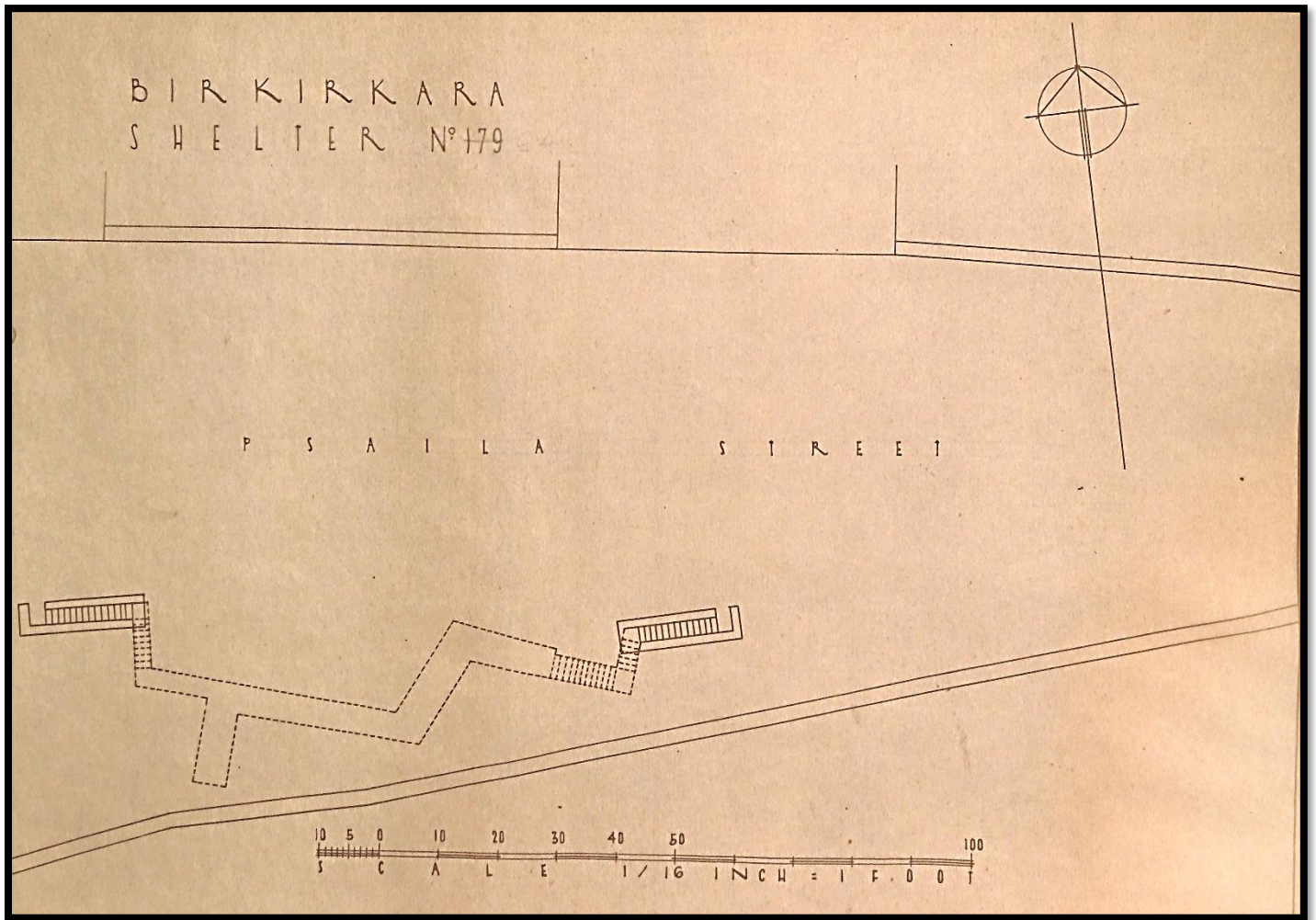


Fig. 85 Planta do Abrigo nº 179 (24) "Psaila Street"

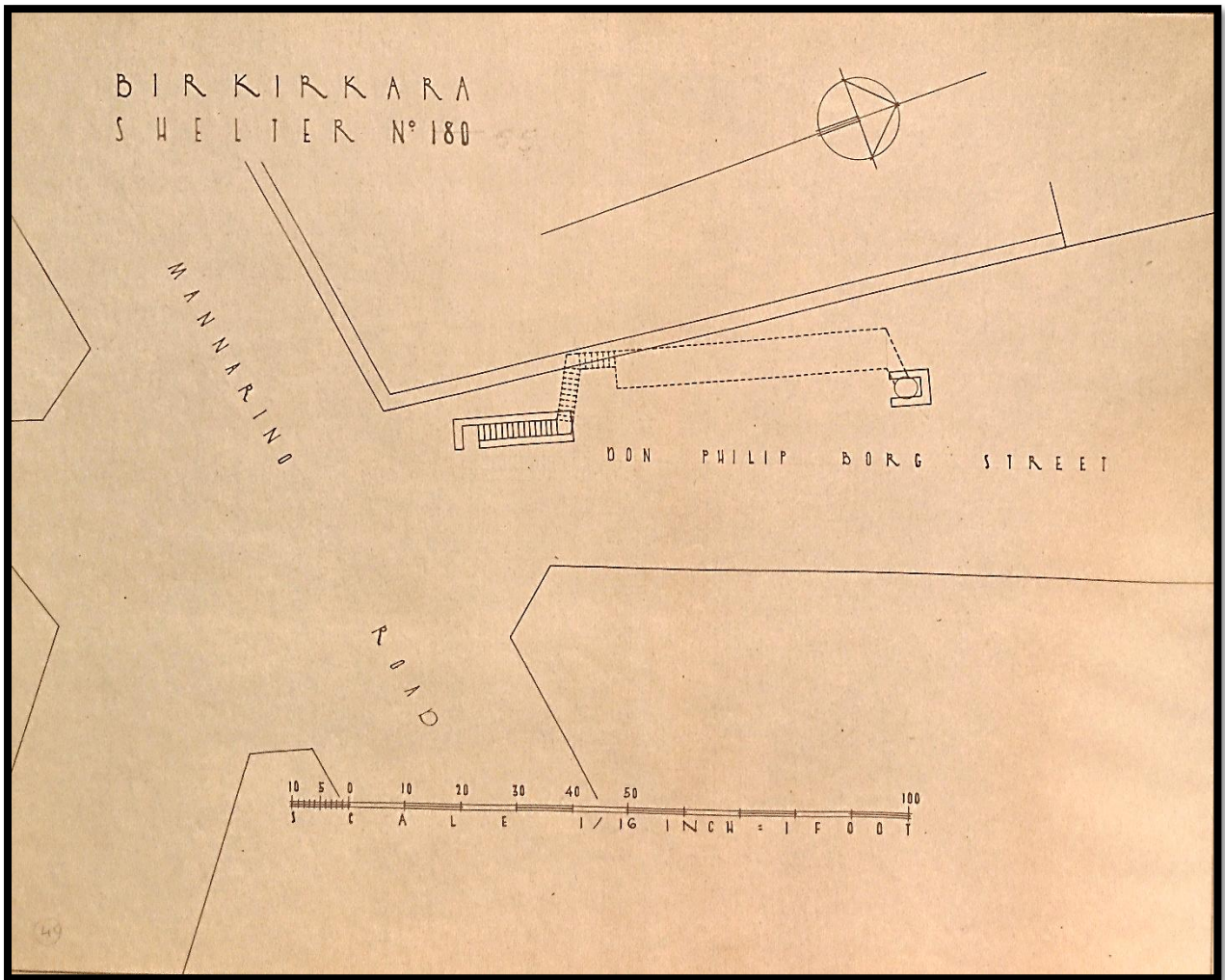


Fig. 86 Planta do Abrigo nº 180 (55) "Mannarino Road – DON Philip Borg Street."
 *Corresponde ao nº55 da Lista de Birkirkara

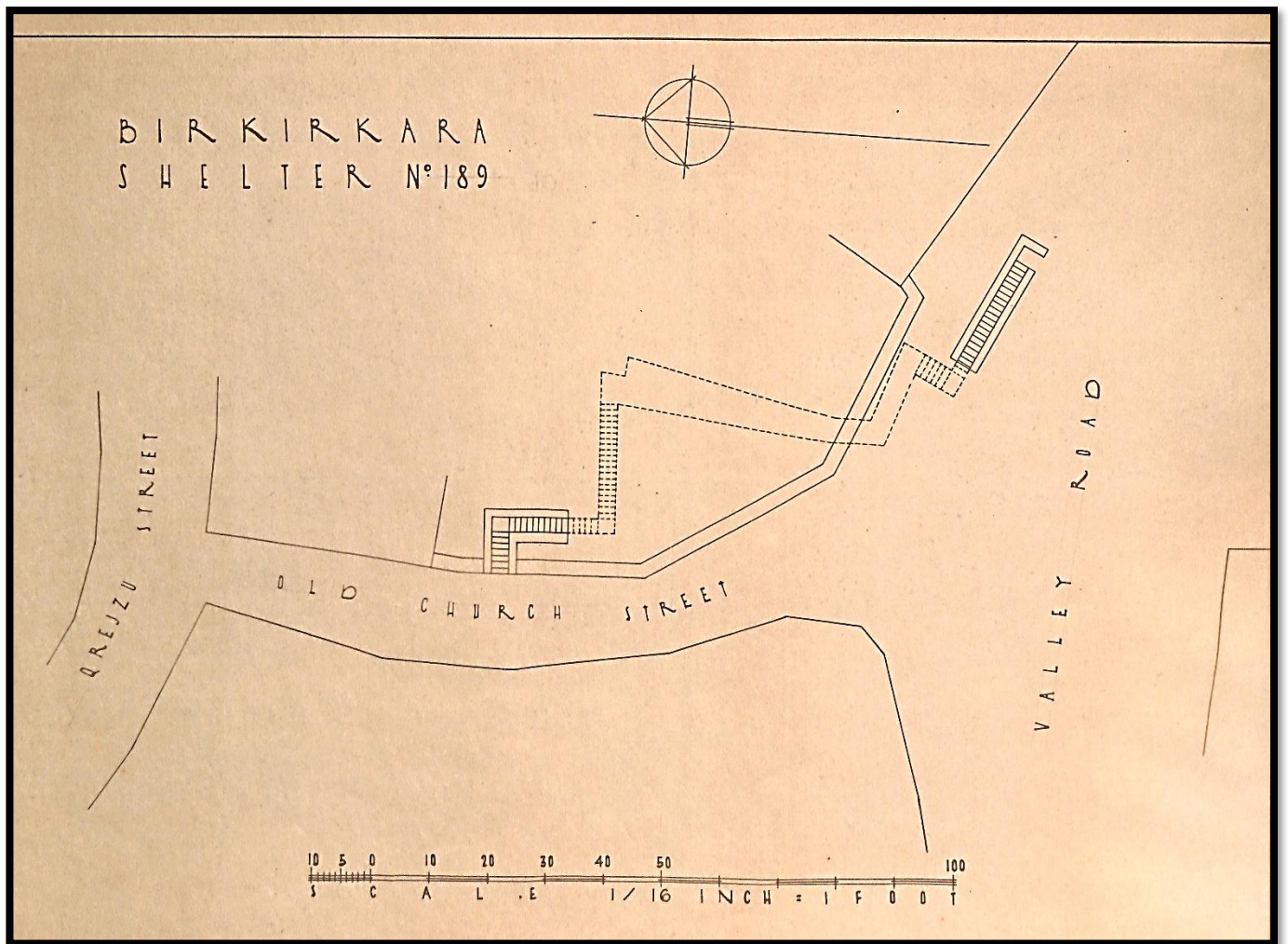


Fig. 87 Planta do Abrigo nº 189 (10) "Qrejzu Street – Old Church Street – Valley Road."

*Corresponde ao nº9 da Lista de Birkirkara

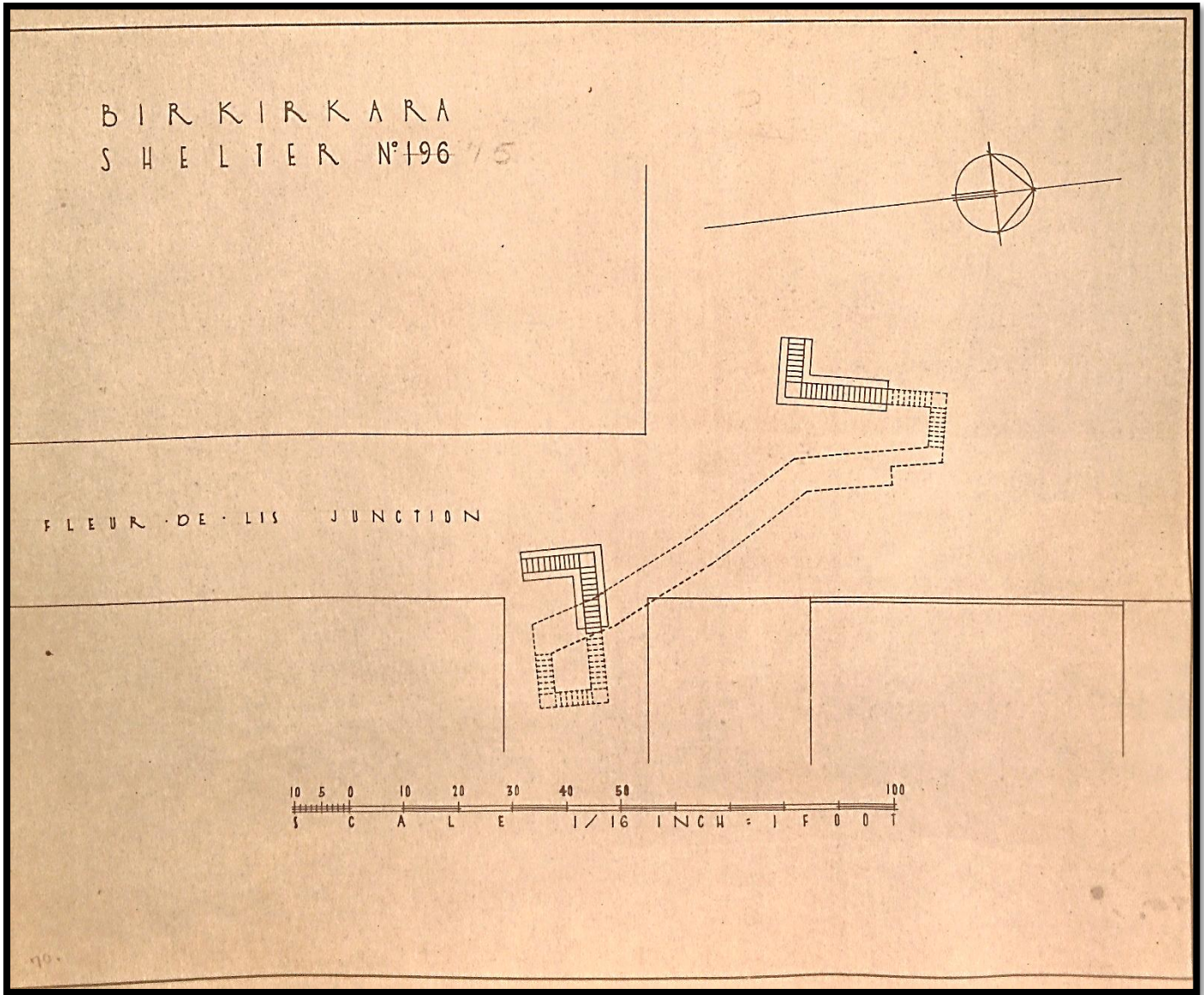


Fig. 88 Planta do Abrigo nº 196 (75) "Fleur-de-Lis Junction"

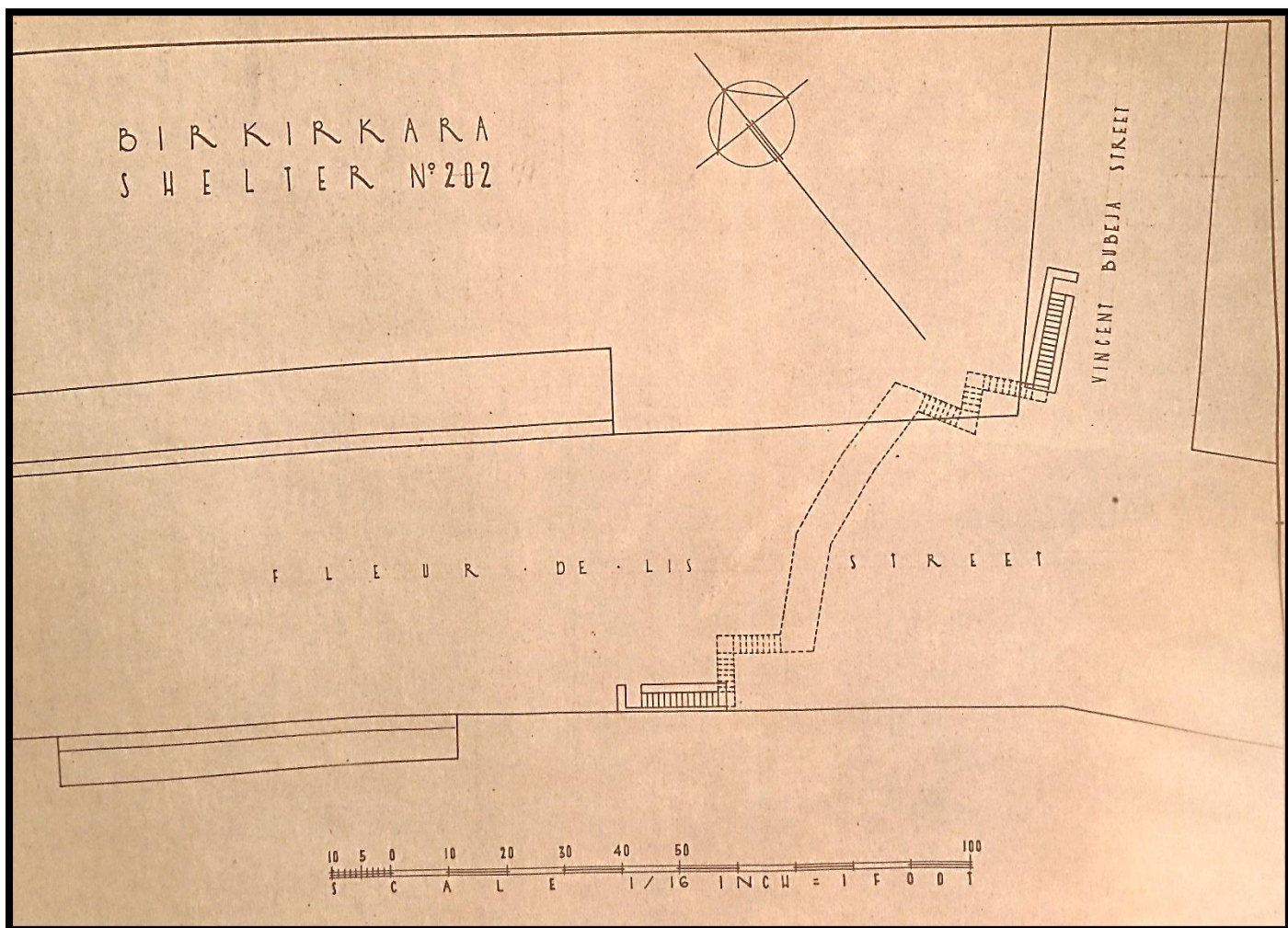


Fig. 89 Planta do Abrigo nº 202 (71) "Fleur-de-Lis Street – Vicent Bubeja Street"
 *Corresponde ao nº71 da Lista de Birkirkara

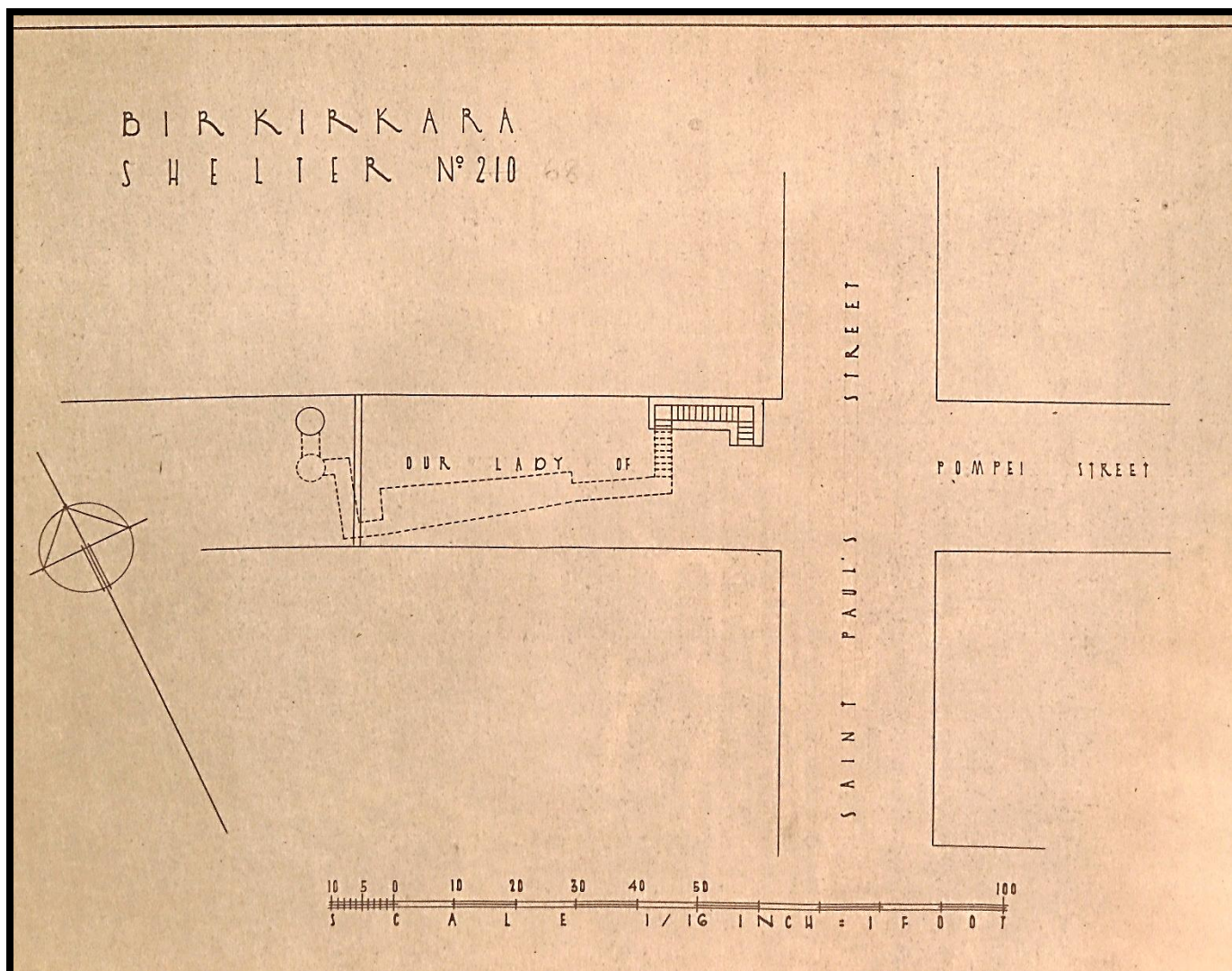


Fig. 90 Planta do Abrigo nº 210 (68) "Saint Paul Street – Our lady Of Pompei Street."

*Corresponde ao nº67 da Lista de Birkirkara

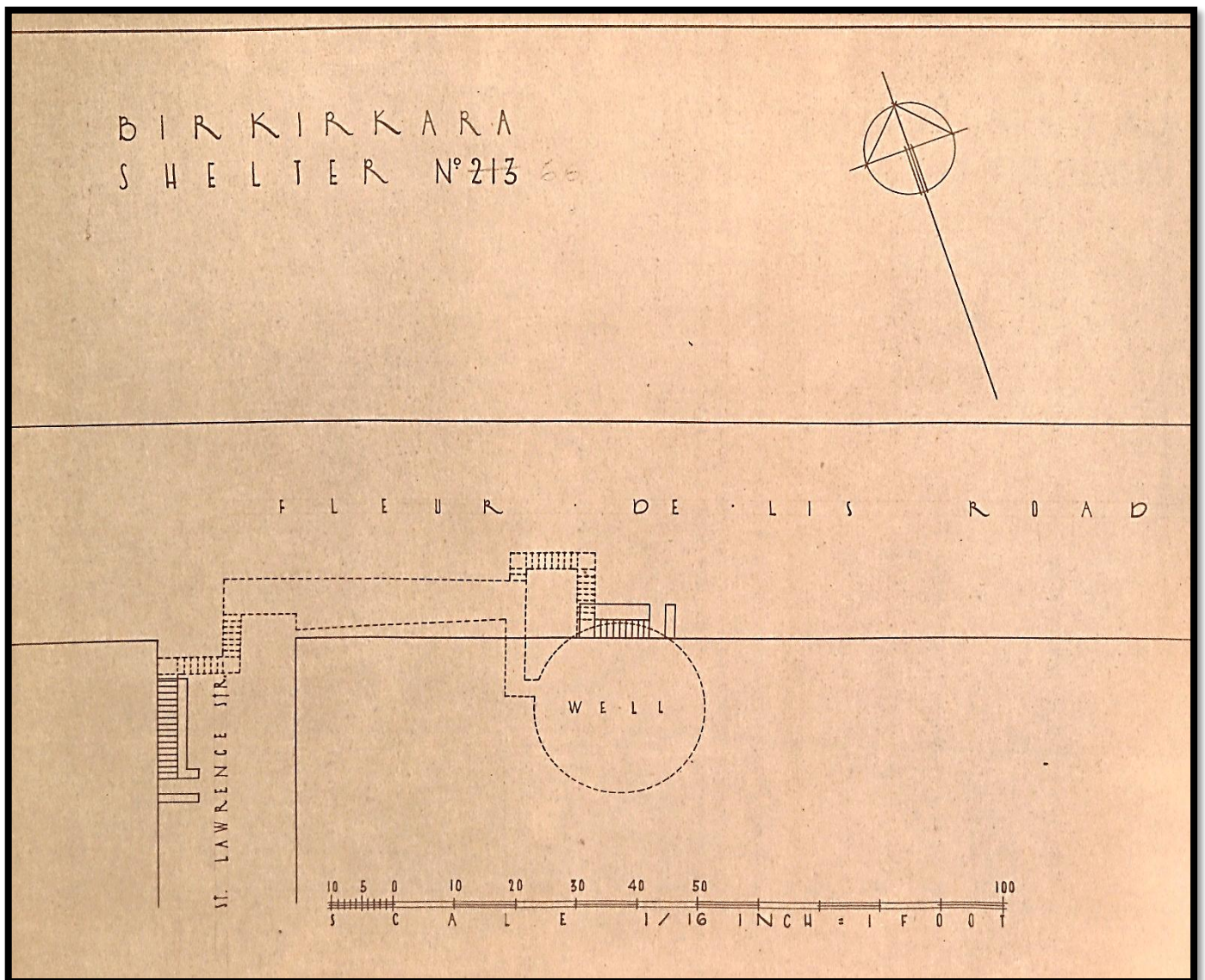


Fig. 91 Planta do Abrigo nº 213 (66) "St. Laurence Str. – Fleur – de – Lis Road"

*Corresponde ao nº66 da Lista de Birkirkara

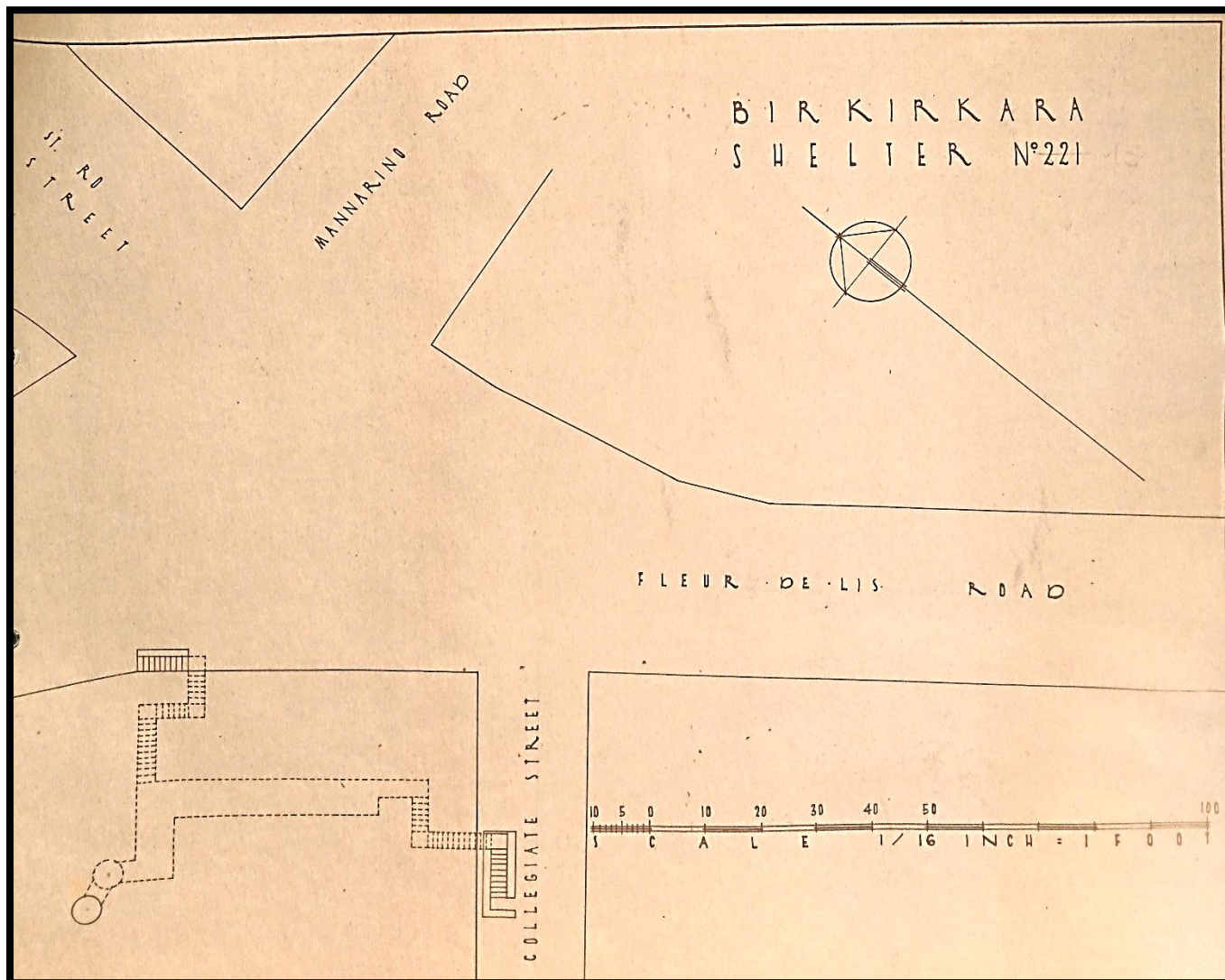


Fig.92 Planta do Abrigo nº 221 (13) "St. Rd Street – Mannarino Road – Fleur-de-Lis-Road-Collegiate Street."
*Corresponde ao nº13 da Lista de Birkirkara

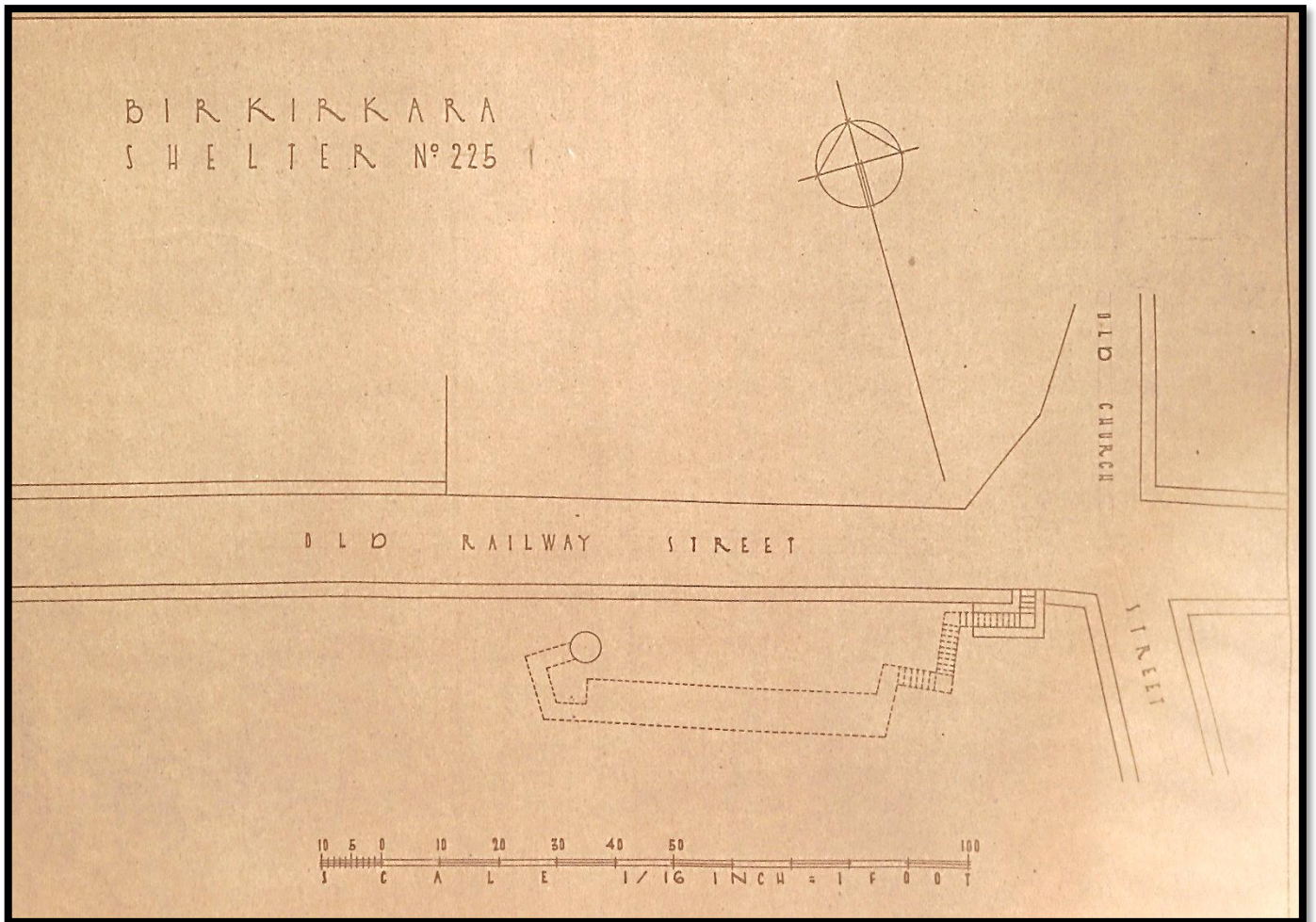


Fig.93 Planta do Abrigo nº 225 (1) "Old Railway Street – Old Church Street."
*Corresponde ao nº1 da Lista de Birkirkara

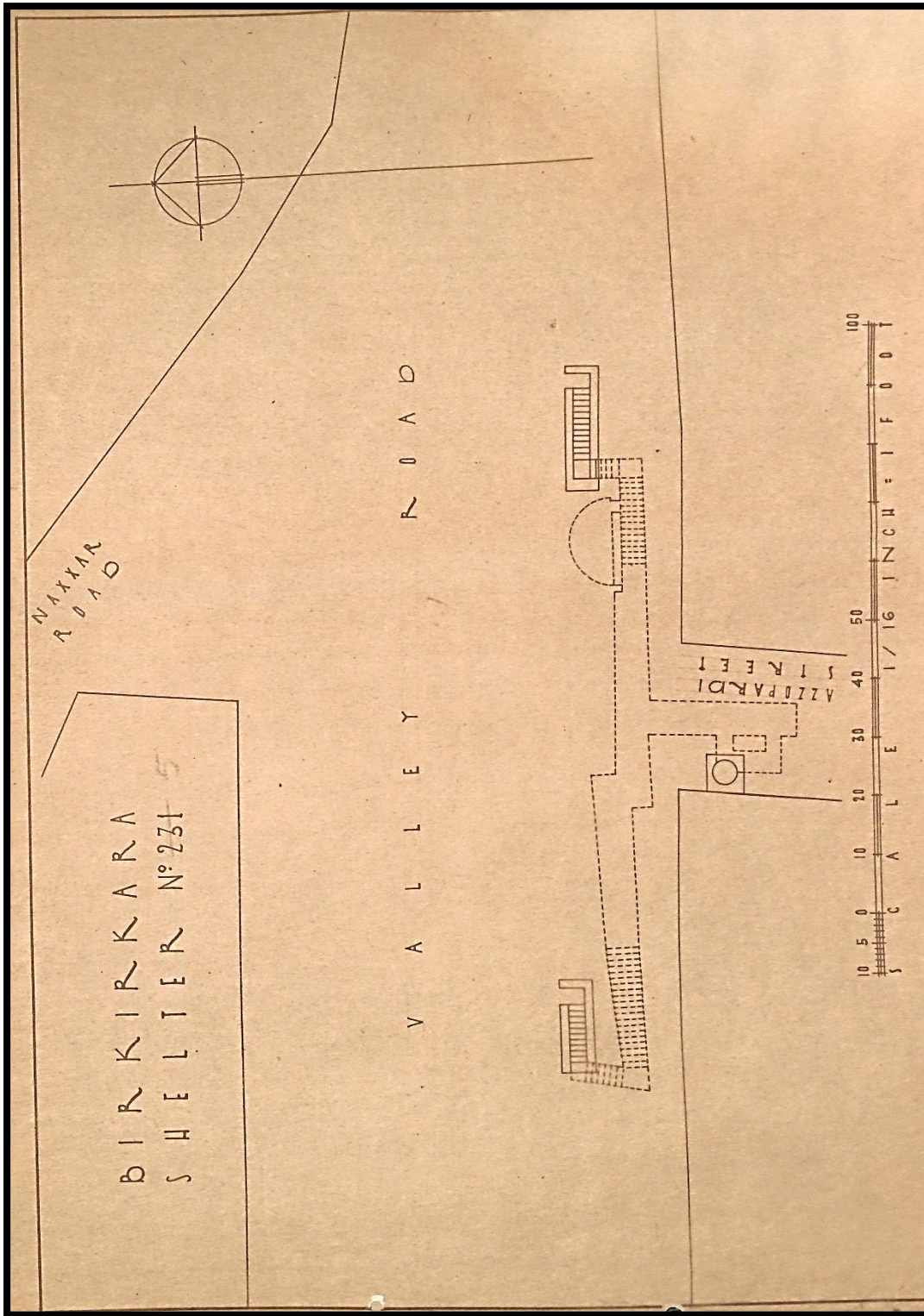


Fig. 94 Planta do Abrigo nº321 (5) "Valley Road – Naxxar Road"

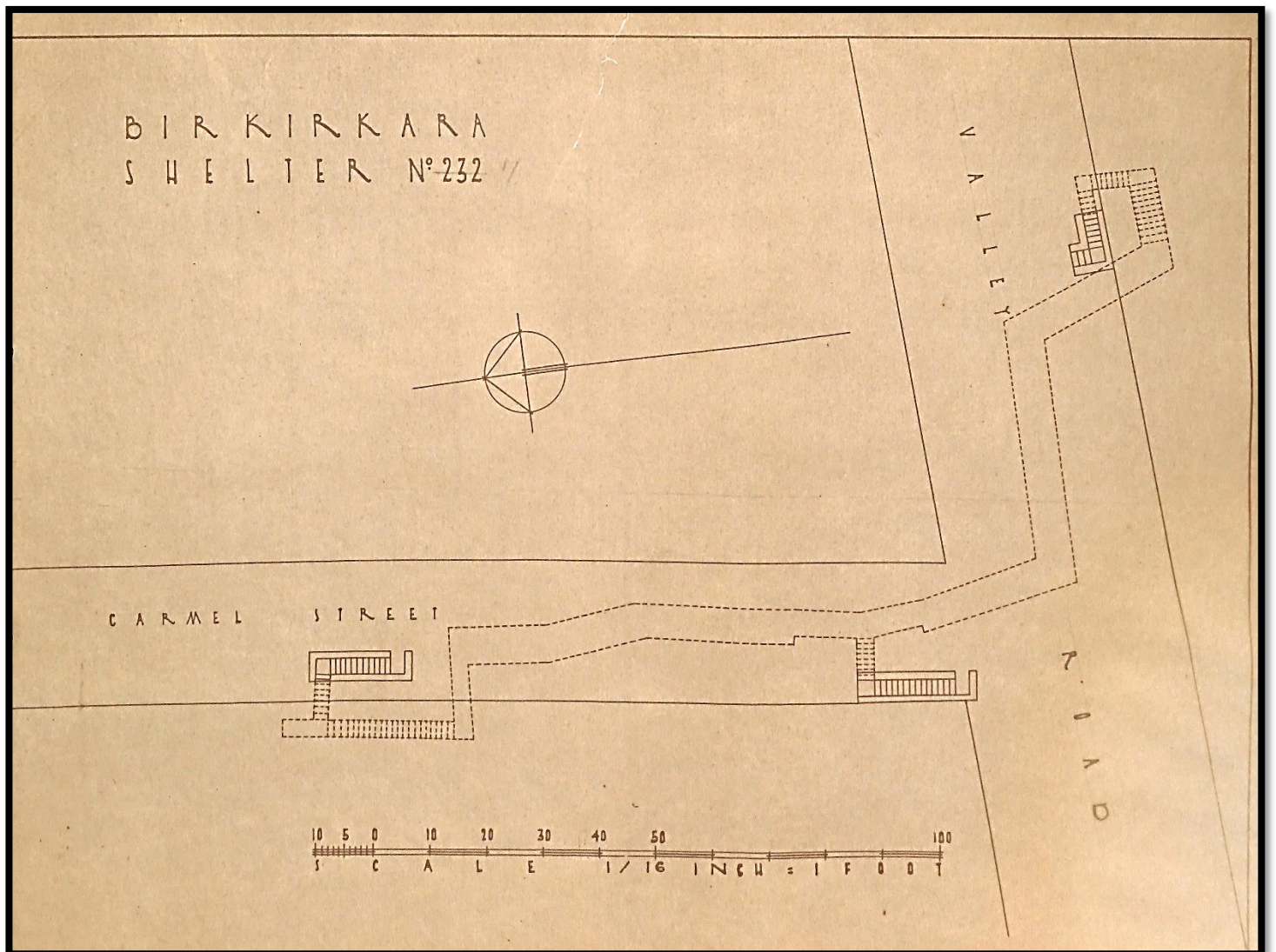


Fig.95 Planta do Abrigo nº232 (4) "Carmel Street – Valley Road"
*Corresponde ao nº7 da Lista de Birkirkara

Cospicua

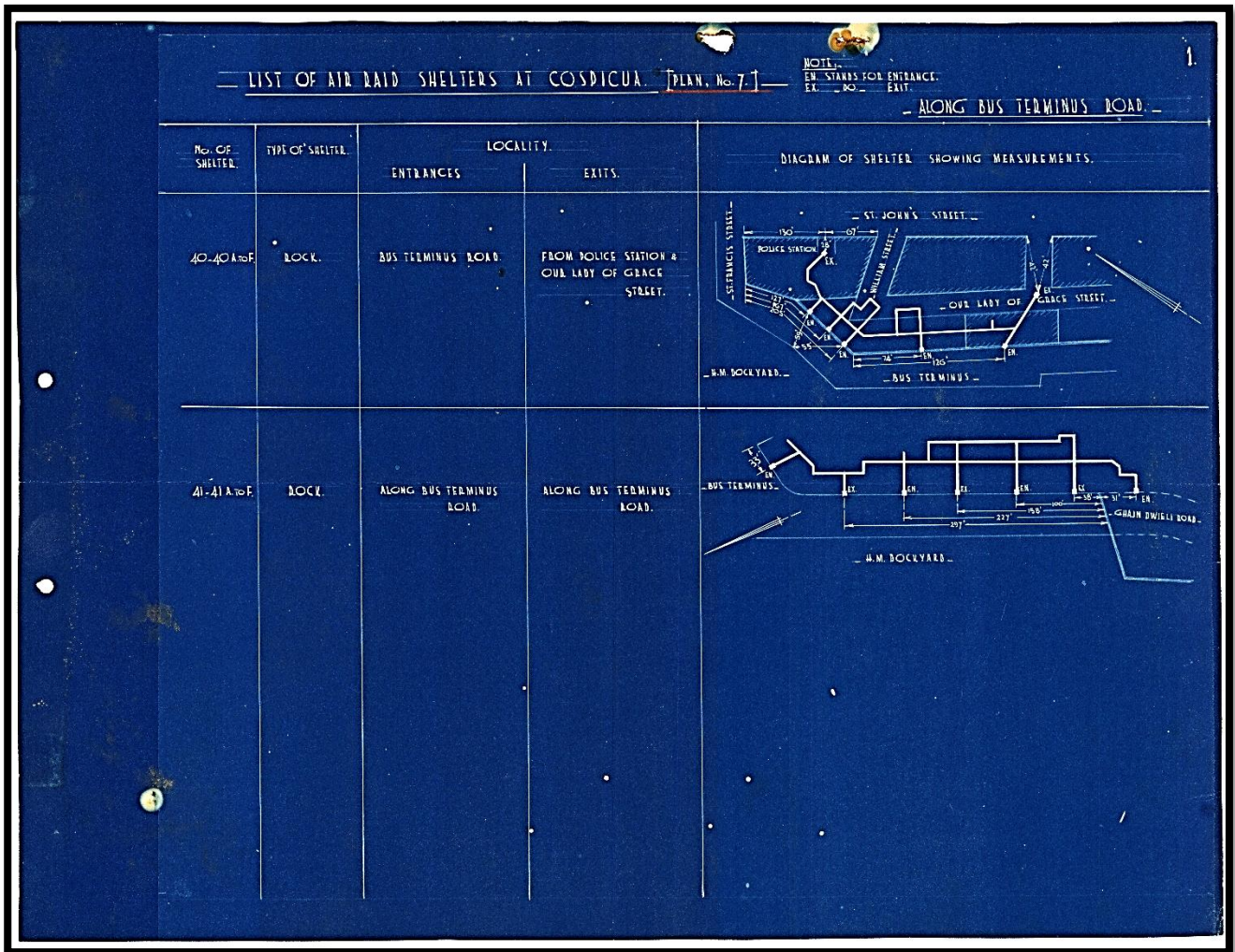


Fig.96 Abrigos de Cospicua⁵² - "Along terminus Bus Road"

Fonte: NAM_ "CDE_Blue_Prints_of_Shelters_nº 15_Cottonera"⁵³ Fig.96 à 99

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrance	Exits
40 – 40 A to F	Rock	Bus Terminus Road	From Police Station & Our Lady of Grace Street
41 – 41 A to F	Rock	Along Bus Terminus Road	Along Bus Terminus Road

⁵² Bormla em Maltês; Gentilmente enviadas por Dr.Melvin Caruana do National Archives of Malta

⁵³ A cidades Cospicua, Senglea e Vittoriosa fazem todas parte da mesma área que é Cottonera.

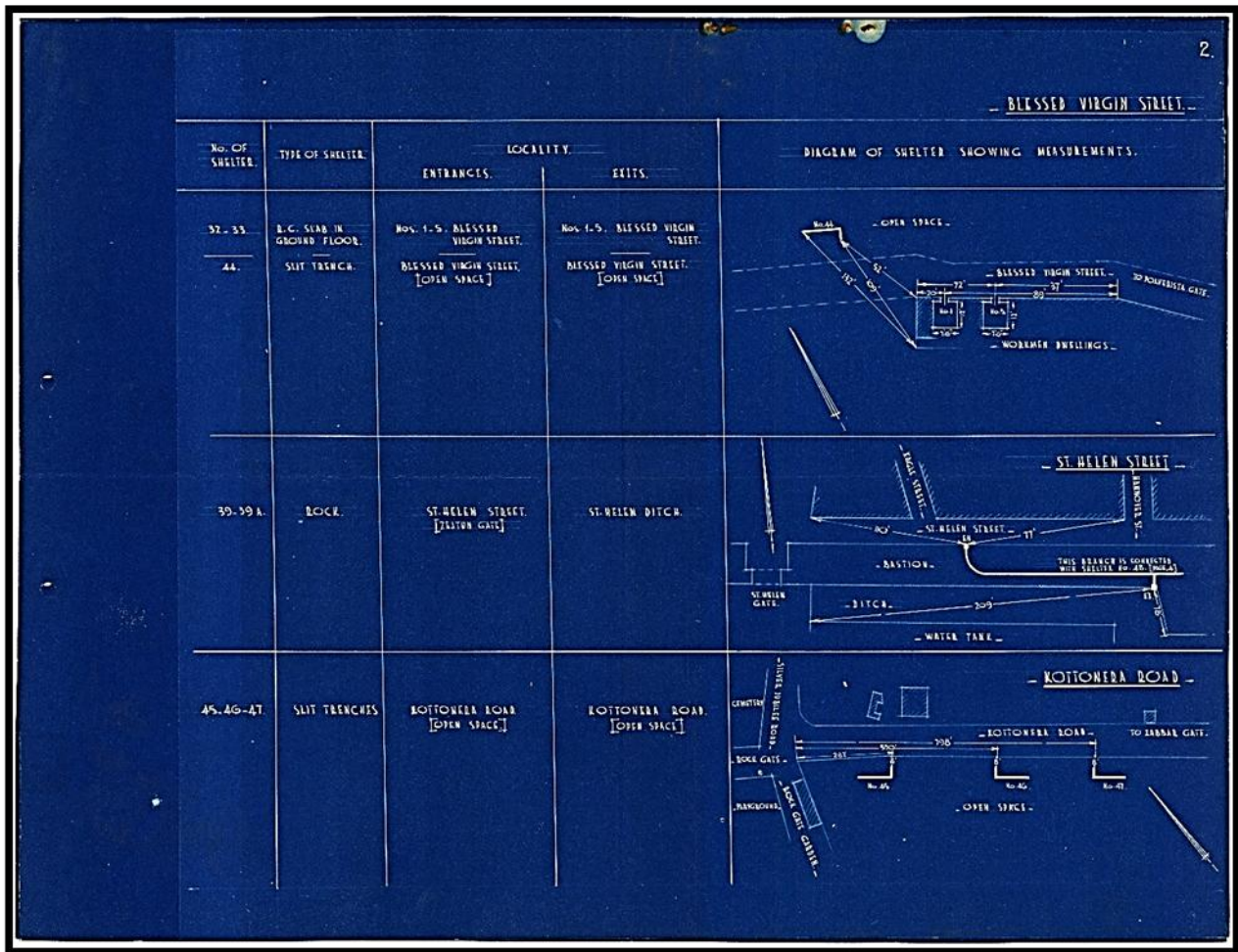


Fig.97 Abrigos de Cospicua "Blesses Virgin Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrance	Exits
32 – 33 AA.	R.C Slab in ground floor; Slit trench	Nos. 1 – 5. Blessed Virgin Street; Blessed Virgin Street (Open Space)	No 1 – 5 Blessed Virgen Street; Blessed Virgin Street (Open Space)
39 – 39 A.*	Rock	St. Helen Street (Zejtun Gate)	St. Helen Ditch
45 – 46 – 47	Slit Trenches	Kottonera Road (Open Space)	Kottonera Road (Open Space)

*Corresponde ao nº7 da lista do Abrigo de Cospicua;

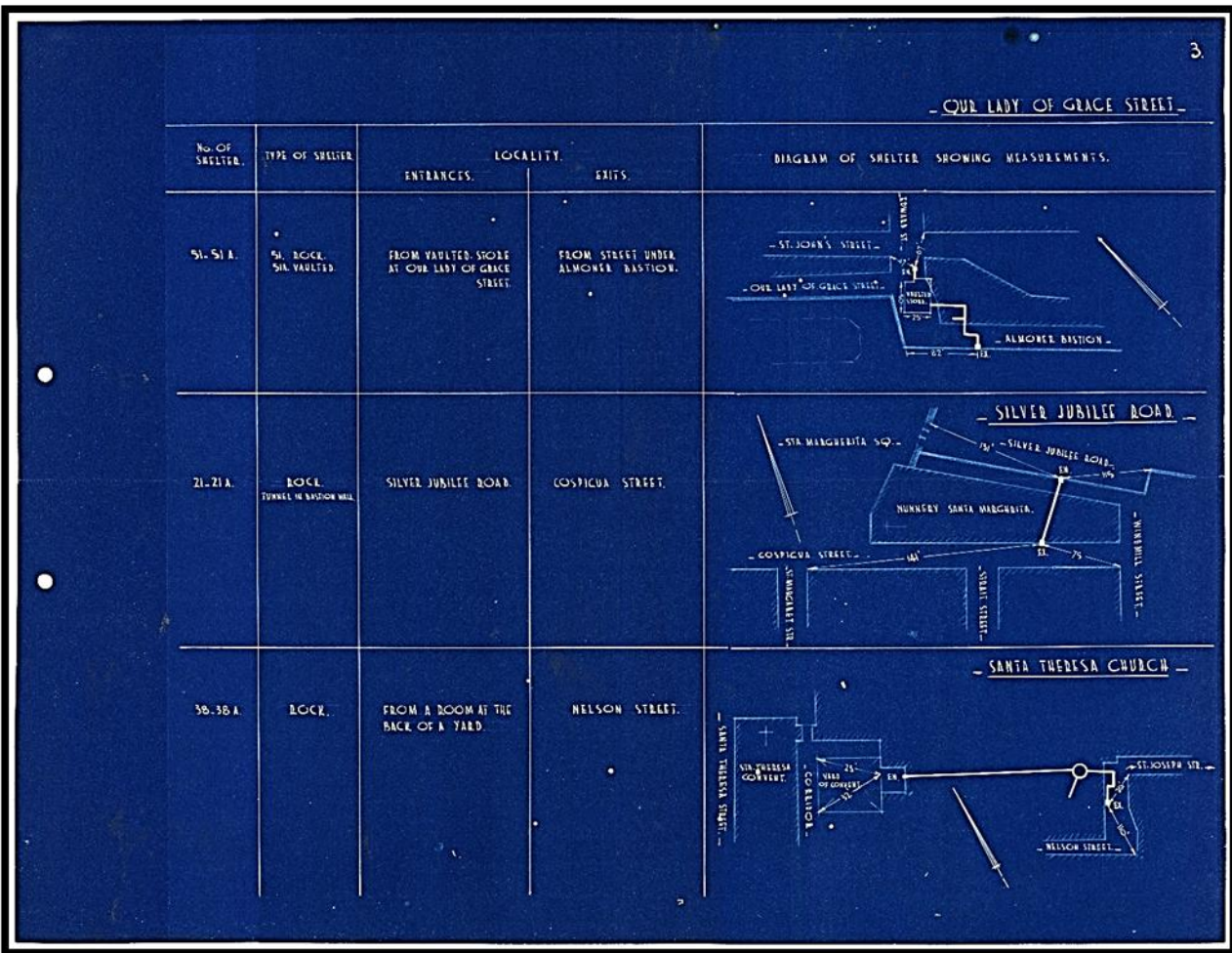


Fig.98 Abrigos de Cospicua "Our Lady of Grace Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrance	Exits
51 – 51A.*	51. Rock; 51 A. Vaulted	From Vaulted Store at Our Lady Of Grace	From Street Under Almoner Bastion
21 – 21A.**	Rock. (Tunnel in Bastion Wall)	Silver Jubilee Road	Cospicua Street
38 – 38A.	Rock	From a Room at the Back of a yard	Nelson Street

*Corresponde ao nº3 da lista do Abrigo de Cospicua;

**Corresponde ao nº2 da lista do Abrigo de Cospicua;

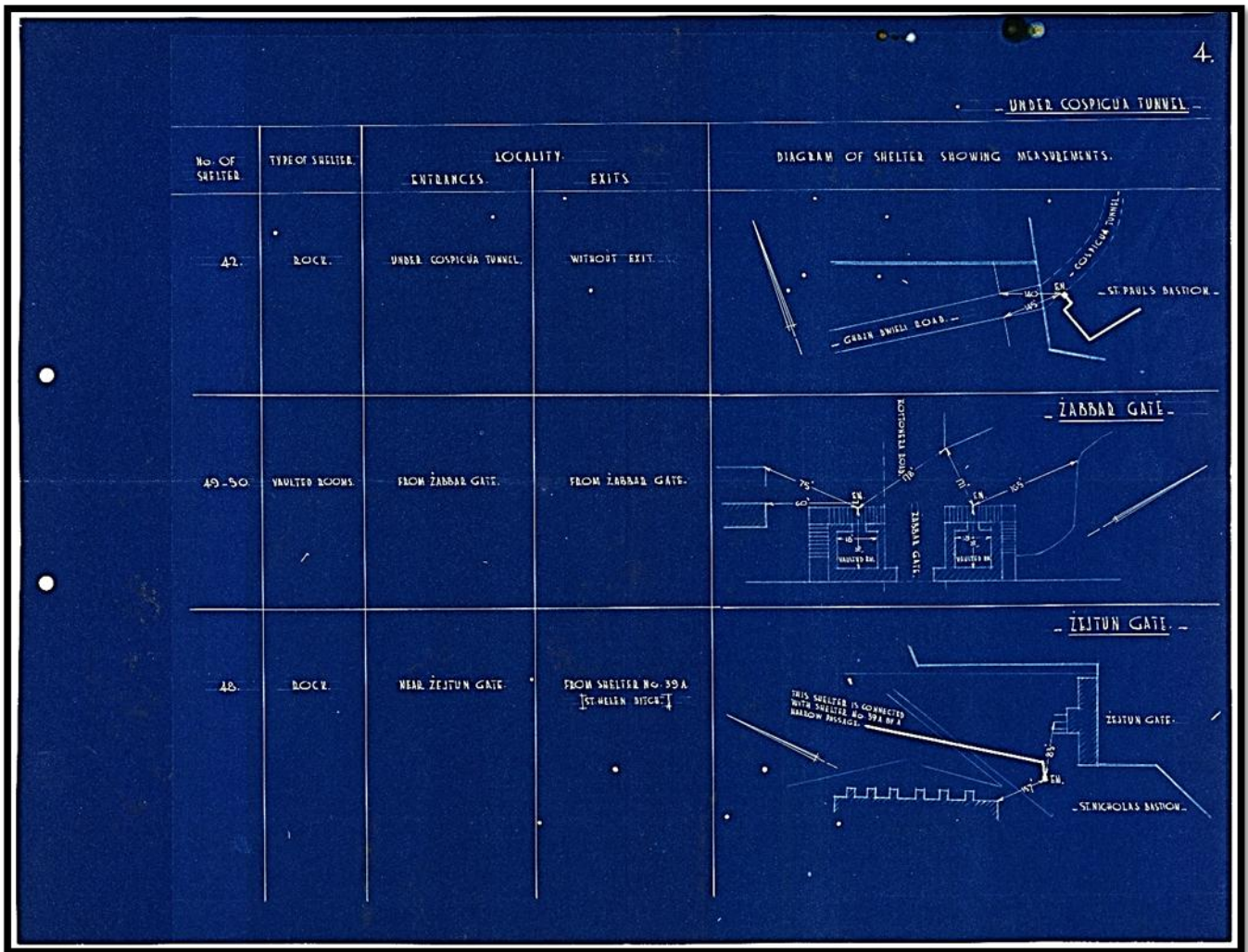


Fig.99 Abrigos de Cospicua "Under Cospicua Tunnel"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
42	Rock	Under Cospicua Tunnel	Without Exit
49 – 50	Vaulted Rooms	From Zabbar Gate	From Zabbar Gate
48	Rock	Near Zejtun Gate	From Shelter no 39A (St. Helen Ditch)

Dingli

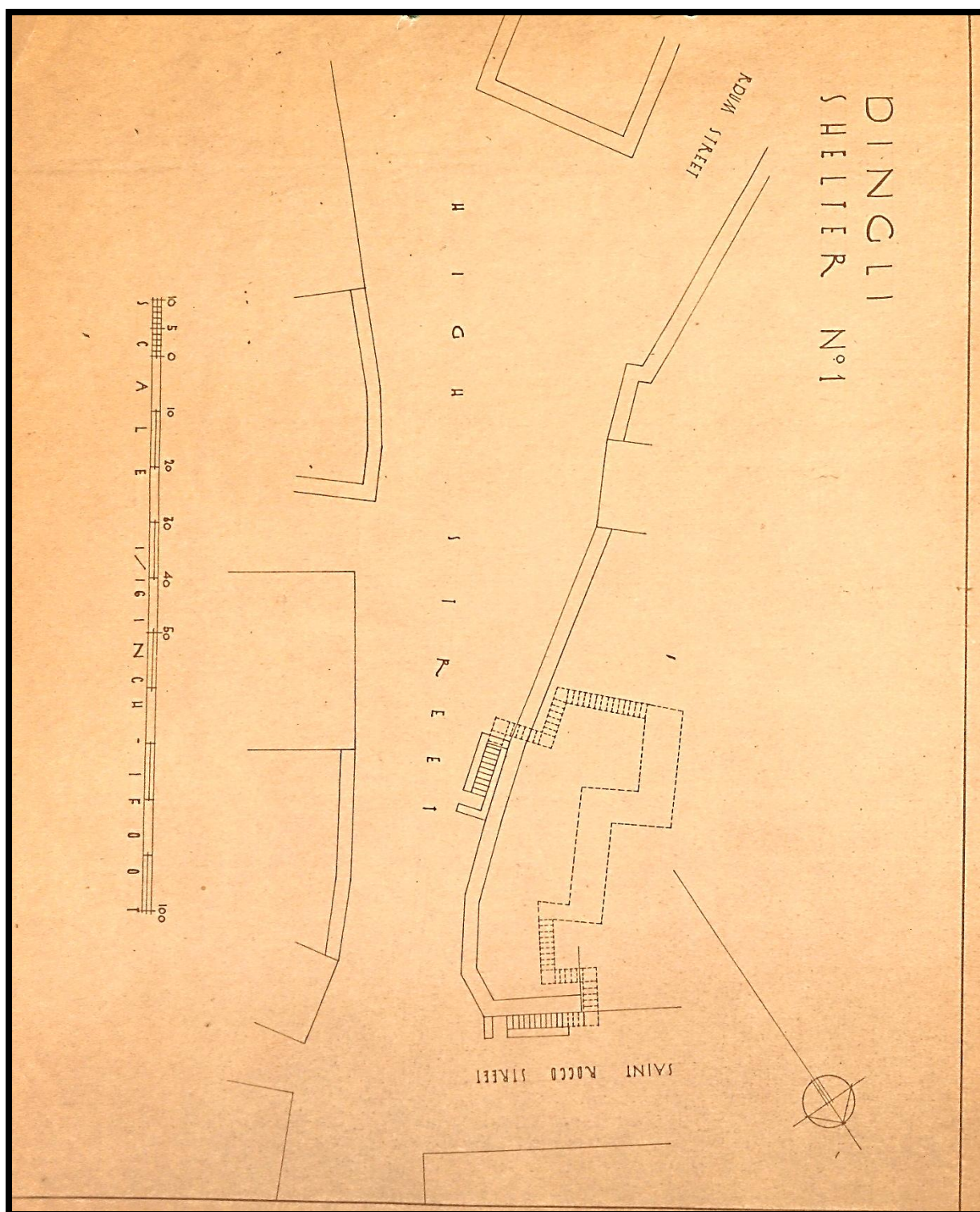


Fig. 100 Planta do Abrigo nº 1 "High Street – Saint Rocco Street – Ruum Strada."

Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº3_Dingli" Fig.100 a 112

*Corresponde ao nº1 da Lista de Dingli

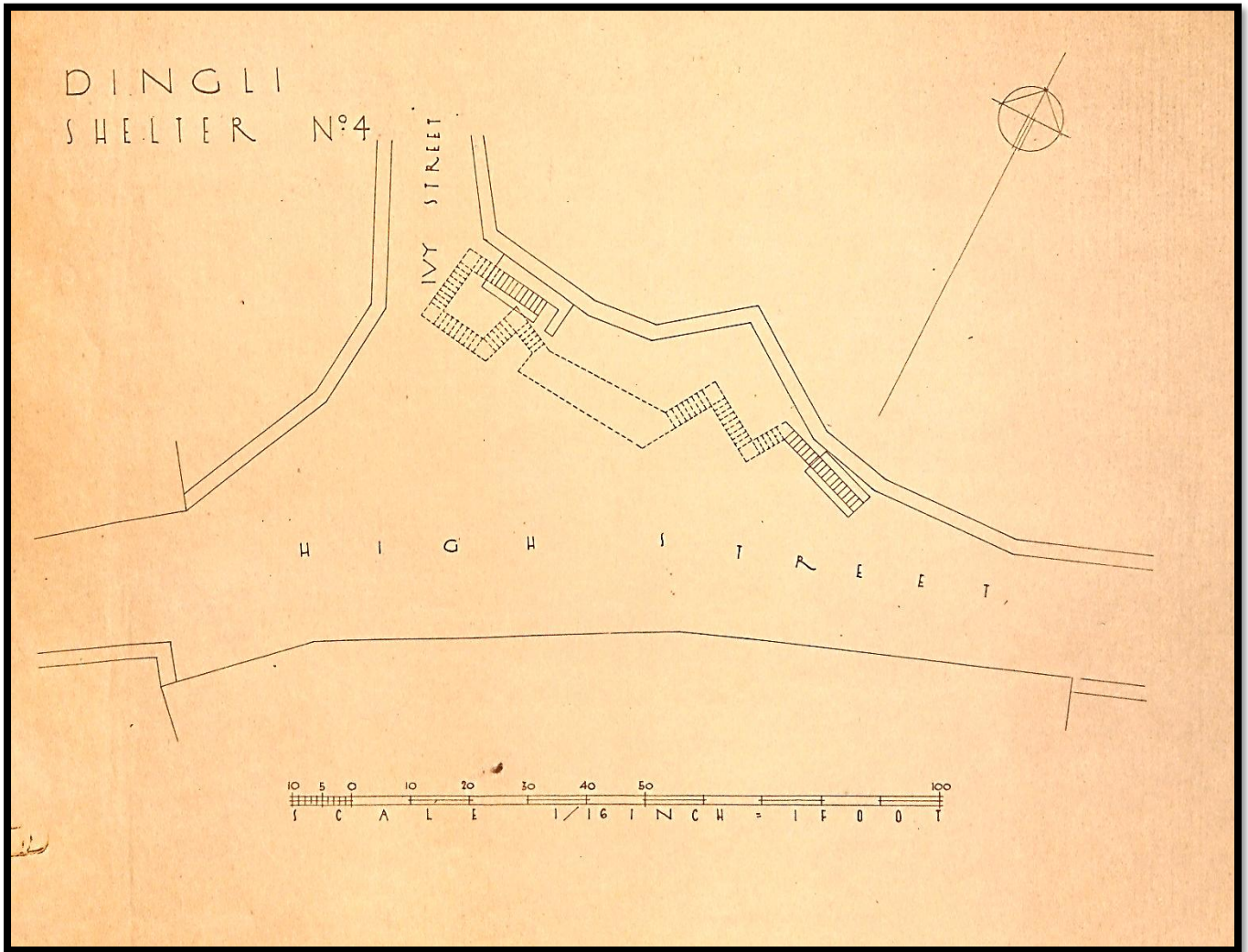


Fig.101 Planta do Abrigo nº 4 "Ivy Street – High Street."

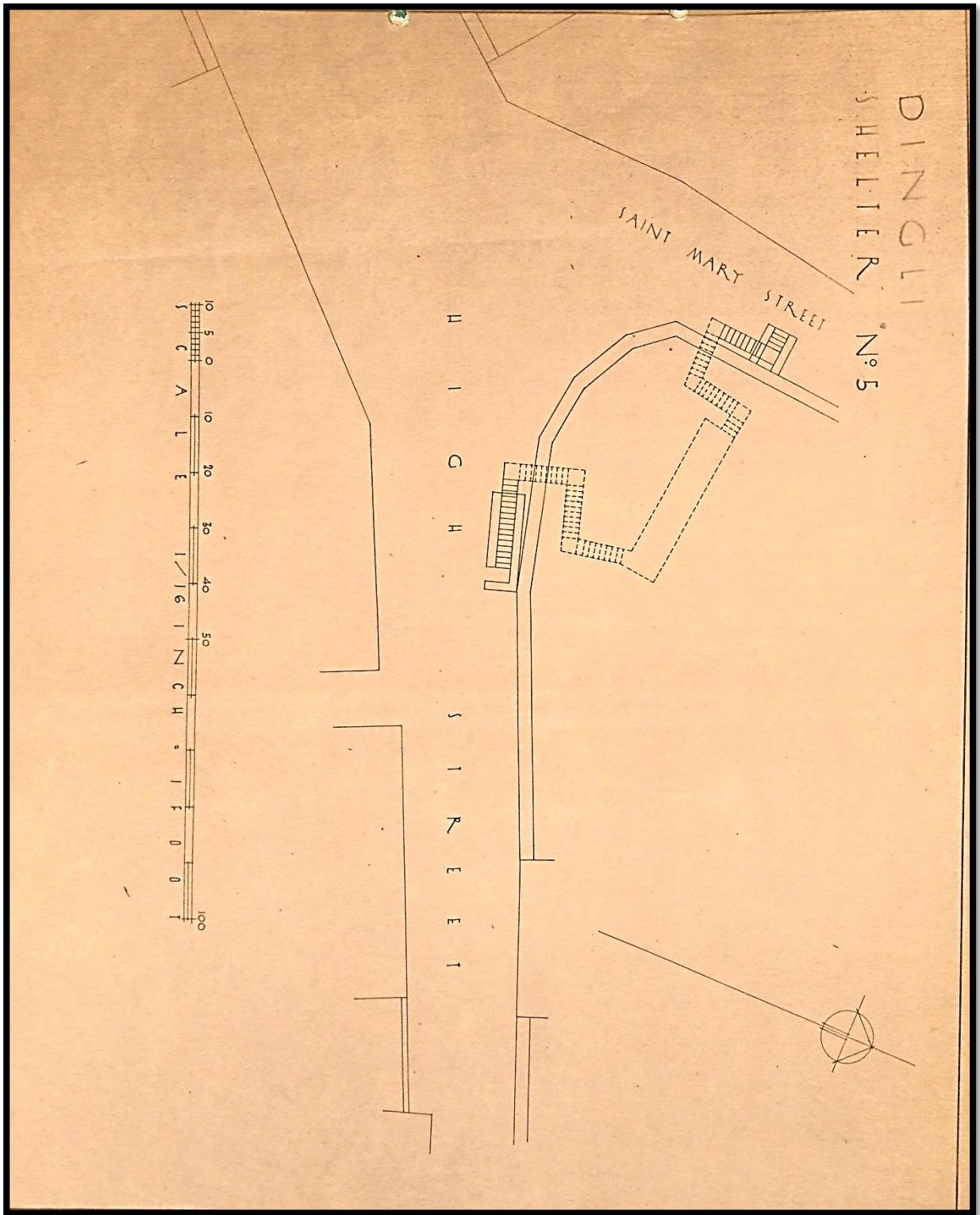


Fig.102 Planta do Abrigo nº 5 "Saint Mary Street – High Street."

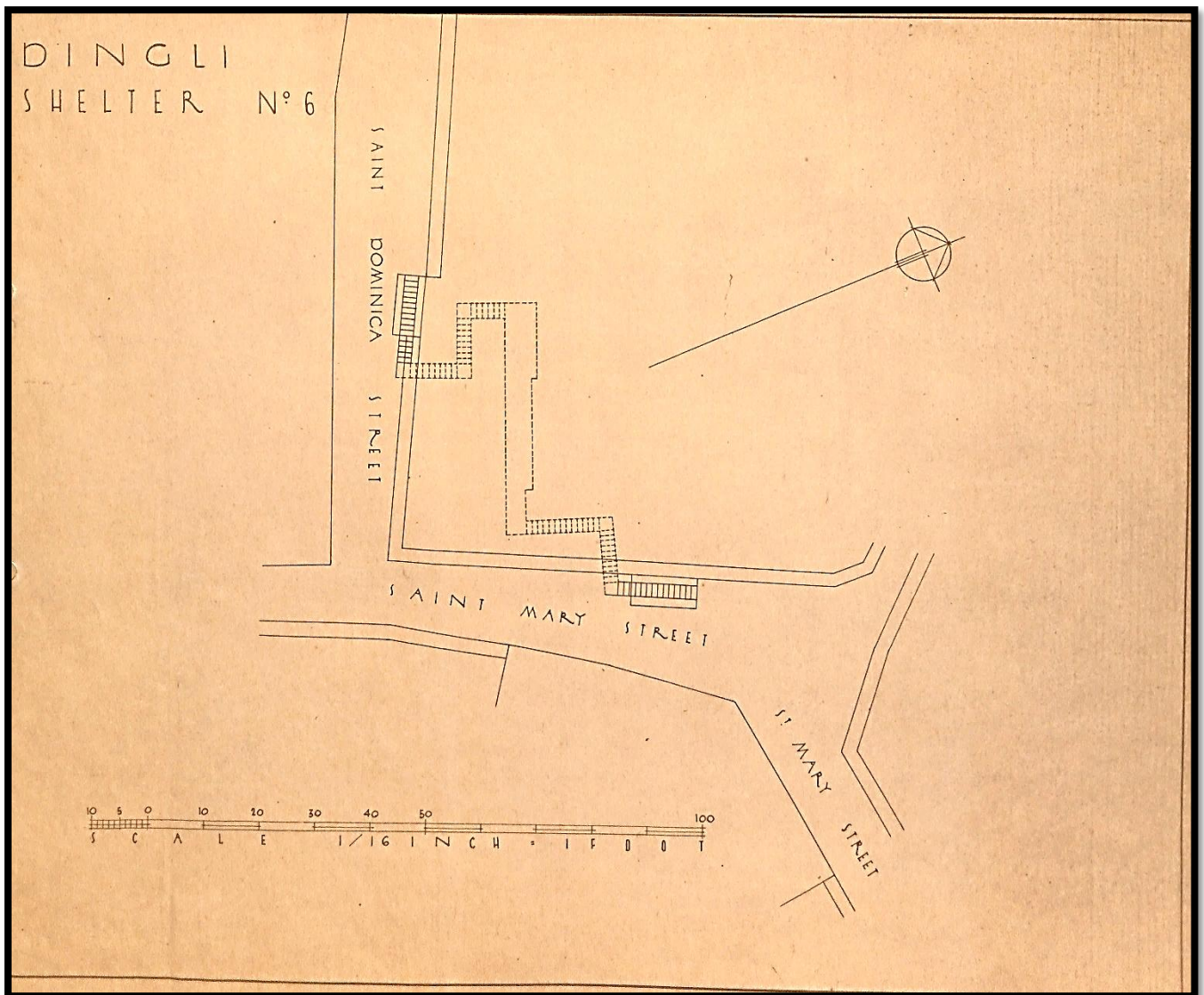


Fig.103 Planta do Abrigo nº6 "Saint Dominicana Street – Saint Mary Street."
*Corresponde ao nº16 da Lista de Dingli

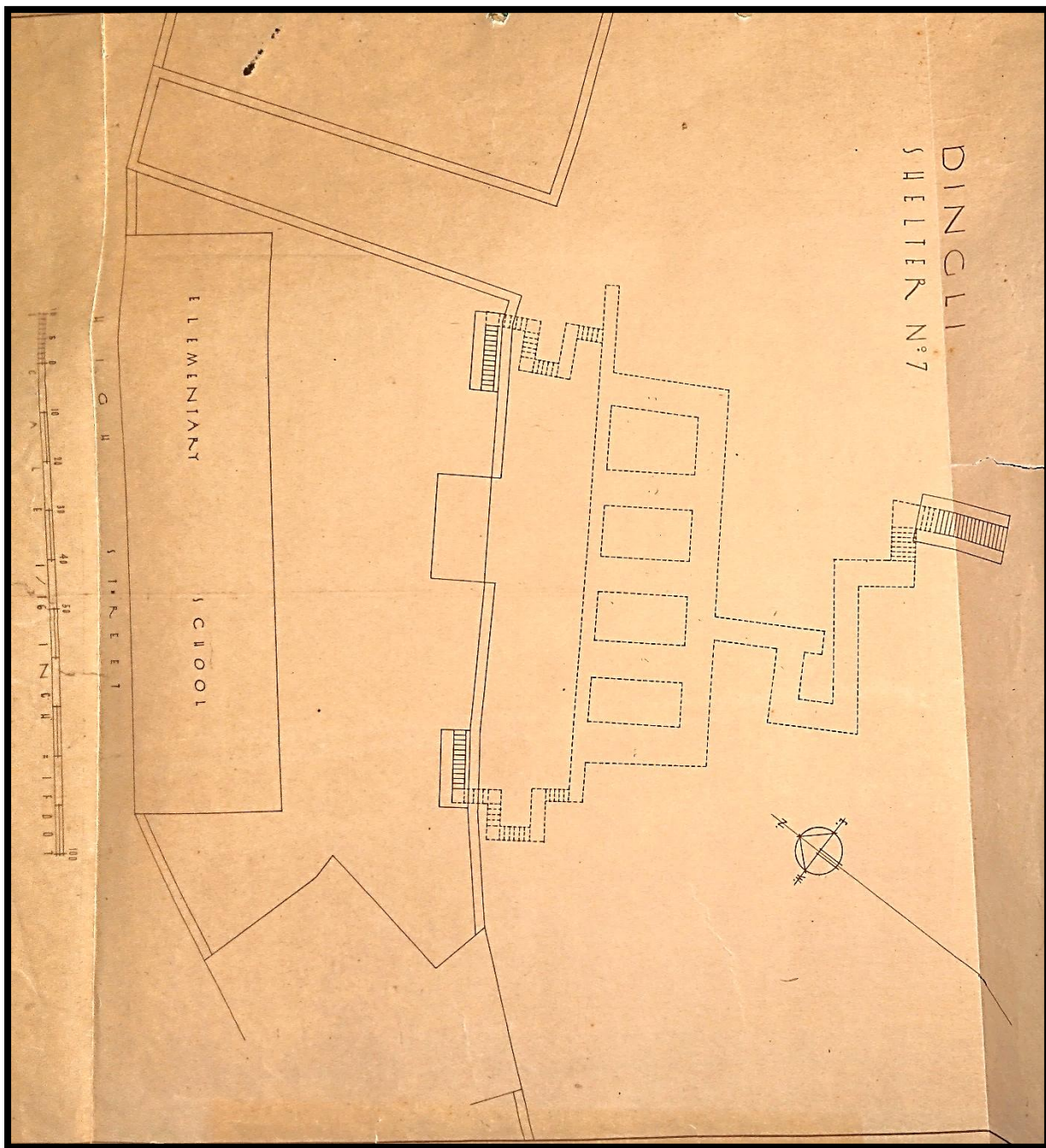


Fig.104 Planta do Abrigo nº7 "High Street."

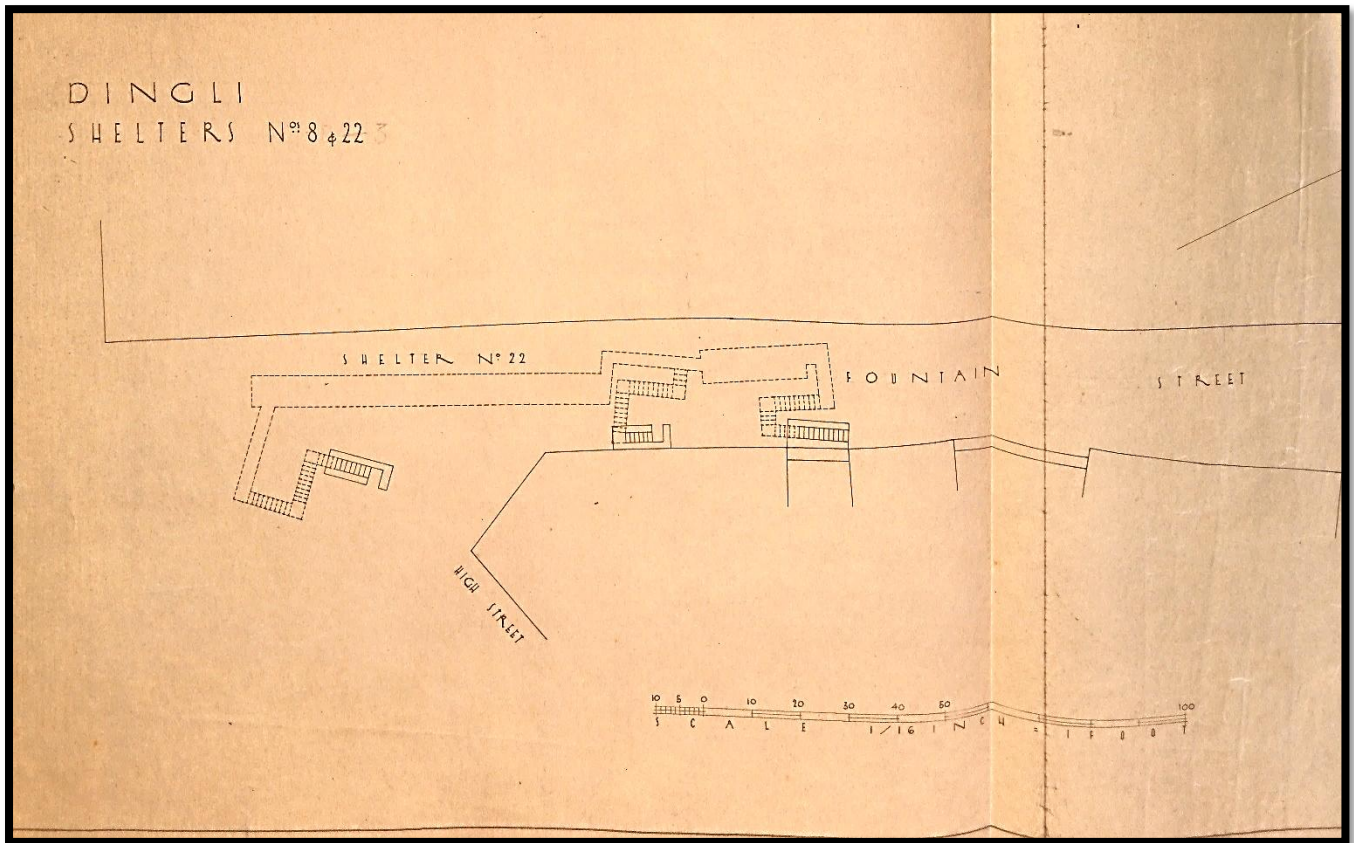


Fig.105 Planta do Abrigo nº 8 e 22 (3) "Rouniain Street."

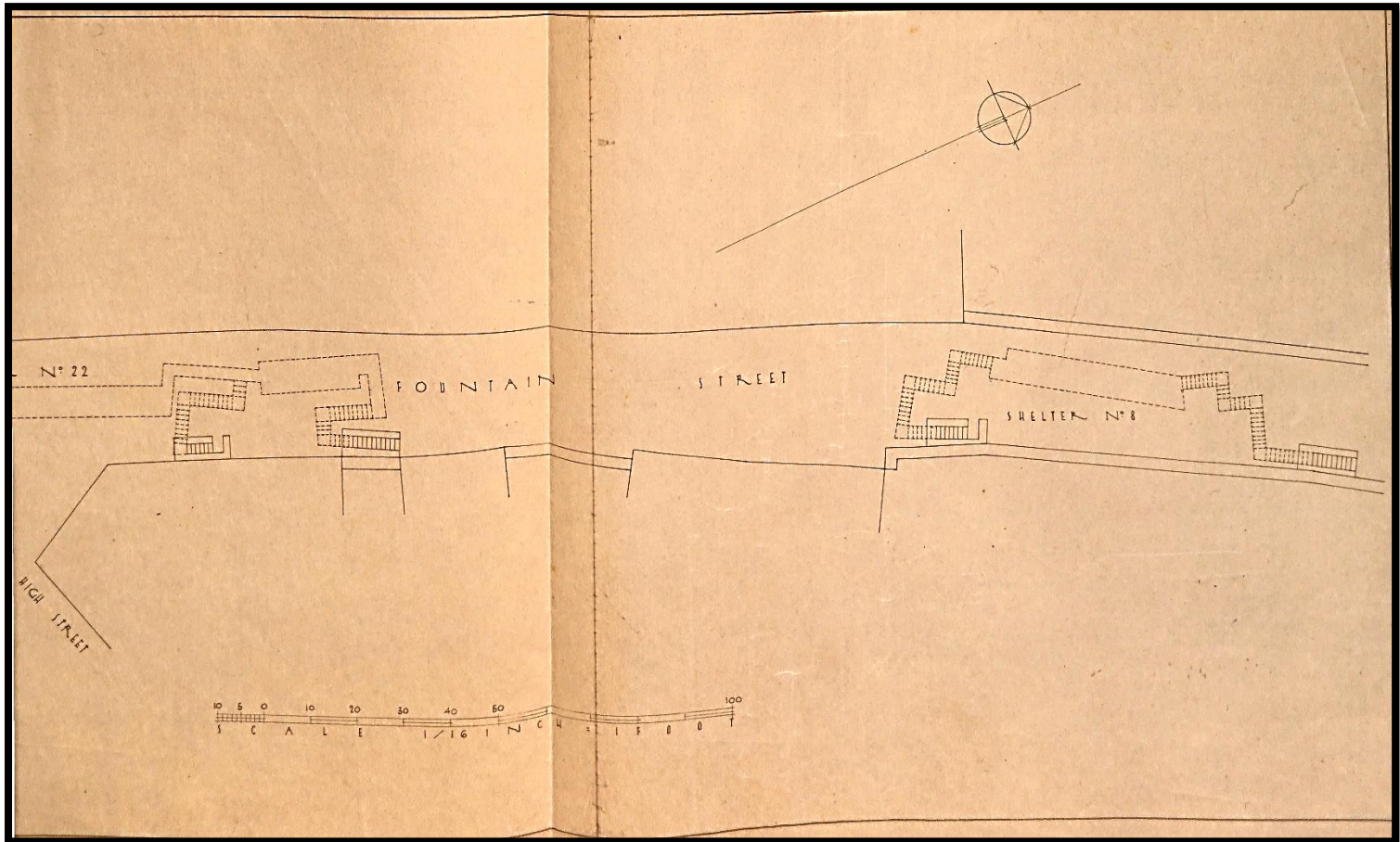


Fig.106 Continuação da Planta do Abrigo nº 8 e 22 (3) "Rouniain Street." (Continuação)

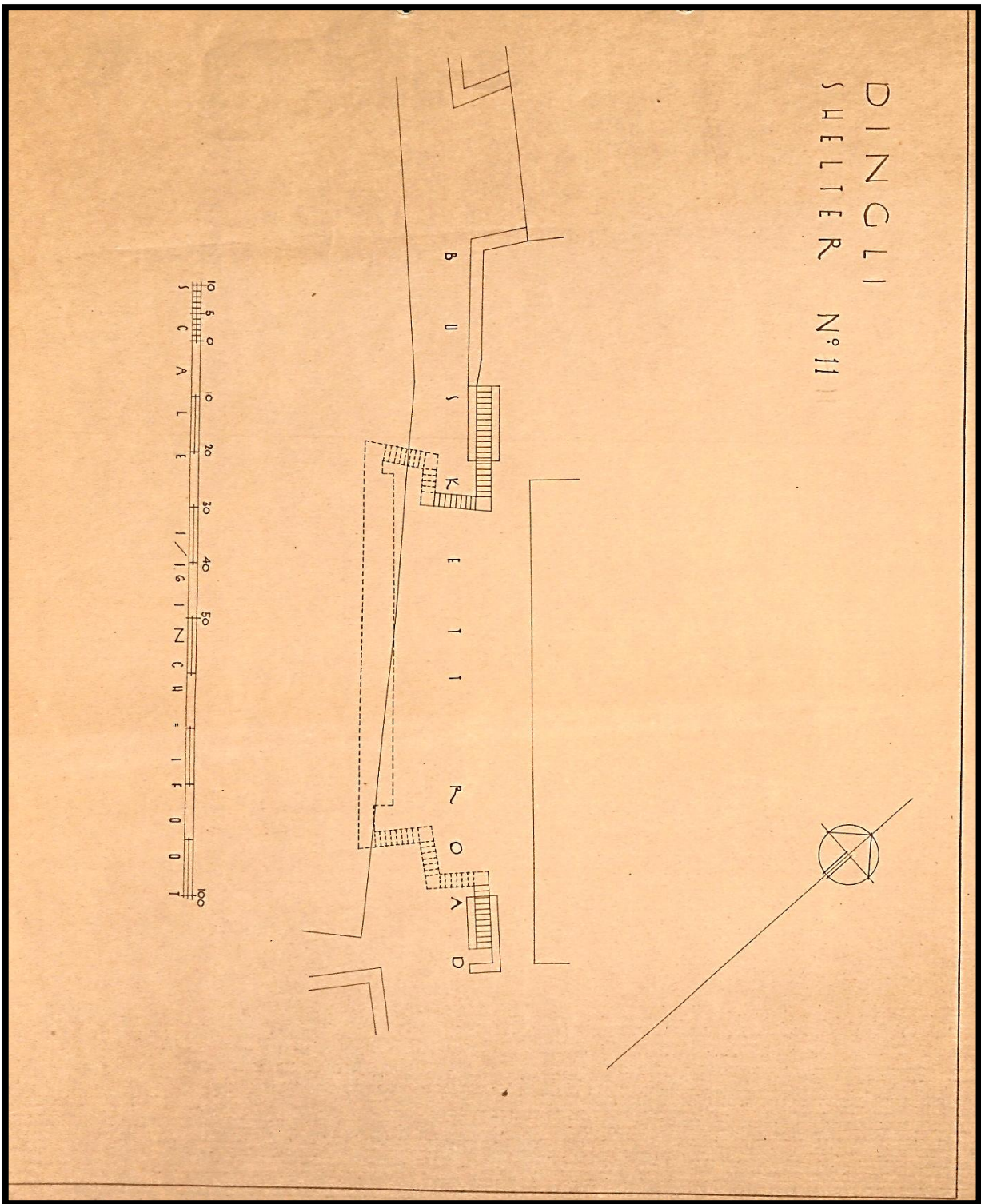


Fig. 107 Planta do Abrigo nº 11 "Buskett Road"

*Corresponde ao nº11 da Lista de Dingli

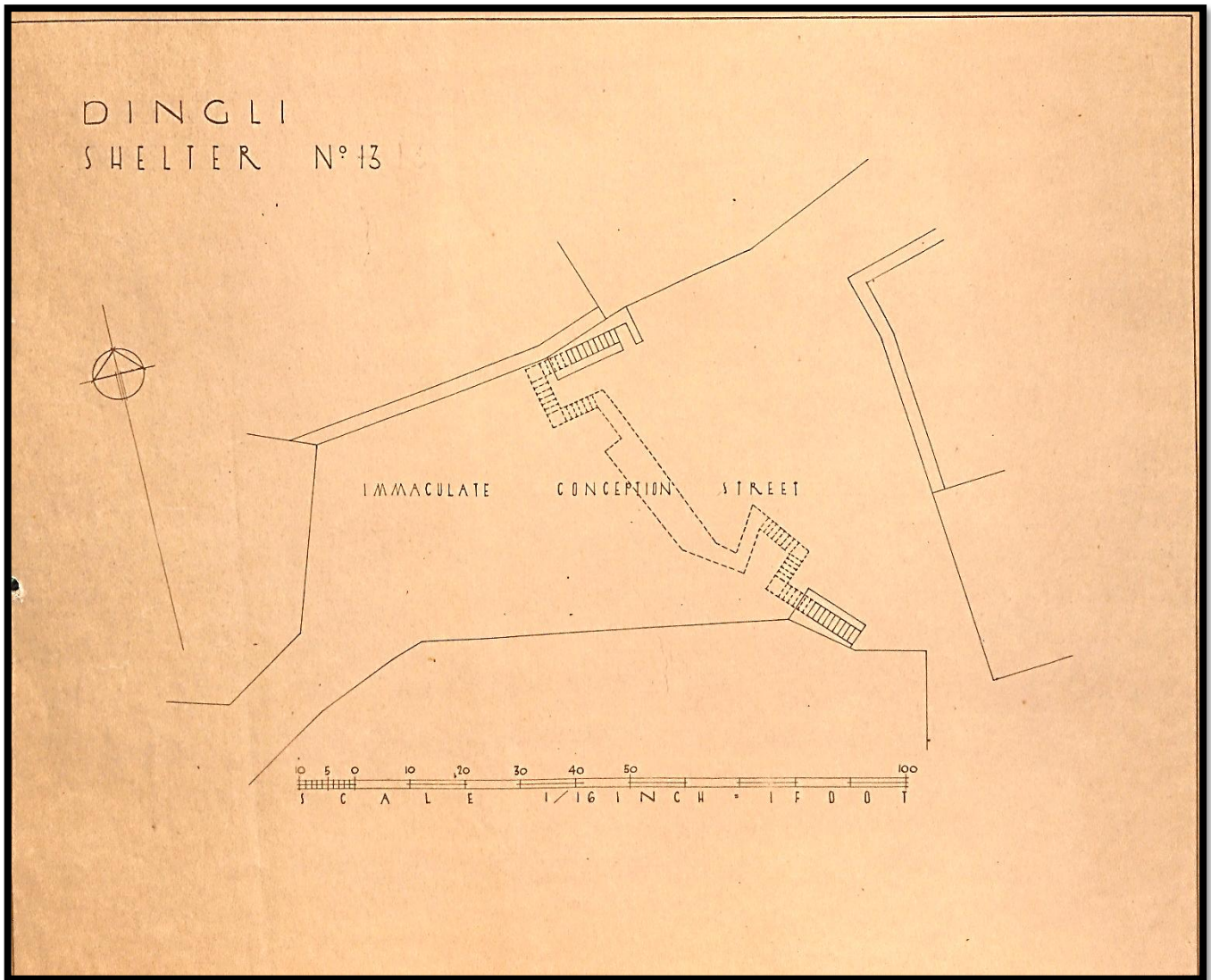


Fig. 108 Planta do Abrigo nº 13 "Immaculate Conception Street"

*Corresponde ao nº13 da Lista de Dingli

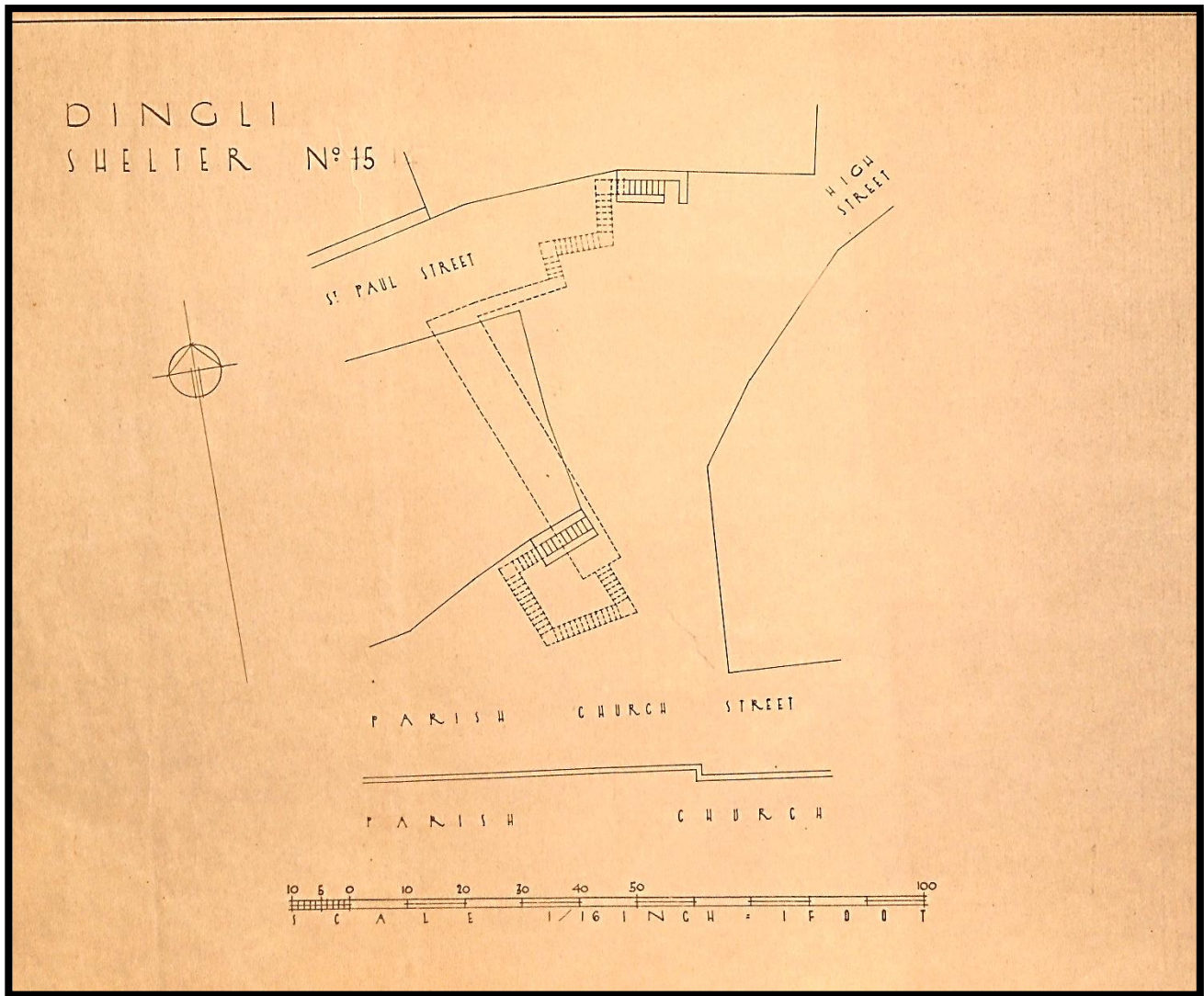


Fig. 109 Planta do Abrigo nº15 (14) "Saint Paul Street – High Street – Parish Church Street."

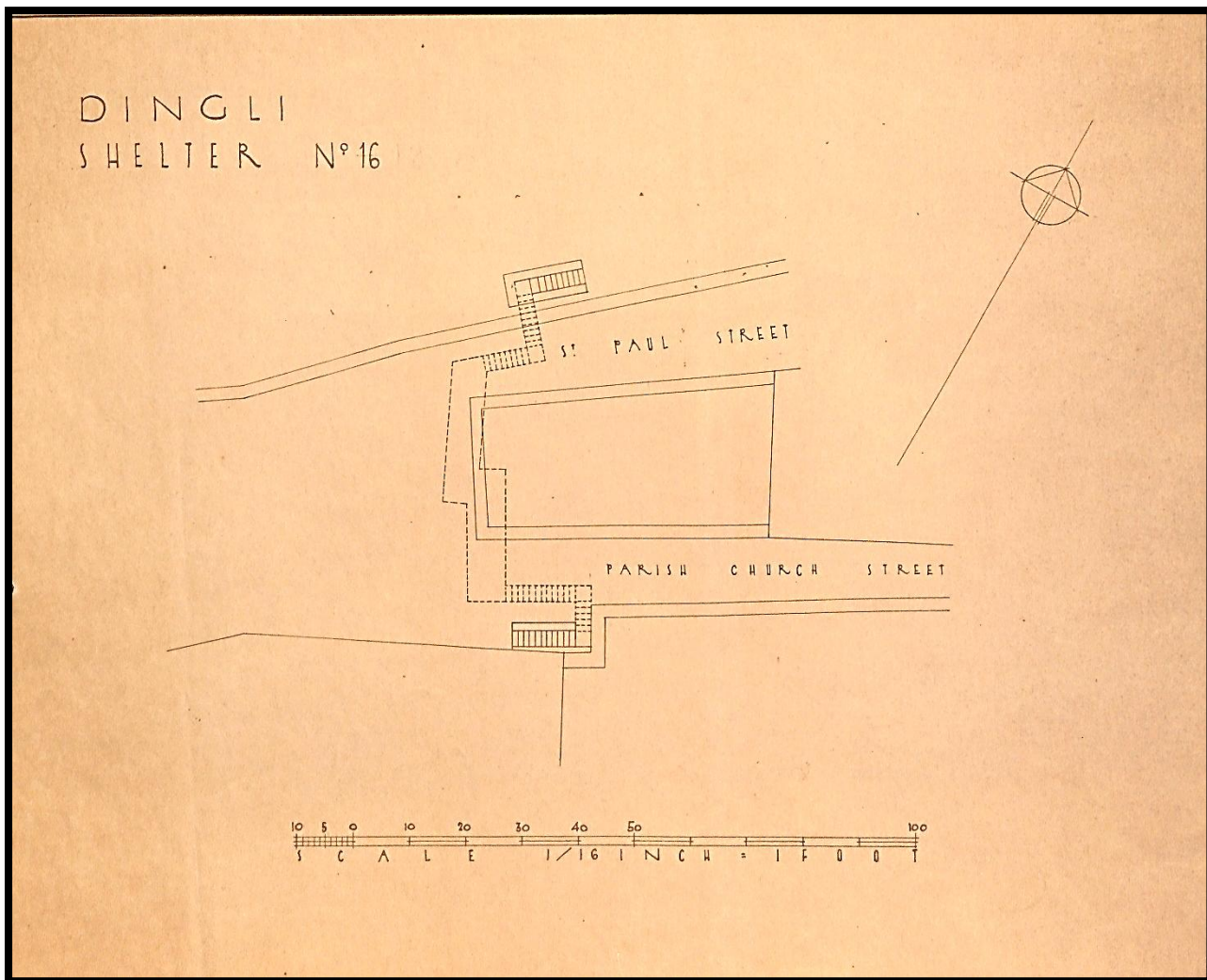


Fig.110 Planta do Abrigo nº16 (12) "Saint Paul Street – Parish Church Street."

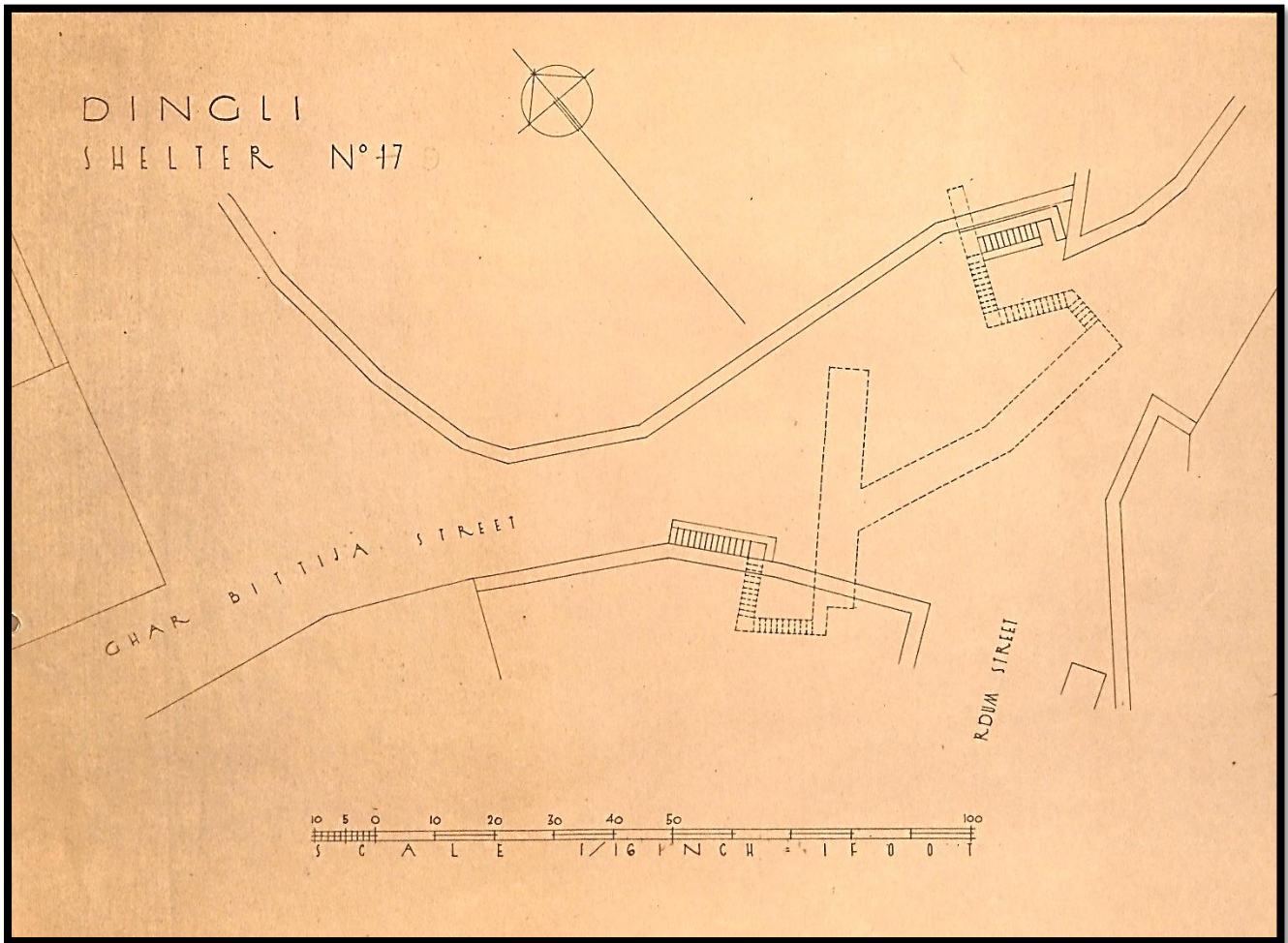


Fig.111 Planta do Abrigo nº 17 (9) "Ghar Bitija Street – Rdem Street"
 *Corresponde ao nº9 da Lista de Dingli

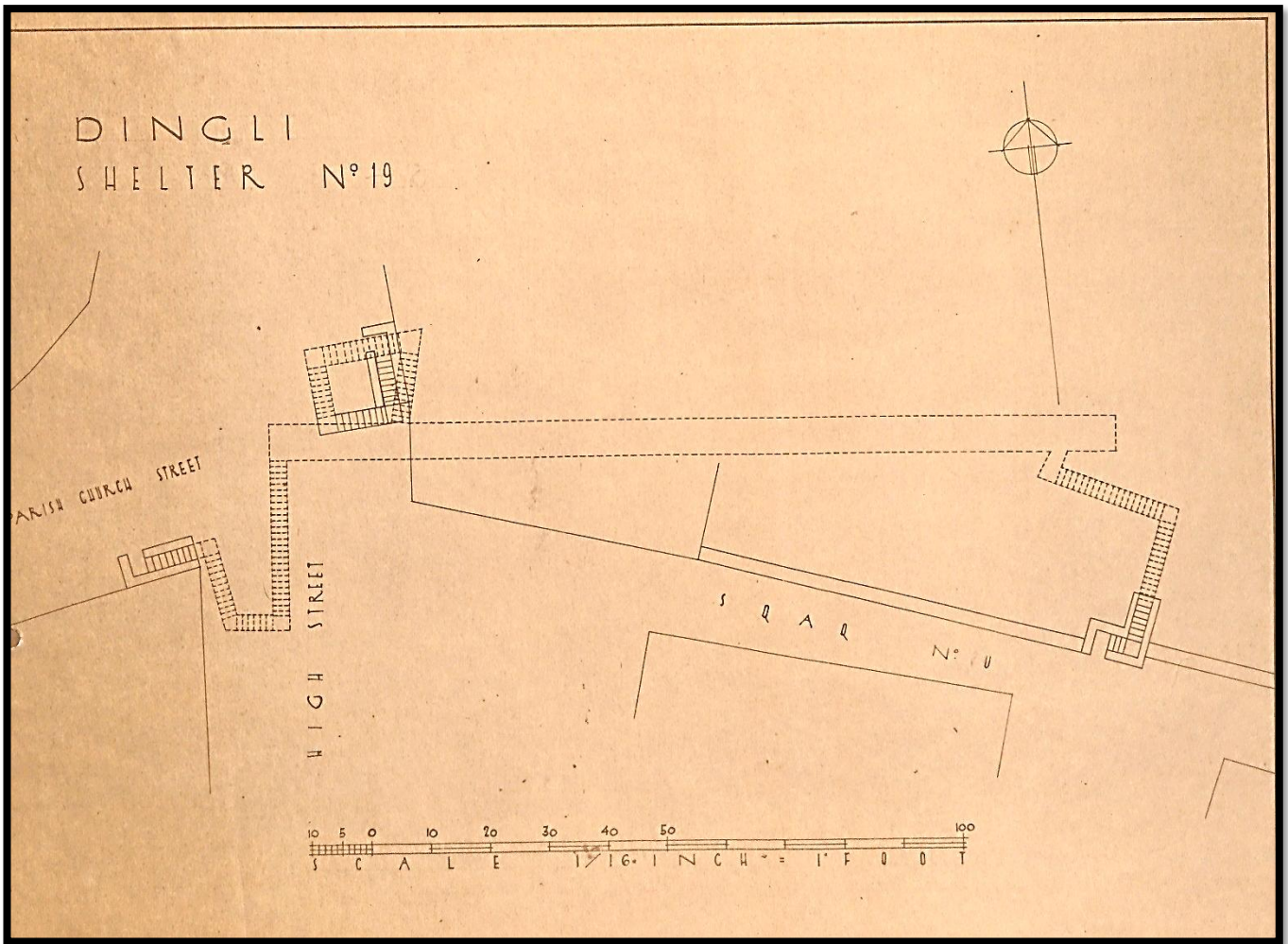


Fig.112 Planta do Abrigo nº 19 (2) "High Street – Parish Church Street."

Ghaghur

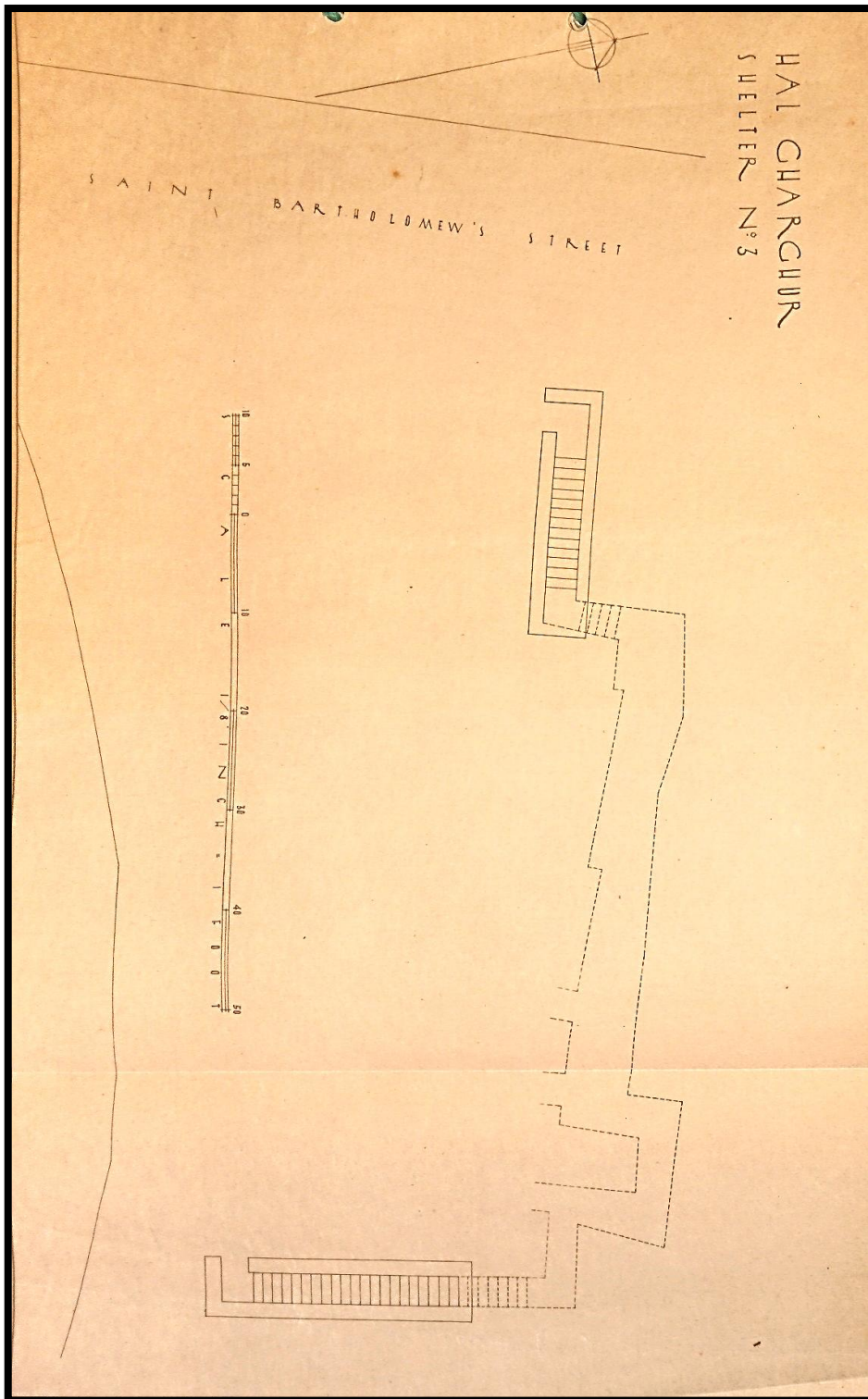


Fig.113 Planta do Abrigo nº3 "Saint Bartholomew's Street."
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings _nº4_Ghaghur" Fig.113 à 121
*Corresponde ao nº5 da Lista de Ghaghur

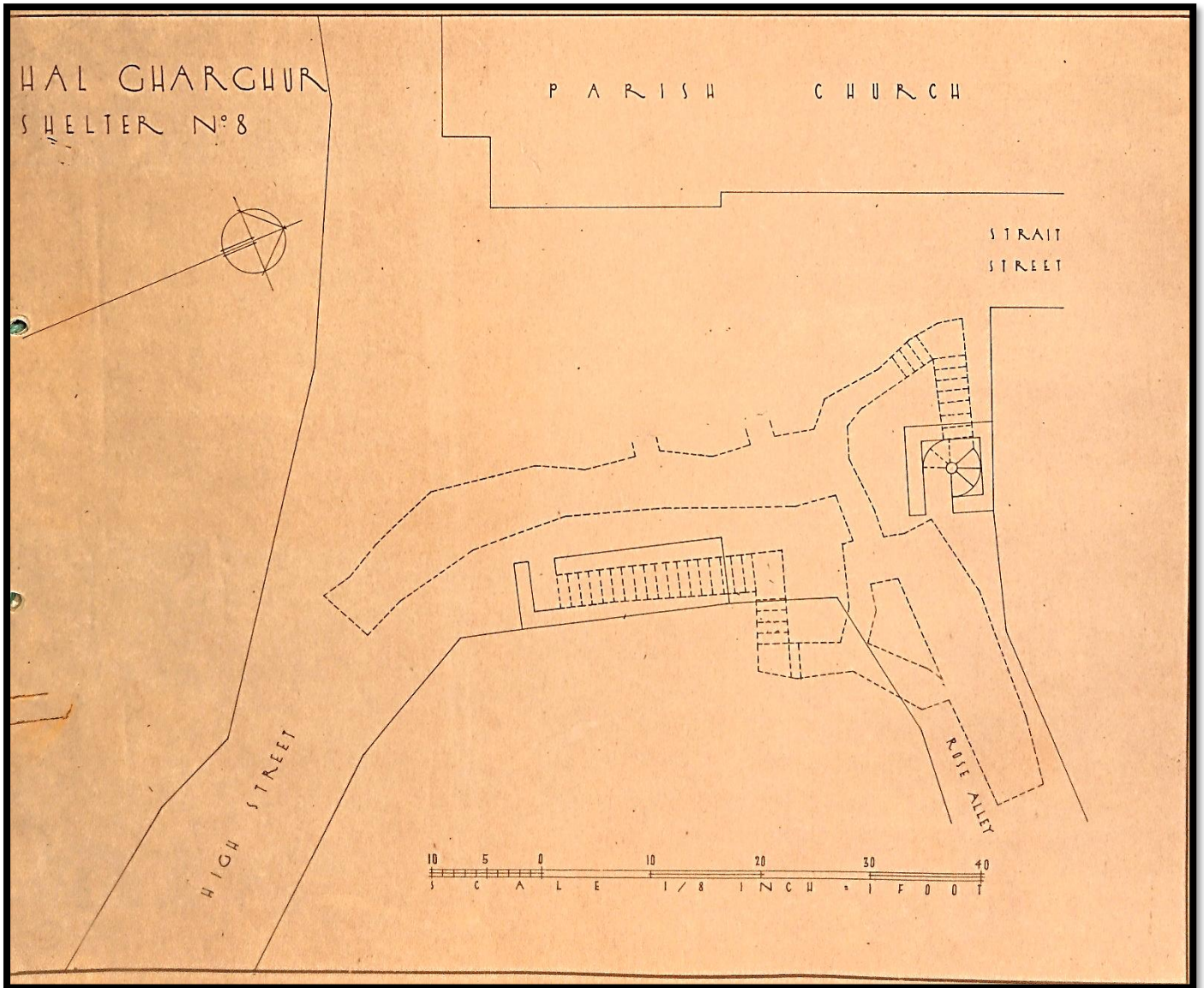


Fig.114 Planta do Abrigo nº8 "High Street – Strait Street."

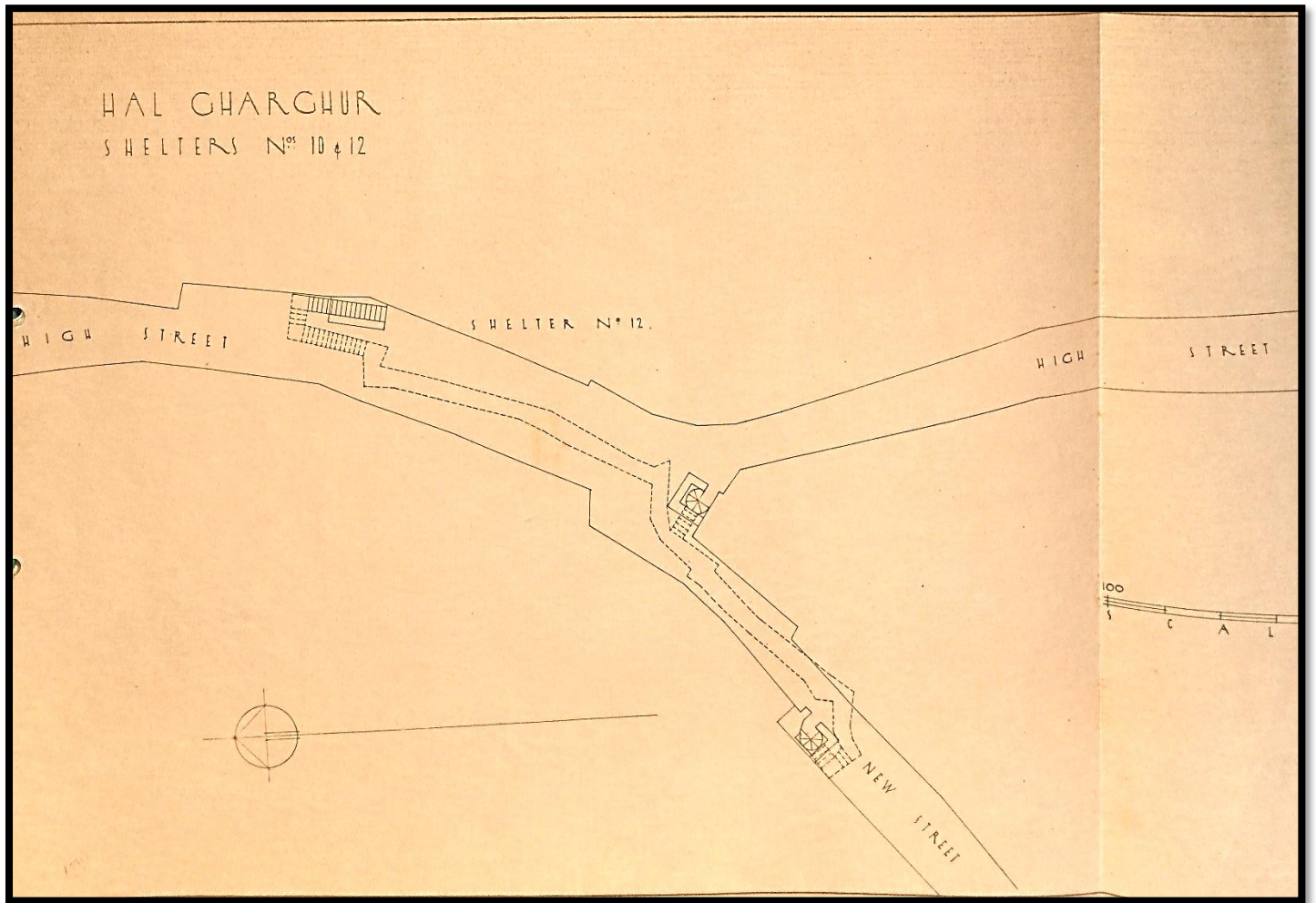


Fig.115 Planta do Abrigo nº10 e 12 "High Street – New Street."

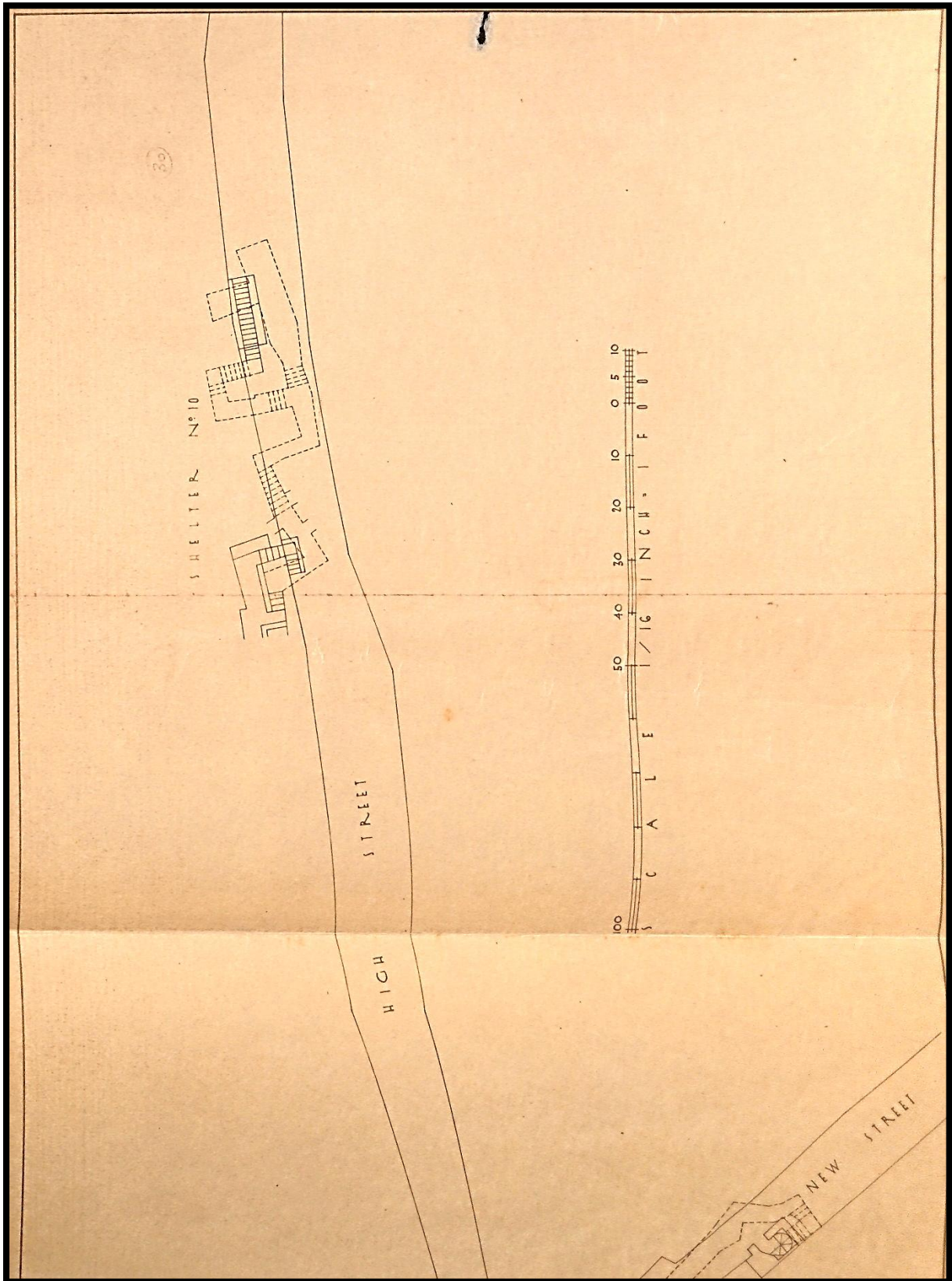


Fig.116 Planta do Abrigo nº 10 e 12 (continuação) "New Street – High Street."

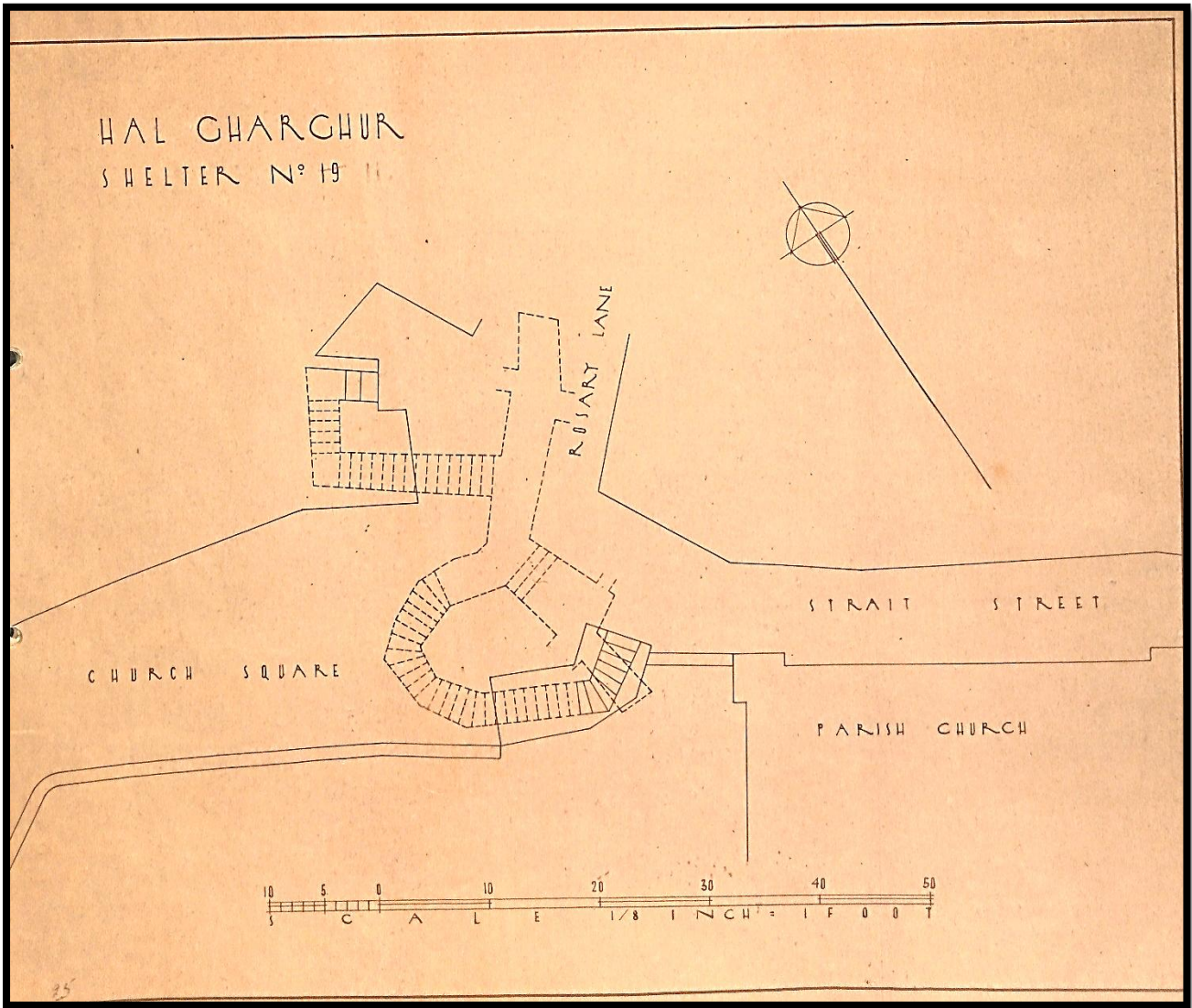


Fig. 117 Planta do Abrigo nº 19 (11) "Church Square – Rosary Lane – Strait Street."

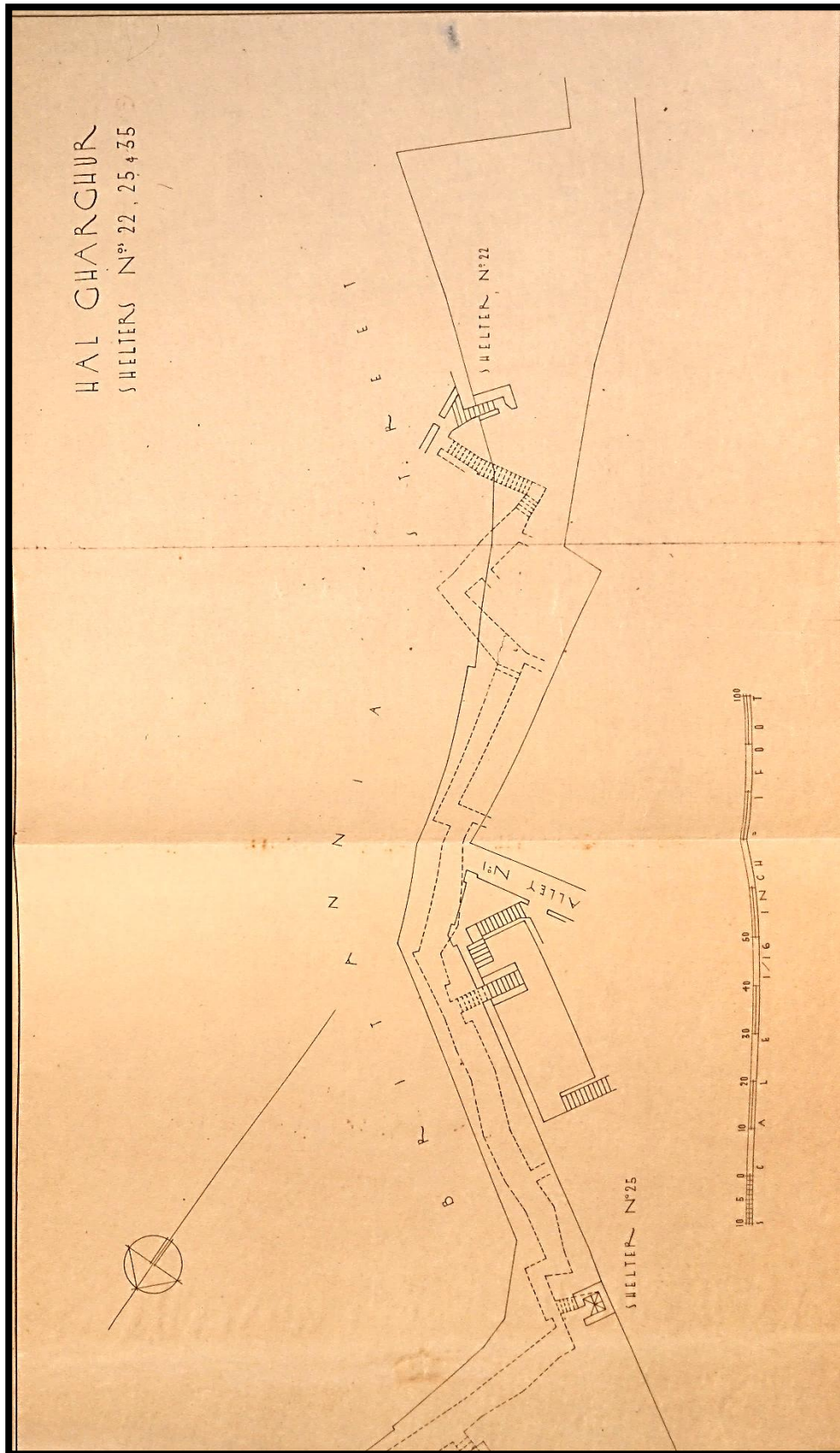


Fig.118 Planta dos Abrigos nº22, 25 e 35 (9) "Britannia Street"

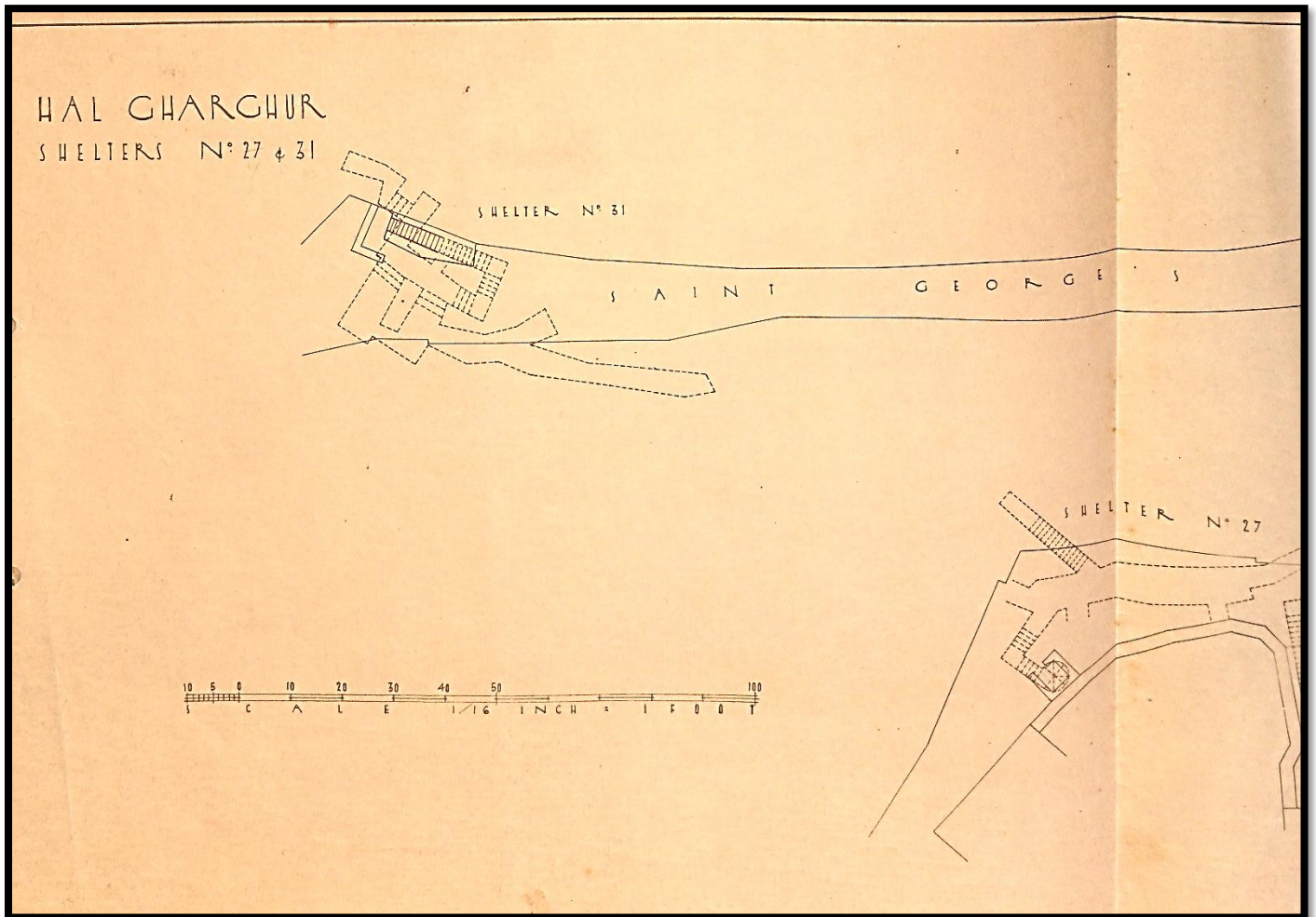


Fig.119 Planta dos Abrigos nº 27 e 31 "Saint George Alley"
*Corresponde ao nº6 e 7 da Lista de Għargħur

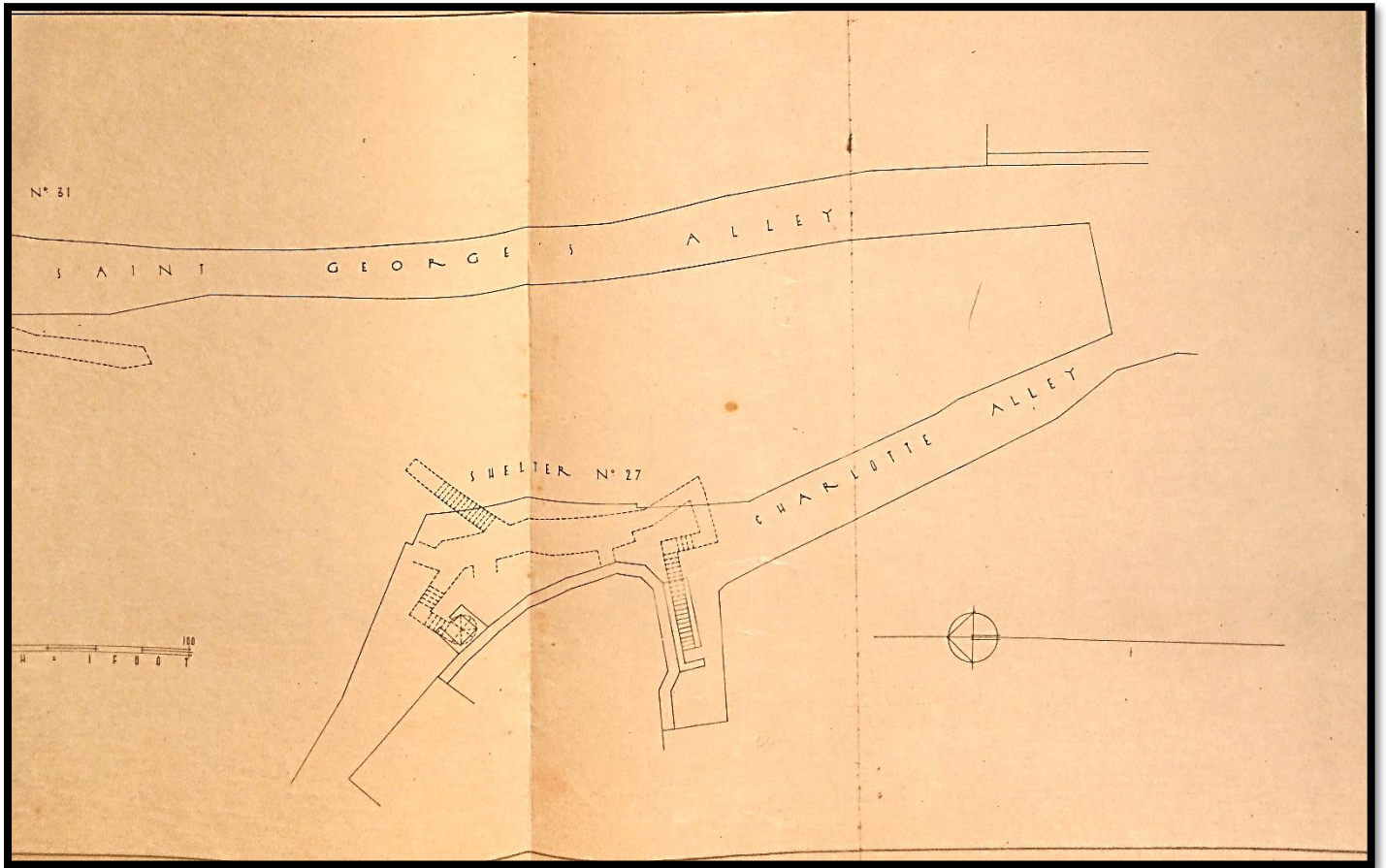


Fig.120 Planta dos Abrigos nº 27 e 31 (continuação) "Saint George Alley – Charlotte Alley"
*Corresponde ao nº6 e 7 da Lista de Gharghur

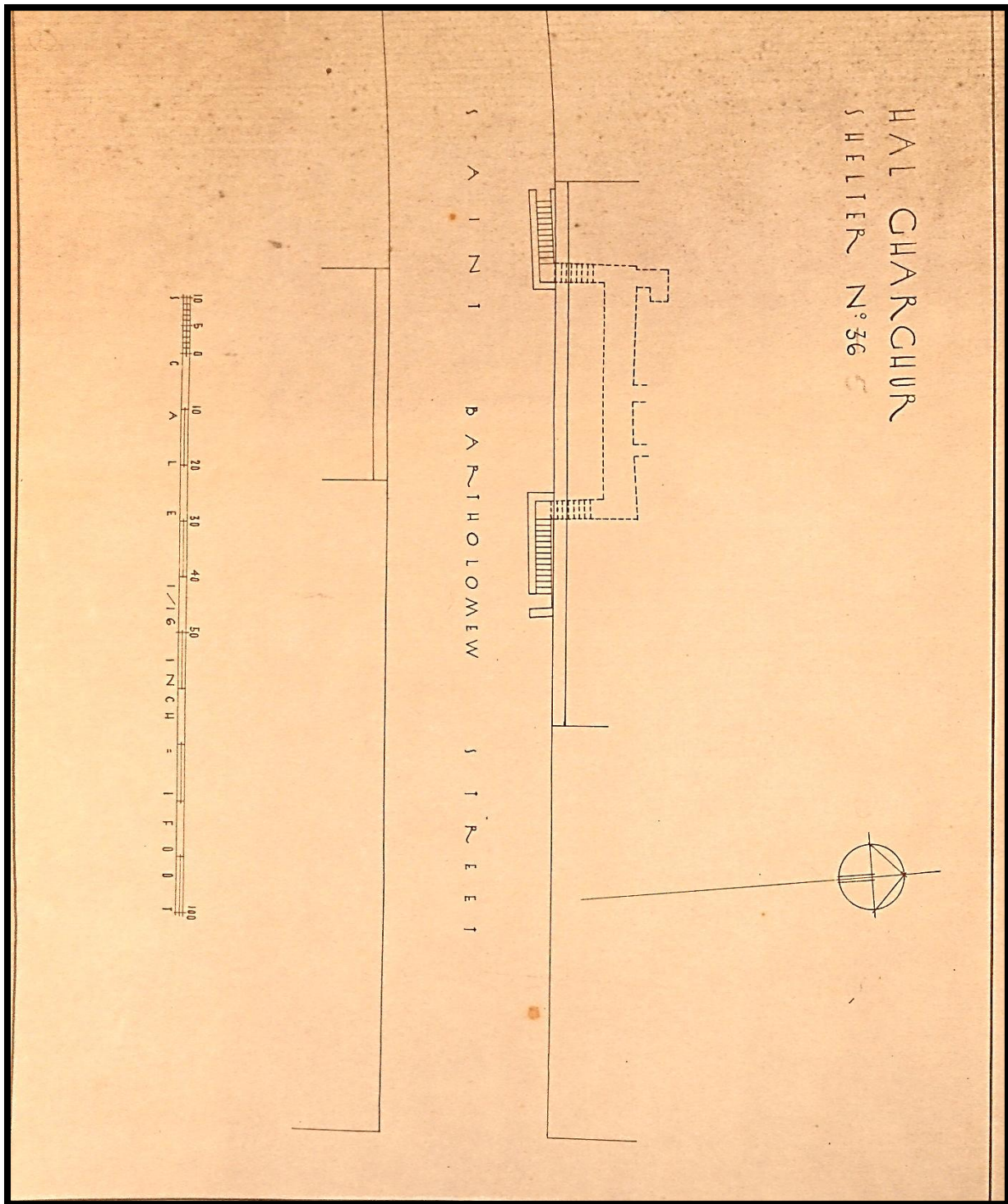


Fig.121 Planta do Abrigo nº36 (5) "Saint Bartholomew Street"
 *Corresponde ao nº5 da Lista de Gharghur

Gudja

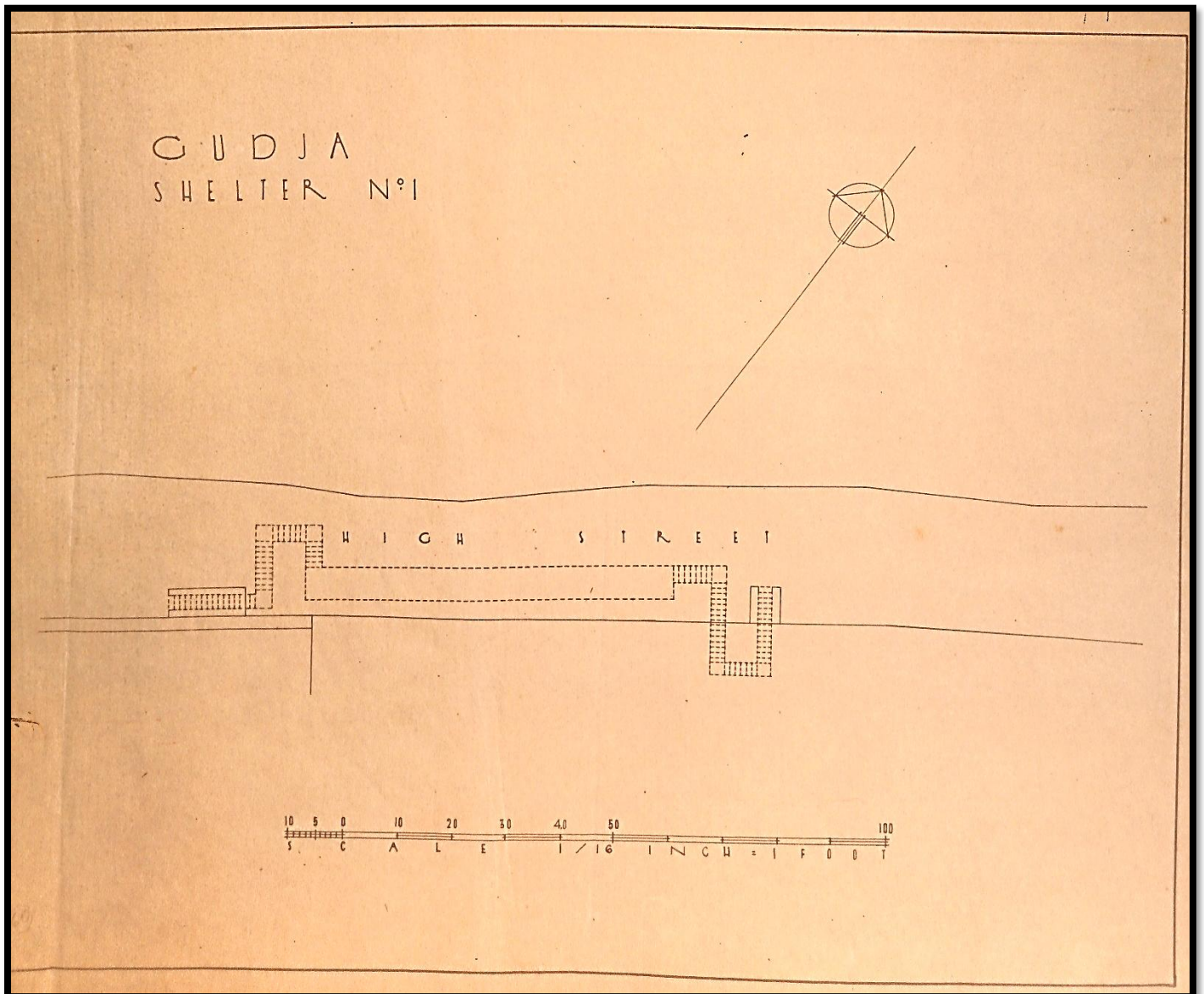


Fig.122 Planta do Abrigo nº1 "High Street"

Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº5_Gudja" Fig.122 à 137

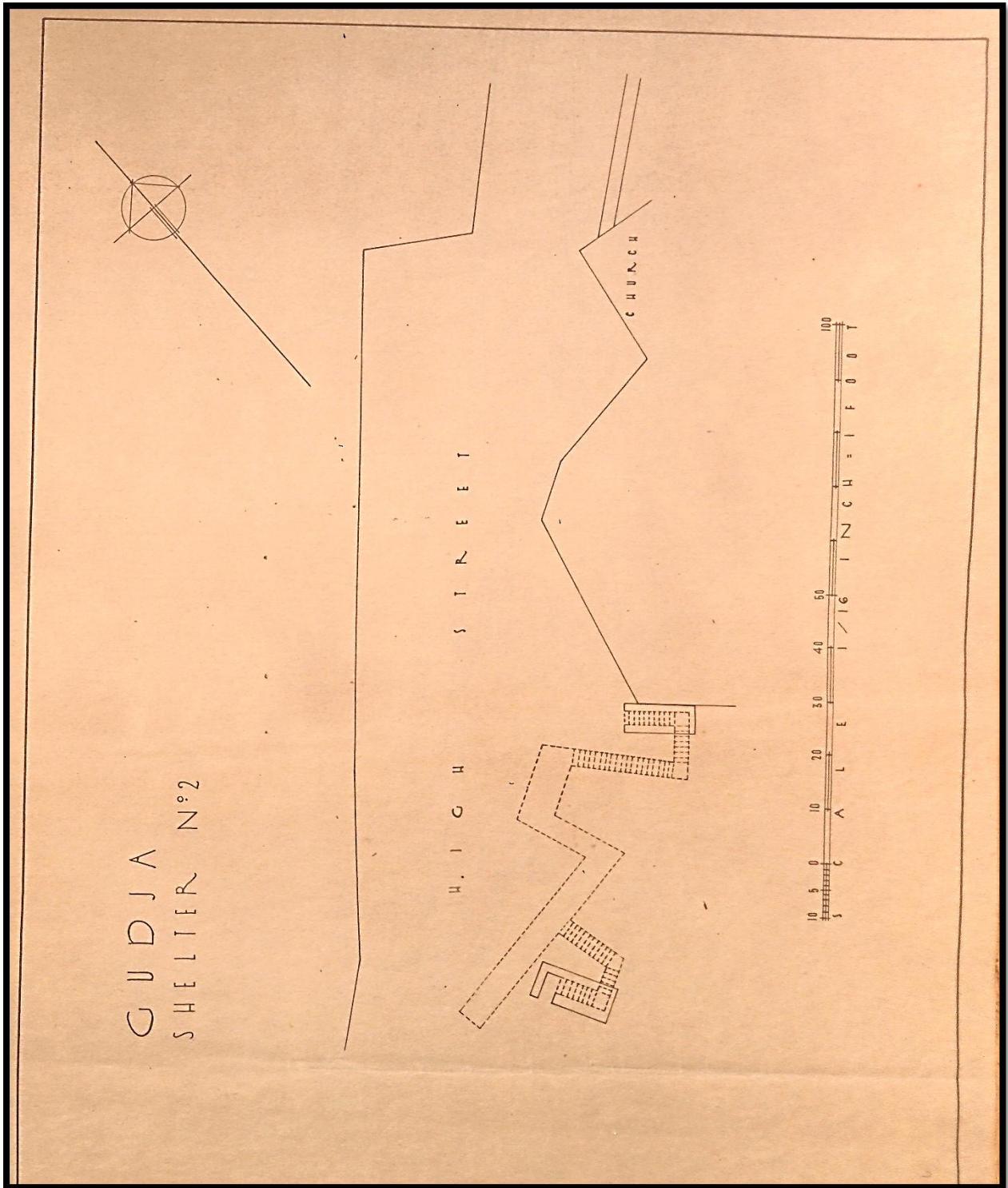


Fig. 123 Planta do Abrigo nº2 "High Street"

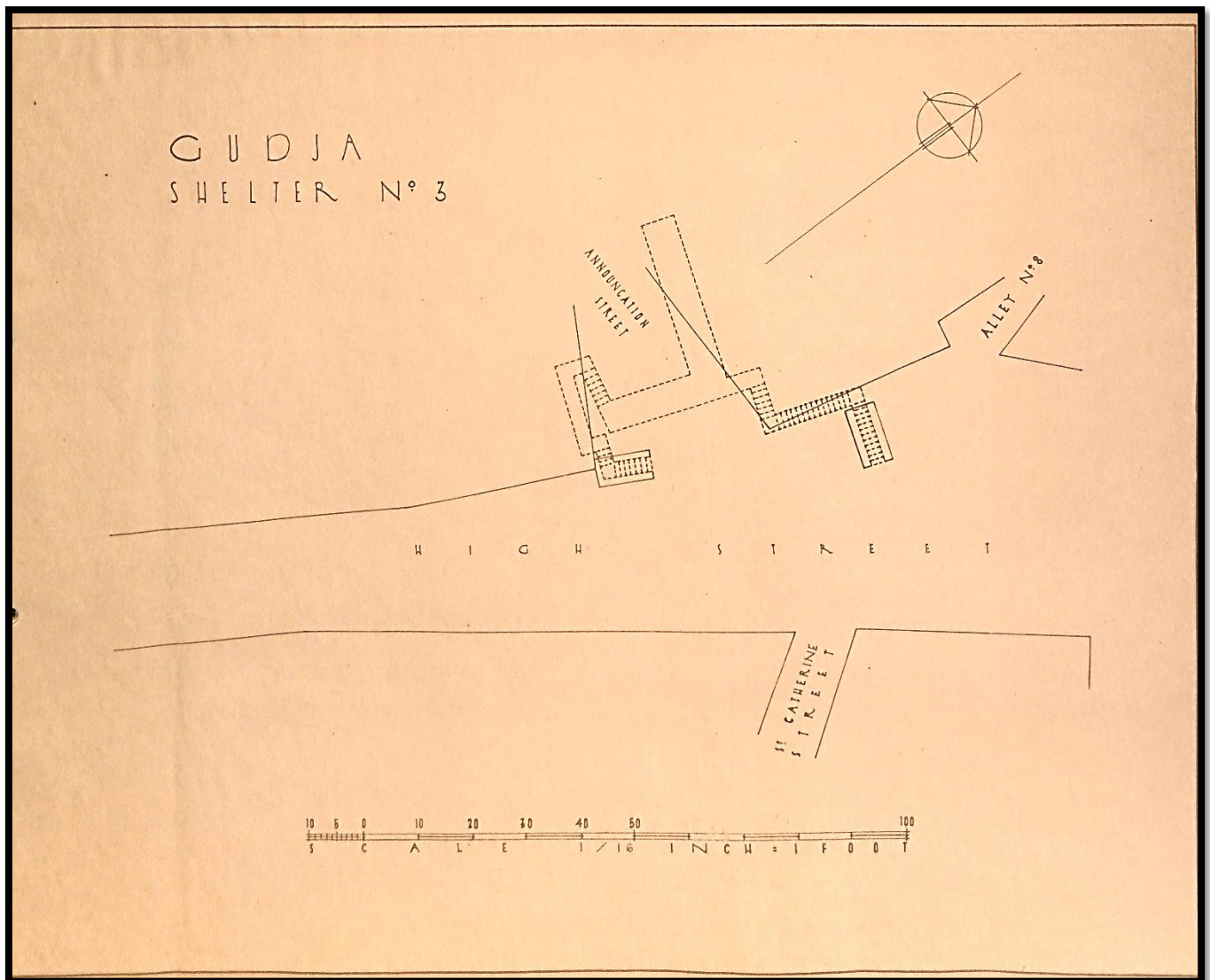


Fig.124 Planta do Abrigo nº3 "Annunciation Street – High Street – Alley nº8."

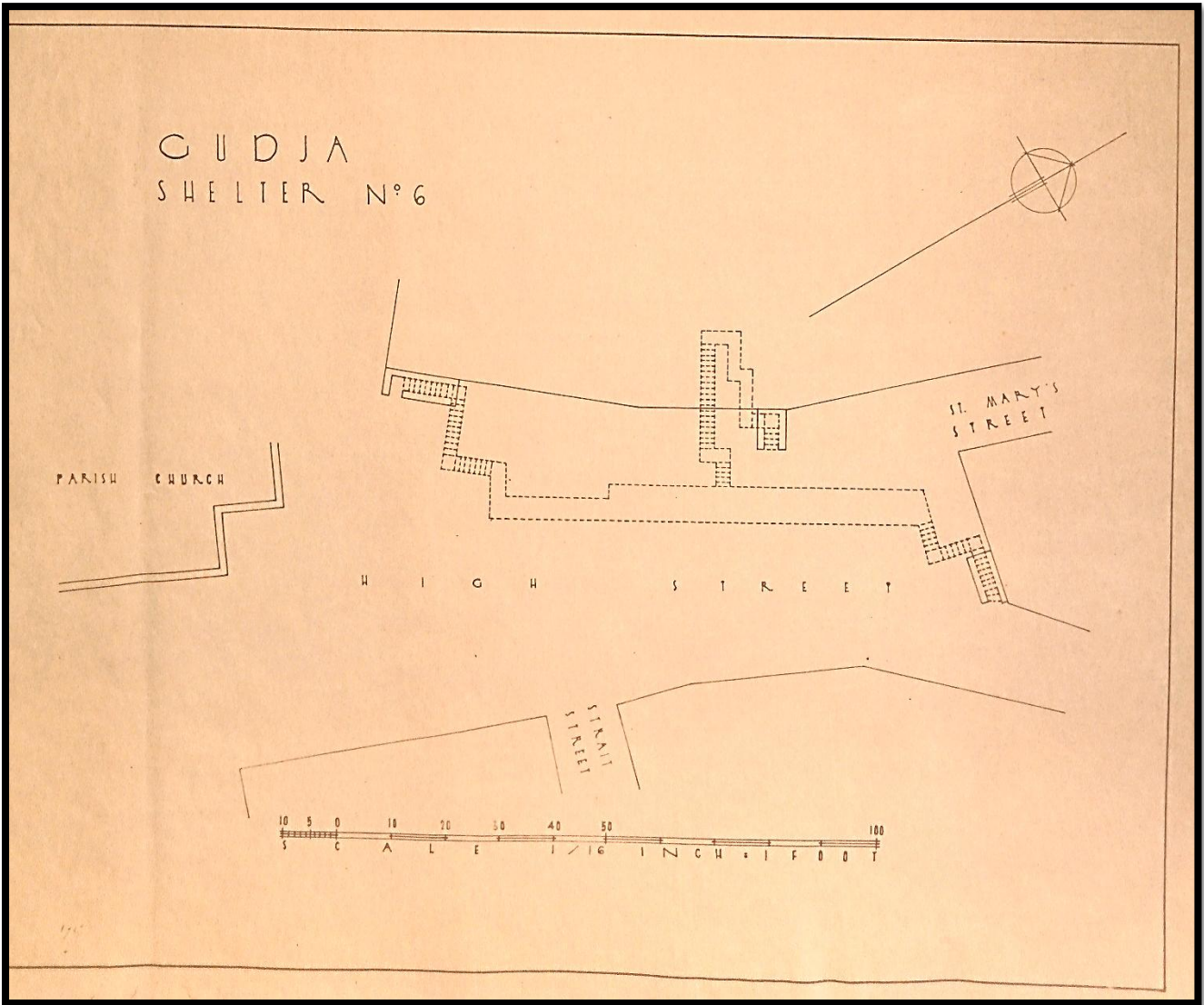


Fig. 125 Planta do Abrigo nº6 "Parish Church – High Street – St. Mary's Street."

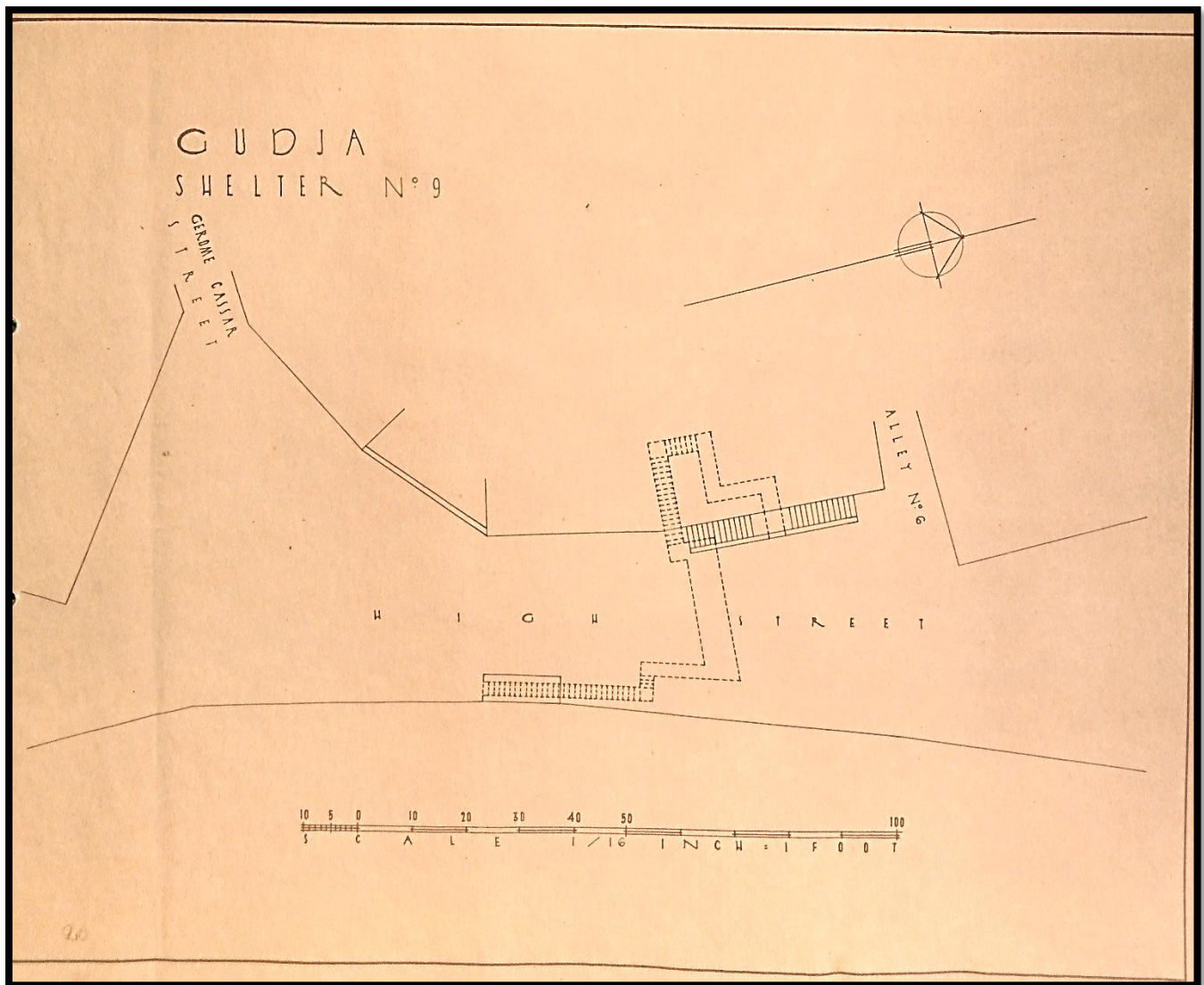


Fig.126 Planta do Abrigo nº9 "Gerome Cassar Street – High Street – Alley nº6."

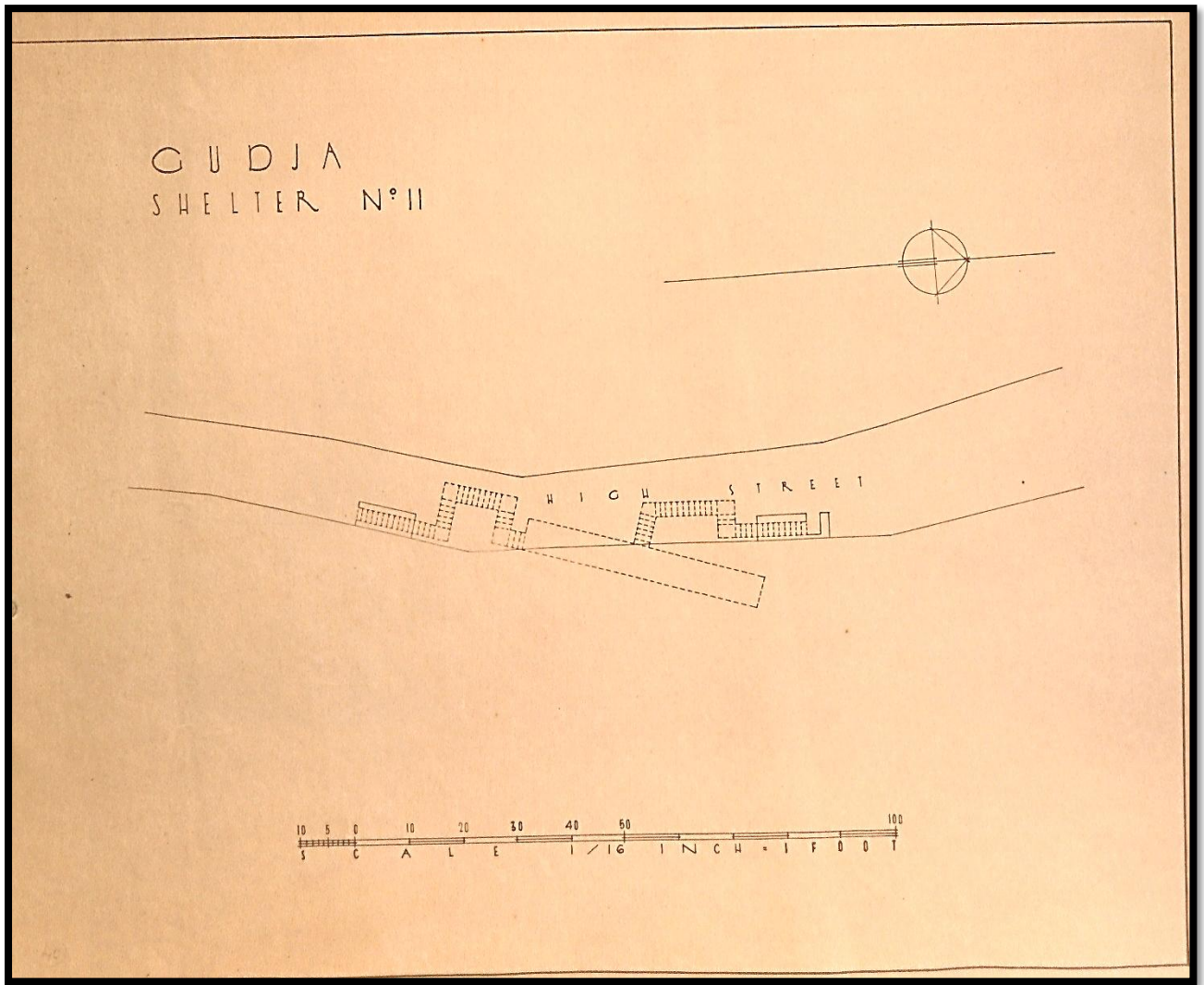


Fig.127 Planta do Abrigo nº11 "High Street."

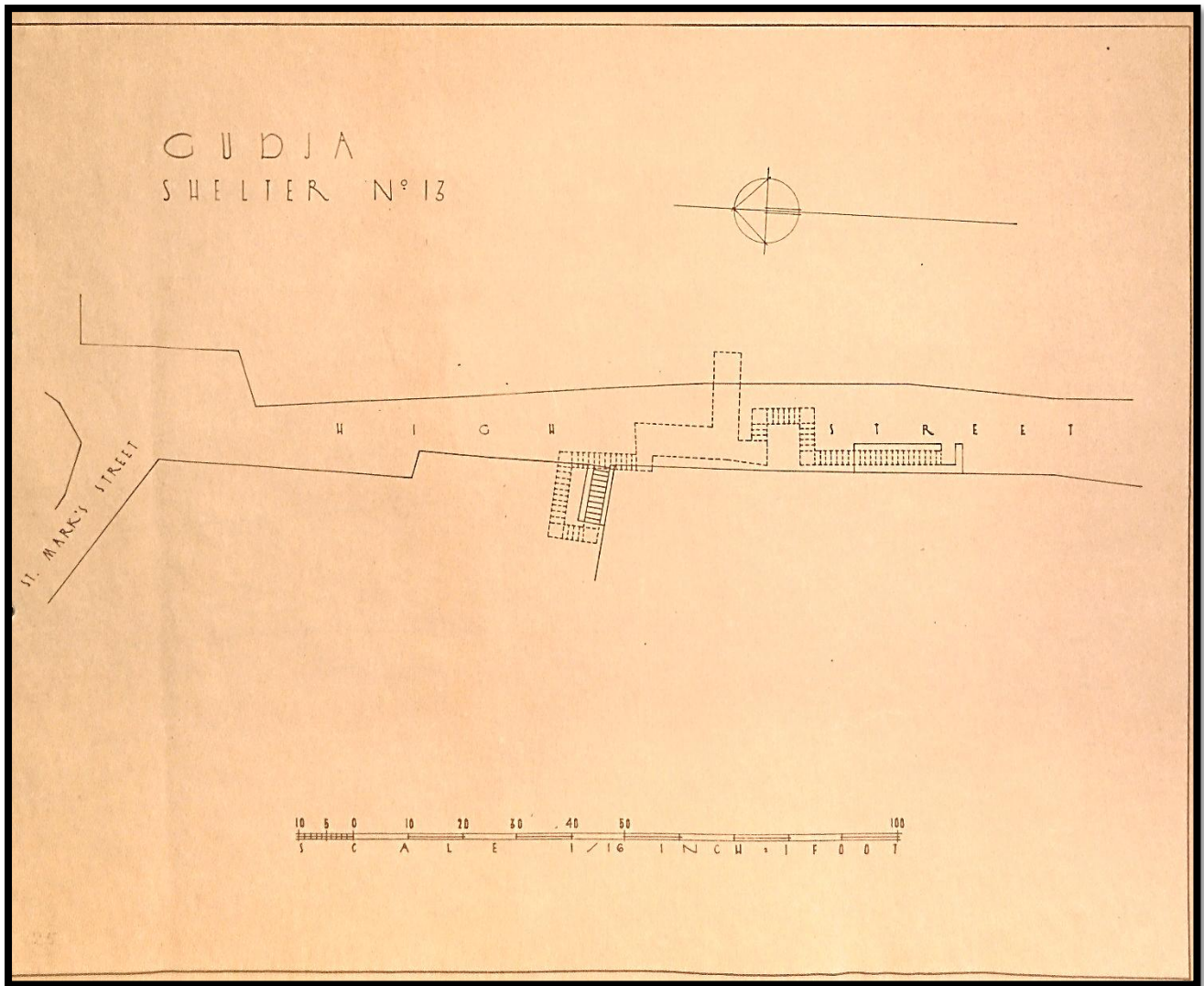


Fig.128 Planta do Abrigo nº13 "St. Mark's Street – High Street."

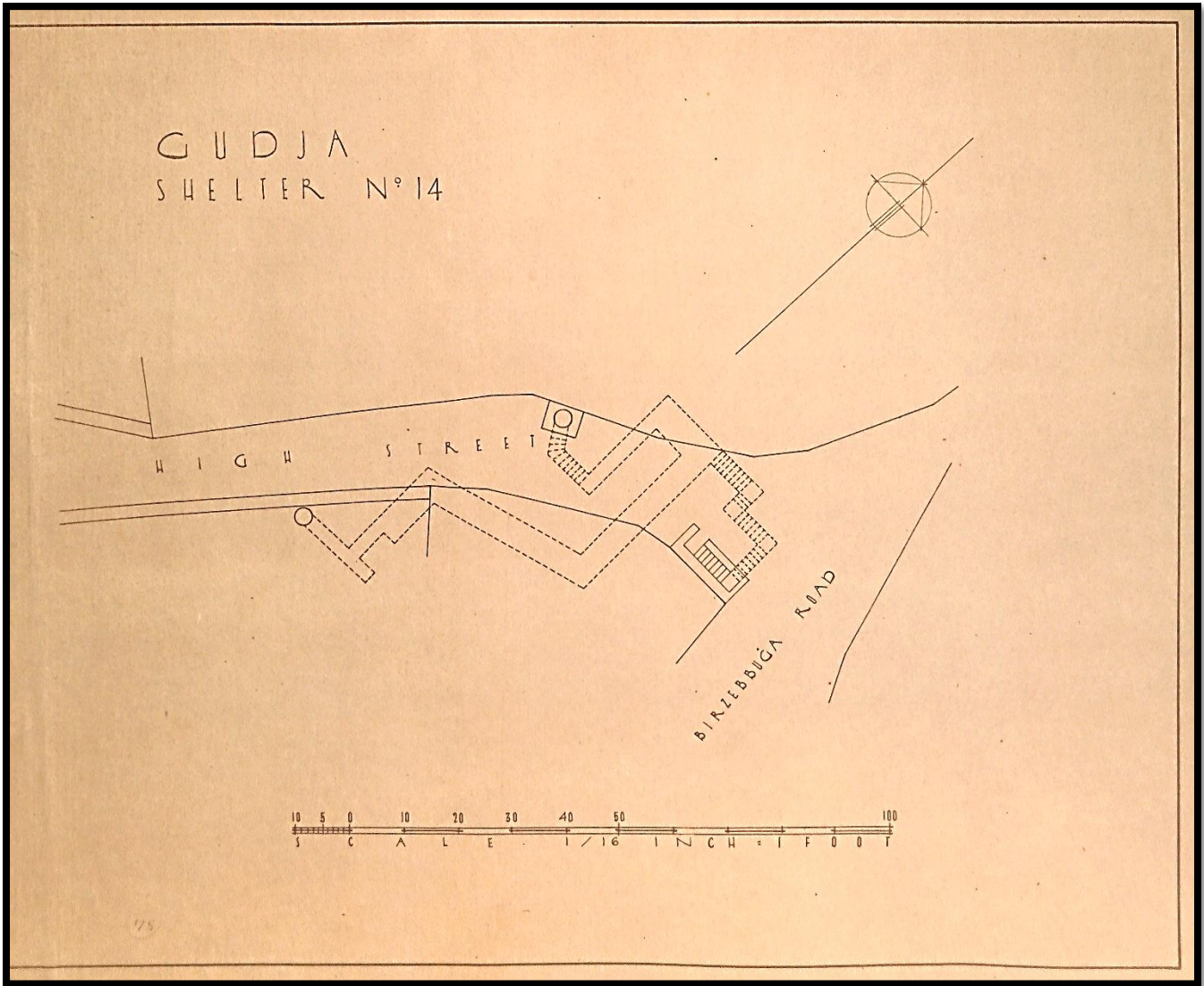


Fig.129 Planta do Abrigo nº14 "High Street - Birzebbuga Road."

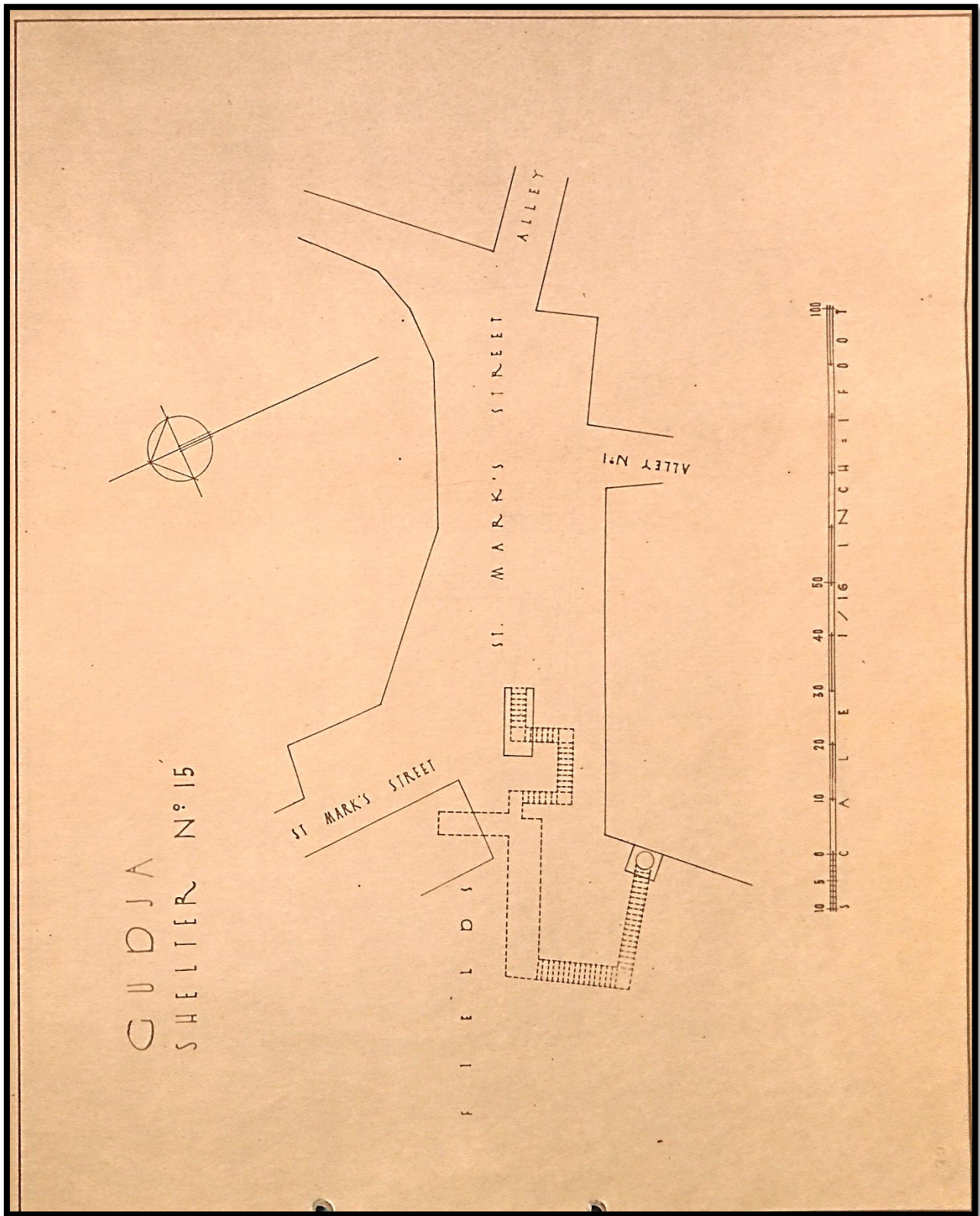


Fig.130 Planta do Abrigo nº15 "St. Mark's Street. – Alley nº1"

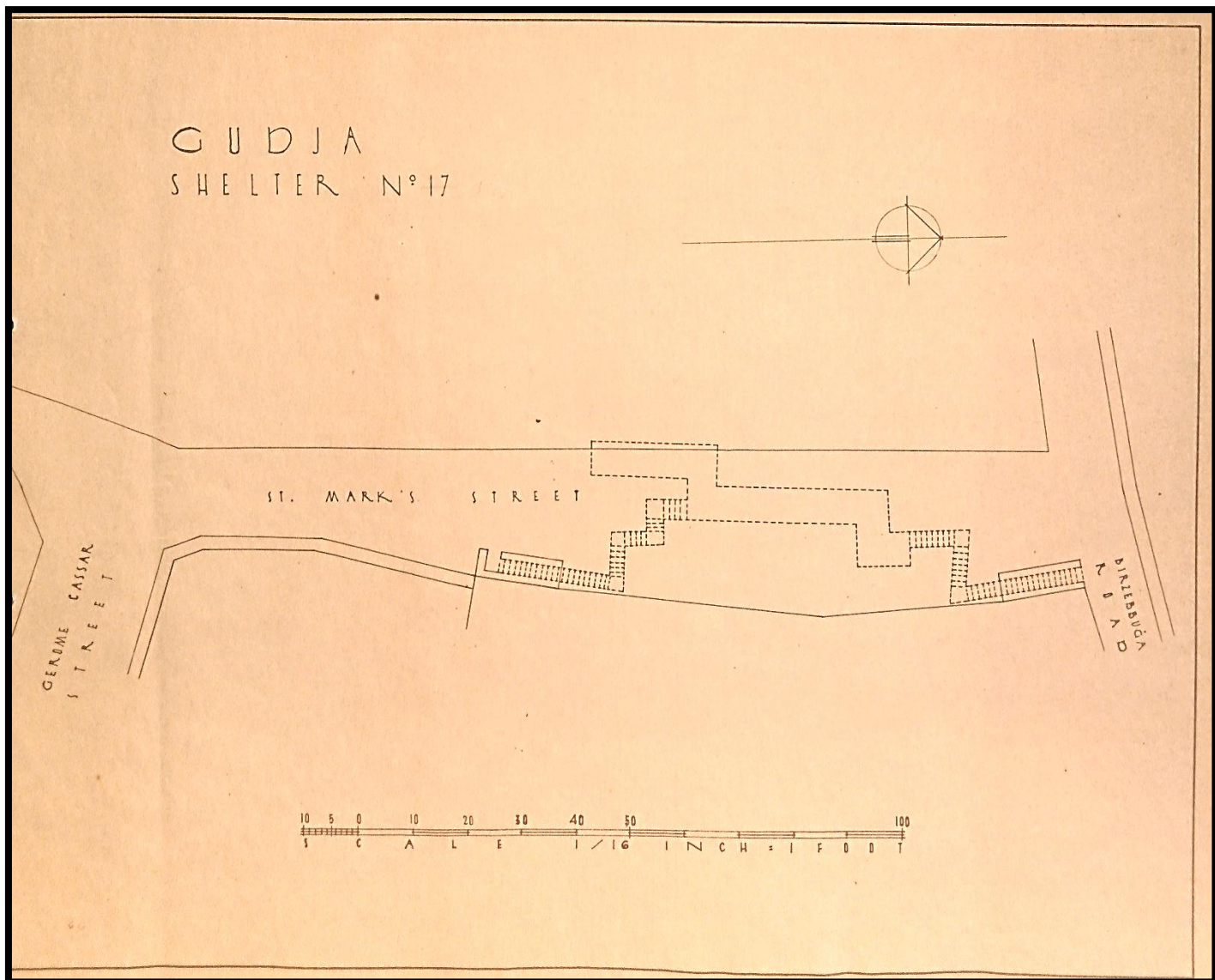


Fig.131 Planta do Abrigo nº17 "Gerome Cassar Street – St. Mark's Street – Birzebbuga Street."

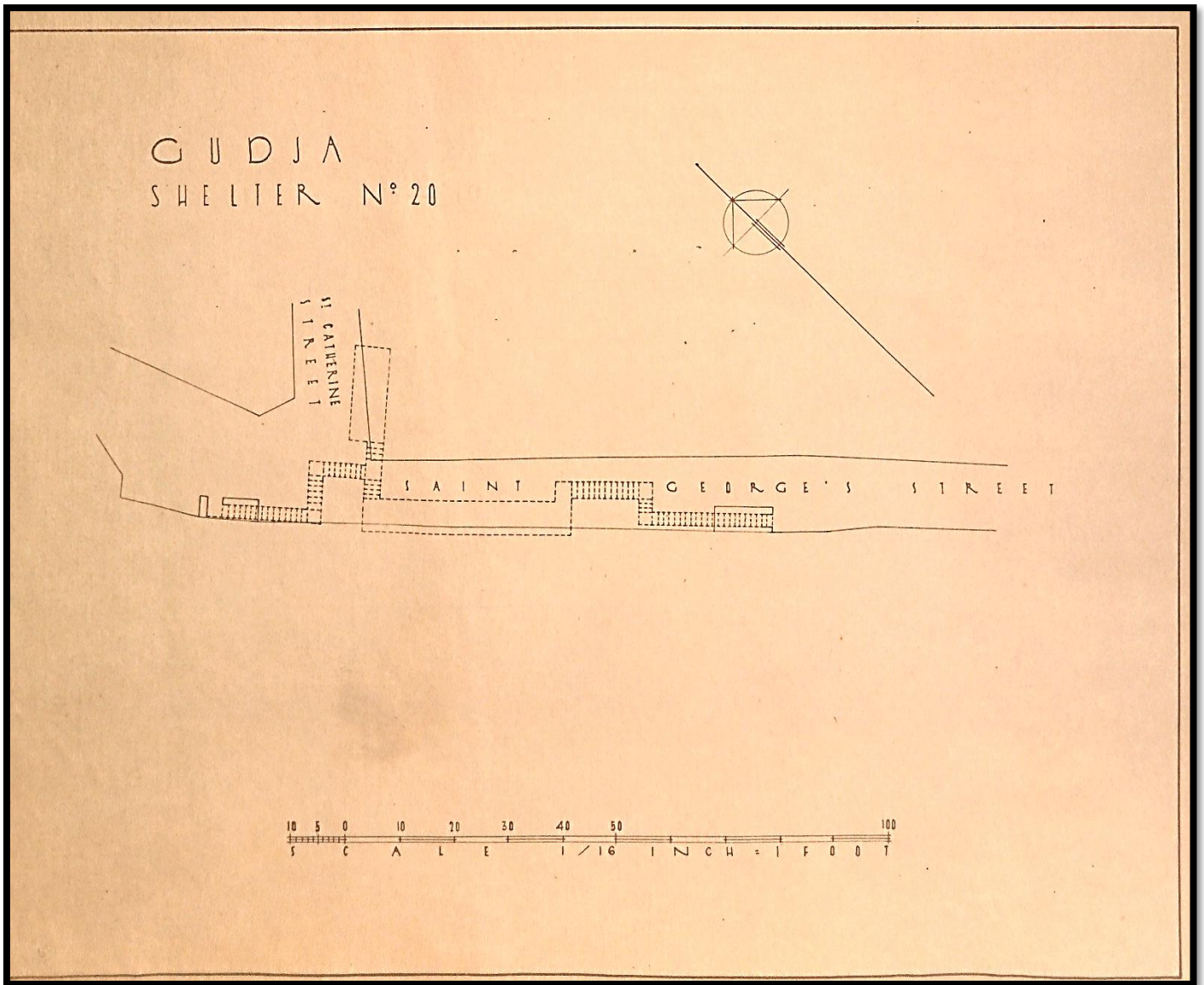


Fig.132 Planta do Abrigo nº20 "St. Catherine Street – Saint George's Street."
 *Corresponde ao nº8 e 10 da Lista de Gudja

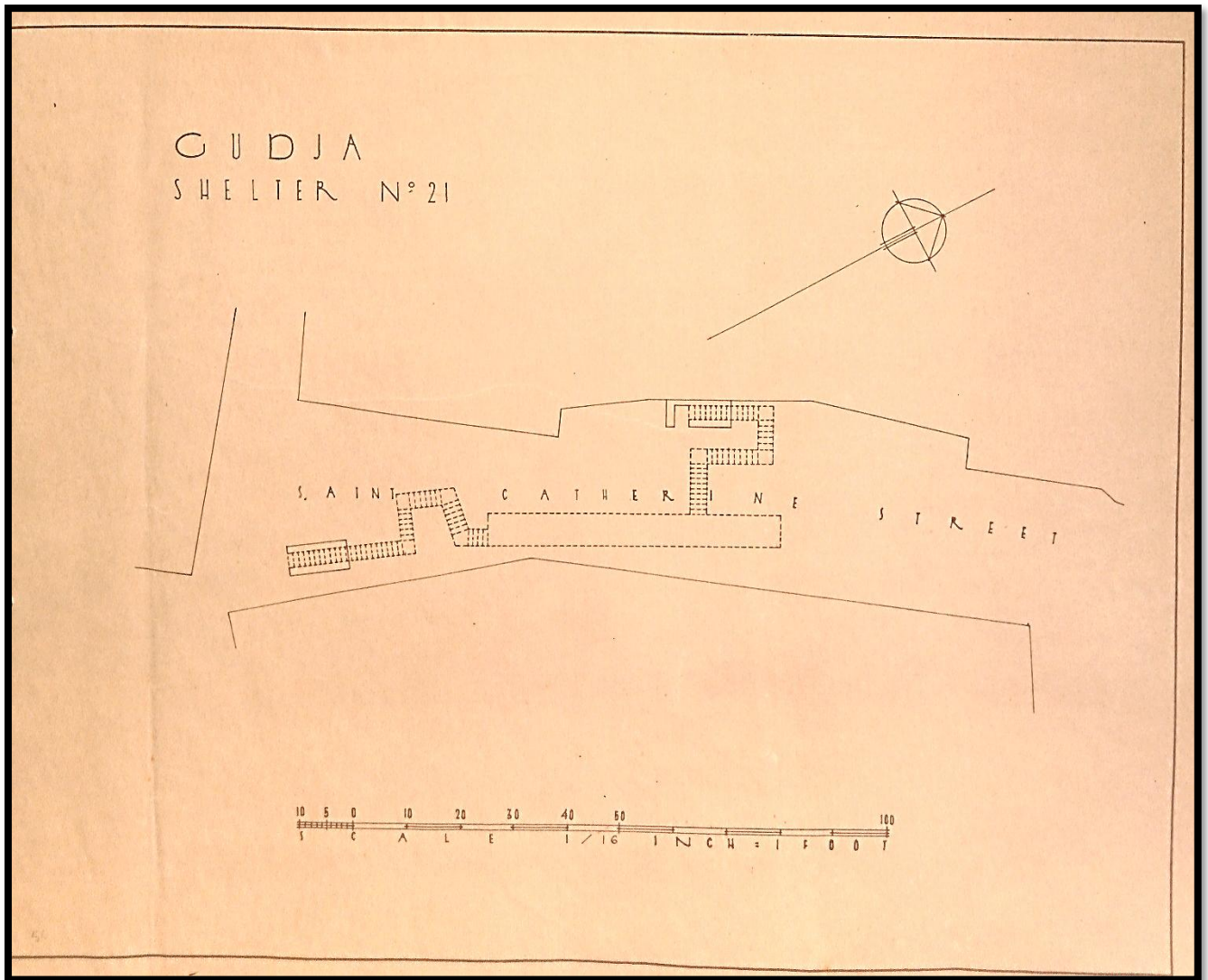


Fig.133 Planta do Abrigo nº21 "Saint Catherine Street."
*Corresponde ao nº8 da Lista de Gudja

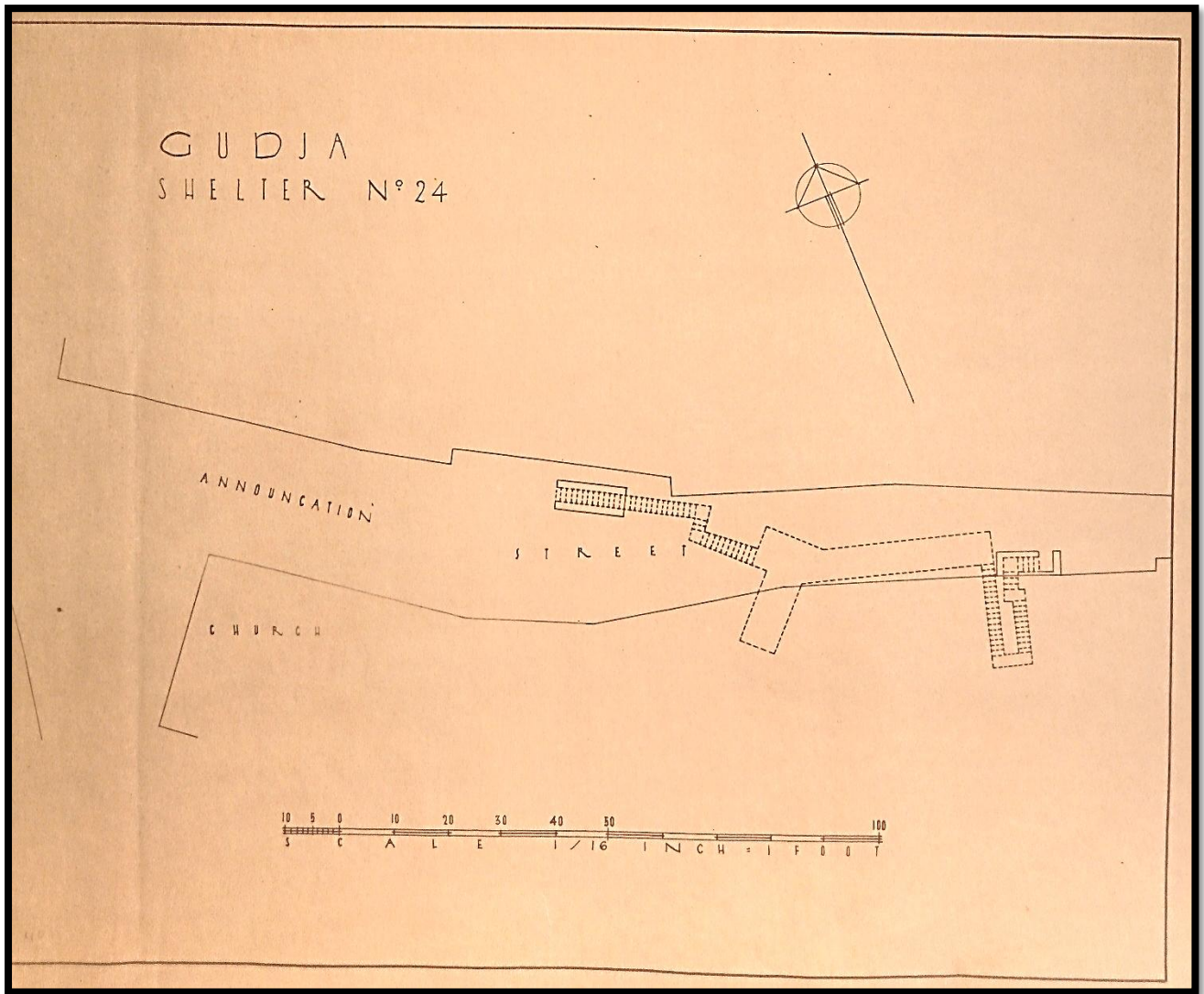


Fig.134 Planta do Abrigo nº24 "Annunciation Street – Church."
*Corresponde ao nº7 da Lista de Gudja

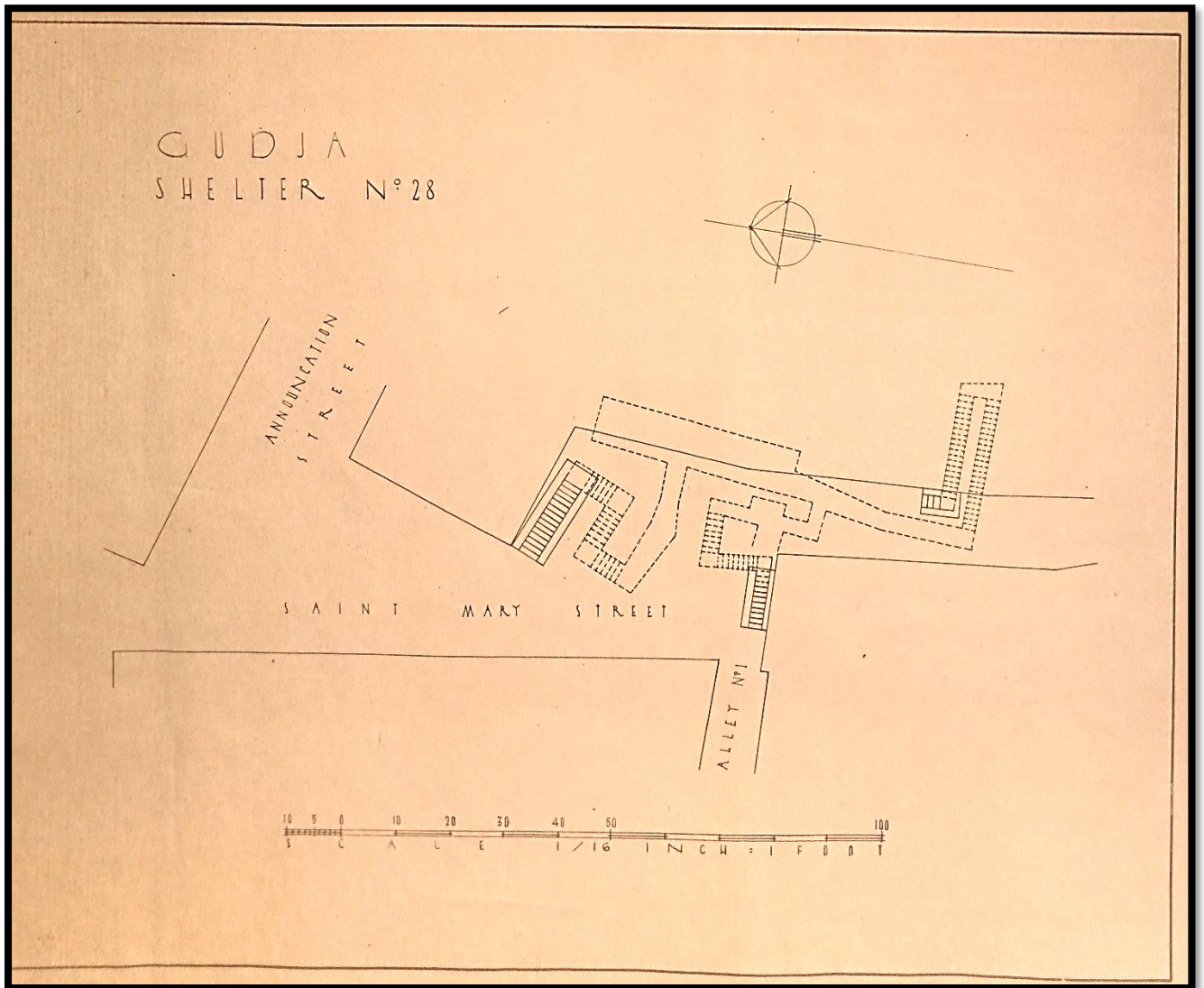


Fig.135 Planta do Abrigo nº28 "Annunciation Street – Saint Mary Street – Alley nº1"
*Corresponde ao nº4 da Lista de Gudja

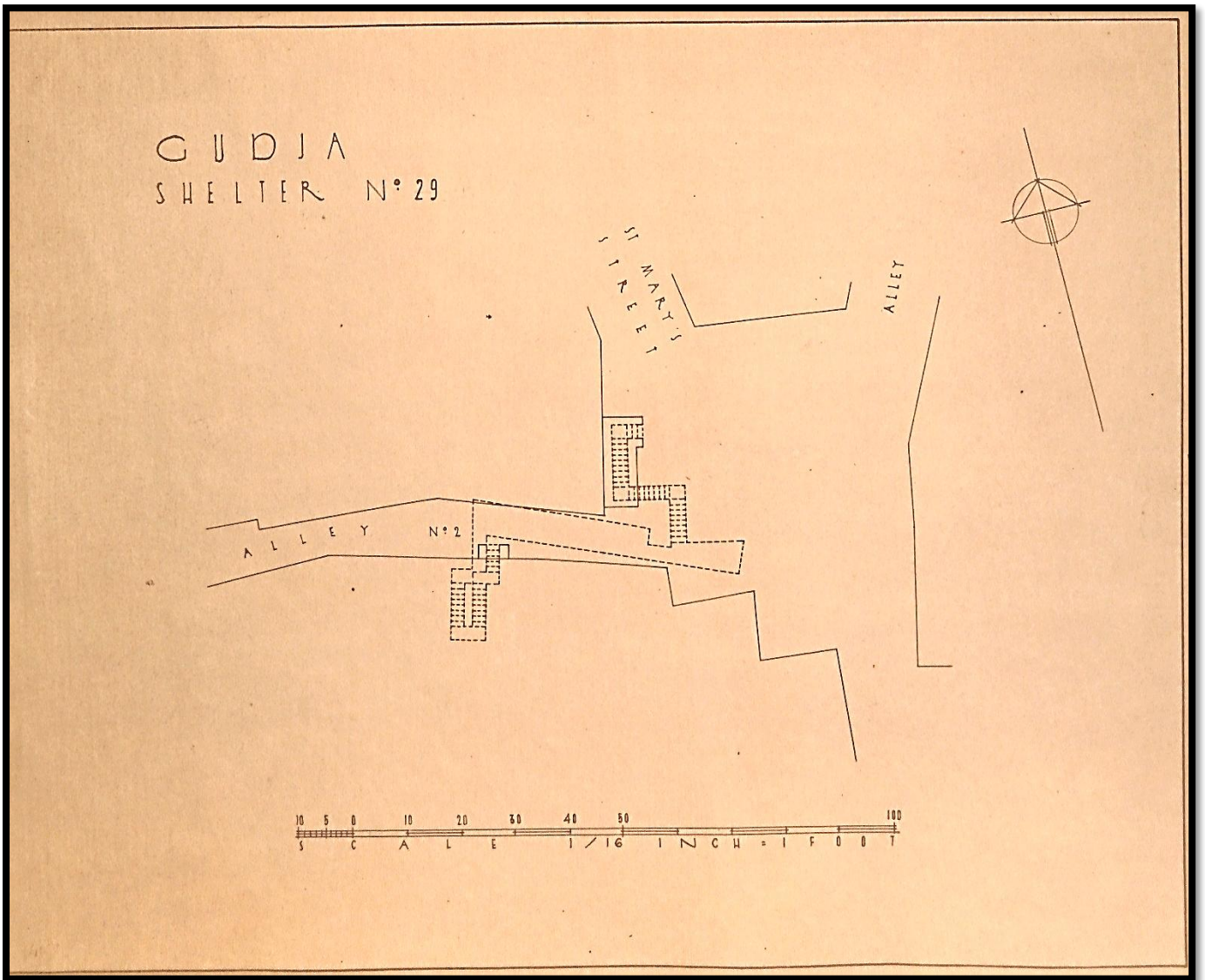


Fig.136 Planta do Abrigo nº29 "Alley – St.Mary's Street – Alley nº1"
 *Corresponde ao nº4 da Lista de Gudja

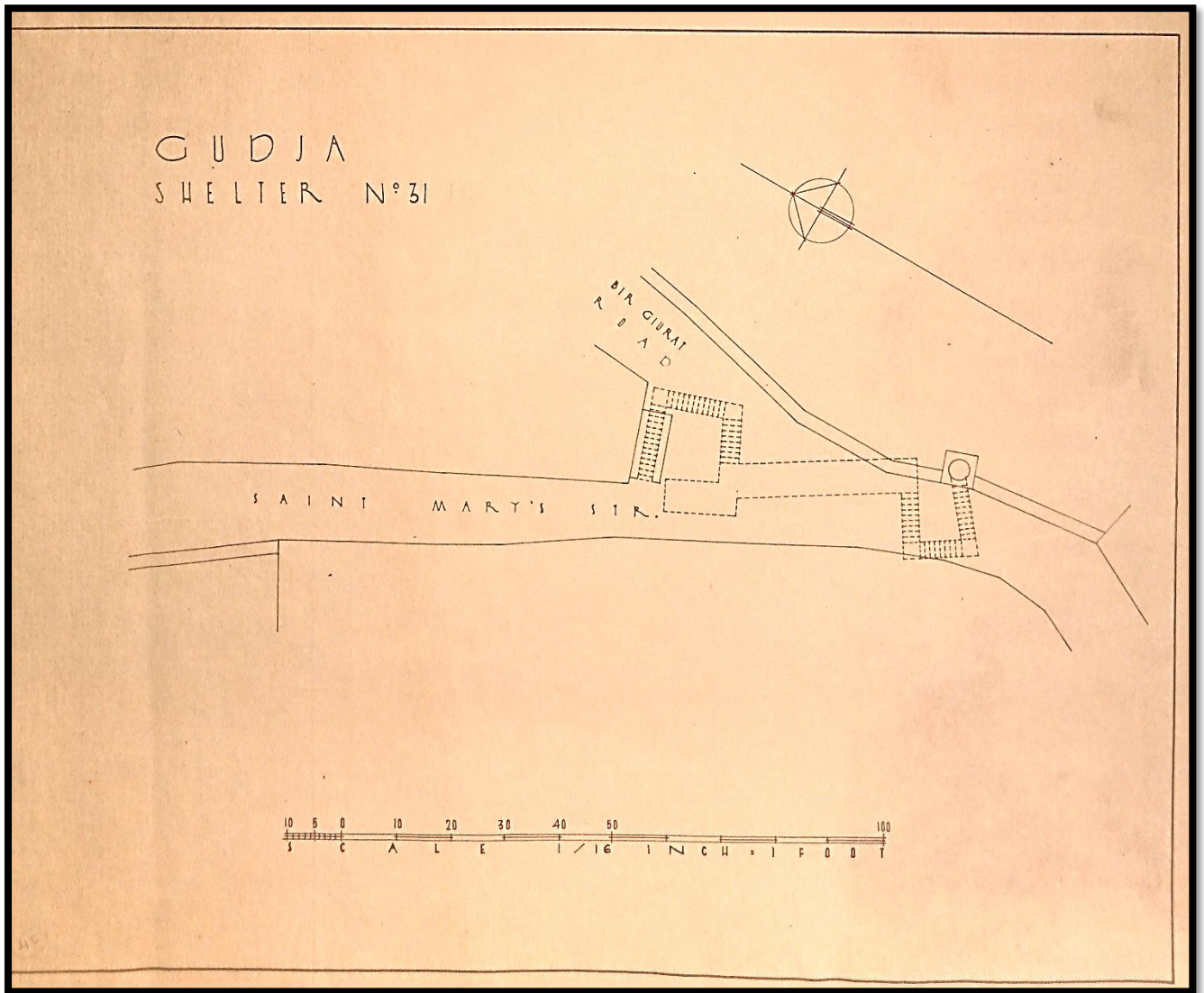


Fig.137 Planta do Abrigo nº31 "Saint Mary's Str."
 *Corresponde ao nº12 da Lista de Gudja

Kalkara e Marsaskala

Kalkara

— K A L K A R A. (PLAN N°5) —
— I N D E X. —

STREET.	FOL
B. ST BAPTIST STREET	1.
J. ST JOSEPH'S STREET	2.
R. RINELLA STREET	3.
RINELLA STREET ROUND P. CHURCH.	3.
S. THE STRAND.	4.

Fig.138 Index dos Abrigos de Guerra de Kalkara

Fonte: NAM_ "CDE_Blue_Prints_of_Shelters_n°17_Kalkara/Marsaskala" Fig.138 à 142; Marsaskala Fig.143 à 146

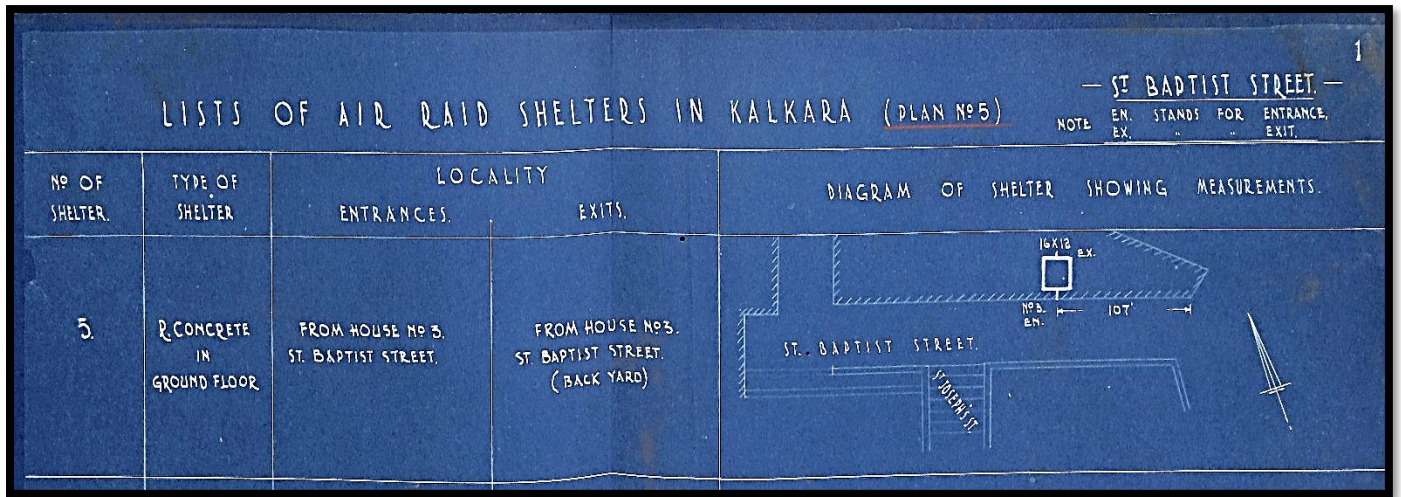


Fig.139 Abrigo em Kalkara "St. Baptist Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
5	R. Concrete in Ground Floor	From House nº3. St. Baptist Street	From House nº3. St. Baptist Street (back yard)

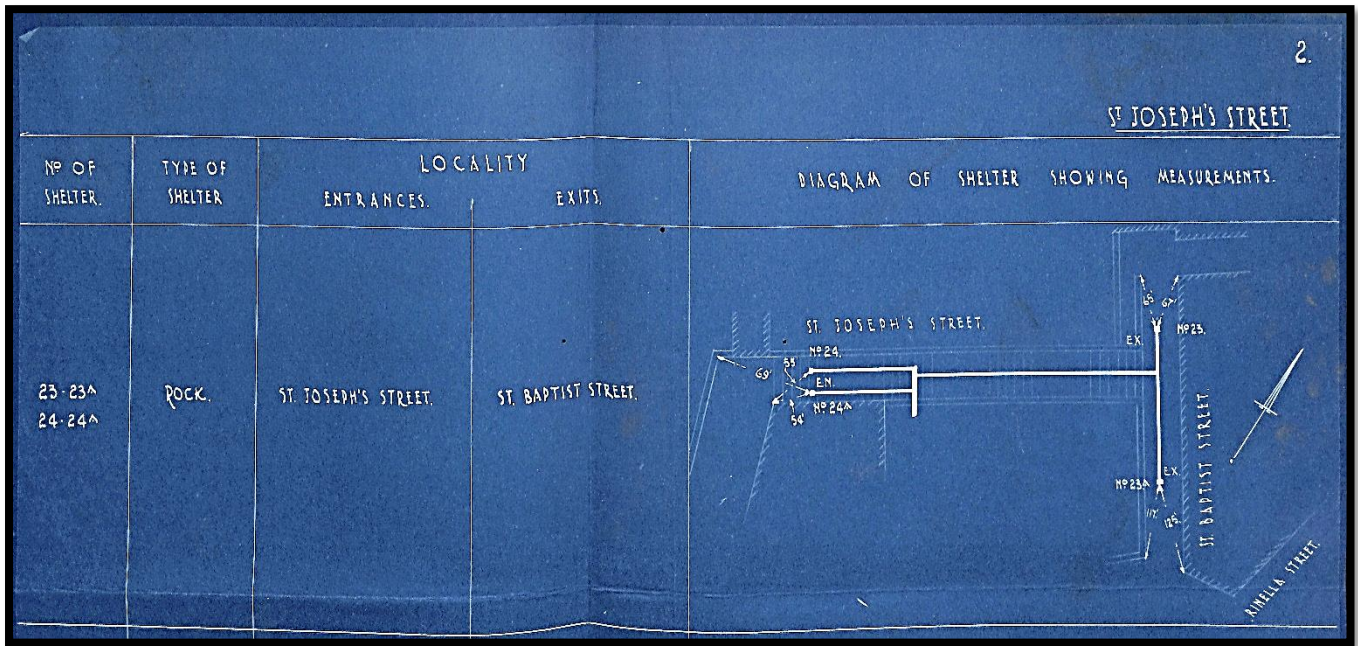


Fig.140 Abrigo em Kalkara "St. Joseph's Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
23 – 23A	Rock	St. Joseph's Street	St. Baptist Street
24 – 24A	Rock	St. Joseph's Street	St. Baptist Street

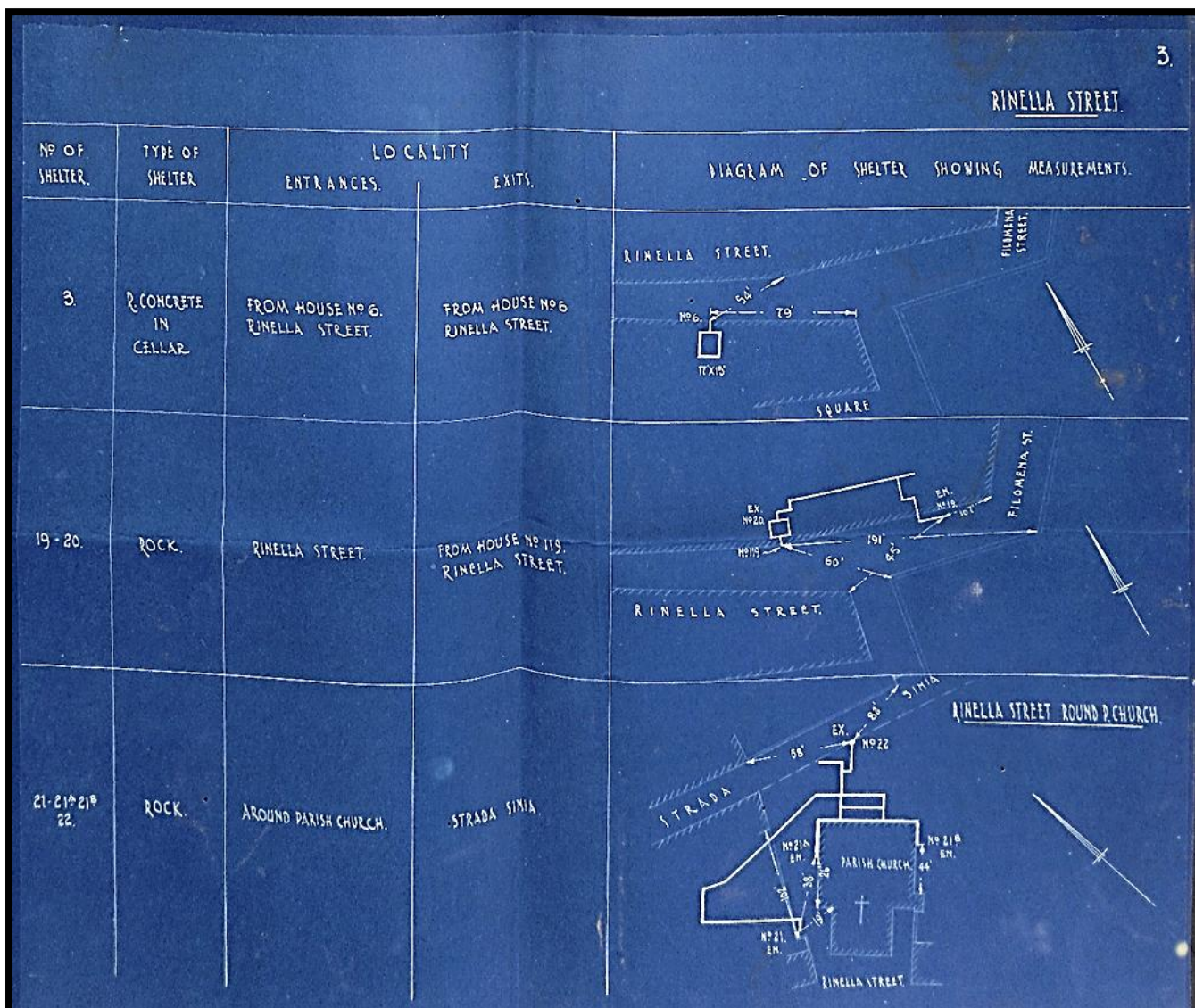


Fig.141 Abrigos de Kalkara "Rinella Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
3	R. Concrete in Cellar	From House nº6 Rinella Street	From House nº6 Rinella Street
19-20*	Rock	Rinella Street	From House nº119 Rinella Street
21-21A	Rock	Around Parish Church	Strada Sinia
21b - 22	Rock	Around Parish Church	Strada Sinia

*Corresponde ao nº3 da Lista de Kalkara

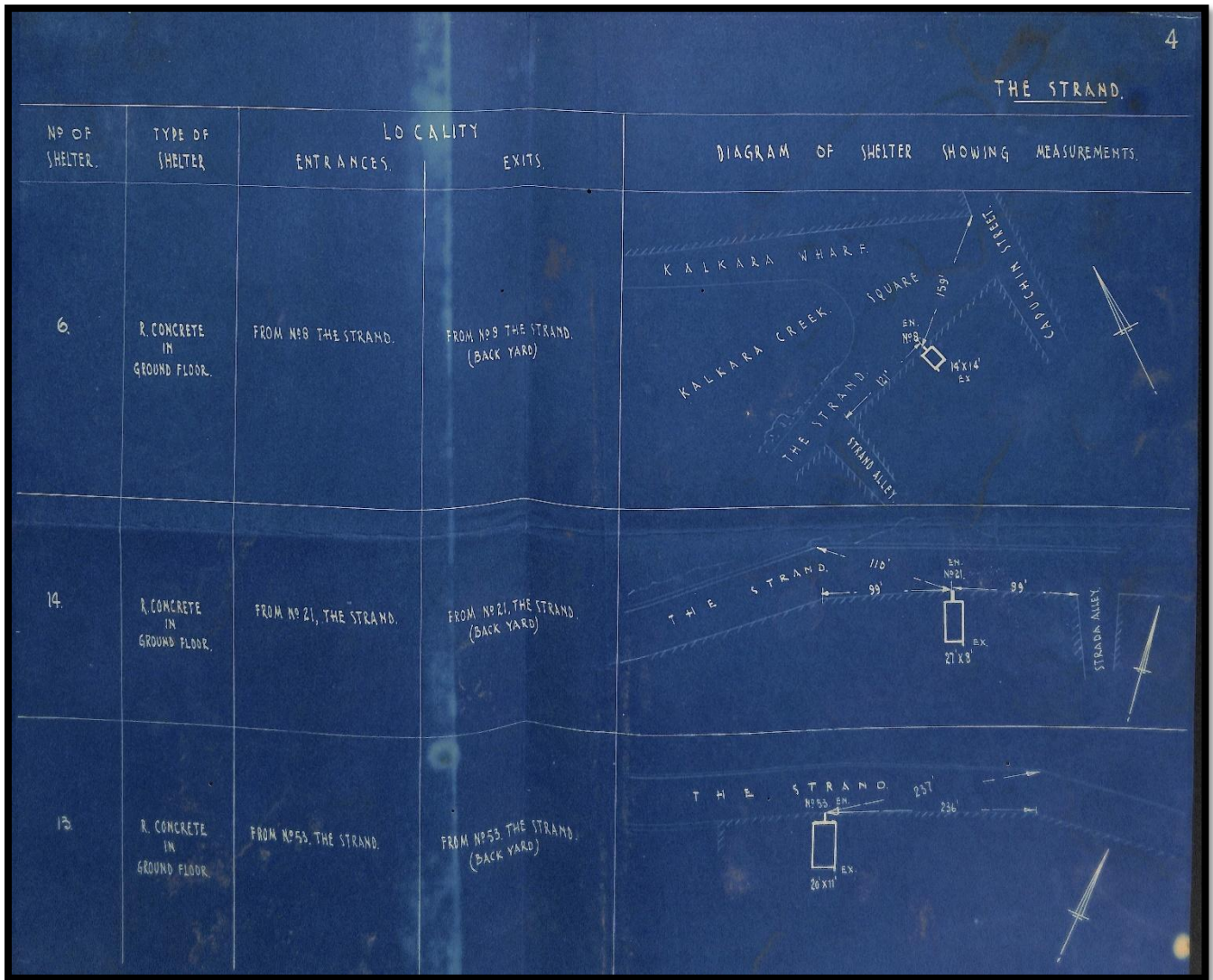


Fig.142 Abrigos de Kalkara "The Strand"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
6	R. Concrete in Ground Floor	From nrº8 the Strand	From nrº9 the Strand. (back yard)
14	R. Concrete in Ground Floor	From nrº21, The Strand	From nrº21 The Strand (back yard)
13	R. Concrete in Ground Floor	From nrº53 the Strand	From nrº53 The Strand (back yard)

Marsaskala

MARSASKALA. PLAN, No 40.

INDEX.

STREET.	FOL.	STREET.	FOL.
C. CHURCH STREET.	1.	N. NEW STREET.	2.
K. LANE TAL KAPPADA.	1.	T. SANTA THERESA STREET.	3.

LAWRENCE ZAPP, A.M.I.E.

Fig.143 Index dos Abrigos de Marsaskala – Plan Nº40

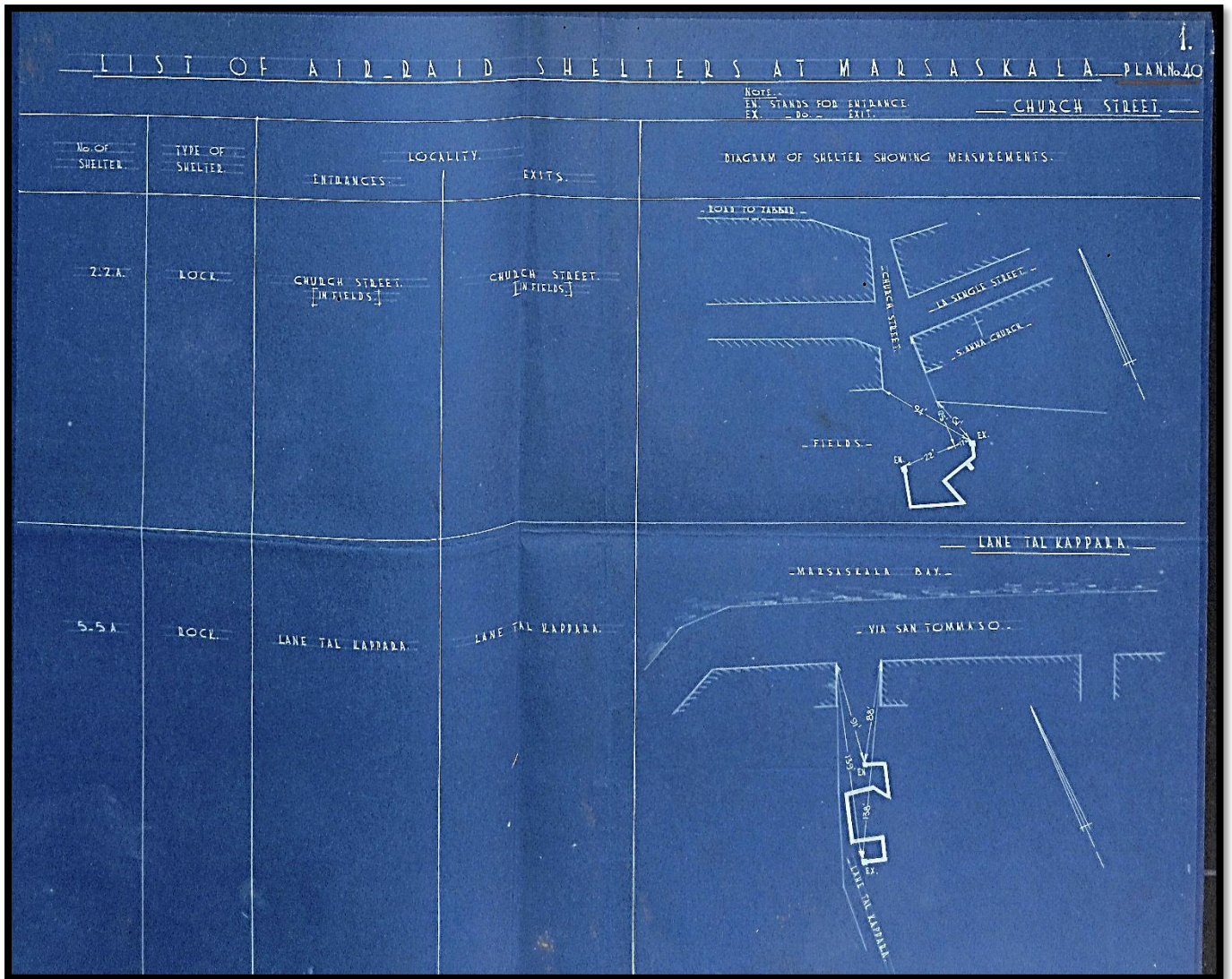


Fig.144 Abrigos em Marsaskala "Church Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
2-2A	Rock	Church Street [In fields]	Church Street [In fields]
5-5A*	Rock	Lane Tal Kalppara	Lane Tal Kapdara

*Corresponde ao nº5 da Lista de Marsaskala

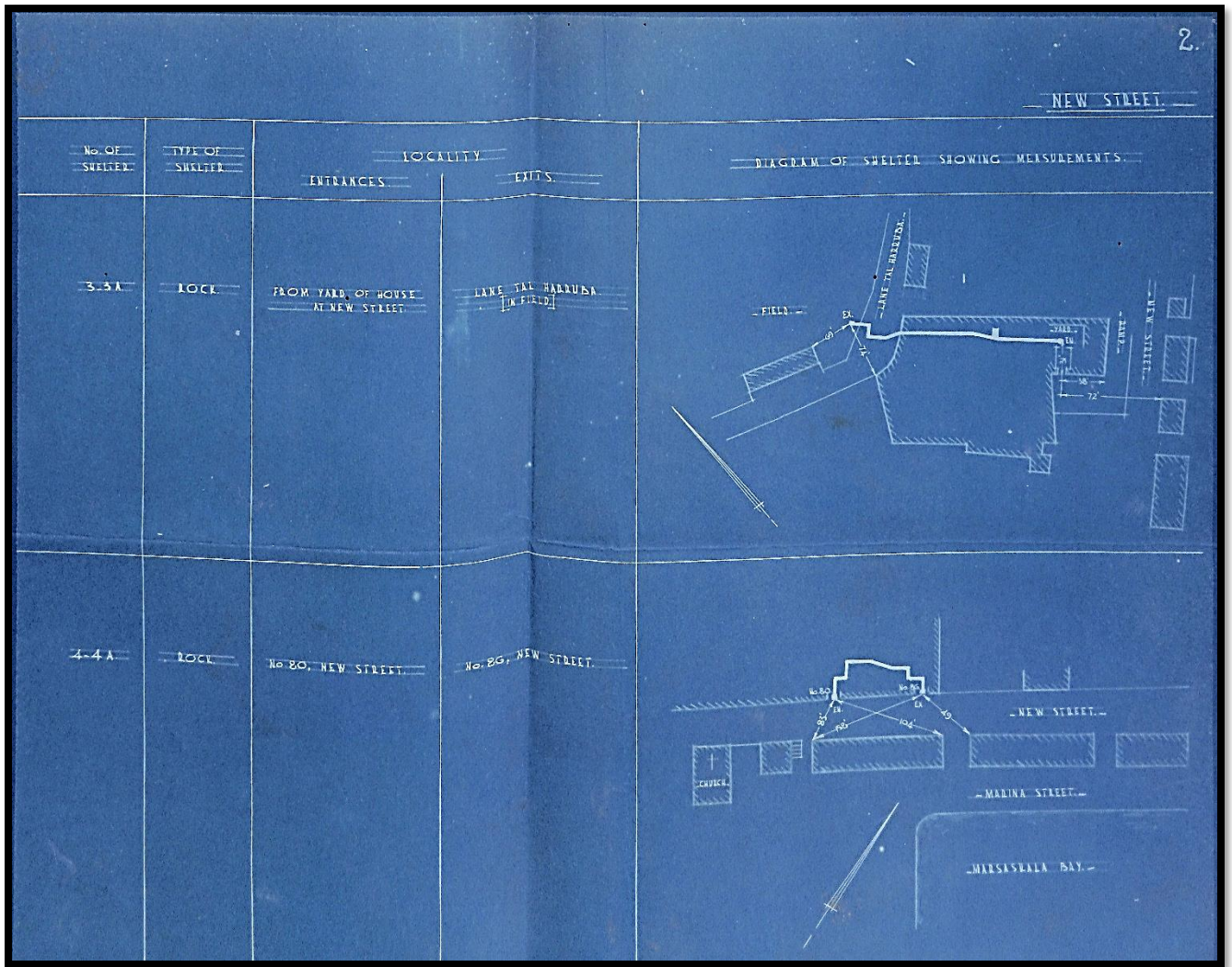


Fig.145 Abrigos de Marsaskala "New Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
3-3A	Rock	From Yard of House At New Street	Lane Tal Haruba [In Field]
4-4A	Rock	Nº80 New Street	Nº86, New Street

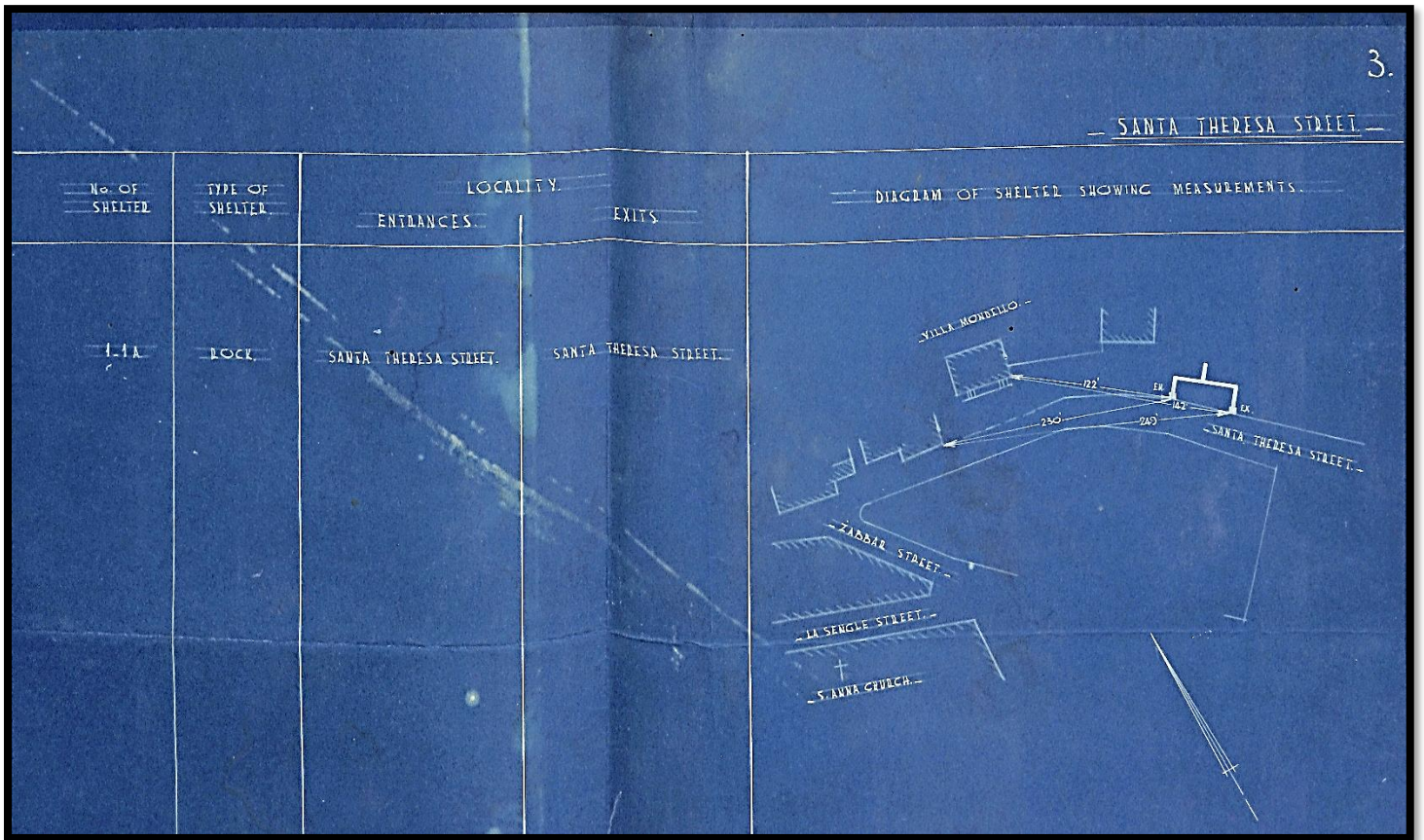


Fig.146 Abrigos de Marsaskala "Santa Theresa Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
1 - 1A*	Rock	Santa Theresa Street	Santa Theresa Street

*Corresponde ao nº1 da Lista de Masaskala

Kirkop

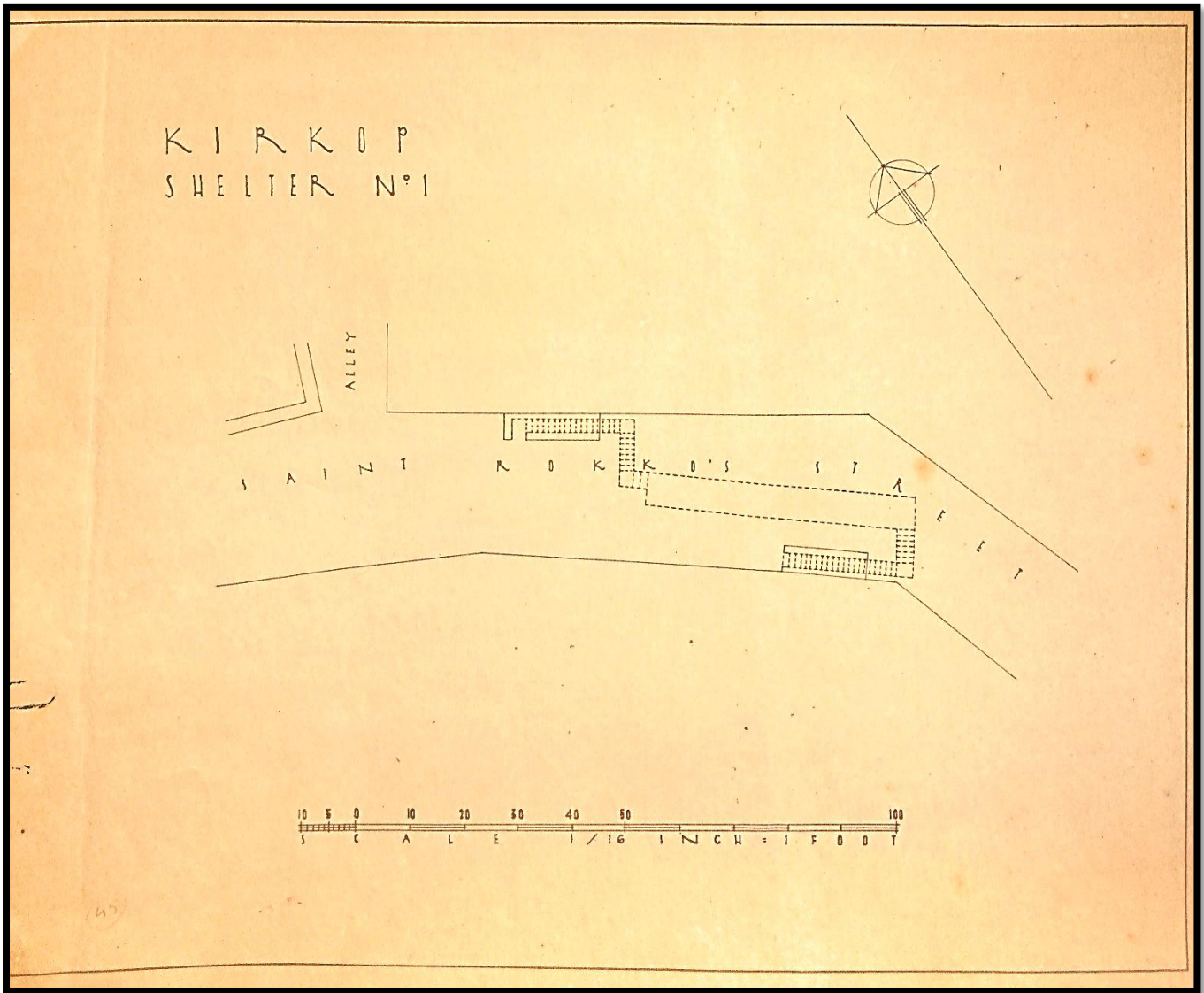


Fig.147 Planta do Abrigo nº1 "Alley – Saint Rokko's Street."
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº6_Kirkop" Fig.147 à 157

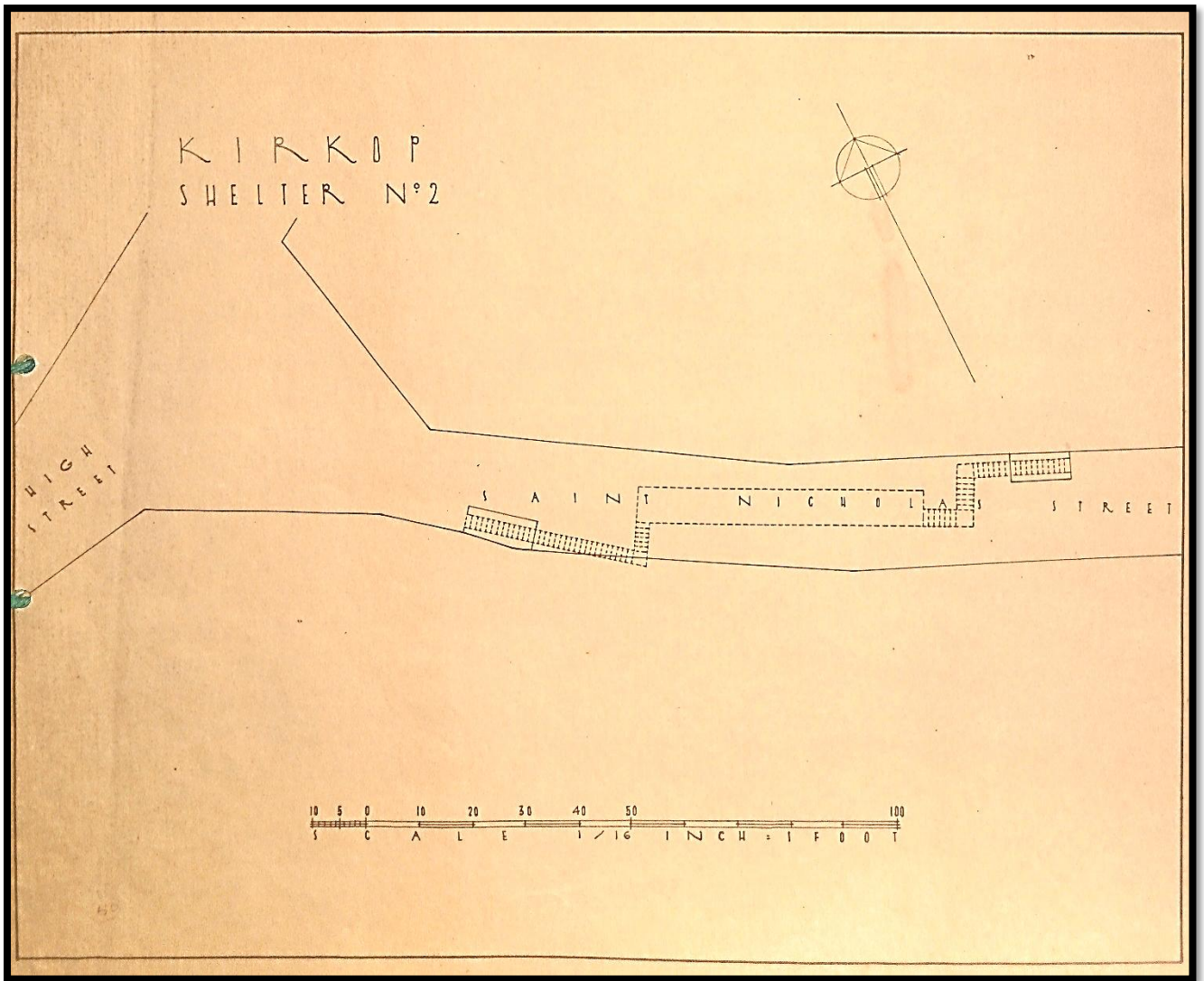


Fig.148 Planta do Abrigo nº2 "High Street – Saint Nicholas Street."

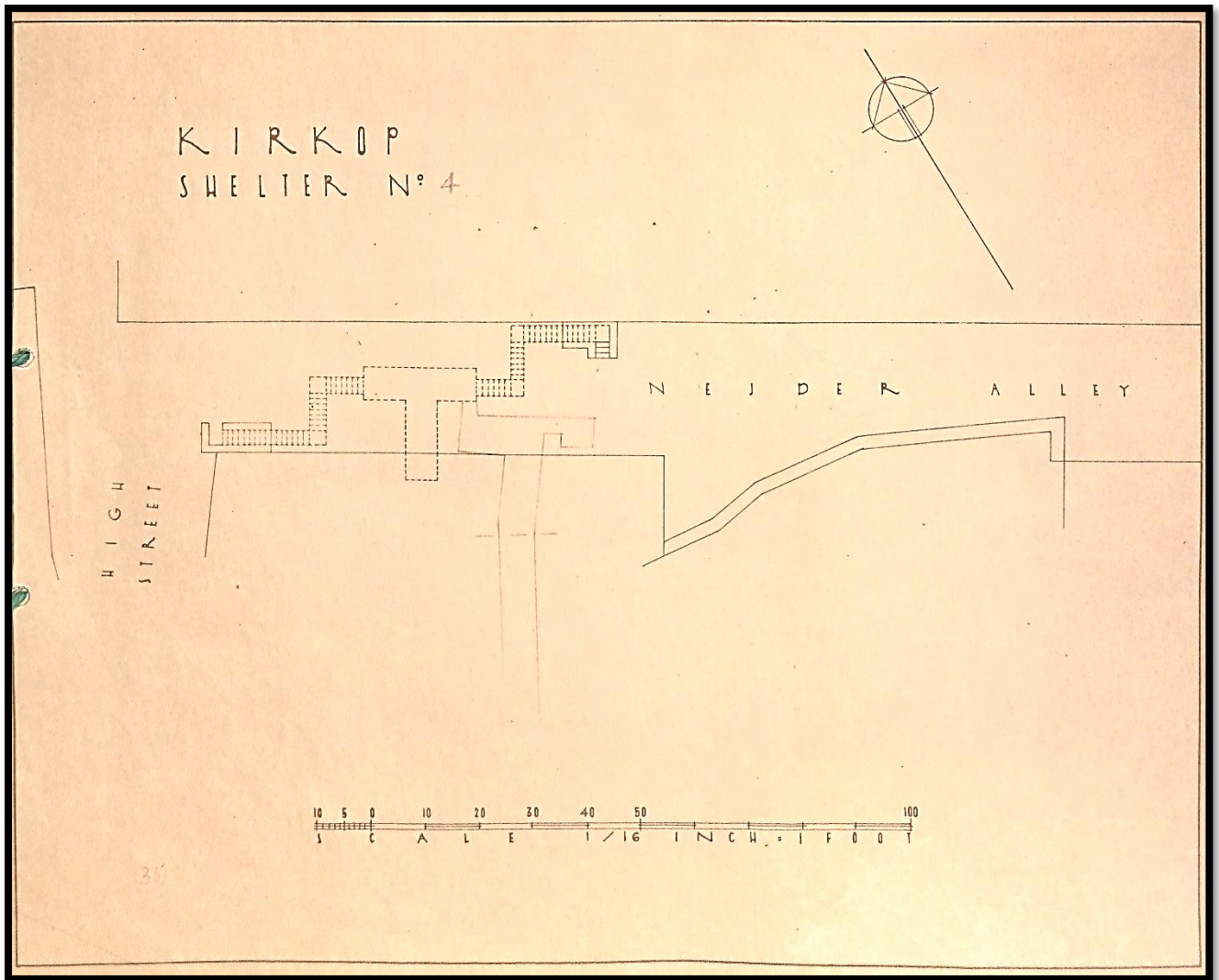


Fig.149 Planta do Abrigo nº4 "High Street – Nejder Alley."
*Corresponde ao nº4 da Lista de Kirkop

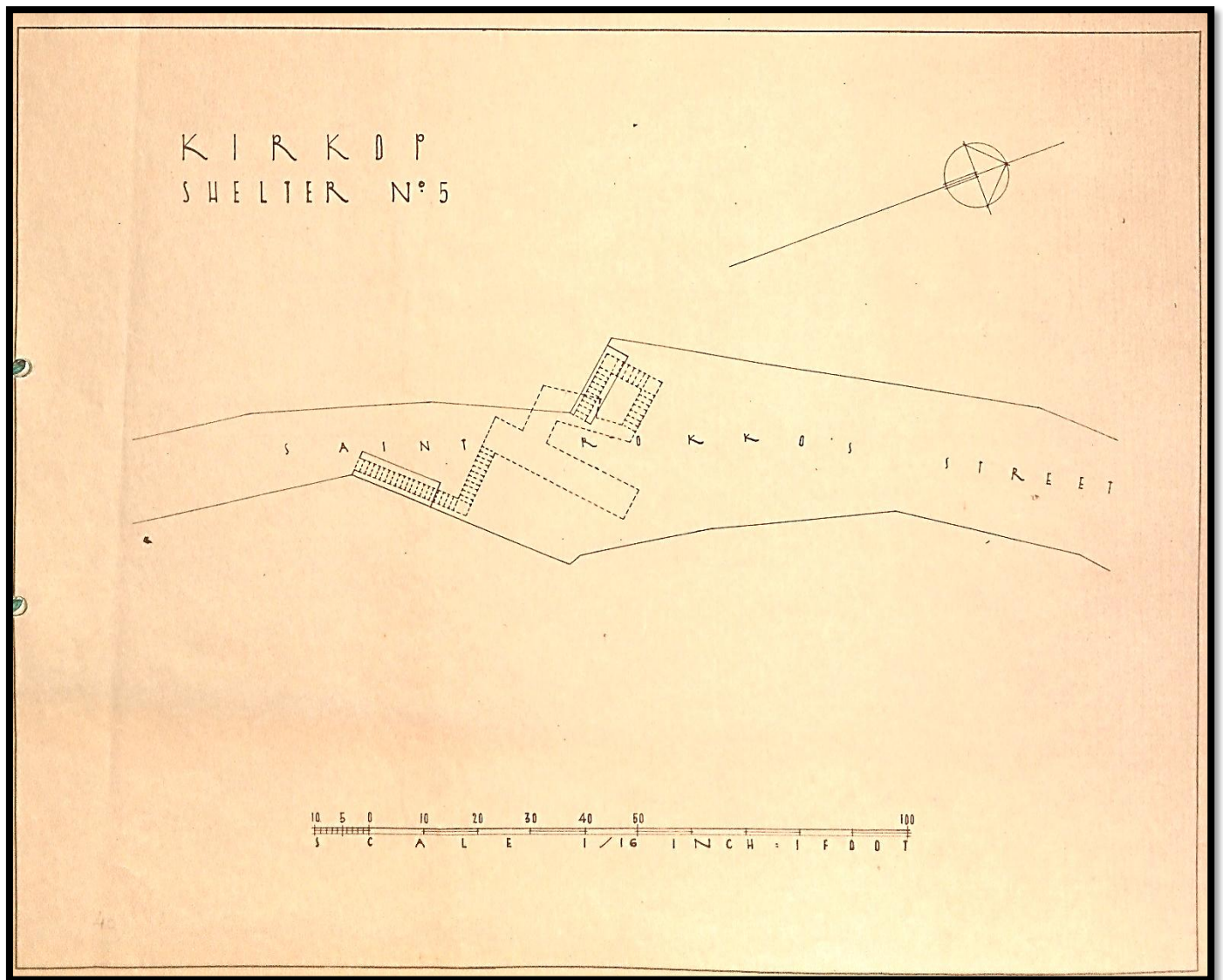


Fig.150 Planta do Abrigo nº5 "Saint Rokko Street"
 *Corresponde ao nº5 da Lista de Kirkop

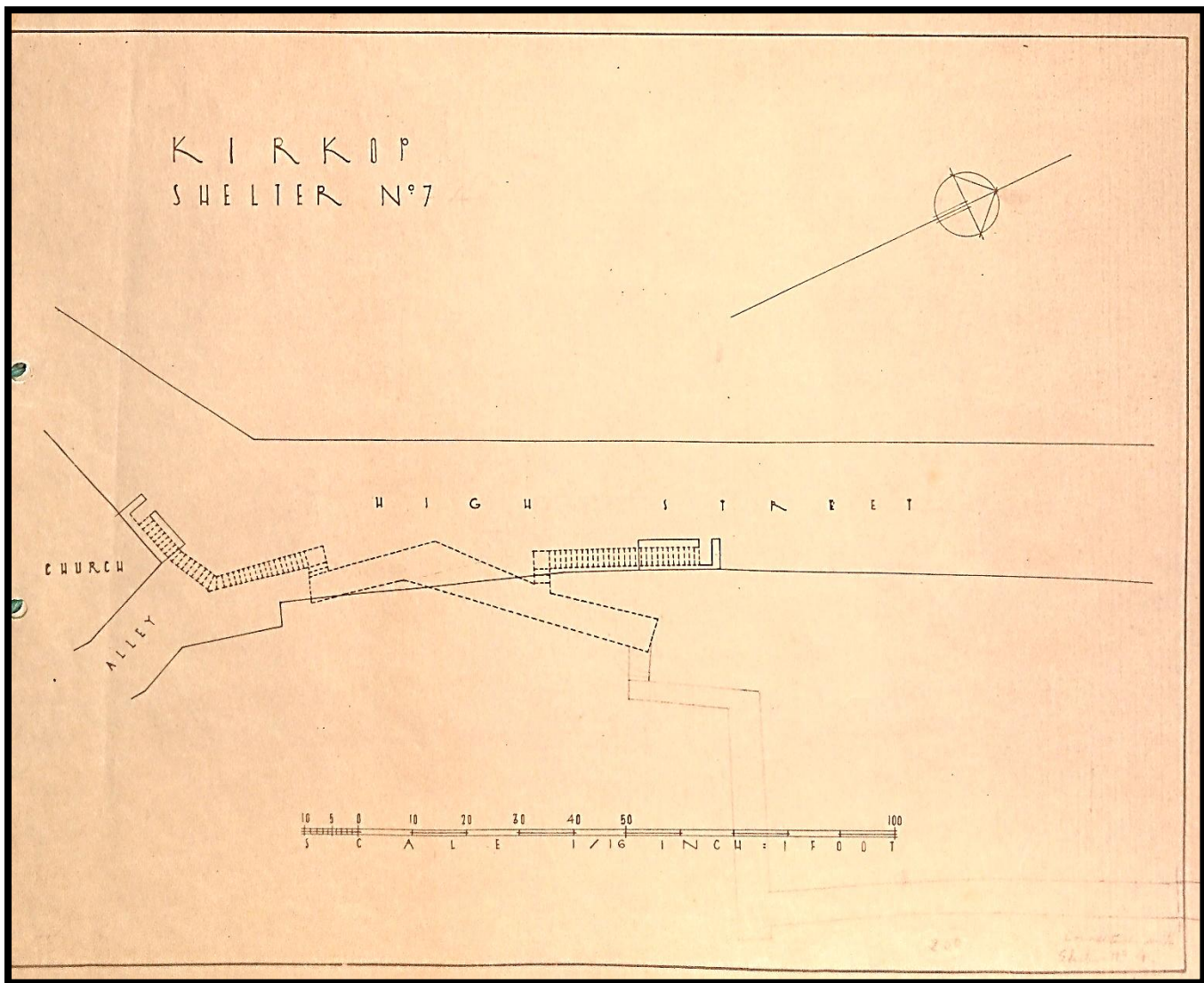


Fig.151 Planta do Abrigo nº7 "Church Alley – High Street."

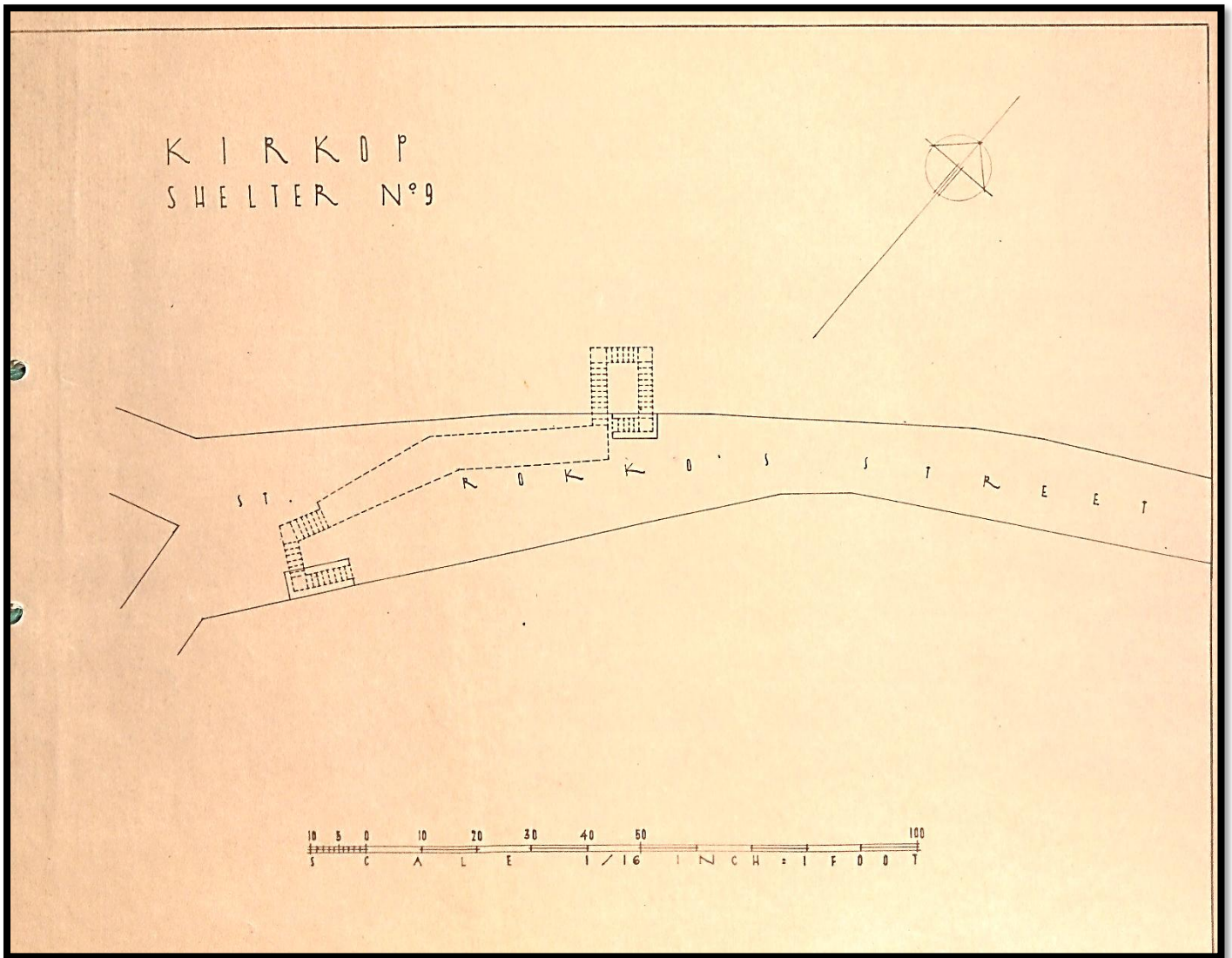


Fig.152 Planta do Abrigo nº9 "St. Rokko Street."

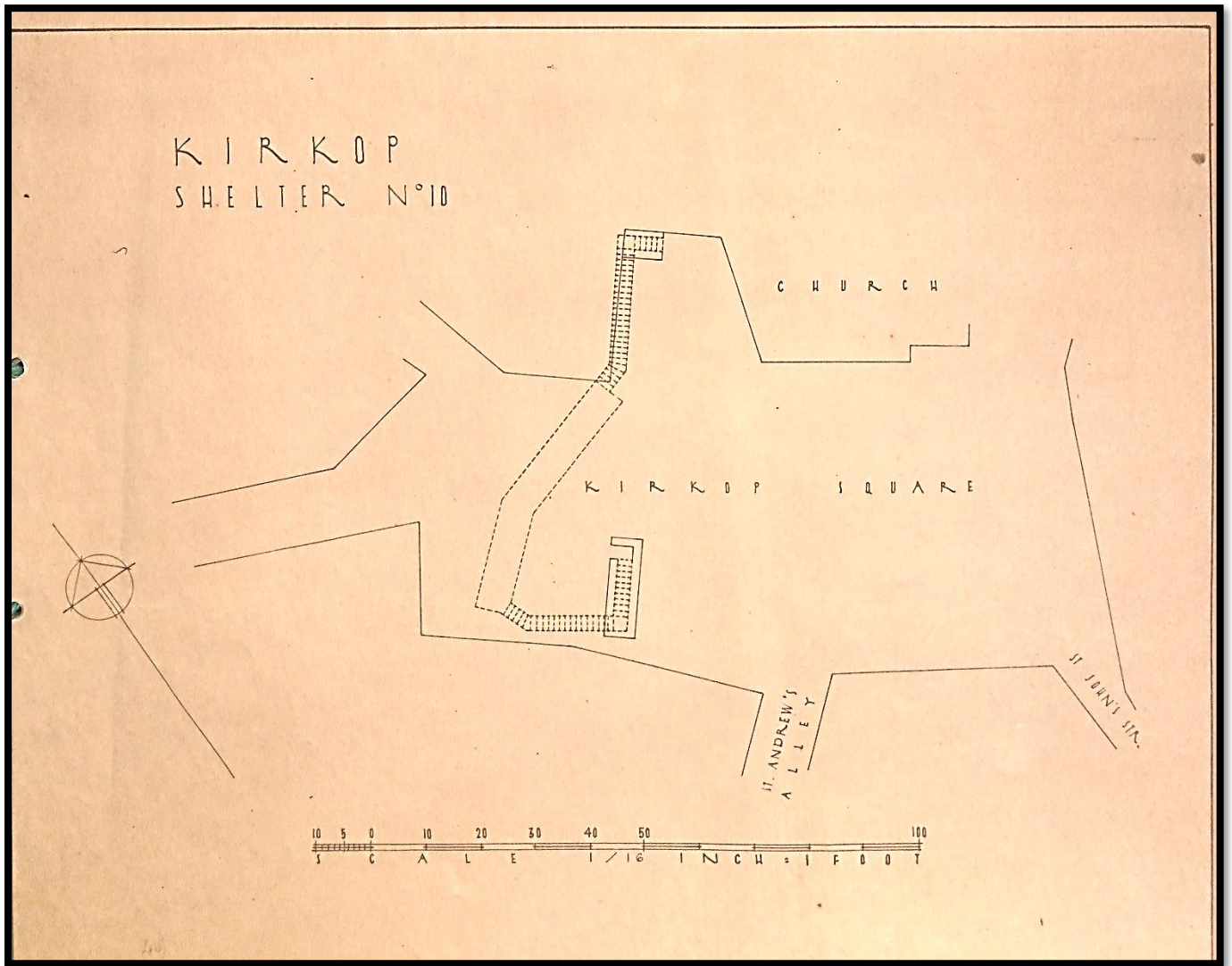


Fig.153 Planta do Abrigo nº10 "Kirkop Square – St. Andrew's Alley."

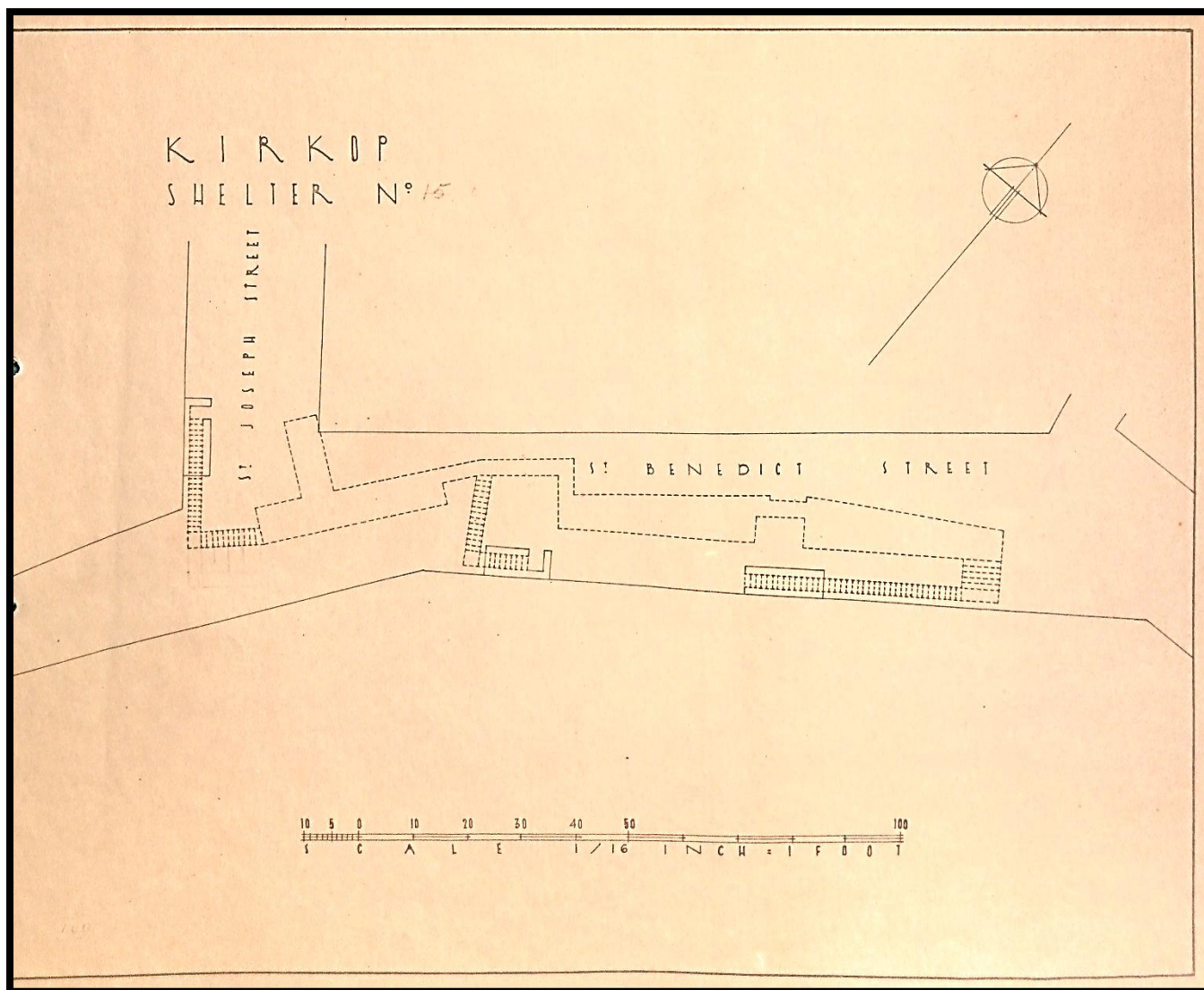


Fig.154 Planta do Abrigo nº15 "St Joseph Street – St. Benedict Street."
*Corresponde ao nº8 da Lista de Kirkop

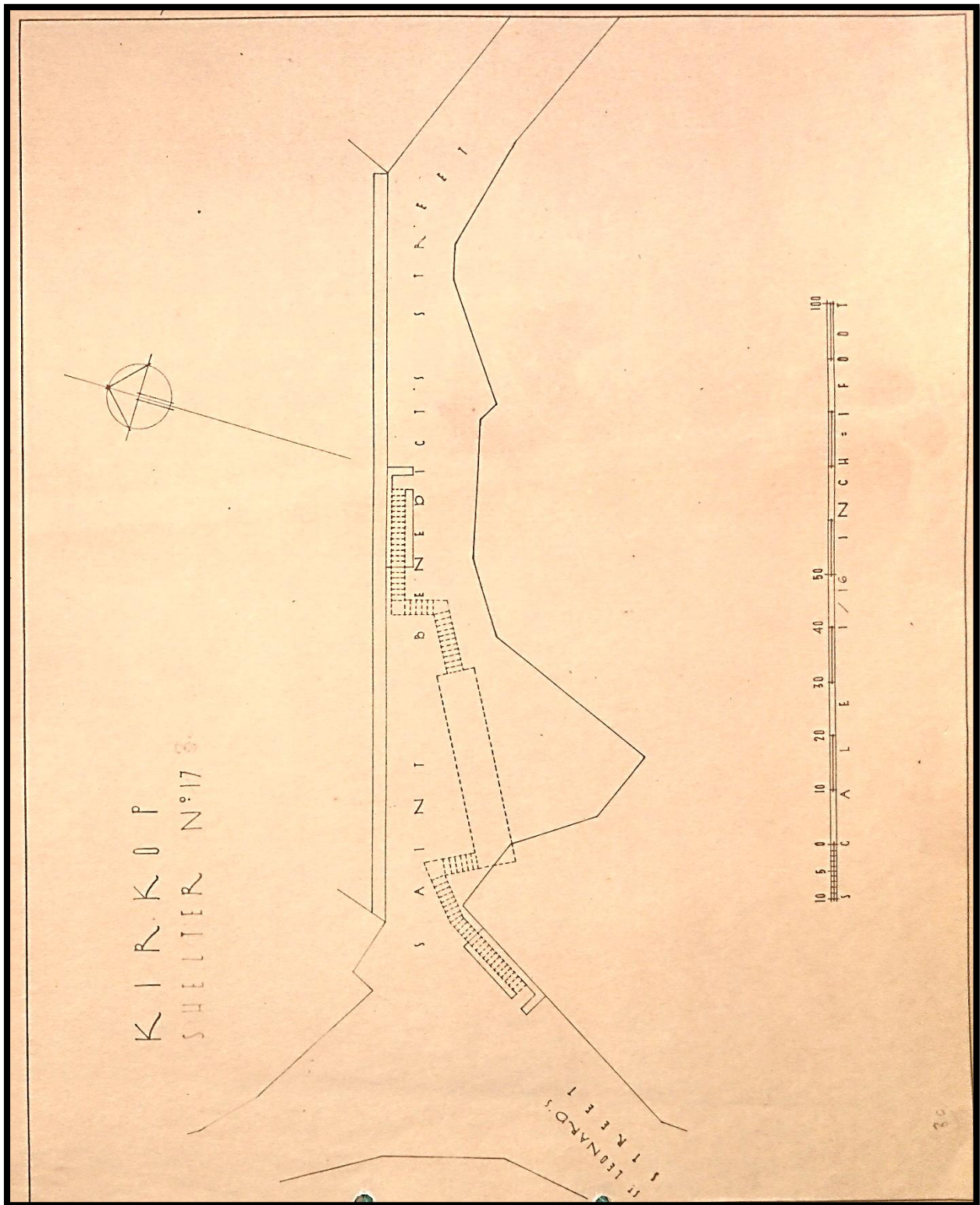


Fig.155 Planta do Abrigo nº 17 "Saint Benedict's Street."

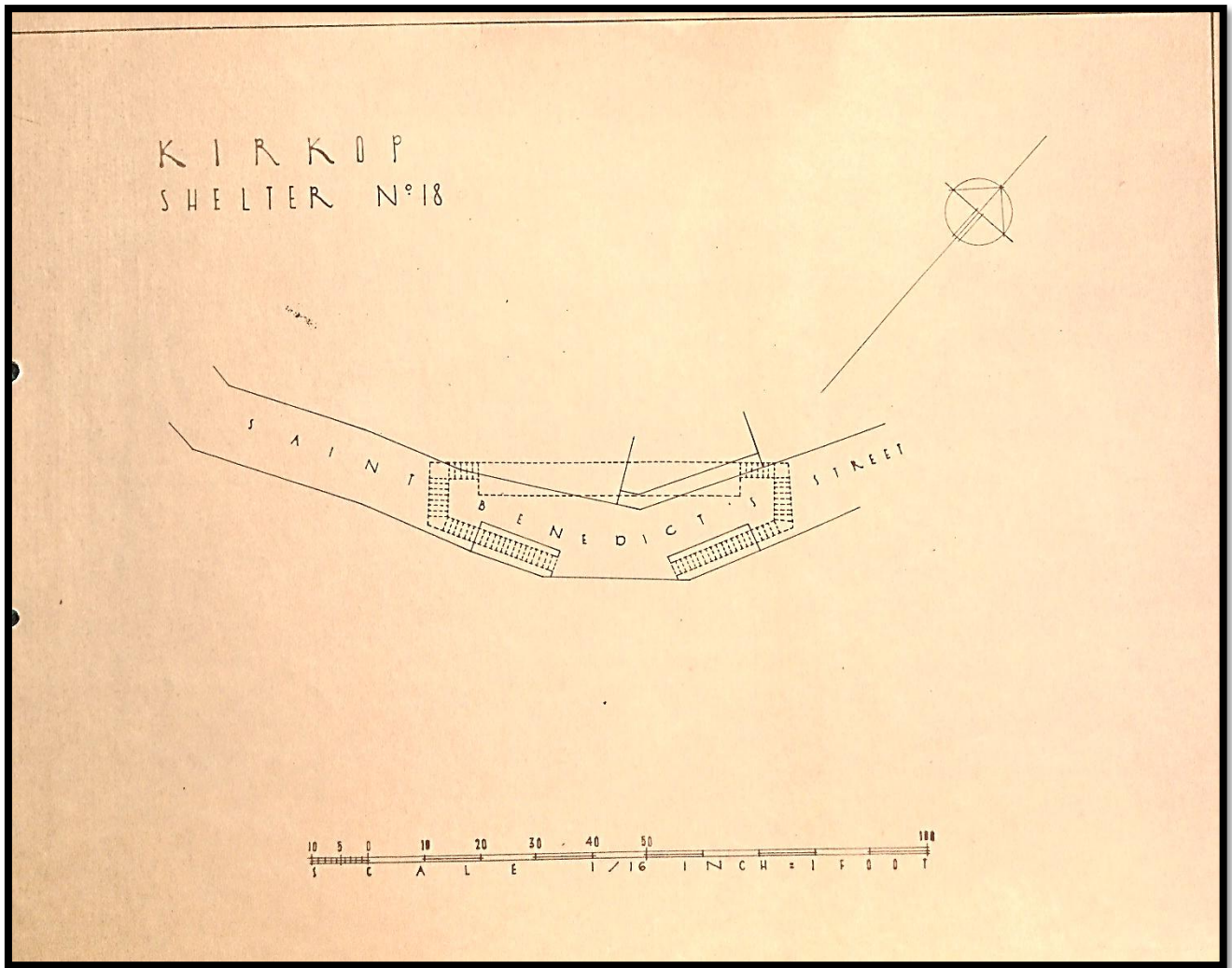


Fig.156 Planta do Abrigo nº18 "Saint Benedict's Street."

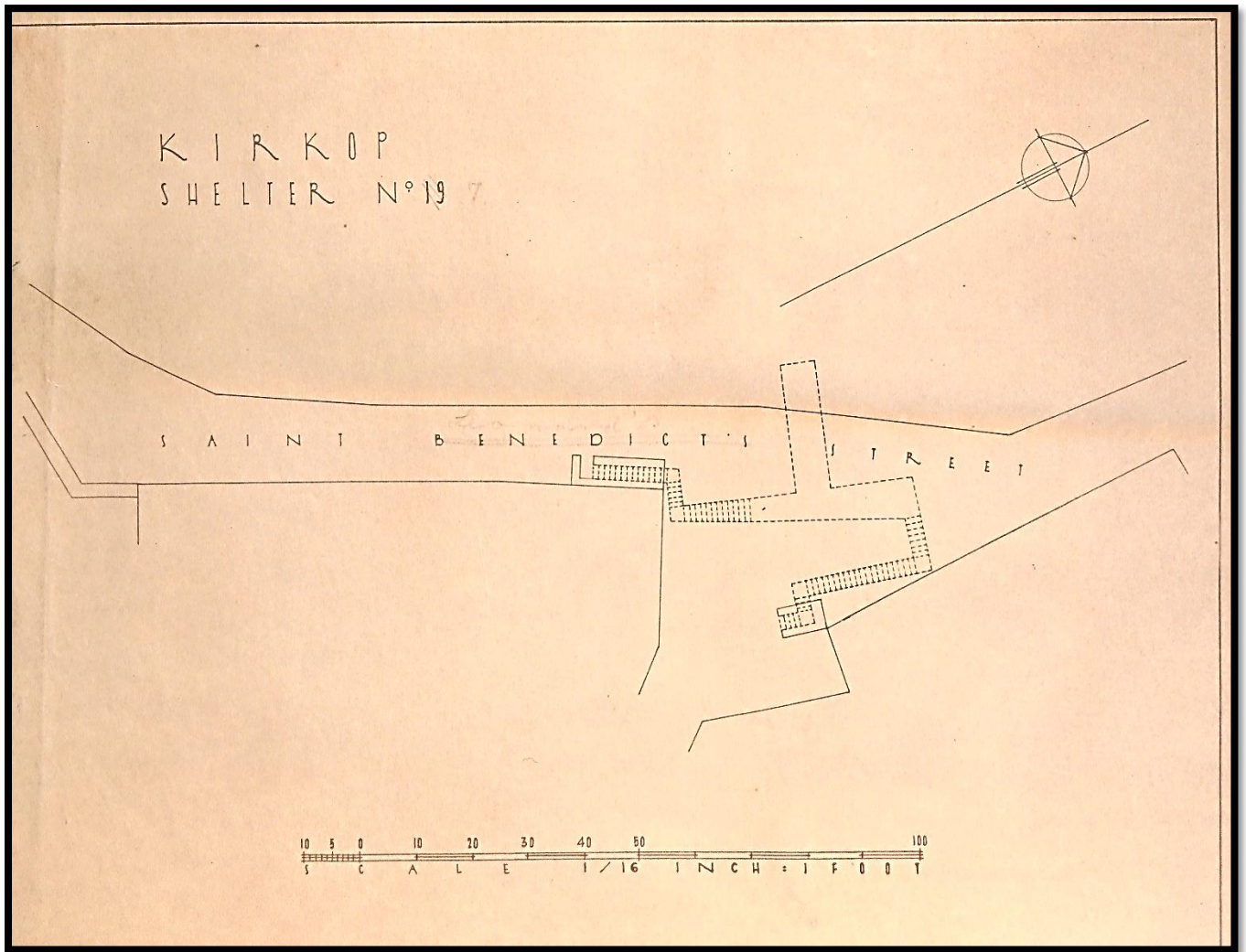


Fig.157 Planta do Abrigo nº19 (7) "Saint Benedict's Street."

Luqa

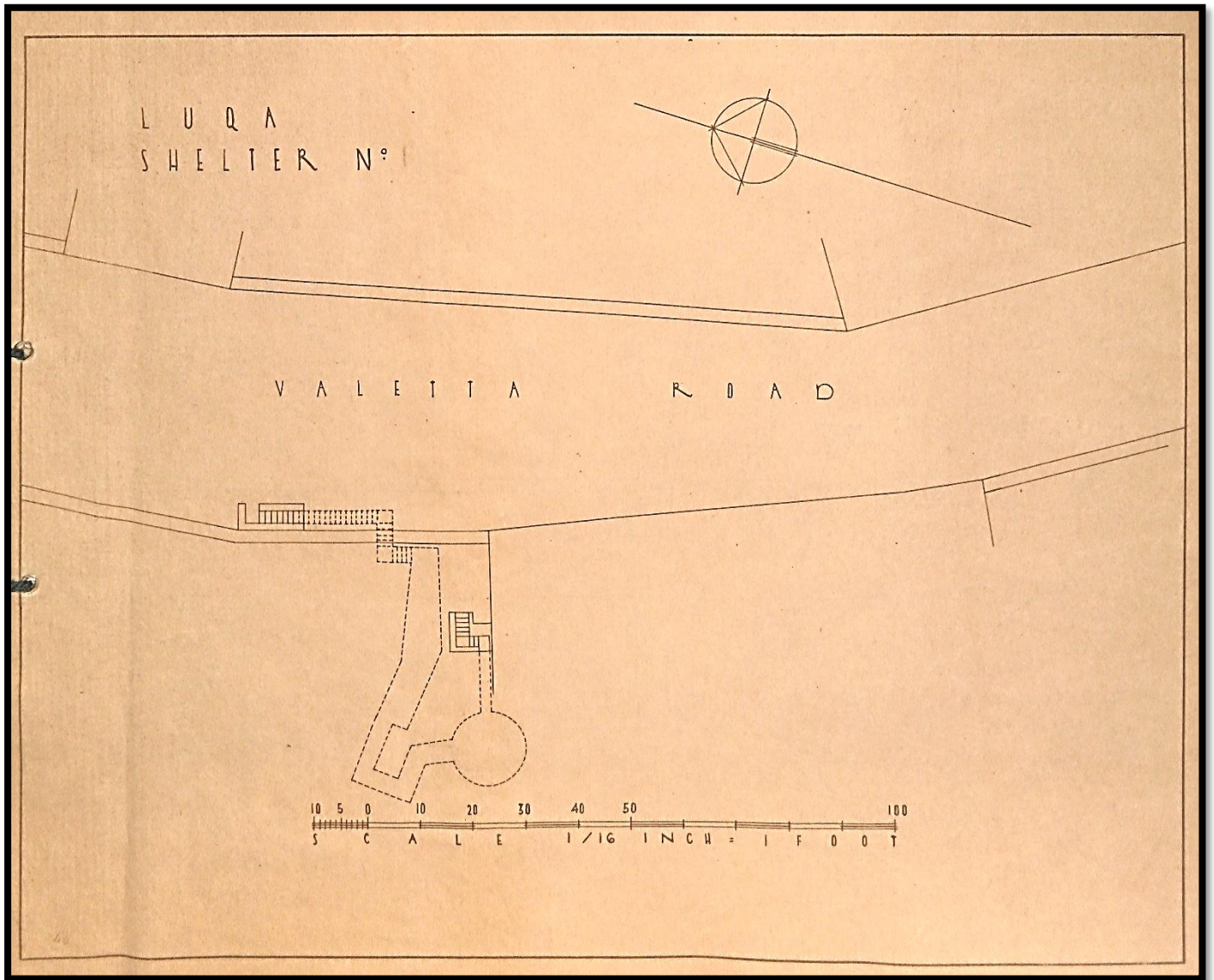


Fig.158 Planta do Abrigo nº1 "Valetta Road"
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº7_Luqa" Fig.158 à 173

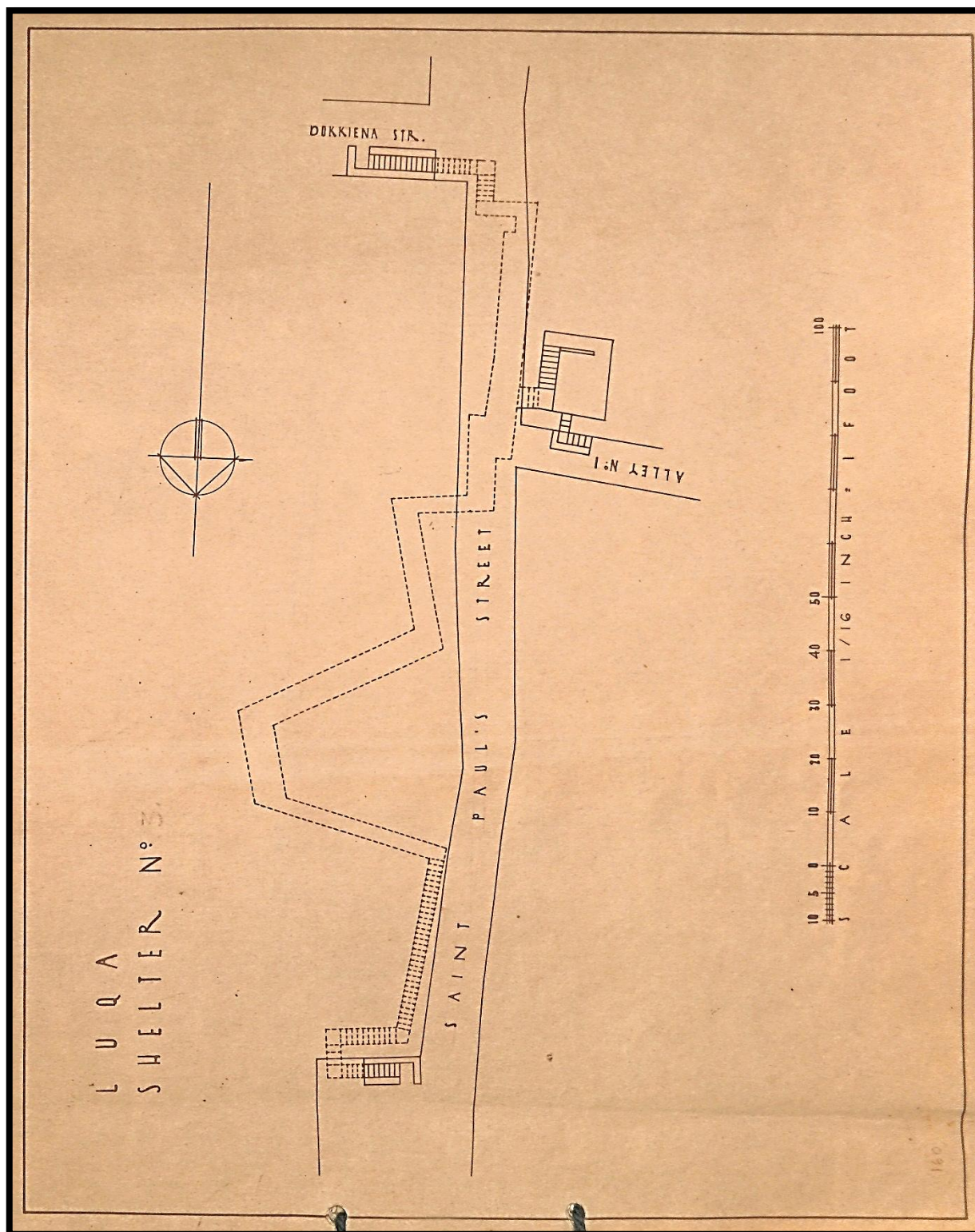


Fig.159 Planta do Abrigo nº3 "Saint Paul's Street – Alley nº1"
 *Corresponde ao nº2 da Lista de Luqa

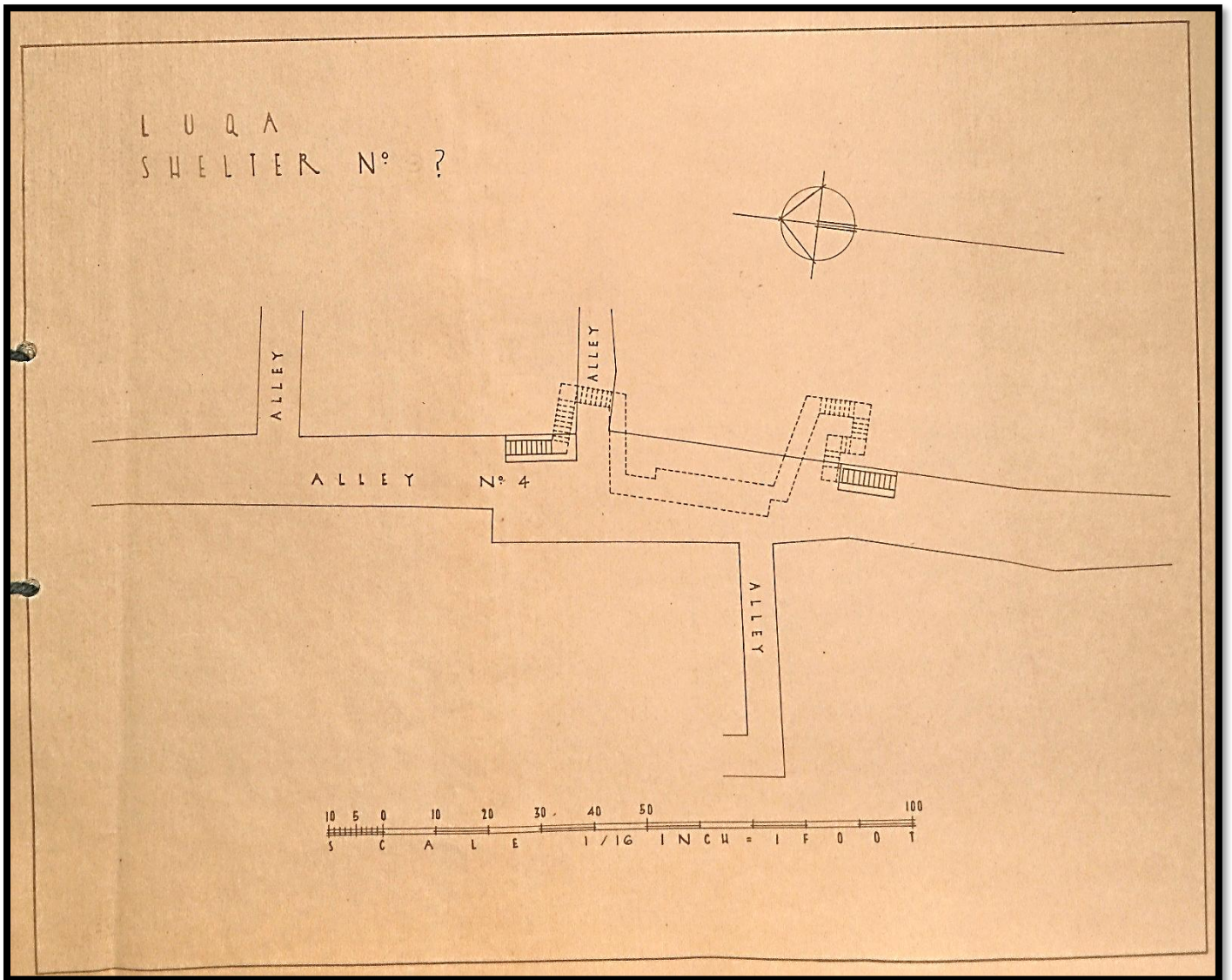


Fig.160 Planta do Abrigo nº3 (?) "Alley nº4"

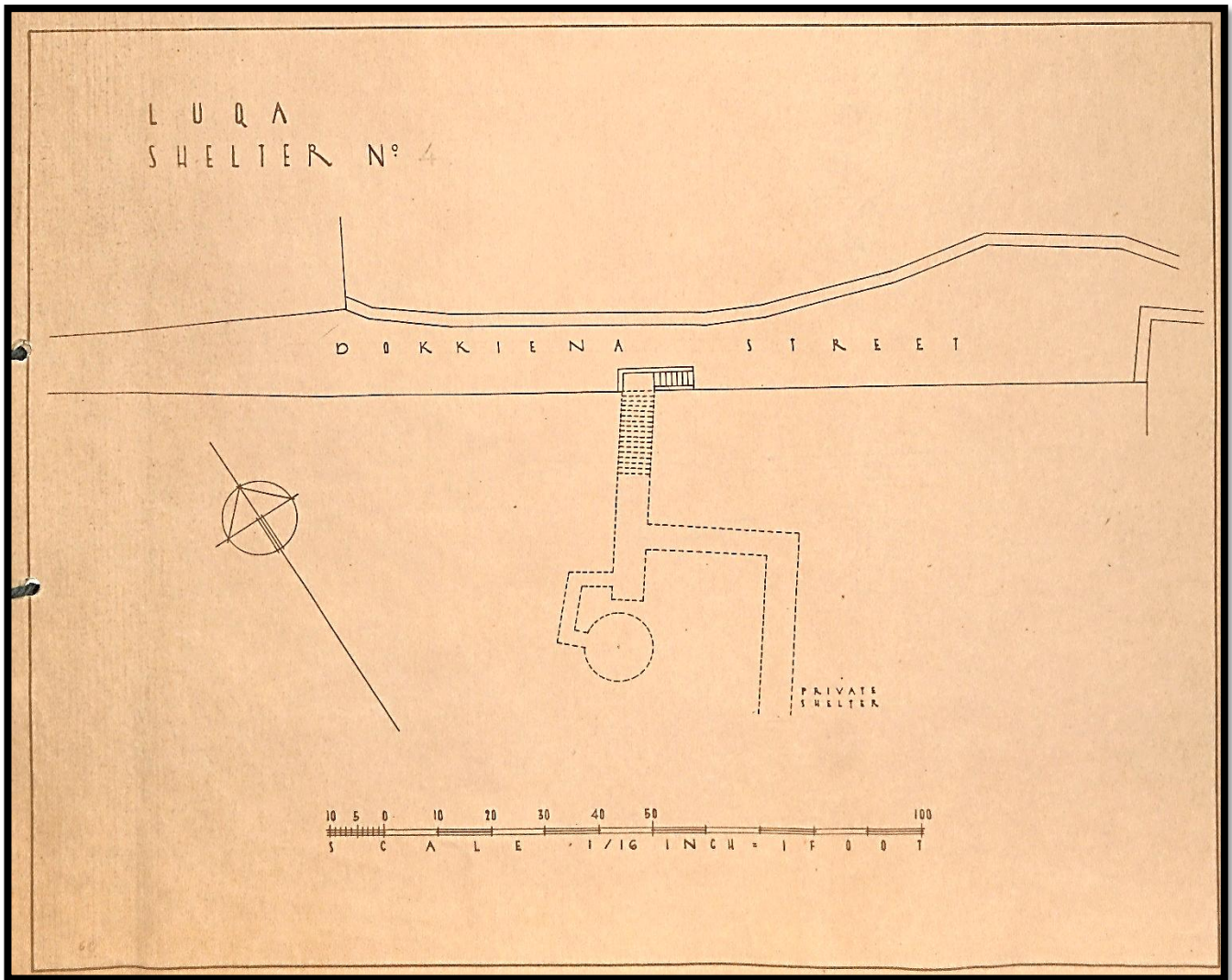


Fig.161 Planta do Abrigo nº4 "Dokkiena Street"

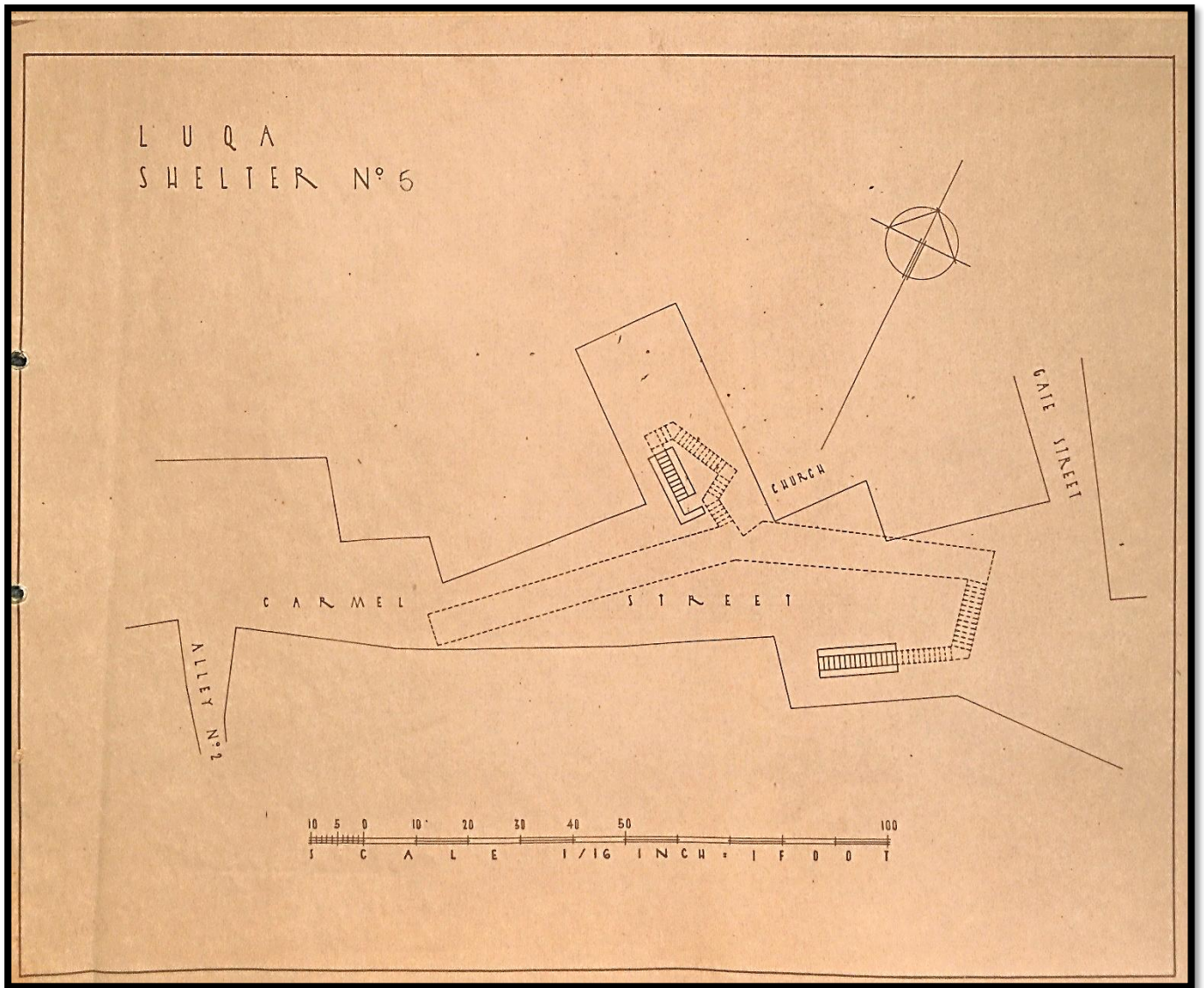


Fig.162 Planta do Abrigo nº5 "Carmel Street – Gate Street – Alley nº1"
*Corresponde ao nº6 da Lista de Luqa

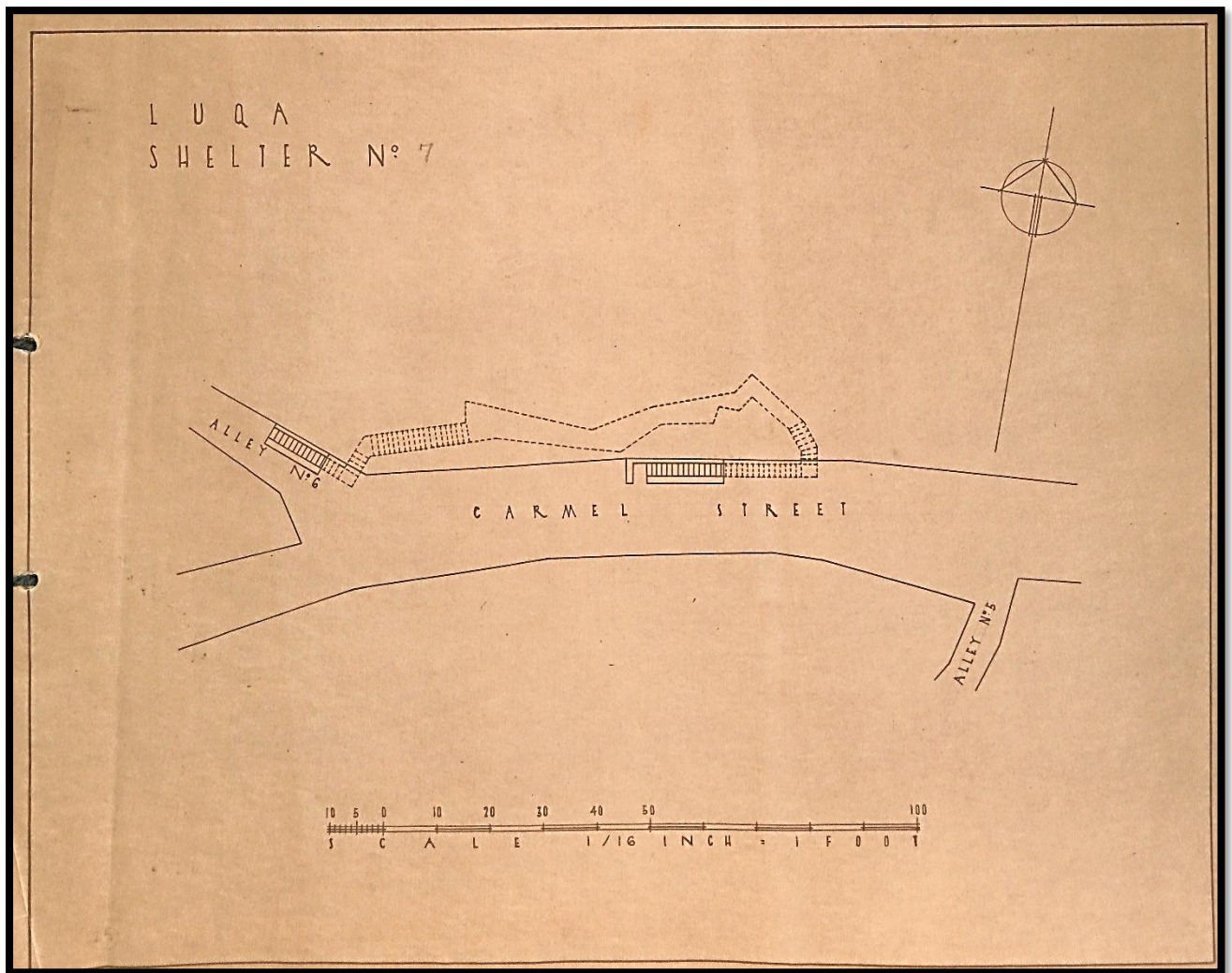


Fig.163 Planta do Abrigo nº7 "Carmel Street – Alley nº6 –Alley nº5"

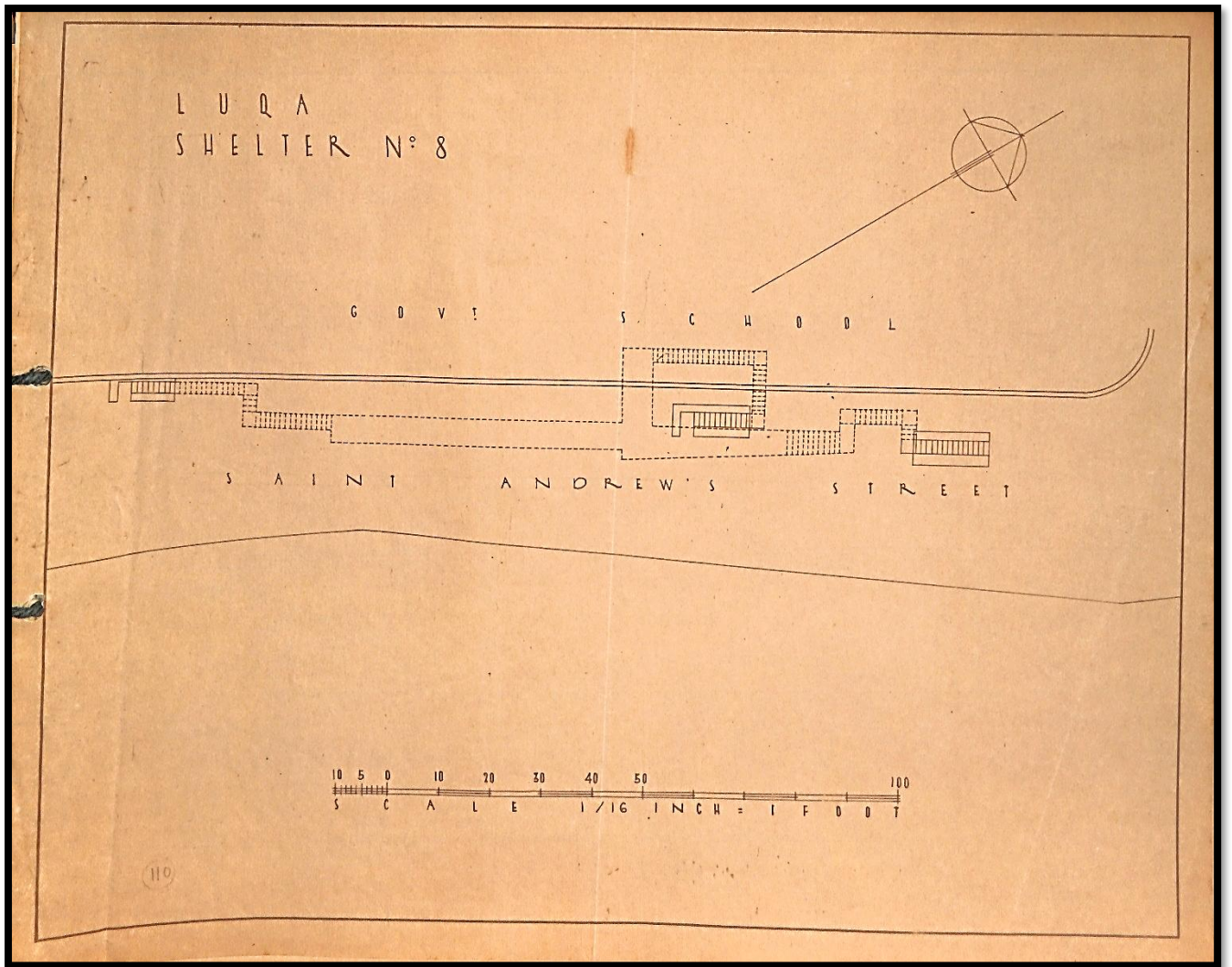


Fig.164 Planta do Abrigo nº8 "Saint Andrew's Street"

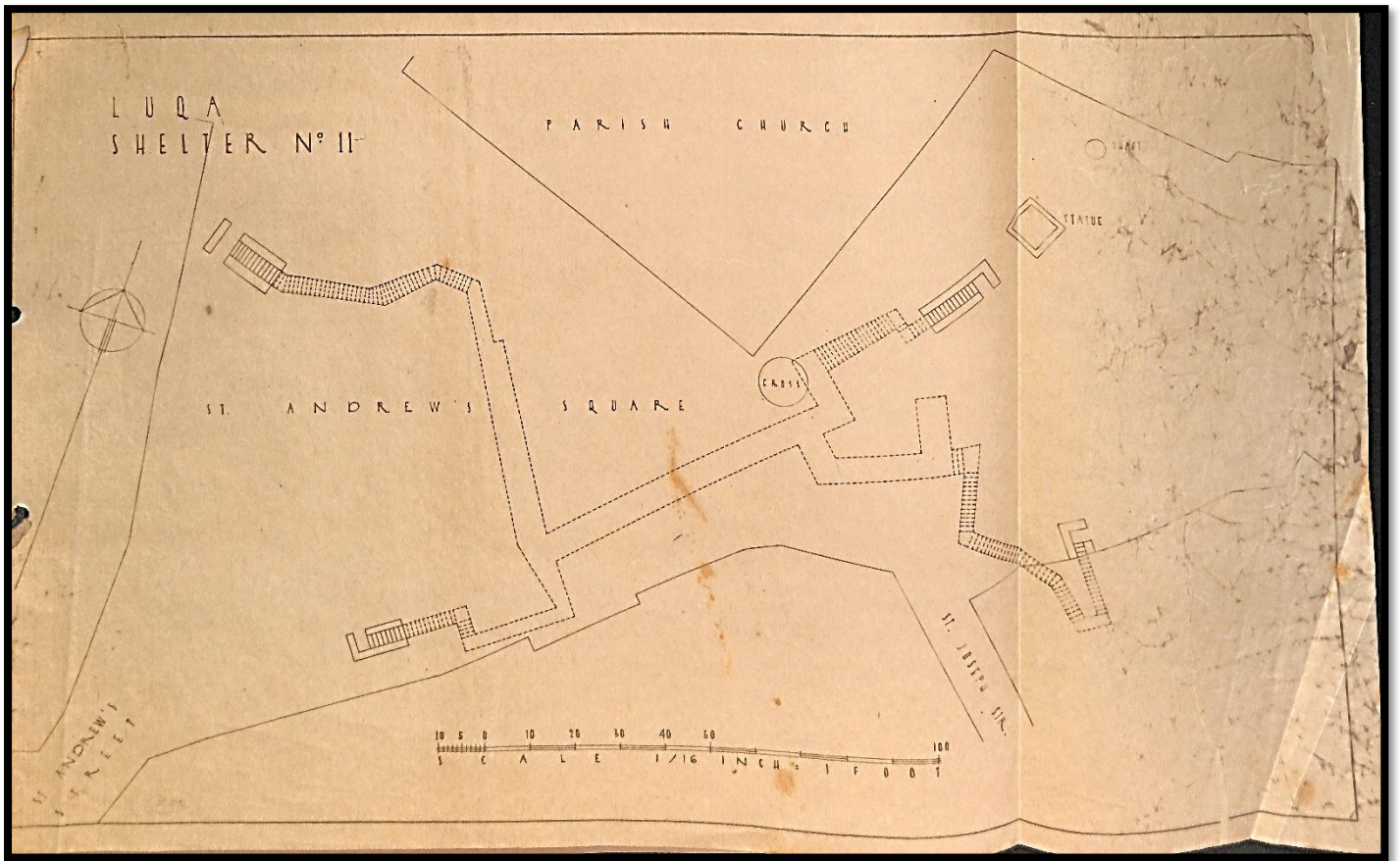


Fig.165 Planta do Abrigo nº11 "St. Andrew's Square"
*Corresponde ao nº11 da Lista de Luqa

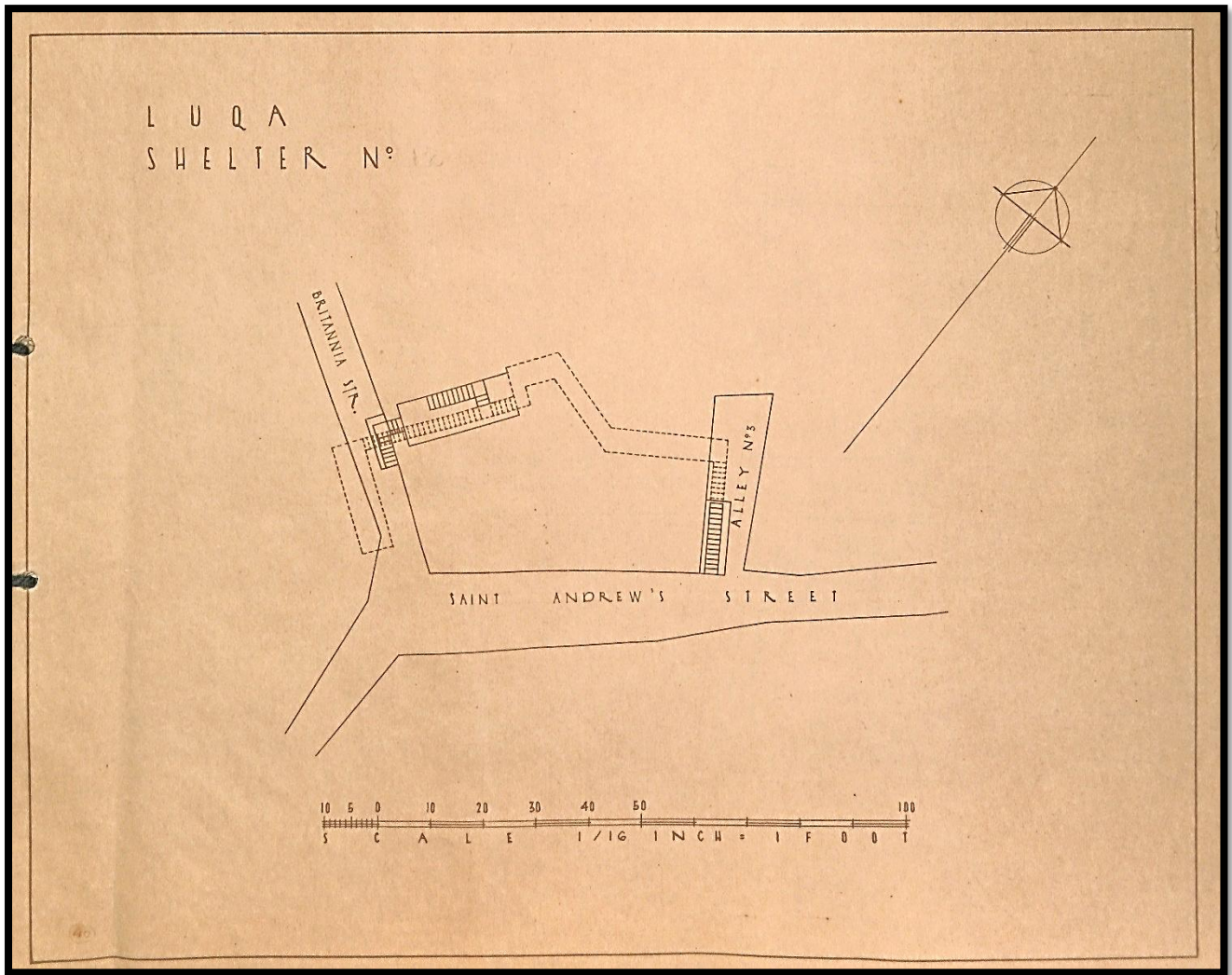


Fig.166 Planta do Abrigo nº12 "Britannia Street – Saint Andrew's Street – Alley nº5"
 *Corresponde ao nº13 da Lista de Luqa

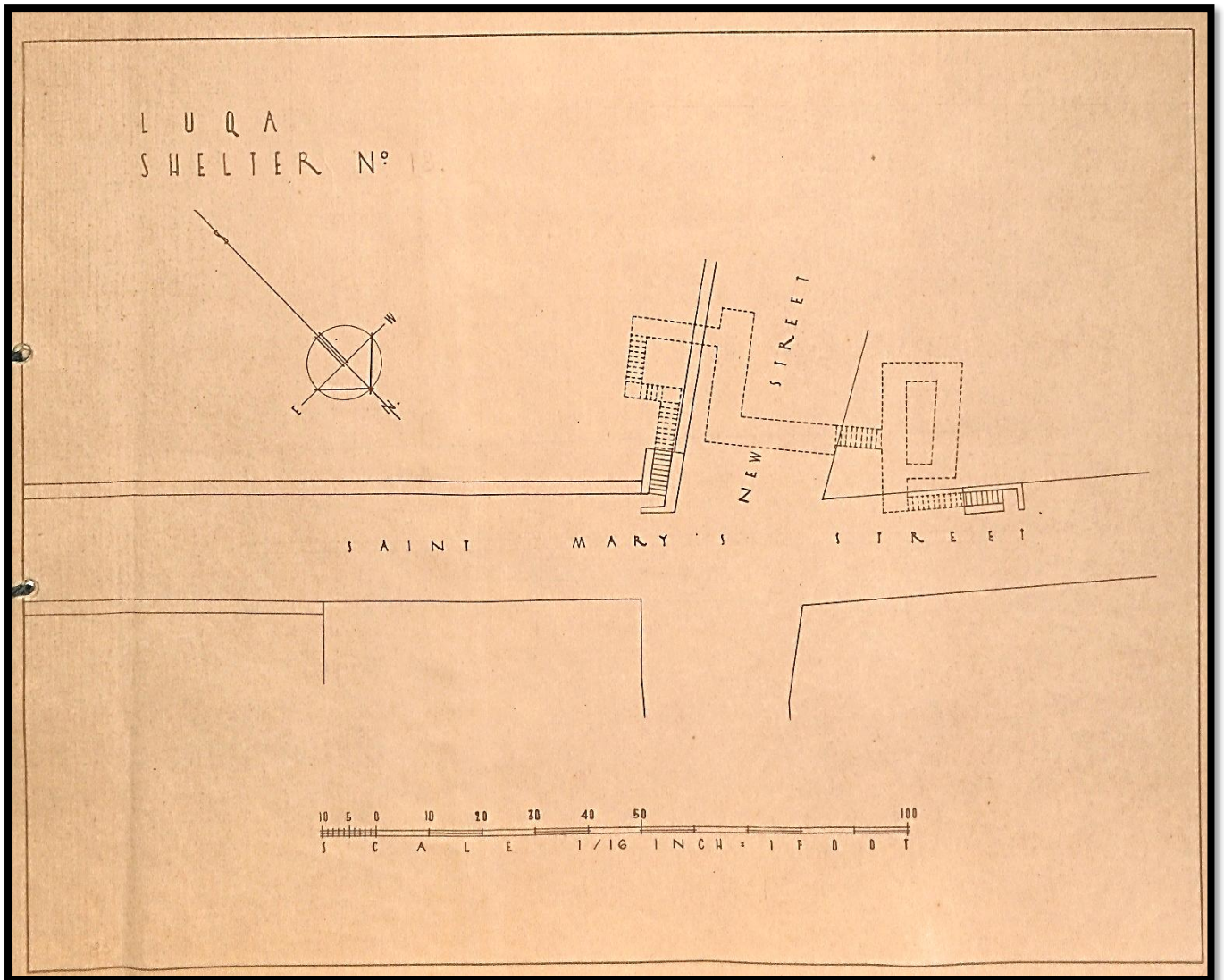


Fig.167 Planta do Abrigo nº13 "Saint Mary's Street – New Street"
 *Corresponde ao nº15 da Lista de Luqa

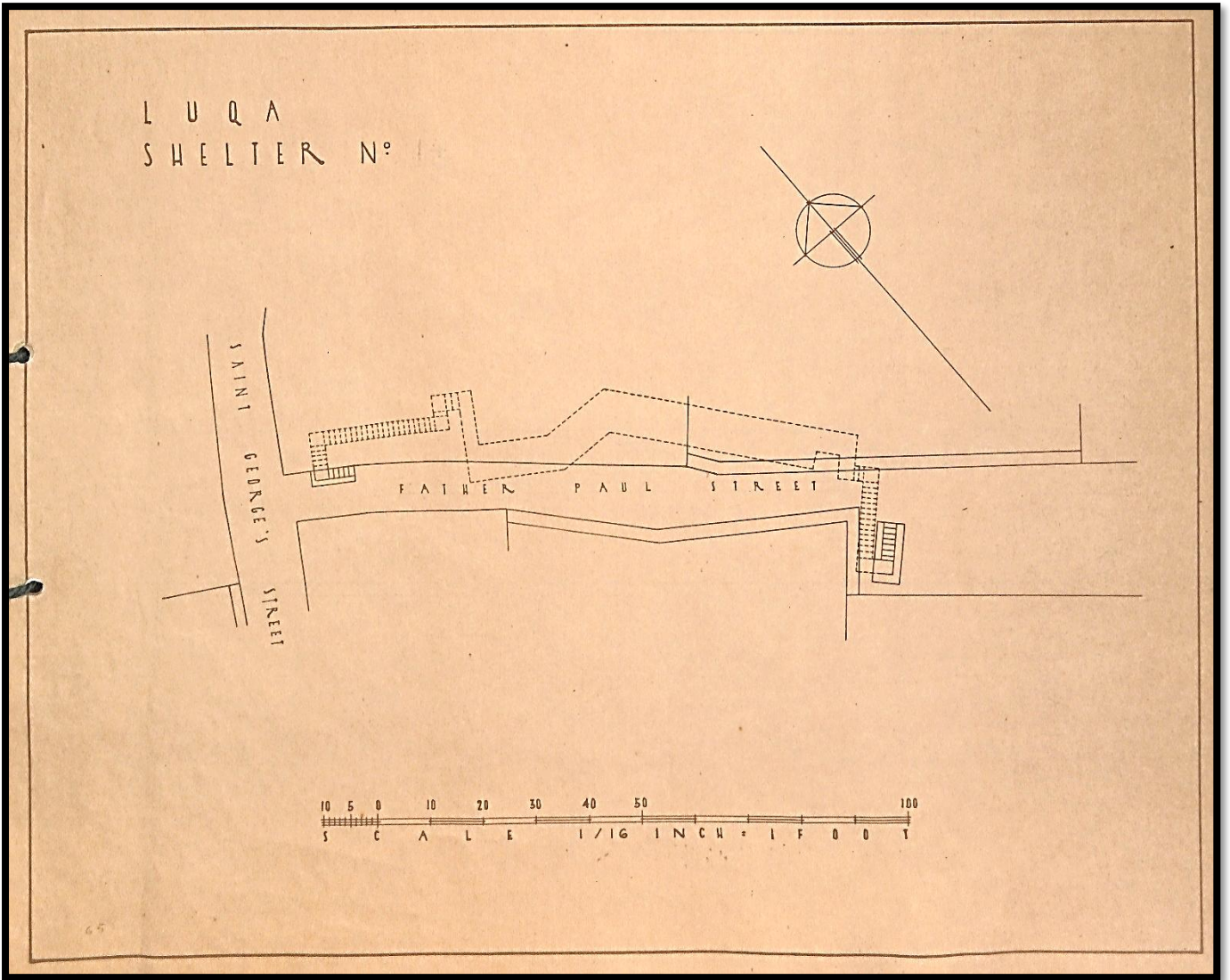


Fig.168 Planta do Abrigo nº14 "Father Paul Street – Saint George's Street"

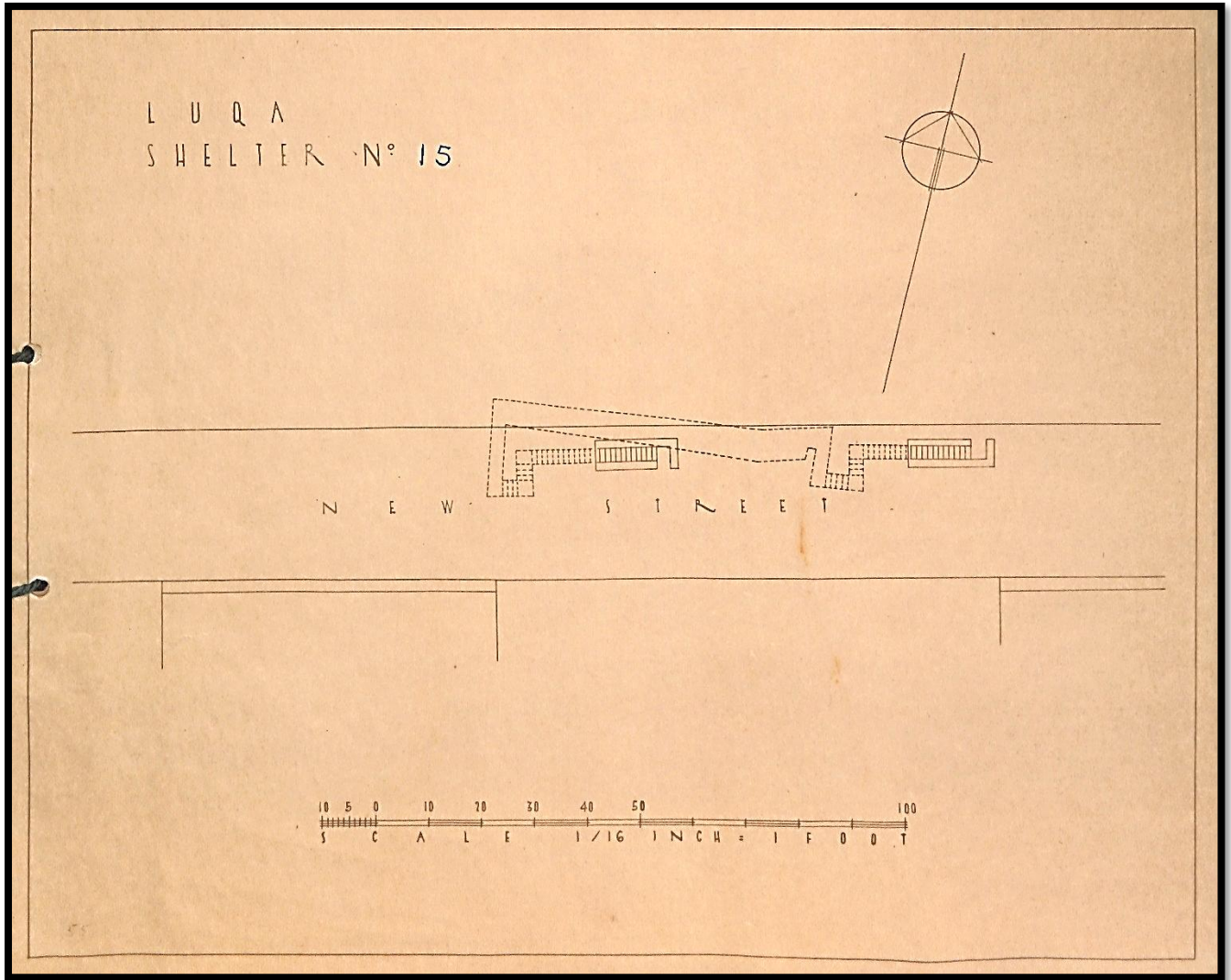


Fig.169 Planta do Abrigo nº15 "New Street"

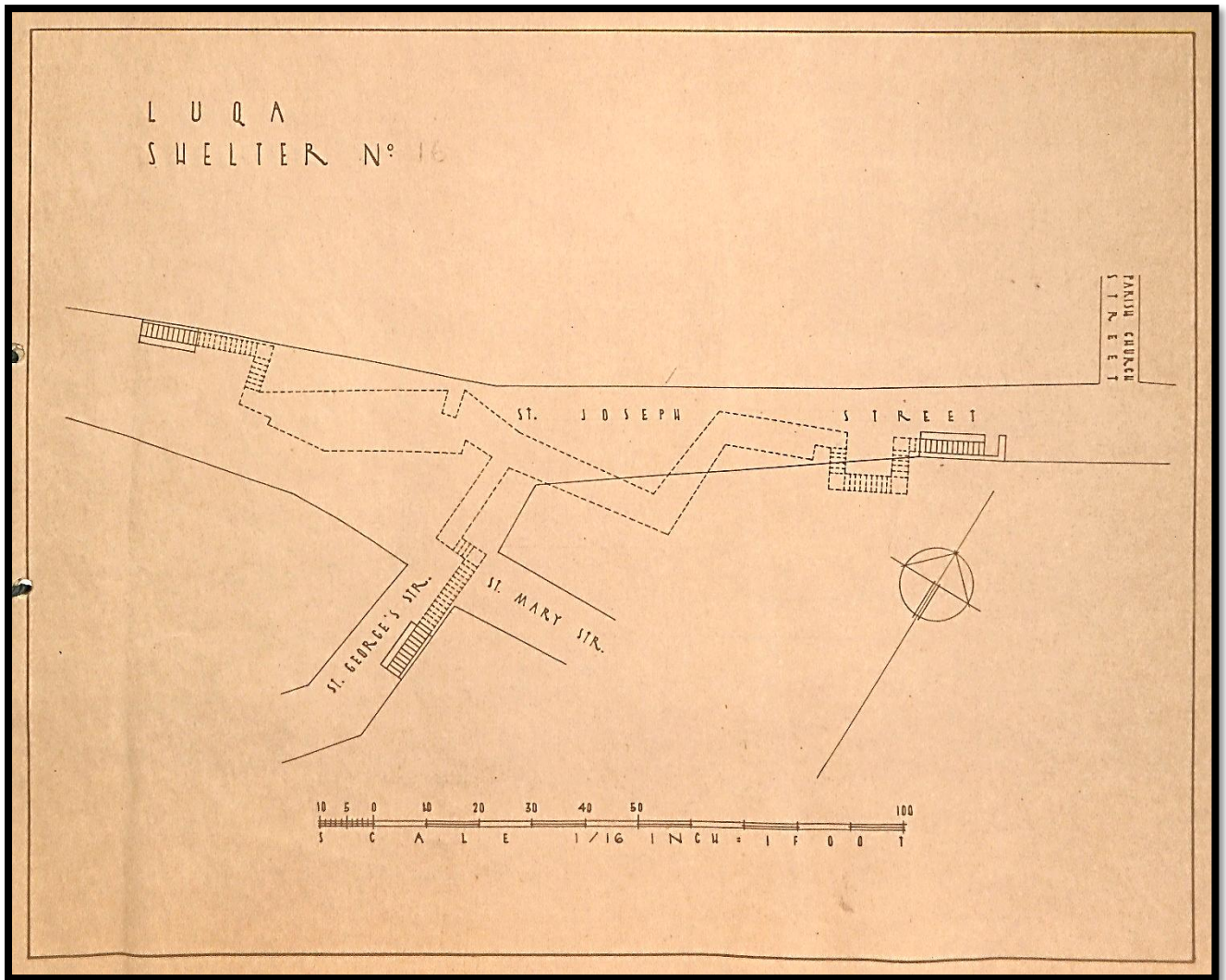


Fig.170 Planta do Abrigo nº16 "St. Joseph Street – St. George's Street – St. Mary Str – Parish Church Street"
 *Corresponde ao nº16 da Lista de Luqa

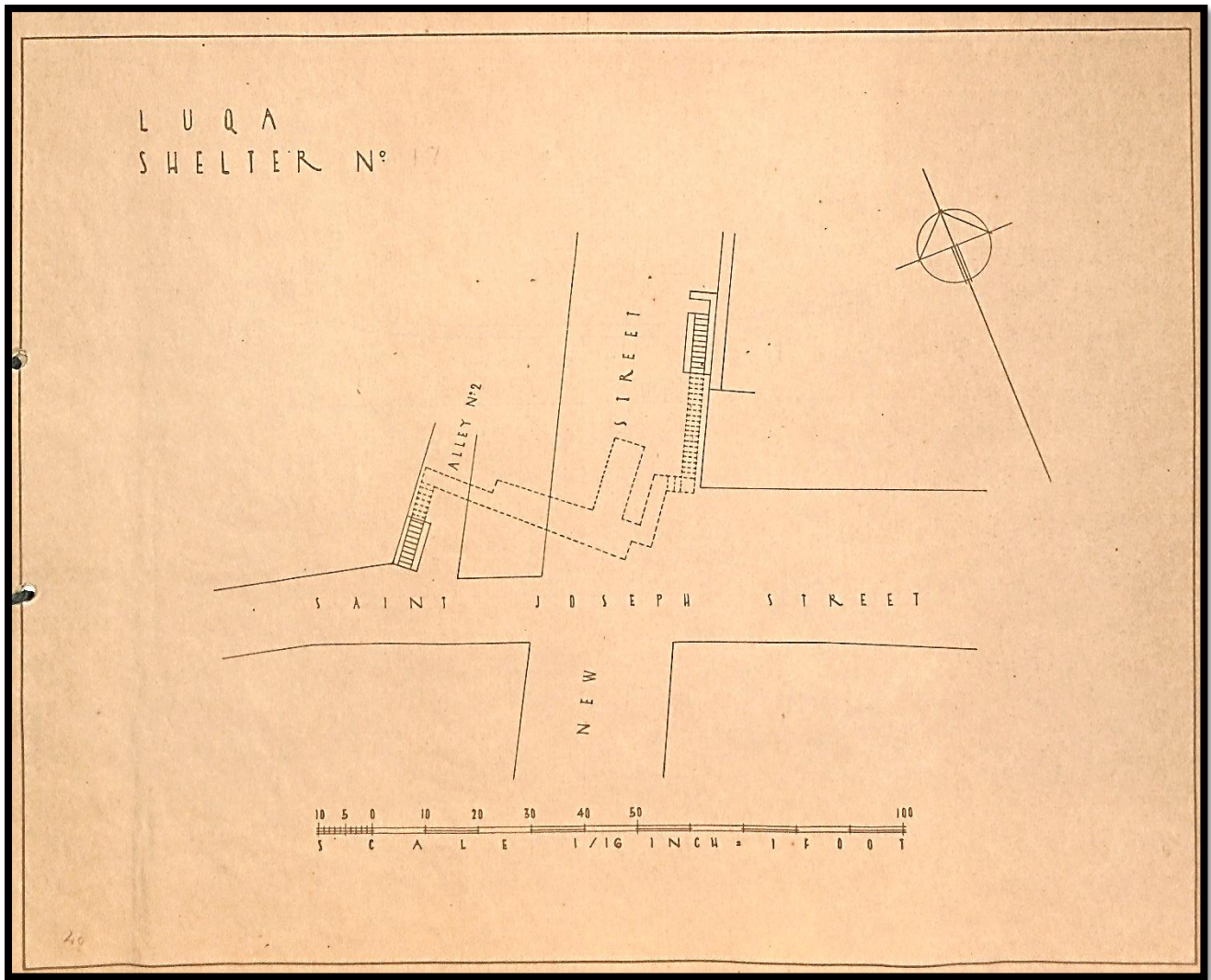


Fig.171 Planta do Abrigo nº17 "Saint Joseph Street – New Street – Alley nº1"
 *Corresponde ao nº17 da Lista de Luqa

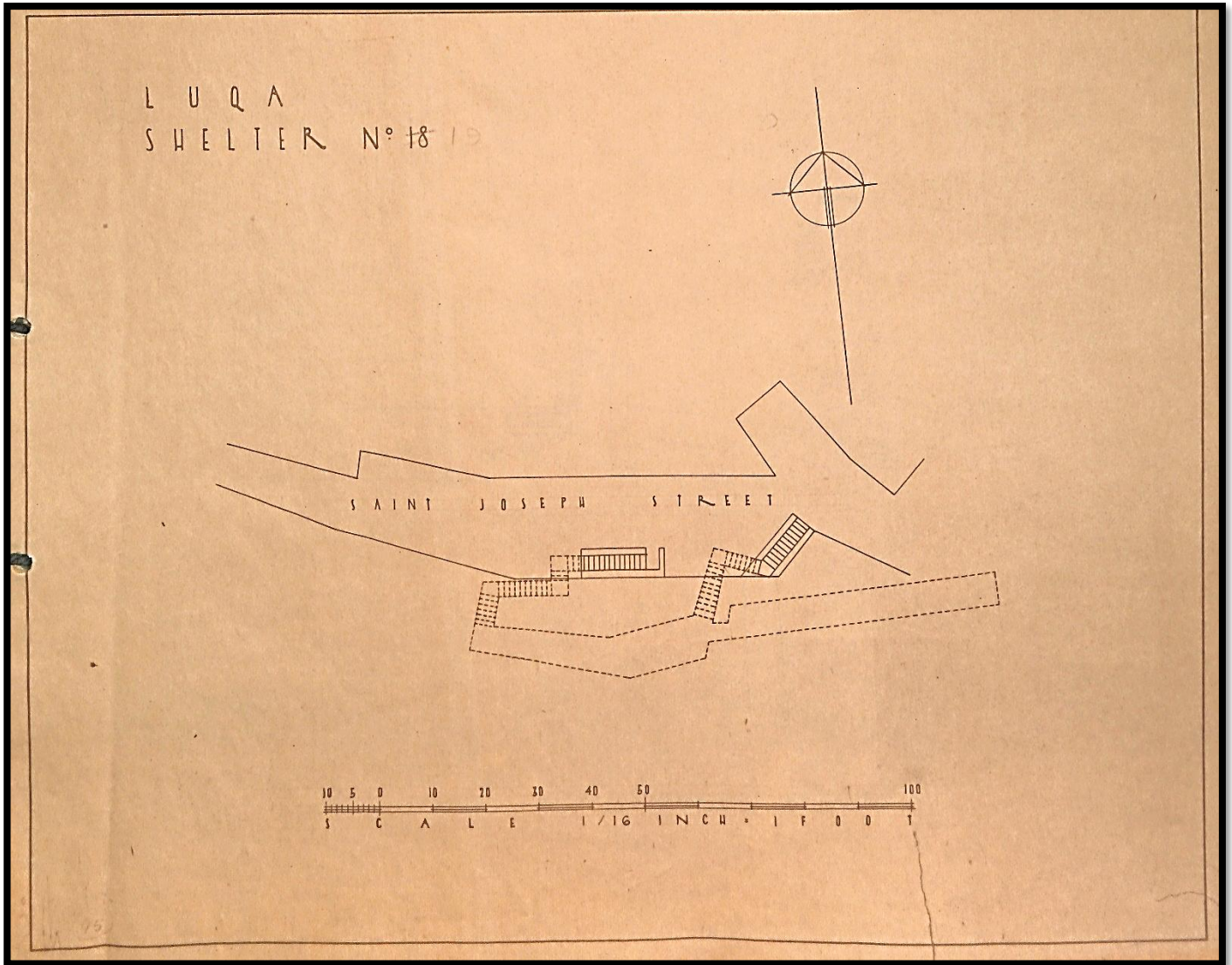


Fig.172 Planta do Abrigo nº18 (19) "Saint Joseph Street"

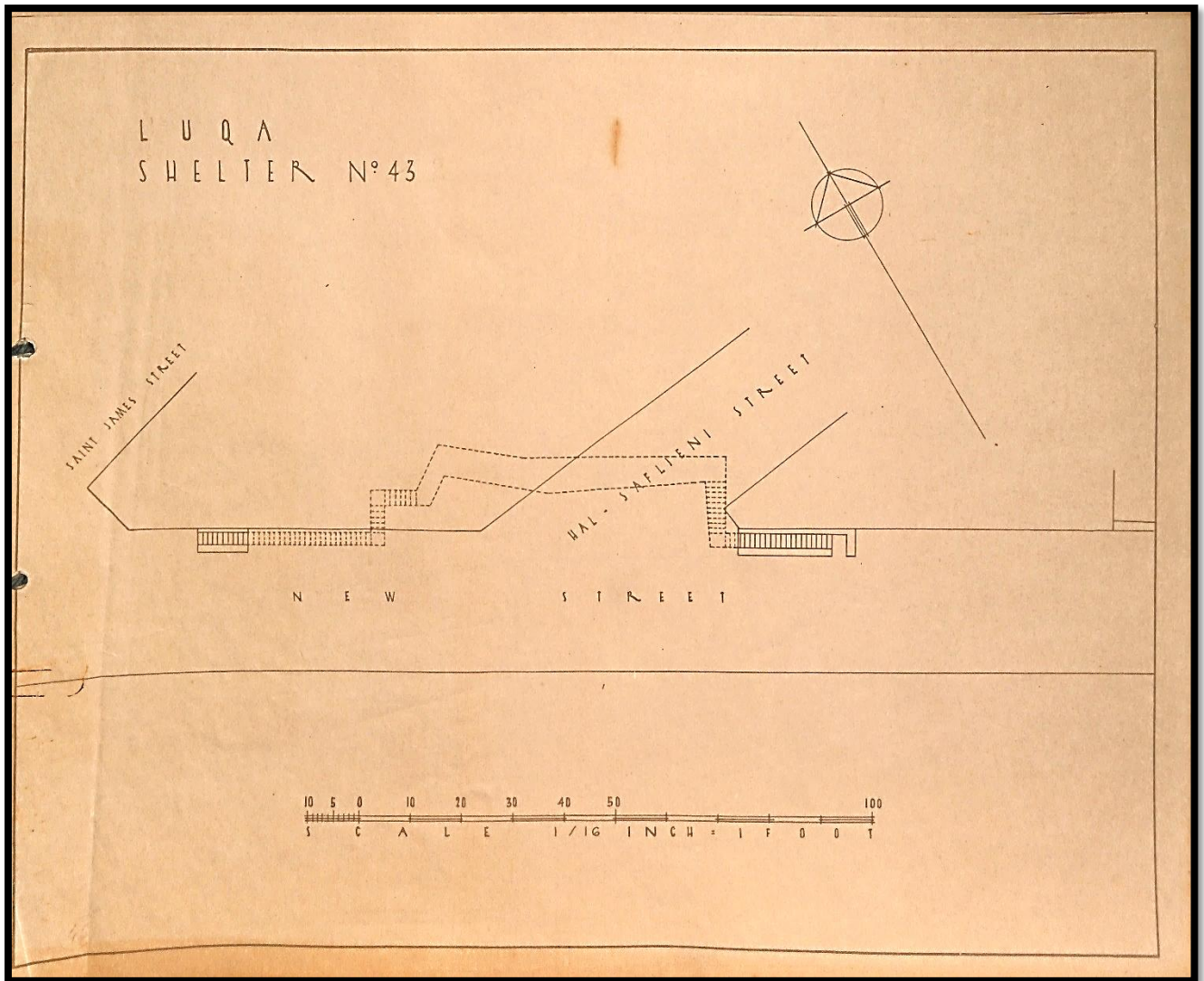


Fig.173 Planta do Abrigo nº43 "New Street – Hal-Saffieni Street – Saint James Street."

Marsa

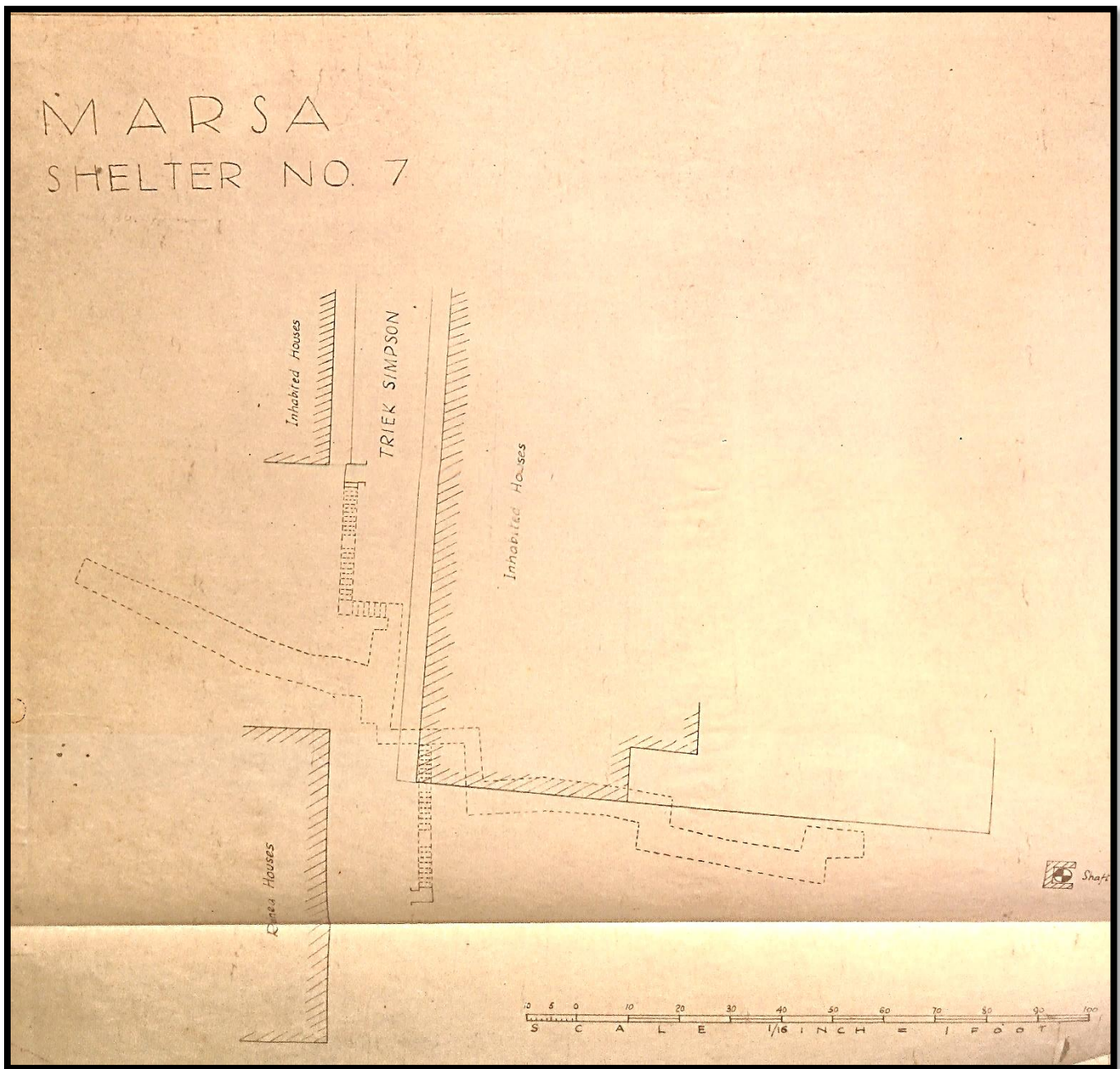


Fig.174 Planta do Abrigo nº7 "Trek Simpson"
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº8_Marsa" Fig.174 à 177

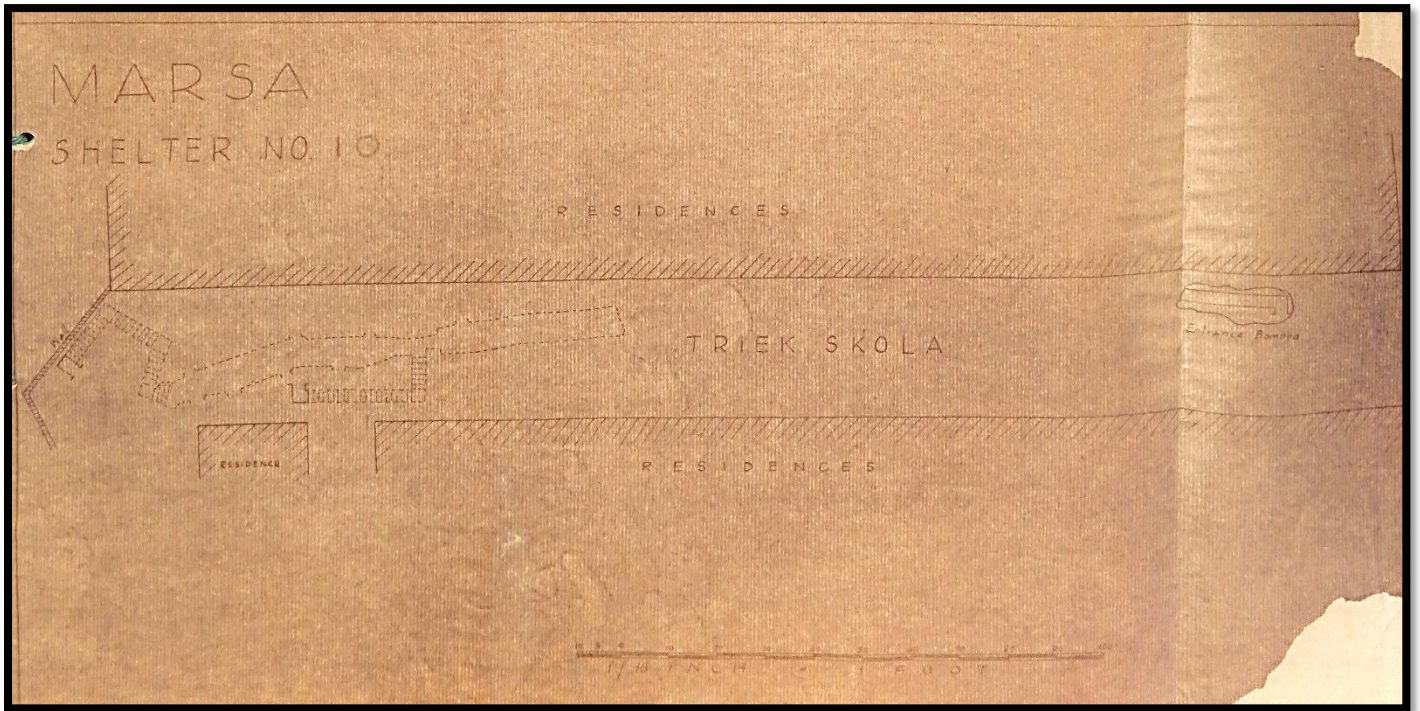


Fig.175 Planta no Abrigo nº10 "Triek Skola"

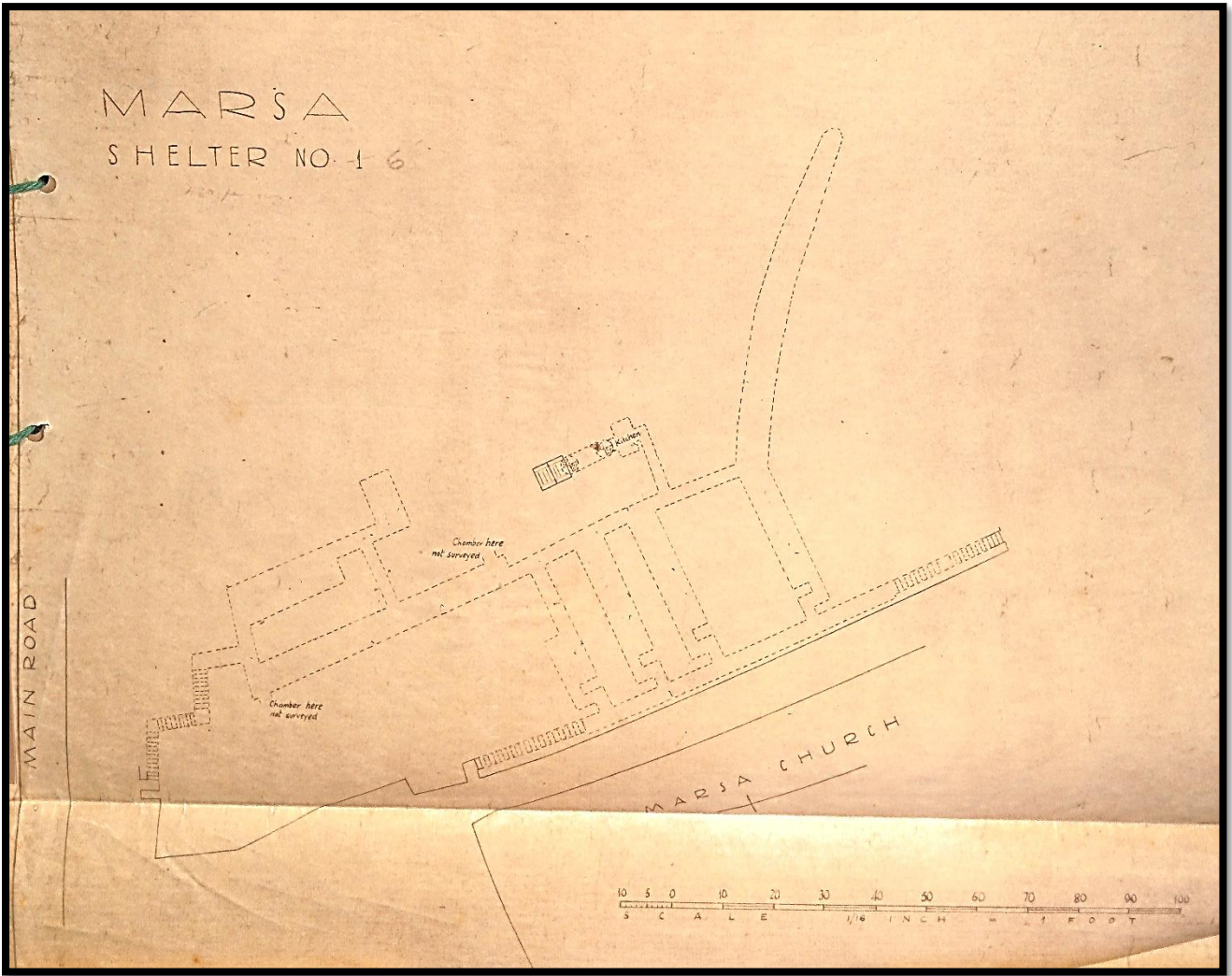


Fig.176 Planta do Abrigo nº16 "Main Road – Marja Church."

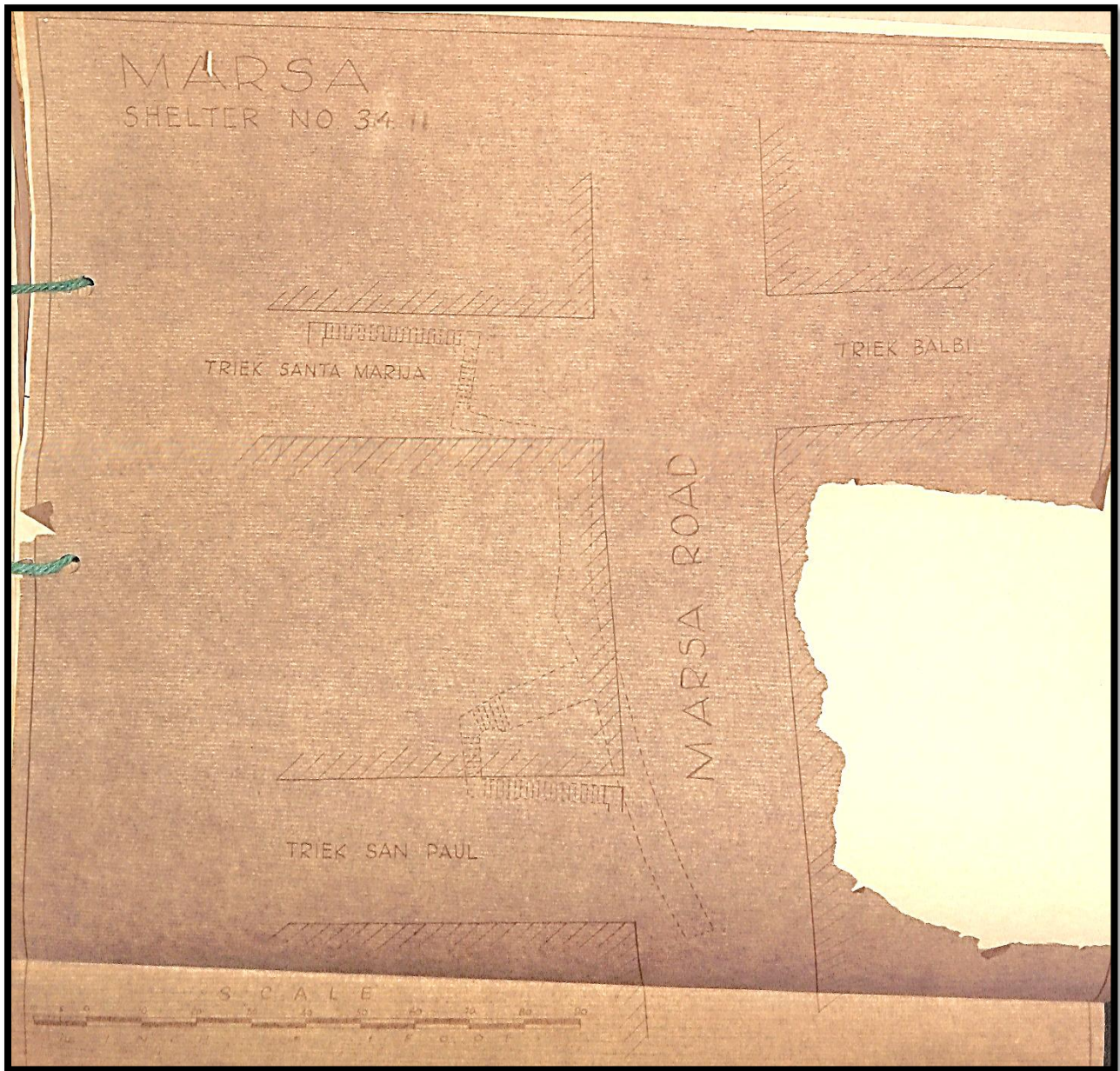


Fig.177 Planta do Abrigo nº34 (11) "Triek Marua – Triek Balbi – Triek San Paul – Marsa Road."

Mdina

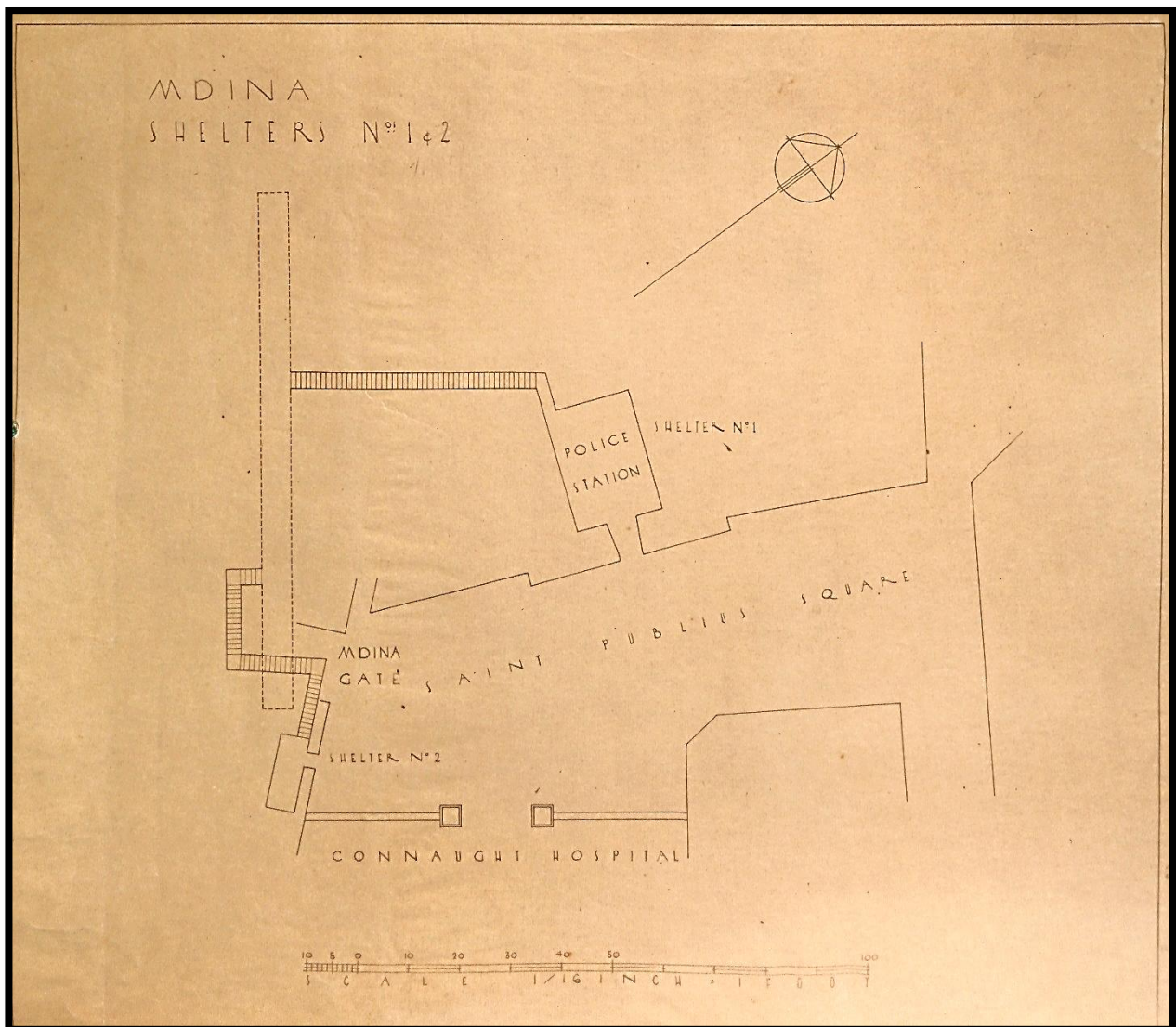


Fig.178 Planta do Abrigo nº1 e 2 "Saint Publius Square."
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter_Drawings nº9_Mdina" Fig.178 à 183
Corresponde ao nº1 e 2 da Lista de Mdina

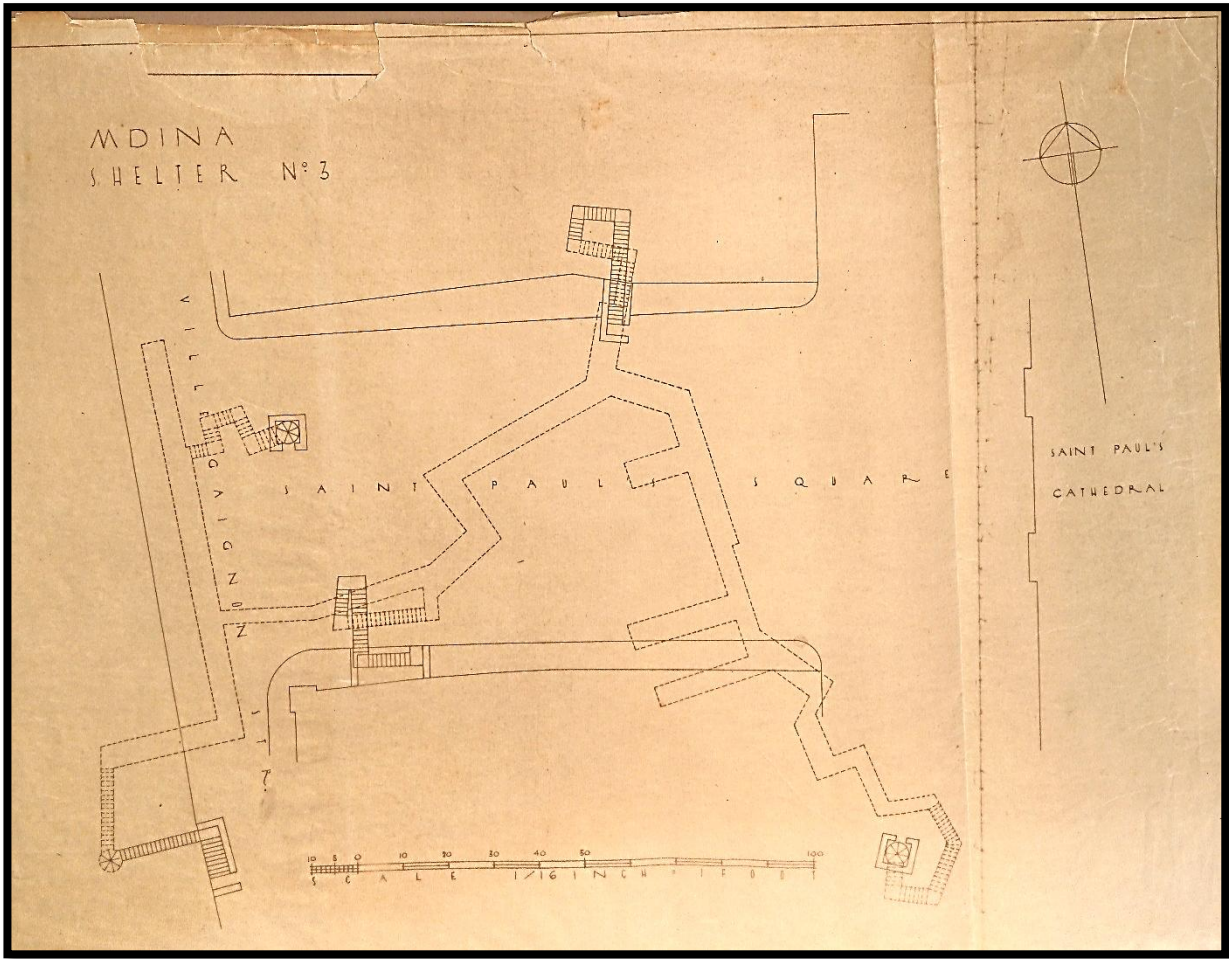


Fig.179 Planta do Abrigo nº3 "Saint Paul's Square – Ville Gaignon Str."
Corresponde ao nº3da Lista de Mdina

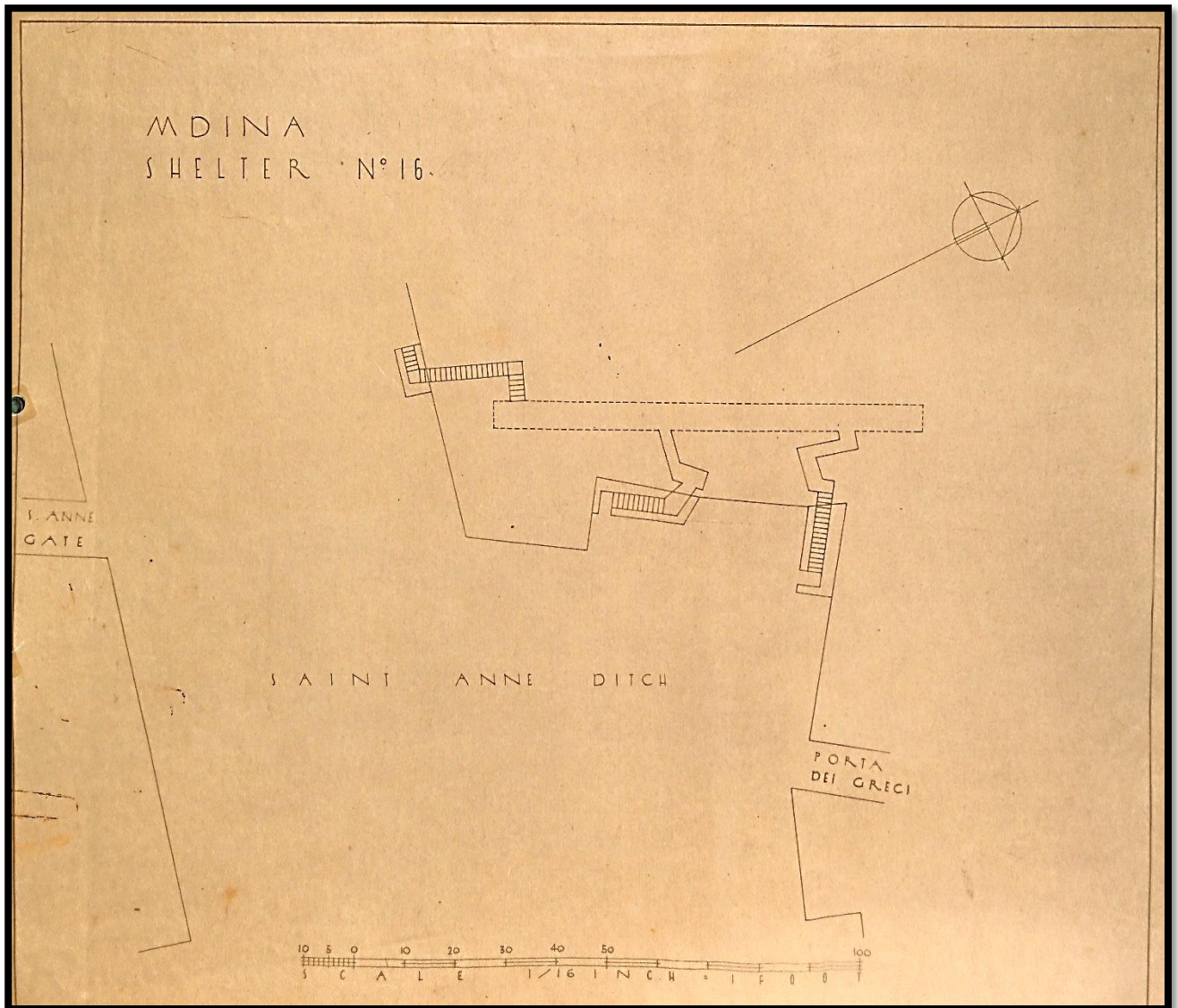


Fig.180 Planta do Abrigo nº16 "Saint Anne Ditch – S. Anne Gate - Porta Del Greci."
Corresponde ao nº6 da Lista de Mdina

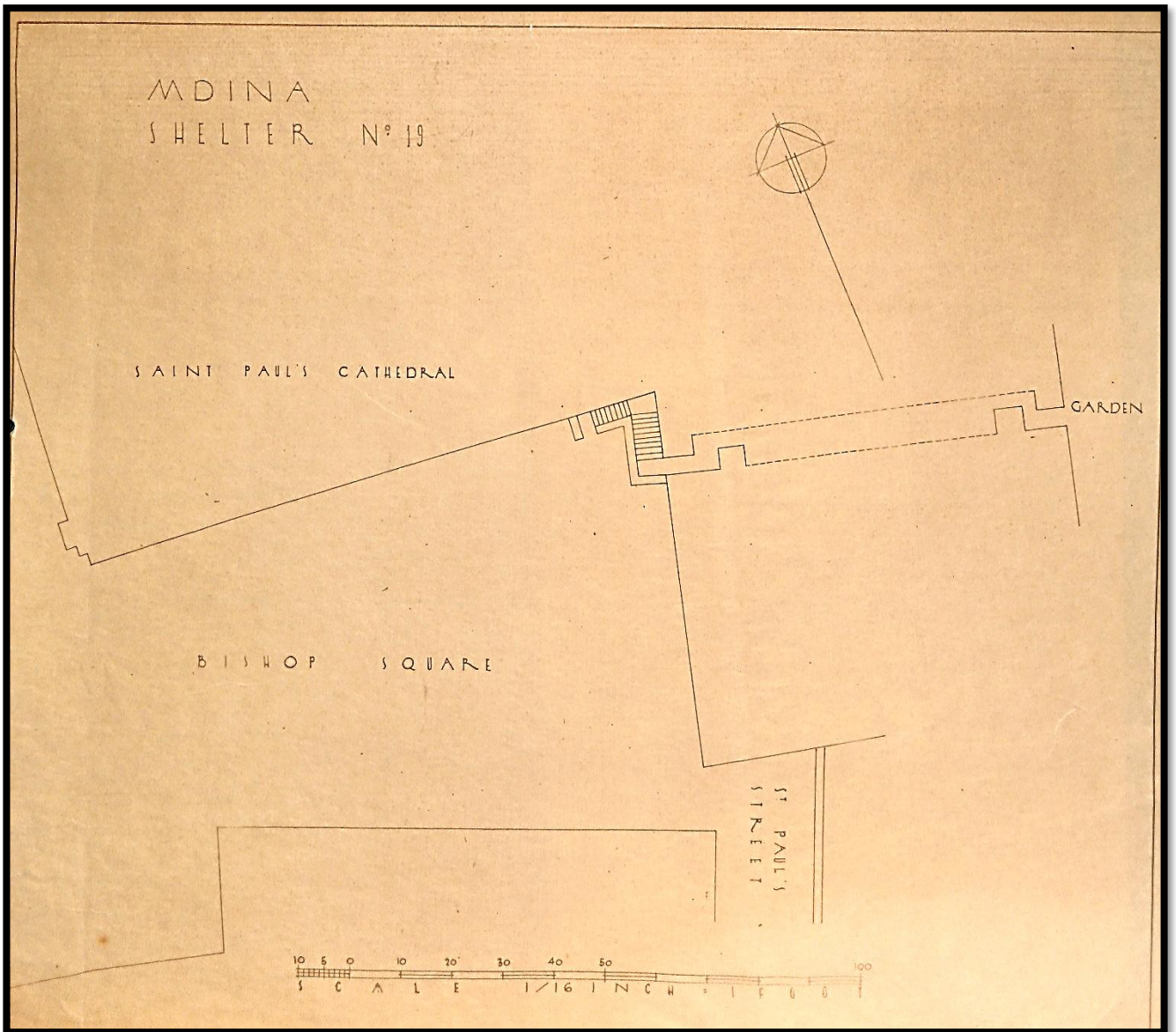


Fig.181 Planta do Abrigo nº19 (4) "Bishop Square – St. Paul's Street."
Corresponde ao nº5 da Lista de Mdina

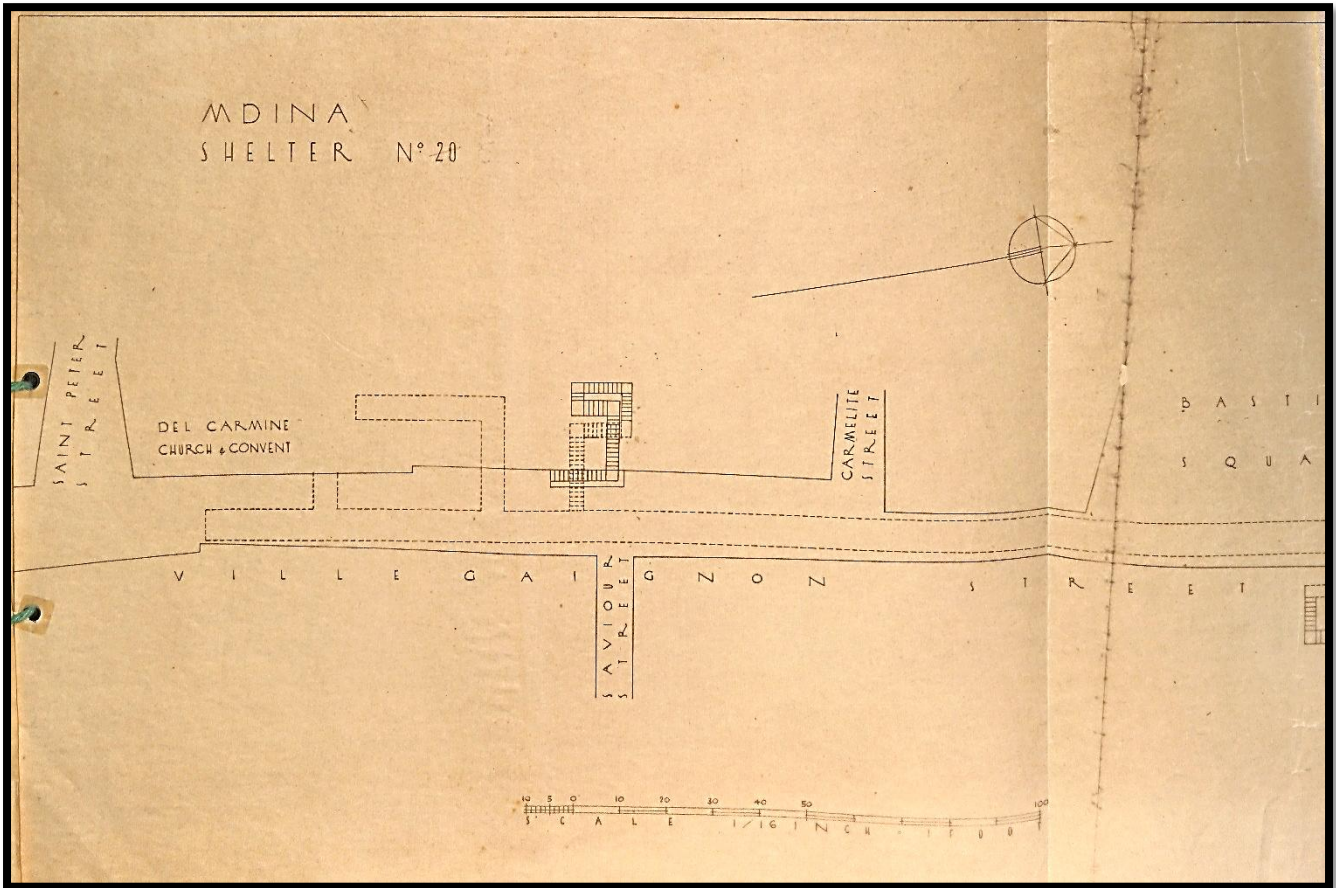


Fig.182 Planta do Abrigo nº20 (5) "Saint Peter Street – Villegaignon Street – Saviour Street – Carmel Street."

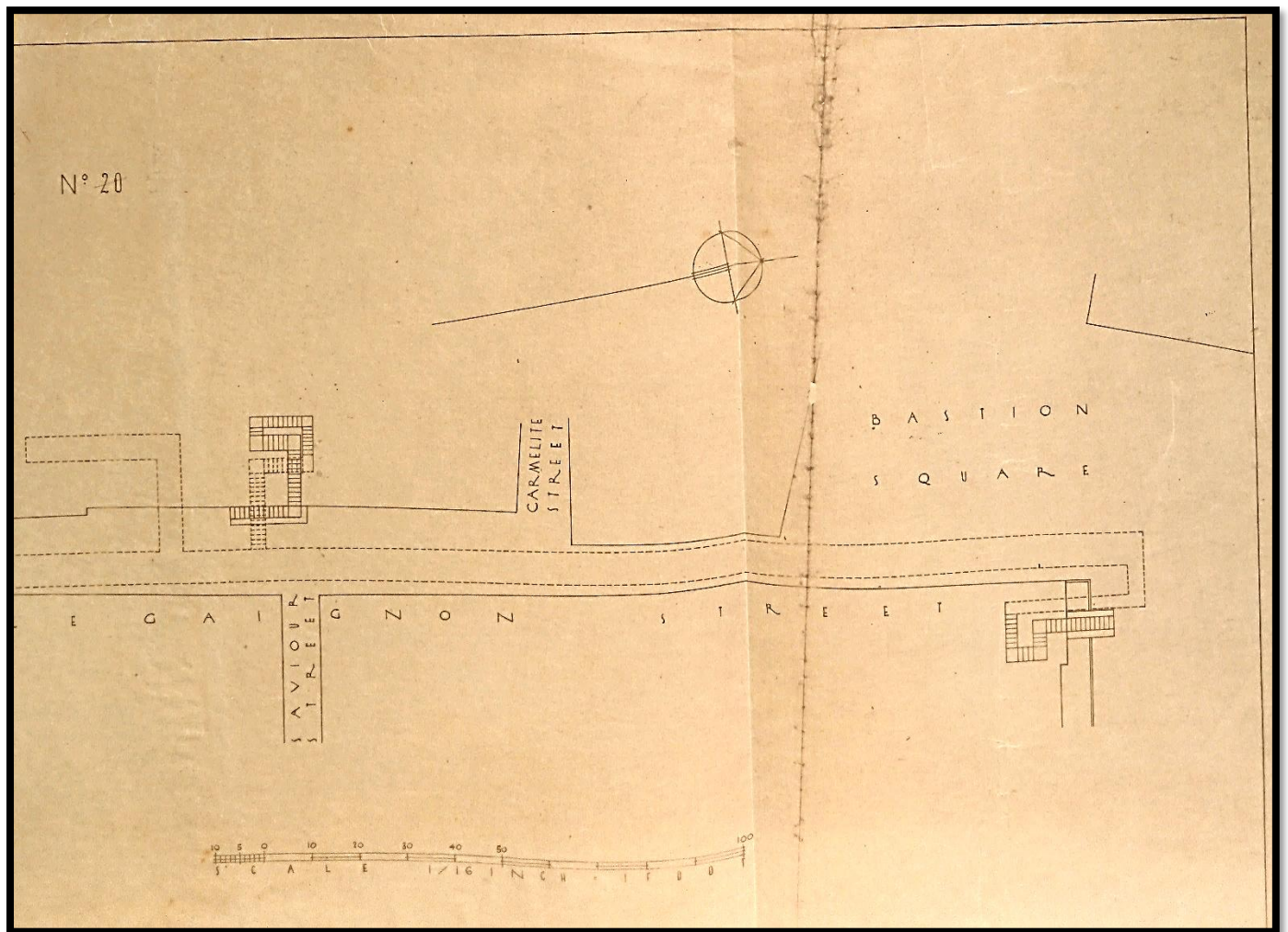


Fig.183 Planta do Abrigo nº20 (5) "Saint Peter Street – Villegaignon Street – Saviour Street – Carmel Street" (Continuação)

Mgarr (Żebbiegħ)

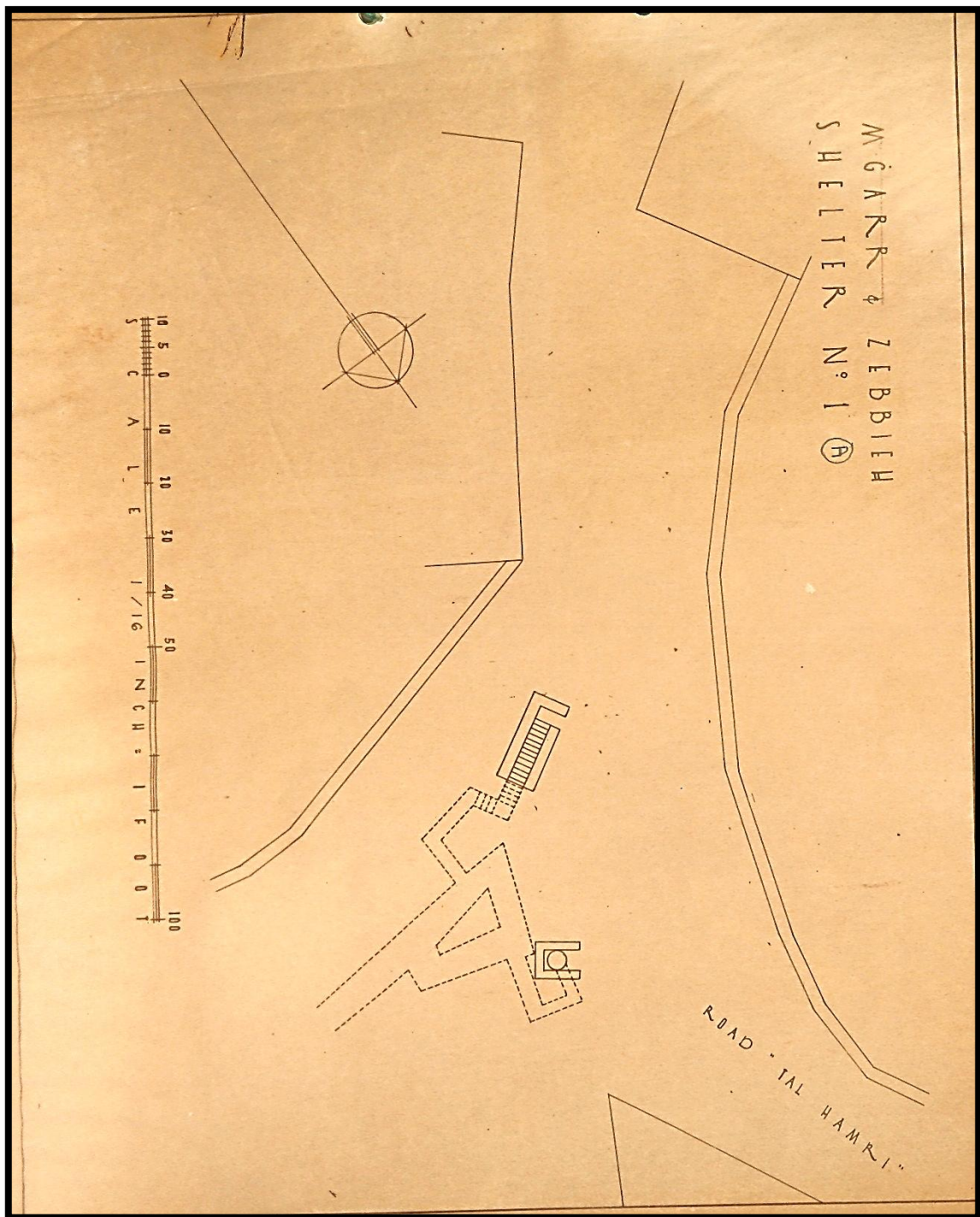


Fig.184 Planta do Abrigo nº1A "Road "Tal Hamri"

Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings _nº10_ Mgarr/Żebbiegħ" Fig.184 à 201

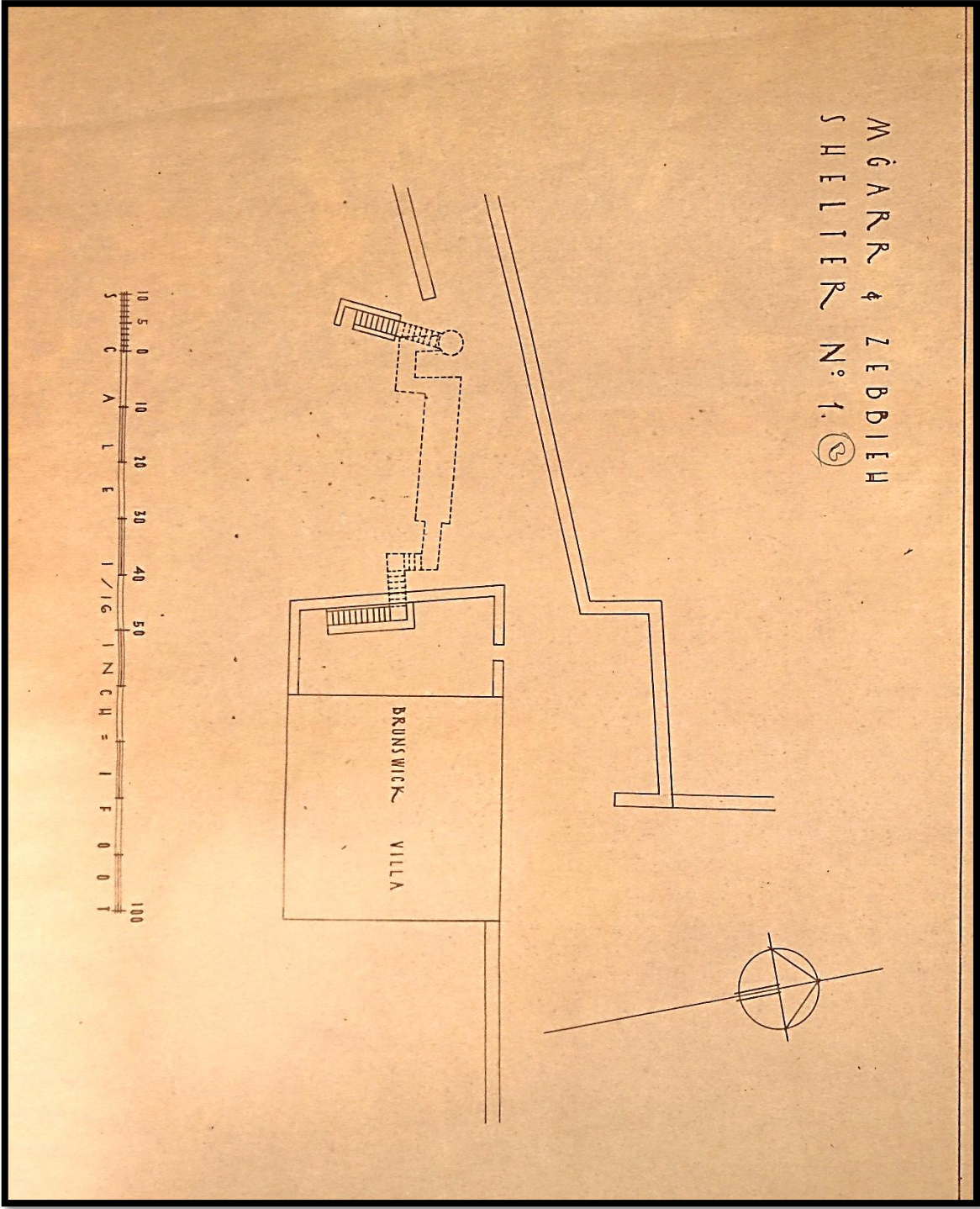


Fig.185 Planta do Abrigo nº1B "Burswick Villa"

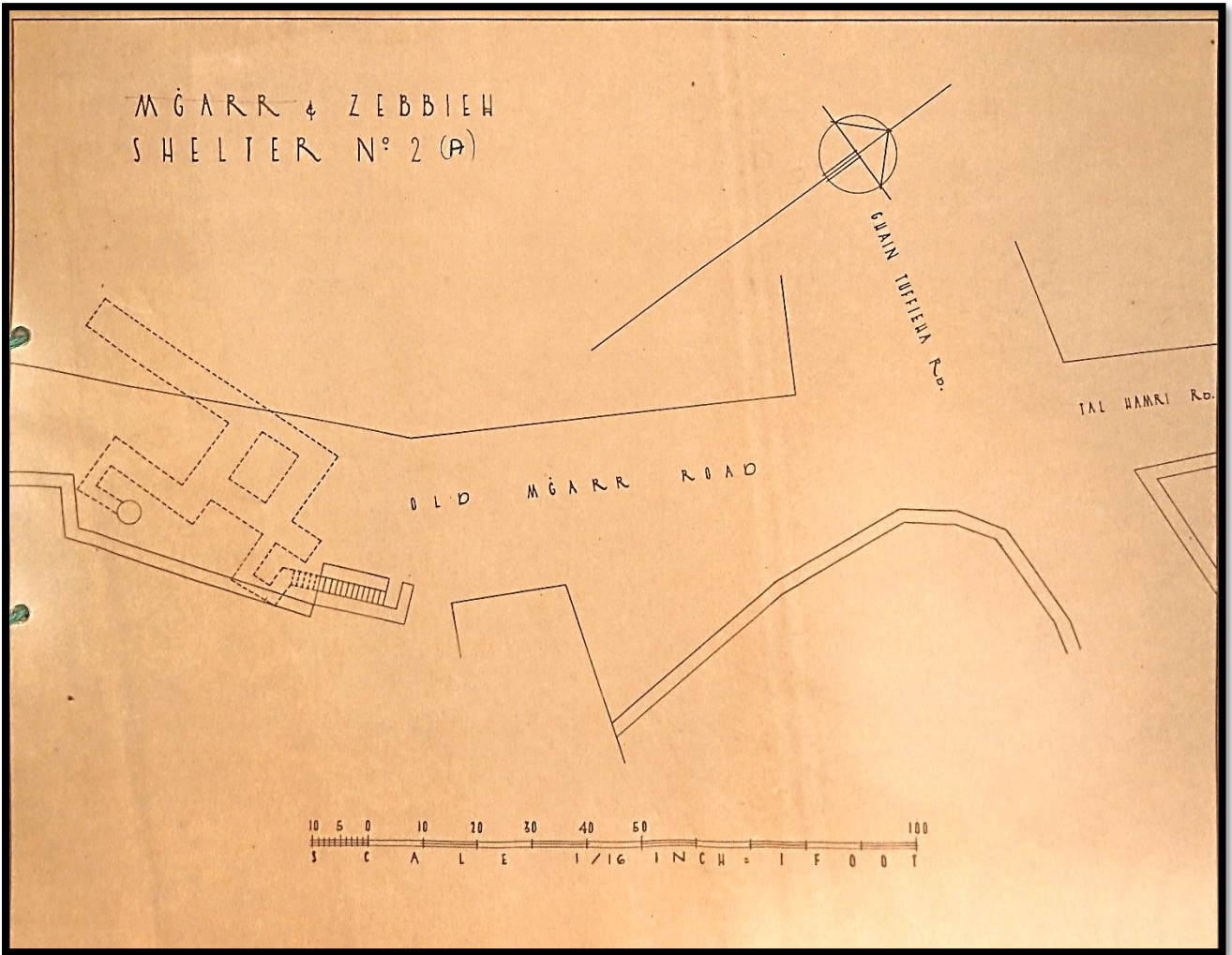


Fig.186 Planta do Abrigo nº2A "Old Mġarr Road – Ghain Tufieha Rd. – Tal Hamri Rd."

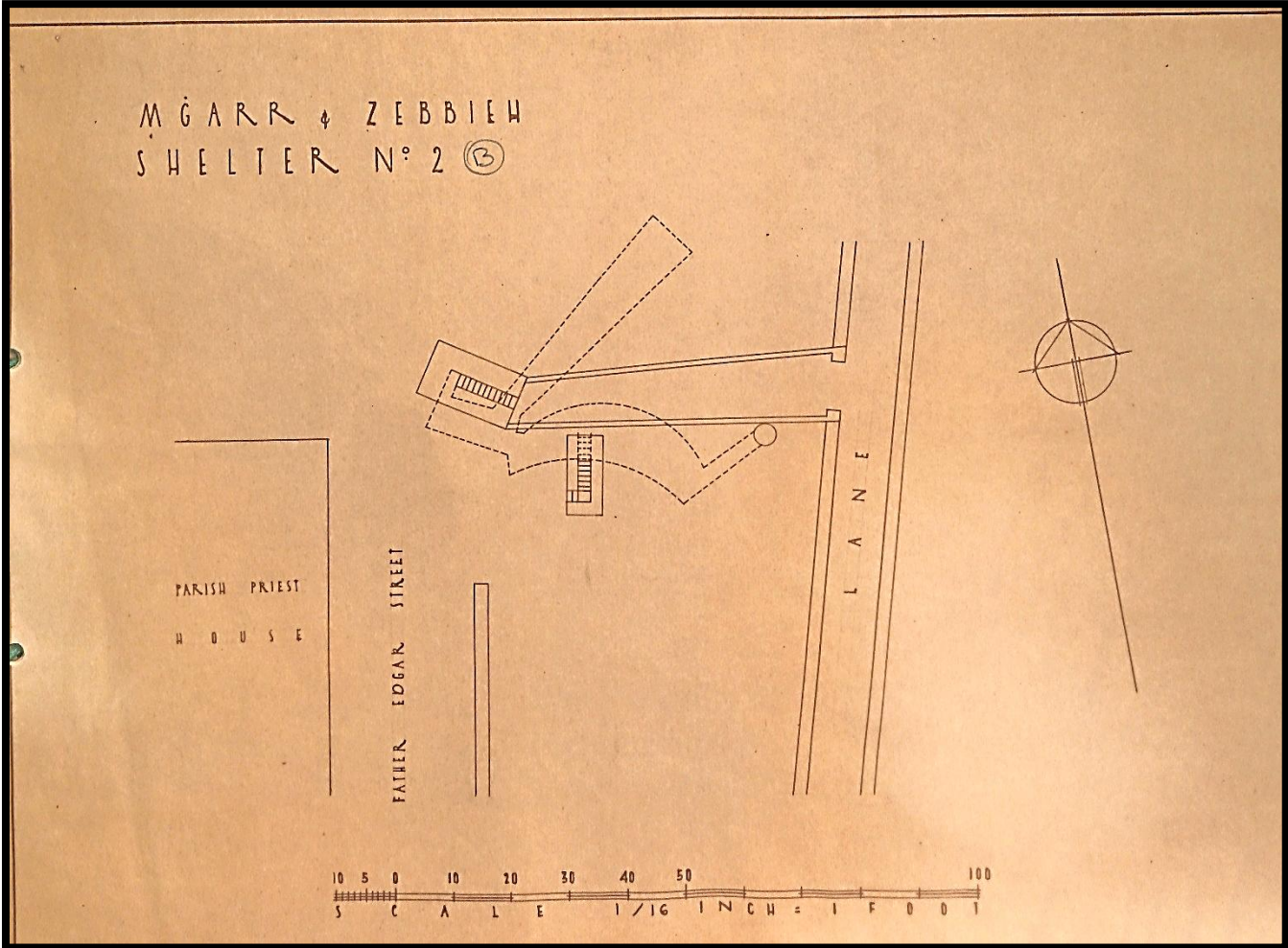


Fig.187 Planta do Abrigo nº2B "Father Edgar Street (Parish Priest House) – Lane"
 *Corresponde ao nº2 da Lista de Mğarr

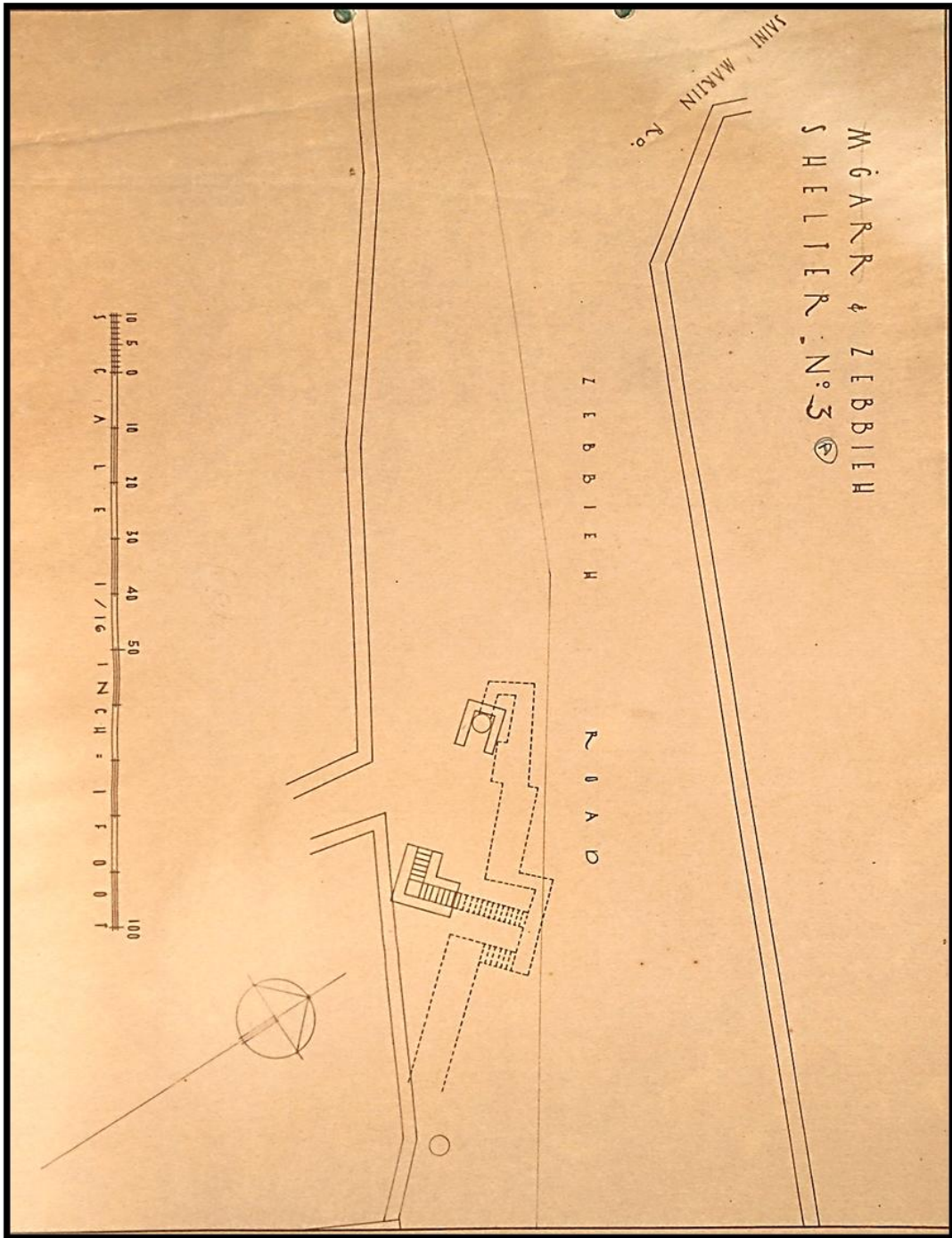


Fig.188 Planta do Abrigo nº3ª "Zebbieh Road – Saint Martin Road."

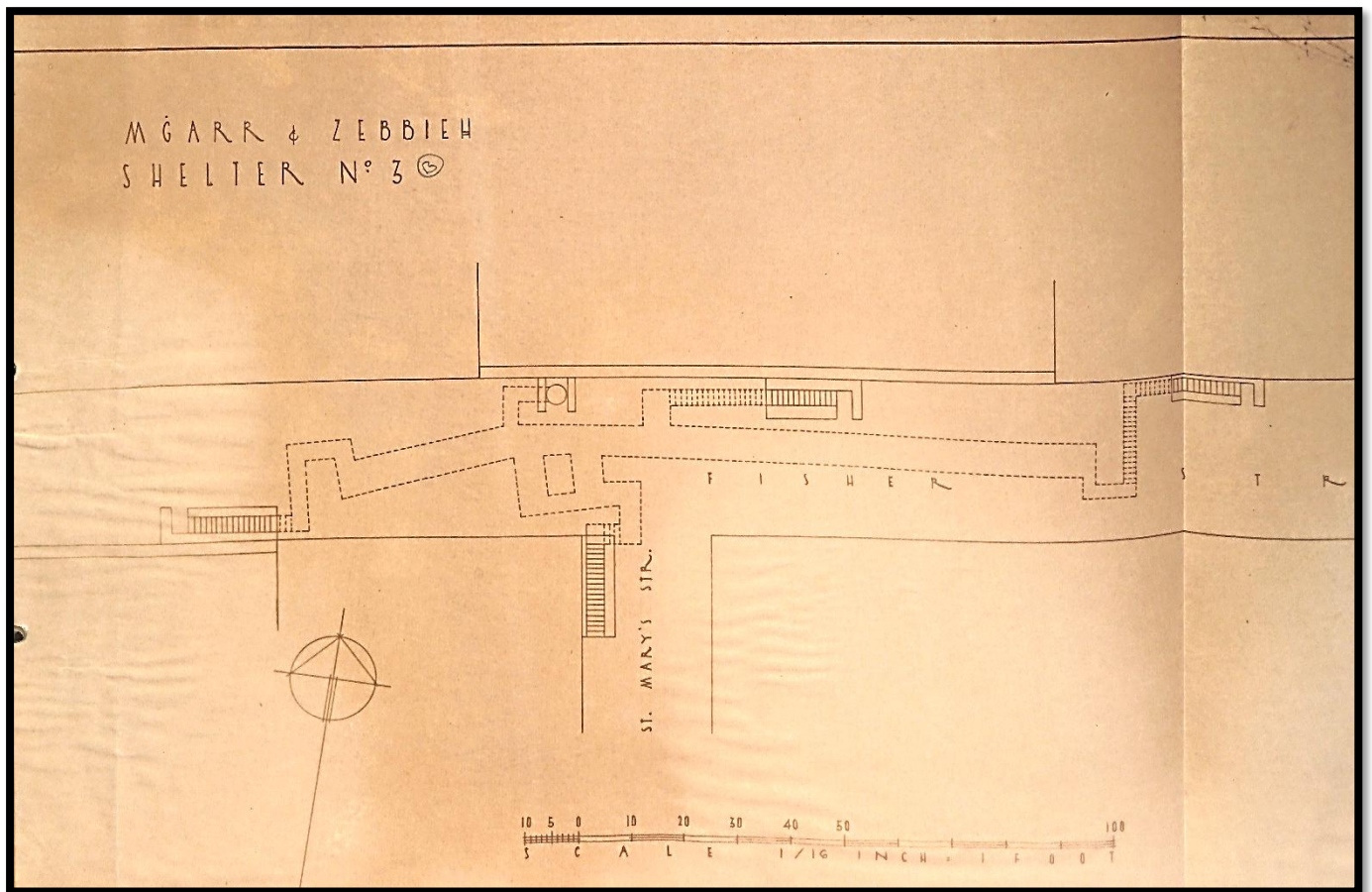


Fig.189 Planta do Abrigo nº3B. "St Mary's Str. – Fisher Str."

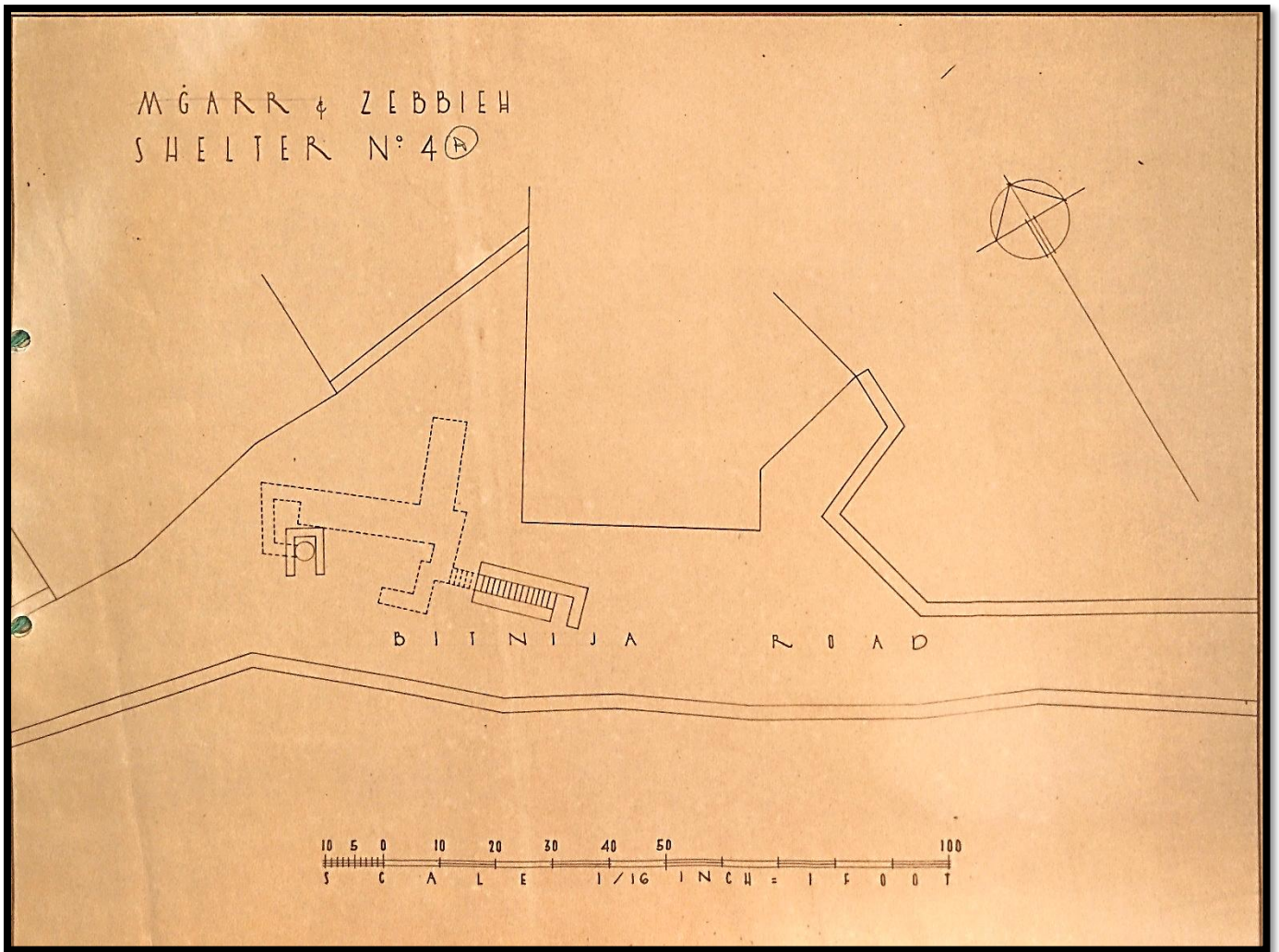


Fig.190 Planta do Abrigo nº4A "Blinija Road"

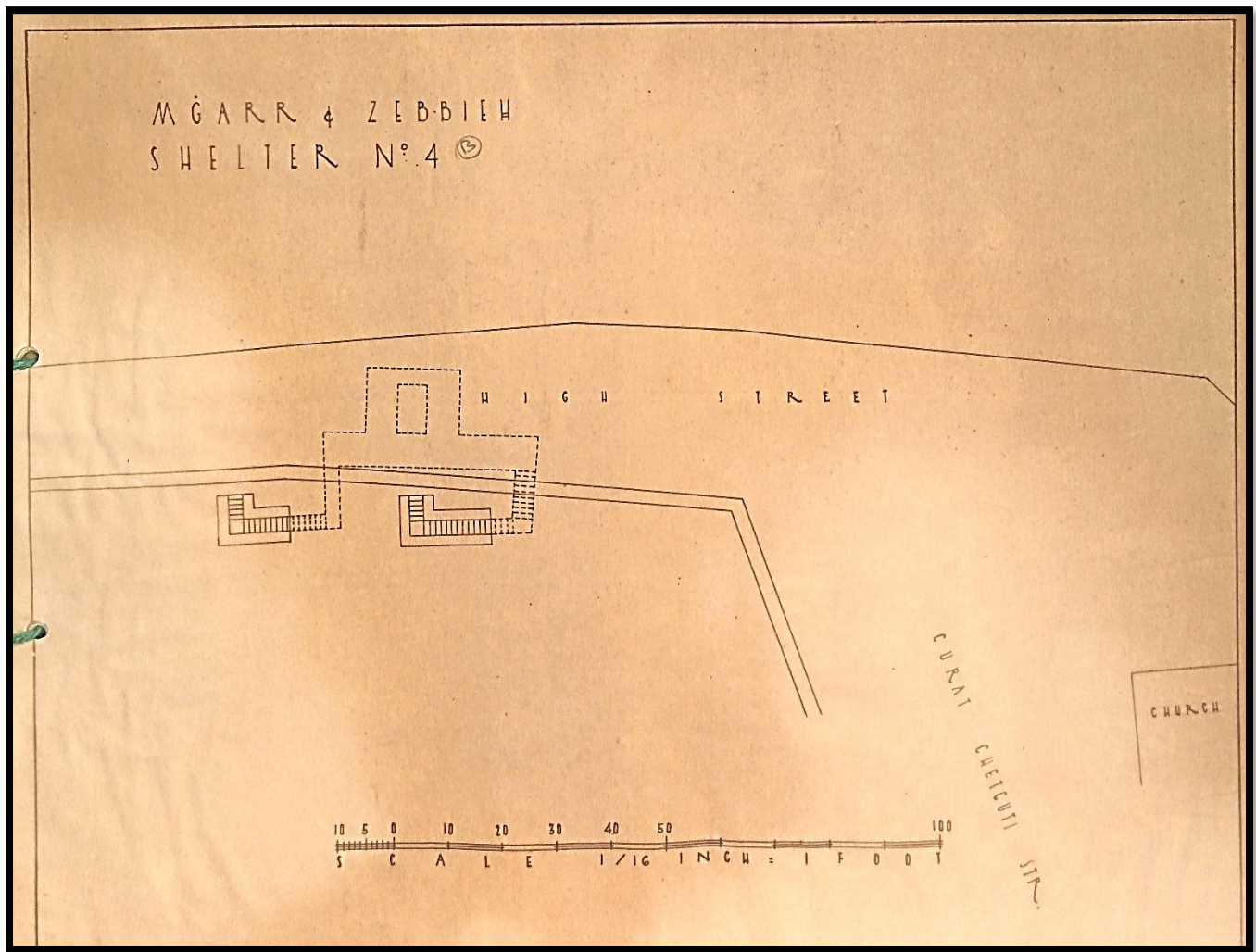


Fig.191 Planta do Abrigo nº4B "High Street – Curat Chetcuti Str."

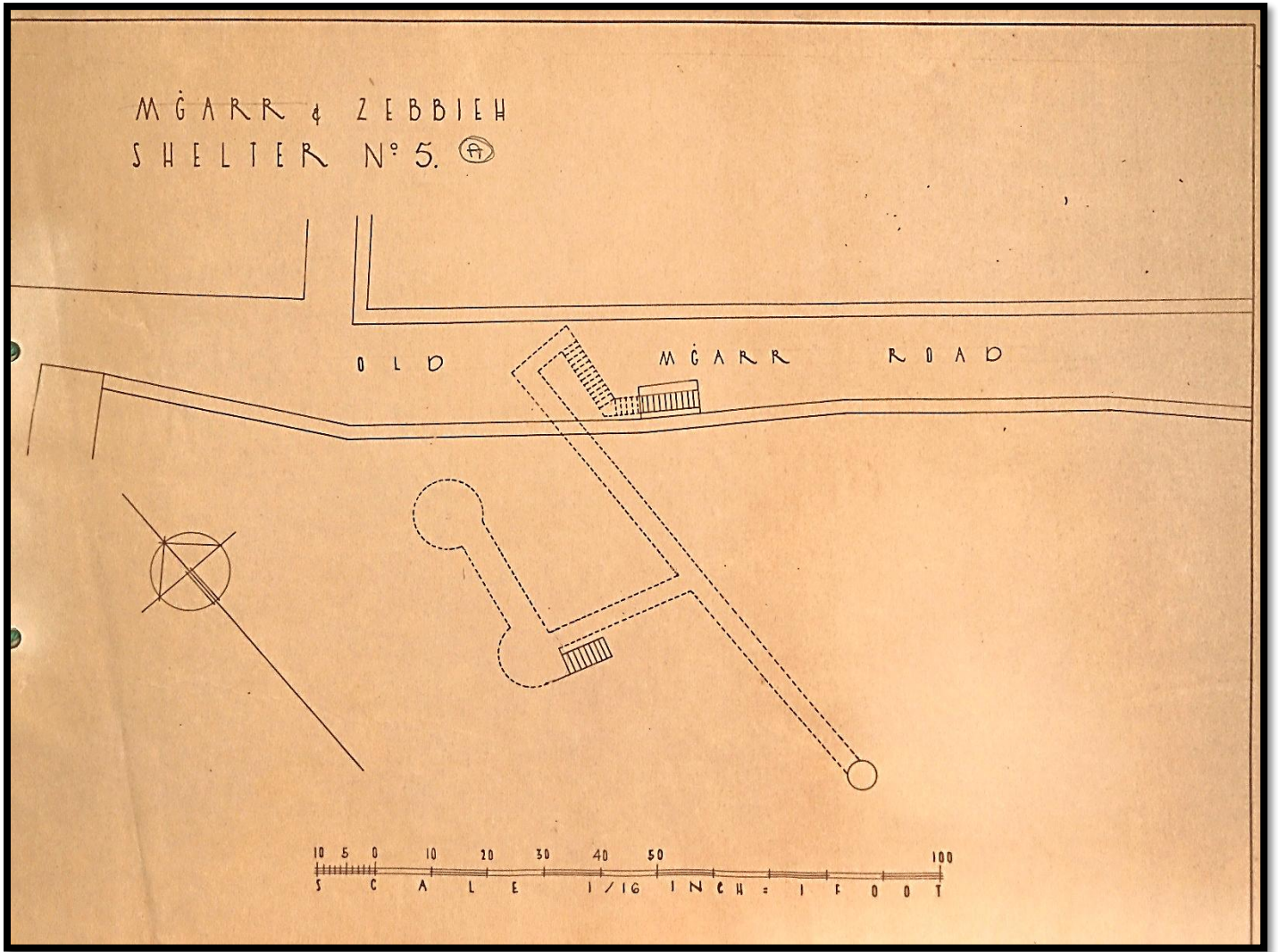


Fig.192 Planta do Abrigo nº5A "Old Mġarr Road."

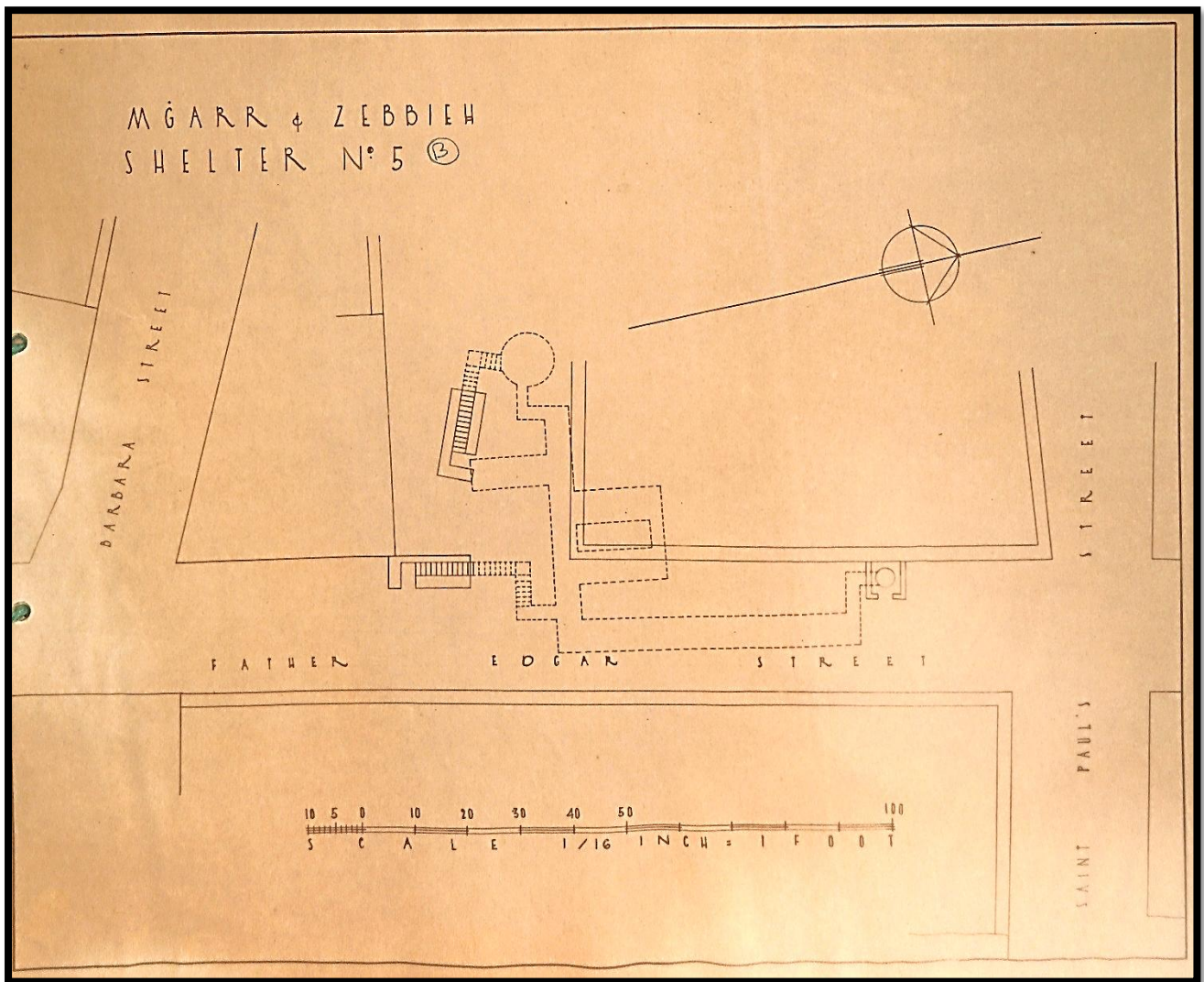


Fig.193 Planta do Abrigo nº5B "Father Edgar Street – Barbara Street – Sait Paul's Street."
*Corresponde ao nº5 da Lista de Mġarr

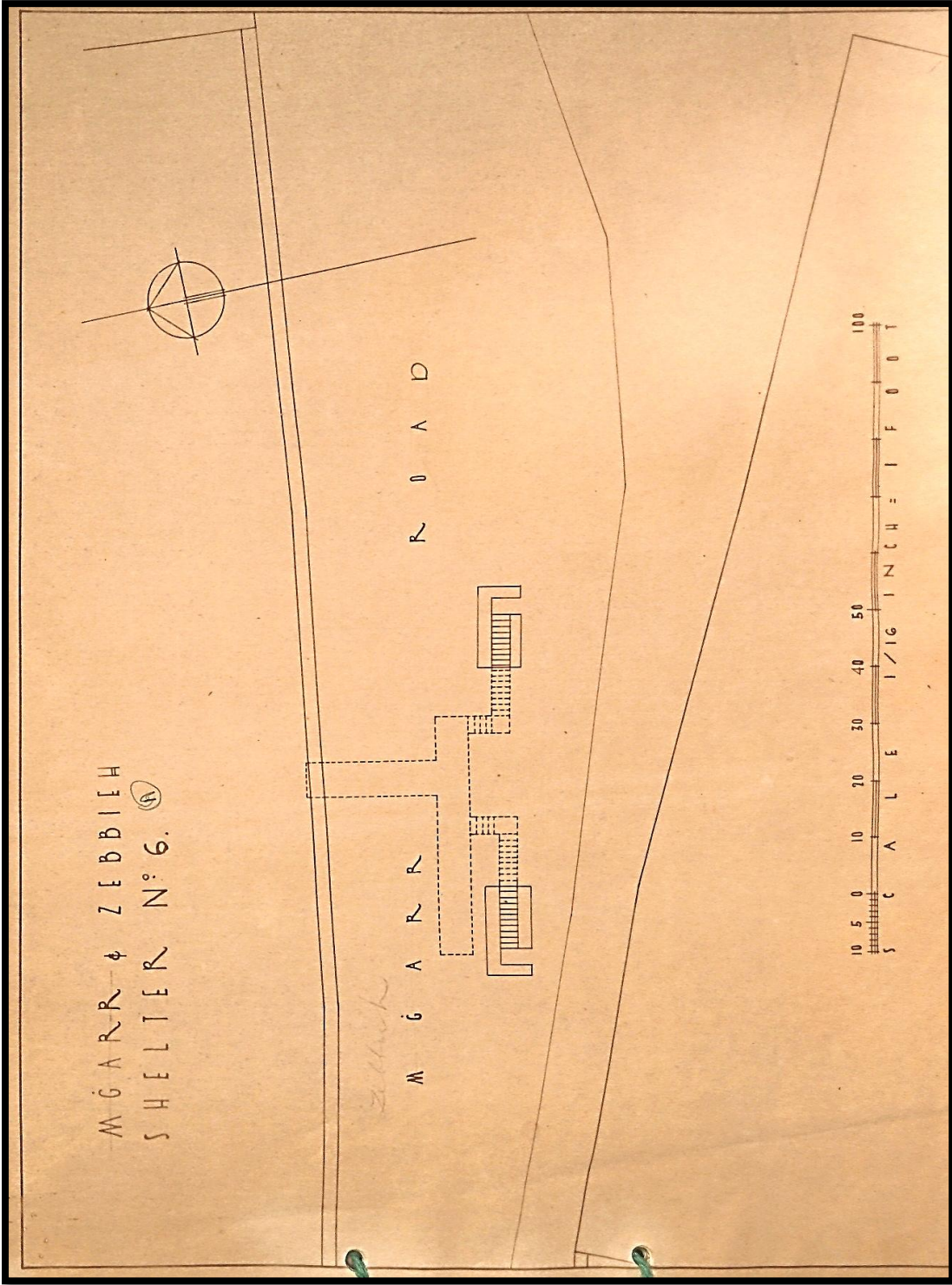


Fig.194 Planta do Abrigo nº 6A "Mġarr Road"

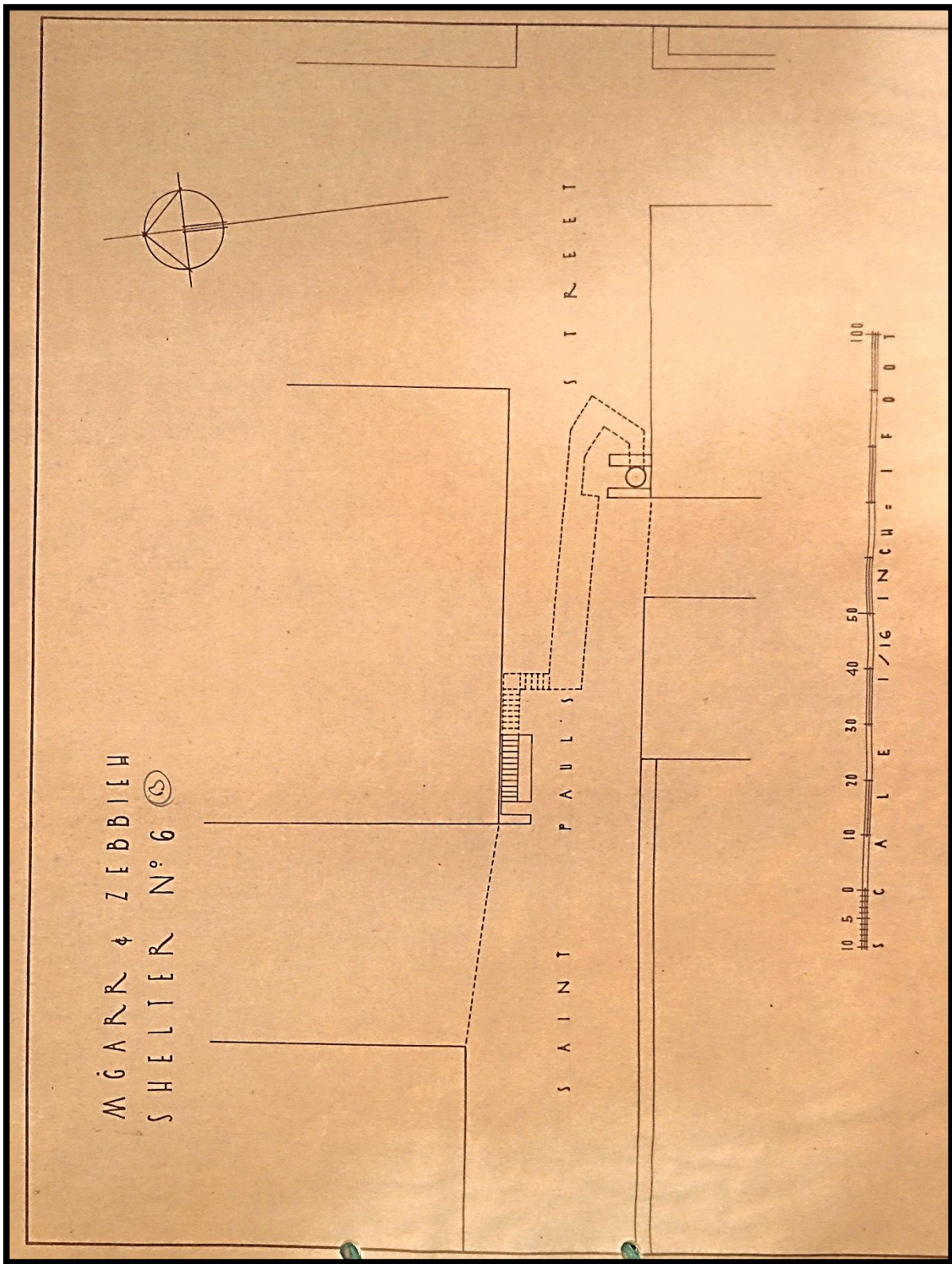


Fig.195 Planta do Abrigo nº6B "Saint Paul's Street"
*Corresponde ao nº6 da Lista de Mgarr

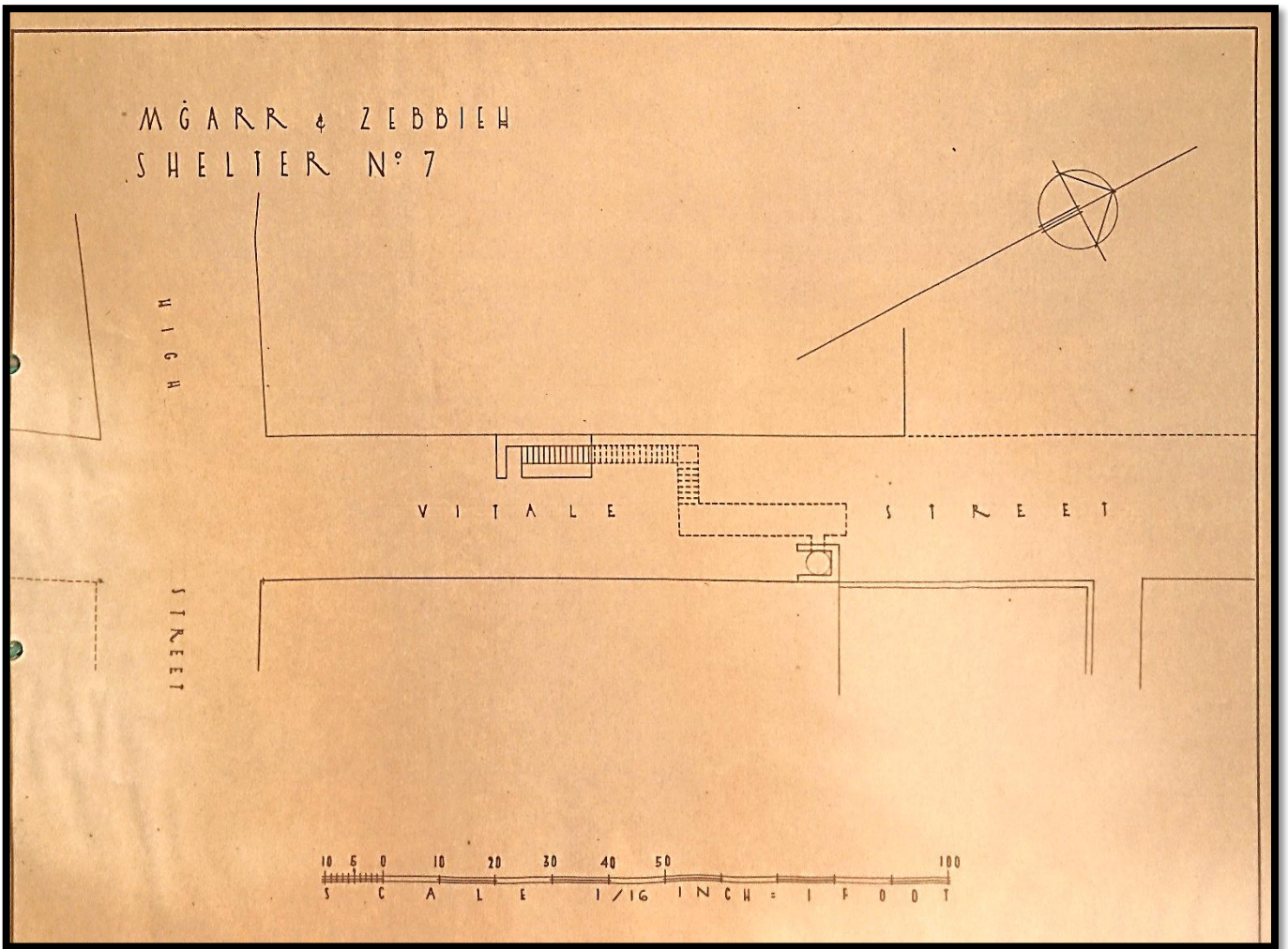


Fig.196 Planta do Abrigo nº7 "High Street – Vitale Street."

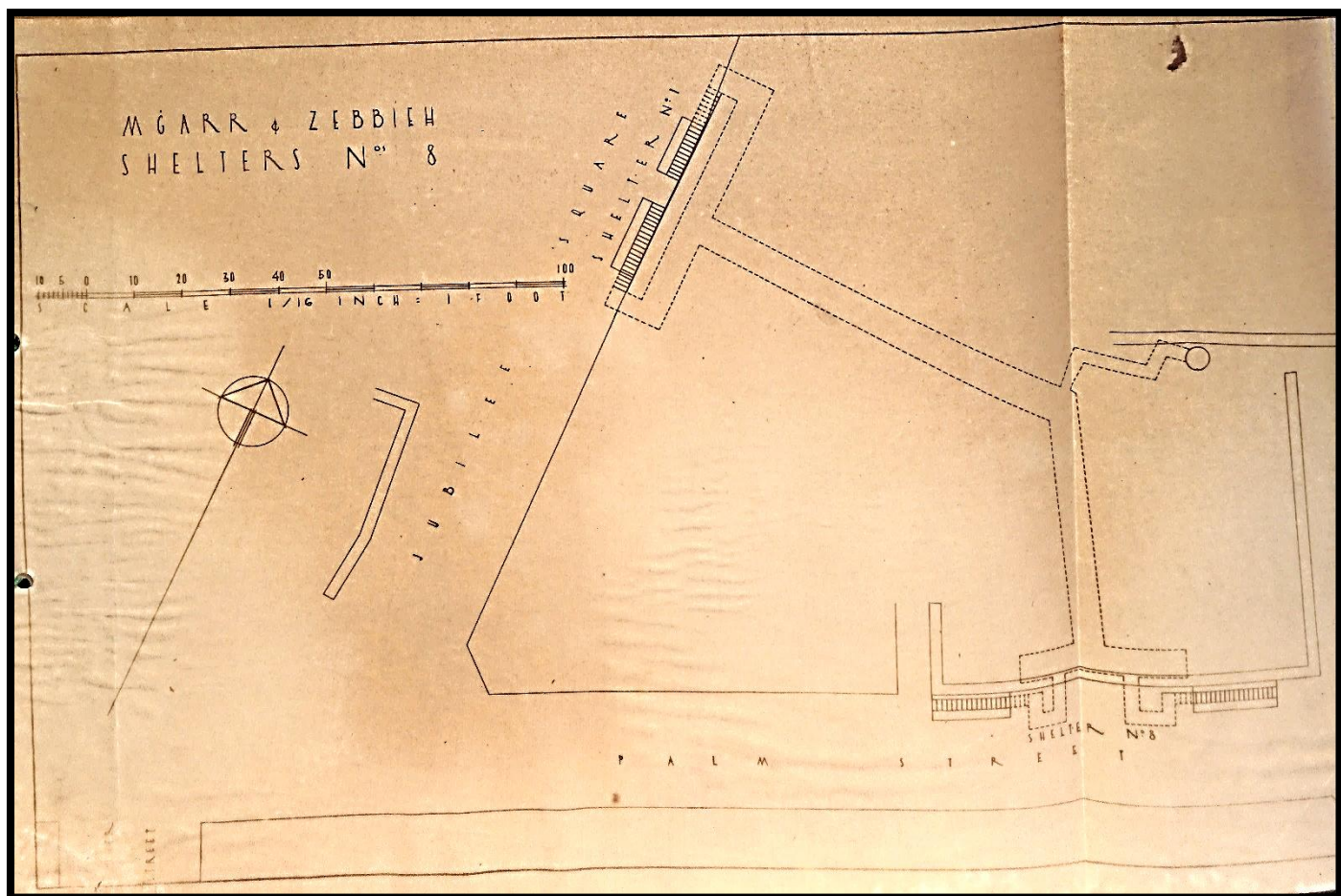


Fig.197 Planta do Abrigo nº8 "Jubilee Square – Palm Street."

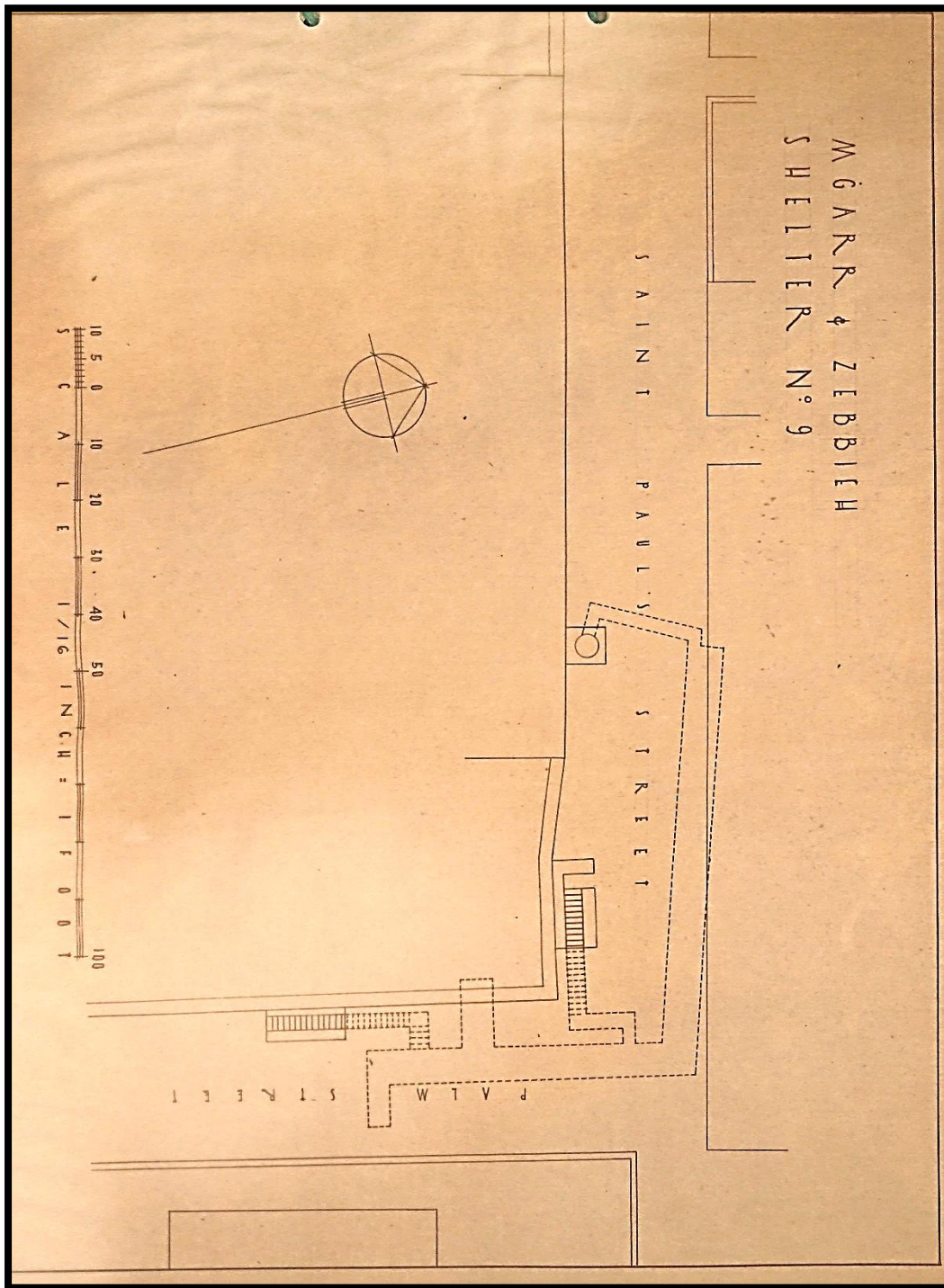


Fig.198 Planta do Abrigo nº9 "Saint Paul's Street – Palm Street."

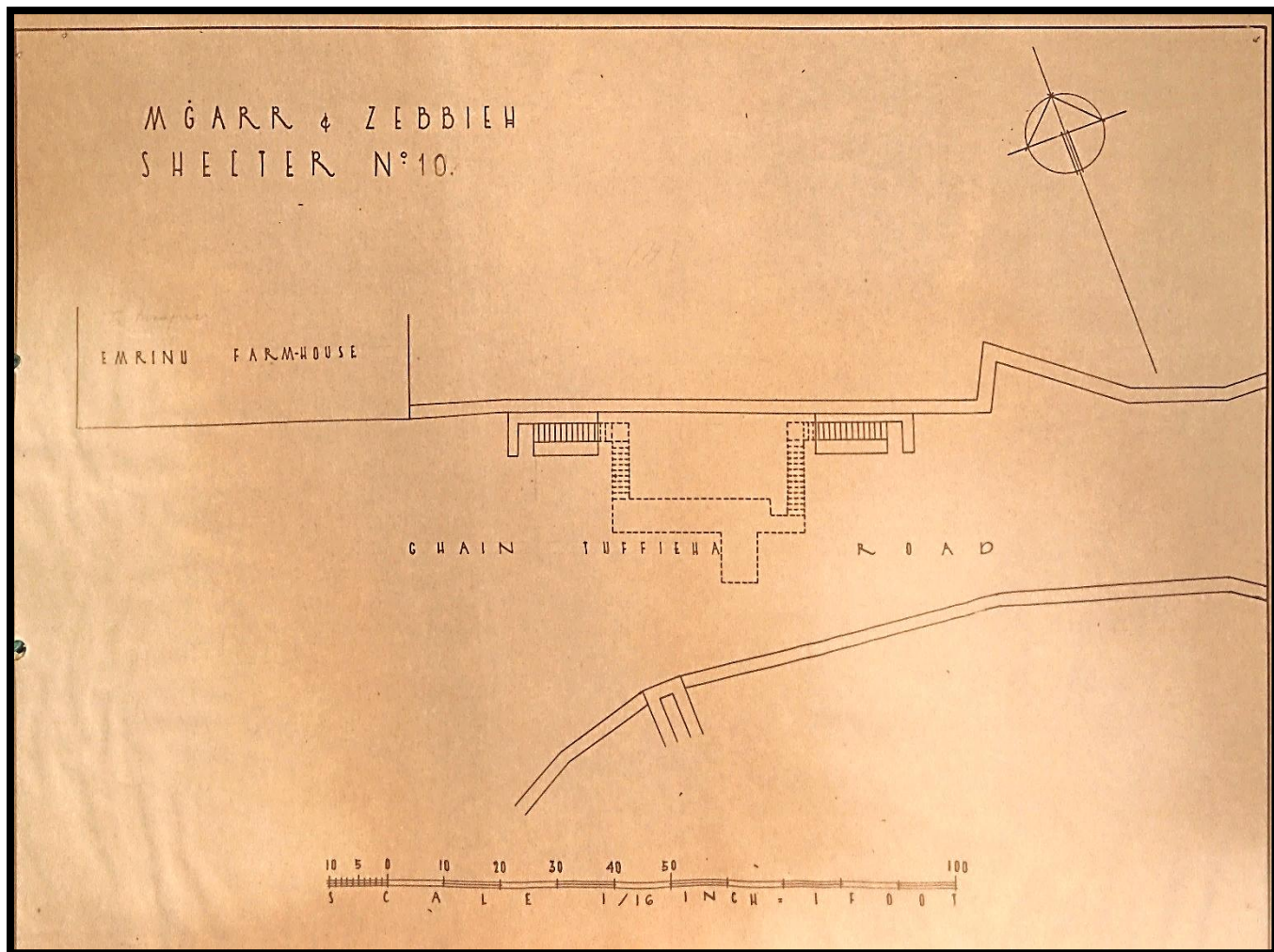


Fig.199 Planta do Abrigo nº10 "Ghain Tuffieha Road."

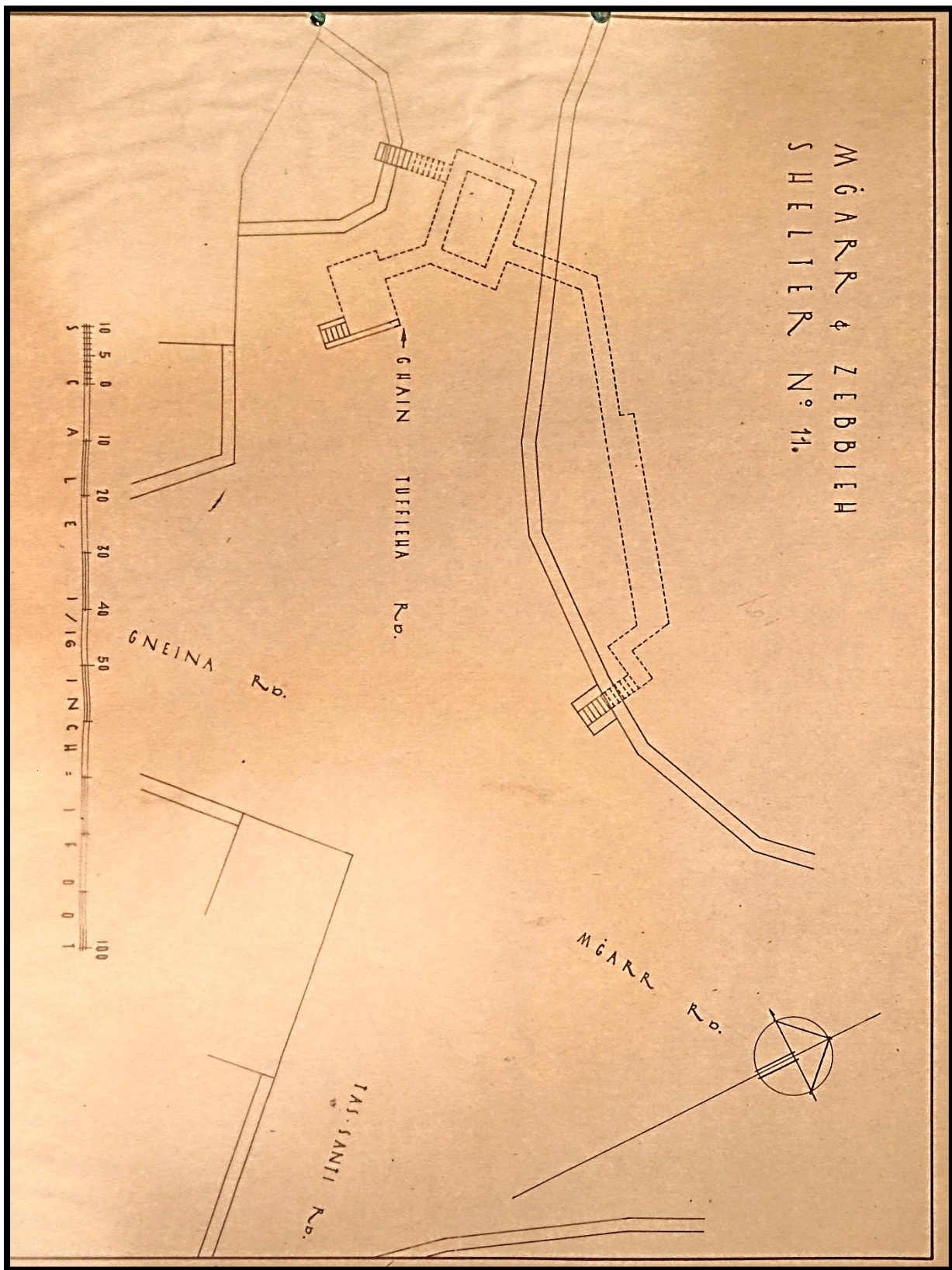


Fig.200 Planta do Abrigo nº11 "Ghain Tuffieha Ro. – Gneina Ro. – Mgarr Ro. – Tas-Saint Rd."

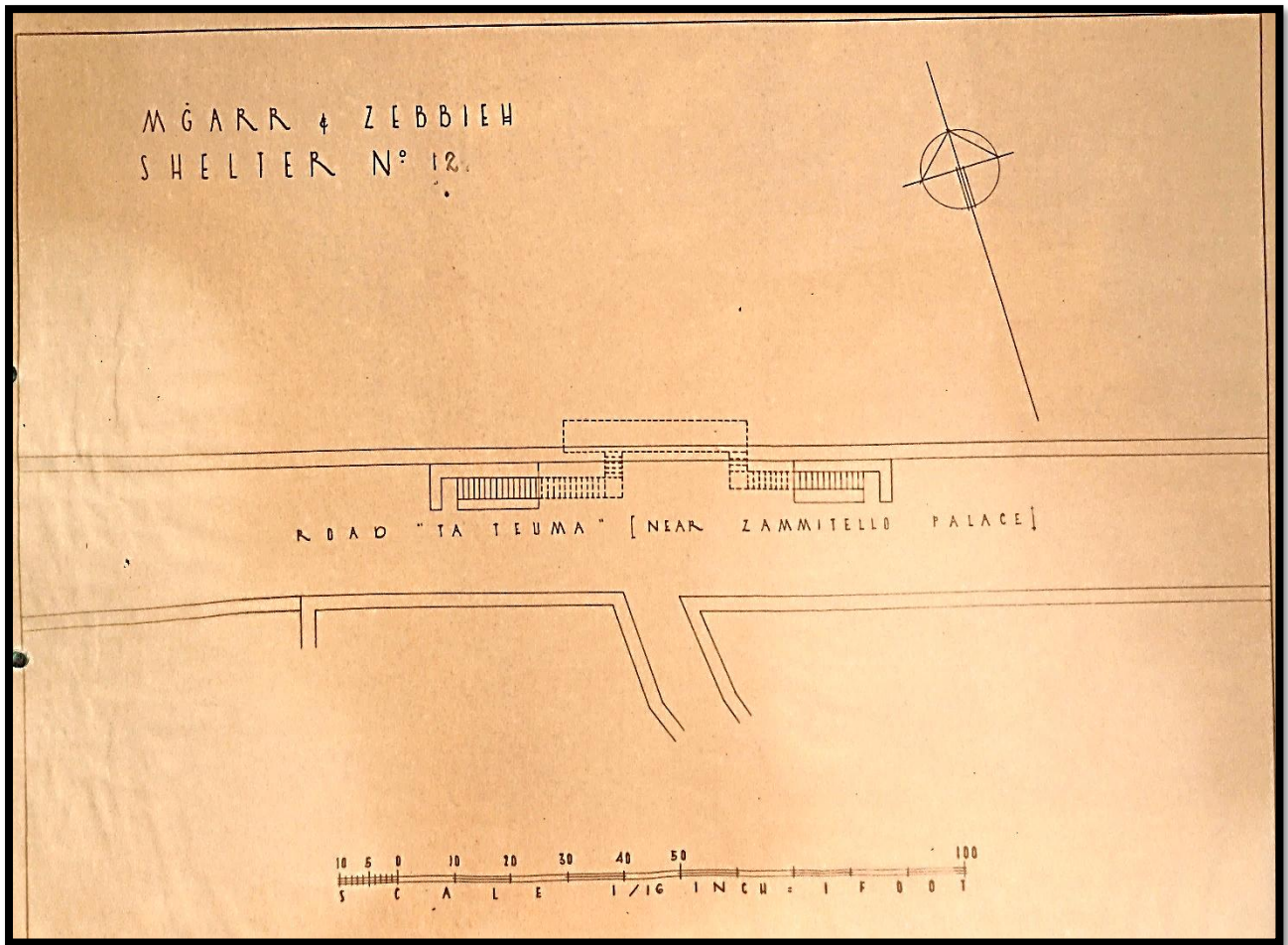


Fig.201 Planta do Abrigo nº12 "Road "Ta Teuma" [Near Zammitello Palace]"

Naxxar

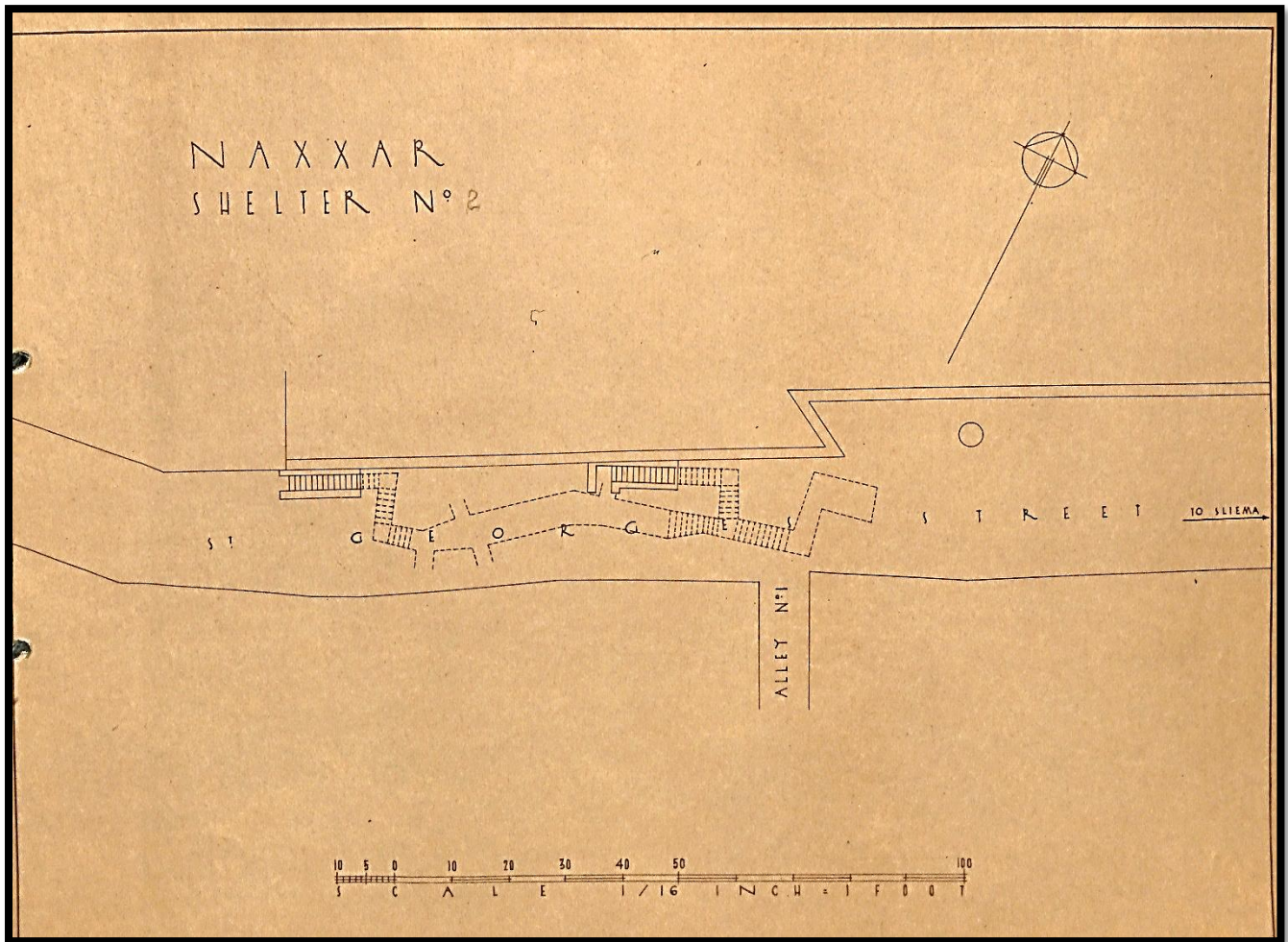


Fig.202 Planta do Abrigo nº2 "St. George's Street"
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings _nº11_ Naxxar" Fig.202 à 224

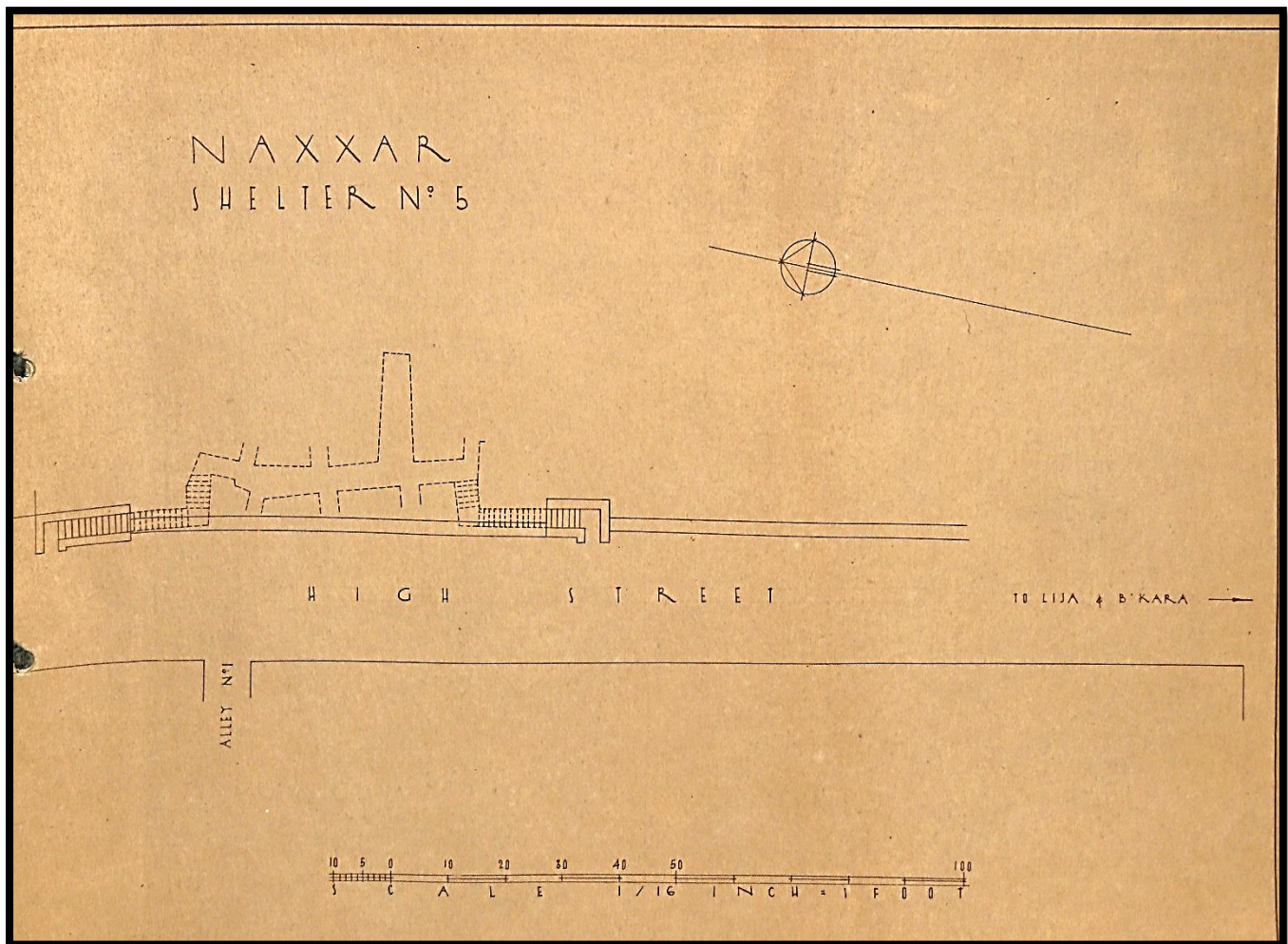


Fig.203 Planta do Abrigo nº5 "High Street – Alley nº1 – Te Lija – B'kara"

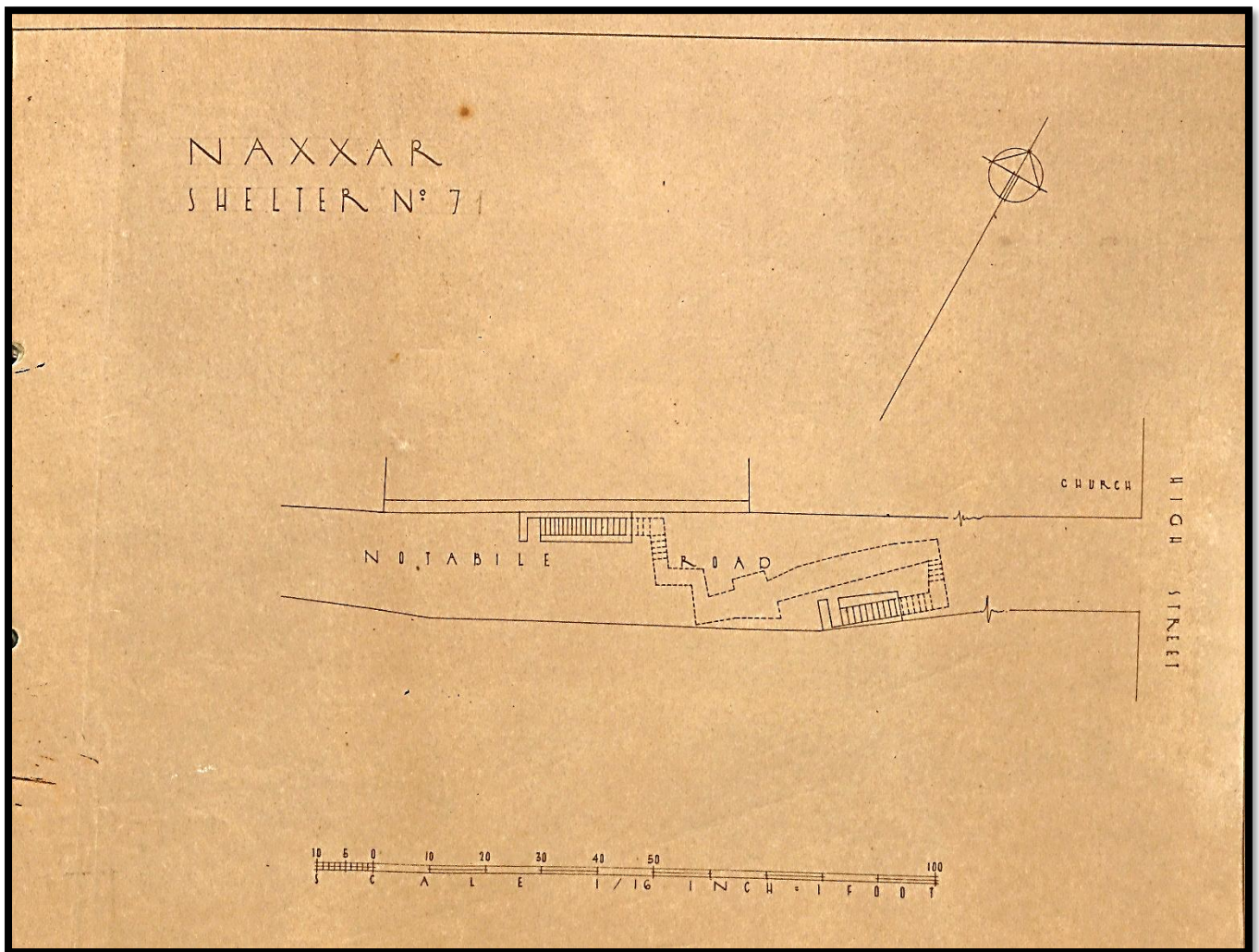


Fig.204 Planta do Abrigo nº7 (1) "Notabile Road – High Street."

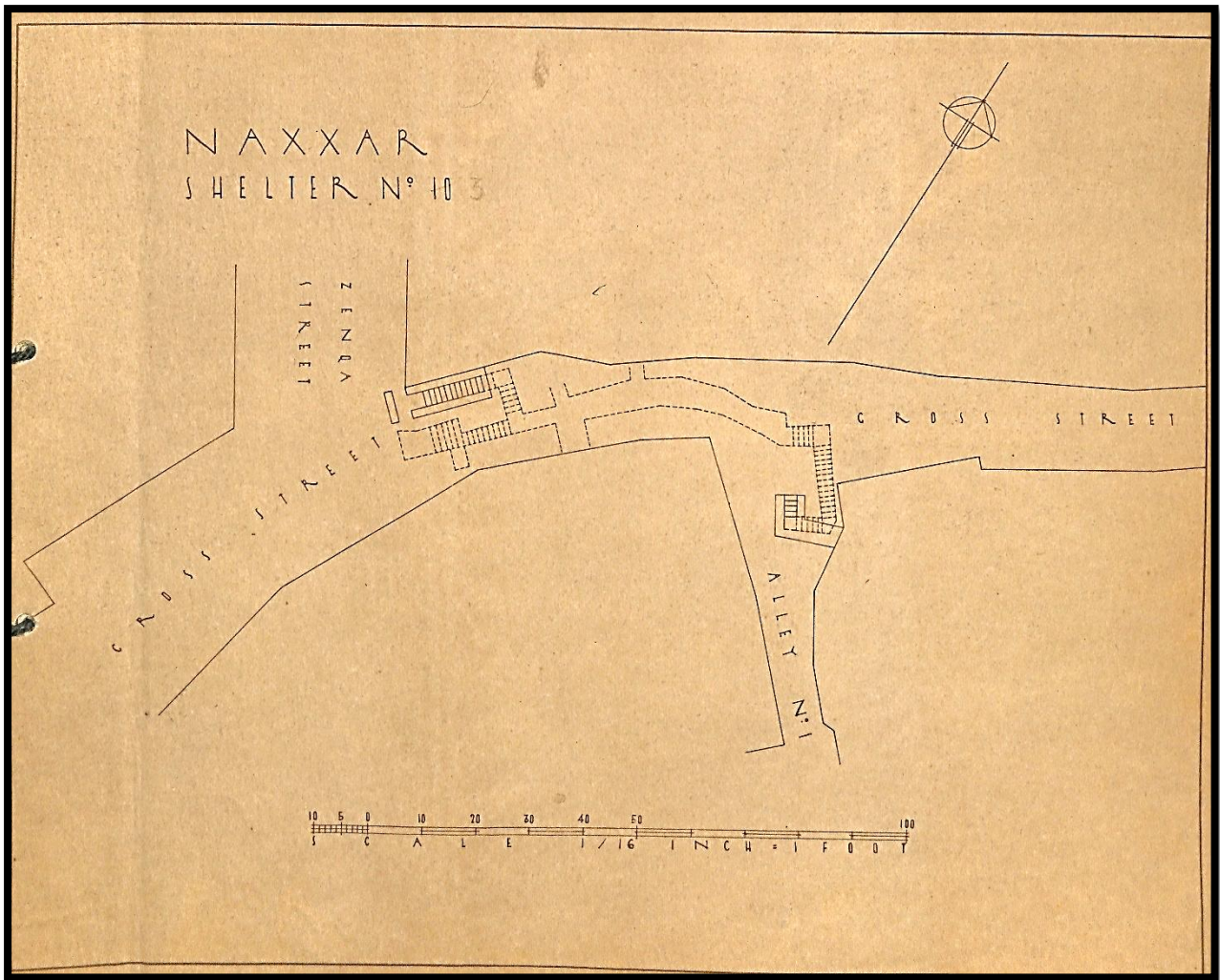


Fig.205 Planta do Abrigo nº10 (3) "Cross Street – Zenqa Street – Alley nº1."

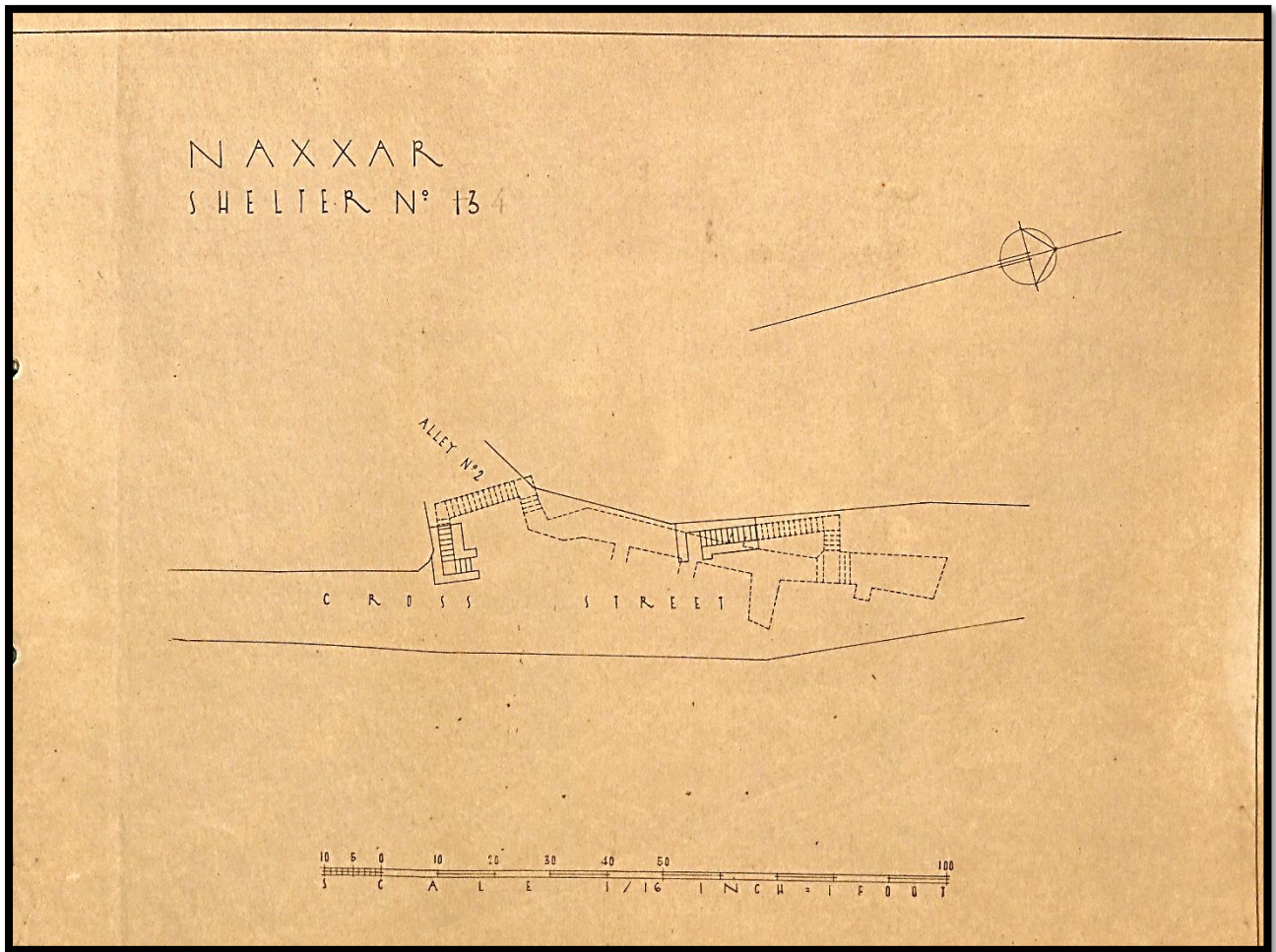


Fig.206 Planta do Abrigo nº13 (4) "Cross Street – Alley nº2"

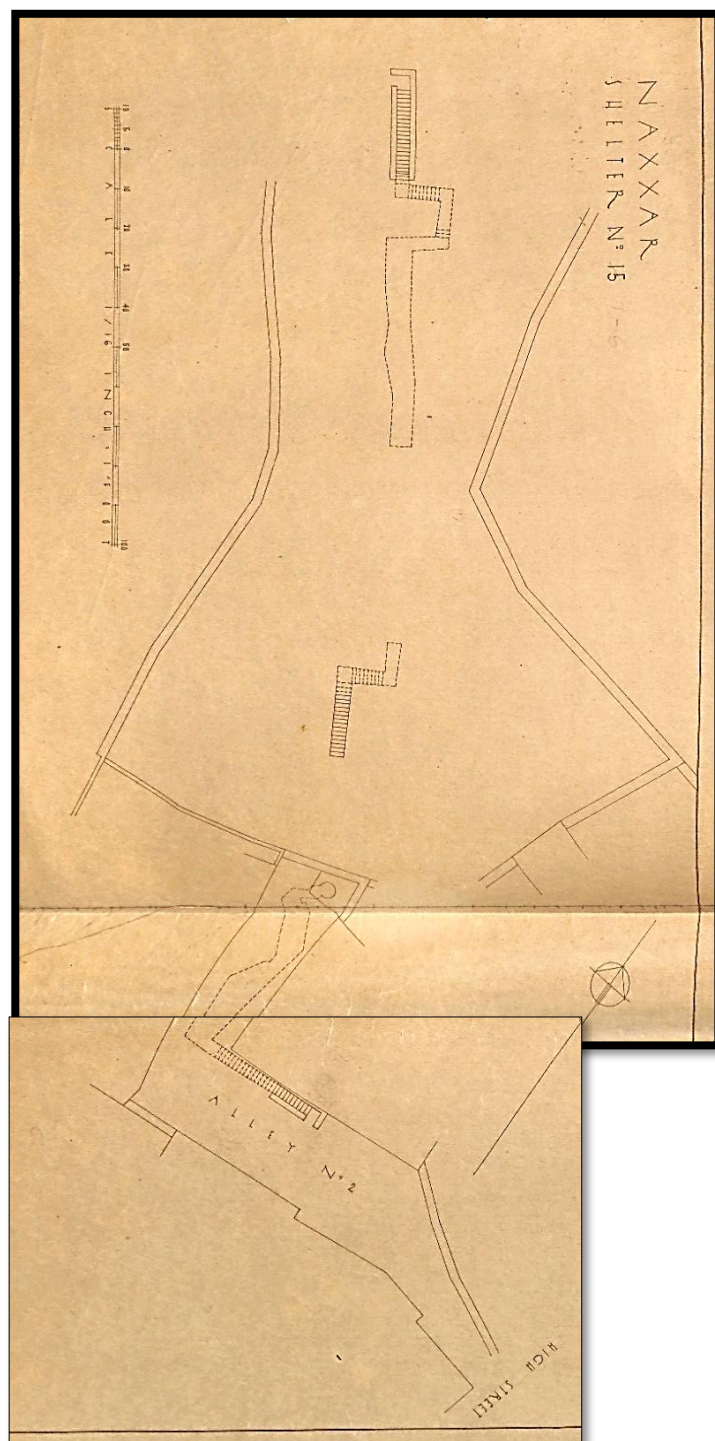


Fig.207 Planta do Abrigo nº15 (6) "Alley nº2)
*Corresponde ao nº17 da Lista de Naxxar

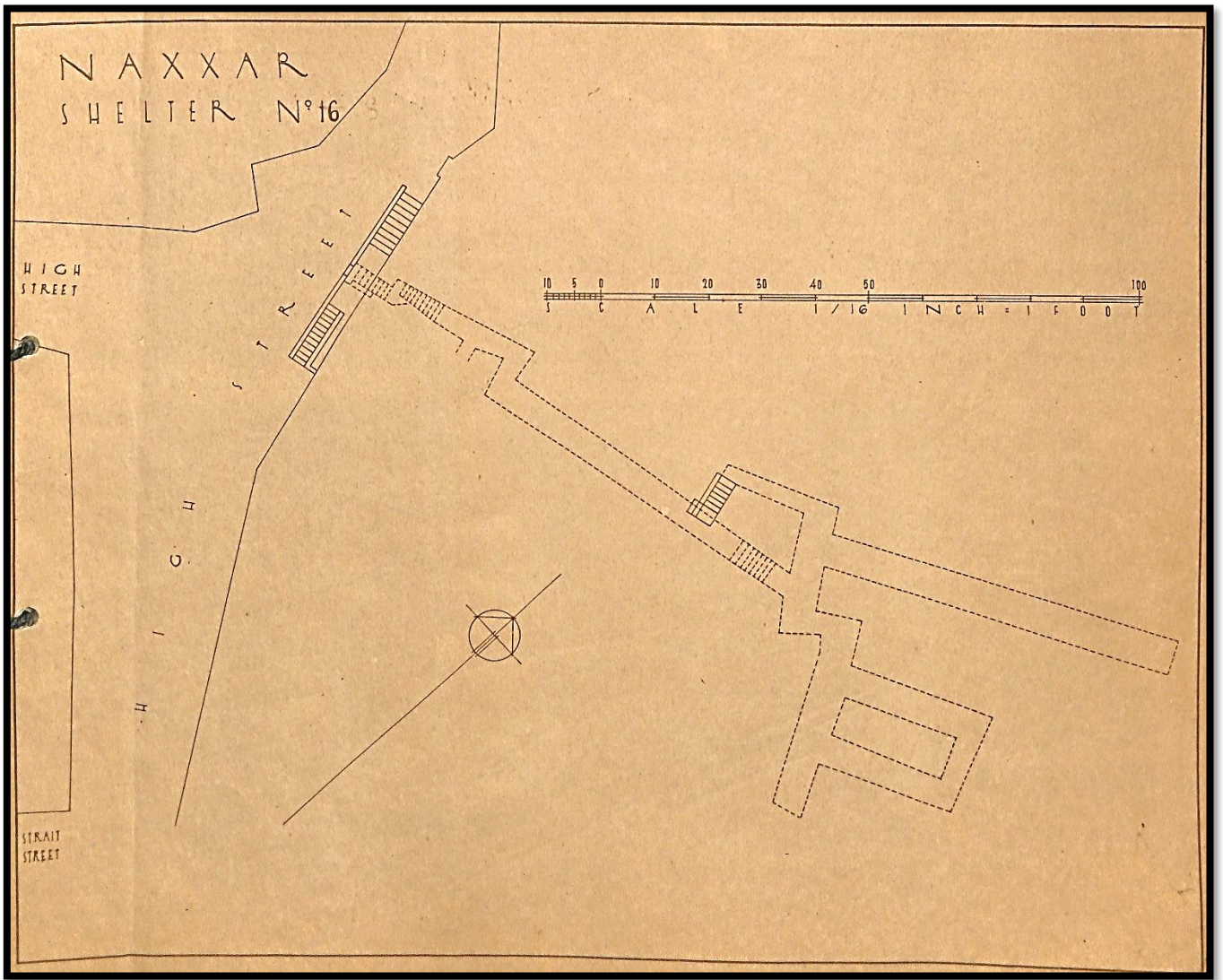


Fig.208 Planta do Abrigo nº16 (3) "High Street"

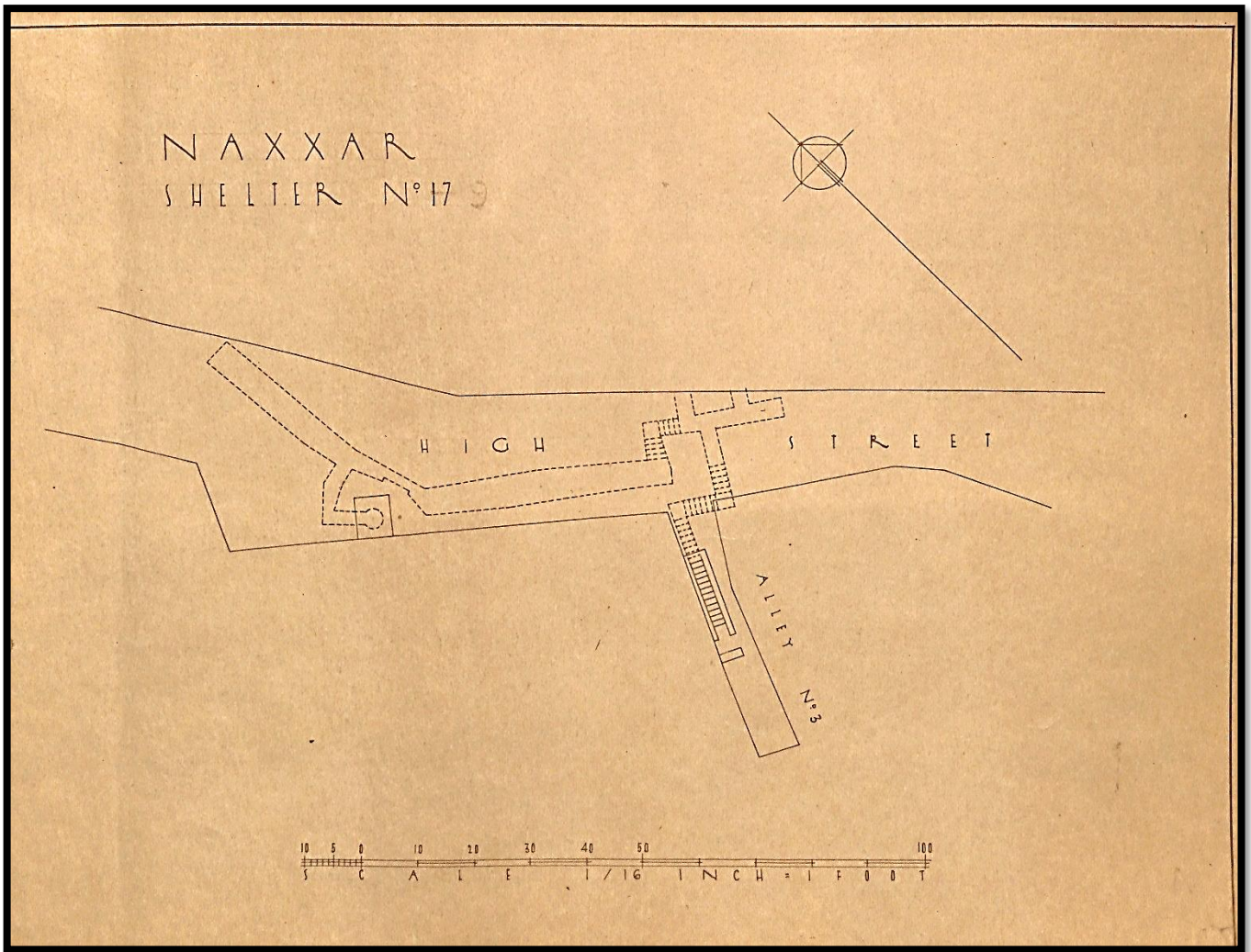


Fig.209 Planta do Abrigo nº17 (9) "High Street – Alley nº3"

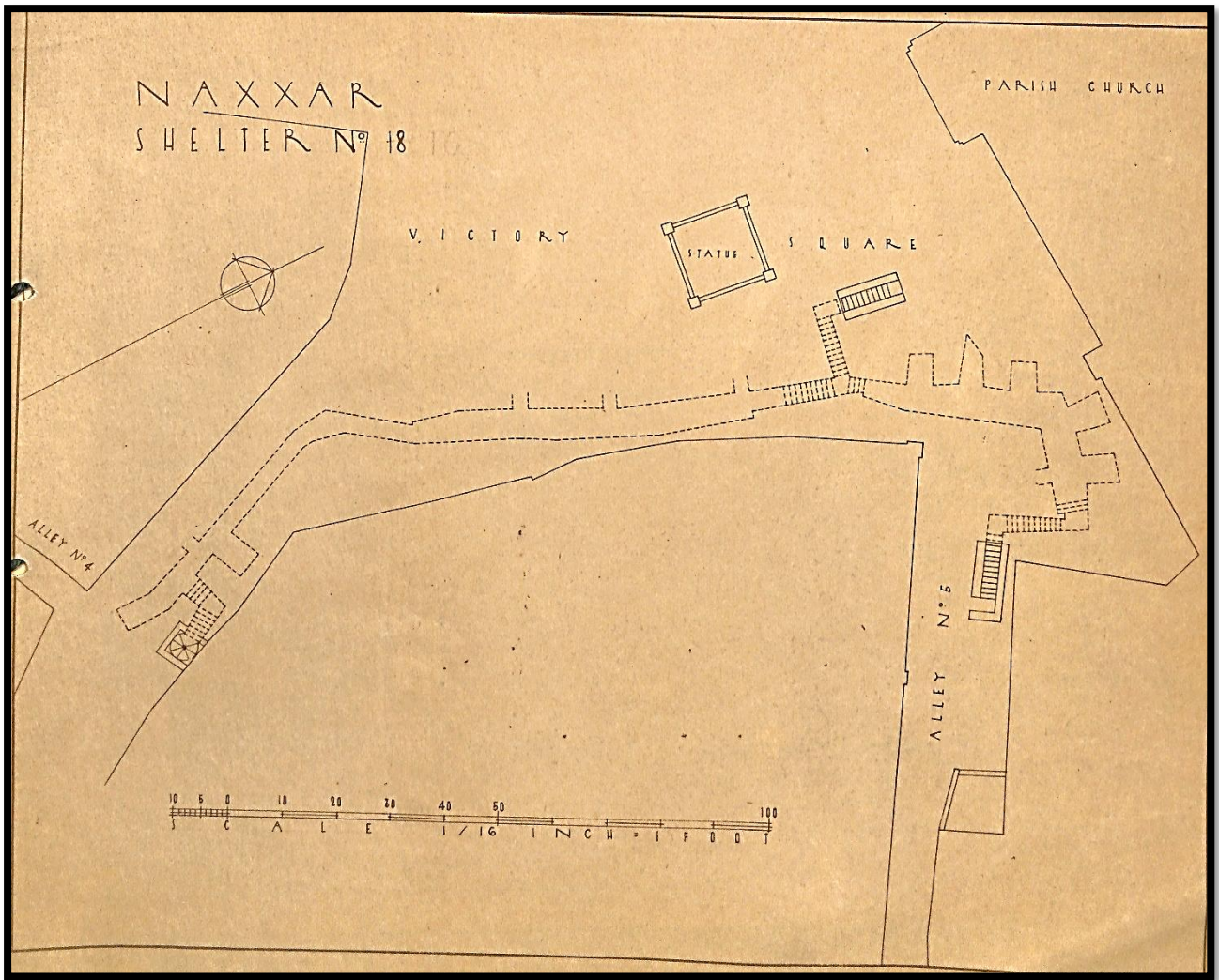


Fig.210 Planta do Abrigo nº18 (10) "Victory Square – Alley nº4 – Alley nº5"

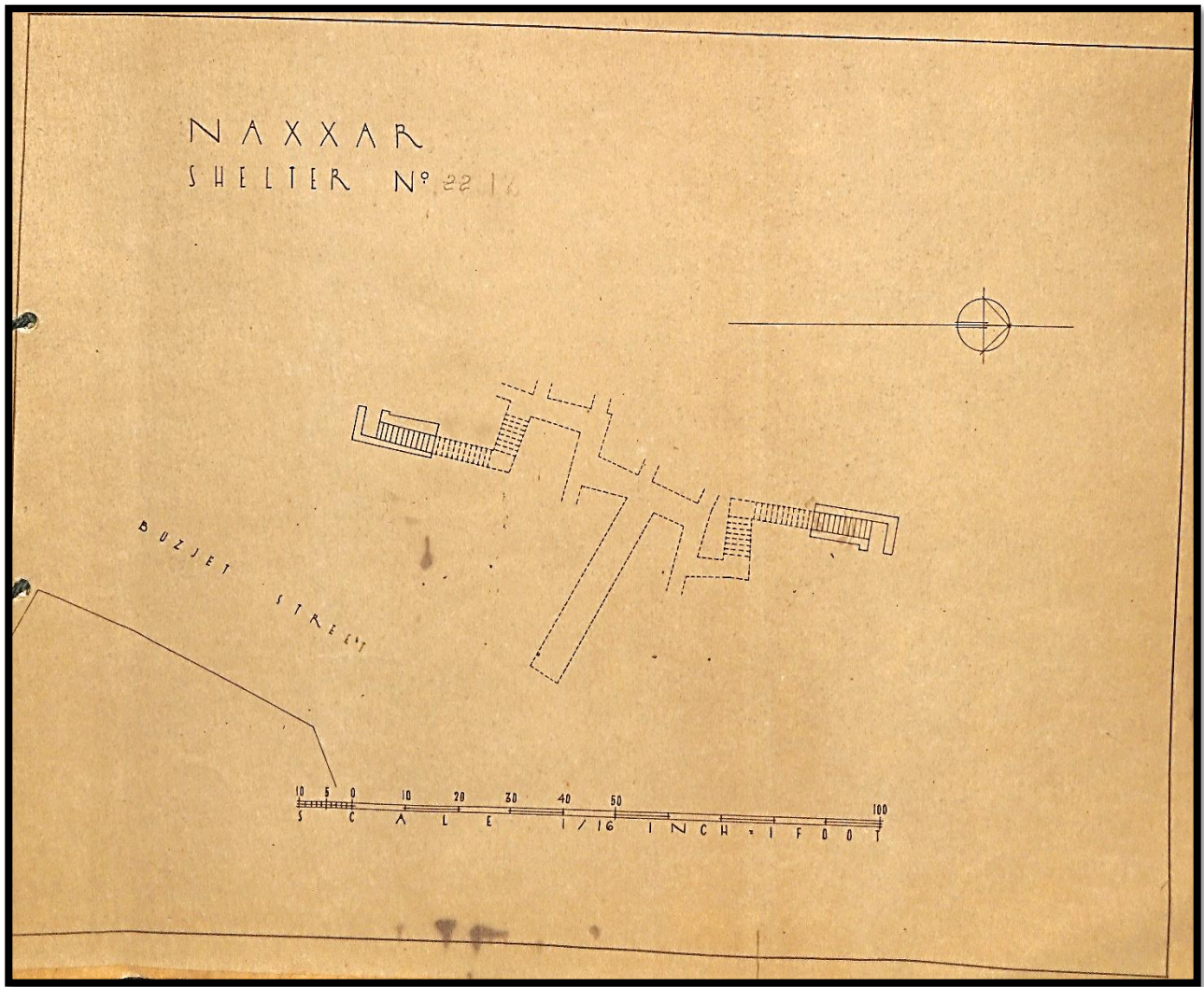


Fig.211 Planta do Abrigo nº22 (12) "Buzjet Street"

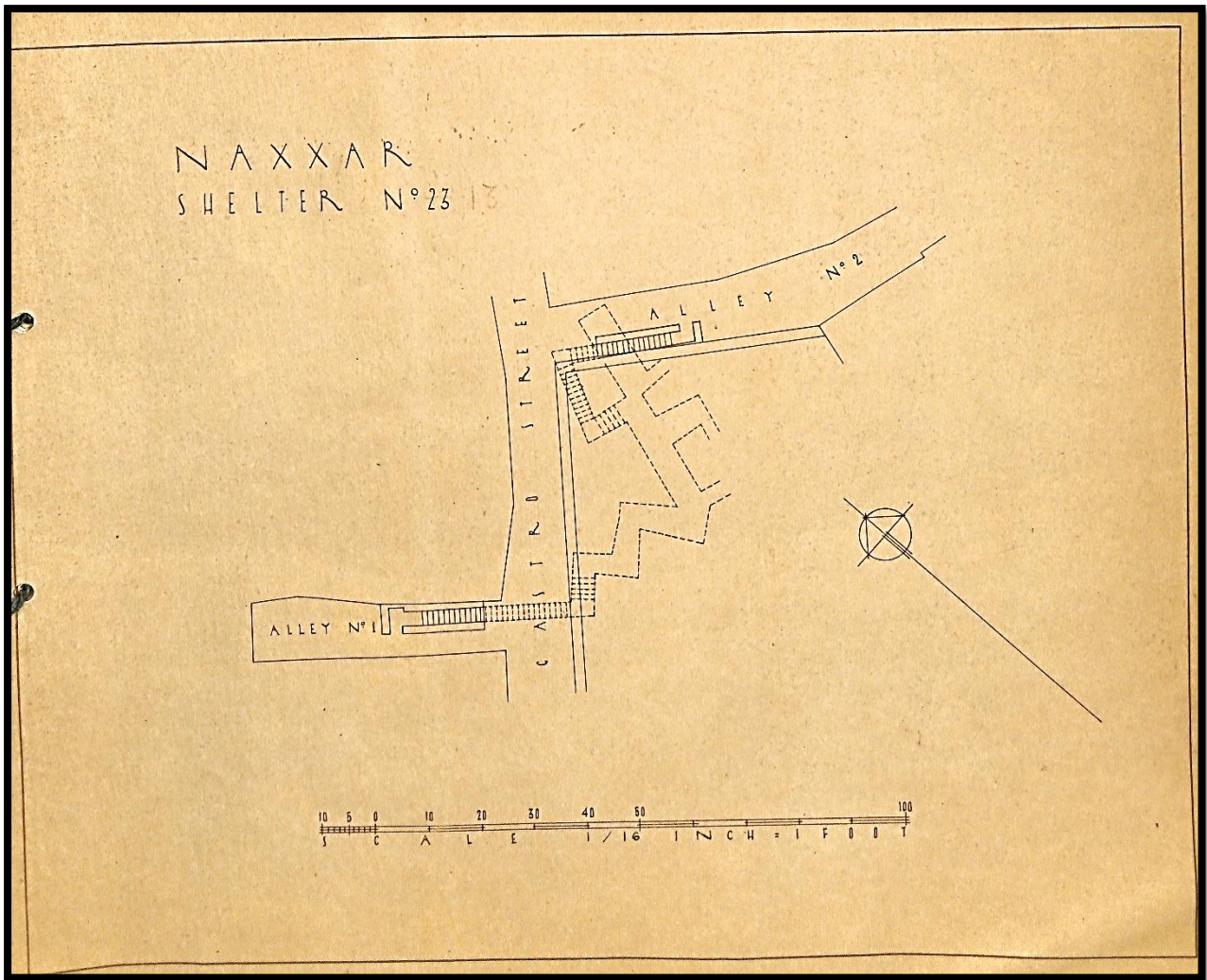


Fig.212 Planta do Abrigo nº23 (13) "Castro Street – Alley nº1 – Alley nº2"

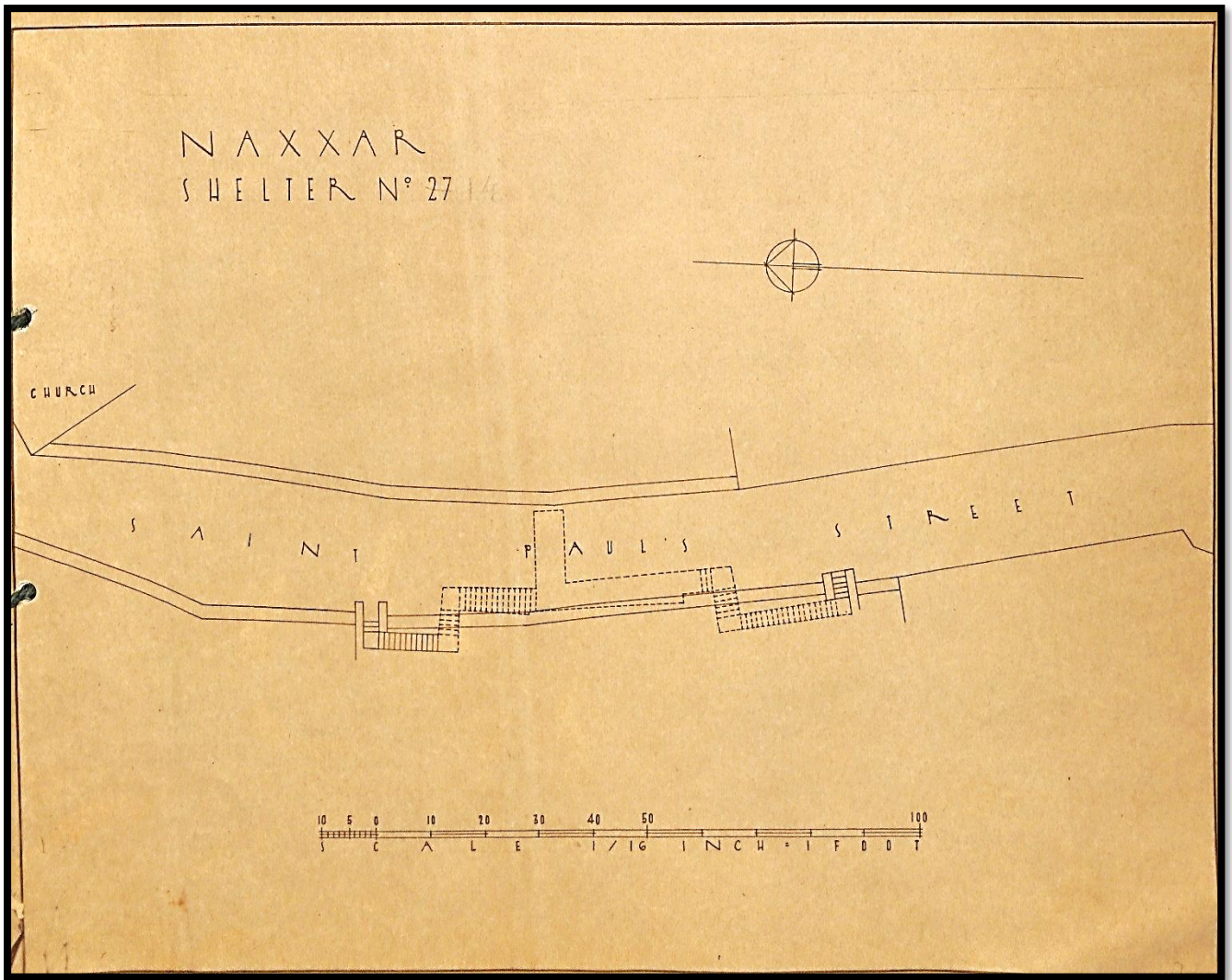


Fig.213 Planta do Abrigo nº27 (14) "Saint Paul's Street"

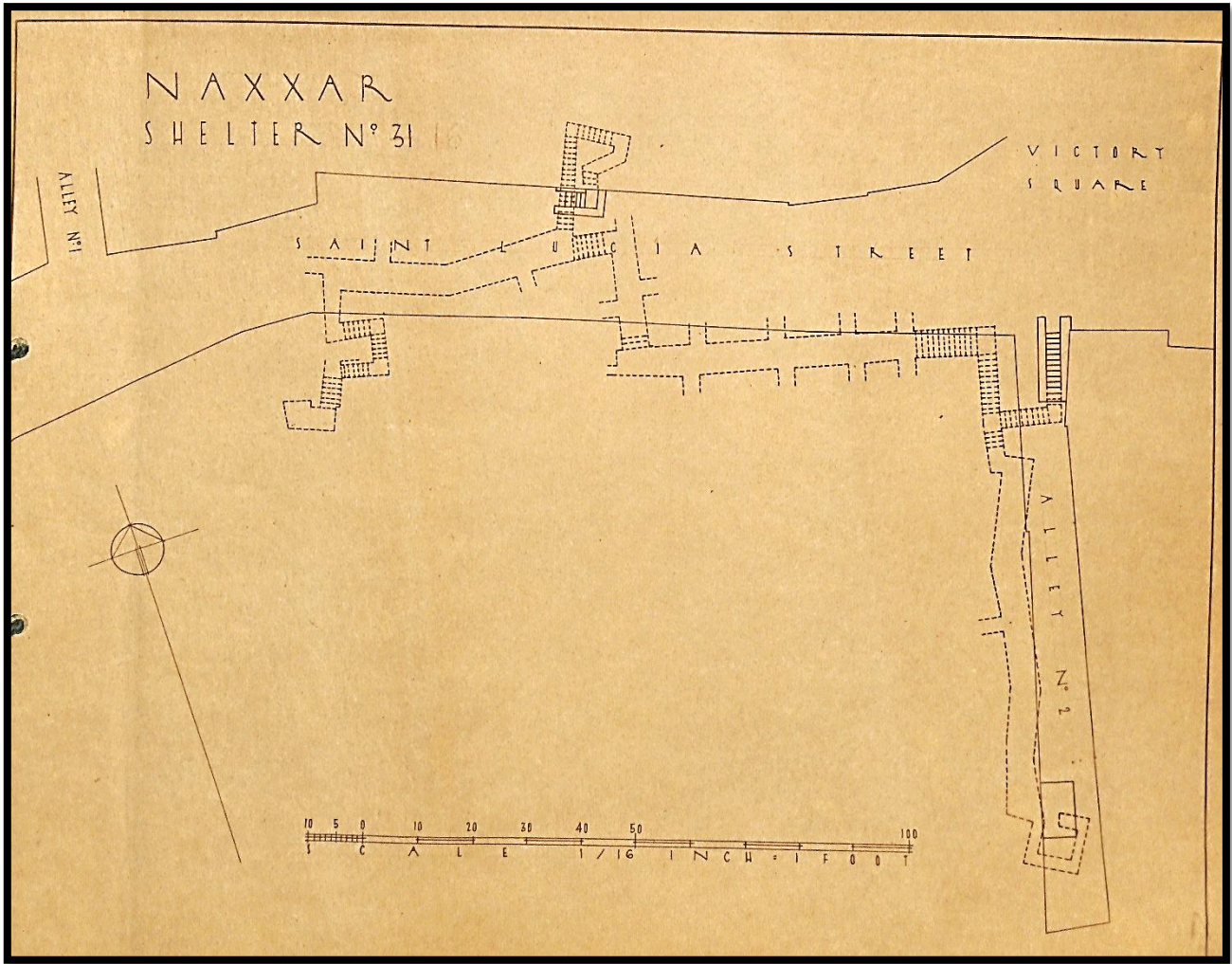


Fig.214 Planta do Abrigo nº31 (16) "Alley nº1 – Saint Lucia Street – Victory Square – Alley nº2."

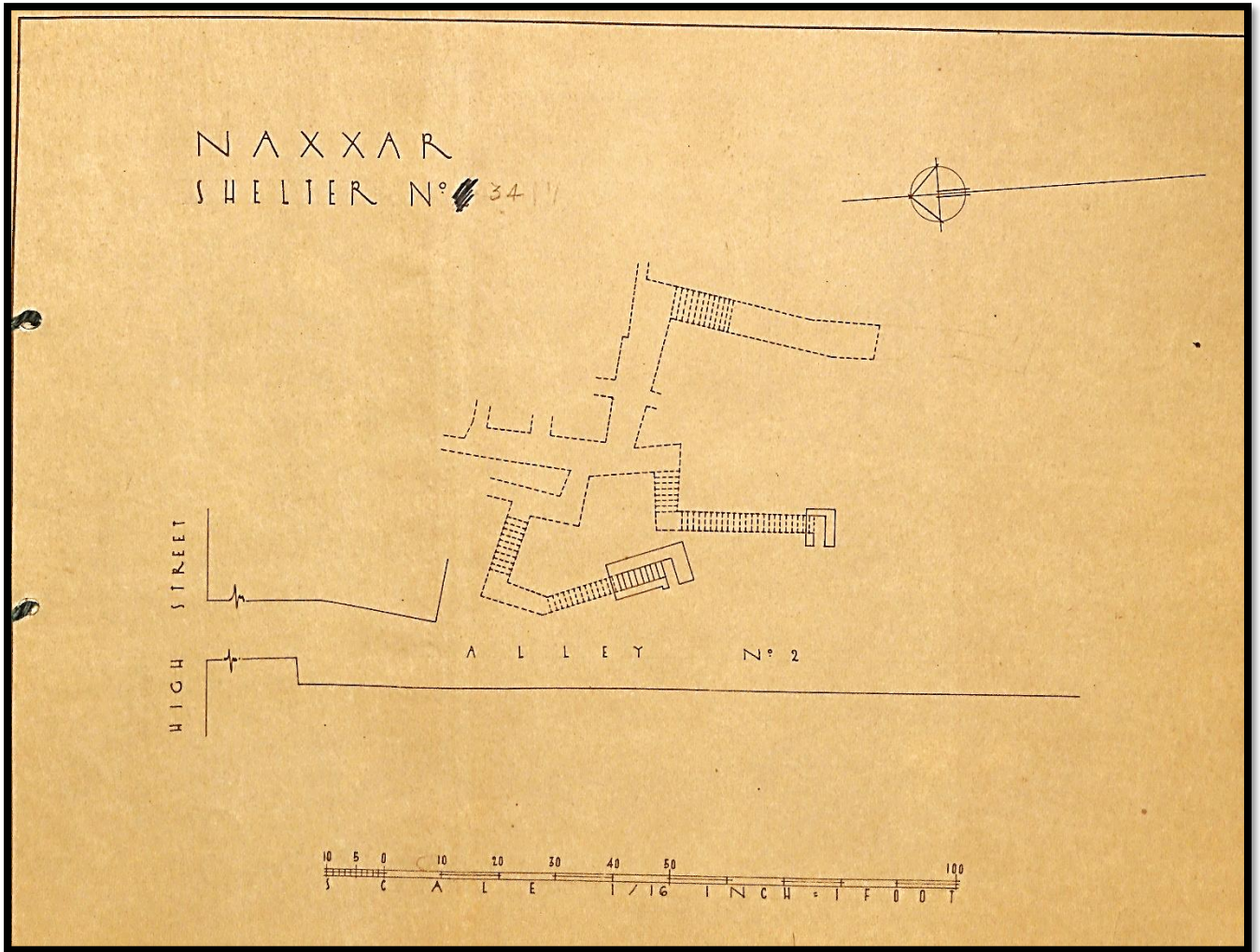


Fig.215 Planta do Abrigo nº34 (14) "High Street – Alley nº2"
*Corresponde ao nº17 da Lista de Naxxar

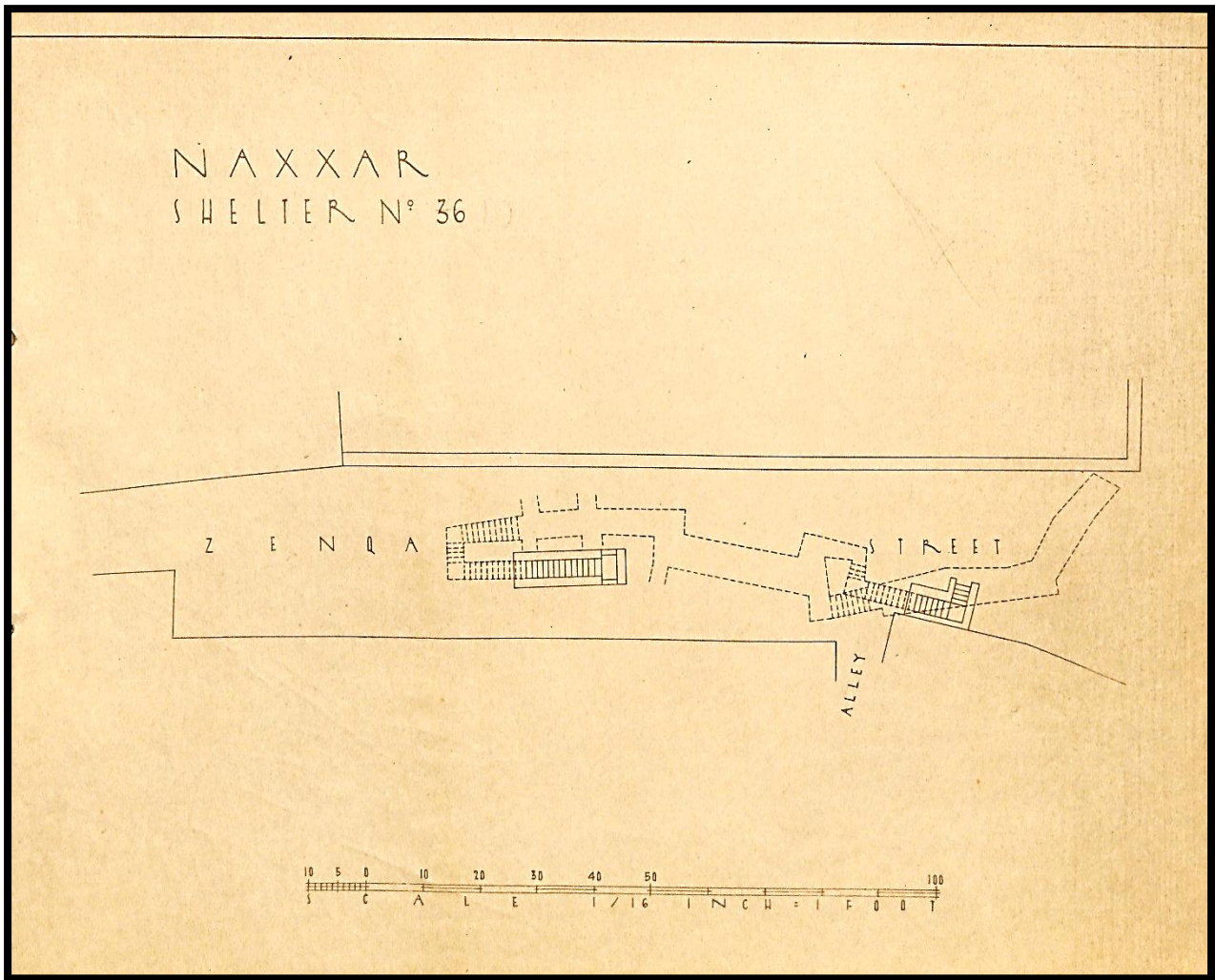


Fig.216 Planta do Abrigo nº36 "Zenqa Street – Alley"

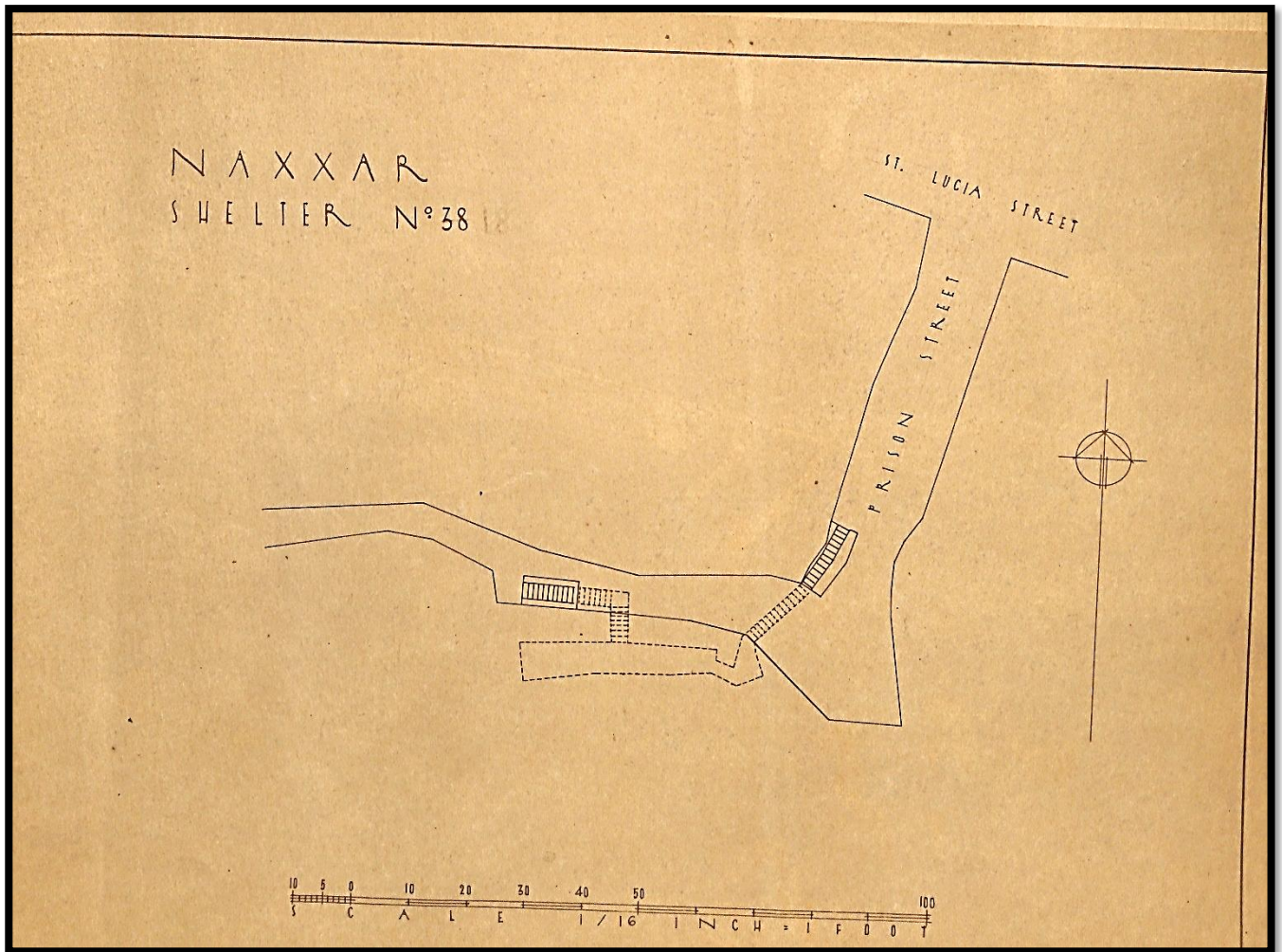


Fig.217 Planta do Abrigo nº38 (18) "Prison Street – St. Lucia Street."

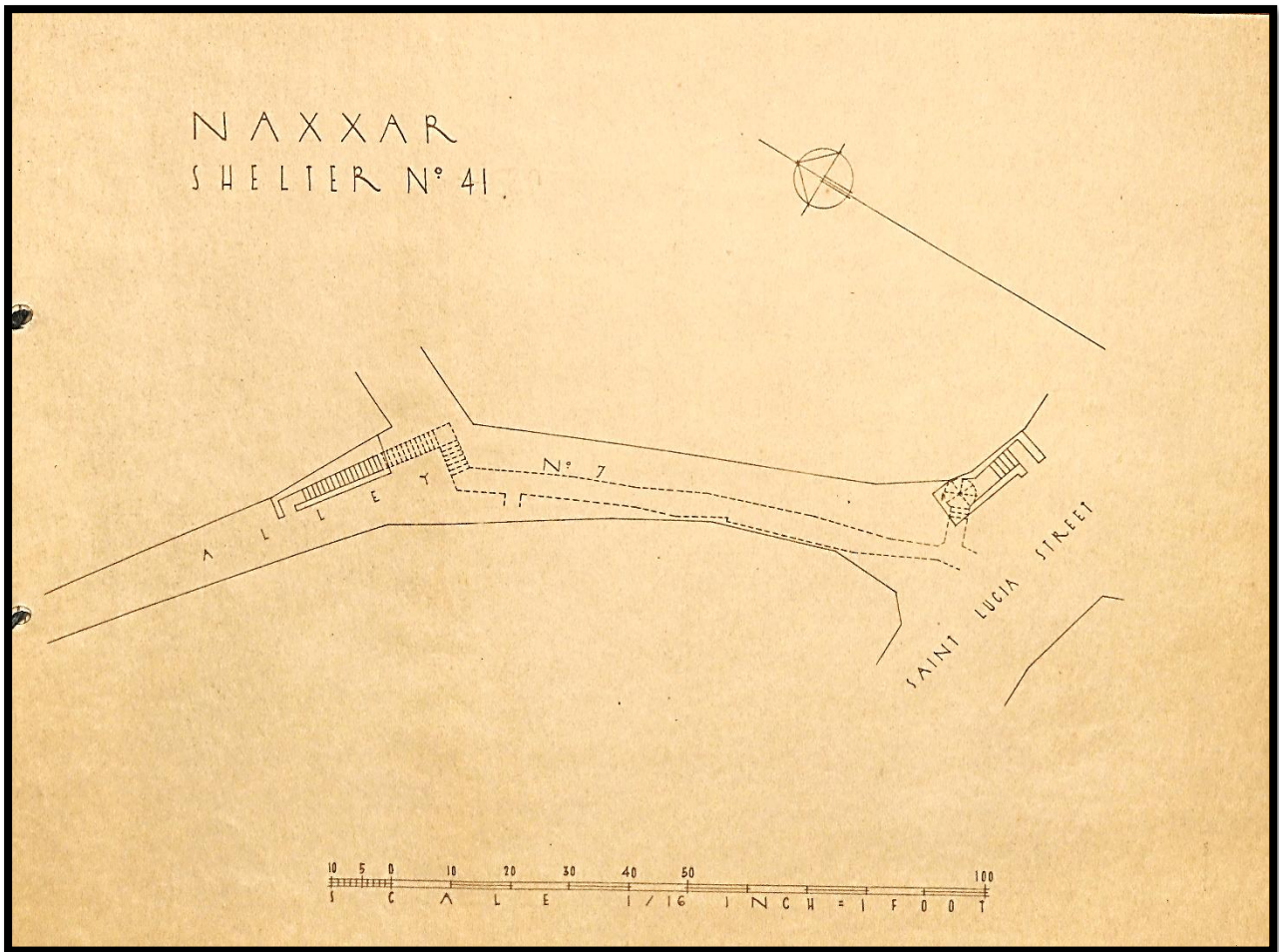


Fig.218 Planta do Abrigo nº41 (20) "Alley nº7 – Saint Lucia Street"

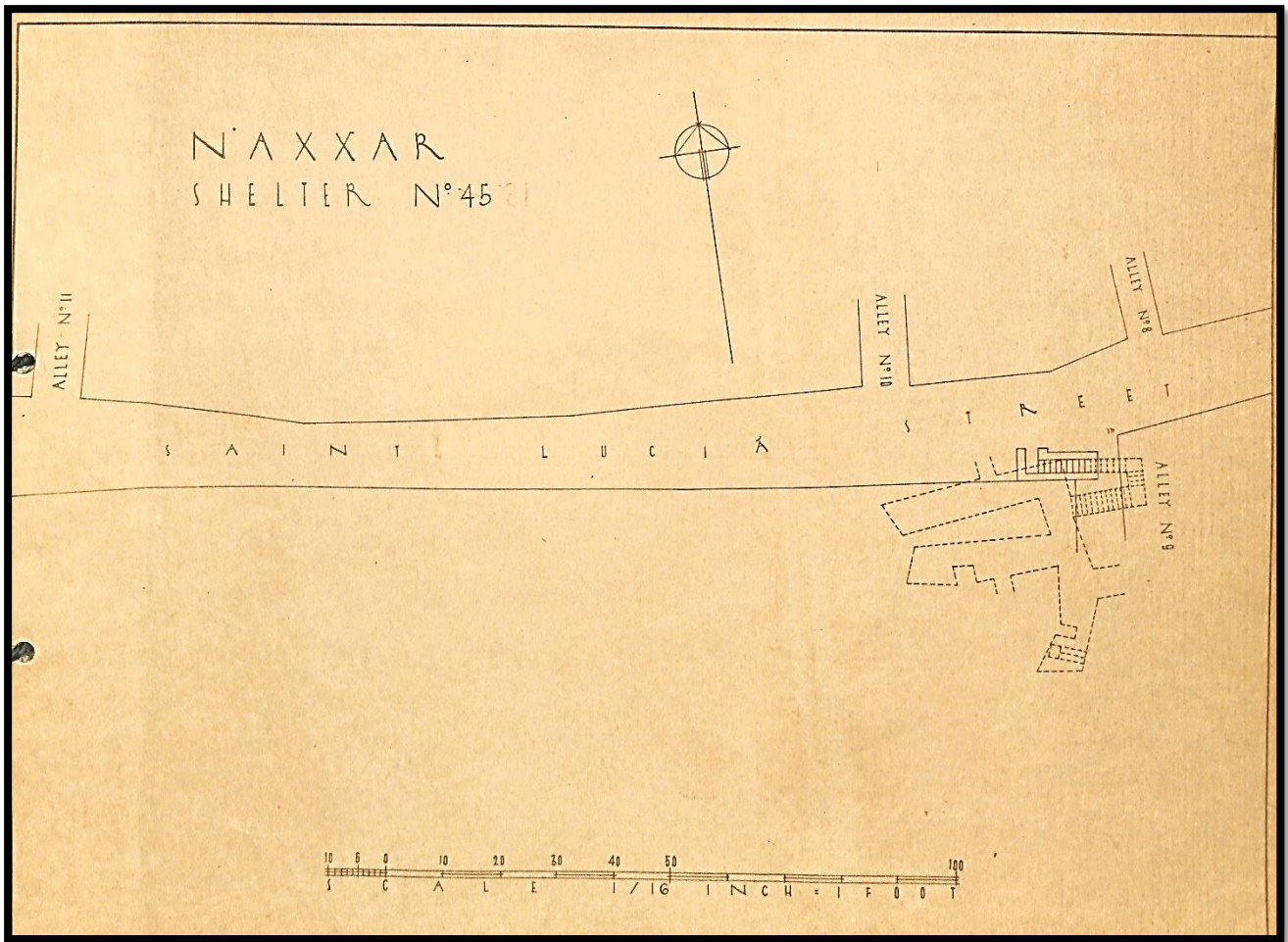


Fig.219 Planta do Abrigo nº 45 (21) "Alley nº11 – Saint Lucia Street – Alley nº10 – Alley nº8 – Alley nº9"

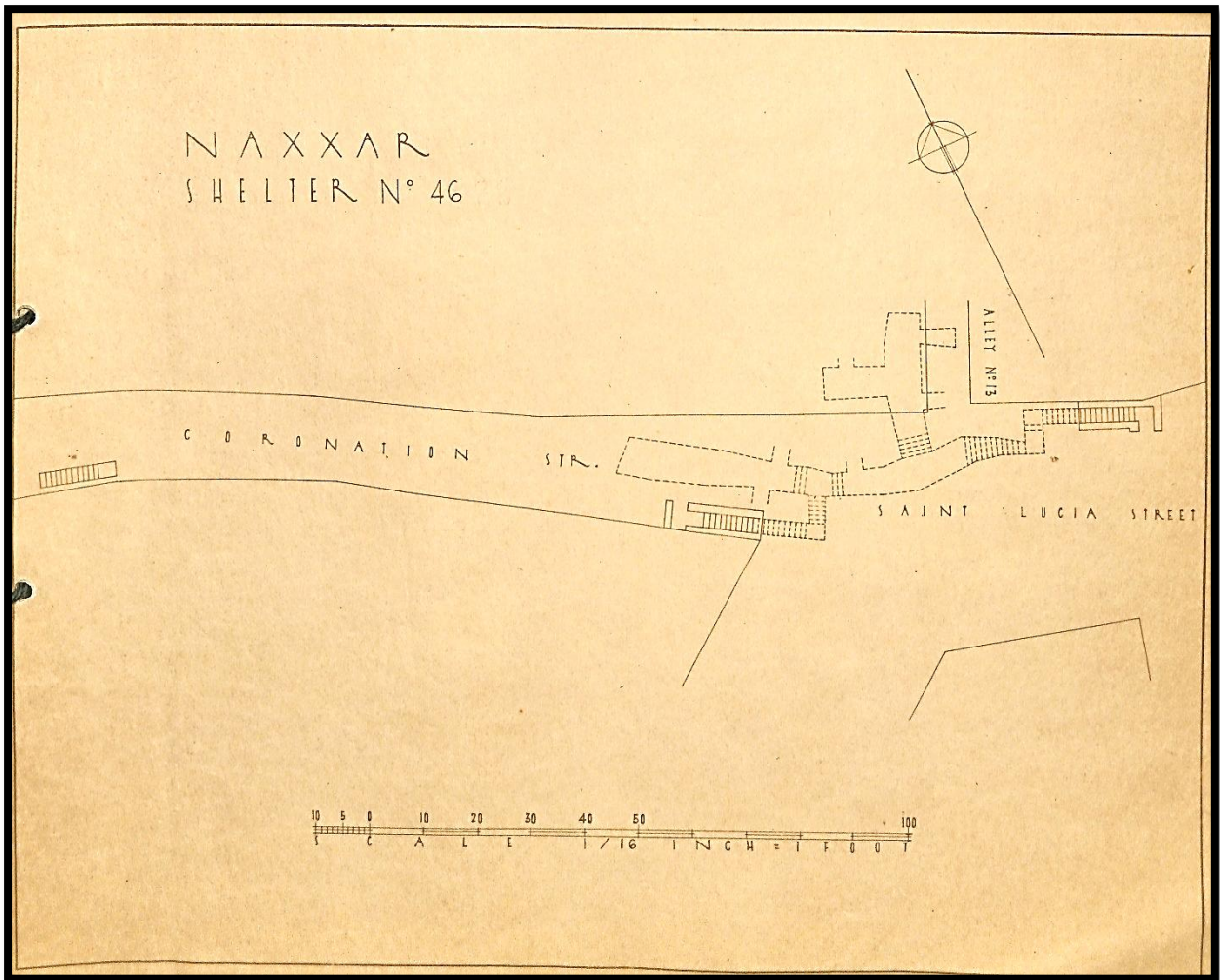


Fig.220 Planta do Abrigo nº46 (23) "Coronation Str*. – Aley nº13 – Saint Lucia Street"
*Corresponde ao nº23 da Lista de Naxxar

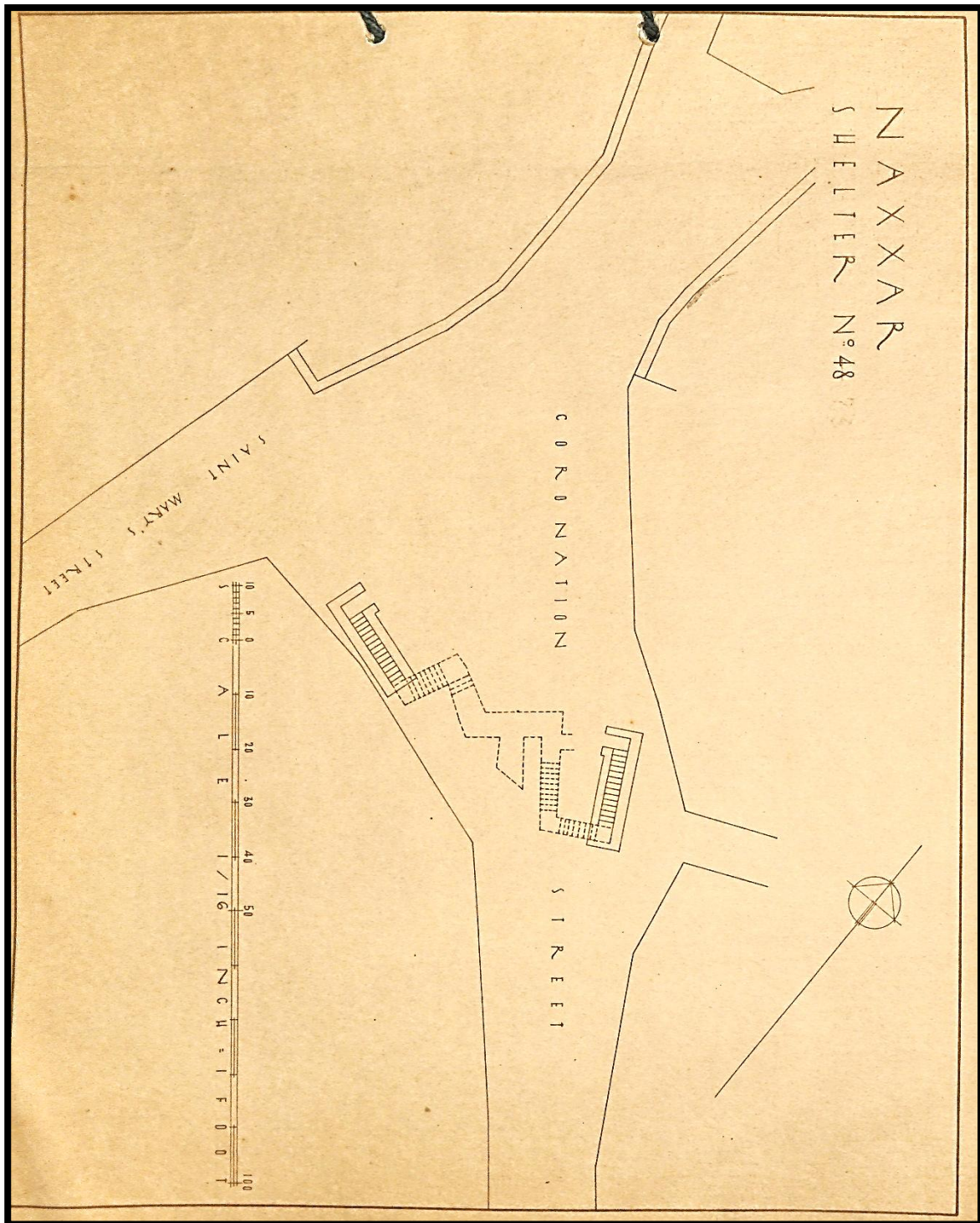


Fig.221 Planta do Abrigo nº48 (25) "Saint Mary's Street – Coronation Street"

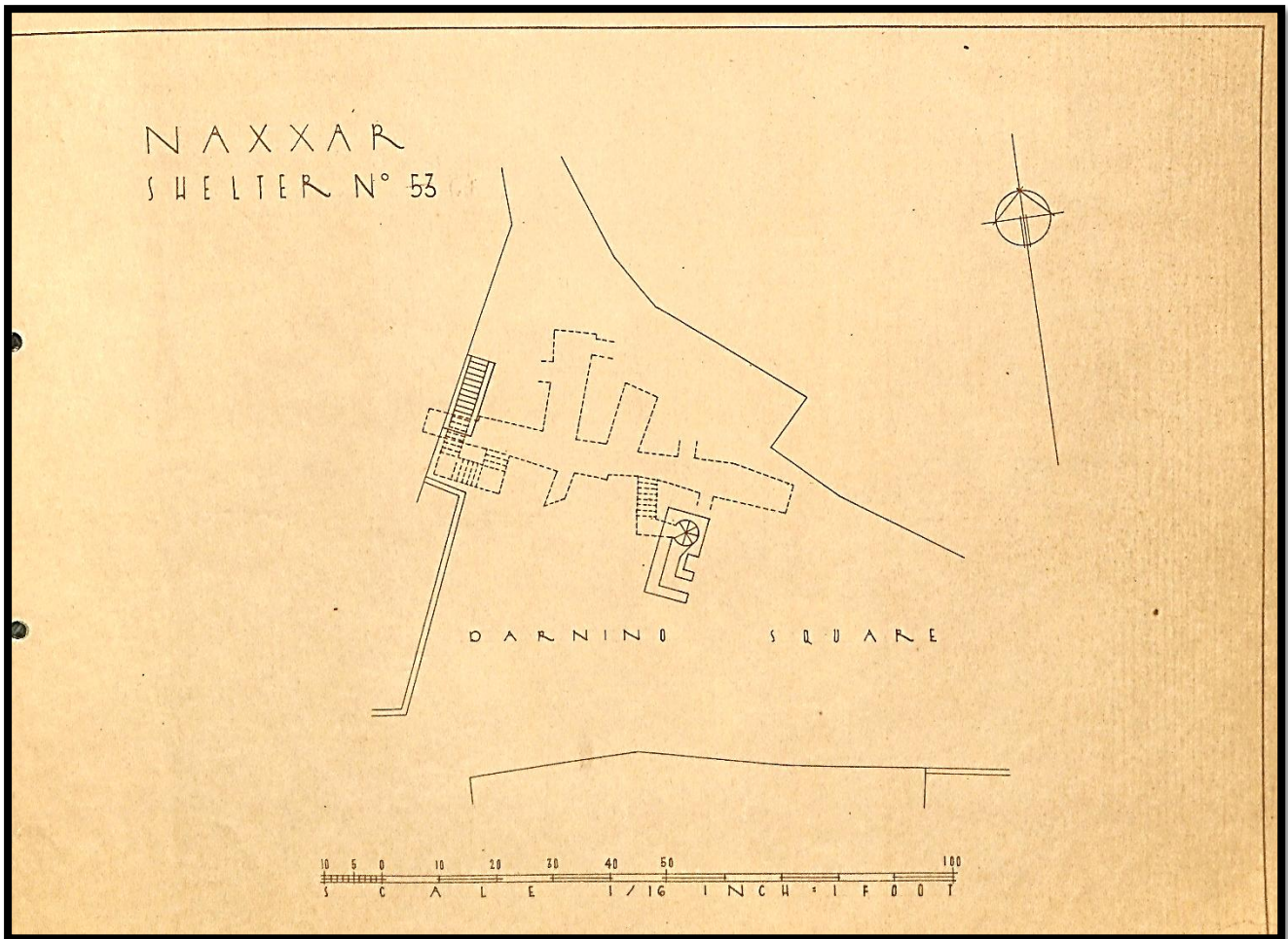


Fig.222 Planta do Abrigo nº53(24) "Darnino Square"
*Corresponde ao nº24 da Lista de Naxxar

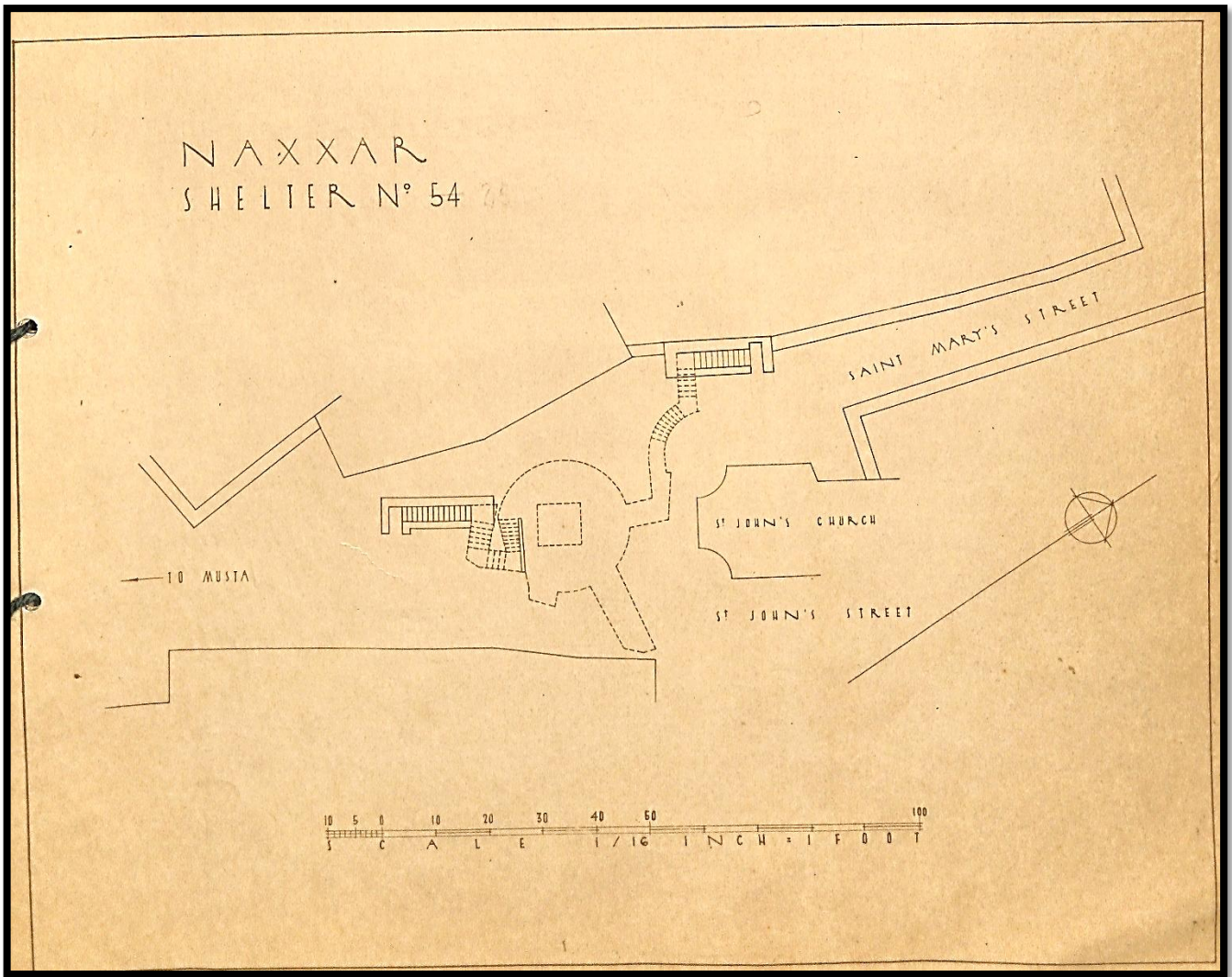


Fig.223 Planta do Abrigo nº54 (25) "Saint Mary's Street – St. John's Street"

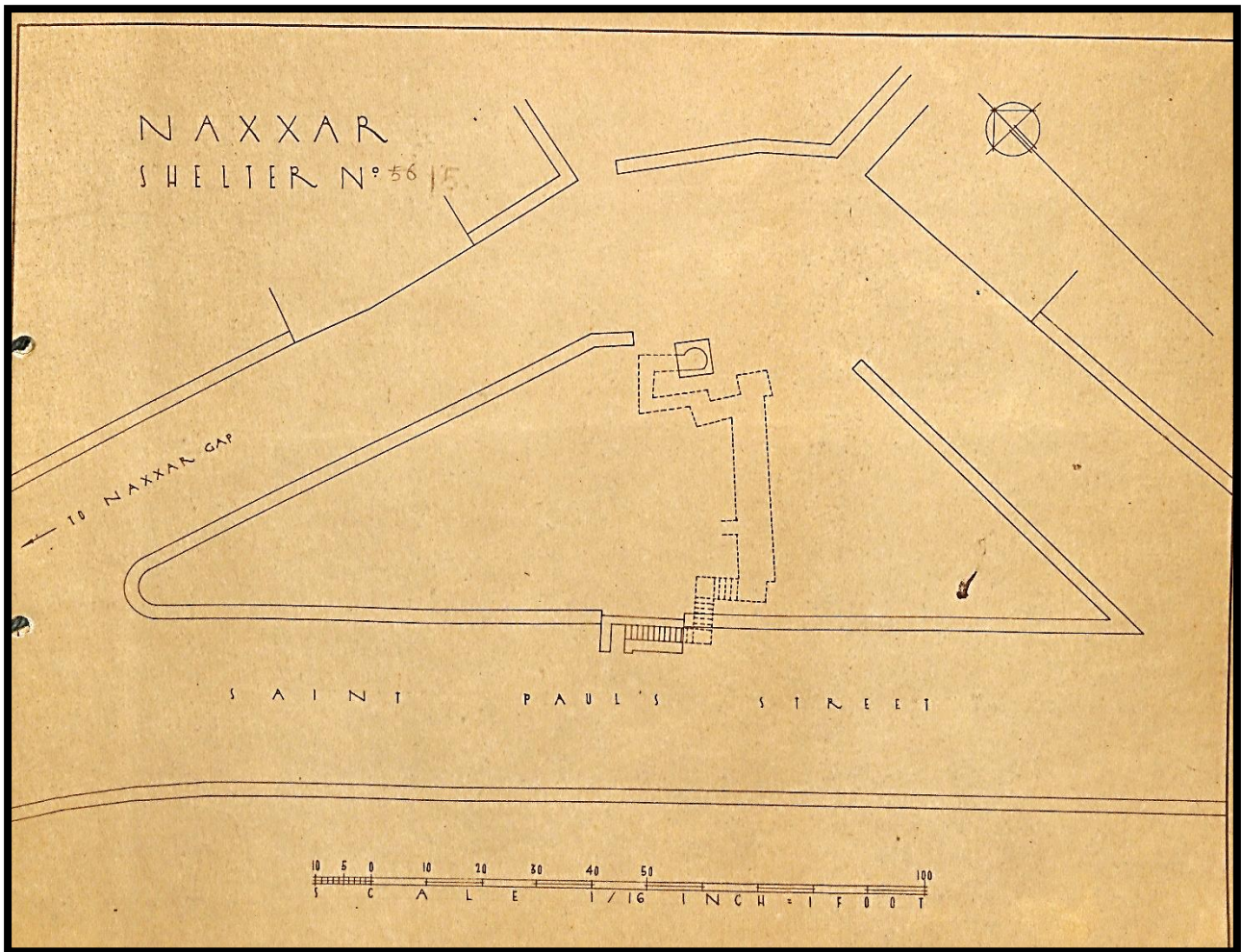


Fig.224 Planta do Abrigo nº56 (15) "Saint Paul's Street"
*Corresponde ao nº15 da Lista de Naxxar

Qrendi

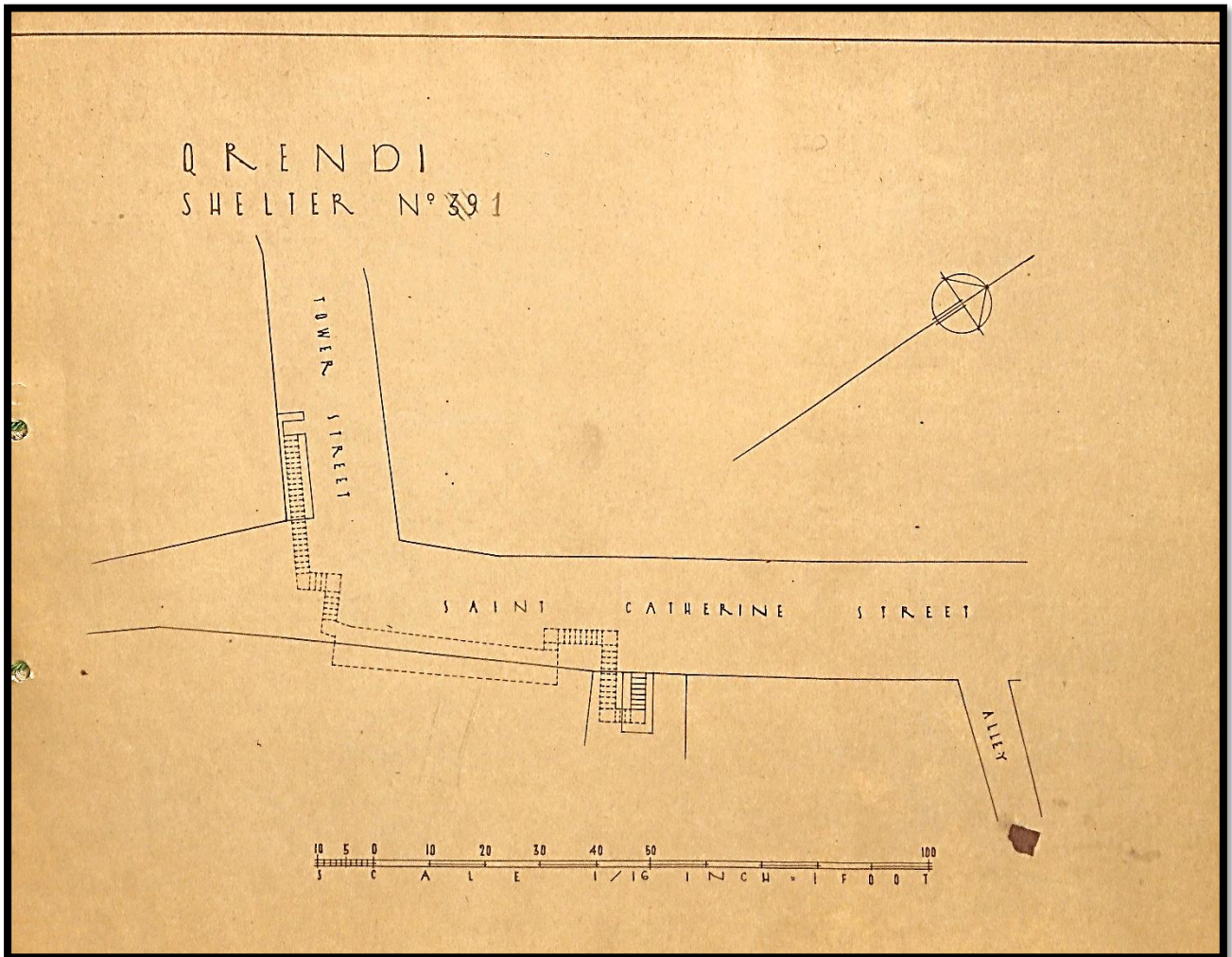


Fig.225 Planta do Abrigo nº1 "Sant Catherine Street – Tower Street – Alley."
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº12_Qrendi" Fig.225 à 241

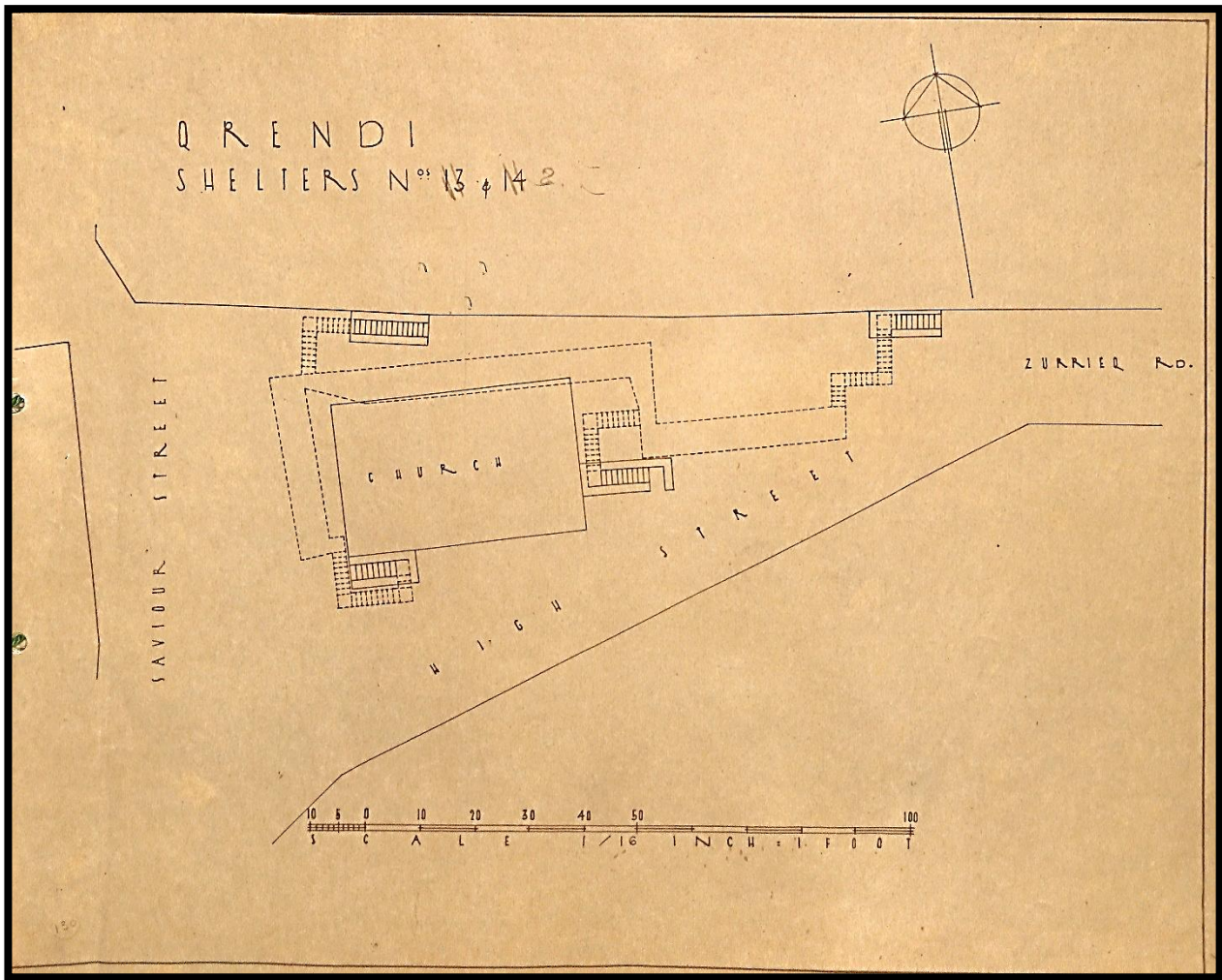


Fig.226 Planta do Abrigo nº2 "Saviour Street – High Street – Zurriq Ro."

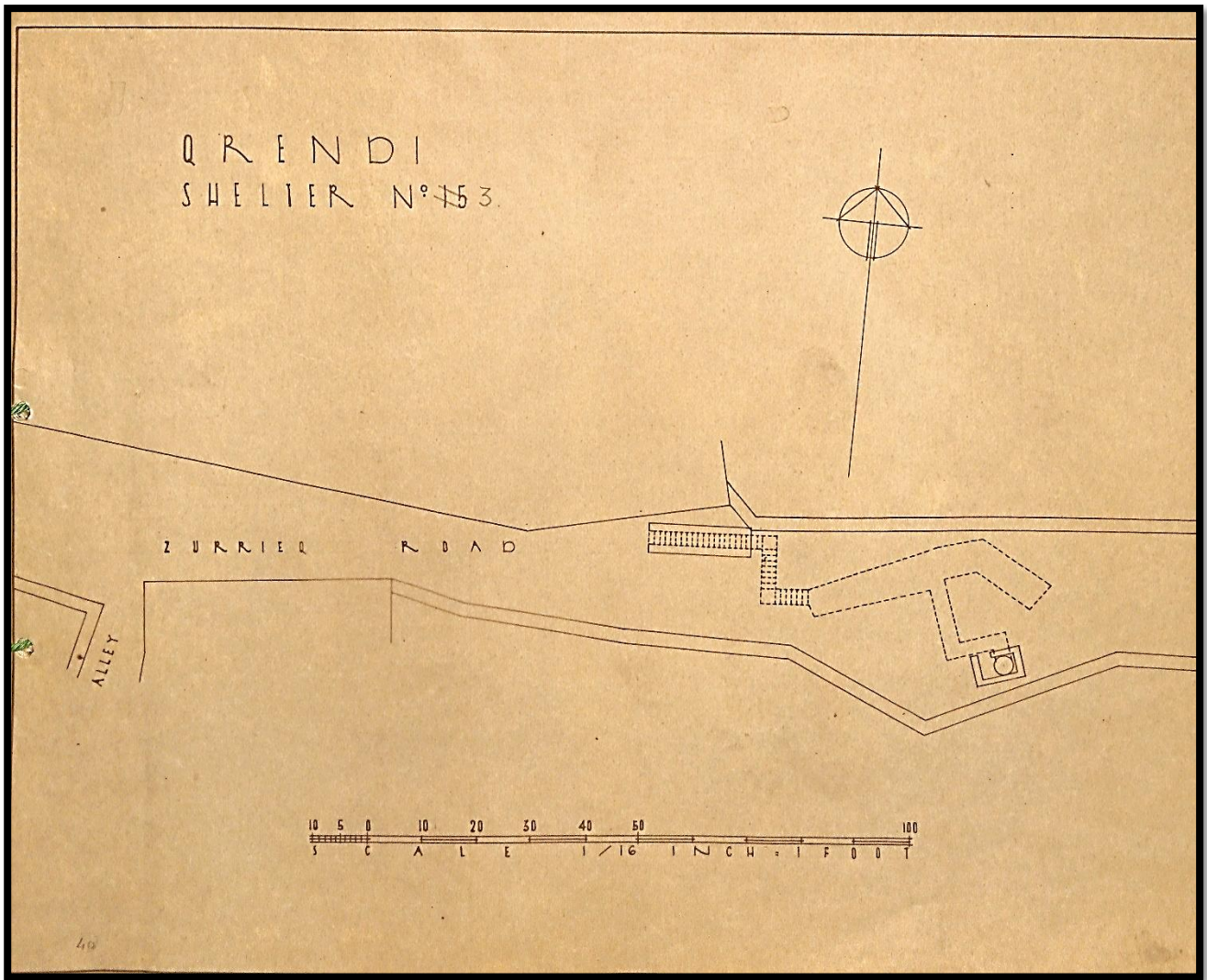


Fig.227 Planta do Abrigo nº3 "Alley – Zurrig Road"

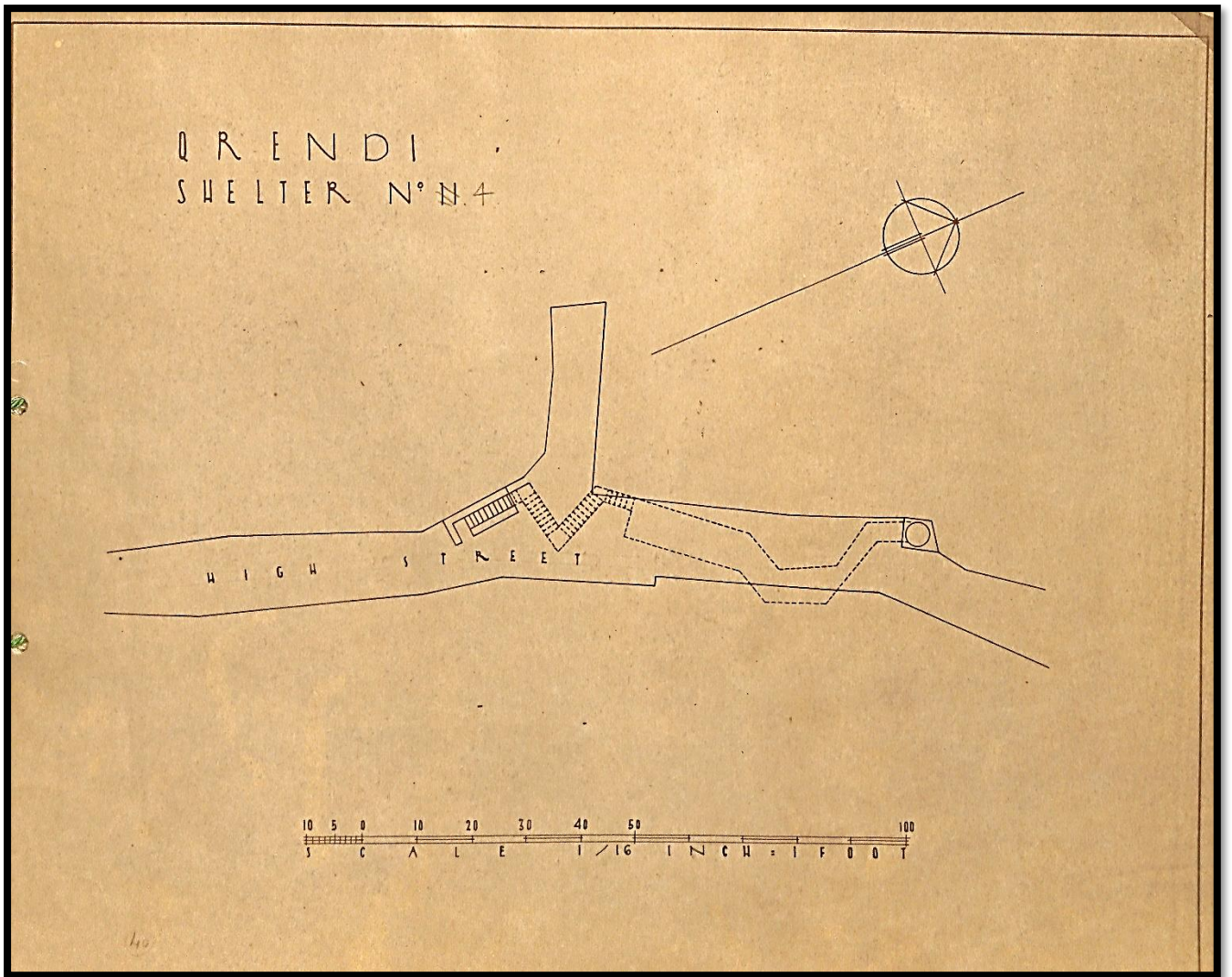


Fig.228 Planta do Abrigo nº4 "HighStreet."

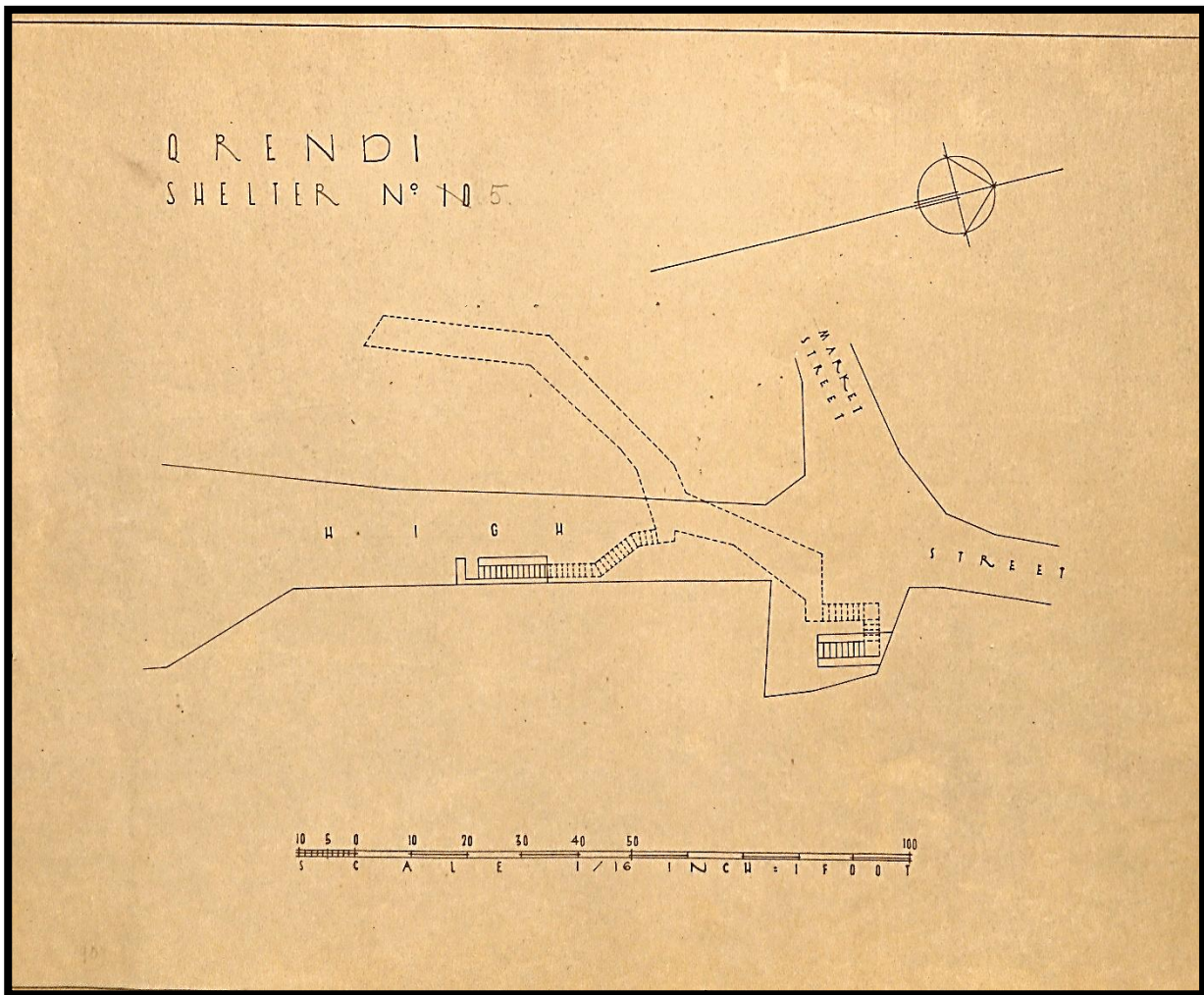


Fig.229 Planta do Abrigo nº5 "High Street – Market Street."

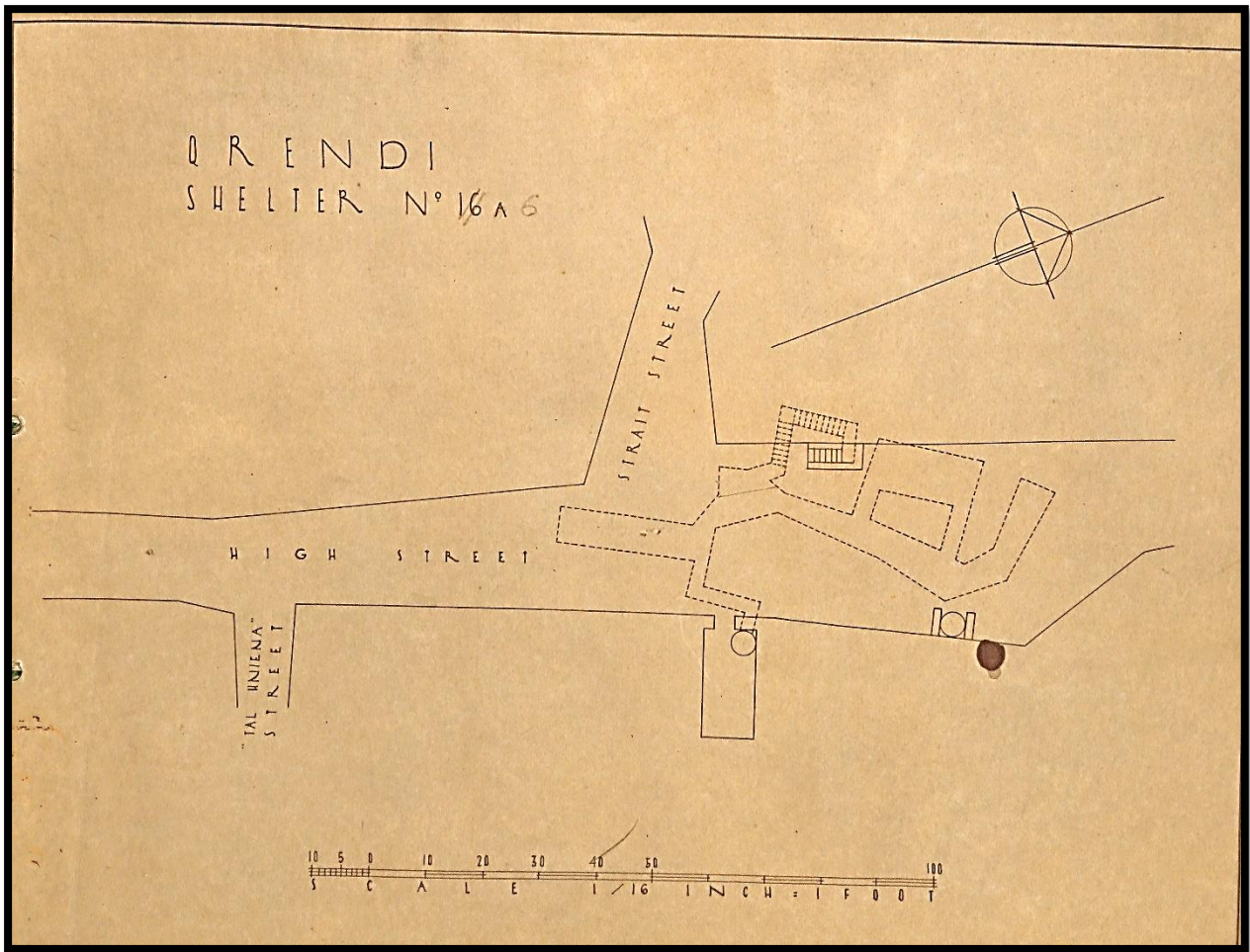


Fig.230 Planta do Abrigo nº6 "Tal – Hniena Street - High Street – Strait Street"

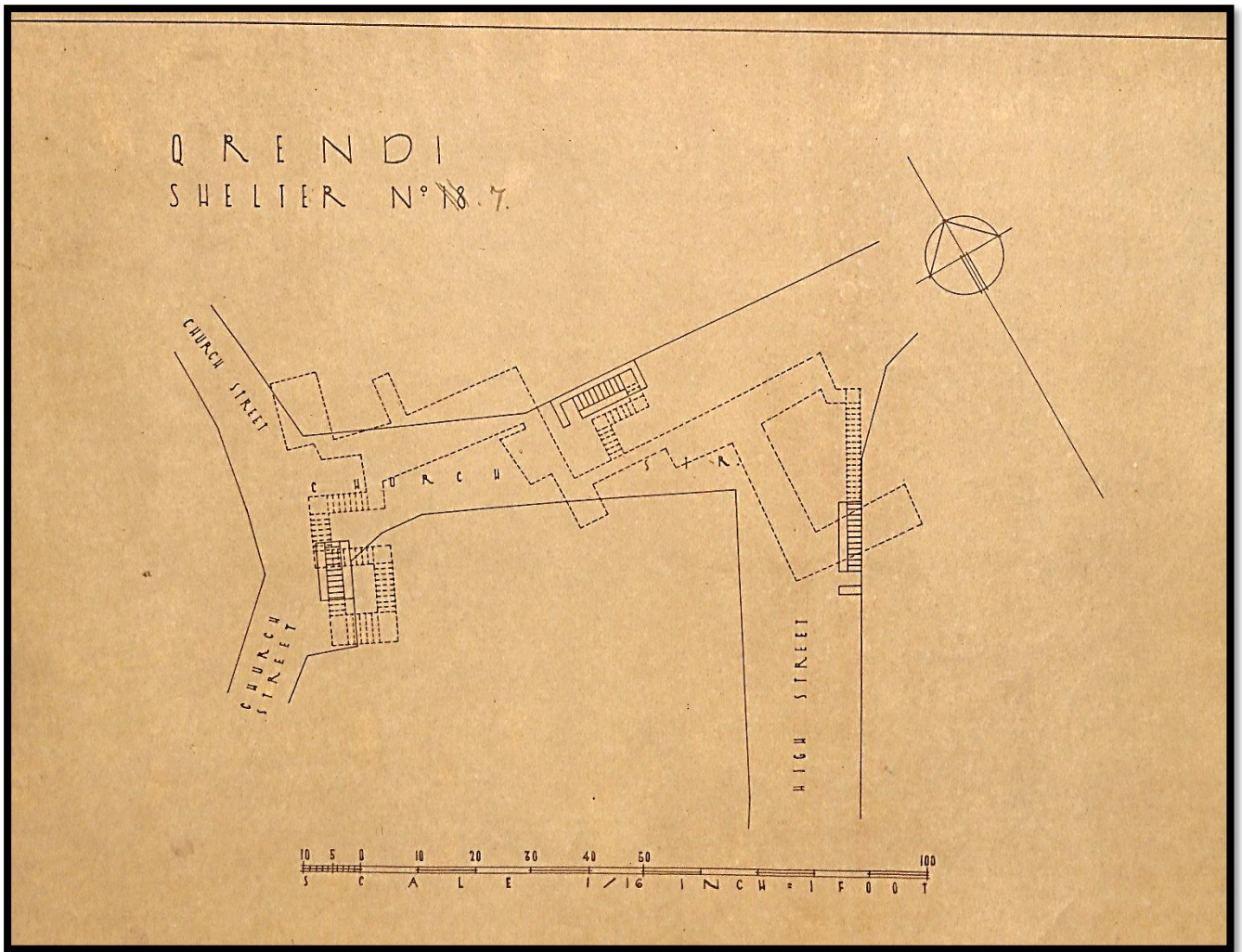


Fig.231 Planta do Abrigo nº7 "Church Str. – High Street."

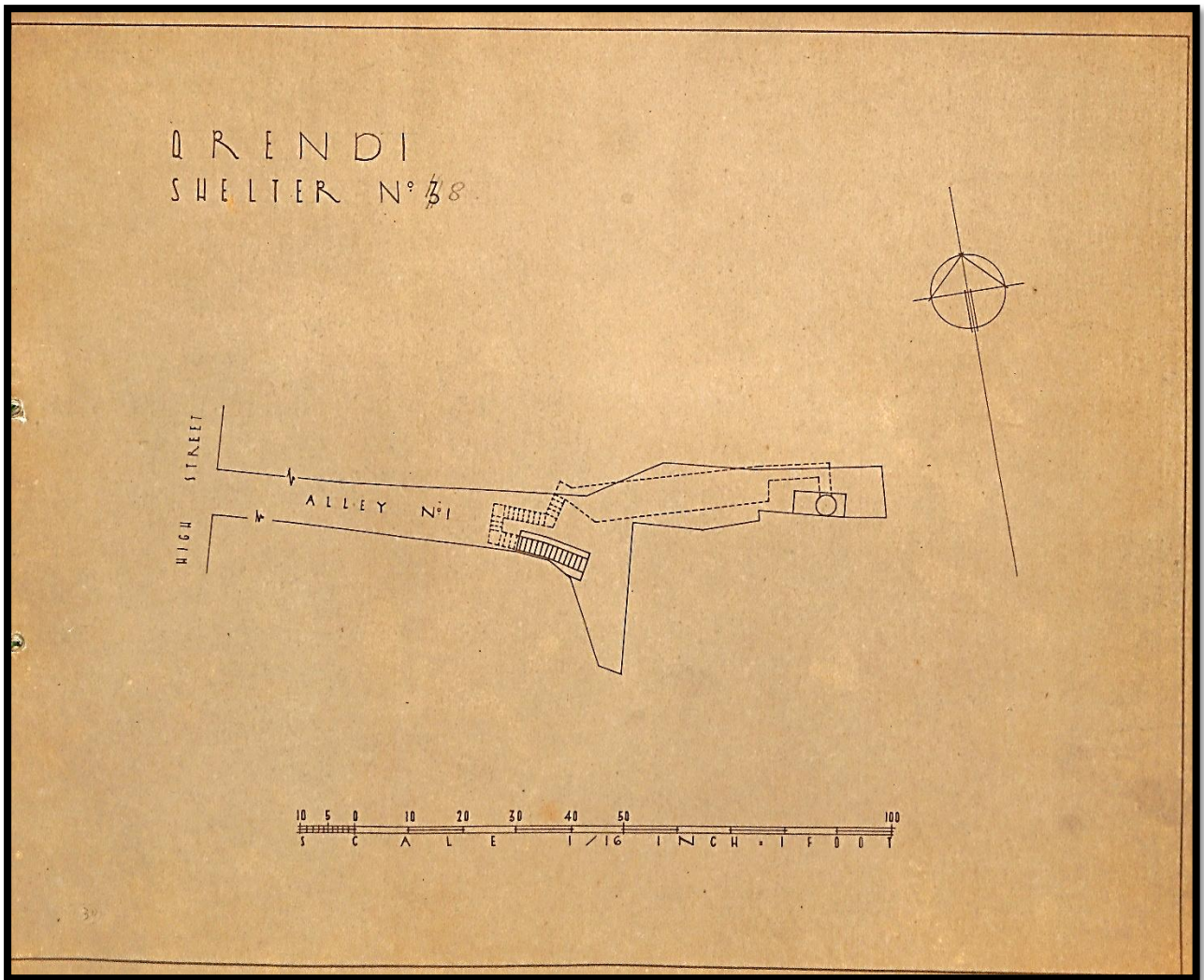


Fig.232 Planta do Abrigo nº8 "High Street – Alley nº1."

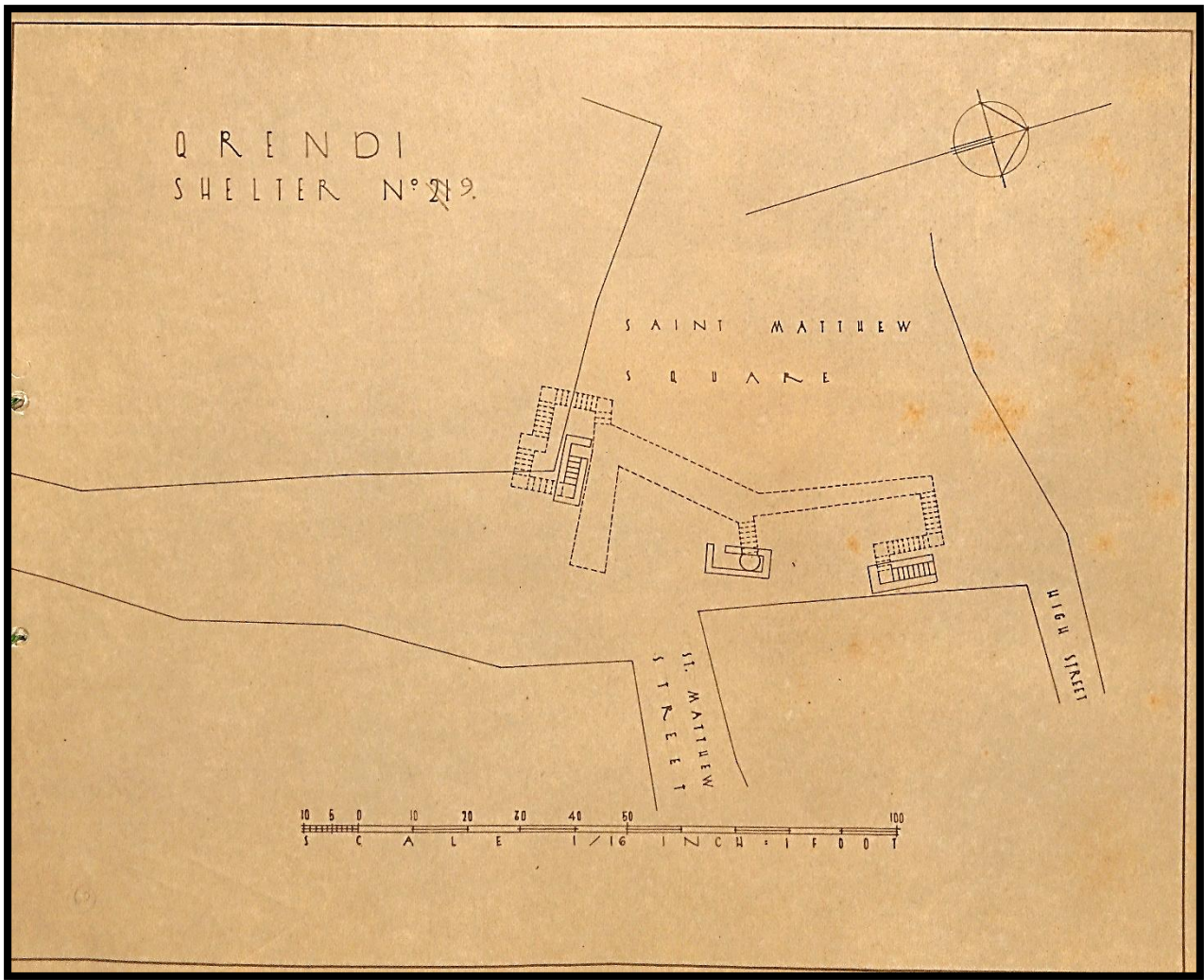


Fig.233 Planta do Abrigo nº9 "Saint Mathew Square – High Street."

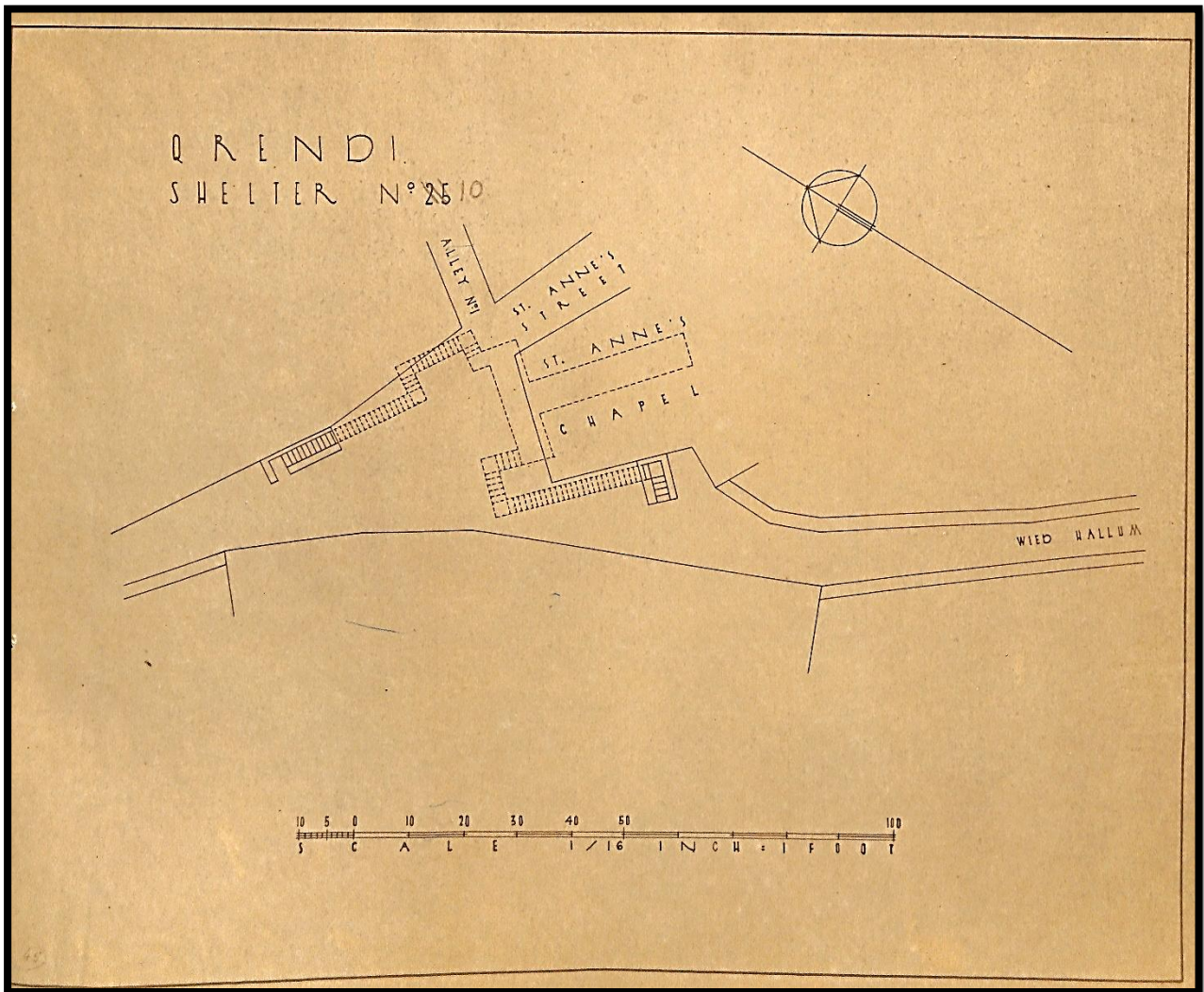


Fig.234 Planta do Abrigo nº10 "Alley nº1 – St. Anne's Street – Wied Hallum."

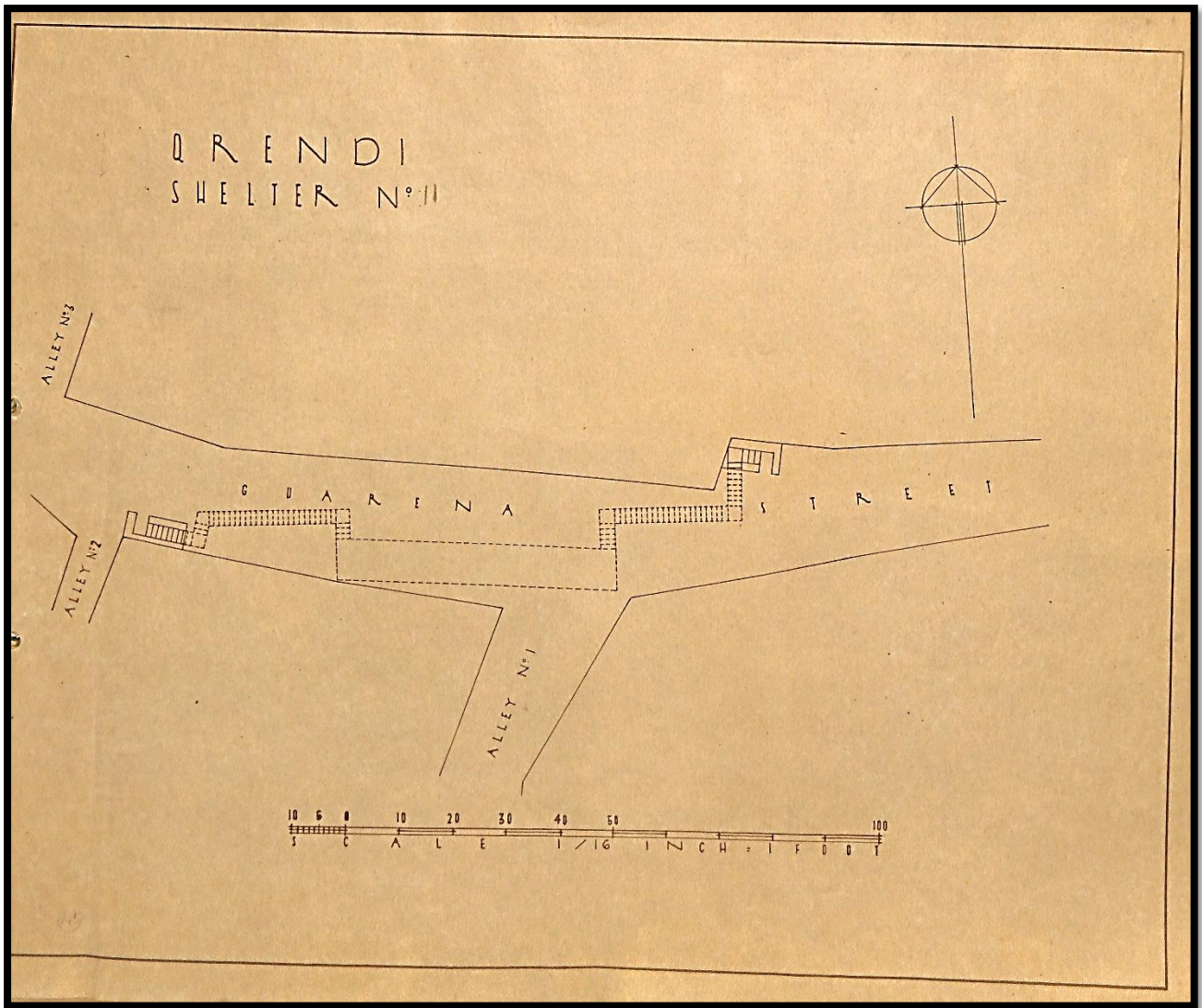


Fig.235 Planta do Abrigo nº11 "Guarena Street – Alley nº1 – Alley nº2 – Alley nº3."

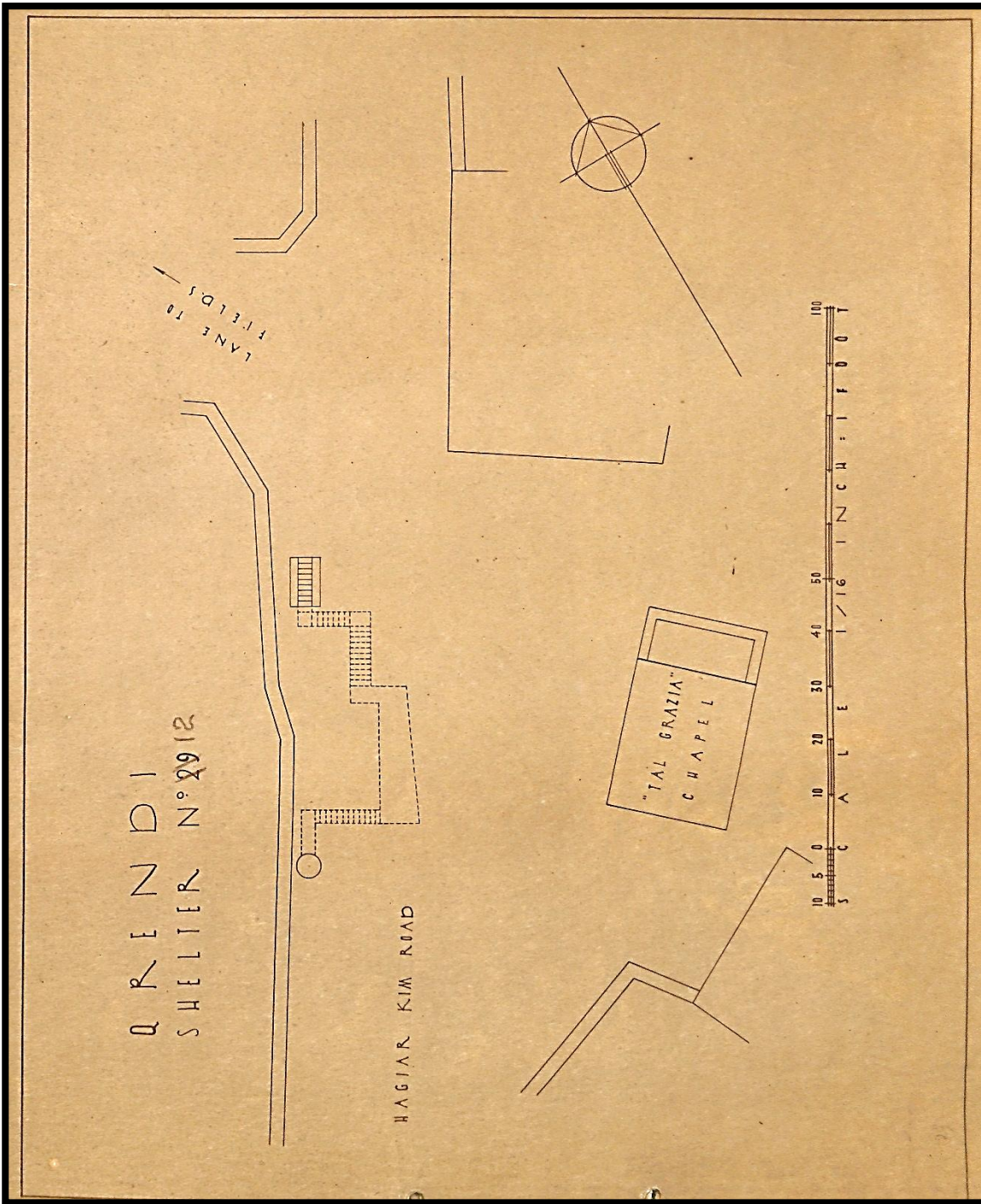


Fig.236 Planta do Abrigo nº12 "Hagiar Kim Road – Lane To Field's."

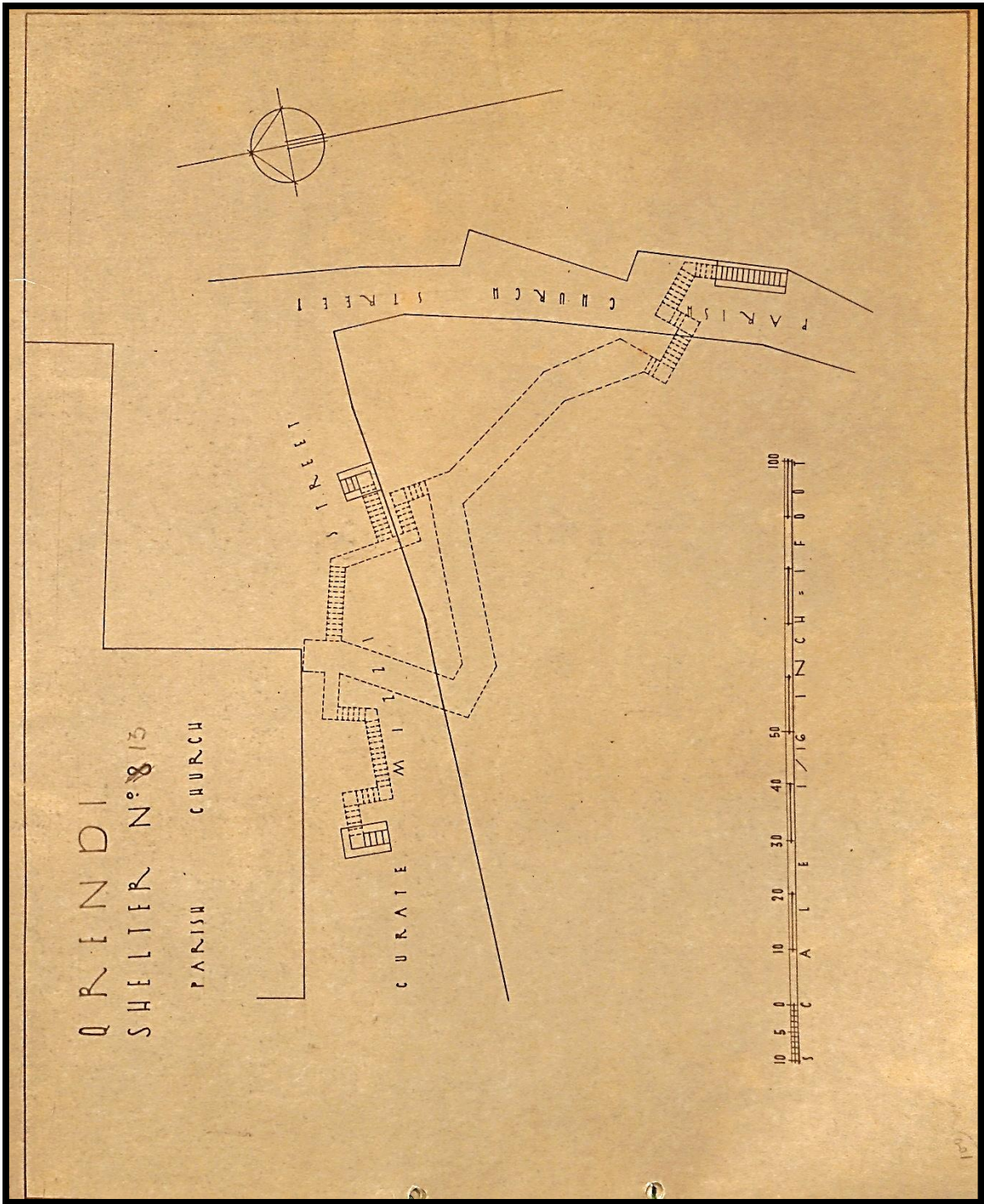


Fig.237 Planta do Abrigo nº13 "Curate Mizzi Street – Parish Church Street."

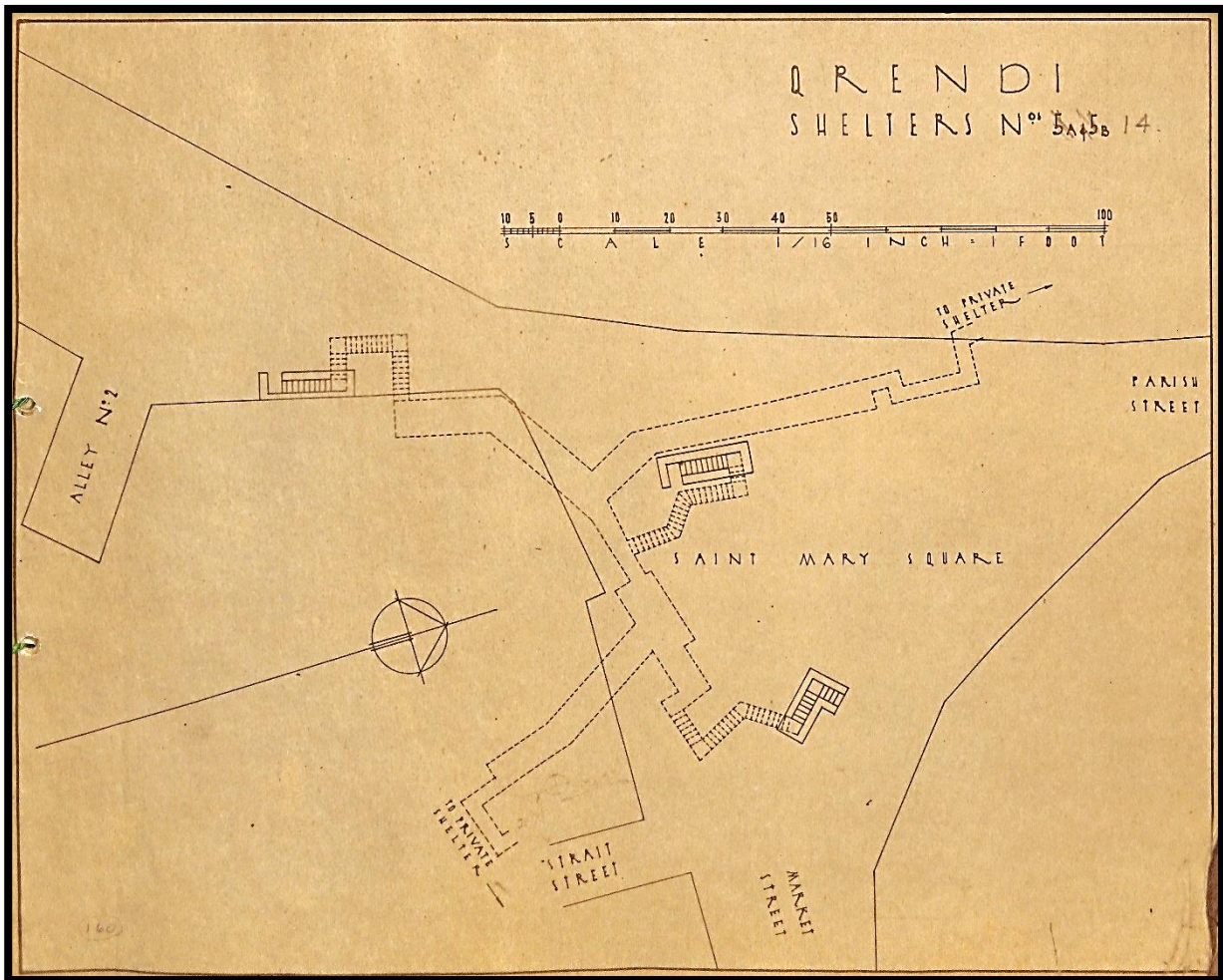


Fig.238 Planta do Abrigo nº14 "Saint Mary Square – Strait Street – Parish Church – Market Street – Alley nº2."

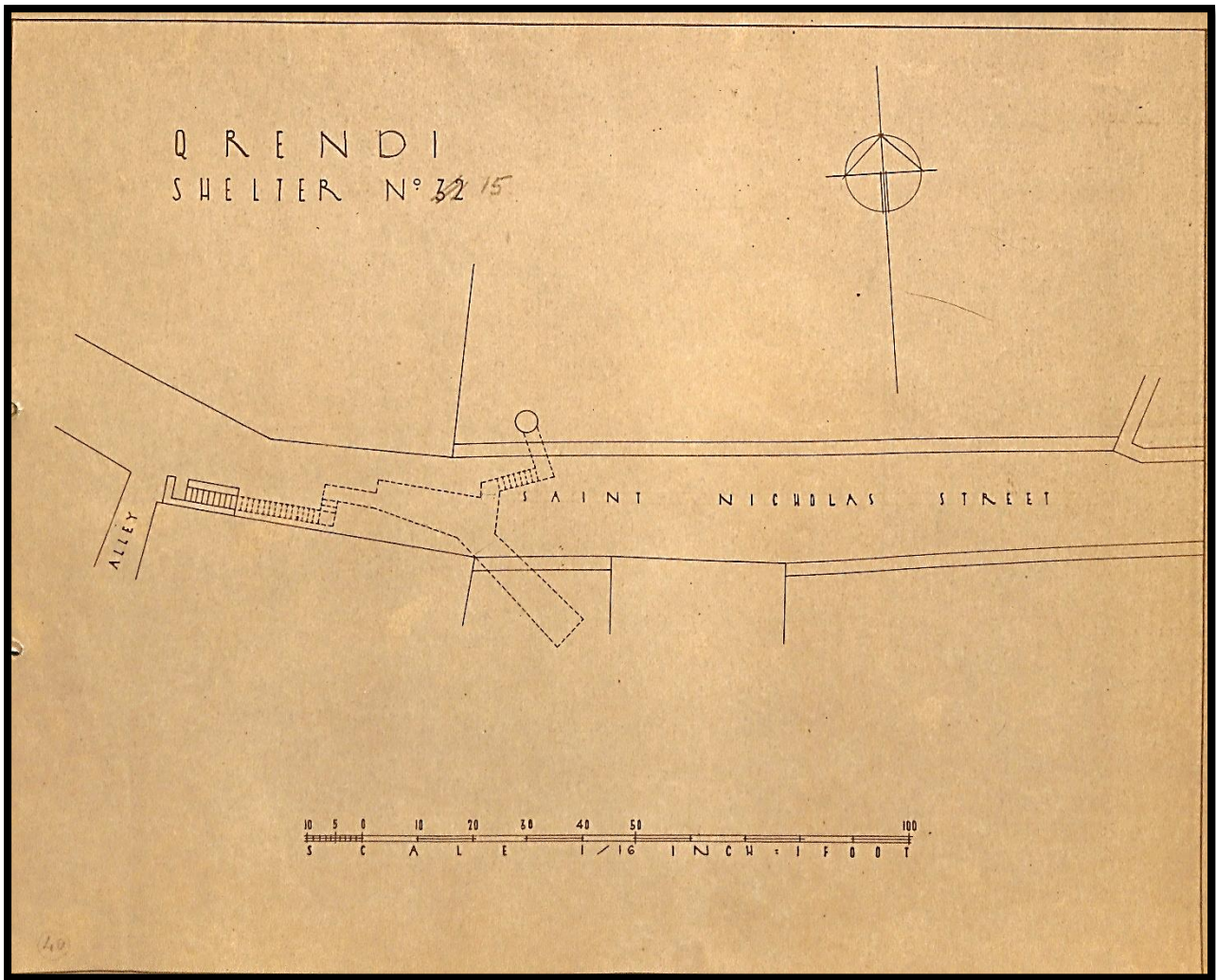


Fig.239 Planta do Abrigo nº15 "Saint Nicholas Street - Alley."

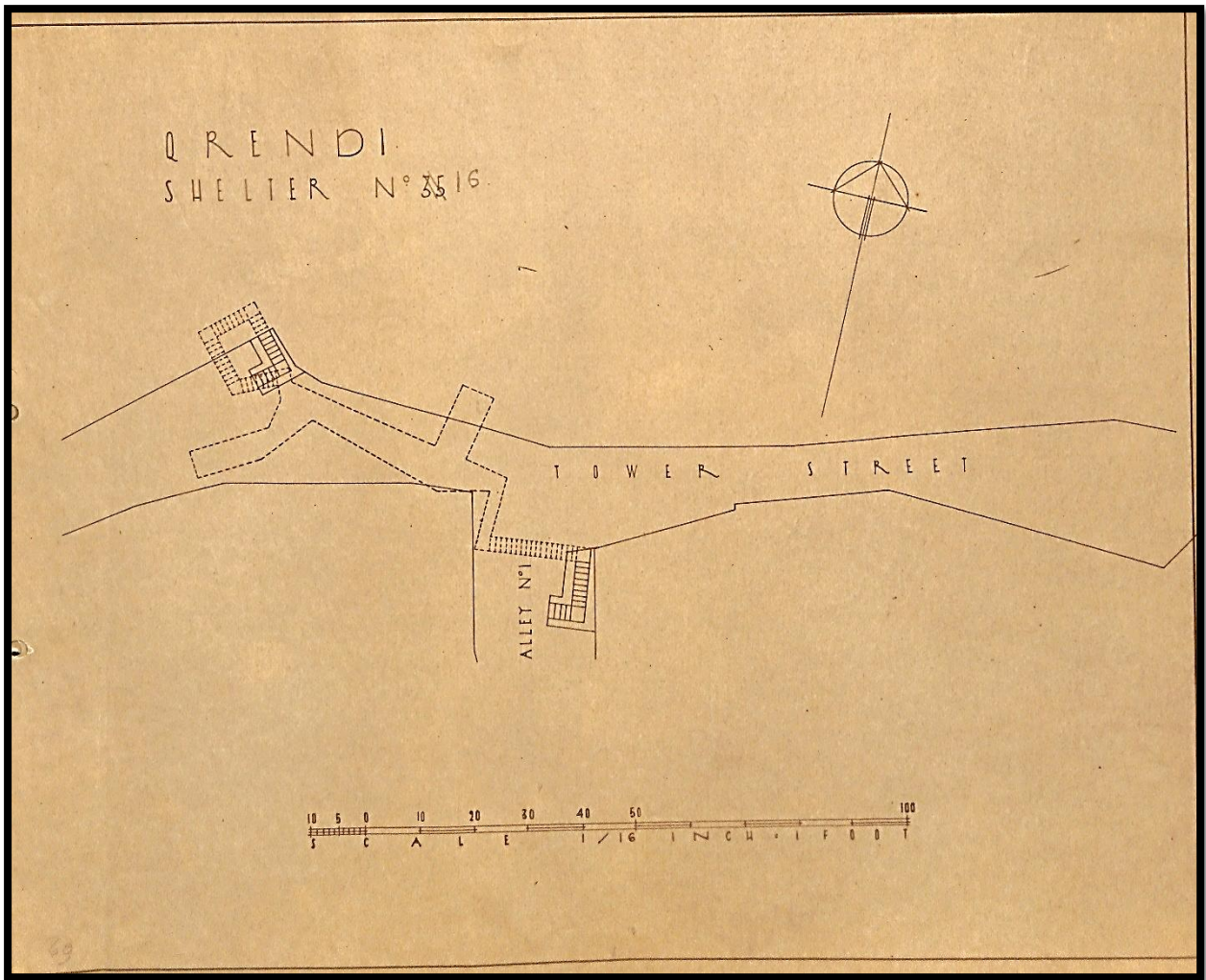


Fig.240 Planta do Abrigo nº16 "Tower Street – Alley nº1."

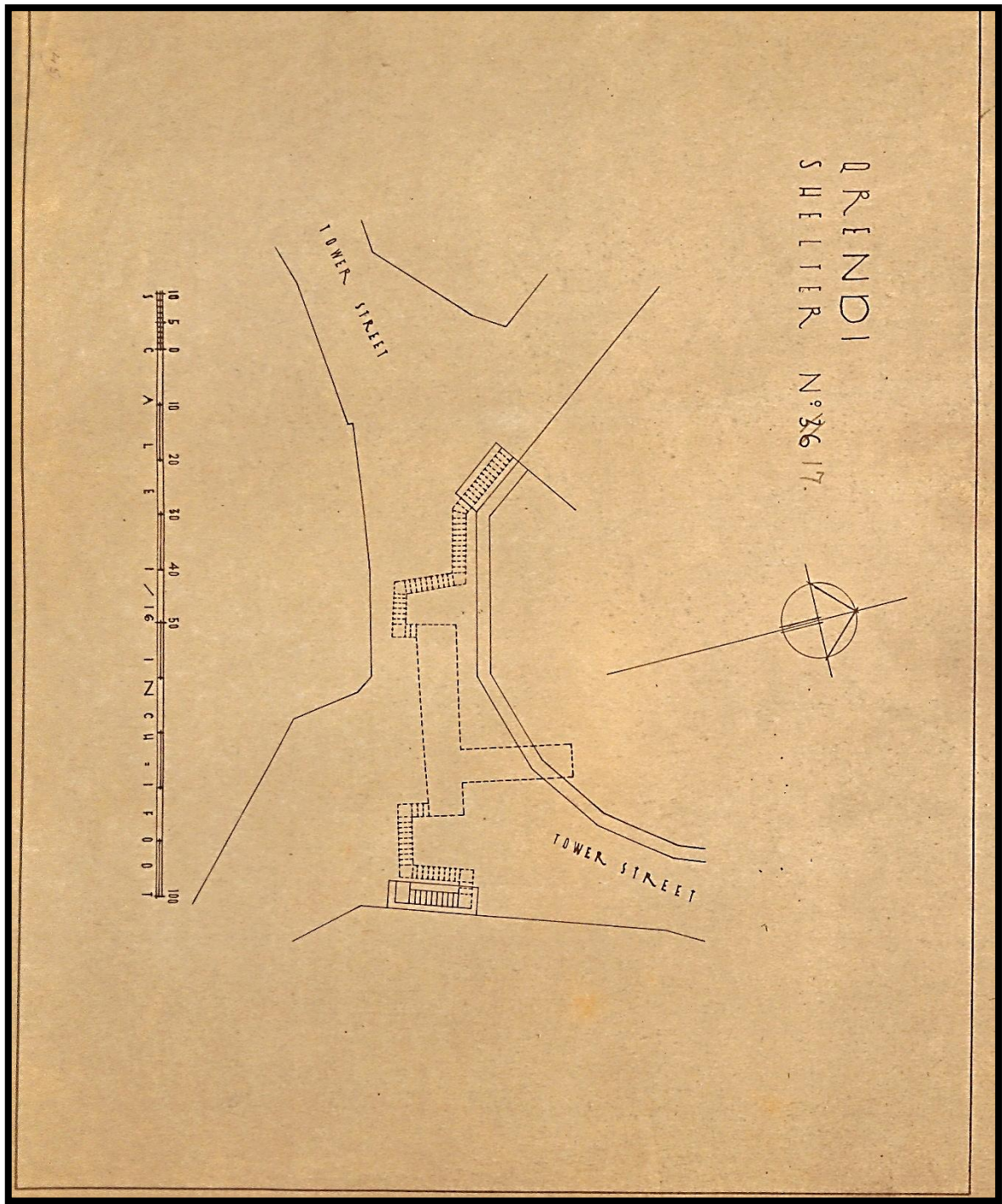


Fig.241 Planta do Abrigo nº17 "Tower Street."

Hal - Safi

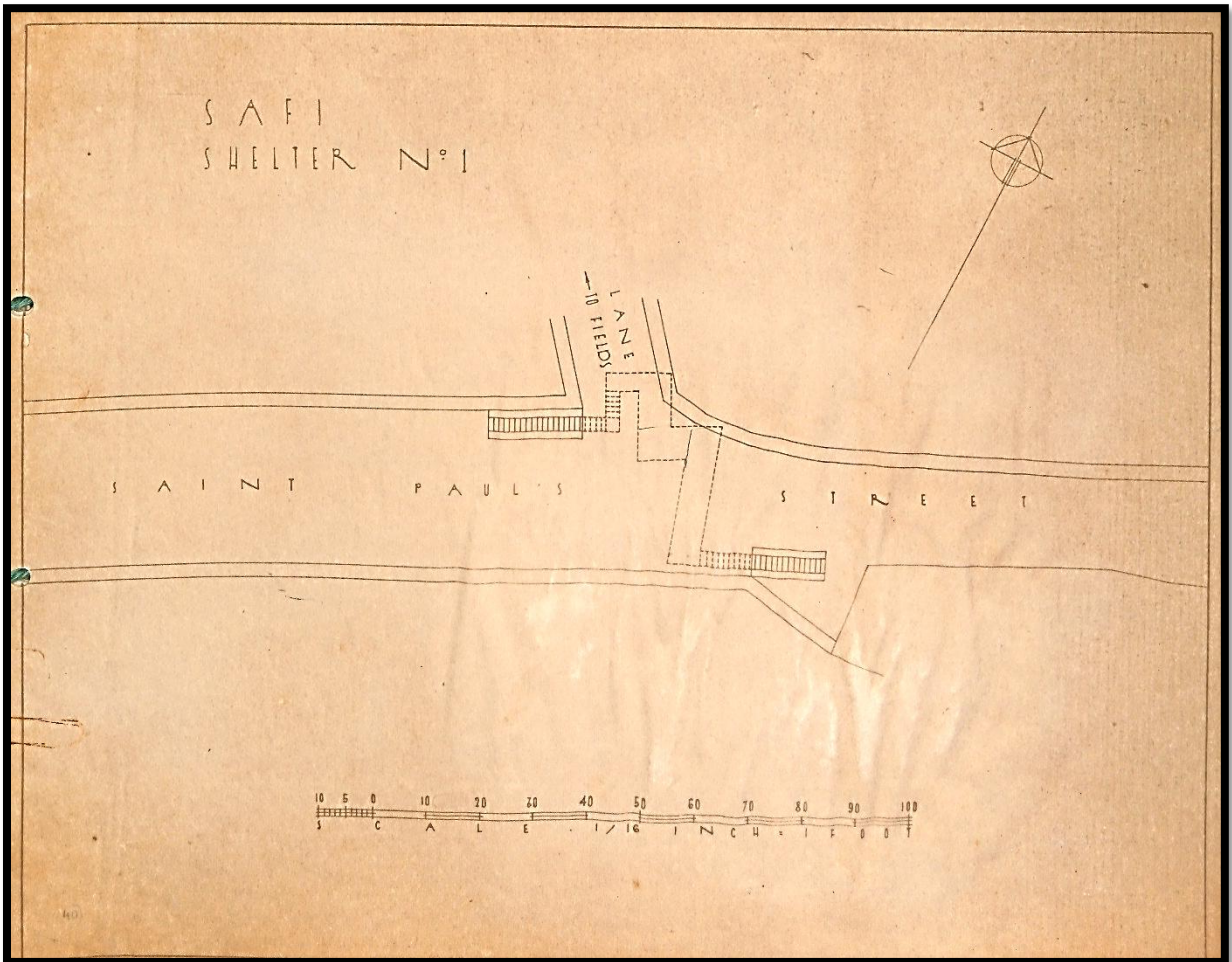


Fig.242 Planta do Abrigo nº1 "Saint Paul's Street – Lane to Fields" *
Fonte: NAM_ "CDE_ShelterDrawings_nº13_Safi" Fig.242 à 250
*Corresponde ao nº1 da Lista de Safi

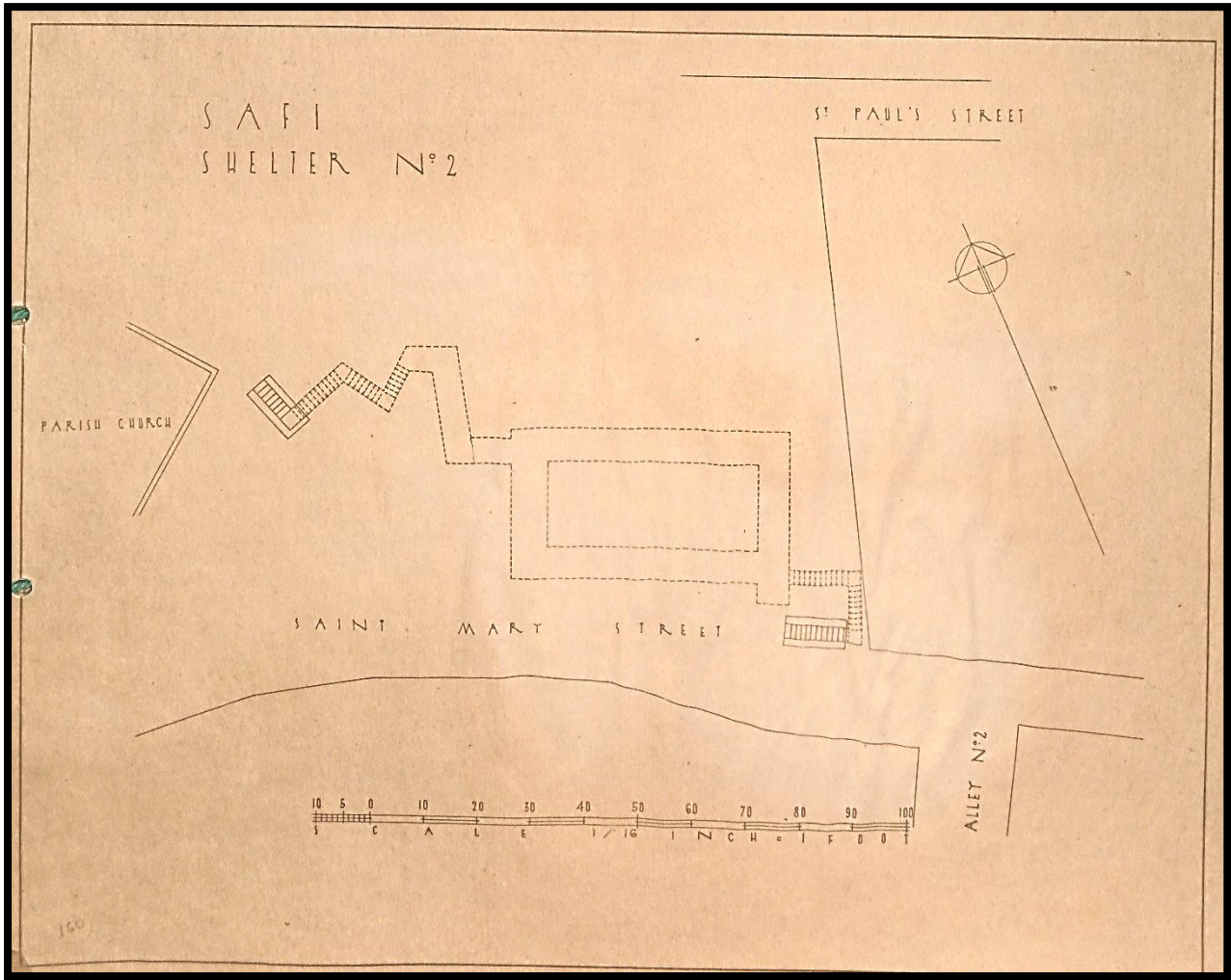


Fig.243 Planta do Abrigo nº2 "Saint Mary Street – St. Paul's Street – Alley nº2."

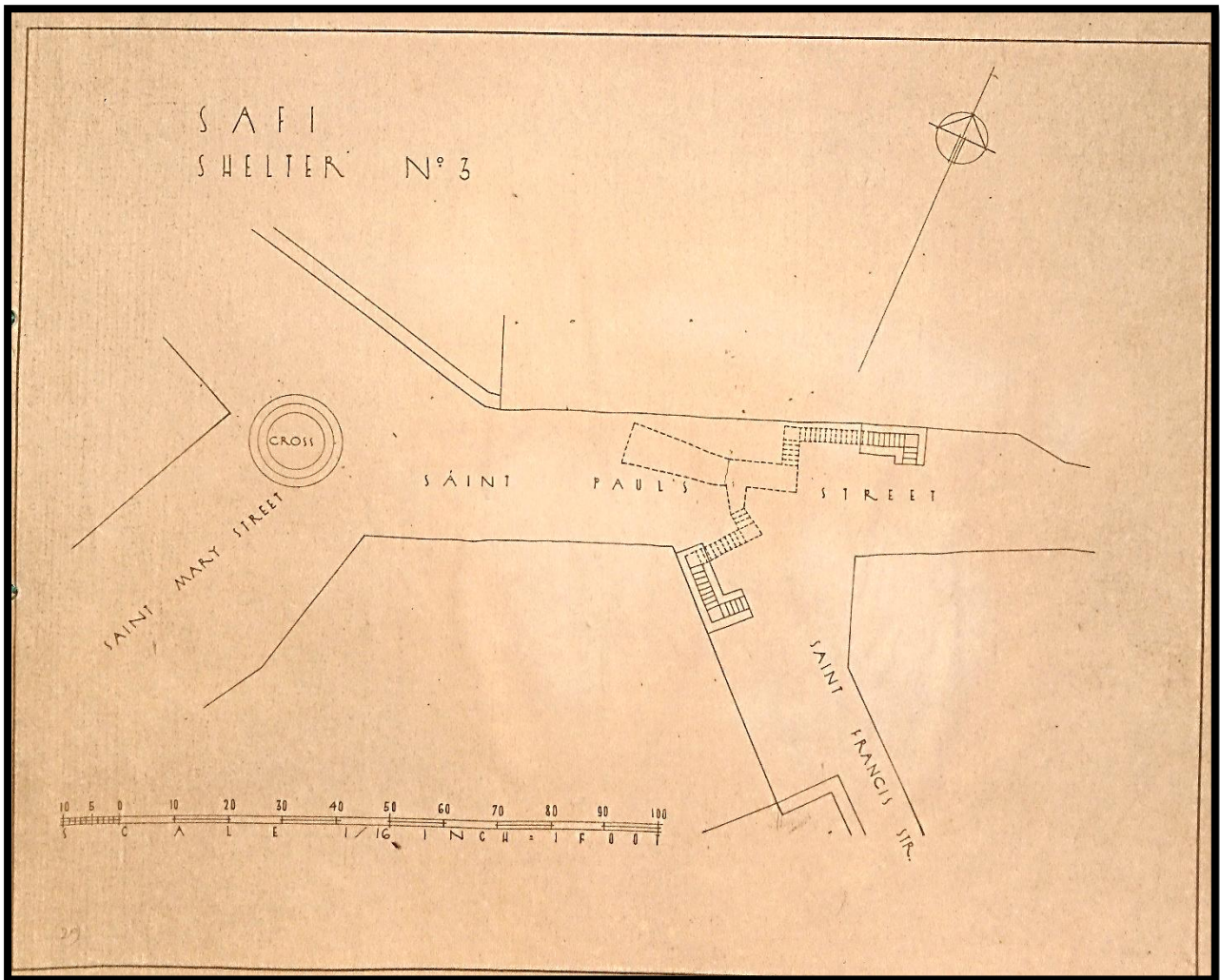


Fig.244 Planta do Abrigo nº3 "Saint Mary Street – Saint Paul's Street* – Saint Francis Str."
*Corresponde ao nº3 da Lista de Safi

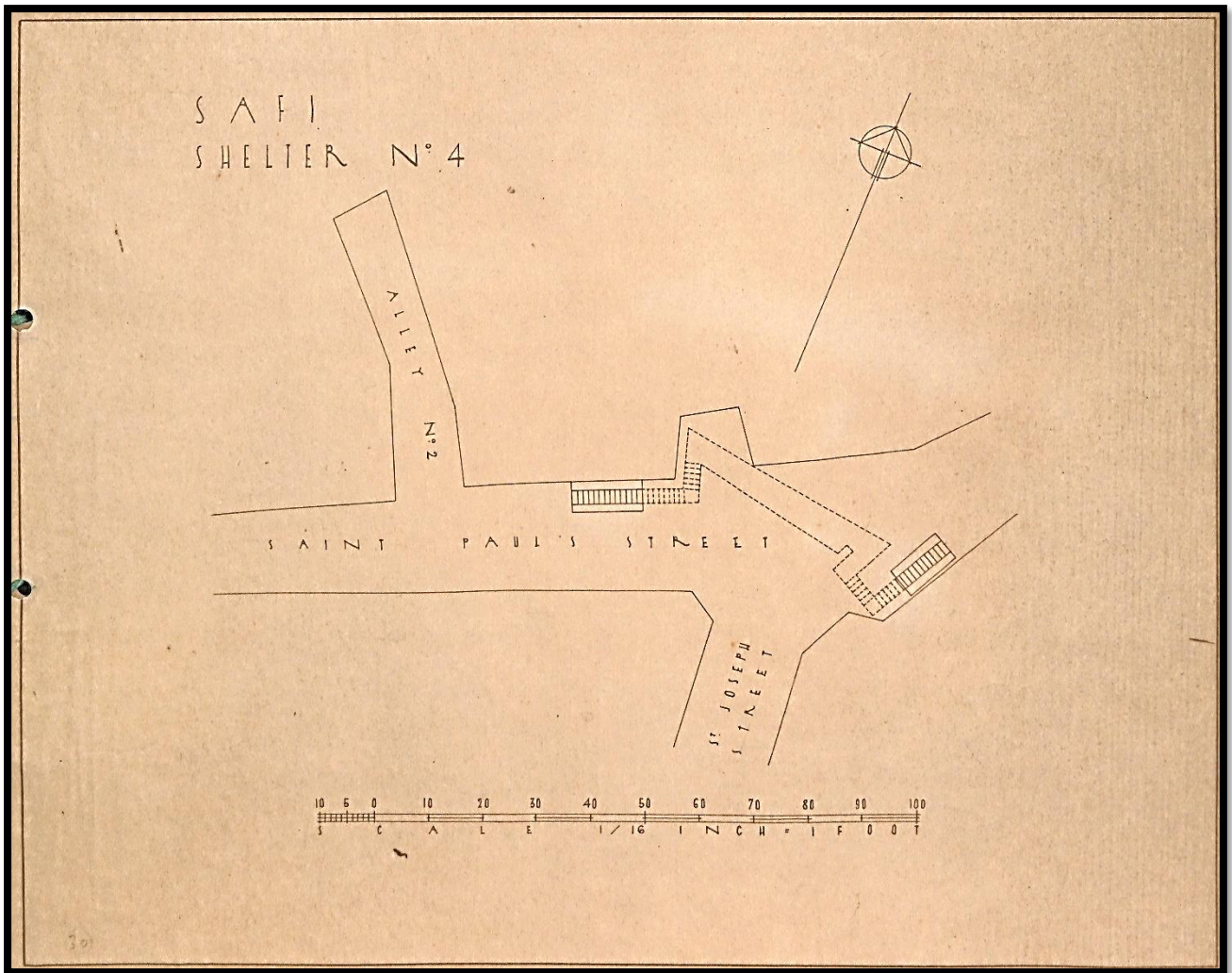


Fig.245 Planta do Abrigo nº4 "Saint Paul's Street* – Alley nº2 – St. Joseph Street."
 *Corresponde ao nº-4 da Lista de Safi

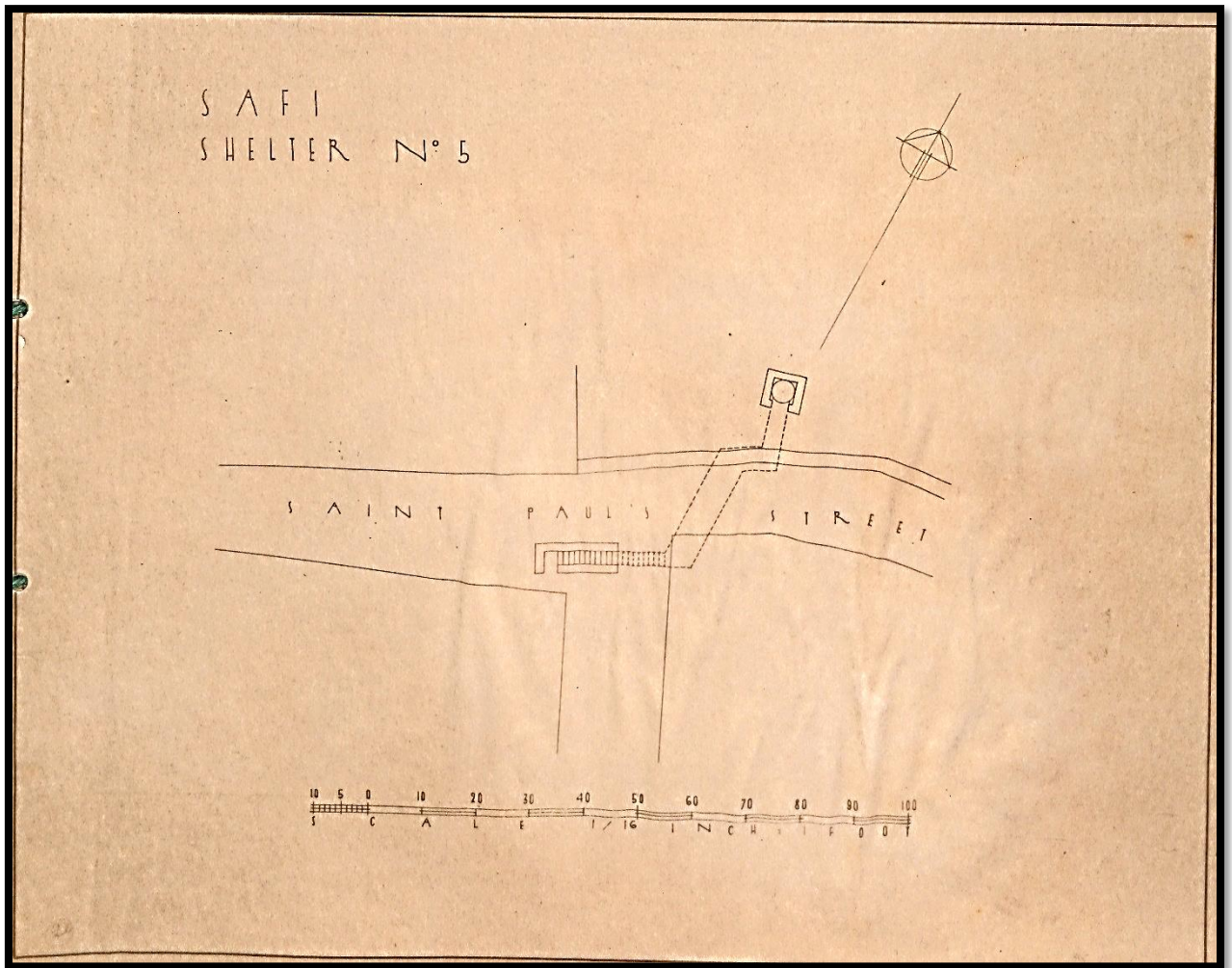


Fig.246 Planta do Abrigo nº5 "Saint Paul's Street."

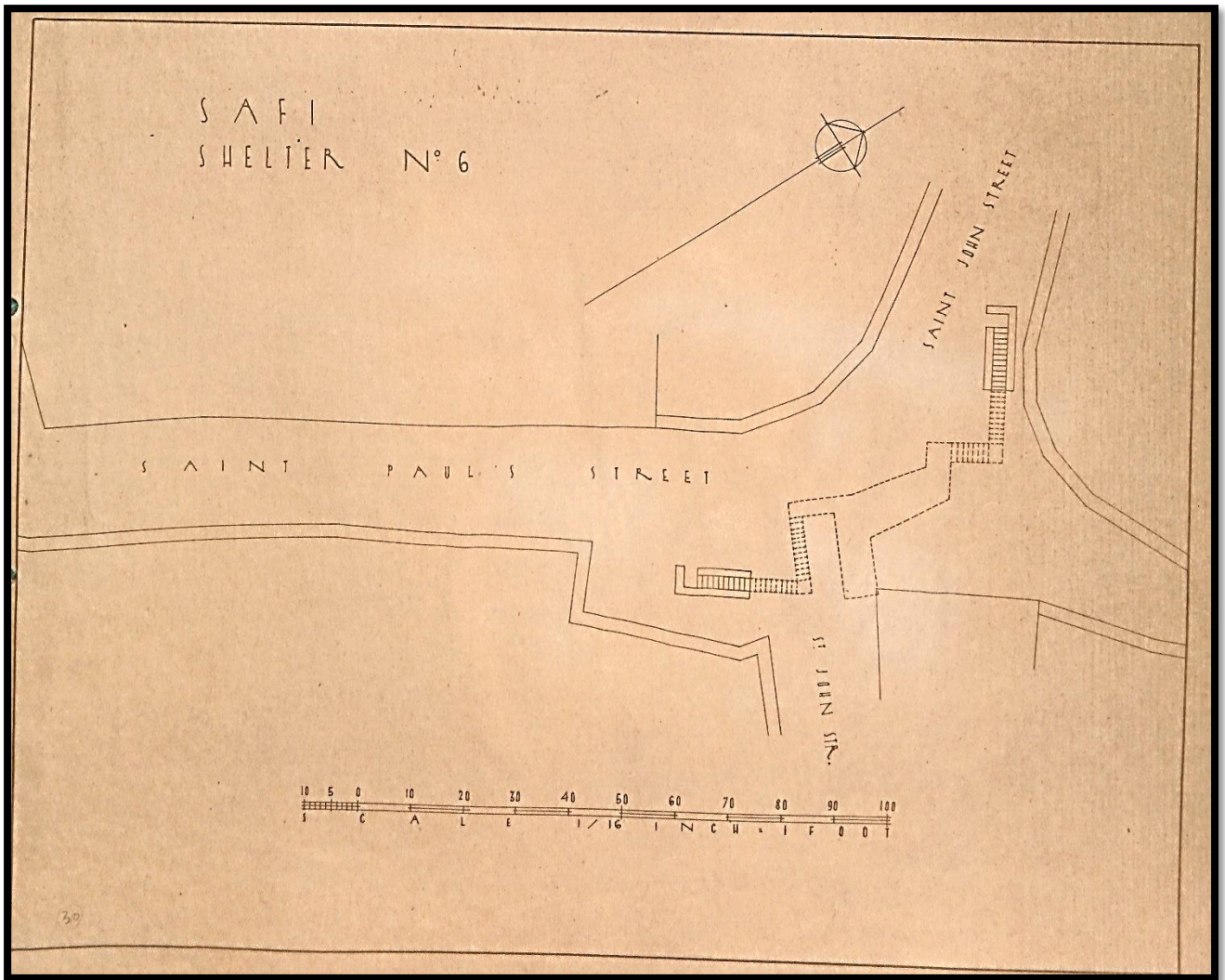


Fig.247 Planta do Abrigo nº6 "Saint Paul's Street – Saint John Street."
 *Corresponde ao nº6 da Lista de Safi

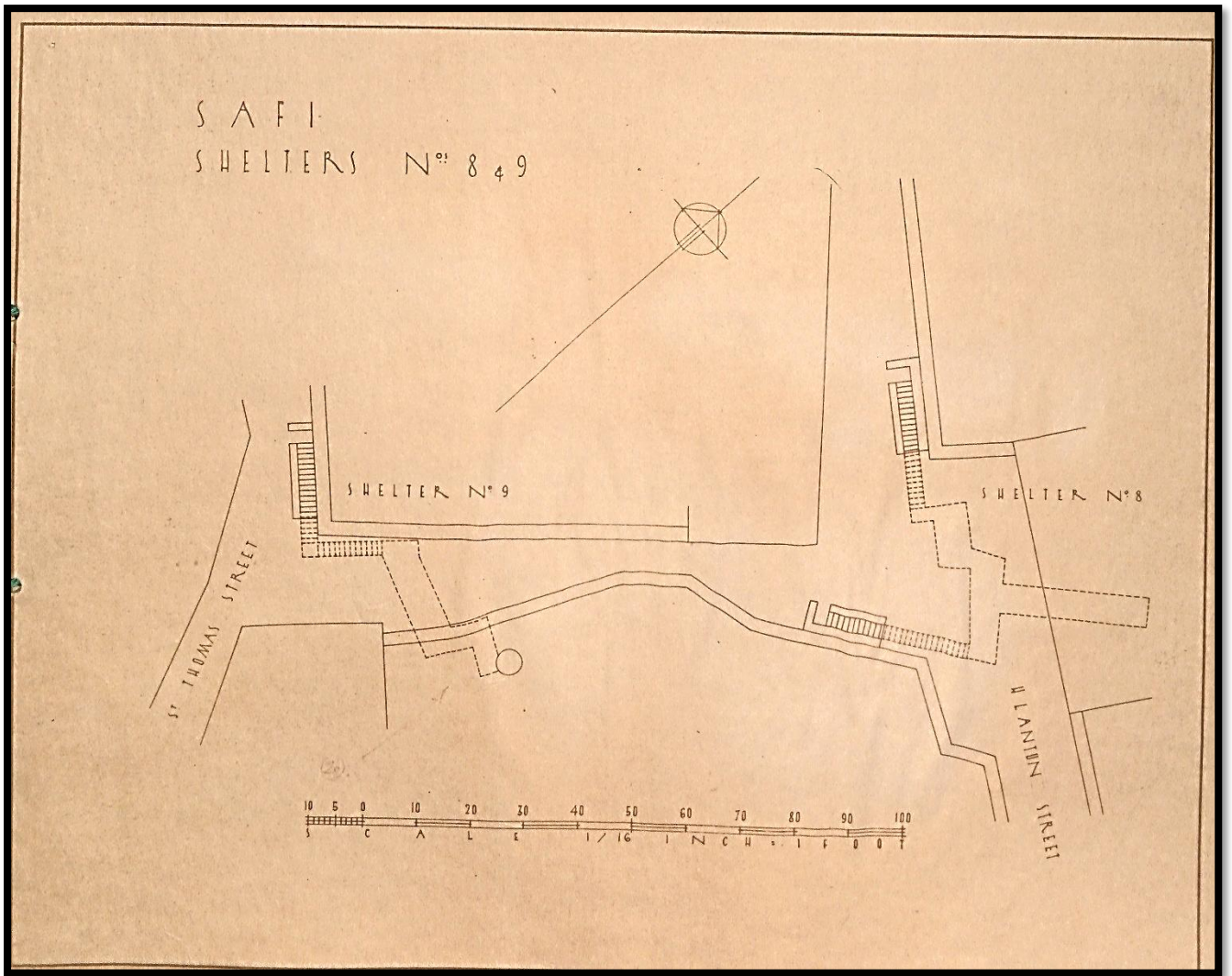


Fig.248 Planta do Abrigo nº8 e 9 "St. Thomas Street – Hlanium Street."

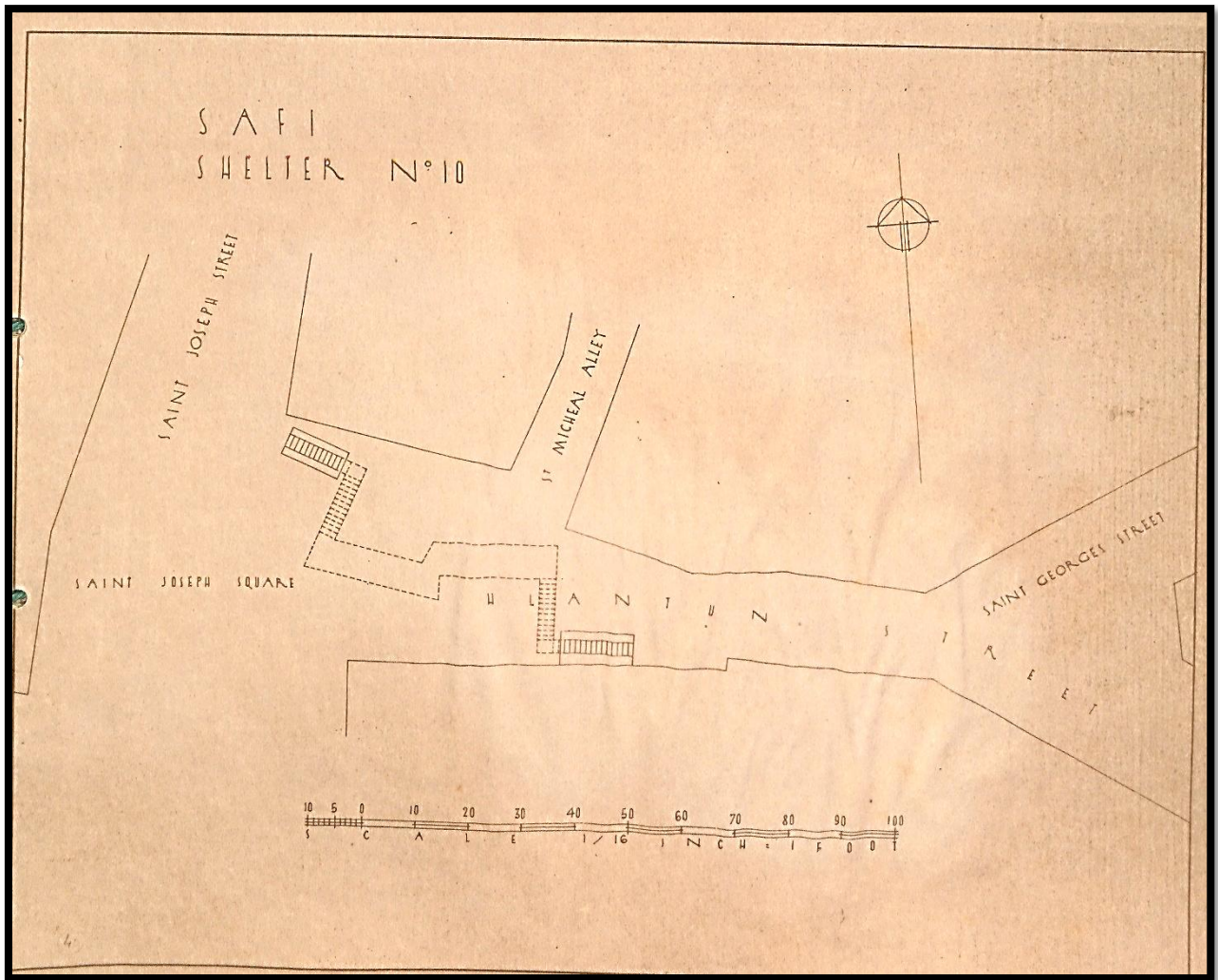


Fig.249 Planta do Abrigo nº10 "Saint Joseph Street – Saint Joseph Square – Hlantum Street* – St. Michael Alley – Saint George's Street."

*Corresponde ao nº8 da Lista de Safi

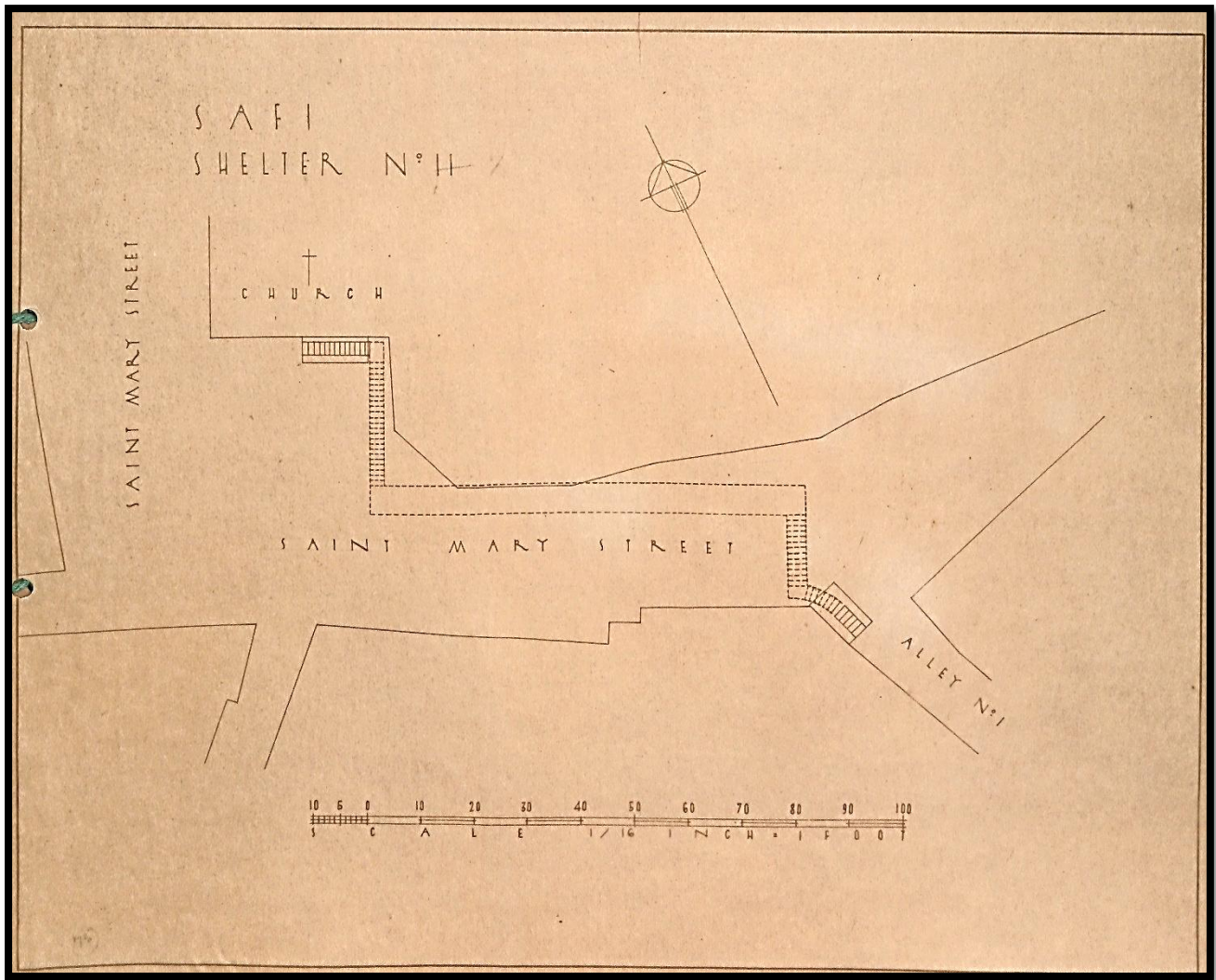


Fig.250 Planta do Abrigo nº11 (7) "Saint Mary Street – Alley nº1."

Senglea

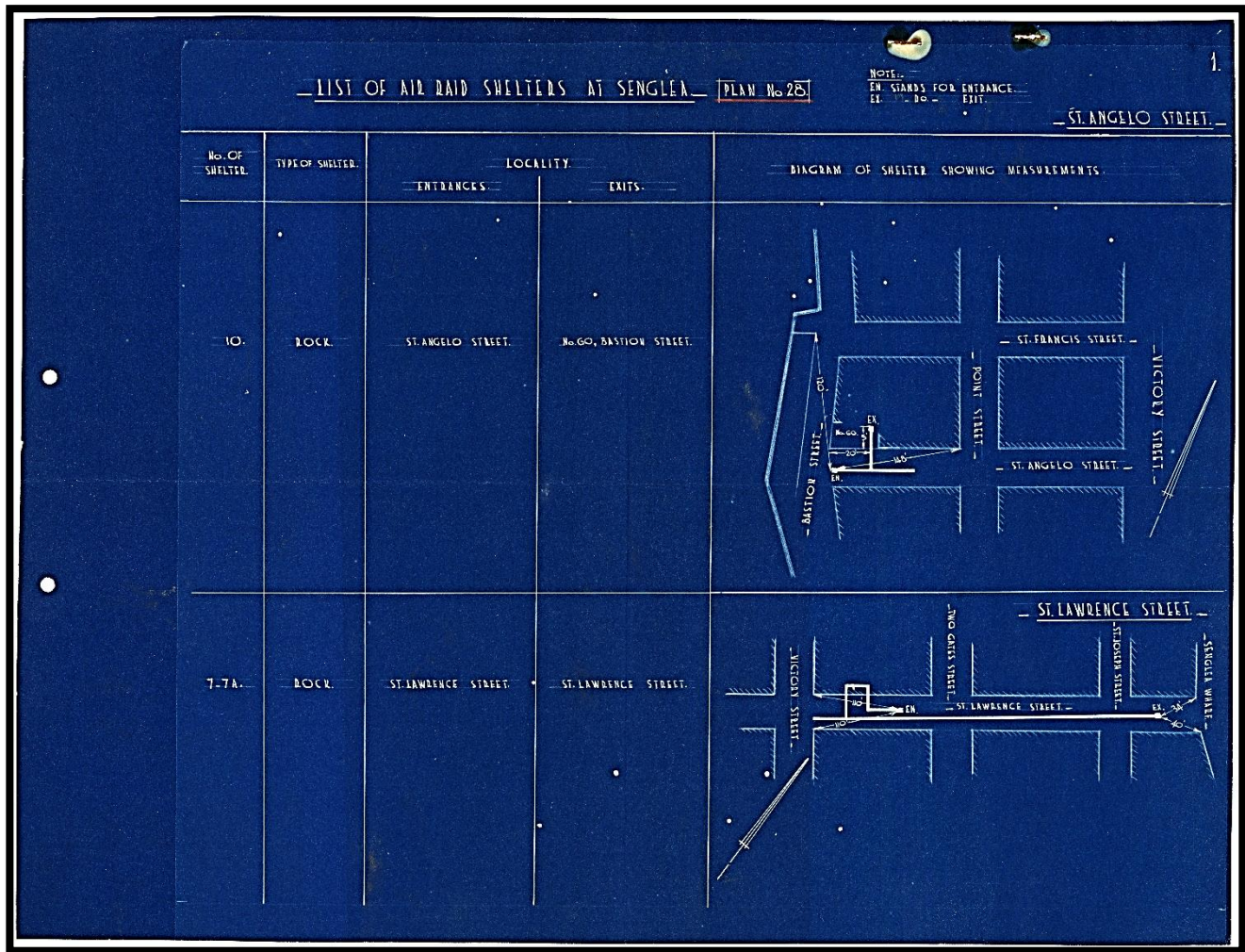


Fig. 251 Abrigos de Guerra Senglea "St. Angelo Street"

Fonte: NAM_ "CDE_Blue_Prints_of_Shelters_nº15_Cottonera" Fig.251 à 254

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
10	Rock	St. Angelo Street	No. 60, Bastion Street
7-7A.*	Rock	St. Lawrence Street	St. Lawrence Street

* Corresponde ao nº2 da lista do Abrigo de Senglea

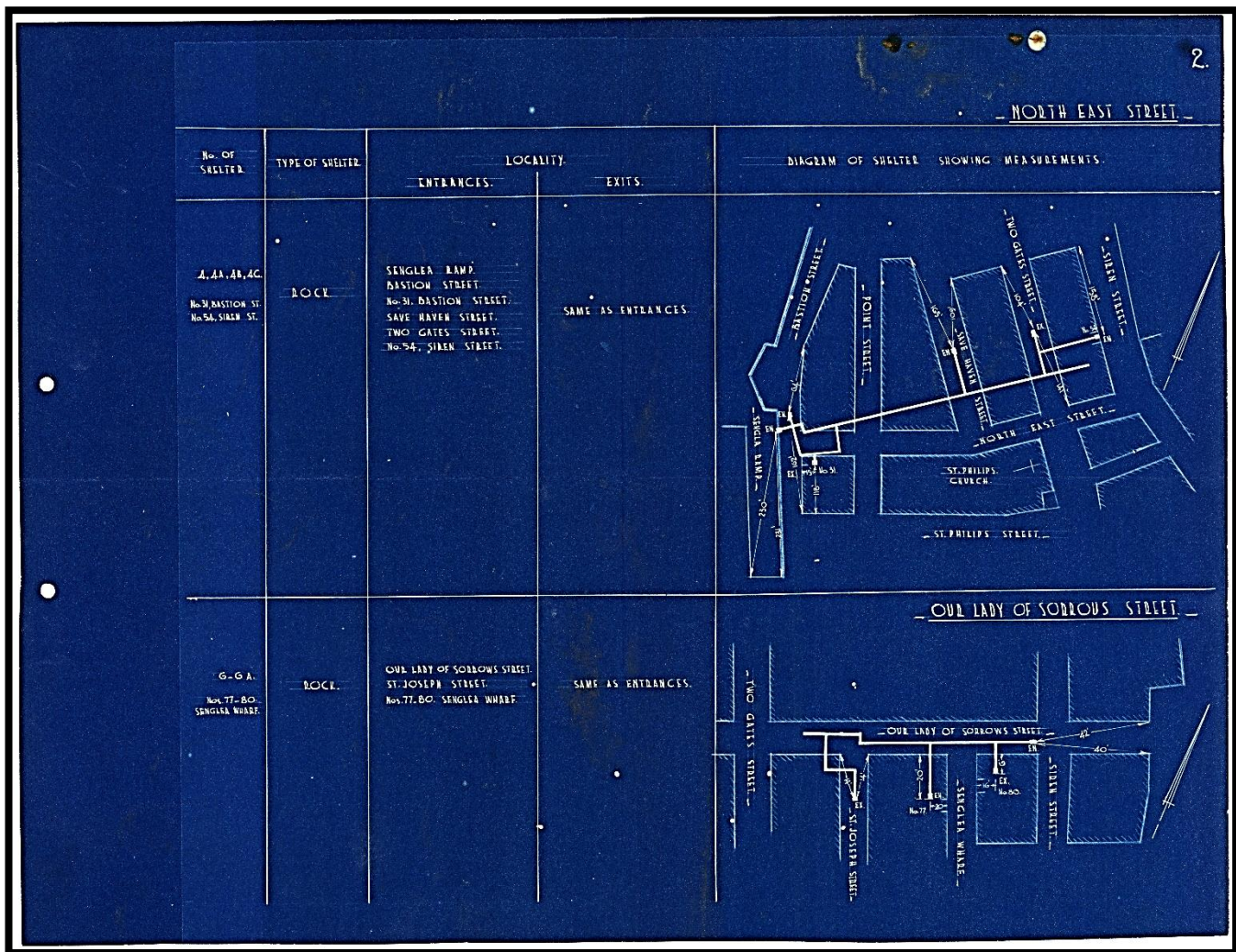


Fig. 252 Abrigos de Guerra Senglea "North East Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
4, 4A, 4B, 4C* No. 31, Bastion St.; No. 54, Siren St.;	Rock	Senglea Ramp; Bastion Street; No.31 Bastion Street; Save Heaven Street; Two Gates Street; No. 54 Siren Street;	Same as entrances
6 – 6A** Nos. 77 –80 Senglea Wharf	Rock	Our Lady Sorrows Street; St Joseph Street; Nos. 77- 80 Senglea Wharf	Same as entrances

* Corresponde ao nº4 da lista do Abrigo de Senglea

** Corresponde ao nº6 da lista do Abrigo de Senglea

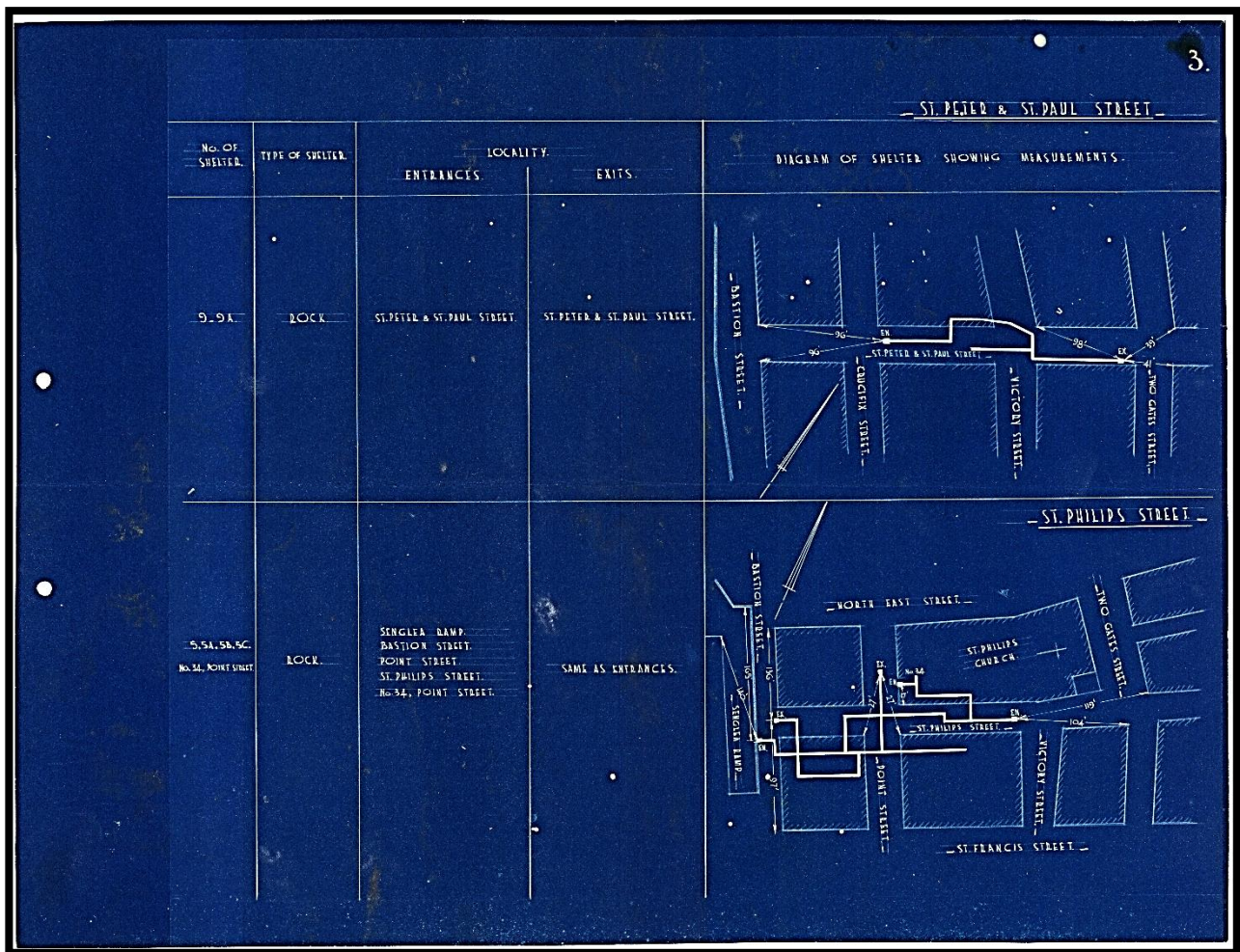


Fig. 253 Abrigos de Guerra Senglea "St. Peter & St. Paul Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
9 – 9A*	Rock	St. Peter & St. Paul Street	St. Peter & St. Paul Street
5, 5A, 5B, 5C** No. 34, Point Street	Rock	Senglea Ramp; Bastion Street; Point Street; St. Philips Street; No. 34, Point Street	Same as entrances

* Corresponde ao nº3 da lista do Abrigo de Senglea

** Corresponde ao nº4, 5 da lista do Abrigo de Senglea

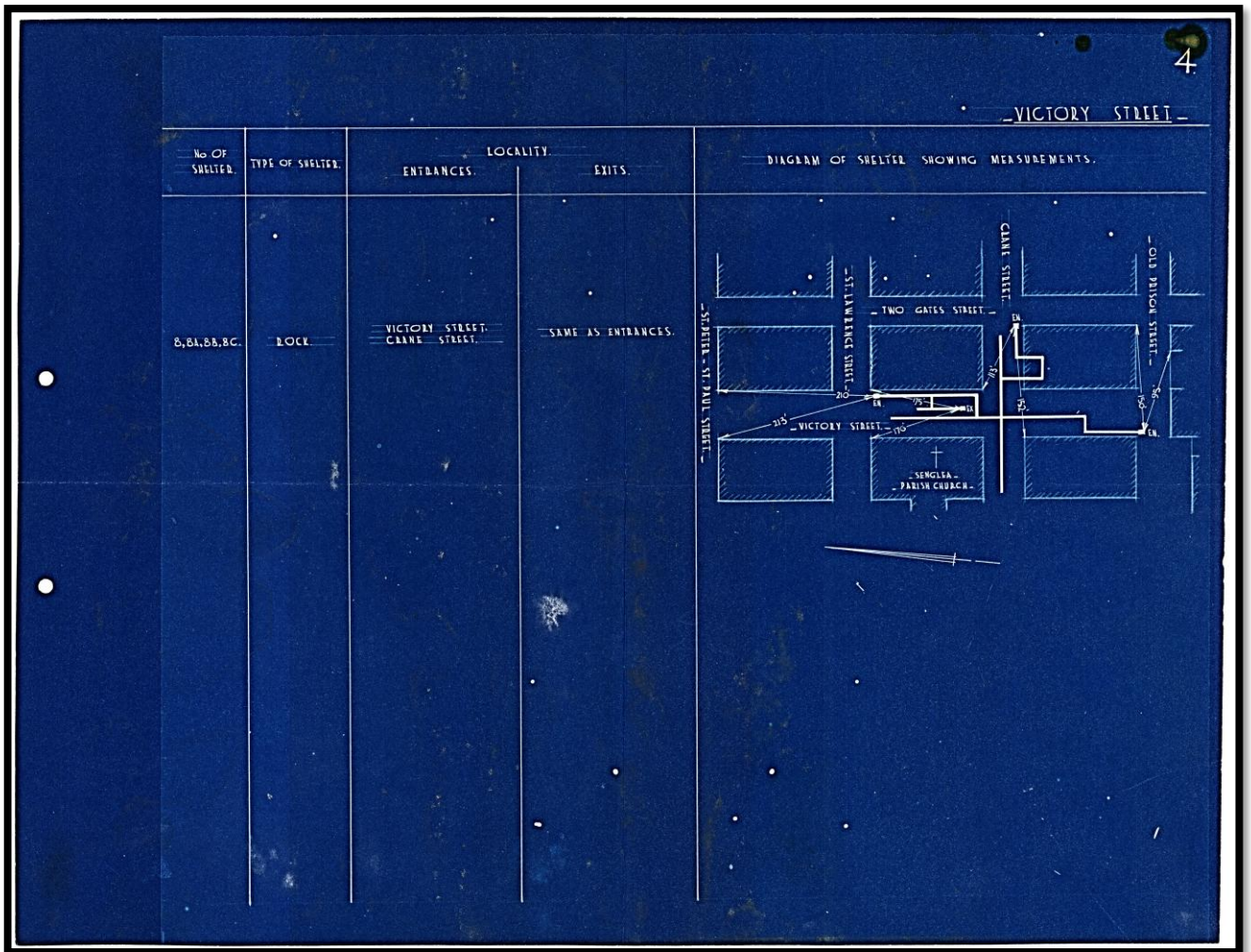


Fig. 254 Abrigos de Guerra Cottonera "Victory Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
8, 8A, 8B, 8C	Rock	Victory Street; Crane Street	Same as entrances.

Vittoriosa

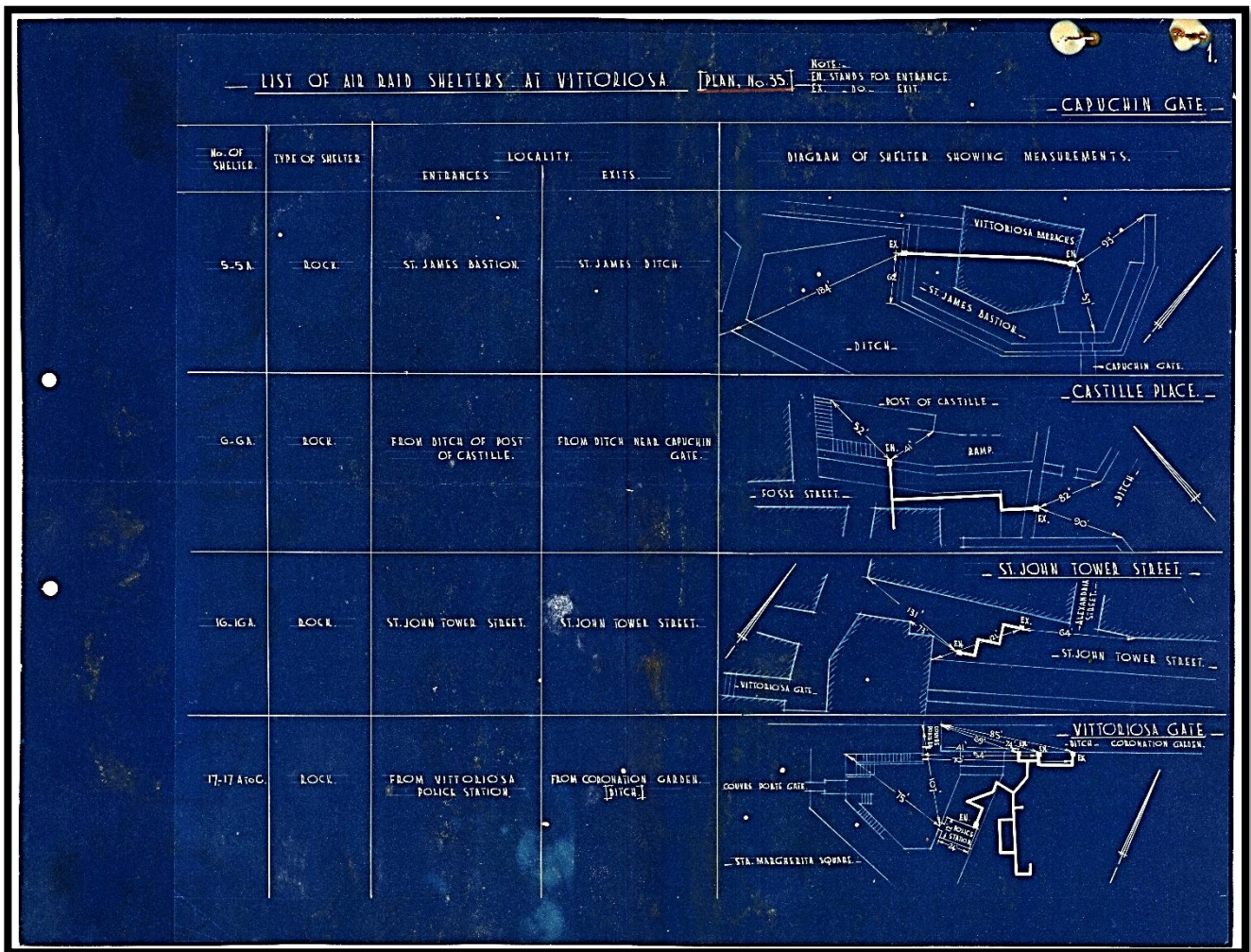


Fig.255 Abrigos de Guerra Vittoriosa "Capuchin Gate"

Fonte: NAM_ "CDE _ Blue_Prints_of_Shelters_nº15_Cottonera" Fig.255

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
5-5A	Rock	St. James Bastion	St. James Ditch
6-6A.	Rock	From Ditch of Post of Castille	From Ditch near Capuchin Gate
16-16A.	Rock	St. John Tower Street	St. John Tower Street
17-17A to C	Rock	From Vittoriosa Police Station	From Coronation Garden (Ditch).

Żabbar

Ż A B B A R . P L A N , N o . 3 6 .
— I N D E X —

STREET.	FOL.	STREET.	FOL.	STREET.	FOL.
B.		F.		D.	
BAJJADA STREET.	1.	ST. FRANCIS ALLEY.	7.	STRADA DEALE.	13.
STRADA BARONE.	1.	G.		REDEEMER STREET.	13.
BICCIENI STREET.	2.	STRADA DELLE GRAZIE.	8.	S.	
BIDNI, ROAD TAL	3.	J.		SANCTUARY STREET.	14.
C.		ST. JAMES SQUARE.	9.	SPADARO STREET.	15.
CAPUCHIN ROAD.	4.	L.		STICKLAND STREET.	15.
CONVENT STREET.	4.	LATMIJA, ROAD TAL	10.	T.	
D.		M.		SANTA THERESA STREET.	16.
STRADA DIETRO LA CHIESA.	5.	ST. MARY STREET.	11.	W.	
DINGLI STREET. [GOVT. SCHOOL]	5.	OUR LADY OF MIRACLES ALLEY.	11.	WIED IL GHAJN STREET.	17.
SANTA DOMINICA STREET.	6.	P.		X.	
STRADA SAN DOMENICO.	6.	PRINCE OF WALES SQUARE.	12.	XGHAJDA STREET.	18.

X G H A J R A — Ż A B B A R . P L A N , N o . 3 6 A .

STREET.	FOL.
C.	
CHURCH STREET.	1.

LAWRENCE ŻABB, A.M.I.E.

NOTE: FOR ROAD TAL BIDNI & ROAD TAL LATMIJA SEE PLAN, No. 36!

Fig.256 Index dos Abrigos de Żabbar - Plan. No.36

Fonte: NAM_ "CDE _ Blue_Prints_of_Shelters_nº16_Żabbar" Fig.256 à 280

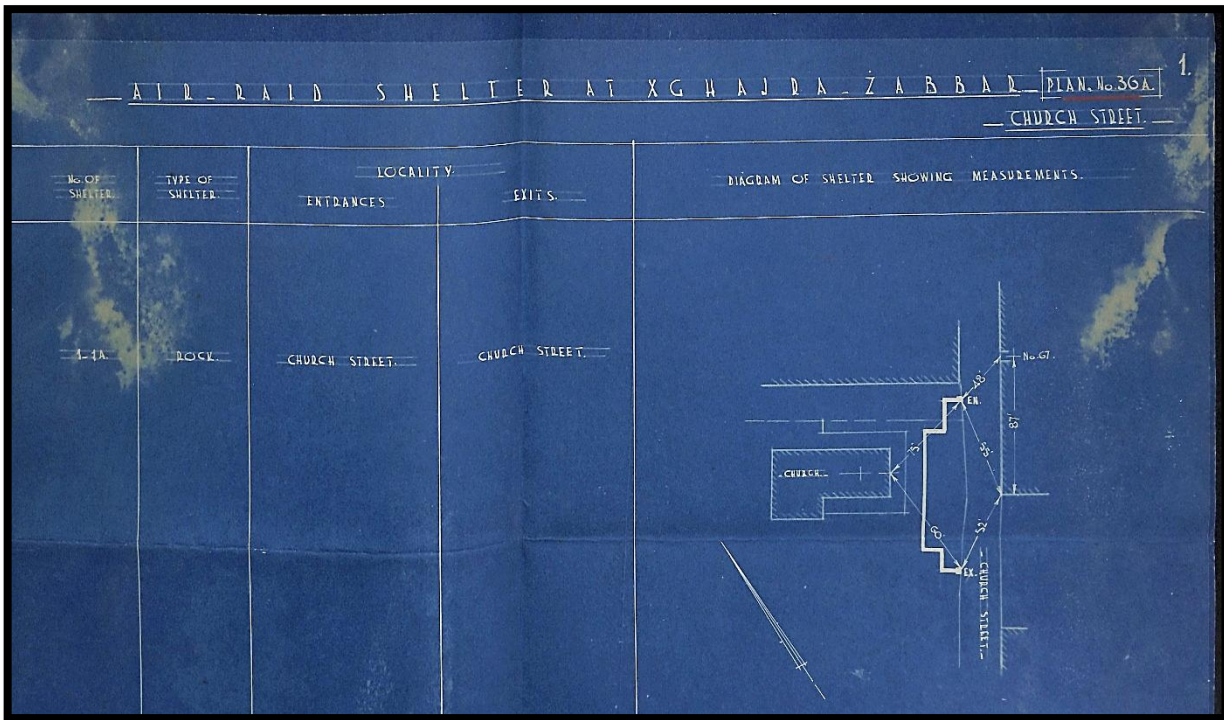


Fig.257 Abrigos de Guerra de Żabbar "Church Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrance	Exit
1-1A	Rock	Church Street	Church Street

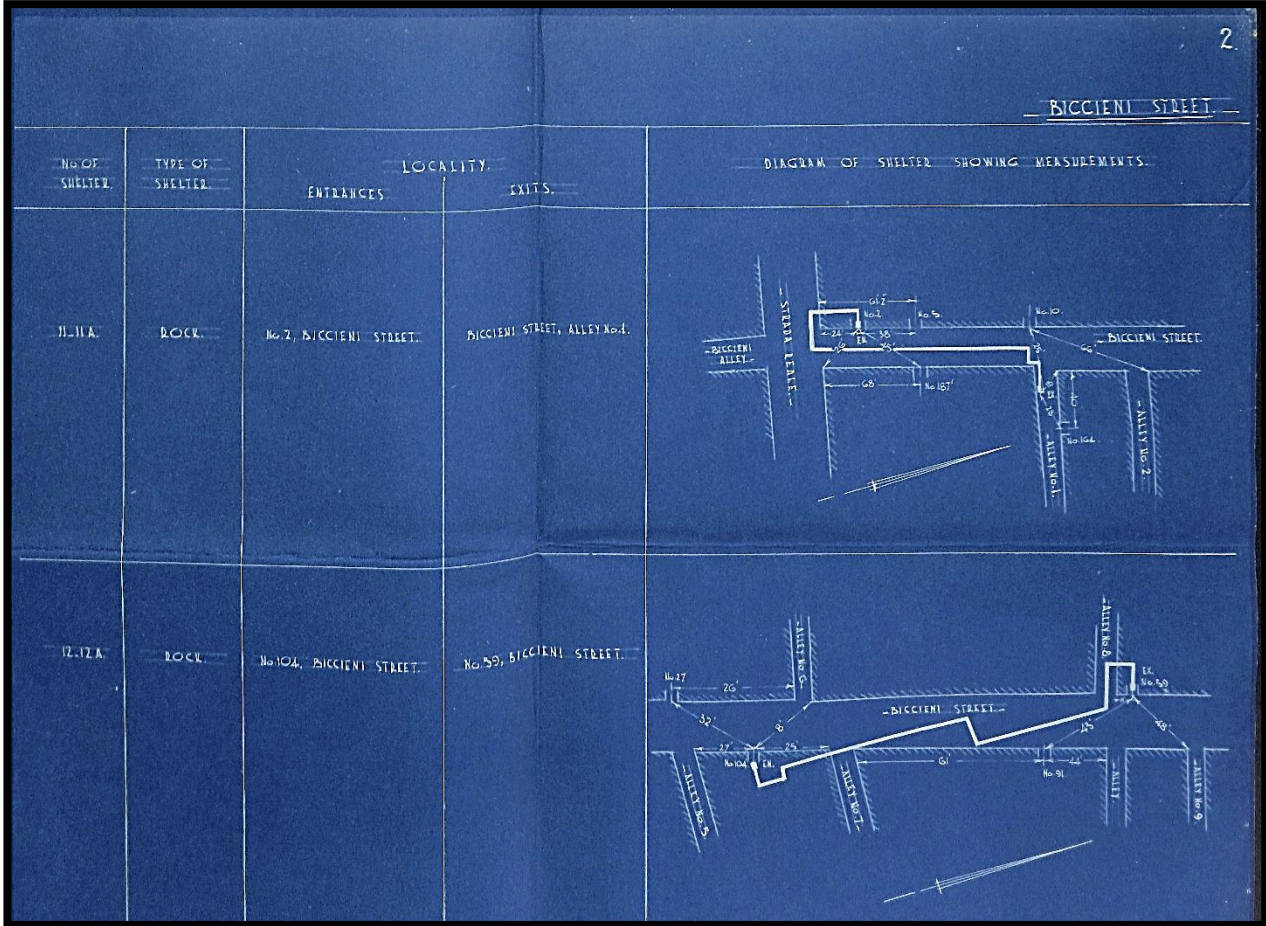


Fig.258 Abrigo de Guerra de Żabbar "Biccieni Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrance	Exits
11 – 11A*	Rock	No.2, Biccieni Street	Biccieni Street, Alley No.4
12-12A**	Rock	No.104, Biccieni Street	No.59, Biccieni Street

*Corresponde ao nº11 da Lista de Żabbar
 ** Corresponde ao nº12 da Lista de Żabbar

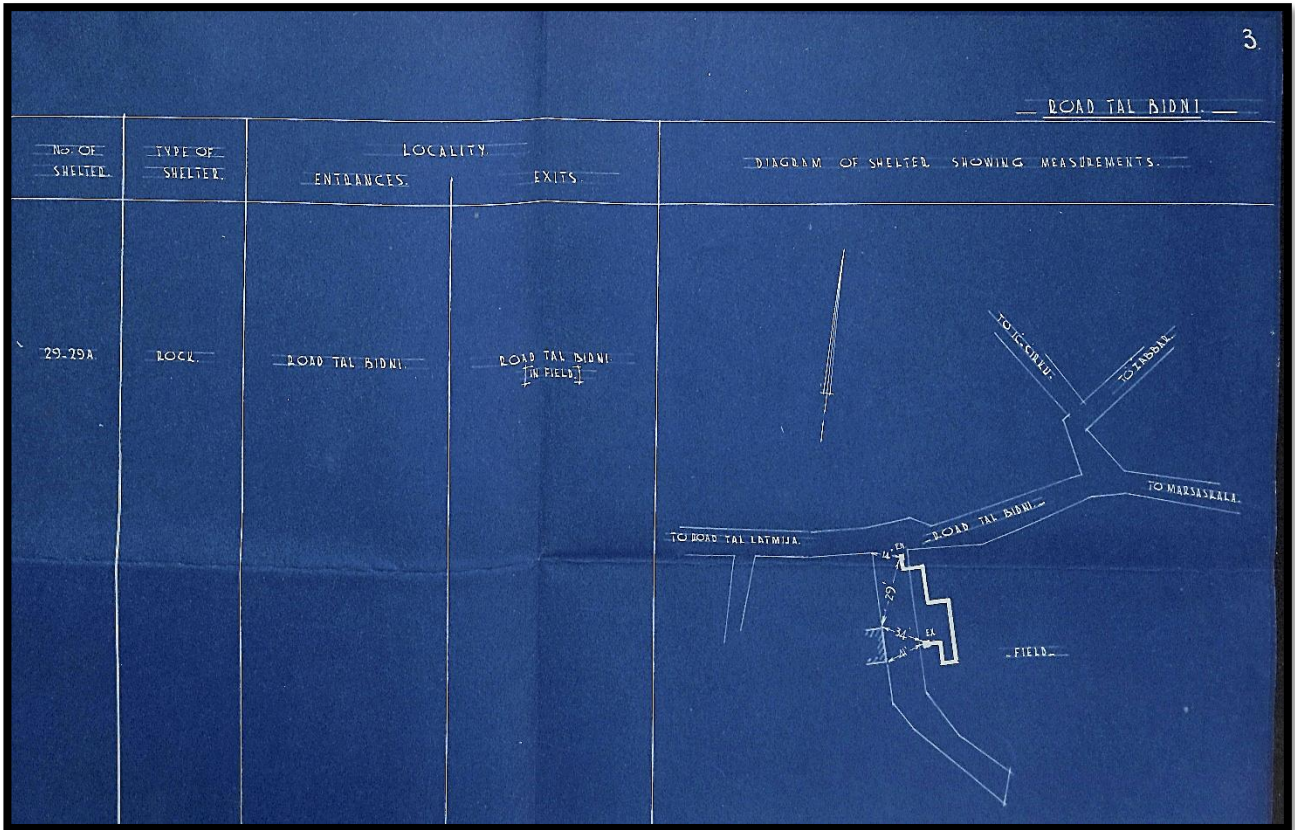


Fig.259 Abrigo de Guerra de Żabbar "Road Tal Bidni"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
29 - 29A*	Rock	Road Tal Bidini	Road Tal Bidini [In Field]

*Corresponde ao nº29 da Lista de Żabbar

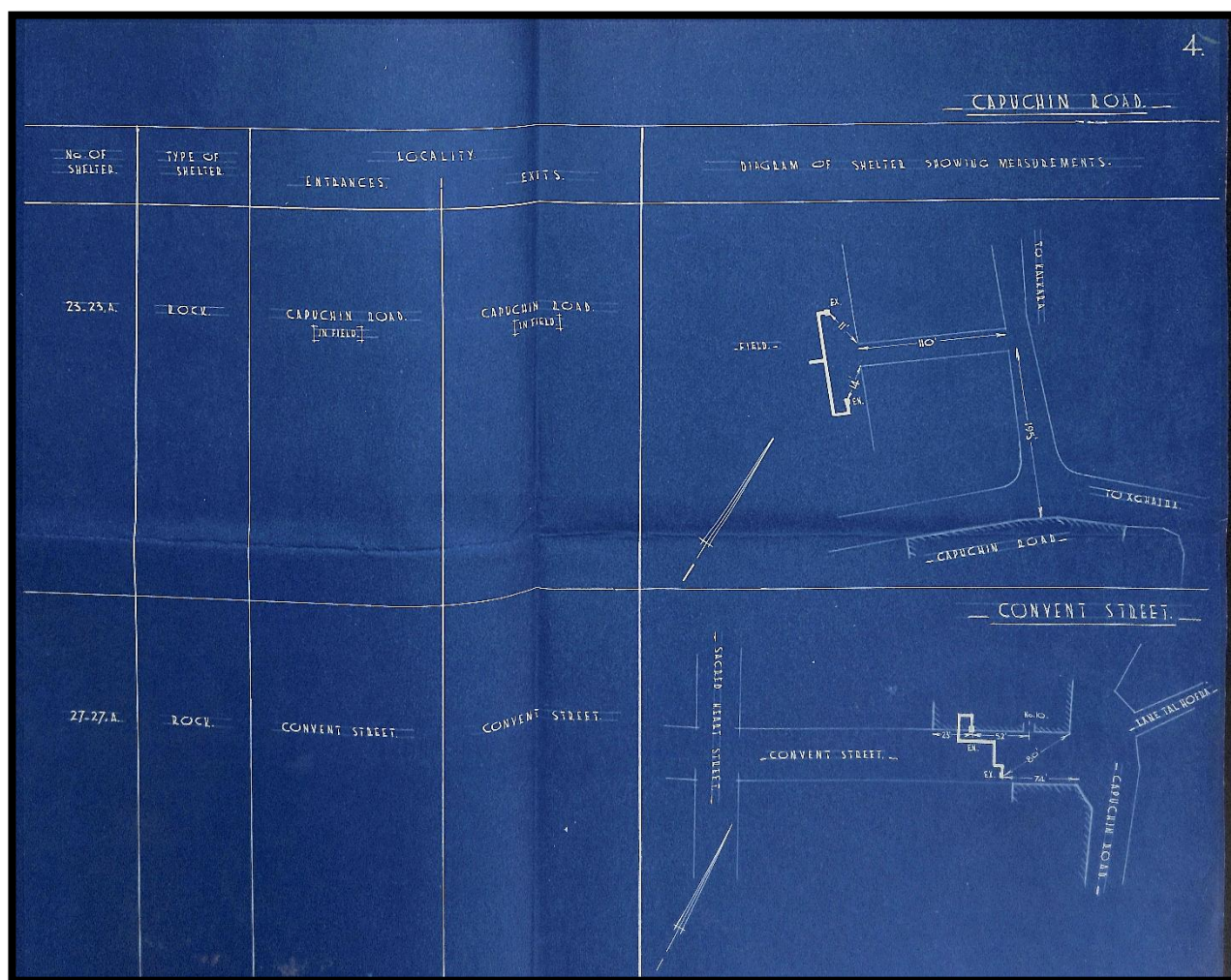


Fig.260 Abrigo de Guerra de Żabbar "Capuchin Road"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
23 - 23A*	Rock	Capuchin Road [In fields]	Capuchin Road [In fields]
27 - 27A**	Rock	Convent Street	Convent Street

* Corresponde ao nº23 da Lista de Żabbar

** Corresponde ao nº17 da Lista de Żabbar

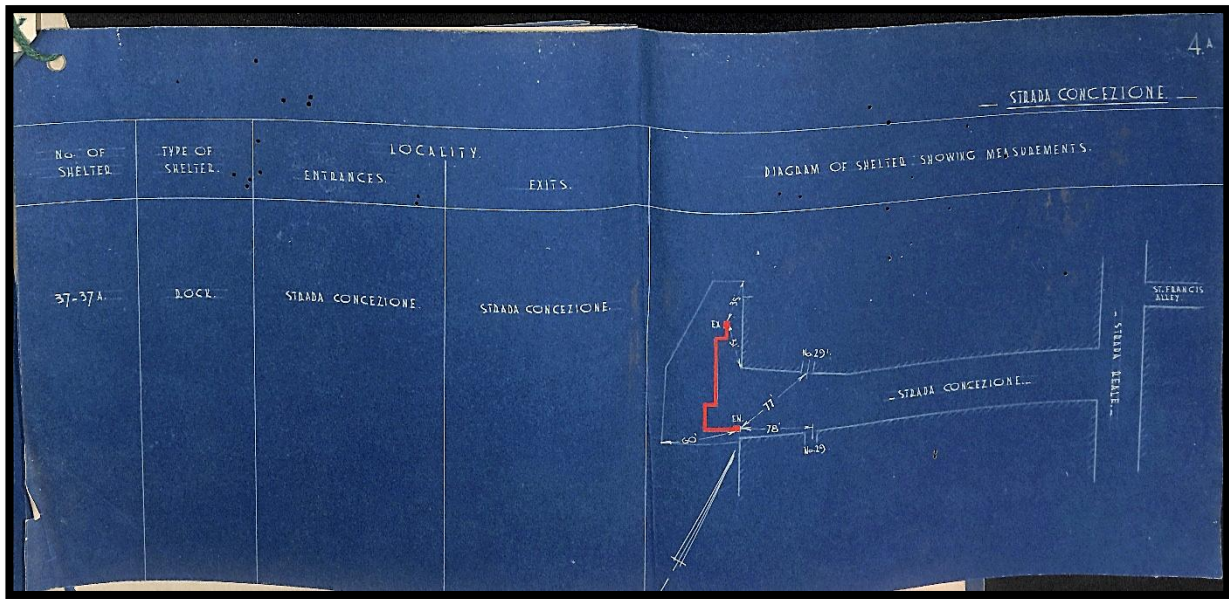


Fig.261 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Concezione"

No. Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
37-37A*	Rock	Strada Concezione	Strada Concezione

*Corresponde ao nº37 da Lista de Żabbar

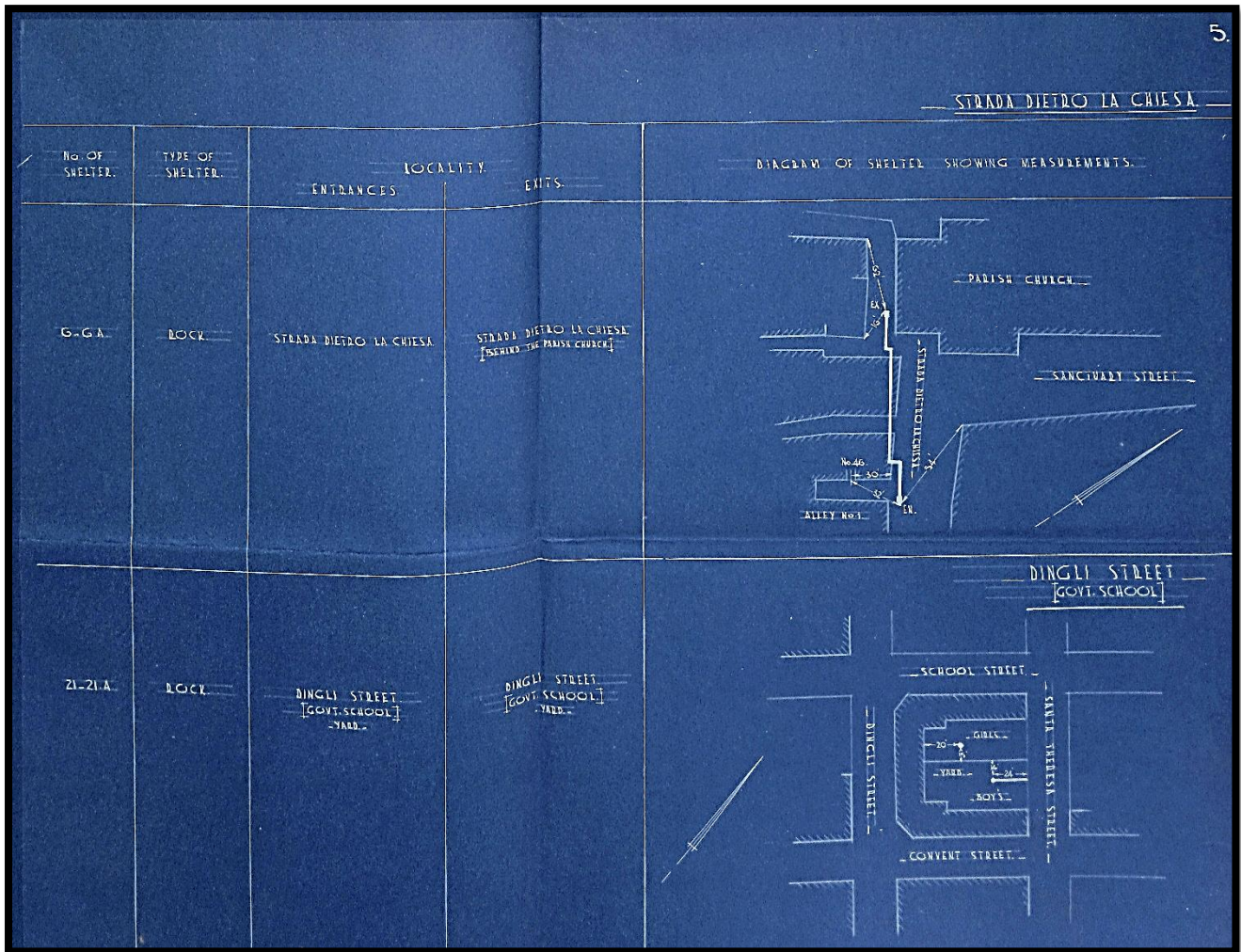


Fig.262 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Dietro La Chiesa"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
6 – 6A	Rock	Strada Dietro La Chiesa	Strada Dietro La Chiesa [Behind the Parish Church]
21 – 21A*	Rock	Dingli Street [Govt.Scholl.Yard]	Dingli Street [Govt.Scholl.Yard]

* Corresponde ao nº21 da Lista de Żabbar

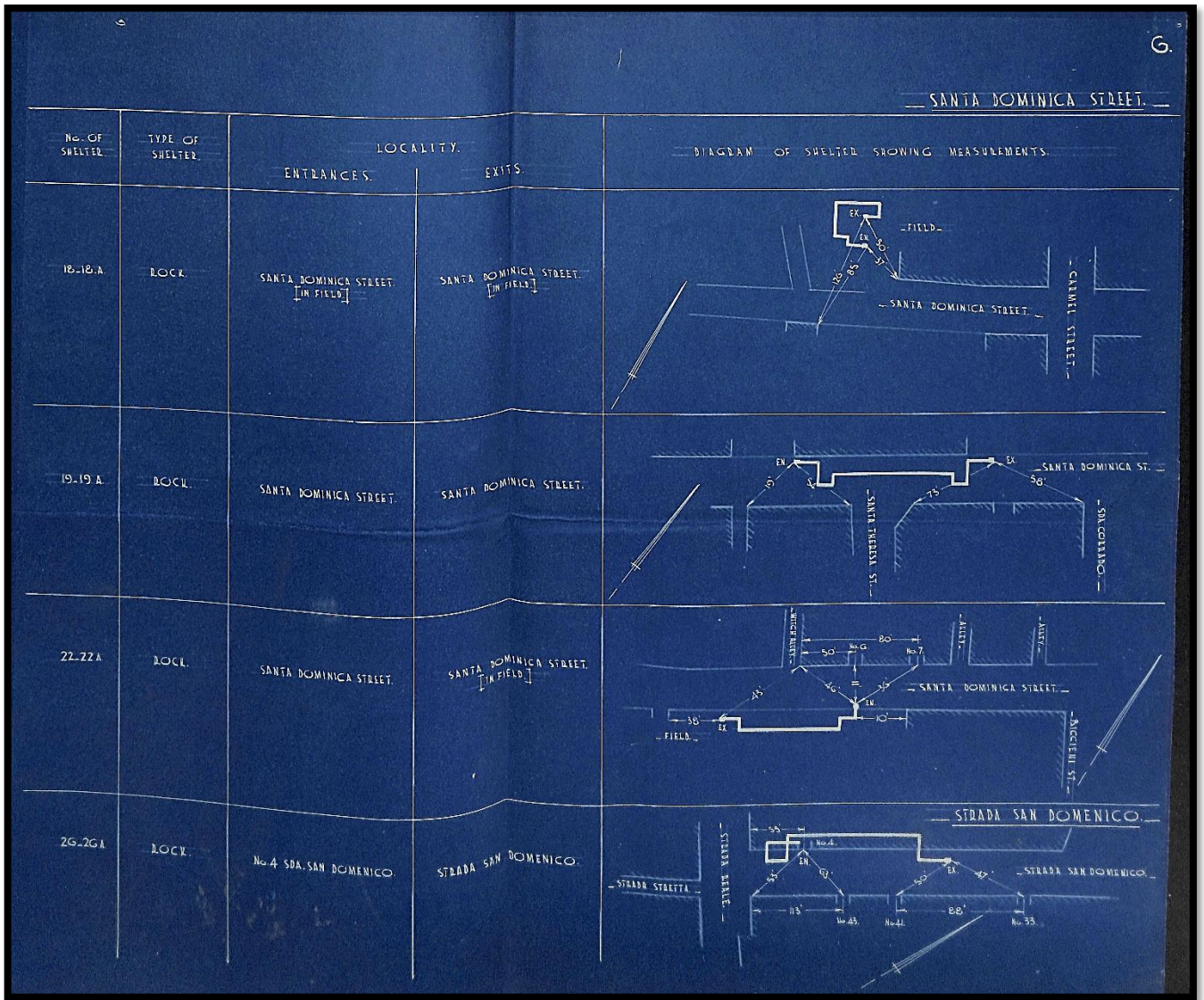


Fig.263 Abrigo de Guerra de Żabbar "Santa Dominicana Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
18 – 18A*	Rock	Santa Domicana Street [In Field]	Santa Domicana Street [In Field]
19 – 19A**	Rock	Santa Domicana Street	Santa Domicana
22 – 22A***	Rock	Santa Domicana Street	Santa Domicana Street [In Field]
26 – 26A****	Rock	No.4 DAS. San Dominico	Strada San Domenico

- * Corresponde ao nº18 da Lista de Żabbar
- ** Corresponde ao nº19 da Lista de Żabbar
- *** Corresponde ao nº22 da Lista de Żabbar
- **** Corresponde ao nº26 da Lista de Żabbar

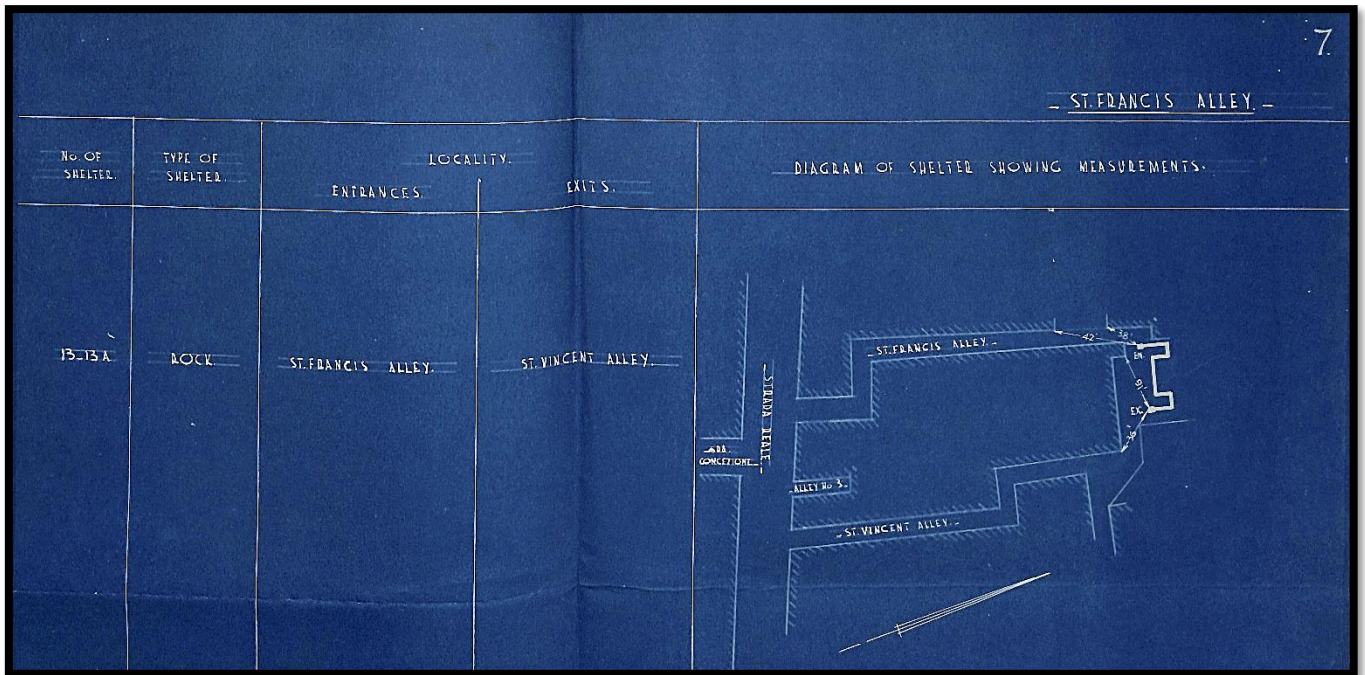


Fig.264 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. Francis Alley

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
13 – 13A*	Rock	St. Francis Alley	St. Vicent Alley

* Corresponde ao nº13 da Lista de Żabbar

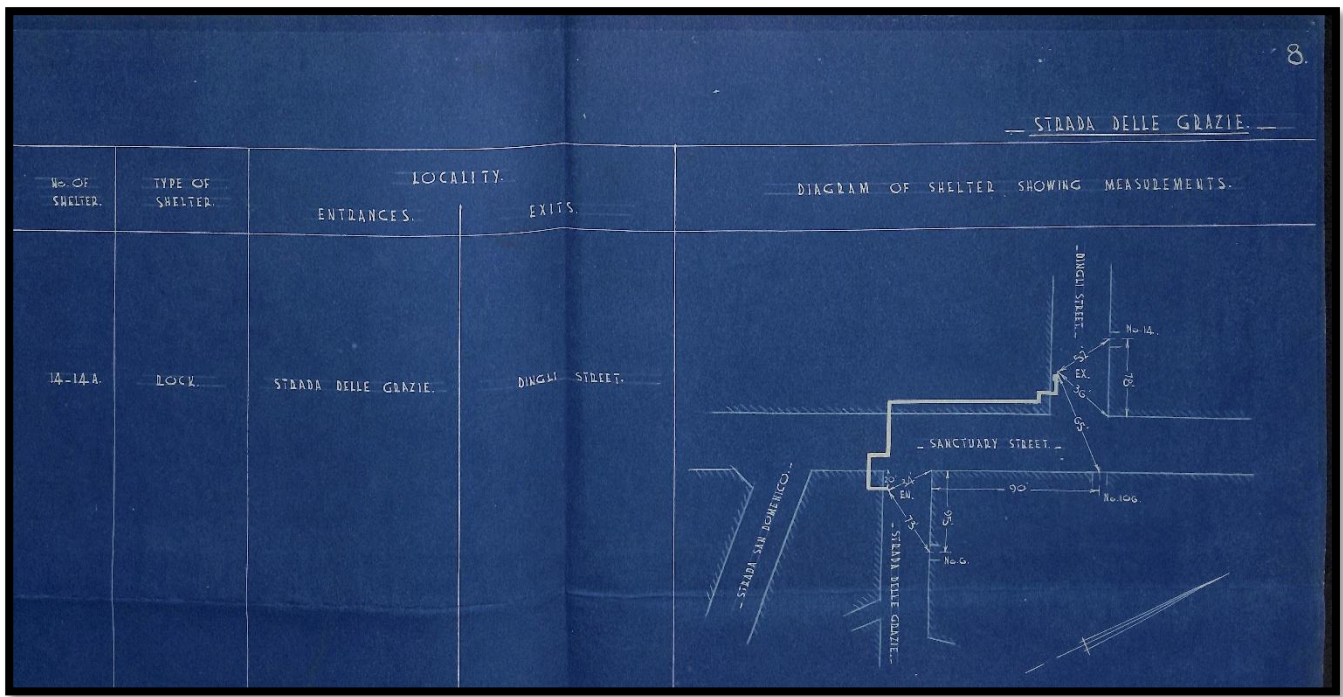


Fig.265 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Delle Grazie"

N° of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
14-14A	Rock	Strada Delle Grazie	Dingli Street

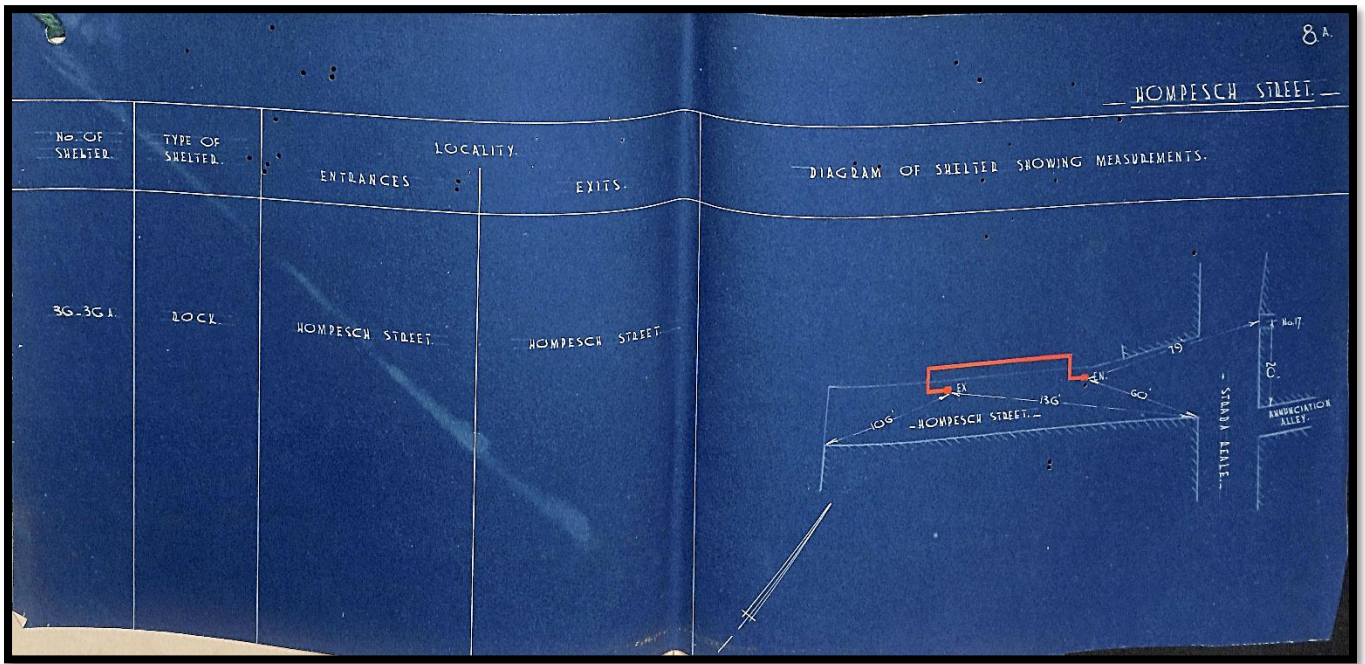


Fig.266 Abrigo de Guerra de Żabbar "Hompesh Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
36 - 36A	Rock	Hompesh Street	Hompesh Street

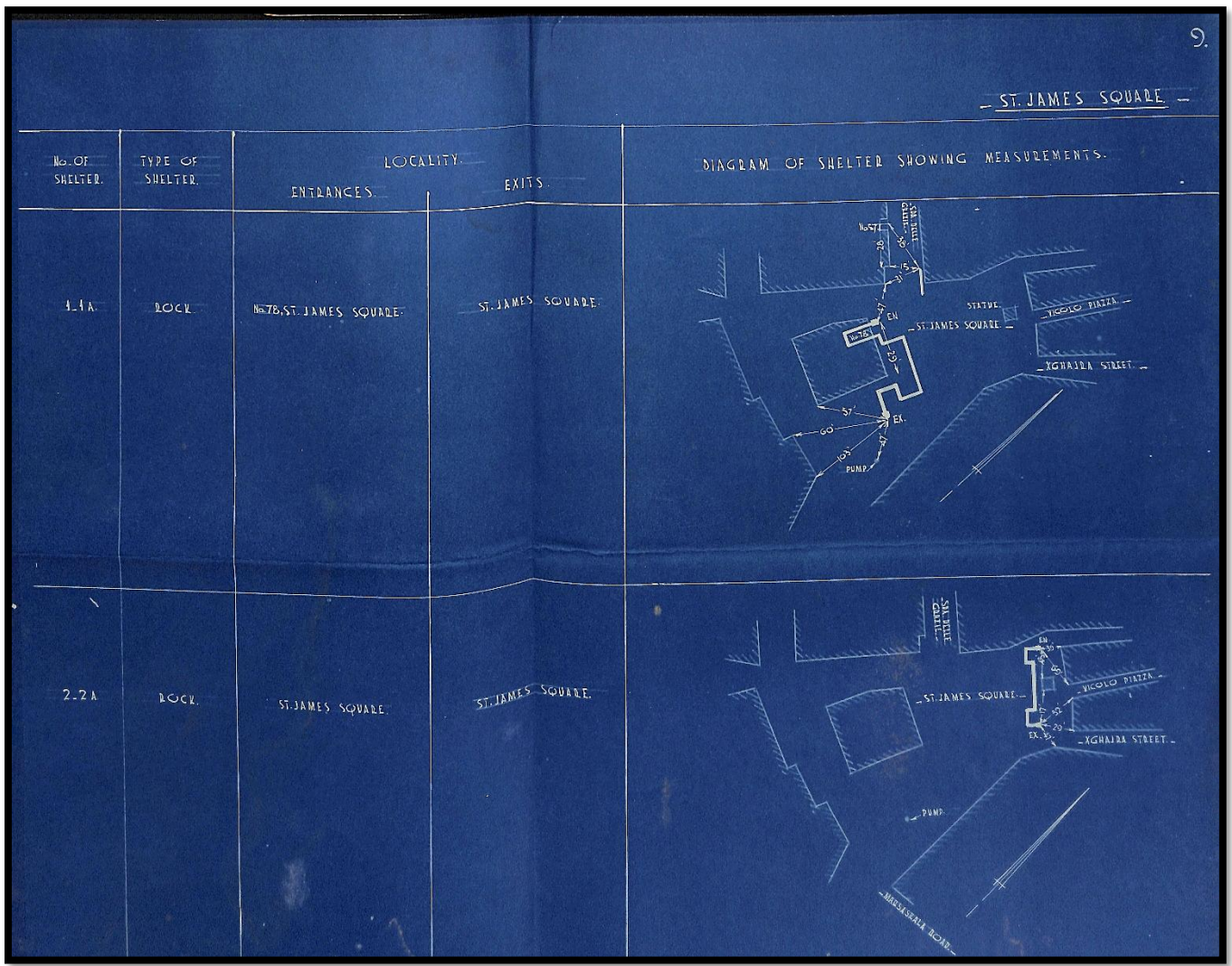


Fig.267 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. James Square"

N° of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
1-1A	Rock	No.78, St. James Square	St. James Square
2-2A	Rock	St. James Square	St. James Square

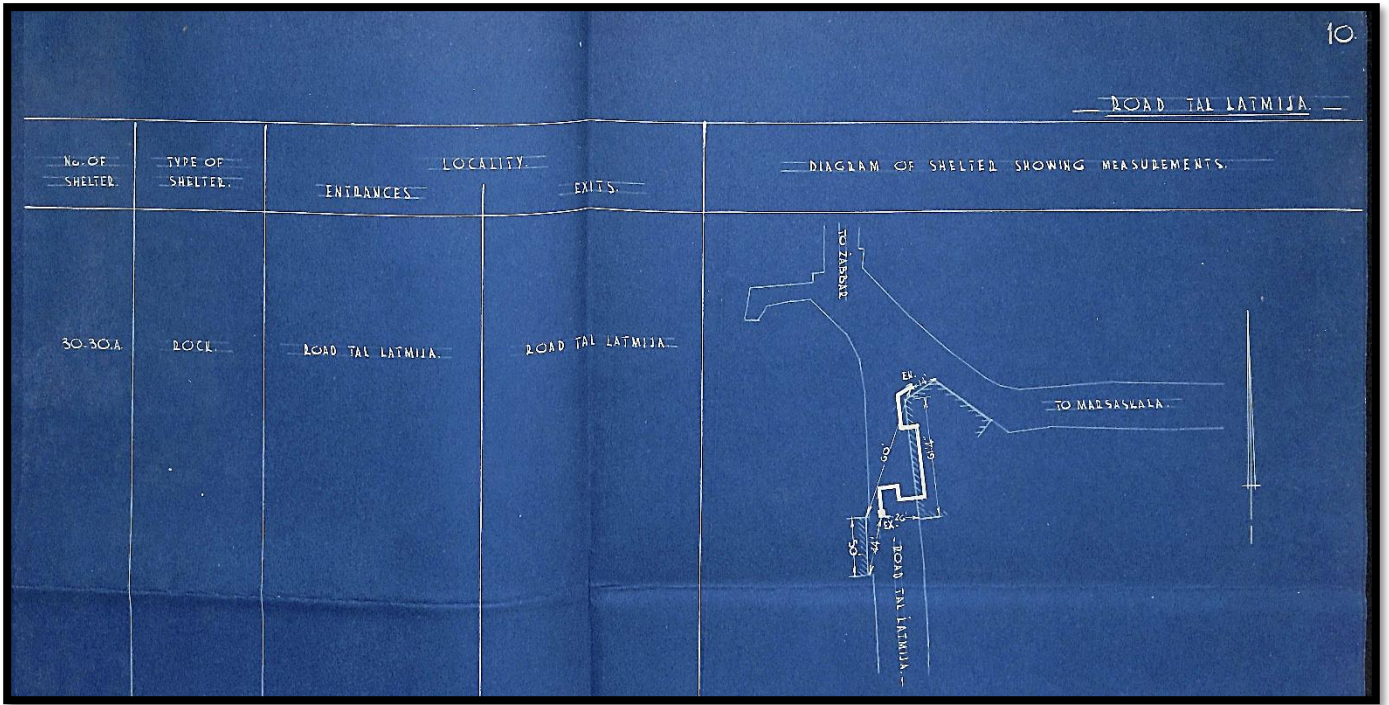


Fig.268 Abrigo de Guerra de Żabbar "Road Tal Latmija"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
30 – 30A*	Rock	Road Tal Latmija	Road Tal Latmija

* Corresponde ao nº30 da Lista de Żabbar

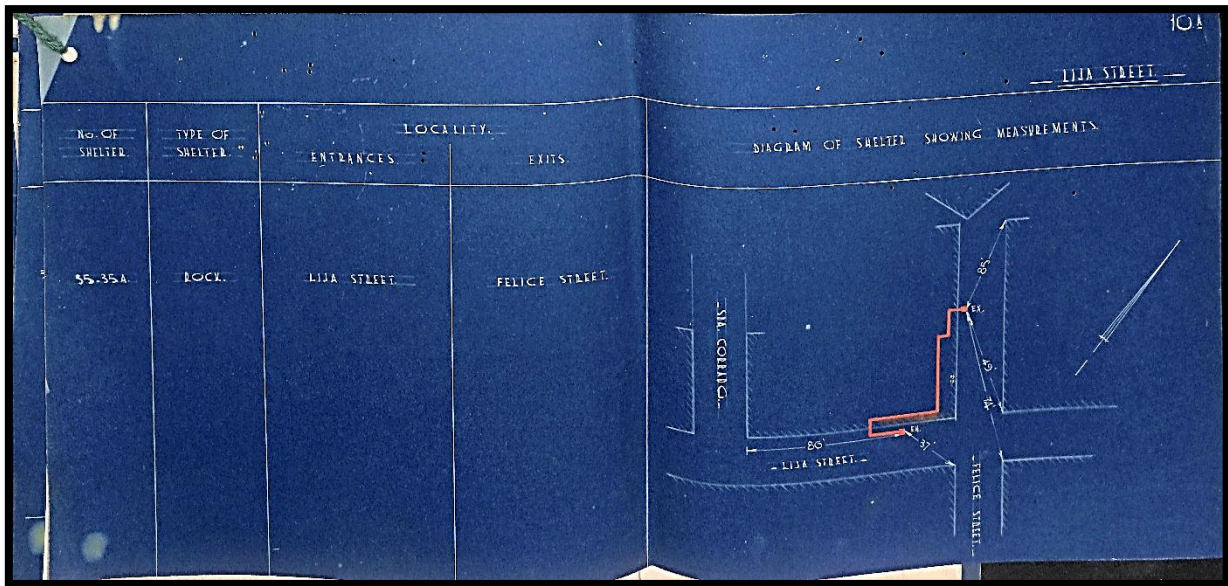


Fig.269 Abrigo de Guerra de Żabbar "Lija Street"

N ^o of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
35 – 35A*	Rock	Lija Street	Felice Street

* Corresponde ao nº35 da Lista de Żabbar

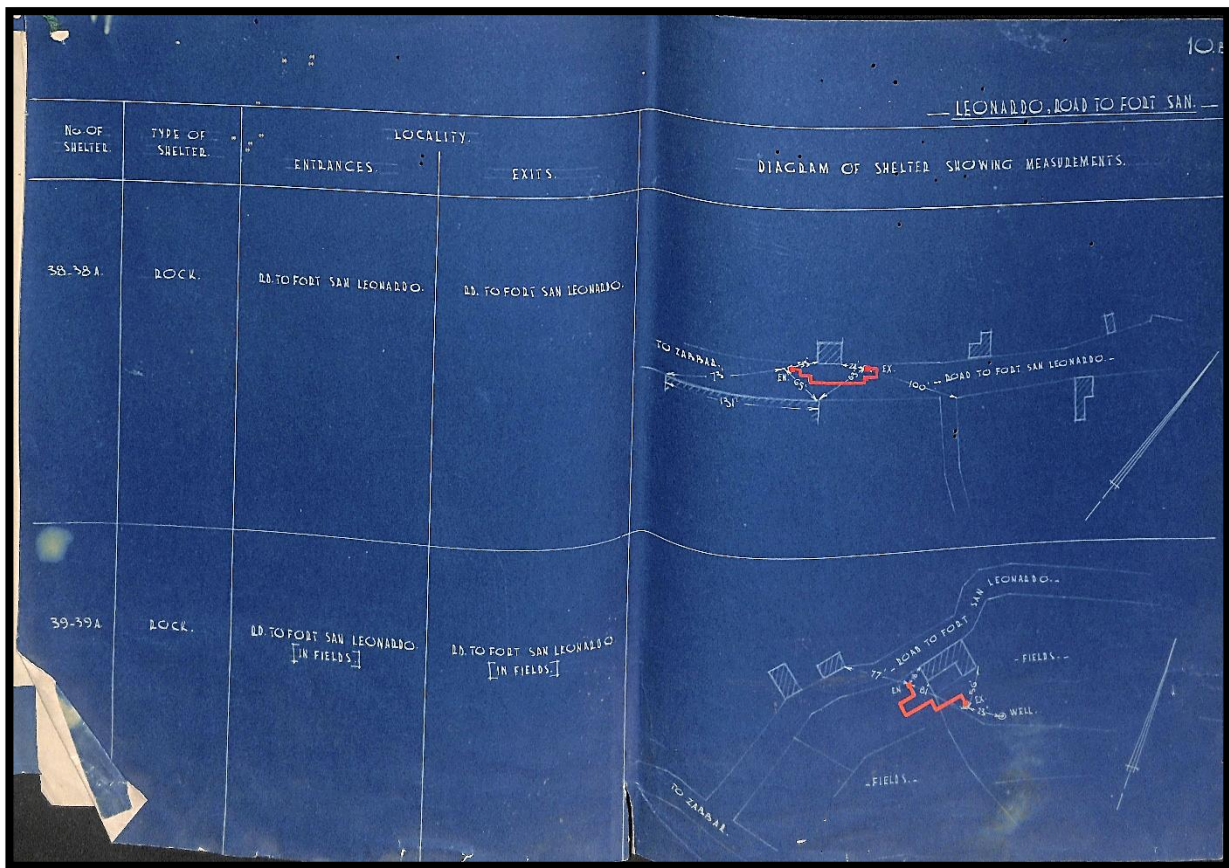


Fig.270 Abrigo de Guerra de Żabbar "Road to Fort San Leonardo"

N ^o of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
38 – 38A*	Rock	Ro. To Fort San Leonardo	Ro. To Fort San Leonardo
39 – 39A**	Rock	Ro. To Fort San Leonardo [In Fields]	Ro. To Fort San Leonardo [In Fields]

* Corresponde ao nº38 da Lista de Żabbar

** Corresponde ao nº39 da Lista de Żabbar

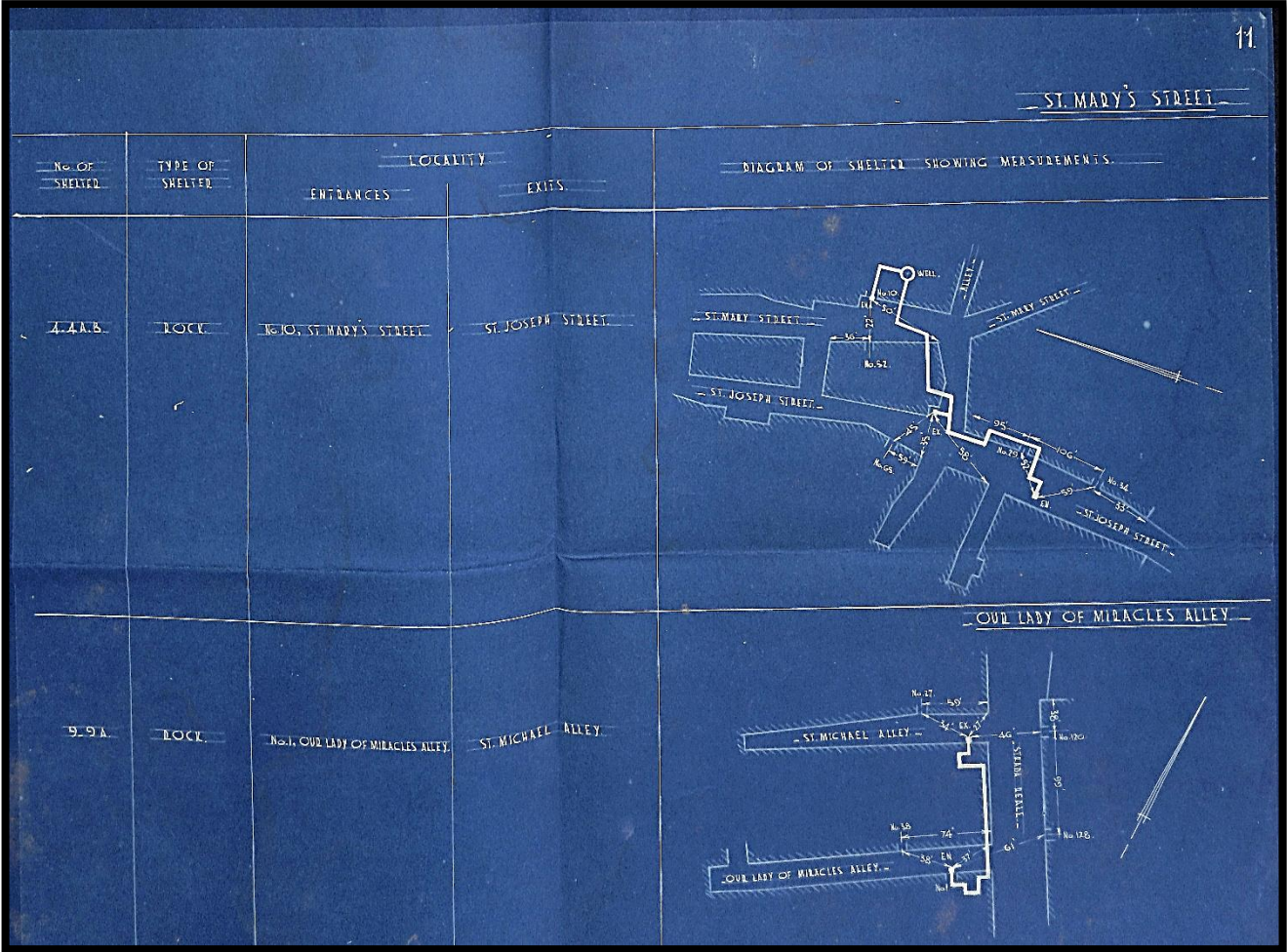


Fig.271 Abrigo de Guerra de Żabbar "St. Mary's Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
4 – 4 A. B.*	Rock	No.10, St. Mary's Street	St. Joseph Strett
9 – 9 ^a	Rock	No.1, Our Lady of Miracles Alley	St. Michael Alley

* Corresponde ao nº4 da Lista de Żabbar

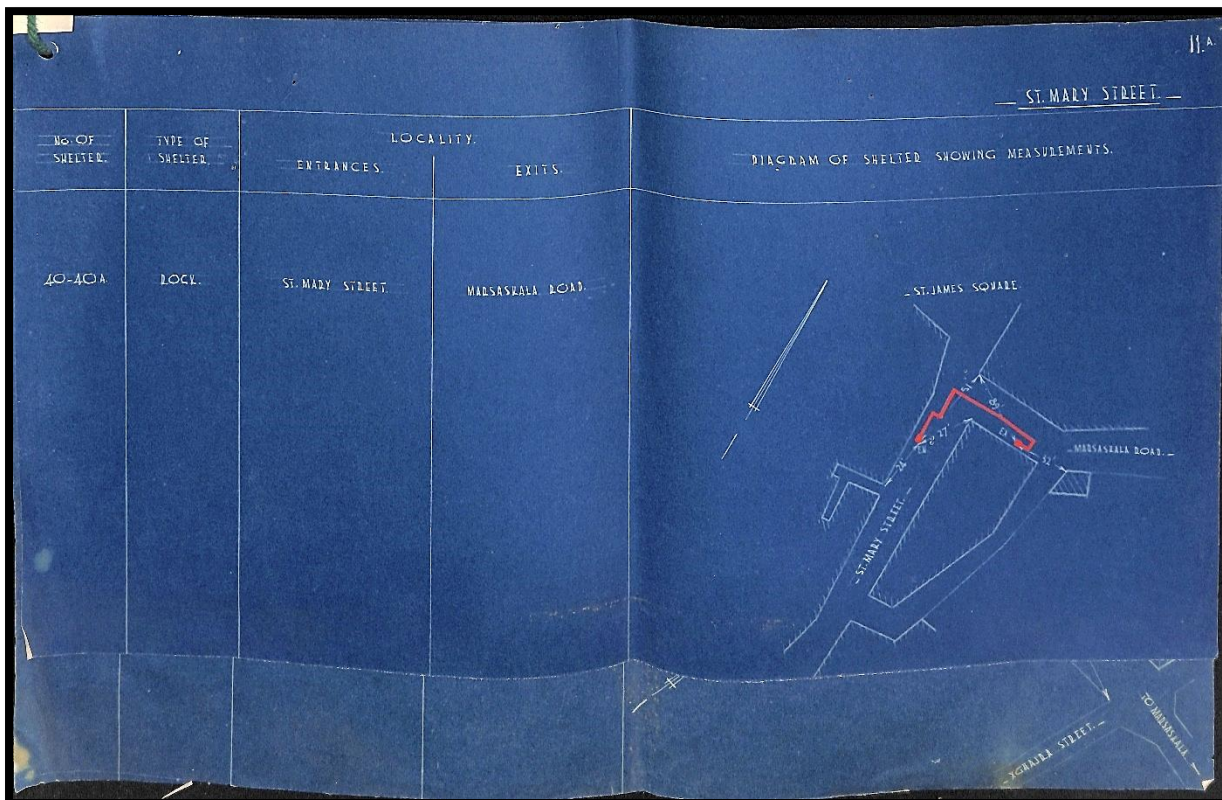


Fig.272 Abrigo de Guerra de Żabbar "St.Mary's Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
40 - 40A*	Rock	St. Mary Street	Marsaskala Road

* Corresponde ao nº2 da Lista de Żabbar

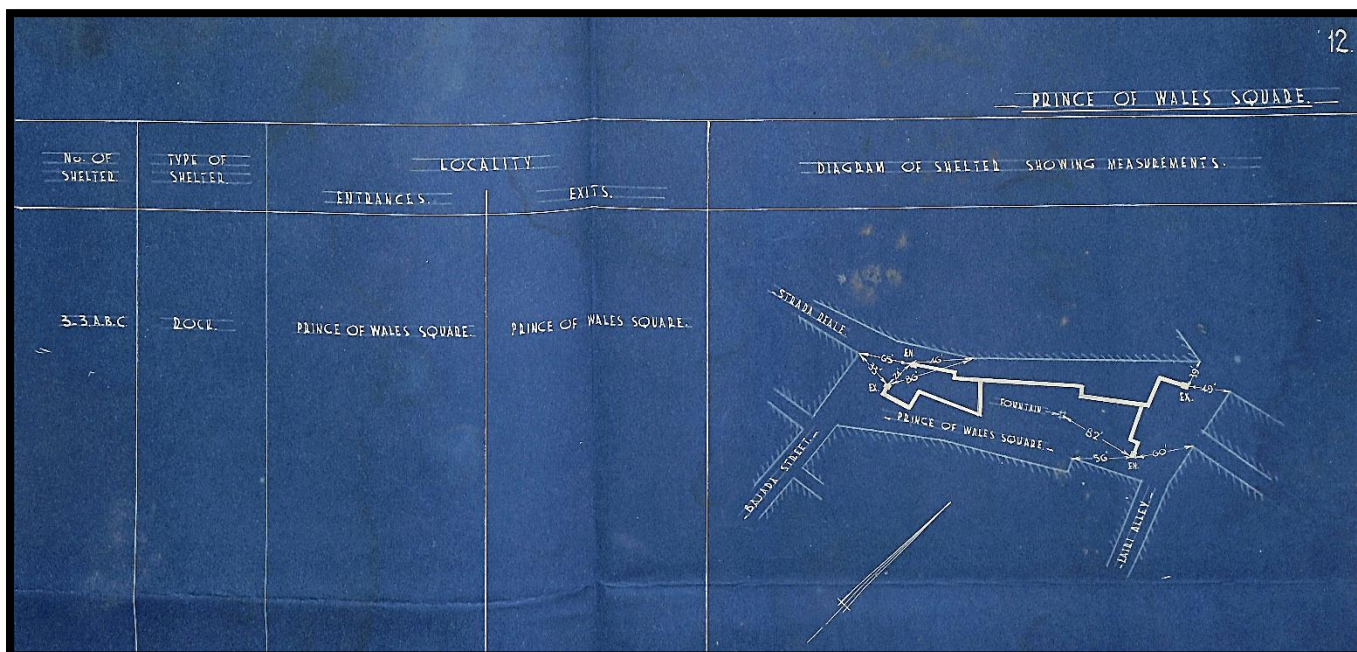


Fig.273 Abrigo de Guerra de Żabbar "Prince of Wales Square"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
3-3A.B.C	Rock	Prince of Wales Square	Prince of Wales Square

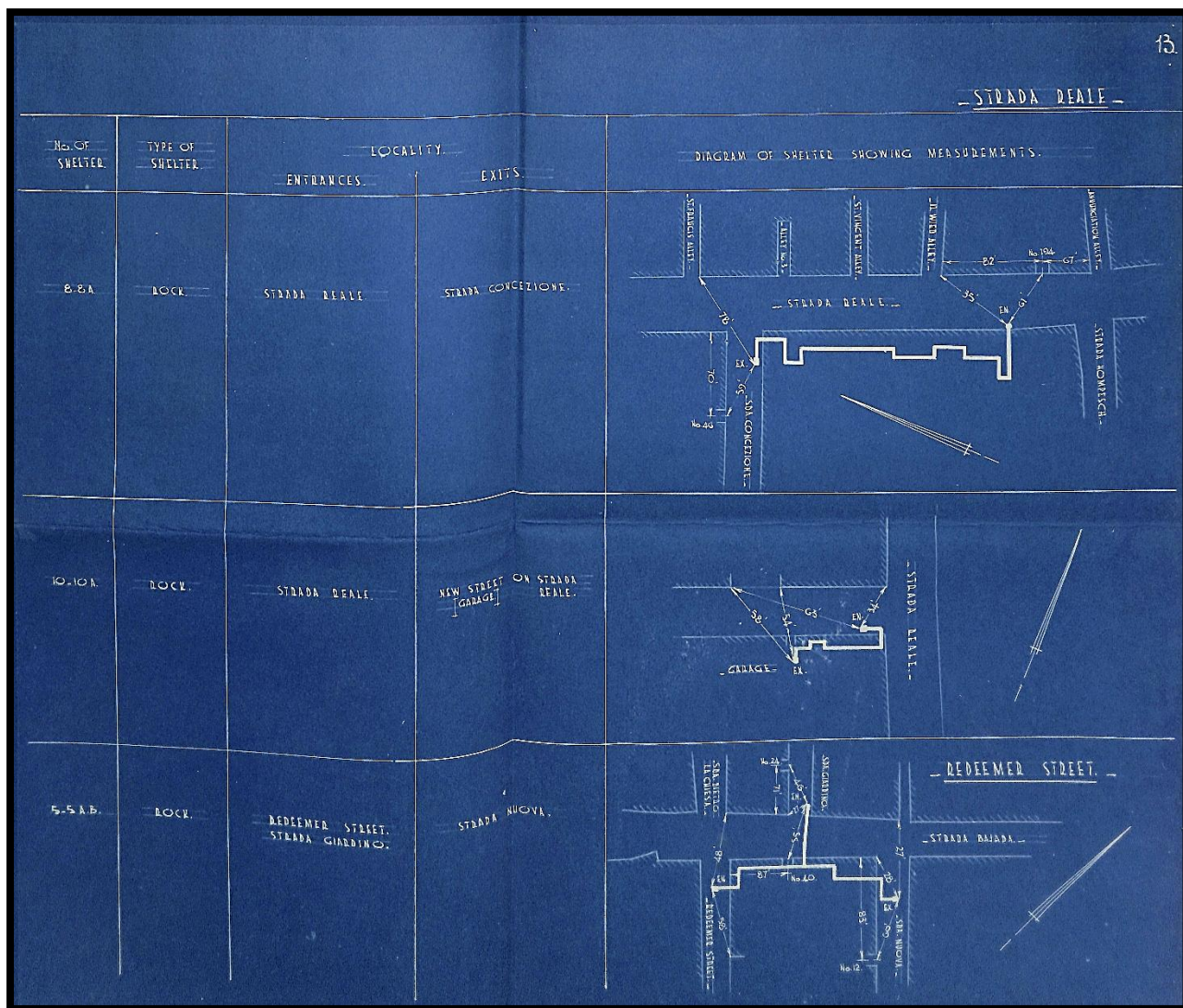


Fig.274 Abrigo de Guerra de Żabbar "Strada Reale"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
8 – 8A*	Rock	Strada Reale	Strada Concezione
10 – 10A	Rock	Strada Reale	New Street on Strada Reale [Garage]
5 – 5A	Rock	Redeemer Street/Strada Giardino	Strada Nuova

* Corresponde ao nº8 da Lista de Żabbar

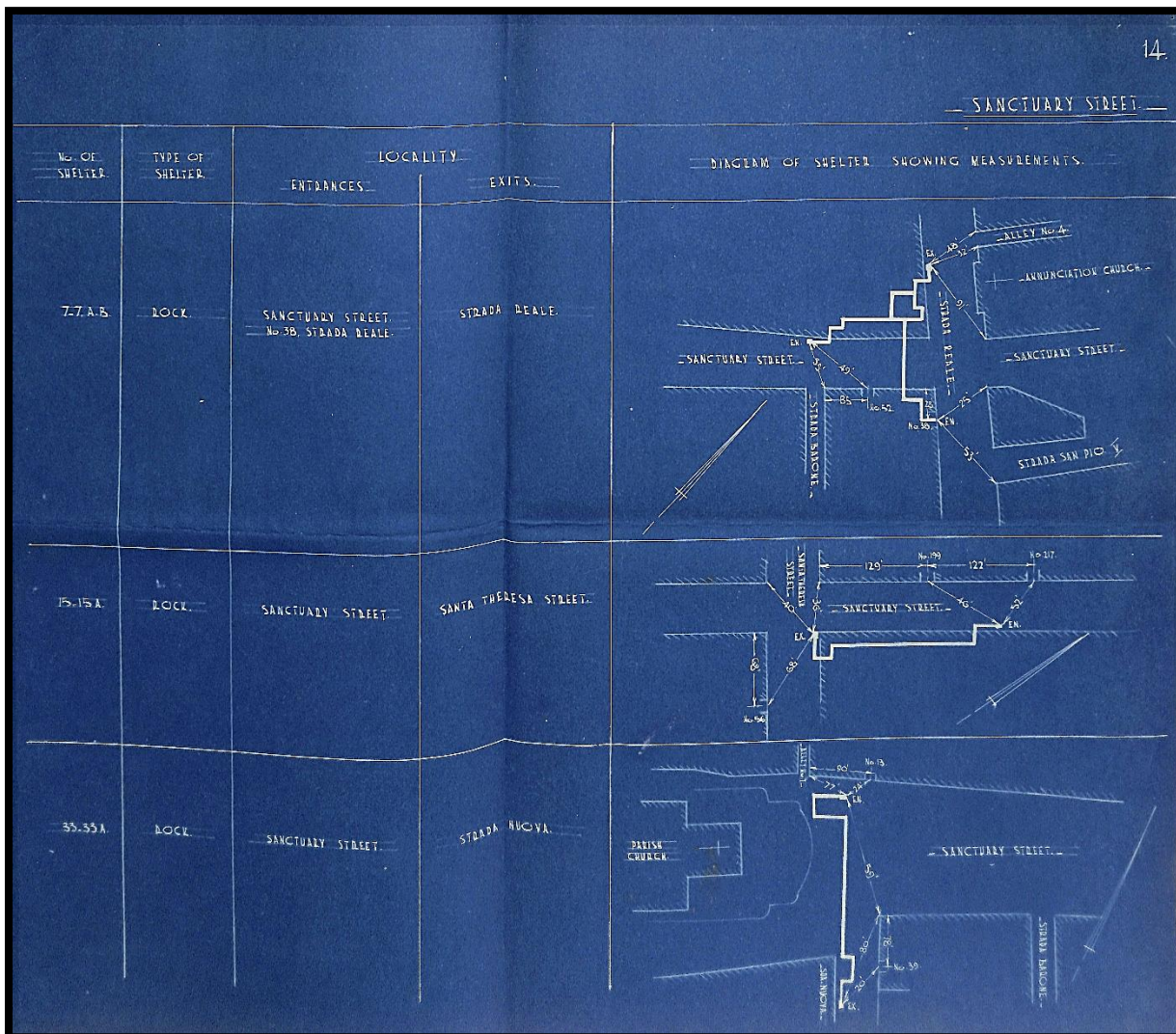


Fig.275 Abrigo de Guerra de Žabbar "Sanctuary Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
7 – 7A. B*	Rock	Sanctuary Street/No.38 Strada Reale	Strada Reale
15 – 15A.	Rock	Sanctuary Street	Santa Theresa Street
33 – 33A	Rock	Sanctuary Street	Strada Nuova

* Corresponde ao nº7 da Lista de Žabbar

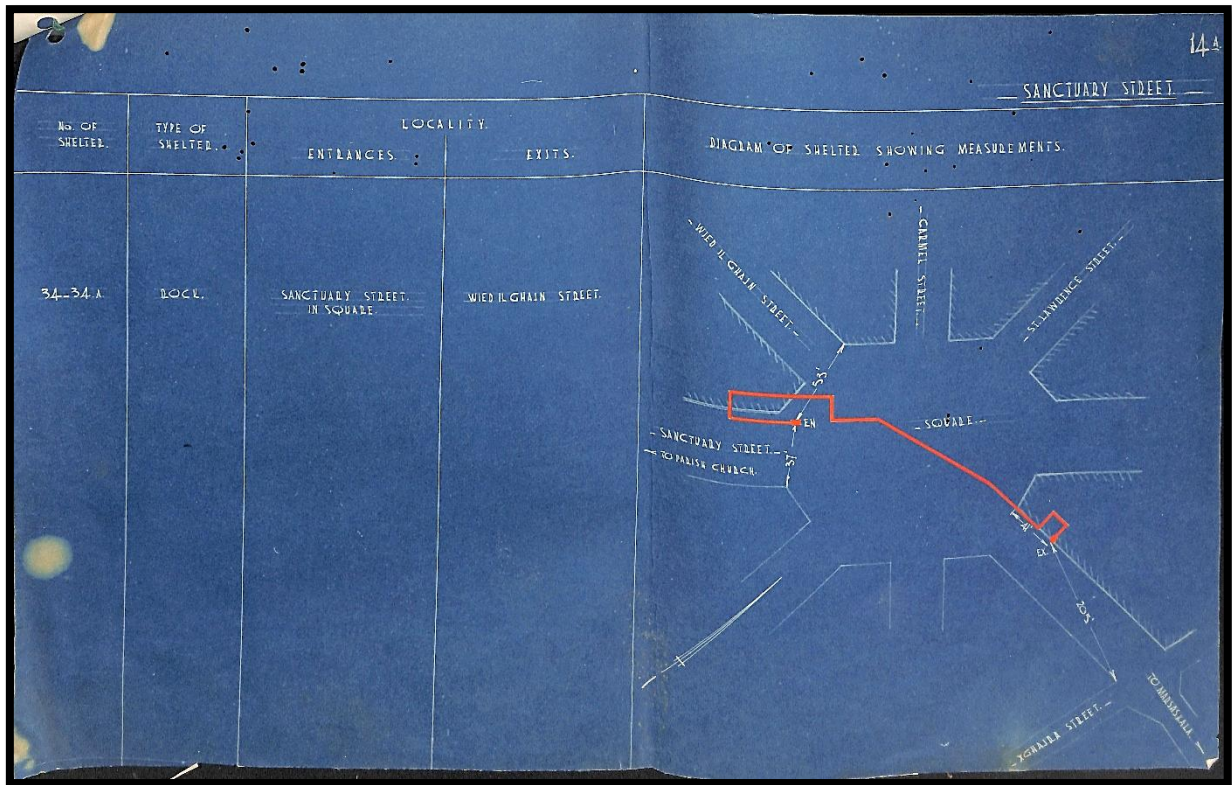


Fig.276 Abrigo de Guerra de Zabbar "Sanctuary Street"

N ^o of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
34 - 34A	Rock	Sanctuary Street in Square	Wied IL Ghajn Street

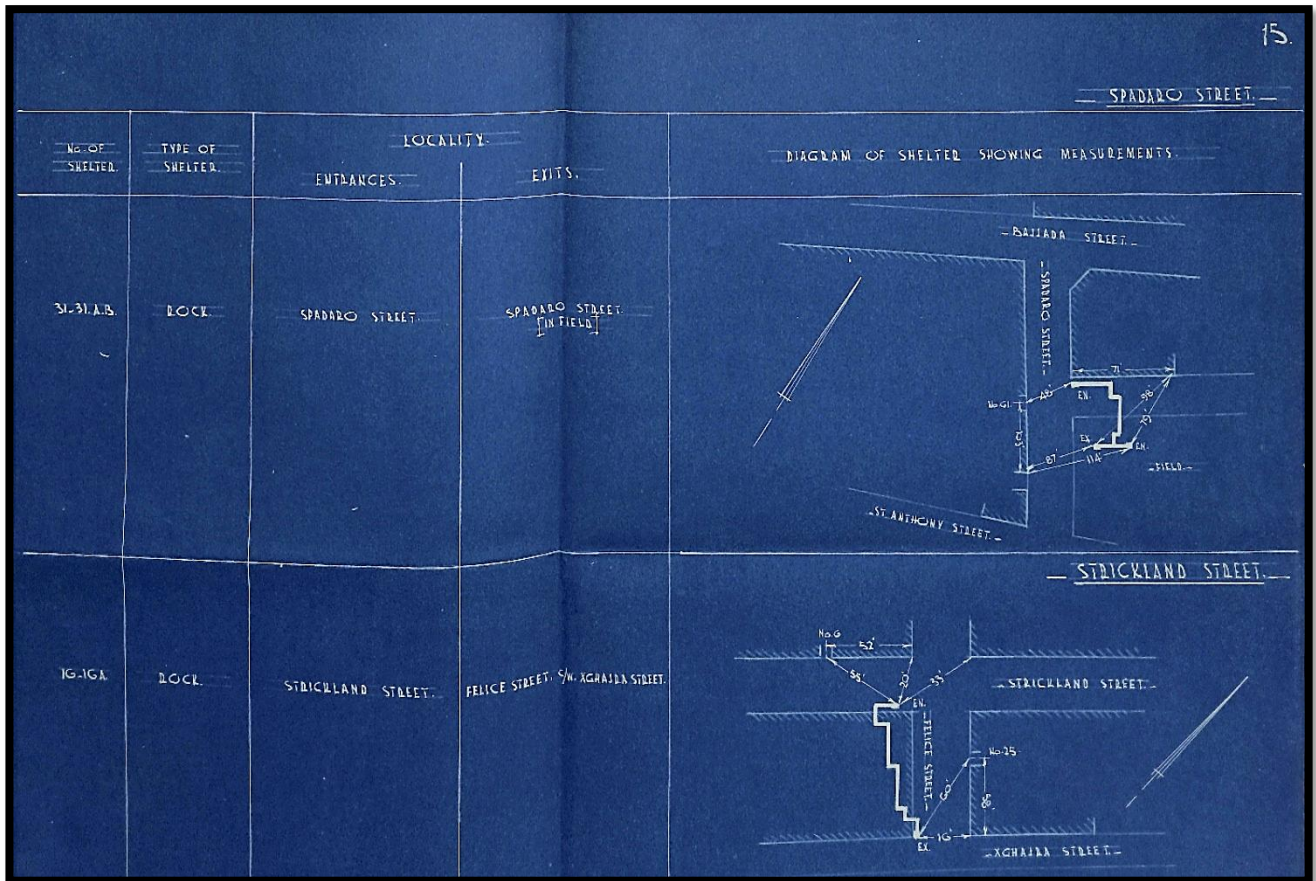


Fig.277 Abrigo de Guerra de Żabbar "Spadaro Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
31 – 31A.B	Rock	Spadaro Street	Spadaro Street [In Fields]
16 – 16A	Rock	Strickland Street	Felice Street C/W. Xghajara Street

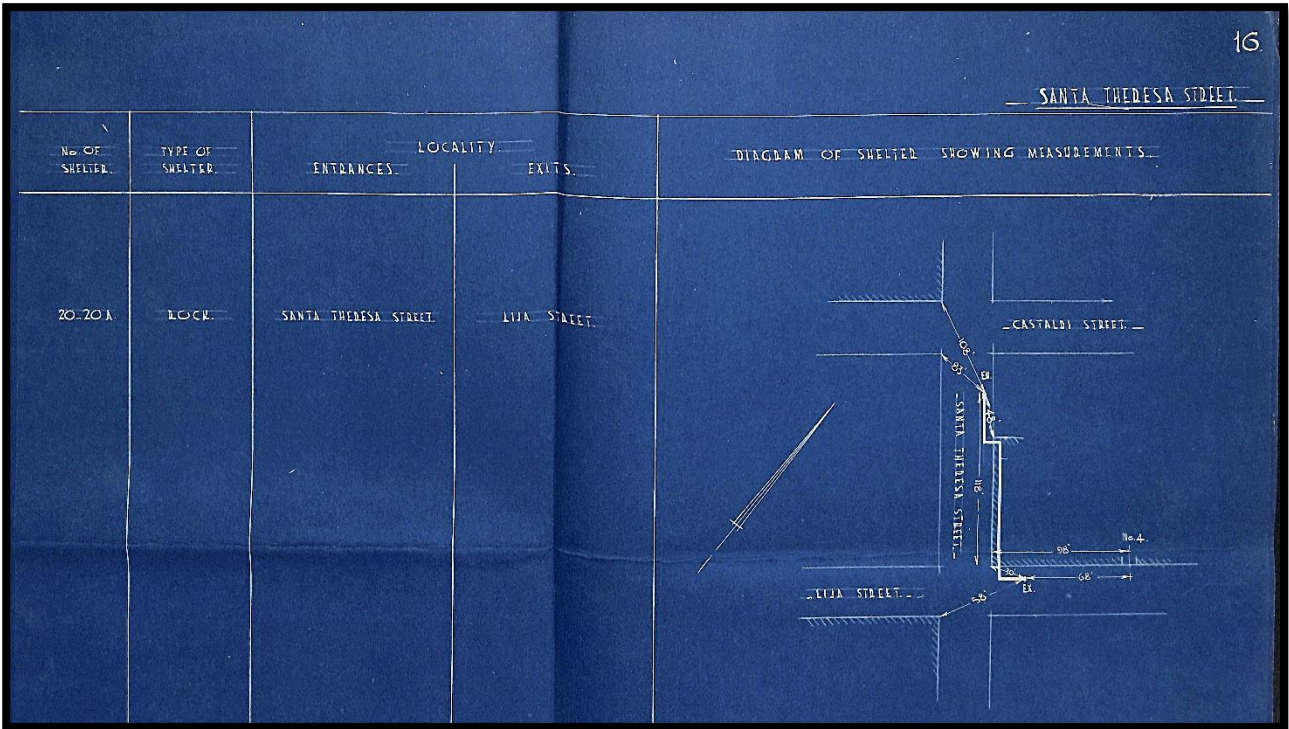


Fig.278 Abrigo de Guerra de Žabbar "Santa Theresa Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
20-20A	Rock	Santa Theresa Street	Lija Street

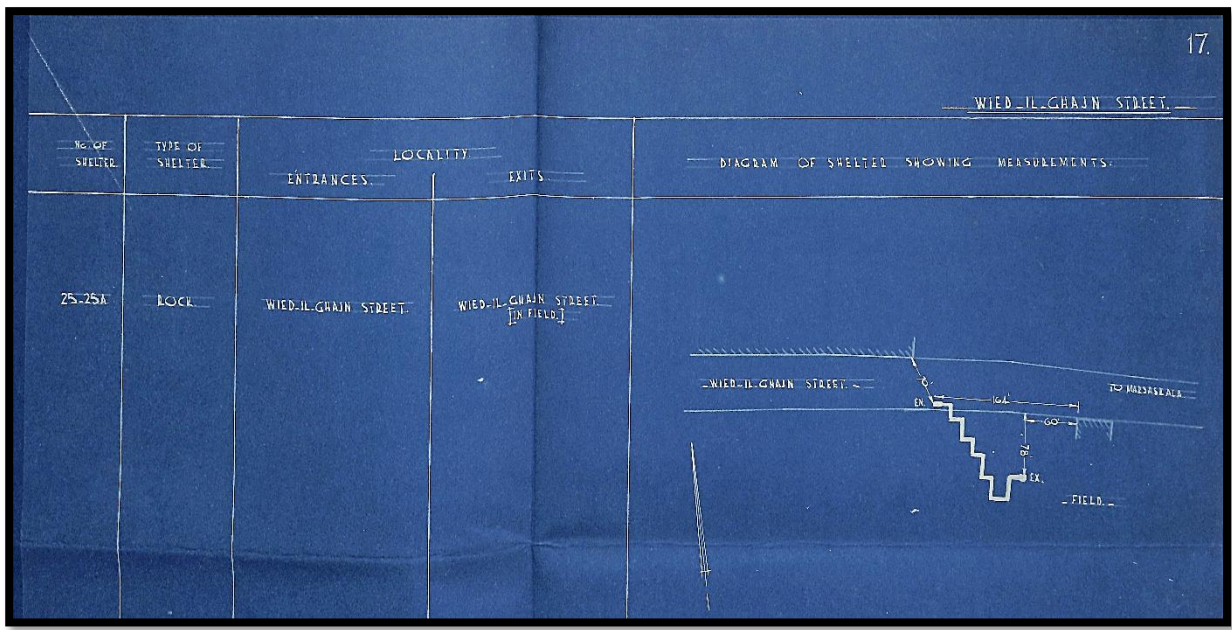


Fig.279 Abrigo de Guerra de Żabbar "Wied-IL-Ghajn Street"

N ^o of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
25 – 25A	Rock	Wied – IL – Ghajn Street	Wied – IL – Ghajn Street [In Field]

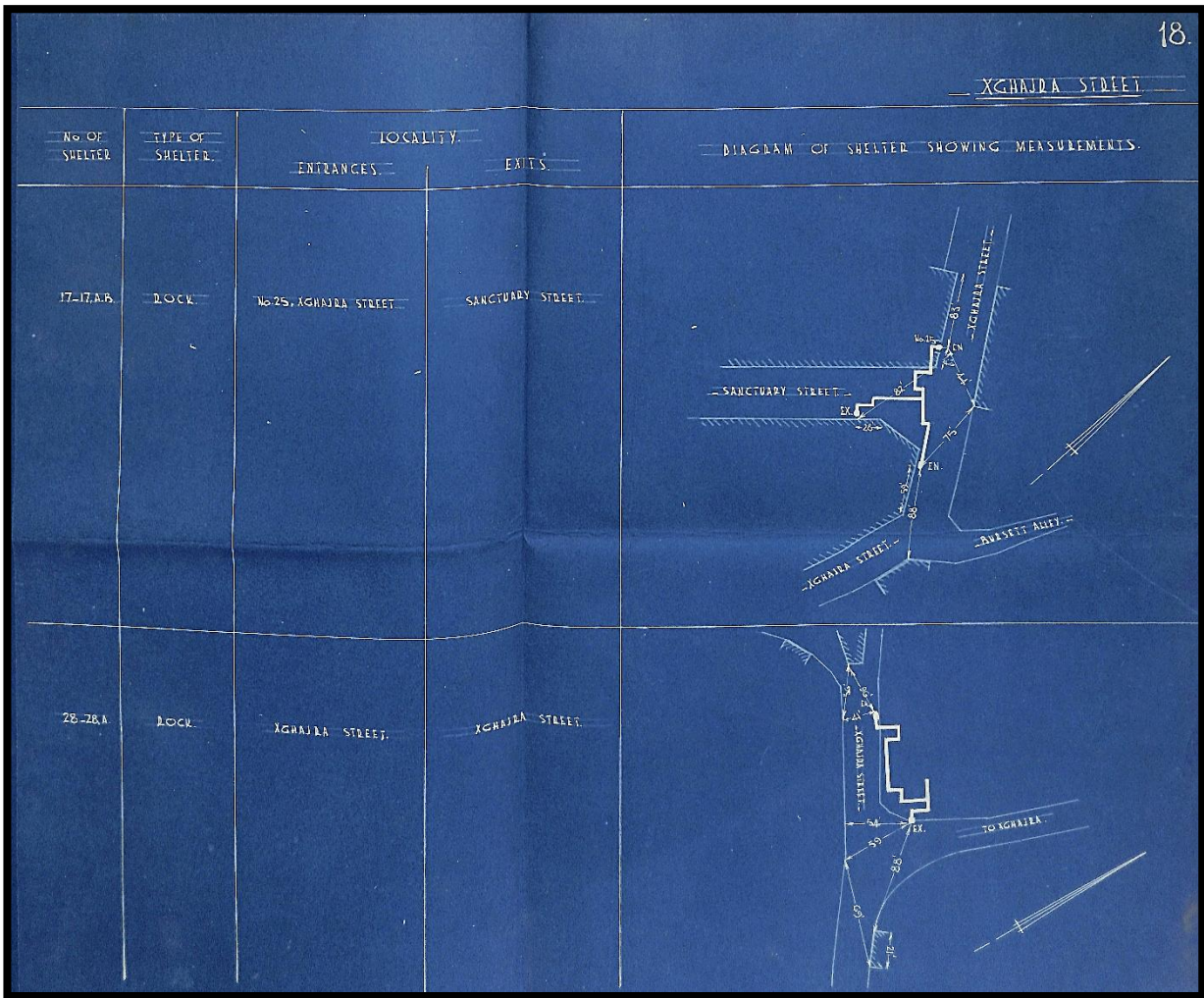


Fig.280 Abrigo de Guerra de Żabbar "Xghajra Street"

Nº of Shelter	Type of Shelter	Locality	
		Entrances	Exits
17 – 17 A, B*	Rock	No.25 Xghajra Street	Sanctuary Street
28 – 28A	Rock	Xghajra Street	Xghajra Street

* Corresponde ao nº17 da Lista de Żabbar

Žurrieq

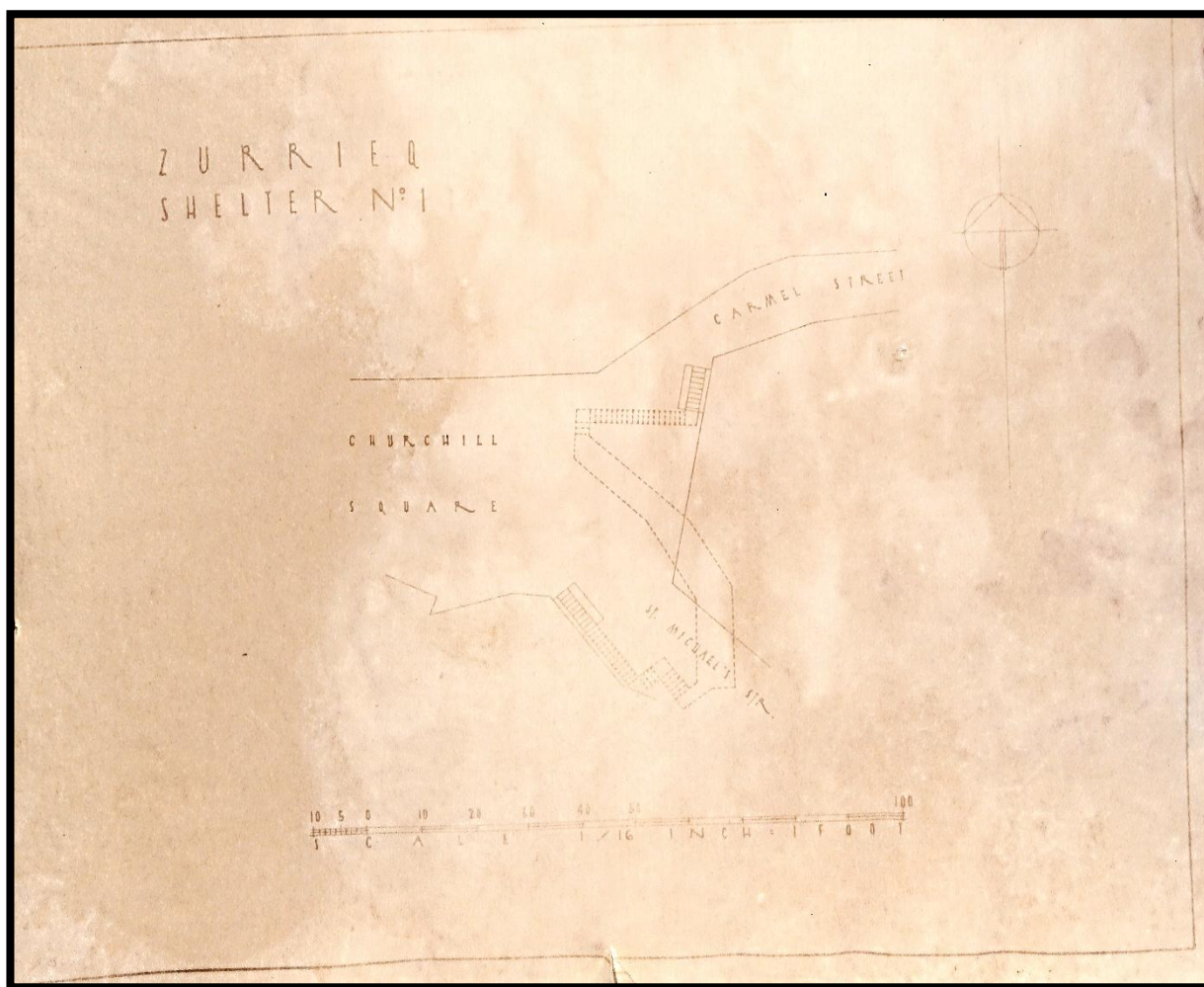


Fig.281 Planta do Abrigo nº1 "Church Square – Carmel Street – St. Michael Street."
Fonte: NAM_ "CDE_Shelter Drawings_nº14_žurrieq" Fig. 281 à 323

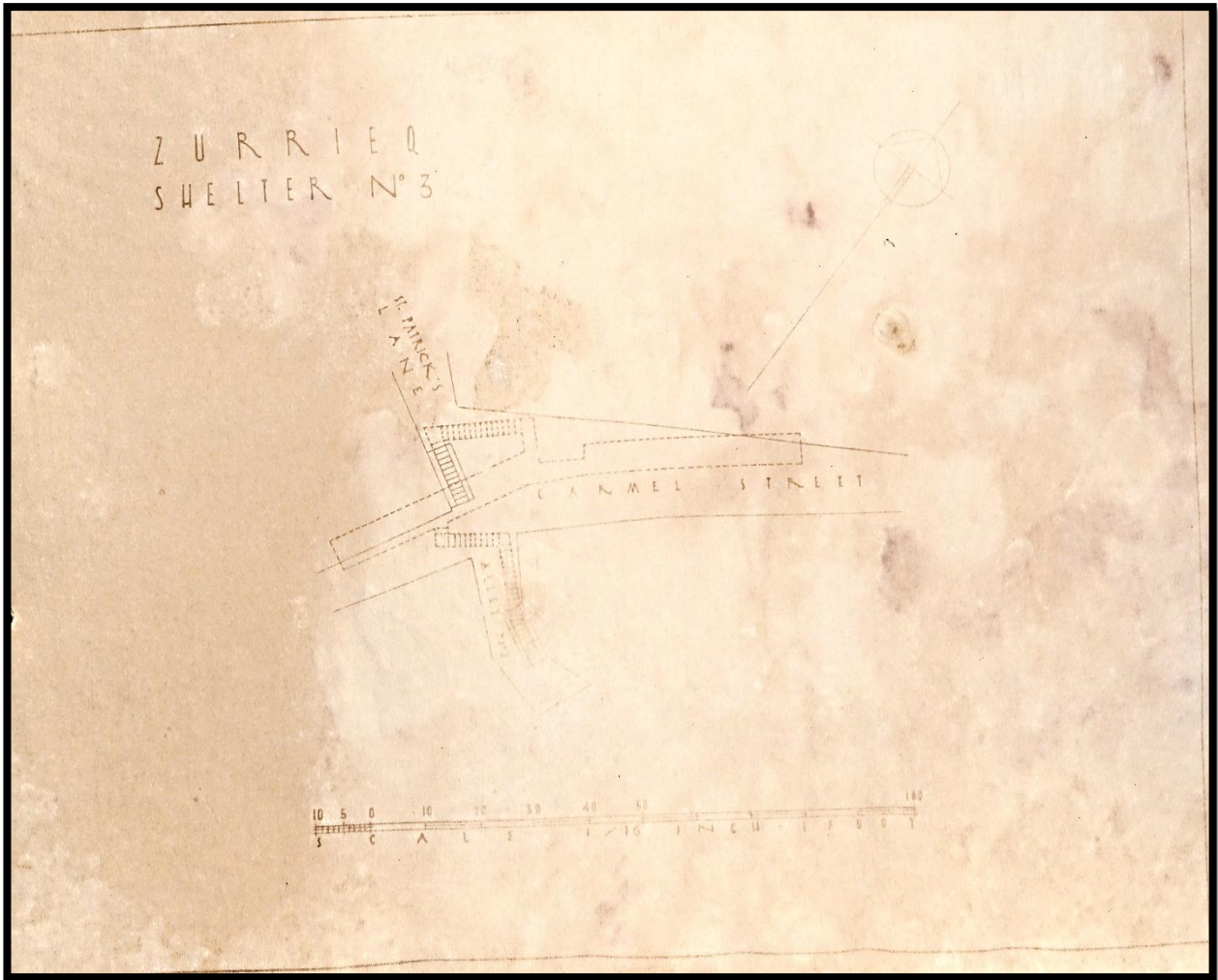


Fig.282 Planta do Abrigo nº3 "St. Patrick's Lane – Carmel Street – Alley nº1."

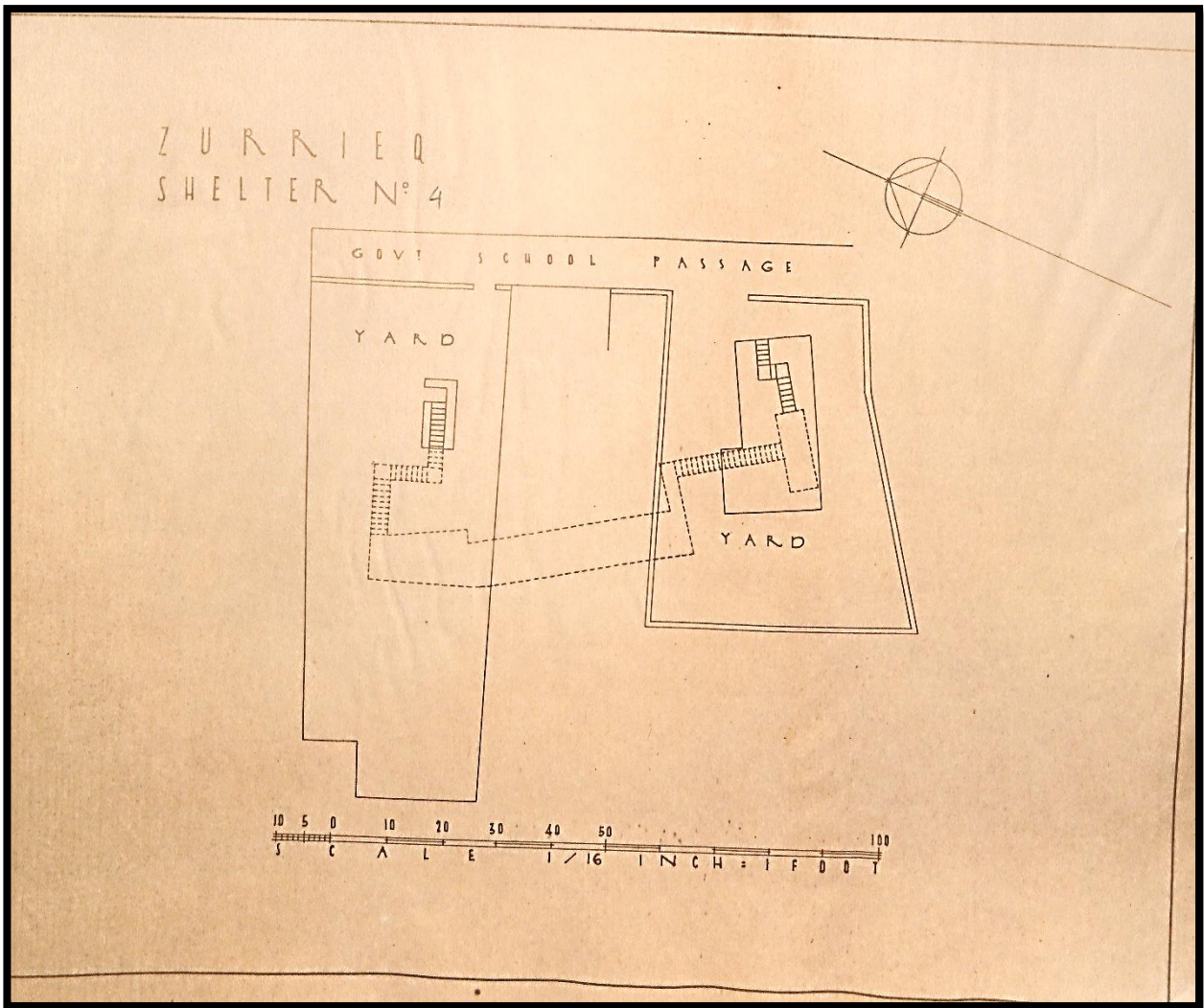


Fig.283 Planta do Abrigo nº4 "Govt. Scholl Passage"

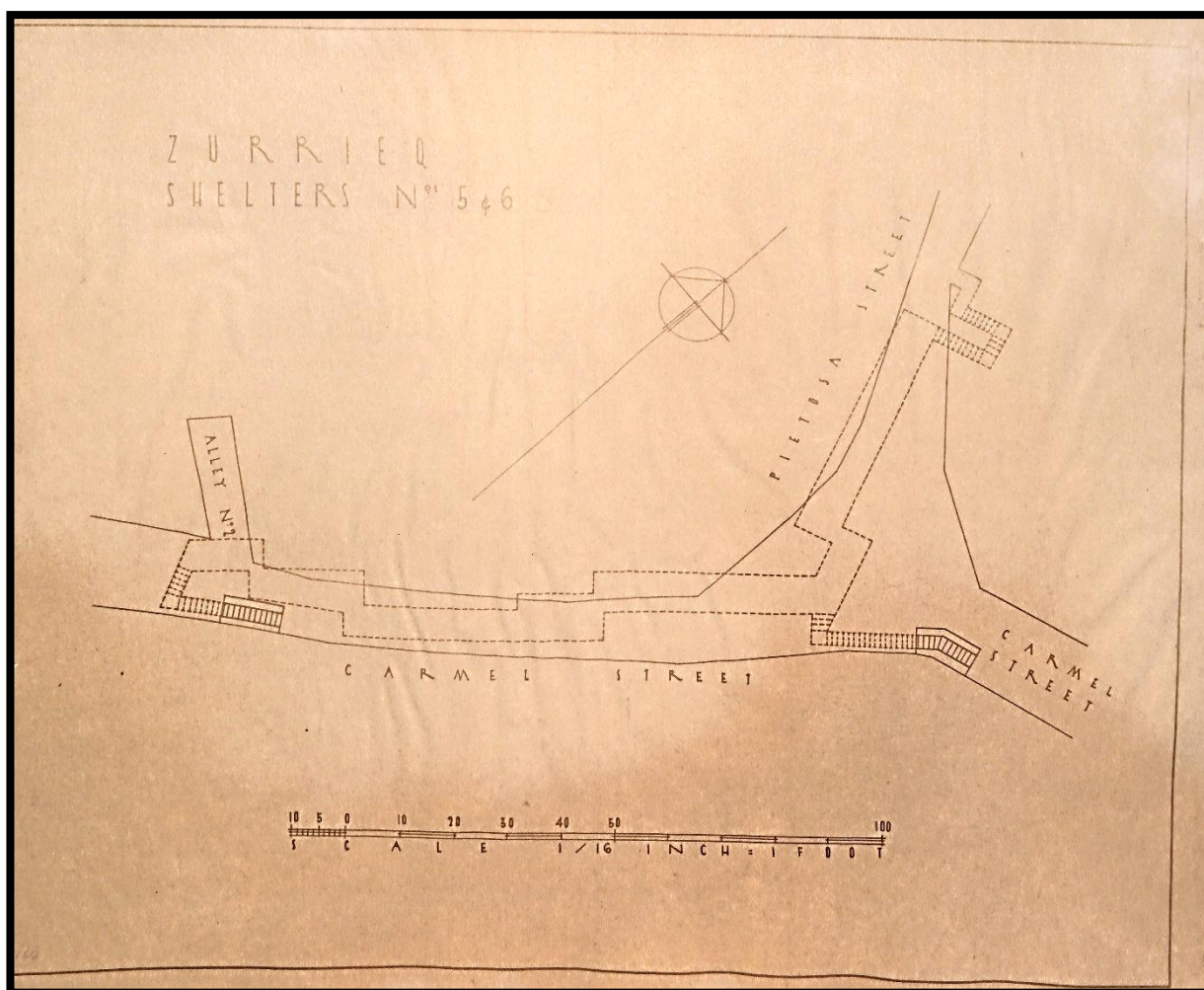


Fig.284 Planta do abrigo nº5 e 6 "Carmel Street – Pietdsa Street" – Alley nº2"

* Corresponde ao nº5 da Lista de Żurrieq

*Coneção entre os dois abrigos

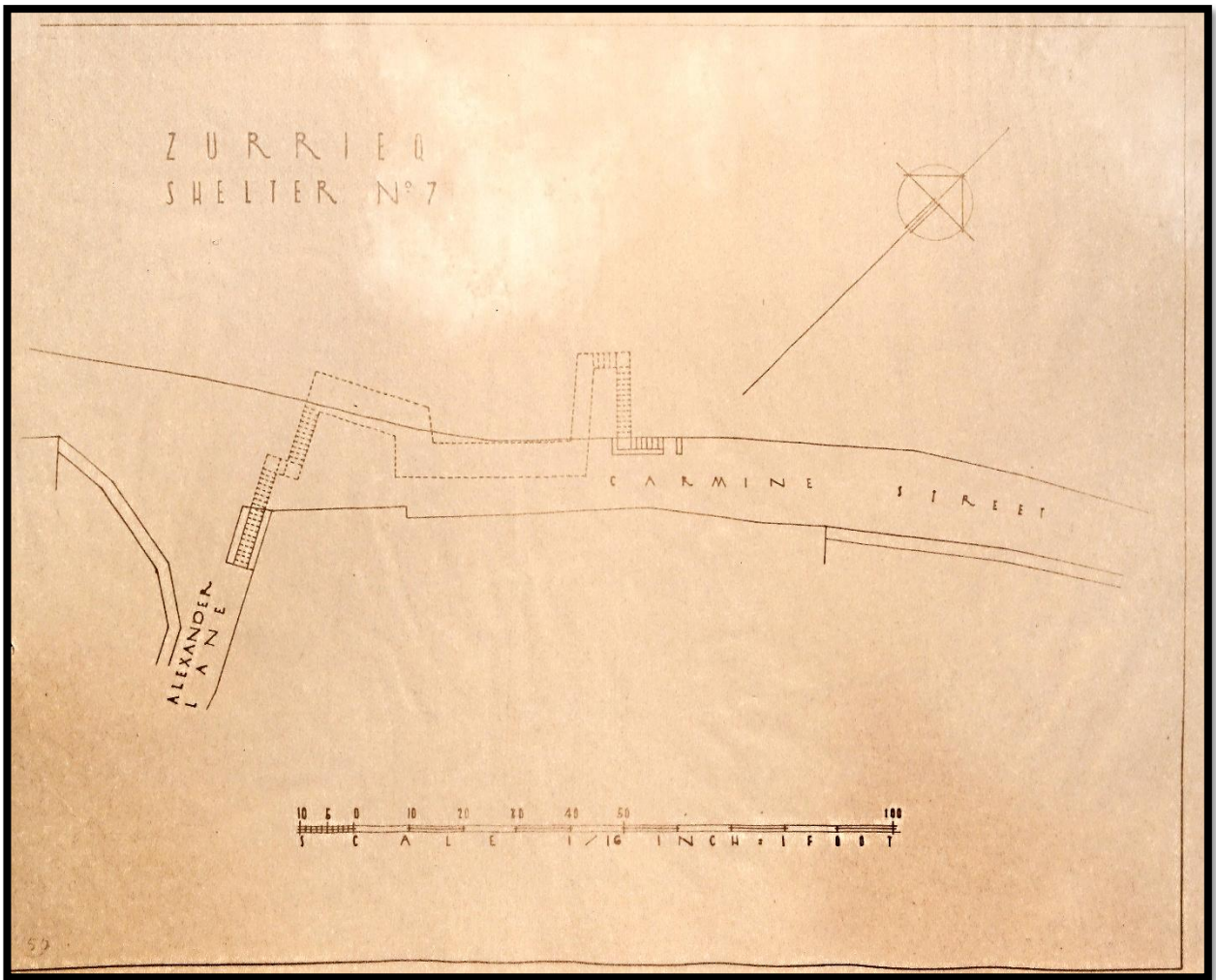


Fig.285 Planta do Abrigo nº7 "Carmel Street – Alexander Lane"

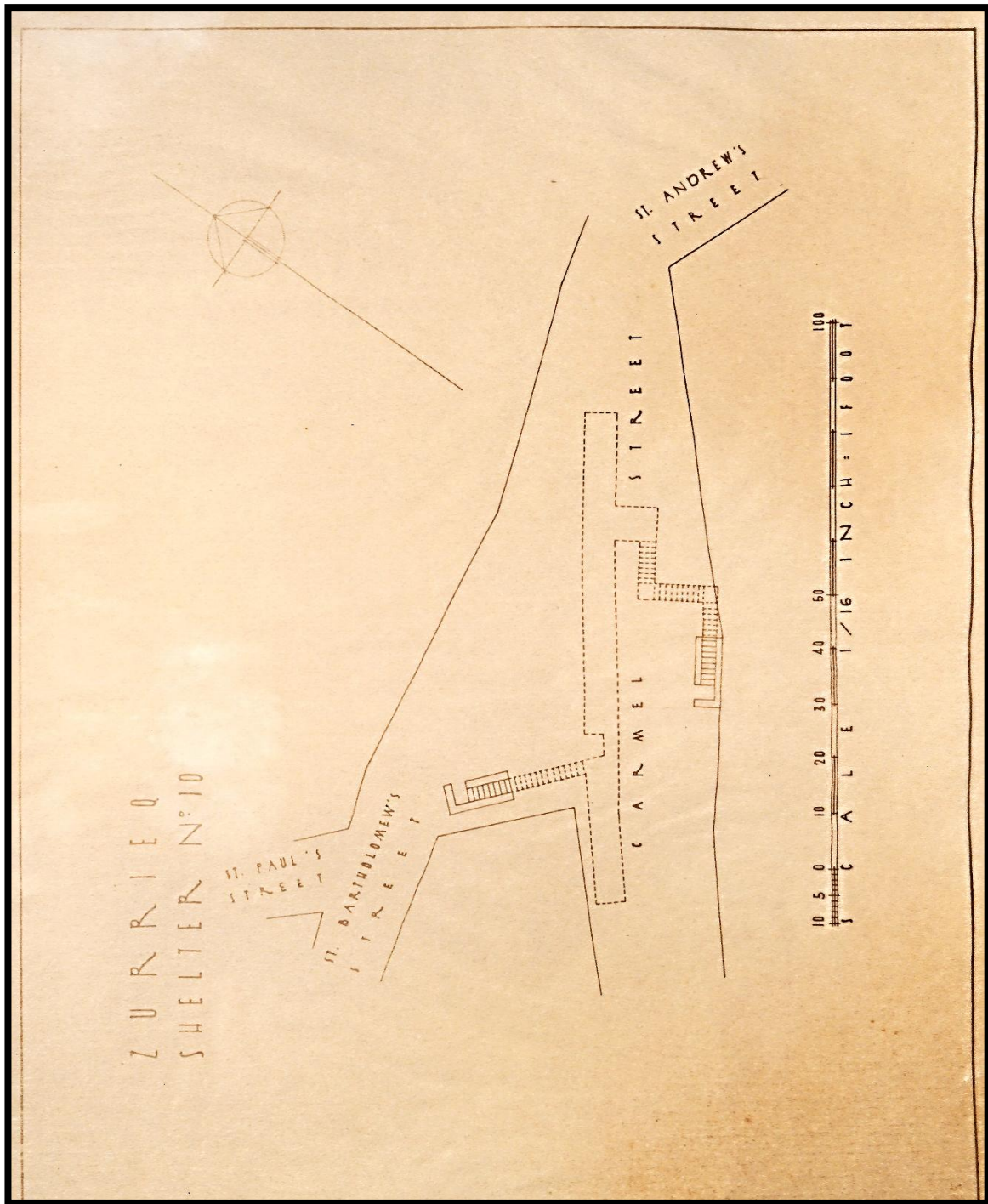


Fig.286 Planta do Abrigo nº10 "St. Bartholomew's Street – St. Paul's Street – Carmel Street – St. Andrew's Street."

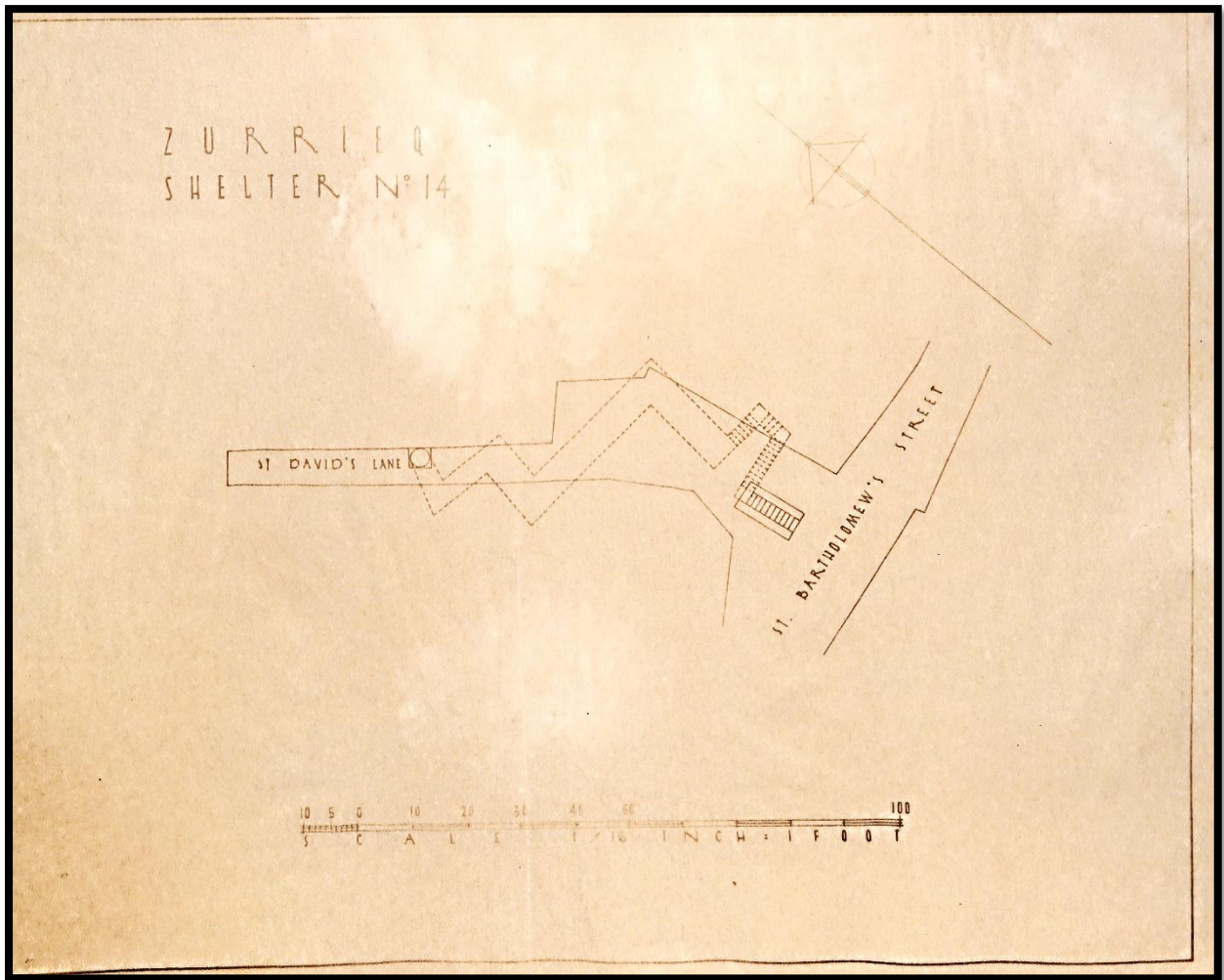


Fig.287 Planta do Abrigo nº14 "St. Davi's Lane – St. Bartholomew's Street."

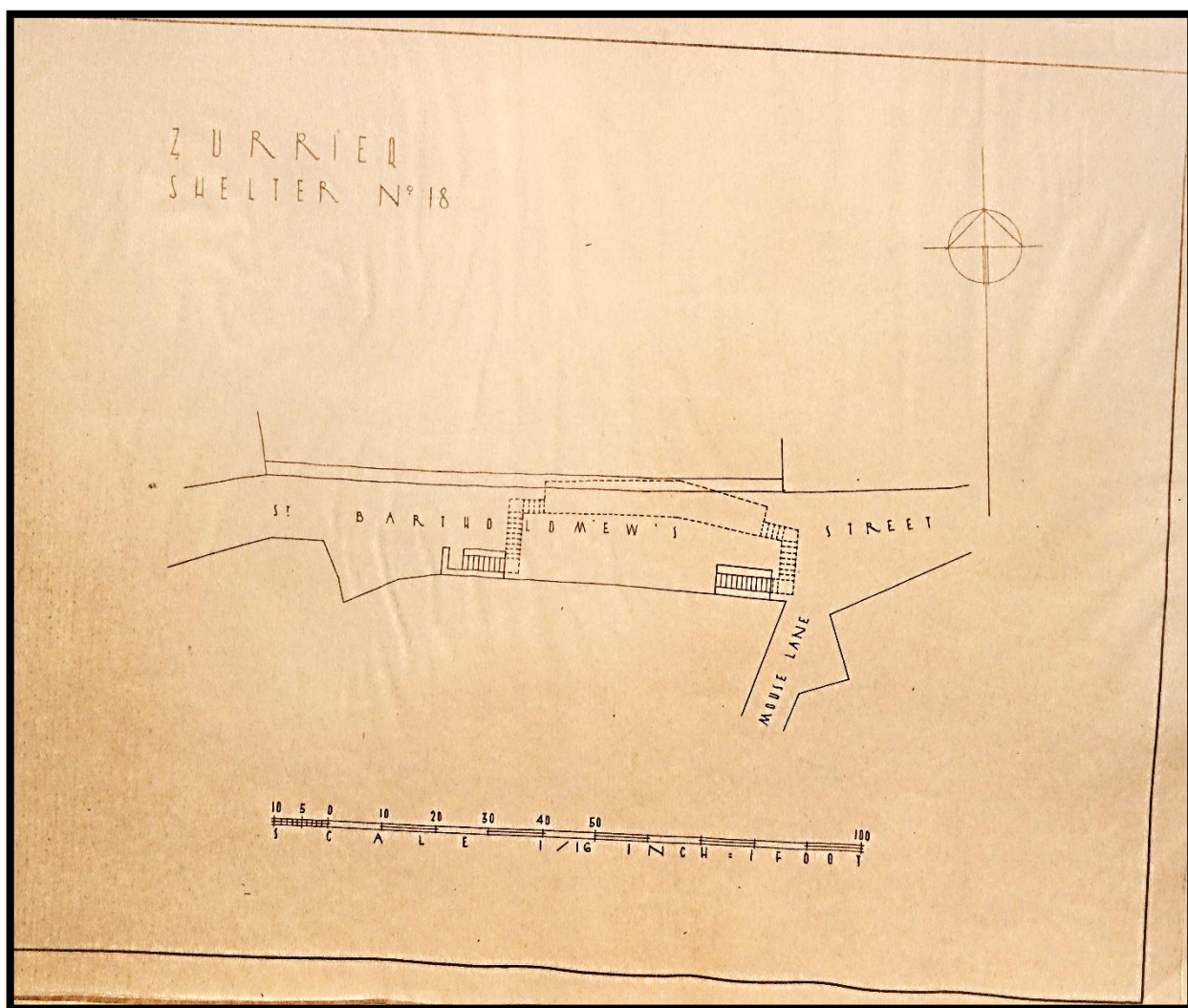


Fig.288 Planta do Abrigo nº18 "St. Bartholomew's Steet"
* Corresponde ao nº7 da Lista de Žurrieq

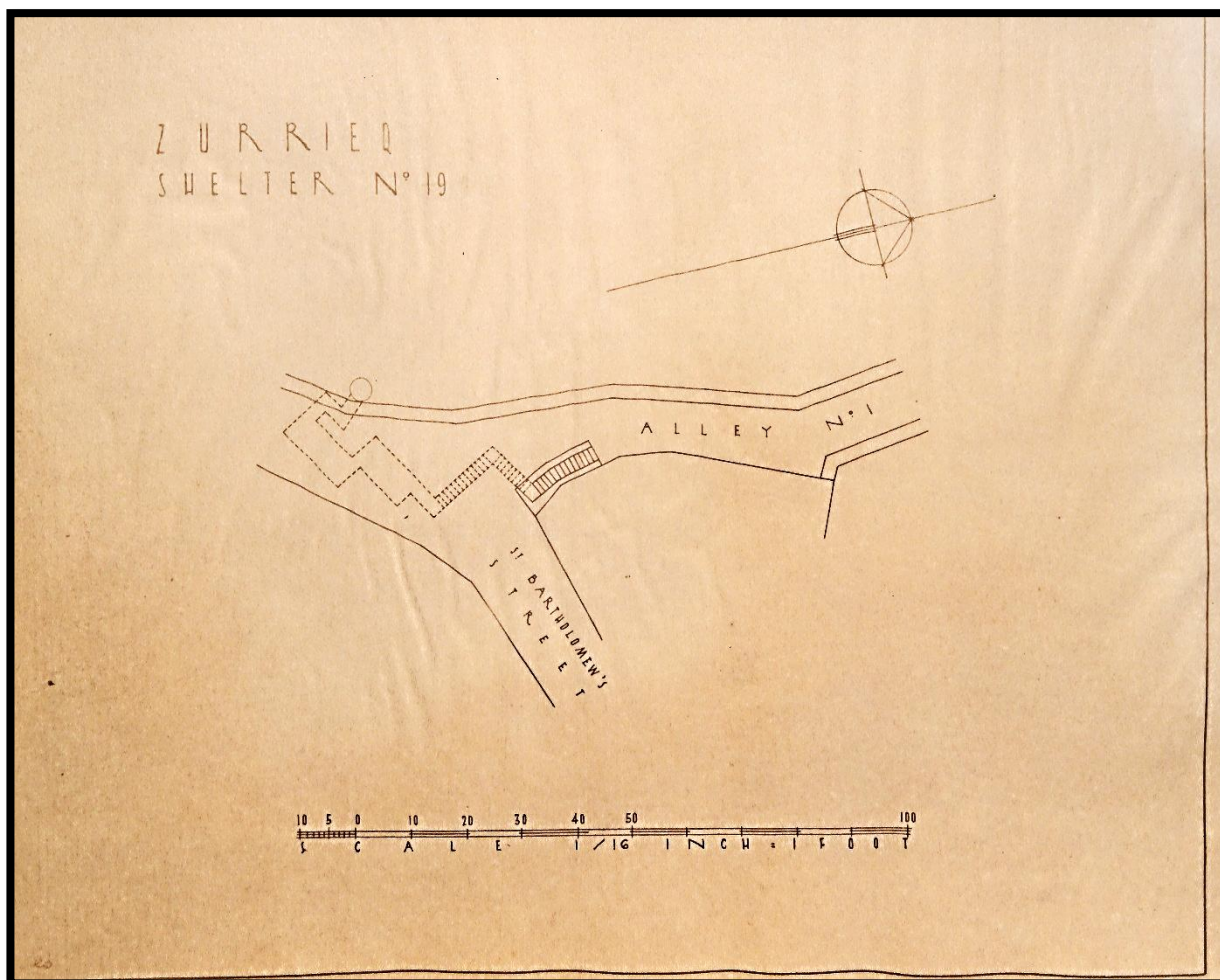


Fig.289 Planta do Abrigo nº19 "Alley nº1 – St. Bartholomew's Street."
Corresponde ao nº11 da Lista de Żurrieq

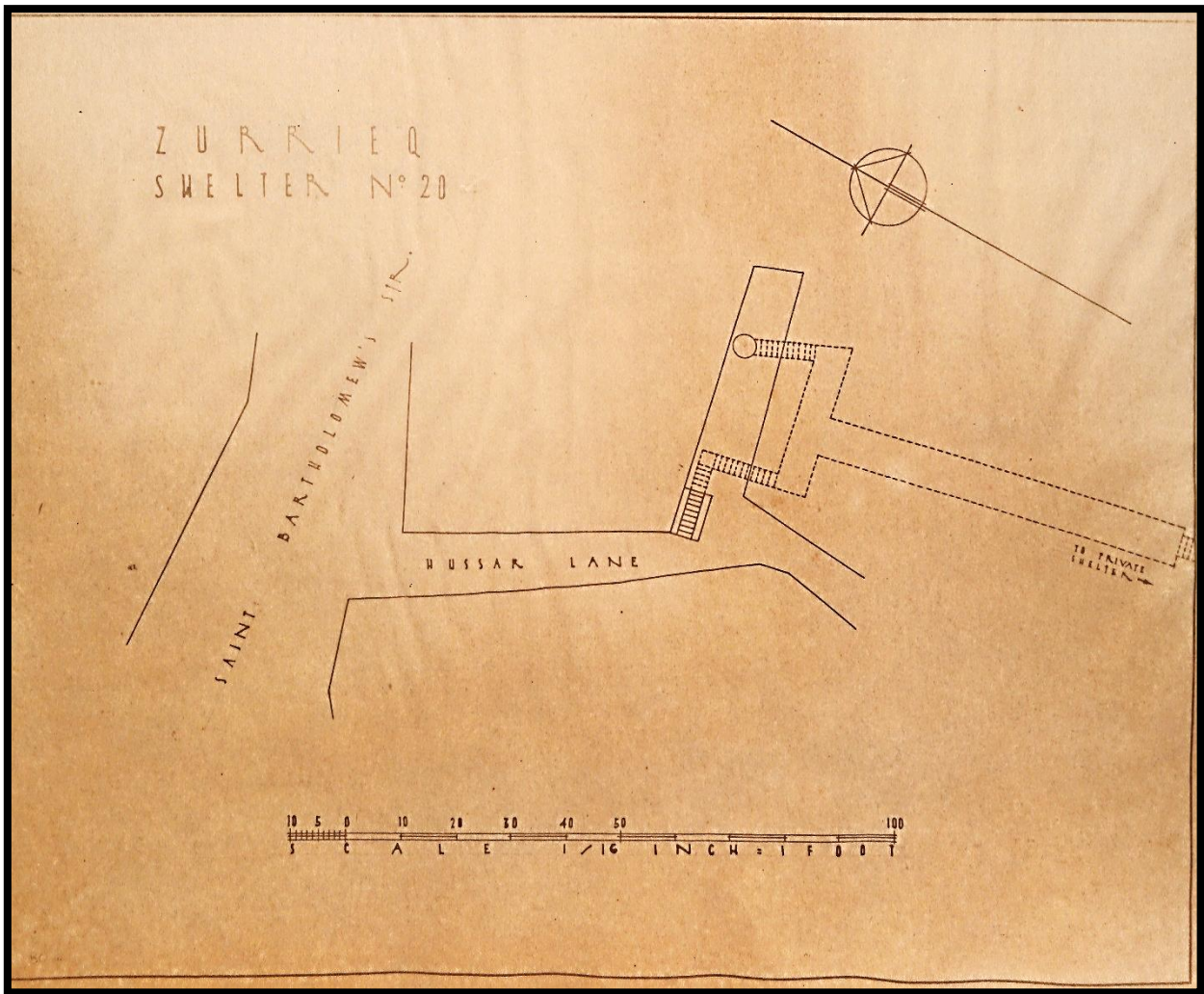


Fig.290 Planta do Abrigo nº20 "Saint Bartholomew's Str. – Hussar Lane"
*Corresponde ao nº4 da Lista de Żurrieq

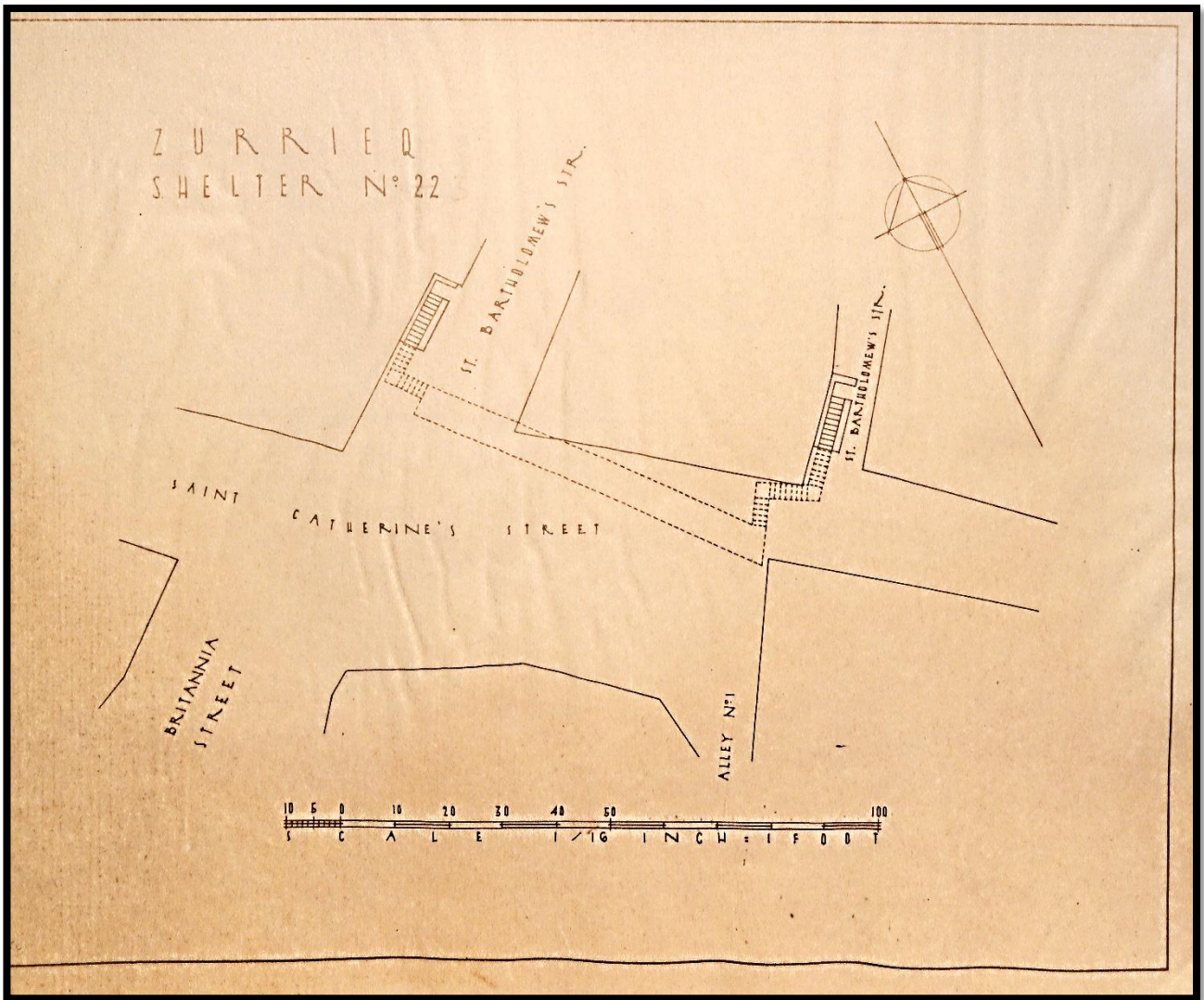


Fig.291 Planta do Abrigo nº22 "Sanit Catherine's Stree – St. Bartholomew's Str. – Britannia Street – Alley nº1 – St. Bartholomew's Str."
 *Corresponde ao nº da Lista de Żurrieq

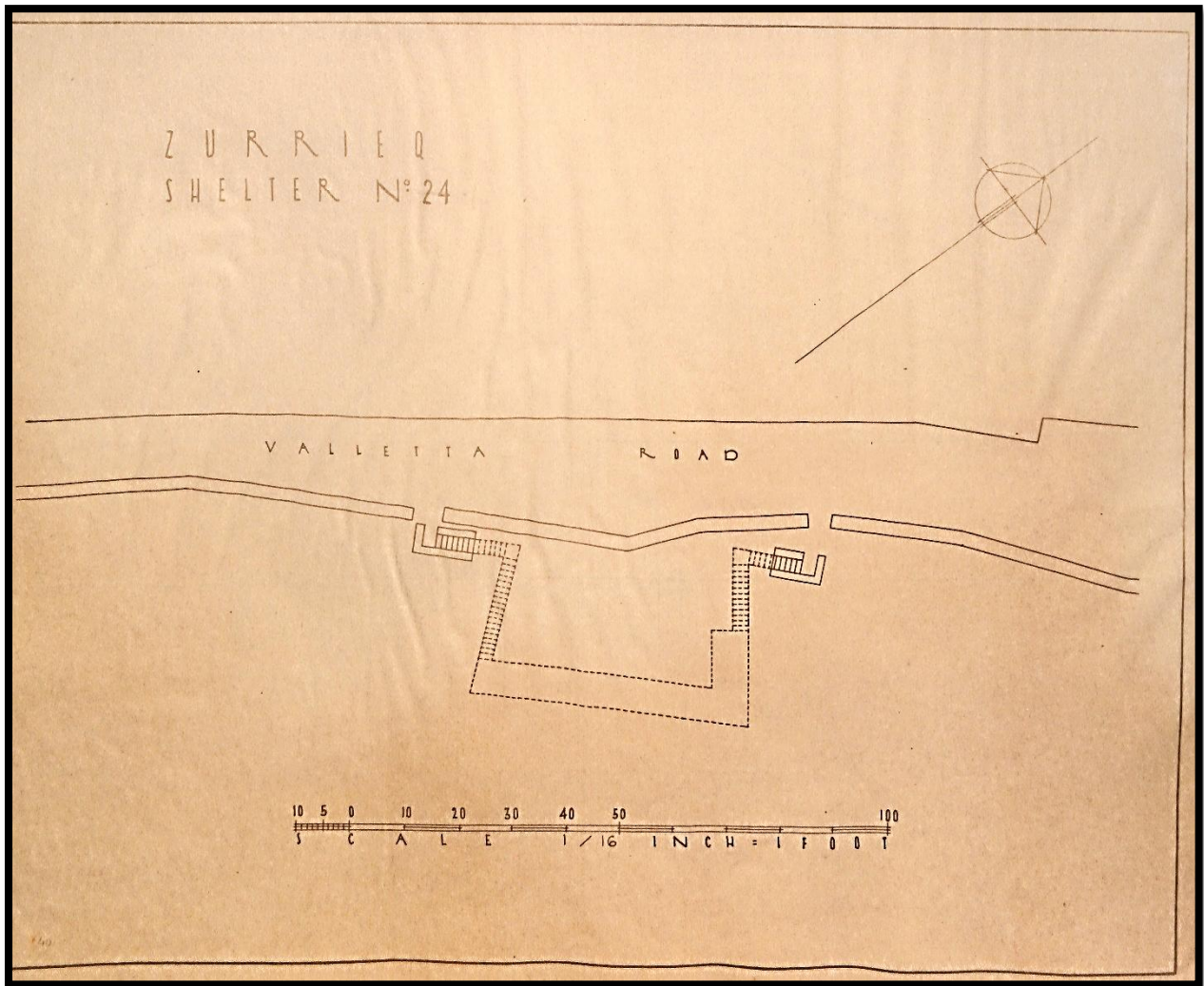


Fig.292 Planta do Abrigo nº24 "Valletta Road"

* Corresponde ao nº1 da Lista de Żurrieq

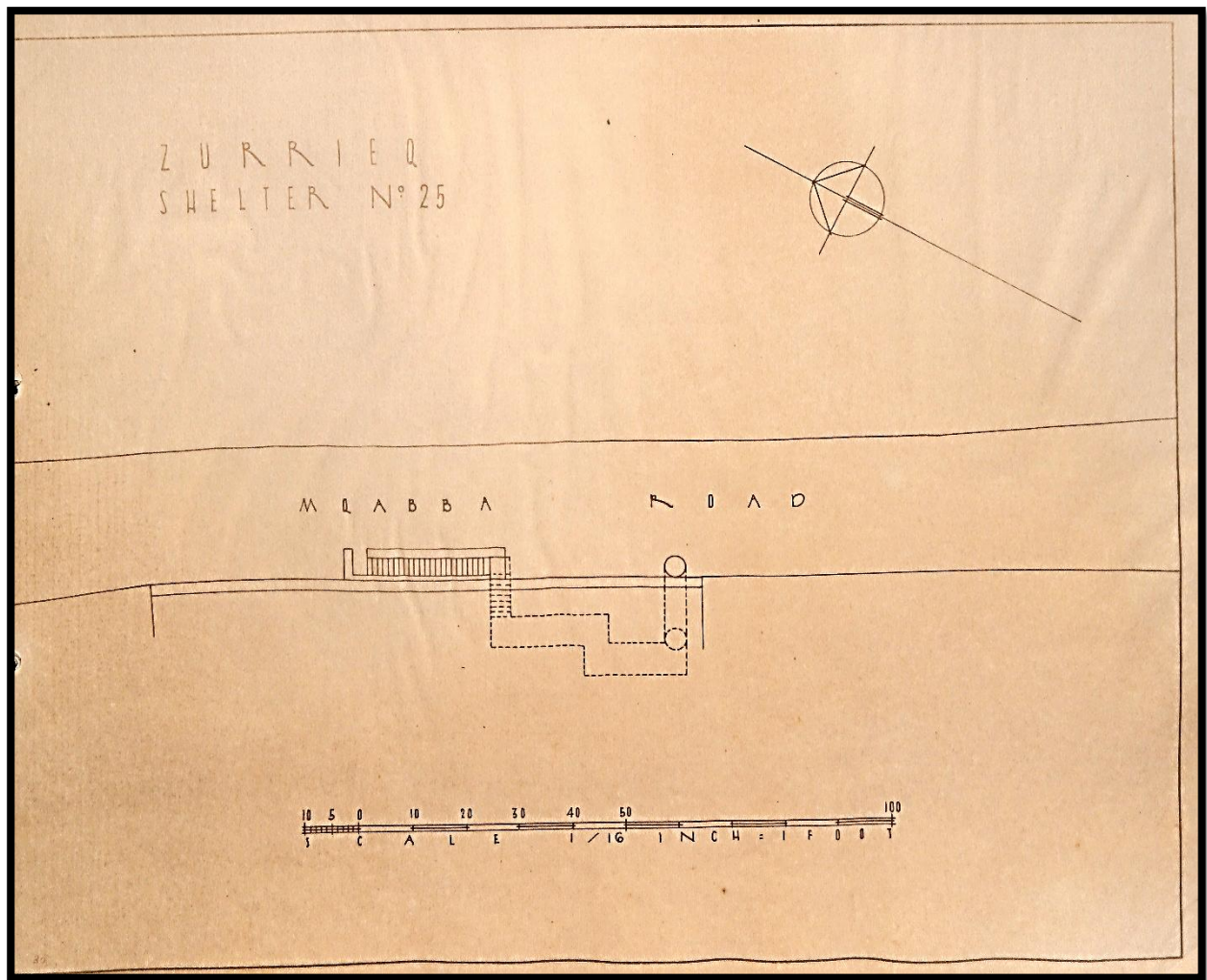


Fig.293 Planta do Abrigo nº25 "Mrabba Road"

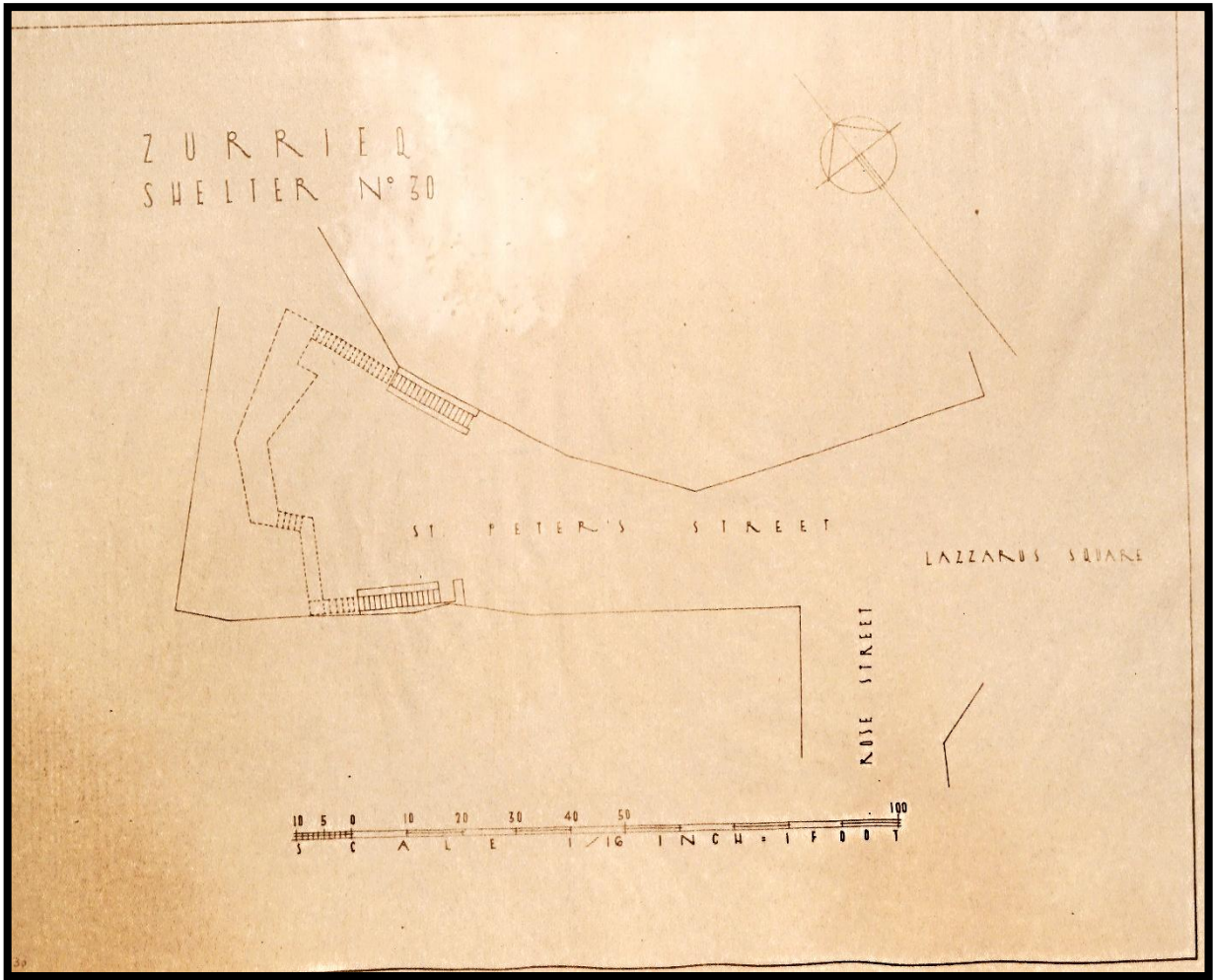


Fig. 294 Planta do Abrigo nº 30 "St. Peter's Street – Rose Street – Lazzarus Square."

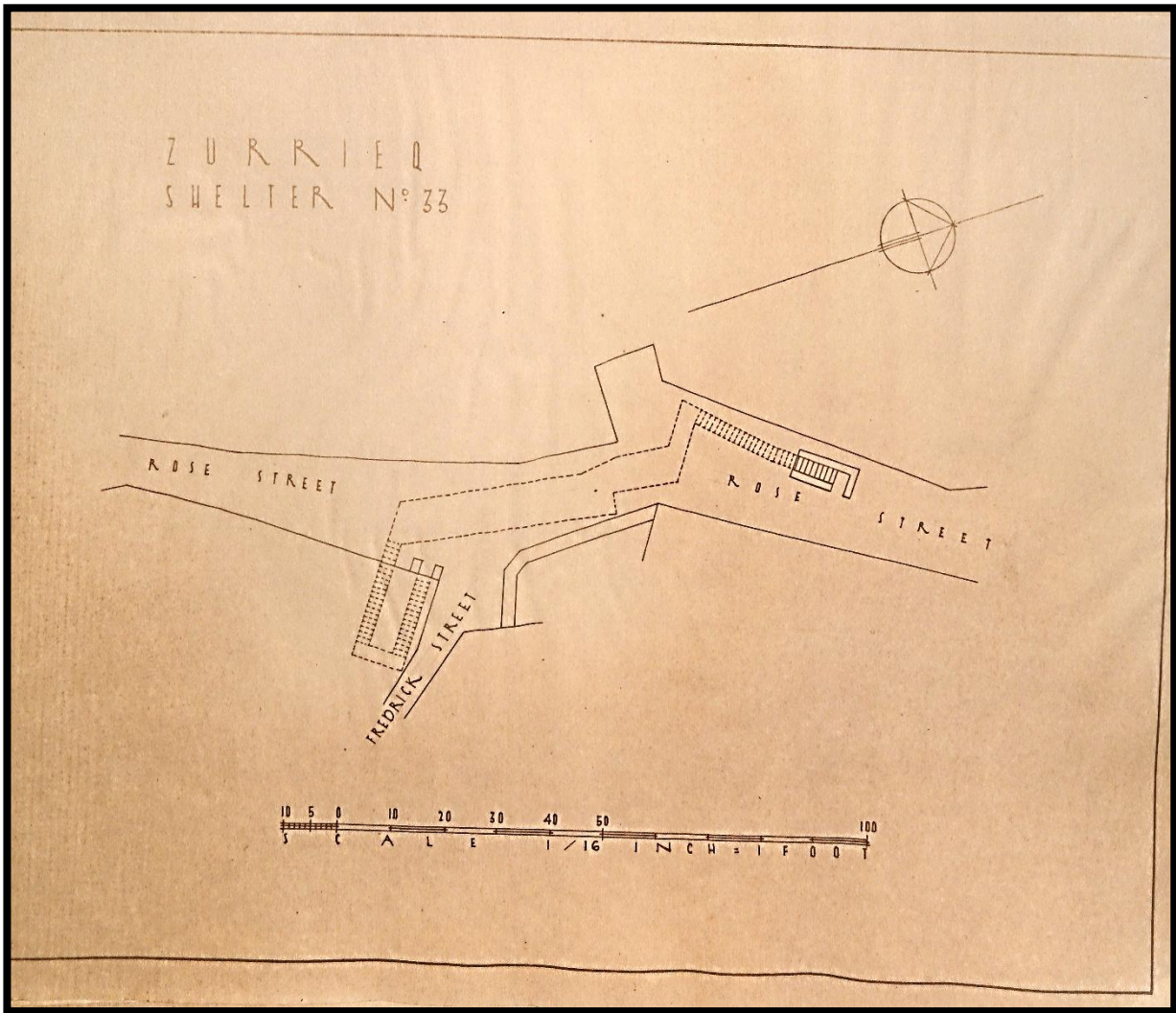


Fig.295 Planta do Abrigo nº33 "Rose Street - Fredrick Street"

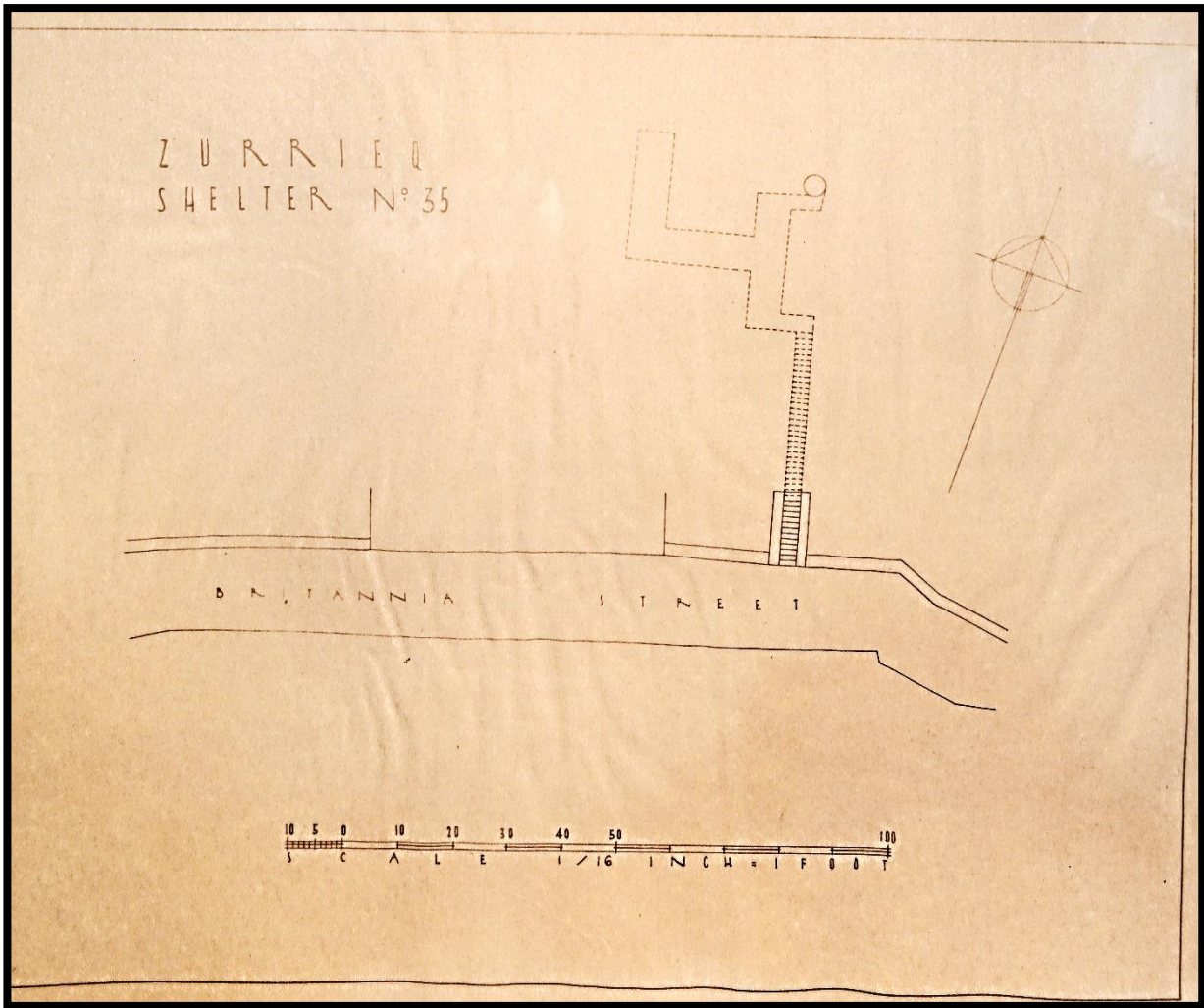


Fig.296 Planta do Abrigo nº35 "Britannia Street"

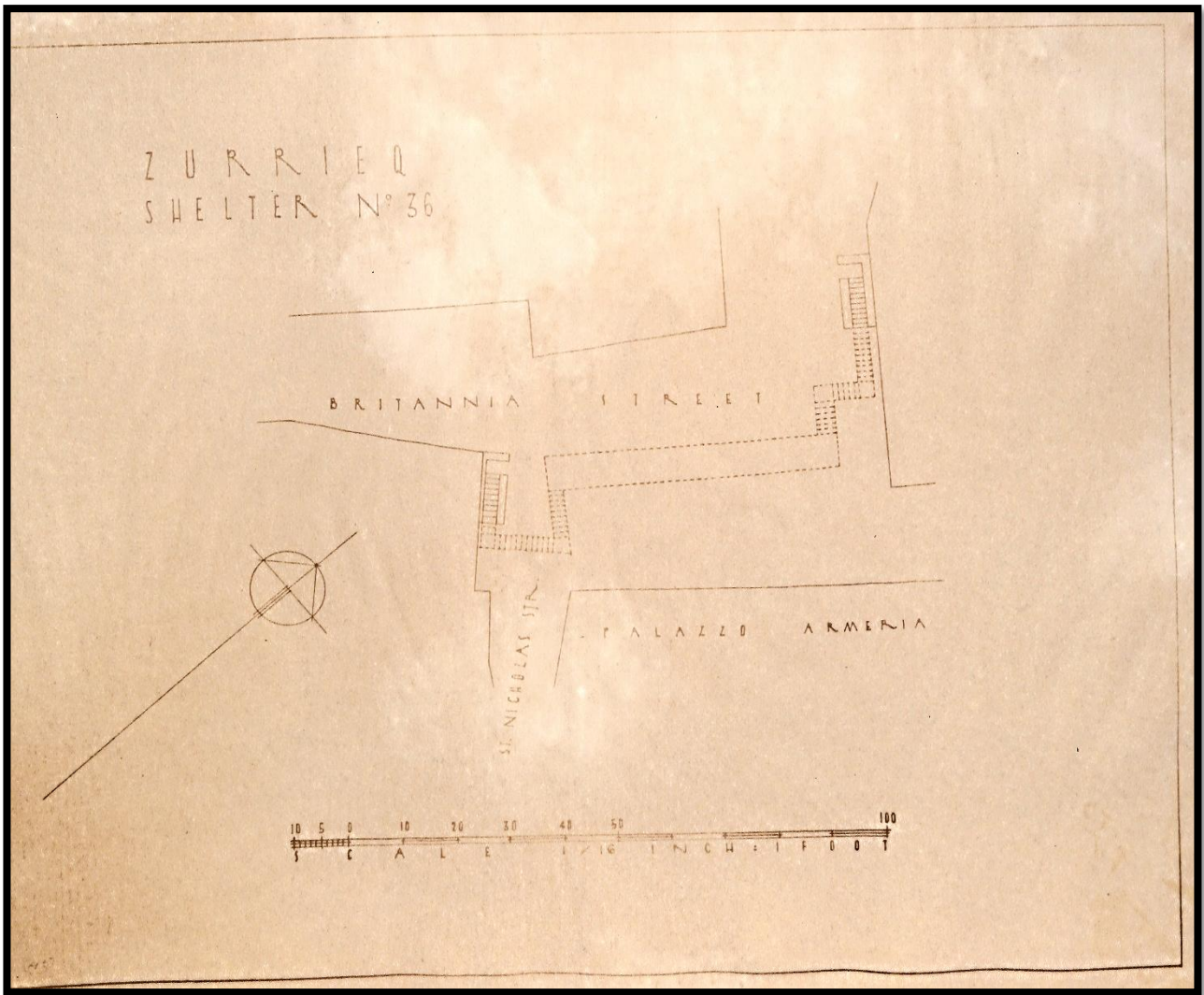


Fig.297 Planta do Abrigo nº36 "Britannia Street*– St. Nicholas Street."

* Corresponde ao nº3 da Lista de Zurrieq

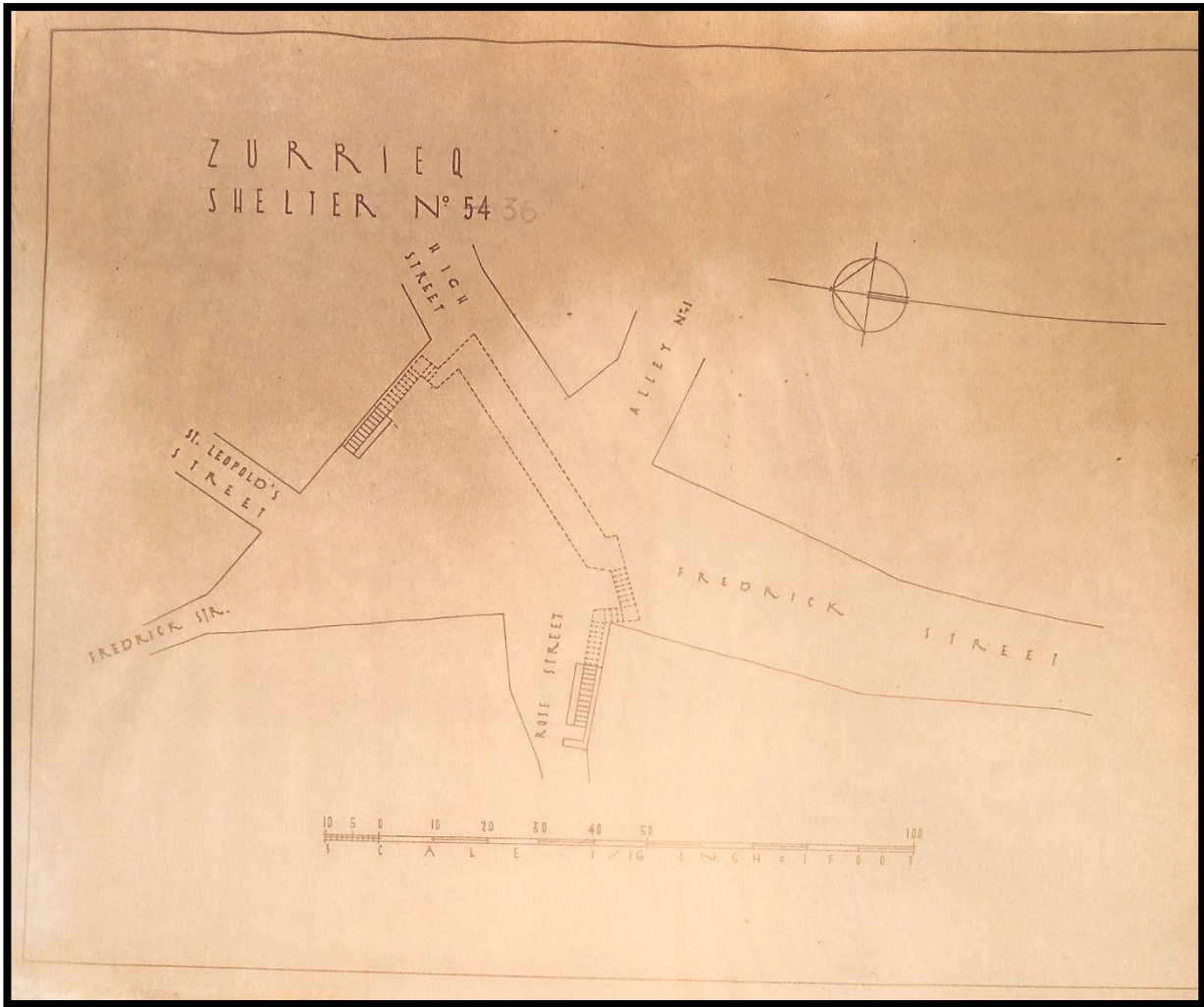


Fig.298 Planta do Abrigo nº54 (36) "Fredrick Str. – St. Leopold's Street – High Street – Alley nº1 -Rose Street – Frederick Street."

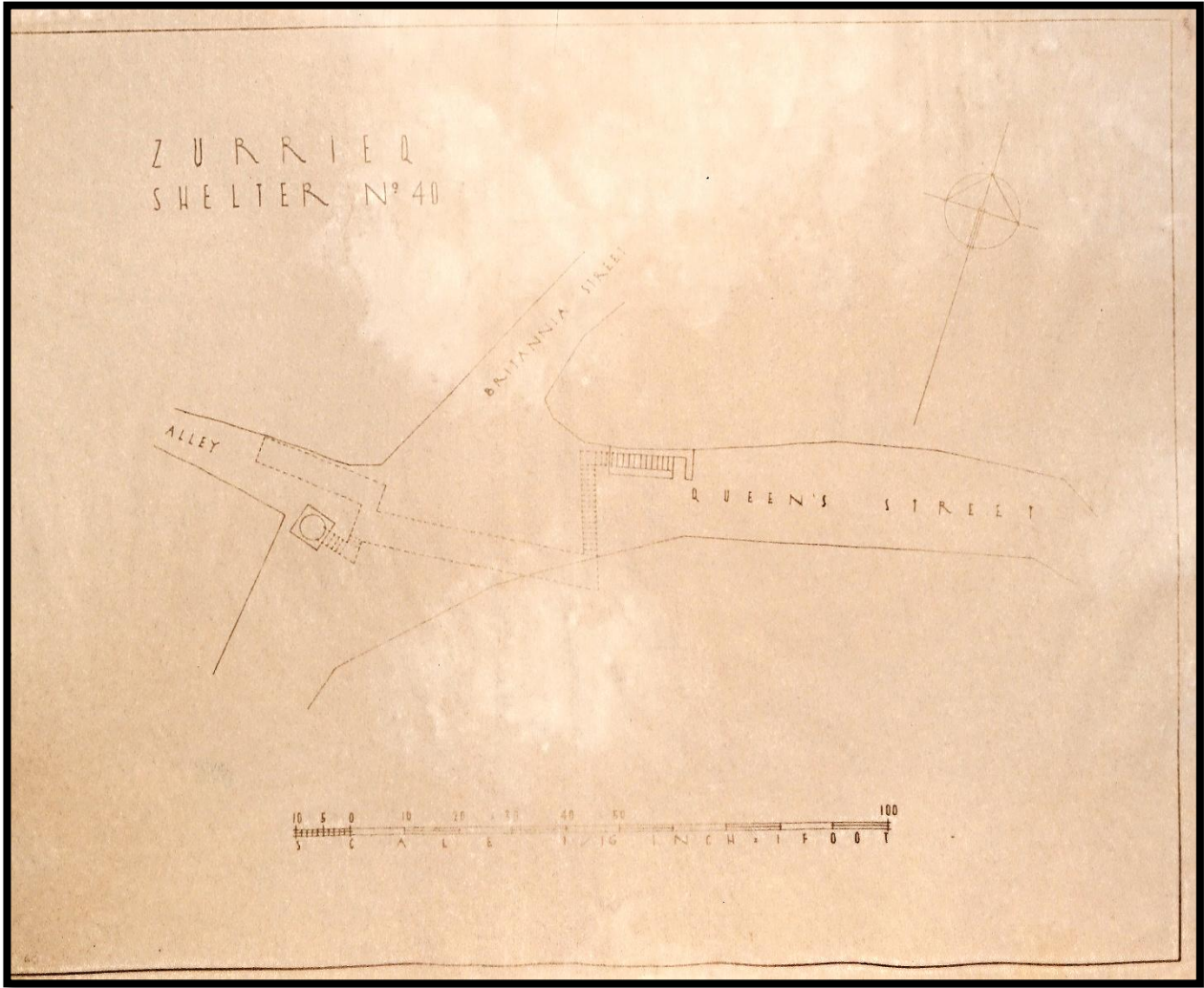


Fig.299 Planta do Abrigo nº 40 "Alley – Britannia Street – Street"

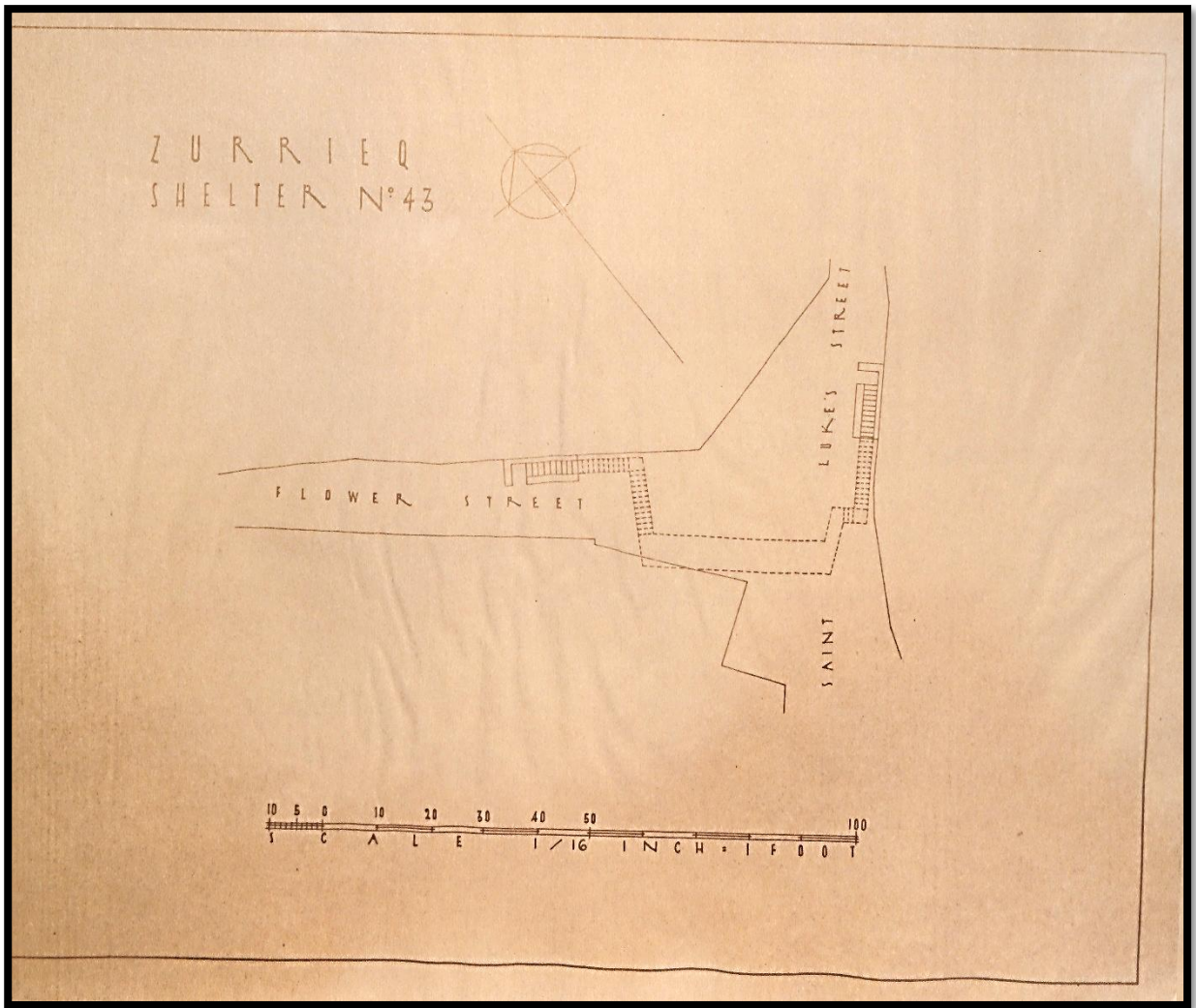


Fig.300 Planta do Abrigo nº43 "Flower Street – Saint Luke's Street."

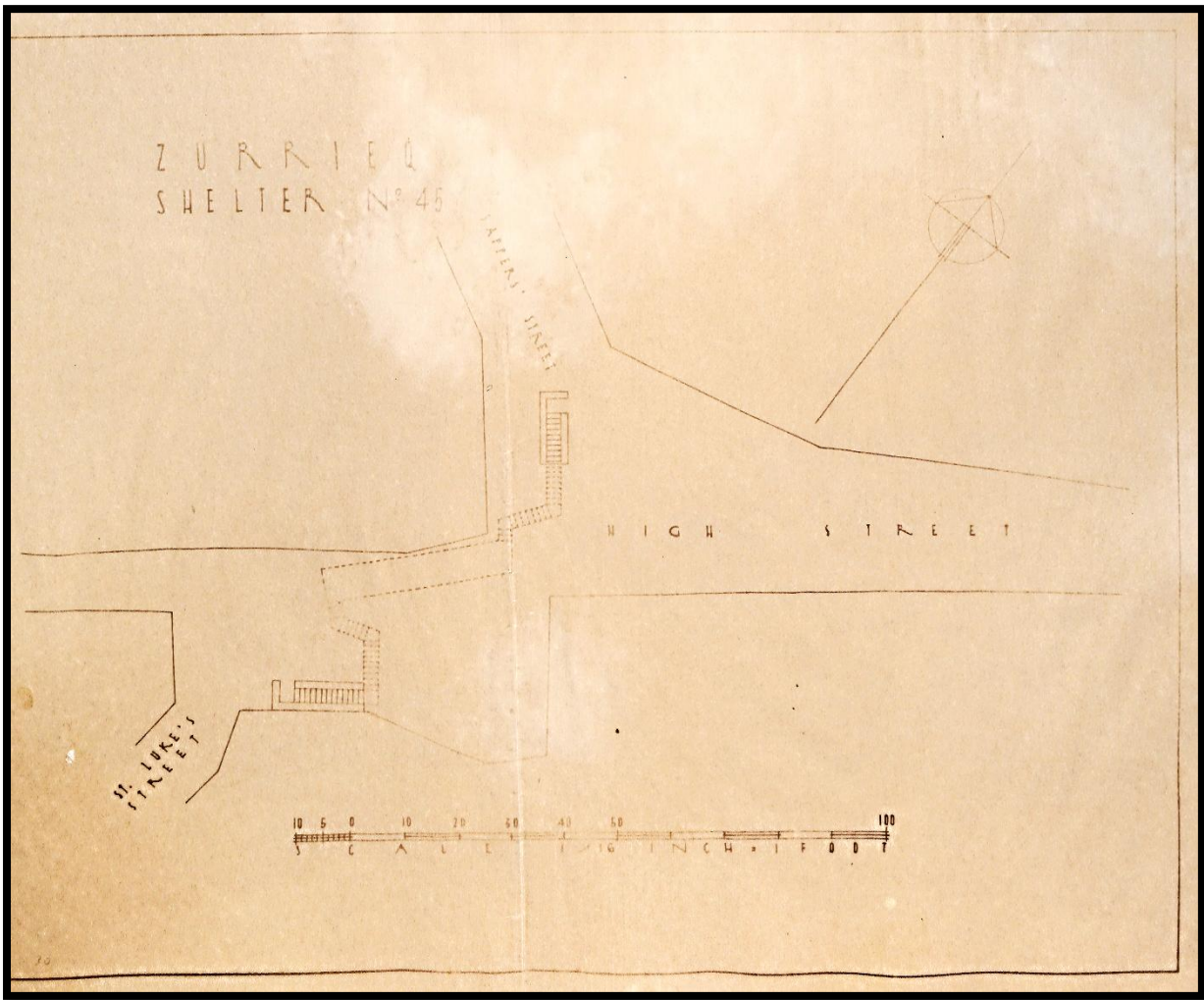


Fig.301 Planta do Abrigo nº45 "St. Luke's Street – High Street – Sapper's Street."

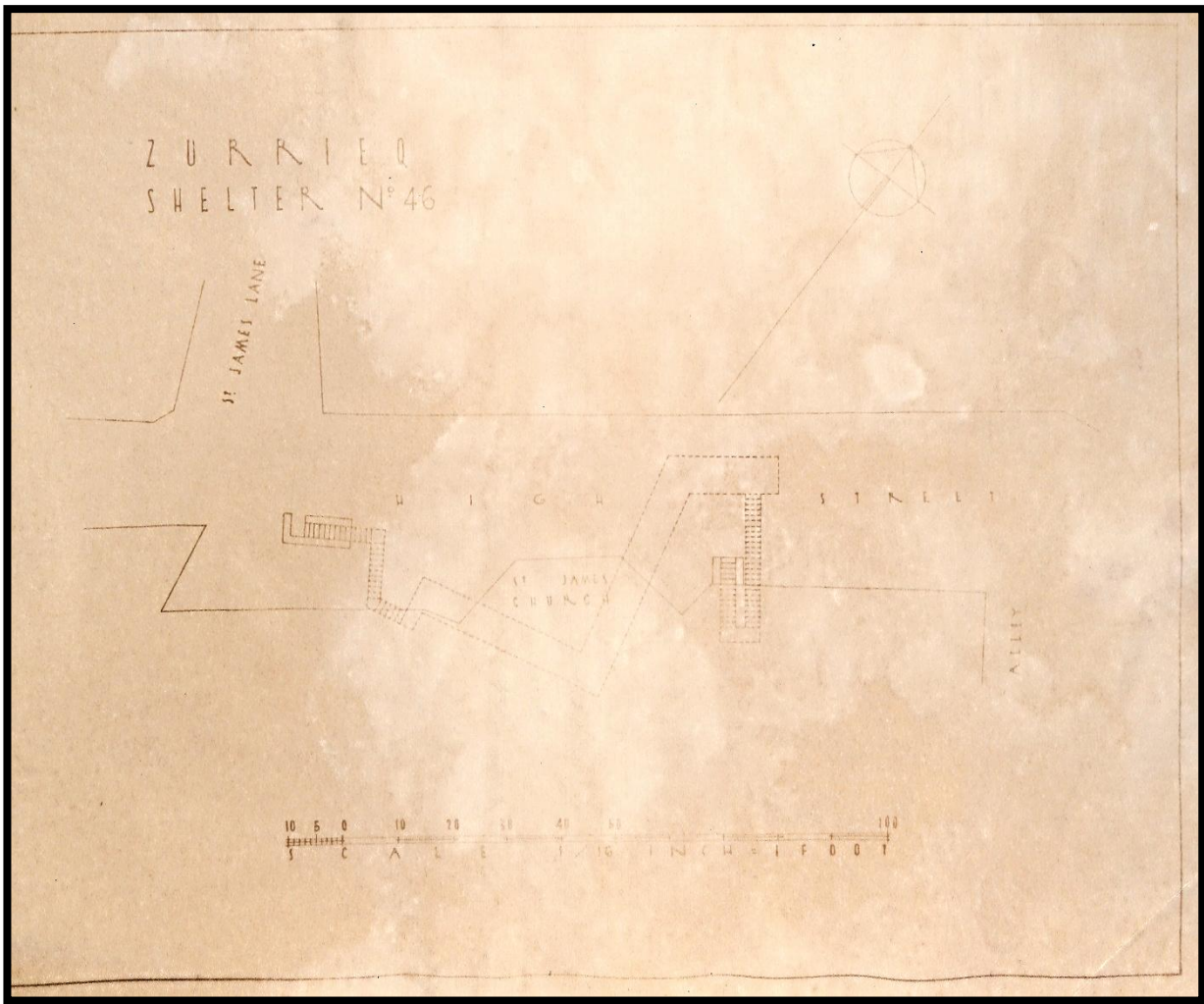


Fig.302 Planta do Abrigo nº46 "High Street – St. James Street."

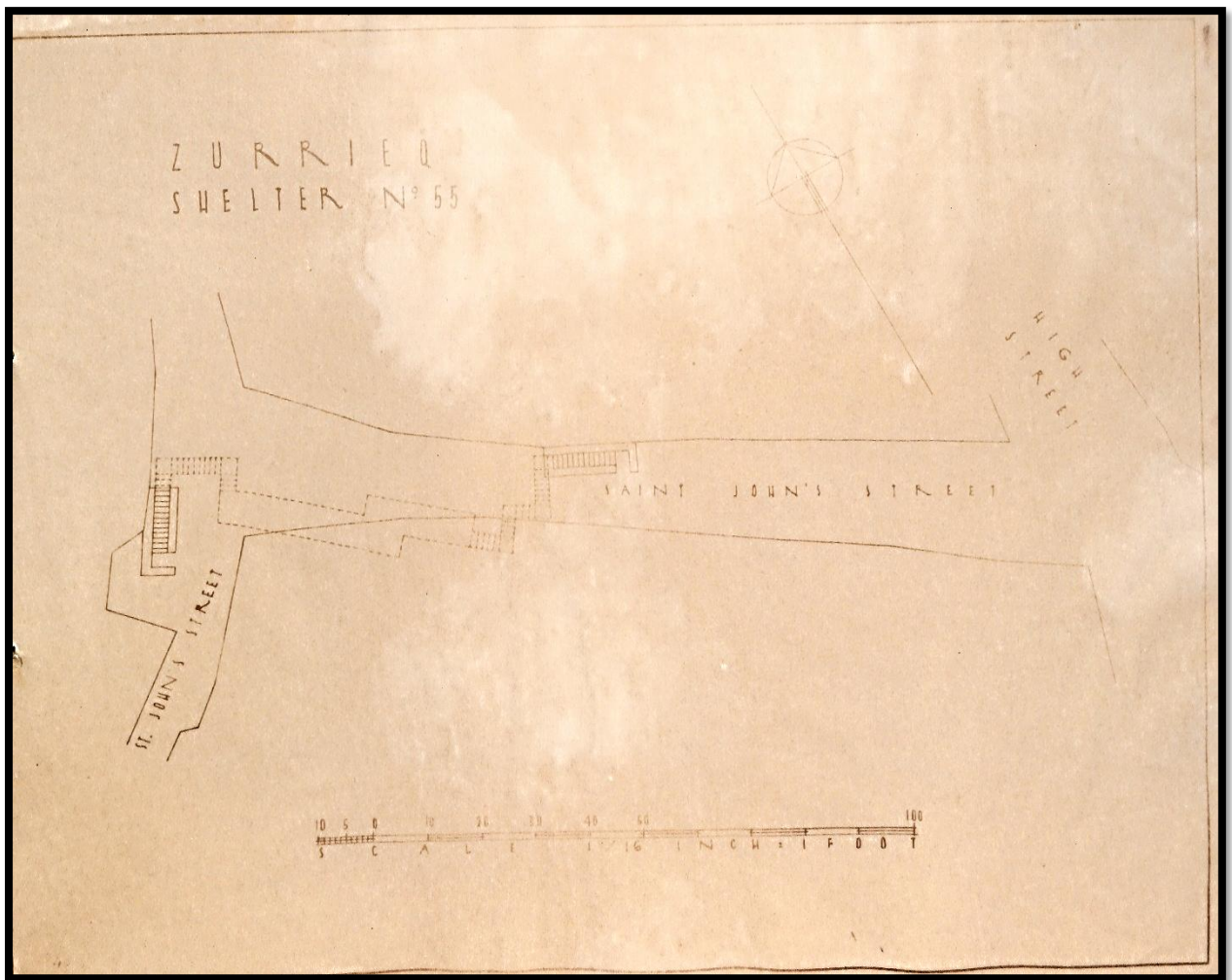


Fig.303 Planta do Abrigo nº55 "St. John Street – Saint John's Street* – High Street."
* Corresponde ao nº35 da Lista de Żurrieq

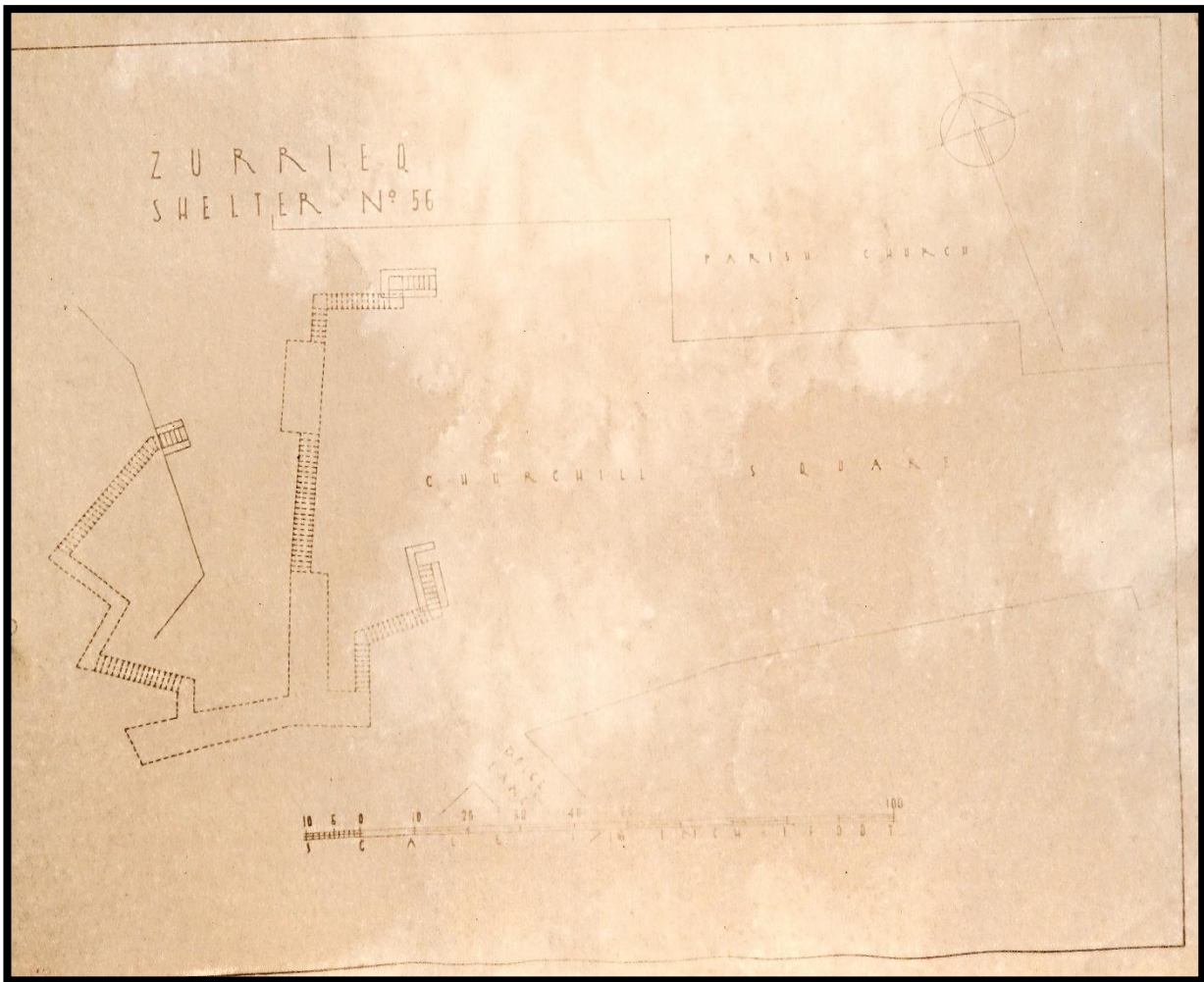


Fig.304 Planta do Abrigo nº56 "Churchill Square"
* Corresponde ao nº22 da Lista de Žurrieq

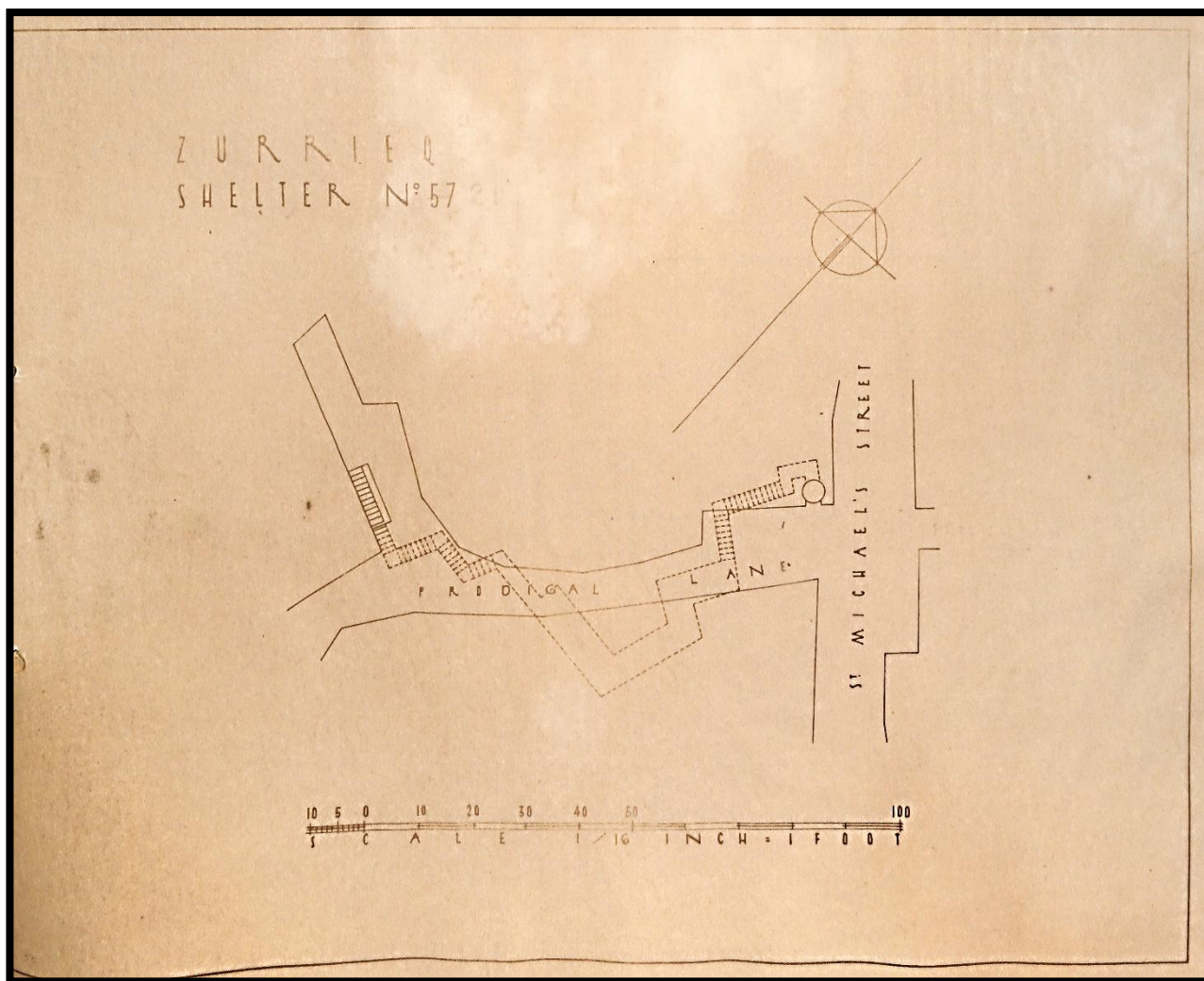


Fig.305 Planta do Abrigo nº57 "Prodigal Lane" – St. Michael Street"

* Corresponde ao nº52 da Lista de Žurrieq

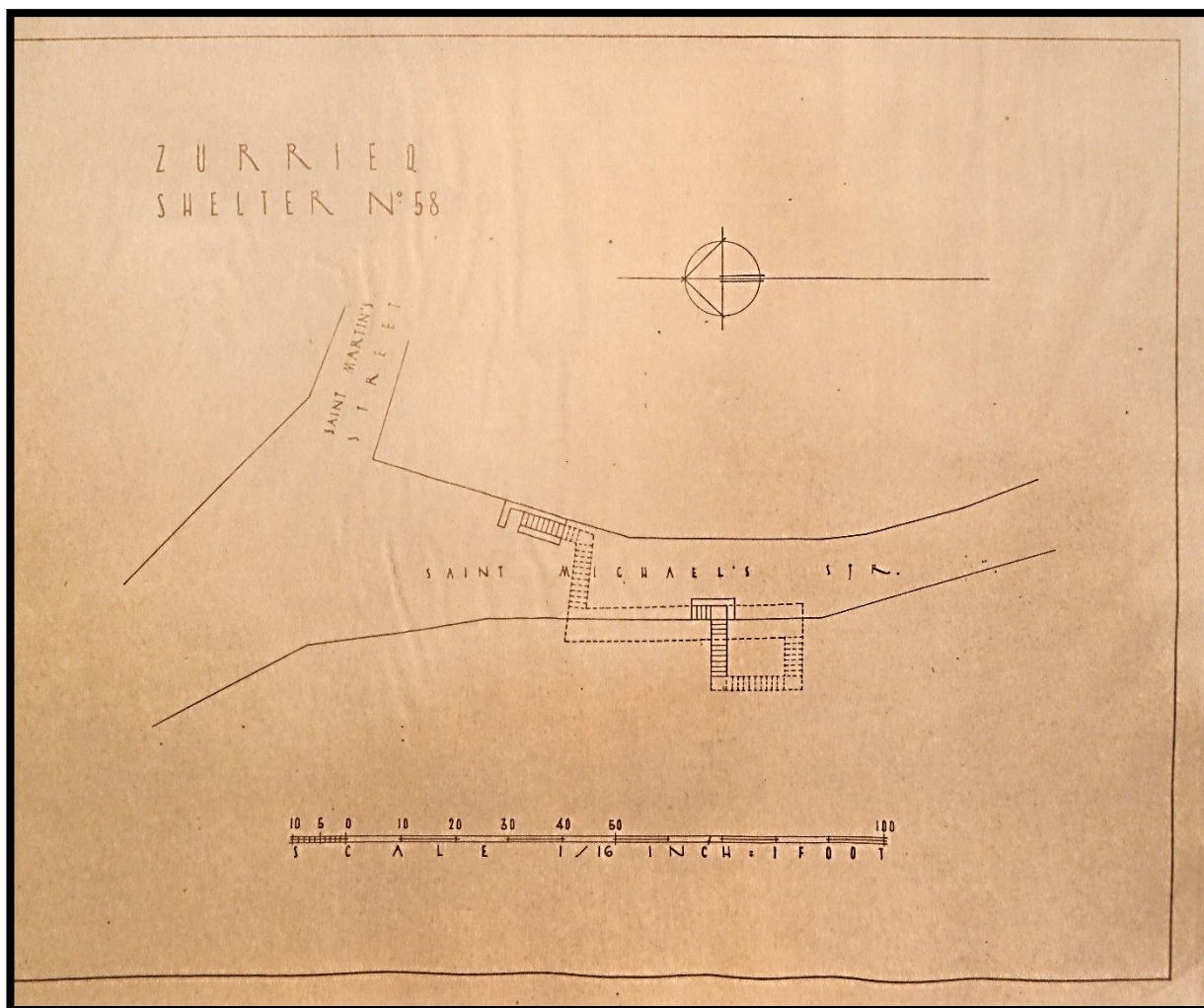


Fig.306 Planta do Abrigo nº58 "Saint Martin's Street -Saint Michael's Str.***"
 *Corresponde ao nº19 da Lista de Żurrieq

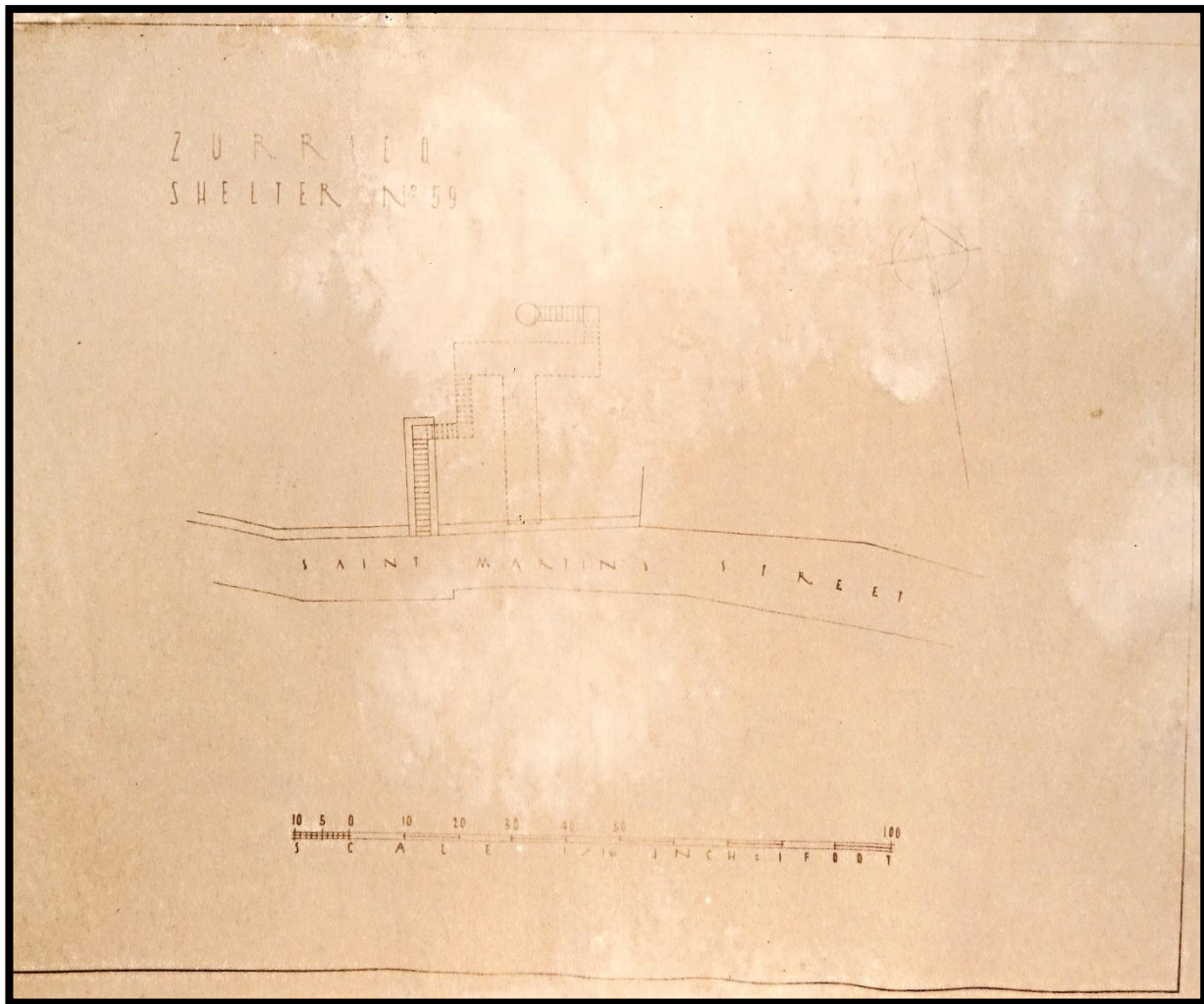


Fig.307 Planta do Abrigo nº59 "Saint Martin's Street"

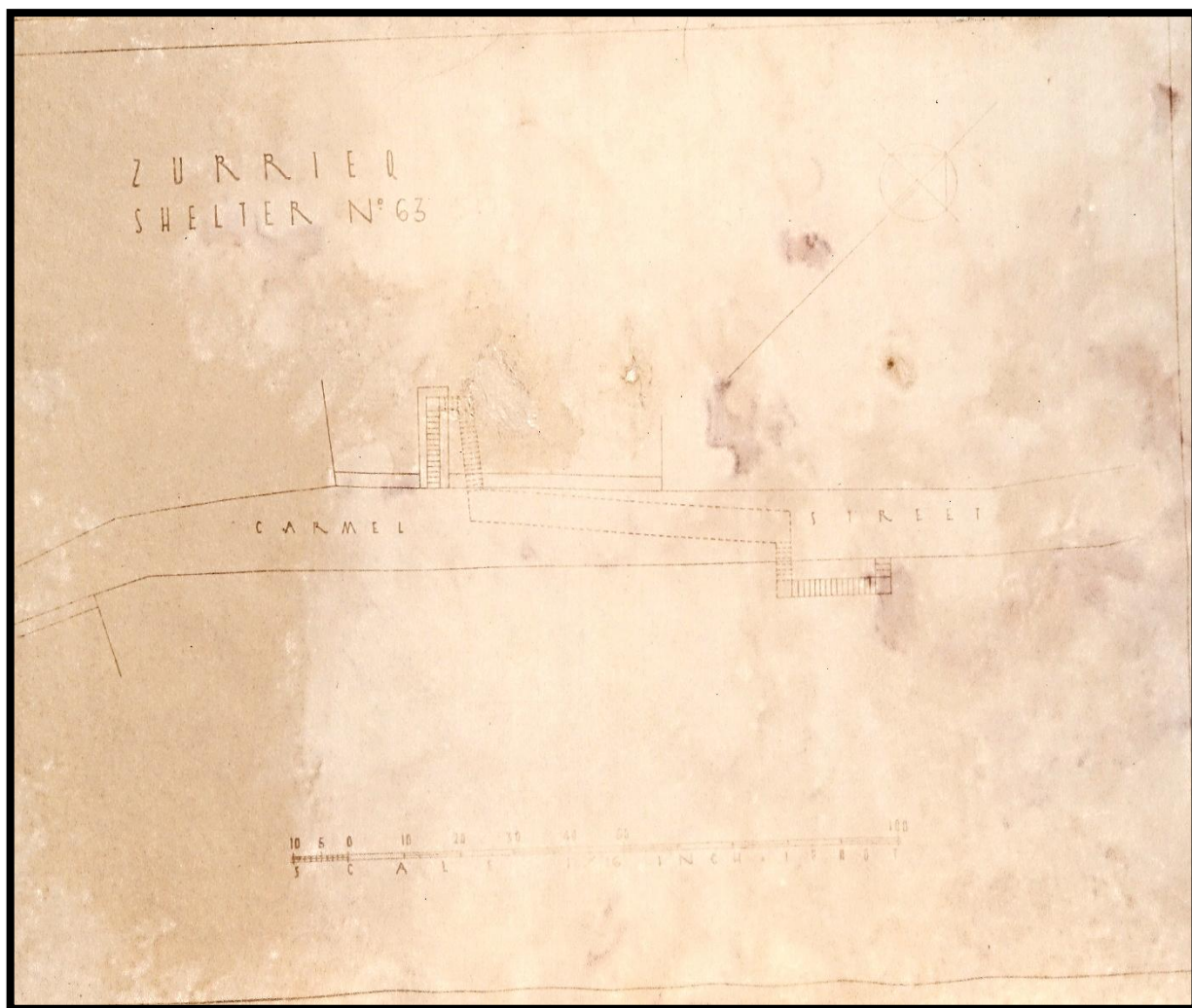


Fig.308 Planta do Abrigo nº63 "Carmel Street"

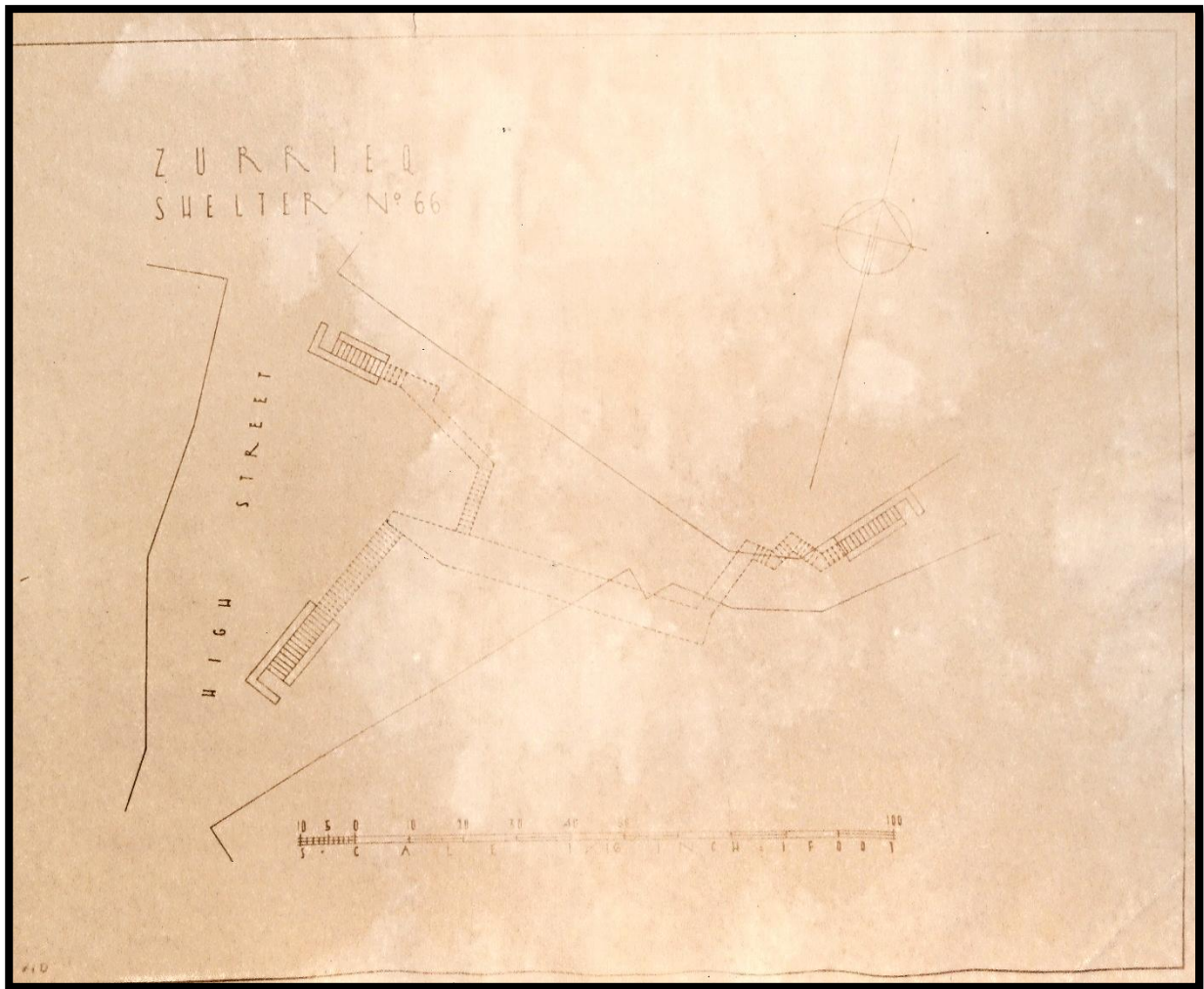


Fig.309 Planta do Abrigo nº66 "High Street"

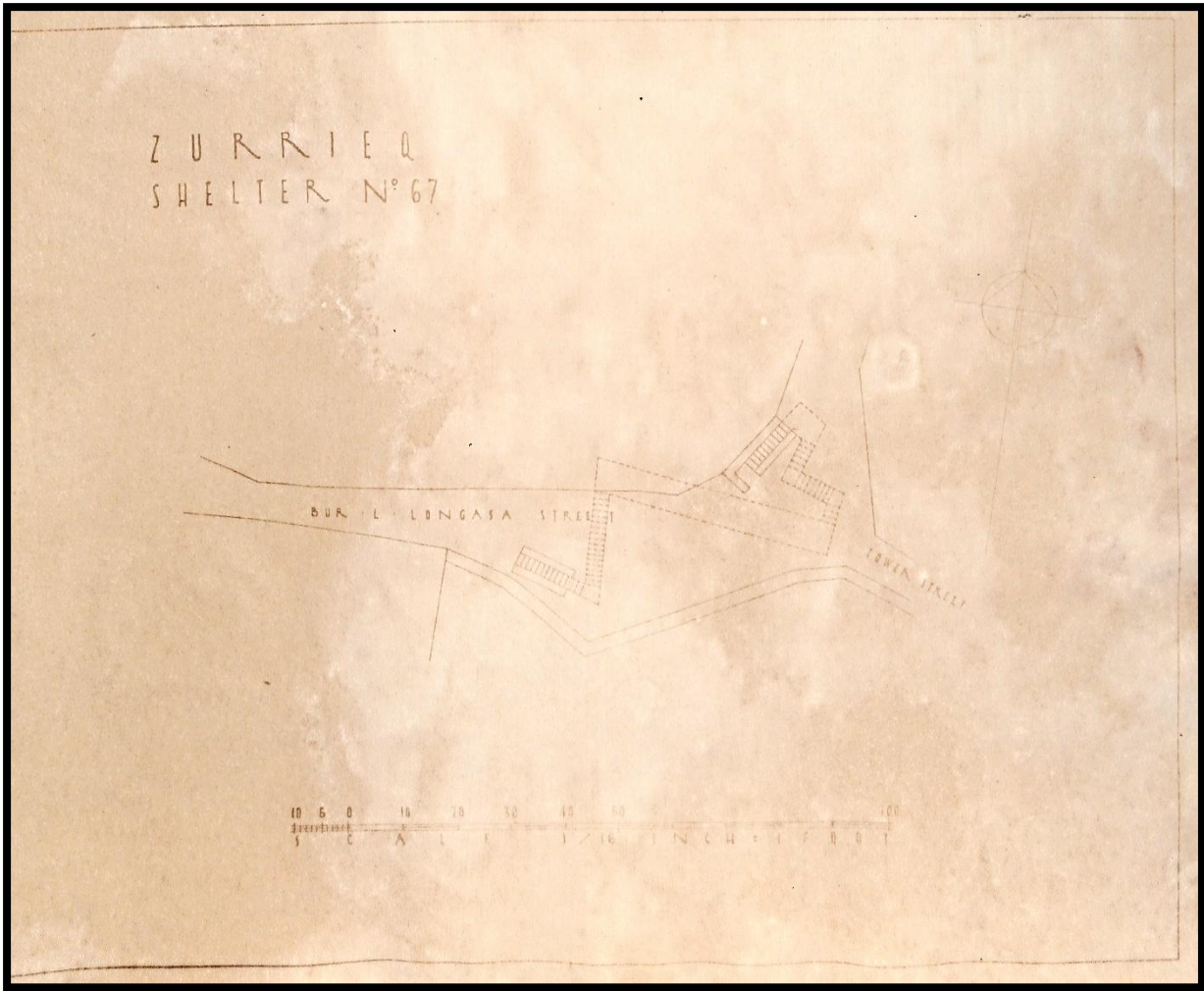


Fig.310 Planta do Abrigo nº67 "Bur IL Longasa Street* – Tower Street"
*Corresponde ao nº28 da Lista de Žurrieq

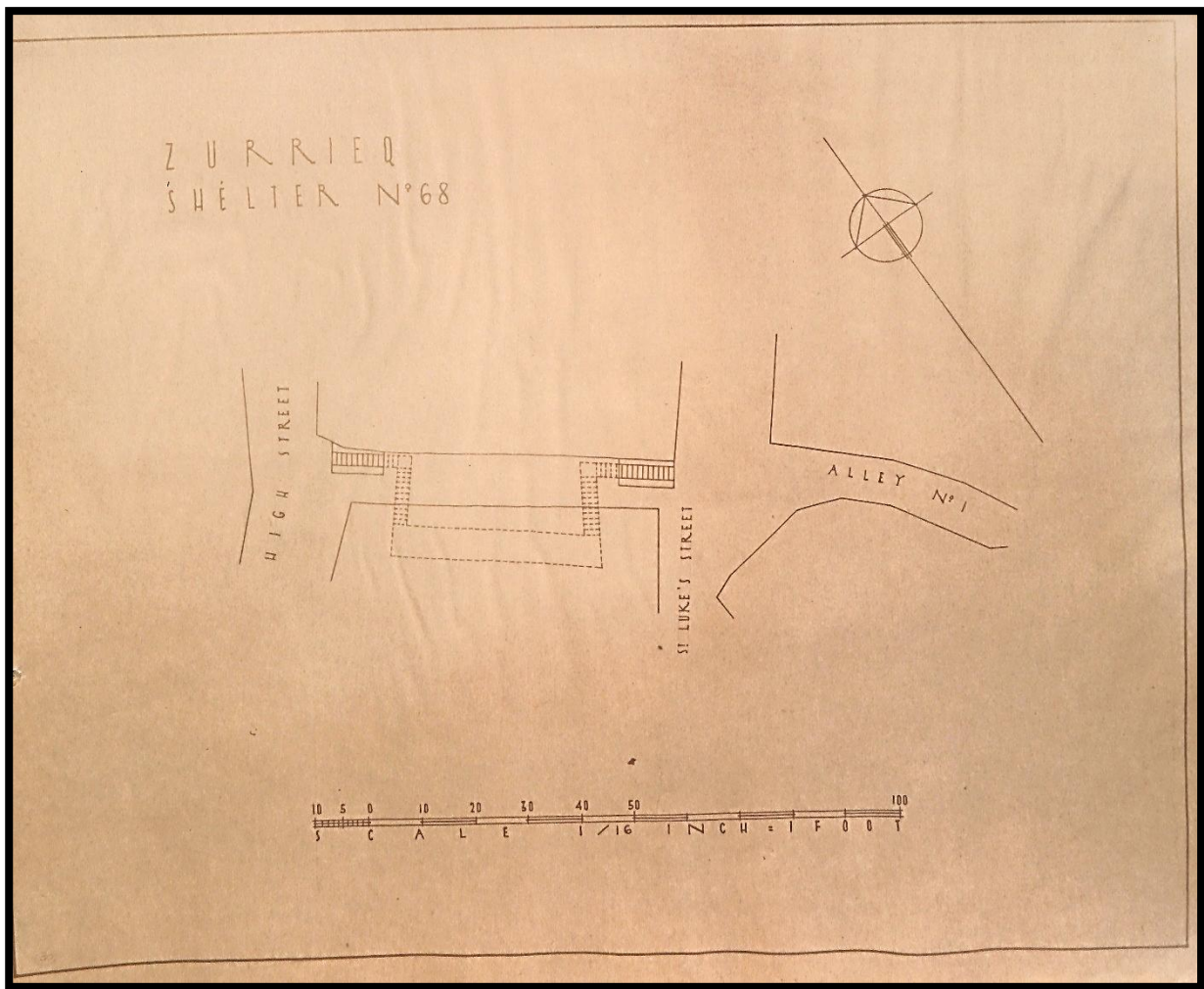


Fig.311 Planta do Abrigo nº68 "High Street – St. Luke's Street* – Alley nº1"
* Corresponde ao nº27 da Lista de Żurriq

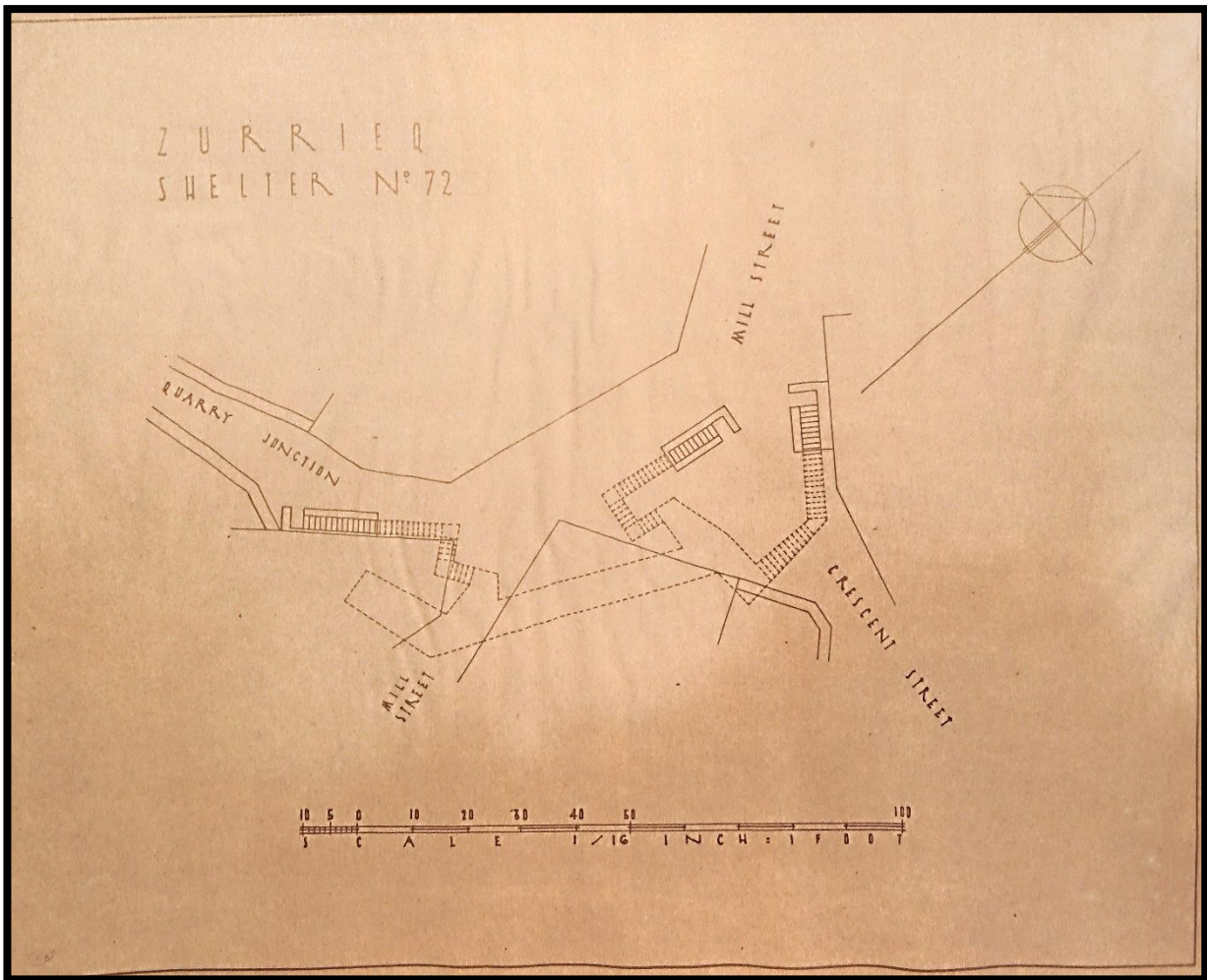


Fig.312 Planta do Abrigo nº72 "Ruarry Junction – Mill Street* – Crescent Street."
* Corresponde ao nº31 da Lista de Zurrieq

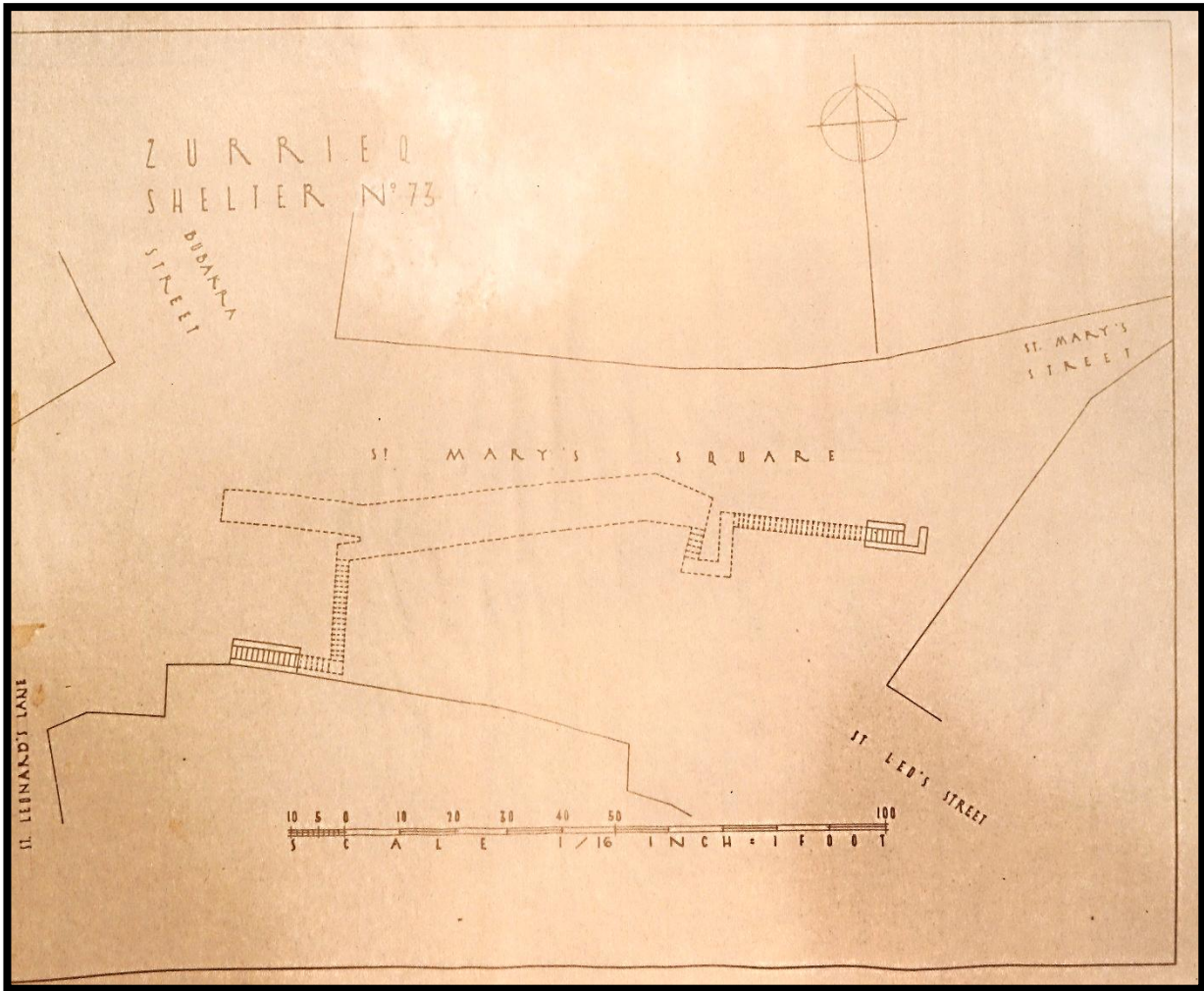


Fig.313 Planta do Abrigo nº73 "St. Mary's Square* – Bubakra Street – St. Leo's Street – St. Leonard's Lane."
*Corresponde ao nº17 da Lista de Żurrieq

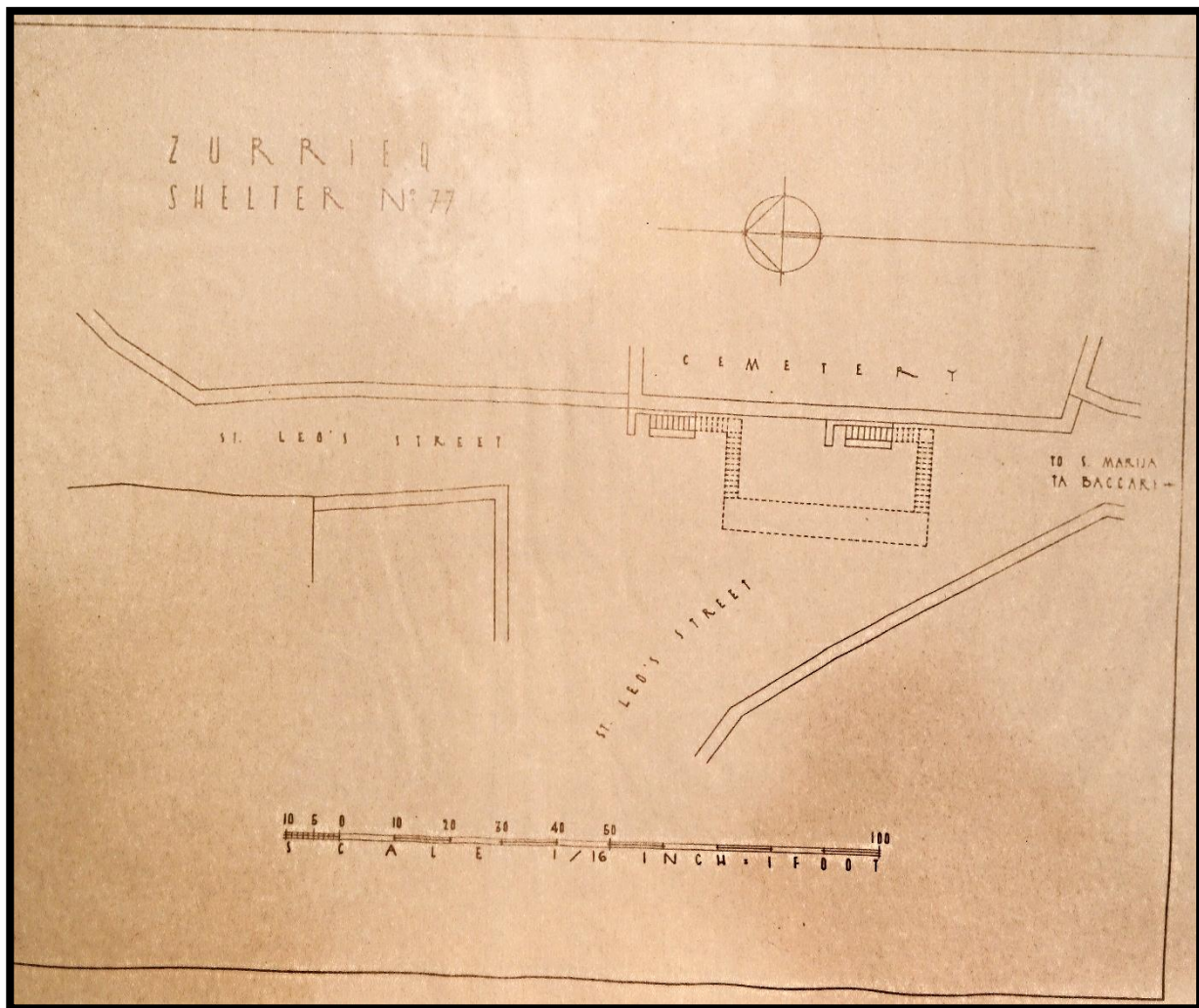


Fig.314 Planta do Abrigo nº77 "St. Leo's Street* – To S. Marija Ta Baccari"
* Corresponde ao nº16 da Lista de Żurrieq

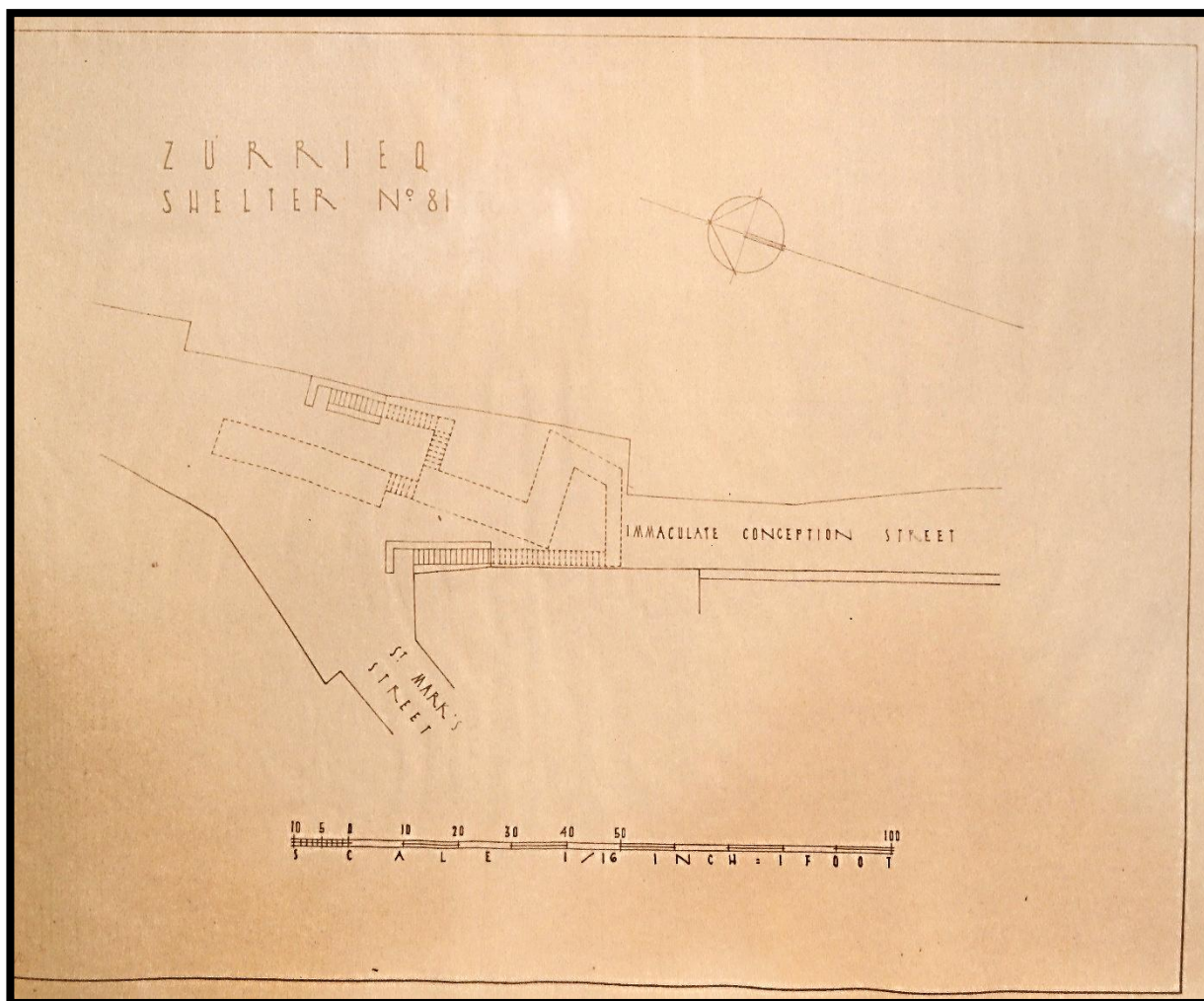


Fig.315 Planta do Abrigo nº81 "St. Mark's Street - Immaculate Conception Street."
* Corresponde ao nº30 da Lista de Zurriego

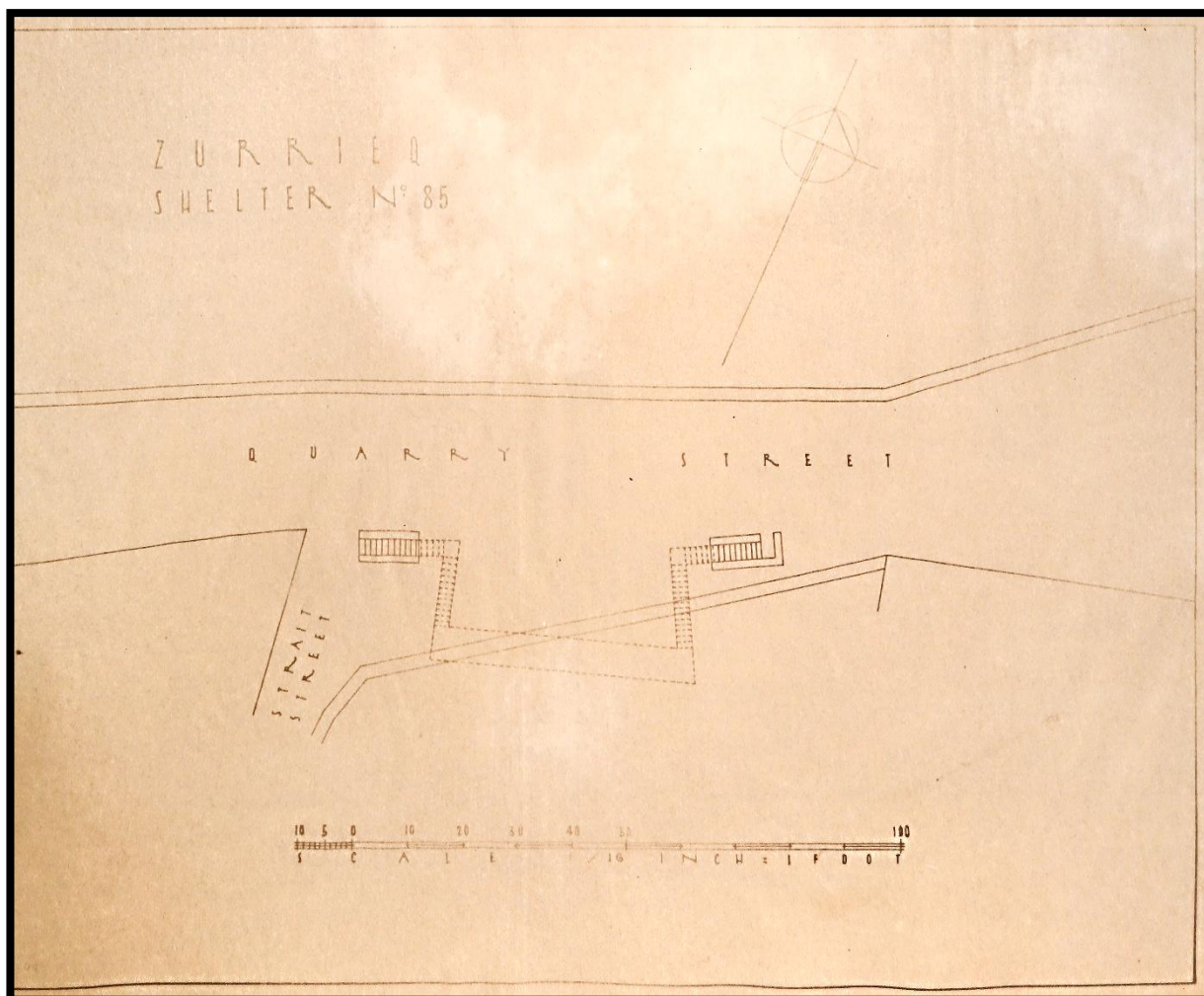


Fig.316 Planta do Abrigo nº85 "Quarry Street"
* Corresponde ao nº32 da Lista de Żurrieq

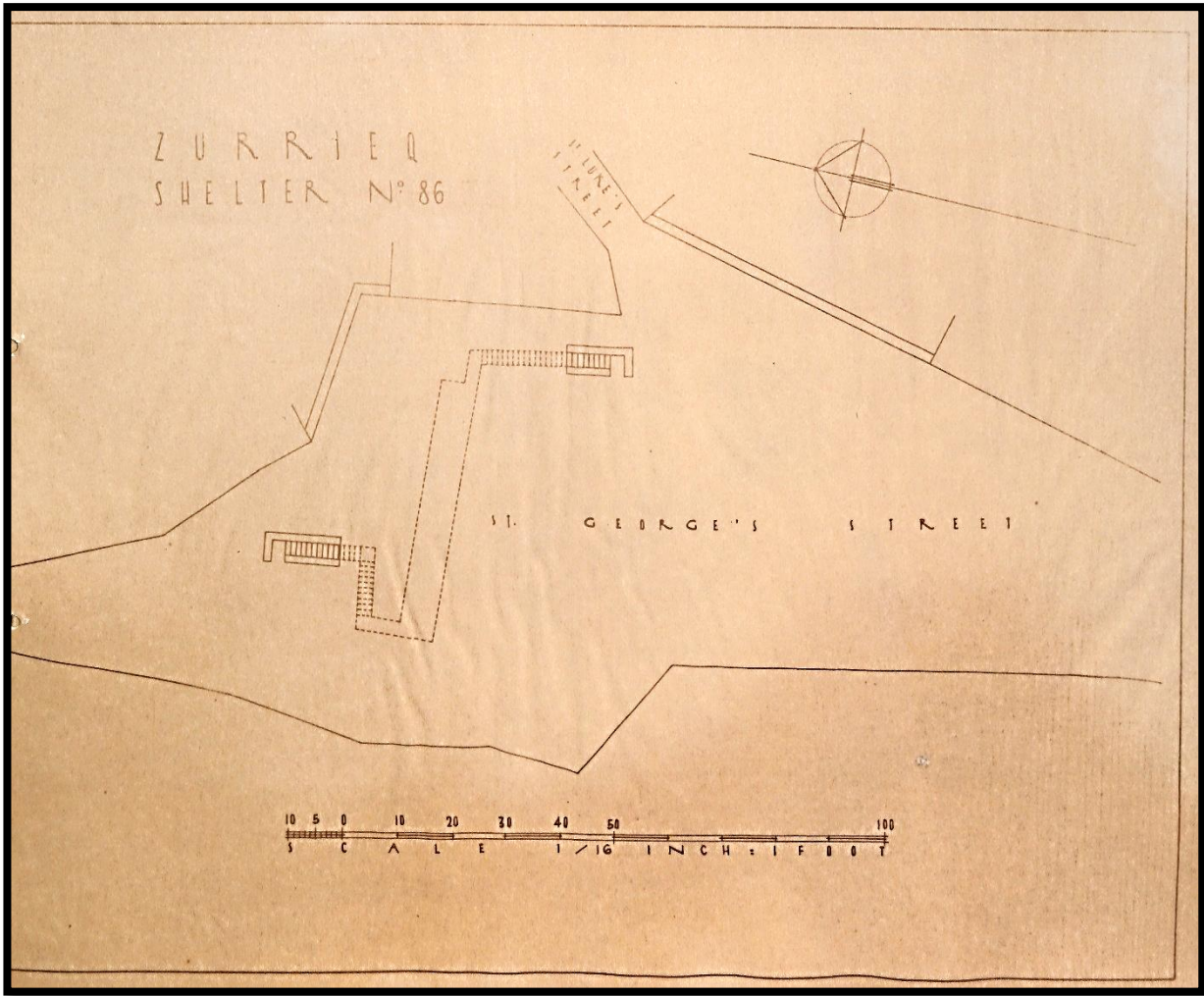


Fig.317 Planta do Abrigo nº86 "St. George's Street – St. Luke's Street."
* Corresponde ao nº33 da Lista de Żurrieq



Fig.318 Planta do Abrigo nº16 "St. Bartholomew's Street – St. Leonard's Lane" (Close to St. Bartholomew's Chapel)

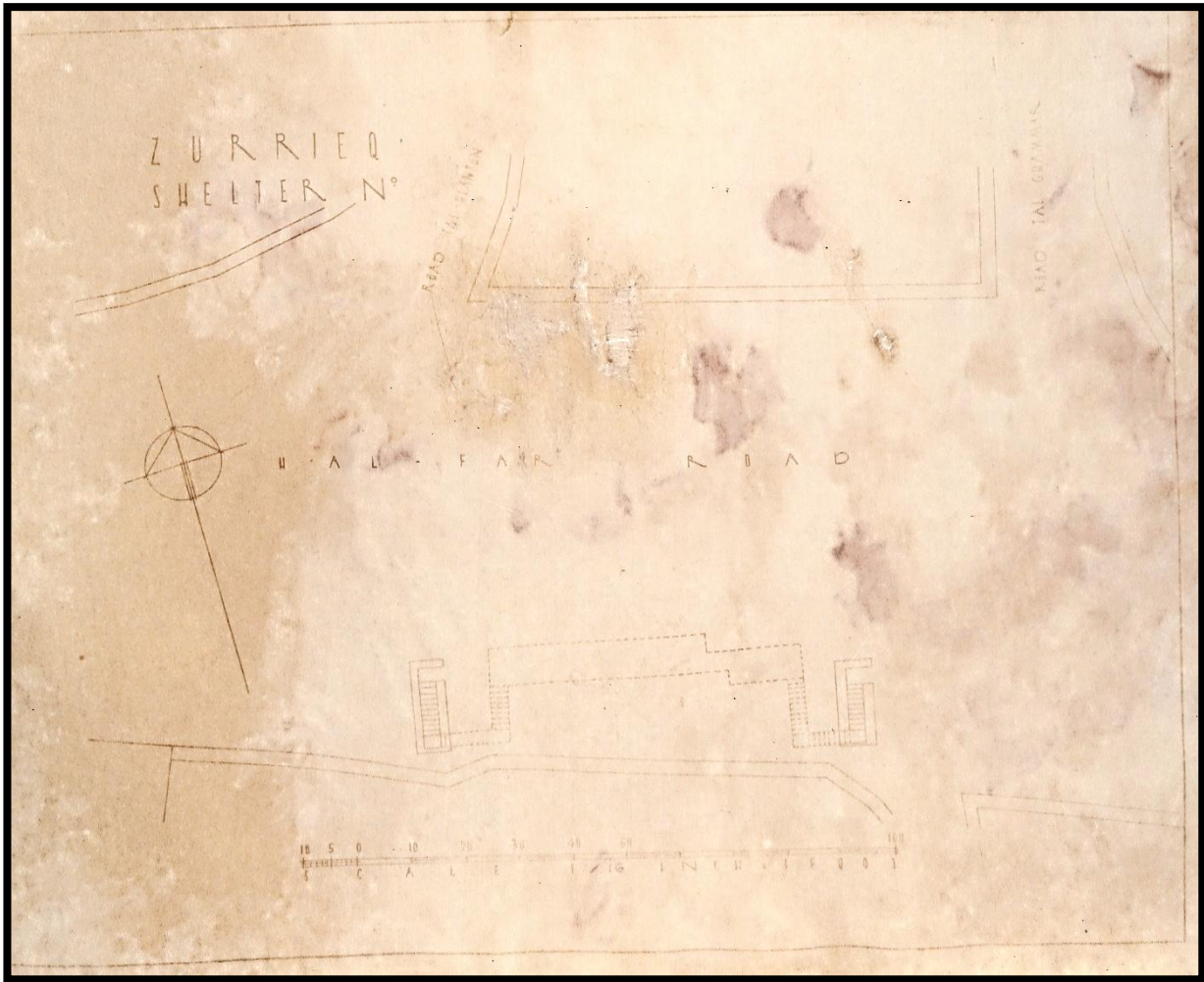


Fig.319 Planta do Abrigo "Road Tal-Hanium* – Hal -Far – Road"
* Corresponde ao nº45 da Lista de Żurrieq

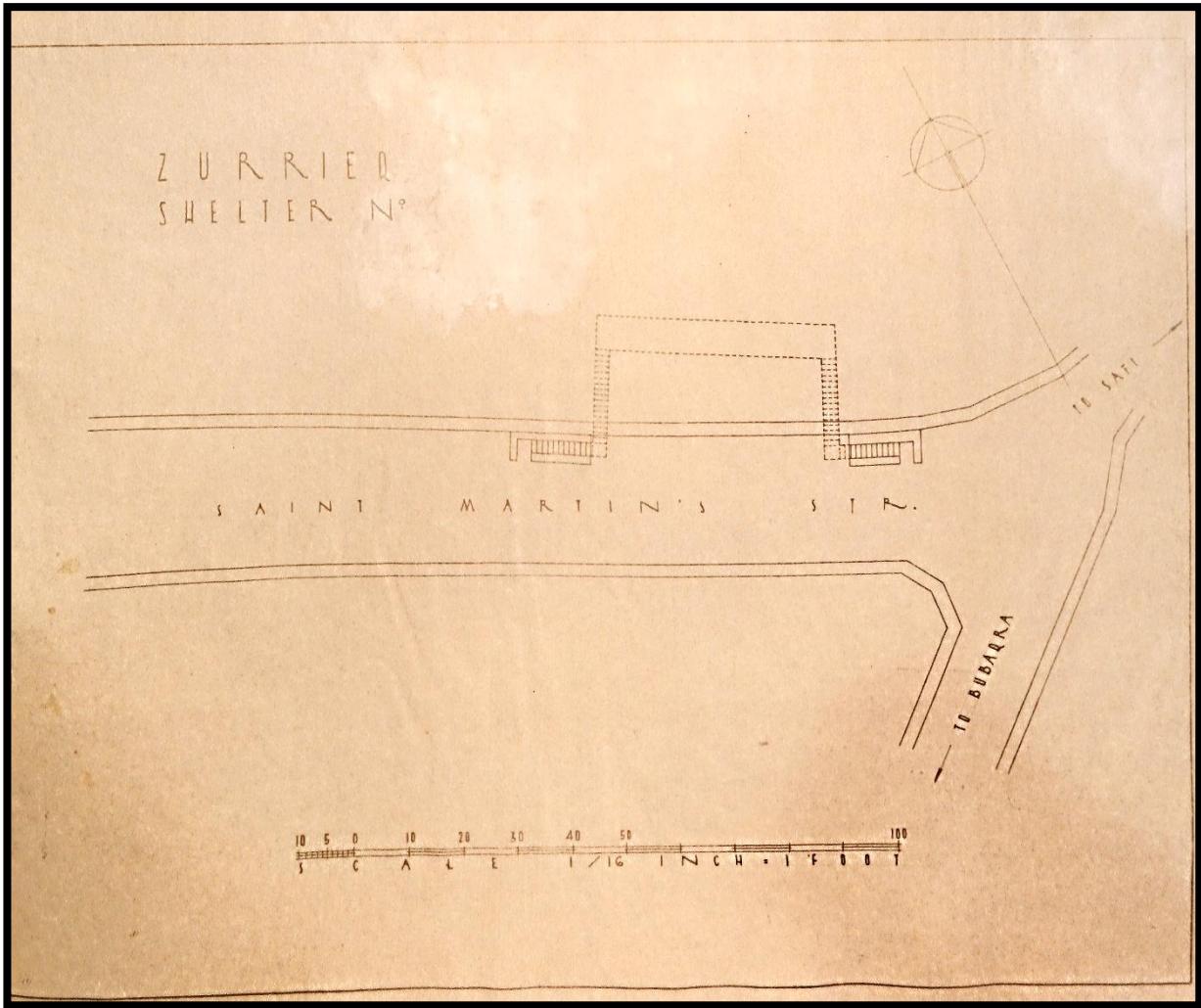


Fig.320 Planta do Abrigo nº45 "Saint Martin's Str. – To Safi – To Bubaqra"

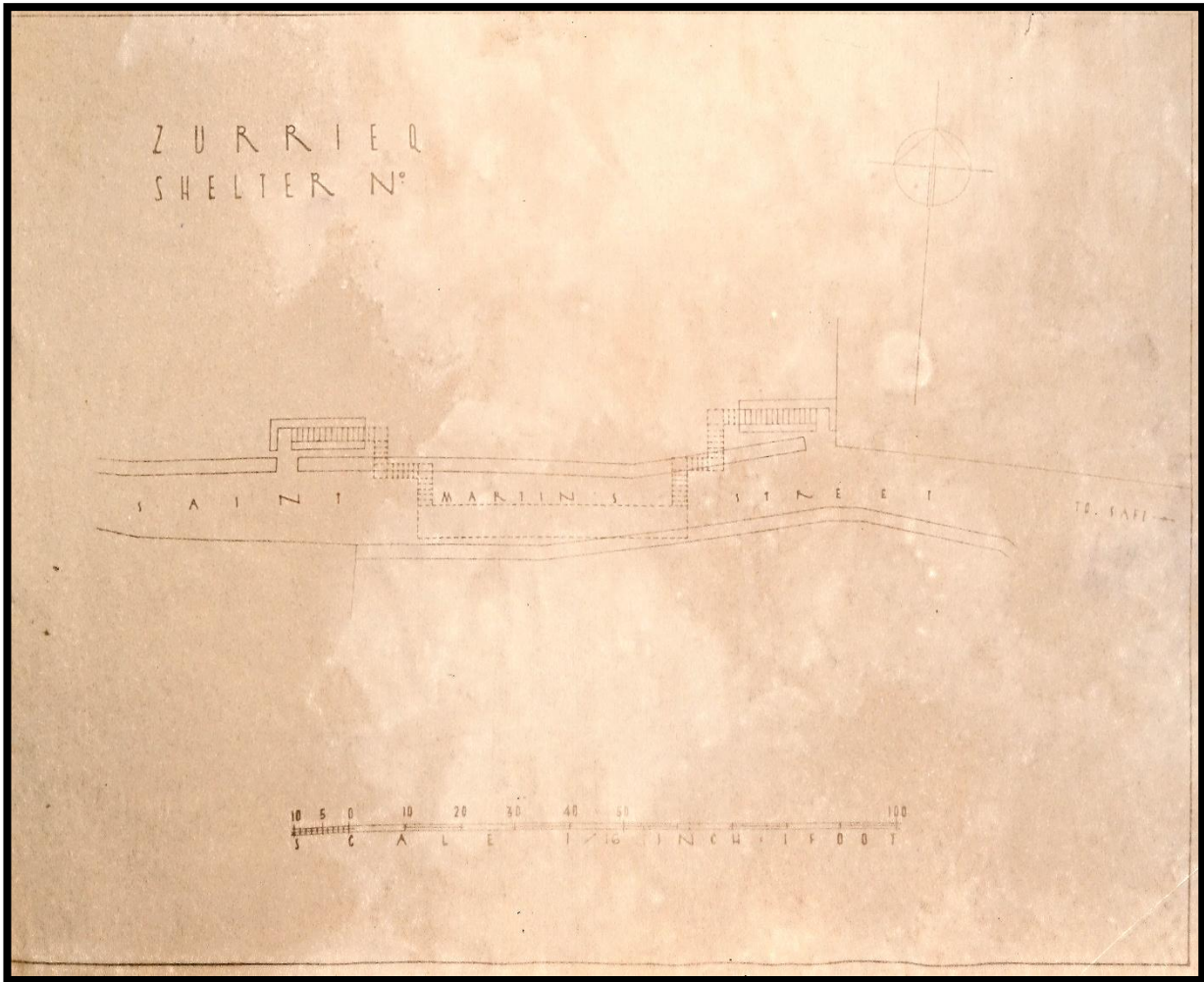


Fig.321 Planta do Abrigo "Saint Martin's Street – To Safi"

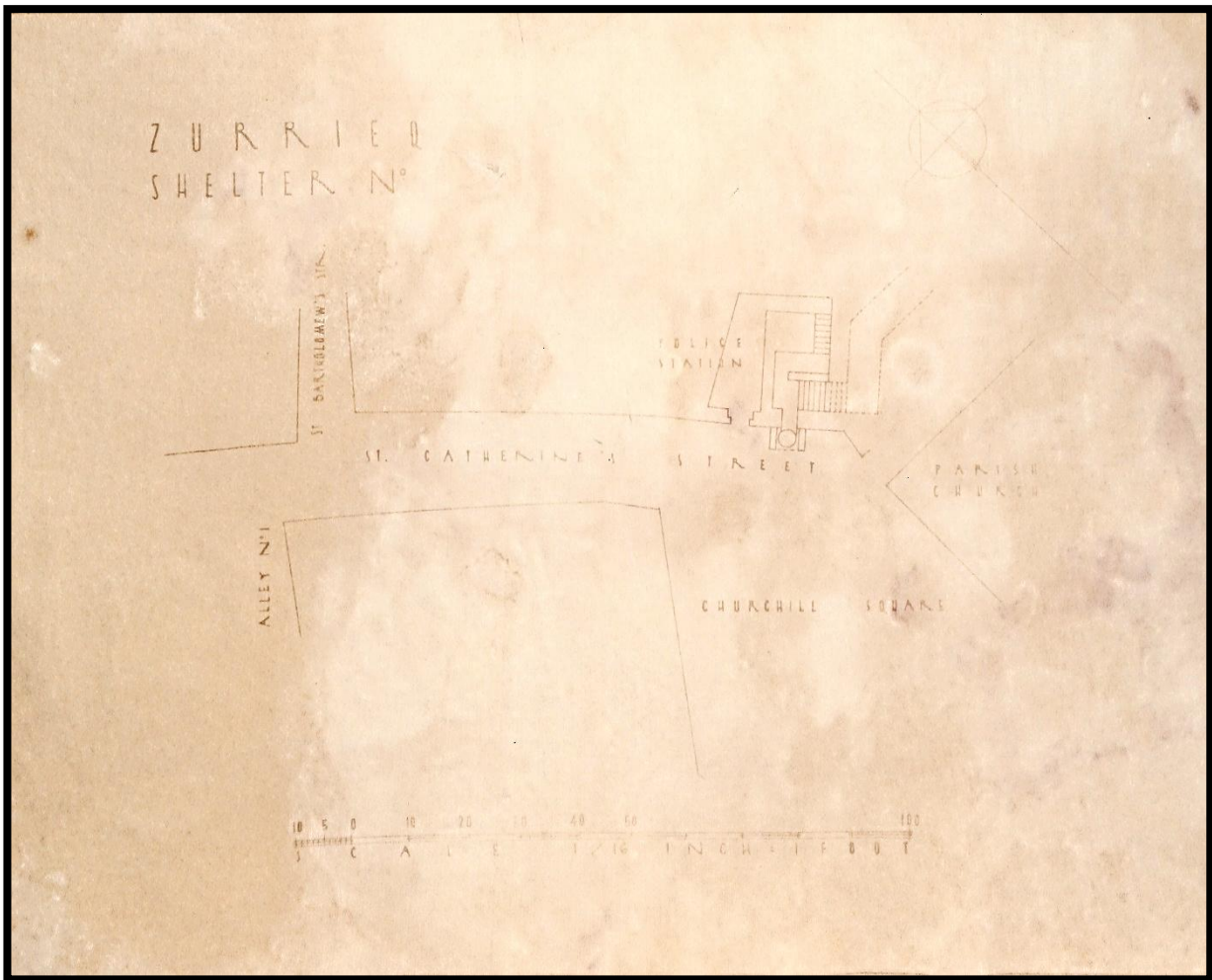


Fig.322 Planta do Abrigo "Alley nº1 – St. Bartholomew's Str*. – St. Catherine Street – Churchill Square"
* Corresponde ao nº11 da Lista de Żurrieq

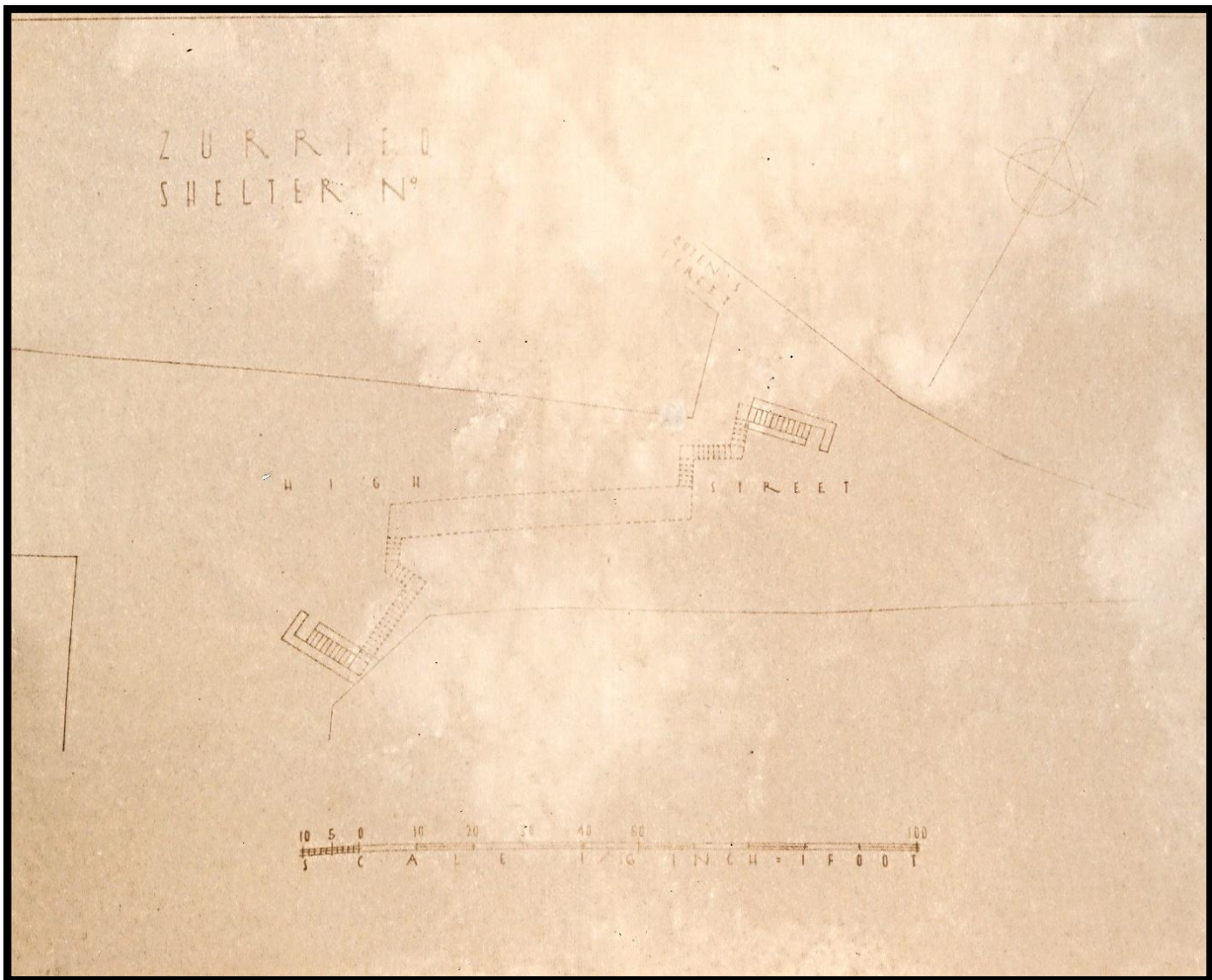


Fig.323 Planta do Abrigo "High Street – Queen's Street"
* Corresponde ao nº42 da Lista de Żurrieq

Planta de Abrigo Particular

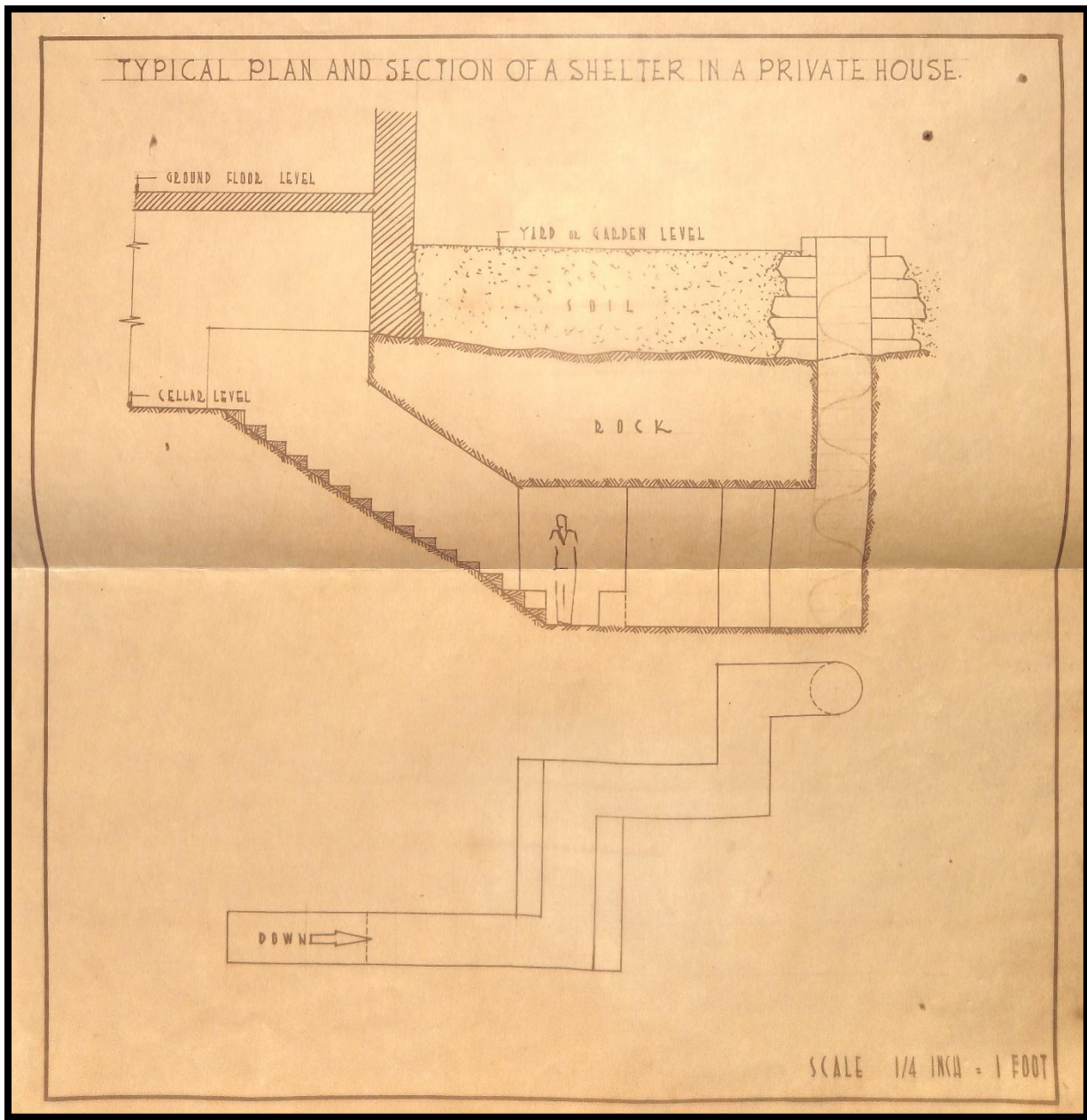


Fig. 324 Planta de um Abrigo Particular
Fonte: National Archives of Malta (NAM)

Apêndice 6 – Desenho gráfico das três cidades – Cospicua, Senglea, Vittoriosa

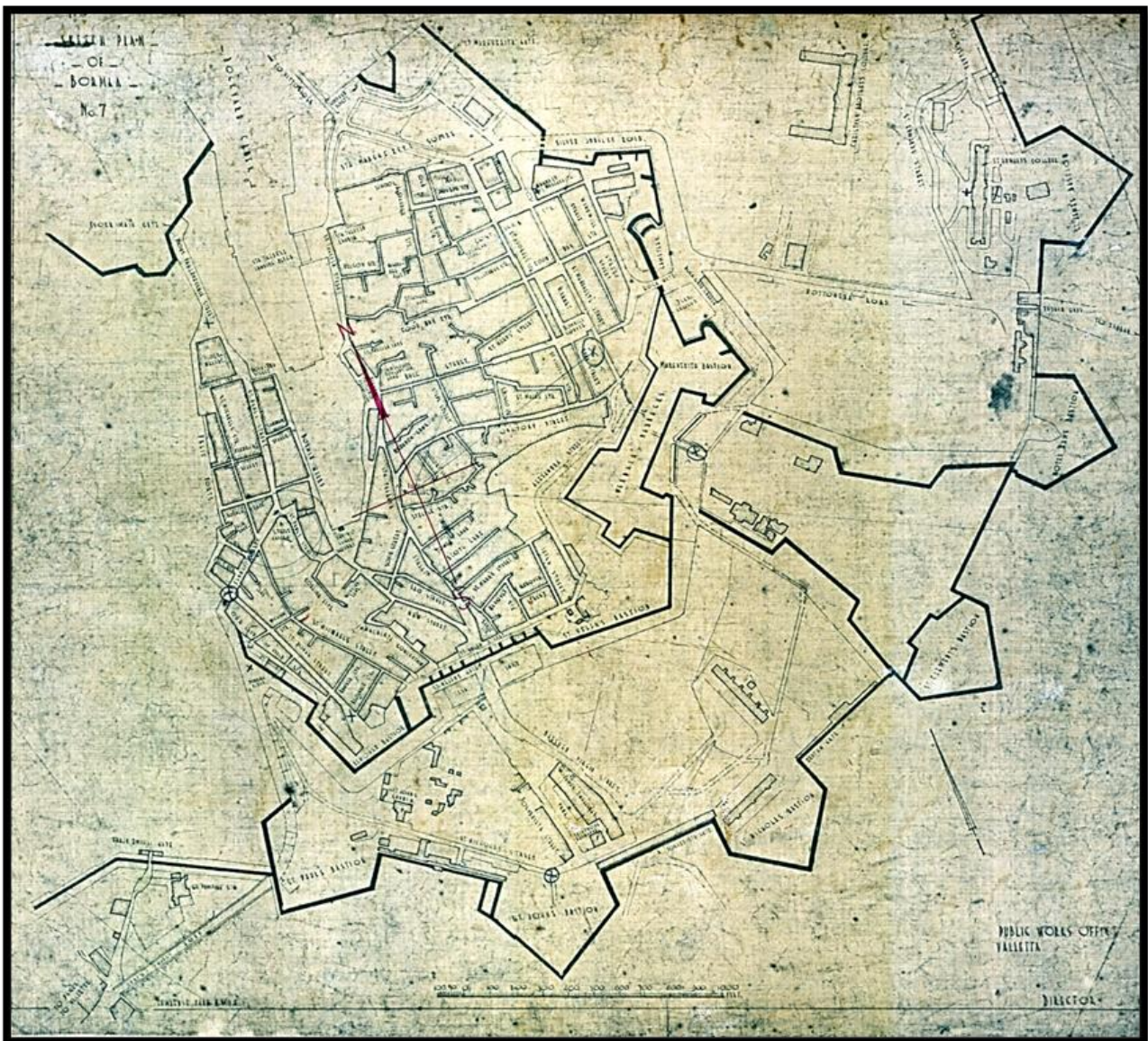


Fig. 325 Planta de Cospicua (Bormla)

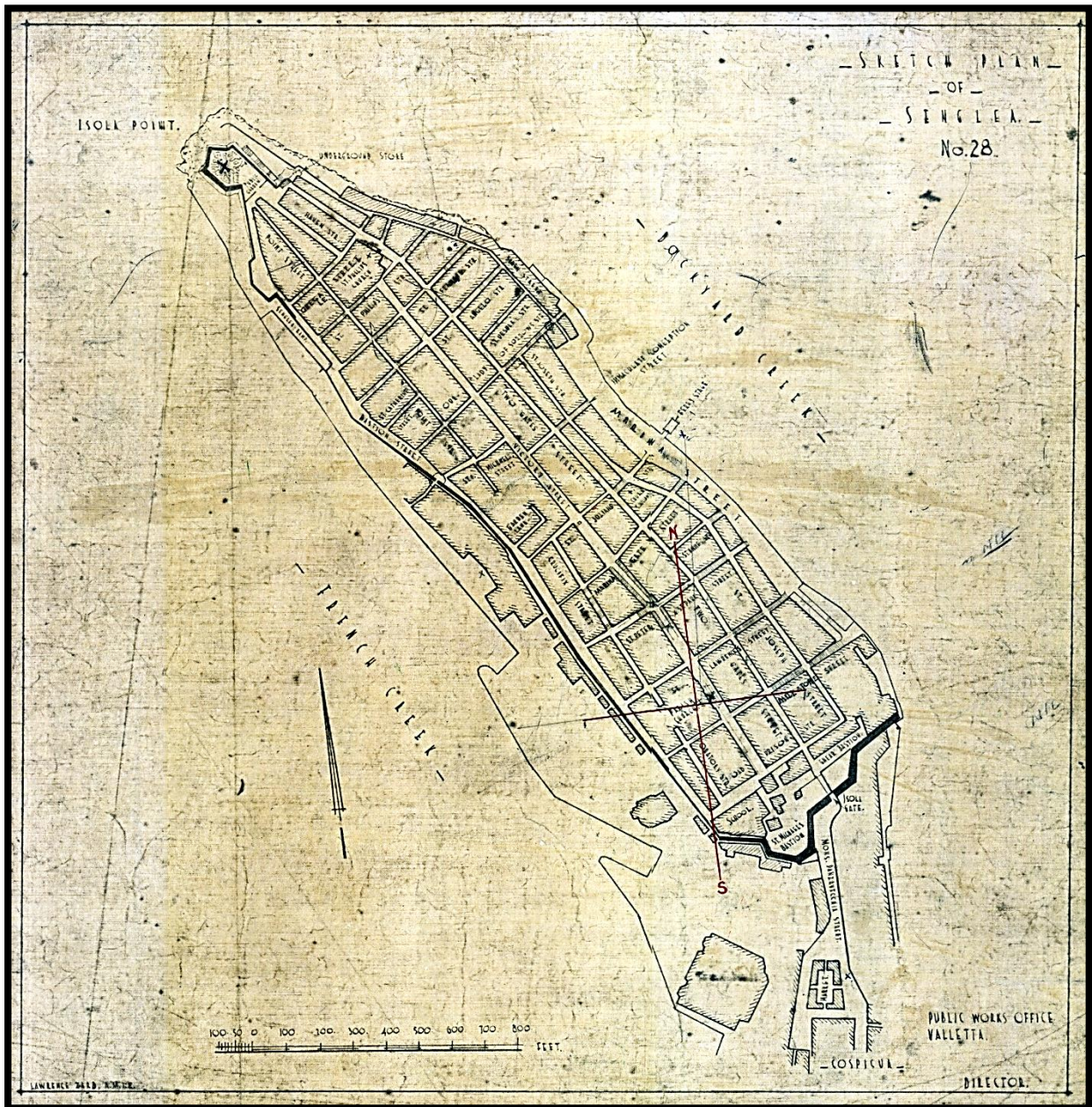


Fig. 326 Planta de Senglea

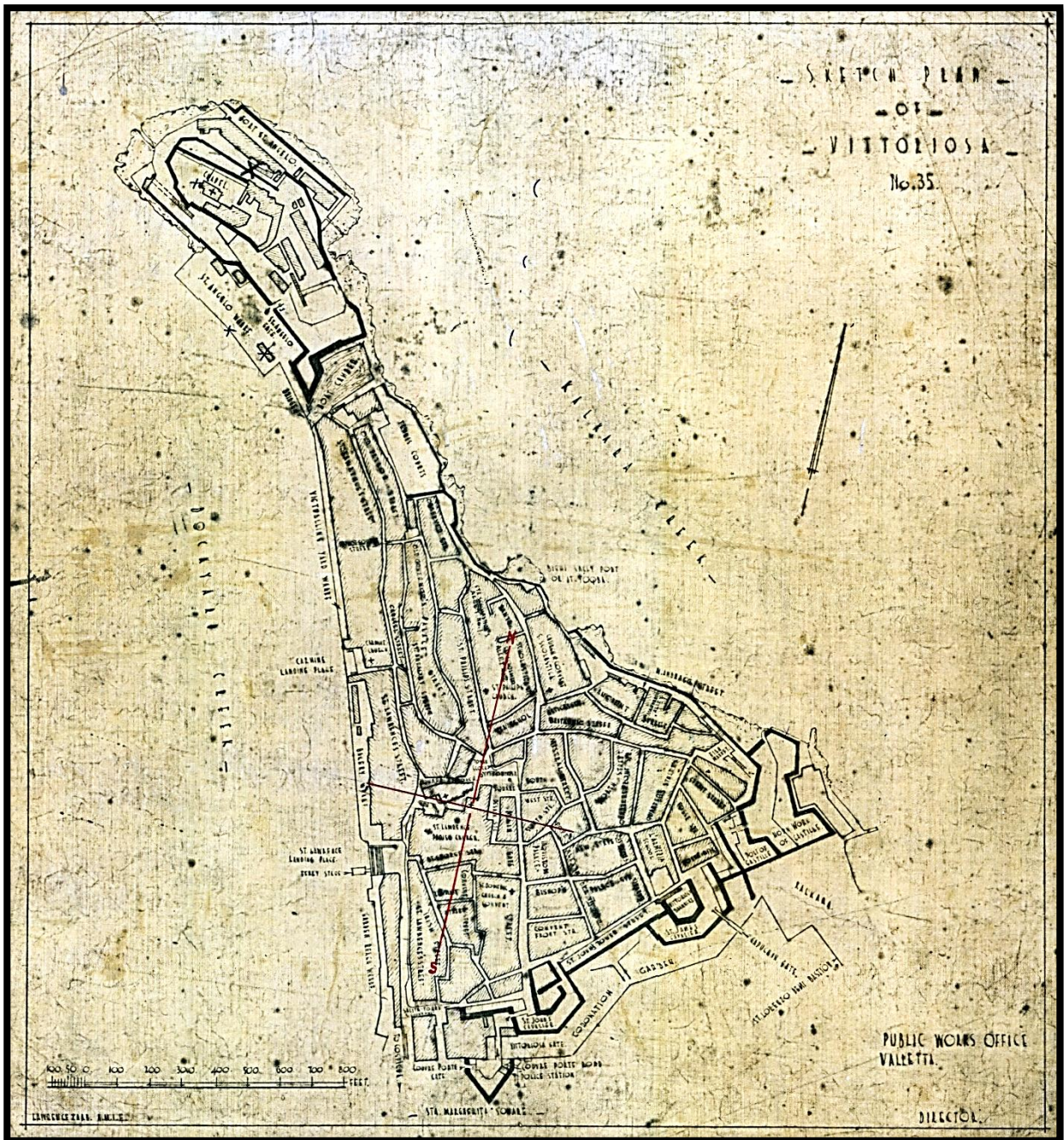


Fig. 327 Planta de Vittoriosa

Apêndice 7 – Estimativa via da documentação: Gráficos dos bombardeios durante o período de 1940 – 1942

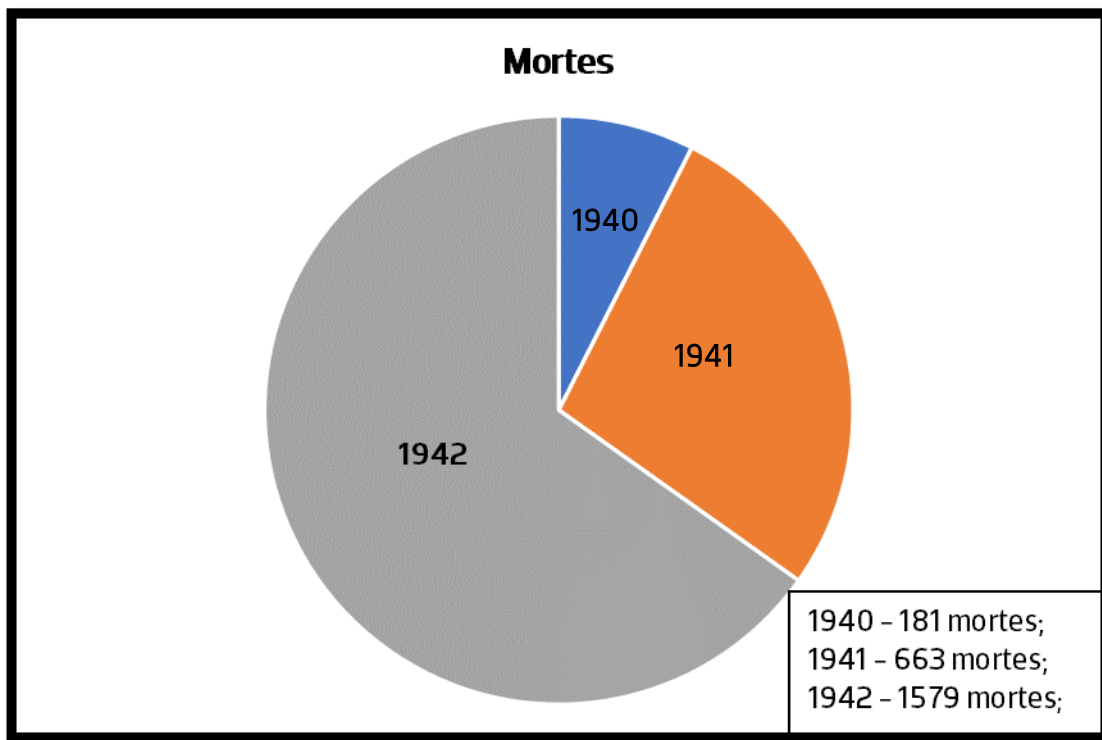


Gráfico 1 – O número de mortes durante 1940 – 1942

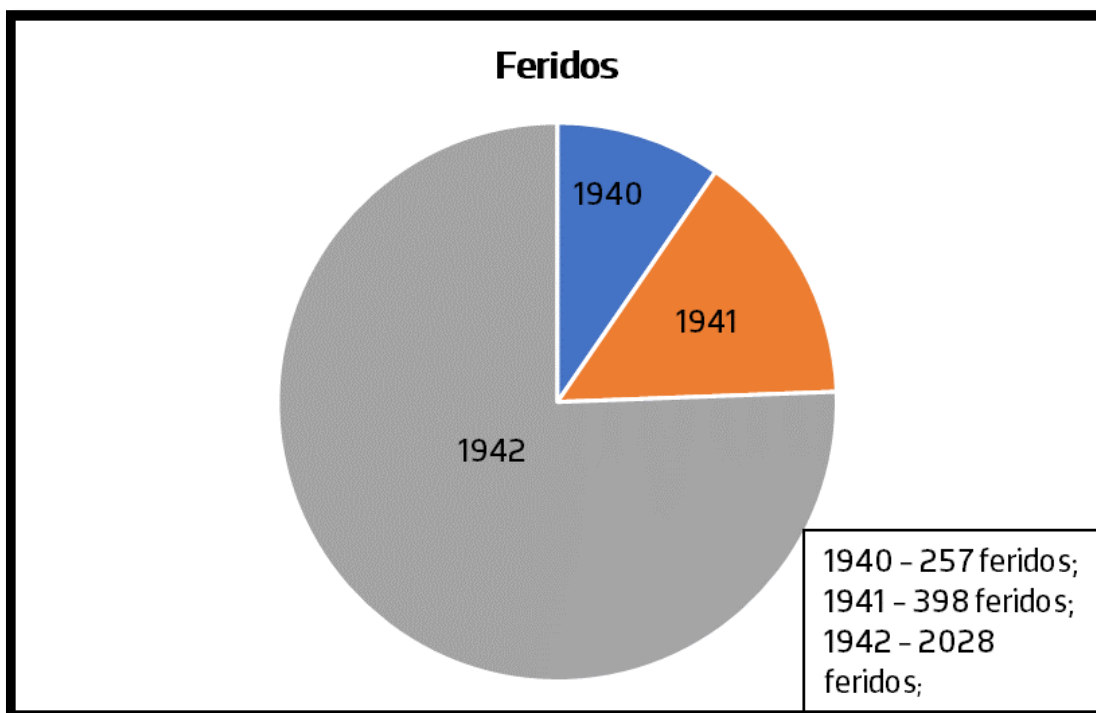


Gráfico 2 – O número de feridos durante 1940 – 1942

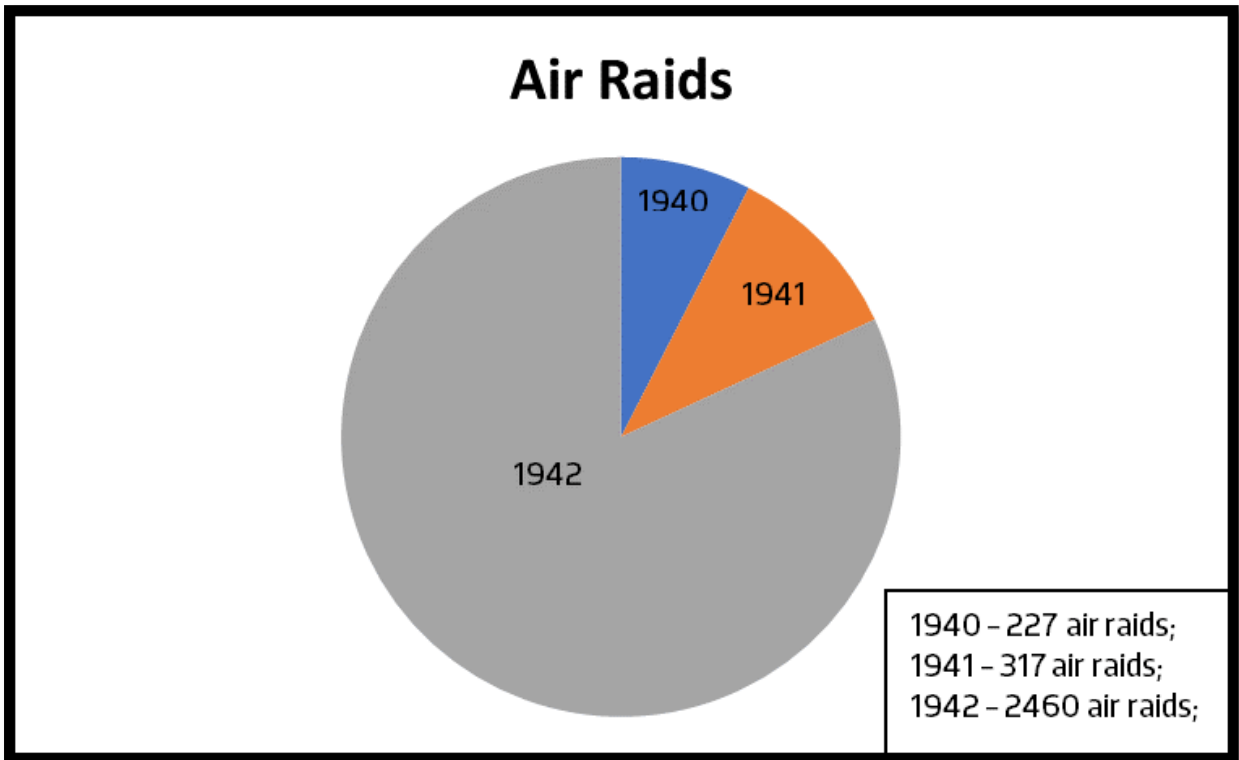


Gráfico 3 – O número de ataques aéreos (Air Raids) que Malta sofreu de 1940 – 1942

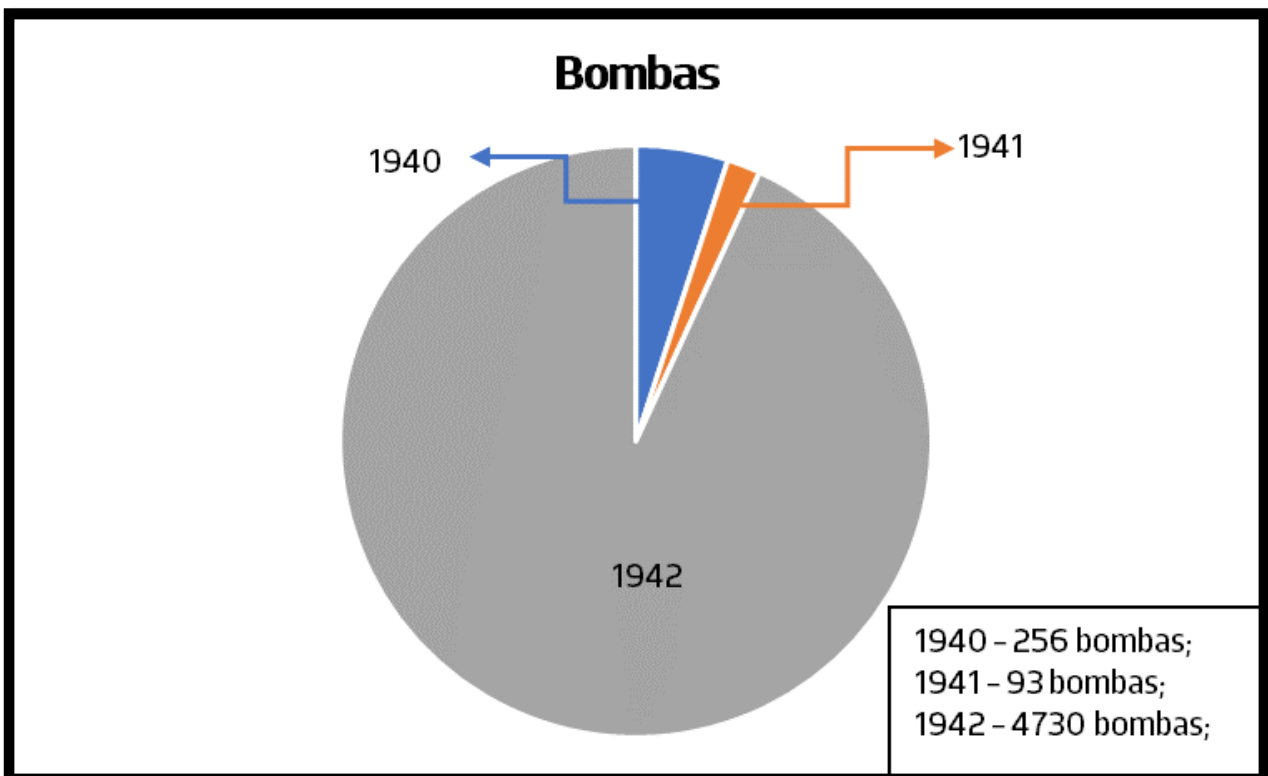


Gráfico 4 – O número de bombas (contabilizadas na documentação) que caíram em Malta entre 1940-1942

Apêndice 8 – Centro de Operações durante 2º Guerra Mundial – Malta



Fig. 328 Entrada para o Centro de Operações.
Foto: Joan Camilleri

Fig. 329 Camaratas onde os soldados ficavam a descansar, geralmente ficavam 6 soldados a descansar e outros 6 de serviço, podiam ter turnos de 8h a 12h, as camas dava para 3 soldados dormirem. Os que se encontravam a descansar, caso houvesse uma invasão eram os primeiros a defender o local.
Foto: Joan Camilleri





Fig. 330 Túneis de acesso para a Sala de Operações (São os novos túneis que tiveram de fazer durante a 2ª Guerra Mundial).

Foto: Joan Camilleri



Fig. 331 Centro/Sala de operações usado na 2ª Guerra Mundial; Esta sala foi usada mais durante a Guerra Fria.
Foto: Joan Camilleri



Fig. 332 Centro/Sala de operações usado na 2ª Guerra Mundial; esta sala foi usada mais durante a Guerra Fria. (Visão de cima). A sala tem a cor azul pelo significado de Malta ser uma ilha e por ser uma cor calma, foi usado esta cor com o intuito de manter a calma durante um período conturbado em que se encontravam com muita tensão psicológica. O mapa foi pintado depois do fim da 2ª Guerra Mundial.
Foto: Joan Camilleri



Fig. 333 Sala de Operações: Esta Sala fazia parte do Sistema de Controle das Aeronaves, verificavam todas as informações relativas as aeronaves que chegavam próximas à ilha, maior parte dessas informações era recebidas pelos telefones das estações de radar, do serviço de escuta rádio e dos postos de observação visual antes de chegar à Sala de Operações de Setor. O radar de Malta poderia detetar aeronaves a 20 mil pés num raio de 65 a 75 milhas. Esses sinais normalmente eram convertidos em referências de grade e encaminhados para a Sala. À medida que as parcelas aumentavam, uma trilha se formaria mostrando a direção geral da aeronave. Uma placa magnética foi utilizada para mostrar a posição, número e altura da aeronave. As pistas foram identificadas individualmente e rotuladas como 'F' para 'amigável' e 'H' para 'hostil' e 'X' para 'hostil não identificado'. A partir da velocidade de uma pista, pode-se deduzir se as aeronaves eram bombardeiros ou caças. As estações de radar foram identificadas por uma cor diferente.

Foto: Joan Camilleri



Fig. 334 Sala de Operações Legenda: 1- Central de telefone vinculado às estações de radar da RAF; 2 – Quadro de Movimentos Amigáveis das Aeronaves; 3 – Plataforma de Comando ocupada por um Oficial; 4 – Mesa de plotagem; 5 – Quadro de Manutenção de Estações de Radar; 6 – Local de escuta da rádio; 7 – Mesa de estratégia militar; 8 – Relógio da Sala de Operações com segmentos coloridos usados como referência de tempo; 9 – Quadro de avisos para exposição de ordens permanentes e efetivas; 10 – Mapa do Departamento de Guerra de Malta em escala de 2 polegadas a 1 milha; 11 – O relógio de parede de 30 segundos ou 2 ½ minutos, também conhecido como relógio de pulso, usado para mostrar a hora em que o gráfico foi recebido da estação de radar;
Foto: Joan Camilleri

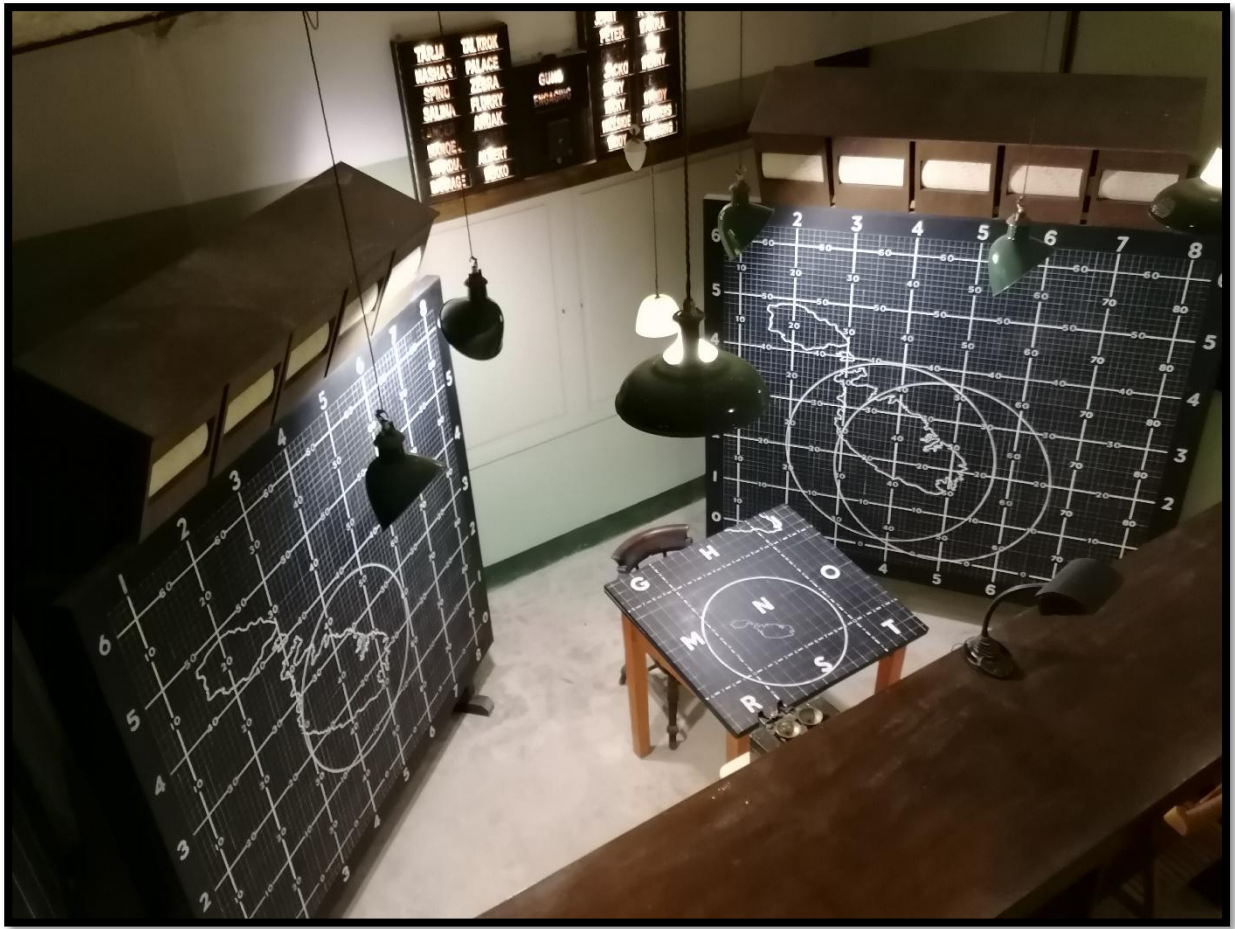


Fig. 335 Sala de Operações de Armas Antiaéreas Sala No. 12

A Sala de Operações de Armas Antiaéreas, comumente conhecida como G.O.R No.12, era operada pela Artilharia Real. Controlava as baterias de canhões antiaéreos e os holofotes e trabalhava em conjunto com a Sala de Operações do Setor da R.A.F como parte do sistema integrado de defesa aérea.

Foto: Joan Camilleri

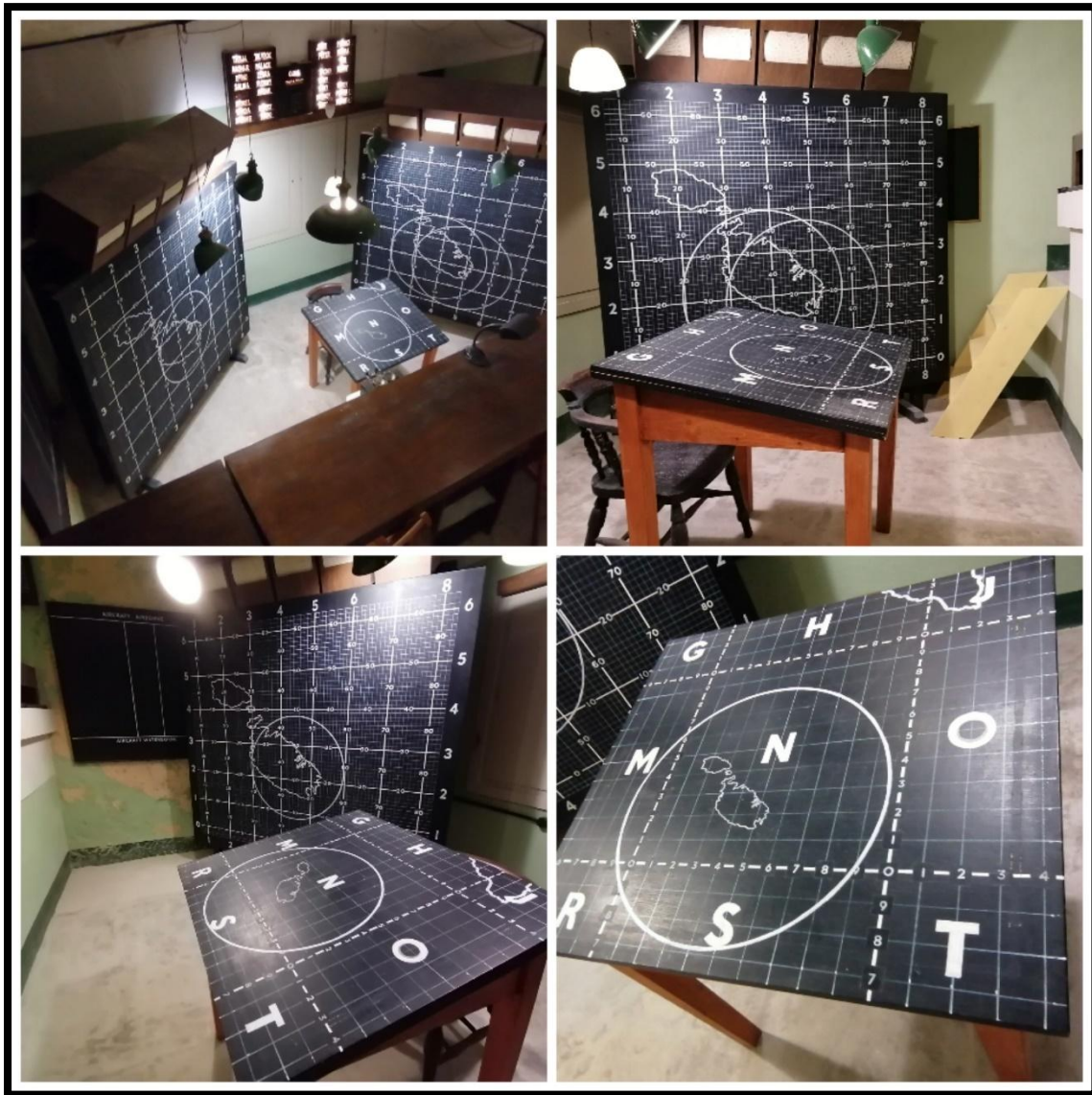


Fig. 336 Sala de Operações

Em meados de 1942, a defesa da artilharia antiaérea da ilha consistia em 112 canhões antiaéreos pesados distribuídos em 29 baterias e 61 holofotes antiaéreos. Além disso, havia cerca de 300 canhões antiaéreos leves.

A Artilharia Real estava equipada com radar móvel *Gun Laying (GL)* capaz de prever o alcance e a direção das aeronaves que se aproximavam e que funcionava de forma independente do radar da R.A.F, que tinha maior alcance. Os conjuntos G.L fornecem informações diretamente ao G.O.R. Esta informação foi corroborada por observadores visuais das baterias de armas que repassaram suas informações por telefone. Os gráficos GL forma traçados nas duas grandes placas verticais. Uma vez verificadas as informações são encaminhadas para o Controle da Sala de Operações do Setor da R.A.F. As informações recebidas da sala de Filtro da R.A.F são visíveis na mesa de controlo.

Foto: Joan Camilleri



Fig. 337 Quadro de Luz Central

Este quadro de luz representa os nomes das baterias individuais de canhões antiaéreos, os locais acendiam consoante acontecia os ataques.

Foto: Joan Camilleri



Fig. 338 Visão dos Comandantes da situação aérea.

O radar de artilharia GL também serviu para cobrir áreas em branco sofridas pelo radar da R.A.F, especialmente em ataques de baixa altitude. Isso permitiu que as estratégias na mesa da R.A.F (na sala de Operações) continuassem quando a Sala de Comunicação da R.A.F fosse perdida. O radar de artilharia GL foi capaz de diferenciar as aeronaves aliadas das aeronaves inimigas, o que foi de grande ajuda e utilidade durante a defesa noturna da ilha.

A parte posterior da sala é ocupada pela plataforma de comando ocupada por oficiais de artilharia e um operador de rádio.

Foto: Joan Camilleri.



Fig. 339 Painel Informativo: 1- Vista da Sala de Operações de Armas (GOR) na época em que era equipada com um Placa de Plotagem de Lançamento de Armas (GL), 1941.; 2- Vista do GOR equipado com duas Tábuas de Plotagem GL, 1942.; 3- Vista da mesa central de plotagem na qual as informações transmitidas da Sala de Filtros foram plotadas.; 4- Vista geral da plataforma de comando.; 5- Bateria Antiaérea Pesada Hompesch equipada com canhões antiaéreos pesados Vickers de 3.7 polegadas durante um ataque.; 6 - Unidade móvel de localização de som usada para identificar a direção das aeronaves que se aproximam e usada principalmente para a operação de holofotes.; 7 - Holofote antiaéreo de 150 cm em seu carro de viagem.; 8- Um medidor de altura e telémetro em um posto de comando de bateria.; 9 - Uma arma móvel de 3.7 polegadas em ação.; 10 - Uma arma de 4.5 polegadas disparando.; 11 - Um canhão Bofrs leve-antiaéreo de 40 mm na Bateria de Saudação.:

Foto: Joan Camilleri

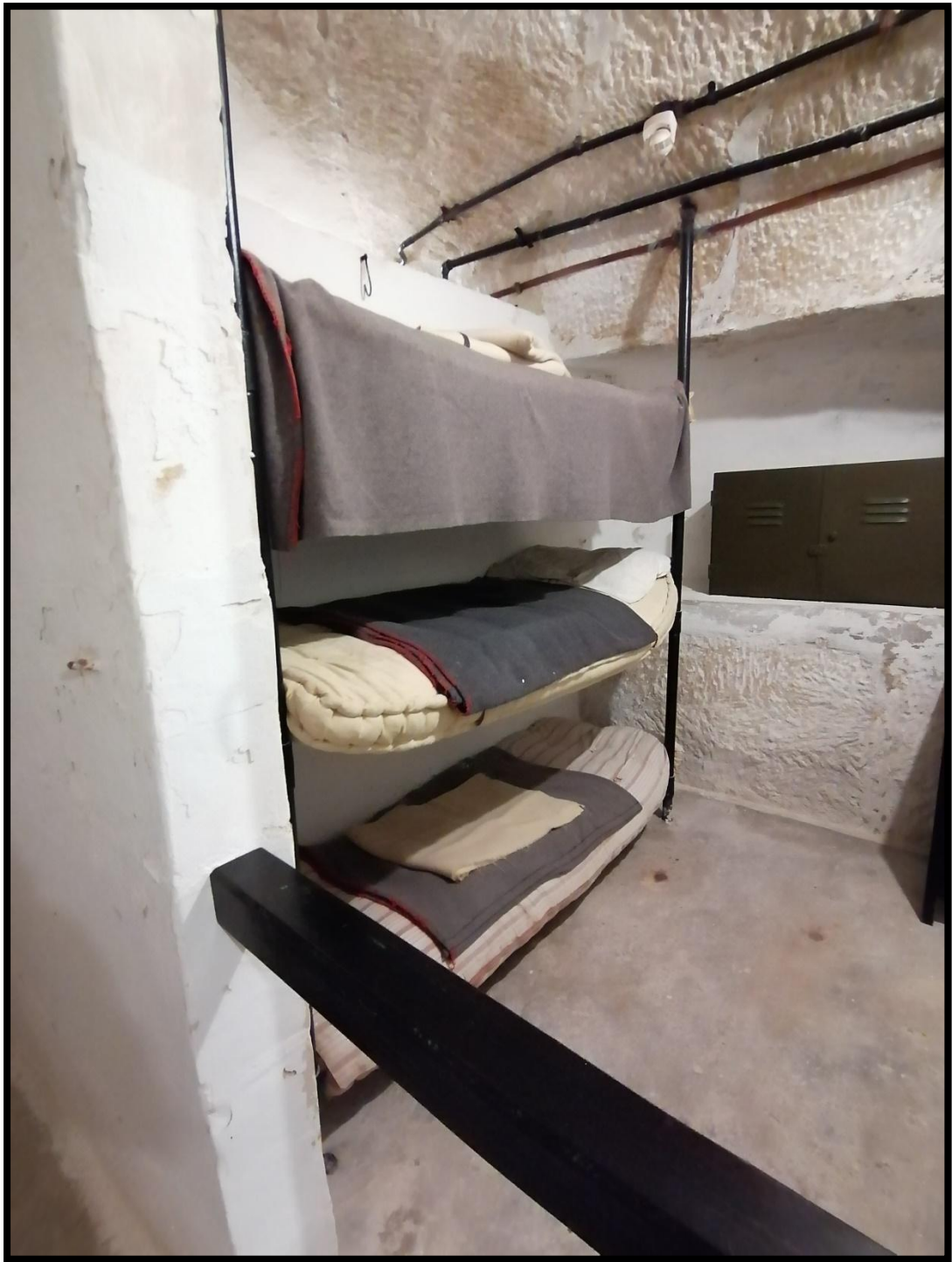


Fig. 340 Camarotes de descanso para os Oficiais
Foto: Joan Camilleri



Fig. 341 Camarote individual para um Comandante
Foto: Joan Camilleri



Fig. 342 Pequena Sala: Através desta janela os oficiais, geralmente eram 3 oficiais que ficavam de prontidão para observarem se o inimigo colocava bombas no mar, tinham uma visão ampla sobre a baía.
Foto: Joan Camilleri

ANEXOS

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 – Infografia da Exposição “European Digital Treasures”	pp.482
Anexo 2 – Processo de digitalização do número de documentos que o Arquivo Nacional de Malta produziu	pp.483 à 484
Anexo 3 – Planta do Hospital Santo Spirito atual Aquivo Nacional de Malta	pp. 485 à 486
Anexo 4 – Notícias sobre a Guerra 1940 – 1942	pp. 487 à 508
Anexo 5 – Rotas aéreas e navais sobre Malta	pp. 509 à 510
Anexo 6 – Controlo do Mediterrâneo pelas forças Aliadas e Inimigas	pp. 512 à 514
Anexo 7 – Notícia Times of Malta (TOM) Hitler e Rússia	pp.515
Anexo 8 – Notícia Times of Malta (TOM) Itália declara Guerra a Malta	pp.516
Anexo 9 – National War Museum – Introduction, Calender of Main Events	pp. 517 à 519
Anexo 10 – Coleção de Fotografias de Ernest Rice	pp. 520 à 529
Anexo 11 – Coleção de Fotografias de Stan Fraser	pp.530 à 544
Anexo 12 – George Cross	pp. 545
Anexo 13 – Notícia sobre a entrega da George Cross	pp. 546
Anexo 14 – Aviões, defesas aéreas, aeródromos, Matildas, navios	pp. 547 à 578
Anexo 15 – Bibliotecários e Arquivistas em Congresso	pp. 579
Anexo 16 – Entrevistas	pp. 580 à 659

Anexo 1 – Infografia da Exposição “European Digital Treasures”

Fonte: https://www.digitaltreasures.eu/wp-content/uploads/2022/01/2022-01_Infografia-timeline.pdf



Anexo 2 – Processo de digitalização do número de documentos que o Arquivo Nacional de Malta produziu

Fonte: https://www.digitaltreasures.eu/wp-content/uploads/2022/01/2022-01_Infografia-timeline.pdf

	Exhibition 1	Exhibition 2	Exhibition 3
Spain	June 2021 - October 2021	November 2021 - March 2022	April 2022 - July 2022
Portugal	November 2021 - January 2022	April 2022 - June 2022	July 2021 - October 2021
Norway	February 2022 - April 2022	November 2021 - January 2022	April 2022 - June 2022
Hungary	September 2022 - October 2022	May 2022 - August 2022	January 2022 - April 2022
Malta	February 2022 - April 2022	May 2022 - July 2022	August 2022 - October 2022
Austria	May 2022 - June 2022	July 2022 - August 2022	September 2022 - October 2022

	organizations	nr. documents
HUNGARY	13	33
SPAIN	9	29
NORWAY	9	25
PORTUGAL	1	23
MALTA	6	18
CZECH REPUBLIC	1	5
AUSTRIA	1	1
ESTONIA	1	1
FINLAND	1	1
MONTENEGRO	1	1
ROMANIA	1	1
SERBIA	2	2
12 countries	46 archives	140 documents



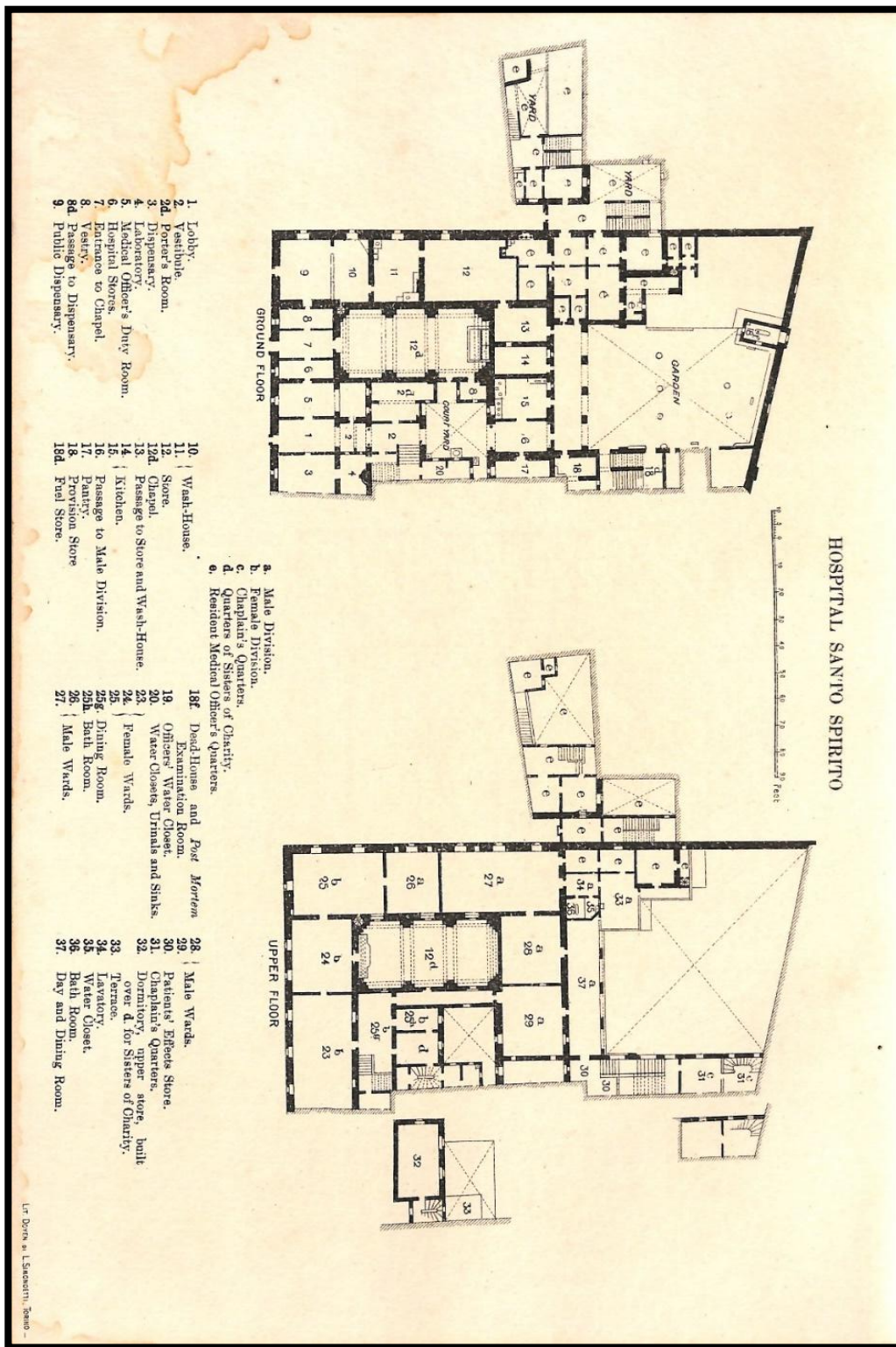
<https://www.digitaltreasures.eu/>

Follow us on Facebook  Twitter  and
Instagram  with #endigitaltreasures

Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union



Anexo 3 – Planta do Hospital Santo Spirito, atual Arquivo Nacional de Malta



Planta nº1: Planta do Hospital Santo Spirito, atual Arquivo Nacional de Malta

Referência: NAM_Blue_Books:1901_Santo Spirito Hospital Plan, pp. 1-29

Malta Blue Books for the year 1901, with an appendix containing the principal Statistics of January to March 1902; Government Printing Office, 1902. Appendix U, Nrº2, pp. 1-29

R/Chão

1 e 3: Entrada,;

2: Hall de entrada antes de subir para o andar superior;

3 e 4: Farmácia;

5;9;13: Sala de Arquivo Histórico

7 e 8: Sala de Exposição de alguns espólios do arquivo (ainda se encontra a ser elaborada);

8: Quarto dentro da igreja;

12: Igreja;

14 e 15: Sala de Conservação;

18: Mortuária;

Bloco E: Administração e Cozinha dos funcionários;

1º Andar

25 a 29: Sala de Arquivo Principal;

23 e 24: Sala de Leitura;

32 e 33: Gabinete do Projeto "Memorja";

33ª: Escritório Principal;

34 a 36: Administração do Arquivo;

1940



Fig. 343 "Itália declarou Guerra à França e Grã-Bretanha"

Fonte: Comércio do Porto: 11, junho de 1940/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

A ITALIA DECLAROU GUERRA À FRANÇA E À GRÃ-BRETANHA

MUSSOLINI AFIRMA QUE NÃO QUERE ENVOLVER NO CONFLITO OUTROS POVOS VIZINHOS

ROMA, 10. — A Itália notificou a declaração de guerra aos embaixadores da França e da Inglaterra.

O texto das declarações entregues por Ciano aos embaixadores dos dois países diz o seguinte:

«Sua Majestade o Imperador e Rei de Itália declara que a Itália se considera em estado de guerra com a França e Grã-Bretanha a partir de amanhã, 11 de Junho.

A's 17.30, os locutores da rádio italiana anunciavam:

«Dos pináculos cheios de neve dos Alpes ao extremo meridional do Imperio Italia-

no, o povo da Itália espera o discurso do Duce!».

Entretanto, a multidão aglomerada em frente do palácio de Veneza, gritava: Duce! Duce!

O discurso de Mussolini

A's 17.55, Mussolini apareceu à varanda do Palácio e pronunciou o seguinte discurso:

«Combatentes de terra, ar e mar, Camisas Negras da Revolução e das Legiões, homens e mulheres de Itália e do Imperio e do Reino da Albânia, escutai! A hora marcada pelo destino soou no céu do nossa pátria: A hora das decisões irrevogáveis. As declarações de guerra já foram entregues aos embaixadores da Grã-Bretanha e da França. Descemos à liça contra as democracias plutocráticas e reacionárias do Ocidente, que impediram sempre a marcha do povo italiano e muitas vezes ameaçaram a sua existência. Alguns lustres da História mais recente podem resumir-se nestas palavras: frases, promessas aciantígenas e, cercando este ignobil edifício, o cerco em comum por 53 Estados. A nossa consciência está absolutamente tranqüila. Conosco, o Mundo inteiro é testemunha de que a Itália fez tudo quanto é humanamente possível para evitar a

quere envolver no conflito outros povos que têm com a Itália fronteiras comuns de terra ou mar. Que a Suíça, Jugoslávia, Grécia, Turquia e Egipto tome nota destas palavras. Deles depende, e delas, que estas palavras sejam confirmadas.

«Num encontro memorável — o de Berlim — eu disse que segundo as leis morais fascistas, quando se tem um amigo vai-se com ele até ao fim. Foi o que fizemos e faremos com a Alemanha, com seu povo, com as suas vitoriosas forças armadas. Nestas vespéras de aconte-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

O SENA

POR ELEMENTO

O EXERC



Fig. 344 "A Itália declarou Guerra à França e à Grã-Bretanha"

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 10 de junho de 1940

“LONDRES, 12 – Registaram-se ontem oito incursões aéreas sobre a ilha de Malta, mas parece que os estragos foram pouco importantes. O comportamento da população civil foi exemplar. Hoje, formações de aparelhos italianos levaram a efeito dois novos ataques, de que se desconhecem os resultados. – (Havas).”



Fig.345 Notícia do Diário de Notícias “Malta sofreu novos ataques aéreos”.

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 13 de junho de 1940



"LONDRES, 13, - Um comunicado do comando das forças aéreas da África do Sul informa que 15 aviões sul-africanos efectuaram vôos profundos de reconhecimento e de bombardeamento na Abissínia meridional. Todos os aparelhos regressaram às bases. Aviões britânicos voltaram a bombardear objetos militares na Líbia e na África Oriental italiana. A base naval de Tobruk, situada a setenta quilómetros a oeste da fronteira egípcia, também foi atacada. Os aparelhos ingleses largaram potentes bombas. O «raid» foi efectuado por várias vagas de bombardeiros. Os aviadores britânicos viram declarar-se um incêndio á popa dum cruzador italiano de modelo antigo que se encontrava naquele porto.

Anuncia-se, por outro lado, que foram destruídos dois submarinos e o pontão a que estavam amarrados.

Como se sabe, no norte da Itália foram atingidos objectivos militares em Turim e Genova. Só um dos grandes bombardeiros ingleses não regressou á sua base. — (Havas)"

Fig.346 Notícia do Diário de Notícias "Toulon e Bizerta bases navais francesas do mediterrâneo Foram Bombardeadas num ataque a Tobruk".

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 14 de junho de 1940



“ROMA, 11. — A agência «Stefani» anuncia que a base naval, os arsenais e os depósitos de Malta foram atacados ontem por aviões de bombardeamento italianos, acompanhados por aviões de caça. Ontem á tarde efetuou-se segundo ataque, especialmente contra unidades ancoradas no porto de Malta. Observou-se um grande incendio a bordo de um navio. Foram abatidos dois «caças» inglese. Os aviões italianos regressaram ás suas bases sem qualquer perda, apesar da intensa intervenção da D.C.A. e dos «caças» inimigos. — (D.N.B).”

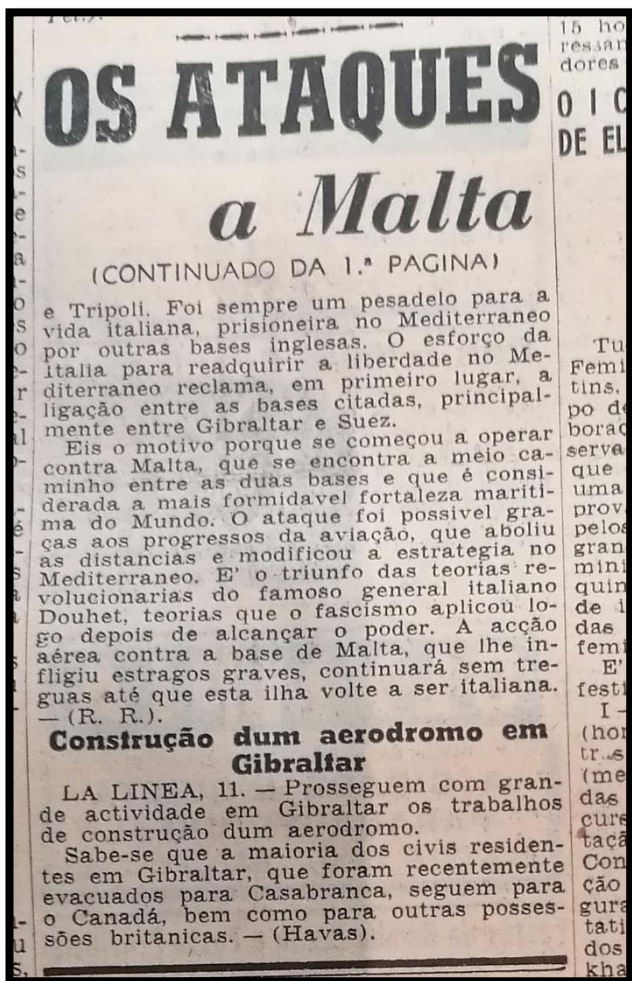
Os ingleses anunciam destruição de dois aparelhos italianos sobre Malta

CAIRO, 11 — A aviação inimiga realizou um «raid» ontem sobre a ilha de Malta, mas os nossos «caças» interceptaram o ataque e abateram dois aparelhos, que se precipitaram no solo em chamas, tendo ainda, provavelmente, destruído um terceiro. Os estragos causados por este ataque não são dignos de registo. Morreu um civil, houve três feridos e vinte cabras e um boi mortos. — (Ex. Tel.)

As razões politicas e estrategicas dos ataques italianos a Malta
ROMA, 11. — O coronel do Estado Maior da Aeronautica italiana Schegni, forneceu aos jornalistas estrangeiros alguns promenores sobre as operações aéreas contra as bases aero-navais de Malta. Afirmou que esta ilha, que pertence á Italia pela sua lingua, pelas suas tradições e pela sua posição geografica, foi transformada pelos ingleses na mais perigosa arma anti-italiana. Com efeito, ameaça as costas meridionais italianas, corta as rotas entre a Itália e a Líbia e encontra-se no centro do sistema de posições italianas de Tobruk, Dodecanesia, Albania, Sicilia, Pantelaria (continuação na 4ª Pagina)”

Fig.347 Notícia do Diário de Notícias “A Ilha de Malta continua a ser atacada pela aviação italiana”.

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 12 de julho de 1940



“Os ataques a Malta (continuação da 1ª página)

E Trípoli. Foi sempre um pesadelo para a vida italiana, prisioneira no Mediterrâneo por outras bases inglesas. O esforço da Itália para readquirir a liberdade no Mediterrâneo reclama, em primeiro lugar, a ligação entre as bases citadas, principalmente entre Gibraltar e Suez. Eis o motivo porque se começou a operar contra Malta, que se encontra a meio caminho entre as duas bases e que é considerada a mais formidável fortaleza marítima do Mundo. O ataque foi possível graças aos progressos da aviação, que aboliu as distâncias e modificou a estratégia no Mediterrâneo. E' o triunfo das teorias revolucionárias do famoso general italiano Douhet, teorias que o fascismo applicou logo depois de alcançar o poder. A acção aérea contra a base de Malta, que lhe infligiu estragos graves, continuará sem tréguas até que esta ilha colte a ser italiana. — (R.R)

Construção dum aeródromo em Gibraltar

LA LINEA, 11. — Prosseguem com grande actividade em Gibraltar os trabalhos de construção dum aeródromo.

Sabe-se que a maioria dos civis residentes em Gibraltar, que foram recentemente evacuados para Casabranca, seguem para o Canadá, bem como para outras possessões britannicas. — (Havas).”

Fig.348 Notícia do Diário de Notícias “A Ilha de Malta continua a ser atacada pela aviação italiana” (Continuação da Notícia)

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 12 de julho de 1940



“Entre Portugal e Espanha ha perfeita identidade de propósitos” — afirma, em artigo de fundo, o mais categorizado jornal inglês

LONDRES, 15. — o «Times» dedica o seu artigo de fundo ao importante estudo sobre as relações hispano-británicas, dizendo: «A Península Ibérica é o único oásis de paz que resta no Ocidente da Europa». Há uma estreita identidade de propósitos entre Portugal e a Espanha e esta não esquece o auxílio valioso dado por Portugal, sob a prudente direcção de Salazar, para o estabelecimento em Espanha do Governo do generalíssimo Franco. A decisão de Salazar de se manter neutral encontra forte eco nos meios responsáveis de Espanha, embora, talvez, nem sempre na Imprensa Espanhola. É falsa comparação da actual posição de Franco com a de Mussolini, antes da entrada da Itália na guerra. Mussolini é, por temperamento, um jogador ousado, enquanto que Franco é menos espectacular mas mais prudente e de mais larga visão. A condescendência da Alemanha para com a Rússia, constitui um forte obstáculo para a propaganda alemã. A atitude de Franco para com a Grã-Bretanha será inspirada pela insistência no direito dos espanhóis a serem os juizes dos seus próprios

actos. Deve reconhecer-se, francamente, que o passado imediato auxilia aqueles que procuram perturbar as relações anglo-espanholas. Embora não haja razão de queixa contra a neutralidade britânica na guerra civil, lembra-se, com azedume, a simpatia verbal de alguns inglese proeminentes pelos republicanos. A tarefa mais urgente para a Grã-Bretanha, não é dizer aos espanhóis aquilo que devem pensar a respeito desta guerra — pois que eles preferem formar as suas próprias opiniões — mas sim tornar melhor conhecidas as suas instituições británicas. O espanhol admira a coragem e a persistência. O grau de intensidade destas qualidades que a Inglaterra demonstrou na crise resultante da derrocada francesa, elevou o prestígio britânico. A Espanha não abandonará as suas aspirações, mas a sua política é suficientemente realista para se afastar das actuais vantagens, em busca de ambições futuras.

A questão do bloqueio é, mais difícil. A Grã-Bretanha não pode permitir que os portos e o território espanhol se transformem em via de passagem para a Alemanha. Reconhece-se que a decisão britânica tem inconvenientes, mas não é impossível conseguir não só a sua aceitação, mas até cooperação, se aquilo for entendido e aplicado com o mínimo de atrito. Incumbem aos representantes do Ministério da Economia, que acabam de voltar a Madrid, desfazer os mal entendidos e facilitar o bom andamento da tarefa. O recente acordo entre a Espanha, Portugal e a Grã-Bretanha, para fornecimentos á Espanha de trigo e produtos coloniais portugueses, constitui um exemplo do que se pode conseguir com métodos para os quais a antiga aliança com Portugal é o mais importante auxiliar». — East. E. T.

Fig. 349 Notícia do Comércio do Porto, 16 de agosto de 1940 — “Entre Portugal e Espanha ha perfeita identidade de propósitos” — afirma, em artigo de fundo, o mais categorizado jornal inglês”

Fonte: <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248101> Referência: O comércio do Porto, Ano LXXXVI, nº224 (16 de agosto de 1940), Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja.

A GUERRA EM AFRICA

A' volta de BARDIA

a luta prossegue, com extraordinária violência

CAIRO, 19. — Continuam os ataques contra Bardia, levados a cabo pelas forças terrestres e aéreas britânicas. O perímetro fortificado ao redor desta cidade já se encontra rto, em diversos pontos. O fogo violentíssimo da nossa artilharia e unidades mecanizadas é dirigido, agora, contra o centro da cidade, ao passo que se vão dando combates locais entre as forças avançadas britânicas e diversas posições de defesa, incluindo postos blindados.

Em Buq-Buq, os italianos abandonaram grandes depósitos de água convenientemente resguardada, bem como uma organização das mais cuidadosas em material sanitário. Só quando chegaram a próximo contacto com as forças britânicas é que se quebrou o espírito de resistência dos italianos, entre os quais a desistência em lutar se espalhou como epidemia. As tropas italianas foram vencidas em todos os combates que travaram com as nossas tropas, devido, em parte, ao maior ímpeto do ataque demonstrado por estas e em parte à superioridade do armamento britânico. Muitos dos «tanks» italianos têm a seu acalcanhar de Aquiles, principalmente na parte da retaguarda; os «tanks» britânicos não tardaram em descobri-los, atacando-os por detrás, onde o armamento é da potência menor. — East, E.T.

CAIRO, 19. — As tropas britânicas, auxiliadas eficazmente pela aviação e após combates encarniçadíssimos, romperam em alguns pontos o perímetro fortificado da cidade de Bardia. Continua a lutar-se com a maior violência, em consequência de toda a área de Bardia estar repleta de fortes trincheiras circundadas de arame farpado e de numerosos ninhos de metralhadoras construídos com cimento armado.

Apesar da grande pressão que os ingleses estão a fazer sobre a

cidade de Bardia, os italianos oferecem tenaz e decidida resistência. A artilharia e a aviação britânica continuam a bombardear com a maior eficiência os objectivos militares da área fortificada de Bardia, enquanto as tropas inglesas estendem a sua pressão que se vai fechando, vigorosamente, como um quebra-nozes.

As autoridades militares britânicas informam que os prisioneiros ontem feitos declararam que Bardia está a ser defendida por uma divisão italiana, que ali se concentrou, desde que principiou a ofensiva britânica e que a referida divisão foi ainda reforçada com as unidades italianas que vieram do território egípcio, que anteriormente ocupavam.

Os ataques britânicos continuam a metralhar as forças italianas que retiram entre Bardia e Tobruk. Os aeródromos e campos de aviação dos italianos, situados à retaguarda de Bardia continuam a ser alvo de violentíssimos bombardeamentos e metralhamentos por parte das forças da R.A.F. que operam no Egito. — Merc. U.P.

Na conquista de Elwak, os ingleses fizeram prisioneiro um tenente-coronel

CAIRO, 19. — Após ataques persistentes e de uma série de vãos bem sucedidos na fronteira da Somália italiana, as tropas da África do Sul e da África Oriental britânica espedaram-se, conforme foi anunciado, de Elwak.

Entre os prisioneiros italianos encontra-se um tenente-coronel. — East, E.T.

Comunicado italiano

GRANDE QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS ITALIANAS, 19. — Comunicado oficial n.º 116.

«Na África do Norte, continua a batalha na zona de Bardia, onde foram assinaladas notáveis concentrações de elementos mecanizados inimigos. Algumas dessas formações, que tinham tentado aproximar-se da cidade, foram contrariadas com êxito. As nossas formações aéreas bombardearam, eficazmente, os elementos mecanizados do inimigo.

formações aéreas bombardearam a estação, o campo de aviação e o campo entrancheado de Lhedref, causando vastos incêndios no campo de aviação de Roseira e destruiu um projector provocando violento incêndio.

No céu de Porto Sudão, os aviões ingleses dos tipos «Glosters» e «Blindens» atacaram as nossas formações; um «Gloster» foi abatido e todos os nossos aparelhos regressaram.

Os aviões inimigos lançaram bombas sobre Melemina e Argheisa, sem conseqüências. — CH. R.R.

DE VALERA

sofreu delicada intervenção cirúrgica

AMSTERDAM, 19. — A Reuter informa que De Valera, Presidente do Conselho do Eire, foi operado num hospital de Dublin.

Trata-se de operação muito grave da vista. — CH. DNB.

A princesa Juliana da Holanda

partiu do Canadá para Washington, a fim de visitar Roosevelt

WASHINGTON, 19. — Chegou do Canadá, a princesa Juliana da Holanda para uma visita de dois dias ao Presidente Roosevelt, seguida de uma estada de três dias em Nova Iorque. Roosevelt dou-lhe as boas-vindas à entrada da Casa Branca, depois dela ter sido recebida na estação por um representante do Departamento do Estado. — East, E. T.

Morreu subitamente

o Presidente Kallio,

da Finlândia

HELSINKI, 19. — Vítimado por um ataque cardíaco faleceu o Presidente da República, Kosti Kallio.



KALLIO
Presidente da República da Finlândia

dos Unidos

es de libras

dos fornecimentos que a vai fazer à Grã-Bretanha guerra, «tanks», peças e munições,

integrados no plano dido por Roosevelt

Esta circunstância é muito importante porque alguns desses fabricantes, que aliás constituem uma pequena minoria, revelam que a Grã-Bretanha não tinha capacidade para pagar as remessas que lhe forem entregues. Presentemente, todos eles adquiriram a certeza absoluta de que tal não sucederá. Em segundo lugar, depois de que a guerra tenha o seu termo, não ficará existindo o problema de dívidas, cuja consequência seria lançar a confusão nas relações entre os dois países e azedi-las.

Há já quem sugira, em relação a parte do plano do Presidente Roose-

“A Guerra em Africa

A' volta de Bardia a luta prossegue, com extraordinária violência

CAIRO, 19. — Continuam os ataques contra Bárdia, levados a cabo pelas forças terrestres e aéreas britânicas. O perímetro fortificado ao redor desta cidade já se encontra rote, em diversos pontos. O fogo violentíssimo da nossa artilharia e unidades mecanizadas é dirigido, agora contra o centro da cidade, ao passo que se vão dando combates locais entre as forças avançadas britânicas e diversas posições de defesa, incluindo postos blindados.

Em Buq-Buq, os italianos abandonaram grandes depósitos de água convenientemente resguardada, bem como uma organização das mais cuidadosas em material sanitário. Só quando chegaram o próximo contacto com as forças britânicas é que se quebrou o espírito de resistência dos italianos, entre os quais a desistência em lutar se espalhou como epidemia. As tropas italianas foram vencidas em todos os combates que travaram com as nossas tropas, devido, em parte, ao maior ímpeto do ataque demonstrado por estas e em parte superioridade do armamento britânico. Muitos dos «tanks» italianos terá o seu «calcanhar de aquiles» principalmente na parte da retaguarda; os «tanks» britânicos não tardaram em descobri-los, atacando-os por detrás, onde o armamento é de potência menos. — East, P.T.”

Fig. 350 “A guerra em África A' volta de Bardia a luta prossegue, com extraordinária violência”

Fonte: <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248227/> Referência: O comércio do Porto, Ano LXXXVI, nº348 (20 de dezembro de 1940)

A guerra no ar e no mar

A R. A. F. atacou violentamente as bases alemãs em que se prepara a invasão

LONDRES, 16. — Ontem, à noite, ouviram-se em Dover violentas explosões ocorridas na costa francesa onde se prepara a invasão, tendo-se visto também intenso fôgo das baterias anti-aéreas da mesma região. Crê-se por isso que a R. A. F. atacou objectivos militares em Bolonha e em Calais, em grande escala. Os ataques duraram bastante tempo dando lugar a intensa barragem de fôgo anti-aéreo. — East, E.T.

*

FOLKSTONE, 16 Do enviado especial da U.P., Hick'ng Botham).

A linha costeira francesa da invasão teve, durante a noite de ontem, o mais intenso bombardeamento feito pela Real Fôrça Aérea, como ainda se não registou durante tôda a guerra.

De Folkstone poder-se-ia supôr que se tratava de gigantescos fogos de vista, cujos clarões se elevavam para o ceu, por entre formidáveis explosões, que abalavam os edificios em Folkstone. Eram as bombas explosivas da R. A. F. que explodiam nas costas da França e da Bélgica.

Foi pouco antes do anoitecer. De súbito precipitaram-se sobre os objectivos previstos em irresistíveis vôos de mergulho para retomar, rapidamente, a altura anterior. Durante a primeira meia hora as bombas choveram, sobre a costa francesa com violência tal que chegaram a estilhaçar numerosas vidraças em Folkstone, cujo solo tremia, como se fôsse sacudido por um sismo, abalando as casas. O espectáculo do outro lado do mar era impressionante.

As chamas dos incêndios provo-

cados pelas bombas ergulam-se sinistramente, nos vidros das habitações costeiras inglesas.

As baterias anti-aéreas da costa da invasão formaram com os seus disparos ininterruptamente uma formidável barragem, que não teve, aparentemente, a eficácia que a defesa esperava.

Milhares de pessoas presenciaram, numa longa linha da costa inglesa, o terrífico espectáculo, que se desenrolava na costa fronteira, por entre o bombardeamento incessante da R. A. F. e o matraquear continuo das baterias de defesa anti-aérea. Tôda a área de Boulogne, principalmente, esteve sujeita a intensissimo bombardeamento, que foi inegavelmente, o mais duro de tôda a acção nocturna de ontem.

Parecia que uma gigantesca tormenta desencadeara as suas fúrias sobre aquela região; o deflagrar das bombas semelhava o rugido do trovão, que ecoava, através das águas do Canal, nas costas inglesas.

Uma faixa de vinte milhas ao longo da costa de Boulogne estava em chamas. Perto do Cabo Griz Nez avistou-se um grande incêndio; ao longo de tôda a costa rochosa apareciam outros clarões de incêndios menores.

O ataque da aviação inglesa diminuiu, depois, de intensidade, continuando, todavia, vários aparelhos a lançar bombas sobre a costa da invasão.

De Folkstone eram visíveis os sulcos luminosos das granadas cujo espectáculo se tornava mais impressionante com o estampido das detonações. — U.P.

Aviões abatidos sobre a Ilha de Malta

LA VALLETA (Ilha de Malta), 16 — Anuncia-se que durante o ataque aéreo alemão realizado contra a Ilha de Malta no dia 12 do corrente, foram abatidos três aviões inimigos e outros dois retiraram com bastante dificuldade, deixando na esteira um rasto de fumo negro. — UP.

Comunicado alemão

BERLIM, 16 — Comunicado do Supremo Comando das Fôrças Armadas Alemãs:

Um submarino anuncia o afundamento de três navios mercantes inimigos, com a deslocação total de 19 mil toneladas. Um navio de guerra que opera além-mar, e cujos êxitos, na guerra comercial, já anunciados, totalizam 110.000 toneladas inimigas mandadas para o fundo, meteu a pique mais 10 mil toneladas. Aviões de reconhecimento avariaram.

"A guerra no ar e no mar

A R.A.F. atacou violentamente as bases alemãs em que se prepara para a invasão

LONFRES, 16. — Ontem, à noite ouviram-se em Denver violentas explosões ocorridas na costa francesa onde se prepara a invasão, tendo-se visto também intenso fôgo das baterias anti-aéreas da mesma região. Crê-se por isso que a R.A.F. atacou objectivos militares em Bolonha e em Calais, em grande escala. Os ataques duraram bastante tempo dando lugar a intensa barragem de fôgo anti-aéreo. — East, E.T.

*

Aviões abatidos sobre a Ilha de Malta

LA VALLETA (Ilha de Malta), 16 —Anuncia-se que durante o ataque aéreo alemão realizado contra ilha de Malta no dia 12 do corrente, foram abatidos três aviões inimigos e outros dois retiraram com bastante dificuldade, deixando na esteira um rasto de fumo negro. — UP.

Fig. 351 "A guerra no ar e no mar A R.A.F. atacou violentamente as bases alemãs em que se prepara para a invasão"
Fonte: <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/248286/> Referência: O Comércio do Porto,

Ano LXXXVI, nº 46 (17 de fevereiro de 1941).



“Malta foi alvo de novos ataques da aviação alemã
BERLIM, 31. — O Alto Comando das Forças Armadas Alemãs informa:

«No Mediterrâneo, formações aéreas alemãs atacaram durante o dia, com bons resultados, dois aeródromos na Ilha de Malta. Foram levados a efeito, sendo coroados de êxito, ataques á bomba contra tropas britânicas na África do Norte. — (D.N.B.)

Na ilha caíram muitas bombas

MALTA, 31. — Nesta ilha registaram-se oito alarmes contra ataques aéreos, cinco nocturnos e três durante o dia. Foram lançadas numerosas bombas, mas não houve nem vítimas nem estragos materiais. — (Ex. Tel.)”

Fig. 352 Notícia do Diário de Notícias - “Malta foi alvo de novos ataques da aviação alemã”.

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 1 de abril de 1941

A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do porto de Tobruk

BERLIM, 12. — Aviões de combate alemães e italianos atacaram de novo as instalações do porto de Tobruk, sendo bombardeados os cais e os navios ancorados. Foi seriamente danificado um transporte de tropas, bem como posições de artilharia anti-aerea. Os aviões de caça alemães de protecção abateram um avião inimigo do tipo «Hurricane». — (D. N. B.).

Os ataques aereos sobre Malta

MALTA, 12. — Durante o dia de ontem foram abatidos dois aviões «Messerschmidts» e três outros ficaram tão danificados que é quasi certo que tenham sido destruidos.

Foi anunciado oficialmente que as perdas do inimigo em Malta, desde que começou a guerra com a Italia atingem o total de 132 aviões abatidos, além de uns 100 aparelhos danificados. As perdas britanicas foram de 18 pilotos. — (Ex. Tel.).

“A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do Porto de Tobruk

BERLIM, 12. — Aviões de combate alemães e italianos atacaram de novo as instalações do porto de Tobruk, sendo bombardeados os cais e os navios ancorados. Foi seriamente danificado um transporte de tropas, bem como posições de artilharia anti-aerea. Os aviões de caça alemães de protecção abateram um avião inimigo do tipo «Hurricane». — (D.N.B.).

Os ataques aéreos sobre Malta

MALTA, 12. — Durante o dia de ontem foram abatidos dois aviões «Messerschmidts» e três outros ficaram danificados que é quasi certo que tenham sido destruídos.

Foi anunciado oficialmente que as perdas do inimigo em Malta, desde que começou a guerra com a Italia atingem o total de 132 avioes abatidos, além de uns 100 aparelhos danificados. As perdas britanicas foram de 18 pilotos. — (Ex. Tel.).”

Fig. 353 Notícia do Diário de Notícias “A aviação italo-alemã bombardeou as instalações do Porto de Tobruk”

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 13 de abril de 1941

A ILHA de Malta

foi atacada pela 500.^a vez
pela aviação alemã
e italiana

BERLIM, 14.—O comunicado do Supremo Comando das Forças Armadas Alemãs anuncia:

«Durante «raids» contra os aeródromos da ilha de Malta, na noite de ontem, «stukas» alemães destruíram, no solo, dois «caças» inimigos do tipo «Hurricane» e atingiram com bombas um contratorpedeiro britânico, á popa. Durante o dia foram levados a efeito nove bombardeamentos do aeródromo de Lucca e do porto de La Valette, na mesma ilha. Num combate aereo, «caças» alemães abateram, sobre Malta, um avião britânico da mesma classe, do tipo «Hurricane».—(D. N. B.).

Comunicado oficial italiano

ROMA, 14.—O comunicado n.º 311 do Grande Quartel General das Forças Armadas Italianas informa:

«Na noite de 13 para 14 de Abril, aviões de combate alemães bombardearam em Malta aeródromos e bases navais. Um contratorpedeiro foi atingido. Um avião do tipo «Hurricane» foi abatido. Nas primeiras horas do dia 14 de Abril as nossas formações aéreas metralharam o aeródromo de Mizabba, danificando muitos aviões no solo».—(R. R.).

O 500.^o «raid» sobre Malta

MALTA, 14.—Foi durante o domingo de Páscoa que souu a 500.^a alerta sobre esta ilha, desde o início das hostilidades. O inimigo desencadeou ataques durante a noite e ás primeiras horas da manhã, tendo sido abatido um dos aparelhos atacantes.—(Ex. Tel.).

“A Ilha de Malta foi atacada pela 500.^a vez pela aviação alemã e italiana BERLIM, 14. – O comunicado do Supremo Comando das Forças Armadas Alemãs anuncia:

«Durante «raids» contra os aeródromos da ilha de Malta, na noite de ontem. «stukas» alemães destruíram, no solo, dois «caças» inimigos do tipo «Hurricanes» e atingiram com bombas um contratorpedeiro britânico, á popa. Durante o dia foram levados a efeito nove bombardeamentos do aeródromo de Lucca e do porto de La Valette, na mesma ilha. Num combate sobre Malta um avião britânico da mesma classe. Do tipo «Hurricane». – (D.N.B.).

Comunicado oficial italiano

ROMA, 14. – O comunicado n.º311 do Grande Quartel General das Forças Armadas Italianas informa:

«Na noite de 13 para 14 de Abril, aviões de combate alemães bombardearam em Malta aeródromos e bases navais. Um contratorpedeiro foi atingido. Um avião do tipo «Hurricane» foi abatido. Nas primeiras horas do dia 14 de Abril as nossas formações aéreas metralharam o aeródromo de Mizabba, danificando muitos aviões no solo». – (R.R).

O 500.^o «raid» sobre Malta

MALTA, 14. – Foi durante o domingo de Páscoa que souu a 500.^a alerta sobre esta ilha, desde o início das hostilidades. O inimigo desencadeou ataques durante a noite e ás primeiras horas da manhã, tendo sido abatido um dos aparelhos atacantes. – (Ex. Tel.).”

Fig. 354 A Ilha de Malta foi atacada pela 500.^a vez pela aviação alemã e italiana”.

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 14 de Abril de 1941

TIMES OF MALTA

Printed At
"The Allied Malta
Newspapers Ltd." 341,
St. Paul Street, Valetta

GERMANY AT SOVIET RUSSIA'S THROAT

Finns and Rumanians Also Attack INVASION ALONG WHOLE FRONTIER

(Reader's Service)
LONDON, June 22.
ALTHOUGH no concrete news has come to hand regarding the course of the operations on the new front, in the Second World War, Rome Radio announces that the Soviet troops are offering strong resistance to the Germans. The invasion commenced at 4 a.m. Sunday without a declaration of war. Immediately the Nazi divisions penetrating Russian territory the entire frontier opened fire.

Italy has also declared war on Russia but there is no indication of active Italian assistance being due to be rendered in the fighting in Eastern Europe. Finland and Rumania are in a war on Germany's side, according to Hitler in a broadcast proclamation to the Reich.

Russia's Three Advantages

General Gough, Reuters's military correspondent, reviewing this latest phase of aggression by Hitler, asks:

What are his chances of immediate success against Russia or his ultimate success against Britain?

It is believed that the equipment of the Russian Army and Air Force, though numerically large, cannot compare in efficiency with the German Army or the Luftwaffe. On the other hand Russia has three advantages—

First, the vast numbers she can place in every theatre of a long front;

Secondly, the tremendous depth of country over which her troops can fall back and still find resources and supplies.

Thirdly, the bitter spirit of hatred to which M. Molotov gave expression in his broadcast.

ASSAULT IN THE SOUTH

It is a pity that will maintain Russia's determination to resist to the bitter end. That end may be a long way off. It is possible that, supported by Nazi air concentrations the Rumanians, poor fighters though they be, may capture Odessa and press on to the Crimea.

GERMANS MAIN BLOWS

The Germans may strike two main blows, one on the left of the Rumanian, viz Lemberg (Lwow—Lancem or Kiev) and the other on the Kasan and Wilna, and those along the valley of the Delta on Silesia and Moscow.

They will probably take steps to secure their immediate left flank by occupying Lissa, Riga and Tallin on the Baltic, while the Finnish Army, still further north, can menace Leningrad.

Some indication of the outline of the plan can be gathered from the fact that the Submarine Kennel and Kiev were all bombed this morning. Hitler may gain all these successes, but he will not win any respect here concerned Russia.

R.A.F. Bomb Cologne And Dusseldorf

(Reader's Service)
LONDON, June 22.
The sustained offensive of the R.A.F. against Germany's heavy industrial centres was continued last night, Saturday, by strong forces of the Bomber Command, says an R.A.F. communication.

The objectives were Cologne and Dusseldorf, which were the heaviest forces attacked. Both at Dusseldorf and Cologne, one aircraft was being from these operations.

Aircraft of the Fighter Command carried out offensive patrols, over enemy aerodromes on the German frontier during the night. It is known that 4 German bombers were destroyed over Britain last night (Saturday).

ACTIVITY OVER BRITAIN

During Saturday night, there was no activity over Britain. The night was a quiet one, with only a few aircraft being seen in the sky. The R.A.F. is reported to have been on the alert, but no attacks were made.

THE NEW FRONT

MOSCOW Radio stated tonight that from all districts some news of embankment and patriotic demonstrations. The feeling is identical everywhere, with the Russian atmosphere. The Russian people will defend their country and liberty with their lives. Millions rally round the Government. Kiev inhabitants are preparing to meet the daily bombing. They announce their preparations for the biggest military effort.

From Siberia and the Caucasus, come the same feelings.

German's attack on Russia has reported in Greece official and unofficial circles as new proof of Germany's desire to conquer the whole world. The latest German aggression is considered as a total attack on the splendid defence of Britain and an indication that Hitler severely needs the material resources of Russia.

The Japanese Foreign Minister, M. Matsuzaki went to the Palace in Tokyo to report to the Emperor. He is reported to have an official report from the Japanese Ambassador in Berlin on the start of the German-Russia hostilities. He also reported on "related international problems." On leaving the Palace M. Matsuzaki held a meeting with the principal officials of the Foreign Ministry.

THE MALTA FRONT

SATURDAY — SUNDAY Enemy Fighter Shot Down

The following Squadron Report was issued from the Information Office yesterday, June 22, 1941, at 5 p.m., covering the previous twenty-four hours—

Last night three alarms were sounded when some enemy aircraft came over. Bombs were dropped but there was no damage or casualties.

Searchlights were active and A. A. defences engaged the raiders.

This morning a formation of enemy fighters approached the Island. Our fighters intercepted the enemy and shot down a Messerschmitt 109 (a fighter) into the sea. All our fighters returned un-damaged.

This afternoon an alert was sounded but no raid materialised.

BROADCAST

Mr. A. B. Golan, Assistant to the Lieutenant-Governor and Member of the Executive Council will broadcast on the Suspension of the Military Res Service at 6.15 this evening.

Britain to Aid Russian People Against Hitler CHURCHILL ON BRITISH GOVERNMENT'S POLICY

(Reader's Service)
LONDON, June 22.
MR. CHURCHILL, speaking on the radio to Britain and overseas, in the shortest notice broadcast since Mr. Chamberlain's announcement of the declaration of war against Germany, said:

"I have taken occasion to speak to you tonight because we have reached one of the climax points of the war. In the first of these intense turning points, a year ago, France fell precipitate under the German hammer and we had to face the storm alone. The second was when the R.A.F. beat the Hun raiders out of the daylight air and thus warded off the Nazi invasion of our island, while we were still ill-armed and ill-prepared.

The third turning point was when President Roosevelt and the Congress of the United States passed the Lend Lease and Lend-Lease Act, which has enabled us to defend our liberties and our own.

The fourth climax is now upon us. At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formulas of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed by Germany and Russia and had been made by Germany of its non-fulfilment. Under its cloak of false confidence German armies grew up to impinge strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. Their Air Fleets and armoured divisions slowly and methodically took up their

GERMAN BOMBS ON RUSSIAN CITIES

Suddenly, without declaration of war, without even an ultimatum, German bombs rained down from the air upon the Russian cities. German troops violated the Russian frontiers and an hour later the German Ambassador who during the night before was lavishing assurances of friendship—almost of alliance—upon the Russians, called upon the Russian Foreign Minister to tell him that a state of war existed between Germany and Russia.

Stalin Warned
This was repeated on a far larger scale, the same kind of outrage occurs every form of signed contract and international faith which we have witnessed in Norway, Denmark, Holland, and Belgium, and which Hitler's complete and total Mussolini, as faith fully violated in the case of Greece. All this was no surprise to me. In fact I gave a clear and powerful warning to Stalin of what was coming. I gave him a warning as I have given warnings to others before.

I can only hope these warnings did not fall unheeded.

A People Defending Their Homes
All we know at the present is that the Russian people are defending their lives and their homes. They have called upon them to resist to the utmost.

Hitler is a monster of wickedness, notable in his lust for blood and plunder.

Not content with having all Europe under his boot or else terrorized into various forms of abject submission, he

Flesh and Oil

Moreover it must be fed, not only with flesh but with oil. So now this blood-thirsty enterprise must launch his mechanized army upon new fields of slaughter, pillage and devastation.

The poor Russian peasants, workers and soldiers, he must steal from them their daily bread. He must devour their harvest and he must rob them of the oil which drives their ploughs and thus produce a famine without example in human history. Even the carriage and ruin which his victory should bring him, — and he has not earned it yet — will befall upon the Russian people, will itself be only a stepping stone to an attempt to plunge 400,000,000 of the 550,000,000 who live in India into that bottomless pit of human degradation which the Swastika flouts itself.

1,000,000,000 Menaced by Nazi Violence

It is not too much to say that this summer evening that the lives and happiness of 1,000,000,000 additional human beings are now menaced with brutal Nazi violence. That is enough to make

us hold our breath, but presently I shall show you something else that has befallen and something that touches very nearly the life of Britain and the United States.

"I will unsay no word . . ."

On Communism
The Nazi regime is indistinguishable from the worst features of Communism. It is devoid of all principle except apathy and mechanical domination. It is a cold form of human wickedness in the efficiency of its cruelty and ferocious aggression. No one has been a more consistent opponent of Communism that I have been for the last twenty-five years. I will unsay no word that I have said about it. But all this fades away before the spectacle that is now unfolding.

They Also Pray!

The past, with its crimes, its follies and its tragedies flashes away as I see the Russian soldiers standing on the threshold of their native land, guarding the fields which their fathers had tilled from time immemorial and I see them guarding their homes where their mothers and wives pray, and yes, for these are times when all pray for the safety of their loved ones, for the return of the breadwinner, and of their protector.

I see the ten thousand villages of Russia where the means of existence was wrung so hardly from the soil, but where there are still primordial human joys, where mothers love and children play. I see advancing upon all this, in hideous onslaught, the Nazi war machine, with its clanking best, clicking, dan-

(Continued on Page 4)

"Germany at Soviet Russia's Throat
Finns and Rumanians Also Attack
LONDON, June 22.

Although no concrete news has come to hand regarding the course of the operations on the new front in the Second World War, Rome Radio announces that the Soviet troops are offering strong resistance to the Germans. The invasion commenced at 4 a.m. Sunday without a declaration of war. Immediately the Nazi divisions penetrated Russian territory the entire frontier opened fire.

Italy was also declared war on Russia but there is no indication of active Italian assistance being due to be rendered in the fighting in Eastern Europe. Finland and Rumania are in the war on Germany's side, according to Hitler in a broadcast proclamation to the Reich.

The Russian's are reported to have completed the evacuation of civilians from a zone, about 60 miles wide, behind the demarcation line of Poland, and all bridges in the area are reported to be arriving in the Russian air force, it is stated, are reported to have been moved up from Kiev to the newly constructed air fields behind the southern line. From Bucharest it is reported that the Russians have taken precautions to enable them to blow up the bridges east of the Pruth River."

Fig. 356 Notícia Times of Malta Germany at Sooviet Russia's Throat Finns and Rumanians Also Attack"
Fonte: TOM_"Germany at Sooviet Russia's Throat Finns and Rumanians Also Attack"_No.1,821, June 23, 1941, Monday

PARA OS AÇORES HOMENS
seguiram ontem
NOVOS CONTINGENTES DE TROPAS

AO CHEFE D
AS PROVÍNCIAS COLONIAIS ASSOCIARAM-SE CALOROSAMENTE À MANIFESTAÇÃO DO DIA 28



Um aspecto do embarque das tropas no «Carvalho Araujo». Em baixo: Uma das peças anti-aéreas que seguiram no mesmo barco

Em reforço da guarnição militar dos Açores, seguiram ontem, a bordo do vapor «Carvalho Araujo», da Empresa Insulana de Navegação, novos contingentes de tropas.

Antes do embarque, no cais de Santos, foi-lhes passada revista pelo sr. Subsecretário de Estado da Guerra. Assistiram ao embarque os srs. generais Tasso de Miranda Cabral, chefe do Estado Maior do Exército; Peixoto e Cunha, governador militar de Lisboa; e Anacleto dos Santos, director da Arma de Artilharia, e muitos outros oficiais."

EM ROMA
ATRIBUE-SE À INGLATERRA
A INTENÇÃO DE INVADIR A SIRIA

AS RELAÇÕES DA TURQUIA

ROMA, 30. — (Do correspondente da «United Press» Reunions, Pictorial) — Os



“Para os Açores seguiram ontem Novos Contingentes de Tropas

Um aspecto do embarque das tropas no «Carvalho Araujo». Em baixo: Uma das peças anti-aéreas que seguiram no mesmo barco

Em reforço da guarnição militar dos Açores seguiram ontem a bordo do vapor «Carvalho Araujo», da Empresa Insulana de Navegação, novos contingentes de tropas.

Antes do embarque, no cais de Santos foi-lhes passada revista pelo sr. Subsecretário de Estado da Guerra.

Assistiram ao embarque os srs. generais Tasso de Miranda Cabral, chefe do Estado Maior do Exército; Peixoto e Cunha, governador militar de Lisboa; e Anacleto dos Santos director da Arma de Artilharia, e muitos outros oficiais.”

Fig. 357 Notícia do Diário de Notícias “Para os Açores seguiram ontem Novos Contingentes de Tropas”

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 1 de maio de 1941

PARAQUEDISTAS *italianos*

OCUPARAM AS ILHAS GREGAS DE CEFALÓNIA E ZANTE

ROMA, 2. — O comunicado oficial n.º 330, publicado ontem, anuncia: «Uma formação aérea e destacamentos de paraquedistas, protegidos por bombardeiros e «caças», ocuparam ontem as ilhas de Cefalonia e de Zante. Esta manhã, unidades de infantaria, provenientes da Altonia, desembarcaram na ilha de Leocadia.

Bombardeiros italianos e alemães continuaram o martelamento contra a base de La Valetta, tendo ocasionado prejuízos consideráveis e incêndios.

No Mar Egeu os nossos torpedeiros atacaram um comboio inimigo, fortemente escoltado. Um cruzador e um grande contratorpedeiro foram atingidos por torpedos. Apesar da violenta reacção da artilharia das muitas unidades escoltadas, os nossos torpedeiros regressaram à base, sem terem sofrido nenhum prejuízo. Um aparelho italiano de reconhecimento que tinha descoberto o «comboio» e que foi atacado por 5 aviões ingleses, conseguiu abater 2 aparelhos inimigos, voltando em seguida são e salvo à sua base.

O comunicado n.º 331, publicado hoje, diz: «Os nossos aviões bombardearam instalações do porto em La Valetta. Aviões de «caça» alemães abateram três «Hurricanes», durante combates aéreos sobre a ilha de Malta».—(R. R.).

Novos ataques á ilha de Malta

BERLIM, 2.—O comunicado de ontem do Alto Comando alemão anuncia: «Durante a última noite, aviões de combate e de bombardeamento alemães, em vôo picado, atacaram de novo, com eficácia, o porto de La Valetta, na ilha de Malta, assim como o aeródromo de Venezia. Na manhã de 1 de Maio, três aviões de «caça» do modelo «Hurricane» foram abatidos sobre a ilha em combates aéreos.

O tenente Muencheberg alcançou, durante combates aéreos sobre a ilha de Malta, as suas 39.ª e 40.ª vitórias aéreas.

O comunicado de hoje informa: «A artilharia da Marinha alemã abateu, no Mediterrâneo, quatro aviões torpedeiros britânicos».—(D. N. B.).

Comunicado oficial britânico

LONDRES, 1.—Comunicado da R. A. F. no Médio Oriente: «Mediterrâneo—Aviões inimigos atacaram ontem e na noite anterior a ilha de Malta, causando alguns estragos nas instalações da R. A. F. e originando um pequeno número de vítimas. Um «JU-88», que tinha sido atingido pelo fogo da artilharia anti-aérea, acabou por ser abatido pelos «caças» da R. A. F. Foi derrubado outro pela artilharia anti-aérea, que avariou mais alguns.

A aviação de «caça» efectuou numerosos vôos de protecção aos últimos comboios de evacuação das nossas tropas da Grécia. «De todas estas operações não regressaram 3 dos nossos aparelhos».—(Ex. Tel.).

“Paraquedistas italianos ocuparam as ilhas Gregas de Cefalónia e Zante
ROMA, 2. — O comunicado oficial nº330, publicado ontem anuncia: «Uma formação aérea e destacamento de paraquedistas, protegidos por bombardeiros e «caças», ocuparam ontem as ilhas de Cefalonia e de Zante. Esta manhã, unidades de infantaria, provenientes da Altonia, desembarcaram na ilha de Leocadia.

Bombardeiros italianos e alemães continuaram o martelamento contra a base de La Valetta, tendo ocasionado prejuízos consideráveis e incêndios.

No Mar Egeu os nossos torpedeiros atacaram um comboio inimigo, fortemente escoltado. Um cruzador e um grande contratorpedeiro foram atingidos por torpedos. Apesar da violenta reacção da artilharia das muitas unidades escoltadas, os nossos torpedeiros regressaram á base, sem terem sofrido nenhum prejuízo. Um aparelho italiano de reconhecimento que tinha descoberto o «comboio» e que foi atacado por 5 aviões ingleses, conseguiu abater 2 aparelhos inimigos, voltando em seguida são e salvo á sua base.

O comunicado nº331, publicado hoje diz: «Os nossos aviões bombardearam instalações do porto em La Valetta. Aviões de «caça» alemães abateram três «Hurricanes», durante combates aéreos sobre a Ilha de Malta».—(R.R)

Novos ataques á ilha de Malta

BERLIM, 2. — O comunicado de ontem do Alto Comando alemão anuncia: «Durante a última noite, aviões de combate e de bombardeamento alemães em vôo picado, atacaram de novo, com eficácia, o porto de La Valetta, na ilha de Malta, assim como o aeródromo de Venezia. Na manhã de 1 de Maio, três aviões de «caça» do modelo «Hurricane» foram abatidos sobre a ilha em combates aéreos.

O tenente Muencheberg alcançou, durante combates aéreos sobre a ilha de Malta as suas 39ª e 40ª vitórias aéreas».

O comunicado de hoje informa: «A artilharia da Marinha alemã abateu, no Mediterrâneo, quatro aviões torpedeiros britânicos».—(D.N.B.).

Comunicado oficial britânico

LONDRES, 1. — Comunicado da R.A.F no Médio Oriente: «Mediterrâneo — Aviões inimigos atacaram ontem e na noite anterior a ilha de Malta, causando alguns estragos nas instalações da R.A.F e originando um pequeno numero de vítimas. Um «JU-88», que tinha sido atingido pelo fogo da artilharia anti-aérea, acabou por ser abatido pelos «caças» da R.A.F. foi derrubado outro pela artilharia anti-aérea, que avariou mais alguns.

A aviação de «caça» efectuou numerosos vôos de protecção aos últimos comboios de evacuação das nossas tropas da Grécia.

«De todas estas operações não regressaram 3 dos nossos aparelhos. — (Ex. Tel.).”

Fig. 358 Notícia do Diário de Notícias “Paraquedistas italianos ocuparam as ilhas Gregas de Cefalónia e Zante”

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha;

Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 3 de maio de 1941

A AVIAÇÃO ITALIANA ATACOU MALTA

CAIRO, 4. — As forças aéreas britânicas do Próximo Oriente realizaram durante a noite passada um intenso bombardeamento contra os locais de concentração de tropas e aeródromos alemães na ilha de Creta, lançando centenas de bombas explosivas e incendiárias. Foram destruídos vários aviões que estavam pousados no solo e incendiados diversos hangares. — (U. P.).

Comunicado oficial italiano

ROMA, 4. — Grande Quartel General das Forças Armadas Italianas. Comunicado n.º 364: «Na noite de 3 para 4 os nossos aviões bombardearam os aeroportos da ilha de Malta». — (R. R.).

Pormenores do ataque a Malta

ZONA DE OPERAÇÕES, 4. — Esta noite, as formações de bombardeamento pesadas atacaram os aeródromos de Mikkaba e de Halfar (Malta). Foram lançadas bombas de grande e médio calibre sobre instalações do porto e sobre aviões pousados nas margens dos terrenos de aterragem. Apesar da violência da reacção da «D. C. A.» inimiga e do emprego de muitos projectores por parte desta, os nossos aviões de bombardeamento regressaram ilesos às suas bases. — (R. R.).

Avião de transporte de tropas alemãs abatido pelos «caças» britânicos

MALTA, 4. — Ontem, «caças» britânicos abateram sobre o mar um avião de transporte de tropas alemão «Junker-52». Segundo o comunicado oficial este avião foi abatido durante o segundo «raid» feito ontem contra a ilha por aviões inimigos. Apesar dos grandes estragos causados, durante o mês de Maio, a propriedade particular, as baixas entre a população civil não foram muito grandes, tendo morrido apenas 21 pessoas. — (Ex. Tel.).

“A Aviação Italiana Atacou Malta

CAIRO, 4. — As forças aéreas britânicas do Próximo Oriente realizaram durante a noite passada um intenso bombardeamento contra os locais de concentração de tropas e aeródromos alemães na ilha de Creta, lançando centenas de bombas explosivas e incendiárias. Firam destruídos vários aviões que estavam pousados no solo e incendiados diversos hangares. — (U.P.).

Comunicado oficial italiano

ROMA, 4. — Grande Quartel das Forças Armadas Italianas. Comunicado n.º 364: «Na noite de 3 para 4 os nossos aviões bombardearam os aeroportos da ilha de Malta». — (R.R.).

Pormenores do ataque a Malta

ZONA DE OPERAÇÕES, 4. — Esta noite, as formações de bombardeamento pesadas atacaram os aeródromos de Mikkaba e de Halfar (Malta). Foram lançadas bombas de grande e médio calibre sobre instalações do porto e sobre aviões pousados nas margens dos terrenos de aterragem. Apesar da violência da reacção da «D.C.A.» inimiga e do emprego de muitos projectores por parte desta, os nossos aviões de bombardeamento regressaram ilesos às suas bases — (R.R.).

Avião de transporte de tropas alemãs abatido pelos «caças» britânicos

MALTA, 4. — Ontem «caças» britânicos abateram sobre o mar um avião de transporte de tropas alemão «Junker-52». Segundo o comunicado oficial este avião foi abatido durante o segundo «raid» feito ontem contra a ilha por aviões inimigos. Apesar dos grandes estragos causados, durante o mês de Maio, a propriedade particular, as baixas entre a população civil não foram muito grandes, tendo morrido apenas 21 pessoas. — (Ex. Tel.).

Fig. 359 Notícia do Diário de Notícias “A Aviação Italiana Atacou Malta”

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 5 de junho de 1941

MALTA
NOVAMENTE BOMBARDEADA
PELA AVIAÇÃO ITALIANA



O forte de Sant'Elmo, na ponta extrema de La Valette, capital de Malta, que foi mais uma vez bombardeado

ROMA, 17.— Comunicado n.º 377 do Grande Quartel General das Forças Armadas Italianas:
 «Na noite de 16 para 17 foi bombardeada a base naval de La Valette». — (R. R.).

Pormenores do ataque

ROMA, 17.— O correspondente particular da agência «Stefani» comunicou que uma formação de aviões de combate italianos atacou, a noite passada, as instalações do porto de La Valette, em Malta. Bombas de calibre médio atingiram o porto, os depósitos e as instalações. O fogo da D. C. A. inimiga foi fraco. Todos os aviões chegaram á sua base sem novidade. — (D. N. B.).

MELHORAMENTOS RURAIS
 PARA A SUA EFECTIVAÇÃO
 NOS DISTRITOS DO CONTINENTE
 E ILHAS
 O MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS
 E COMUNICAÇÕES

O Embaixador do Brasil em Washington confirmou a noticia

NOVA YORK, 17. — O «New York Daily News» informa: O embaixador do Brasil em Washington confirmou que, no Rio de Janeiro, estão em curso negociações para a instalação de aeródromos militares ao longo da costa brasileira. Está previsto, ao que parece, um crédito de 90 milhões de dólares, a conceder pelos Estados Unidos. Os aeródromos pertenceriam ao Brasil, mas poderiam ser utilizados pelo Exército dos Estados Unidos. — (D. N. B.).

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA, 3.ª COLUMNA)

“Malta novamente bombardeada pela Aviação Italiana

O forte de Santelmo, na ponta extrema de La Valetta, capital de Malta, que foi mais uma vez bombardeado

ROMA,17. – Comunicado nº377 do Grande Quartel General das Forças Armadas Italianas: «Na noite de 16 para 17 foi bombardeada a base naval de La Vallete». – (R.R).

Pormenores do ataque

ROMA, 17. – O correspondente particular da agência «Stefani» comunicou que uma formação de aviões de combate italianos atacou, a noite passada, as intalações do porto de La Vallete, em Malta. Bombas de calibre médio atingiram o porto, os depósitos e as instalações. O fogo da D.C.A inimiga foi fraco. Todos os aviões chegaram á sua base sem novidade. – (D.N.B.).

Fig.360 Notícia do Diário de Notícias “Malta novamente bombardeada pela Aviação Italiana”

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 18 de junho de 1941

No ceu de
Malta
travou-se violenta
batalha aérea

LONDRES, 26. — («Reuters») — Os «Spitfires» e «Hurricanes» de Malta varreram ontem de tarde, do ceu daquela ilha, 30 bombardeiros de vôo mergulhante «Junkers 78» — informa o serviço de informações do Ministério do Ar. Pelo menos, metade daqueles aparelhos ou não regressou à base ou aterrou com avarias produzidas por estilhaços de granada e balas de metralhadora.

Foi uma das maiores batalhas aéreas até agora travadas sobre Malta.

Voando a cêrca de 2 mil metros de altura, os bombardeiros vieram em zig-zage da Sicília para atacar o navio ancorado em Malta. Vieram aos pares e sobre eles voavam habituais formações protectoras de «Messerschmits». Era esta a oportunidade que aguardavam os pilotos dos «Spitfires» e «Hurricanes».

Antes dos «stukas» poderem mergulhar sobre o navio, os caças britânicos desceram sobre eles e desfizeram a formação. Os pilotos alemães desorientavam-se de tal maneira que todas as suas bombas caíram ao largo. O navio não sofreu nenhum estrago; nem sequer de estilhaços de bombas que caíssem nas proximidades.

Apear dos «Messerschmits» ao fim de 15 minutos de batalha, os caças ingleses estavam todos indemnes.

Foram destruídos dois «ME 109» e um bombardeiro de vôo mergulhante «JU 87». Foram provavelmente destruídos seis «JU 87». Sofreram avarias graves infligidas pelos «Spitfires» três «JU 87» e os «Hurricanes» avariaram 5 daqueles aparelhos.

Há motivos fortes para crêr que vários dos bombardeiros se despenharam no mar, mas os pilotos britânicos estavam tão empenhados no combate contra forças superiores, que não tiveram tempo a assinalar a queda de cada um dos seus adversários.

Este ataque em massa foi seguido por outro, no mesmo dia. Uma formação singela de 30 «JU 87» tentou atacar os navios ancorados no grande porto, mas teve de sofrer os efeitos de uma forte barragem de artilharia anteaeria. Muitos dos aparelhos foram repelidos e caiu na água sem causar danos grande numero de bombas.—ET.

“No ceu de Malta travou-se violenta batalha aérea LONDRES, 26. — («Reuters») — Os «Spitfires» e «Hurricanes» de Malta varreram ontem de tarde, do ceu daquela ilha, 30 bombardeiros de vôo mergulhante «Junkers 78» - informa o serviço de informações do Ministério do Ar. Pelo menos, metade daqueles aparelhos ou não regressou à base ou aterrou com avarias produzidas por estilhaços de granada e balas de metralhadora.

Foi uma das maiores batalhas aéreas até agora travadas sobre Malta.

Voando a cêrca de 2 mil metros de altura, os bombardeiros vieram em zig-zage da Sicília para atacar o navio ancorado em Malta. Vieram aos pares e sobre eles voavam habituais formações protectoras de «Messerschmits». Era esta a oportunidade que aguardavam os pilotos dos «Spitfires» e «Hurricanes».

Antes dos «stukas» poderem mergulhar sobre o navio, os caças britânicos desceram sobre eles e desfizeram a formação. Os pilotos alemães desorientavam-se de tal maneira que todas as suas bombas caíram ao largo. O navio não sofreu nenhum estrago; nem sequer de estilhaços de bombas que caíssem nas proximidades.

Apear dos «Messerschmits» ao fim de 15 minutos de batalha, os caças ingleses estavam todos indemnes.

Foram destruídos dois «ME 109» e um bombardeiro de vôo mergulhante «JU 87». Foram provavelmente destruídos seis «JU 87». SOFRERAM AVARIAS GRAVES INFLIGIDAS PELOS «Spitfires» três «JU 87» e os «Hurricanes» avariaram 5 daqueles aparelhos.

Há motivos fortes para crêr que vários dos bombardeiros se despenharam no mar, mas os pilotos britânicos estavam tão empenhados no combate contra forças superiores, que não tiveram tempo a assinalar a queda de cada um dos seus adversários.

Este ataque em massa foi seguido por outro, no mesmo dia. Uma formação singela de 30 «Ju 87» tentou atacar os navios ancorados no grande porto mas teve de sofrer os efeitos de uma forte barragem de artilharia anteaeria. Muitos dos aparelhos foram repelidos e caiu na água sem causar danos grande numero de bombas. — ET.

Fig.361 Notícia do Comércio do Porto “No ceu de Malta travou-se violenta batalha aérea”

Fonte: Comércio do Porto: 27 de março de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.



“A luta em Africa e no Mediterraneo

Malta vai representar papel importante nas operações futuras – afirmou o Governador da Ilha

LA VALETTA (ilha de Malta) – O Governador de Malta, falado esta manhã pelo rádio, disse que o inimigo tem pago bem caro os seus ataques aéreos contra a Ilha de Malta, que tem sofrido o maior numero de bombardeamentos aéreos de toda a campanha.

E acrescentou:

«Nos seus ataques aéreos contra Malta o inimigo perdeu muitas dezenas de aviões e não conseguiu destruir nenhum objectivo militar vital de Malta.

Os estragos causados pelos bombardeamentos inimigos são imediatamente reparados e quanto mais ataques se realizarem, maior estímulo para a resistência.

Malta é e continuará a ser um baluarte inexpugnável junto ás costas da Itália e num próximo futuro representará papel ainda mais importante nas operações que se hão-de realizar no Mediterraneo. Estamos firmemente unidos e resoluídos a defender esta ilha até ser alcançada a vitória final». – UP.”

Fig. 362 Notícia do Comércio do porto “A luta em Africa e no Mediterraneo

Malta vai representar papel importante nas operações futuras – afirmou o Governador da Ilha”

Fonte: Comércio do Porto: 1 de abril de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.

A luta no Mediterraneo

COMUNICADO ITALIANO

ROMA, 13 — Comunicado oficial: Formações do «Eixo» bombardearam, intensamente, as obras portuárias e aéreas de Malta, destruindo, em combate, dois aparelhos e incendiando outros que se encontravam no solo. No Mediterrâneo, uma vedeta anti-submarina, do comando do guarda-marinha António Faldone, afundou um submarino. — RR.

*

ROMA, 13 — O aparelho que afundou, no Mediterrâneo Oriental, um vapor de 10.000 toneladas era comandado pelo tenente Francesco Alú. — RR.

DE CADA 300 HABITANTES DA ILHA DE MALTA, UM TEM SIDO FERIDO PELOS ATAQUES AÉREOS

MALTA, 13. — O número de vítimas dos ataques aéreos inimigos durante o mês de Março foi de 231 mortos, 281 gravemente feridos e 297 com ferimentos ligeiros. Isto significa que um, em cada 300 dos civis habitantes da ilha foi atingido. O número de vítimas na Grã-Bretanha, desde que começaram os ataques aéreos é na proporção de 1 para 400 habitantes. — E.T.

"A luta no Mediterraneo

Comunicado Italiano

ROMA, 13 — Comunicado oficial: Formações do «Eixo» bombardearam, intensamente, as obras portuárias e aéreas de Malta, destruindo, em combate, dois aparelhos e incendiando outros que se encontravam no solo. No Mediterrâneo, uma vedeta anti-submarina, do comando do guarda-marinha António Faldone, afundou um submarino. — RR.

*

ROMA, 13 — O aparelho que afundou, no Mediterrâneo Oriental, um vapor de 10.000 toneladas era comandado pelo tenente Francesco Alú. — RR.

DE CADA 300 HABITANTES DA ILHA DE MALTA, UM TEM SIDO FERIDO PELO ATAQUES AEREOS

MALTA, 13. — O número de vítimas dos ataques aéreos inimigos durante o mês de Março foi de 231 mortos, 281 gravemente feridos e 297 com ferimentos ligeiros. Isto significa que um, em cada 300 dos civis habitantes da ilha foi atingido. O número de vítimas na Grã-Bretanha, desde que começaram os ataques aéreos é na porção de 1 para 400 habitantes. — E.T."

Fig. 363 Notícia do Comércio do Porto "A luta no Mediterraneo"

Fonte: Comércio do Porto: 14 de abril de 1942/Dir.F.Seara Cardoso; Fundadores H. C. Miranda; M.S Carqueja e F.S Carqueja. Porto.



O embarque das tropas no «Carvalho Araújo»

A guarnição militar dos Açores

vai ser reforçada com mais um contingente de tropas que ontem partiu de Lisboa para aquele arquipélago, no paquete «Carvalho Araújo»

No paquete «Carvalho Araújo», embarcou ontem, pelas 15 horas, para os Açores, mais um contingente de tropas, afim de reforçar a guarnição militar daquele arquipélago. As forças saíram do quartel da 3.^a Companhia de Saúde, na Graça, às 14 e 30, e dirigiram-se em caminhões do Exército para o cais do embarque, em Santos, onde formaram à entrada.

Os srs. generais Pereira dos Santos e Miranda Cabral, respectivamente, major-general e chefe do Estado Maior do Exército, passaram revista às tropas, que depois embarcaram, no meio de entusiásticas saudações e ao som do hino nacional executado pela banda de caçadores 5.

O general Giraud

EVADIU-SE DUM CAMPO DE PRISIONEIRO

BERLIM, 25 — A rádio alemã anunciou que o general francês Giraud, que se encontrava internado num campo de prisioneiros, na Alemanha, se evadiu. A rádio acrescenta que quaisquer alemães que lhe dêem guarida, incorrerão, por isso, na pena de morte — OFI.

LONDRES, 25 (Reuter) — A rádio alemã comunicou, hoje, que o general francês Giraud conseguiu evadir-se da fortaleza de Koening.

Centenário de Pedro Ivo

O nascimento, há um século, do admirável escritor portuense

A Câmara Municipal do Pórtio, Junta de Província do Douro-Litoral e a Universidade do Pórtio, preveem a realização, esta semana, actos públicos de homenagem à memória do ilustre escritor Pedro Ivo (pseudónimo de Carlos Lopes) e do dr. Francisco de Assis e Sousa e José Carlos Lopes, professores signes da velha Escola Médico-Cirúrgica desta cidade. O centenário do nascimento de Carlos Lopes foi próprio dia, em Janeiro pretérito, cordado pela Câmara Municipal do Pórtio, que visitou a campa do pai, no cemitério de Agramon, ali colocou uma palma de flores comemorativas culturais ficaram, reservadas para o aniversário da data em que verdadeiramente surgiu Pedro Ivo, o escritor, isto para amanhã, dia em que o Comércio do Porto principiou a publicação do primeiro dos contos encantados do egregio contista.

“O embarque das tropas no «Carvalho Araújo»

A guarnição militar dos Açores vai ser reforçada com mais um contingente de tropas que ontem partiu de Lisboa para aquele arquipélago, no paquete «Carvalho Araújo»

No paquete «Carvalho Araújo» embarcou ontem, pelas 15 horas, para os Açores, mais um contingente de tropas, afim de reforçar a guarnição militar daquele arquipélago. As forças saíram do quartel da 3.^a Companhia de Saúde, na Graça, às 14 e 30, e dirigindo-se em caminhões do Exército para o cais do embarque, em Santos, onde formaram à entrada.

Os srs. generais Pereira dos Santos e Miranda Cabral, respectivamente, major-general e chefe do Estado Maior do Exército, passaram revista às tropas, que depois embarcaram, e ao som do hino nacional executado pela banda de caçadores 5.”

Fig. 364 Notícia do Comércio do Porto “O embarque das tropas no «Carvalho Araújo»

A guarnição militar dos Açores vai ser reforçada com mais um contingente de tropas que ontem partiu de Lisboa para aquele arquipélago, no paquete «Carvalho Araújo»

Fonte: Comércio do Porto: 26 de abril de 1942/Dir.F.Seara

Anexo 5 – Rotas aéreas e navais sobre Malta

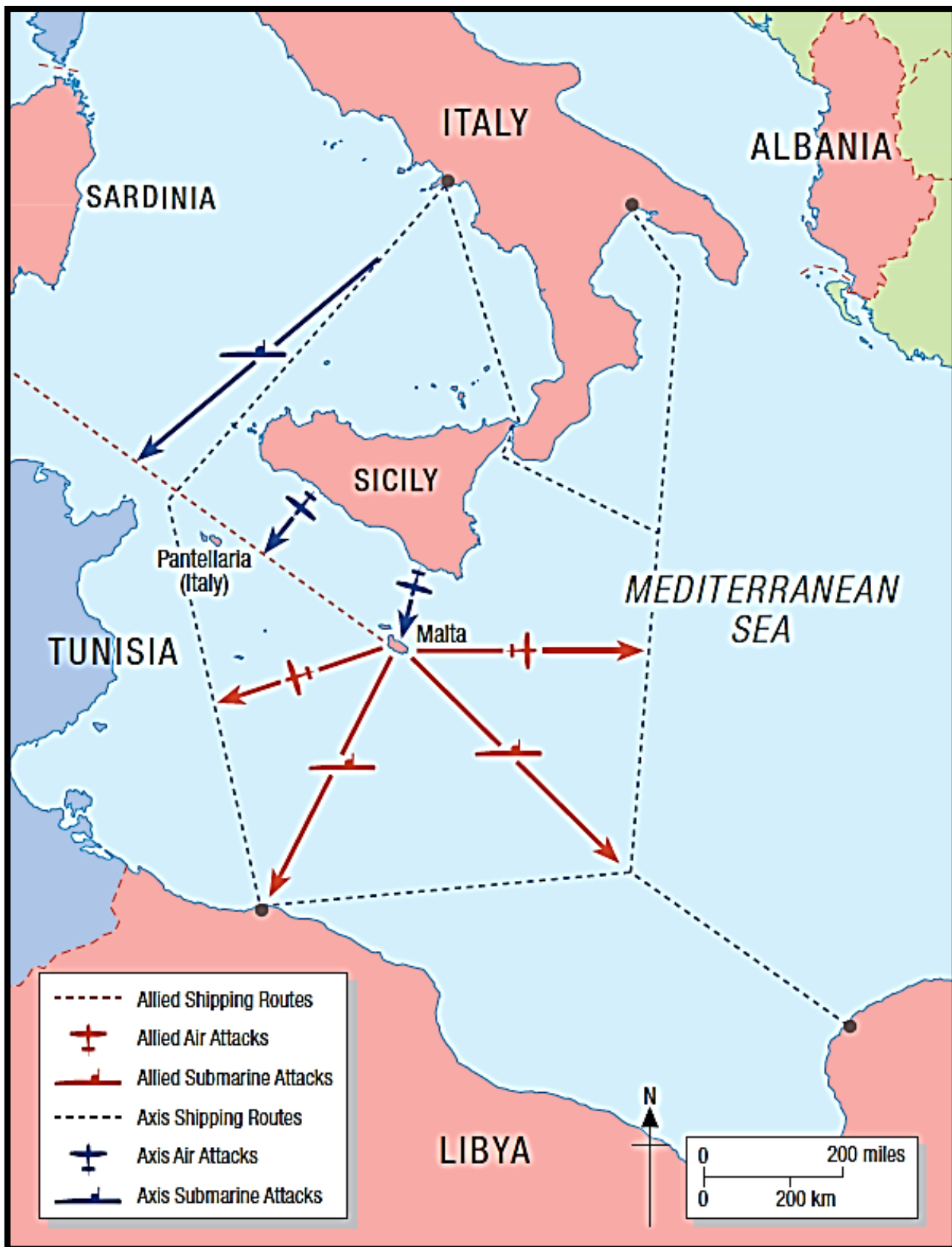


Fig.365 Rotas Aéreas
Fonte: (Stephenson, The Fortifications of Malta 1530-1945, 2004, p. 51)

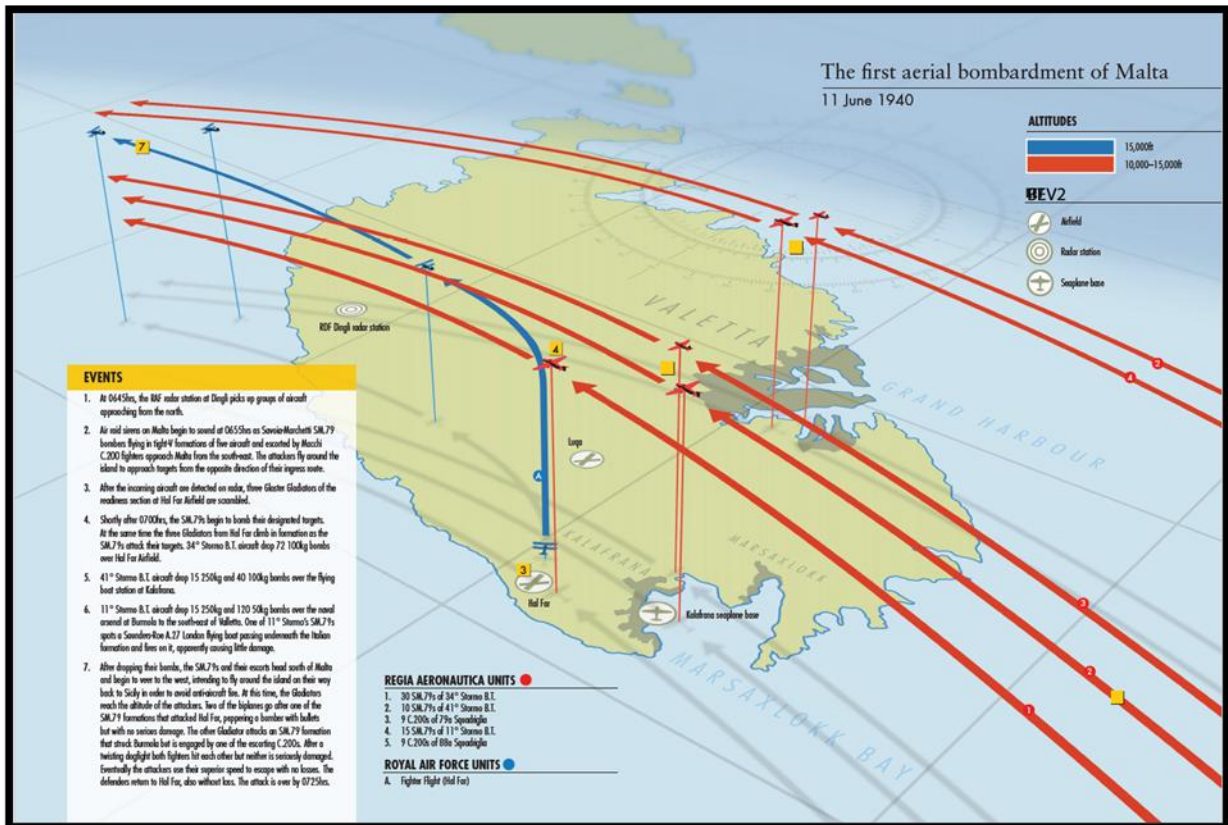


Fig. 366 Rotas aéreas sobre Malta – o primeiro ataque aéreo

Fonte: (Noppen, 2018, p. 31)

Anexo 6 – Controlo do Mediterrâneo pelas forças Aliadas e Inimiga

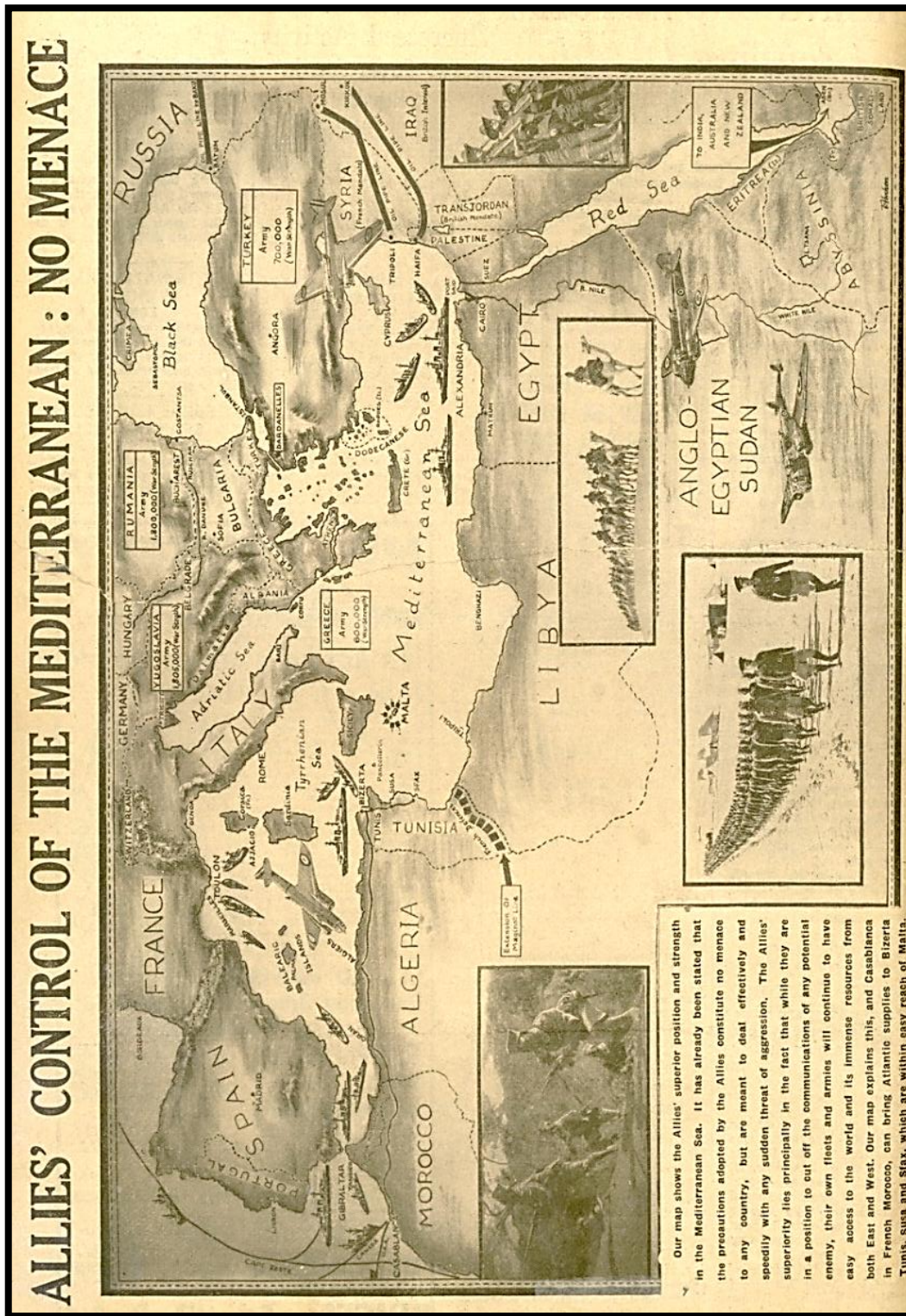


Fig.367 "Allies control the mediterranean: no menace." - "Os Aliados Controlam o Mediterrâneo"
 Fonte: TOM_ "Allies control the mediterranean: no menace."_No.1.459_ Tuesday, april 23, 1940

REDIFFUSION
FOR PERFECT RADIO
RECEPTION
SWITCH
ON—
THAT'S
ALL!

TIMES OF MALTA

No. 1,475 SATURDAY, MAY 11, 1940. PRICE 1d.

AIR RAID
WARNING
TODAY
BETWEEN 10 a.m.
AND MIDNIGHT
SEE PAGE 2

CHURCHILL PRIME MINISTER

National Government Being Formed 'ALL PARTIES' GOVERNMENT IN FRANCE

An official announcement from 10 Downing Street issued yesterday evening stated that Mr. Chamberlain "has resigned the office of Prime Minister and First Lord of the Treasury this evening, and that Mr. Churchill has accepted His Majesty's invitation to fill the position".

The Prime Minister expressed the desire that all Ministers should remain at their posts and discharge their functions with full freedom and responsibility, while the necessary arrangements for the formation of the new administration are made.

It was, at the same time officially announced in Paris that M. Renaud had reconstructed his Cabinet taking into it representatives of all the political parties.

(Reuter's Service)

PARIS, May 11.
Referring to Mr. Churchill's appointment as Prime Minister of the United Kingdom, the comment in Paris was: "He is the man Hitler fears most."

In Washington, the choice of Mr. Churchill as Premier has been widely welcomed. — Reuter.

THE NEW APPOINTMENTS

CONJECTURE

LONDON, May 11.
Reuter's Lobby Correspondent learns that Mr. Churchill is expected to complete the War Cabinet during the week-end, possibly tomorrow.

Occasionally nothing is known with regard to Mr. Churchill's intentions, but it is generally accepted that the Labour will have Mr. Attlee, Mr. Greenwood, Mr. Ernest Beven and possibly Mr. Alexander among the principal Government appointments with at least one in the War Cabinet, Mr. Greenwood and Mr. Beven are favoured for the War Cabinet.

The Opposition Liberals naturally expect that Sir Archibald Sinclair will be included.

Mr. Lloyd George must always be a "possible" in any situation as dramatic as at present. Ministerialists led by Mr. Amery will also be found in the new Government. Changes are expected by the heads of the War Office, the Air Ministry and the Ministry of Supply.

Political circles will not be surprised if Mr. Chamberlain is given the Chancellorship of the Exchequer, with leadership of the House of Commons, leaving Mr. Winston Churchill free from Parliamentary duties, except on supreme occasions. Sir John Simon may go to the House of Lords.

See page 7 for full text of Mr. Chamberlain's speech.



MR. CHURCHILL

It is learned that some 2,800 "Quislings" have been arrested in Belgium.

130 NAZI 'PLANES DOWN IN ONE DAY

The first day of Hitler's "aerial blitzkrieg" on the Low Countries, has been a costly one. It is estimated that the Germans have lost at least 130 aircraft.

HOLLAND, claims to have accounted for	70
BELGIUM,	7
FRANCE,	44
BRITAIN,	5
R.A.F. in France	5
Total	131

GENERAL MOBILIZATION IN SWITZERLAND

BERNE, May 10.

Switzerland has declared general mobilization. The country's defences on the German and Italian frontiers have been strengthened.

ALLIED ARMIES MARCH INTO BELGIUM

"Soldiers Of Liberty" : Hitler Finds His Match At Last

The German attack on Belgium and Holland at 3 a.m. this morning found the Allies ready. At six a.m. the French Army and the R.A.F. marched into Belgium.

"FRANCE HAS DRAWN HER SWORD"

(Reuter's Service)

PARIS, May 10.
M. Reynaud broadcasting tonight said that French troops crossed the frontier into Belgium between 6 and 7 a.m. He added that "Hitler has dropped the mask. Now it is France's turn to show the way with her troops and planes. Everyone is ready to do his duty. France has drawn her sword. Our troops are the "Soldiers of Liberty." — Reuter.

COURAGE, ENERGY, CONFIDENCE

PARIS, May 10.

The text of General Gamelin's Order-of-the-Day is: "The attack which we had foreseen since last October was launched this morning. Germany has engaged in war to the death against us. The password for France and all her Allies is "Courage, Energy and Confidence".

PARIS, May 11.—Mr. Churchill's assumption of Premiership at a critical moment, is seen in semi-official circles as symbolizing Allied reaction to the Nazi challenge. Mr. Churchill is held in high esteem by the whole French nation as an energetic, clear-sighted leader and fighter.—(Reuter).

B.E.F. ON THE MARCH

(Reuter's Service)

LONDON, May 10.
"Reuter's" Special Correspondent with the B.E.F. cables that ever since the international barriers were lowered this morning, khaki clad columns have been moving with smooth efficiency towards the East. Crowds of civilians greeted the troops with joy, pelting them with flowers and running alongside offering the men bottles of beer. As they moved off the men waived heartily to the French people, who turned up their thumbs to indicate that all is well with the British Army.

The suddenness of the German onslaught had certainly not caught the Army napping. The arrival of the B.E.F. on the Belgian frontier was an impressive sight. Long columns of lorries, tanks, armoured cars, motor cars and motor-cycles moved forward in a steady stream. The men looked bronzed and fit, ready for anything.

BRITISH TROOPS IN ICELAND

British troops have landed in Iceland, and the latest reports reaching London indicate that the British occupation of the Island has met with no resistance whatever, and that the operation has been carried out according to plan.

WASHINGTON, May 11.—The feeling that America probably will not be able to keep out of the war is beginning to find expression among a number of close observers.—(Reuters).

THE WESTERN FRONT

LATEST POSITION OF ADVANCING ARMIES

(Reuter's Service)

LONDON, May 11.

It is stated authoritatively that the British and French armies are giving "ferocious help" to the Dutch and Belgian forces. The latest position on the various fronts is as follows:—

- 1 The Germans are passing through Luxembourg towards the French frontier. French and German advance units are reported to be in contact. Fighting is proceeding on both sides of the Moselle.
- 2 The Belgians have fallen back on their main defence line, in accordance with a pre-arranged plan.
- 3 The Dutch plan of inundation and demolition has worked successfully. The main Dutch defence line is along the River Yssel which, it is believed, the Germans have reached only at a point 10 miles inside the frontier. German parachutists have been landed at various Dutch aerodromes. Some have been wiped out, and operations are progressing to dislodge them at others.

STOP PRESS

AMSTERDAM, May 11. — A communique states that the number of German planes shot down over Holland, now exceeds 100. In addition, 14 undamaged enemy planes fell into our hands at one of the re-conquered aerodromes. With one exception, all aerodromes temporarily conquered by the Germans, are again held by the Dutch.—(Reuters).

Fig.368 – Notícia Time of Malta "Churchill Prime Minister National Government Being Formed 'All Parties' Government in France – "O Primeiro-Ministro Churchill o Governo Nacional encontra-se a formar 'Todos os partidos' do Governo de França.

Fonte: TOM_ "Churchill Prime Minister National Government Being Formed 'All Parties' Government in France" _No. 1,475_ _Saturday, may 11, 1940

HITLER'S DESPERATE BID



THE ALBERT CANAL.— The above photograph was taken from Liege at the time when the town was preparing for the 1939 Grand International Exhibition to commemorate the completion of the canal, Liege, one of the gates to the Ardennes, is the capital of Walonia, and has gone through many struggles since the Middle Ages, in order to preserve that liberty so dear to the Belgian nation. The Albert Canal links up industrial Walonia with the Antwerp Metropolis.

BRUSSELS FROM THE AIR.— Photograph (left) is a picture of the Grand Place, Brussels, as seen from the air. The tall spire in the centre of the centre of the photograph is that of the Town Hall. Despite the fact that from the first hours of the invasion Brussels was declared an open town, many people have been killed or wounded in German air raids.

The Low Countries

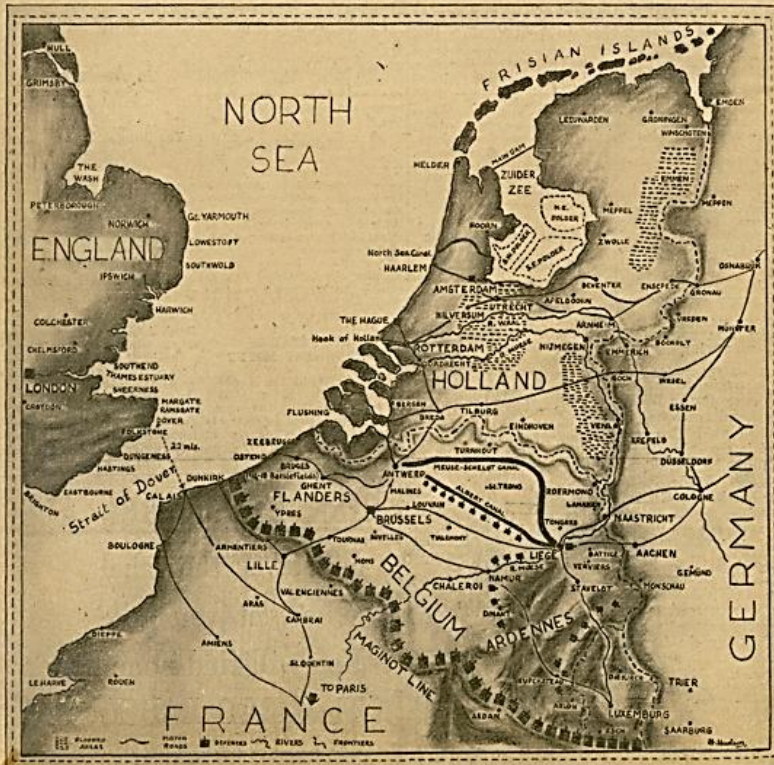


Fig.369 Notícia Times of Malta "Hitler's desperate Bid" – A tentativa desesperada de Hitler no Canal
 Fonte: TOM_ "Hitler's desperate Bid" _ Tuesday may, 1940

GERMANY AT SOVIET RUSSIA'S THROAT

Finns and Rumanians Also Attack INVASION ALONG WHOLE FRONTIER

(Reuter's Service)
LONDON, June 22.
ALTHOUGH no concrete news has come to hand regarding the course of the operations on the new front, in the Second World War, Rome Radio announces that the Soviet troops are offering strong resistance to the Germans. The invasion commenced at 4 a.m. Sunday without a declaration of war, immediately the Nazi divisions penetrating Russian territory the entire frontier opened fire.

Italy has also declared war on Russia but there is no indication of active Italian assistance being due to be rendered in the fighting in Eastern Europe. Finland and Rumanians are in the war on Germany's side, according to Hitler in a broadcast proclamation to the Reich.

The Russians are reported to have completed the evacuation of civilians from a zone, about 60 miles wide, behind the demarcation line of Poland, and all bridges in this zone are ready for dynamiting, the "New York Times" learns from Rome. Large reinforcements of Russian troops are stated to be arriving in a steady stream behind the line of the Dniester River. Large concentrations of the Russian air force, it is stated, are reported to have been moved up from Kiev to the newly constructed air fields behind the southern line. From Bucharest it is reported that the Rumanians have taken precautions to enable them to blow up the bridges east of the Pruth River.

Russia's Three Advantages.

General Gough, Reuter's military correspondent, reviewing this latest phase of aggression by Hitler, asks: "What are his chances of immediate success against Russia or his ultimate success against Britain?"

It is believed that the equipment of the Russian Army and Air Force, though numerically large, cannot compare in efficiency with the German Army or the Luftwaffe. On the other hand Russia has three advantages—

- First, the vast numbers she can place in every theatre of a long front.
- Secondly, the tremendous depth of country over which her troops can fall back and still find resources and supplies.
- Thirdly, the bitter spirit of hatred to which M. Molotov gave expression in his broadcast.

ASSAULT IN THE SOUTH

It is a point that will maintain itself for some time to come, but that it may be a long way off. It is possible that, supported by Nazi air concentrations, the German forces though they be, may capture Odessa and press on to the Crimea.

GERMANS' MAIN BLOWS

The Germans may strike two main blows, one on the left of the Russians via Leningrad (Lud-Jaroslavl or Kiev) and the other on the right via the Crimea, and these three valleys of the Dnieper on the Baltic, while the French Army, still further north, can menace Leningrad. Some indication of the outline of this plan can be gathered from the fact that Sebastopol, Krasnodar and Kiev were all bombed this morning. Hitler may gain all these success, but he will not be any nearer his conquest of Russia.

R.A.F. Bomb Cologne And Dusseldorf

(Reuter's Service)
LONDON, June 22.
The sustained offensive of the R.A.F. against Germany's heavy industrial centres was continued last night, Saturday, by strong forces of the Bomber Command, says an R.A.F. communiqué. The objectives were Cologne and Dusseldorf, while the lighter forces attacked docks at Dusseldorf and Cologne. One aircraft was being sent from these operations.

Almost all the Fighter Command carried out offensive patrols, over enemy territory, over the North Sea coast during the night. It is now known that 4 German bombers were destroyed over Britain last night (Saturday).

ACTIVITY OVER BRITAIN

German fighters were more active over Britain during Saturday night than on any other night. According to the Air Ministry, there was a sharp attack on a South of England town, causing considerable white damage.

THE NEW FRONT

MOSCOW Radio stated tonight that from all districts come news of enthusiasm and patriotic demonstrations. The feeling is described as overwhelming and the Russian people will defend their country and liberty with their lives. Moscow fully trusts the Government, and inhabitants are indignant over the daily bombing. They promise their persistence for the biggest military effort. From Siberia and the Caucasus over the same feelings.

Germany's attack on Russia is regarded as a grave and suicidal error in the eyes of the world. The latest German aggression is considered as a betrayal of the sacred defence of Britain, and an admission that Hitler urgently needs the material resources of Russia.

The Japanese Foreign Minister, M. Kato, went to the Palace in Tokyo to report to the Throne immediately he received an official report from the Japanese Ambassador in Berlin on the start of the German-Russian hostilities. He also reported on "related international problems." On leaving the Palace, M. Kato held a meeting with the principal officials at the Foreign Ministry.

STOP PRESS

30 German fighters, all Messerschmitt 109's, were shot down over Northern Britain, during the day, Sunday. The British lost 2 planes, one pilot being saved. One of the Nazis was destroyed by a Blenheim bomber. — (Reuter's).

Britain to Aid Russian People Against Hitler CHURCHILL ON BRITISH GOVERNMENT'S POLICY

(Reuter's Service)
LONDON, June 22.
MR. CHURCHILL, speaking on the radio to Britain and overseas, in the shortest notice broadcast since Mr. Chamberlain announced the declaration of war against Germany, said that he had taken the decision to speak to you tonight because we have reached one of the climax points of the war. In the first of these intense turning points, a year ago, France fell prostrate under the German hammer and we had to face the storm alone. The second was when the R.A.F. beat the Hun raiders out of the daylight air and thus warded off the Nazi invasion of our islands, while we were still ill-equipped and ill-prepared.

The third turning point was when President Roosevelt and the Congress of the United States passed the Lend Lease and Lend-Lease Act, which will help us to defend our liberties and their own.

The fourth climax is now upon us. At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

At four o'clock this morning Hitler attacked and invaded Russia. All his usual formalities of perfidy were observed with scrupulous technique. A non-aggression treaty had been solemnly signed and was in force between the two countries. No complaint had been made by Germany of its non-compliance. Under its cloak of false confidence German armies grew up to immense strength along a line which stretched from the White Sea to the Black Sea. The Air Force and armoured divisions slowly and methodically took up their stations.

THE MALTA FRONT

SATURDAY — SUNDAY

Enemy Fighter Shot Down

The following Situation Report was issued from the Information Office yesterday, June 22, 1941, at 8 p.m., covering the previous twenty-four hours:—

"Last night three alarms were sounded when some enemy aircraft came over. Bombs were dropped but there was no damage or casualties.

"Searchlights were active and A. A. defences engaged the raiders.

"This morning a formation of enemy fighters approached the Island. Our fighters intercepted the enemy and shot down a Meischi 200 (a fighter) into the sea. All our fighters returned undamaged.

"This afternoon an alert was sounded but no raid materialised."

BROADCAST

Mr. A. R. Ghem, Assistant to the Lieutenant-Governor and Member of the Executive Council will broadcast on the Suspension of the Midday Post Service at 6.15 this evening.

Fig.370 Notícia Times of Malta "Germany at Soviet Russia's Throat Finns and Rumanians Also Attack Invasion Along Whole Frontier" – "Alemanha está na garganta da Rússia Soviética, os finlandeses de romenos também atacam ao longo da fronteira" Fonte: TOM, "Germany at Soviet Russia's Throat Finns and Rumanians Also Attack Invasion Along Whole Frontier" No.1,821, Monday, June 23, 1941



Fig. 371 Notícia Times of Malta "Mussolini's Cowardly Act U.S.A All but War With Italy "We know the Italian's of old" – Doomed to meet their second Caporetto"

Fonte: TOM_ "Mussolini's Cowardly Act U.S.A All but War With Italy "We know the Italian's of old" – Doomed to meet their second Caporetto"_No. 1,501_ Tuesday, June 11, 1941

ITALY'S ATTACK ON MALTA

Several Raids – Tomato Crop Demolished

Yesterday Malta had another exciting day — as everyone expected. Low clouds were favourable to the enemy, but negligible damage was done, thanks to our fighters and anti-aircraft defences.

The first air raid warning yesterday morning was due to two Italian aircraft, possibly an Ala Littoria transport with a military escort, evidently on their way to Libya.

They came to within 8 miles off Delimara from the north, and seemed to be having difficulty in finding their way, owing to the mist.

Then they circled round to Filfla, to fix their position, and travelled on southwards.

There was a second attempted raid which likewise produced no results.

RAID ON KALAFRANA

In the 12.30 p.m. raid, one enemy bomber dropped bombs in the Kalafrana area; the military casualties were two killed and two wounded, one badly wounded, one R.A.F. slightly wounded, and two civilians wounded, one seriously.

WARSHIP DRIVES OFF RAIDERS

The bombers which attacked Malta yesterday morning also attacked a British warship, about 6 miles out at sea from Malta. The enemy planes

dropped bombs all round the ship, some of which fell half a mile wide. The warship counter-attacked with anti-aircraft fire and drove the raiders off.

This is the main reason for the period which elapsed between the alarm signal and "raiders past".

At 2.50 p.m. another air raid alarm was given for another enemy plane which attacked Kalafrana slipway. Again bombs were dropped, but the damage was slight and there were no casualties.

MELLIEHA ATTACKED

At 4.45 p.m. the air raid warning again sounded. Fighters went up immediately, and the enemy headed among the clouds for Mellieha, not daring to show himself to our splendid gunners. He dropped nine bombs haphazardly near a camp north of Mellieha before turning tail and hurrying away as if he had seen the Ghost of Matteotti. Two of these bombs fell into the sea; three high explosive and four incendiary bombs fell on land, but there was no damage and no casualties.

to Italy. It is pointed out that the government do not wish to have to keep these Italian Nationals in Malta. Lady Haw-Haw broadcast in Maltese the other night that these same enemy women were being kept in a danger zone.

(2) The "Polonia" tried to scuttle herself outside the Grand Harbour but was prevented from doing so and has been beached at Marsascula.

(3) The "Rodi" and "Adige" which were enroute to this Contraband Control Base before war was declared, have also been successfully brought in by their prize crews in spite of the subsequent opening of hostilities.

"TIMES OF MALTA"

The "Times of Malta" will from time to time appear with 4 pages.

The public will appreciate the production difficulties which are caused by continual air raid alarms. For instance, four members of the staff have been unfortunate in the Gzira air raid in having their houses rendered untenable. Time tables and working hours have all to be adjusted to war conditions, but we are confident that, thanks to the magnificent loyalty of the Editorial Staff and Employees, all difficulties will be adjusted and met as they arise.

"Il Berka" is also produced by the Allied Malta Newspapers Ltd., and is publishing in future with 4 pages.

Our thanks are likewise tendered to the public for their generous appreciation of our efforts and to the newspaper distributors and boys for their unflinching zest in carrying on this difficult work between air raid alarms.

EVACUEES

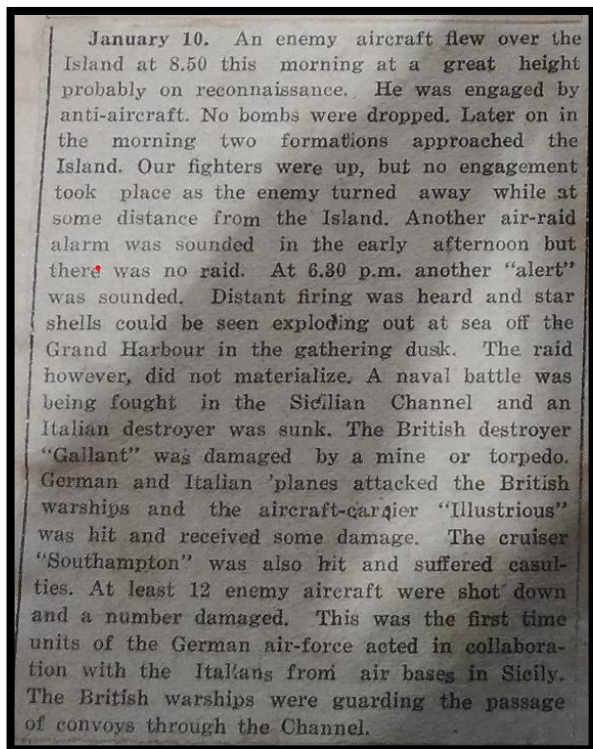
The Government have appointed an officer to take control of the supervision for supplies of food and sanitary arrangements to deal with

Fig. 372 "Italy's attack on Malta Several Raids – Tomato Crop Demolished" – "Itália ataca Malta severos ataques – colheita de tomate destruída"

Fonte: TOM_ "Italy's attack on Malta Several Raids – Tomato Crop Demolished" _No.1,504, Friday, June, 14, 1940

Anexo 9 – National War Museum – Introduction, Calender of Main Events

Ano 1941



January 10. An enemy aircraft flew over the Island at 8.50 this morning at a great height probably on reconnaissance. He was engaged by anti-aircraft. No bombs were dropped. Later on in the morning two formations approached the Island. Our fighters were up, but no engagement took place as the enemy turned away while at some distance from the Island. Another air-raid alarm was sounded in the early afternoon but there was no raid. At 6.30 p.m. another "alert" was sounded. Distant firing was heard and star shells could be seen exploding out at sea off the Grand Harbour in the gathering dusk. The raid however, did not materialize. A naval battle was being fought in the Sicilian Channel and an Italian destroyer was sunk. The British destroyer "Gallant" was damaged by a mine or torpedo. German and Italian planes attacked the British warships and the aircraft-carrier "Illustrious" was hit and received some damage. The cruiser "Southampton" was also hit and suffered casualties. At least 12 enemy aircraft were shot down and a number damaged. This was the first time units of the German air-force acted in collaboration with the Italians from air bases in Sicily. The British warships were guarding the passage of convoys through the Channel.

January 10, 1941: "An enemy aircraft flew over the Island at 8.50 this morning at a great height probably on reconnaissance. He was engaged by anti-aircraft. No bombs were dropped. Later on in the morning two formations approached the Islands. Our fighters were up, but no engagement took place as the enemy turned away while at some distance from the Island. Another air-raid alarm was sounded in the early afternoon but there was no raid. At 6.30 p.m. another "alert" was sounded. Distant firing was heard and star shells could be seen exploding out at sea off the Grand Harbour in the gathering dusk. The raid however, did not materialize. A naval battle was being fought in the Sicilian Channel and an Italian destroyer was sunk. The British destroyer "Gallant" was damaged by a mine or torpedo. German and Italian planes attacked the British warships and the aircraft-carrier "Illustrious" was hit and received some damage. The cruiser "Southampton" was also hit and suffered casualties. At least 12 enemy aircraft were shot down and a number damaged. This was the first-time units of the German air-force acted in collaboration with the Italians from air bases in Sicily. The British warships were guarding the passage of convoys through the Channel." (NWM - Introduction, Calender of Main Events, Diary of the Italian was on the Malta Front, Cuttings from

the 'Times of Malta', 1940 - 1943, p. Appendix A. pp.32).

Fig. 373 Notícia sobre um "air raid" sobre a ilha de Malta

January 16. During the night at 1.15 a.m. an alarm was given as enemy aircraft approached the Island but no raid materialized. Another alarm was sounded at 10.45 a.m. but again no raid materialized.

Today Thursday, was a bright, sunny January day, and it was chosen by the German Luftwaffe for their first Blitzkrieg over Malta. It was 2.55 p.m. when the alarm was sounded, and shortly after, the air vibrated with the drone of aircraft. The barrage opened with a roar. The attackers approaching from the North-east, flew over the length of Valetta in unending waves at intervals of about 200 feet, and dived straight into the curtain of fire and steel put up by our anti-aircraft defences, to drop their bombs on the shipping in the Grand Harbour. Each aircraft attempted to score a hit on the aircraft-carrier "Illustrious", which was being repaired in French Creek, and mountains of spray were raised as the bombs missed their mark and fell into the sea. The din was terrific as the lighter guns joined in, and the ships in the harbours

January 16, (continued) After what seemed an eternity, but what was in reality some fifteen minutes, the noise stopped, and a strange silence reigned as the smoke of battle wafted out to sea, and the clouds of dust gradually settled thickly on the ground.

But all was activity were the bombs had fallen. Men of the Passive Defence Services, policemen, soldiers, sailors, airmen, civilians and priests rushed to the rescue of those buried beneath the debris while intense firing was still going on. Men climbed the mounds of fallen masonry, and pulled out survivors from cellars and perilous positions and carried them down to safety. The babies they carried in their arms and the old on their backs. In one place in Valetta about 14 people were rescued, their faces grey with dust, and badly shaken, but otherwise uninjured. Five more people fatal casualties, buried beneath the debris in the same place, however, could not be so easily rescued.

At L'Isola and Birgu, two of Malta's oldest, historical and beautiful churches were seriously damaged, namely the Parish Church of Our Lady of Victory, at L'Isola, and the Parish church of St. Lawrence, at Birgu, which was the conventual church of the Knights of St. John, until St. John's Co-Cathedral was built in Valetta.

and the aircraft-carrier opened fire; the back of pompoms mingled with the harsher crack of the heavier armament. L'Isola, and Birgu were straddled with high explosive bombs and much damage was caused. The enemy received heavy punishment but after a short lull they reformed and returned for a second attack, even more intense, as hell was let loose. In spite of the danger many people looked on fascinated, watching the suicide tactics of the Germans. Others in their shelters, rocked and swayed and wondered if this was the end of it all.

January 16 (continued). A dive-bomber, badly hit, released its load of high explosive bombs at random, before crashing into the sea. The stick landed on a block of flats in Old Mint Street, Valetta, which collapsed with an ominous, rumbling noise. Another bomber crashed perilously near the Illustrious, hitting the flight-deck in its seaward dive.

Part of the ancient bastions of the Knights at L'Isola, which had withstood the Siege of 1565, crumbled with a roar into the rocks beneath on getting a direct hit.

The British fighters joined in the battle and put up a magnificent show against tremendous odds. In the heat of the fight they seemed to chase the enemy planes right into our murderous barrage, bent on destroying their prey. Our fighters were responsible for the destruction of four "Junkers 88" and one "Junker 87." They also seriously damaged three more "Junkers 87." Anti-aircraft fire brought down two "Junkers 88" and three "Junkers 87," as well as seriously damaging one "Junker 87" and three other aircraft. Thus a total of ten "Junkers" are known to have been destroyed, and one other believed to have been shot down, and six damaged while all our fighters after the engagement landed undamaged. All the enemy aircraft shot down fell into the sea and no prisoners were taken.

January 16. (continued) L'Isola received innumerable hits and nearly every street had demolished buildings. Two Gates Street was perhaps the most badly damaged. One rock shelter, where a large number of people were sheltering, had three of its exits blocked with fallen masonry, whilst water poured into it from a broken water-main pipe. Fortunately all the people were rescued. In both cities many were trapped in cellars and shelters, and the work of rescue was rendered terribly difficult by the masses of huge stone slabs that were piled everywhere from the wrecked houses.

The Luftwaffe, with its "Stuka" dive-bombers has come to Malta and in the matter of demolition squads and rescue work much is needed.

A short while after the raiders passed had sounded and the people had left their shelters, a second alarm was sounded. There was no panic noticeable; people rightly cleared the streets quicker. Again the terrific din of the barrage, and a rain of shrapnel fell in the streets.

January 16, 1941: "During the night at 1.15 a.m. an alarm was given as enemy aircraft approached the Island, but no raid materialized. Another alarm was sounded at 10.45 a.m. but again no raid materialized. Today Thursday, was a bright, sunny January day, and it was chosen by the German Luftwaffe for their first Blitzkrieg over Malta. It was 2.55 p.m. when the alarm was sounded, and shortly after, the air vibrated with the drone of aircraft. The barrage opened with a roar. The attackers approaching from the North-east, flew over the length of Valetta in unending waves at intervals of about 200 feet, and dived

straight into the curtain of fire and steel put up by our anti-aircraft defences, to drop their bombs on the shipping in the Grand Harbour. Each aircraft attempted to score a hit on the aircraft-carrier "Illustrious", which was being repaired in French Creek, and mountains of spray were raised as the bombs missed their mark and fell into the sea. The din was terrific as the lighter guns joined in, and the ships in the harbours and the aircraft-carrier opened fire; the back of pompoms mingled with the harsher crack of the heavier armament. L'Isla, and Birgu were straddled with high explosive bombs and much damage was caused. The enemy received heavy punishment but after a short lull they reformed and returned for a second Attack. Even more intense, as hell was let loose in spite of the danger many people looked on fascinated, watching the suicide tactics of the Germans. Others in their shelters, rocked and swayed and wondered if this was the end of it all. A dive-bomber, badly hit, released its load of high explosive bombs at random, before crashing into the sea. The stick landed on a block of Flats in Old Mint Street, Valetta, which collapsed with an ominous, rumbling noise. Another bomber crashed perilously near the Illustrious, hitting the flight-deck in its seaward dive. Part of the ancient bastions of the Knights at L'Isla, which had withstood the Siege of 1565, crumbled with a roar into the rocks beneath on getting a direct hit. The British fighters joined in the battle and put up a magnificent show against tremendous odds. In the heat of the fight they seemed to chase the enemy planes right into our murderous barrage, bent on destroying their prey. Our fighters were responsible for the destruction of four "Junkers 88" and "one Junker 87". They also seriously damaged three more "Junkers 87". Anti-aircraft fire brought down two "Junkers 88" and three "Junkers 87", as well as seriously damaging one "Junker 87" and three other aircraft. Thus a total of ten "Junkers" are known to have been destroyed and one other believed to have been shot down, and six damaged while all our fighters after the engagement landed undamaged. All the enemy aircraft shot down fell into the sea and no prisoners were taken. After what seemed an eternity, but what was in reality some fifteen minutes, the noise stopped, and a strange silence reigned as the smoke of battle wafted out to sea, and the clouds of dust gradually settled thickly on the ground. But all was activity where the bombs had fallen. Men of the Passive Defence Services, policemen, soldiers, sailors, airmen, civilians and priests rushed to the rescue of those buried beneath the debris while intense firing was still going on. Men climbed the mounds of fallen masonry, and pulled out survivors from cellars and perilous positions and carried them down to safety. The babies they carried in their arms and the old on their backs. In one place in Valetta about 14 people were rescued, their faces grey with dust, and badly shaken, but otherwise uninjured. Five more people fatal casualties, buried beneath the debris in the same place, however, could not be so easily rescued. At L'Isla and Birgu, two of Malta's oldest historical and beautiful churches were seriously damaged, namely the Parish Church of Our Lady of Victory, at L'Isla, and the Parish church of St. Lawrence, at Birgu, which was the conventual church of the Knights of St. John, until St. John's Co-Cathedral was built in Valetta. L'Isla received innumerable hits and nearly every street had demolished buildings. Two Gates Street was perhaps the most badly damaged. One rock shelter, where a large number of people were sheltering, had three of its exits blocked with fallen a broken water-main pipe. Fortunately all the masonry, whilst water poured into it from people were rescued. In both cities many were trapped in cellars and shelters, and the work of rescue was rendered terribly difficult by the masses of huge stone slabs that were piled everywhere from the wrecked houses. The Luftwaffe, with its "Stuka" dive-bombers has come to Malta and in the matter of demolition squads and rescue work much is needed. A short while after the raiders passed had sounded and the people had left their shelters, a second alarm was sounded. There was no panic noticeable; people rightly cleared the streets quicker. Again the terrific din of the barrage, and a rain of shrapnel fell in the streets." (NWM - Introduction, Calendar of Main Events, Diary of the Italian war on the Malta Front, Cuttings from the 'Times of Malta', 1940 - 1943, p. Appendix A. pp. 33 e 34)

Fig. 374 Notícia sobre "air raid" sobre a ilha de Malta

Anexo 10 – Coleção de Fotografias de Ernest Rice



Fig. 375 Visão aérea sobre Malta
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 376 Visão aérea sobre Malta – tem no total 31 navios, estes se encontram com um toldo por cima para haver sombra no convés.

Fonte: National Archives of Malta



Fig. 377 Visão aérea sobre Malta. Os navios estão em posição para caso seja necessário entrarem em ação a sua saída seja fácil de se fazer.
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 378 Aeronaves em formação (nrº750 asa direita; nrº743 chefe; nrº 746 asa esquerda)
Fonte National Archives of Malta



Fig. 379 Aeronaves em formação de treino (nrº734 asa direita; nrº730 chefe; nrº 735 asa esquerda)
Fonte National Archives of Malta



Fig. 380 Aeronaves em formação de treino (nrº734 asa direita; nrº730 chefe; nrº 735 asa esquerda)
Fonte National Archives of Malta



Fig. 381 Aeronave nº730 em ação de defesa sobre a ilha de Malta.
Fonte National Archives of Malta



Fig. 382 Aeronave a sobrevoar ou pousar no mar.
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 383 Aeronaves em formação defensiva com visão aérea sobre a ilha de Malta e as três ilhas (Senglea, Victorioussa e Cospicua).
Fonte: National Archives of Malta



Fig.384 Destroços de uma aeronave aliada
Fonte: National Archives of Malta

Anexo11– Coleção de Fotografias de Stan Fraser



Fig.385 Aeronave Bristol Beaufighter
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 386 Tripulação da Royal Navy
Fonte: National Archives of Malta

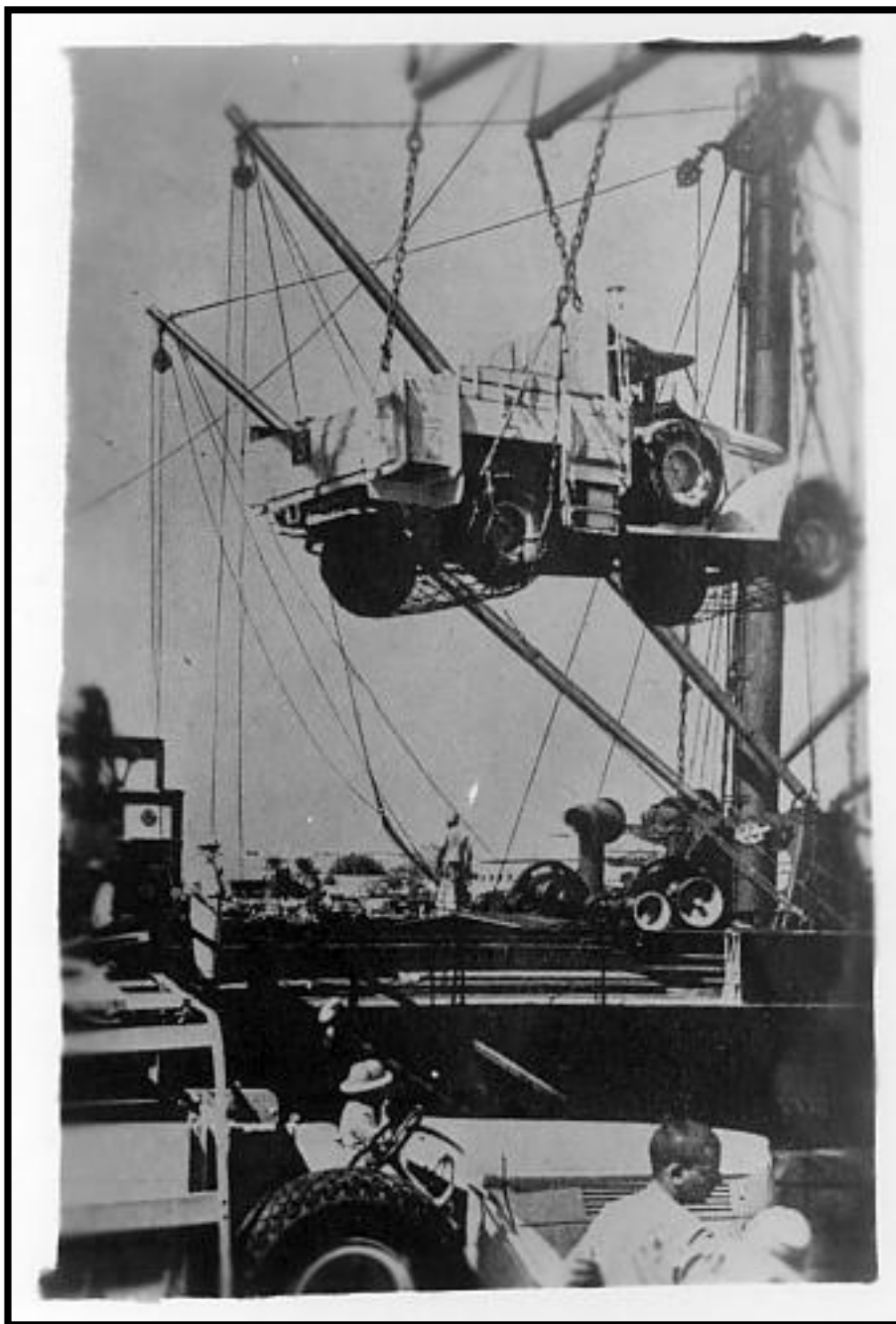


Fig. 387 Camião a ser carregado/descarregado de um navio
Fonte: National Archives of Malta

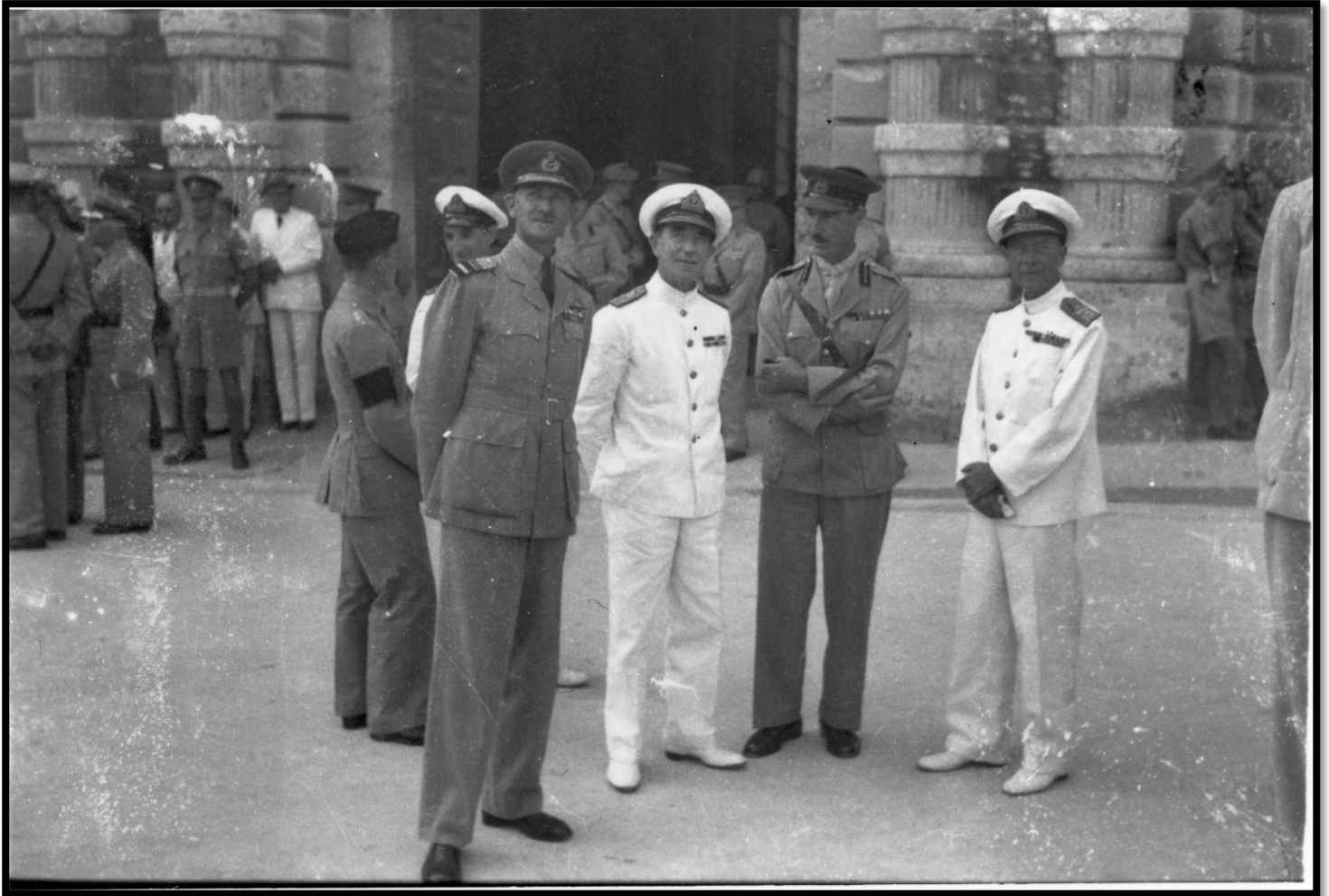


Fig.388 Comandantes militares de Malta fotografados na cerimónia de apresentação da George Cross em 13 de setembro de 1942. A partir da esquerda: Vice-Marechal da Força Aérea (em breve Sir) Keith Park, Vice-Almirante Sir Ralph Leatham e Major-General R. Mack. Scobie.

Fonte: National Archives of Malta (Foto); Descrição: (Rogers, 2022, p. 18)



Fig.389 Peça antiaérea a fazer fogo
Fonte: National Archives of Malta

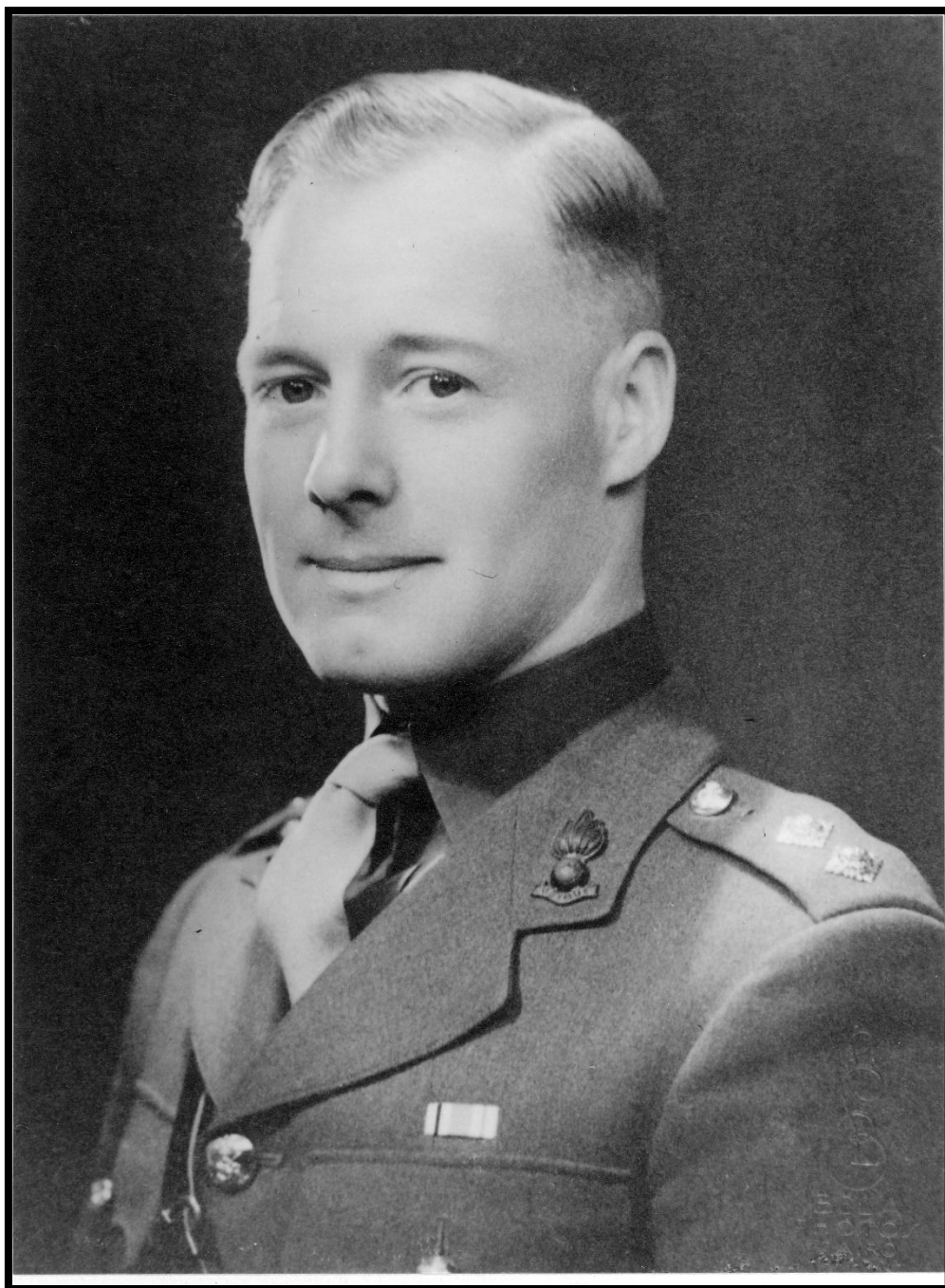


Fig.390 Retrato de Stan Fraser
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 391 Navios estacionados ao longo da baía de Malta
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 392 Navios estacionados ao longo da baía de Malta
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 393 Rendição do inimigo (italiano) para as forças aliadas
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 394 Winston Churchill em Valetta pós bombardeamento
Fonte: national Archives of Malta

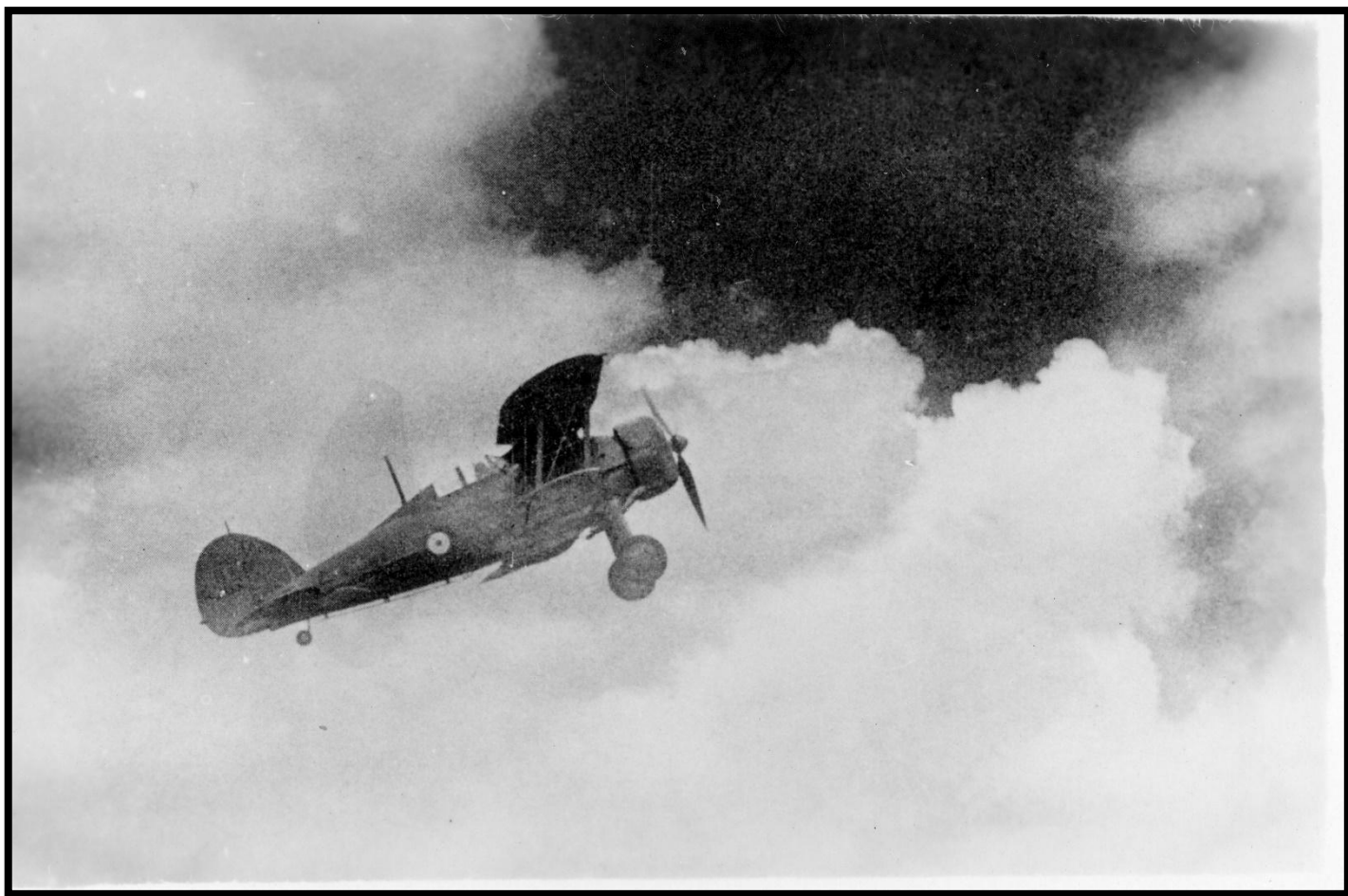


Fig. 395 Aeronave Gloster Sea Glateator
Fonte: National Archives of Malta



Fig.396 Aeronave inimiga – alemã – Stuka.
Fonte: National Archives of Malta



Fig.397 Entrada de Valetta, tinha sido há poucas horas bombardeada, destruição total do antigo teatro, lado direito da foto é onde se situa atualmente o parlamento e o teatro Manoel.
Fonte: National Archives of Malta



Fig. 398 Outra zona bombardeada em Valetta.

Fonte: National Archives of Malta



Fig. 399 Soldados próximos de destroços pós uma bomba cair.
Fonte: Foto de família

Anexo 12 – George Cross

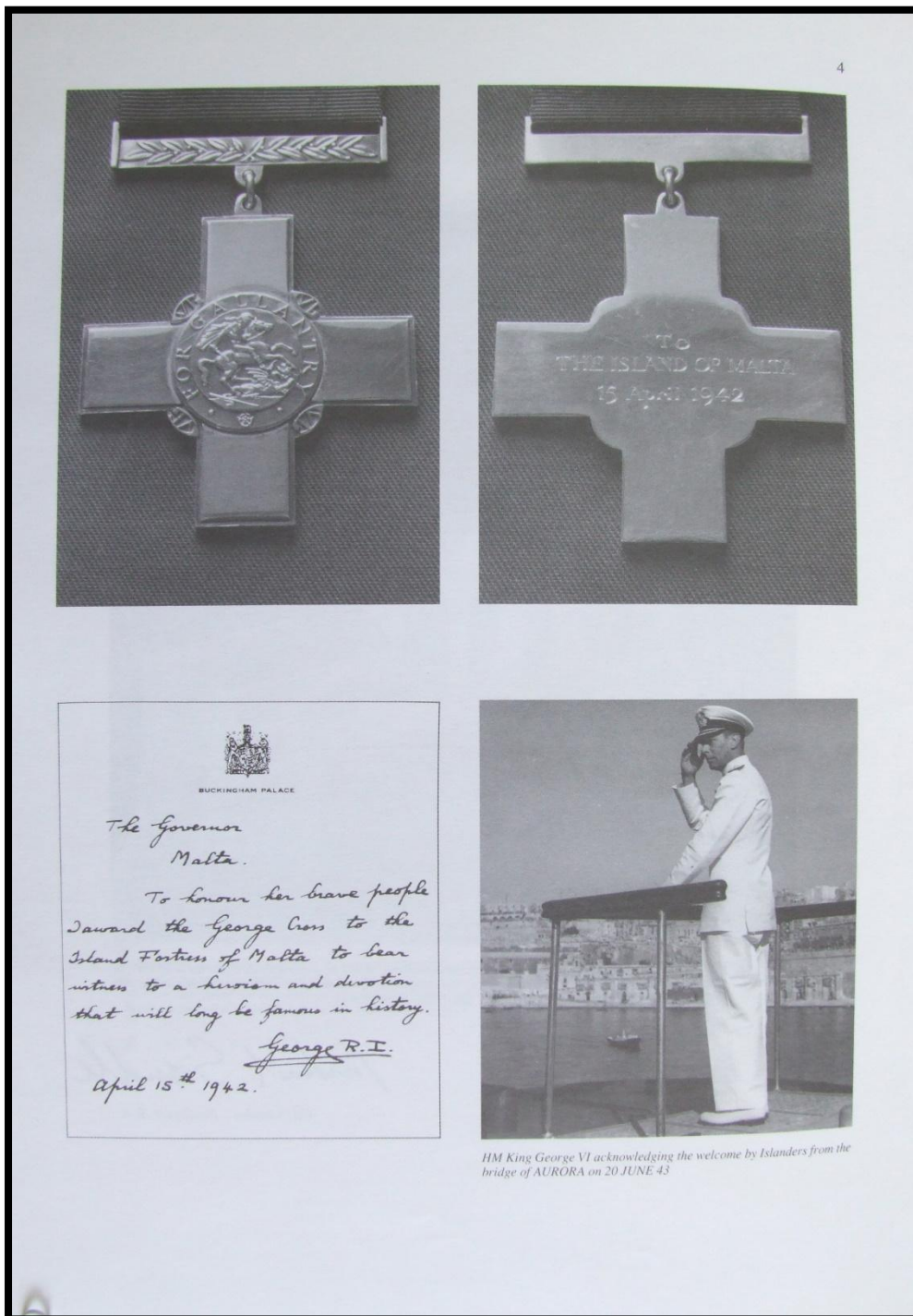


Fig. 400 Cerimónia George Cross
Fonte: National Archives of Malta

Anexo 13- Notícia sobre a entrega da George Cross

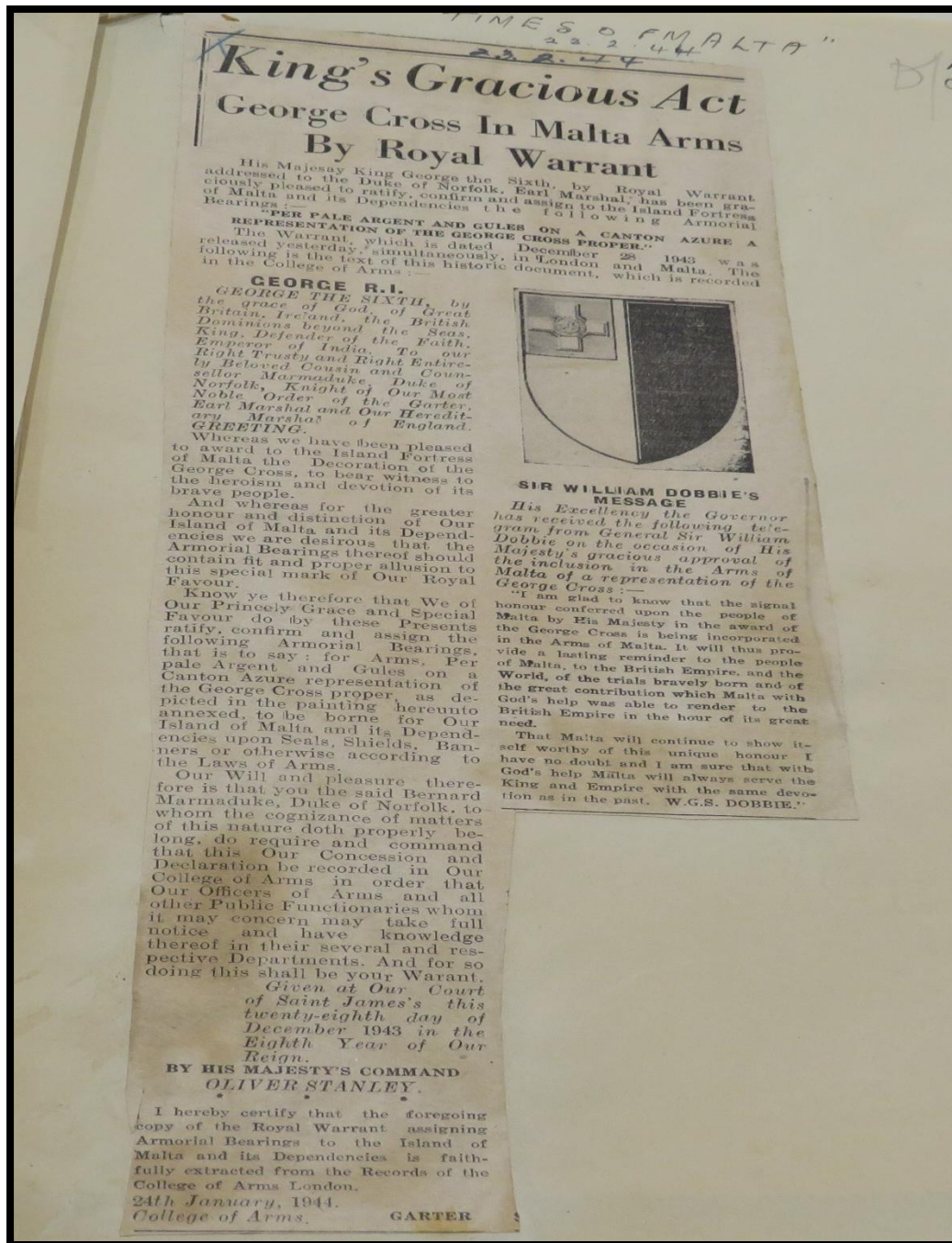


Fig.401 Notícia sobre a condecoração a Malta
Fonte: National War Museum

Anexo 14 – Aviões, Defesas antiaéreas, Aeródromos, Matildas, Navios

Gloster Sea Gladiator

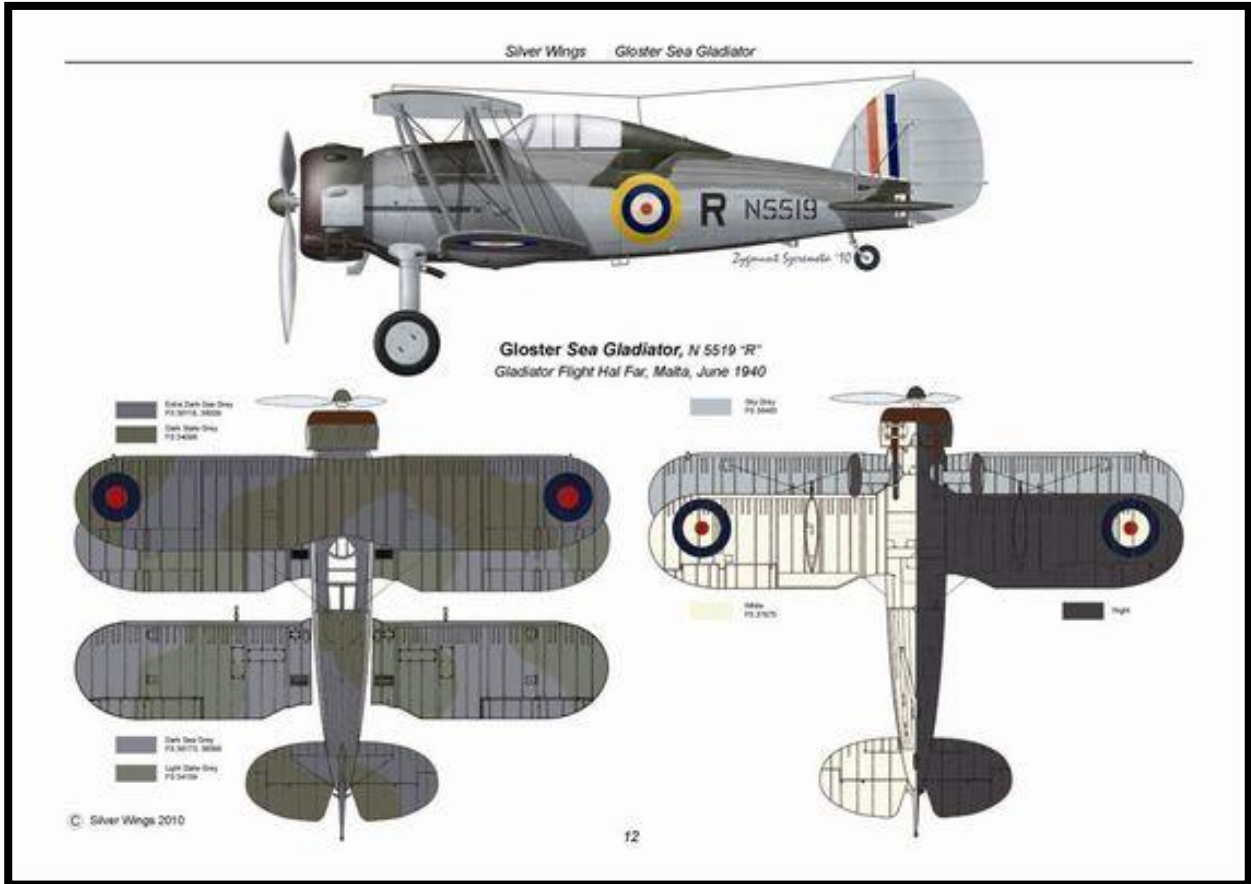


Fig. 402 Gloster Sea Gladiator nº5519 "R "

Fonte: : <https://www.pinterest.pt/pin/291959988320638203/> - word das 110pp



Fig. 403 *Hawker Hurricane Mark IIA, Z2961 'K', of the Malta Night Fighter Unit being refuelled and re-armed at Ta Kali, Malta.*

Fonte <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205208806>



Fig.404 Supermarine Spitfire Mark VC, ER934 'F-A', in flight over Egypt at the time of its transfer from Malta to the Middle East Command, where it joined No. 73 Operational Training Unit at Abu Sueir.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205211269>



Fig. 405 Aircraft of the Royal Air Force, 1939-1945: Hawker Hurricane.

Fonte: : <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205126546>



Fig. 406 *The fuselage of Gloster Sea Gladiator Mark I, N5520 "Faith", in Palace Square, Valletta, Malta, on the occasion of its presentation to the people of Malta by Air Officer Commanding Air Headquarters Malta, Air Marshal Sir Keith Park.*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205209084>

Matildas



Fig. 407 *Matilda tanks, painted in distinctive Malta camouflage, give a gunnery demonstration during a training exercise, 13 April 1942.*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206549>



Fig. 408 A Matilda tank being used to tow a Beaufort torpedo bomber which made a belly-landing at Luqa airfield after being damaged during an attack on the Italian Fleet, 16 July 1942.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206563>



Fig.409 A Matilda tank during an exercise in the Maltese countryside, 24 May 1942. Note the distinctive camouflage, and its inspiration - a stone wall - behind.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206557>

Visão aérea dos aeródromos - Ta Kali,  al Far, Luqa (Malta); Castelvetroano (Itália, Sicília)



Fig. 410 High oblique aerial view of Ta Kali airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the south-east

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023369>



Fig. 411 High oblique aerial view of Hal Far airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the north-west.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023367>



Fig. 412 Vertical aerial photograph taken during a bombing attack by Italian Air Force <Regia Aeronautica> on Hal Far airfield, Malta. Bombs are seen exploding on the installations in the northern corner of the airfield and over its eastern perimeter.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023370>



Fig. 413 High oblique aerial view of Luqa airfield, Malta, taken at 5,000 feet from the south-east.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023368>



Fig. 414 Vertical aerial reconnaissance view of Castelvetro airfield, Sicily, the day before a successful attack was made on it by Malta-based Bristol Blenheims of Nos. 18 and 107 Squadrons RAF. A number of Junkers Ju 52 and Savoia Marchetti SM 82 transport aircraft, many of which were destroyed during the raid, can be seen parked around the airfield perimeter.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023280>



Fig.415 Vertical photographic-reconnaissance aerial photograph taken through cloud, showing ships of an Italian convoy assembled in the harbour at Palermo, Sicily. As a result, a sustained night attack by bombers from Malta took place on 2/3 March, sinking two of the vessels and damaging others.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205023093>

Sala de operações (Malta, Inglaterra)

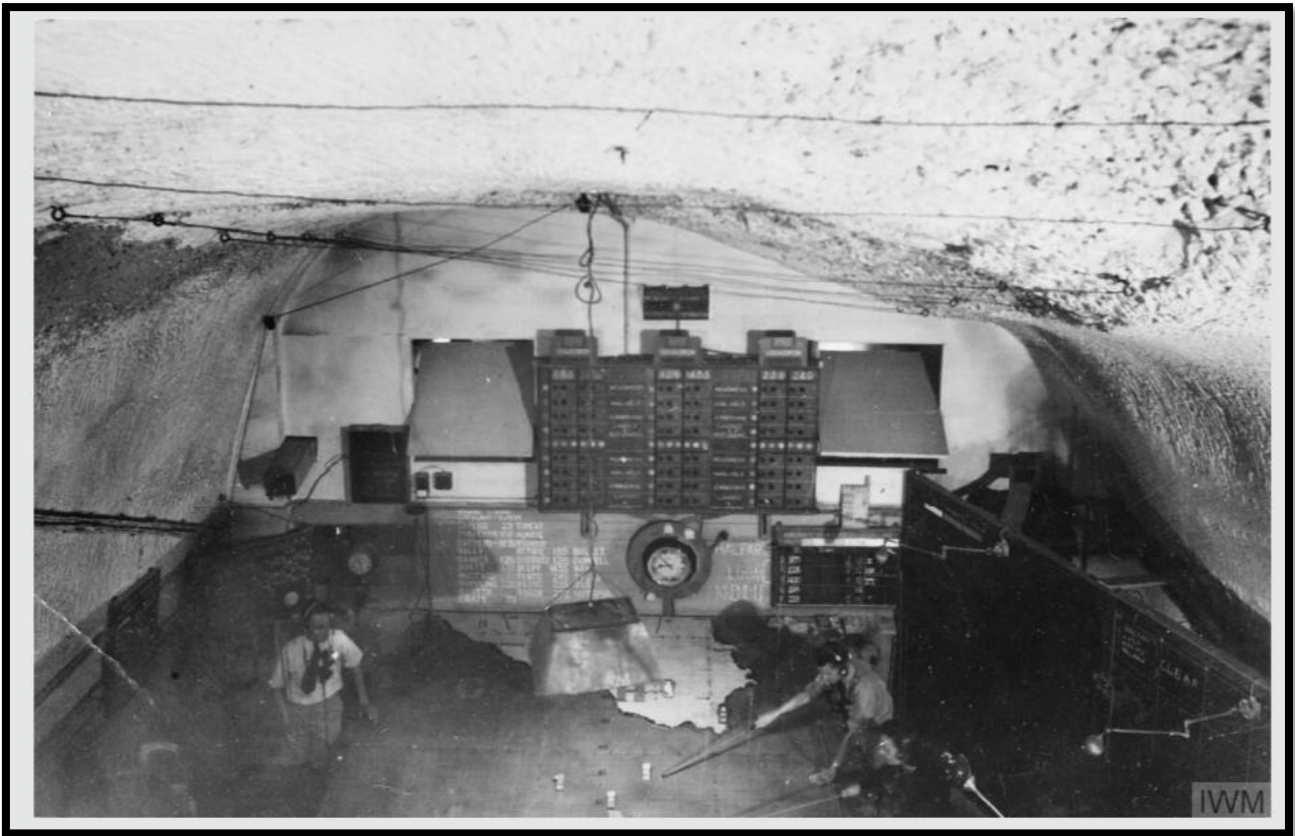


Fig.416 Fighter control room at Lascaris, viewed from behind the controllers dais, which was known as No.8 Sector Operations Room. This was in use from June 1941 to April 1943 and was the nerve centre of the RAF's defence of Malta.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205070072>



Fig.417 *The Prime Minister Winston Churchill sits at his desk in the Map Room at the Cabinet War Rooms in London during the Second World War. Beside him (right), Captain Pym of the RNVR takes a telephone call.*
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205090863>

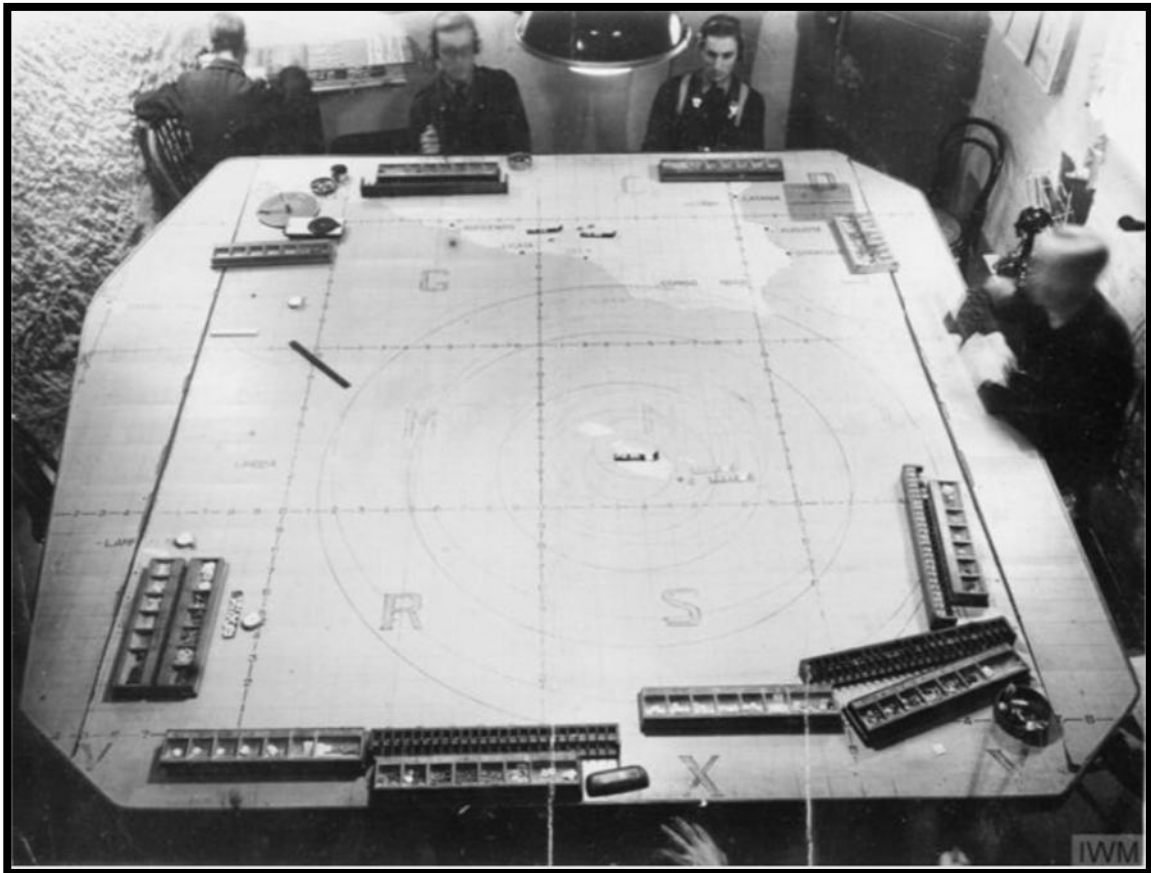


Fig.418 The plotting table in the filter room adjoining the fighter control room at Lascaris, Malta. RAF personnel only were employed in the filter room, of whom the chief officer was Squadron Leader Cohn.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205070077>



Fig. 419 *Civilians Marjorie Hedley, Anne Button, and Doreen Dilley at their posts under the dais in the fighter control room, Lascaris, Malta. The telephonists were linked to Royal Observer Corps posts on the island.*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205070073>

Material de defesa

Bofors



Fig.420 A 40mm Bofors anti-aircraft gun and its crew keep watch as a destroyer enters Grand Harbour, 8 January 1942.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206539>

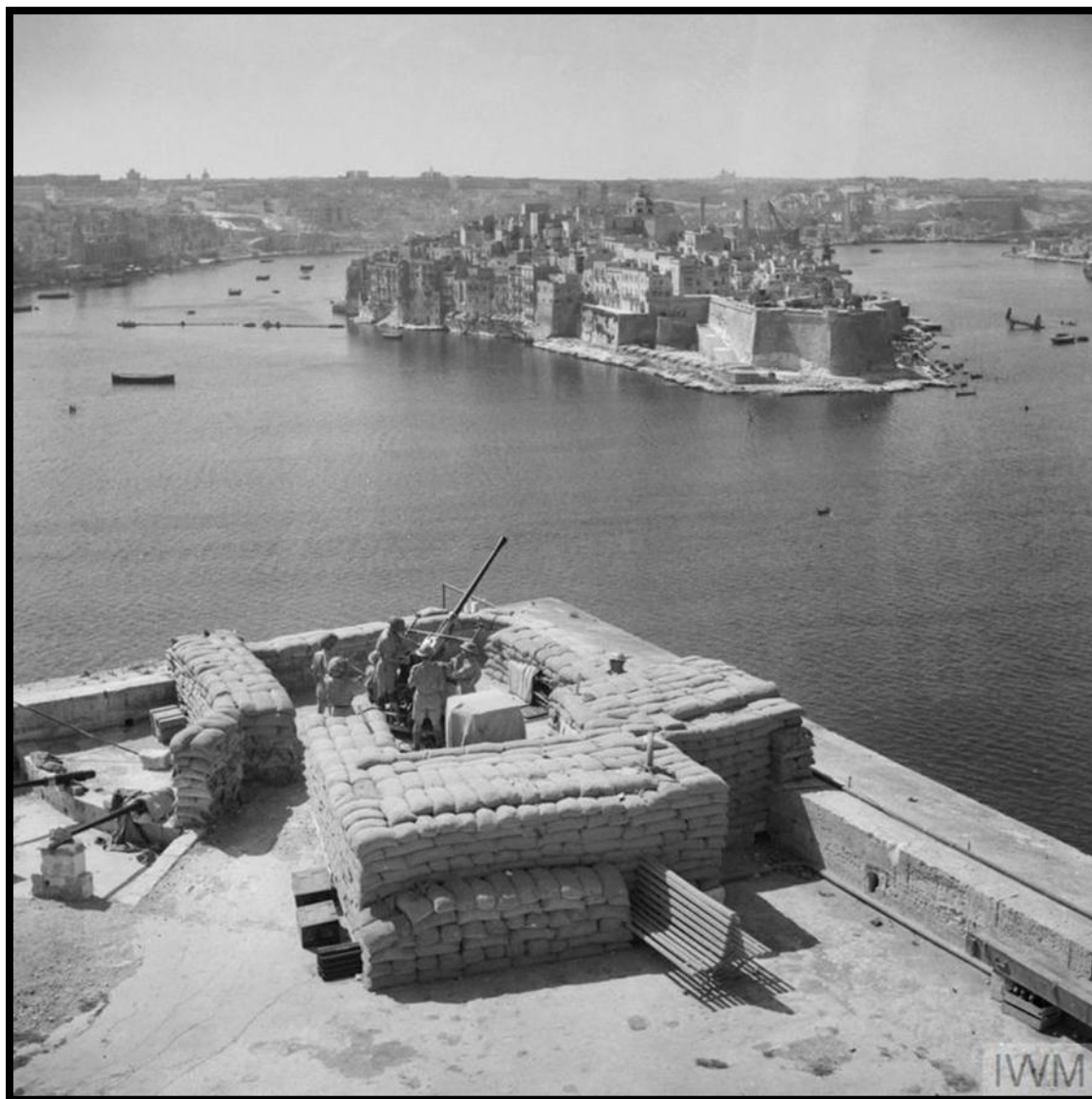


Fig. 421 View of a 40mm Bofors anti-aircraft gun position overlooking Grand Harbour, Malta, 10 June 1942.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206561>



Fig. 422 Maintaining a 40mm Bofors gun on board one of the ships (MV MELBOURNE STAR) of a Malta convoy.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205185909>



Fig.423 A battery of 3.7 inch anti-aircraft guns firing at night.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205188346>



Fig. 424 RAF armourers, assisted by soldiers, fit tail fins to 500-lb GP bombs on trolleys at Luqa, Malta, before they are towed to Vickers Wellingtons for a raid on Axis forces in North Africa.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212165>

Navios



Fig.425 - 13 August: Arrival of the first ships at Malta: The MELBOURNE STAR enters Grand Harbour, Valletta.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205195489>



Fig.426 - 14 August: Arrival of the *BRISBANE STAR* at Malta: The *BRISBANE STAR* enters Grand Harbour, Valletta
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205195505>



Fig. 427 *The Paddle Tug ANCIENT bringing British troops ashore from the BRECONSHIRE (which had arrived at Grand Harbour, Valletta, Malta with supplies and troops for the Island).*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205119451>



Fig. 428 - 13 August: Arrival of the first ships at Malta: A Maltese priest watches the MELBOURNE STAR come to her moorings.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205195491>



Fig. 429 - August 1942 Operation Ceres: The unloading of supplies at Malta from the BRISBANE STAR: A heavy AA gun being lowered onto the quayside by a crane.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205195500>



Fig. 430 *Operation Ceres: The unloading of supplies at Malta: Lorries wait on the quayside to take supplies to depots ashore.*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205195498>



Fig. 431 *Soldiers stationed in Malta use picks and shovels to assist in clearing bomb damage on Kingsway in Valletta, 11 May 1942.*

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206551>



Fig.432 Maltese women washing clothes in the ruins of their homes in Floriana, Malta, 4 June 1942.
Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205206614>



Fig. 433 A heavily bomb-damaged street in Valletta, Malta. This street is Kingsway, the principle street in Valletta. Service personnel and civilians are present clearing up the debris.

Fonte: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205185686>

BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS EM CONGRESSO

Os documentos de arquivo: da origem à conservação definitiva

Quando se fala de arquivos, as idéias que ocorrem à mente do comum das pessoas são, normalmente, de dois tipos. Para alguns, os arquivos são algo que existe para utilidade de investigadores eruditos, estudiosos do passado histórico, que procuram fontes documentais antigas, em suportes materiais que já não se usam (como o pergaminho) e escritas em caracteres apenas decifráveis por paleógrafos. Para outros, os arquivos são contactados com papéis velhos e inúteis, que perderam qualquer valor para as instituições que os produziram e que, por isso mesmo, se vão acumulando mais ou menos desordenadamente, em depósitos situados em caves, sótãos ou, mais raramente, em locais menos desprezíveis, à espera que um dia alguém lhes dê um destino, seja ele a mera destruição ou a incorporação num serviço de arquivos por serem considerados valiosos.

Numa ou noutra concepção, o conceito de arquivo liga-se sempre a algo antigo, a papéis amarelados pelo tempo, ou mais concretamente, a fontes de informação sobre o passado histórico.

Embora tais concepções não correspondam, de facto, à noção correcta do que é um arquivo, não será talvez de estranhar que assim existam, pois à própria Ciência dos Arquivos, durante muito tempo, privilegiou a documentação histórica como seu objecto de estudo. A Arquivologia nasce como uma ciência auxiliar da História, preocupando-se fundamen-

talmente com os documentos considerados de interesse para a investigação.

A noção de arquivo, ou mais rigorosamente de *fundo de arquivo* - entendido como conjunto de documentos produzidos e recebidos em resultado da actividade de uma pessoa individual ou colectiva - apenas ganha sentido a partir da Revolução Francesa, embora se continue, mesmo assim, a dar especial atenção aos documentos com valor histórico. Foi somente nos anos 50, coincidindo com a «explosão documental» ocorrida no pós-guerra, que o conceito de fundo de arquivo ganhou a amplitude que hoje tem, abrangendo os documentos provenientes de uma instituição ou pessoa, desde o momento em que são produzidos.

De facto, o documento de arquivo deve ser entendido no contexto da sua produção, ou seja, em função e no decurso da actividade da pessoa (física ou colectiva) que o origina. Assim, um fundo de arquivo nasce logo que surge o primeiro documento e vai-se constituindo com todos os outros que vão sendo produzidos ou recebidos ao longo da actividade da pessoa ou instituição produtora.

Esta noção de fundo de arquivo implicou, necessariamente um alargamento do âmbito de estudo e uma mais clara definição do objecto da Arquivologia, a qual progressivamente se veio a constituir como ciência autónoma.

Hoje a problemática dos arquivos é muito complexa, pois tem de considerar os documentos nas suas diferentes idades e com os seus vários valores, desde a origem até à fase de conservação

definitiva. Tais idades e tais valores implicam procedimentos e actuações diversificadas, bem como a estruturação de arquivos com especificidades distintas. Daí que, o campo de acção dos arquivistas seja também hoje muito vasto. Por um lado, abarca os *arquivos administrativos*, correspondendo ao período de tempo em que os documentos têm uma idade recente e um valor primário, meramente administrativo, jurídico ou fiscal, sendo utilizados somente pelos organismos que os produzem.

Por outro lado, abrange os chamados *arquivos intermédios*, correspondendo ao período de tempo em que os documentos têm uma idade recente e um valor primário, meramente administrativo, jurídico ou fiscal, sendo utilizados somente pelos organismos que os produzem. Por outro lado, abrange os chamados *arquivos históricos*, onde tradicionalmente se conservam, a título perpétuo, os documentos considerados como património documental e, concomitantemente, como fontes de investigação, para uso, em especial, de estudiosos do passado. Os arquivos históricos tanto podem situar-se na dependência do organismo produtor dos documentos que os constituem (como é o caso de muitos arquivos municipais,

de alguns arquivos ministeriais, de arquivos de organismos privados, de famílias, etc.), como podem ser instituições independentes, criadas para cumprir funções específicas de conservação e tratamento técnico de fundos de arquivo (como o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e os Arquivos Distritais), constituindo, portanto, verdadeiros Serviços, que integram uma rede nacional de Arquivos.

Nos três tipos de arquivos, que correspondem a diferentes etapas da vida dos documentos, as funções dos arquivistas são bastante diferenciadas, embora, em termos gerais, consistam fundamentalmente em dois aspectos basilares:

- a organização, conservação adequada e controlo dos documentos, por forma a que o arquivo possa espelhar, o mais fielmente possível, toda a actividade e o funcionamento do organismo que o produziu;

- o tratamento técnico dos documentos, com vista à criação de meios de acesso aos mesmos e à informação neles contida.

No âmbito dos arquivos administrativos, o arquivista é essencialmente um gestor documental, cuidando da aplicação de princípios de economia e de eficácia, tanto na origem, como na circulação e no uso dos documentos. Um arquivo administrativo correcta e eficazmente organizado constitui um apoio inestimável para as administrações, pois pode fornecer rapidamente os elementos essenciais para a formulação de decisões, contribuindo assim grandemente para a desburocratização dos serviços administrativos.

A fase de arquivo intermédio é aquela em que decorrem determinadas operações, que decidem sobre a «vida» dos documentos. É nesta fase que tem lugar a avaliação, com vista a determinar quais os documentos que possuem um valor histórico e, por isso, devem ser conservados definitivamente, ou que não possuem tal valor, podendo, portanto, ser eliminados. Com base na avaliação é feita uma triagem e, conseqüentemente, um expurgo ou eliminação dos documentos considerados como desprovidos de valor patrimonial. Aqueles que forem achados dignos de conservação definitiva serão preparados para futura incorporação no arquivo histórico.

Nos arquivos definitivos ou históricos, para além das

preocupações com a preservação e conservação do património documental que encerram, a maior parte das actividades prendem-se com o tratamento técnico dos documentos, por forma a torná-los acessíveis aos utilizadores. Tais actividades são, de facto essenciais, pois os arquivos históricos encontram-se, geralmente, abertos à consulta do público, constituindo fontes de informação e desempenhando funções culturais, tal como as bibliotecas, os centros de documentação, os museus ou outras instituições congêneres.

É hoje um lugar comum dizer que vivemos na era da informação, por excelência. Ser detentor de informação é, actualmente, sinónimo de «ter poderes». Daí que o valor de informação seja tão encarecido e que os organismos que a tratam prestem serviços tão apreciados. No mundo dos sistemas de informação, os Arquivos têm, hoje, um lugar invejável, que lhes confere uma importância diferente da que tradicionalmente lhes tem sido dada. Os Arquivos deixaram de ser apenas considerados como instituições onde se guarda e preserva o património documental, enquanto testemunho do passado, para serem também encarados como centros detentores de informação, registada em suportes do mais variado tipo. Documentos em papel, fitas gravadas, registos sonoros, materiais gráficos, suportes informáticos, etc., não são, hoje, apenas materiais próprios das bibliotecas e dos centros de documentação. Eles fazem parte dos Arquivos, pois são produzidos com frequência pelas mais variadas organizações. A rádio, a televisão, os bancos, os serviços de telecomunicações e muitos outros produzem, actualmente, grande parte dos seus documentos em suportes diferentes do papel, que fazem parte do grande mundo da informação. A sua especificidade resulta, apenas, do facto de estes suportes informativos serem documentos produzidos em contextos orgânicos, já que eles são sempre o resultado de actividades concretas dos organismos que lhes deram origem.

♦ FERNANDA RIBEIRO



Fig.434 Notícia do Diário de Notícias sobre Bibliotecários e Arquivistas em Congresso

Fonte: Diário de Notícias: Noticiário Universal/Dir. Alfredo da Cunha; Fundadores Thomas Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e Eduardo Coelho. 27 de janeiro de 1994

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

ENTREVISTA

ENTREVISTA POR: JAMES BALDACCHINO

ENTREVISTA COM: ALBERT GANADO

DATA DA ENTREVISTA: 19 DE SETEMBRO DE 2017

LOCALIZAÇÃO: VALETTA

DURAÇÃO DA ENTREVISTA: UMA HORA, 24
MINUTOS e 12 SEGUNDOS



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Hoje dia dezanove de setembro dois mil e dezassete, eu James Baldacchino com Albert Ganado dentro da sua residência na Cidade, em nome da Memória projeto para o Arquivo Nacional de Malta.

P: Albert, onde e quando você nasceu?

Ganado: Então eu nasci na cidade, no dia nove de março de mil novecentos e vinte e quatro.

P: Quantos irmãos você tinha?

Ganado: Naquela época a gente era [...] eh quando foi que eu nasci? Quando eu nasci, havia apenas três de nós, porque os três primeiros que meu pai teve morreram jovens, então houve o quarto e o quinto quando eu nasci, depois de mim vieram duas outras filhas.

P: Onde sua mãe e seu pai trabalhavam?

Ganado: Erm, meu pai, claro trabalhou no tribunal. Tanto quanto tornou-se advogado, a seguir magistrado, e por fim, juiz, ele estava sempre no tribunal a trabalhar.

P: E onde a sua mãe trabalhava?

Ganado: Não tinha qualquer trabalho.

P: Você já migrou para algum lugar?

Ganado: Não.

P: Que empregos você já teve?

Ganado: Trabalho profissional? Naquela época não havia qualquer tipo de especialização. Então muita coisa aconteceu hoje, [ênfase adicionado] à profissão jurídica, que teve que se especializar. Naquela época, havia três tribunais: civil, comercial e criminal, e eu costumava trabalhar nos três. Até cheguei a fazer um julgamento de homicídio, por exemplo. [...] E eu fiz – eu era um dos advogados do julgamento do BICAL [Banco Indústria Comércio e Agricultura Lda] do banco, o mais longo julgamento, durou cerca de 6 meses.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Onde você morou na sua infância?

Ganado: Onde eu morava. Então. Erm [...] naturalmente, eu vivia no local onde eu nasci, morávamos na Strada Genio aqui atrás. Sappers Street. E então, quando o meu pai virou juiz, ou seja, passamos a morar na Strada San Paolo, descendo da Universidade, moramos aí até ao início da guerra. Quando a guerra começou, embora ficássemos na casa, continuamos a ir lá algumas vezes, fizemos isso desde mil novecentos e quarenta até mil novecentos e quarenta oito em Vitória. Na casa em Vitória, Via Boschetto. Ok? Emm e depois descemos até à cidade até me casar, depois de que me casei, passados uns dois anos fui morar para Floriana, e então em mil novecentos e cinquenta e oito saí do apartamento em Floriana e voltei para a minha casa. Porque aqui tínhamos Air Officer Commanding, quando os serviços partiam de Malta, tive que entregar as chaves e tive que ir ao Comissário de Habitação, como era um dos coproprietários entrei nessa casa em mil novecentos e cinquenta e oito.

P: Quantos filhos você teve?

Ganado: Tenho dois. Eu casei com filhas [risos]. Um nasceu em mil novecentos e cinquenta e o outro em mil novecentos e cinquenta e oito.

P: Agora, Albert, onde você estava quando ouviu a declaração de guerra?

Ganado: Eu estava em Rabat [...] na sala, numa sala quando você entra pela porta da frente, nós tínhamos no rádio naquela época [risos]. Estava a ouvir a rádio. Estava a ouvir Telegiornale, isto é, ouvi Mussolini proclamando a guerra.

P: Houve alguma preparação para a guerra nos meses anteriores?

Ganado: Sim houve, os preparativos eram apenas a distribuição de máscaras de gás, e tivemos que experimentar as máscaras de gás, porque na guerra de Abissínia, aparentemente usaram gás, então o pensamento seria que iria haver ataques de gás. Os ataques de bombas é que ninguém pensou que iria acontecer.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Você se lembra quando a Itália invadiu Abissínia em mil novecentos e trinta e cinco?

Ganado: Tenho uma vaga ideia. Por que ela fez barulho, não foi? Ou seja, a Inglaterra implementou sanções contra a Itália.

P: O que você lembra da política em Malta antes da guerra?

Ganado: [Risos] Então [...] Erm, eu me lembro das eleições de mil novecentos e trinta e dois. Por que, em primeiro lugar, morávamos na Strada San Paolo e o povo naquela época erma todos nacionalistas. Nesse ano o Partido Nacionalista ganhou as eleições os restantes partidos tinham poucos votos.

P: Houve aqueles que foram internados antes da declaração de guerra. O que você se lembra deste episódio?

Ganado: Lembro, devido que um dos internados foi o meu primo Herbert Ganado. Erámos muito amigos, porque morávamos na Strada San Paolo e Herbert morava em Floriana com o seu pai, quando se casou veio morar para a Strada Vescovo, que fica num cruzamento da Strada San Paolo. Acabávamos por estar próximos um dos outros. O meu pai era uma pessoa muito interessado em política e sempre pensou muito a frente. Na verdade, lembro-me, que um dia, um pouco antes disso, ele teve uma discussão com o meu pai, Herbert, eu o vi a dizer-lhe 'Mussolini invadirá Abissínia. E meu pai disse a ele. Como você sabe? Ele disse a ele: Agora você verá.'~

P: Qual foi a sua reação quando descobriu que Herbert foi deportado?

Ganado: A reação foi [ênfase] anti-governo no final.

P: Você sentiu pena dessas pessoas?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Maioritariamente, porque fora Herbert, eles internaram pessoas que eram minhas conhecidas. Por exemplo, o Senhor Pantalleresco, quando estava no liceu, costumava abençoar na primeira sexta-feira. Depois foi o senhor Arturo que era amigo do meu pai. Como o senhor Arturo era Chefe de Justiça e meu pai na altura era Juiz Sénior. Nesta altura o meu pai tinha sessenta e cinco anos e cumpriu seis meses como Chefe de Justiça Interino. Após ter completado os sessenta e cinco anos teve de se reformar.

P: E você sentiu pena dessas pessoas?

Ganado: Muito [risos]. Especialmente, de Herbert por ainda estar a começar a sua profissão. O exílio foi horrível.

P: Quando jovem, tinha alguma ideia de o que a guerra significaria?

Ganado: O que significa guerra? Não, não tinha ideia. Não, eu não tinha ideia porque comecei a ler jornais e a ouvir a rádio sobre os bombardeamentos na Polónia, por exemplo, sobre a invasão à França. Não, não, eu estava atento. Não passou um dia que eu não ouvisse Reddiffusion e Giornale Radio da Itália. Eu costumava ouvir os dois. E o meu pai costumava ler as notícias [risos].

P: O que costumava acontecer sempre que a sirene soava? Como você sentiu-se?

Ganado: Deixe-me contar a você. Eu ainda era [...] jovem, em baixo, um jovem, e sempre fui um otimista. E costumava raciocinar – antes de tudo desde que morávamos em Rabat, não era uma área de perigo, e a segunda coisa que eu costumava dizer: 'Em suma, se uma bomba vem, então eu não saberei o que fazer; [Risos] Foi assim que raciocinei. Eu não estava com medo. Raramente descia para um abrigo.

P: geralmente onde essas sirenes ficavam?

Ganado: [Faz sinal de que não enteu].

P: Onde é que essas sirenes ficavam posicionadas?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: Eh sirenes! As sirenes eu acho que estão principalmente nas esquadras da polícia, se bem me lembro. Quando os ataques se tornaram mais frequentes, imagino que tenha havido várias sirenes em vários lugares. Por exemplo, veja Rabat e Mdina, as sirenes não conseguiam chegar a todo o lado, acabaram por colocar em vários locais.

P: Para além das sirenes, havia outros métodos de alertar as pessoas?

Ganado: Sim, com bandeiras, se surgir a bandeira vermelha significa ataque aéreo, os aviões estão vindo. E às vezes eles chegavam antes da bandeira subir [risos]. Claro, resumindo, havia várias bandeiras para efeitos diferentes.

P: Você se lembra de quando viu um avião inimigo? O que você sentiu?

Ganado: Era uma coisa nova. Emm, estávamos em Rabat e assistíamos os ataques dos italianos no ar, o aeroporto de Luqa, vi que não se preocupavam muito. Porque ainda era longe de Rabat a Hal Luqa, costumava ver os aviões caindo do telhado de minha casa, como Junkers 88, eram os Macchi C.202 Folgore, naquela época via-os a mergulhar no aeroporto e em seguida era explosão. Claro que esta situação não me deixa indiferente pois, algumas vezes cheguei a ver baterias a serem atingidas e as pessoas que lá estavam acabavam por falecer. Naquela época, ainda não tinham começada a atacar as aldeias. Lembro-me do primeiro ataque ao HMS Illustrious pelos alemães, foi no dia que o meu pai nos trouxe para a cidade, nesse dia, tocou uma sirene, não sabia muito bem o que fazer e o que estava por vi, então subi para o telhado que se situava na Strada San Paolo, tinha uma vista sobre o galpão inferior. Através de uma esquina consegui ver ao longe, que estavam a chegar os alemães, com os seus aviões Junkers 87. Eles simplesmente mergulharam com o nariz do avião no HMS Illustrious, mas os Junkers 88 estava a perder altitude e aproximando-se do porto. E alguns destes aviões passaram muito próximo do local onde estava, estavam a voar tão baixo que até conseguia ver os pilotos.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer@nationalarchives.gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Como era algo recente, senti uma adrenalina tão grande. Naquele momento o meu pai, pediu para que eu descesse, como não tínhamos um abrigo em casa, ficávamos na sala do pátio com os meus irmãos e o meu pai. Mas com aquela adrenalina toda não queria perder nada do que estava a acontecer, mas ao mesmo tempo me deixou preocupado pois, havia imensas aeronaves no céu, havia também uma grande defesa antiaéreas. De certa forma, ao ver os aviões a cair comecei a ficar preocupado.

P: Você ficou no mesmo bairro durante toda a guerra?

Ganado: A guerra inteira?

P: Você ficou no mesmo lugar?

Ganado: Sim, em Victoria. Mas estou a falar da cidade que costumava visitar regularmente.

P: Mas o que você sentiu quando os seus pais contaram que teriam que sair da cidade para ir para Vitória?

Ganado: Bem, foi uma coisa normal. A minha família não gostava do mar. Então o meu pai, nas férias de verão íamos para Victoria. Pouco antes de nascer, ele sempre teve a casa em Vitoria, era uma casa de férias. Na altura eu nasci na Saint Augustines Avenue, situava-se na rua em frente à Saint Augustine, depois passou a designar-se por Via Boschetto. Para nós era algo perfeitamente normal, estávamos a nos mudar para Vitoria, o meu pai sabia que a guerra estava a se aproximar. Era de senso comum, não se falava noutra coisa nos jornais que Mussolini ia se aliar a Hitler. Portanto, fomos para Vitoria assim que a guerra estourou, uns dias antes de os internamentos começarem, penso eu. Quando os internamentos começaram, ficou claro de que a guerra tinha chegado. Quando era necessário o meu pai se deslocava-se ao tribunal. Era algo normal, não senti nada de especial. Pelo contrário, gostei do facto de termos uma casa pronta [...] para nós, mas com o avançar da guerra tivemos que trazer alguns familiares para a nossa casa. Morávamos no andar de cima e eles no andar de baixo, a cozinha era compartilhada.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer-care.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Como era a atmosfera quando as pessoas começaram a sair da cidade?

Ganado: Erm, certo, certo. Não consigo dizer com precisão. Mas continuamos a ir à cidade com regularidade. Não havia muitos refugiados antes da guerra, mas, com o início da mesma acabamos por ver mais refugiados nas ruas. Os italianos atacavam inicialmente os aeródromos, penso que caíram duas bombas na cidade. Uma caiu em Sant Lermu, deve ter sido, se bem me lembro, mas não houve aquele medo de ver as bombas a cair, não podíamos descer a cidade, mas continuamos com a nossa rotina.

P: Você já teve algum problema com o povo de Vitoria durante a guerra?

Ganado: Não tivemos nenhum problema com o povo de Rabat, exceto uma família. O sobrenome deles era inglês embora, eles fossem malteses. Quando eles internaram Herbert eles sabiam que eles moravam na Via Boschetto, esse casal começou a insultar "Você deveria ser internado como o seu sobrinho".

P: Houve famílias que ficaram em Victoria depois que a guerra terminou?

Ganado: As famílias aos poucos começaram a descer. Começamos connosco quando a guerra terminou, começamos a pensar em descer. É verdade que ficamos na casa até ao ano de 1958, mas o meu pai queria encontrar uma casa na cidade. Porque na verdade, nós sempre estivemos acostumados a viver na cidade. Infelizmente, a nossa casa foi destruída durante a guerra, e não podíamos viver nela, o meu pai tinha cancelado o contrato de arrendamento. Acabamos por encontrar uma casa na cidade e restauramo-la em Saint Barbara Bastion, pouco depois o meu pai acaba por falecer.

P: Você sentiu um senso de comunidade em Victoria? Mesmo que você não estivesse me casa?

Ganado: Não, não, era tudo normal. Não pode dizer que não houve alguma hostilidade, mas a vida decorreu na normalidade sem preocupações.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Você lembra-se de quando os alemães começaram a atacar?

Ganado: Sim, exatamente quando começaram a atacar o HMS Illustrious, o primeiro ataque foi no jardim em baixo da Avenue Duke of York, não me lembro se na altura estaria a andar de bus. O segundo ataque ocorreu no mesmo local e consegui ver eles a entrar, estavam todos prontos para atacar o HMS Illustrious, naquele momento senti medo estavam todos prestes atacar o navio. Mas eles deixaram bem claro que o seu ataque era para o navio e mais nada. Com este ataque muitas casas foram demolidas, porque eles estavam no coração do navio. Mas a cidade não foi bombardeada naquela época.

P: Durante os bombardeios você estava procurando abrigo?

Ganado: [risos] Hum, praticamente nunca entrei em nenhum abrigo. A casa onde estávamos tinha um abrigo próprio, porque os abrigos comuns estavam sempre lotados, e o abrigo que o meu pai fez encontrava-se no jardim. Durante as sirenes poucas vezes descemos para o abrigo. Mas houve uma vez que me lembro bem, o meu pai nos obrigou a descer porque tinha caído uma bomba em Rabat. A bomba tinha atingido a lateral do Santu Augustin e atingiu também a casa do Mallia Pulverenti. Como a bomba caiu em Rabat, por precaução o meu pai obrigou-nos a passar umas duas noites no abrigo. Com o passar dos anos, o meu pai deixou de ir à cidade, então comecei a ir com a minha irmã mais velha Hilda, ela trabalhava no Departamento dos transportes, então num dia o alarme soou e tivemos de nos abrigar num abrigo comunitário, este que ficava próximo às duas portas do Palácio, este era todo feito de rocha. Pouco antes de entrar consegui ver uma formação de quinze Junkers 88 vindo de Sliema em direção à cidade. Esta realidade significava que já não havia mais bombardeamos ilusórios, mas sim que era algo real, foi a primeira vez que vi esta formação tao grande fiquei fascinado. Vi três formações com cinco na frente, cinco na direita e cinco à esquerda mergulhando em direção a Valletta. Em um certo momento, eu vi o chassi aberto e as bombas saindo.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer-care.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Algo que ficou marcado na minha memória foi quando vi as bombas a cair bem na minha direção, desci as escadas o mais rápido que consegui. Uma dessas bombas caiu próximo das escadas do Palace, quase que fui atingido pela explosão, caso tivesse ficado na entrada do abrigo não estaria aqui para contar esta história. Quando sai do abrigo vi duas pessoas mortas e um burro ainda preso à carroça. Mas com a adrenalina corri o mais rápido possível para chegar ao fundo do abrigo e consegui me salvar.

P: Como era morar num abrigo?

Ganado: Como vivíamos nos abrigos? Eu não conheço praticamente nenhum abrigo. Quer dizer eu costumava ouvir o que as pessoas falavam. O único abrigo que usei foi o de casa, quando ouvíamos a sirene, vestíamos-nos muito rápido e íamos a correr para o abrigo de nossa casa, mas, nunca ficamos num abrigo público.

P: Entao você tinha um abrigo particular?

Ganado: Sim. Por volta de 1942 quando Alemanha começou a atacar com mais frequência.

P: No seu abrigo particular, tinha acesso a água e a eletricidade?

Ganado: Bem, não me lembro bem se havia eletricidade ou água [ele pensa], não, eu acho que não, não tínhamos comunicação com a casa. Houve um tempo em que estávamos sem eletricidade, mas tínhamos velas.

P: Você tem algum conhecimento de haver algum parto em algum abrigo?

Ganado: Às vezes eu leio alguma coisa, mas não consigo dizer com certeza. Mas eu li sim, que às vezes havia alguns nascimentos em um abrigo. Também me recordo que houve um casal que se casou recentemente e a sirene tocou e tiveram de correr o mais rápido possível para puderem entrar num abrigo, eles acabaram por passar a lua-de-mel no abrigo [risos].

P: Havia casas-de-banho nos abrigos?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Não sei exatamente, eu acho que as pessoas carregavam os seus próprios potes, estou a contar isto porque as pessoas falavam destes assuntos na altura.

P: Como você manteve o seu abrigo limpo?

Ganado: O abrigo não era só nosso, não tivemos qualquer problema em mantê-lo limpo, nós usamos pouco depois de ele ser escavado, mas os ataques começaram a diminuir, em Victoria poucas ou quase nenhuma bombas caíram. Como estávamos numa zona dos alvos aéreos, por isso que não ficava muito tempo no abrigo. Os ataques alemães começaram a diminuir, pouco depois chegou o comboio e os ataques cessaram.

P: passou pela sua cabeça de que o seu abrigo poderia entrar em colapso durante um ataque aéreo?

Ganado: Bem, deixe-me pensar, havia alguns casos de que havia bombas a caírem na entrada dos abrigos acabando por explodir e deixar pessoas feridas ou morrerem no abrigo.

P: Você tinha medo em criança?

Ganado: Não tivemos muito medo, exceto a minha irmã. Como estávamos numa zona segura era o que pensávamos. Não quer dizer, que as pessoas que estavam próximas das aéreas mais atingidas não quer dizer que não tínhamos medo ou receio pelas bombas estarem a cair. Mas, a zona de Rabat, era uma área segura, havia uma certa paz. Quando a sirene tocava só o meu tio é que saía a correr para o abrigo. Lembro-me que uma vez, ia a caminhar com a minha irmã mais velha, Emma, e houve um ataque próximo de Ta- Qali, a bomba explodiu bem próximo e desde então começou a ir para um abrigo próximo sempre que ouvia um alarme.

P: Albert, você mencionou que esteve no exército, como foi a sua experiência?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: [risos] Foi algo duro, após a invasão da Sicília pelos americanos, não havia muito a fazer, Entrei na Universidade em 1939, pouco antes do início da guerra, mas com o decorrer da mesma tivemos de fazer algum treinamento militar. Fomos divididos em grupos, acordávamos por volta das 6h da manhã para começarmos a treinar as 7h da manhã, sempre vestidos com o traje de soldado, acabou por ser a minha roupa do dia-a-dia.

P: Além de Fort Ricasoli, onde mais esteve em serviço?

Ganado: Estivemos três meses, mas depois fomos transferidos para a Reserva Classe W, fomos informados que a cada seis meses teríamos de ir para outro lugar para continuarmos o treinamento. Eramos um grupo pequeno que vivíamos aqui em Rabat com cerca de oito pessoas, eles levavam-nos para as baterias de Nadur de Rabat e a bateria de Sant'Iermu, só me lembro desses dois locais.

P: Qual era o seu regimento?

Ganado: RMA.

P: Qual era o seu trabalho na RMA?

Ganado: Resumidamente, eles nos ensinaram várias matérias desde matemática, militar, enfim, trigonometria, direito militar, depois treinávamos no campo, como devíamos atirar com uma metralhadora, canhão, etc. No decorrer de um ataque, eramos colocados junto às baterias, para vermos os soldados em ação, de certa forma acabava por ser uma forma de treinamento. Houve um episódio bastante caricato [risos], colocaram-nos num quarto a noite toda, com um ganhão que não disparava [risos] e ficamos a noite toda acordados a tentar perceber no que fazer, mas durante o nosso treinamento, estava sempre um de nós e vigia enquanto o outro descasava.

P: Durante a guerra, como vocês viam os soldados britânicos?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Não tínhamos qualquer ligação com os soldados britânicos. Fizemos os exames físicos em inglês. Rikazoli era major inglês, os capitães Fleetwood e Lister, os outros eram malteses eram o Willie Wirtg e Willie Moore. O Capitão Lister era um pouco antipático, não há muito a dizer sobre ele. Pouco depois de nos alistarmos, avisaram-nos que não íamos para casa antes das três semanas não podíamos reclamar.

P: Você viu soldados de outros países?

Ganado: Sim, sim. Quando ocorreu a invasão da Sicília, as bombas tinham parado, vieram os americanos. Namorei na altura com uma rapariga de Rabat, pouco depois da guerra ter terminado. Uma das famílias tinha casa em Msida, lembro-me de ter ido para lá e ver soldados americanos a passear e a beber. Naquele momento, vi a elegância dos soldados americanos. As roupas que eles vestiam eram diferentes. Mas, existe um incidente interessante, que afeta de certa forma a censura da guerra. Quando você é censor, às vezes é fácil, como por exemplo, você tem uma carta de alguém que sai de Malta para ir ao exterior, ontem houve uma batida por exemplo, atingiram Sant'Iermu, claro que retiraram isso, que eu vi. Haverá casos muito claros. Mas o censor deve ter uma visão ampla para tudo. Porquê? Herbert Ganado estava em Uganda, e estou lhe dizendo na Voz da Justiça que ele previu o que aconteceria mesmo na guerra espanhola, e essa foi provavelmente uma das coisas que funcionou contra ele, porque pensaram que ele poderia ser um espião.

P: Ver os soldados era algo comum em Victoria?

Ganado: Até Victoria o quê?

P: Ver os soldados era algo comum? Você também os viu?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: Não, não, não, não, não, não. Deixe-me ver em quarenta e um ainda estávamos em Rabat, os soldados ainda não estavam a ir para lá. Onde havia mar seria mais provável ver embarcações. Tal como Msida, por exemplo, costumava estar cheio deles, devido a que as embarcações americanas, era onde a minha namorada vivia.

P: Os militares tiveram algum impacto sobre você?

Ganado: Algum impacto em mim? Não, não. Em [...] sempre fui um pouco indisciplinado, fui sempre um pouco rebelde, mesmo quando estava na escola.

P: Quando é que você decidiu sair do exército?

Ganado: Não fui eu que escolhi. Inicialmente, quando entrei eles disseram que entrávamos em outubro terminaríamos em dezembro, ao fim desses três meses pude continuar com os estudos a partir de janeiro. Então em dezembro fomos transferidos de Classe W Reservas, saímos como soldados. Por exemplo, peguei quando fui para Nadur, para uma dina, dar-ritrat⁵⁴.

P: Durante a guerra havia alguém que sofreu de fome?

Ganado. Bem, sim. Até eu sofri [risos]. Todos sofriam de fome. Em suma, quando falo sobre esse assunto, é mais em Malta que se sofreu fome, porque em Gozo não houve esse problema. Eles tinham comida quando quisessem. Porque era uma ilha agrícola, tinham imensos campos, agricultores. Na verdade, costumava trazer coisas de Gozo para Malta. A farinha, como por exemplo, não havia, tivemos ajuda do Monsenhor Gonzi e ordem do Bispo e do Governo para se trazer a farinha. Quem tivesse farinha, tinha de a esconder ou vendê-la no mercado negro. Havia imensa fome em Malta. O Governo criou a Cozinha Vitoria, e acabamos por conseguir comer melhor, havia macarrão, as vezes era bom outras nem por isso.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

⁵⁴ Nosso Retrato de Casa

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: Quando começamos a comer carne de cabra [risos] foi nojento, quando se tem fome, comemos qualquer coisa porque não sabemos quando vai ser a próxima refeição, mesmo sendo bom ou não [risos]. De certa forma, tínhamos alguma desvantagem, naquela altura não havia grande posse monetário para comprar bens, pois este não havia em lado nenhum, portanto acabávamos por comprar no mercado negro. O meu pai em Rabat era conhecido como magistrado e depois de Juiz, portanto quando íamos comprar alguma coisa que não fosse legal as pessoas tinham medo de vender, portanto, muitas vezes não conseguíamos comprar nada. Quando a guerra terminou senti-me derrotado.

P: Você mencionou Victory Kitchens? O que eram exatamente?

Ganado: Eram lugares que o governo havia estabelecido em todas as cidades, vilarejos em Malta, este local era onde faziam fornos, caldeiras, como também empregavam pessoas, também cozinhavam. Você dava um cupon e recebia a sua porção de comida. Com os cupons podia receber comida como roupas, conseguia-se comprar quase tudo com os cupons. Quando estava de serviço militar na bateria de Sant'Iermu, não precisava de usar cupons, pois a comida e roupa era servida normalmente pelo exército, não precisávamos de nos preocupar.

P: Que tipo de comida era oferecido dessas cozinhas?

Ganado: Er, é isso que estou a tentar explicar, no começo eu vi macarrão, e depois, vi carne de cabra, devido a esta situação chegamos a um ponto em que já não havia leite cabra. Como a ração dos animais vinha de fora, acabamos por não receber por um longo período, as cabras deixaram de produzir leite, e acabávamos por comer nas Victory Kitchen. Mesmo que não seja agradável acabaríamos por comer.

P: Ficou satisfeito com a comida que era servida?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: [risos] Claro que não. Queríamos esperar por tempos melhores, por isso, quando chegou o Comboio de Santa Maria ficamos todos aliviados, porque tinham acabado de chegar uns quatro ou cinco navios com suprimentos. No Natal de quarenta e dois, se me recordo bem, o Governador fez uma mensagem de Natal, esta mensagem consistia em uma vela e uma ração extra de feijão. Esta foi a mensagem, vela e feijão [risos] como pode imaginar.

P: Havia muitas pessoas a usar o mercado negro, poderia nos contar um pouco sobre isso?

Ganado: O que era o mercado negro? Até carne, ovos. Um ovo custava dois xelins e deis centavos, naquela altura não era brincadeira, dois e seis era dinheiro naquela época, o preço da carne era muito mais. Se as pessoas fossem apanhadas a vender no mercado negro, acabariam por ser processadas e a sua mercadoria confiscada. Estes casos, chegavam com muita frequência ao Magistrado, para além da mercadoria ser confiscada as pessoas tinham que pagar uma multa.

P: Você conhecia alguém que vendia no mercado negro?

Ganado: Não, naquela altura era muito jovem.

P: Que tipo de alimentos e bens foram trazidos com o mercado negro?

Ganado: No mercado negro, você encontrava praticamente tudo. Conseguia encontrar carne, ovos, legumes, frutas, um pouco de tudo, mas não encontrava produtos enlatados, como por exemplo carne enlatada, eram produtos muito limitados.

P: Você ouviu falar dos roubos aos edifícios demolidos?

Ganado: Houve sim roubos. Podemos começar pela minha casa na Strada San Paolo, onde morávamos. Como ela sofreu com os bombardeamentos, passado uns quinze dias a casa caiu e mais tarde descobrimos que roubaram as maçanetas e o portão de latão.

P: Você sabia o que estava a acontecer no exterior?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Ganado: Claro que sabíamos, porque a Rediffusion dava notícias de manhã e à noite. Quando ficamos sem eletricidade só ouvíamos a Rediffusion, ficamos sem luz por alguns meses, mas quando voltou tudo a normalidade, começamos a ouvir rádio novamente, BBC, italiano, o quer que fosse.

P: Como é que você sabia que estava a chegar um comboio?

Ganado: A notícia se espalhava. Até para as autoridades poderem tranquilizar as pessoas, elevar a moral, sempre que chegava um comboio, a notícia se espalhava-se imediatamente e quando partiam dois, um de Gibraltar e o outro de Alexandria, já sabíamos antes, pelas notícias, pelos alemães e os italianos.

P: Você sentiu medo que o inimigo pudesse atacar a qualquer momento?

Ganado: Erm, que o inimigo fosse invadir [...]. Havia o medo de que o inimigo invadissem. Sim havia medo, especialmente quando Rommel começou a conquistar toda a Líbia e quando Malta afundava os navios que passavam da Itália para a Líbia. Malta foi a base que atacava esses navios. Na verdade, foi por essa razão que Rommel cortou os seus suprimentos, ou seja, sabíamos que não era preciso ser inteligente para entender o que iria nas suas mentes. Se Rommel tivesse chegado a Alexandria, e houvesse até a invasão de Creta, diante dos nossos olhos eles teriam pousado em Creta de paraquedas e teriam conquistado a cidade. Então, de certa forma, tínhamos medo de que conquistassem Malta da mesma forma.

P: Durante a guerra, como é que fazia a sua higiene, visto que a água era escassa?

Ganado: Durante esse período, a água nunca foi escassa, tivemos sempre água, até podemos dizer que era a única coisa que tínhamos.

P: Em caso de doença, o que você faria?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: Durante a guerra, havia alguns médicos refugiados, além dos hospitais, em Rabat havia o Santu Spirtu, em Lmtarfa, mas não houve problemas com a saúde. Também havia hospitais temporários, como em Floriana, onde ficava um hospital civil, penso que não estava a funcionar devido à queda recorrente de bombas. Então distribuíram os hospitais por algumas localidades, os chamados hospitais de emergência.

P: Onde encontrava médicos e medicamentos?

Ganado: Existem remédios que você conseguia encontrar e comprar. Em suma, naquela época os medicamentos limitavam-se apenas a certas doenças, os Antibióticos não existiam. Lembro-me que as vezes eu tinha febre, o médico vinha me ver e só pedia que descansar.

P: Houve alguma doença relacionada às fezes?

Ganado: Não. Houve casos de sarna.

P: Durante este período, teve de dividir roupas com os seus irmãos?

Ganado: Não, porque tínhamos os cupons, muito ou pouco conseguíamos ter roupa suficiente, algumas peças eram pequenas outras normais, não podíamos exigir muito, estávamos em tempos difíceis.

P: Passou pela sua cabeça, que poderia perder os seus pais a qualquer momento na guerra?

Ganado: Na guerra? Não, fui sempre otimista. Como vivíamos em Vitoria, não tinha medo de que alguém morresse. Quando estava a viver em Vitoria ficava no telhado a assistir as lutas aéreas ente Messerschmitts, os Spitfires ou os Hurricanes. No telhado de Rabat, costumava vê-los em Ta'Qali e os bombardeamentos não chegavam lá. As bombas chegavam a Hal Far, Luqa etc, as bombas ficavam longe da nossa localidade. Em Vitoria só caíram uma ou duas vezes bombas. Em Rabat nunca caíram bombas durante a guerra, tal como em três aldeias: Attard, Hal Balzan, Hal Lija e, estas três aldeias nunca foram alvos durante a guerra, possivelmente quando Ta'Qali fosse bombardeada. Attard, Hal Lija e Hal Balzan eram zonas seguras, como Birkirkara.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: As áreas militares não eram assim tao seguras, eram alvos constantes, principalmente quando os alemães queriam que Malta se rendesse, no início eles atacavam os locais militares pois queriam destruir a defesa militar de Malta, mas quando viram que Malta estava a resistir viraram-se para os civis, por isso que os aviões começaram a atacar as cidades. A cidade em si não era um alvo militar, mas Sant'Iermu era. Foram tempos complicados, mas agradeço a Deus que tudo tenha corrido bem, continuei a minha vida, assumi a profissão e ainda cá estou, mas agradeço a Deus por me ter dado forças para continuar.

P: Como se sentiu em relação aos Italianos e aos Alemães?

Ganado: Sentia que eram inimigos porque estavam em guerra connosco. Tinha alguma compaixão por Itália, pois maior parte da nossa cultura advém do mesmo país. Na Primeira Guerra Mundial estiveram juntos a Itália, Malta e Inglaterra foram amigas. Sir Anthony Eden colocou algumas sanções na Liga das Nações, e se não fosse por isso talvez Itália não teria se aliado a Hitler. Assim talvez, os alemães estariam longe de bombardear Malta. Mas, o que aconteceu foi que Mussolini não tinha a quem recorrer, fez um pacto com Hitler. Inicialmente, Hitler pensou que a guerra iria terminar quando França se rendeu, eles não tinham nada mais que baionetas [risos]. Quem acabou por sofrer nas mãos dos italianos fomos nós, porque Alemanha foi para a Itália e depois Sicília, quem acabou por sofrer fomos nós.

P: Você viu prisioneiros de guerra?

Ganado: Hum, não, não. Nunca vi prisioneiros de guerra. Sabíamos que o hospital de Lmtarfa tratava quem chegava em massa, com torpedeiros. Esses foram os que salvaram do mar, havia um soldado que era de Lmtarfa que era nosso amigo, ele costumava-se encontrar no Saqqajja, ele contou que um médico italiano foi apanhado, o resto nunca vi pessoalmente, também nunca fui a Mtarfa pessoalmente.

P: Onde estava quando ouviu que Itália tinha se rendido?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Ganado: Não me lembro exatamente onde estava, mas como ouvia Rediffusion acabei por ouvir que Itália tinha se rendido.

P: Quando a guerra terminou, como você voltou para um vida normal?

Ganado: Aos poucos, as coisas começaram a acontecer lentamente, porque a guerra ainda continuava. Embora Itália tenha se rendido, a guerra ainda continuava, então os suprimentos não chegavam em grande quantidade. Os suprimentos vinham por mar sem qualquer problema, os Aliados continuavam em guerra com a Alemanha e queriam vencer. Havia também o Japão, que ainda continuava em guerra até à chegada da bomba atômica. Mas, quando a guerra terminou, as coisas foram melhorando aos poucos até percebermos que voltamos a normalidade.

P: Existe algum episódio que tenha ficado marcado na sua memória durante a guerra?

Ganado: O que ficou mais marcado na minha memória, foram os quinze Junkers vindo na minha direção foi o que marcou mais. Creio que não tenha havido nenhum incidente em particular, os ataques do Illustrious (HMS Illustrious), quando observada por cima de um telhado cheio de pequenas madeiras e poeiras por causa das bombas. Naquele momento, os ataques antiaéreos à cidade ficaram marcados na minha memória.

M: Albert muito obrigado pelo seu tempo.



Entrevista

Entrevistada por: James Baldacchino

Entrevistada com: Teresa Cachia Zammit

Data da entrevista: 2 de maio de 2017

Localização: Birżebbuġia

Duração da entrevista: 1 hora e 04 minutos



Eu, James Baldacchino, do Arquivo Nacional de Malta, estou com a Sra. Teresa Cachia Zammit na sua residência em Birżebbuġia, hoje, 2 de maio de dois mil e dezassete, para o Projeto MEMORJA.

P: Onde você nasceu?

Zammit: Nasci em fevereiro de 1931 em Birżebbuġia, na verdade era uma Quarta-Feira de Cinzas e um adas amigas da minha mãe sugeriu que o meu nome fosse de Cinderela. Claro que a minha mãe ficou ofendida [risos].

P: Quantos irmãos têm?

Zammit: Somos três. Também tínhamos duas tias morando connosco, ambas estavam na casa dos oitenta anos e início dos noventa, e elas eram muito boas para nós, eram excelentes amas quando os meus pais saíam, elas ficavam a cuidar de nós.

P: Quais eram as profissões dos seus pais?

Zammit: A ocupação da minha mãe, bem, naquela época as mulheres não trabalhavam, exceto na Primeira Guerra Mundial, que a minha mãe se ofereceu para trabalhar como enfermeira. Todas as escolas foram transformadas em hospitais e nós eramos o 'Hospital do Mediterrâneo'. Na verdade, Florence Nightingale visitou Malta. Tínhamos milhares de pessoas. Os doentes vindos da guerra, da Guerra da Crimeia, vinham todos para Malta para serem atendidos.

P: Qual era a ocupação do seu pai?

Zammit: A ocupação do meu pai era gerir as rendas das propriedades das pessoas ricas, algumas dessas propriedades estavam em Valletta, também tínhamos algumas propriedades nossas alugadas.

P: Algumas vez emigrou?



Zammit: Tive alguns familiares que emigraram. Os meus tios tanto maternos como paternos foram para a Austrália. Na verdade, este ano conheci familiares de Nova York, Inglaterra, França e Austrália, ainda eramos umas cinquenta pessoas, encontramos-nos pela primeira vez em Malta, pois os meus tios saíram de Malta ainda eram jovens e vieram a Malta para conhecer as suas raízes. Fomos todos visitar a casa da minha bisavó que moravam em Gudja, é também onde está enterrada a minha bisavó. Mas foi um encontro bastante interessante.

P: Você nunca morou no exterior?

Zammit: Morei no exterior por um ano em França para aprender francês em Nantes, perto da Bretanha, onde o povo sofreu muito com a guerra. Eles pouco ou nada sabiam dos outros países, como não estavam dispostos a falar em inglês comigo aprendi o francês muito rápido. Embora que quando estávamos nas refeições eles comiam e falavam ao mesmo tempo, portanto era complicado entender o que diabos eles estavam a falar. Morei durante dois anos em Inglaterra, Londres, trabalhei numa livraria Times que fica na Whitmore Street no Art Department. E, além disso, morei em Nova York com os meus primos. Depois disso voltei para Malta e trabalhei como guia turística. [risos].

P: Para além de guia turística que outro emprego teve?

Zammit: Ensinei na escola secundária em Valletta, [...] na Montessori em Valletta. Também trabalhei como guia turística em cruzeiros, tentava ensinar os turistas que vinham visitar Malta o que esta terra tinha a oferecer. O turismo tornou-se importante naquela época, mas hoje me dia aumentou bastante. Na época alta, era capaz de ter cinquenta turistas na parte da manhã como também à tarde. E caso eles gostassem de Malta muitos deles voltavam a visitar, muitos deles chegavam ao ponto de comprar casa cá, como falamos inglês para os turistas é ótimo, pois sentiam-se em casa.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Em criança onde morava?

Zammit: Morei em Birżebbugia, até a guerra começar, até ao dia 7 de junho, mil novecentos e quarenta, quando estávamos no jardim, uma noite, devia ser cerca de seis horas, estávamos sentados a jantar em uma grande mesa de pedra com tampo de ardósia e o meu pai trouxe o rádio e ouvimos o canal italiano e ouvimos Mussolini se juntou a Hitler. Então seria nosso inimigo e não aliado. Ficamos muito perturbados, subimos até à varanda, sentamos num banco de pedra sem saber o que iria acontecer, foi quando o meu pai trouxe as máscaras de gás que foram dadas pelo governo. Foi quando perguntei á minha mãe, “Mas o que acontece quando a guerra começar?” e, ela disse: “Bem, os alemães vão atirar gás, então teremos de usar as máscaras de gás”, e a minha resposta foi, “Mas como? A Alemanha está tão longe.” [Eu] não sabia que as bombas seriam lançadas pelos aviões.

Zammit: Achei que eles iriam ser lançados da Alemanha. Os ataques aéreos foram horríveis, os alemães foram muito precisos e sabíamos pelo som do avião se era alemão ou italiano. O italiano foi mais equilibrado, faziam o seu trabalho rapidamente, ou seja, livravam-se das bombas mais rápido, maior parte delas caíam no mar. Já os alemães sabiam o que estavam a fazer, eram mais precisos nos ataques, quando ouvíamos os aviões alemães íamos logo para os abrigos. Em abril de 1942, num mês, tivemos mais ataques aéreos do que a Inglaterra durante a guerra. Fomos o país mais bombardeado do planeta. Tivemos três mil ataques aéreos, mas a mortalidade dos civis foi comparativamente baixa: três mil, o que significa um por cada ataque aéreo. Os abrigos de guerra escavados na rocha, tinham de ter uns quatro metros abaixo do nível da rua para serem à prova de bombas. Mas, mesmo um abrigo com uma entrada não era à prova de bombas, porque se uma bomba caísse na entrada, as pessoas sufocariam e morreriam no abrigo, como aconteceu. Então, os abrigos ideias tinham de ter duas ou três saídas.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer-care.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Última questão biográfica. Você teve filhos?

Zammit: Não sou casada e não tive filhos.

P: Para voltar à guerra foi necessário haver preparativos alguns meses antes?

Zammit: Para? [...]

P: Antes da guerra ser declarada, pela [Sra. Cachia Zammit interrompe e começa a responder] aos italianos?

Zammit: Os [tosse], os preparativos, principalmente o arame farpado, a sua quantidade poderia ser duas ou três travessas e madeira para prevenir o inimigo, de chegar à ilha e o lugar estava cheio de soldados. A nossa casa tinha uma varanda perto da entrada principal, onde todos os soldados [inaudível] dormiam à noite, então os seus cobertores eram lá colocados. E bem em redor da casa estava cheio de soldados ingleses. Bem antes do início da guerra vinham bater à porta para venderem as hortaliças, carne, leite etc. A residência que nos encontrávamos tivemos de abandonar, também era mais uma casa de férias de verão. Houve duas pessoas de Birzebbugia que foram enviados como refugiados.

Zammit: O meu pai conseguiu arranjar um transporte onde fomos para um local onde não haveria tantos bombardeamentos e menos soldados, foi a minha família, os meus pais, irmãos, as minhas tias e as duas empregadas, a cozinheira e a sua irmã, que cuidava dos nossos gatos. Ficamos em Żejtun, cerca de duas semanas num convento. Onde ficamos, não faltava comida pois, tinham as suas próprias hortaliças, mas não era o nosso local para ficar, então fomos para casa da minha avó. Era uma casa antiga, muito diferente, fica distante da cidade e do mar. A casa tinha uma escada em caracol chamada de garigor, quando os bombardeios começavam, descíamos para adega, a sua construção era toda de pedra até ao teto, o topo tinha formato de barril.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Todas as casas tinham de ter um poço obrigatório, não havia água corrente, apenas água de poço. Tínhamos de ir sempre ao poço encher baldes de água, usávamos a água para tomarmos banho e para outras coisas.

P: Como é que você se sentia toda a vez que a sirene de ataque aéreo tocava?

Zammit: Assim que soava o ataque aéreo, íamos diretos, metade da família ia para o abrigo. [limpa a garganta] Em outras palavras, meus irmãos mais velhos e eu íamos para um abrigo – um abrigo particular que ficava na estrada, cerca de dois minutos a pé – e meus pais ficavam na casa com as minhas tias, porque elas não conseguiam se movimentar, então ficavam na sala de recepção principal onde era um quarto, nessa divisão tinha grandes estátuas que foram trazidas de locais que foram bombardeados. Havia um convento em [resmungal] Bormla, Cospicua que foi bombardeado e para as pessoas não roubarem o que havia lá. Após os bombardeamentos as pessoas acabavam por roubar as casas, conventos. Claro que as estátuas estavam em nossa posse por alguns anos, mas depois da guerra terminar devolvemos. Nunca ficamos em abrigos a morar, eles eram muito maus, no meu ponto de vista e saúde, eles eram muito húmidos, quando tínhamos de descer para o abrigo dormíamos em beliches, e no dia a seguir toda a roupa era retirada. Quando saíamos do abrigo o nosso receio era saber se ainda tínhamos a casa, e se não fora bombardeada, pois como os meus pais ficavam na casa na altura dos bombardeios, inclusive o meu pai gostava de observar os ataques aéreos através de uma janela de uma pequena torre, na parte mais lata da casa. O pior do que os bombardeios era a falta de comida.

P: Havia outro sinal de alerta que foi usado para indicar a aproximação das aeronaves inimigas?

Zammit: Erm, a sirene tem um som diferente. O aviso foi um gorjeio. Pelo que parece era um som que não era claro e direto, enquanto os 'Raidres Passed' era uma nota e sabíamos que estávamos seguros por um tempo.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Zammit: As bombas dos alemães sabiam onde deveriam bombardear, tinham bombas especiais para matar civis chamadas “Cestos Molotov”, acabei por perder dois amigos meus que costumava brincar em Żejtun. A bomba acabou por cair na praça em frente à igreja, quando aconteciam as comemorações, era o mês de [olha para cima] junho. Foi algo estranho ver caixões brancos. A morte – nos impressionou, vimos muitas pessoas morrendo. Havia pessoas que estavam com elas hoje, viviam próximas das nossas casas e no dia seguinte já não as vias, foi algo marcante para mim. O local onde morávamos em Żejtun a escola foi transformada em residência dos soldados e o capitão viria os ver à noite para jantar, ele trazia o seu próprio pão. O pão para nós naquele tempo era o nosso sustento, recebíamos por dia em média trezentas gramas, colocávamos num saco de algodão e amarravasse à cadeira. Os meus irmãos só comiam o pequeno-almoço, durante o dia pouco ou nada conseguiam comer. No meio do dia, pegávamos comida nas Victory Kitchens.

P: O que consistia exatamente as Victory Kitchens?

Zammit: A Victory Kitchens eram locais geridos pelo Governo, o meu pai como perdeu maior parte dos seus rendimentos, teve de arranjar outro trabalho, acabou por conseguir trabalhar como gerente nas Victory Kitchens, ele tinha cinco ao seu encargo. As pessoas como eram analfabetas as cozinhas eram organizadas com cores: vermelho, verde, azul, amarelo. Por vezes, a comida que era lá servida diria que não era das melhores, às vezes o próprio cheiro da comida já era o suficiente para nos tirar o apetite. Uma coisa era certa, já não se via cabras nas ruas.

P: Que tipo de comida era fornecida nessas Victory Kitchens?

Zammit: [Breve Pausa]. Dificilmente. Isso seria uma sopa, não conseguimos chamar de sopa pois, era simplesmente água colorida. Gosto de não sei o quê, acabamos por não comer. O prato principal era carne mas, nem sabíamos que animal estávamos a comer. O prato principal que era de carne não sei que animal era, muitos eram dado adquirido.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Zammit: Mesmo o meu pai ser funcionário do governo, fomos algumas vezes ao mercado negro, conhecíamos um homem, ele conseguia trazer as chamadas 'latas de ração' do exército. Essas latas continham um pouco de carne, ervilhas, batatas e um pouco de molho. As latas eram trazidas num saco cheio de palha para não ser pego pelo governo, quando comíamos essas latas não colocávamos no lixo para não sermos pegos, então devolvíamos ao homem. Tínhamos um pequeno armário com algumas conservas, nunca comíamos pão do dia. Quando iam a padaria buscar a nossa ração diária, comíamos o pão do dia anterior, para que quando a ração acabasse ainda tínhamos para mais um dia de comida. [Longa pausa]. O meu pai trancava o armário para não haver grande tentação de comer mais pão.

Zammit: As pessoas começaram a perder peso, a ficarem magras. As pessoas começaram a contrair doenças como a sarna. O meu irmão mais velho teve que ir para o exército, ele estava a estudar medicina, tinha apenas dezesseis anos, os seus amigos eram mais velhos que ele e foram recrutados e enviados para a fortaleza Ricasoli. O meu irmão se voluntariou para o exército, como ainda era adolescente, tinha direito a um copo de leite por dia e recebia dois e seis por semana como pagamento. Um dia, o meu irmão estava próximo do seu capitão e caiu um abomba e uma das farpas cortou a cabeça do capitão, claro que este episódio tenha afetado o meu irmão, ele foi dispensado por uns dias mas teve que voltar ao fim desse período que na qual, foi complicado porque ele não queria voltar. Acredito que este episódio tenha afetado muito o psicológico do meu irmão. Até nos afetou a nós, estivemos dois anos sem escola, tínhamos aulas particulares mas não era a mesma coisa.

P: Esse episódio foi muito traumatizado para o seu irmão Sra. Zammit?

Zammit: Muito, para todos nós, mas especialmente para ele. Acabou por superar, mas com a morte tão próxima afetaria qualquer pessoa.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Anteriormente, você mencionou que se mudou para Zejtun durante o cerco, vocês eram refugiados?[Zammit abana com a cabeça]. O que passou pela sua cabeça quando viu aviões inimigos pela primeira vez ou quando os seus pais lhe disseram que tinha de sair de casa?

Zammit: [Gagueja] quando saímos de casa ainda estávamos em Birżebbugia e descemos para Zejtun como visitantes e eram também onde tinha a casa da minha avó. Uma coisa que vi quando era criança e me deixou marcado na memória foi, quando estava em casa vi um dia um camião cheio de cobertores enrolados, costurados até cima todos eles marcados com etiquetas de diversos tamanhos, mas quando me aproximei vi que não eram cobertores mas sim cadáveres de soldados que tinham morrido em serviço. É uma memória bastante forte para uma criança. A morte estava muito próxima de nós. Tivemos sorte em não perder nenhum dos nossos familiares diretos, mas perdemos alguns primos.

Zammit: Em Valletta, as bombas eram piores do que nas aldeias, o meu pai ia muitas vezes a Valletta, ao Casino Maltese que fica fora, na Praça perto do Palácio em Valletta e, foi bombardeado, um primo meu morreu e muitas pessoas tiveram o mesmo destino, pois foram atingido diretamente, milagrosamente a Catedral de São João nunca foi bombardeada. A capital ficou toda destruída pela quantidade de bombas que foi atingida. A única capela que estava um pouco danificada era uma capela alemã. [Longa pausa]. A igreja permanecia intacta, quando o meu pai voltava a casa dizia à minha mãe 'A igreja ainda está de pé. A igreja ainda está de pé'. Os alemães pensavam que a Igreja de Floriana era a nossa catedral. Por isso que a igreja paroquial de São Públio em Floriana foi bombardeada, junto com a grande praça segundo me disseram. Quer dizer, a cidade de Valletta tinha um layout completamente diferente, a cidade foi construída contra o inimigo. A cidade de Valletta foi escavada na rocha, os mesmos muros que durante 400 anos defendeu a cidade dos seus inimigos foi construída de base. Em 1568, veio um contrutor de Génova. O nome dele era [olha para cima e murmura], qual era o nome dele?



P: Laparelli?

Zammit: Lapparelli!!! Mas, e, quem contriui hoje [...] as Casas do parlamento também veio de Génova, Piano. Eles vieram da mesma cidade de Itália. Parece ser uma coincidência muito estranha. E os Cavaleiros tendo todas as possibilidades trouxeram o melhor, tendo o Caravaggio também.

Zammit Na verdade, a pintura de Caravaggio é a única assinada por Caravaggio, em St. John's, em Valletta. Normalmente ele não assina o nome, mas essa é a pintura, a única que conheço que está no exato lugar onde foi pintada. [Gagueja], ele pintou para agradecer aos Cavaleiros por tê-lo admitido na Ordem, porque le era, tinha um passado um pouco confuso, mas como pintor ele era de primeira classe.

P: Quando a sua família se mudou para Zejtun, que tipo de itens você levou?

Zammit: Quase nenhum. Suponho que foram potes, panelas, chavenas, coisas para sobreviver. Não era muito longe para voltar, mas apenas levamos o suficiente para conseguirmos sobreviver. Também levamos algumas roupas, como era verão, levamos pouca coisa, ainda não era inverno. É tudo que consigo me lembrar.

P: Anteriormente você disse que teve muita sorte por ter ficado em casa da sua avó.

Zammit: [Acena com a cabeça] Sim.

P: Você se sentiu bem-vinda pelos seus vizinhos? [Zammit interrompe para responder].

Zammit: Sim. As pessoas eram muito amigáveis. Na verdade, com o nosso vizinho, se quiséssemos comprar vegetais, íamos a pé até Ħaz-Zabbar e andávamos todo o caminho de volta e íamos até casa do agricultor e comprávamos repolho, couve-flor o que precisássemos e voltamos todo o caminho a pé. Eles foram muito gentis connosco. Eles tinham um sotaque diferente do nosso. Na verdade, a forma como falava-se em Żejtun não era a mesma em Gudja e Għaxaq.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Isto mostra de um ponto de vista antropológico eram comunidades distintas e vivas. Eles não se misturavam.

P: Essas condições de vida foram suficientes?

Zammit: Condições de vida, como eu disse, não havia água corrente, não afetava só a nós, quero dizer não havia torneiras. Toda a água tinha que ser levada em baldes para cima, para o banheiro. Mesmo assim, os banheiros não existiam.

P: Algum familiar optou por se estabelecer em suas novas localidades?

Zammit: O meu pai estava relutante em sair, ele gostava de ficar lá, eventualmente viemos para Birzebbugia no verão, mas durante a guerra a nossa casa foi tomada pelo exército. Não tivemos opção, então o meu pai alugou a casa às pessoas que nos ajudaram a sair de Birzebbugia, assim o governo não poderia apoderar-se da casa, visto que a mesma estava alugada a uma instituição.

Zammit: Caso contrário teríamos que ceder a casa ao governo.

P: Sentiu algum senso de comunidade apesar do novo ambiente?

Zammit: Não, porque nós não nos misturávamos com as pessoas. Havia algumas famílias que o meu aprovava, uma delas era [gaguejando] parente do Dr. Hyzler que também foi morto pela bomba que caiu na praça. Também os Debonos, cujo o Tio era D.M.O⁵⁵, médico de Żejtun. Caruana também era bem conhecida e passávamos o dia a brincar nos jardins ou a fazer o que podíamos quando crianças a tentar a divertirnos ou a tentar entreter-nos. Era ssim, que passávamos maior parte do tempo, se não estávamos no abrigo, ficávamos a brincar com as crianças, a maior parte do tempo. Mas ainda assim, no fundo da mente havia sempre medo. Porque as coisas podiam acontecer e a morte estava mais proxima do que imaginávamos.

P: Anteriormente você referiu que o seu pai tinha ligações com pessoas de alto escalão. Ele sentiu de alguma sobre essas pessoas?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

⁵⁵ D.M.O – District Medical Officer

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: De certa forma, ficamos surpresos, mas durante a guerra coisas que não foram feitas em tempos de paz foram feitas durante a guerra, porque certas leis, certos regulamentos foram ignorados porque era a guerra.

P: Você se lembra quando os alemães atacaram pela primeira vez?

Zammit: Sim, pelo som dos aviões. O som dos aviões era muito distinto. O barulho deles eram mais alto e muito desagradável de ouvir. [imita um som do avião]. Eles subiam e desciam enquanto os italianos eram uma nota direta e rápido, rápido, rápido livravam das bombas e voltavam para casa.

P: Esses ataques eram diferentes dos italianos?

Zammit: Muito, os italianos cumpriam o seu dever e iam embora, lançavam as bombas, algumas delas no mar e iam logo embora, tinham cumprido o seu dever.

Zammit: Mas poderia entender, que eles cumpriam o seu dever mas com relutância. Sabíamos que eles, no fundo do coração, embora Mussolini tenha se juntado aos alemães, isso não significa que a Itália estava interessada. Todos os amigos que conheço, e costuma esquiar na Itália, ninguém disse que eram pró-Mussolini. Na verdade, foi no norte de Itália que eventualmente mataram Mussolini.

P: Enquanto estava em Zejtun, você tinha um abrigo particular ou usava um público?

Zammit: Em Zejtun usávamos um abrigo particular pertencia a família Grima, tinha três saídas. Eles eram muito gentis, pessoas com bens. As três saídas, a primeira consistia para as freiras, o convento era próximo, outra saída era numa casa e havia uma extra.

P: Você levou consigo algum item importante durante os ataques aéreos?

Zammit: Não, simplesmente levava a almofada e um cobertor leve, não fazia muito frio no abrigo, a pedra era quente mas, humido na mesma. Talvez, um rosário, havia famílias que levavam uma caixinha com algum dinheiro, joias, mas eu enquanto criança não levava nenhuma joia comigo. Para mim perder os meus pais significaria mais do que uma simples joia.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Passou pela sua cabeça que você poderia perder os seus pais ou irmãos?

Zammit: Essa ideia passava na minha cabeça todas as manhãs. Quando acordava e percebia que o dia havia começado e estava na hora de ir para casa, pegava na minha almofada e cobertor, o meu primeiro pensamento “Será que vou encontrar a casa? A minha casa estará lá? Os meus pais estarão vivos?” Então esse sentimento atingia-nos quando se ouvia as bombas caindo em Żejtun e não muito longe onde nos encontrávamos, num estaleiro. Muitas pessoas trabalhavam no estaleiro, cerca de trinta mil pessoas trabalhavam lá e à noite víamos eles a voltar para casa. O nosso trabalho consistia na reparação dos navios, nós nunca construíamos navios porque não tínhamos matéria-prima, era um dos estaleiros mais antigos.

P: Algumas pessoas tinham o seu próprio quarto nos abrigos, consegue abordar sobre isso?

Zammit: Nós não tínhamos o nosso quarto. Havia uns [gagueja; olha para cima] oito beliches, não era um abrigo público, as outras pessoas eram da família de Monsinjur Grech que veio para o mesmo abrigo pois, não morava muito longe. Ele já havia perdido o pai e dois irmãos, lembro-me da mãe dele.

P: Você era obrigada a passar nos abrigos durante a noite ou dia?

Zammit: Nunca passamos lá os dias. Saímos dos abrigos assim que os ataques aéreos terminavam. Mas, nunca passei o dia no abrigo, não era saudável viver no abrigo por causa das suas condições. Não tínhamos propriamente um quarto, mas tínhamos uma sala comum onde passávamos a noite.

P: Como você passava o seu tempo?

Zammit: [gaguejando], à noite íamos dormir. Enquanto éramos crianças, você sabe [...]

P: Você conseguia dormir enquanto ocorriam os ataques?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Nós conseguíamos ouvir as bombas, mas não tão alto como se estivesse na rua. Você conseguia ouvir o barulho das bombas, mas não estavam tão perto. Pelo barulho conseguíamos entender que estavam a uma certa distância, e assim, sabíamos que estávamos seguros o suficiente.

P: Havia alguma regra ou regulamento nesses abrigos, apesar de serem subterrâneos?

Zammit: Que não podíamos deixar as nossas roupas de cama lá [...] quando entrávamos num abrigo, maior parte deles era através de acesso de casas particulares, acabava por ser uma extensão da casa, não precisávamos de levar comida, caso precisássemos de alguma coisa bastava só ir ter com as pessoas que moravam na casa.

P: Você teve acesso a eletricidade e água enquanto esteve no subsolo?

Zammit: Não, a água era de garrafas [...].

P: E a eletricidade?

Zammit: [Sra. Zammit responde ao mesmo tempo que a pergunta é feita]. Isso foi dado como certo. O que [...] O que é isso?

P: E a eletricidade?

Zammit: Eletricidade [...] Nós tínhamos velas que chamávamos de niçu, era um termo que usavam, só há bem pouco tempo é que descobri o seu significado.

P: Você lembra de algum nascimento que tenha ocorrido nos abrigos?

Zammit: Não houve nascimentos. Mas, o meu primo nasceu no abrigo em Sliema, é o que sei, mas [...] acontecia com alguma frequência, os bebés nasciam nos abrigos era mais seguro claro.

P: O que foi feito em relação ao esgoto?

Zammit: Não faço ideia se havia uma casa de banho por onde passávamos quando descíamos para o abrigo. Mas, a meu ver acho que não tínhamos nada disso, quando descíamos da casa o abrigo era um anexo ao convento, também estava ligado a duas casas particulares.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Como você conseguia manter o local limpo?

Zammit: [Olha para baixo] O chão era mantido limpo, não se podia passar o chão com água por causa da humidade, o chão iria ficar molhado, não se colocava muita água, após a limpeza colocava-se um tapete por cima.

P: Já lhe ocorreu que o abrigo poderia desabar durante um ataque aéreo?

Zammit: O abrigo que nos encontrávamos era bastante abaixo da terra, portanto dificilmente colapsava. O abrigo em si tinha três entradas, a entrada era feita pelas casas particulares. O abrigo pertencia à família rica que vivia em Żejtun. Foram eles que construíram a casa de repouso do Clero Dar [...] il-Kleru em Birkirkara, também construíram uma capela lá. Eles eram extremamente gentis.

P: Você se lembra de alguma vez ter ido para a cama com fome?

Zammit: Não ter comida suficiente, sim, mas quando somos criança, você acaba por dormir com mais facilidade que os adultos. Mesmo com essa preocupação, o cansaço acaba por levar o melhor de nós.

P: De forma generalizada, houve muita fome durante o cerco?

Zammit: Sim houve [...] Lembro-me de uma história, de um homem que não era muito rico, um agricultor, ele tinha perdido o cavalo, então o meu pai junto com os amigos juntou dinheiro para comprar um novo. Durante a guerra ele foi contratado pelo meu pai para trabalhar nas Victory Kitchens para levar comida e pilhas de uma cozinha para a outra.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA

Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer-care.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Um dia ele apareceu no local de trabalho muito zangado, tinha em sua posse uma nota de dez xelis, tínhamos notas de papel não moedas. De tão zangado que estava conseguíamos ver os seus dentes [ênfase] rasgando a nota – atualmente essa nota valeria cinco libras, dez libras – rasgou-a em pedaços e disse ao meu pai “Antes da guerra não tinha dinheiro, mas tinha comida. Agora tenho papel-moeda, mas nada para comer.” Lembro-me claramente que colocou os pedaços de papel ao lixo indignado, pelo simples fato que com aquele valor não conseguia comprar pão. O meu irmão ia até Borlma para comprar pão [...] [ênfase] tentava comprar pão. Nesta altura para conseguir um pedaço de pão era bastante complicado, era o nosso sustento, se você não tem pão não tem nada para comer. Embora o nosso pão seja muito bom [sorri], mas durante a guerra não era assim tao saboroso, tinha uma cor castanha e não tinha os mesmos ingredientes do pão que temos atualmente.

P: Quanto criança teve medo?

Zammit: Constantemente assutada. Quando soava o ataque aéreo, a gente se preparava, se não dormíamos no abrigo, era bom sinal, porque a noite ia ser calma, mas mal o ataque aéreo soasse descíamos de imediato para o abrigo. Então o meu pai abria a porta e dizia se podíamos ou não ir para o abrigo. Os meus irmãos não vinham connosco não sabia muito bem o motivo. Cheguei à porta do abrigo que mencionei anteriormente, na casa particular, bati na porta com tanta força, mas, ninguém me ouviu. Você ouvia os assobios. O som do assobio da bomba era muito alto. [ênfase] As bombas estavam muito próximas e eu só gritava e batia na porta, mas ninguém me ouvia, o abrigo estava para lá da porta da casa, esse foi o pior momento que passei.

Zammit: Quando abriram a porta [faz um movimento rápido com a mão direita significa velocidade], entrei correndo e finalmente fui salva. Tivemos muito medo nessa altura, principalmente porque tínhamos amigos próximos que foram mortos e isso assustava muito uma pessoa.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: As roupas que eu usava herdei do meu irmão, não tinha uma irmã mais velha, usava tudo do meu irmão, as jaquetas, o calçado, nada era comprado, não havia lojas abertas, haveria filas de pessoas se uma loja estivesse aberta. A comida nem sequer estava no itinerário. Então, quando recebemos a George Cross, lembro-me dos comentários das pessoas: “Não queríamos a George Cross, queríamos comida”. Havia pessoas que eram demasiado contra o governo inglês, e não contra Inglaterra.

Zammit: De facto, lembro-me de uma marcha silenciosa do povo inglês que vivia em Malta contra o seu governo, foi depois de alguns anos, quando os britânicos estavam a deixar o país, iriam perder os seus empregos. [...].

P: Nos anos sessenta.

Zammit: Os anos sessenta foram horríveis. Foi uma época terrível, foi aí que demonstramos que nada poderia quebrar a familiaridade entre as famílias inglesas e maltesas, especialmente as nossas famílias. Muitos malteses têm sobrenomes ingleses, mesmo na Câmara do Parlamento, cerca de três ou quatro têm nomes inglês, como por exemplo, Fearne, Lewis. E as famílias privadas também adotam os nomes ingleses, nada poderia quebrar a ligação entre as famílias, a não ser contra o governo. Nem sempre estamos satisfeitos com os governos que temos [...].

Mesmo que os tenhamos elegido [sorri].

P: Voltando ao tema da guerra, você estava ciente do que estava a acontecer na Europa Continental e no Norte da África?

Zammit: Até certo ponto sim. Os meus pais colocavam um grande mapa na parede, nele conseguíamos ver os avanços dos alemães durante a guerra, na França cobríamos as partes onde estavam a ser ocupados pelos alemães. Não fomos afetados diretamente, porque nunca vimos os alemães. Eles lançaram as bombas, mas nunca tivemos contato direto com o inimigo, tínhamos alguns prisioneiros alemães.



Zammit: Mas quando recebemos a George Cross, ficou evidente que não queríamos as cruces, mas sim comida.

P: Como foi informada se um comboio estaria se aproximando?

Zammit: As pessoas que moravam perto de Valletta estavam atentas. Na verdade, no dia 15 de agosto, o comboio que chamávamos de Santa Marija, uma coincidência [ênfase] o comboio já estava meio submerso, mas conseguiram trazer para a costa. Embora os ataques aéreos, os homens conseguiram trazer os suprimentos para a ilha, caso não tivesse acontecido penso que teríamos de nos render e tínhamos a noção de que a rendição estava iminente, mas o Santa Marija veio ajudar-nos. Também nos disseram que Rommel queria o exército alemão o ajudasse no Egito. Então, Hitler adiou um pouco o desembarque em Malta para ajudar o exército de Rommel no Egito, assim o nosso dia foi adiado [gagueja], os alemães nunca desembarcaram aqui. Nunca.

P: Você mencionou um “desembarque inimigo”. Você alguma vez sentiu medo de uma possível invasão inimiga?

Zammit: Sim, tínhamos medo de morar, estávamos muito próximos da costa, mesmo tendo arame farpado tínhamos muito medo do inimigo, a ideia dos alemães nos assustava bastante, não os italianos. Como referi anteriormente, os italianos faziam as coisas porque era o seu dever e não com o intuito de ganhar a guerra, de conquistar. [...]. Esse sentimento perdurou por muitos anos, mesmo como guia turística, depois da guerra. Os ingleses que eram pró-ingleses não ficaram felizes com os alemães que estavam conosco no grupo porque perderam membros da sua família, perderam os seus pais, irmãos na guerra. Então o sentimento ainda era muito novo para aceitar as pessoas da Alemanha. Lembro-me muito bem disso.

P: Durante a guerra como você tomava banho?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Zammit: A água era trazida em latas e você se lava aos poucos. Mesmo os banhos como tais não existiam. Mas até os banhos são relativamente novos, mesmo comparativamente, aos franceses, eles ficavam sentados na banheira por um tempo indeterminado. O tomar banho não era algo regular, você se lavava aos poucos.

P: Você ficou doente?

Zammit: Doente? Não havia vacinas, quando você não comia bem estava sujeito a ficar doente. Estou a ficar cansada. [mexe-se na poltrona].

P: Vamos terminar dentro de alguns minutos.

Zammit: Tudo bem.

P: Em uma situação como referiu anteriormente, como é que conseguia adquirir medicamentos?

Zammit: Nós tínhamos médicos, o que eles nos mandavam fazer era baixar a febre, por exemplo. A febre simplesmente ficaria ali [...].

P: Surgiu alguma doença devido a não haver praticas de higiene?

Zammit: Em geral havia sarna. Esses furúnculos [indecifráveis], mas ao estarmos num abrigo público geralmente não nos misturávamos diretamente com as pessoas [...].

P: Então você teve sorte?

Zammit: Muita sorte. Essa foi uma das coisas, talvez como não nos misturávamos com as pessoas. Em geral as pessoas iam à igreja, era um local onde iam muitas pessoas. Quando estamos nestes momentos as pessoas tendem adorar mais Deus. Perto onde vivíamos tínhamos uma pequena capela, Santíssimo Sacramento e lá fazíamos a nossa adoração, você sabe quantas capelas temos em Malta: trezentas, então elas estão espalhadas por todo o lado. Além das igrejas.

P: Qual foi a sua impressão em relação aos soldados britânicos durante o cerco?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Zammit: Ah, gostei dos soldados britânicos [sorri]. Eles nos divertiam, nos ensinavam canções inglesas que gostávamos de cantar relacionadas à guerra ou para [ênfase] nos distrair da guerra. É claro que eles se apaixonaram pelas mulheres maltesas, eramos um pouco jovens para isso, mas era agradável visitá-los. Eles nos davam doces e nos divertíamos bastante.

P: Você se lembra de alguma música específica em inglês ou em maltês?

Zammit: Nos dois idiomas. As inglesas – era uma canção popular na Inglaterra, pelo que entendi, chamada [procede à recitação das canções]:

Margarida, Margarida,
Dê-me a sua resposta,
Estou meio louco de amor por você,
Não será um casamento elegante,
Pois não posso pagar uma carruagem,
Mas você ficará linda no assento de uma bicicleta,
Feito para dois.

Zammit: Depois era outro homem que gaguejava. O que era isto? 'Katie'! Chamada de 'Katie'.

Erm:

K-K-K-Katie,
Minha linda Katie,
Você é a mulher mais bonita que eu adoro,
Quando a m-m-m-lua brilha no estábulo,
Estarei esperando na porta da c-c-cozinha.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Zammit: Então você percebe, no estábulo, não havia garagens. O estábulo era o lugar principal.

Então os que cantavam em maltês era:

Eu estava de pijama jogando ataque aéreo,⁵⁶

Fui correndo, correndo, correndo no telhado,

Os canhões dispararam,

Os aviões mergulham,

Cantando ja ja juppi juppi jaj.

Zammit: Havia outra música, relacionada com uma pessoa, um maltês que se juntou ao exército.

E ambos fumaram um cachimbo [resmungá] música foi:

Com um cachimbo como um Capitão⁵⁷,

Bigode como Cable [Clark Gable],

Eu fui à escola,

Eu aprendi a mesa,

Direto como ferro,

⁵⁶ Canção em maltês:

Kont qed nilbes il-pagama daqq air raid,

Tlajt nigri, nigri, nigri fuq il-bejt,

Il-kanuni jisparaw,

L-ajruplani jiddajvjaw,

Singing ja ja juppi juppi jaj.

⁵⁷ Canção em Maltês:

Bil-pipa bħal Captain,

Mustacċi bħal Cable [Clark Gable],

Mort l-iskola,

Tgħallimt it-table,

Timxi dritt bħal hadida,

U anke ta' mister tridha,

Ajma x'dardir,

Bix-xorts sa rkobbtok,

Tfittixlek fil-but,

U ma ssiblekx,

¶lief sold li tagħtek oħtok.

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

E mesmo de um senhor você quer,
Não importa o quão enjoado,
Com shorts até aos joelhos,
Procurando por você no seu bolso,
E eu não consigo te encontrar,
Exceto o dinheiro que sua irmã me deu.

Zammit: Também havia uma relacionada com as Victory Kitchens.

Com um pedaço na cabeça,⁵⁸
Com uma colher na mão,
Com um batom nos lábios,
Cozinha Taaal – Victory.

Zammit: Depois havia outro que não era exatamente [sorri]:

A cozinheira e a cozinheira,⁵⁹
Eles dançam em suas camisas,
Cozinha Taaal-Victory.

Zammit: Havia muitas mais, mas infelizmente essas são as únicas que me lembro.

P: Você já encontrou soldados com outras nacionalidades?

⁵⁸ Canção em Maltês:
Bil-biċċa ġo rashom,
Bl-imġharfa f'idejhom,
Bil-lipstick f'xufftejhom,
Taaal-Victory Kitchen.

⁵⁹ Canção em Maltês:
Il-koka u l-kok,
Jiżfnu bil-flokk,
Taaal-Victory Kitchen.

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Não, não, não. Pessoas de outras nacionalidades, como italianas ou alemãs, seriam enviadas para fora do país ou colocadas em áreas confinadas. Tínhamos um pouco de sentimento pelos judeus que também faziam um pouco parte de nós. O mapa que os meus pais me mostraram tinha apontado os locais onde os alemães desembarcaram e para onde foram. Também vimos onde os judeus foram mantidos durante a guerra. Como eles os chamavam? Campos de concentração! Para nós os judeus eram como os devedores. Aprendemos Shakespeare. Eles não podiam ter propriedades, então eles eram bons empresários e, antigamente moravam em Malta e usavam roupas distintas, eles não faziam parte de nós. Eles eram um grupo completamente diferente.

P: Era comum ver soldados durante o cerco?

Zammit: Sim havia soldados por toda a parte, principalmente em Valletta. Foi aí que muitos ingleses conheceram os malteses e se casaram. A minha irmã se casou com um inglês da Marinha que estava, hum, em Birżebbuġa ou em Hal Far, perto do aeródromo. Começamos a guerra somente com três aviões, foram batizados de Fé, Esperança e Caridade. Os aviões estavam sempre prontos para defender a ilha. Perdemos o avião Esperança e Caridade, o único que resistiu à guerra foi o avião Fé. Com estes três aviões conseguimos defender a ilha. Claro, que mais tarde vieram aviões ingleses e todo o tipo de aviões modernos, mas a guerra começou e foram estes três que defenderam Malta sem qualquer medo. eles estavam sempre a sobrevoar para mostrar que havia alguma defesa, sem percebermos que havia somente pouco mais que isso.

P: Enquanto criança tinha alguma noção do que a guerra implicaria?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer@nationalarchives.gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Zammit: Guerra? Não, absolutamente nenhum. Alguém poderia imaginar o inimigo lutando contra soldados. O bombardeiro – se você vê uma pessoa é diferente, você não gosta do inimigo, mas nunca encontrou cara a cara. O que fez que a nossa antipatia pelos alemães fosse menor do que pelos ingleses. Os ingleses foram mais diretamente, erm, como eu diria [longa pausa] [ênfase] afetados pelos alemães. O nosso exército é [um] pequeno exército, tínhamos o nosso exército, mas pequeno.

P: Como foi a vida depois que o cerco foi levantado?

Zammit: [demorou] para voltar. Demorou cerca de dois anos para que as nossas rações fossem retiradas e, como eu disse, considerávamos como um dado adquirido. Qualquer pessoa que te convidasse para almoçar, você teria de levar pão. Então, coisas como o açúcar e arroz ainda eram racionadas para as receberem uma certa quantidade a um preço baixo. Mas os ovos e o leite que não víamos há muito tempo, que mais? Pão, claro, você sabe. Comemos tudo.

P: Última questão. Você se lembra de algum episódio específico que ainda permaneça com você?

Zammit: Um episódio que me marcou principalmente, foi o funeral dos meus amigos que perdi no caminho da igreja às sete horas da manhã do mês de junho. Na verdade, a data é exatamente hoje, no início de junho de mil novecentos e quarenta e dois. Essa foi a hora que tivemos o bombardeiro mais pesado. Foi horrível. Quero dizer, nós – a irmã, essas duas meninas que obedeceram à mãe foram mortas, e as outras duas irmãs que não obedeceram foram salvas e isso ficou marcado em mim – porque os bons deveriam ser punidos? E por que a garota que não obedeceu seria aquela que salvou a sua vida? Nenhuma resposta também. Espero que algum dia tenhamos alguma resposta [sorri], talvez!



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

P: Então, Sra. Zammit, muito obrigado pelo seu tempo.

Zammit: Obrigado. Obrigado por me ouvir. Certas coisas que possa ter esquecido e certas palavras que não me recordo., mas no geral talvez lhe tenha dado um pouco de história sobre os terrores da guerra. Muito obrigada por me pedir para fazer isto, e espero que o maltês se lembre do que se passou quando a George Cross, foi oferecida, eu sou da opinião que não deveria ter sido oferecida [ênfase] ser retirada da bandeira porque faz parte da nossa história, mesmo que não fosse gostaríamos de aceitar. Foi o único [prémio] que poderia ser dado a pessoas que não estavam nos serviços religiosos, é a George Cross. Foi dada diretamente pelo Rei George VI. Então, desse ponto de vista, acho que deveríamos deixar isso em nossa bandeira. A nossa bandeira como tal é, é muito mais antiga. Amém! [Risada].



Entrevista

Entrevistada por: James Baldacchino

Entrevistada com: Teresa Muscat Fenech

Data da entrevista: 10 de julho de 2017

Localização: Birżebbuġia

Duração da entrevista: 52 minutos



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Eu, James Baldacchino, do Arquivo Nacional de Malta, estou com a Sra. Theresa Fenech em sua residência em Hiltop Gardens Naxxar, hoje, dia dez de julho, dois mil e vinte e dezassete para o Projeto MEMORJA.

P: Teresa onde e quando é que nasceu?

Muscat Fenech: Nasci em Attard, no dia trinta e um de outubro de 1928.

P: Quantos irmãos você tem?

Muscat Fenech: Sou um dos treze [risos]. Sou a oitava dos treze irmãos, depois de mim são os gémeos e os trigêmeos.

P: Qual era a profissão dos seus pais?

Muscat Fenech: Hum, o meu pai [tosse], a minha mãe era uma pianista muito boa, ela tinha ganhado uma medalha de ouro. Ela sempre deu muitos shows aqui em Malta, como naquela altura não saíamos muito, não como agora. Já o meu pai, lembro-me que tinha um emprego no governo, era como um Comissário.

P: Alguma vez você emigrou?

Muscat Fenech: Não, não, hum, morei um ano no exterior quando o meu marido foi estudar para o exterior.

P: Quais foram os empregos que teve?

Muscat Fenech: Eu era professora universitária, professora de escola pública. E e [gagueja pensando], houve um ano em que o governo precisava de professores, então a formação durou um ano. Dei aulas na Escola do Rosário em St. Julian's.

P: Onde morava quando era criança?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Hum [longa pausa], nasci em Attard – passei algum tempo em Sliema quando era bebe, do qual não me lembro muito bem. Quando tinha cinco anos fomos morar para os prédios em Balluta St. Julian's.

P: Você teve filhos?

Muscat Fenech: Sim, duas meninas.

P: Você se lembra onde estava quando a guerra foi declarada?

Muscat Fenech: Estava na minha habitação, em Balluta em St. Julian's.

P: E o que aconteceu naquele dia específico?

Muscat Fenech: [Longa pausa e suspiro] Não me lembro de muita coisa, mas lembro-me dos incidentes que aconteceram durante a guerra. Tivemos muita sorte de não estarmos ... numa área de bombardeamento, não estarmos num estaleiro. Quer dizer, o local onde vivíamos era uma zona privada de Malta suponho. A única coisa que havia em St. Julian' s era uma bateria de armas. E quando era usada ficávamos abalados. Mas...

P: Houve alguma preparação nos meses anteriores?

Muscat Fenech: Desculpe não entendi a pergunta.

P: Nos meses anteriores que levaram à guerra foram realizados alguns preparativos?

Muscat Fenech: Não me lembro sinceramente. Ah ... sim a guerra foi declarada, mas hum ... quero dizer ... uh não tenho nenhuma lembrança.

P: Enquanto criança, tinha alguma ideia do que a guerra poderia implicar?

Muscat Fenech: [longa pausa] O que seria?

P: Você acharia que Malta seria bombardeada pelos alemães e italianos?

Muscat Fenech: Hum ... quero dizer ... não me lembro. O que me lembro é mais de quando cresci e olho para trás, mas naquele tempo quando era mais jovem não consigo me lembrar.

P: O que acontecia sempre que a sirene de ataque aéreo soava? O que você sentia?

Muscat Fenech: Bem, você fica preocupado. Nós ficamos sempre em casa, porque não havia abrigos nas proximidades.

P: Durante a guerra você teve de procurar algum abrigo?

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Noa, não, nós ficávamos em casa. Morávamos num apartamento, antes da guerra morávamos no último piso, com o início da guerra pedimos ao senhorio para mudarmos para o andar inferior.

P: Você se lembra se as pessoas usavam os abrigos durante a guerra?

Muscat Fenech: Hum... bem. Se houvesse algum abrigo, não tenho ideia de onde eles se encontravam.

P: Quando viu os aviões inimigos pela primeira vez, o que passou pela sua cabeça?

Muscat Fenech: Hum. [Pausa]. Tivemos sorte, porque aparentemente eles deviam ter vindo da nossa direção, principalmente aviões alemães, eles costumavam passar por Tagorni e Balluta... Na parte superior do prédio conseguíamos ver os aviões a passar. Eles sobrevoavam por Tagorni, houve um episódio que marcou, pois, um avião ao sobrevoar a zona estava com muito fumo, pronto a cair, então o piloto saiu do avião, mas o seu paraquedas ficou preso na asa do avião, pode imaginar o destino desse avião e o piloto que se encontrava preso à asa do avião.

P: Durante a guerra a sua família mudou-se?

Muscat Fenech: Hum. Não. Como tal não, mas em mil novecentos e quarenta e um, o meu pai foi nomeado Comissário para Gozo e, apenas nós os três que eramos os mais novos fomos morar em Gozo com os meus pais, pois os meus outros irmãos já estavam estabelecidos na ilha, o meu irmão mais velho era químico, as minhas três irmãs, duas delas trabalhavam no estaleiro naval, já a outra trabalhava no exército em Pembroke, por fim, o meu outro irmão tinha terminado os estudos pronto a entrar na universidade, o meu outro irmão veio connosco para Gozo mas, acabou por ser recrutado para o exército – força aérea – e teve que voltar para Malta. Não ficaram no apartamento em Balluta, foram morar para Sliema. Na esquina da Rua Norfolk com a Rua Melita. Simplesmente os três mais novos ficamos em Gozo com os nossos pais.

P: Qual foi a sua reação quando os seus pais lhe disseram que precisava de ir para Gozo?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Hum. Acho que não senti nada ... Nunca imaginei viver sem os meus pais.

P: Foi a sua primeira vez em Gozo?

Muscar Fenech: Sim.

P: Quais foram as suas primeiras impressões de Gozo?

Muscat Fenech: Foi muito tranquilo. A ilha era muito sossegada, nunca foi bombardeado como uhm ... quero dizer houve alguns incidentes, onde o meu pai estava envolvido [risos]. O que realmente fez com que isso se destacasse daquela vez, e ficasse gravado na minha memória.

P: Como é que Gozo foi afetado durante a guerra? Você se lembra?

Muscat Fenech: Hum, às vezes víamos soldados. Quando um avião passava e o piloto estivesse vivo ele era levado até à polícia. Tirando essas situações, quase não percebi que estava uma guerra acontecendo.

P: Você se sentiu bem.vinda?

Muscat Fenech: Sim, fiz muitos amigos. Amigos que ainda atualmente estão vivos e devem estar na casa dos oitenta anos [risos]. Muitos desses meus amigos vieram para Malta uns anos depois.

P: Você encontrou algum problema com os novos moradores?

Muscat Fenech: Não percebi a questão.

P: Se teve algum problema com os gozitanos?

Muscat Fenech: Acho que não.

P: Alguma família optou por se estabelecer em Gozo?

Muscat Fenech: [Longa pausa]. Não me lembro de ninguém se estabelecer em Gozo.

P: Mas havia outras famílias maltesas que viviam em Gozo naquela mesma época?



Muscat Fenech: [Longa pausa]. Bem.... Nós fazíamos as coisas um pouco no improviso, os meus pais não eram muito rígidos connosco. Mas tínhamos de obedecer às regras da família.

P: Você sentiu um senso de comunidade apesar do novo ambiente em Gozo?

Muscat Fenech: Sim.

P: Lembra-se de quando é que os alemães atacaram pela primeira vez?

Muscat Fenech: [Pausa]. Nós sabíamos que algo tinha acontecido, porque quando víamos uma nuvem de fumo ou fogo, fogo à distância, estávamos um pouco distantes de Malta.

P: Anteriormente você mencionou que viu um piloto alemão a ser preso.

Muscat Fenech: Hum, foi dito que tinha visto um avião a sobrevoar com um piloto preso na asa, o avião acabou por cair e esse piloto teve muita sorte em ter sobrevivido. Disseram que tinham levado um piloto alemão à polícia. Então muita gente se reuniu na rua, antes de terem informado que um avião tinha caído nós tínhamos visto muito fumo no céu e um fogo muito grande vindo do Gand Harbour. Desde o Grand Harbour até Rabat, mesmo em Gozo, é de uma grande distância, pensamos por momentos que poderia ter sido um ataque aéreo. Mas fora mais do que um ataque aéreo, quando os polícias levaram o prisioneiro alemão para Rabat, ele saiu do carro, ele saiu de cabeça erguida e com as mãos juntas e o polícia perguntou: “Você vê aquele fogo ali ao fundo?” ele responde “Consegui, foi um bombardeio em cheio, magnífico”.

P: Enquanto criança você teve medo?

Muscat Fenech: Sim claro, nós não levávamos as coisas exatamente com calma. Creio que não estivemos em perigo como as famílias em Malta. Nunca tivemos.... Hum.... Bombas a cair nas proximidades da casa ou na área. Embora tenha algumas experiências de explosões de bombas. Você gostaria de ouvi-las?

P: Sim, por favor.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: A primeira experiência foi em Malta, um pouco antes de o meu pai ser nomeado para Gozo. Naquela hora...naquela hora, o lugar atrás de Balluta entre a rua Surfan, desculpe entre os fundos dos prédios Balluta e os fundos das casas na antiga rua College, era apenas pedra, era uma grande aérea de rocha nua. E, uma vez houve um ataque, parecia ser um ataque muito grande pois, todos nós nos amontoamos no centro da nossa casa. A minha irmã mais velha estava na cozinha, havia uma porta de madeira que dava para os fundos da casa. Então uma bomba caiu, a porta de madeira da cozinha abriu e a minha irmã foi atirada da cozinha para a calçada do lado de fora. Então pode imaginar a explosão que sentimos, deve ter sido horrível a experiência que a minha irmã presenciou. Na mesma ocasião, ao lado da cozinha ficava o quarto dos rapazes. O meu irmão, aquele que foi recrutado para a Força Aérea, mas naquela altura ele era um pouco mais novo, ele estava na casa de banho quando ocorreu a explosão, com medo ele se escondeu no armário. [respira longamente]. Após a explosão a minha mãe reuniu todos, andamos à procura do meu irmão Tony, quando fomos ao quarto dos rapazes vimos que a janela já não existia e ele estava escondido no armário.

P: Suspiro.

Muscat Fenech: Perto da janela, havia uma cama o colchão estava danificado, tinha um grande buraco.

P: [tosse]

Muscat Fenech: Do outro lado, havia outra cama, tinha cerca de três metros. Dessa distância, tinha estilhaços, os estilhaços da bomba. Hum, qual é o tamanho?

P: Cerca de 60 centímetros de largura.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Tinha dois pés, dois pés. E cerca de dez centímetros de altura e estavam na cama. Então devem ter entrado quando a janela foi quebrada e caíram na primeira cama e voando novamente para a segunda cama. A minha mãe estava chamando o meu irmão desesperada “onde você está?” e Tony não respondia, “Tony, Tony, onde você está?” Então ele abriu o armário da roupa e saiu ao lado da cama onde se encontravam os estilhaços haviam caído. E claro, podem imaginar o nosso alívio, agradecemos a Deus, que Tony conseguiu entrar no armário porque ele estava na direção dos estilhaços.

P: Ele teve muita sorte.

Muscat Fenech: Sim, realmente ele teve muita sorte. Todos suspiramos de alívio, como não estávamos a encontrar [suspira] inicialmente pensamos o pior, estávamos mesmo preocupados. A minha mãe estava muito preocupada. [Respiração longa] Isso é ... sirene deve haver outro ... sim e houve, foram dois, mas estes foram em Gozo e não em Malta, as outras experiências com bombas. Aquelas que mencionei sobre o meu pai.

P: Hum.

Muscat Fenech: Hum, quando fomos viver para Gozo, na altura ainda não tinha sido bombardeada. Pelo menos todos os lugares que fomos, mas hum, em uma ocasião, o meu pai foi informado que havia caído uma bomba em um convento, entre o caminho de Rabat para Marsalforn e eles foram investigar. Eles olharam em volta não pareceu haver nada e saíram, assim, que saíram houve uma explosão de uma bomba no local onde eles tinham investigado, então o meu pai teve muita sorte. Houve um segundo incidente, desta vez em Xewkija e, infelizmente, desta vez, caiu sobre casas. Não me lembro se houve feridos, novamente uma investigação estava a ocorrer. Havia um sofá onde eles estavam a ver, sentaram-se todos e continuaram a conversar, na hora de se levantarem e saíram da área, uma bomba explodiu.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: E o sofá onde bem há pouco tempo estavam as pessoas [risos] explodiu. E o meu pai teve novamente sorte por não ter sido morto pela bomba. E mais uma vez agradecemos a Deus porque o meu pai ainda estava connosco.

P: [Tosse].

Muscat Fenech: Devo de contar mais um episódio que ocorreu mais tarde após a morte do meu pai?

P: Sim, pode.

Muscat Fenech: Sempre nos passou pela cabeça de como o meu pai teve muita sorte, por não ter morrido naquelas duas bombas. Mas no dia dezanove de mil novecentos e sessenta e cinco, era agosto, fomos passear até Gozo e, infelizmente o meu pai teve um ataque cardíaco, durante o feriado ele foi ao encontro do senhor [risos]. Durante a guerra ele consegui escapar de duas bombas, mas acabou por falecer de uma causa natural.

P: [Tosse] Houve muita fome durante o cerco?

Muscat Fenech: Tenho a certeza que sim. Talvez como referi anteriormente, não era muito rui viver em Gozo, mas em relação a Malta acredito que tenha havido muita fome.

P: Lembra-se de ir para a cama com fome?

Muscat Fenech: Hum.... [Longa Pausa] Não. Dos meus treze até ao meus oitenta e oito, não me lembro se tive fome, mas talvez naquela altura possa ter sentido um pouco de fome, tenho a certeza.

P: A sua família utilizou o Victory Kitchens?

Muscat Fenech: Sim utilizamos. Hum... [Longa Pausa], bem para mim foi pouco. Porque quando viemos para gozo eu tinha quatorze anos? Quinze anos? Não, vinte e oito? Vinte e oito [conta], eu tinha quinze anos. Então, quando viemos para Gozo, as coisas estavam mais resolvidas, mas, em outras ocasiões lembro-me que de manhã íamos pegar um copo de leite no Victory Kitchens.



P: Muitos recorreram ao Mercado Negro. O que nos pode dizer sobre isso?

Muscat Fenech: [Longa Pausa] Na verdade, acho que nunca ouvi a palavra mercado negro. Mas houve uma situação que me lembro agora, acho que nunca comemos manteiga durante a guerra. E, uma vez, brincando na rua, eu vi, vi pessoas entrando na mercearia, e saindo com um pacote de manteiga na mão.

Muscat Fenech: Então fui para casa a correr e fui avisar a minha mãe que o senhor da mercearia tinha manteiga para vender. A minha mãe mandou um ajudante até à mercearia buscar manteiga, mas, infelizmente quando lá chegou ele tinha dito que ficou sem manteiga. Agora há um pouco de interrogação: ele realmente ficou sem manteiga? Ou ele sabia a quem deveria vender a manteiga a preço do mercado negro? Acho que foi a primeira vez, que ouvi tais palavras.

P: Então você na altura teve contacto com alguém que se envolvia no mercado negro?

Muscat Fenech: Naquela época não sabia, mais tarde claro que sim.

P: [Tosse], Você...

Muscat Fenech: Tenho a certeza de que naquela altura houve muitas pessoas que usaram o mercado negro.

P: Você sabe que tipo de itens ou alimentos se conseguia no mercado negro?

Muscat Fenech: Naquela época não, acho que não. Eu não sabia cozinhar naquela altura ou o que comer. Eu sabia o que comia, mas como era confeccionado já não sei.

P: Você sabia o que estava a acontecer na Europa Continental e no Norte da África?

Muscat Fenech: Sim, sim. Especialmente o Norte da África porque Malta estava envolvida por estar entre Itália e o Norte da África, alguém estava bem ciente de.... Rommel e, uh, os alemães e, os italianos. As invasões, você sabe, então se você conhece quando criança você, pensa o mesmo que eu estou a pensar agora... [risos].

P: Você estava com medo de uma possível invasão?



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Não, não Houve uma invasão aqui em Malta de submarinos ou barcos. Infelizmente um maltês esteve envolvido, não estava? E, eu não sei se era diferente ou igual, o mesmo se referiam, Gozo estava um pouco distante. E nós [resmungo], bem, podemos dizer que dentro de uma hora, até menos, Gozo estaria cheio de camiões passando com soldados. Então a palavra invasão ou a palavra guerra tudo isso era um vocabulário completamente novo para mim. A escolaridade que tínhamos era pouca.

P: Os soldados eram avistados com frequência durante a guerra?

Muscat Fenech: Sim eram. Não muito, mas víamos com alguma frequência. [Longa Pausa]. Não tanto como quando havia, mas quando voltamos para Malta, vi muitos soldados.

P: Qual foi a sua impressão dos soldados britânicos durante a guerra?

Muscat Fenech: Hum... Eu acho que tive uma boa impressão, ah porque... Não foi só vê-los, mas quando tratava de os conhecer as coisas eram diferentes. Eu tenho dois, pelo menos duas histórias. Hum... como a minha mãe era pianista nós não saíamos como atualmente. A minha mãe sentava-se no piano e tocava e nós juntávamos, cantávamos músicas e tudo o mais. Costumávamos ter algumas noites deste género por semana. Houve uma vez, em que a janela estava aberta, fui puxar as cortinas. Muitas vezes terminávamos já era hora de irmos embora, então fui fechar a janela, simplesmente empurrei as cortinas para o lado e dei um passo em frente, acabei por me esbarrar em dois soldados, que estavam a tirar uma boa soneca com a cabeça nos braços e, eles estavam ouvindo a nossa noite musical. Na verdade, quando encontrei, eles disseram "que linda noite musical passamos". Então foi um encontro interessante com soldados em serviço que nunca tinha visto. E de certa forma, uma boa memória. A minha irmã trabalhou no exército, com o padre do exército em Pembroke, e um dia, hum... muitos estrangeiros estavam a ser trazidos para Malta por causa da ameaça de invasão e, hum... os planos da Força, os planos de guerra que eles tinham em mente, muitos soldados de várias patentes estavam em Malta.



Muscat Fenech: Um dia a minha irmã chegou a casa, a que trabalhava em Pembroke, e ela tinha na mão uma lata de geleia, algo que nunca tínhamos visto, ou tinha provado durante a guerra, penso que isto ocorreu em mil novecentos e quarenta e três. E ela disse à minha mãe, que o Claude John, o tinha trazido esta lata, ele me perguntou se iria gostar, definitivamente que adorei! Foi adorável, assim poderíamos comer um pouco de geleia, em outra ocasião ofereceu outra coisa a minha irmã. Então a minha mãe sugeriu o Claude e o padre nos visitar um dia, para lhe agradecer pessoalmente pela sua gentileza. Um dia ele veio nos visitar, a minha mãe e a minha família agradecemos, no meu bolso tinha um rosário, de cor castanha ou preto, não me lembro bem, ele viu que estava a tocar no bolso e perguntou o que tinha, então respondi que tinha um rosário.

Muscat Fenech: Então ele perguntou o porquê de a cor ser tao escura, sendo tão jovem. Eu disse que era de semente de cenoura daí ter esta cor, e acenou com a cabeça. Então um dia ele ligou para a minha mãe e perguntou quantas meninas inclusive viviam em casa, ao todo eramos seis mulheres em casa, passado uns dias ele veio nos visitar e ofereceu um presente a cada uma. A mim ofereceu-me um rosário de madrepérola. O que ainda tenho hoje comigo, e de toda a vez que o uso me lembro dele. E também me lembro dele porque depois daquela visita, o padre disse a minha irmã que o Claude tinha falecido na batalha de Anzio, no desembarque, mas, ele veio se despedir de nós e agradecer, mas ele não sabia o porquê de estar a ir embora. E, eu quando uso o meu rosário, imagino-o como ele estava em casa, e na praia de Anzio, deitado na praia. Uma experiência muito triste infelizmente.

P: A água era escassa durante a guerra? Como é que você conseguia tomar banho?

Muscat Fenech: Hum... suponho que a gente ia tomar banho na praia de Balluta, que era mesmo em frente à nossa casa, era a baía de Balluta.

P: [Limpa a garganta]



Muscat Fenech: Se me lembro era assim que fazíamos.

P: Como você lidou com a doença?

Muscat Fenech: Hum [Longa Pausa]. Não faço ideia. Suponho que teríamos de ficar na cama se tivéssemos febre, honestamente acho que a minha mãe fazia milagres.

P: Você conseguia ter assistência médica?

Muscat Fenech: Hum... Honestamente, acho que Deus foi muito bom para nós porque se tivéssemos alguma coisa, qualquer coisa em termos de saúde, nunca fui de ter uma má saúde. Também não me lembro de alguém precisar de assistência médica, não consigo responder a essa questão.

P: Já passou pela sua cabeça que poderia perder os seus pais na guerra?

Muscat Fenech: Sim, mas não com os bombardeamentos, a zona onde nos encontrávamos era fora do alcance, mas podia acontecer com qualquer um. Aconteceu com as pessoas em Birgu, poderia acontecer também a nós, estávamos longe dos locais importantes da guerra que os alemães precisavam bombardear.

P: Anteriormente, você mencionou soldados estrangeiros, você encontrou algum soldado de outra nacionalidade?

Muscat Fenech: Sim, havia sul-africanos, neozelandeses, australianos, franceses, poloneses. Havia muitos soldados. Mas não conheci pessoalmente, costumava vê-los e ouvir a falar, então sabe que podíamos conhecer e saber quem são.

P: Qual era a sua opinião sobre os italianos e os alemães?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Muscat Fenech: Bem [Longa pausa]. Acho que não gostei muito deles. Porque eles estavam do lado oposto, mas hum... os soldados têm de obedecer aos comandos é culpa das pessoas que estão no comando. E, talvez, as suas decisões em retrospectiva não seriam as melhores. A culpa não foi do soldado, mas, sim dos seus líderes.

P: Você já encontrou algum prisioneiro de guerra?

Muscat Fenech: Sim, porque em Pembroke, costumava ser o local onde os prisioneiros ficavam, eles eram levados durante o dia a passear a algum sítio, não sei o que eles iam fazer. Eles costumavam vir de Pembroke – St. Andrew’s e costumavam vir pela estrada de Sliema.

P: [tosse]

Muscat Fenech: – Príncipe de Gales, mas para onde eles iam depois disso ... Nunca perguntei. Mas eles gostavam de acenar e nós acenávamos de volta. O soldado está apenas obedecendo a ordens, ele não é responsável pelas...decisões sobre o que ele tem de fazer. As pessoas tomam as decisões e o soldado Simplesmente faz o que lhe é ordenado.

P: Você se lembra de quando foi concedido a George Cross?

Muscat Fenech: Sim, sim. Não me recordo da data, mas, não fomos a Valletta para a ocasião. Hum... lembro que foi falado, mas, ver as fotos desse acontecimento só foi permitido mais tarde.

P: E como se sentiu em relação a isso?

Muscat Fenech: Senti muito orgulho. Na verdade, eu acho Winston Churchill fez um comentário que realmente colocou Malta na frente, e eles disseram que se não fosse Malta a Grã-Bretanha não teria vencido a guerra. Porque Malta estava... no caminho entre o Norte de África, a Itália e a Europa encontravam-se numa situação complicada, Malta estava numa posição estratégica, até mesmo para transportes marítimos.



Muscat Fenech: Durante a guerra penso que Malta desempenhou um papel muito importante. E sim, penso que concordo com Winston Churchill quando diz que se não fosse Malta, a Grã-Bretanha não teria vencido a guerra.

P: Como foi a vida depois que o cerco foi levantado?

Muscat Fenech: Talvez tenha sido melhor, talvez houvesse mais coisas. Começou a haver mais vida, pouco a pouco você encontra coisas para usar. Quer dizer... embora, eu sempre tivesse roupas em segunda mão, a minha mãe não colocava nada fora, coisas que uma pessoa mais nova da família pudesse usar. Portanto, as coisas em segunda mão permaneceram depois da guerra.

P: Você se lembra de algum episódio específico que permaneceu com você até hoje?

Muscat Fenech: Não entendi a questão?

P: Algum episódio que esteja gravado em sua memória?

Muscat Fenech: Verdadeiramente, tivemos muita sorte, que nós não vivenciamos parte da guerra, nós não estávamos numa zona de guerra, mas já no lado sul da Ilha, a zona portuária, Valletta, sofreu muito. As famílias que lá viviam devem ter sofrido muito com os bombardeamentos consecutivos. Nós de certa forma também sofremos com a guerra.

P: Senhora Muscat Fenech, muito obrigada pelo seu tempo.

Muscat Fenech: Foi adorável, foi um prazer conversar com você.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Entrevista

Entrevistada por: James Baldacchino

Entrevistada com: Francesco Tonna

Data da entrevista: 23 de Janeiro de 2018

Localização: Victoria

Duração da entrevista: Uma hora, 34 minutos e 11 segundos



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Eu, James Baldacchino, do Arquivo Nacional de Malta, estou com a Sr. Francesco Tonna em sua residência em Rabat, hoje, dia vinte e três, de dois mil e vinte e dezoito para o Projeto MEMORJA.

P: Onde e quando é que nasceu Francesco?

Tonna: Nasci em Rabat, Triq Ir-Republika, agora, antes era a Rua Britania, número vinte e um, em vinte e um de fevereiro de mil novecentos e trinta e três.

Q: Quantos irmãos você tinha?

Tonna: Éramos três, Jessie e Josephine, dois anos mais velha que eu, a seguir a mim, vem a minha irmã Agnes, nasceu nove anos depois de mim.

P: Qual era a profissão dos seus pais?

Tonna: O meu pai era carpinteiro, tinha a sua loja na Rua St. Catherine, ele contruía autocarros, fazia um pouco de trabalho de serralharia. A minha mãe era familiar de um tio que tinha pequeno hotel em Rabat. A minha mãe veio para Malta muito nova, ela era de Cospicua.

P: Alguma vez emigrou ou pensou em fazê-lo?

Tonna: Não, viajei com o serviço britânico, era piloto, visitei o Chipre e Líbia, trabalhei lá, e depois fui para Inglaterra.

P: Quais foram os empregos que teve?

Tonna: Quando entrei para o serviço militar, entrei no Dockyard, como Storehouse Boy, em mil novecentos e cinquenta e continuei até mil novecentos e cinquenta e nove, embora tenha chegado ao patamar mais alto -Clock-Minder. Acabava por ser um assistente de Almoarifado (ver significado), era como Suboficial Sénior, SNSO. Houve uma oportunidade para entrar na Marinha, em vez de ingressar na Marinha entrei na RAF (Royal Air Force), entrei a quinze de abril de mil novecentos e cinquenta e nove.

P: Quando é que se aposentou da RAF?



Tonna: Aposentei-me em mil novecentos e e oitenta e quatro, encontrava-me em Inglaterra quando me aposentei da RAF Stafford, décima sexta unidade de manutenção.

P: Durante a sua infância onde morou?

Tonna: Na minha infância, morava em Rabat, mas quando a minha mãe tinha uma criança, ou alguma coisa acontecesse com ela, iríamos morar com a minha avó em Mdina. A minha mãe veio a falecer em mil novecentos e quarenta e quatro, ficamos a viver em Mdina, inclusive eu fiquei até mil novecentos e cinquenta e nove. Nesse período vivíamos tento em Rabat como em Mdina, mas frequentávamos mais a casa da minha avó em Mdina.

P: Quantos filhos você têm?

Tonna: Tenho dois, Loius, que agora tem sessenta anos, e Neville que tem cinquenta e cinco.

P: Onde você estava quando ouviu falar da declaração de guerra?

Tonna: Naquela época, era verão, aqui em Rabat era habitual as pessoas ficarem até mais tarde na rua a passear, e fomos passear até onde costumávamos mor na Britania Street, havia uma loja chamava-se Bombulu, que tinha um rádio. Então, à noite ouvíamos músicas de Itália. E naquele dia ouvimos, quando eles começaram "Duce! Duce! Duce!", depois eles disseram que estávamos em guerra.

P: Você se lembra do que mais aconteceu naquele dia, quando os primeiros ataques aéreos começaram?

Tonna: Lembro-me de as bombas atingirem algumas partes da ilha, algumas em direção à cidade, estaleiro, Birzebbuga. Houve algumas baixas civis, não sei quantas pessoas morreram. O meu pai naquela altura estava a trabalhar com Mamo Brothers, eles costumavam construir carros de madeira. Ele também estava com o meu tio Salv, e o meu irmão, geralmente os três costumavam trabalhar lá. Lembro-me de o meu pai chegar a casa e dizer a minha mãe "vou-me juntar ao exército", ele entrou em engenharia.



P: Você se lembra de haver alguns preparativos meses antes para a guerra?

Tonna: A gente já estava a começar em falar em máscaras de gás, recolher obrigatório, janelas fechadas sem luz. Os autocarros, carros, tinham as luzes venezianas, houve uma inspeção pelas casas para aconselhar as pessoas onde se podiam proteger caso houvesse ataque aéreo.

P: Quando era criança tinha alguma noção do que significava a guerra?

Tonna: Não, naquela época continuávamos a brincar, era verão, era como se tivéssemos de férias, continuamos a brincar como sempre fizemos.

P: O que acontecia quando ouvia a sirene a tocar? O que sentia naquela altura?

Tonna: Inicialmente não dávamos muita importância, os Italianos vinham bombardear, e o povo não tinha medo. Mas, então quando eles perceberam que a coisa se estava a tornar séria, as pessoas começaram a construir os abrigos, o governo também construiu alguns abrigos. Lembro-me que em Mdina, havia um fosso, dá para ver atualmente onde estavam as escadas para descer para os abrigos.

P: Lembra-se onde as sirenes estavam?

Tonna: Geralmente encontravam-se na polícia, naquela altura a esquadra ficava em frente à estátua de São Paulo, onde está atualmente o Clube do Partido Trabalhista e havia outra em Mdina. Nos inícios a sirene era manual, você girava com a mão caso a luz falhasse tinha sempre de reserva. Com o novo estaleiro, as sirenes eram designadas de balomba.

P: Havia outros métodos de alertar as pessoas para além das sirenes?



Tonna: A Redifusion estava dizendo “Aviso de ataque aéreo, aviso de ataque aéreo, aviso de ataque aéreo” ou “Temos um ataque aéreo, temos um ataque aéreo”. Quem tivesse um rádio Redifusion skien, podia ouvir em casa. A Redifusion tinha muitos alto-falantes distribuídos pela ilha, que as pessoas também podiam usar para falar, normalmente se reuniam em praças, como Saqqaija, caso houvesse alguma mensagem do governador a ser transmitida para a comunidade era feita por esses alto-falantes.

P: Quando viu os aviões inimigos pela primeira vez, o que sentiu naquele dia?

Tonna: Quando víamos os italianos, eles eram muito altos e brilhantes, talvez porque seriam feitos de alumínio como a prata, mas eram pequenos. Porque aqueles aviões não iriam atacar com metralhadoras, eles não o fariam, simplesmente lançavam bombas, o que chamam de bombardeio de alto nível e são precisos, porque foram treinados para isso. Já os alemães o seu modo de ataque era diferente, eles aproximavam-se muito dos telhados, às vezes conseguíamos ver o número do avião, o piloto. Houve um dia que eu e o meu amigo, Francis Clinch, fomos até Ta Qali tratar de uns assuntos, foi quando vimos um Messerschmitt chegando e tivemos de nos esconder. Estes aviões quando estavam a voltar se viam alguém a mexer nos campos ou na roça, atacavam sem piedade e iam embora. Os alemães causavam o maior dano que podiam.

P: Durante a guerra você permaneceu no mesmo local?

Tonna: Sim, ficamos em Victoria.

P: Qual foi a sua experiência quando começaram a vir pessoas de outras cidades?

Tonna: Assim que estourou a guerra e as coisas começaram a piorar, vieram todos os meus tios, já que a minha mãe era de Bormliča, também aconteceu a mesma coisa em Bormla, Isla e em Birgu, acabaram todos por ficar em Rabat, eramos entre vinte mil a trinta e nove mil pessoas em Rabat, até meados de mil novecentos e quarenta e seis, ainda havia muitos refugiados na zona de Rabat.



Tonna: A cidade de Victoria permaneceu cheia de refugiados até que estes se estabelecessem, aos poucos os refugiados começaram a voltar para o seu país.

P: Você recebeu essas pessoas?

Tonna: Sim, recebemos principalmente os irmãos da minha mãe. Costumávamos ir a Bormla para a Festa da Nossa Senhora da Conceição, naquela época pouco antes da guerra, a marinha na festa em Bormla, as fragatas estavam iluminadas com pequenas lamparinas. Lembro-me de irmos para lá das muralhas e ver essas fragatas iluminadas.

P: Você sabe onde e como viviam os refugiados?

Tonna: Os refugiados que estavam connosco foram valorizados, eram considerados parte da família. Depois quando as famílias começaram a vir para Rabat, os locais começaram a aceitar pessoas, o governo começou a ocupar certos locais, como por exemplo, em Mdina eles ocuparam os armazéns perto da rua Magazin, um deles era usado para Victory Kitchens, os outros espaços foram usados como locais serviram para acomodar as pessoas. Na rua Sophia, em Mdina onde tem o arco, havia um grande armazém, também acomodavam as pessoas aí, o colégio da Vitória aqui em Wignacourt, lá tinha uma moradia, também as pessoas começaram a ficar nestes locais. Havia outros locais que foram usados para as pessoas ficarem, como escolas, bibliotecas e armazéns.

P: Como foi o processo de aceitação dos refugiados em sua casa?

Tonna: Vinham pessoas do Gabinete de Proteção ver a sua casa e entender se temos condições para albergar mais pessoas, e se houvesse alguma coisa a melhorar eles conseguiam ajudar. Nós não tivemos problemas, um dos meus tios trabalhava como cozinheiro numa casa de oficiais em Mtarfa, o meu tio Pawl e o meu irmão trabalhavam no estaleiro. Por outro lado, o meu pai tinha entrado para o exército, o meu avô, Francesco, que morava em Mdina, tinha uma carpintaria na rua Iguanez, continuou a trabalhar lá, continuou com a vida dele normalmente.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Você ouviu falar em algum conflito entre refugiados?

Tonna: Provavelmente houve conflitos entre refugiados, a vida em Rabat começou a mudar, os costumes, a maneira de como eles se comportam. Eles tinham muitas palavras diferentes das nossas, como por exemplo, Balomba ou a torneira de água, estas coisas eram novas para nós. Mas nós, já sabíamos dessas coisas pois, a minha mãe era de Bormla.

P: Eles estavam a se comportar de maneira diferente de você?

Tonna: Não, antes, o povo de Bormla era mais animado, o povo de Isla teve um grande progresso, começou a haver mais locais onde se conseguia obter mais produtos, mesmo com o avanço da guerra, novos caminhos foram abertos.

P: Embora os refugiados fossem considerados estrangeiros, você sentiu algum senso de comunidade entre as pessoas?

Tonna: Sim, naquela época ajudávamos uns aos outros, não havia egoísmo. No entanto, alguns deles fingiam ser melhores, mas, a verdade é que nós todos da zona de Rabat, trabalhávamos no estaleiro ou nos serviços.

P: Lembra-se de quando os alemães começaram a atacar?

Tonna: Lembro-me, porque eles foram os primeiros a vir em meados de mil novecentos quarenta e um e quarenta e dois. Nós conseguíamos os ouvir desde que saiam de Sicília, pelo barulho, porque eles não vinham poucos, eles vinham aos cinquenta. Eles costumavam ter bombardeiros e pelo som zum, zum, zum, os motores provavelmente eram a diesel, era um barulho em específico. Assim que se aproximavam de Malta, o som dos aviões, poderíamos notar que iríamos sofrer um ataque aéreo mesmo com a sirene a tocar para nos avisar. Quando estávamos na escola, costumávamos colocar as máscaras de gás e ficávamos na cave da escola para protegermo-nos. Para colocar esta máscara precisa colocar vaselina em volta para que com a respiração não escureça o vidro.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Durante os ataques, você procurou algum abrigo?

Tonna: Costumávamos ir durante o dia para o abrigo, mas a maioria das pessoas passava lá a noite.

P: Chegou a morar nos abrigos?

Tonna: Nós não morávamos nos abrigos, quando havia ataques aéreos nós íamos para um. Quando os alemães vinham eles atacavam bem, houve um ataque em que atingiram o jardim, os portões onde a rua Labini perto da Wagon Street, eles bateram de frente no Point de Vue, o hotel, morreram algumas pessoas.

Tonna: Após o ataque, durante a tarde fui até à Saqqajja, e vi algumas cabras mortas, onde estão os postos de gasolina agora. Foi algo que não se esquece com facilidade. Por vezes, os alemães faziam nove ataques por dia, saia um avião, mas vinha outro a seguir, passou a ser a nossa realidade do nosso quotidiano.

P: Quando você ia para os abrigos levava alguma coisa em específico?

Tonna: Normalmente, costumávamos usar roupas grossas, porque nos abrigos estava muito frio, mas de resto levávamos uma garrafa térmica e alguma coisa para comer. Não levávamos muita coisa, após o ataque aéreo subíamos. Algumas pessoas tinham quartos, fizeram pequenas cozinhas, havia pequenas lanternas no abrigo.

P: Toda a população da região era habitual se abrigar durante os ataques?

Tonna: Fomos instruídos a não ficar nas portas, para não bloquear a saída em caso de emergência. Porque houve um acidente em que as pessoas ficavam nas portas então foram informados "Deixe as escadas livres para que se algo acontecer, possamos sair rapidamente". Assim todos poderiam ser resgatados entre os abrigos, ou seja, caso alguma das saídas estivesse bloqueada, você poderia sair do outro lado.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: Os abrigos aqui estavam interligados, San Paul, onde Gezu, depois havia Mdina e abaixo do Sur Mdina, e Saqqaija. De certa forma, havia sempre uma saída caso a outra ficasse bloqueada.

P: Que tipo de abrigo você usava, um público ou você tinha de uma família particular?

Tonna: Não, não tínhamos. Costumávamos usar o que lhe disse, em Triq Santu Augustin.

P: Como é que passava o tempo nos abrigos?

Tonna: Orávamos, as pessoas costumavam rezar o terço, penso que em tempo de guerra era algo normal de acontecer, dentro dos abrigos era normal haver padres e freiras.

P: Você alguma vez teve que passar dias e noites inteiros dentro de um abrigo de guerra?

Tonna: Geralmente era noites, não dias, os ataques ocorriam com mais frequência em Vitoria, mas também já atacaram Rabat. Houve um episódio em que da minha rua conseguia-se ver os aviões de perto, tive tanto medo de que só me lembrei de correr para debaixo da mesa de bilhar que ficava no Clube Social na rua Britânia para me proteger.

P: Mesmo que você estivesse no subsolo, havia regulamentos sobre o que poderia ou não ser feito?

Tonna: Não me pareceu que houvesse muitas pessoas que se opusessem, acho que os departamentos governamentais foram aos abrigos ver se estava tudo normal. Dentro dos abrigos nunca vi nenhuma doença ou epidemia, as pessoas eram muito organizadas. Só tínhamos de ter cuidado quando descíamos as escadas porque as vezes havia água.

P: Havia acesso à eletricidade e água?

Tonna: Naquela época tudo o que usávamos era os N'nicu, uma peça de cerâmica, com um recipiente com bico e óleo. Os alemães e os italianos começaram uma vertente diferente de ataque, começaram a lançar pequenas bombas antipessoal, com formato de chocolates, caramelos, esferográficas, garrafas térmicas, tudo para as pessoas pegarem e ficarem se dedos.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: Aquilo eram bombas antipessoal, ou seja, não era para matar militares e sim os civis. As crianças corriam para cima dos telhados para apanhar estas bombas sem saber o que lhes ia acontecer. Eu tenho conhecimento de um rapaz que fez isso, mas não sei se ele morreu.

P: Teve algum conhecimento de algum caso de alguém ter dado à luz em um abrigo?

Tonna: Não, mas acho que essas coisas aconteciam, quando você está no abrigo às vezes perde um pouco a noção da coisa. Já na situação da minha mãe, quando ela tinha um aborto espontâneo, ela ia para central, que ficava em Floriana, isto foi antes da guerra. A minha irmã Agnes, nasceu em mil novecentos e quarenta e dois, no Hospital Cini Adeleide Cini I-Hamrun, a minha mãe foi para aquele hospital para ter a minha irmã.

P: Em relação às casas de banho o que foi feito?

Tonna: Em relação aos wc's, colocaram alguns nos jardins, em Mdina, havia muitos refugiados eles colocaram as casas de banho públicas na Praça de São Pedro na rua Magazin. Próximo do Palace Hotel, na igreja de San Pietro foram atingidos por bombas italianas, eram locais onde havia alguns wc's, algumas pessoas morreram durante o ataque. Não havia assim muito wc's aqui na zona de Victoria.

P: Como era mantida a limpeza nos abrigos?

Tonna: Nós não deixávamos as nossas coisas lá, tínhamos os nossos pertences numa cesta e saímos de novo com ela. Algumas pessoas deixavam as suas coisas no abrigo porque tinham quartos lá, também dependia de quanto tempo o ataque duraria, podia durar a noite toda com podia demorar só meia hora.

P: Passou-lhe pela cabeça que o abrigo poderia desabar durante um ataque aéreo?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer@archives.gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: Acho que não, os abrigos eram profundos e seguros, o governo quando começou a construir os abrigos caso houvesse alguma falha na pedra eles não construíam mais. Havia um túnel ferroviário onde tinha barris de gasolina, era o depósito de gasolina, nós não passávamos por esse túnel.

P: Quando era criança teve medo?

Tonna: Eu nunca tive medo, exceto aquele dia em que vi o Messeschmitt. Uma vez lembro-me de terem lançado uma bomba antipessoal e havia uma garrafa térmica na nossa rua. Normalmente vinham as pessoas da demolição e tratavam do assunto para que a bomba não explodisse.

P: Quando você saía dos abrigos, o que você via?

Tonna: Aqui em Victoria não fomos muito atingidos, exceto quando os alemães atacaram Point de Vue. Quando estávamos em Saqqajja, costumávamos ver fumaça de certos locais. Lembro-me de um deles, um lugar chamado Salvador foi atingido, fica entre Bormla e Żabbar, havia um depósito de petróleo da marinha, queimou consecutivamente por três dias.

Tonna: Por exemplo, a estrada de Rabat, às vezes os autocarros conseguiam passar, porque era onde as bombas caíam e faziam enormes buracos. Às vezes, os autocarros tinham de dar um jeito de passarem, quando era mesmo impossível, tínhamos que ir até Rabat e usávamos os camiões do exército.

P: Durante a guerra passou fome?

Tonna: Não, durante a guerra a minha família usava o mercado negro. Lembro-me que a minha mãe comprava latas de leite condensado por causa da minha irmã mais nova. O governo implementou as Victory Kitchens, onde recebíamos os cupons para irmos buscar a nossa parte. Eles cozinhavam sopa, feijão cozido com bacalhau, nós comíamos caldeirada de cabra, porque as cabras eram mortas, eles usavam ovos em pó, leite em pó, eles também faziam almondegas.

P: Você ficou satisfeito com esse sistema e com a comida que mencionou?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Tonna: Em relação ao pão, tínhamos um quarto e meio por pessoa, e o açúcar quinzenalmente, não sei bem a quantidade ao certo. Quando a gente ia ao cinema em Astoria, a gente entrava no clube L'Isle Adam, tinha lá uma loja, que vendia uma sanduiche de manteiga e tomate, por três soldi, e trazia-se mel [risos]. No intervalo do cinema você saia para ir comprar um pão com manteiga e tomate. No mercado negro havia um pouco de tudo, os agricultores vendiam os seus vegetais a peso de ouro, também havia locais onde vendiam doces de açúcar. Mas, desde criança que a nossa preocupação era brincar não o que íamos comer. Como mencionei mais acima, o tio da minha mãe era dono de um hotel, The Good Old Seaman Hotel, eu e a minha irmã do meio íamos para a escola, e na hora de jantar muitas vezes íamos jantar no hotel, porque a minha mãe estava lá a trabalhar. O hotel continuou a funcionar, eles faziam pastéis, o hotel costumava estar cheio, principalmente à noite porque os ingleses vinham beber cerveja, a vida continuava mesmo estando em guerra.

P: Você tinha conhecimento de alguém que era comerciante do mercado negro ou tenha lucrado com isso?

Tonna: Pessoalmente, como tinha referido anteriormente, enquanto criança não nos importávamos com o que estava acontecendo, mas sabíamos que havia um mercado negro, lembro que a minha mãe comprava as latas de leite no mercado negro. Também havia uma casa de chá, uma cervejaria, talvez servia para ajudar as pessoas, agora como é que as coisas funcionavam desconheço. Mas naquela época havia muitas organizações, para comprarmos roupa davam-nos cupos, mas para comprar sapatos você tinha que dar três cupons, os comerciantes não gostavam dessa ideia, tinham que pedir emprestado ao governo em vez de vender as coisas normalmente.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customer-care.archives@gov.mt

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: A gente podia usar na mesma o dinheiro, não deixava de ser papel também, mas não tinha o mesmo impacto, o valor da libra já não era o mesmo. Pouco antes da guerra, lembro-me que meia libra conseguia comprar seis latas de conserva na mercearia. Durante a guerra, tudo estava racionado, tudo era de acordo com a necessidade que nós íamos ter. Houve uma época que pensamos que íamos ser invadidos, disparou aquela tensão, quando os alemães começaram a nos atacar com mais força. No Norte de África os ingleses começaram a avançar, os americanos vieram do lado de Argel, havia sempre algum suporte militar por parte marítima. Então em mil novecentos e quarenta e três os italianos começaram a perder força, a partir de final desse ano Malta já não sofria quase ataque aéreo. Como o meu pai estava no serviço militar, trazia alguns livros para casa e eu lia e entendia o que se estava a passar, mas também ouvíamos o rádio e íamos sabendo das coisas e do que se estava a passar. A rádio Redfusion era onde ouvíamos as notícias e do que estava a acontecer. Durante a guerra não tivemos nenhum familiar que morresse, mas a vida continua.

P: Você teve conhecimento de alguém ter assaltado locais que foram destruídos durante os ataques aéreos?

Tonna: Havia algumas pessoas que iam aos locais ver o que tinha. Mas naquela altura, quando algum prédio, casa ou estabelecimento era destruído pelas bombas o governo ia ao local ver se havia alguma bomba que não tivesse explodido e selavam o local, e acabaria por impedir de as pessoas entrar nos locais.

P: Você sabia o que estava acontecendo no exterior?



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: Sim, como o meu pai estava no serviço, e quando a minha mãe tinha de ir ao hospital eu ia com o meu pai até ao local de trabalho dele que era em Baħar i-Cagħaq. O meu pai estava a trabalhar na parte de Engenharia, quando o oitavo exército voltava do Norte de África, para invadir a Sicília o meu pai estava a ajudar a construir os acampamentos e os wc's públicos, eles estavam a trabalhar na área de Ahrax tal Mellieħa, [ilegível].

P: Como é que você sabia quando estava para chegar um comboio?

Tonna: Quando o comboio de Santa Maria estava para chegar todos sabiam disso. A Inglaterra tentava-nos ajudar, eles mandavam as coisas. Quando chegava um comboio o meu pai tentava terminar com as suas coisas para ajudar a descarregar as barcaças perto da margem de Marsa. Algumas vezes, ao descarregar estes comboios havia caixas com tecidos, mas em baixo estavam munições, ou outras alturas, havia caixas cheias de cornedbeff, por vezes eles usavam o pretexto que iam enviar munições, mas as caixas vinham com bens essenciais. Os ingleses protegiam tanto um navio que tivesse munições como um que tivesse os suprimentos que a nossa população estava a precisar. Como o caso do Ohio, eles protegeram, pois, ele vinha cheio de gasolina para os aviões. Eles muitas vezes enviavam as coisas como disfarce, já aconteceu abrimos tanques de gasolina e lá dentro estar sabonetes, perfumes. Mas estes comboios nós tínhamos que os descarregamos rápido para que a noite eles pudessem voltar.

P: Como é que você tinha a sua higiene, visto que, a água era escassa?

Tonna: Em Malta, havia muitas casas que tinham poços. Então usávamos a água deles e armazenávamos água, embora algumas regiões fossem mais atingidas, poderia haver alguns danos para que água corresse normalmente nas torneiras.



MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

P: Em caso de doença como era o procedimento?

Tonna: Quem adoecia com mais frequência eram as crianças, desde gripes, constipações até sarna. Lembro-me que tinha bolhas nas entre os dedos das mãos e dos pés, umavez estava a descer de mota em Bajtar, um pouco abaixo de Saqqaija, caí e magoei-me. Fui levado para o hospital Santu Spirtu, onde você trabalha, havia lá uma clínica, dirigida pelo Dr. Nicholas, fizeram um curativo e durante seis dias passaram uma água azul por todo o corpo para curar a sarna e, milagrosamente passou. Pessoas costumavam ter as unhas invertidas nos pés, os médicos pensavam que era por causa da guerra.

P: Houve alguma doença relacionada às fezes?

Tonna: Pelo que sei o único hospital da zona, o hospital Connaught, tratava das doenças do peito, tanto que as pessoas não gostavam muito de ir a esse hospital, enquanto o hospital Santu Spiritu era um Hospital Geral, de resto não me lembro de muita coisa.

P: Onde você encontrou remédios ou médicos?

Tonna: A duas portas do beco, havia uma clínica que se chamava berga é para que íamos se precisássemos de alguma coisa.

P: Você chegou a comprar roupa ou dividia com os seus irmãos?

Tonna: Não, nunca dividi roupas com os meus irmãos. Primeiro de tudo, tinha irmãs, e também porque a minha mãe costurava. Naquela altura caíam os para-quedas e as pessoas pegavam e com esse material faziam camisas, mantas, das meias dos militares tiravam a lã, e usavam para fazer cascóis, tentavam sempre se adaptar consoante às suas necessidades. Houve uma mina que caiu em Mdina e o para-quedas era todo de seda, a população ia pegar e a esposa costurava alguma coisa com o pedaço de tecido. Era normal naquela época a mulher saber costurar, as meninas até aos quatorze anos trabalhavam e depois iam para casa, já os rapazes iam para o técnico ou para o liceu.



MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Tonna: A minha irmã estudou na Centrali, a Escola Central em Tarxien, porque ela conseguiu uma bolsa para estudar no secundário. Eu fui para o secundário em mil novecentos e quarenta e cinco, pouco depois da guerra terminar, a minha irmã era dois anos mais velha que eu e já estava a estudar.

P: Francesco, você mencionou anteriormente que o seu pai havia entrado no exército. Ele foi obrigado ou se voluntariou?

Tonna: O meu pai se voluntariou foi quando ele falou para a minha omní⁶⁰ "vou usar um capacete na cabeça que vai me proteger do cardápio", ele foi de livre vontade. Ele começou como carpinteiro, depois chegou a Lance Corporal, depois a Cabo, depois a Sargento e terminou por aí. Ele ajudava na reconstrução das bibliotecas, armazéns perto de Floriana e Mdina. Quando a minha mãe faleceu o meu pai tinha recebido a ordem de sargento em Baħar i-ħagħaq. A minha mãe faleceu com graves queimaduras no braço e o meu pai levou-a ao hospital junto com um sargento demoraram uma hora e meia para chegarem de Baħar i-ħagħaq, a minha mãe acabou por falecer as onze da noite. Nós estávamos em casa da minha avó quando o meu pai chegou e deu-nos a notícia que a minha mãe tinha falecido, lembro-me de ver o meu pai a chorar, o funeral foi no dia seguinte veio um camião cheio de coroas de flores para a minha mãe, foi em setembro de mil novecentos e quarenta e quatro, a guerra estava quase no fim, nós crianças íamos de branco ao funeral. A minha mãe não faleceu devido à guerra, mas sim por uma queimadura grave, ela estava bombeada o Primus e o querosene derramou na roupa dela e quando acendeu o fósforo ela pegou fogo.

P: Quando o seu pai disse que se ia voluntariar para o exército o que você sentiu?



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

⁶⁰ Tradução maltês: Omni – Mãe

MEM[O]RJA

oral, sound and visual archive

Tonna: Pessoalmente não senti nada. O meu pai disse que na altura ia ganhar alguns xelis e dez soldis por dia como soldado e comida de graça, porque ele iria fazer as suas refeições lá, e teria um uniforme, e não teria de usar as suas roupas. Aliás, nós e o meu pai não passamos fome, come referi anteriormente, a minha trabalhava no hotel, tínhamos comida do hotel mais o que o meu pai conseguia trazer do exército. Havia muitos locais, aqui tínhamos três hospitais, Verdala que é o Palácio do Presidente, durante a guerra funcionou como hospital, depois em Mtarfa era um hospital militar, havia o Santu Spirtu aqui (Rabat) e em Connaught (Mdina).

P: Em qual regimento o seu pai estava?

Tonna: Nos Engenheiros Reais.

P: Durante a guerra, você via soldados britânicos, qual é a sua opinião sobre eles?

Tonna: Embora o meu pai estivesse no serviço militar, à noite íamos ao hotel e estava cheio de soldados da força aérea de Mtarfa, da RMAC, eles estavam próximos da estação de comboio. Eles eram da Infantaria Ligeira Percazu Durham Oeste, hum...percazu leste então. Em suma, o Regimento Stafford, por exemplo, ou Durham, todos contêm nomes dos condados, porque costumava ser assim, também havia os fuzileiros irlandeses e os fuzileiros escoceses. Havia uma variedade grande de soldados que vinham ao hotel. Vi que entramos em guerra porque fazíamos parte de um império, quero dizer, estes estrangeiros estavam a nos proteger como nós tínhamos de nos proteger. Porque naquela altura só existia a RMA Territorial e a RMA, este provavelmente era o Comando Costeiro porque eles estavam sempre prontos para algumas fragatas, havia em Binjemma, Madaliena e Mosta. Eram fortes caso houvesse uma invasão tinham um alcance de vinte e cinco quilômetros. Em Rikažli também é, em Sliema outro forte que fica no Vale Rochoso também tinha canhões. Maioria desses canhões maioria deles seriam os Bowfords – baterias antiaéreas três virgula sete.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt

Tonna: Aqui em Rabat esteve Bisbizija, que fica entre Mosta e Rabat, mas havia outro que não me recordo. Esses Bowfords estavam ao redor do campo aéreo, protegendo Ta Qali. Eles atiravam, observava eles a subir e marcaria onde ele subiu, e era boo boo boo, era como o som de uma metralhadora dos Bowfords.

P: Você teve algum contacto com algum soldado?

Tonna: Os soldados encontrávamo-los no hotel, eles vinham de Mtarfa, Qali para beber cerveja. Podemos considerar uma confraternização pelos serviços. Além dos malteses que lá estavam, a gente estava lá porque a minha mãe estava a trabalhar no hotel. O meu pai conhecia alguns ingleses e ele conversava com eles.

P: Durante a guerra você viu soldados de outros países?

Tonna: lembro-me dos Bazutos, mas no fim da guerra eu vi os jugoslavos, trabalhavam como motoristas de caminhão, mas de qualquer maneira se vestiam como militares, eles voluntaram-se, pois, a Jugoslávia estava quase toda sob o domínio alemão. A Turquia também foi considerada aliada dos alemães como a Sérvia. Hitler queria tomar Gibraltar, ele queria ser amigo de Franco para conseguir entrar por ali, eles pediram material militar que Hitler não tinha em sua posse, e, assim, Hitler não conseguiu entrar na Espanha, mas entrou na França.

P: Ver soldados em Victoria era algo comum?

Tonna: Sim, havia muitos soldados, Mtarfa estava cheio. Caso o soldado ficasse incapacitado ele poderia vir de L-Mtarfa para Victoria, eles tinham permissão.

P: Atualmente, você pensa que poderia ter perdido o seu pai na guerra?



Tonna: Acho que não, porque o meu pai não estava na frente de ataque, o meu pai estava em Ta Qali a consertar os aviões quando eles chegavam. Ou era em Kirkop, porque uma vez fui com ele a Kirkop era onde ficavam os Wellingtons. Havia a estrada Karwija, é para onde costumávamos ir, onde está Hal Safi. O meu pai ajudava na manutenção dos aviões, ele também trabalhava na carpintaria, se uma janela quebrasse ele conseguia consertar. Naquela época não se fabricava ferro, nem alumínio como agora, essas coisas não existiam.

P: Como você se sentiu em relação aos italianos e aos alemães?

Tonna: Os italianos não me incomodavam muito, porque não causaram muitos danos, já os alemães iwa⁶¹ eles são bons no que fazem.

P: Você viu algum prisioneiro de guerra?

Tonna: Sim, o meu pai tinha sessenta e seis anos quando deixou a Royal Engineers, o meu pai foi assistente de obras, ajudou na reconstrução dos aviões, carpinteiro, vi alguns prisioneiros em Mtrafa.

P: Você assistiu quando a George Cross foi colocada?

Tonna: Sim, sei que vi o rei George vestido de branco-marinho e também, vi o Churchill. Eles tinham vindo de Mtarfa, nós vimos na Vila Romana, depois disso eles subiram, o Rei estava num carro aberto e acenou para nós.

P: Quando a guerra terminou, como foi voltar à sua vida normal?

Tonna: Como perdemos a minha mãe na guerra, foi difícil, porque íamos para casa só o meu pai e eu dormir. Durante o dia eu ia para a escola em Mdina enquanto o pai ia trabalhar, ele tinha a oficina em Attard, Solida Woodworks. Antes de chegar lá, quando terminou os serviços.



⁶¹ Tradução maltês – iwa – sim

MEM [O] R J A

oral, sound and visual archive

Tonna: Como Contramestre de Obras, ele trabalhava naquela época em Paceville e tudo pertencia aos britânicos. Em mil novecentos e quarenta e seis, começou a haver muitas demissões nos serviços, os alemães foram todos embora. Então o meu pai havia trabalhado com um senhor Dingli que tinha uma oficina em Naxxar Road, ficou responsável de vinte pessoas, ele era o responsável. Havia muita procura de trabalho, como a guerra destruiu quase tudo desde janelas, portas, não sabia quando dinheiro o governo disponibilizou para os danos de guerra. Se o governo contruísse um prédio por causa de ter sido destruído por causa da guerra ou uma casa eles constroem de novo, foi em quarenta e sete que eles começaram, foi instalado um governo trabalhista na época de Boffa. O Bormal fez aqueles Hubbard Flats, consertaram os de Floriana, os da rua principal onde tem os arcos. Todos aqueles depois da guerra os apartamentos começaram a ter mais andares. Quero dizer, até Bormla, existem muitos blocos de apartamentos.

P: Você se lembra de algum episódio que tenha ficado gravado na sua mente durante a época da guerra?

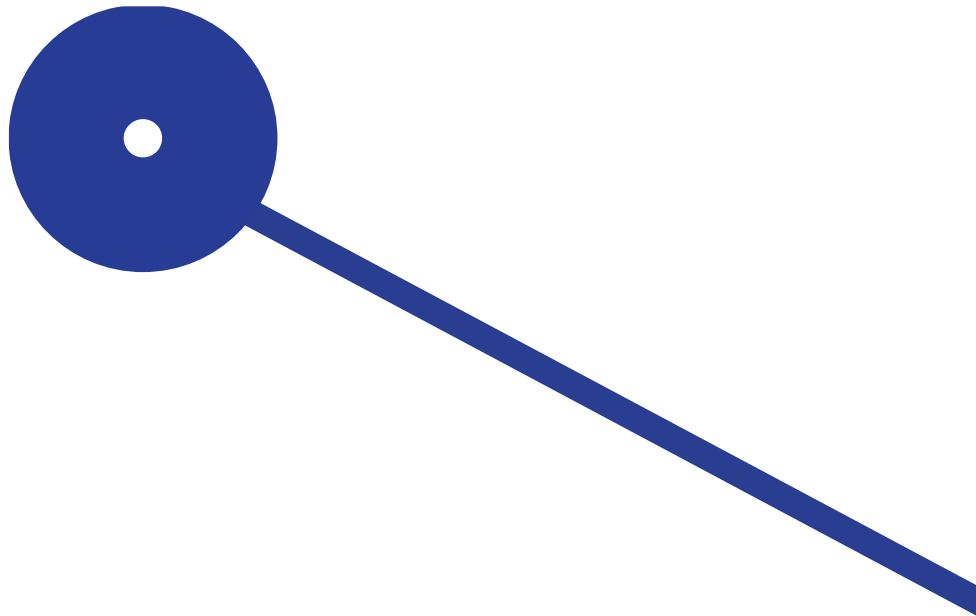
Tonna: Talvez o facto de ter perdido a minha durante esse período, também de nos termos mudado para casa da minha avó, na altura eu tinha onze anos e a minha irmã tinha treze, começamos a nos distanciar. A irmã do meu pai, Maria foi para Birgu com o padre, ela era solteira e a sua profissão era costureira, e ela levou a minha irmã Agnes que na altura tinha cinco anos. Depois a minha irmã ficou em Birgu com a minha tia Maria. A minha irmã se casou em mil novecentos e sessenta e seis, ela depois foi para América, primeiro foi para Nova York e depois para o Texas, senhor e senhora Cibelli.

M: Francesco, muito obrigado pelo seu tempo.

Tonna: Eu é que agradeço, foi agradável esta partilha de memórias.



Head Office, Hospital Street, Rabat RBT 1043, MALTA
Tel (+356) 2145-9863 • Fax (+356) 2145-0078 • www.nationalarchives.gov.mt • customercare.archives@gov.mt



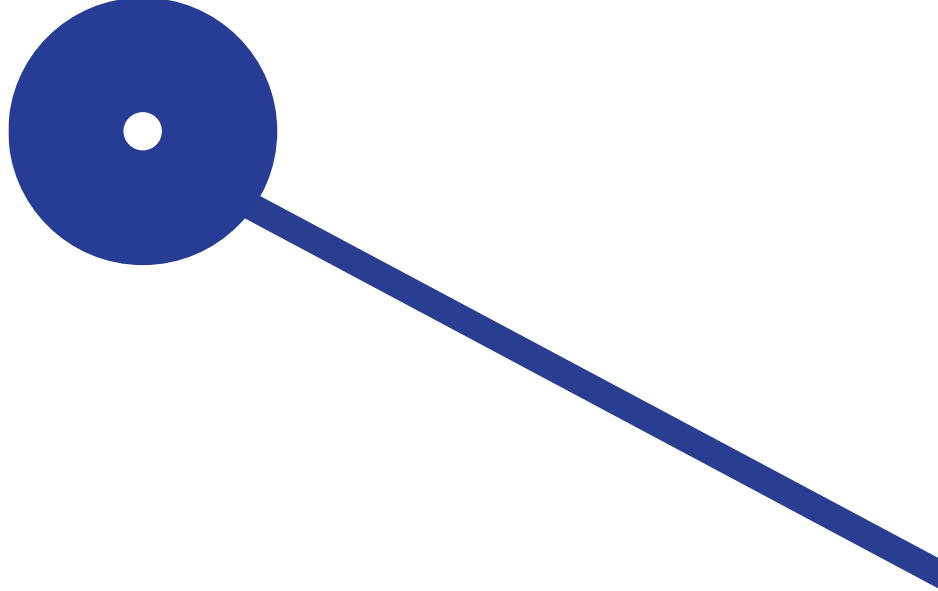
MESTRADO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

Título
Nome

M

ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO



M

MESTRADO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

Título
Nome